A ILLUSTRAÇÃO

JORNAL UNIVERSAL.

VOLUME I.

Ornado de 160 Gravuras.



LISBOA
NA IMPRENSA NACIONAL.

1846.

INDICE ALPHABETICO

DAS

MATERIAS CONTIDAS NESTE PRIMEIRO VOLUME.

(Os asteriscos denotam as gravuras).

ERRATA. — No fim de pag. 143, onde diz «continua» deve ler-se — aqui conclue o manuscripto.

A ILLUSTRAÇÃO
JORNAL UNIVERSAL.



Cada anno da publicação d'este jornal será dividido em 12 n.os mensaes, distribuidos porem ás folhas semanalmente.
ASSIGNATURA: Um anno, 1$440 r.s — Semestre, 720 r.s — Trimestre, 360 r.s — Um mez, 120 r.s — Folha avulsa 30 r.s

N.º 1 — VOL. I — ABRIL, 1845.
ESCRIPTORIO, RUA DA PRATA N.º 7 — 1.º ANDAR.

As assignaturas só se recebem no Escriptorio da ILLUSTRAÇÃO. A correspondencia — *franca* — aos Directores da ILLUSTRAÇÃO. Vende-se: r. Augusta, n.º 1 — do Oiro, 113 — do Arsenal, 30 — Largo de S. Roque, 24 — da Esperança, 150 — e em Alcantara.

SUMMARIO.

A ILLUSTRAÇÃO.

QUEM não sabe que é antigo este modo de escrever pintando, de escrever pondo, ao pé da descripção ou da reflexão, o proprio objecto d'ella?

A carestia das gravuras em cobre e em aço, e a comparativa imperfeição das litographias de pequenas dimensões fazia com que raros livros fossem auxiliados com este bello ornato. A gravura em madeira, talvez anterior á propria invenção dos typos metalicos, ainda no principio do seculo XVIII era tolerada apesar de grosseira e rude como era. Mas não soube ou não poude nunca seguir o progresso das outras gravuras, e morreu do adiantamento d'ellas.

N'estes ultimos annos porém tem sido tal o impulso dado a todas as artes, que essa propria ressuscitou, e se apperfeiçoou admiravelmente; e fiel á sua primeira instituição veio logo em ajuda da typographia. Ás obras d'imprensa executadas assim com o reciproco auxilio das duas artes, chamaram *illustradas*, isto é, cujo texto é esclarecido pela viva representação das coisas de que tracta.

Repettimos que não é novo isto. Existiu ha muito e foi muito popular sempre. Entre nós até a 'Cartilha do Mestre Ignacio' era *illustrada*. Mas que illustração, Santo Deus! a que se achava n'esses cartapacios, nos livros de orações, e nas mui populares rhapsodias que vendiam e cantavam os nossos Homeros em segunda mão, os cegos das ruas e das esquinas! Quem se não lembra de ver nas mãos da sua aia quando era pequeno, o folheto do 'Roberto do Diabo' ou o da 'Formosa Magalona' ou o do 'Infante dom Pedro' que andou as sette partidas do mundo, o auto de 'Santo Aleixo' ou o da 'Donzella Theodora' e o 'Flos-Sanctorum'? Pois tudo isso era mais ou menos illustrado — horrorosamente illustrado, mas era.

Coisa verdadeiramente popular é que a não havia sem isso. Ao menos no frontispicio não se dispensava um gruppo de monstros antediluvianos, que não soubera decompor, quanto mais compor o proprio Cuvier, e que figurassem ja cavallo e cavalleiro, ja azemel e azemola, ja qualquer bicho, planta, ou casareu, a que, por esfôrço de imaginação, se chamava homem, burro ou leão, Egreja ou palacio, roseira ou pinheiro, segundo a obra ou a situação o pedia.

Ora! ainda o outro dia... Quem se não lembra do 'Almocreve das petas' que fez a delicia de muitas salas, e de todas as cozinhas do reino unido de Portugal Brazil e Algarves? Pois tambem tinha seu frontispicio illustrado, esse. E talvez, se o nosso *humorista* tivesse achado um Cruikshank para o *illustrar* com espirito e largueza, talvez, por mais que digam pechosos, elle se tivesse elevado acima da vulgaridade que o não deixou passar de verdadeiro e natural: o que ja não é pouco.

Oh Supico, Supico, oh Fr. José Supico, e onde estás tu que não vens contar agora os teus contos, repettir os teus dittos, quando o lapis e o buril estariam aqui promptos para representar logo ao vivo todos aquelles chistes e sainetes tão variados que faziam rebentar com riso os espartilhos de nossas avós e alargar, sob o amplo jaleco d'abas, as respeitaveis pansas dos senhores nossos avós?

Misericordia! pois imaginem as 'operas do Judeu' illustradas; imaginem... Mas não é preciso imaginar. A ILLUSTRAÇÃO é principalmente feita para poupar o trabalho de imaginação aos seus leitores. Todo o facto natural, toda a ceremonia pública, todo o personagem célebre, todo o objecto da natureza ou de arte, que valer a pena de ser conhecido, será representado deante dos nossos leitores como se um immenso thelescopio lh'o trouxesse ao pe desde os mais remotos confins da terra em que se ache.

Rei, sabio, poeta, orador, guerreiro, artista, homem d'estado, todos os grandes characteres passarão deante de nós e deixarão os seus retrattos n'esta galeria.

Batalha que se dê, drama que se represente, monumento que se eleve, prestito ou procissão que saia, coisa celebre emfim que se faça seja de que genero for, e onde for, ha de vê-la, ha de assistir a ella com nosco o publico portuguez.

E não ficaremos so nos grandes assumptos: queremos que a ILLUSTRAÇÃO seja jornal para todo o mundo, e que venha a ser uma bibliotheca universal, uma encyclopedia popular das coisas contemporaneas.

As modas, tanto de vestuario como de mobilia, são tambem do nosso alcance, e as daremos pontualmente.

A litteratura, a poesia, e as bellas artes, com especialidade a musica; a análise das obras novas occuparão as nossas columnas tambem.

É escusado dizer que chamaremos em nosso auxilio o mais poderoso auxiliar d'este seculo para todas as publicações litterarias, isto é o romance.

Contâmos com a cooperação efficaz de nossos mais distinctos escriptores, e esperamos dar-lhes algum realce com os desenhos de que os havemos de accompanhar.

Decerto não se póde exigir de nós que cheguemos ja ao grau de primor e perfeição a que tem subido este genero em Inglaterra e França e sobre tudo em Allemanha; mas trabalharemos sempre, com os bellos exemplos que d'alli véem defronte de nós. E se o zêlo e a perseverança podem como cremos que podem muito, se o publico nos coadjuvar, conseguiremos approximarnos dos nossos modellos.

N'este número damos ja, para andar na frente do nosso jornal, a vista de Lisboa, á imitação da *Illustration* de Paris, e do *Illustrated London News* de Inglaterra.

A cerimonia do baptisado real que se approxima, nos fornecerá occasião de mostrar mais amplamente o que podêmos e tencionamos fazer, dando uma vista geral do prestito, e da pompa ecclesiastica e civil d'aquella grandiosa funcção.

Muito podiamos dizer ainda; mas antes queremos fazer que prometter. Apesar dos pasmosos embaraços com que é forçoso luctar para levar a effeito qualquer coisa d'este genero, onde tanto e quasi tudo fallece, nós confiâmos que havemos de satisfazer á expectação publica.

Lisboa 30 Março 1845.

TYPOS PORTUGUEZES.

I.

O GALLEGO.

Assim Deus me salve como eu ja tenho ouvido dizer a pessoas alias espirituosas uma cousa que sempre me faz o effeito d'uma semsaboria:

«Nós não temos typos!»

«Nós não temos typos!? — Temo-los como outra qualquer nação. Sem fallar nos da imprensa, não faltam elles entre o povo. A sociedade fina e aristocratica, prumagem coroada de enxertias de Londres e Paris, essa é que está desbotada, gasta, melada; o povo tem seiva, e caractéres, e vida. Quem saiba apalpar-lhe nos pulsos as rijas arterias é que não apparece todos os dias.

Isto não é dizer que eu o sei: mas agradeçam-me a diligencia. O 'Parocho da Aldêa', que muitos dos meus leitores tractaram de perto, foi uma experiencia: agora atrevo-me com materia mais alta. Permitta Deus, que no decurso do meu trabalho não descambe n'alguma heresia. — É só o que lhe peço. Como todos sabem, eu sou attreito a heresias grossas. *Domine, exaudi orationem meam.*

O gallego é, sem a menor sombra de duvida, o mais distincto, o mais forte, o mais digno da observação do philosopho entre todos os typos da nossa terra. O gallego é um mysterio (ésta phrase não sei se fede a Luthero: cheirem-na lá os intendidos); o gallego é uma existencia singular, que passa desconhecida no meio dos desdens, e quantas vezes (oh profanação!) no meio dos cachações e pontapés de um vulgacho grosseiro; o gallego é a obra mais ingenhosa, mais profunda, mais admiravel do pensamento humano. Se houvessem conhecido a entidade gallego, Newton não se teria occupado em buscar as leis materiaes do Universo, Hegel em espiolhar as verdadeiras formulas das ideas, Cuvier em reconstruir a bicharia antediluviana; estes tres homens extraordinarios ter-se-hiam votado ao exame indefesso d'esta grandiosa creação social, de que nem o mundo antigo, nem o moderno offerecem equivalente ou modelo.

Bem prevejo que algum tagarela dos que costumam fallar do que não intendem, vicio mais commum do que se pensa, me tomará para a sua alma, porque logo começo mettendo entre os typos portuguezes o gallego, o que, no seu tysico e superficial bestunto, julgará uma contradicção flagrante. A cousa vista pela rama assim parece. Mas quem não é capaz de profundar as questões, para que se hade metter n'ellas?

Na philosophia do gallego ha uma distincção fundamental, que antes de tudo se deve fazer. É a base do systema. Sem ella a theoria da sciencia fora impossivel. Por ahi começaremos:

A idea «gallego» é complexa; é trina. Ha gallego mytho — gallego historia — gallego actualidade: o primeiro um symbolo; o segundo um ovo; o terceiro um elemento social. Este constitue verdadeiramente o objecto scientifico: é a revelar uma porção minima das suas maravilhas que dedicamos os presentes estudos. Oxalá não sejam baldados os nossos esforços para restituir ao seu legitimo esplendor uma das entidades mais importantes da moderna sociedade portugueza.

Façamos sentir a differença do symbolo, do ovo, e do elemento social.

Pela volta da tarde, involto no seu albornoz pardacento, o velho kabaile ou berebére das raizes do Atlas narra aos mancebos que o escutam assentados ao redor delle as remotas lendas mouriscas. Muitas vezes acontece versarem essas lendas sobre as guerras d'Hispanha, antes que conquistada Granada as aguas violentas do Estreito vissem passar fugitivo pela ultima vez o estendarte outrora glorioso do propheta. N'aquellas tradições, tão tristes como a voz do narrador, a palavra *Djalikia* soa de quando em quando como se fôra um murmurio, vindo na aragem do norte enxerir-se nas palavras gutturaes e monotonas do kabayle. «Djalikia! — exclama elle na sua dor patriotica e religiosa — Nome fatal que escureces todas as recordações de gloria passada: Djalikia! Os teus reis[1] foram o flagello dos filhos do Coran; os teus cavalleiros cobertos de ferro regaram com abundante sangue de martyres os campos e as montanhas de Andalós. Maldita sejas tu, oh terra fria e humida, onde o sol dorme, sem luz, sem calor, deitado no immenso coxim de nevoeiros que, pendente dos quatro angulos do ceu, se balouça sobre os teus pinhaes rorejantes! Das tuas montanhas escarpadas, dos teus valles profundos, das tuas selvas sombrias descia correndo o terror adiante do tropear compassado dos teus ginetes, e dilatava-se para o oriente e para o occidente, pela Axarkia e pelo Algarbe. Debalde as tribus do Maghreb iam estender uma cerrada abobada de cimitarras sobre as cabeças dos nossos atterrados irmãos: os braços dos maghrebins fraqueavam, e a abobada rompia-se, e as espadas dos cavalleiros de Djalikia vinham bater nas frontes das sanctas mesquitas, e a cruz venerada dos nazarenos apparecia estampada debaixo dos golpes. Não eram homens, eram demonios esses pelejadores de Aldjuf, que estavam em frente dos guerreiros do islam, firmes como o cedro ameaçado do furacão, e que ao grito de Santyak se precipitavam contra elles como o leão contra o caçador inexperto. As tribus mais illustres dos Amazighs[2] não poderam resistir-lhes. Os Morabethins cairam ante elles: cairam ante elles os Mohahhedins! — Maldicta sejas tu, Djalikia!»

É por este, ou por um similhante epiphonema, que o velho kabayle termina sempre as lendas de Andalós, ou Hispanha. Esses contos, narrados ao lusco fusco, quando a palmeira movida pela bafagem dá um som similhante ao de reptil arrastando-se por folhas seccas, quando as sombras indecisas dançam pelo pendor agro da montanha, são sempre ou mysteriosos ou terriveis. A Galliza, banhada pelo mar escuro e incognito do norte, é como um Wahlallá ou Olympo na mythologia tenebrosa das recordações mouriscas d'Hispanha. A Galliza das xacaras e romances do Maghreb é a Scandinavia do Edda entre os povos germanicos; e o gallego uma especie de Odin ou de Thor africano. A esta luz póde-se considerar como um mytho, ou symbolo de pancadaria.

Na orla septentrional da Lusitania romana e gothica, á beira do Douro e vizinha da sua foz, existia talvez desde o v seculo, uma pinha de cazebres povoados de certa salada mestiça de gregos, celticos, phenicios, carthaginezes, romanos, suevos, alanos, wisigodos, e não sei se de mais alguma raça vinda não sei d'onde, população exquisita, collecção de amostras do generohumano cozidas umas nas outras. Chamava-se Cale, nome sobre o qual os eruditos tem scismado deveras, e no meu intender com muitissima razão. Depois da entrada dos sarracenos Cale conservou-se embrulhada no albornoz mourisco, fazendo biocos á cruz hasteada de novo sobre a margem direita, quando já toda a Galliza estava livre dos cães de Mafamede, denominação eloquente com que os christãos designavam os mouros, e a que estes polidamente correspondiam com a de porcos nazarenos. Do caretear insolente de Cale desforçaram-se os gallizianos pondo-lhe defronte outra pinha de casebres a que chamaram Portucale. Passados tempos as armas christans transposeram o rio e a povoação nova, a povoação de acinte devorou a antiga, ou pelo menos subjugou-a. Desde então existiu talvez a ponte das barcas; — e quem sabe se as escadas do Codeçal, porque Portucale estava na sua infancia encarapitado no alto da sé? As academias que indaguem isto. Seja o que for, é certo que Portucale começou a fazer bulha no mundo, e Cale foi esquecendo. Hoje o *castro novo* chama-se Porto, o *castro antigo* villa-nova de Gaya. O fidalgo é subdito; o peão senhor; senhor rico, poderoso e suberbo, que julgou sobejo conservar metade do nome. Teve razão: a monarchia que se formou no occidente da Hispanha e á roda delle, honrou-se de tomar para si o nome do burgo gallego, metade no original, e em publica-forma a outra metade que elle reservára para si.

É assim que historicamente o gallego é ovo; ovo d'esta monarchia de Portugal. Afóra o nome, ella herdou de Galliza bom quinhão de territorio, parte da população, os mais illustres nomes da sua velha aristocracia, muitos costumes, e finalmente a lingua, que hoje senhoril e desdenhosa olha com sobranceria para o antigo dialecto que lhe deu origem, falta de piedade filial mais que muito reprehensivel, e que eu quizera ver bem zurzida pelos attravessadores, espivitadores e esfoladores da moral publica d'estes reinos e senhorios, onde nenhuma creatura, que saiba o nome aos bois em historia, póde volver os olhos para o extremo horisonte do nosso passado, que não enxergue, ao cabo lá, a Galliza.

Eis como a palavra gallego se reveste ja de uma importancia e majestade, que ao primeiro aspecto não descobrimos n'ella. Como todas as formulas historicas que representam grandes factos sociaes, ella é prolifica — prolifica de uma nação cuja origem resume — e mythologica, porque o povo não borda a sua poesia rude, mas grandiosa e vivida, senão em tela assaz vasta para conter as largas dimensões da sua imaginação. Se Karl, o selvagem imperador dos frankos, não houvera sido um espirito immenso, que atirou a Europa dous seculos para diante com a mão robusta; se Hruodland, o fero markgraf da Bretanha não fosse o guerreiro mais extremado entre os leudes do filho de Pepin, nós não teriamos hoje essa lenda de Carlos-magno e Roldão, a mais popular do occidente, á qual cada nação deu uma fórma sua, e que todas amam, leem, commentam e decoram melhor do que a propria cartilha do Mestre Ignacio, se é licito dize-lo sem offensa dos bons costumes, alias desde já dou a comparação por cancellada, trancada, respançada, expungida, e excommungada, para que nunca mais se repita, nem por ella se faça obra, até á consummação dos seculos.

Mas se o valor da palavra gallego como expressão do mytho mourisco e do ovo portuguez desperta as cogitações do philosopho, a que graves e profundos pensamentos nos não conduz como representante de um phenomeno social dos tempos modernos!? — que maravilhas nos não faz suspeitar!? — que estudos substanciaes e indefessos não exige de nós para sondarmos os seus arcanos!? em que pelago de meditações illimitadas nos não deixa absortos!? Não sei se alcançarei alçar uma ponta do véu que encobre tantos mysterios, mas o que sei de certo é que só por have-lo tentado o meu nome não morrerá, e a minha sepultura será coberta de flores pelas mãos da posteridade respeitosa e agradecida.

[1] Os reis de Leão e Castella são denominados as mais das vezes nas chronicas arabes do seculo XII e XIII — reis de Galliza.

[2] Nome que se dão a si proprios os mouros kabayles ou bereberes do sertão que entesta com o deserto: significa os nobres. Os Morabethins são os almoravides: os Mohahhedins são os almohades.

Primeiro que tudo pergunto eu a mim mesmo: — o que é um gallego? Titubeio logo, e ponho-me a scismar, a scismar sem responder. Aposto que um destes espertalhões que sabem tudo, desde a arte de fazer méchas phosphoricas até as questões mais transcendentes da theologia, abanará a cabeça com um risinho sardonico, e exclamará: « Pergunta asnatica! — duvida de parvo! Pois que é um gallego senão um homem nascido em Galliza? Que ha ahi notavel, recondito, inaudito? O diccionario de Moraes lá o traz... e depois o Bluteau. Alem disso Fr. Pedro Poyares e Fr. Bernardo de Brito, e as Antiguidades d'Evora e todos os classicos... »

Pelo amor de Deus! — Isso é muito bonito; mas hão-de-me dar licença para eu duvidar um és não és da infalibilidade philosophica de todos esses senhores. Se elles tal affirmaram do gallego, deram em parte por provado o que está em questão, e em parte disseram uma tão escandalosa mentira, que se não se arrependeram á hora da morte não lhes dou eu pelas almas um quarto de maravedi.

« O gallego — dizem alguns — é o animal que mais se assemelha ao homem. » Esta opinião parece-me heterodoxa; mas é uma opinião, que se póde sustentar com muitas razões plausiveis, e que por isso deve ser proposta, discutida e condemnada n'um congresso de naturalistas, moralistas, e casuistas, ouvidas as partes. Antes, porém, de se ajuntar o supracitado congresso e de se definir a materia, creio eu que não é proprio da modestia christan, nem de um animo sincero e desprevenido pôr pela rua da amargura aquelle que hesita dizendo, *ignoro*, e cortar a questão com um sorriso vanglorioso, que alguma vez significará a convicção profunda que dá a solida sciencia, mas que as mais das vezes é signal de leveza d'ingenho, e de superficielidade vaidosa, de que Deus nos livre por sua infinita misericordia.

Agora o que me custa a soffrer com paciencia é que se diga: o gallego é nascido em Galliza. — Quem é que ousa affirma-lo? — A primeira cousa que eu nego é que um gallego nasça. De outra qualquer creatura bipede póde dizer-se: este nasceu em Cassurrães, em Ranhados, em Sangalhos; aqui, ou acolá; mas o apparecimento do gallego não ha senão uma phrase rigorosa que o exprima: *veio da terra*. Tenho visto muito mundo, fallado com muita gente, nunca vi nem ouvi que nenhum gallego nascesse em parte nenhuma. Veio da terra: vae para a terra: — eis os dous horisontes da aurora e occaso d'esse astro social. Mas a terra do gallego — dir-me-hão — é algures. » Forte espertesa! É justamente ahi que bate o ponto. Se eu ou alguem o soubesse, que teria o negocio de maravilhoso? Depois de longas e suadas meditações acerca da patria do gallego, só tenho alcançado verter mui tenue luz sobre tão escura e espinhosa materia. Virando-nos para o mar, em qualquer parte que estejamos, o gallego rebenta-nos da direita. A sciencia não chega mais longe. O nome d'essa patria gallega, a sua latitude e longitude, é vaga, nebulosa, e incerta. Vistam-me um peralvilho de Lisboa com uns calções de burel, uma jaqueta d'abas, um colete vermelho acertoado, calcem-lhe uns çapatos grossos, deem-lhe uma fouce, e mandem-no para o Alemtejo: no Alemtejo chamar-lhe-hão gallego, como em Lisboa é gallego todo o homem da Beira, em Coimbra o do Porto, no Porto o do Alto-Minho, no Alto-Minho o filho das margens do Bivey ou do Tambre, e creio que na Andaluzia o será o alemtejano, como em Lugo e Compostella o é, talvez, o asturiano ou o vasconço. Quando as expedições dos Scandinavos começaram a infestar no VIII seculo as costas da Europa meridional, deu-se a esses terriveis piratas vindos do Baltico, e só conhecidos pelas suas devastações, o nome de normandos (homens do norte). Porque pois não daremos ao gallego o nome que exprime a sua unica origem sabida? — Porque não lhe chamaremos o homem direito ou da direita? Evitar-se-hia assim uma homonymia, e ao mesmo tempo indicar-se-hia o objecto pela sua caracteristica principal e exclusiva, visto que entre todos os viventes é o gallego o unico de que se não possa dizer que nasça.

Assentados estes preliminares philosophicos, indispensaveis para o meu trabalho politico-moral, proseguirei no desinvolvimento da gravissima questão que tenho estudado especialmente, com aquella profundesa, e proveito commum, a que o publico está affeito n'outras materias não menos graves, com que ordinariamente o regallam as publicações hebdomadarias d'estes reinos e senhorios de Portugal.

A. HERCULANO.

ROMANCE.

O PALACIO DO DIABO.

(CHRONICA DO SECULO X.)



N'UM formoso dia de verão, do anno da Redempção 951, sahia de Placencia, ao alvorecer, uma cavalgada esplendida e se encaminhava a Pavia para assistir aos estados que de ordem de Othão o magno ahi se ajuntavam; doze mensageiros d'este monarcha precediam o rancho; eram vindos do castello de Canossa de libertar de longo assedio a rainha Isabel, viuva de Lothario, filho do rei da Lombardia. Esta nobre victima da ambição de Berengario, governador do reino e depois rei, proseguia a cavallo no meio delles, acompanhando-a de mais perto Altone, seu mais zeloso defensor, e o bispo de Pavia: seguiam-se os condes e outros fidalgos com seus escudeiros cerrando a comitiva. A poucas milhas de distancia de Placencia, as fileiras da frente rarearam-se pouco a pouco, e sem que o sequito destroçasse inteiramente, organisaram-se grupos de tres e quatro cavalleiros, succedendo a conversação intima ao silencio que até alli por todos fôra mantido. Um de estatura mais que ordinaria porem esbelta, e de maneiras menos rudes do que era d'esperar no seu tempo, de semblante varonil e agradavel ao mesmo tempo, fez parar o cavallo e esperar as fileiras dos homens d'armas que vinham seguindo seus amos. Era Adalberto, filho do conde de Verona: e na occasião de passarem aquelles chamou — Conrado! — e o vassallo acudiu á voz de seu castellão. — Então, amigo velho, (perguntou o senhor) estás satisfeito de escapares á maldita prisão em que estivemos encerrados tres annos.

— « Por alma d'Albino [1], que me parece ter hoje vinte annos de menos! Abençoado seja o imperador que dalli nos tirou! Assento que o tal senhor Berengario nos faria jazer á sombra das abobadas um seculo inteiro, se tanto durassemos. —

— Tres annos! (e Adalberto suspirou) tres annos sem vê-la.

— Quanto a vê-la, será isso lá para depois da sagração: pelo que respeita a noticias, tenho-as eu, senhor, havidas por bom canal — Respondeu o velho, todo contente.

— Fallas serio?... — Sim, senhor: conversei hoje com gente de casa do conde, e alcancei saber que a menina está boa de saude, que pensa muito na pessoa de meu amo, et cœtera..... —

— Conrado! — replicou Adalberto severamente; mas proseguiu mais brando: — acreditas que Isabel confie os seus segredos a alguem empregado no serviço do conde? —

— De certo que não; mas poderá confia-los de sua ama, que é mulher de quem me contou tudo, e grande amigo meu.

— Ah! isso é outro caso. —

— Ha porem outra cousa que eu sei por via do marido, e que este não soube por lh'a dizer a mulher. O meu amigo é muito do agrado do senhor conde, e ha indicios que seu amo descobriu o segredo da senhora de vossos pensamentos, e está determinado a fazer-vos venturoso. —

(Continúa.)

[1] O primeiro rei da Lombardia, muito venerado tradicionalmente.

POESIA.

MORALIDADE.



Calçado dos quatro *bb*
Botas boas, bonitas, baratas.

— «Já que d'esta vez a roda
Me quiz brindar com dinheiro,
Mudando de çapateiro
Pertendo calçar á moda.

Rua, tamancos; não mais
Estes pés molestareis;
A botas de tres mil réis
Alcançam meus cabedais.

Começo pelo calçado,
E não tendo genio vário
O chapéu e o vestuario
A tempo será comprado.

Heide sahir bem pimpão,
Sem ninguem cumprimentar;
Deixo aos vizinhos ralhar
Que me fiz um soberbão.» —

Alegre assim discorria
Um mariola de fretes,
E os callosos joanetes
Nas alças introduzia.

Oh que esforços! que suar!
Reparem n'aquella lida!
Hade gastar toda a vida
Sem as conseguir calçar.

Assim muitos sem juizo
Buscam o que não lhes convem,
Trocam pelo mal o bem,
E inda em cima causam riso.

THEATROS.

O espaço não nos permitte hoje dar extensão a este artigo, notaremos apenas que as tendencias para o estabelecimento da Opera portugueza estão assaz pronunciadas. O bom acolhimento da Farça-lyrica O BEIJO, musica do Sr. Frondoni, sustentado em quasi cincoenta representações consecutivas, prova que o publico adopta este bello pensamento. O CAÇADOR continúa a tentativa, que esperâmos vingará, attiladamente dirigida.

Dado o impulso, o Theatro-italiano quiz imitar o portuguez cantando na noite de 31 do passado duas peças da Opera dos Sr.ˢ Herculano e Miró OS INFANTES DE CEUTA (expressamente escripta o anno passado para a *Academia Philarmonica*) que são bellissimas, e foram applaudidas com enthusiasmo, e chamado o Compositor. A poesia percebia-se pouco, é verdade, mas eram extrangeiros que cantavam n'uma lingua que alguns d'elles pela primeira vez pronunciavam.

Em quasi todas as nações em que hoje ha Opera-nacional começou ella por artistas italianos. E accrescentaremos mais, em abono do que acima dissemos, que o Sr. Conde do Farrobo ja distribuiu as partes d'uma Opera-portugueza (poesia de S. Ex.ª e musica do Sr. Daddi) que se começará cedo a ensaiar no lindo Theatro das Larangeiras. Ouvimos tambem que a Assemblea Philarmonica projecta celebrar o anniversario da restauração da sua bella Sala, da rua nova do Almada, com uma Opera-portugueza a que fará a musica o Sr. Schira.

Foi tambem assim que a Opera-nacional começou em França por uma pastoral de Perrin; e se o Sr. Conde do Farrobo quizesse imitar o Cardeal Mazzarino faria mais um serviço ao paiz, alias mui distincto na historia da nossa civilisação.

SILVA LEAL.

CHRONICA LISBONENSE.

A chronica e o romance parece dirivarem da mesma origem. A principio chamava-se *romance* ás historias. Fallâmos do tempo da meia idade, toda a gente o intenderá, mas o que nem toda a gente saberá é que este vocabulo é grego, e que está convencionado designar com elle *uma historia geral ou particular redigida por epochas.* Não se assustem porem os leitores com a tal greguisse do titulo, havemos de lhe fallar portuguez chão e claro como o povo falla, e como o povo intende; nunca diremos *almadraque* em vez de colxão, nem acicate em logar de espora: ha um ponto em que nos parecemos com M. Thiers — é n'este mau gôsto de sermos *fanaticos da simplicidade.* Chamâmos com Boileau a um gato — um gato — e nunca folheámos o *Elucidario* para apresentar charadas ao leitor.

Ora, ja que estamos no fluxo da erudição ainda diremos mais — que não ha nação no mundo, que assim se possa chamar, que não tenha as suas chronicas. Nós tivemol-as tambem — era de crer — e o nosso Gregorio de Tours, que se chamava Fr. Bernardo de Brito, escreveu a historia aristocratica dos nossos antepassados desde o patriarcha Noé até aos primeiros seculos da monarchia; mas n'esse tempo era moda o heroico, o maravilhoso, e o orgulho nacional acreditava de boamente nas phantasias dos seus chronistas. O mundo hoje é outra coisa: agora não se quer a historia d'este ou d'aquelle figurão deificado por uma penna imaginosa, exige-se a historia da sociedade escripta com *espirito*, como dizem; e tanto mais a sociedade se considera civilisada mais présa a satyra da sua civilisação. Ésta especie de chronica imprehendemol-a nós — ja a ensaiámos algures, interrompeu-se então, continual-a-hemos hoje. — Conhecemos, ou parecenos conhecer, a nossa missão; não sabemos porem exactamente como a devemos pôr em prática: a empresa é espinhosa. Não somos tão modestos que toquemos a hypocrisia, comtudo antevemos n'este nosso proposito muita *coisinha* de que não havemos de sahir tão bem como desejariamos. Ha tanta susceptibilidade!... Tanta cabeça a que servem as mesmas carapuças.... e ha um geitinho tão particular para as furtarmos uns aos outros!... Seja como for; protestâmos contar factos, e não termos nunca intenções. Tranquillizem-se os leitores (comprehendemos tambem as leitoras) que não é a nossa penna a de Jean de Troyes — *chronicas escandalosas,* não as queremos, nem sabemos escrever.

A quadra infelizmente não é a mais fertil de acontecimentos notaveis no *mundo elegante*, é uma quadra de transição. Depois dos hyperboreos dias do mez de março tivemos o gôsto de saudar a vinda da primavera, que nos assomou risonha no mesmo dia em que a Folhinha a indicava para a não deixar por mentirosa. Assim, o sexo devoto teve bella occasião de visitar os templos nos solemnes dias da Semana-Maior, e orar ao Deus do ceu, quem sabe se ás vezes com os olhos nos *anjos* da terra!

Os Confeiteiros fizeram a sua abertura d'um modo brilhante. O luxo n'esta classe vai sobindo na razão decrescente dos padeiros. O numero dos *golosos* em Lisboa augmenta todos os dias... O modo mais elegante de *dar as amendoas* este anno foi mimosear com uns lindos cestinhos de cera, que primorosamente se fazem na rua nova do Almada, cheios de bonsbons das Confeitarias do Rocio, ou rua do Oiro. Não temos logar para mais, mas sempre diremos ao puritano desdentado que nos está aqui a abocanhar a palavra *bonsbons*, zangado por não podêr trincar o que ella significa, que os rebuçados, as amendoas, os confeitos de toda a especie são bons, e duas vezes *bons bons*: ao menos para nós, que de nada gostâmos mais que de Senhoras e Doce.

SILVA LEAL.

ENIGMAS PINTORESCOS.



Os enigmas eram para os antigos uma sentença mysteriosa, escondida em termos obscuros e muitas vezes contradictorios na apparencia. Na historia fabulosa da Grecia occupa um logar importante a Esphinge com os seus terriveis enigmas; mas nas sagradas lettras não teem elles menos distinção. O maior rei do povo de Deus, que teve 300 mulheres, e 700 concubinas, Salomão, divertia-se n'uma interessante correspondencia d'enigmas com o rei Hirão seu vizinho. O espirituoso monarcha adivinhou todos quantos enigmas a rainha de Sabá lhe propôs; e é de crer que n'alguma d'essas horas suaves de mutuo intertenimento tivesse origem essa antiquissima dynastia que ainda hoje occupa, bem ou mal, o throno da Abyssinia...

Como quer que seja, os enigmas, charadas, rebus, logogryphos, ou adivinhações, como ainda ha poucos annos cá lhes chamavamos, e em que José Daniel foi tão eminente, datam de grande antiguidade.

Mas o rebus, que é especialmente de que tratâmos é a expressão *figurada* d'um pensamento por *uma serie de imagens de objectos* cujos nomes trazem á idèa as palavras, ou syllabas d'ellas, com que se exprimiu esse pensamento.

Parece que os rebus, que hoje são tão bem recebidos na *Illustration* e no *Charivari*, trazem origem de certos pamphletos moraes que pelo tempo do intrudo eram feitos pela confraria dos amanuenses do parlamento de Paris, chamados *Cleres de la Bazoche*, e a que elles chamavam: *De rebus quæ gerantur*; o que o povo começou a confundir com a palavra franceza *rebuts*.

Não hesitariamos em adoptar o mesmo termo, visto ser latino, para designar a mesma idèa, uma vez que lembrou amenizar este jornal com ésta especie de adivinhações, se não achassemos que a palavra soava mal na pronuncia portugueza; e por isso, á falta d'outra melhor, adoptámos chamar-lhes *Enigmas pintorescos*, o que talvez ainda com mais exactidão exprime a idèa.

SILVA LEAL.

SUMMARIO.

Romance. O Alcaide de Santarem (*com uma Estampa*). — **Poesia.** Methamorphose. — **Romance.** O palacio do Diabo (*com uma Estampa*). Continuação. — **Boletim bibliographico.** O Caçador. — **Theatros.** — **Chronica lisbonense.** — **Enigma pintoresco.**

ROMANCE.

O ALCAIDE DE SANTAREM.

I.

950.

PERTO DO CEMITERIO.

O Guadamellato é uma ribeira que descendo das solidões mais agras da Serra Morena, vem a travez de um territorio montanhoso e selvatico, desaguar no Guadalquivir pela margem direita, pouco acima de Cordova. Houve um tempo em que n'estes desvios habitou uma população numerosa: foi nas eras do dominio sarraceno em Hespanha. Desde o tempo do émir Abul-Khatar o districto de Cordova fora distribuido ás tribus arabes do Yemen e da Syria, as mais nobres, e mais numerosas entre todas as raças da Africa e da Asia, que tinham vindo residir na Peninsula por occasião da conquista ou depois della. As familias que se estabeleceram naquellas encostas meridionaes das longas serranias, chamadas pelos antigos Montes Marianos, conservaram por mais tempo os habitos erradios dos povos pastores. Assim no meado do decimo seculo, posto que esse districto fosse assaz povoado, o seu aspecto assemelhava-se ao de um deserto; porque nem se descortinavam por aquelles cabeços e valles vestigios alguns de cultura, nem alvejava um unico edificio no meio das collinas rasgadas irregularmente pelos algares das torrentes, ou cubertas de selvas bravias e escuras. Apenas um ou outro dia se enxergava na extrema de algum almargem virente a tenda branca do pegureiro, que no dia seguinte não se encontraria alli, se porventura se buscasse.

Havia, comtudo, povoações fixas naquelles ermos habitações humanas, porém não de vivos. Os arabes collocavam os cemiterios nos logares mais saudosos dessas solidões, nos pendores meridionaes dos outeiros, onde o sol ao por se estirasse de soslaio os seus ultimos raios pelas lagens lizas das campas, por entre os raminhos floridos das sarças açoutadas do vento. Era alli que, depois do vaguear incessante de muitos annos, elles vinham deitar-se mansamente uns ao pé dos outros, para dormirem o longo somno sacudido sobre as suas palpebras das azas do anjo Azrael.

A raça arabe irrequieta, vagabunda e livre, como nenhuma outra familia humana, gostava de espalhar na terra aquelles padrões, mais ou menos sumptuosos, do captiveiro e immobilidade da morte, talvez para avivar mais o sentimento da sua independencia illimitada durante a vida.

No recosto de um teso, elevado no extremo de extensa gandra que subia das margens do Guadamellato para o nordeste, estava assentado um desses cemiterios, pertencente á tribu Yemenita dos Beni-Homair. Subindo pelo rio viam-se alvejar ao longe as pedras das sepulturas como um vasto estendal, e tres unicas palmeiras plantadas na coroa do outeiro lhe tinham feito dar o nome de cemiterio de al-tamarah. Transpondo o cabeço para o lado oriental encontrava-se um desses brincos da natureza, que nem sempre a sciencia sabe explicar: era um cubo de granito de enorme dimensão, que parecia ter sido posto alli pelos esforços de centenares d'homens, porque nada o prendia ao solo. Do cimo desta especie de atalaia natural descortinava-se para todos os lados um horisonte immenso.



Era um dia á tarde: o sol descia rapidamente, e já as sombras principiavam do lado de léste a empastar a paisagem ao longe em massas negras e confusas. Assentado na borda do rochedo quadrangular um arabe dos Beni-Homair, armado da sua comprida lança, volvia olhos attentos ora para o lado do norte ora para o de oeste: depois sacudia a cabeça com um signal negativo, inclinando-se para o lado opposto da grande pedra. Quatro sarracenos estavam alli tambem assentados em diversas posturas e em silencio, o qual só era interrompido por algumas palavras rapidas, dirigidas ao da lança, e a que elle respondia sempre do mesmo modo com o seu menear de cabeça.

«El-Barr! — disse por fim um dos sarracenos, cujo trajo e gestos indicavam uma grande superioridade sobre os outros. — Parece que o caid de Schantaryn [1] esqueceu a sua injuria, como o wali de Zarkosta [2] a sua ambição d'independencia; e até os partidarios d'Hafsun, esses guerreiros tenazes, tantas vezes vencidos por meu pae, não podem acreditar que seu filho Abdallah realise as promessas que me induziste a fazer-lhes.»

«Emir-el-Melek [3], — replicou El-Barr — ainda não é tarde: os mensageiros podem ter sido retidos por algum successo imprevisto. Não creas que a ambição e a vingança adormeça tão facilmente no coração humano. Dize, El-Athar, não te juraram elles pela Sancta Kaaba [4] que inviados com a noticia da sua revolta e da entrada dos christãos chegariam hoje a este logar aprazado, antes do anoitecer?»

«Juraram — respondeu El Athar — ; mas que fé merecem homens que não duvidam quebrar as promessas solemnes feitas ao kalifa, e alem disso abrir o caminho aos infieis para derramarem o sangue dos crentes? Émir, nestas negras tramas tenho-te servido lealmente; porque a ti devo quanto sou; mas oxalá que falhassem as esperanças que pões nos teus occultos alliados. Oxalá não tivesse de tingir o sangue as ruas de Korthoba, e não houvera de ser o suppedaneo do throno que ambicionas o tumulo de teu irmão!»

El-Athar cubriu a cara com as mãos, como se quizesse esconder a sua amargura. Abdallah parecia commovido por duas paixões oppostas. Depois de se conservar algum tempo em silencio, exclamou:

«Se os mensageiros dos sublevados não chegarem até o anoitecer, não fallemos mais n'isso. Meu irmão El-Hakem acaba de ser reconhecido successor do kalifado: eu proprio o acceitei por futuro senhor poucas horas antes de vir ter comvosco. Se o destino assim o quer, faça-se a vontade de Deus! El-Barr, imagina que os teus sonhos ambiciosos e os meus foram uma kassidéh [5] que não soubeste acabar, como aquella que debalde tentaste repetir na presença dos embaixadores do Frandjat [6] e que foi causa de caíres no desagrado de meu pae e de El-Hakem, e de conceberes esse odio que alimentas contra elles, o mais terrivel odio deste mundo, o do amor proprio offendido.»

Ahmed-el-Athar e o outro arabe sorriram ao ouvirem estas palavras de Abdallah. — Os olhos, porem, de El-Barr faiscaram de colera.

«Pagas mal, Abdallah — disse elle com a voz presa na garganta — os riscos que tenho corrido para te obter a herança do mais bello e poderoso imperio do Islam. Pagas com allusões affrontosas aos que jogam a cabeça com o algoz para te pôr na tua uma coróa. És filho de teu pae!... Não importa. Só te direi que é ja tarde para o arrependimento. Pensas acaso que uma conspiração sabida de tantos ficará occulta? No ponto a que a chegaste, retrocedendo é que has-de encontrar o abysmo.»

No rosto de Abdallah pintava-se o descontentamento e a incerteza. Ahmed ía a fallar, talvez para vêr de novo se divertia o principe da arriscada empresa de disputar a coróa a seu irmão El-Hakem. Um grito porém do atalaia o interrompeu. Ligeiro como relampago, um vulto saíra do cimiterio, galgára o cabeço, e se aproximára sem ser sentido: vinha involto n'um albornoz escuro, cujo capuz quasi lhe encubria as feições, vendo-se-lhe apenas a barba negra e revolta. Os quatro sarracenos pozeram-se em pé de um pulo, e arrancaram as espadas.

Ao ver aquelle movimento, o que chegára não fez mais do que estender para elles a direita e com a esquerda recuar o capuz do albornoz: então as espadas abaixaram-se como se uma corrente electrica tivesse adormecido os braços dos quatro sarracenos. El-Barr exclamára: «Muulin [7] o propheta! Muulin o sancto!...»

«Muulin o peccador: — interrompeu o novo personagem — Muulin, o pobre fakih [8] penitente, e quasi cégo de chorar as proprias culpas e as culpas dos homens, mas a quem Deus por isso illumina ás vezes os olhos da alma para antever o futuro ou ler no fundo dos corações. Li no vosso, homens de sangue, homens de ambição! — Sereis satisfeitos! — O senhor pesou na ballança dos destinos a ti, Abdallah, e a teu irmão El-Hakem. Elle foi achado mais leve. A ti o throno; a elle o sepulchro. Está escripto. Vae; não pares na carreira, que não te é dado parar! — Volta a Corbotha. Entra no teu palacio Merwan; é o palacio dos kalifas da tua dinastia. Não foi sem mysterio, que teu pae t'o deu por morada. Sobe ao sotão [9] da torre. Ahi acharás cartas do caid de Schantaryn, e d'ellas verás que nem elle, nem o wali de Zarkosta, nem os Ben-Hafsun faltam ao que te juraram!»

«Sancto fakih — replicou Abdallah, credulo como todos os mussulmanos daquelles tempos de fé viva, e visivelmente perturbado — creio o que dizes, porque nada para ti é occulto. O passado, o presente, o futuro domina-los com a tua intelligencia sublime. Asseguras-me o triumpho; mas o perdão do crime, pódes tu assegura-lo?»

«Verme, que te crês livre! — atalhou com voz solemne o fakih. — Verme, cujos passos, cuja vontade mesma, não são mais do que frageis instrumentos nas mãos do destino, e que te crês auctor de um crime! — Quando a frecha despedida do arco fere mortalmente o guerreiro, pede ella acaso a Deus perdão do seu peccado? — Atomo varrido pela colera de cima contra outro atomo, que vaes anniquilar, pergunta antes se nos thesouros do Misericordioso ha perdão para o orgulho insensato!»

Fez então uma pausa. A noite descia rapida. Ao lusco fusco ainda se viu saír da manga do albornoz um braço felpudo e mirrado, que apontava para as bandas de Cordova. N'esta postura a figura do fakih fascinava: coando pelos labios as syllabas elle repetiu tres vezes:

«Para Merwan!»

Abdallah abaixou a cabeça, e partiu vagarosamente, sem olhar para traz: os outros sarracenos seguiram-no. El-Muulin ficou só.

Mas quem era este homem? Todos o conheciam em Cordova; se vivesseis porém n'aquella epocha e o perguntasseis n'essa cidade de mais de um milhão de habitantes, ninguem vo-lo saberia dizer. Era um mysterio a sua patria, a sua raça, d'onde viera. Passava a vida pelos cemiterios ou nas mesquitas: para elle o ardor da canicula, a neve ou as chuvas do inverno

1 Santarem.
2 Saragoça.
3 Principe real.
4 Sepulchro de Mahomet.
5 Poema de trinta versos, muito usado entre os arabes, e que corresponde de certo modo ás nossas odes.
6 Os reinos christãos alem dos Pyreneus.
7 Muulin significa *o triste*.
8 *Faquih* ou *faquir*, especie de frade mendicante entre os musulmanos.
9 *Sotuho* — o andar mais alto. Os nossos escriptores tomavam ésta palavra n'um sentido evidentemente errado, servindo-se d'ella para indicar o aposento inferior ou terreo.

eram como se não existissem: raras vezes se via que não fosse lavado em lagrymas: fugia das mulheres como de um objecto de horror. O que porém o tornava geralmente respeitado, ou antes temido, era o dom de prophecia, o qual ninguem lhe contestava. Mas era um propheta terrivel, porque as suas predicções recabiam unicamente sobre futuros males. No mesmo dia em que nas fronteiras do imperio os christãos faziam alguma correria, ou destruiam alguma povoação, elle annunciava publicamente o successo nas praças de Cordova: um membro qualquer da familia numerosa dos Ommyadas caía debaixo do punhal de um assassino desconhecido na mais remota provincia do imperio, ainda das do Maghreb ou Mauritania, na mesma hora, no mesmo instante ás vezes, elle o pranteava redobrando os seus choros habituaes. O terror que inspirava era tal, que no meio do maior tumulto popular a sua presença bastava para tudo cair em mortal silencio. A imaginação exaltada do povo tinha feito d'elle um sancto — sancto como o islamismo os concebia —; isto é, um homem cujas palavras e aspecto gelavam de terror.

Ao passar por elle, El-Barr apertou-lhe a mão, dizendo-lhe ao ouvido em voz quasi imperceptivel: «Salvaste-me!»

O fakih deixou-o affastar, e fazendo um gesto de profundo despreso, murmurou:

«Eu?! Eu teu cumplice, miseravel?!»

Depois alevantando ambas as mãos abertas para o ar, começou a agitar os dedos rapidamente, e rindo com um rir sem vontade exclamou:

«Pobres titeres!»

Quando se fartou de representar com os dedos a idéa de escarneo que lhe sorria lá dentro, dirigiu-se, ao longo do cemiterio, tambem para as bandas de Cordova; mas por diverso atalho.

A. HERCULANO.

(Continúa.)

POESIA.

METAMORPHOSE.

Quem de Ovidio os contos leu
Certo inda tem na memoria
A mais curiosa historia
Que elle em seus contos metteu:
— De como Jove indignado
C'uma nação de velhacos,
Para os não fazer em cacos,
Os converteu em macacos.

Vendo-se assim humilhado,
Veio o povo castigado,
De contricto coração,
A pedir perdão
Ao deus que fulmina o raio e o trovão.

Fazendo caretas, ganindo e guinchando
Lhe vinham bradando
Em mona e bugia:
'Restaura-nos, ó padre soberano,
O antigo vulto humano
Co'a perdida razão.'

O Tonnante a quem passado
Era o primeiro furor,
Dos bugios ao clamor
Prestou ouvido apiedado;
Mas do macaco requerimento
Não despachou senão ametade,
E o resto a deidade
Mandou dispersar nas azas do vento.

Mal o aceno omnipotente
Troou na celeste abobeda,
A monaria contente
Se ergueu altiva, impavida;
Toda se impavesou
E repimpou;
E como gente
A andar por esse mundo se deitou.

O pêllo esfarripado,
Que as cabeças te'lli lhes ouriçava,
Em lindos caracoes se debruçava
Agora pelo rosto transmudado.
Não mudou por dentro o caco,
Que ficou sempre macaco;
E a cara por fóra
Tambem não mudou muito do que fôra.
Os mesmos focinhos,
As mesmas caretas,
E os parvos risinhos
E as fofas e as tretas.

Assim meios mudados, meios não,
Lhes fez o padre Jove um bom sermão,
E lhes mandou tomar
Aopé da raça humana o seu logar.
— O homem com desprêzo o bicho olhou,
Nem siquer nome para dar-lhe achou;
Mas a mulher gostou
Da tal farofia de apparente brilho,
E á cousa pôs o nome de — CASQUILHO.

A. G.

ROMANCE.

O PALACIO DO DIABO. *

(CHRONICA DO SECULO X.)

TINHA cortado o colloquio, entre Adalberto e Conrado, um escudeiro, que veio procurar o cavalleiro da parte de Adelaide. — Entremos no emtanto n'algumas circumstancias historicas para intelligencia completa do que vamos referindo.

Adalberto tinha visto por occasião de umas justas em Verona a filha do conde d'esta cidade, e ficára perdido de amores. N'essa epocha de ignorancia não havia possibilidade de correspondencia. Os cavalheiros, que faziam qualquer contracto, mandavam-no redigir pelo seu notario, que certificava que os signaes de cruz em baixo do documento haviam sido realmente feitos na sua presença pelas partes contractantes. Senhores de muita conta e grande respeito praticavam então o que ainda agora succede aos labregos dos campos, e tambem das villas e cidades, onde não poucos se aninham. Forçoso era pois que Adalberto se contentasse exprimindo sua paixão pelos relances d'olhos, tão eloquentes quanto expressivos, acceitando em resposta os meigos e jocundos sorrisos de Isabel: logo no seu coração formou tenção de ir a Mantua, onde seria bem recebido pelo conde, particular amigo de Milon, pai d'elle mancebo, todavia os successos politicos retardaram mais de seis annos ésta viagem tão desejada, sem que no peito de ambos os amantes se apagasse a lembrança das festas de Verona.

Depois da morte civil de Carlos o gordo, que perdeu n'um momento quanto Carlos Magno ajuntára por victorias repetidas; depois que o arcebispo de Moguncia fez esmola de um canonicato da sua sé ao último rei da casta carlovingiana para o não deixar perecer á mingua: os lombardos que á imitação de todos os mais subditos aproveitaram o ensejo para sacudir o jugo, convocaram a assemblea dos estados do reino, e collocaram a corôa da Italia na cabeça de Berengario, filho do duque do Frial, no mesmo anno de 888, assignalado pela desgraça de Carlos. O monarcha eleito reinou mais como pai que como senhor, combateu com valor os barbaros que infestavam a Italia: foi clemente e bondoso, a ponto que tão bellas qualidades e a nimia confiança nos outros lhe fizeram perder a vida. Em 915 o tinham nomeado imperador. Alguns senhores, cheios por elle de beneficios, conjuraram-se contra o bemfeitor, mas descoberta a conspiração, marchou contra Rodolpho, rei borgonhez, que se dirigia á Italia para occupar o solio da Lombardia. Berengario o desbaratou e restituiu á liberdade os conjurados que haviam cahido prisioneiros; recolheu-se depois á sua côrte de Verona, que por vezes lhe servira de refugio. Ahi de novo o perseguiram os traidores, e convenceram um nobre, compadre do imperador, a que valendo-se da intimidade o assassinasse. Advertido do novo trama o monarcha generoso chamou o fidalgo, fez-lhe conhecer sua tão enorme ingratidão e o horror do crime que lhe incumbiram, e tomando uma taça d'ouro de obra singular lh'a offereceu, dizendo: — Seja este o penhor do meu esquecimento do vosso êrro e de voltardes ao caminho da virtude: acceitai-o, e lembrai-vos que o imperador é padrinho de vosso filho. — Na manhãa seguinte, sahindo Berengario para a missa, veio encontra-lo o traidor perdoado, seguido de gente armada, e simulando abraça-lo o apunhalou cobarde e vilmente; não colheu porem o fructo do atrocissimo crime, porquanto o conde Milon, pai de Adalberto, que já conhecemos, chegou, mui tarde para salvar o melhor dos imperadores italianos, mas a tempo de fazer pedaços o assassino e os da sua facção. Ésta morte prematura deixou sem cabeça que os regesse os estados daquella rica parte da Italia: o interregno de dois annos precedeu a dominação d'um tyranno: Hugo, da Provença, foi preferido a Rodolpho da Borgonha; o reinado de Hugo foi a perfeita antithese do reinado de seu predecessor: entre inumeraveis malfeitorias, Hugo violou indignamente a propriedade de seus subditos, que o antecedente monarcha sempre vigilante protegêra. Em 940 só Berengario, neto do imperador do mesmo nome era o unico dos feudatarios italianos que conservava a herança paterna; mas a final viu-se exposto ao ciume de Hugo, e teve de fugir com sua esposa para salvar-se. Acolhido na Alemanha por Othão o Magno, pôde voltar á Italia em 945 com poucas tropas, que breve engrossaram em numero, porquanto era geral o descontentamento. Convocaram-se os estados em Milão; e convem saber que só da nobreza eram compostos, porque de nenhuma representação gozava o povo: a decisão foi generosa e conciliadora: Lothario, filho d'Hugo, foi acclamado rei, e a Berengario foi dada a regencia da monarchia. Este porem ambicioso e cruel deu traça para que Lothario fosse invenenado, e para segurar em sua familia a corôa usurpada requereu para seu filho a mão da viuva da victima de seus damnados projectos. Era ésta senhora de qualidades eminentes, e de espiritos superiores ao seu sexo, e pelos italianos affectuosamente estimada. Adelaide recusou formalmente; e o tyranno a perseguiu sem rebuço até encerrala n'um castello junto ao lago de Garda.

Durante a detenção da rainha, os vassallos fieis á memoria de seu marido imprehenderam toda a casta de tentativas para a libertar; era d'esse numero o conde de Verona, Milon; e empregou seu filho em tão sagrada missão. Quando Adelaide, conseguindo evadir-se da prisão, se refugiou no castello de Canossa, Adalberto a seguiu por ordem de seu pai; e governando a fortaleza o valente e leal Altone, por tres annos ahi se manteve o joven cavalleiro, assiduo na defensa, apesar do ardente desejo de tornar a ver a formosa condeça que o captivára nas justas de Verona.

No entanto o povo, indignado do proceder infame do novo rei, seguiu o exemplo de Adalberto, e por intervenção do arcebispo milanez, soccorreu-se á protecção de Othão o magno. O

* Continuado de pag. 3.

magnanimo e valoroso monarcha acudiu á Italia; seu primeiro cuidado foi descercar a fortaleza de Canossa, e offerecer a mão d'esposo a Adelaide, para que ella houvesse parte na corôa da Italia, que os lombardos a elle imperador voluntarios offereciam.

Sob taes auspicios a viuva de Lothario caminhava para Pavia com tão numerosa comitiva.

Tornando a Adalberto, quando, avisado pelo escudeiro, chegou ao pé da rainha, disse-lhe ésta: —Valente cavaleiro, tres annos combatestes por uma viuva perseguida; hoje que essa viuva é a rainha da Lombardia, pedi-lhe provas da sua gratidão. —

O guerreiro novel abaixou a cabeça.

— Fallai com franqueza, Adalberto; em Canossa não fostes tão timido. —

— Em Canossa cumpria eu a minha obrigação, senhora, e não esperava recompensa. — Então o mancebo olhou para o bispo de Pavia e para o outro companheiro, querendo dizer mudamente que não lhe convinham aquellas testemunhas. Adelaide percebeu a súpplica tacita, e affrouxando o passo á sua cavalgadura, o signal expressivo de seus olhos fez que os dois caminhassem ávante; porque os segredos das magestades interpretam-se, não se ouvem.

— Ha tres annos (disse Adalberto desafogado) que a minha obrigação especial para com a vossa real pessoa me reteve em Canossa; eu tinha pezares, maguas e saudades; não dos parentes e amigos, porque d'elles recebia noticias; mas sim d'aquella que dominava o meu pensamento. Se vós, muito excelsa senhora, quereis conceder-me graça superior a todo o premio favorecei o meu legitimo amor.

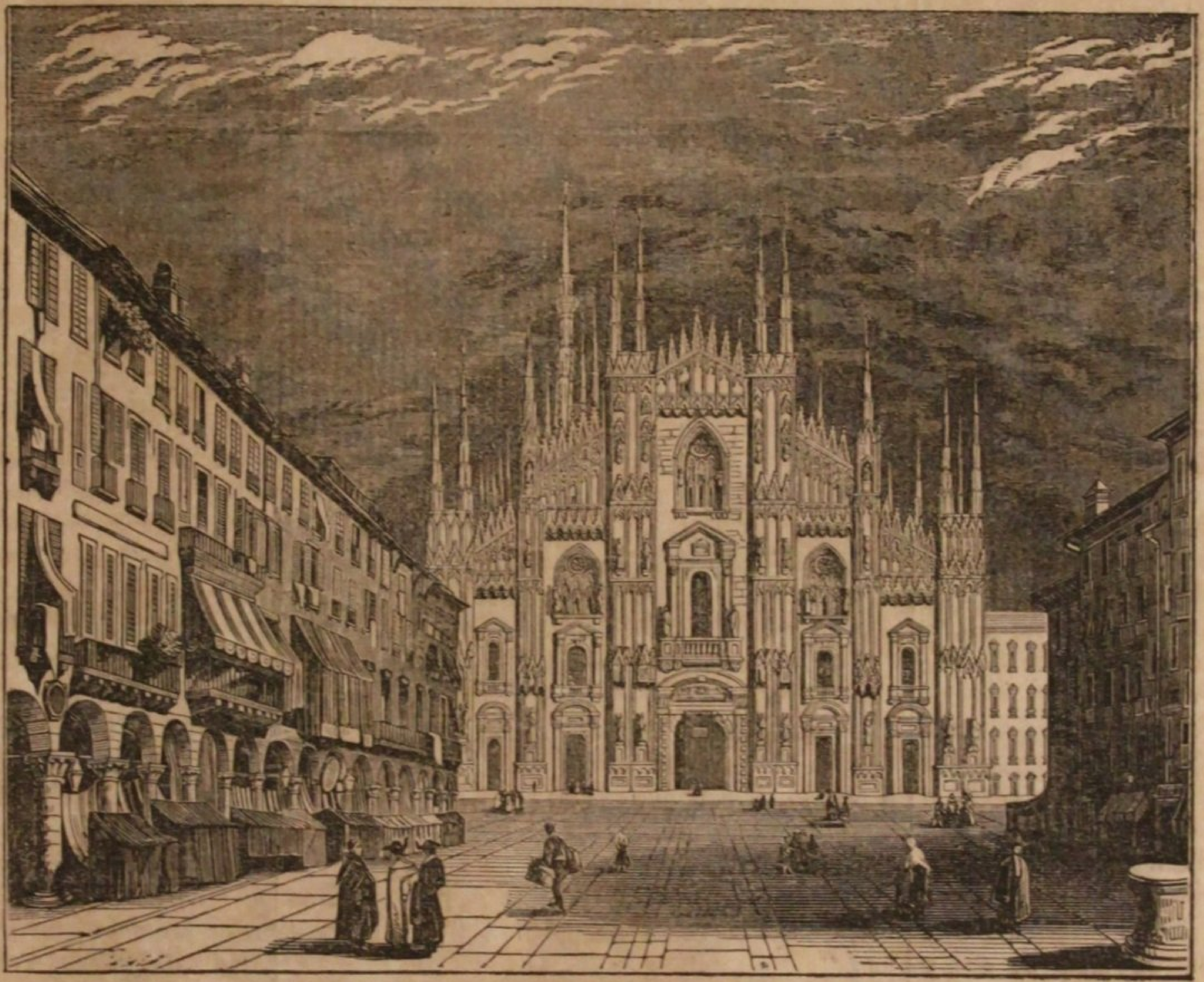
Adelaide respondeu logo, ao mesmo tempo séria e risonha «Saberei ser grata a subditos leaes: a escolha será digna de vós; empenho-me na felicidade de uma união conjugal, de que certamente hade provir nobre descendencia. Explicai-vos, cavalleiro. —

— Senhora! a filha do conde de Mantua... —

— Já sei: (interrompeu Adelaide) o conde está em Pavia; e o rei pedirá para vós a mão de Isabel. —

— Graças, senhora, muitas graças vos dou... — E o rosto de Adalberto assumou uma lagrima.

Via-se a porta principal da cidade; o cortejo reuniu-se, e entrou procissionalmente, como em taes casos é costume.



Na praça maior da cidade de Pavia estavam reunidos os membros, que compunham os estados da nobreza e clero, de cuja deliberação dependia a nomeação do novo monarcha. Como era de suppôr, ninguem ignorava o nome do candidato; mas no emtanto cumpriu-se a formalidade. No centro d'aquelle immenso largo havia um pavilhão, que muita gente portugueza chama barraca; ahi, por categorias e precedencias da etiqueta, estavam, nos logares escrupulosamente marcados e occupados, os dignatarios que funccionam em similhantes ceremonias: sabiam elles muito bem as suas obrigações, e muito melhor sabiam quem seria o monarcha eleito. A praça estava cheia de gente armada; mas toda essa chusma pertencia aos nobres e ao clero deliberantes, unicos possuidores da regalia do voto: assistia a turba-multa para fazer a funcção mais vistosa.

O rei Berengario, convencido de usurpador e desamparado dos seus sectarios, foi deposto. E quem o havia substituir? Othão o magno, imperador d'Alemanha, que entrára pela Italia com poderoso exercito, instigado pelos nobres, e por elles favorecido: mas d'esta vez foi boa a escolha.

Então o rei da Germania assentou-se na cadeira magestatica collocada sob o docel preparado no pavilhão, que mencionámos; e note-se que todos os imperadores d'Alemanha consideram muito essencial prerogativa a sua coroação nos estados italianos. Por isso foi Othão coroar-se e receber a sua confirmação á cidade de Milão como rei dos lombardos. *(Continúa.)*

BOLETIM BIBLIOGRAPHICO.

O CAÇADOR Farça-lyrica em um acto, pelo Sr. Mendes Leal Junior — Lisboa, 1845.

Reconhecemo-nos incompetentes para avaliar ésta nova producção do illustre auctor dos *Dois Renegados*, não porque não podessemos dizer alguma coisa do seu plano e execução, pois *quoque gens sumus* (saibamos ou não cavalgar); mas porque havendo sido os que encetámos o genero — embora outrem depois *abra a eschola* — [1] poderiam, talvez, torcer-nos o pensamento por mais simples que fossem as nossas palavras. N'este caso deixaria-mos de fallar d'esta publicação, se não incontrassemos na especie de prologo d'ella uma asserção que, *por interesse da Arte*, nos pareceu dever rectificar. Senão reparem:

«Não escrevo éstas linhas (diz o Sr. Mendes Leal) para explicar a philosophica intenção que me inspirou — ou podia inspirar — n'esta obrita. Pelo contrario, é unicamente para dizer em boa verdade que não tive nenhuma. Nem isto vale a pena. Ora que philosophia podem la ter composições d'esta especie? O poema para musica, penso eu, não é senão um pretexto.» (!)

Custa-nos (dizemol-o de todo o coração) custa-nos muito ver que sahiu isto da penna d'um poeta dramatico como o Sr. Mendes Leal. Que o librettista não tivesse nenhuma intenção philosophica na composição da sua obra, mau foi — e muito mau — mas que ainda em cima venha alardear d'isso, e aventar a poetica blasphemia de que *nem a coisa vale a penna*; que o *poema para musica é apenas um pretexto*... é na verdade um scepticismo dramatico unicamente reservado para o Sr. Mendes Leal. Pensaria por ventura o illustre Poeta que descia do seu throno de dramaturgo escrevendo uma farça-lyrica, quando assim a desdenha; ou cuidará elle realmente que a coisa é tão pouco importante como lhe pareceu? Não sabemos — nem nos importa — o que pensou ou o que cuida: o nosso fim é tomar a defensa do genero, e incitar os ingenhos poeticos a seguil-o, mostrando-lhe a nobreza d'elle.

Se aos nomes de Scribe e Felix Romani, fosse necessario juntar outros nomes, citariamos Corneille, La-Fontaine, Lamothe, Marmontel, Quinault, Rousseau, Goldoni, Zeno, Huber, Kotzebue, Gœthe, e ainda mais um que, só, vale por todos os outros — o de Metastazio. Ja se vê que toda ésta recua de poetrastos não são homens de terem uma philosophica intenção que os inspirasse... Havia de ser aquelle superficial de Gœthe; aquelles perdidos de La-Fontaine e Marmontel; aquelles cabeças de vento de Goldoni e Scribe; aquelle louquinho de Metastazio, que incheu todas as suas *operas* de sentenças e maximas moraes! *Ora a coisa não vale a pena... Que philosophia podem la ter as obras d'estes escrevinhadores!* Serviram apenas de estante ás partituras dos *maestri*.

Mas se, depois de citarmos nomes tão respeitaveis, passassemos á theoria, veriamos a asserção do Poeta como uma heresia d'Arte.

A musica é com effeito uma parte esssencial das composições d'este genero; mas sempre subordinada á poesia. O poeta sim deve procurar que a sua pintura e expressão dos sentimentos seja adaptavel á musica; e collocar os seus personagens em tal situação que elles possam exprimir as suas sensações d'uma maneira lyrica: sim deve empregar pensamentos fluentes, elegancia de rythmo; e dar em fim occasião á musica para exprimir o que a poesia só por si não poderia pintar. Mas o compositor tem de modelar a sua musica pela altura da poesia: tem de exprimir os sentimentos e as paixões por outrem criadas: tem de accommodar o rythmo musical ao rythmo poetico: tem emfim de ser severo, comico, characteristico conforme as situações; e, se tanto podér, individualisar na musica os personagens do drama. Resumindo, a musica é feita para o poema e não é o poema que se faz para a musica.

S. L.

[1] Assim se disse: não o levâmos a mal pelo que nos diz respeito — ambicionariamos, se o podessemos, as honras de Goldoni — mas as de Metastazio ja pertenciam ao Sr. Herculano.

THEATROS.

AINDA por hoje a falta de espaço nos não deixa tractar como quizeramos d'este assumpto. Deu-se em *S. Carlos* uma nova Opera — A MARECHAL D'ANCRE, musica de Niui, que não agradou. Na *Rua dos Condes* representou-se um novo Drama

do Sr. Mendes Leal — A Pobre das ruinas, de que tractaremos especialmente n'outra occasião; por hoje diremos, apenas, que a concepção, alias de effeito scenico, não nos parece das mais felizes do Sr. Mendes Leal, mas que, a par de muitos lances que não foram talvez convenientemente calculados, nos apresenta mui lindas coisas e bellas scenas, entre as quaes distinguiremos a da conversão, digna da penna de Chateaubriand.

No *Salitre* não ha novidade que interesse, por ora.

S. L.

CHRONICA LISBONENSE.

Temos estado sugeitos a muita coisa — e temos com effeito aturado e soffrido os homens e a sorte mais do que é presumivel em nossa edade — mas nunca pensámos que passariamos por debaixo das forcas caudinas das caixas dos typos, e que, Tantalos de nova especie, estariam nossos artigos junto aos prelos sem poderem ser impressos, compostos sem poderem ser lidos! A nossa chronica passada ficou em menos d'um terço, ésta está ameaçada em quasi metade... Não ha tempo a perder.

Depois da partida de Liszt, o que ficou mais em moda foi D. José Balaca retratista hispanhol de merecimento. M. Thiesson ainda não passou de todo, e tem daguerreotypado um bom terço da gente de Lisboa; mas hoje todos correm a casa do Hispanhol para se reverem por duas moedas. Um espelho de vestir custa muito mais caro; alem d'isso o artista é muito mais docil: o impertinente do espelho tem ás vezes a imprudencia de nos mostrar alguma coisa de que não gostâmos.... É uma quisilia. Contam-nos, a respeito d'este retratista, duas anecdotas de que não queremos privar os nossos leitores.

Os inglezes são de todos os povos os que mais gostam de se verem retratados, e os seus parentes e amigos: ha muito tempo tambem que a sua nação tem creditos de possuir os melhores pintores retratistas. Um d'estes filhos da Albion que passeia pelo mundo distrahindo o spleen e gastando as suas libras, estava ha dias em casa do Sr. * quando trouxeram ao dono da casa o seu retrato ainda fresco do pincel do Sr. Balaca. Pasmado da similhança e do colorido o nosso Inglez pede informações do artista, e n'um momento d'enthusiasmo corre á rua da Prata, roga, insta com o habil retratista para que immediatamente lhe faça o retrato de sua mãi, uma respeitavel lady que está em Londres, e que elle saudoso por quatro annos de ausencia, quer ao menos podêr possuir em imagem. A coisa fica ajustada, e aprasado o dia em que o subdito da rainha Victoria devia voltar a casa do Sr. Balaca. Chega esse dia. Apenas os olhos pretos do Artista se incontram com os azues de Sir... as palavras que mutuamente se trocam, e ao mesmo tempo, são éstas:

— Traz o retrato de sua mãi?

«Tem prompto o retrato de minha mãi?»

O pintor perguntava pela cópia por onde havia de reproduzir o original que não podia ver. O amador de retratos perguntava por um que o seu enthusiastico delirio lhe não deixou reflectir que era impossivel de executar.

Ambos se olharam fixamente. O Artista riu benevolamente. O filho da terra das batatas ficou de boca aberta e *desapontado.*

N'isto porem não perigou a reputação do Sr. Balaca, o Inglez resignou-se, e acabou por se fazer retratar a si: agora no que se vai ler a coisa tornou-se mais seria, porque a habilidade do Artista foi acremente contestada.

Uma dama ricamente trajada, levando pela mão um menino, e acompanhada d'um criado de casaca — alugada talvez para esse fim — sobe as escadas de D. José.

«Meu marido quer por fôrça que eu faça tirar o meu retrato.»

— Tem um rosto bem digno d'isso, minha senhora.

«Obrigada. Quem tem filhos de cinco annos (a criança havia de ter os seus oito) ja podia bem deixar-se d'estas coisas. Mas *elle* quer.... Uma mulher deve sempre fazer a vontade a seu marido.»

— É o meio mais seguro de lhe agradar.

Depois d'estas palavras começa o artista o seu esbôço.

«Recommendo-lhe a expressão dos olhos. É o meu unico desvanecimento... Quem tem tão pouco de que o ter, não lhe deve ser levado a mal.

— Isso é modestia, minha senhora.

A obra continuava.

«Peço-lhe muito que tenha todo o cuidado com a côr do meu rosto. Se tenho na cara alguma coisa soffrivel é a brancura da pelle...

— Oh! minha senhora! Não é só a pelle; todo o seu rosto é bello.

O artista ia continuando o seu trabalho.

«Tenho dois retratos e ambos elles são dois monstros. O último, do daguerreotypo, tem uma bôcca quasi sem fim. Peço-lhe que attenda a isto. Não é porque eu tenha presumpção na bôcca, mas decerto meu marido havia de se zangar se me visse a bôcca muito grande.

— Posso fazê-la do tamanho que quizer.

E o esboço estava quasi concluido.

«Não se esqueça de reparar qué o meu nariz é pequeno. É a melhor feição que tenho.

— É o nariz mais bem feito que tenho visto.

«Deixe-me ver o que tem feito.

— Quasi nada. Por ora não ha que ver.

«Ah! está muito bonito. Mas porque me faz o pescoço tam trigueiro?

— Pelo contrario, minha senhora. — Isto são as sombras que estão esboçadas.

«Nada: eu não tenho sombras no pescoço. Meu marido não se cansa de gabar a alvura do meu pescoço.

— É verdade, minha senhora: tem um lindo pescoço; mas éstas sombras são indispensaveis na pintura. E isto não fica assim.

«Pelo amor de Deus! Isso é feiissimo... Digo-lhe que não quero sombras no meu retrato.»

— Isso é impossivel. Não ha pintura sem sombras. — Replicou o artista ja impaciente.

«Pois Sr. então é escusado ter o incommodo de me tirar o retrato. Tinham-me dito que era um excellente retratista; mas ja vejo que me inganaram. Queira perdoar.

E n'um momento desceu a escada.

D. José ficou como assombrado com a palheta e o pincel na mão. Não tinha ainda previsto que a arte tem seus limites que nem todas as intelligencias comprehendem; e mal lhe podia vir á idea que se notasse como defeito nos seus retratos, uma das bellezas das madonas de Raphael.

Suas Magestades e Altezas honraram o *Circo Laribeau* com a sua visita. O concurso foi brilhante, e numeroso quanto o espaço podia comportar. Em artigo especial tractaremos, n'outro numero, do Circo, e de M.[r] Ratel particularmente.

O baile do dia 29, no *Hotel da Peninsula*, em beneficio dos Emigrados por occasião da revolta de Almeida, esteve brilhante. Perto de duzentas senhoras e mais de trezentos cavalheiros fizeram o esplendor do sarau. Cantou M.[me] Rossi a aria de il Brighanti, e o Sr. Tamberlick a da Parisina, e com o Sr. Sermattey o duetto da Vestale: o Sr. Miró acompanhou no piano. Dançou-se até quasi ao amanhecer, distinguindo-se duas polkas.... cuja *essencia* M. Eugene, cabelleireiro, vende aos amadores. O serviço foi excellente. Ouvimos calcular o producto em 800$000 réis, liquidos.

Vinte e quatro horas depois d'este baile, havia outro magnifico sarau em casa do Sr. Visconde de Veiros. Muito alêm de duzentos convidados incheram as salas de S. Ex.[a] até quasi ás 6 horas da manhan. A noite passou-se deliciosamente. Houve muito sorriso intelligente, muito olhar meigo; mas tambem alguns arrufos... É o senão d'estas bellas noites: em tudo de telhas abaixo lhe falta alguma coisa para a perfeição.

Os bailes succedem-se aos bailes quasi sem interrupção O do Club foi brilhante, como de costume; mas de todos o mais incantador foi o do theatro-particular da Thalia, onde o mundo aristocrata dá as suas representações dramaticas com um gôsto e elegancia proprios da côrte de Luiz XIV, ou de D. Manuel. Deram-se duas peças uma em francez «Les circonstances attenuantes» — outra em portuguez — «Fallar verdade a mentir» chistosa imitação de muito boa penna. Dançou-se muito nos intervallos, e a indispensavel polka foi agradavelmente polkada por habeis polkantes. Havemos de consagrar brevemente um artigo especial á illustre Sociedade Thalia.

A Academia Philarmonica prepara para ámanhan um grande concêrto para celebrar o anniversario da sua instalação. Uma Opera inteira de Donizetti. «D. Maria Padilha» ouvida pela primeira vez em Lisboa, será executada unicamente por curiosos, que são os artistas d'esta illustre sociedade. Ja se ve que a gente do bom tom em Lisboa invade ao mesmo tempo os dominios de Euterpe e Thalia... É uma conquista que lhe dá muita honra.

Mas a novidade capital da semana foi o baptisado da Serenissima Senhora Infante D. Antonia. Como nossos leitores ja sabem, a *Illustração* hade dar n'uma das seguintes folhas — a mais proxima que ser possa — a descripção, ao buril e á penna d'esta magnifica funcção, que esteve *realmente* esplendida. Lisboa quasi inteira — o mundo elegante principalmente — transportou-se a Belem. Entre os trens ricos e brilhantes que se apresentaram na Real Festa, notou-se o do Sr. Marquez de Viana, de lindo gôsto e opulencia. Temos por esta occasião ajuntado um feixe de anecdotas que nossos leitores nos hão de por certo agradecer quando tivermos logar de lh'as contar.

S. L.

ENIGMAS PINTORESCOS.

EXPLICAÇÃO DO ULTIMO ENIGMA.

Quem canta seus males espanta.



SUMMARIO.

PAULO E VIRGINIA.

Os nomes de Paulo e Virginia são mais geralmente conhecidos do que os de muitos heroes, sabios, legisladores; immortalisou-os o talento de Bernardin de S.t Pierre n'um livro que todos lêem, que excita maviosas sympathias, pequeno em volume, mas todo repassado dos affectos mais ternos do coração humano, o amor juvenil e casto, o filial, o materno, a compaixão pelas desventuras dos miseraveis e desamparados, e sobre tudo isto a absoluta confiança na Providencia. Esta obra, que todas as intelligencias comprehendem, acha-se traduzida em todas as linguas cultas, reproduzida n'uma infinidade de edições, algumas sumptuosas, e trasladada em grande variedade de series pelo lapis e pelo buril; outro modo de traduzir, talvez mais fiel e eloquente. A recente encyclopedia ingleza chama-lhe «linda narrativa, uma das melhores obras do seu genero no idioma francez, e que estabeleceu o credito de seu auctor na jerarchia dos escriptores d'aquella nação.» Nós diremos que a sympathia das almas virtuosas e sensiveis, as lagrimas d'enternecimento, são o mais cabal titulo de gloria do raro talento que creou um estylo novo n'uma lingua empobrecida pelos que o precederam, e que foi o precursor, senão o modelo, de Chateaubriand, de Lamartine, e de outros nomes tão justamente célebres.



Jacques-Henri Bernardin de S.t Pierre, homem de genio perspicaz e de estudos profundos, era dotado de natural melancholico, impellido por um amor sincero do bem, e enthusiasmado por um zeloso espirito d'humanidade, que apparece em todas as paginas, que a imaginação fecunda lhe dictára. Digno de melhor sorte, e de mais feliz epocha, viveu em tempos de turbulencia e injustiça, padecendo desgostos, perseguições, n'uma continua lida de trabalhos mentaes; e até se viu por vezes nos apertos da penuria, como por exemplo quando estourou a horrivel tormenta da revolução franceza. Ainda que os principios desse espantoso movimento social combinavam de algum modo com as theorias governativas de Bernardin, que era propenso ao systema republicano, e que até durante o seu emprego como ingenheiro na Russia proposera o plano de uma colonia de estrangeiros, regida por esse systema, e estabelecida na margem oriental do Mar-Caspio, comtudo repugnavam-lhe as violencias dos terroristas, que tambem o perseguiram, nomeadamente quando em 1794 se aventurou a confessar publicamente a sua crença em Deus. Notavel foi a sessão da classe de sciencias moraes do Instituto em 1798; tinha-se proposto esta questão: *Quaes são as instituições mais proprias para fundamentar a moral d'um povo?* — Bernardin de S.t Pierre fôra encarregado de appresentar a exposição do merecimento das Memorias que tinham concorrido ao premio; todas ellas eram cheias de tendencias declaradas para o atheismo. Espantado de tanta perversidade, o auctor dos *Estudos da natureza*, de *Paulo e Virginia*, e de tantas obras, posto que velho e cançado, quer chamar o seculo a ideias mais justas e mais consoladoras. No dia designado vai ao Instituto para fazer approvar o seu trabalho. A maior parte dos seus collegas estavam apinhados em redor de um ministro, que trazia a soldo escriptores mercenarios, incumbidos de cortar nos poetas latinos tudo o que dissesse respeito á Divindade, a fim de os tornar classicos para as escholas republicanas. Em presença de tal auditorio começou B. de S.t Pierre a leitura do seu relatorio, cuja peroração é um formoso trecho d'eloquencia, em que transluz o suave clarão do Evangelho. A analyse das memorias foi ouvida tranquillamente, mas logo ás primeiras linhas da declaração solemne dos principios religiosos do relator levantou-se grita de toda a parte da sala: uns perguntavam-lhe onde tinha visto Deus e que figura tinha; outros indignavam-se de tanta credulidade; os mais socegados jogavam-lhe chufas. Dos motejos chegaram a insultos, subindo a demencia a pontos de haver quem, ultrajando as cans venerandas do escriptor illustre, o provocasse a duello para provar-lhe d'espada na mão que não existia Deus. Bernardin recolheu-se á bibliotheca, e á pressa escreveu um discurso d'inspiração, affectuoso e eloquente; voltou á casa das sessões, e apesar dos clamores tomou o seu logar e recitou-o: póde ver-se no «Ensaio sobre a sua vida, por Aimé Martin» — Ahi disse. «Se eu quizesse provar-vos a existencia de Deus, julgar-me-hia tão insensato como se pertendesse demonstrar-vos ao meio dia a existencia do sol. Trata-se unicamente de decidir se, por alguns respeitos particulares, riscareis do meu relatorio sobre a moral, n'uma sessão pública, a ideia de um Ente supremo, remunerador e vingador. Quanto a mim, envergonhar-me-hia de encubrir ésta verdade para comprazer a uma facção que lisongeia os poderosos, procurando persuadi-los de que não teem outros juizes da sua consciencia se não os homens, ou, o que é o mesmo, que não teem nenhuns. Não fui eu culpado de tão criminosa condescendencia ainda quando reinava o terror. Robespierre, que procurava cubrir com a capa da philosophia o sangue que derramava, sabendo que eu pedia a restituição de uma pensão, meu unico rendimento, mandou-me dizer que não havia cousa a que não podesse aspirar, se quisesse representar o seu proceder como resultado de uma medida philosophica. Respondi ao seu agente que eu tinha estudado as leis da natureza, mas que ignorava as leis da politica. Da minha recusa de escrever em seu favor podia seguir-se a minha morte; porem eu estava resolvido antes a perder a cabeça do que a consciencia; e se o poder e os beneficios d'esse despota, que a seus pés via a republica consternada enche-lo de adulação, que tinha nas suas mãos a minha fortuna e a minha vida, não poderam fazer-me fallar para faltar á humanidade, não ha poder algum que possa fazer-me calar para faltar á Divindade, que me dera

a coragem de não curvar o joelho perante um tyranno.» E terminou, depois de exactas reflexões, com este periodo. «Declarai ao Instituto que considerais a existencia de Deus como base de toda a moral: se alguns conluiadores murmurarem, o genero humano vos applaudirá.» —

Bernardin de S.t Pierre possuia firmeza e resolução, tinha grande nobreza d'alma e não devêra ser notado de cubiça vil, como invejosos lhe assacaram, porque fazia crúa guerra aos contrafactores de suas obras. Bernardin não tinha recursos, e estava carregado de familia. Só dos *Estudos da natureza* houve cincoenta contrafacções, e de *Paulo e Virginia* mais de tresentas, porque estes bellos livros eram de toda a parte procurados; o producto de tão numerosas edições faria a fortuna do auctor, mas só enriqueceu tratantes. Alem d'isso, nobre impulso o incitava tambem: haja vista á seguinte anecdota. — Certo dia o poeta Millevoie, concurrente ao premio da Academia, appresentou-se em casa de Bernardin a sollicitar o seu voto, e na mesma intenção vinha de visitar muitos escriptores, que a fortuna, por um giro de sua roda, fizera senhores e academicos: deslumbrado pela magnificencia dos salões d'estes, o mancebo poeta mostrou alguma admiração á vista do modesto gabinete de Bernardin de S.t Pierre. «Na verdade (disse) que me admiro de vosso gosto pela vida simples e retirada! Porque não sois senador como os vossos consocios? Este logar honroso asseguraria a vossa sorte e de vossos filhos.» — Te-lo-hia acceitado (respondeu sorrindo Bernardin) se m'o houvessem offerecido; mas essa gente mesmo que acabais de nomear affirma que eu nada intendo das leis da politica, porque não estudei senão as da moral, e os interesses do genero humano.» — Estais motejando (replicou Millevoie): todavia sabe-se que o vosso nome andava em todas as listas, e crê-se até que o chefe do governo que procurára a vossa amisade, e a quem vos tinheis dirigido indirectamente, vos offerecêra uma cadeira no senado. — «Convenho; mas pôz uma condição que eu não pude acceitar. Quanto á sorte de meus filhos, estaria segura, se se executassem as leis contra os contrafactores.» — E porque vos occupais com esses tratantes? (tornou o mancebo). A guerra que lhe moveis é interminavel; e eu d'isso me espanto. — «Se soubesseis quanto essa guerra me custa, muito maior seria o vosso espanto: sempre pago as custas. Mas não a descontinuarei, ainda a preço dos meus poucos havêres; porque defendo, não a minha causa, não a causa dos litteratos, mas o interesse da justiça, que é de muito mais alta importancia! Não é moral deixar o roubo sem punição; se os tribunaes o toleram, a publicidade deve deshonra-lo.» — Esse pensamento é generoso, mas poderá não ser intendido.» — Pois bem, (replicou vivamente Bernardin de S.t Pierre) para os intendimentos debeis accrescentarei, que se eu exijo dos contrafactores a minha propriedade é porque me convem mais viver do fructo do meu trabalho do que do fructo de intrigas; e senão sou senador é porque me parece mais honesto vender os meus escriptos do que a minha consciencia.»

Para o fim de sua vida Bernardin achou protector em José Buonaparte, e Napoleão o tratou com alguma benignidade concedendo-lhe a cruz da legião de honra com uma pensão. Falleceu em 1814 tendo nascido em 1737.

A gravura que appresentâmos mostra Paulo e Virginia perdidos na floresta, ao voltar para casa depois de haverem acompanhado a escrava preta, e alcançado para ella perdão: fatigados, sem guia nem rumo, atormentados pela lembrança da inquietação que experimentariam suas extremosas mãis, iam desfalecer e desanimar de todo, e já Virginia dizia — Oh quanto custa fazer bem! — Em breve, porem, se ouvem latidos, um cão salta d'entre a relva basta, era *fiel*, o cão domestico companheiro de seus brinquedos, que viera com Domingos, preto velho da casa, que ancioso corria a ilha procurando os meninos; o animal os descobrira, e já os festejava quando o cançado preto lá ao longe lhes abria os braços. A Providencia trouxe alli negros dos que vagueavam nos mattos, que fazendo de troncos e ramadas uma especie de andas, restituiram o formoso par á materna habitação: então Virginia dizia enternecida: «Meu amigo, nunca Deus deixa uma boa acção sem recompensa.» — -

A gravura é de grande perfeição, e o gracioso desenho faz parte de uma serie pintada por Schopin e aberta pelo delicado buril de Eugenio Jazet. ***

TYPOS PORTUGUEZES.

O GALLEGO.

II.

VIDA, DICTOS E FEITOS DE LAZARO THOMÉ.

Resto ou escorralhas do Prologo. Item: De como Lazaro Thomé estava para padre e veio a cazar; e de como n'um anno de muita chuva e lazeira disse mal á sua vida por amor de umas boiças que tinha, e se resolveu na sua alta sabedoria a calcurriar da terra para Lisboa. Capitulo 1.

N'UM erudito, profundo, e famoso prologo, que o leitor ja leu ou não leu, prologo similhante ao qual nunca se fez prologo neste paiz (ao menos na minha opinião) nem porventura se fará os annos mais chegados, assentei eu os preliminares indispensaveis para estabelecer solidamente a sciencia gallega, galleguizante, galleguizadora, philo-callaica, ou como os que intendem do genio, manhas e nicas da nossa lingua virem que direito é. Mostrei ahi as diversas accepções da palavra gallego, e provei que materia de sciencia moral só era o gallego actualidade — o gallego dos fretes, da agua, dos recados — o gallego que pelo S. João e Natal, se não conduz a fortuna de Roma na barca de Cesar, carrega pelo menos nas costas a fortuna inteira de meia Lisboa, (e mais não arrebenta) — o gallego, que lida, sua, canta na taberna, puxa a bomba, dorme na pocilga, dança em Santo Amaro, e morre no hospital — o gallego, que leva a pedra d'ara, vae ver serrar a velha, e apanha pelos focinhos durante o entrudo com a luva besuntada de azeite e pós de sapatos — o gallego, emfim, a quem os saloios dizem *chiça*, os marujos grunhem como porco ás orelhas, e os garotos furam por debique os foles da gaita, ou tiram o suspiro ao barril, usança veneravel, e que deve ser protegida e fomentada, como a mais salutar providencia d'hygiene publica contra as pulmonias endemicas, se nos continuarem a macadamisar as ruas, e a deixarem-nas depois no ardor do estio á mercê dos pés dos homens, e dos pés de vento. Objecto de largos estudos tem sido para mim a existencia d'este ente admiravel sobre cujos hombros descança quasi todo o peso da republica, e que apesar disso as classes que andam de corpo direito tractam com ingrato despreso, sem se lembrarem de que um dia póde haver uma conjuração universal de gallegos, e retirarem-se todos de repente para a terra, como Achilles para a tenda; e eu quero ver o que depois fazem os negociantes com as caixas de fazenda na alfandega, e os mercadores, e os tendeiros, e quem tiver que mandar cartas para o correio, e aquelle a quem pegar fogo em casa, e o que estiver sem pinga d'agua no pote, e a patrulha que encontrar um bebado estirado no meio da rua, ou um marujo com as tripas fóra para levar ao hospital, e quem precisar de uma parteira á pressa, e o tombo que levam as tabernas, e aquelle que sentir cocegas de atirar dous cachações sem saber a quem. Ha de ser bonito! Arripiam-se por ahi quando se falla no terremoto; mas o perigo do nosso deploravel descuido em trazer contentes os gallegos é que me arrepia a mim. Affigura-se-me Lisboa despovoada d'esta raça, dura como um verso inglez, e todavia mansa como um soldado do papa: o silencio substitue o borborinho; o largo das duas igrejas o do Carmo, o do Chafariz d'elrei, o poço do Borratem ficam desertos; o viço e frescura desapparecem por todos os angulos da immensa cidade. É uma Palmyra, uma Thebas do occidente, sobre a qual o sol abrazador da canicula bate, não por cima das pedras douradas pela mão dos seculos, por onde se arrasta o stellio e o cobrello, e corre o ichneumon ou a lagartixa, mas pelas trapeiras, aguas-furtadas, e ultimos andares, onde se hão-de ver as nymphas ullulando de sede com a lingua meio palmo de fóra, e tentando debalde soltar um *psio*. Miseras! — que no delirio da febre nem se lembrarão de que, pelas ruas da cidade condemnada, não tornará mais a soar o pregão harmonioso, consolador, refrigerante de *Iiüaiáágua!* É isto, quando em tal penso, que me traz embaçado, que me entisica, e que, mais dia menos dia, dá comigo em vasa-barris.

Entretanto para acudir a este horrivel futuro eu tenho fé na eloquencia, e na sciencia. É boa cousa a sciencia! — sobre tudo a dos factos. Aquella que ajuncta com o seu gancho litterario os casos que succedem em consequencia dos erros e maldade do povo, e desenrola o sudario sujo e ensanguentado das torpesas e crimes que se commettem nos cadozes da immoralidade; o escriptor que molha a penna nas sentinas da corrupção social, escreve a chronica do vicio, da brutesa, e da ferocidade, e arrumando o seu libello ás ventas do publico, lhe diz: «Que tal te cheira? —; este escriptor, digo, é um grande homem, e um grande philosopho. Quem quizer puxar pelo jus dos gallegos, ou fazer outra qualquer boa obra para melhorar a condição do genero-humano, tornar o povo mais virtuoso, admoestar os reis e os subditos, fazer reflorir a paz, a charidade, o christianismo nestas sociedades velhas, languinhentas, e sem crenças, não tem mais que esparrinhar o papel com a escuma fedorenta dos prostibulos, com o suor viscoso e verdoengo que mana das paredes de uma caverna de salteadores e assassinos, correr de noite pelas cidades e pelos campos, por baixo das arcadas, ou por entre os trigos, a apalpar com o bordão quantas cousas nauseabundas e sem nome poderem servir para o seu ramilhete de florinhas moraes, ata-lo com uma tamiça de phrases tortas e cadavericas, e atira-lo aos rebolões pelo prelo fóra. Os maravilhosos effeitos d'este systema conhecem-se a olhos vistos. As conversões são tantas que d'aqui a poucos annos não se anda meia legua sem encontrar um convento de cartuxos. É um louvar a Deus! — Se não fosse a nova moda de prégar a moral com o escandalo e com a immundicie, estavamos frescos! — Aonde iria a estas horas o christianismo?!

É verdade que ha ahi uns certos pataratas que argumentam contra o methodo de cultivar a moral no monturo da devassidão como quem cultiva abobaras em cima de uma estrumeira, e que nos vem dizendo que Fenelon quando quiz admoestar os principes e os povos não foi chafurdar nas ruas de Salé e de Marrocos ou n'uma senzala de negros; creou a sua ideal Salento: que Platão e Moro, inventaram, aquelle a sua republica, este a sua utopia, e não emporcalharam as paginas puras dos seus livros com o quadro da occulta corrupção d'Athenas, ou da côrte hypocrita de Isabel d'Inglaterra. Teimam que a maneira de erguer o que está cahido não é mergulhar-lhe a cabeça no enxurro, mas levantar-lha para o ceu; que a missão do escriptor é attrahir os olhos das turbas para o ideal, para a esperança, e para Deus, e não fazer que contem um a um os vermes das suas ulceras, e remoam o pão amassado com fel que devoram todos os dias; que o mister d'elle é persuadi-las de que só a resignação, o trabalho, a emenda dos costumes podem gradualmente melhorar a sua condição; provar-lhes que as classes mais altas não são culpadas da má organisação da sociedade, a qual nós não fizemos, mas recebemos ja feita das mãos de nossos antepassados, e que o reforma-la não póde ser obra de um anno nem talvez de um seculo; que se apesar de morigerado, de honesto, de laborioso o homem do povo vive desgraçado ás vezes, é impossivel não ter além da morte a sua recompensa, e que se a fé lh'o não assegurasse a simples consciencia lh'o dirá em voz bem alta se a interrogar. Isto affirmam os taes meliantes, e que as scenas torpes dos alcouces, das tabernas, das casas de ladrões e de jogo, só servem para habituar os que ainda não estão perdidos a deixarem-se perder, porque no cumulo do vicio e do crime ha um certo sublime infernal que nos subjuga e arrasta. Quanto mais talento — dizem aquellas rabugentas creaturas — quanto mais talento o escriptor tiver, mais infalliveis são os resultados do seu livro. Elle tem necessidade de dourar essas scenas que descreve; embrulhar a sua assafétida em cápsulas de gelea christallina; de cercar de idealidade o que de si é vil e baixo: sem isso provocaria o vomito: ninguem o leria. Assim elle se vê obrigado a trahir o povo, a leva-lo pelo sentimento do poetico, do bello, do que mais puro lhe poz na alma o Creador, ao último grau da degeneração; a guia-lo com a propria luz que lhe allumia ainda a mente a um calabouço de profundas trevas. «Isto é cruel e covarde! — exclamam elles —

Anathema ao que derrama entre a multidão as folhas soltas dos annaes das galés e das enxovias!»

Mas eu ca deixo-os gritar. Sou da eschola de Eugenio Sue — da eschola suina — porque... porque... não direi exactamente porque; mas sou. Quero, hei de esgaravatar nas pocilgas e enxurdeiros moraes d'esta terra; e pôr ao sol toda a trapagem que por lá achar. Os padres — não fallemos nisso! Hei de faze-los mais miudos que missanga (as missangas valem muito nesta nossa Guiné litteraria); hei-de chamar-lhes jesuitas, e fazer contra os jesuitas um romance da Deducção Chronologica, o que até me não custará muito porque a parte de invenção está alli prompta; o que falta é o fundo historico. Racho-os! — Nas horas vagas, ou naquellas horas prodigiosamente estupidas, em que a gente é incapaz de escrever cousa que geito tenha — e de que eu estava um pouco iscado quando escrevi o principal d'este prologo —; nessas horas maldictas, em que a imaginação se acha mais vazia que o coração de um hypocrita, irei basculhar o livro negro da intendencia, as partes de policia, as sentenças dos juizes correccionaes, e cortando á tesoura, d'aqui um bolieiro que saltou com a seje por cima do pé cheio de calos de um alfeloeiro italiano; d'acolá uma lavadeira que, atirando uma pedra para enxotar um porco de cima do estendal, quebrou as pernas a uma gallinha; d'alli um rapaz que accendendo uma bixa de rabiar deitou fogo a dez palheiros, e fez morrer muita gente, salvo seja, de fome; d'outro lado um gato que tombando da beira do telhado caiu com as unhas abertas sobre a anca d'um burro, e o burro com a dor atirou dous pinotes, e os pinotes com a sustancia que levavam apanharam um corcovado pelos peitos e endireitaram-no, e o corcunda, com a dor d'aquelle modo bruto de levantar a espinhella, mordeu n'um freguez de Mr. De Vitry, e o freguez de Mr. De Vitry por não poder pagar ao ex-giboso na mesma moeda foi-se queixar ás auctoridades constituidas e legitimas, que d'ahi armaram uma carrapata n'uns autos que engordaram tres escrivães; cortando, digo, estes e outros horrores similhantes daquelles registos infernaes, e grudando-os n'uma folha de papel, expo-la-hei aos olhos do publico para que elle veja e sinta, que debaixo dos apparentes progressos da agricultura, da industria, da civilisação material, chagas asquerosas corroem o corpo politico; que os bolieiros, os callos, as pedradas, as unhas, os couces, os dentes, a falta de dentes, e os escrivães que teem bons dentes, devoram a sociedade. Farei conhecer d'essa maneira ao povo miudo que é necessario que se converta, que se morigere, que salte no gallinheiro a todos os ricos, que faça uma lei agropilhária, escripta com o sangue d'esses cachorros, e que sobre tudo não me deixe um jesuita vivo. Os jesuitas são a minha ardencia: estamos comidos d'elles. Um livro contra os jesuitas é hoje, não sei se me ingano, o livro mais necessario em Portugal.

Mas emquanto não faço todas estas áfricas, vou-me ao gallego com unhas e dentes — unhas de gato e dentes d'escrivão: vou-me ao meu Lazaro-Thomé. Oh carissimos leitores e irmãos! — escutem-me bem a historia admiravel de Lazaro-Thomé. É uma historia politico-moral, durante cujo processo respirarão a atmosphera fedorenta, o ambiente suado e vinhoso, em que nada o bicho gallego. Vou-lhes com ella preparar uma revolução de gallegos contra os *cassacas*: se alguns ficarem estatelados debaixo das arrochadas do pau dos fretes, ou estoirados pela projecção parabólica de algum chouriço, tenham paciencia! É necessario moralisar o povo, e livrarmo-nos dos Loyolas. Morrem pela patria, e o morrer pela patria é doce; era-o pelo menos aqui ha annos, nas comedias do padre José Manoel, e d'Antonio Xavier. Eu não quero saber de desgraças: cumpro a minha obrigação de escriptor ethico-politico da eschola suina. Está acabado: é o meu *golpe d'ensaio*.

Acabado está, mas, é o papel. Deram a esta maldicta *Illustração* umas ensanchas tão apoquentadas, que um pobre reformador da sociedade, como eu, não póde fazer praça para illustrar o publico á sua vontade. Fique a epigraphe deste capitulo realisada só na sua primeira parte, e façam de conta que é mais um prospecto das publicações litterarias da nossa terra, que no prometter nunca são escaças. Em compensação irá o segundo capitulo desepigraphado.

A. HERCULANO.

O INGLEZ.

I.

ESTAS reflexões... não chegam a ser reflexões, estes pensamentos vagos, soltos, desconnexos talvez — vieram-me o outro dia á noite n'aquella linda representação da Thalia, em que olhos e alma tinham bem mais que fazer do que estar a reparar ou a pensar em tam sublunares objectos.

Estava alli aquella cynosura da galeria... Como ter sentidos e espirito para outra coisa? Pois quem, entre todos esses astros, contasse tambem uma estrella fixa, d'aquellas que dominam a existencia, que tolhem o alvedrio, que não deixam livre na vida nem o ver nem o pensar nem o sentir nem o querer, nem a razão nem a imaginação, nem!... — E elle ha d'essas estrellas? — Ha. — E quem se deixe dominar a esse ponto? — Tambem ha. — Rara phenix de mortal! Tomára conhecê-la. Chama-se?... — Não seja curiosa, minha senhora ou meu senhor. E deixe-me continuar a serie das minhas observações, distrahidas e preguiçosas observações.

Dizia eu e digo que ter alli olhos para outra coisa que não fôsse admirar, pensamento para mais do que para adorar a brilhante e variada constellação que resplandecia em torno do theatro por cima das nossas cabeças — era o quê? Era um verdadeiro peccado mortal. Pois fi-lo eu... e d'elle me confesso, e faço penitencia pública em lettra redonda.

Aqui está como foi.

Representava-se o FALLAR VERDADE A MENTIR, e ria toda a gente d'aquella caricatura de Inglez que tam bem feita foi. Ora porque será isto — disse eu commigo — d'onde vem que nos theatros do continente o Inglez é hoje um character tam eminentemente comico, tam popular, tam seguro de fazer rir, desde a platea ás torrinhas, todas as classes da sociedade sem excepção?

Mas um Inglez é coisa grave, séria, reflectida... Na fórma exterior uma das mais bellas e apuradas raças da familia humana; pelo espirito, não ha nada sublime, grande a que se não eleve... O Inglez é bravo, é leal, é imprehendedor — franco e generoso, ricco e instruido, bello, valente, nobre... E faz rir!

De que se rirá ésta pateta d'esta Europa, e que acha ella n'um Inglez para a fazer rir? Por que lá isso rir, ri ella: mas de quê? Não sei.

Apanhei a Europa na sua maior e mais espantosa contradicção.

E senão, vejam.

O inglez alarga as calsas, enche-se o mundo de varinos e suliotas. Desce elle as cinturas, pomo-nos todos com o fatto pelos quadriz. Tosquia-se, ficamos todos chamorros. Deixa crescer as guedelhas, não se ve senão nazarenos e sansimonianos por essas ruas. Gosta de cavallos, faz correr cavallos, — de Lisboa a San'Petersburgo todos os rapazes querem ser jocqueys e ciganos. O frac e a ponte pensil, o cha preto e os caminhos de ferro, o mackadam e as botas invernisadas, o systema constitucional e os colletes brancos, os romanticos e os barcos de vapor, os dandys e as companhias monstros, as tragedias em que se ri e as comedias para chorar, os exchequer-bills e os cocheiros de cabelleira branca, tudo nos vem, tudo imitamos, tudo exaggerâmos dos inglezes.

Nós é que somos os macacos, e nós é que nos rimos!...

Se nós lhes vamos buscar as modas, os usos, as invenções uteis e agradaveis, tudo, — se lhes vamos estudar a vida para a imitar, porque razão nos rimos quando elles ca véem?...

É que — parece-me que achei a solução do problema — o Inglez não foi feito senão para Inglaterra.

Quem é que nunca se riu de um Inglez em Londres?

Embarquemos ahi no Lady-Mary-Wood, cheguemos a Falmouth, tomemos o stage, ca estamos em Londres. Desembarcâmos aopé d'aquelle Coffe-house. Entremos. Sancto Deus! que tristeza, que silencio! John Bull, gordo, vermelho e taciturno, com o chapeu na cabeça e tres sobrecasacas ás costas — está gravemente sentado deante de uma enorme perna de boi, sem osso, assada ou cosida, flanqueada de um pote de cerveja e do Times. João corta, bebe, lê, mastiga de vagar e por intervallos, não falla, não ri, não olha para ninguem. So de tempo a tempo: — Waiter! — Sir. — More bier. — Yess Sir. Comeu, leu, bebeu, pagou — e foi-se sem dizer, talvez sem ver nem ouvir nem sentir mais nada.

Vistamo-nos, tomemos um coche, vamos a Kensington-gardens. São 4 horas, não chove hoje, coisa rara! — e alli veremos reunidos todo o rank and fashion dos tres reinos. Um immenso número de equipagens, a qual mais luzida e elegante, espera á entrada dos jardins. Uma banda militar toca o mais escolhido da Favoritta, dos Puritanos, da Lucrecia. — Entramos. Quem não pasma do que aqui ve é estupido.

Que mulheres tam bellas, tam finas, que puresa de sangue! Não ha o bemposto da franceza nem a graça o desgarre d'aquelle vestir, d'aquelle andar, d'aquelle *estar* inimitavel. Mas ha garbo senhoril, ha frescura, ha puresa de feições, ha esbelto de fórmas, riqueza de trajos, e um tam perfeito tam completo ar de gentileza! E são tantas e tantas, e todas assim!... Onde guarda ésta gente as feias?

E não me venham com as graças francezas, o salero Castelhano, a singeleza allemam e... Sabemos isso muito bem.

Mais e melhor que tudo isso é a suavidade angelica, é a incomparavel espritualidade, a maviosa e quasi melancholica expressão da formosura portuguesa.

É certo, é a phenix de toda a bellesa... e rara de incontrar como a sobreditta ave que é seu typo.

Che vi sia ciascun lo dice,
Ove sia...

Não se póde concluir com o poeta, *nessun lo sa;* mas, se ha muito quem o saiba, ha pouco que saber.

Em Inglaterra é exactamente o contrário.

E em tudo isto, n'estes Inglezes, n'estes Inglezes de Inglaterra, acharam alguma coisa de que se rir? Não.

Pois continuaremos a conversar a este respeito, que vale a pena.

A. G.

ROMANCE.

O PALACIO DO DIABO. *

(CHRONICA DO SECULO X.)

VIRAM os nossos leitores a fachada magnifica da basilica de Santo Ambrosio, estampada em o n.º precedente; notavel é o templo pela architectura, e glorioso pela recordação do prelado, doutor da igreja, que é seu padroeiro e orago pela justa rasão que sabem os que leem a historia ecclesiastica, que segundo eu penso não serão muitos. Ahi teve logar a coroação do imperador eleito: o arcebispo de Milão cingiu-lhe a fronte com o diadema dos monarchas da Lombardia, diadema que tambem coroou Carlos 5.º

* Continuado de pag. 7.

no 16.° seculo, e em nossos dias o imperador Napoleão. Concluida a ceremonia, houve um colloquio entre o germano Othão e o conde de Mantua, que dahi a uma hora ja tractava por filho o filho do conde de Verona, Adalberto, defensor de Adelaide, e por esta real senhora protegido.

A generosidade do fallecido Lothario concedêra ao mancebo Adalberto o feudo de Suismantium; mas nunca este visitára o seu novo patrimonio no decurso de oito annos de posse; desfructava-o por arrendamento modico a familia de Conrado, ancião estimado pelo conde pai, e que por toda a parte acompanhava seu amo joven, obedecendo mas aconselhando, com o zelo e interesse do homem humilde e leal, que em casa opulenta trouxera nos braços aquelles a quem chama complacente os seus meninos.

O proximo casamento com Isabel, tão suspirada alliança desde o torneio de Verona, lembrou ao castellão de Suismantium a vida pacifica e domestica depois da lida dos combates e dos apuros dos assedios; quiz ver a sua possessão, reparar o seu castello para digna residencia da consorte, que o seu coração escolhêra. Em dia aprasado tomou o caminho da nova habitação, recompensa, ao que elle cuidava, de suas fadigas e desvelos. Ao pôr do sol chegaram á falda dos Apenninos. Seguido pelo fiel Conrado atravessára planicies ferteis, regadas pelas aguas que descem das serranias, e por entre searas, vinhas e pomares, por veredas orladas de lamedas frondosas. Vêr, porém, que esta scena aprazivel desapparece ao mesmo tempo que a luz diurna, entrar no desfiladeiro de montanhas ingremes e asperas, por trilhos mal frequentados e precipitosos, é dura transição, que forçosamente causa impressão dolorosa. Quanto mais o senhor de Suismantium progredia, tanto maior era a repugnancia que lhe inspirava a casa, propria sim, mas que ainda não vira; assaltava-o profundo accesso de melancholia. Mudo ia Conrado apoz elle; e o mancebo querendo desafogar-se da oppressão que o molestava fez signal ao velho que se approximasse, e perguntou-lhe logo sem preambulos, como quem para distrahir-se busca encetar conversação. — «Que pensas, amigo honrado, desta magestosa estrada por onde vamos ao meu castello.» — Que heide eu pensar?... É muito triste.» — Triste como tu, que és velho e rabujento. — Mas vendo o mancebo que o companheiro se calára, continuou. — «E devias estar contente porque vais ver a tua familia de que ha cinco annos andas ausente.» — «A minha familia não me dá cuidado; sei que vão bem.» — O accento da voz de Conrado era pausado, monotono, agourento; dissera-se que algum pensamento afflictivo o perseguia ao largar aquellas palavras.

— «Que tens?... Porque rasão te deixas possuir do terror que infundem estes sitios bravios e ermos? — » Estes sitios!... » E o velho levantou a cabeça, olhou ao redor de si, e respondeu — » Não é nada disso.» — Então o que é?» — reperguntou Adalberto já com visos d'impaciencia. — » E sois vós, senhor meu, que m'o perguntais!...» — Explica-te; o que queres dizer, Conrado?» — O mancebo estava ao mesmo tempo incitado pela curiosidade e assustado. O velho dizia então para comsigo: elle hade sabê-lo; mais cedo ou mais tarde, tudo vem a dar no mesmo. — » Pois não te explicas!...» — Já, já, meu amo, neste mesmo momento... Eu não sei se devo...» — O velho emmudeceu subitamente. Desembocavam n'um valle fundo e selvagem: fronteiro viam o monte Gotra com toda a sua magestade: na lomba desta serra avultava uma torre quadrada, de construcção antiga e grosseira, e por entre as ameias divisava-se um objecto semelhante a um ponto negro com uma centelha por cima, que se movia e mudava de logar, apparecendo agora, e logo occultando-se para tornar a mostrar-se no mesmo sitio. Conrado estremeceu, tiritou como se de improviso lhe dessem as mais violentas terçãas; estendeu o braço direito para a torre; em seguida tapou com as mãos o rosto, e largando assim as redeas, o cavallo arremetteu para o valle: Adalberto apertou com o seu, fez quanto pode para alcançar o creado; mas dahi a poucos passos viu afundarem-se cavallo e cavalleiro n'um abismo, e apenas poude perceber estas ultimas palavras do velho e fiel servo, que ainda no momento extremo quiz testemunhar-lhe o seu affecto. — » Não chegueis lá...» — E depois o som da voz extinguiu-se na immensa profundidade do precipicio, sentindo-se tão somente o roçar das folhas, o estalar dos troncos partidos, e um prolongado gemido; a final era o silencio da morte. — Adalberto poz pé em terra, orou devotamente, e pagou copioso tributo de lagrimas ao seu leal vassallo. *(Continúa.)*

VARIEDADES.

CAVALLARIA LIGEIRA.



A tactica está muito adiantada: aperfeiçoe-se tambem pelo que respeita ao garbo da milicia, e á escolha do pessoal conforme as diversas armas. Eis o figurino que para uma nova cavallaria ligeira em França, apresentou a *Illustration* de Paris n.° 74, de 25 de julho 1844.

CHRONICA LISBONENSE.

Depois da esplendida festa do baptismo Real o sitio de Belem tem continuado a ser visitado por muitos milhares de curiosos, para verem o magestoso templo onde se celebrou a augusta ceremonia, e para a qual foi sumptuosamente adereçado. Isto tem produzido um magnifico rendimento á companhia dos Omnibus, que bem o merece e o precisa — foi uma providencia.

N'uma cidade como ésta nossa gentil Lisboa, cercada de tão lindos arrabaldes e pittorescos arredores, é uma pena não haver mais frequencia n'esses logares aprazíveis, que assim se engrandeceriam, e com que a hygiene dos frequentadores muito aproveitaria. Belem é na realidade um lindo sitio. Só Quintas-reaes não tem menos de tres. E as suas bellas alturas de Ajuda! a formosa rua da Junqueira guarnecida de palacios e de alas de arvoredo debruçado sôbre o Tejo! o caes! o largo dos Jeronimos com o monumental edificio d'um lado, do outro as ondas espriguiçando-se por arêa limpida, com as novas arvorezinhas florejando entre ellas; quasi tocando a terra os botes e os saveiros, e pouco mais longe os navios deslisando-se rapidos pelo espelhado das aguas. É um lindo sitio o de Belem! Pois no tempo dos banhos...

Ja que fallámos na rua da Junqueira... como que se vai tornando o burgo dos grandes capitalistas. La se vê o bonito palacio do Barão d'esse titulo: lá está outro soberbo palacio onde o Barão da Folgosa projecta obras grandiosas; e lá acaba de comprar o Sr. S. Romão uma boa casa com proporções para um bello edificio. Assim a Repartição da Marinha, ou a quem isso de direito pertence, curasse de conservar e alindar o arvoredo, que se póde tornar um passeio dilicioso; sem Tejo nem Douro entre hervas, é verdade, sem sereias nem cascatas; mas áborda do rio, que nas manhans ou nas noites do nosso bello clima, em quadra amena, seria deleitoso de gozar.

O inverno ainda se não foi de todo; não só porque o mau tempo nos não quer deixar, mas tambem porque os bailes ainda continuam com a mesma influencia. Como haviamos previsto, o sarau da Academia Philarmonica esteve esplendido, principalmente por uma circumstancia — raríssima em taes reuniões — o numero das damas era muito superior ao dos cavalheiros. A *Maria Padilha* ensaiada pelo Socio Honorario o Sr. Carrara, foi maravilhosamente executada. O serviço foi excellente e abundante, e as sallas estavam adereçadas com esmero. Por entre um bosque de lindas flores, continuado desde a porta até ao último pavimento, se gozava da entrada das gentis Convidadas — flores não menos bellas no mimo, e mais seductoras na graça.

Calculámos o número dos concorrentes sobre quatrocentos; mas Lisboa tem gente para tudo quando ha gôsto para as coisas: na mesma noite houve beneficio no theatro da Rua-dos-Condes, e a Assemblea Philarmonica dava o seu costumado concerto-de-familia, onde estiveram quasi duzentas pessoas.

Domingo abriu-se o theatro das Larangeiras com a esplendida concorrencia do costume. As peças foram duas, uma em francez Les pанniers de Mademoiselle, outra em portuguez As tres Polkas.

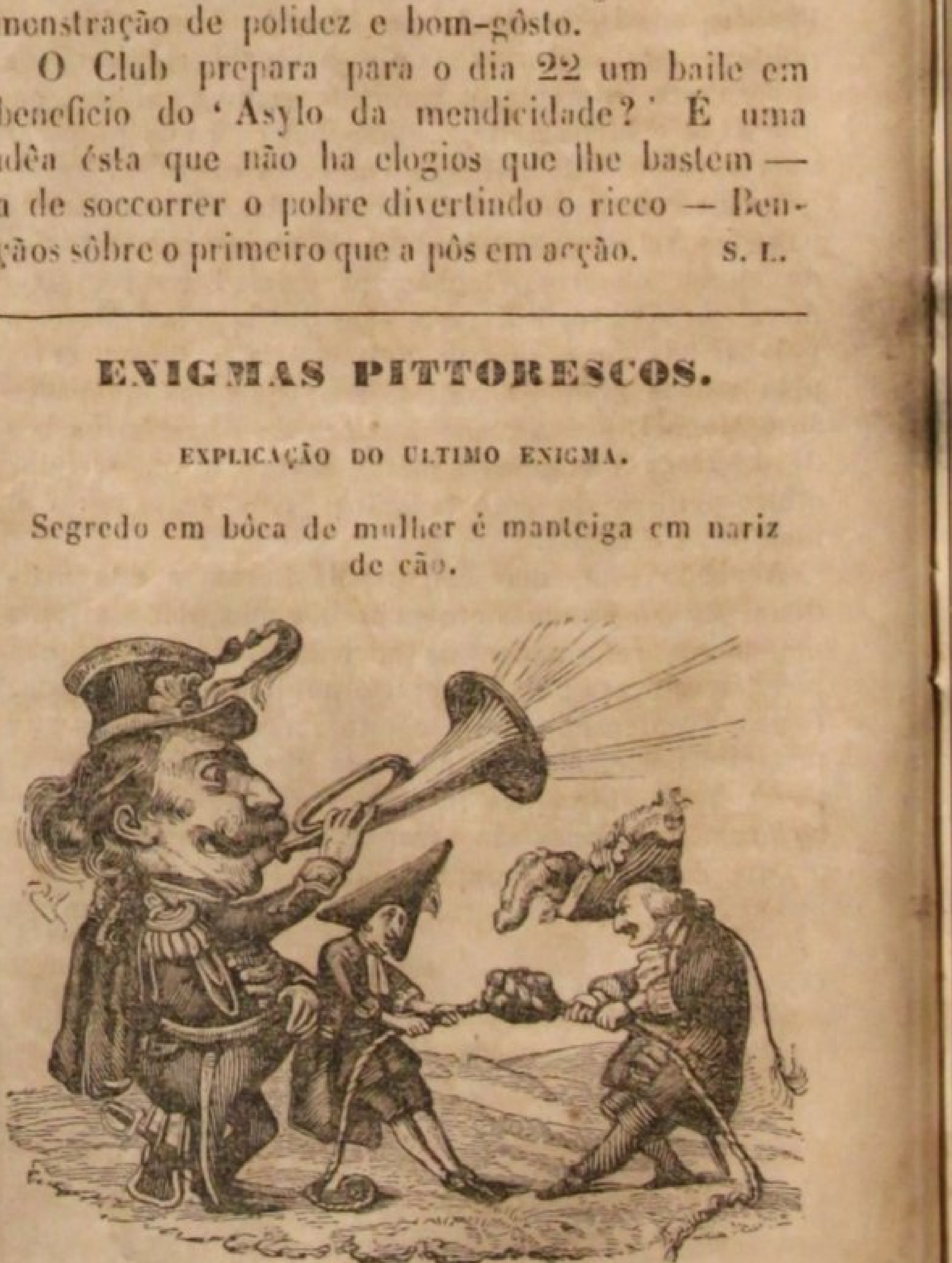
Mas um sarau verdadeiramente brilhante a todos os respeitos foi o que admirámos hontem em casa do Sr. H... A elegancia das salas e escada, a sumptuosidade do serviço, o número e qualidade dos convidados, a riqueza do fardamento dos criados, deram uma agradavel demonstração de polidez e bom-gôsto.

O Club prepara para o dia 22 um baile em beneficio do 'Asylo da mendicidade?' É uma idêa ésta que não ha elogios que lhe bastem — a de soccorrer o pobre divertindo o ricco — Bençãos sôbre o primeiro que a pôs em acção. S. L.

ENIGMAS PITTORESCOS.

EXPLICAÇÃO DO ULTIMO ENIGMA.

Segredo em bôca de mulher é manteiga em nariz de cão.



SUMMARIO.

A POLKA.

Estes acontecimentos memoraveis que fazem epocha na história dos costumes dos povos — estes progressos sociaes que invadem todas as classes de cidadãos — a moda emfim que começa quasi sempre por um brinquedo ou um capricho, e acaba por ser a senhora despotica do seu tempo — é conveniente investigal-os na sua origem, estudal-os no seu desinvolvimento, e historial-os quando estabelecidos. Não se julgue que gracejo. A polka é uma coisa séria e muito séria. Pela antiguidade, é conhecida quasi desde o diluvio; pela esthetica é uma das mais graciosas invenções sublunares; e pelo lado moral é tão importante que o genero humano se agarrou todo a ella. — As senhoras enthusiasmaram-se com a novidade, e os homens tambem... E a rasão?... Foi a moda.

Não tenho logar para reflexões nem longos preliminares. Fui o apostolo da polka em Portugal (por quem são! consintam-me ao menos ésta vaidadesinha...). Apenas nas margens do Sena soou a primeira arcada guinxando — POLKAI, rangiu nas do Tejo a minha penna escrevendo — POLKAI. N'este caso pertencia-me tambem ser o historiador da polka; e vou desempenhar-me.

Dividirei a história da polka em duas grandes epochas: a primeira será desde a mais remota antiguidade, quanto possam alcançar os documentos authenticos comprovativos, até á sua invasão nos salões de Paris: a segunda desde este memoravel successo, até á sua introducção em Portugal; e tractarei então das modificações feitas em Paris á polka original pelos professores polkistas. A primeira parte damol-a hoje, a segunda será tambem quanto antes porque Therpsichore nos está dizendo ao ouvido que para este inverno teremos que tractar da mazurek, que ja triumpha da sua rival nos salões da aristocracia ingleza.



Na estampa que aqui damos veem os leitores a *polka typo*, a verdadeira polka como se dança na Bohemia; porque os meus leitores devem saber que a polka depois de haver andado por Troia, Grecia, e Roma, fixou-se na Bohemia d'onde, no penultimo inverno, foi exportada para França.

Um grave historiador da polka, homem eruditissimo que ja antes de mim tractou d'este importante assumpto e do qual vou colher a maior parte das minhas citações archeologicas, diz-nos que a unica passagem de Sanchoniaton, contemporaneo de Moisés, que póde chegar ás nossas mãos conservada por Pausanias, testifica que a polka se dançava á roda da estatua da deusa Astartéa, em Sidon, na epocha em que as raparigas bonitas pagavam dote ás feias... Herodoto [1] escreve que Socrates executava polkas que Aspasia lhe havia ensinado. O taciturno Catão tinha sessenta annos quando aprendeu a polka para dançar n'um baile. [2] Juvenal conta-nos que Batyllo dançando a polka absorvia todas as attenções do imperio. [3] As romanas eram umas polkistas desesperadas; e Horacio diz que a polka chegára na Jonia a grande perfeição. [4]

Sobre tudo porém o que ha de mais extraordinario na historia da polka é achar-se ella ao mesmo tempo no Oriente e no Occidente. Para não accumular citações peço aos leitores que acreditem sôbre minha palavra que em todos os tempos se tem polkado no Industão na solemnidade da procissão de Jaggarnatha. No cazamento do sultão Selgint-Malek com a filha do califa Abassida-Mostadi, celebrado em Bagdad em 1807, dançaram-se 18:000 polkas. Os derviches dos turcos tambem polkam; e cita-se um tal Menelau com tamanha vis polkante, que polkou quatorze dias a fio sem descanço ao som da flauta d'um seu companheiro.

Ja em 1578 era a polka conhecida dos inglezes, porque o navegante John Davis quando descobriu o estreito a que pôs o seu nome, obrigou a sua equipagem a dançar a polka, para obter a confiança dos indigenas que vieram ao seu incontro. [5]

Mas o muito sabio historiador a que acima nos referimos citando muitos nomes de personagens illustres que dançaram a polka, não póde obter nenhum documento nas suas zelosas investigações por onde conste que Tirteu, Vulcano, Tamorlão, lord Byron, ou Talleyrand, dançassem a polka. Eu acredito que nunca a dançaram; bem se sabe porquê.

Não tive tempo de manusear o nosso mui veridico historiador do Oriente F. M. Pinto, mas não duvido de que elle falle da polka japoneza; e estou certo que se apparecesse o manuscripto do jornal de Magalhães, la se achariam importantes revelações sobre a polka da Patagonia, e outras regiões da America. Pelo que toca á Ethiopia e outras partes da Africa, não ha dúvida que Francisco Alvares nos deve dar relação da polka africana; porque eu estou certo que a polka foi instituida, inventada, creada, ou como melhor pareça, na occasião da edificação da torre-de-babel, e que de la os homens disseminando-se por todo o globo a ensinaram a seus descendentes, e por isso em toda a parte da terra se polka, e em todos os tempos se polkou. Tenho cá minhas razões para dar ésta origem á polka, que talvez não sejam difficeis de penetrar pelos meus leitores...

Ora, para não ficar nada no tinteiro, ainda que rapidamente tracte de tudo, não quero deixar de fallar na etymologia da palavra polka. O illustre escriptor a que ja por duas vezes nos temos referido, analysando este termo diz que elle vem de dois vocabulos gregos, e que sendo assim significa OLHO DA CIVILISAÇÃO... Deixarei aos leitores moralisarem ésta bellissima accepção.

S. L.

1 *Vida de Socrates* t. 1.° p. 308; edição de Paris.

2 *Tractado hist. de dança*, por Cahusac. 3.° v. p. 87; ed. de Paris.

3 .... *Tuca gonuit*
Sicut in amplexu, molli polkante Batyllo.
(Satyra VI.)

4 *Polcos doceri gaudet Ionicas*
Matura virgo............
(Odes, Liv. III.)

5 Hist. des Voy. v 2, p. 401.

ROMANCE.

O ALCAIDE DE SANTAREM. *

II.

950.

ENTRE DOIS FILHOS.

Nos paços de Azzahrat, o magnifico alcaçar dos kalifas de Cordova, ha muitas horas que cessou o estrepito de uma grande festa. O luar de noite serena d'Abril bate pelos jardins que se dilatam desde o alcaçar até o Guad-el-kébir, e alveja tremulo pelas fitas cinzentas dos caminhos tortuosos, em que parecem enredados os bosquesinhos de arbustos, os macissos de arvores silvestres, as veigas de flores, os vergeis embalsamados, onde a larangeira, o limoeiro, e as demais arvores fructiferas, trazidas da Persia, da Syria, e do Cathay, espalham os aromas variados das suas flores. Lá ao longe Cordova, a capital da Hespanha mussulmana repousa da lida diurna, porque sabe que Abderrahman III, o illustre kalifa, vela pela segurança do imperio. A vasta cidade repousa profundamente; e o ruido mal distincto que parece revoar por cima d'ella é apenas o respiro lento dos seus largos pulmões, o bater regular das suas robustas arterias. Das almadenas de seiscentas mesquitas não soa uma unica voz de almohaden, e os sinos das igrejas mozarabes guardam tambem silencio. As ruas, as praças, os azokes ou mercados estão desertos. Somente o murmurio das novecentas fontes ou banhos publicos, destinados ás abluções dos crentes, ajuda o zumbido nocturno da sumptuosa rival de Bagdad.

Que festa fôra essa que expirára algumas horas antes de nascer a lua, e de tingir com a brancura pallida de sua luz aquelles dous vultos enormes de Azzahrat e de Cordova que olham um para outro, a cinco milhas de distancia, como dois phantasmas gigantes involtos em largos sudarios? Na manhan do dia que findára, El-Hakem o filho mais velho de Abderrahman fôra associado ao throno. Os walis, wasires e khatebs da monarchia ommyada tinham vindo reconhecel-o Wali-el-ahdi; isto é, futuro kalifa de Andalos e do Maghreb. Era uma idéa affagada longamente pelo velho principe dos crentes, que se realisára, e o jubilo de Abderrahman se havia espraiado d'uma d'essas festas, por assim dizer fabulosas, que só sabia dar no seculo X a côrte mais polida da Europa, e talvez do mundo, a do soberano sarraceno da Hespanha.

O palacio Merwan, junto dos muros de Cordova, distingue-se á claridade duvidosa da noite pelas suas fórmas macissas e rectangulares: e a sua côr tisnada, bafo dos seculos que entristece e sanctifica os monumentos, contrasta com as cupulas aereas e douradas dos edificios, com as almadenas esguias e leves das mesquitas, e com os campanarios christãos, cuja tez docemente pallida suavisa ainda mais o molle raio de luar que se quebra naquelles estreitos pannos de pedra branca, d'onde não se reflecte, mas cae na terra preguiçoso e dormente. Como Azzahrat e como Cordova, callado e apparentemente tranquillo, o palacio Merwan, a antiga morada dos primeiros kalifas, suscita idéas sinistras, em quanto o aspecto da cidade e da villa imperial unicamente inspiram um sentimento de quietação e paz. Não é só a negridão das suas vastas muralhas a que produz essa apertura do coração que experimenta quem o considera assim solitario e carrancudo: é tambem o clarão avermelhado que ressumbra da mais alta das raras frestas abertas na face exterior da sua torre albarran — a maior de todas as que o cercam, a que atalaia a campanha. Aquella luz no ponto mais elevado do grande e escuro vulto da torre, é como um olho de demonio, que contempla colerico a paz profunda do imperio, e que espera ancioso o dia em que renasçam as luctas e as devastações de que por mais de dois seculos fora theatro o solo ensanguentado da Hespanha.

Alguem vela talvez no paço de Merwan. No de Azzahrat, — posto que nenhuma luz bruxulee nos centenares de varandas, de miradouros, de porticos, de balcões, que lhe arrendam o immenso circuito — alguem vela por certo.

A sala denominada do Kalifa, a mais espaçosa entre

* Continuado de pag. 8.

tantos aposentos quantos encerra aquelle rei dos edificios, devêra a éstas horas mortas estar deserta, e não o está. Dois lampadarios de muitos lumes pendem dos artesões primorosamente lavrados, que cruzando-se em angulos rectos servem de moldura ao almofadado de azul e ouro, que reveste as paredes e o tecto. A agua de fonte perenne murmura cahindo n'um tanque de marmore construido no centro do aposento; e no topo da sala ergue-se o throno de Abderrahman, alcatifado dos mais ricos tapetes do paiz de Fars. Abderrahman está ahi sosinho. O kalifa passeia de um para outro lado, com olhar inquieto, e de instante a instante pára e escuta, como se esperasse ouvir um ruido longinquo. No seu gesto e meneios pinta-se a mais viva anciedade; porque o unico ruido que lhe fere os ouvidos é o dos proprios passos sobre o xadrez variegado, que fórma o pavimento da immensa quadra. Passado algum tempo uma porta escondida entre os brocados que forram os lados do throno abre-se lentamente, e uma nova personagem apparece. No rosto de Abderrahman pinta-se ao ve-lo approximar uma inquietação ainda mais viva.

O recem-chegado appresentava um notavel contraste no seu gesto e vestiduras com as pompas do logar em que se introduzia, e com o aspecto magestoso de Abderrahman, ainda bello apesar dos annos e das cans que começavam a misturar-se-lhe na longa e espessa barba negra. Os pés do que entrára apenas faziam um rumor sumido no chão de marmore. Vinha descalço: a sua aljarabia ou tunica era de lan grosseiramente tecida, o cincto uma corda de esparto. Divisava-se-lhe porêm no despejo do andar e na firmesa dos movimentos que nenhum espanto produzia nelle aquella magnificencia. Não era velho, e todavia a sua tez tostada pelas injurias do tempo estava sulcada de rugas, e uma orla vermelha circulava-lhe os olhos, negros, encovados e reluzentes. Chegando aopé do kalifa, que ficára immovel, cruzou os braços, e poz-se a contempla-lo callado. Abderrahman foi o primeiro em romper o silencio:

«Tardaste muito, e foste menos pontual do que costumas, quando annuncias a tua vinda a hora fixa, El-Muulin! Uma visita tua é sempre triste como o teu nome. Nunca entraste a occultas em Azzahrat, senão para me saciares de amargura; mas apesar disso eu não deixarei de abençoar a tua presença, porque El-Gafir — dizem-no todos e eu creio-o — é um homem de Deus. Que vens annunciar-me, ou que pertendes de mim?

«Emir-al-muminin [1], que póde pertender de ti um homem cujos dias se passam á sombra dos tumulos pelos cemiterios, e a cujas noites de oração basta por abrigo o portico de um templo; cujos olhos tem queimado o chôro, e que não esquece um instante que tudo neste desterro — a dôr e o goso, a morte, e a vida — está escripto la em cima? Que venho annunciar-te?... O mal; porque só mal ha na terra para o homem, que vive como tu, como eu, como todos, entre o appetite e o amor; entre o mundo e Eblis — isto é entre os seus eternos e implacaveis inimigos!»

«Vens, pois, annunciar-me uma desventura?!... Cumpra-se a vontade de Deus. Tenho reinado perto de quarenta annos, sempre poderoso, vencedor e respeitado; todas as minhas ambições tem sido satisfeitas, todos os meus desejos preenchidos; e todavia nesta longa carreira de gloria e prosperidade so fui inteiramente feliz quatorze dias da minha vida. [2] Hoje pensava que fosse o decimo quinto. Devo acaso apaga-lo do registo em que conservo a memoria d'elles, e em que ja o tinha escripto?

«Podes apaga-lo — replicou o rude fakih: — podes até rasgar todas as folhas brancas que restam no livro. Kalifa! — vês éstas faces aradas pelas lagrymas? — vês éstas palpebras requeimadas por ellas? — Duro é o teu coração, mais que o meu, se em breve as tuas palpebras e as tuas faces não estão similhantes ás minhas.»

O sangue tingiu o rosto alvo e suavemente pallido de Abderrahman: os seus olhos serenos como o ceu, que imitavam na côr, tomaram a terrivel expressão que elle costumava dar-lhes no revolver dos combates, olhar esse que so por si fazia recuar os inimigos. O fakih não se moveu, e poz-se a olhar tambem para elle fito.

«El-Muulin, o herdeiro dos Ommyadas póde chorar arrependido de seus erros diante de Deus; mas quem disser que ha neste mundo desventura capaz de lhe arrancar uma lagryma, diz-lhe elle que mentiu.»

Os cantos da bôca de El-Gafir encresparam-se com um quasi imperceptivel sorriso. — Houve um largo espaço de silencio. Abderrahman não o interrompeu: o fakih proseguiu:

« Emir-al-muminin, qual de teus dois filhos amas tu mais? — El-Hakem o successor do throno, o bom e generoso El-Hakem, ou Abdallah, o sabio e guerreiro Abdallah, o idolo do povo de Cordova?»

Oh — replicou o kalifa sorrindo, — ja sei o que me queres dizer. Devias prever que a nova viria tarde, e que eu havia de sabe-lo. Os christãos passaram a um tempo as fronteiras do norte e do oriente. Meu velho tio El-Moddhafer ja depoz a espada victoriosa, e cres necessario expor a vida de um d'elles aos golpes dos infieis. Vens prophetisar-me a morte do que partir? — não é isto? Fakih, creio em ti, que és acceito ao senhor; mas ainda creio mais na estrella dos Ommyadas. Se eu amasse um mais do que outro não hesitaria na escolha: fôra esse que eu mandára, não á morte, mas ao triumpho. Mas se essas são as tuas previsões e ellas teem de realisar-se, Deus é grande. Que melhor leito de morte posso eu desejar a meus filhos do que um campo de batalha em el-djihed [3] contra os infieis?»

El-Gafir escutou Abderrahman sem o menor signal d'impaciencia. Quando elle acabou de fallar repetiu tranquillamente a pergunta:

«Kalifa, qual amas tu mais dos teus dois filhos?»

«Quando a imagem pura e sancta do meu bom El-Hakem se me representa no espirito, amo mais El-Hakem: quando com os olhos da alma vejo o nobre e altivo gesto, a fronte vasta e intelligente do meu Abdallah, amo-o mais a elle. Como te posso eu pois responder, fakih?»

«E todavia é necessario que escolhas, hoje mesmo — neste momento — entre um e outro. Um d'elles deve morrer na proxima noite, obscuramente, nestes paços, aqui mesmo talvez — sem gloria, debaixo do cutello do algoz, ou do punhal do assassino.»

Abderrahman recuára ao ouvir éstas palavras: o suor começou a descer-lhe em bagas da fronte. Bem que tivesse mostrado uma firmesa fingida, sentíra apertar-se-lhe o coração desde que o fakih começára a fallar. A reputação d'illuminado de que gosava El-Muulin, o caracter supersticioso do kalifa, e mais que tudo o haverem-se verificado todas as negras prophecias que n'um longo decurso de annos elle lhe fizera, tudo contribuia para atterrar o principe dos crentes. Com voz tremula replicou:

«Deus é grande e justo. Que lhe fiz eu para me condemnar no fim da vida a perpetua afflicção, a ver correr o sangue de meus filhos queridos, ás mãos da deshonra ou da perfidia?»

«Deus é grande e justo: interrompeu o fakih. Acaso nunca fizeste correr injustamente o sangue? — nunca por odio brutal despedaçaste de dor nenhum coração de pae, de *irmão*, de amigo?

El-Muulin tinha carregado na palavra *irmão* com um accento singular. Abderrahman, possuido de mal refreado susto, não attentou por isso:

«Posso eu accreditar uma tão estranha, direi antes tão incrivel prophecia, exclamou elle por fim, sem que me expliques o modo porque se deve realisar esse terrivel successo; e como ha de o ferro do assassino ou do algoz vir dentro dos muros de Azzahrat verter o sangue de um dos filhos do kalifa de Cordova, cujo nome, seja-me licito dize-lo, é o terror dos christãos, e a gloria do islamismo?»

El-Muulin tomou um ar imperioso e solemne, estendeu a mão para o throno, e disse:

Assenta-te, kalifa, no teu throno, e escuta-me, porque em nome da futura sorte de Andalos, da paz e prosperidade do imperio, e das vidas e repouso dos mussulmanos eu venho denunciar-te um grande crime. Que punas, que perdoes, esse crime tem de custar-te um filho. Successor do propheta, iman [4] da divina religião do Koran, escuta-me, porque é obrigação tua ouvir-me.

O tom inspirado com que El-Muulin fallava, a hora de alta noite, o negro mysterio que encerravam as palavras do fakih tinham subjugado a alma profundamente religiosa de Abderrahman. Machinalmente subiu ao throno, encruzou-se em cima da pilha de coxins em que elle rematava, e encostando ao punho o rosto demudado, disse com voz presa: Podes fallar, Suleyman-ben-Abd-El-Gafir.!»

Tomando então uma postura humilde, e cruzando os braços sobre o peito, El-Gafir, o triste, começou da seguinte maneira a sua narrativa.

(Continúa.) A. HERCULANO.

1 *Principe dos crentes*, titulo correspondente ao de kalifa.
2 Historico.

3 Guerra-sancta.
4 Pontifice. Os kalifas reuniam em si o summo imperio, e o summo pontificado.

ROMANCE.

O PALACIO DO DIABO. *

(CHRONICA DO SECULO X.)

Não era passada uma hora, cavalgava Adalberto na direcção que indicára o desventuroso Conrado. Afflicto e desalentado, meditando no segredo que o acabamento inesperado deste lhe não permittíra conhecer, tomou por mau presagio das nupcias o accidente funesto: as últimas palavras de Conrado de certo se referiam ao castello; porem uma força irresistivel o impellia para Suismantium, sem que ousasse erguer olhos para a torre colossal: trepou vagarosamente o Gotra; arduo era o accesso. Agitado sempre de inquietas cogitações, a menos de meia milha de distancia atreveu-se em fim a olhar para o seu dominio. Em pe no meio do torreão havia uma figura similhante no vulto a mulher, tendo na mão direita um facho resinoso que meneava por cima da cabeça: o phantasma parecia attentar fixamente no mancebo. Adalberto teve medo pela vez primeira, sentia afluir-lhe o sangue ao coração, mas encaminhava-se sempre para a sombra que o fascinava: tinha medo, mas não podia desviar d'aquella apparição a vista encandeada. Ao chegar ao pincaro do rochedo, base do castello, dava exactamente a meia-noite: o vulto negro arremeçou o facho para o declive da montanha; e de negro que era tornou-se n'um instante reluzente como um brazido ateado e que reflecte o clarão vermelho; levantando a voz rouca das cavernas do peito cantou palavras inintelligiveis de lingua barbara em tom triste e monotono, que o echo longamente repetiu pelas concavidades das fragas e gargantas do valle. Apoz isto desappareceu, e o mancebo cahiu privado dos sentidos no terreirinho fronteiro á ponte levadiça.

Quando Adalberto recobrou os sentidos despontava no horisonte o clarão da aurora: custou-lhe a recopilar todas as lembranças da vespera, e a recordar-se das causas do seu deliquio, e da catastrophe que o precedêra; todavia o ar matutino, puro e fresco, lhe restituiu gradualmente a energia de caracter, de que o dotára a natureza, e que se por momentos afrouxára, não era culpa d'elle, mas da ignorancia e superstição do seculo barbaro em que viera ao mundo, seculo de crimes e de milagres, de sublimes feitos e de imperdoaveis cobardias, de liberdade e escravidão, de demencia e crueldade; miscellanea incompativel de virtudes e de vicios, tendo tudo por origem a ignorancia crassissima. — A vista que o cavalleiro lançou em redor de si contribuiu para restabelecer-lhe o equilibrio das faculdades mentaes: a amenidade da scena patente a seus olhos o encheu de admiração: ja não eram precipicios e paiz selvatico que deixára atraz de si. Suismantium, inexpugnavel pela posição campeava sobre todo o monte Gotra, em que tinha as raizes o rochedo a pique, que lhe servia de base; dois ramos da montanha forrados de mattas verdejantes prolongavam-se entestando em outras serras menos altas, que formavam os limites do valle, que o mancebo atravessára, e que era fertil e ameno, girando por todo elle sinuosas torrentes, em que se desatavam innumeras cascatas rebentando das eminencias sobre-estantes, e assim alguns rios, nascediços do Gotra; — o valle era bem povoado de arvoredo, searas e vinhas. Todos os outeiros cheios de vegetação e vida, toda a caça que voava, os cabritos montezes que saltavam na penedia das terras altas, pertencia tudo a Suismantium; e esta habitação acastellada, dominando tudo, ja então não era para Adalberto a

* Continuado de pag. 11.

sombria residencia que se erguia como espectro a topetar com as nuvens e a sondar nas estrellas do firmamento um agouro sinistro. Cousa singular! O castello de que durante a noite quereria fugir, a preço da vida se preciso fosse, era agora por elle estimado com excesso, e não se saciava de contempla-lo e de o achar bello, e magestoso. Levou emfim a bosina á bôca, e retumbaram no ar tres sons distinctos e prolongados. Dahi a um instante desceram a ponte levadiça, abriu-se a porta, e o filho do conde de Verona achou-se n'um espaçoso pateo quadrado no meio dos seus vassallos. Vilfrido, filho de Conrado, e os mais homens livres do feudo tinham vindo render homenagem a seu amo e senhor. Adalberto, sentindo-se ainda abatido, quiz repousar logo das fadigas da jornada, e despediu aquella gente. Algumas horas de somno descançado lhe repararam as forças. Chamou depois o seu rendeiro e com elle visitou o dominio senhorial: milhares de vezes lhe acudiu á lembrança contar a Vilfrido o miseravel fim de Conrado; mas não quiz perturbar logo o contentamento de seus vassallos. No entanto chegou a noite e com ella as reminiscencias da antecedente. Assentado á mesa, Adalberto reflectia profundamente na sua aventura, quando Vilfrido entrou para servir-lhe a ceia; depois de collocar os pratos o vassallo dispunha-se a sahir, chamou-o porem o senhor perguntando-lhe « — Quem habita o torreão? — » O torreão! — respondeu Vilfrido, persinando-se assombrado; e apoz breve pausa accrescentou — « Ninguem, senhor. » — Então para que serve ao presente? » — « De nada » — A voz de Vilfrido era conhecidamente tremula: Adalberto bem o percebia, mas não ousava fazer-lhe perguntas directas ácerca do phantasma do torreão; e assim replicou — « Está pois completamente abandonado? » — De todo, senhor. » — Comtudo vão lá algumas vezes. » — Nunca, senhor, nunca! » — exclamou Vilfrido horrorisado. — » Porem lá vi luz hontem á noite » — Jesus! Meu pai nunca vos fallou nisso... não vos disse... » — Mas o que, o que? » — interrompeu Adalberto com anciedade — » Que essa torre é amaldiçoada (murmurou o rendeiro em voz baixa); que embora promettessem o castello com todas as suas annexas ao mais animoso dos vossos vassallos para entrar alli por um instante só, recusa-lo-hia. » — Mas, torno a perguntar, porque é isso? » — Supplico-vos, senhor, que não me façais mais interrogações ésta noite a tal respeito. Ámanhan, á luz do dia, contar-vos-hei tudo; mas agora... não poderia. » — « Pois fique para ámanhan: não é grande o teu animo, Vilfrido. — » Inquiri toda a gente do castello e seus arredores, e sabereis que Vilfrido, filho de Conrado, acha-se prompto sempre a quebrar uma lança e a medir a sua espada e forças tanto com um milanez como com um de Hungria, assim com um sarraceno como um franco; porém tratando-se de cousas sobrenaturaes, (ajuntou elle abaixando a voz e olhando para os cantos da casa) o filho de Conrado é tão fragil e medroso como qualquer mulher. » — « Então seja ámanhan: boas noites. » — Deus fique em vossa guarda, senhor, durante o vosso descanço. » E chegando-se a seu amo com demonstrações de sincera affeição, continuou — « Permitti-me todavia que passe a noite nesta sala com alguns aldeãos armados: para alguem chegar ao vosso leito será preciso abrir caminho por cima dos nossos cadaveres. » — Vilfrido, tu és de bom natural; mas que perigo sonhas? » — Talvez seja imaginario... talvez não tenha rasão de me assustar... comtudo, á cautela... » — Vilfrido correu a puxar o ferrolho da porta d'entrada, e voltando proseguiu — « Os meus ouvidos, senhor, ouviram á *mulher de fogo* pronunciar o vosso nome no meio do seu canto infernal. » — E quem é essa *mulher de fogo?* — Perguntou Adalberto, que começava a perceber. — « É o phantasma do torreão (respondeu Vilfrido com mal articulado accento); é o terror do castello; nomeada mais de dez milhas em redor daqui. » — « Nada mais sabes? — Sei somente que o seu apparecimento data do dia em que a viuva do vosso predecessor foi expulsa d'esta casa em consequencia da vossa posse. — Quem foi que deu tão barbara ordem? » — Era justa, meu amo, e veio do senhor de Verona. O sogro d'esta mulher tinha sido um dos matadores do imperador Berengario. » —

Adalberto meditou alguns minutos, e por fim fallando benignamente ao seu rendeiro, disse-lhe — Agradecido pelo teu affecto e desvello... porem eu quero ficar só. » — E porque o vassallo ia replicar, accrescentou logo com gravidade. — « Se é destino é mister que se cumpra. Tu, homem leal, vai passar a noite em resas á beira do precipicio ao nascente do valle, porque os restos mortaes de teu pai repousam no fundo d'esse abismo. »

Do intimo peito de Vilfrido soltou-se um brado d'horror e agonia, ao seu medo anterior seguiu-se desvairada desesperação, e pela salla fez echo a sua voz ao pronunciar estas palavras: — Ah que eu bem presenti grande desgraça! O cantar daquella sombra maldita era hontem mais carregado que de costume; e o clarão de satanaz que espalhava era muito mais vivo e avermelhado; era côr de sangue; todo sangue!... » — Ao intima-lo seu amo, retirou-se exhalando em soluços e pranto a vehemencia da sua dor filial.

Adalberto nem por isso tomou a menor precaução para livrar-se de o colherem de sobresalto na sua camara: deixou abertas as portas afim de não sentir calma, e armado como viera atirou comsigo ao leito, tendo apagado a luz, e assim esperou o que aconteceria, movido em parte de receio, em parte de inquieta curiosidade.

Apenas soou meia noite, ouviu a voz da mulher de vulto negro levantar-se no topo do torreão: e desta vez percebeu o dialecto hungaro do canto lamentoso, e muito distinctos os nomes do conde de Verona, e delle, seu filho, acompanhados de uma ladainha de pragas e imprecações. Seguiu-se absoluto silencio, e o cavalleiro começava a capacitar-se que não passava isto de desvario da imaginação; eis que um luzeiro subito lhe deslumbrou a vista, e não obstante o caracter vigoroso, que o animava, não póde conseguir saltar abaixo da cama.



O phantasma do torreão entrou no quarto, poz em Adalberto olhos flammejantes, e encaminhou-se lentamente para o leito. O mancebo não póde reprimir um grito de terror, e em seguida murmurou esta meia abafada exclamação. — « O espectro negro! » — « Não! A *mulher de fogo!* (bradou o phantasma e apagou o facho no pavimento, apparecendo, como na vespera, revestida toda de luz, incendida como um brazeiro) sim, a mulher de fogo! que vem pedir-te contas do sangue derramado por teu pai em Verona! A mulher de fogo, que vem reclamar seus direitos a este castello; que vem clamar-te que se chama Digyin Szarnian! Recordas-te d'este nome, que teu pai extinguiu lavando as mãos no sangue dos que o tinham; Assassino!... Recordas-te d'este nome que desherdaste, proscreveste, e baniste da terra! Salteador!... A mulher de fogo descartou-se do teu companheiro e guarda, fazendo que lhe chegasse á mão um cavallo espantadiço do abismo que viste, e agora ella te desafia a combate singular, com armas iguaes, e a todo o transe. Ella quer fartar a sua sêde no teu sangue amaldiçoado! Não ha leis que possam constranger-me a receber preço por minha deshonra! [1] Quero sangue... sangue só!... Para onde fôres, irei eu, onde parares, pararei; não me apartarei de ti senão depois de te haver vencido na liça, e saciado em teu sangue a minha vingança. Se recusares o duello, te assassinarei; tão verdade como as almas dos dois Szarnians pedem vindicta la do fundo de seus tumulos!... Quando estiveres disposto me chamarás; se me não chamares dentro do prazo que tenho marcado para satisfação de justiça, nem as entranhas da terra te poderão esquivar ao ferro do meu punhal!... »

Recobrado um tanto do seu assombro, e persuadindo-se de que tinha que contender com um ente vivo, talvez com uma louca, mas não com um espectro, Adalberto estava a ponto de responder com resolução a tão longa invectiva; mas a visão não lhe deu tempo, desapparecendo-lhe da vista, e tão somente deixando um circulo de faiscas no logar que occupára. [2]

(Conclue.)

[1] N'esses tempos de barbaridade por toda a Europa as leis permittiam que o assassinio fosse resgatado por um preço ajustado, desistindo os parentes do morto, ou quem isso tomava a peito, dos seus designios de vindicta, que aliás era quasi sempre inexoravel.

[2] O facto que constitue a têa d'esta narração passa por verdadeiro, e a tradição popular o attribue em parte a causas sobrenaturaes: ha quem pertenda explica-lo dizendo que a metamorphose da *mulher de fogo* se effectuava em virtude de algum pó phosphorescente com que o supposto phantasma salpicava o vestido, e que bastaria sacudi-lo para ficar invisivel na obscuridade: estes pós cahidos ao redor do vulto deviam parecer-se depois com um circulo de fagulhas ou centelhas.

O INGLEZ.

II.

CONTINUEMOS a fallar do Inglez. E por agora do Inglez em Inglaterra, que é uma entidade muito differente do Inglez fóra da sua ilha. Estavamos em Londres, e em Kensington-gardens, um dos mais lindos jardins e passeios do mundo. Prosigamos na nossa viagem de supposição.

É quasi noite: as brilhantes equipagens desfillam umas após das outras. O ginete de puro sangue arabe trota airoso e ligeiro apar da caleche elegante que se balancea suavemente em suas duplicadas molas. A brisa precursora da noite folga com as plumas dos chapeus, com as blondes dos vestidos d'essas tres damas que vão no briska azul... O cavalleiro do ginete arabe quizera continuar a conversação que se interrompeu com a sahida dos jardins. Não o ouvem ou não lhe dão attenção?... Quem sabe? — Uma ingleza diz a um homem: '*Come and talk to me.*' Não é 'falle commigo'; é 'falle para mim.' E o homem falla, e ella ouve ou não ouve, dá ou não dá attenção; mas quer que lhe fallem. E ai do que não falla! Ou do que não sabe fallar! Ai, sôbretudo, do que não sabe o que diz! Vinte e cinco annos, o uniforme das Guardas, figura de Apollo, trinta mil libras de renda, um nome distincto — ainda melhor, um titulo, avós para além da conquista, tudo isso vale em Inglaterra e póde com a mulher ingleza o que vale em toda a parte e o que póde com toda a mulher. Com essas condicções querem-n'o ainda que seja tolo — faz um marido excellente, faz mais do que isso, um par delicioso em Almaks. Mas gostar d'elle, a mulher ingleza, não gosta.

Sigamos o briska azul.

O briska azul deslisa facil e rapidamente pelas ruas areadas do parque. É lindo o briska, tam simples, tam leve, tam baixinho!... Duas lettras gothicas apenas coroadas por um timbre singelo — indicam modestamente que se não querem usar de outros distinctivos de armaria, que ficam para mais pomposos vehiculos, e para mais solemnes occasiões.

Eu disse 'modestamente': mas não será mais refinada vaidade ainda? É vaidade, e mais refinada com effeito, porêm menos abhorrecida, menos paspalhona, de melhor gôsto. Deixá-lo ser vaidade.

Até n'isto os imita a Europa toda aos Inglezes.

Se é bom stylo hoje andar sem fittas na casaca, se fóra da côrte ou de um caso muito grave, é raro o pateta que por ahi apparece com o sette-estrêllo no peito, apezar do que tem chovido d'essas coisas n'estes ultimos annos, a quem se deve, d'onde veio a moda? De Inglaterra.

Riam-se do Inglez: fazem favor?

Mas vamos, que nos foge o briska azul por Oxford-street acima, e perdemos o melhor d'esta viagem, ou história, ou conto — ou o que quer que é que isto é.

Lá parou o briska em Portman-Square, uma das elegantes e nitidas plaçuellas que alli teem o nome geral de squares (litteralmente quadrados).

O cavalleiro tambem parou; o lacaio apolvilhado desceu de um pulo da almofada, e, retim, tim, tim, tim, tom, tom, tom, tom... tam! trovejou com a aldava da porta, n'aquelle certo e compassado número de pancadas artisticamente repicadas segundo o regulamento, para designar a qualidade e apparato da pessoa que chega, e a quem se hade ja, de pressa, ja, ja, abrir a porta.

Outra figura da mesma libré, com a mesma cabeça apolvilhada e a mesma cara rubicunda, abriu e se inclina humildemente com a mão na guedelha.

A mão na guedelha é o signal servil — quasi vernaculo — é o sallamé inglez do criado para o amo quando o amo é fidalgo ou coisa que o valha.

As tres damas entraram: o cavalleiro entrou tambem.

Ora supponhamos — suppor não custa nada — supponhamos, amigo leitor, que nós que fazemos ésta viagem de imaginação — para nos não referirmos a outras reaes que tenhamos feito — nós levavamos certas cartas de recommendação na nossa carteira; que uma d'ellas era para Sir Ralph R... o dono da dita casa de Portman-Square onde parou o briska azul. — Supponhamos que na véspera tinhamos intregado a carta; que recebiamos um convite de jantar para o dia seguinte, que era hoje mesmo — o dia de Kensington-Gardens — que vinhamos á hora aprazada; e que justamente, consultado o número da casa, achavamos ser aquella propria...

Supponhamos: desciamos da modesta *chaise* em que vinhamos, e entravamos atraz das damas e do cavalleiro, declinando submissamente o nosso nome, que logo tinhamos o gôsto de ouvir estropear, degenerando de bôcca em bôcca de lacaio até o não reconhecermos.

Entramos e ca estamos no drawing-room.

E o que é um drawing-room? É uma sala-de-visitas portugueza? Não. É um salon francez? Não. É uma sala de companhia, é uma sala de baile, um quarto de estar, um gabinete, uma galeria, um estudo? Não é nada d'isso e é tudo isso.

Vejamos se eu posso explicar o que é um drawing-room.

Aqui ha dez annos era impossivel em Portugal, impossivel talvez em França mesmo, traduzir em phrases intelligiveis para um grande número de pessoas, — ainda usando das mais rodeadas periphrases — ésta mysteriosa e comprehensiva palavra *drawing room*. Hoje está toda a Europa tam inglezada, que não desespéro de me fazer intender.

Pois não é uma sala o drawing room? É sim. Uma sala-de-visitas como se dizia d'antes em Portugal? Não senhor, verdadeiramente e strictamente n'esse sentido ja disse que não, nem o salão francez tam pouco.

A sala-de-visitas era, e não sei se é, uma coisa formal, fechada, fossil, cheirando e sabendo a mofo e a misuras, com umas cadeiras, uns sophas, umas cortinas, um movel todo intacto como os de Pompeia, extranhando os raios do sol, e tam pouco familiar com a dona da casa como com a sua visita. Respira-se n'ella um ar de *parvennu...* Tenho vontade de a comparar com uma gravata de setim branco...

A lusa verdadeira sala-de-visitas no meio da Europa d'hoje parece um d'estes sublimes coletes monarchicos de cincoenta contos de réis que a gente incontra por ahi ás vezes n'um baile, paspalhando triumphantemente no meio da fastidiosa e republicana simplicidade do uniforme *piquet blanc*.

A sala-de-visitas — item — tem o castiçal de prata de rigor, com a virginal vela de cera (a degeneração dos costumes ja derrogou até á stearina); tem o viço e a primitiva frescura de lychen do escovado tapete; tem o retrato do papá com o hábito de Christo (eleve ao *quadrado* da commenda para achar a equação contemporanea) — e o retratto da maman com o pintasilgo no dedo.

Tem mais a sala o hermeticamente fechado piano, emtôrno do qual revoam saudosos os antigos echos da 'Joven Lilia abandonada' — abafados pelos da 'Casta diva' — esquecidos pelo final da Lucrecia ou por outro que tal final...

Tem mais sôbre a banca de jogo, hoje fechada, mas em que se joga o voltarete nos dias d'annos, um formoso mandarim lettrado, oscilando sapientemente com a celestial cabeça; — tem alguns *biscuits* da Sevres ou Saxe portugueza — vulgo Caldas.

E tambem tem um candieiro que ja se accendeu tres vezes ha quatro annos que veio da logea de ferragem.

O drawing-room inglez não tem ésta symetria, ésta regularidade classica, systematica e perfeita como uma regra de syntaxe philosophica; não é isto' emfim.

Classico tambem, mas de outro typo é o salão francez. A pendula obrigada sôbre a chaminé com suas duas sentinellas á vista de vasos de flores (contrafeitas) — seu gueridon com pedra emcima — seu virginal apparelho de cha ou caffe...

Mas fiquemos aqui por hoje. Para a semana o salão francez. E note bem que não é da sala portugueza nem do salão francez degenerados e inglezados de hoje que nós fallâmos; é dos typos verdadeiros, puros e genuinos como elles devem ser para serem typos.

A. G.

CHRONICA LISBONENSE.

NÃO temos ésta semana que dar conta de nenhum baile; mas isto não quer dizer que elles acabassem: sabemos que alguns se preparam, a cuja frente irá o philantropico do Club no dia 24. Ésta semana foi de descanso.

Falta-nos espaço para darmos ao leitor as noticias mais complicadas; daremos só as mais succintas, e fique o mais ameno para melhor occasião.

Começaram as obras para abertura da 'Valla d'Azambuja' emprêsa de summa utilidade publica, á qual agoirâmos bello resultado.

No theatro da Rua dos Condes' deu-se uma peça nova *A cidadella de Vincennes*, com que não vale a pena interter os leitores. O RETRATO-VIVO porém voltou á scena, e a Senhora Emilia continúa a merecer n'esta bonita peça a coroa de admiravel Artista que a cinge como princeza de França: só lhe pediriamos, para em tudo ser perfeita, que moderasse um pouco mais certa vehemencia de riso que se compadece pouco com a dignidade real na presença dos cortezãos. Toda a gente de bom-gosto, se porventura alguma ha que a não visse, deve correr á 'Rua-dos-Condes' a ver e applaudir a Senhora Emilia no RETRATO VIVO.

Em 'S. Carlos' ensaia-se o D. SEBASTIÃO DE DONIZETTI. E no 'Salitre' trabalha-se muito em pôr em scena uma peça magica em tres actos e vinte quadros, com um sem número de transformações.

S. L.

ENIGMAS PITTORESCOS.

EXPLICAÇÃO DO ENIGMA DA FOLHA ANTECEDENTE.

Somno.



☞ NA seguinte folha, 1.ª do n.º 2, publicará a ILLUSTRAÇÃO a descripção da Cerimonia, e a Estampa do prestito, do Baptismo da Serenissima Senhora Infanta D. Antonia.

A ILLUSTRAÇÃO
JORNAL UNIVERSAL.



Cada anno da publicação d'este jornal será dividido em 12 n.^os mensaes, distribuidos porem ás folhas semanalmente.
Assignatura: Um anno, 1$440 r.^s — Semestre, 720 r.^s — Trimestre, 360 r.^s — Folha avulsa 30 r.^s

N.º 2 — VOL. I — MAIO, 1845.

ESCRIPTORIO, RUA DA PRATA N.º 7 — 1.º ANDAR

As assignaturas só se recebem no Escriptorio da Illustração. A correspondencia — *franca* — aos Directores da Illustração. Vende-se: r. Augusta, n.º 1 — do Oiro, 113 — do Arsenal, 30 — Larga de S. Roque, 24 — da Esperança, 150 — e em Alcantara.

SOLEMNIDADE DO BAPTISMO
DA
SERENISSIMA SENHORA INFANTA
D. ANTONIA.

Publicamos hoje o desenho da vista geral do Prestito solemne com que foi conduzida á igreja parochial de Santa Maria de Belem, no dia 8 do mez passado, a Serenissima Senhora Infanta D. Antonia, para ahi serem celebradas as ceremonias proprias do seu baptismo, o qual lhe fôra administrado particularmente a 20 de Fevereiro no oratorio do paço de Belem. A descripção do acto solemne do dia 8, descripção particularisada de todas as circumstancias ainda minimas daquella solemnidade, foi lançada nas columnas do Diario do Governo (N.º 86 — 1845). Não comportam as dimensões nem a natureza da *Illustração* que transcrevamos aquella acabada noticia de um successo que por muitos dias occupou quasi exclusivamente a attenção da capital, e despertou a curiosidade de todo o paiz. Procuraremos, por isso, incluir em mais resumido quadro a substancia dos factos, até porque a nossa estampa suppre em parte a relação escripta, contentando-nos de accrescentar alguns pensamentos da ordem moral que nos occorreram na presença daquelle grandioso espectaculo.

Desde mui cedo na manhan do dia 8 o concurso do povo começava a ajunctar-se desde o largo do palacio até a igreja parochial de Belem. Por mar, os vapores e barcos lançavam em terra de tempo a tempo centenares de pessoas de ambos os sexos. Por terra, ao longo dessa estrada de uma legoa, que se dilata de Lisboa até Belem, seguia sem solução de continuidade a turba do povo, os cavalleiros, as seges, os trens mais ricos da aristocracia. A capital esgotava-se de população, quasi litteralmente se póde dizer, como um immenso reservatorio cujos diques estallaram. Ao meio dia, a vasta praça do palacio, a larga rua de Belem, o campo contiguo ao templo, estavam completamente cheios de pessoas de todas as condições, idades, e de ambos os sexos. Á uma hora as tropas da guarnição tinham formado alas desde a entrada exterior do paço até a porta principal da igreja, por meio das quaes podesse transitar o prestito com liberdade, e ao mesmo tempo sem receio de algum accidente entre os espectadores. As janellas armadas de damascos e sêdas, os palanques construidos na vespera, estavam apinhados de senhoras, e de homens. Nos jardins que se prolongam em frente da residencia real viam-se circular um grande número de pessoas ás quaes Sua Magestade concedêra gosarem daquelle logar a vista do magnifico espectaculo. Quem de alguma distancia contemplava esse immenso painel de vultos humanos que por assim dizer forrava os edificios e o solo; esse povo que vinha saudar a Filha dos Reis no momento em que a religião dos nossos maiores lhe ía escrever na fronte innocente o symbolo sancto que faz irmãos perante Deus os principes e os subditos; quem traduzia n'uma idêa social a imagem dessa tela movediça, onde o brilho dos trajos esplendidos, do fausto dos ricos e poderosos, avultava sobre o fundo escuro da multidão agglomerada, não podia deixar de dizer comsigo: — aquelles longes indecisos e obscuros são a mais bella porção do quadro!»

E o povo estava contente. Nós filhos delle, obscuros como elle, haviamo-nos misturado com as turbas: ouviamos-lhe o respirar ruidoso; viamos rir-lhe o prazer no aspecto, no olhar, nas palavras. O contentamento popular é sincero: sincero sempre, porque o fingi lo de nada serve; ninguem lh'o agradecêra, ao menos individualmente. Quando El-Rei e os Principes appareceram no jardim todas as attenções se voltaram para aquelle lado; de mais de uma boca ouvimos sair em phrases nada equivocas a expressão de uma idêa esperançosa ácêrca do Successor da Monarchia. Com effeito, no rosto angelico do Principe Real havia uma tão alta expressão de intelligencia e bondade, que ainda os entendimentos mais grosseiros descortinavam nas puras e nobres feições do seu gesto um penhor da futura felicidade do paiz.

O que é verdade, verdade que só algum raro espirito — mais fascinado e melancholico do que mau — desconhece, é que o povo portuguez ama cordialmente a Dynastia dos seus Reis. No meio de tantos decótes, que o machado do tempo e as tempestades politicas tem feito na velha arvore da nossa nacionalidade; por entre as innumeraveis enxertias de costumes e opiniões peregrinas, introduzidas nos seus ramos prudente ou imprudentemente, resta ainda viva essa affeição, porque a alimenta a seiva das mais profundas raizes. É uma destas amisades da infancia, conservada na mocidade e radicada na idade viril. O povo portuguez e o principio monarchico havendo nascido junctos tem vivido abraçados sete seculos, sem que em tempo algum se renegassem um ao outro. É uma antiga e sancta alliança que Deus não póde deixar de abençoar como abençoa tudo quanto é nobre, generoso, e grande no coração do homem. Nunca Rei portuguez do alto do throno, ameaçado por estranhos, bradou pelos seus homens bons, pelos seus burguezes, pelos seus populares, que ao brado real estes homens pobres, rudes, mas leaes, lhe não arrojassem aos pés, sem os contarem, os últimos ceitis que possuiam; e não fossem verter, sem o medirem, o sangue honrado nos campos de batalha. Tambem os populares — tantas vezes opprimidos pelas tyrannias dos poderosos contra os humildes — nunca alevantaram os olhos para o throno, clamando «salva-nos, oh rei!» que de lá não descesse para elles justiça, e até, não raramente, vingança. É ésta a feição caracteristica da nossa historia: é ella que nos explica porque modo nós, nação pequena e fraca, temos resistido á conquista estrangeira e á decadencia interna, em quanto grandes nações da Europa tem perdido a sua existencia politica. No dia do perigo a gente portugueza rodea o throno, e o throno firma-se nella com a confiança de uma longa experiencia de fidelidade. São dois amigos ajuramentados para viverem ou morrerem unidos.

Éstas idêas, que nos acabam de fugir da penna, occorrem-nos ao vermos o jubilo que transluzia em todos os semblantes naquelle dia. Era uma verdadeira festa de familia. No meio da confusão inevitavel n'um ajunctamento tão numeroso; nesta approximação das classes extremas da sociedade era bem sensivel a benevolencia mutua de todas ellas. Encontravam-se n'um ponto em que devem esquecer os nossos mesquinhos odios, entre o palacio dos reis e o templo de Deus. Á sombra do sceptro e da cruz a portuguezes só póde lembrar que são irmãos na patria e na fé.

Á uma hora da tarde a porta lateral da magestosa igreja de Santa Maria de Belem abriu-se e franqueou-se a entrada ás pessoas munidas dos bilhetes distribuidos antecipadamente. Fóra uma providencia esta indispensavel. Aquella igreja é vasta, porem não é immensa. Calculou-se o numero de pessoas que poderia conter, e espalharam-se os bilhetes correspondentes. Não se lia nelles alguma restricção odiosa. A unica era a do numero: essa impunham-na as dimensões do edificio. Sem ella o tumulto e a desordem difficultosamente se evitariam; e o tumulto e a desordem houveram sido uma contradicção monstruosa com a sanctidade do logar e com as ceremonia augusta que se ia celebrar nesse recincto. O povo comprehendeu isto: ninguem se queixou. Nós, pelo menos, não o ouvimos.

Nenhum templo da capital poderia ser mais appropriado do que Santa Maria de Belem á grandeza do objecto a que fora destinado. Quem não conhece Belem? Belem é o ultimo hymno a Deus estampado na pedra pela poesia religiosa da idade-media. A architectura christan veio alli dar o derradeiro suspiro na sua ultima batalha contra o renascimento que invadia tudo: alli foi a final vencida. As naves e o cruzeiro interior e exteriormente pertencem á arte christan e moderna, posto que ja pervertida: a capella-mor á arte pagan restaurada. Felizmente os accessorios de armações, e ornatos necessarios para as ceremonias do baptisado, escondiam em boa parte aquelle desagradavel contraste. Das naves lateraes não era facil distinguir as feições d'esse remate prosaico e frio que Diogo de Torralva poz ao magnifico poema de marmore delrei D. Manoel: a capella-mor quasi que ficava velada pelas telas custosas da armação, e pelas extensas e elevadas tribunas que occupavam os seus lados. O architecto encarregado de fazer o desenho do adereço geral do templo [1] teve na sua obra uma verdadeira inspiração d'artista. O estylo perpendicular ou ogival predominava em tudo aquillo em que era possivel caber, como um protesto transitorio contra a barbaria que no seculo decimo sexto deturpara aquelle edificio magnifico. Do lado esquerdo estava o camarim com o berço de Sua Alteza a In-

[1] O Sr. Joaquim Possidonio Narciso da Silva, architecto da Casa Real.

fanta; era de fórma eliptica, sottoposto em vez de cupula a um remate que o circumdava, imitando uma coroa de princeza. Os vãos dos pilares que sustentavam o tecto estavam fechados com pannos de veludo carmesim, lavrados á imitação das janellas, impropriamente chamadas gothicas, das igrejas do seculo 14.° A tribuna da Familia Real ficava do lado opposto: dividida por columnellos simples no centro, terminava nas extremidades por columnellos enfeixados, e o tecto artesoado apoiava-se posteriormente sobre misulas. No cruseiro tinham-se collocado á direita a tribuna dos Pares e Deputados, á esquerda a das legações estrangeiras. A nave central por onde o prestito devia passar estava bordada por um e outro lado de vinte tocheiros assentados sobre plinthos, e rematados por serpentinas de seis lumes, adornadas de ramos de flores. Nos vãos dos tocheiros haviam-se postado ao longo da igreja as sentinellas da guarda real dos archeiros. As naves lateraes, alcatifadas como a do meio, e o vão dos braços do cruzeiro, não occupado pelas tribunas, ficaram livres para os espectadores: o lado direito era destinado para as senhoras, o esquerdo para os homens. O topo inferior da nave septentrional fora reservado para aquella parte da solemnidade em que o rito catholico manda conservar o cathecumeno no adito do templo. [1] No atrio ornado custosamente, sem que todavia ficassem escondidas as suas bellas linhas architectonicas e os delicados lavores de pedra, via-se o rico palio, debaixo do qual os grandes do reino deviam receber a Infanta recem-nascida.

Ás quatro horas da tarde o prestito saindo do palacio (cujo exterior, escadas, e avenida que communica para o largo em frente dos jardins, estavam armados de damasco carmezim, e toldados, dilatando-se o toldo por uma parte da estrada) encaminhou-se para a igreja. A estampa que damos com as necessarias explicações torna escusado o descrevermos esse brilhante espectaculo, do qual mais exacta idea fará o leitor pela gravura, do que poderia fazer por uma longa descripção. A da solemnidade religiosa transcreve-la-hemos do jornal official do governo, onde foi publicada com a individuação de circumstancias que alias nos escapariam se a quizessemos redigir de memoria.

«Logo que se avistou o prestito o Mestre-Sala fez pôr em ordem o Cortejo no Vestibulo do Templo. Os tres grandes do Reino tomaram as baudejas com as insignias, levando cada um a seus lados dois Moços Fidalgos, [2] e outros oito Grandes do Reino, recebendo dos Moços da Real Camara as oito varas do Palio, vieram ao atrio para receberem a Serenissima Senhora Infanta recem-nascida. [3] O Exmo Bispo de Leiria [4] acompanhado do Clero, collocou-se dentro da porta do Templo, onde entraram primeiro oito Archeiros; seguiam-se os Reis d'Armas, Arautos, e Passavantes, e apoz delles todos os Grandes, Titulares, Camaristas, Ajudantes de Campo, Bispos, e todas as pessoas das diversas ordens do Estado, que haviam sido chamadas. Sua Magestade a Rainha, tendo-Se apeado do Coche, foi conduzida á Tribuna Real pelo Mordomo Mór, e outros Officiaes Mores, e Dignatarios da Casa e do Reino, sendo acompanhada pela Duqueza Camareira Mór e Damas. [5] Depois dos Titulares que levavam as insignias iam os Ministros d'Estado effectivos, os Conselheiros d'Estado, o Mestre Sala, o Vedor da Casa Real, o Duque Mordomo-Mór; junto ao Palio iam Sua Magestade El-Rei, Sua Alteza Real o Principe o Senhor D. Pedro de Alcantara, e a Senhora Infanta D. Anna de Jesus Maria: seguia o Palio, e debaixo delle nos braços do Aio o Marquez de Santa Iria com a Serenissima Infanta, e apoz Sua Alteza a Sua Dama D. Maria de Vasconcellos e Sousa; e bem assim a Ama de Leite de Sua Alteza.»

«Tendo o Exmo Prelado, o Bispo de Leiria, dado agoa benta a Sua Magestade e Alteza, o prestito se dirigiu ao logar onde estavam os dois Thronos de roxo e a credencia com o saleiro de oiro, e logo a Senhora Infanta D. Antonia foi conduzida ao primeiro camarim para repousar, largando os Grandes do Reino as varas do Palio aos Moços da Real Camara; e depondo os tres Marquezes de Fronteira, Ponte de Lima, e Castello Melhor as insignias sobre a grande credencia, o Prelado sentou-se no seu faldistorio, collocado junto dos degráos do Throno do Cardeal Patriarcha, e El-Rei e Suas Altezas tomaram os seus respectivos logares, tocando entretanto a orquestra uma linda synfonia.»

«Pouco depois, acabada a synfonia, o Esmoller-Mór, pedida venia a El-Rei, foi dizer ao Exmo Bispo de Leiria que podia começar as santas ceremonias, e logo o Aio da Senhora Infanta trouxe a Sua Alteza debaixo do Palio, perante o Prelado, collocando-se á direita de Sua Alteza Real o Augusto Padrinho, e á esquerda Sua Alteza a Senhora Infanta D. Anna, representante da Augusta Madrinha; e o Exmo Bispo de Leiria começou as ceremonias, repetindo e declarando a Sua Alteza os nomes que no dia 20 de Fevereiro lhe foram postos pelo Cardeal Patriarcha quando lhe foi administrado no Oratorio do Paço o Santo Sacramento do Baptismo.»

«Sua Alteza o Principe Real respondeu como Padrinho, com desembaraço e energia, a todas as perguntas que o illustre Prelado fez a sua Augusta Irmã e Afilhada, e o mesmo fez Sua Alteza a Senhora Infanta D. Anna, representante da Madrinha.»

«Ao *Ingredi in templum Dei* caminharam todos para a Capella-Mór, e alli proseguiu a ceremonia religiosa; e feitas por S. Ex.ª as perguntas *abrenuntias satanæ*, etc. que foram respondidas com devoção pelos excelsos Padrinhos, o Prelado ungiu a Sua Alteza com o Santo Oleo dos Cathecumenos no peito e na espadoa, e o Conselheiro Esmoller-Mór limpou as unções com os globos de algodão. Logo a Senhora Infanta foi recolhida ao segundo camarim para repousar, e Sua Magestade e Altezas tomaram o seu logar em quanto o Prelado e os Ministros despiam os paramentos roxos e vestiam os brancos.»

«Paramentados o Prelado e os Ministros foi novamente conduzida perante o Altar a Serenissima Infanta no meio dos Padrinhos; e feitas as perguntas *Credes*, etc. a que os Padrinhos responderam com devoção, o Exmo Bispo ungiu a Sua Alteza com o Santo Oleo do Chrisma, e limpa a unção pelo Esmoller-Mór, o Mestre Sala conduziu o Marquez de Ponte de Lima com a veste candida que o Prelado vestiu a Sua Alteza recitando o *accipe vestem candidam*, etc. Depois chegou o Marquez de Fronteira com o Cirio acceso, que se pôz na mão direita de Sua Alteza, segurando-o os Augustos Padrinho e Madrinha, e recitando o Prelado o *accipe lampadem*, etc. A Serenissima Infanta se recolheu ao camarim. El-Rei e os Augustos Padrinhos tomaram os seus logares, e corrido o véo appareceu no alto do Throno o Santissimo Sacramento collocado em magnifica Custodia, e a Musica cantou o *Salutaris Hostia*, etc. Então Suas Magestades e Altezas, e todos os circumstantes se prostraram por terra, e adoraram o Santo Deus de nossos pais com a maior devoção e acatamento.»

«O Prelado entoou o *Te Deum* que a Musica cantou e desempenhou dignamente. [6] Seguiu-se o *Tantum Ergo*; e ditos os versos e oração, o Prelado recebeu o Santissimo Sacramento, e com elle abençoou a Suas Magestades e Alteza, e a todos os circumstantes; o que sendo feito e recolhido o Santissimo Sacramento ao magnifico tabernaculo de prata, dadiva preciosa do magnanimo Rei D. Manuel, Suas Magestades e Alteza se retiraram ao atrio do Templo, e as Reaes Pessoas recolheram ao Real Paço de Belem na mesma ordem por que tinham vindo ao Templo.»

Tal foi ésta solemnidade que para sempre ficará gravada na memoria daquelles que a presenciaram. Mas o que nem o buril nem a penna podem representar é a vida que animava tudo, a ordem, e a decencia que reinavam no meio desses grupos indelineaveis de povo, que se ajunctavam, dividiam, ondeavam, desfaziam, para a pouca distancia se apinharem de novo; e o som confuso de tantos milhares de vozes; e o rodar lento dos coches e carruagens; e o tropear compassado dos cavallos; e as côres variegadas dos vestuarios esplendidos, dos uniformes brilhantes, unidas n'um longo e tremulo iris em toda a extensão do prestito. Era uma destas scenas que deslumbram, e que excedem sempre a imaginação daquelles que não as viram.

Essa agitação exterior contrapunha-se porém de um modo singular com o que se passava no interior da igreja. Ahi, sobre o pavimento alcatifado, mal soava o ruido das passadas, e o sussurro de algumas palavras proferidas entre os espectadores em voz submissa, e que se converteu em respeitoso silencio ao penetrar o prestito no templo. Era que naquelle logar se reunia toda a magestade do que ha mais venerando no ceu e na terra. Entre as pompas do culto, das ceremonias symbolicas e tão poeticas do catholicismo; no meio dos effluvios das flôres, das torrentes de harmonia golfando do côro da igreja, e precipitando-se ao longo das naves por entre os enormes pilares rendados, refrangindo-se nas profundas abobadas, e descendo de lá vibrantes e sonoras até esmorecerem lentas e tremulas na amplidão do cruzeiro; ao fulgor brilhante de quasi quatrocentos lumes, com que se misturava a claridade duvidosa da tarde coada pelos vidros de côres das janellas e espelhos do edificio; naquella suave excitação dos sentidos, a alma elevava-se nas azas dos perfumes e dos canticos, nos raios incertos da luz até o throno de Deus. A solemnidade era digna do templo, e o templo em si mesmo uma formosa inspiração do christianismo.

Se a nossa opinião valêra — que não vale — a pena de ser attendida, nós desejaramos vêr sempre a magnificencia cercar a religião e a monarchia, sobre tudo quando se hajam de encontrar junctos estes dois primeiros elementos da paz e da moralidade. Mais ou menos delicada que seja a intelligencia do individuo, todos nós somos homens, todos nos deixâmos dominar mais ou menos pelas impressões externas e materiaes. Uma das mais bellas condições da igreja catholica é o haver formulado o culto em ritos pomposos: é ésta, humanamente fallando, uma das causas da sua perpetuidade. A falta desses ritos não é a origem do mal que consome por toda a Europa as seitas dissidentes; mas é o meio de que a providencia se tem servido para as reduzir á especie de inanição e marasmo em que as vemos. Que os amigos do progresso humano pensem na historia das crenças e dos cultos! Se a religião, divina no seu berço, eterna na sua duração, precisa de cercar-se de esplendor sensivel, precisa-lo-ha porventura menos uma entidade puramente social — o rei? Que os amigos da monarchia, não tanto porque é um poder que reparte mercês, como porque é um bem e uma necessidade publica, não desdenhem nella as exterioridades brilhantes que a mais pura e ideal de todas as religiões do mundo não desdenhou para si.

É assim que no acto religioso, a que consagramos éstas poucas linhas, se ha de attender mais ao espirito, ao pensamento delle que á sumptuosidade do espectaculo, como simples espectaculo. Completo, e verdadeiramente real considerado debaixo deste ultimo aspecto, elle não o foi menos considerado nas suas relações moraes. As memorias antigas renasciam vivas, e palpaveis nos trajos, nos adornos, nos objectos necessarios á execução do desenho geral da solemnidade. Executada a ceremonia no recincto de um templo de mais de tres seculos, essas vastas arcarias onde tantas vezes reboaram os hymnos e as preces dos nossos maiores, debaixo das quaes tantas vezes reis e subditos ajoelharam, irmãos na fé, perante Deus, essas pedras empallidecidas pelo bafo das eras que vão passando foram agora testemunhas de que nem os Principes esqueceram as tradições da religiosidade portugueza, nem o povo as tradições de amor pelos seus Principes. O altar e o throno — nomes cuja associação, em tempos felizmente esquecidos não só para a saudade mas até para o odio, foram um symbolo de terror — revocados, diriamos até sanctificados, por uma justa liberdade para preencherem os seus beneficos destinos, existem intactos sobre as ruinas que cobrem a terra da patria. Firmados no amor popular, o velho Portugal põe nelles as suas mais puras e caras esperanças, esperanças que, temos fé, não hão de ser desmentidas.

O dia 8 d'Abril que nos fallou tão eloquentemente do nosso Deus, da nossa Rainha, das sanctas recordações da Patria, e da affeição de um povo livre á sua religião, e á dynastia dos seus Reis, foi um bello e memorando dia! =

Posto que o prestito seguisse uma linha recta desde o palacio até á igreja, a necessidade de desenvolve-lo n'um limitado espaço nos obrigou a dar-lhe a fórma em que se vê na gravura, á imitação do que se practica em circumstancias analogas nos jornaes de Paris e de Londres.

1.° Plano — ao alto da pagina — Batedores, e 4 moços da Estribeira; porteiros da cana, arautos e passavantes, etc. Coche com os porteiros da R. Camara e os guardaroupas de S. M. — 2.° — Coche com os Ajudantes de Campo de S. M. Elrei, e o coche com o Vedor da R. Casa, e o Camarista de Serviço. — 3.° — Coche com a Duqueza Camareira-Mór e Damas de S. M. — Outro com o Duque Estribeiro-Mór. — 4.° — Coche de respeito, e o que conduzia a Serenissima Senhora Infanta recem-nascida. — 5.° — Coche em que iam SS MM. e a Serenissima Senhora Infanta D. Anna de Jesus Maria.

[1] Isto, como todos sabem, era uma simples execução do ritual. Sua Alteza tinha, como ja advertimos, sido baptisada no Oratorio do Paço.

[2] O Marquez de Fronteira levava o Cirio com os Ducatões. O Marquez de Ponte de Lima a Veste Candida, e o Marquez de Castello Melhor, o Massapão; indo estes Grandes do Reino, cingidos de toalhas de finissimas rendas.

[3] Estes oito Titulares eram os Marquezes de Abrantes, de Vianna; os Condes de Penafiel, de Linhares, de Paraty, da Cunha, de Semodães, de Arcos.

[4] No impedimento do Cardeal Patriarcha o Exmo Bispo de Leiria foi escolhido por Sua Magestade para o substituir n'esta solemnidade.

[5] Ex.^{mas} Duqueza de Ficalho, Camareira Mór, Duqueza da Terceira; Marquezas de Fronteira, de Ponta Delgada, da Bemposta, Condessas da Ribeira Grande, do mesmo Titulo D. Anna, de Linhares, de Rio Maior, de Cêa, do Sobral, D. Maria das Dôres de Sousa Coutinho, D. Henriqueta de Oeynhausen e Almeida, que estava de serviço a Sua Magestade, e D. Maria de Vasconcellos e Sousa.

[6] A Musica foi encarregada ao Sr. Manuel Innocencio dos Santos, Mestre de Suas Altezas, e toda ella era de composição sua.



THEATROS.

RUA-DOS-CONDES.

Satanaz em Lisboa é uma brincadeira dramatica de bastante sainete, que se póde comparar com uma criança traquinas a fazer travessuras de que a gente se ri machinalmente, porque não são coisas para serem olhadas com reflexão. Se nos apresentarmos diante do Satanaz dramatico armados dos exorcismos da arte, la se vai Satanaz e quanto Martha fiou. Mas o diabo não resiste á logica: e de mais a mais um diabo-mulher! Não ha ahi esthetica que possa com tal analyse. Deixem-nos pois gostar de Satanaz; principalmente quando elle é tão duplicadamente interessante.

A linguagem e o estylo da peça são excellentes, basta serem da penna do Sr. Mendes Leal; mas parece-nos que havendo ja tantos diabos em Lisboa era escusado introduzir-se ca mais este... Se o deixam ficar em Paris ficava muito bem.

O melhor de tudo porém é que da maneira porque a peça está montada faz muita honra ao nosso theatro. Comtudo Satanaz é tão diabolico que nos absorveu todas as attenções: se elle é um *anjo* de tanto podêr... A Sr.ª Emilia é na verdade o bule-bule mais satanicamente magnetico que se podia imaginar. No seu difficil e variadissimo papel, ora de taful, ora de dama d'alta sociedade, ora de senhora de casa, ora de gaiato, ora de amante, tem tal propriedade, mimo, conveniencia, garbo, e requebros, que não haveria Satanaz mais tentador. Tem razão o Conde Nuno: assim elle na scena final não fosse tão curioso em querer saber tudo como se passou tim tim por tim tim...

Aproveitando ésta occasião, e como additamento á reflexão que fizemos a semana passada fallando do Retrato-vivo, diremos que a gentil Princeza de França *ri loucamente* como lhe manda a rubrica: a nossa critica recahe pois sôbre o auctor; mas esperâmos que apesar d'este seja guardada a etiqueta.

S. CARLOS.

A unica novidade do theatro-italiano é a aria em portuguez que na noite de 28 cantou o Sr. Tamberlick despedindo-se, e agradecendo ao público o enthusiastico acolhimento que lhe mereceu. A musica foi composição do Sr. Miró, e é na verdade um lindo trecho mui accommodado ao pensamento da lettra, e adaptando-se o rythmo musical com summa conveniencia ao rythmo poetico. A delicada lembrança do illustre tenor foi estrondosamente applaudida pelo numeroso concurso, e o compositor victoriado com acclamações.

Aqui damos a lettra d'essa aria:

Ó lusos acceitai em luso accento
O grato sentimento
D'hesperio peito que de vós se ausenta:
Benino o recebei como fizestes
Ao artista feliz que enobrecestes.
Com pezar deixo, Lisboa,
Tuas auras teus favores...
Mil saudades, mil amores,
Por ti sempre sentirei...
E da terra em qualquer lado
Que de ti me aparte o Fado
O teu nome bemdirei!
No Ebro, [1] ou no Tibre,
Ja, triste, prevejo
Qu'as margens do Tejo
Não heide esquecer.
Da c'roa de loiros
Aqui recebida
Eu sempre na vida
Orgulho heide ter.
D'Elysia ás venturas,
Com grato fervor,
Mil votos de amor
Sempre heide fazer.

[1] O Sr. Tamberlick vai para Hispanha.

SALITRE.

As pillulas do diabo custam a ingulir; ouvimos que as querem doirar muito para as tragarmos melhor. O diabo está em moda não ha dúvida; mas a moda ainda é peior que o diabo.

S. L.

CHRONICA LISBONENSE.

Decididamente, o que está em moda é o 'Circo Laribeau.' Os theatros estão desertos: 'S. Carlos' principalmente perdeu o prestigio. Ora, na verdade os amadores do 'Circo' tem carradas de razão. M. Laribeau é um Director sisudo, intelligente, e sobretudo civil. Os seus espectaculos são sempre variados, agradaveis e dirigidos com todo o acerto. Accrescentemos a isto a commodidade das senhoras tomarem lugar na trincheira, o que torna a Casa mais vistosa e a noite mais aprazivel. É uma innovação muito louvavel: ja era tempo... O que é pena é que o edificio seja tão mal reparado, e tão mesquinhamente construido; é um grave defeito que esperâmos será remediado por M. Laribeau — porque desejâmos tê-lo ca muito tempo.

A frequencia no 'Passeio-publico' continúa como de costume nos domingos pela manhan. As excellentes bandas de musica-militar dos diversos Corpos da guarnição da capital, alli se revesam d'oito em oito dias, tocando á porfia as mais bonitas peças que temos applaudido em 'S. Carlos.' Não sabemos porque se não ha de permittir n'este logar uma barraca portatil ou coisa analoga, surtida de refrescos para os appetitosos. Talvez que o 'Asylo' que tira bello rendimento das cadeiras, não fosse menos feliz n'esta especulação.

A praça do 'Salitre' começou ja os seus costumados *espectaculosos espectaculos*.

Tivemos o gôsto de visitar o Gabinete do Sr. Barão de Pernes, a que S. Ex.ª graciosamente chama a sua *Officina*. A extrema habilidade do illustre Barão é elogiada por todos que o conhecem, mas esse numero por grande que seja é limitadissimo em comparação d'aquelle porque deviam ser admirados os bellos artefactos que executa. N'ésta succinta noticia não é possivel enumerarmos a variedade de objectos que nos prenderam a attenção. Alguns pequenos navios completamente equipados com a maior perfeição, diversas peças de tremó, desenhos lithographicos, flores delicadamente pintadas a aguada, os retratos de seus filhos em miniatura; tudo é merecedor do maior apreço, mormente sendo obras de um Curioso, e executadas por simples distracção. Nota-se sobretudo um gôsto e um acabamento microscopico em todas éstas coisas que faria muita honra a um bom artista.

Sabem nossos leitores? pois não foi só Mme Rossi que alcançou no Porto uma coroa d'oiro; a Paulina Garcia-Viardot obteve dos *dilettanti* de S. Petersburgo um porta-ramalhete d'oiro, esmalte, brilhantes, e perolas, na noite de 25 de fevereiro último. Era a última vez que cantava Rubini, e o rei dos tenores teve uma coroa d'oiro cravejada de diamantes. A generosidade estendeu-se tambem a Tamburini a quem deram um jarro de prata lavrado. Foram presentes de subscripção.

Não queremos deixar de communicar aos leitores um agradavel pressentimento que tivemos ésta semana. O anno passado admirámos um gigante, este anno havemos de admirar um pygmeu. Os extremos tocam-se; é bem sabido. Oxalá que d'anno para anno não minguemos assim nas nossas admirações, porque ninguem saberia dizer o que viriamos a ainda admirar: nós que isto escrevemos acabavamos sem dúvida por nos admirarmos a nós mesmos... Mas, como iamos dizendo, o General *Tom-Puce* natural dos Estados-unidos é um engraçado anão que veio mostrar-se a Inglaterra, que de lá passou a França, que se espera em Hispanha, e que é natural que venha a Portugal. Dizem que é um elegantesinho lilliputiano da altura d'uma criança de dez mezes, todo bem proporcionado, tem quatorze annos, escreve correntemente, é muito espirituoso, e segundo o que d'elle referem, parece-nos que tem suas pertenções a litterato. Se chega a vir a Lisboa obtem de certo a patente... Como quer que seja, o nosso gentil myrmidono, segundo pressentimos, vem-nos fazer uma visita. Será mais uma unidade para o número das raridades que nos fazem pasmar em Lisboa todos os dias, e que tambem, como a maior parte d'estas, nos ha de custar o nosso dinheiro.

Na noite de 24 repetiu a *Academia-Philarmonica* a Opera de 'Maria Padilha' com igual brilho e concorrencia á da primeira noite. Na *Assembléa-Philarmonica* houve na mesma occasião um brilhante concerto a que assistiram mais de quatrocentas pessoas. Ao mesmo tempo estava completamente cheio o Theatro da rua-dos-Condes onde havia beneficio. É o bom-gôsto publico que se agita no melhor sentido.

A funcção religiosa do dia 25 na parochial de *Santa Isabel* em acção de graças pelas melhoras do Sr. J. da Silva Carvalho esteve esplendida, e completa. A musica era composição do Sr. Pinto, e o instrumental foi verdadeiramente magnifico.

As representações dramaticas nas 'Larangeiras' continuam regularmente com o esplendor do costume. Domingo repetiram-se as *Tres polkas*, e deu-se uma nova peça em francez A polka. A concorrencia foi brilhantissima.

Ouvimos que no Eden de Byron — a Cintra dos portuguezes — se prepara um grande baile para ésta semana. Informaremos.

Começou as suas operações a Caixa-economica da Companhia 'Confiança-nacional' e n'uma semana montaram as quantias depositadas á avultada somma de 25:000$000. Tres estabelecimentos d'esta natureza ha em Lisboa, e muitos se teem ja estabelecido e vão estabelecer pelo reino — todos florescentes. — Em paiz nenhum ha exemplo de tão brilhante principio n'estas uteis instituições.

Segundo nos dizem as folhas inglezas um filho d'Albion condemnado á morte, annunciou que daria sette milhões esterlinos a quem quizesse ter a condescendencia de se deixar inforcar por elle... Sette milhões esterlinos parece-nos muito! Conhecemos gente capaz de se inforcar por cinco réis.

N'um dos últimos bailes um cavalheiro mostrava a uma senhora da sua intimidade o retrato da sua dama, que n'aquelle mesmo dia havia recebido. Depois de admirar a miniatura perguntou ésta senhora a outro cavalheiro, com quem antecedentemente conversava, « se nem retratada se poderia saber qual era a dama dos seus desejos? » — Não faço mysterio d'isso, minha senhora, respondeu elle; e se v. ex.ª quizer levantar os olhos ha de vêl-a bem defronte de nós. — As curiosas vistas da interrogante incontraram logo a sua imagem n'um espelho fronteiro... Parece que ésta laconica declaração foi delicadamente acceita...

S. L.

Explicação do enigma da folha antecedente.

Carapeta.

A ORDEM DO BANHO.

VIVÊMOS n'um seculo democratico: é verdade; nunca foram tam odiosas as distincções sociaes, nunca se lhes deu tam pouco valor — mas nunca foram tam procuradas. A classe média que invade tudo, e que está bem longe de querer deixar subir a plebe até ella, quer todavia elevar-se a si mesma apar da antiga nobreza. Ja não é o peão fidalgo — o bourgeois-gentilhome — que arremeda os ares da côrte; é uma classe, uma geração inteira que invadiu os palacios, que se mandou escrever no livro de ouro pelos reis-d'armas de todos os paizes, que mofa do passado que não ouviu o seu nome, e do futuro que o não hade conhecer: o presente é seu porque o domina. Sabe que não vem na historia, nem ha de ir á posteridade. Que fez ella, que fizeram seus avós para isso? Mas a sciencia e as lettras, a industria e as artes são suas, sua é a riqueza, seu portanto o presente.

'Esses titulos, essas honras, essas decorações de ouropel não valem nada deante dos arcos de ferro da minha burra — diz a classe média: 'uma tira de papel assignada por mim gyra o mundo com o valor que lhe eu quero dar — eu negociante eu fabricante que não sei o nome de meu avô — em quanto esses pergaminhos que tem seculos, que rezam de antepassados duques, principes e marquezes, ninguem dá um cruzado-novo por elles.



E dizem a verdade: mas querem o pergaminho, e querem a fitta, e querem a cruz, e o titulo, e... se elles podessem comprar a historia tambem!...

Moralize o facto quem quizer; eu somente o estabeleço.

D'aqui o immenso número de distincções honorificas, a variedade de suas especies, a divisão infinita de seus graus. So nas ordens militares, desde o Esporão ao Tusão-de-oiro, que variegado arco-iris de graduações e de côres!

A democracia invadiu a guarda-roupa do feudalismo, rasgou quantas cabaias lá achou, dividiu-as entre si ás tiras, e foi-se mostrar pelas ruas.

D'aqui tambem, do immenso número de candidatos, a necessidade de reduzir, de supprimir emfim de todo, as antigas fórmas e cerimonial que nos rituaes ecclesiasticos e civis estavam marcados para essas investiduras.

D. João II ainda fez condes com todo o rigor da lithurgia feudal. Em nossos dias, não ha muitos annos, inda era preciso ser armado cavalleiro para podêr ter o hábito de Christo.

Hoje, desde San'Petersburgo até Lisboa, faz-se tudo com uma folha de papel que se dá ao homem, e o homem fica tudo o que o querem fazer.

A consideração pública á parte.

Em Inglaterra a democracia é mais vigorosa, mais illustrada, mais ricca do que em nenhum paiz; mas conscia da sua fôrça não pretende assimilar-se as fórmas, doirar-se com o splendor da nobreza: quer mais, quer aniquilá-la. No continente a aristocracia não é temida, em Inglaterra sim. Mas em Inglaterra a aristocracia é forte, ricca, instruida, está senhora de toda a fôrça, de todo o podêr do Estado; resiste portanto, intrincheirou-se, para resistir, na Egreja, no parlamento, nos tribunaes, no exército, na marinha.

Por isso em Inglaterra achamos ainda as fórmas e solemnidades feudaes conservadas com escrupulo, as distincções sociaes mais circumscriptas, o accesso ás dignidades mais difficil.

Alli ainda ninguem é cavalleiro emquanto o Soberano em pessoa, impunhando a espada do Estado, lhe não deu no hombro os golpes symbolicos e quasi religiosos que o consagram á honra, ao serviço de Deus, do rei e da sua dama. Alli ainda se não dá uma commenda n'uma folha de papel, nem uma cruz de ordem militar por uma portaria.

Repitto que não moralizo, nem julgo dos factos; digo como elles são.

A nossa estampa representa a rainha Victoria dando a investidura da ordem do Banho, na sala do throno no palacio de S. James.

A rainha, sentada no throno, revestida do manto, e ornada com collar e placa da ordem, tendo o principe Alberto á sua direita, e o duque de Canbridge á esquerda, preside o capitulo da ordem. Os cavalleiros gran'-cruzes tomam assento na mesa capitular que está defronte do throno.

O postulante conduzido pelos dous gran'-cruzes mais modernos, ajoelha á direita do throno. Rei d'armas Bath appresenta ao principe Alberto a banda e insignia da ordem; este as offerece á rainha gran'-mestra que as lança ao novo cavalleiro que antes fôra armado tal pela mesma augusta mão. Os cavalleiros gran'cruzes estão todos com os seus mantos e insignias.

A muito honrosa ou muito honrada (most honourable) ordem do Banho, pretendem alguns que seja muito antiga. A sua existencia formal e regular data todavia somente de 1725, epocha em que foi restaurada por Jorge I. Walpole; o famoso Sir Robert Walpole foi o auctor da lembrança e o director da execução. As insignias da ordem são uma cruz de malta de ouro, de oito pontos, esmaltada de branco; nos quatro angulos um leão passante; no centro a rosa por Inglaterra, o cardo por Escocia, e o trevo por Irlanda, sahindo de um sceptro entre duas coroas imperiaes de ouro. Á roda um circulo incarnado com a lettra, ou mote, '*Tria juncta in uno*.' O manto da ordem é incarnado, forrado de branco. Tambem é incarnada a fitta.

Ha tres classes de cavalleiros — Gran-cruzes, commendadores e companheiros. O número é fixo e muito limitado.

Foi ultimamente reformada a ordem em 1815.

Não costuma dar-se a extrangeiros.

A. G.

BERNAL-FRANCEZ.

Desde que em 1828 publiquei em Londres pela primeira vez a interessante rhapsodia de poesia popular que tem este titulo, ella tem feito a volta da Europa, sendo traduzida em diversas linguas, ja no proprio fragmento, ja na reconstrucção ou imitação d'elle que ao mesmo tempo dei á luz.

Ultimamente recebi de Inglaterra, do meu amigo o cavalheiro João Adamson uma nova traducção ingleza, differente e mais acabada do que a impressa ha dous annos no primeiro volume do meu Romanceiro [1]; de Hespanha chegou tambem ha poucos dias uma bella e elegante versão em castelhano.

Junctarei aqui uma e outra para satisfação do público portuguez, e em demonstração tambem d'um grande e importante theorema que ainda me parece não ser tam geralmente demonstrado quanto precisa sè-lo entre nós; vem a ser: Que tanto mais nacional, mais estrême e puramente nacional é uma obra, mais agrada aos proprios extrangeiros, mais segura está de se generalisar e ser conhecida no mundo litterario. O que não tem côr nacional, o que póde ser para todos, é o de que todos fazem menos caso.

Mas não so como obra litteraria, ou como coisa de imaginação e objecto de curiosidade são interessantes éstas reliquias. Eu creio n'ellas como coisa historica. E tenho mais fe n'esses documentos que nos conserva o povo com toda a sua ignorancia, do que n'essoutros que deixou escriptos a sapiencia dos lettrados. O povo altera, traduz, corrompe, mas não inventa.

Vou pôr aqui, restituido e apurado por longo trabalho de meditação e comparação de muitos exemplares, o texto original do Bernal-Francez, segundo o conservou essa tradição.

É este um dos mais bellos e seguramente mais antigos romances da nossa peninsula. Não apparece, como ja n'outra parte disse [2], em nenhum dos romanceiros castelhanos nem na vasta collecção de Ochoa; e denota todo elle mais antiguidade que os mais antigos que n'aquelles codices se acham. Os neologismos da dicção devem-se ás causas ja referidas tantas vezes, que todas estão no variavel e pouco seguro cofre da memoria popular em que teem andado guardadas éstas reliquias, sem mais authêntica do que essa mesma recordação immemorial, bastante em direito para outras posses: porque o não será para ésta?

Além de não andar nas collecções da nação vizinha e irman, nenhum vestigio de idiotismo seu, nenhum resaibo castelhano se nota n'esta composição toda portugueza. As agudezas e artificio dos trovadores da côrte de D. Diniz e de Affonsõ III tambem aqui são extranhas: é mais antiga e menos polida a civilização que a produziu.

Quando sobre ésta simples tela bordei o pequeno poema que pela primeira vez se publicou em 1828 com a Adozinda, o original de que me servi era muito mais imperfeito e cheio de lacunas, e unicamente fôra copiado da licção vulgar da Extremadura. A que dou agora é principalmente correcta pelos manuscriptos do cavalheiro de Oliveira [3] apperfeiçoada ainda pela collação com as diversas cópias das provincias do Norte, especialmente da Beira-baixa que são em meu intender as mais seguras, segundo ja observei tambem.

Chamei-lhe então xacara: duvido agora se a classificação foi bem feita, duvido até da mesma theoria da classificação que ahi procurei estabelecer ás apalpadellas. Acham-se, é verdade, éstas variadas designações, romance ou rimance, xacara, soláo, que parecem designar especies; e ainda as que indicam ser mais genericas de trova, cantiga, cantar, canção: mas o que ellas sempre designam ou quizeram designar não é facil determinar positivamente com segurança. Mais modernas cuido que são as denominações de *loa, barca, tenção, chacota;* e tambem éstas não estão bem appuradas em suas distincções characteristicas. Umas eram talvez determinadas pela fórma exterior metrica, outras pelo stylo ou tom, outras pelo objecto e assumpto, outras finalmente pelo uso, pela solemnidade a que eram consagradas, pela occasião para que eram compostas.

Ja disse que o romance me parecia ser em sua origem um canto epico, isto é, todo narrativo, pouco ornado, pouco lyrico. Os romances pastoris, os satyricos, os facetos, os eroticos, os mesmos mouriscos do seculo XVII, são ja aberrações visiveis, ou pelo menos novas especies produzidas pela cultura artificial da planta primitiva.

[1] Romanceiro e Cancioneiro geral I vol., IV da collecção geral de meus opusculos poeticos. Lisboa 1843.

[2] Prefacio de Bernal, no I vol. do Romanceiro, pag. 100.

[3] Veja o vol. cit. I do Romanceiro. Lisboa 1843.

A xacara é toda dramatica: o poeta falla pouco ou nada, não narra elle, senão os seus interlocutores que apenas designa e nem sempre claramente.

Mas éstas duas especies, se o são, junctaram-se muitas vezes e produziram, ora o romance-xacara em que predomina a narrativa epica sem exclusão do drama; ora a xacara-romance em que o dialogo é auxiliado de breves, brevissimas indicações, quasi rúbricas ou direcções de scena, que faz o poeta a raros intervallos. O povo, em muitas das coisas que recita d'este genero, diz as fallas em verso e cantando, e as indicações narrativas em prosa, sem restricção a texto positivo, e mais ou menos diffusamente segundo o talento ou a verbosidade do recitador.

O romance e a xacara teem em geral a mesma lei metrica, do consoante ou assoante fixo e do número octosyllabo dos versos. O chamado romance hendecasyllabo dos fins do seculo XVII é degenaração completa; e assim foi que precedeu logo a morte d'elle. O soláo será sempre cantar triste como indíca Bernardim-Ribeiro? Narrativo é elle tambem pelo que bem claro nos diz Sa-de-Miranda. Mas uma coisa não exclue a outra. Eu inclino-me a crer que o soláo é um canto epico ornado, em que as effusões lyricas accompanham a narrativa de tristes successos, mais para gemer e chorar sobre elles do que para os contar ponto por ponto.

Cantiga deve de ser a expressão lyrica e improvisada de um sentimento.

Cantar é talvez o genero de todas éstas especies.

A trova mais artificial, mais elaborada, *achou-a* o poeta com estudo, cingindo-se a regras mais severas de metro ou de stylo: trovar (trouver, trovare) é *achar;* e para achar, procura-se, trabalha-se.

Canção tambem é termo generico mas inculca mais artificio do que a cantiga e o cantar: entre nós designa mais strictamente a ode romantica da meia edade, com certas formulas de metro e divisões regulares de strophes.

Loa virá do latim *laus?* Póde ser: é um canto de louvor, mas por certo modo e regra. A loa *deita-se* ainda hoje nos cirios das provincias do Sul, recita-se nos presepes do Natal, nas provincias do Norte do reino. É um cantar de anjos, de genios, de espiritos; mas dramatico, dialogado: é um coro hyeratico que se intoa, que se *deita* do ceo para a terra, que entes superiores cantam para ouvirem homens e deuses. Os Thespis do nosso theatro começaram talvez por aqui, antes que Gil-Vicente e João da Enciña subissem ao seu tablado de novos Eschylos. Na descripção das festas do casamento do principe D. Affonso, chronica de D. João II acho que algum tanto no'lo indicam as expressões de Garcia de Rezende; e mais claramente ainda o romance de Ayres Telles de Menezes — que n'esta collecção achará o seu logar no seculo respectivo. Ahi diz, descrevendo aquellas mesmas festas:

Depois ledos taugedores,
  Aa vinda da princeza,
Fizeram fortes rumores,
  Espar.to da natureza;
Barcas e *loas* fizeram,
  E outras *representações*
Que a todos gran'prazer deram,
  Conforme suas tenções.

A *barca* — alguma coisa da barcarolla veneziana? — era, creio eu, cantiga alternada tambem, e outra vez a vozes e côro, que o mar mandava á terra para tomar parte em seus regosijos. Navegantes, tritões, sereias, — os habitantes reaes e os imaginarios do outro elemento vinham a este cantar e deitar suas loas, que appropriadamente tomavam n'este caso o nome de barcas. Tambem se acham vestigios de barcas *ao divino*, compostas sobre assumptos religiosos. Ao deante juntarei, em seu devido logar, um documento positivo e mui curioso exemplar d'esta gallante variedade, tam natural de nascer em um povo navegante e marinheiro como o nosso foi sempre.

Tenção é o *tençon* das provençaes, distico breve, em methaphora ou ditto ingenhoso, ja accompanhando e explicando o symbolo heraldico de uma *empreza*, no escudo, na bandeira — ja expressando, em mais pacífico ensejo, os sentimentos intimos e recatados do poeta que quer que o adivinhem sem elle se explicar de todo. A tenção é originalmente cortezan, e so tarde e degenerada se relaxou ao braço popular.

Da chacota, do que ella era pelo menos no seculo XV e XVI nos dá muitos exemplos e claro conhecimento o theatro de Gil-Vicente, precioso thesoiro de coisas populares, o mais ricco e variado que temos e, em minha opinião, mais ainda que os proprios cancioneiros cujos collectores, homens de côrte, desprezaram tudo o que não era alambicado pelas modas e polida affectação dos trovadores cortezãos, em quanto Gil-Vicente, homem do povo no meio do palacio, divertia seus amos com os dizeres, os gracejos, os modos originaes, as superstições antigas, as tradições immemoriaes, os cantares rusticos mas cheios d'alma, tinctos na côr fechada e forte que so o povo lhe sabe dar e que não desbota.

A chacota era uma cantiga de rir e brincar, mas que mordia nos vicios e nos ridiculos dos homens e dos tempos; uma especie de *sirvente* menos aspera e severa, nunca séria e grave como ella, e mais popular: cantava-se a vozes; muita vez era o remate, o côro final dos entremezes e das farças.

A mesma palavra *sirvente* ou *servente*, e a designação de versos *sirventesios*, não foi extranha aos nossos antigos, que houveram a palavra, e talvez confundiram a idea dos provençaes. Sabe-se que a *sirvente* do trovador era amarga, satyrica; por vezes foi o grito de guerra, o hymno revolucionario dos Alceus da meia edade contra a tyrannia real e sacerdotal: a sirvente nossa creio que era toda ascetica e religiosa, senão é que mystica.

Mas repitto com sinceridade, que sim tenho consciencia de navegar para a verdadeira latitude, não tenho certeza da longitude: as observações são imperfeitas e quasi todos estes calculos fundados em hypotheses vagas. Os nossos philologos, que elucidaram tanta coisa insignificante, desprezaram sempre a litteratura popular como indigna de seus classicos estudos. Faria-e-Sousa e alguns poucos mais, que tinham o instituto da sua importancia, sacrificaram aos prejuizos do tempo, e, ou por credulidade ou por pouco escrupulo, fizeram-lhe fracos serviços, porque os fizeram sem verdadeira fe e lisura.

Eis aqui o fragmento original, apurado das differentes licções oraes, e da escripta de Londres.

ROMANCE.

'Quem bate á minha porta,
Quem bate, oh! quem 'stá ahi?'
— 'É Bernal-Francez, senhora:
Vossa porta, amor, abri.'
— 'Ai! se é Bernal-Francez,
A porta lhe vou abrir;
Mas se é outro cavalleiro,
Bem se póde d'ahi ir.'
Ao saltar da minha cama
Eu rompi o meu frandil, [1]
Ao descer da minha escada
Me cahiu o meu chapim,
Ao abrir da minha porta
Me apagaram meu candil... [2]
Pegára-lhe pela mão
E o levei ao meu jardim,
Fiz-lhe uma cama de rosas,
Travesseiro de jasmins,
Lavei-o em agua de flores
E o deitei apar de mim...

— 'Meia-noite ja é dada
Sem te voltares para mim;
Que tens tu, amor querido,
Que nunca te vi assim?
Se téme-los os meus criados,
Não virão agora ahi;
Se téme-los meus irmãos,
Elles não moram aqui;
Se de meu marido temes,
Longes terras foi d'aqui,
De má traça o matem mouros, [3]
E a nova me venha a mim!...'

— 'Não temo de teus irmãos
Que bem sei que são por mim, [4]
Não temo os teus criados
Que mais me querem que a ti.
A teu marido não temo,
E d'elle nunca temi...

[4] *Frandil*, ainda hoje usado em Tras-os-montes, significa *fralda* no sentido methonymico antigo, por camisa, ou gibão branco de mulher.

[5] *Candil é candea*, vela.

[6] Má traça! o matem moiros,
Novas me venham a mim. *Ribatejo.*
Más cutiladas o matem. *Beiralta.*

[7] Pois cunhados são de mim. *Alemtejo.*

Teme tu, falsa traidora
Pois o tens apar de ti!'
—'Ai se tu es meu marido
Quero-te mais do que a mim...
Oh que sonho, tam mau sonho
Que eu tive agora aqui!
Ergamo'-nos ja, marido,
Deixa-me vestir d'ahi.'
—'Calla-te, falsa traidora,
Que não me inganas assim.
Deixa tu vir a manhan,
Que eu é que te heide vestir:
Dar-te-hei saia de grana [5]
E gibão de cramezim,
Gargantilha de cutello,
Pois o quizeste assim.'

—'Deixa-me ir porqui abaixo [6]
Co'a minha capa a cahir,
Vou-me ver a minha dama
Se inda se lembra de mim.
—'Tua amada, meu senhor,
É morta, que eu bem a vi:
Os signaes que ella levava
Eu t'os digo agora aqui.
Levava saia de grana [7]
E gibão de carmezim,
Gargantilha de cutello,
Tudo por amor de ti.
Os sinos que lhe correram
Por minhas mãos os corri,
As andas em que a levaram
Eu de negro é que as cubri,
Caixão em que a amortalharam
Era de oiro e marfim,
Os frades que a accompanhavam
Não tinham conto nem fim;
Sahiram-lhe sette condes, [8]
Cavalleiros mais de mil;
As donzellas a chorar,
Os pagens iam a rir.
Levaram-n'a a interrar
Á egreja de San'Gil.'

Palavras não eram dittas,
Por morto no chão cahi;
Passaram horas e horas
Quando me tornei a mim.
Fui-me áquella sepultura,
Queria morrer alli:
—'Abre-te, ó campa sagrada
Esconde-me apar de ti!'
Do fundo da cova triste
Ouvi uma voz sahir: [9]
—'Vive, vive, cavalleiro;
Vive tu, que eu ja morri:
Os olhos com que te olhava
De terra ja os cubri,
Bôcca com que beijava
Ja não tem sabor em si,
O cabello que intrançavas [10]
Jaz cahido a par de mim,
Dos braços que te abraçavam
As cannas ve'-las aqui!
Vive, vive, cavalleiro,
Vive tu, que eu ja vivi.
A mulher com quem casares
Chamem-lhe Anna como a mim
Quando chamares por ella
Hasde-te lembrar de mim.
Conta-lhe os nossos amores,
Que apprenda na minha fim. [11]
Filhas que d'ella tiveres
Ensina-as melhor que a mim,
Que se não percam por homens,
Como me eu perdi por ti.'

A. G.

(Continúa.)

5 Dar-te-hei saia de guarane. *Estremadura.*
6 Deixa-me ir porqui abaixo
Co'a minha capa cahida
Quero ver a minha amada
Se é morta ou se inda é viva. *Minho, Ribatejo e var.*

Ésta variante, que desobedeceu á lei da rhytma do romance, é muito geral.

7 Boa saia de guarane. *Beirabaixa e var.*

Se não é corrupção de grana, estófo, roupa tinta de gran, vermelha, so se for derivação do francez antigo *guare*, (de duas côres) — o *garanvaz* das nossas antigas leis sumptuarias. Em quasi todas as cópias vem *guarane* e não grana; d'onde me inclino a crer que a verdadeira licção original é *guarane*. Eu adoptei *grana* por ficar mais obvio o sentido, mas parece-me que fiz mal. — O que aqui se diz tem applicação egualmente á variante 5.

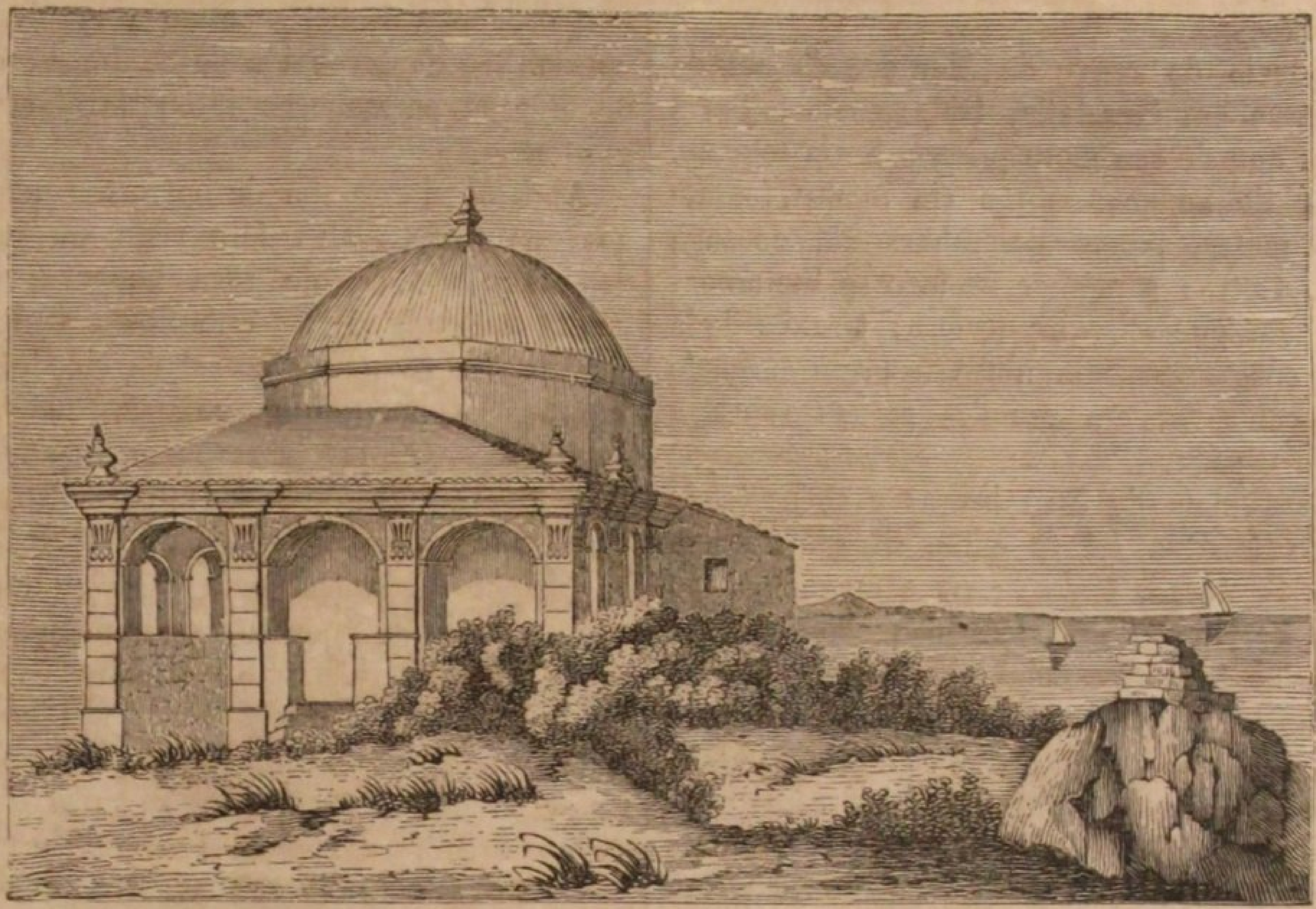
8 Sahiram, isto é, foram em seu sahimento ou intêrro.

9 Uma triste voz ouvi. *Estremadura.*

10 As tranças com que folgavas. *Açores.*

11 O povo, assim como os nossos antigos escriptores, ainda hoje faz fim ora masculino ora feminino, mas não indifferentemente nem á toa. *Fim* como alvo, objecto, etc., é sempre masculino, como termo, acabamento da vida ou de outro estado qualquer, sempre feminino, para elles.

ERMIDA DA PIEDADE EM LAGOS.*



A bahia de Lagos é formosa; é celebre pelas recordações da nossa historia maritima. — O pontal, denominado da Piedade em rasão da ermida n'elle sita, é um rochedo a pique, onde houve uma bateria de duas peças; dalli se descobre o mar sem limites desde o Cabo de Santa Maria até o de S. Vicente, extrema d'esta nossa terra portugueza por aquella parte. A leste fica a majestosa bahia, orlada ao norte por uma praia dilatada, quasi semi-circular; mais ao longe se divisam os alcantís sombrios da serra de Monchique, em que remata a perspectiva, cercando em fórma de amphitheatro desegualmente agrupado toda a paizagem inferior. A ermida da invocação de Nossa-Senhora da Piedade está no rochedo mais escarpado, proeminente sobre o oceano, a pouca distancia ao sul da cidade: a solidão do logar e a vastidão dos máres inspiram meditações profundas.

Não póde assignalar-se ao certo a epocha da fundação da egreja primitiva; conjectura-se que data de remota antiguidade por algumas ruinas que a cercam, e cujos fragmentos se aproveitaram em reedificações posteriores, manifestando que a fábrica em sua origem foi mais ampla do que se appresenta aos modernos visitadores. — A frente do lado do Oeste, e as de outros dois lados são guarnecidas de cantaria; dividem-nas pilastras da mesma, ja bastante carcomida pelo tempo: as pilastras dos quatro angulos são terminadas por uma especie de pinaculos, que findam n'uma pyra onde as chammas fazem lembrar as symbolicas do fogo sagrado, mantido sempre pelas Vestaes. Daqui veio presumir-se que muitas das pedras da ermida christan seriam tomadas de algum *sacellum* (ermida tambem ou pequeno templo) dos romanos, que os edificavam nas costas e promontorios, sagrando-os aos numes maritimos, e que de ordinario eram dispostos para que os marinheiros salvos de naufragio viessem cumprir ahi suas promessas e votos arrancados na afflicção do perigo. — Não fazendo caso de tam remota origem, o local da ermida é digno das visitas dos curiosos que frequentarem a muito antiga e nobre cidade de Lagos, quando outro motivo não houvesse senão a sublime perspectiva, que dalli se desfructa.

***

* Devemos este desenho ao Sr. F. X. de Paiva, que no meio de importantes occupações acha tempo para cultivar com aproveitado esmero o estudo da archeologia e da paisagem.

ROMANCE.

O PALACIO DO DIABO.*

(CHRONICA DO SECULO X.)

(Conclusão.)

Postoque algum tanto perturbado pela estranheza da visão o senhor de Suismantium não esteve muito tempo sem adormecer. — Demorou-se poucos dias no castello, e nesses nunca se esqueceu de ir de manhan á borda do abysmo, que tragára o seu amigo, e de orar por sua alma. — Habituou-se gradualmente e por tal fórma á visita nocturna de Didgyn e á singular interpellação: *Estás disposto?* » que, sahindo do seu dominio para Mantua, não poude isentar-se de pensar na viuva e desejar que ella recuperasse o uso da rasão, persuadido como estava de que o pezar a endoudecêra. Por isso grandemente se assombrou quando ao dar a meia-noite, em Guastalla, Didgyn lhe reappareceu, mas sem facho nem vestidos de fogo, ante o leito e a repetir-lhe a costumada citação, com voz mais ameaçadora,

* Continuado de pag. 14.

Não poude Adalberto reprimir uma gargalhada sonora, e dos labios lhe sahiu por metade a palavra — louca! — Didgyn retorquiu com uma pesada imprecação, e sumiu-se promptamente.

Entretanto o conde de Mantua, que esperava o seu futuro genro, lhe fazia preparar um quarto no palacio, de que era dono, a poucos passos da porta *Leona*, e que determinára dar em dote a sua filha. Déra ordem a festas da côrte e mandára convidar para um torneio aos senhores dos castellos e cidades circumvisinhas; em summa, nada ommittira para que Adalberto não tivesse que esperar muito pela satisfação do seu mais ardente desejo.

No palacio do conde de Mantua, da mesma maneira que em Guastalla, Didgyn não faltou á obrigação que de seu motu proprio havia tomado. O senhor de Suismantium a via infallivelmente todas as noites, porem desembaraçada da toga negra do Gotra: a mulher de fogo se metamorphoseára em guerreiro mysterioso: trazia calada a viseira constantemente, um véu preto enrolado á cinta cahia-lhe em grandes prégas sobre a bainha da espada.

A pouco mais de 360 braças e ao norte da cidade de Mantua estava então situado o arrabalde de S. Jorge, onde se via o magnifico palacio de Trajano. Para alem daquelle suburbio (demolido no seculo passado) n'uma dilatada planicie teve logar o torneio na vespera do casamento de Adalberto com Isabel condessa de Mantua. Tendo deixado que muitos dos convidados dessem provas de sua valentia e destreza, Adalberto entrou na liça: todas as senhoras olharam para elle e complacentemente, porquanto formoso guerreiro era o senhor de Suismantium. Apenas havia começado o giro da estacada, eis que um cavalleiro incognito toca com o ferro da lança no escudo do novo mantenedor, e salta na arena, montando um fogoso cavallo hungaro, que com admiravel pericia fazia curvetear. Adalberto bastou-lhe um relance d'olhos para reconhecer Didgyn; approximou-se della afim de a dissuadir de seu ousado intento; mas a heroina não lhe deu tempo indo postar-se na opposta extremidade da liça: então o mancebo, que se reputaria infamado combatendo contra uma mulher, proclamou alta voz o sexo de Didgyn, e desembaraçou-se por este modo, ao menos na occasião, daquella creatura, que desde essa hora principiou a lhe parecer menos ridicula. Ao sahir do campo a viuva chegou-se do joven castellão e disse-lhe em tom baixo — Não se escapa ao braço da justiça! — A pertinacia e encarniçamento que mostrava no prosecução do seu designio mostravam-se tão reflectidamente que de certo não podiam ser resultado de loucura. Dahi em diante Adalberto considerou Didgyn inimigo perigoso, mas como cavalleiro valente não se inquietava com isso.

O mancebo sahiu victorioso de seis combates, e acclamado vencedor do torneio recebeu e foi coroado por mãos da rainha da belleza, que não era outra, como é bem de suppor, senão a condessa Isabel.

O restante do dia passou-se na cidade em banquetes e festejos. Sempre junto a seu pai e á sua desposada, Adalberto sentia-se em extremo feliz, ao mesmo tempo a condessa Isabel, tão cheia de contentamento como o seu noivo, vangloriava-se de lhe haver inspirado amor tão intenso. Milon, que nas cãas manifestava vida longa e agitada, regosijava-se vendo-se reproduzido na pessoa de seu filho, que mui provavelmente seria o seu successor no senhorio de Verona; e o Conde de Mantua não tendo que formar mais desejos, agora que entregára sua filha unica á protecção de um illustre e poderoso senhor, capacitava-se de ter attingido o mais perfeito grau de ventura possivel. Tudo annunciava que o dia immediato seria para a cidade de Mantua um dia de satisfação e passa-tempo; separaram-se alta noite, procurando cada qual o repouso, anhelando impacientes pelo dia que se preparára sob tão brilhantes e ledos auspicios.

Chegada porem a hora da ceremonia, debalde esperaram pelo filho do conde de Verona; e quando, para indagar o motivo da inesperada demora, correram ao palacio que elle habitava fóra da porta Leona,[1] acharam o cadaver do mancebo traspassado de muitas punhaladas.

O conde de Verona morreu de pena pouco tempo depois: Isabel sepultou a sua desesperação no claustro do arrabalde de S. Jorge; e o conde de Mantua permaneceu inconsolavel até findar a existencia.

A datar d'esse dia de horrorosa memoria, no qual ao raiar d'alva fôra visto um formoso cavallo de batalha, de raça hungara, completamente arreiado fugir á desfilada sem cavalleiro atravez das campinas ao sul da cidade, ninguem mais ousou pôr pé no palacio, que Adalberto habitára. — Os que moravam na visinhança desta casa asseveravam que da meia noite até a uma hora se levantava lá dentro um temeroso arruido: o vulgo a denominou *palazzo del diavolo*, nome que a tradição supersticiosa lhe tem conservado até o presente, não obstante haver sido reedificado desde os alicerces no seculo preterito, e achar-se, de ha muito, encravado na mais bella rua de Mantua, dita *il corpo di porta Predella*.[2]

THEATRO DE S. CARLOS.

D. Sebastião de Portugal. — *Drama-lyrico em 4 actos. Musica de Donizetti, poesia de Scribe.*

Se o auctor do libretto d'esta peça não houvesse outros titulos, certamente muito honrosos, para se sentar entre os outros trinta e nove *immortaes*, acreditâmos piamente que nunca lá se sentaria. Parece que não sabem de Portugal senão Camões e a Inquisição! Em se fallando d'este paiz lá por fóra póde-se contar que veem duas coisas bonitas de Camões, e outras duas muito feias da Inquisição. Ora, Scribe pareceu-lhe, e talvez lhe pareceu bem em França, que, reunindo D. Sebastião, Camões, Inquisição, Moiros, Frades, Soldados, etc. teria feito tudo. Póde ser que fizesse — mas de certo não inspirou o seu maestro.

Tem bellissimas coisas a partitura: o grandioso final do 4.° acto, originalidade em certas melodias, riqueza e estylo severo d'instrumentação... tudo quanto quizerem; mas debalde lhe procuraremos aquelles lindos motivos da *Favorita*, e ainda dos *Martyres*. Por outra parte não desconhecemos que os artistas que executam ésta Opera não podem satisfazer, no complexo, a todas as exigencias da sua musica; e que os côros, sôbre que joga todo o seu mechanismo lyrico, eram assaz diminutos, e nem sempre se houveram como era de desejar.

Em quanto á magnificencia com que está posta em scena, devemos confessar que nos contenta. O número dos comparsas, o vestuario, a riqueza das scenas, principalmente a que representa o edificio e largo do mosteiro de Belem, e a última, são coisas muito dignas d'elogio. S. L.

CHRONICA LISBONENSE.

Com effeito chegou o verão; e o inverno, que nos ameaçava de ser mais comprido do que uma novella d'Eugenio Sue, houve de retirar-se diante de Flora, que cercada de amores e de rouxinoes nos vem desdobrando seu tapete de verdura...

Cahimos em poesia... Perdoem. Se nos descuidâmos ahi vinha a briza a bafejar as boninas, a aurora com roseos dedos a abrir o horisonte de purpura. Acudimos-lhe a tempo.

Os omnibus e as carruagens vão começar as suas carreiras para Cintra. A vitella do Victor, as aguas da Regaleira, os burrinhos da praça, vão ser disputados pelos visitadores d'aquelle pittoresco sitio.

A *Outra-banda*, a que ja ouvimos chamar *reflexo de Cintra*, vai ser egualmente frequentada. O Escoveiro não ha ter menos visitantes, nem os burrinhos de Cacilhas menos alugadores. Faltam alli as aguas da Regaleira, é verdade, mas na Outrabanda não se bebe agua...

Uma discipula do nosso Conservatorio — a Sr.ª Clementina — parece que está escripturada para o Theatro-italiano na qualidade de Dama-comprimaria. Dizem que o seu debute será na *Parisina*, mui proximamente. Ouvimos tambem que um tenor e um baixo, ambos de esperanças, frequentam as aulas de canto d'aquelle util estabelecimento. São incalculaveis os bons resultados que se podem tirar se chegâmos a conseguir fazer um nucleo de artistas de canto portuguezes.

Quasi sem querer passâmos de Lisboa a viajar pelo mundo: pois va la uma curiosa noticia extrangeira. No momento em que todo Paris corria ao theatro 'Ventadour' para admirar o famoso general americano de vinte polegadas e quinze arrateis, de que na folha última fallámos aos leitores, apresenta-se na mesma cidade uma familia inteira de gigantes da Patagonia, homens, mulheres, e filhos, os mais pequenos dos quaes dizem ter acima de treze palmos de altura. Seja este ou não o seculo das raridades, o que é certo é que estava guardado para nós vermos na realidade a engraçada fábula de Swift: quem duvidará de que Tom-Puce se interre até ao joelho n'uma caixa de tabaco d'estes descendentes de Encelado?

Sua Majestade ElRei visitou o collegio dos aprendizes do Arsenal do Exército, e com a sua presença deu novo estímulo áquelle instituto.

O Govêrno recebeu propostas d'uma companhia ingleza para a construcção d'um carril de ferro de Lisboa ao Porto, passando por Cintra e talvez por Coimbra. Se o projecto chega a realisar-se, havemos d'ir dentro em pouco, e na companhia de muitos dos nossos leitores, visitar a Pena em vinte minutos, o Museu da Universidade em tres horas, e o Sr. Braz-Tizana em menos de cinco.

A morte do Sr. Patriarcha suspendeu por tres dias todos os divertimentos públicos.

ENIGMAS PITTORESCOS.



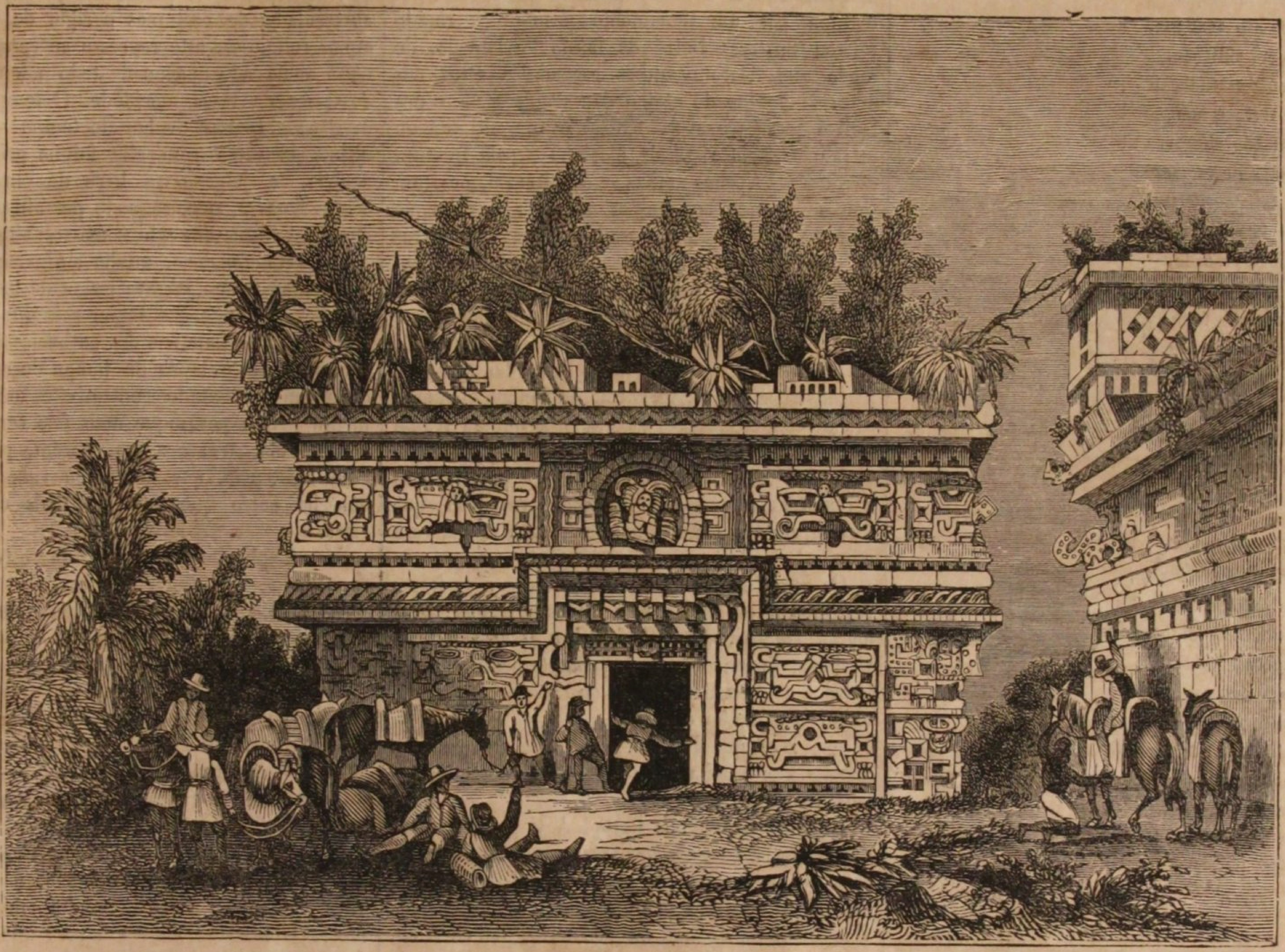
[1] Ésta porta era situada onde agora começa a porta Predella, ao pé do theatro novo.

[2] Esta lenda é resumida das *Recordações da Lombardia* por Urbino da Mantova.

SUMMARIO.

RUINAS DE CHICHEN-ITZA.

Antes que os europeus se estabelecessem na America central (o Mexico e o Yucatan) existiu uma grande civilisação em povos de origem remota e ignorada, como attestam os monumentos, que alli encontraram os descubridores, e mais ainda os que tem sido pesquizados e descriptos por modernos viajantes intelligentes, taes como Mr. Stevens e Mr. Norman, ambos dos Estados Unidos. Éstas obras magestosas, desconhecidos os meios de sua construcção, ainda admiram mais que as famosas pyramides egypcias: sobretudo são notaveis o templo dos idolos em Uxmal, e o que chamam convento de freiras em Chichen-itza, sitos no Yucatan; para os leitores fazerem alguma ideia damos em estampa parte do que ainda subsiste d'este último: a architectura é extravagante, mas com certa symmetria, que denota policia e industria no povo que erigiu taes obras, que a nós parecem singulares, e que deviam ser conformes ao gosto dessa gente.



Entre as muitas e grandiosas ruinas de Chichen-itza é digna de especial menção, pelo bom estado em que se acha e pela cópia e belleza dos ornatos, a casa dita das freiras, porque se suspeita ser asylo de clausuradas que ao culto de seus idolos consagravam a vida, como as virgens dedicadas ao sol no Perú; d'estas temos ampla noção porque as fez conhecidas do nosso povo a versão das affectuosas *cartas peruvianas*, e a tragedia Cora (na 1.ª edição — Triumpho da natureza) pelo Dr. Vicente Pedro Nolasco, ha pouco fallecido, e que por seus estudos e talento variado merece mais consideração do que geralmente gozou em vida.

A circumferencia do edificio de Chichen-itza é de 638 pés inglezes, medindo ao comprimento 104 pés, e de largo 30. A altura da fachada que se representa na gravura é de 25 pés tendo de largura 35 ditos. Sendo impropria d'este jornal mais particularisada descripção, remettemos os indagadores d'este genero d'archeologia para a obra do citado Mr. Norman — *Rambles in Yucatan*. — Foi em Chichen que os indios desbarataram os hespanhoes commandados pelo general Montejo.

***

BERTRAN DE BORN
TROVADOR E SENHOR DE ALTAFORTE.

(ROMANCE ALLEMÃO DE L. UHLAND.)

Fummam ruinas d'Altaforte
No penhasco alcantilado,
Seu castellão rebellado
Nas armas teve má sorte,
Ante elrei vem algemado.
— «Cavalleiro desleal,
Tua espada e teu trovar
Servem so d'alvoratar
O meu povo tão leal
E meus filhos fascinar.
Com desmarcada jactancia
Quanto de ti presumias!
Metade so carecias,
Dizias com arrogancia,
Do espirito que havias.
Pois metade te não fique
D'esta vez por empregar;
Todo te venha salvar,
Teu castello reedifique,
Teus grilhões venha quebrar!
— «Sim eu sou Bertran de Borne,
Sim, meu senhor e meu rei,
Que com meu canto inflammei
Perigord e Ventadorne.
Que tenho sido bem sei
Um espinho doloroso
Nos vossos olhos, senhor;
Que houveram por meu amor
Filhos de rei poderoso
De seu pae o desamor.
— Era dia de noivado,
No paço tudo alegria,
Vossa filha recebia
Um barão que destinado
Por seu pae sido lhe havia.
De repente um mensageiro
Na brilhante sala entrou,
Sentida xac'ra cantou
Que este teu prisioneiro
Lá cantar-lh'a lo mandou
Da lyra aos sons immortaes,
Do trovador renovadas
Foram memorias passadas,
Té que as joias nupciaes
De pranto foram banhadas.
— Á sombra d'uma oliveira
Teu filho triste avistei;

O momento aproveitei,
Com audaz canção guerreira
Seus ouvidos assaltei.
O gentil peito tão forte
Depressa s'incendeou,
No seu rocim se lançou,
Mas ás portas de Monforte
Mortal setta o traspassou.
Em meus braços todo sangue
Não o frio ferro, não,
Mas do pae a maldição
Era, quando alli exangue,
A sua extrema afflicção.
A mão te quiz estender
Atravez de terra e mar,
Vendo á tua não chegar,
A minha antes de morrer
Volveu de novo a apertar.
Assim como lá no alto
Meu castello derrocado,
Desde então fiquei quebrado,
De todo o espirito falto,
De toda a força privado.
Facilmente, como viste,
Meu pulso ferros tomou
Desque o esp'rito me faltou,
Só par'esta canção triste
Ainda forças achou.»

Então elrei commovido:
—«Tu meu filho fascinaste,
Minha filha enfeitiçaste,
Seu coração has rendido,
E o meu agora abalaste.
Verdadeiro amigo raro,
Recebe a mão de teu rei,
Que amisade de tal lei,
Pois não póde o filho caro,
Eu por elle a pagarei.
Teus ferros longe daqui!
De teu spirito preclaro
Divino bafo senti.

J. G. M.

EMMA.

EPISODIO DA HISTORIA ESCOCEZA.

Na costa oriental da Escocia, entre o golpho d'Edimburgo e o do Tay, ainda ao findar o seculo passado existia, não muito longe da cidade de Santo André, uma bonita casa de campo, vivenda deliciosa, não obstante pertencer a uma alta dignidade ecclesiastica, e apesar da rigidez dos principios religiosos do tempo de Carlos 2.º, epocha da nossa historia. Ésta morada campestre era um verdadeiro paraiso terreal, onde o reverendo James Sharpe, arcebispo de Santo André e primaz da Escocia, costumava passar os verões em companhia de miss Emma, sua filha unica muito querida.[1]

Na tarde de 2 de maio de 1679, viera a donzella, seguida de sua aia, ao terreiro proximo d'esta linda casa, respirar o aroma suave das flôres á sombra de frondosos olmeiros, que alli faziam doceis de basta ramagem: ora esperta a contente corria sobre a areola do seu passeio estimado, ora firmando os cotovellos no muro d'avenida estendia a vista pelas ondas azuladas, que a viração brandamente impellia ao sopé da riba alta e fragosa, em cujo topo a casa de seu pai estava situada. — Eis que neste ameno passeio Emma subitamente pára, applica o ouvido, e tal é a sua preoccupação, que parece não attentar nos objectos em que tem posto os olhos: era isto tão pouco do costume da donzella, que fez admirar a aia: portanto mistress Betty approximou-se logo da sua pupilla.

—«Presada filha, que quer dizer essa inacção, essa melancholia, quando tudo se ri para vós, tudo concorre...» — Emma não fez mais que voltar-se para a aia, tapar-lhe com uma das mãos a boca, e levar o index da outra aos labios; em seguida por um movimento prompto e rapido retirou mistress Betty da borda da lameda, de modo que ficaram ambas escondidas atraz das arvores; porque do atalho que seguia o muro era facil a quem passava descobrir os que alli vinham attrahidos pela vista de marinha e pela frescura do sitio. — Apenas ambas se occultaram, ouviram som de passos no atalho, e vozes a principio confusas successivamente mais distinctas; palavras do dialecto escocez das montanhas gelaram d'espanto a filha do prelado: mal que percebeu uma syllaba ficou immovel, cosida com a arvore que lhe prestava arrimo; mas assim que cessou de ouvir as vozes dos que iam pelo atalho, abandonaram-na as forças, vergaram os joelhos e o corpo desfalleceu nos braços da aia, que afflicta seguia todos os movimentos d'Emma. — Miseraveis montanhezes! (disse Betty, applicando á pupilla para a reanimar os saes que trazia de prevenção) que diriam elles que assim inquietaram a minha cara menina!» —

Os espiritos que Betty ministrou e o ar fresco restituiram em breve os sentidos a Emma; e as louras tranças, espalhadas sobre as espaduas alvissimas, foram de novo e promptamente concertadas; a donzella poude, de braço com a aia, tomar o caminho de casa.

—«Não me direis agora, minha querida, o que foi que vos incommodou e deu causa á vossa perturbação?...» —

—«Ah minha boa Betty! A ti posso eu confiar meus receios e suspeitas: e quando é que te escondi meus secretos sentimentos?... Ésta manhan logo que meu pae me appresentou Henrique Honyman, esposo que me destinava, não corri eu, satisfeita e vaidosa da escolha, a dar-te parte de um caso que preenchia os meus desejos?... Ah! que não é somente a belleza de Henrique, e as suas boas qualidades que me induziam a cubiça-lo para esposo. Tutelado de meu pai, depois que o d'elle cahiu a golpes de fanaticos presbyterianos, desde a minha infancia o filho do bispo das Orcades tem sido alvo de um affecto da minha parte que tomou nascimento na memoria do tragico fim de seu pai, a quem eu devi a salvação do meu. Abrigados pelas mesmas telhas, educados pelo mesmo mestre, ambos temos bebido no fecundo manancial da instrucção paterna. Os nossos estudos, brincos e regozijos foram communs; d'esta maneira a nossa amizade de dia para dia obtinha novos alimentos, até se transformar em sentimento mais terno, acenando-nos com a esperança do agradavel futuro, que meu pai nos tem preparado. Por outro lado, tu bem sabes, minha amiga, as tentativas e perseguições de sir David Hackston; nem te esqueces de que, levado de amor louco, ou para melhor dizer, de arrojado orgulho, não receiou augmentar a sua odiosa assiduidade para me dar conhecimento da sua paixão, como se não foram motivos mais que sufficientes para eu repellir, todavia com circumspecção, as suas diligencias, o temor de suscitar no espirito de meu pai inquietações que parecem apasiguadas, e a certeza de que sir Hackston e João Balfour, seu cunhado, se pozeram á testa dos não-conformistas d'esta comarca.» —

—«E é por isso que todas as vezes que o encontrava tinha eu o cuidado de lhe dizer — Bem conheceis, senhor, que a menina é muito nova para lhe lembrar casamentos. Por mais que os poderosos senhores da Escocia procurem ésta alliança, nunca o pai dará o seu consentimento, porque, abaixo do culto de Deus, não tem este santo homem na terra outra consolação senão a sua filha unica; nem ella, tão ditosa na companhia de seu pai, o largaria por quanto ha no mundo. E demais — accrescentava eu —, sir David, aqui para nós, postoque sejais apontado pela austeridade de costumes e rigor de vossos principios religiosos, este regresso ao caminho do Senhor ainda não apagou de todo a lembrança dos desvarios da vossa mocidade. O tempo é grande mestre; e Deus é Senhor do tempo! — A minha última conversa com elle foi na primavera que acabou, e julgava-vos livre das importunações d'esse homem, que, segundo por ahi corre, abraçou as opiniões dos whigs mais exaltados.» —

—«Ha um anno, minha amiga, que eu tambem como tu me julgava isenta de todo o perigo, mas se não tenho que temer pelo que toca a meu pai o rancor fanatico dos enthusiastas presbyterianos, e se o lapso de tempo decorrido depois do último attentado contra elle me dá fundamento para esperar que mais não será ameaçada a sua vida, tremo agora, porém, por causa de uma existencia, que depois da vida de meu pai não ha outra que me seja mais cara e preciosa.» —

—«Explicai-vos, menina; que estremeço horrorisada!» —

—«Se ainda ha pouco me viste immovel, avidamente colhendo as palavras daquelles homens, que passaram tão perto de nós que não perdi uma só particula da sua conversação, é porque no seu mysterioso dialogo advinhei um projecto horrivel.» —

—«E que projecto é esse?...» —

—«Uma vingança horrorosa commettida na pessoa do filho do bispo das Orcades.» —

—«Deus é pai... não hade ser assim.» —

—Não! graças á Providencia, não será como elles cuidam!... Porém, minha amiga, vigia os nossos familiares; alguns haverá que ou movidos de excesso de zelo religioso, ou peitados por dinheiro, irão passar fóra quanto se passa em casa de meu pai. Aquelles dois homens, que eu ouvi não eram senão David e seu cunhado Balfour: da boca d'este último sahiram as ameaças sanguinarias que me perturbaram os sentidos. Não só o fanatico presbyteriano já sabe que meu pai resolveu casar-me com Henrique, mas tambem da caçada d'amanhan, em que elles intentam acabar com o infeliz mancebo.» —

A este ponto chegava a conversação, quando Emma e a sua aia entraram em casa. — Convem observar, para melhor intelligencia dos successos, que o pai de Emma, o arcebispo primaz da Escocia, havia sido na restauração, mui activo fautor dos presbyterianos; mas depois da exaltação de Carlos 2.º, mudára de todo de opiniões, quer por convicção, quer por espirito ambicioso; e mudára de fórma que, intolerante e rigoroso, converteu-se em perseguidor dos seus antigos correligionarios. Por outro lado era dotado de boas qualidades, bem como das virtudes domesticas. Observára elle a mutua affeição de sua filha e de Henrique, e determinára uni-los pelos sagrados vinculos da religião; por sua influencia poderosa já tinha obtido para o futuro genro uma patente no exército.

Quando Emma entrou em casa, ainda o arcebispo estava ausente, por quanto as obrigações do seu cargo o haviam chamado á cidade: Henrique o acompanhára: não tardou porém muito;

[1] Não faça reparo alguem menos instruido; porquanto o clero protestante, até sem exceptuar os prelados superiores, não é obrigado ao celibato.

e notando os signaes de inquietação que a donzella ainda manifestava, ambos quizeram expor a rasão de sua demora.

— « Bem sei, meu pai, que os encargos do vosso ministerio vos retem largo tempo na cidade; mas, quando não estou na vossa presença, não ha consideração que possa distrahir o meu cuidado. » —

— « Isso é prova, minha filha do vosso amor filial e boa indole. E sendo verdade que a demora não procedeu de mim, mas do vosso noivo, que lhe dirieis vós? » —

— « O que a minha respeitosa affeição não permittia que eu vos dissesse. » —

— « Pois então, minha querida, ahi tendes o culpado; reprehendei Henrique. » —

— « E o réu (atalhou o mancebo) entrega-se inteiramente á disposição do seu amavel monitor. » —

— « Não motejeis, senhor: e demais não quero julgar-vos sem vos ouvir; quando tiver conhecido a causa que vos levou a demorar meu pai na cidade, saberei se posso ou não aproveitar-me da faculdade que me concedeis. »

— « Então suspeito que a reprehensão não será muito severa; porque o vosso Henrique, apesar das minhas instancias, mal teve tempo de fazer todas as compras que tencionava, e mesmo assim atulhou-me a carruagem de um trem de caça, que hade servir-lhe ámanhan... » —

— « Pelo amor de Deus!... Henrique não hade ir á caçada!... » exclamou a donzella com uma vivacidade, que não poude reprimir.

— « Largamente abusais do jus, que vos foi concedido; (replicou Henrique brandamente); assim como o juiz não condemna o réu sem o ouvir, não lavra a sentença sem a motivar. » —

Emma conheceu a situação difficil, a que fôra levada pelo seu fallar precipitado.

— « Henrique, não interpretareis em sentido desfavoravel o modo aspero e talvez intempestivo porque eu formulei o meu pensamento; estou certa de que nem me cumpre dar-vos ordens hoje, nem de futuro. Com tudo se desejais condescender com a minha vontade, ou com os meus presentimentos, fazei-me o favor de não hirdes á caçada. » —

Quando Henrique ia responder, cortou-lhe a palavra o pai d'Emma: — Mas porque, filha minha?... A rasão ja se vos perguntou... » —

— « A rasão, meu pai... em primeiro logra, os perigos resultantes d'esse exercicio... » —

— « O homem prudente prevê o mal, e acautela-se. » —

— « O imprudente ultrapassa-o (respondeu logo Emma, concluindo o proverbio de Salomão, que seu pai começára). Se me permittisseis aclarar com o restante da phrase a minha ideia, teria dito que os perigos da caça se me appresentam agora mais desastrosos... » —

— « Ideia louca é essa. Henrique, na carreira militar que escolheu, não está sujeito a perigos de mais importancia pelo que toca á sua vida? E todavia, deslumbrada pelo esplendido uniforme militar, nunca elles vos occorreram á lembrança. » —

O mancebo, que se calára dispunha-se para atenuar as objecções da sua promettida esposa; mas fez-lhe impressão fortissima a pallidez da donzella, e notou as lagrimas que lhe borbulhavam nos olhos; respeitoso se approximou e disse: — A minha voluntaria obrigação de nunca contrariar os vossos desejos, é esta a primeira occasião em que a satisfaço. Socegai, minha querida Emma, desde ja renuncio ao divertimento; e ainda que a maldita caçada fosse simplesmente objecto de futeis apprehensões da vossa parte, tanto bastava para que eu desistisse de um passatempo, que vos penalisava. » —

Tingiram-se de rósea cor as faces da pudibunda Emma, estancaram-se-lhe as lagrimas, e um sorrir engraçado compensou o sacrificio de Henrique, que desistíra da sua predilecta caçada.



Acalmada a inquietação da familia, que a demora de uns e os sustos de outros haviam perturbado, veio o chá para a mesa. Ora o habito de tomar chá ainda não havia bem tres annos, que estava introduzido em Inglaterra, e nós fallâmos de 1670; mas que novidade, digna da opulencia, faltaria na casa do primaz da Escocia!

O serão passou-se tranquillamente; e Emma resojizada de salvar o noivo de um laço, que lhe suppunha armado, correu logo que poude a noticiar á sua aia Betty o bom exito da sua astucia; a pobre donzella dormiu n'essa noite em paz o somno da innocencia.

(Continúa.)

VICTOR HUGO, PAR DE FRANÇA.

O último paquete trouxe-nos a noticia da nomeação de quatro novos pares em França, no número dos quaes se conta Victor Hugo. A imprensa de Paris tem commentado ésta nomeação segundo o espirito politico das folhas moralisadoras; mas n'uma das mais acreditadas publicações litterarias francezas, e completamente alheia á politica, incontrámos o seguinte artigo que nos pareceu dever traduzir pelo sensato das suas considerações, que por genericas podem ter applicação a qualquer outro litterato, e em qualquer outro paiz.

« M. Victor Hugo foi nomeado par. Alguns jornaes, dos mesmos que extranharam que o illustre litterato se fosse sentar na Academia, como que se espantam agora de o verem sentado tambem na camara-alta. O que prova simillhante extranheza, e um espanto tam insensato? Prova que os prejuizos a respeito da poesia e da litteratura estão mais agarrados do que nunca ás ideas vulgares da chusma pouco pensadora. Porque um homem faz versos e dramas, porque escreve, instrue, ou simplesmente diverte os seus compatriotas, julga-se logo que não presta para mais nada. Desde o dia em que se estabelece a sua reputação litteraria, estabelecem-lhe logo tambem certa incompatibilidade entre a sua intelligencia e os cargos públicos. Acham que o escriptor litterario não póde servir para mais nada do que para estar incerrado no seu gabinete, e se de lá o vão tirar, por exemplo, para lhe vestirem a purpura do pariato, é logo um espanto universal!

Ao contrário, se ésta honra se confere a um sub-perfeito, a um capitalista, a um desembargador, a um proprietario, a um negociante, ainda mesmo sem habilitações litterarias de nenhuma especie, toma-se isso como coisa natural — está em uso — ninguem se admira!

Se a homenagem prestada ao mais illustre e mais puro genio da litteratura militante, escandalisa alguns espiritos mediocres que pensam que governar um Estado é mais facil do que fazer uma ode, desinganem-se que ou hãode morrer depressa ou teem de se escandalisar muita vez; porque os governos por necessidade hãode cedo ou tarde dar de mão a todas as intrigas d'aquelles que só por meio d'ellas se podem ingrandecer, para irem buscar os homens de merito onde elles estiverem. Não sabemos em que uma carteira de commercio leva vantagem na politica a uma mesa d'estudo litterario. Não sabemos em que uma quinta mereça mais politica attenção do que uma livraria. E tambem não sabemos em que uma ordem de prisão custe mais a redigir do que um romance. Mas se o capitalista e o negociante, se o proprietario e o sub-perfeito; se julgam offendidos, contentem-se que a sua vez lhes ha de chegar mais facilmente, porque apparecem mais depressa milhões d'estas entidades do que um bom litterato. »

S. L.

IMPRENSA ANASTATICA. *

A Gazeta Piemontesa de 18 de fevereiro do corrente anno, referindo-se ao Periodico Inglez o *Athenaeum*, publicado em Londres, dá a interessante noticia de se haver descoberto ultimamente em Berlim um novo methodo de imprimir, que encerra alguma coisa de maravilhoso, pelos importantes resultados que póde produzir. Com effeito tracta-se de um invento capaz de exercer a maior influencia sobre a typographia, e por conseguinte sobre a civilisação actual.

Consiste este singular e ingenhoso achado na perfeita e quasi instantanea extracção de *fac-similes* de qualquer texto impresso, ou de qualquer gravura (até se affirma dos desenhos ainda não gravados) de maneira tal, que fica sendo impossivel discernir as copias dos originaes.

O inventor do methodo é Mr. Balderany residente em Berlim. O seu modo de operar consiste em sujeitar o original que deve ser reproduzido, á acção de agentes chimicos peculiares, apertando-o depois com fôrça sobre laminas metallicas, de maneira que se consegue haver um *fac-simile* ás avessas. Produzido este primeiro effeito, as laminas metallicas são submettidas a uma segunda operação, com a qual se obtem o pleno resultado de que acima se fallou.

Ninguem faz idea da facilidade e prestesa com que procede toda esta duplicada operação. Em Berlim fizeram-se ensaios della reproduzindo folhas do *Athenaeum* de Londres, e da *Illustration* de Paris, os quaes sahiram com tal exactidão e primor, que excitaram a admiração dos constrastes mais competentes em pontos de chalcographia e de chimica.

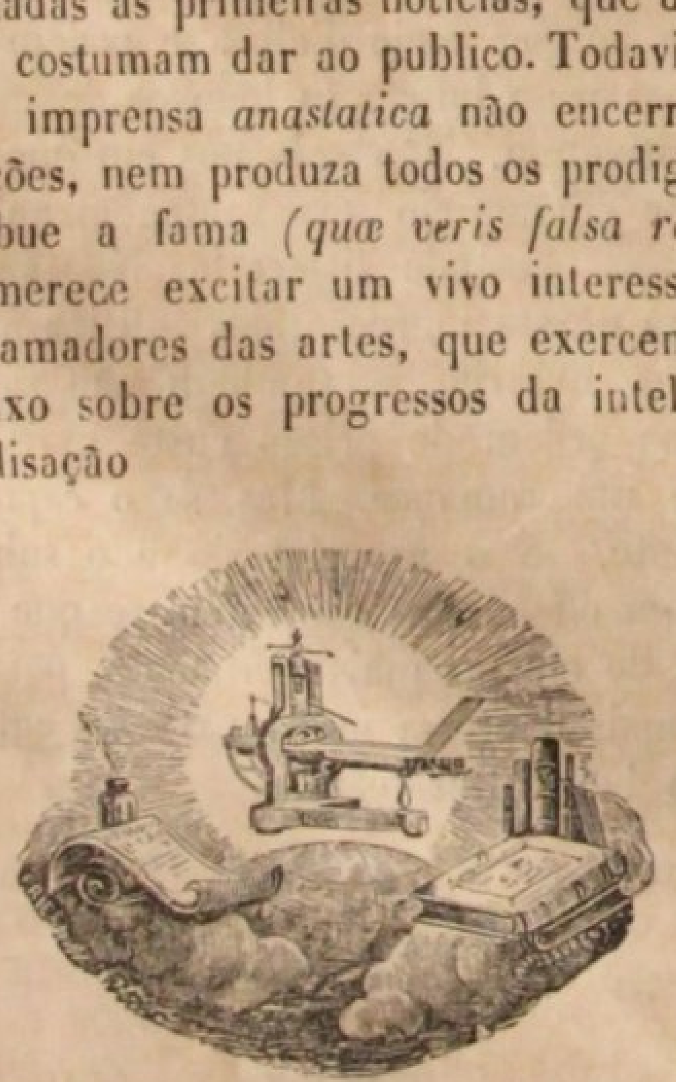
Falla-se no projecto que tem os possuidores do segredo, de publicarem este anno em Berlim uma reimpressão do *Athenaeum*, cujos numeros serão vendidos por um preço summamente modico, o que prova que esta maneira de reproducção é pouco dispendiosa.

Facil é de ver quanto podem ser importantes as resultas de um tal invento. Applicado sómente aos progressos da civilisação, póde ser de summa utilidade; por outra parte porem, poderia causar gravissimo prejuizo ás artes da typographia e da gravura, porquanto as estampas dos mais delicados burís ficam reproduzidas, com a maior fidelidade e perfeição.

Fora escusado premunir aqui os leitores sensatos contra a nimia credulidade a respeito d'este e de outros similhantes primeiros annuncios de grandes invenções e descubrimentos.

Ninguem ignora o desconto que se deve dar em casos taes ás exaggerações de que são sempre acompanhadas as primeiras noticias, que d'ellas e d'elles se costumam dar ao publico. Todavia, inda quando a imprensa *anastatica* não encerre todas as perfeições, nem produza todos os prodigios que lhe attribue a fama *(quæ veris falsa remiscet)* sempre merece excitar um vivo interesse entre todos os amadores das artes, que exercem poderoso influxo sobre os progressos da intelligencia e da civilisação

V.



* Do adjectivo grego *ἀναστατικος* derivado do verbo *ἀνιστημι* que significa *reproduzir*.

MODAS.

Nota-se grande agitação na gente do *tom*. Os elegantes de luva branca movem-se acceleradamente na direcção do Chiado e da rua do Oiro; e alguma coisa grave parece occupá-los. Comtudo o negocio não é de consequencia, descansem os leitores. Não se trata d'uma invasão de Jesuitas em Portugal, porque, bons ou maus, lá ficam muito socegados na Suissa como d'antes; nem tambem da vinda do *Judeu-Errante* a Lisboa; porque nem Schubart nem nenhum dos seus imitadores se lembrou ainda de o incarapitar no alto da Penha: a coisa não é de tanta magnitude. Os elegantes entram em casa de Mr. Lombré, sobem as escadas de Herr Jung, olham para as vidraças de M.me Le Vaillant, param diante da loja n.º 20 da rua Augusta, conversam entre si, questionam, andam, desandam, voltam ao sitio d'onde partiram, ou retiram-se impacientes... E tambem não é porque lhes importe com quem a companhia das Obras-públicas vai contractar o caminho de ferro até Badajós, nem se são os hispanhoes com prejuizo dos portuguezes que hãode ficar senhores da navegação do Têjo. Os nossos tafues de chapeu á polka, colete á polka, penteado á polka, cheirando a polka, sonhando com a polka, o que lhes importa — e abençoados elles — é saber se ja chegaram bonitos cotins para calças, estofos para coletes, chapeus de palha... e finalmente se n'este verão hãode usar de fraque ou de paletot-sac.

Eu voto por o paletot. É de certo menos elegante, mas sem comparação mais commodo. Além d'isso o paletot-sac é muito mais nobre. O paletot-sac é de origem ingleza, e deve chamar-se *Tweed*, que é o nome d'um rio que corre entre Inglaterra e Escossia, de que Walter Scott falla muitas vezes nos seus inimitaveis romances. Os habitadores das margens d'esse rio trajam uma especie de chamarra parda que é pouco mais ou menos o paletot-sac. Ora, ja se vê que um vestido historico, demais a mais inglez, que nos recorda um grande homem, não é coisa que se deixe pelo fraque plebeu, prosaico, e incommodo.

As senhoras não andam menos preoccupadas do que os rapazes. Mais ou menos, todas as do bomtom teem ido ver e comprar os lindos chailes do Sr. Ferreira, na esquina da rua da Prata; mas as mantas este verão levam a primazia aos chailes. O *amazona* é um trajo que assimelha as senhoras aos homens, e que as faz muito elegantes, dizem os jornaes de modas de Paris: naquella Capital hoje não se veem senão amazonas... Os chapeus de palha estão decididamente adoptados; e as modistas não teem mãos a medir com as importantes mudanças e innovações nos trajos da estação. Não queremos metter foice em ceàra alheia: as nossas amaveis leitoras que desejarem mais largas informações a este respeito podem procurá-las no *Correio-das-Damas*. S. L.

CHRONICA LISBONENSE.

Depois d'um incerramento de tres dias, abriram-se sabbado os tres theatros e o 'Circo Laribeau' Em todos estes espectaculos houve enchente. No 'Circo' os applausos recompensaram a habilidade dos artistas: na Rua-dos-Condes a bonita peça do Dote de Susana grangeou tambem applausos á sua boa execução. No 'Salitre' é que o público não inguliu socegado as taes *pilulas do Diabo:* parece que muitas transformações desagradaram por mal-feitas, e que alguma scena escandalisou um tanto os mais escrupulosos. A peça não tem, como tal, merito que a recommende: mais uma razão para que os seus accessorios compensem, se isso póde ser, a ausencia do interêsse dramatico. N'estas peças de *tramoia* pequenas faltas bastam para destruir o prestigio.

A maior novidade da semana foi a brilhante representação no *Theatro das Larangeiras*. São saraus de principe os que o Sr. Conde do Farrobo dá n'esse seu magnifico palacio-de-campo. Era uma Opera-comica em portuguez, 'Os Salteadores' imitação de S. Ex.ª mesmo, com musica original do Sr. Daddi. A peça é bem conduzida, interessante e ingraçada. A musica é igualmente bella; toda ricca d'instrumentação e de bonitas melodias. Distinguiremos em particular a symphonia, toda a parte comica, um terceto, e a preghiera. Sobretudo nota-se novidade n'alguns bocados. A galeria estava admiravelmente vistosa d'elegancia e formusura. Não sabemos de nenhum outro paiz onde haja, n'este genero, um divertimento a todos os respeitos tão sumptuoso e completo.

Ainda nos lembra a machina voadora de Mr. Hensson, que andava por esses ares *como nós por nossa casa...* mas assim mesmo daremos noticia d'um novo correio inventado por Mr. James. O Mechanic's Magazine falla seriamente d'este descobrimento. Segundo Mr. James, um tubo subterraneo cujo ar fosse extrahido por machinas de vapôr collocadas de certa em certa distancia, transportaria um cylindro cheio de mallas do correio com a velocidade de cem leguas por hora. O inventor fez ja o orçamento das despezas para estabecer ésta nova posta: segundo o seu cálculo cada uma legua de tubo, e machinas correspondentes, custaria pouco mais de 25:000$000 réis. Pela pequena somma de sessenta mil contos, afóra uma ninharia de costeamento, teriamos em Lisboa noticias de Macau n'um só dia!

Aquelles dos nossos leitores que estimarem gosar do espectaculo d'um magnetisado, ou que precisarem ser magnetisados, fazendo uma viagem ao Porto ficam satisfeitos. Parece que ésta especulação de magnetismo vai finalmente introduzir-se entre nós.

Na noite de 13 houve na Sala do Carmo um Concêrto dado pelo Sr. Carrara. Todas as peças foram applaudidas, e notou-se uma aria original cantada pelo Sr. Zoboli, composição do mesmo Sr. Carrara.

M.me Rossi vai fazer as delicias do Theatro-italiano de Londres; no fim d'este mez retira-se de Lisboa, onde decerto deixará saudades e a memoria do seu nome por muito tempo.

O celebre Ronconi está escripturado no Theatro da Cruz em Madrid, onde debutou no *Pirata*. As notabilidades cantantes trocam-se em toda a parte: a Grisi é a unica que se identificou com o público de Paris e Londres.

S. L.

ENIGMAS PITTORESCOS.

EXPLICAÇÃO DO ENIGMA DA FOLHA ANTECEDENTE.

Mal vai á grande fortuna se a economia a não dirige.



BIOGRAPHIA

DO EMINENTISSIMO CARDEAL SARAIVA

PATRIARCHA DE LISBOA.

O Em.mo e Rev.mo Sr. D. Francisco de S. Luiz, Cardeal Patriarcha de Lisboa, roubado ha pouco pela morte ao credito da Patria, á honra das lettras, e á ternura de seus amigos, nascêra na Villa de Ponte do Lima em 26 de Janeiro de 1766. Os fumos e as vantagens d'uma Genealogia brilhante não farão certamente parte do seu elogio: filho de pais honestos e virtuosos, da sua origem tomou somente os dictames e os exemplos d'um procedimento honrado, os brios d'antigo patriotismo, e um feliz natural para corresponder aos disvelos d'uma educação esmerada. Bem compensados cuidados! Por meio d'elles adquirio para si uma verdadeira e não emprestada nobreza, elevando-se aos maiores cargos que se podem ganhar na terra; e conservou até aos derradeiros momentos da vida sentimentos de reconhecido amor e saudade á memoria de seus progenitores, e do mais estremecido affecto aos poucos parentes que lhe sobreviveram.

Imperiosamente arrebatado pelo amor das lettras, á proporção que as faculdades do seu espirito começavam a desenvolver-se, o estudo foi quasi o unico passatempo da sua mocidade. Seus progressos foram tão rapidos que de 16 annos poude fazer seus votos religiosos na Congregação Benedictina, tão austera em habilitações litterarias como todos sabem, onde professou em 27 de Janeiro de 1782.

Distincto sempre entre os seus companheiros nas disciplinas proprias dos estudos monasticos d'aquella Ordem famosa de que sahiram os maiores litteratos, sabia amenizar com a candura do seu genio e bondade do seu character, ésta especie de supramacia por tal arte que seus confrades foram logo egualmente seus amigos.

Do claustro de Tibães o credito e as esperanças da Corporação o levaram ao Collegio de Coimbra, para abranger em mais larga esphera a sciencia Theologica nas aulas da Universidade, onde tomou o grâu de Dr. no anno de 1791. Adjudicado desde então ao magisterio academico, ahi brilhou sempre em todos os actos e funcções públicas no meio dos grandes mestres que então a ennobreciam. Perito nas linguas grega e hebraica, versado nas demais sciencias amenas que tanto harmonizam com a litteratura sagrada, poude abalançar-se a tratar e explicar os mais remontados e abstrusos pontos da Escriptura Santa, como se viu com admiração e applauso da Faculdade Theologica nas dissertações que precederam e se seguiram ao celebre concurso do anno de 1805.

Com éstas forçosas applicações, no meio d'estes triumphos, não deixava de ser Monge Benedictino em todo o rigor, e com todos os deveres e affectos da sua profissão. Seguindo todã a escalla das promoções da Ordem foi Mestre, Secretario do Generalato, e Prelado no seu mesmo Collegio de Coimbra. Mas onde o seu zêlo e esclarecido talento prestou assignalados serviços á sua Ordem e ás lettras em geral foi na Casa cabeça d'ella, em Tibães: ahi rodeado dos antiquissimos manuscriptos de seu vasto cartorio, dos monumentos archeologicos e das Artes ahi depositados, d'uma numerosa e rica, porém inclassificada collecção de pinturas, e no labyrintho d'uma grande bibliotheca em confusão, Elle só, multiplicado pelos recursos do seu genio e ambição de saber, não somente fez as vezes dos *Mabillons*, e dos *Montfaucons*, desenterrando, colligindo, e arrumando aquelles membros preciosos e dispersos, mas ainda as de conservador, e amanuense, reduzindo a catalogo de sua lettra a immensidade de livros e documentos d'aquella grande Casa. Nós fazemos particular menção d'esta empreza verdadeiramente colossal, porque ella se refere a um periodo da sua carreira, do qual S. Em.ª, apesar de sua rara modestia, como que gostosamente se ufanava, havendo a transcendente utilidade de um tal serviço, gravando no seu espirito impressões profundas de saudosa reminiscencia, accrescentada ainda com o deslocamento e dispersão lamentavel daquella bem arranjada machina.

Já por este tempo (a que podêmos chamar epocha segunda da sua vida), era o seu nome contado na lista dos sabios portuguezes, sendo a Academia Real das Sciencias de Lisboa um dos primeiros corpos litterarios que o ambicionaram pondo-o no número dos



seus socios no anno de 1794, depois de haver coroado e premiado com a medalha d'ouro a primeira das suas Memorias. Desde então até que encargos e obrigações mais penosas e assiduas o não embargaram (nos últimos annos da sua carreira) não cessou d'enriquecer os annaes academicos com excellentes Memorias historicas, criticas, philologicas, linguisticas que ahi andam impressas, e com as quaes augmentou a serie dos factos averigoados de nossa Historia e litteratura patria; comprazendo-se particularmente em memórar os fastos portuguezes, e os descubrimentos, e renome de nossa gloria antiga. E como a verdadeira sciencia nem é avara, nem presumida, franqueava elle sempre com rara liberalidade aos mancebos estudiosos e ainda aos mais avançados que o consultavam o thesouro do seu saber, e de seus variadissimos escriptos, cedendo-os muitas vezes para animar e fortalecer emprezas, e reputações litterarias ou nascentes, ou ainda mal seguras.

Em 1817 um prelado illustre, que então presidia aos destinos da nossa Universidade, lhe encarregou o regimen d'uma das mais importantes cadeiras d'humanidades no Real Collegio das Artes. Ahi deu com effeito, por tres annos successivos, lições tão solidas quanto luminosas de philosophia racional e moral, não desmintindo no especulativo os exemplos e documentos de sabedoria que já havia dado na prática. D'esta feliz tranquilidade, do descançado retiro d'umas férias academicas passadas em o seio amoroso da sua familia, em Ponte de Lima, o foi arrancar o grito d'agosto de 1820 no Porto, que soou acompanhado de vozes plausiveis de desinteressado patriotismo, e do imperio das circumstancias. E da mesma sorte que o movimento popular de 1808 o haviam feito membro da Junta eregida naquella parte da provincia do Minho contra a dominação franceza, uma ordem do Conselho militar do Porto o creára membro da Junta Provisoria do Governo que alli se levantára. — Para nenhuma d'estas nomeações (diz uma Biographia moderna) concorreu elle directa, ou indirectamente. —

São demasiado conhecidos os acontecimentos que se seguiram áquelle successo memoravel: desde alli dataram as comoções e reacções civís que ha annos, tem abalado a monarchia, e cuja historia escrever pertence a um futuro menos agitado, e menos influido de paixões, ainda mal apagadas.

O Sr. D. Francisco de S. Luiz embarcado desde alli por força do seu destino na náu do Estado, correu com ella a derrota aventurosa de sua variada fortuna. Ora applaudido e victoriado, quando o vento da bonança a parecia trazer a porto seguro; ora removido, e confinado em remotos claustros quando arrebatada na ressaca das contrarias ondas. D'estes mesmos contratempos soube a cordura do sabio tirar honrada e proveitosa desfórra: a eruditissima Memoria ácêrca do Convento da Batalha foi concebida nos dias da sua primeira reclusão naquella Casa, e o exilio na Serra d'Ossa foi o cadinho em que elle fundiu e depurou vastissimo e precioso cabedal de nossa historia antiga, ouro que ainda não veio á luz.

Mas a Providencia o havia destinado para sobreviver ás tormentas, e reunir na sua pessoa todos os altos empregos, todas as maiores dignidades e honras a que algum subdito possa elevar-se dentro do seu proprio paiz. Parece que porfiava a fortuna com sua modestia e desinteresse: se por meio d'estes sentimentos resignava ou se demittia d'um cargo, logo se lhe talhava outro mais eminente; se oppunha resistencias a aceitar a mais subida das dignidades ecclesiasticas, a auctoridade suprema lh'as rebatia; se refugiado no seu querido gabinete litterario sem cortejar nem bajular o podêr, se escondia no regaço das lettras, lá o iam surprender mil consultas graves, e a convocação aos Conselhos d'Estado.

Assim que, sem jamais pedir nem pertender, foi elle successivamente dentro do espaço de 21 annos,

— Membro do Governo Provisorio, — Coadjutor do Bispado de Coimbra e Reformador Reitor da Universidade, — Bispo sagrado da mesma Diocese, Conde d'Arganil, — Deputado e Presidente das Côrtes, por tres vezes, — Guarda-mór do Archivo da Torre do Tombo, — Ministro d'Estado, — Par do Reino, — Grão Cruz da Ordem de Christo, — Patriarcha de Lisboa, — Cardeal da Santa Igreja Romana, — Conselheiro d'Estado effectivo.

Mas nem o esplendor de tão altas dignidades foi capaz de deslumbrar o seu espirito, nem o espectaculo seductor da Côrte, em que naturalmente fazia a primeira figura, poude alterar a singela ingenuidade do seu natural. Tendo vivido muito tempo na privança dos Reis de quem era o Conselheiro e o amigo, conservou a estima e veneração de todos porque esteve sempre igualmente longe do orgulho e da baixeza.

E fariam acaso tantos favores da fortuna mais feliz o homem que n'uma honesta e venturosa mediocridade aspirára somente ás honradas distincções da illustração intellectual, aos empregos da sabedoria? Nós não queremos por nós mesmos resolver o problema: seja elle proprio que o resolva. Quando foi agradecer a nomeação de Patriarcha que, dizia elle, acceitára por obediencia, ou antes gratidão á Soberana, lhe disse com triste pressentimento: — Senhora, com ésta nova graça descarregou Vossa Magestade sobre mim uma pancada mortal. —

Com effeito a mytra patriarchal foi como a gota sobreexcedente que fez tresbordar o vaso cheio. Assás tinha já a inveja em que cevar os seus furores: mas ella pertendeu achar melhor pasto nos fulgores d'uma thyara, que foi verdadeiramente corôa d'espinhos! Que a malicia dos homens páre um instante no seu frenesi maldicente, e considere na complicação terrivel dos negocios ecclesiasticos e obrigações do patriarchado nestes tres ultimos annos; na dispersão, tibieza e penuria dos pastores secundarios, no apuro de tantas necessidades, na desorganisação das antigas machinas administrativas, e na mingoa ou insufficiencia de meios: e depois julgue. Seus amigos ouviram dizer muitas vezes ao attribulado Prelado: — Ja que não posso melhorar os guardas do rebanho, procuro ao menos que se não tornem peiores.

Junte-se a este forçado desalento o incessante pêso de trabalhos, e uma certa timidez nascida da bondade e lhaneza mesma do seu character, e talvez d'aquelles antigos habitos de reportado proceder e obediencia da vida monastica, em que foi exemplarissimo: accrescente-se ainda uma sensibilidade exquisita do seu natural, a inexoravel violencia das opiniões, e uma edade quasi octogenaria; e vejam o que lhe restava? Morrer!

A morte veio: mas as circumstancias edificantes que a precederam, e a tranquilla e resignada conformidade da sua victima, demonstraram que primeiro elle se desprendêra da vida, do que a morte o surprendêra com o seu assalto. Depois d'uma longa e trabalhada existencia, o sabio christão acceita o termo d'ella com agradecida tranquillidade; seguro de que, tocando a meta, se lhe abre a porta da patria verdadeira, e se cerra para sempre a entrada ás fallaces decepções das grandezas humanas, e aos tiros da inveja e ingratidões dos homens.

Acabou em fim por quatro horas da manhã do dia 7 de Maio de 1845, na casa patriarchal do Poço do Bispo, junto a Marvilla, o Em.^mo^ e Rev.^mo^ Sr. Cardeal Saraiva, Patriarcha de Lisboa, depois de longa e irremediavel infermidade, em que foi repetidas vezes visitado com o mais cordeal enteresse pelo Rei em pessoa, por muitos dos seus constantes amigos, e outras pessoas de distincção, tendo feito seu testamento, e recebido os Sacramentos que elle mesmo pediu primeiro. Acabou pobre; mas cheio de edificante piedade, recitando os psalmos, ja na agonia, com admiravel certeza e exactidão, alternando-os com o Venerando Internuncio de Sua Santidade que lhe assistiu com alguns Capitulares e mais Clerezia ahi reunida; no meio das lagrimas de todos os circumstantes, e da desolação do caro sobrinho, e dos seus familiares que o amavam como pai, e veneravam por suas altas qualidades e virtudes.

O corpo foi conduzido para a residencia patriarchal de S. Vicente de Fóra, e no templo ahi contiguo, jazigo da Real Familia, foi sepultado no dia 9, precedendo todas as honras funebres devidas á sua alta jerarchia.

C. P.

DEBUTE DA SR.ª CLEMENTINA.

Desde a creação do Conservatorio-real até hoje tem este Estabelecimento vegetado apenas no meio d'uma serie de contrariedades internas e externas, que, sem o terem morto o não teem deixado comtudo ter vida. Muitos fingem admirar-se de não verem o nosso theatro de declamação cheio d'alumnos do Conservatorio, e de não estar o theatro-italiano povoado de artistas de canto e baile sahidos das suas aulas... Como se éstas coisas se fizessem com a mesma presteza com que o Creador fez a luz!

Um estabelecimento como o Conservatorio, novo na creação e ainda mais novo entre nós — por melhor que elle marchasse — não era possivel sem se consolidar, sem por assim dizer se aclimar, podêr dar fructos prefeitos. Deixando de mencionar outras causas, que não é opportuno tractar agora, fallaremos em particular d'uma, que foi especialmente a que nos obrigou a fazer éstas reflexões. Não estava nos nossos habitos — não está ainda hoje — frequentar certas aulas para seguir exclusivamente a carreira do theatro. Os nossos artistas quasi todos tinham seus misteres, e poucos eram os que só do theatro tiravam a sua subsistencia. Primeiro que o nosso povo comprehenda a possibilidade d'esta carreira, que ésta idêa se generalise, que entre nos nossos habitos, são necessarios muitos annos. Mas se isto é pelo que respeita ao theatro portuguez, conceba-se se haveria forças humanas capazes de introduzir na cabeça da mocidade, ou de seus respectivos directores, a utilidade de frequentar as aulas do Conservatorio para chegar a ser *prima dona, primo basso, tenor assoluto,* primeiro bailarino, etc. etc. d'um theatro como S. Carlos! Qual seria a eloquencia capaz de vencer pelo raciocinio a bem fundada incredulidade do povo?

Era pois necessario o exemplo; carecia-se absolutamente d'elle para tornar acreditavel e provar exequivel o proveito que se póde tirar da frequencia das disciplinas d'um estabelecimento, que abre uma nova carreira de honrosa subsistencia no paiz, e com o tempo fóra d'elle, aos talentos que por ahi talvez detinham á falta de resolução e d'ânimo, senão á incuria de quem os domina. Preciso ser breve.

As aulas de musica do Conservatorio teem ja educado talentos reaes, que lhes devem o seu desenvolvimento e os meios da sua subsistencia. Mas o debute da Sr.ª Clementina é de todos o mais poderoso exemplo, e tambem confiâmos que será o mais efficaz; tanto pelo seu genero, como por ser o que pela natureza d'elle mais dá na vista, e ainda mais pelo modo benigno e extremamente digno de louvor com que o público acolheu a sua compatriota, e se mostrou decidido a estimular e favorecer os talentos portuguezes. Havemos aqui tambem de louvar a Empresa, que a outros exforços que tem feito para merecer a consideração pública, juntou mais ésta circumstancia de ser a primeira que procurou nas aulas do nosso Conservatorio uma artista para o seu theatro.

Não se espere de nós mais do que a simples verdade. A Sr. Clementina não é por emquanto uma *prima dona;* mas no lugar de *comprimaria* em que foi escripturada está satisfatoriamente bem collocada. O seu debute n'uma parte de primeira dama, e n'uma peça séria como a *Parisina*, de canto de portamento, dá-lhe na verdade muita honra. A voz da debutante é de soprano agudo, *sfogato*, como dizem, muito agradavel, clara, e bem timbrada: a sua extensão não é menos de duas oitavas. Canta com delicadeza, acabando perfeitamente os passos, com certeza nos saltos, e certo mimo nas cadencias. A cavatina principalmente foi excellentemente executada. Mas a sua inexperiencia da scena não lhe deixou ainda mostrar talvez outras bellas qualidades, principalmente nas peças concertantes. O seu methodo de canto é optimo, tomando a respiração mui convenientemente, e executando com graça; mas não satisfaz ainda a todas as exigencias do canto dramatico moderno. Comtudo ésta condição esperâmos que será cedo satisfeita não só pela prática do theatro, mas tambem porque o Sr. Lauretti, hoje digno e zeloso professor da aula de canto do Conservatorio, hade seguramente dirigir a educação musical da sua discipula no verdadeiro sentido das exigencias da scena. Ouvimos que a Senhora Clementina continuará a frequentar essa eschola, o que certamente lhe será tão proveitoso, como a experiencia do theatro.

S. L.



ESOPO E O BURRO.

FÁBULA.

Foi grande tempo, amigo,
Aquelle tempo antigo:
Eram maiores peras e mellões,
Pois uma melancia!
Por essa casa dentro não cabia.
Bem o mostram as sábias conclusões
Do famoso Gil-Braz de Santilhana:
Guardadas proporções,
Se a conta não ingana,
Certamente sería
A maçan com que a Adão Eva inganou
Maior do que uma abobora menina:
E então ja bem se atina
Como ella lhe incalhou
No gargallo do pae da humanidade,
Cuja enorme hombridade,
Segundo o mesmo cálculo constante,
Devia ser maior que a d'um gigante.

N'esse tempo feliz da carochinha
Em que pato e peru, porco e gallinha,
Burros e burras — e o rhynoceronte —
Palreavam, ahi por esse monte,
Com toda a mais canalha
Que era da sua egualha,
Toda essa corja dizem que fallava,
Como nós, na sua lingua-mistiforio.
Não sei se Deus fez bem no seu decreto
Que a mercê lhe tirou do fallatorio;
Pois, segundo mui douto me insinava
Meu mestre Jose-Vaz, homem discreto
E de saber profundo,
Em toda a sociedade d'este mundo
Por fôrça hade reger
O famoso *direito de accrescer*.
Accresceu para nós, tristes humanos,
Toda a loquacidade

De quantos bicharrões, bichos, bichanos
D'este universo á grande sociedade
Veio a perdas e damnos:
E assim vemos fallar moços e môças,
Velhos e velhas, sabios e tarellos,
Com vozes finas e com vozes grossas,
O gentio, o christão, moiro e judeu,
Por quantos cotovellos
Deus e o *direito de accrescer* lhes deu.

N'esse tempo feliz então havia
Em Grecia um corcovado
Que de todo o animal, ave ou pescado
Intendia e fallava a algarvia.
Muitas ja tinha em Grego traduzido
Das famosas comedias,
Altisonas tragedias,
Entremezes chistosos e ingraçados,
A que tinha assistido
Dos bichassos auctores mais fallados.
E um dia, passeando
Por juncto de um rib iro,
— Talvez algum dialogo pilhando
De bichitos de couve ou formigueiro —
Eis-ahi senão quando
Direito a elle em frente
Orelhudo jumento vem trotando;
E depois de o saudar mui cortezmente,
Com uma cavatina
Em notas que nem ja Lablache affina,
Findado o ritornello,
Assim o nosso burro,
Em sua lingua asinina
De mui polido zurro,
Ao corcunda fallou,
Quero dizer — orneou:
— «Tenho um favor que te pedir, Esopo:
No apologo primeiro
Que em lingua traduzires da tua gente,
Não me faças tam zôpo
Como, useiro e vezeiro,
Fazes constantemente.
Em meus discursos mette alguma graça
E pilherias com sal e com finura,
Que eu, a zurrar, sou forte na chalaça.»
O bom de Esopo olhou para a figura
Do elegante orelhudo,
E com tam destampada,
Tremenda gargalhada
Lhe respondeu ao animal felpudo,
Que elle, de orelha murcha e mui trombudo,
Se foi sem dizer nada.

Do sincero de Esopo quam diff'rentes
Andam certos auctores
Que altisonantes fallas farfalhudas
Imprestam a patetas gran'senhores,
A excelsos presidentes
De pedantes reaes academias,
A illustres senadores
Que as cachollas vazias
Inchados ornam de compradas flores!
Quantos ha ahi garraios descarados
Que vão pimpar, sem pêjo, pelos pulpitos
Com os sermões espurios
Que aos padres mestres da ordem são furtados!
Quantos vates servís, lamosos gansos
Que, em vis dedicatorias campanudas,
De podres versos ranços,
Em linguagem da Phenix-renascida,
Vão dar ethica vida
A Zenobias barbudas;
E a Mecenas palhaças
De sabichões da Grecia dão fumaças!

Mas Esopo ficou qual d'antes era,
E o burro burro estreme;
Mas aos nossos Mecenas sécca e treme
Na frente o louro, a hera
Com que venaes poetas
Lhe coroaram as testas de patetas,
Em trovas sem sabôres;
Mas os nossos modernos escriptores
Ficam asnos sem sizo
Para os homens de bem e de juizo.

A. G.



PASSO DO MONTE STELVIO.

A estrada que o govêrno austriaco fez abrir no seculo presente, á custa de enormes despezas, e de indizivel trabalho, sôbre o monte Stelvio na cordilheira dos Alpes que pertence ao Tyrol, é um exemplo espantoso da industria humana: o seu passo mais elevado é o ponto mais alto da Europa onde soam as pisadas d'homens, e muito superior ao famigerado monte de S. Bernardo. A summidade do caminho está 9272 pés acima do nivel do mar, e 800 pés acima da demarcação da neve permanente; ahi se incontra uma solitaria casa de refúgio, de um só pavimento, occupada por um dos inspectores d'este caminho, e que é a habitação fixa, que em maior altura existe no continente europeu. A baliza da fronteira que separa a Lombardia do Tyrol é marcada por um obelisco. É d'horrenda magestade a vista dos pincaros das montanhas vizinhas, revestidas de gêlos, escalvadas de vegetação.

Ésta serra e o Ortler Spity pela primeira vez foram devassados até á extrema agulha em 1804 pelo doutor Gebhard, de mandado do archiduque João d'Austria. — O destino da estrada é facilitar ás tropas do imperio passarem do centro da Alemanha para o territorio de Milão. Sem intrarem por dominios de potencias neutraes; assim mesmo foi preciso atravessar na proximidade do monte Brauglio; e a confederação suissa a quem pertencia resistiu por muito tempo a permittir a necessaria concessão, que o podêr imperial a final havia de conseguir. Os trabalhos de construcção só durante quatro mezes no verão, quando o anno era benigno, se podiam effectuar, e ainda hoje só nesse periodo, e ainda muito menor, é aproveitavel o transito para corpos militares e cargas pesadas. Diz-se que o geral costeio da obra subiu a quatrocentos e cincoenta mil cruzados. — Em muita parte a estrada é coberta com um tecto de madeira compacto, e sobrepostas as pranchas, determinado o declive e solidez de modo que possam resistir á queda das moles de gêlo que se despegam das alturas sobreestantes. No passo de Wormer, que mostra a gravura, assim fizeram, por modo de corredores ou galerias, que mais parecem de minas que de via seguida á superficie do solo. — O «manual dos viajantes na Alemanha meridional» por Mr. Murray fornece éstas, e mais circumstanciadas informações; e os melhores guias para o Tyrol, menos conhecido mas tão interessante como a Suissa, são as obras de Latrobe e Inglis.

***

DUAS PALAVRAS SOBRE OS PONTINHOS.

D'um jornal francez traduzimos o seguinte artigo:

«A litteratura está cheia de mysterios. Muitos milhões de hieroglyphos impressos deixâmos em legado aos nossos netos!

Na sua especie o *Judeu Errante* de Eugenio Sue será uma das mais bonitas charadas que se possam trasmittir á posteridade. Uma charada em dez volumes. Entre outras coisas, os que fizerem pinturas para tapetes, ou desenhos para moveis, hão de incontrar n'esta obra toda a sorte de modêlos. Se Eugenio Sue não fosse romancista poderia muito bem passar por armador.

Mas ainda não é neste ponto que o *Judeu Errante* é um enigma; pelo lado typographico sim.

Quando os bibliophilos Jacob dos tempos futuros abrirem o *Judeu Errante* incontrarão uma infinidade de pontinhos perfeitamente indecifraveis. Naturalmente farão sobre estes pontinhos differentes memorias á Academia das Bellas-lettras d'esse tempo.

Alphonse Karr, como se sabe, abusa do travessão — mas Eugenio Sue abusa do travessão e dos pontos. Tem-n'os elevado á altura do estylo; e uma linha de pontos é como uma linha de palavras.

Os loiros de Alexandre Dumas tiravam o somno a Eugenio Sue. Soube este que o auctor *des Trois Mousquetaires* se gabava de que uma palavra por mais simples que fosse, lhe não rendia menos de um franco e vinte e cinco centimes. *Sim*, valia vinte e cinco soldos; *Não*, valia tambem vinte e cinco soldos; *Oh!* tinha o mesmo valor. Para isto é que se inventou o dialogo curto, rapido, laconico, que prosegue com intergeições, gritos, e monosyllabos; e que os candidatos a folhetinistas estudam sem descanso, e imitam a todo o panno. Permittam-nos um exemplo:

Dois heroes encontram-se em procura d'um terceiro heroe. O dialogo começa assim:

—Vio-o.
— A quem?
— A elle.
— O conde?
— O mesmo.
— Em que sitio?
— Na rua.
— Quando?
— Hontem.
— Ora!
— É verdade.

Vale isto tudo treze francos menos vinte e cinco centimes.

O que hade fazer Eugenio Sue? Quiz levar a palma; e o que mais é, conseguiu-o.

Alexandre Dumas tinha inventado o suspiro; Eugenio Sue inventou os pontinhos.

O seu *Judeu Errante* está cravado de pontinhos: tem sem comparação muito mais pontos do que virgulas. Alexandre Dumas ganha um franco e vinte e cinco centimes com o atomo d'uma palavra; Eugenio Sue ganha pelo menos a mesma quantia com a sombra d'uma palavra. Á fracção succedeu o zero.

Exemplo:

«É noite... O vento ruge... a chuva cahe... faz frio... O operario está só... só no seu quarto... tem os dedos dormentes... padece... Está pensando... Em què?... Na sua miseria... Assim faz a sociedade... Cá na terra... isolado... pobre... escarnecido... o operario... E Deus está no ceu... o homem no mundo... Deus está superior a tudo...

O homem!..

Deus!...

....

....

Éstas duas linhas onde não ha nada valem dois francos e cincoenta centimes. Por estas contas, vejam quantas notas do Banco não vale uma garrafa de tinta!»

MR. SHERIDAN-KNOWLES.

Acha-se actualmente em Lisboa Mr. Sheridan-Knowles, um dos mais distinctos escriptores que honram a Inglaterra e illustram o nosso seculo. Compatriota de Moore e de O'connel, elle reune no seu estylo fascinador o brilhante da eloquencia e o suave da poesia da sempre verde Erin, da enthusiastica Irlanda. Catholico zeloso, patriota energico, litterato cheio de talento, conhecido e admirado, este segundo Sheridan não tem tido as fortunas do primeiro; mas a sua glória não é inferior.

Tractam de o obsequiar aqui os seus compatriotas, promovendo uma reunião, que effectivamente começa hoje, quarta-feira, no hotel da Peninsula, para o ouvir dar um curso de leituras sôbre a arte dramatica em que é insigne. Um número consideravel de portuguezes se associaram a ésta reunião que promette ser selecta e animada. Muitas senhoras a embellezarão tambem. Daremos conta d'ella mais especialmente.

Mr. Sheridan-Knowles deve levar agradaveis recordações de Lisboa. S. L.

THEATRO DE S. CARLOS.

BENEFICIO DO SR. MASONI.

O público costumado a applaudir o Sr. Masoni, acolhe sempre com enthusiasmo os concertos do grande artista. Hontem tocou o Sr. Masoni duas composições de Artot, ambas bellissimas, e executadas com a sua proficiencia e elegancia d'arco ja tão nossas conhecidas e apreciadas.

A rebecca e o piano são hoje os dois instrumentos da moda na Europa. Insignes rebequistas se teem apresentado na Allemanha, França e Inglaterra, e n'este último paiz ja teve o Sr. Masoni a honra de se ver considerado a par dos melhores, e do mesmo Artot cujas peças hontem executou.

A rebecca foi por muito tempo o instrumento dos menestreis; e ainda hoje a vemos por essas ruas nas mãos de cegos e camponezes, extrahindo sons que acompanham cantigas de rapazes e mulheres, últimos reflexos das antigas canções populares. Mas a que altura se não tem ella elevado! Nas orchestras é seu o primeiro lugar; e nas mãos de Paganini subiu ao maior ponto a que póde chegar um instrumento. Quando hontem a ouvimos tocada pelo Sr. Masoni, não podémos deixar de reflectir nas difficuldades que vence o talento e o estudo do homem, para produzir effeitos tão admiraveis, n'um instrumento que á primeira vista nos parece despresivel e mesquinho!

E com effeito, que grande não é o podêr do artista manejando o seu arco com energia, fixando os *pontos* com força, e fazendo vibrar as cordas d'uma maneira brilhante! O Sr. Masoni tem na sua maneira de tocar qualidades que o tornam admiravel. A solidez com que aperta a corda debaixo dos dedos; a afinação infallivel tanto na producção das vozes, como na dextreza dos saltos; e a pressão do arco com que extrahe as mais puras vibrações; são difficuldades da primeira ordem a que o artista satisfaz completamente. Notámos a limpeza das notas dobradas e trilos, a nitidez com que tira muitos sons promiscuamente com uma só arcada, ou, vice versa, como executa múitas notas rapidas com outras tantas pressões d'arco igual ao número d'essas notas; e do mesmo modo nos sons ligados, e notas picadas, e particularmente no *staccato*.

Mas um bom artista não tem só que vencer e executar bem todas éstas difficuldades do mechanismo — sem a expressão não ha artista digno d'este nome. Ésta última qualidade que é como a corôa de todas as outras, possue-a o Sr. Masoni em grau tão eminente como aquellas.

O resto do espectaculo foi composto da cavatina do *Regente*, primorosamente cantada por Mme Rossi, da polka dançada por algumas bailarinas, e dos trez primeiros actos de *D. Sebastião*. Quando fallámos d'esta Opera escaceava-nos tanto o espaço, que nada podémos dizer do modo por que está posta em scena, que na verdade dá honra ao habil Director.

Tocaremos aqui tambem uma circumstancia que não tem sido ainda mencionada. O magnifico côro d'inquisidores no primeiro acto, formidavel unissono de baixos acompanhado pela orchestra em massa, é arranjado sôbre a musica d'um romance castelhano que vem na miscellanea de Miguel Leitão d'Andrade, e cujo assumpto é a batalha d'Alcacer-Quibir. Ésta musica foi d'aqui mandada ao illustre maestro, e a rôgo d'elle, quando compunha a partitura de *D. Sebastião*. Nossos leitores ja sabem que ésta Opera foi dedicada a S. M. a Rainha. S. L.

CHRONICA LISBONENSE.

Felizmente podêmos andar por Lisboa a toda a hora da noite tão seguramente como a toda a hora do dia. Ha muito tempo que não ha um caso de ferimento ou de roubo, e a sua policia é excellente. Mas assim mesmo ha ânimos tão timoratos que qualquer coisa lhes produz um panico, porque pensam sempre no peior. O Sr. N. é artista: n'uma das últimas noites em que o mau tempo nos fez das suas, retirava-se para casa, era alta noite, depois de ter exercido a sua profissão em logar bastante longe da sua morada. O pobre do homem a fallar a verdade vinha com seu medo; as ruas eram solitarias, a noite estava escura e ventosa, e por um infernal acaso os seus companheiros não tinham fallado n'outra coisa senão em casos d'antigos roubos e assassinios: a cabeça do nosso artista vinha toda preoccupada d'estas desgraças; estremecia a cada rajada de vento, trazia os olhos sempre desmesuradamente abertos, andava o mais depressa que podia, e vocalisava, para ver se se distrahia, um bocado do *Beijo;* bem se póde suppor que nem sempre com a melhor afinação.

Ao voltar de uma esquina, justamente no logar mais critico de todo o caminho, o nosso homem esbarra com outro, e ao mesmo tempo parece-lhe sentir a mão d'este individuo junto ao seu peito do lado esquerdo: leva immediatamente a mão á algibeira do colete, não acha o rologio...

— O meu rologio! exclama o artista n'um movimento em que não póde ser senhor de si.

— Aqui está; respondeu immediatamente o desconhecido mettendo-lhe na mão o objecto reclamado; e partiu a correr quanto podia. O nosso caminhante não se mostrou menos agil, enterrou o chapeu na cabeça e á carreira galgou a rua sem se voltar para traz. Apenas chegado a casa, ainda não tinha descançado, e contava ja á esposa a sua aventura com circumstancias tão maravilhosas que era gôsto ouvil-o. Tres homens, senão eram quatro, tinham-se deitado a elle com uma furia espantosa: no primeiro momento de sobresalto poderam tirar-lhe o rologio; mas logo que tornou a si, apesar das facas que lhe apontavam ao peito, a sua coragem foi tal que os obrigou a restituir-lhe o roubo.

— O que dizes tu? indoideceste? lhe torna a mulher reparando bem n'elle para ver se com effeito seu marido tinha perdido o juizo. O teu rologio tenho eu aqui que te esqueceu em cima da cama.

— Ah! meu Deus! exclama o valentão aterrado, nem mais nem menos fui eu que roubei aquelle pobre homem.

Apenas raiou a manhan, e pouco tardou, o artista apresenta-se á auctoridade do seu districto, e conta-lhe, d'esta vez fielmente sem tirar nem pôr, o que lhe acontecêra essa noite; o homem ia acompanhado de dois vizinhos conhecidos que abonavam os seus bons costumes, e pôs logo o rologio em cima da mesa.

— É esse o meu rologio, diz logo um outro individuo que se achava presente. E voltando-se para o artista dirige-lhe este delicado cumprimento:

— Com que então foi o Sr. que me roubou?

— Acaso o Sr. me julga ladrão? replíca elle infurecido.

— Mas porque me tirou o meu rologio?

— Porque m'o deu o Sr.?

— E o Sr. porque m'o pediu?

A auctoridade interveio n'esta disputa. Por fortuna o depoimento do que dera o rologio combinou em tudo; a probidade d'ambos estava garantida.

— Ora vamos, diz a auctoridade, acabem com isso, e apertem as mãos; ambos os Srs. são dois valentões...

O Circo continúa a attrahir a concorrencia; e a linda Sylphide e M. Ratel são, cada vez mais, os predilectos do público.

Os litteratos em França vão inriquecendo depressa e muito. A propriedade intellectual promette ser a mais rendosa. Formou-se em Paris uma companhia expressamente para comprar a Louis Blanc dois *ms.* por quinhentos mil francos! O primeiro d'estes é a *historia da revolução franceza.*

Ja que estamos em Paris é bom dizer que a administração civil d'esta grande capital dá um exemplo notavel de como se devem celebrar os annos dos reis. No primeiro do corrente, o anniversario de Luiz Filippe foi festejado com uma distribuição geral de soccorros aos indigentes da capital de França. É do costume — e costume decerto muito para seguir

Ouvimos na Academia philarmonica o Sr. Lambertini discipulo de canto do Conservatorio real. A sua voz ainda não está completamente formada pela sua pouca edade. O seu tempo d'estudo é tambem ainda insufficiente; mas, se por acaso se destina á carreira de artista, auguramos-lhe um brilhante futuro. Tem uma voz bastante forte, volumosa, vibrante e muito agradavel; mas sobretudo tem animação, e sente o que canta.

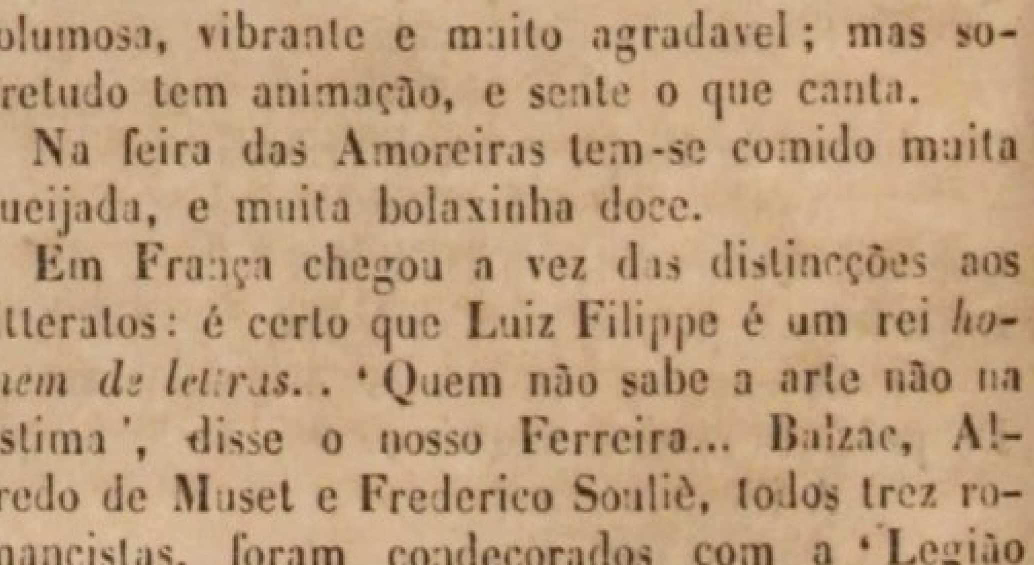
Na feira das Amoreiras tem-se comido muita queijada, e muita bolaxinha doce.

Em França chegou a vez das distincções aos litteratos: é certo que Luiz Filippe é um rei *homem de letras*. . 'Quem não sabe a arte não na estima', disse o nosso Ferreira... Balzac, Alfredo de Muset e Frederico Souliè, todos trez romancistas, foram condecorados com a 'Legião d'Honra' sem que a pedissem. S. L.

ENIGMAS PITTORESCOS.

EXPLICAÇÃO DO ENIGMA DA FOLHA ANTECEDENTE.

O diabo cobre com uma manta e descobre com um chocalho.



A SRA. ROSSI-CACCIA.



DESPEDIDA DA SRA. ROSSI AO PUBLICO PORTUGUEZ.

Ausentando-me em breve de Portugal, não posso partir sem pagar uma divida a este paiz generoso. Levo comigo a mais viva saudade, acompanhar-me-ha sempre a lembrança de quanto sou devedora ao público portuguez.

Vou penhorada no mais subido grau por este público que tanto me distinguiu e honrou. Estará sempre presente á minha memoria agradecida que aqui recebi palmas e coroas, que as mais primorosas lyras me dedicaram as suas harmonias, que as pennas de escriptores mui distinctos me escreveram louvores, e que ésta terra magnanima ornou a minha fronte com uma coroa de ouro.

Taes distincções não m'as traz a reminiscencia para exaltar o meu orgulho, ellas lembram-me só para o reconhecimento o mais profundo, e para uma gratidão indelevel e eterna.

Possa ésta terra benigna, ser sempre ditosa: são estes os meus sinceros votos. — *J. Rossi Caccia.*

A amavel despedida da elegante artista M.me Rossi-Caccia não podia, nem devia, ser inserta no nosso Jornal sem a accompanharmos da sua mais natural *illustração*, que decerto hade ser tambem a mais agradavel ao público: é o retrato da illustre cantora que durante dous annos fez as delicias do nosso theatro, tantas horas nos deu de prazer, e tam bem correspondeu sempre ás finezas de um público, que soube appreciar o seu talento e as suas qualidades.

Por vezes, devemos confessá-lo, o público de Lisboa tem sido exaggerado e — digamos a palavra propria, custe o que custar — tem sido *caturra* com os seus enthusiasmos por artistas, nem sempre eguaes ás ovações decretadas na platea de S. Carlos, ou resolvidas, em confusa maioria de votos, entre os tacos do bilhar do Marrare. As grinaldas obrigadas choviam da quarta ordem em dia de beneficio como emolumentos de tarifa, a *innocente* pomba esvoaçava como quem é, sem fel nem malicia, trazendo muitas vezes «nas brancas azas» o mais malicioso epigrama que se podia fazer... que era a sua mesma apparição; e do buraco do lustre cahia o granizo dos sonetos amarellos, azues, côr de rosa... promettendo a immortalidade que elles podiam dar, que era muita. Em caso mais serio a litographia, como arte auxiliadora que é, vinha de soccorro á *mana poesia*, e perpectuava, a par dos meritos cantados, as *idolatradas* feições da sem par artista...

D'ahi a oito dias esquecia a ovação, e começava-se a tractar de outra.

É que estas glórias, e estes triumphos eram, como tantas outras glórias e tantos outros triumphos d'este mundo, facciosamente arranjados sem audiencia, nem concurso do verdadeiro público, que ficava indifferente, e deixava divertir a *claque.*

O enthusiasmo sincero é espontaneo, e por isso duravel. M.me Rossi não teve nunca d'esses triumphos ephemeros de cabala, não foi sustentada por nenhum partido; o que mereceu, mereceu-o ao público. E o público ganhou tambem muito n'este uso legal que fez de sua auctoridade e podêr, porque se acostumou a julgar, a applaudir pelo que julgou, e não tornará decerto a concorrer para as ridiculas farças que em seu nome se davam, ou que em seu nome tolerava que se dessem.

Chegou-nos aqui ja M.me Rossi precedida da sua reputação ganha nos primeiros theatros da Europa. Aos 17 annos tinha começado a sua carreira na Opera-Comica de Pariz, no papel de *Anna* na *Dame Blanche.* Estreou-se, ou *debutou* como agora se diz, com aquelle papel em 10 de Agosto de 1836. Tinha nascido em Barcellona em 17 de Dezembro de 1818. Logo depois, no *Pré-aux-clercs*, em *Jean de Paris, L'Eclair, Zampa, Les Pontons de Cadix, L'An mille, Le Fidele Berger, Piquillo, Marguerite, La Figurante, Therese, Regine, Polichinelle, Scheriff, La Symphonie* e *Zannetta*, mostrou que a uma voz pura e vibrante, a todos os meritos da cantora sabia unir as qualidades de actriz.

Tendo permanecido em Pariz, e favorita do público a'aquelle theatro durante quatro annos, passou em 1840 á Scalla de Millão, onde no Pirata e na Norma recebeu os maiores applausos. Voltou a Pariz no anno seguinte, e no seu antigo theatro repetiu as duas operas escriptas para M.me Damorou, o *Domino noir* e *L'embassadrice*, e creou de novo varios papeis em operas que para ella propria foram escriptas, *Le Code noir, La part du Diable*, etc. D'ahi a dous annos estava escripturada em Lisboa, aonde nos appareceu pela primeira vez na admiravel composição de Donizetti, *Anna Bolena.*

Agradou logo a sua figura a sua physionomia expressiva, o accionado proprio, nobre e sem exaggeração, que bem mostrava ter sido modelado pela eschola franceza. A belleza da voz, a perfeição do methodo de canto, e a expressão e animação que sabe dar a tudo, conquistaram os animos e ouvidos.

Copiaremos aqui, porque deve ficar fazendo parte d'esta memoria o que em um dos jornaes do tempo se escrevia em Lisboa, e que sabemos foi dictado por um verdadeiro intendedor.

«A extensão da voz d'esta artista é de duas oitavas e meia, desde o *la* grave até ao *re* sobreagudo; toda egual, pura, sonora; não muito forte mas bastante volumosa. A *emissão* dos sons é espontanea e prompta, com um *portamento* muito methodico, distinguindo perfeitamente a ligação da voz com grande intelligencia da graduação da fôrça que deve applicar aos differentes sons, e regulando a sua respiração da mais excellente maneira, em todas as modulações, ou sejam do genero *sustenuto* ou do *fiorito;* de fôrma que a aspiração é completamente imperceptivel e longa, e a expiração lenta e suavissima. A sua vocalisação é optima; não faz o menor tregeito com a bôcca; ataca perfeitamente as notas, e passa d'um a outro registo de voz d'uma maneira insensivel, executando todos os infeites do canto com o maior acabamento e precisão, e com uma agilidade *nitida*, egual e *granita*, distinguindo exactamente todos os sons; e tudo isto com uma affinação justissima. Os ornamentos de que usa são discretos, puros e com muita novidade; e os seus trillos vigorosos e perfeitos.

«O estudo profundo da Sra. *Rossi* não se limita á boa maneira de canto; penetra nos mysterios da phrase musical, e por isso as suas cadencias são as mais apropriadas e scientificas. Sabe accommodar a sua articulação ao *colorido* e fôrça do acompanhamento, com uma pronúncia clarissima e bem accentuada, como em nenhum cantor italiano se póde encontrar melhor: conhecendo perfeitamente o methodo de pronunciar o *g*, o *s*, o *z* e o *r:* o que augmenta muita graça á sua expressão, como mui bem se conhece nos recitativos que esta artista executa debaixo de todas as regras de declamação.

«A Sra. *Rossi* sabe variar a maneira do seu canto adaptando-a aos differentes characteres d'elle, distinguindo-se muito no canto *filato*, em que a suavidade da sua voz produz um bellissimo effeito. Executa o *adagio* com a maior severidade, o *agitato* com energia, e o *allegro* com *bravura:* e todo o mecanismo do seu canto é appropriado á variedade e expressão dos movimentos que o characterisam.

«Entretanto, todas estas circumstancias reunidas ainda não bastam para constituir uma grande artista. O verdadeiro actor lyrico é aquelle, que se identifica com a personagem que nos representa, com a situação em que se acha e com os sentimentos que o devem agitar; que se intrega ás inspirações do momento, como succedeu ao compositor cuja musica executa; que possue aquillo que é produzido por todas éstas qualidades junctas — a *expressão...* mas a expressão real d'uma *Gabrielli*, d'um *Marchesi*, d'um *Crescentini*. A Sra. *Rossi*, que manifesta verdadeira alma d'artista, e reune todos os dotes necessarios para isso, vai caminho de pôr-se a par com estes deuses do canto.

«Uma vez que assim o pensâmos não podêmos deixar de dizer que, apezar de todas as recentes modificações introduzidas na opera-comica, a Sra. *Rossi* tem estado mal collocada n'esse theatro; a sua conveniente estrada é a do canto dramatico-italiano. Oxalá que a insigne artista a não deixe outra vez; hade ser n'esta estrada que em pouco tempo substituirá a *Malibran.*»

Depois que assim a julgou um juiz competente, M.me Rossi ainda progrediu na sua perfeição summa, e deu novos motivos á admiração pública: ella vai agora cantar em Londres a par da Grisi, e das primeiras notabilidades do canto e da scena reunidas n'aquelle theatro.

Para muitos ficou sendo a *Anna Bolena* sempre a melhor coisa de M.me Rossi; mas não faltou quem desse a palma á *Casta Diva*, ao alegro, e ao dueto final da *Norma*. A *Lucrecia Borgia* nunca tinha sido ouvida tam bem; a *Somnambula* nunca agradou em S. Carlos senão agora. Na *Lucia* «fez esquecer,» segundo a feliz expressão de um jornal contemporaneo, «as suaves remeniscencias que nos deixaram os argentinos accentos de Claudia Ferloti.» Nunca esquecerá de certo em Lisboa o dueto do *Barbeiro* e a aria do *Dominó noir*, nem os apaixonados cantos de Isabel de Inglaterra no *Roberto d'Evreux*. Distinguiu-se em várias outras peças; apontâmos somente aquellas em que o seu talento verdadeiramente creou para nós novas e não conhecidas entidades artisticas.

M.me Rossi despede-se de Portugal com saudade: acreditamo'-la, e lhe retribuimos com egual sentimento... E oxalá que, na brilhante carreira, que decerto hade correr pela Europa, ella venha ainda uma vez assegurar-se por seus proprios olhos de quanto os portuguezes são fieis e constantes na affeição que uma vez protestam a quem verdadeiramente lh'a merece.



CONCERTO DA VIRGINIA.

A musica é de todas as bellas-artes a mais universalmente espalhada, bemquista e sentida. As nações mais selvagens, as mesmas tribus nomades, teem apresentado aos viajantes ou descobridores que as visitaram, mais ou menos provas de usos musicaes entre ellas. O canto é como innato no homem, e o tambor e a flauta, por exemplo, são instrumentos que se acharam desde as regiões mais septentrionaes da America, até á mais insignificante ilha da Oceania.

A nossa estampa representa uma especie de menestreis da Virginia; mas, como se deprehende dos instrumentos, o seu concerto não deve ser ja expressão da musica primitiva do seu paiz, mas de outra imitada da dos europeus, como são tambem os seus trajos e outros accessorios. «Nos estabelecimentos europeus da America (diz Fétis, *historia da musica)*, cultiva-se a musica praticada na mãi-patria dos colonos: no Mexico, no Perú, no Brazil, nos Estados-unidos, no Canadá, não se incontra ja a musica original, porque o seu character é o da musica hispanhola, portugueza, franceza, ou ingleza..... Back, que acompanhou o Dr. Franklin na sua expedição da bahia d'Hudson até á vertente do rio da Mina-de-cobre, publicou muitas arias do Canadá que tinha escripto pelo proprio canto dos indios. Diz elle que recolhêra éstas arias em trez annos de relações com os Canadienses, que as cantam a meia-voz e com tom pathetico quando se aproximam em seus barcos ás correntes do rio, mas com accento de alegria depois de passado o perigo. Ha n'estas arias a mistura da sciencia européa com a originalidade do canto indigena. O vaudeville francez e a ballada ingleza, são evidentemente a base d'ellas..... Nos Estados-unidos e nos estabelecimentos inglezes, ha theatros, e a musica é cultivada no interior das familias como em Inglaterra.»

CURIOSIDADES.

Um curioso tem calculado o seguinte, termo médio, n'uma vida tambem média de sessenta annos:

«O homem come vinte e trez moios de pão.

Bebe, pura e em chá, café, etc. trinta toneis d'agua.

Gasta, em outros usos, mais outros cento e oitenta toneis.

Consome de tempo, só na comida, cinco annos.

Em fumar quasi anno e meio.

Em tomar tabaco mais de dois annos.

A dormir mais de desoito annos.

A lavar-se, fazer a barba, etc. mais de dois annos.

Crescendo as unhas em cada semana uma linha e um quarto, veem a crescer n'um anno seis polegadas, em sessenta annos tem o homem cortado mais de sette varas d'unhas, que multiplicadas por vinte dá cento e quarenta varas que se deitam fóra d'esta substancia.

Do mesmo modo, crescendo o cabello regularmente oito polegadas cada anno, no fim de sessenta annos tem o homem cortado seis braças de cabello, e rapado outras seis braças de barba.»

Promettem-nos continuar estes curiosos calculos.

CHRONICA LISBONENSE.

Sua Magestade ElRei honrou com a sua visita a Bibliotheca-pública. Assistiu á Sessão solemne da Associação maritima e colonial — uma das sociedades mais benemeritas cujo pensamento muito honra o paiz — e assistiu tambem á sessão annual da sociedade das sciencias medicas. Sua Magestade visitou n'uma d'essas occasiões o Arsenal da Marinha, e conheceu das machinas do Sr. Fontana, que são outros tantos documentos novos da sua habilidade.

Dois membros da camara dos deputados em França, cujos nomes são conhecidos e respeitados no mundo — Thiers e Lamartine — estiveram a ponto de combater em duello, por motivo d'uma discussão de tribuna. Felizmente convidados a uma reunião de deputados em casa do Presidente, benevolas explicações pozeram termo a um incidente que poderia chegar a ser lamentavel.

Como fallámos em desafios diremos tambem que se publicaram em Londres os estatutos d'uma associação contra o duello de que fazem parte os mais illustres membros da aristocracia, do parlamento, e do exercito britanico.

A livraria do Sr. Silva na Praça de D. Pedro vai entrando em moda. Todos os dias affluem novos compradores, e todos os paquetes lhe chega tambem novo sortimento. O Sr. Silva mostra-se incansavel em inriquecer o seu estabelecimento; e é esse com effeito o único meio de lhe dar importancia.

No theatro do Salitre prepara-se uma grande noite para 2 de junho. Além d'outras novidades haverá tambem uma dança, *Le parachûte*, bem conhecida pela voga que alcançou em França, ensaiada e posta em scena pelo Sr. Ratel, do Circo, onde o Sr. Desiré fará de primeiro mimico, e em que o mesmo Sr. Ratel deve dançar com M.me Mabille; que talvez pela última vez apparece em scena em Lisboa, porque vai escripturada para Vienna. O Sr. Laribeau teve a generosidade de franquear uma parte do vestuario, e muitas outras coisas necessarias para pôr em scena este attrahente espectaculo.

Tambem em S. Carlos o dia 4 de junho promette uma das noites mais aprazíveis d'aquelle theatro. Haverá um concerto extraordinario em beneficio do Sr. Fontana — Ponto — A Sr.a Rossi cantará ainda uma grande scena ou aria com coros, poesia do Sr. Perini, musica do Sr. Daddi, e allusiva á sua despedida do público portuguez. Além d'outras peças executar-se-ha tambem a famosa preghiera da Opera *Moisés*.

Como estamos a fallar em theatros será bom dizer que no *Odéon*, o segundo theatro francez, deu-se pelos fins do mez passado um drama em cinco actos intitulado *Camões*, composição de Perrot e Dumesnil, auctores conhecidos. O drama agradou muito.

A procissão do *Corpo-de-Deus* fez-se segundo a etiqueta do costume. O estado de Suas Magestades porém n'este anno foi muito mais vistoso. Serviram os magnificos coches de D. João v, que dão na verdade á régia comitiva um aspecto d'esplendor muito mais brilhante e respeitavel. Parece-nos que o nosso Gravador se prepara para publicar na proxima folha da *Illustração* o famoso *estado de S. Jorge*...

O Sr. Abbade Castro acaba de publicar uma breve mas curiosa notícia sôbre os *coches da Casa-Real*, com interessantes indagações a este respeito, e sôbre a epocha em que elles se começaram a usar no nosso paiz.

A litteratura portugueza moderna acaba de inrequecer com duas obras as duas mais bellas linguas da Europa, a italiana e a alleman; fallâmos da traducção da *Marilia de Dirceu* publicada na Italia pelos fins do anno passado, e outra traducção da tragedia da *Nova Castro*, feita em versos allemães por Alexandre Wittich, que ainda não ha muito tempo visitou o nosso paiz.

A Inglaterra tem sido sempre a terra dos telescopios monstros; ainda esperâmos ver lá edificar pyramides como as do Egypto para collocação d'estes enormes instrumentos: foi ja preciso levantar paredes para sustentar o novo telescopio de Lord Rosse, que decerto vai fazer uma revolução na astronomia. O seu vidro maior tem seis pés inglezes de diametro e cinco polegadas e meia de grossura; e só elle pésa quinze arrobas. Ainda senão experimentou, no rigoroso sentido mathematico.

Se é verdade o que diz um jornal francez reunir-se-hão em Paris, no proximo julho, cinco cabeças coroadas: a rainha d'Inglaterra, a rainha d'Hispanha, o rei d'Hollanda, o rei e a rainha de Napoles.

S. L.

ENIGMAS PITTORESCOS.

EXPLICAÇÃO DO ENIGMA DA FOLHA ANTECEDENTE.

Mais vale um passaro na mão que dois voando.



A ILLUSTRAÇÃO
JORNAL UNIVERSAL.



Cada anno da publicação d'este jornal será dividido em 12 n.os mensaes, distribuidos porem ás folhas semanalmente.
Assignatura: Um anno, 1$440 r.s — Semestre, 720 r.s — Trimestre, 360 r.s — Folha avulsa 30 r.s

N.º 3 — VOL. I — JUNHO, 1845.
ESCRIPTORIO, RUA DA PRATA N.º 7 — 1.º ANDAR

As assignaturas só se recebem no Escriptorio da Illustração. A correspondencia — *franca* — aos Directores da Illustração. Vende-se: r. Augusta, n.º 1 — do Oiro, 115 — do Arsenal, 30 — Larga de S. Roque, 24 — da Esperança, 150 — e em Alcantara.

SUMMARIO.

O QUE É A RIQUEZA?

(FRAGMENTO.)

Os favos da abelha, e os celleiros da formiga indicam que os mesmos animaes não ignoram o que é a *riqueza*. Tente alguem tirar ao cão os sobejos que está comendo, e a resistencia do animal lhe mostrará que este sabe tão bem como o homem o que é *privação*, e o que é *desejo*. Peçam a um mendigo a definição da riqueza — que elle a dará sem balbuciar. Perguntem a um faminto o que é comida — a um pobre quasi nú no rigor do inverno o que é vestuario — que ambos responderão conciza, e claramente. O individuo que deseja um adereço de brilhantes, bem sabe com que sacrificio se obtem este rico adorno: se o compra dá por elle uma parte da sua fortuna.

O ourives que lh'o vende, concebe perfeitamente que se desfaz d'um objecto de valor, e que o dinheiro recebido em troca o compensa. Está tão certo de que a joia vendida e o dinheiro que lh'a pagou são riqueza; como o comprador está convencido de que a somma que empregou no adereço lhe proveio dos seus bens, ou da sua industria. Era lavrador? havia forçosamente de adquiril-a por meio das suas propriedades. Negociante? por o seu trato commercial. Fabricante? pela sua officina. Lettrado? pelo patrocinio das causas. Empregado público? pelo desempenho do seu officio. Fosse qualquer d'estes o comprador, esse não duvidaria um momento que do seu mister, ou da sua indústria tirára a *riqueza*.

O proprietario de uma terra do Riba-tejo plantada de vinha, pouco fructifera e de inferior qualidade, bem desejaria que o seu torrão fosse igual ao da Bairrada, ou do Douro. Faltam-lhe os raios do sol, o ar, o clima, a exposição, que alli aprimoram o bago da uva. Essas circumstancias locaes de que a sua terra está privada, torna-la-hiam mais fecunda: sob o influxo d'ellas viria a ser generoso o seu vinho, e augmentaria assim a sua *riqueza*. Fosse o seu chão do mesmo tamanho, tivesse igual número de cepas, e as mesmas bemfeitorias que uma vinha situada na melhor localidade do Douro, ou da Bairrada — ésta valeria sempre mais que a vinha do Riba-tejo; e quem a comprasse não pagaria somente o preço do chão, das cepas, e bemfeitorias; havia tambem de pagar o preço do ar, do clima, e dos raios solares. Se assim não fosse — então sendo eguaes as duas vinhas no número das cepas, nos bastins de terra, e no valor das bemfeitorias, sería egual o valor, e o preço de ambas; e qualquer dos proprietarios poderia trocar uma pela outra, sem exigir tornas, ou soffrer prejuizo (uma vez que por outro motivo não fosse a troca inconveniente para algum d'elles.)

Mas similhante supposição fôra absurda; porque o dono da vinha mais productiva e rendosa bem conhece que ella não se avantaja á outra senão pelo impulso mais benefico que recebe do ar e do sol. E ainda que o dono da que é inferior pozesse o maior esmero na cultura d'ella, nunca d'alli tiraria vinho de superior qualidade.

O lavrador da vinha do Douro, ou da Bairrada póde ignorar que o ar e o sol sejam dois agentes de riqueza; e que o seu chão e o seu fructo são melhor elaborados pela acção d'aquelles dois elementos; do que a uva do Riba-tejo. Mas sabe que lhe dão maior preço pelo seu vinho: e isto lhe basta para concluir que a terra que o produziu tem maior valor, e que é mais rico que o vinhateiro do Riba-tejo.

Haverá negociante de grosso trato que duvide que a *posição geographica* é riqueza? E que a circumstancia de estar um porto da Europa a mais breve distancia dos generos coloniaes que outros portos, proporciona ao primeiro um carreto maritimo d'esses generos mais barato, e aos emprezarios do commercio colonial que o habitam, mais subidos lucros que a outros, cujo paiz se acha a mais longa viagem das terras d'Africa, Asia, e America?

Perguntem ao jornaleiro do campo onde está a sua riqueza, que elle a mostrará na fôrça muscular dos seus braços — ao pescador, que elle apontará para as suas rêdes — ao medico, que elle exhibirá o titulo das suas habilitações scientificas — ao individuo que fornece a materia primeira para as fábricas de papel, apanhando trapos, que apresentará seu pequeno croque como testemunho irrecusavel de riqueza, ainda que mesquinha, e de subsistencia, ainda que parca!

Privae a dama elegante dos seus adornos; o lavrador das suas terras; o fabricante das suas máchinas e officinas; o commerciante dos seus capitaes; o advogado e o medico do direito de exercitar a sua profissão; o jornaleiro da sua enxada ou do seu vigor; o pescador das suas rêdes ou do direito de as armar sobre a agua; o funccionario público do seu emprego; o trapeiro da faculdade de apanhar trapos — que cada um d'elles soffrerá com mais ou menos intensidade d'essa privação. Empenhae quanto esforço e talento possuis em demonstrar-lhes que não perderam a sua riqueza, os seus bens: não os convencereis: os vossos raciocinios não terão fôrça de desvanecer a desagradavel impressão que hãode experimentar.

Perguntae-lhes em que se fundam para acreditar que a indústria, cujo exercicio se lhes tolheu, era a mina d'onde extrahiam riqueza — «*tiravamos d'ahi objectos com que supprir as nossas necessidades*» responderão todos.

Ésta resposta é a definição completa da *riqueza*. As *nossas necessidades* são a origem, o principio, a idèa fundamental, a baze essencial de toda ella. O fim, o destino, a missão da *riqueza* é satisfazêl-as.

Empregue-a um em alimentos parcos, vestidos grosseiros, e habitação pobre —; gaste-a outro em iguarias variadas; habite casas nobres; trage mais custosamente, e com melhor gosto e variedade —; applaque a dama delicada o seu desejo de fausto e ostentação, com um precioso collar de brilhantes: são sempre *necessidades* de um lado; e do outro *objectos de riqueza*, que únicos alcançam contental-as.

Imagine-se o porto de Lisboa 60 gráus ao norte, muito mais affastado do que se acha dos productos coloniaes; e diga alguem que a situação geographica não é *riqueza*. E porque o é? porque offerece aos negociantes maiores ganhos, e aos proprios consumidores artigos de consumo, que por serem mais baratos lhes deixam mais meios de haver outros artigos de consumo.

Os economistas não contentes com o signal de riqueza que apresentam todos os objectos, capazes de satisfazer necessidades, buscam outros indicios, que a denotem. E um novo distinctivo de riqueza que logo encontram nos objectos, é serem *trocaveis*.

Na verdade coisas que ninguem appetecesse, ou quizesse adquirir, dando em *troca* d'ellas uma parte das rendas, dos bens, do dinheiro, ou do trabalho proprio, trariam em si o documento *de não podêr satisfazer* necessidades; e por isso mesmo de não ser *riqueza*.

Contam no número das que são destituidas de *valor de troca* o ar, o sol, e a agua. E porque os consideram destituidos do *valor de troca?* Não é porque sejam desconhecidas algumas das propriedades, e prestimo d'estes trez agentes; é que a sua quantidade especifica é tal, e a natureza os dispensou com tamanha profusão, que pertencem a todos os homens, sem que sejam propriedade de nenhum.

D'esta observação deduzem uma outra regra tendente a estabelecer 3.ª classe de objectos de riqueza: os objectos *raros*.

É certo que a *raridade* dá um grande valor ao diamante; e que se este, reputado a primeira das pedras preciosas, fosse indigena de todos os paizes como a granada, perderia inteiramente a sua estimação como riqueza, ou diminuiria muito d'ella. A abundancia das granadas tira a éstas gemmas a propriedade de poderem satisfazer a ancia de alardear grandeza; a *raridade* do diamante dá-lhe podêr de contentar a nossa propensão natural para o fausto e sumptuosidade. Se este valioso mineral não fosse monopolio da cordilheira dos Andes e Gattes; se tivesse o seu berço em muitas outras partes; se rivalizasse em vulgaridade e abundancia com a zeolita, não esmaltaria elle o diadema dos Monarchas.

Mas não é, strictamente, por serem *trocaveis* ou *raros* que os objectos são *riqueza:* são-no pela aptidão para preencher as necessidades da sociedade.

Se aquelles com que as preenchemos fossem illimitados como o ar, o sol, o fluido electrico; e por isso insusceptiveis de augmento e diminuição, então não haveria *riquezas*. Ninguem teria necessidade de appro-

pria-los pelo trabalho, ou pela troca. N'esse caso não haveria trabalho, nem troca, nem propriedade.

Um dos characteres indeleveis e indispensaveis da riqueza é a *appropriação;* e tanto, que apenas uma porção de raios solares e ar se tornam appropriaveis, e de feito se identificam com um terreno cultivado, avantajando-o a outro terreno tambem cultivado — a vinha do Doiro ou da Bairrada á do Riba-tejo — essa porção de ar e raios solares, tornam-se riqueza, augmentando o valor do solo, em que se incorporam [1].

Não podendo suppor-se que o homem se approprie objectos sem *utilidade*, isto é, incapazes de satisfazer as suas necessidades; ha de forçosamente reconhecer-se a verdade primordial em que assenta toda a idêa de riqueza: mas admittida essa verdade fundamental, ha de reconhecer-se tambem a *appropriação* como elemento impreterivel da riqueza.

Os objectos de utilidade appropriam-se ou por concurso de circumstancias extranhas á acção do homem; ou por interferencia directa d'este. A superioridade que os raios solares, e o ar athmosferico dão a certos productos agricolas sobre outros productos analogos, é inteiramente alheia á influencia individual. A appropriação n'esse caso é fortuita. A appropriação dos conhecimentos que dão riqueza e subsistencia ao Advogado é, pelo contrario, devida ao seu trabalho..Mas o *modo* é indifferente; sendo em ambos os casos incontestavel o facto da *appropriação.*

Quanto ao valor de troca; escriptores de boa nota negam que elle seja requisito essencial dos objectos de riqueza. Mas os casos que mencionam de alguns objectos destituidos de valor de troca, são excepções tão raras que não podem excluir aquelle valor d'entre os elementos, ou symptomas de riqueza.

Flores Estrada condemna a definição que *Mac Culloch* e *Say* dão da riqueza; porque estes consideram-na composta de *todos os artigos necessarios, uteis, ou agradaveis ao homem, que tem valor de troca;* e o escriptor hispanhol observa que, segundo aquella definição, *os productos da industria d'um homem isolado, ou naufragado n'uma ilha deserta, não seriam riqueza, visto que esse individuo não poderia commutal-os por outros productos.* O exemplo prova a impossibilidade accidental em que um productor isolado está de transportar os seus productos para um mercado onde elles tenham valor de troca; mas não que deixem *essencialmente* de o ter. É isto mesmo que tem succedido a muitas mercadorias destinadas para o commercio, quando o navio que as conduz naufraga sobre os rochedos, ou as lança sobre uma ilha erma, muito distante do habitado. As mercadorias que escaparam ao furor das ondas, estão temporaria, mas não *realmente,* privadas do valor de troca, em quanto as não poem ao alcance dos consumidores. São obstaculos de distancia, e tempo, que modificam as regras geraes sem as destruir.

Um livro, um quadro, e uma machina por acabar, são na verdade artigos de riqueza para os seus auctores, como pretende *Flores Estrada;* mas não podem excitar em nenhum outro individuo desejo de os comprar; porque lhe seriam inuteis. Nem objectos de riqueza se podem chamar; quanto mais objectos permutaveis. Para serem uma e outra coisa é necessario cumprir condições de tempo e trabalho ainda não cumpridas.

A corrente d'agua que o proprietario d'uma casa introduziu n'ella á força de dinheiro e trabalho tem valor de troca; ainda que *a agua seja muito abundante na visinhança.* Se o dono da casa a vender ou alugar, o preço da venda ou do aluguel, ha de ser superior ao que lhe dariam antes de a ter beneficiado com aquelle melhoramento; e o augmento do preço o que é senão o valor de troca que tem a agua assim appropriada em vantagem do predio? A agua superabundante ás necessidades da povoação, ou do paiz onde a casa se achava situada, não era riqueza para os habitantes. A appropriação d'uma porção d'ella, limitando-a, tornou-a bemfeitoria do predio [2]. Flores Estrada não attendeu a esta circumstancia, e por isso argumentou com um exemplo improcedente.

É possivel excogitar circumstancias extraordinarias, e situações excepcionaes; collocar *Robinson Cruzoe* n'uma ilha despovoada; suppor mercadorias arrojadas por um naufragio sobre uma costa deserta; desencantar a mais miseravel d'entre as miseraveis tribus selvagens d'Africa; e assim encontrar algum, raro, exemplo de artigos de riqueza sem permutação. Mas onde quer que existirem os mais ligeiros vestigios de prosperidade, d'accumulação, e de capitaes, ahi ha de forçosamente figurar a *troca,* como ingrediente, e resultado necessario da riqueza.

Os longos raciocinios que *Rossi* emprega para mostrar que o valor de uso precede ao valor de troca, parecem-me escusados: é afadigar-se em provar o que ninguem contesta, isto é — que os objectos devem ser *uteis,* para que possam ser trocaveis. Se, na opinião d'este escriptor, o valor de uso significa *capacidade de satisfazer necessidades* — é claro que é essa a primeira characteristica de *riqueza* que os objectos offerecem. Os que não são dotados de similhante propriedade, não constituem riqueza, nem podem ser procurados para a troca.

Como as necessidades variam com o clima, a educação, as differentes classes, e mil outros accidentes; o que n'um certo local são artigos de riqueza, ja o não são n'outro, e objectos muito procurados para consumo n'um certo paiz, ja o não são tanto, onde esse consumo é menor. Os fogões indispensaveis na Russia não servem de nada aos habitantes da zona torrida. Os patins com que ao norte da Europa se costuma correr sobre o gelo, não podem prestar para coisa nenhuma no Brazil. As immensas carregações de livros enviadas para a America do Sul não podem achar extracção proporcionada n'um paiz onde pouca gente sabe ler. Certamente.

Estes exemplos de *Rossi* se alguma coisa provam, é — que tanto os que contemplam a riqueza composta de *objectos de valor de uso, ou utilidade;* como os que a reputam composta de *artigos uteis que tenham valor de troca* ou poder de acquisição, veem falhar a sua definição em differentes casos, e em differentes paizes. Obstaculos naturaes e sociaes impedem que a utilidade e permutabilidade de certos objectos sejam um phenomeno constante, e universal. Por isso querer achar uma definição da riqueza, ao mesmo tempo rigorosa, exacta, e completa, é andar em busca da pedra philosophal.

Aquelle barbaro de quem conta Diogo de Couto [3] que, entre outros presentes, captára a benevolencia do Grão Turco com uma cabaia de fio de ouro, toda lavrada de custosas perolas, e abotoada de grossissimos diamantes; — aquella Duqueza de Veneza, de quem escreve o nosso Bernardes [4], tão deliciosa no comer que o não tocava nem com garfos de oiro senão trinchado por seus Eunucos; tão voluptuosa que se não banhava senão no orvalho da madrugada, ou no suor da aurora, recolhido das flores — bem sentiam quão imperioso é o *amor* do *luxo, da magnificencia,* e *da variedade.*

O vehemente desejo de parecer rico impelle a adquirir objectos raros, e preciosos. A paixão insaciavel de destinguir-se dos outros induz a possuir palacios, carruagens, moveis, e adornos sumptuosos. O capricho da variedade explica um milhão de necessidades. Ama-se a variedade na comida, no vestir, no edificar, e a velubilidade das modas é quasi tão rapida como os movimentos da fantazia, as transformações de Protheo, as côres fugazes do Camaleão.

São necessidades. É o instincto da civilisação que arranca o homem da indigencia, e do estado selvagem. O estimulo da vontade que o não contenta com os gozos meramente animaes. O soffrimento que punge o habitante d'aldea, quando compara o seu modo de viver com o do morador da cidade. O ardor de possuir, e gozar que desperta. A sensibilidade e a intelligencia que se dilatam com o choque de impressões novas. O vacuo que resta, ainda depois de saturadas aquellas precisões periodicas da natureza humana, cuja privação compromette a saude, ou a vida. Novas necessidades que dentro de nós conspiram, depois de apaziguadas as da fome, da sede, e do somno.

Os objectos que as satisfazem, são objectos de *utilidade:* nem podem deixar de o ser; porque utilidade *é o podér de cauzar prazer, e obstar á dór.* Despojados d'esta faculdade, não ha artigos nenhuns de riqueza. É o principal requisito e caracteristica d'ella; e preexiste a todos os outros.

A definição que acima dei da *utilidade,* é de Senior [5]. Se ésta é boa definição da *utilidade,* primeiro elemento da riqueza, com que fundamento assevera o Economista inglez (pag. 84) que *o limite na quantidade é o elemento mais importante da riqueza?* A utilidade, ou capacidade de satisfazer desejos e necessidades é uma propriedade *generica* e *fundamental* dos artigos de riqueza que em si comprehende a do limite na quantidade e todas as outras, sem ser comprehendida n'ellas. A utilidade é o *genero;* o limite na quantidade a especie. Não basta que as coisas sejam limitadas na quantidade ou raras para serem riqueza: primeiro que tudo devem ser *uteis.* Não confessa Senior que *o limite na quantidade não é a unica condição para que um objecto seja desejado?* A utilidade é a primeira qualidade, commum e indispensavel, inherente das coisas que applacam tanto as necessidades animaes da comida, bebida, etc., como as outras que nascem do amor da variedade e vaidade. Se as últimas em razão do seu número são mais importantes que as necessidades animaes, é isso devido não á raridade dos objectos uteis; mas á natureza humana que é infinita em seus desejos. Para mim a natureza humana — o homem — é o ponto onde começa e termina a Economia Politica. Será ésta a minha regra — a chave de que me heide servir em muitos problemas da Sciencia — a luz que me hade sempre mostrar a verdade.

Guiado por esta luz começo eu desde ja a estabelecer uma linha divisoria entre as necessidades puramente animaes, a que se não póde desattender sem damno da saúde, e risco da vida — e as outras: não porque repute ésta separação essencial á 1.ª parte da minha obra; mas porque a dicta o bem da humanidade. Heide utilisal-a, quando tratar da destribuição da riqueza; mostrando que o salario do trabalhador nunca deve descer abaixo da escala do stricto necessario. Heide invocal-a quando tratar dos impostos, mostrando que se elles cercearem a mais reduzida subsistencia, farão as vezes de veneno, e o mister do assassino.

Considero o homem ponto central da sciencia economica: provêr ás suas necessidades unico alvo da riqueza. Riqueza reputo somente os objectos apropriaveis. A apropriação tenho que tanto póde ser effeito do acaso, como da intervenção individual. Observo que não póde dar-se troca dos objectos sem apropriação prévia d'elles; e pelo contrário que em alguns casos, posto que mui raros, póde haver apropriação de coisas, cuja troca seja impossivel, ao menos por algum tempo. Concluo d'aqui que o facto da troca presuppõem, sempre, o da apropriação; mas não *vice versa.* A riqueza defino-a: *os objectos apropriaveis que são necessarios, uteis, ou agradaveis ao homem.*

A. O. MARRECA.



LAMARTINE.

Publicando a elegante traducção, que abaixo se lê, de uma das mais bellas *meditações* do illustre poeta cujo nome é conhecido e bemquisto em toda a parte, julgamos obsequiar tambem os nossos leitores dando-lhes o seu retrato, que acompanharemos de uma succinta notícia biographica.

Affonso de Lamartine nasceu em Mâcon a 21 d'outubro de 1790. 'A sua mocidade é muito pouco conhecida,' diz o espirituoso J. Janin 'e só pela leitura dos seus poemas se póde saber alguma coisa dos doirados dias da sua juventude.' Tinha trinta annos

[1] O ar, e os raios solares são, n'este caso, os *zoophitos* da Economia Politica.

[2] Não é indifferente fixar bem quaes são as riquezas que tem ou não valor de troca. Se a casa bemfeitorisada com a introducção da agua não augmenta em valor de troca, tambem esse melhoramento lhe não póde augmentar o preço do aluguel que é um valor de troca; e o predio bemfeitorisado tambem não póde, a ser admissivel a supposição do Auctor hispanhol, pagar mais tributos que os que pagava d'antes; porque os tributos são valores de troca.

[3] Decadas, tom. 3.°, pag. 113.

[4] Ultimos fins do homem, pag. 66.

[5] Principes fondamentaux de l'Economie Politique de Senior — traduction du Ct. Arrivabene.

quando começou a sua brilhante carreira poetica publicando as *Meditações* com unanime applauso do universo. 'E foi o primeiro que deu á França uma poesia que lhe era desconhecida — a Ode.'

A Morte de Socrates, o *Canto da Sagração*, e o ultimo canto de *Childe-Harold* vieram successivamente. Depois as *segundas meditações poeticas*, e as *Harmonias poeticas*, publicadas em 1830. A éstas seguiram-se a *viagem ao Oriente*, publicada em 1833; e depois *Jocelyn*, a mais interessante e pathetica historia do amor sacrificado ao dever. Em derrradeiro logar a *Quéda de um Anjo*.

M. de Lamartine tinha sido Guarda-de-Corpos. Cazou em 1821 com uma ingleza, que dizem dotada das maiores graças de espirito e gentileza. Em 1824 foi nomeado addido á legação da Toscana, e depois secretario da embaixada franceza em Napoles e Londres. Serviu de Encarregádo-de-negocios em Florença, e estava nomeado Ministro-plenipotenciario para Athenas, quando rebentou a revolução de julho. Lamartine recusou continuar a sua carreira diplomatica com o novo govêrno.

Em 1831 apresentou-se como candidato no collegio eleitoral de Toulon e Dunkerque, mas sem effeito. Em 1832 partiu para a Asia com a sua familia, e lá teve a extrema dor de perder a sua filha unica.

Estava em Jerusalem em 1834 quando soube que tinha sido nomeado deputado pelo departamento do Norte. O illustre poeta subiu á tribuna como chefe d'um pequeno partido denominado *social*. Passou depois para as cadeiras dos conservadores, e d'estas para a opposição.

Tem feito tão brilhante figura na camara, tractando de politica e de melhoramentos materiaes, como fizera fóra d'ella cantando a Deus e a sua Elvira. O *bem-público*, é o alvo de todos os seus pensamentos, e com este titulo estabeleceu um jornal, onde teem sido discutidos os mais graves interêsses politicos e economicos do povo francez.

S. L.

ELEGIA.

MEDITAÇÃO DE LAMARTINE.

A fresca rosa na manhan da vida
Colher busquemos; e respire ao menos
A nossa vida o rescender das flores
De primaveras rapidas que fogem.
Os nossos corações abandonemos
Ao gôso ameno dos prazeres castos;
Com fervor nos amemos, terna amante!
Quando o nauta batido pelas ondas
Ve prestes a afundar-se o fragil lenho,
Dirije então maguado as vistas torvas
Para as saudosas praias, lamentando
Bem tarde o ocio ameno dos seus lares.
Ah! quanto mais quizera, em tecto humilde
De seus avós, e junto dos objectos
Queridos, tam presentes á memoria,
Passando obscuros dias, sem perigos,
Não ter jamais deixado a patria cara!

Curvado sob o pêso dos seus annos,
Assim o homem chora o doce tempo
Que não póde voltar. — Ah! dai-me, oh deuses,
Diz elle então, as horas profanadas
Que eu perdi sem gozar na quadra propria.
E a morte é quem responde; e esses numes
Sem dó, que elle implorára, o precipitam
No tumulo, sem tempo lhe deixarem
Para ajuntar as flores desparzidas.

Amemo'-nos querida, e das angústias
Que ferem os mortaes riâmos junctos;
Por frivolos ingodos, vãos, mesquinhos,
Metade dos seus dias desperdiçam
No abandôno fatal dos bens reaes.
Não invejemos seu orgulho estéril;
Deixemos ao SENHOR a longa esp'rança!
Incertos da nossa hora, oh! não tardemos
Em esgotar o calice da vida
Em quanto em nossas mãos so elle esteja.

Que os louros nos coroem, que nos fastos
Sanguentos de Bellona os nossos nomes
Sejam em bronze ou mármore gravados;
Ou que a frente nos ornem simples flores
Que a belleza colheu e amor nos cede;
Na mesma praia naufragâmos todos.
Que importa no momento do naufragio
Ter os ares fendido em nau famosa,
Ou sôbre leve barca haver sosinho
Timidamente percorrido os máres?

J. O.

EMMA. *

EPISODIO DA HISTORIA ESCOCEZA.

O arcebispo de Santo-André tinha com effeito deixado a cidade, e voltava com sua filha para a sua casa de campo. Emma ainda se lembrava dos acontecimentos da vespora, mas via-os apenas atravez do prisma da esperança. Acreditava-se feliz por haver feito resvalar o golpe que lhe ammeaçava o noivo, mas não desconhecia que devia previnir seu pae dos perigos a que a sua familia estava exposta; tinha porém resolvido fazel-o pouco a pouco e confiava no podêr d'este prelado que destruiria esses perigos completamente. Na edade de vinte annos dormimos facilmente sôbre o passado para nos recrearmos com a esperança do futuro.

Emma inteiramente socegada so pensava na fortuna de se ajuntar de novo com Henrique para o indemnisar da privação que ella lhe havia imposto. Quasi a ponto porém de o tornar a vêr apertava-se-lhe o coração: a matta de Magus-Moor que ella atravessava tantas vezes inspirava-lhe n'esse dia um terror inexplicavel. Seria porque os presentimentos raras vezes inganam o coração da mulher.

E assim era; apenas a carruagem de seu pae tinha entrado na planicie deserta, logo se ouviu o tropear dos cavallos galopando sôbre o chão arido e sêcco. O cocheiro atemorisado apressou o andar indolente dos seus cavallos; mas o estrondo aproximou-se, e os gritos de: *está agarrado o Judas! Mate-se o Judas!* chegaram aos ouvidos de Emma como o som funebre do sino da morte. O sangue do velho tinha de tingir os vestidos brancos da desmaiada donzella!

Os malfeitores se ajuntaram á roda da carruagem. E apesar da defeza dos homens que accompanhavam o arcebispo, todos elles foram feridos ou desarmádos. Uns agarraram os cavallos e cortaram-lhe as correias, outros deitaram-se á carruagem e tiraram para fóra o arcebispo, e a infeliz Emma que á vista do perigo de seu pae perdeu immediatamente os sentidos.



O desgraçado velho ainda que summamente infraquecido pela perda do seu sangue logo viu em que mãos tinha cahido.

Conhecendo porém David Hackston, no meio dos seus assassinos, impassivel a ésta sanguinolenta acção, lhe disse:

— Sois cavalleiro, senhor, e espero que me protejais.

— Não porei as minhas mãos em vós, lhe respondeu friamente o austero presbyteriano.

— Mas ouvi-me, senhor, clamou Emma! Não consintais que um pae seja assassinado na presença de sua filha: não consintais que um velho indefezo seja sacrificado por um bando de assassinos: não queirais carregar com a odiosa responsabilidade de haverdes vingado na pessoa do arcebispo ter-vos eu regeitado por esposo.

— Donzella, lhe respondeu elle, approuve ao Senhor que a uma louca paixão da mocidade succedesse a resignação da prudencia. Se ainda um resto dos respeitos humanos me constrange a ficar mero espectador da execução da sentença que o proprio Ceo pronunciou, não cabe em mim evitar a morte d'um traidor ao seu Deus e á sua egreja.

Mas a voz de um homem cheio de compaixão ressoou no meio da turba:

— Tende dó dos cabellos brancos d'esse pobre velho: dizia essa voz.

A éstas palavras respondeu a desgraçada Emma com o mais terno olhar de reconhecimento.

Mas o podêr dos seus olhos, e todas as súpplicas do mais ardente amor filial, se quebraram contra a ferocidade exaltada dos conjurados. Vendo a terrivel expressão das suas physionomias a afflicta menina, perdida toda a esperança, abraçou-se a seu pae com toda a fôrça da mocidade, e apertou-o d'encontro ao seu peito como para lhe ser-

* Concluido de pag. 34.

vir de escudo com o corpo aos golpes que o ameaçavam.

Este espectaculo pathetico e sublime não conteve a furia sanguinolenta dos preversos; as espadas levantadas cahiram sôbre o corpo do infeliz arcebispo, e de sua desgraçada filha. O sangue do pae confundiu-se com o da donzella, e quando a vida do prelado se esvaeceu completamente, pareceu aos olhos dos assassinos que a de Emma se finára tambem.

O cadaver do arcebispo foi mutilado, e sua filha ficou por morta no chão alagado com o seu sangue. Os conspiradores depois de terem tirado da carruagem as armas e os papeis que lá estavam, pozeram-se apressadamente em fuga.

Apenas tinham entrado no bosque, quando Henrique, avisado por um dos homens do arcebispo, corria para a matta em seu auxilio. O espectaculo horrendo que se lhe offereceu aos olhos encheu-o de terror: comtudo o seu coração sentiu suave allivio quando se confirmou de que Emma respirava ainda.

Emma sobreviveu ás suas feridas. Balfour foi depois constrangido a refugiar-se na Hollanda; e a cabeça de seu cunhado Hackston foi decepada pelo algoz. [1]

THEATRO DO SALITRE.

Na Segunda-feira teve logar n'este theatro o beneficio annunciado. A enchente foi real. A peça era um tal Zacharias, avarento tão miseravel, que nem a Deus queria dar mais de metade dos seus thesoiros para lhe salvar a vida... O Sr. Gusmão no papel de Zacharias tem muitos momentos felizes: e se á muita naturalidade de estylo que o distingue, junctasse mais alguma animação, faria um actor excellente. Aconselhâmos-lhe que reflicta n'esta observação que todo o público fazia Segunda-feira no Salitre, e estamos que a hade achar elle mesmo exacta. A naturalidade é a perfeição de um actor; mas está entre dois polos — a affectação e a semsaboria.

O Sr. Moniz, criado do avarento, fez bem o seu papel; e os dois gallans podem ser muito soffriveis actores em tendo uma pronúncia mais facil e correcta.

Depois da peça executou-se a dança *Parachûte, vol-au-vent*, ou como melhor se deva dizer na phraseologia funambula. — O Sr. Ratel desempenhou habilmente a sua difficil parte; mas o público, que tanto o applaude no Circo, não sympathizou no theatro com um espectaculo que não considera proprio d'esse logar.

Mas não tem razão o público: a expressão da cara, os gestos graciosos, a perfeição ridicula dos movimentos, o comico das attitudes — que é excellente no Sr. Ratel — gosam-se e avaliam-se mais no palco de um theatro; e por isso nas primeiras capitaes do mundo a engraçada arte do Sr. Ratel é talvez ainda mais applaudida nos theatros do que nos circos.

As Sras. Santi dançaram um *passo stirio* muito engraçado, que lhes valeu uma boa colheita de applausos e ramalhetes; e os amadores pediram *bis*...

Estimâmos muito que n'este theatro se deem d'éstas festas, que o elevam e lhe attrahem a concorrencia: assim houvesse maior escrupulo nas traducções das peças que la se representam.

S. L.

[1] Traduzido do *Museu das Familias*. Março de 1844.

CHRONICA LISBONENSE.

O Theatro de D. Maria II vae em grande progresso para o seu acabamento. Ésta semana ficaram assentes todos os quatro candelabros que hãode illuminar a frente do perystillio para a praça de D. Pedro. São quatro peças admiraveis, fundidas na fábrica do Sr. Collares com a maior perfeição; cada uma d'ellas tem de pêso cento e trinta e trez arrobas. Os trabalhos de pedra são todos primorosos; mas nota-se o delicado tecto do tympano, tambem acabado de collocar. Começaram ja os trabalhos de pintura.

Annunciâmos, a este proposito, um novo invento americano. Em Nova-Yorck mandou-se construir um theatro fluctuante sôbre um vapôr velho chamado Virginia: póde accommodar 1:200 pessoas. A platea tem 42 pés inglezes de comprido e 36 de largo; mas tem so uma ordem de camarotes. O proscenio tem 27 pés de largo; o palco 45 de comprido e 42 de largo, e 16 de alto até ás bambolinas. Tem os competentes camarins, uma casa de jantar, quartos de cama para toda a companhia e gente de serviço, etc.; e á proa tem um grande salão soberbamente preparado. É illuminado com gaz. Este theatro fluctuante com uma boa companhia, destina-se a visitar todos os principaes portos da America. Se tambem vier á Europa, poderemos ver no Tejo a *Tempestade* de Shakspeare.

Se os theatros fluctuam, os actores por sua parte não querem estar parados. Não fallâmos dos lyricos italianos, porque esses ja ha muito são romeiros dramaticos; mas annuncia-se que o mais celebre tragico russo, Karatigine, que os jornaes moscovitas dizem ser superior a Macready, deixa a Russia para visitar os principaes theatros da Europa.

Baste de theatros, e vamos aos Toiros. Domingo foi a primeira tarde d'este divertimento — para quem elle o é — Pouca gente, pouco enthusiasmo, e gado mediocre.

Parece que vamos ter sessão de magnetismo no Circo. Quem quizer ficar magnetizado, mesmo sem ver mademoiselle Laribeau, não terá mais que apresentar-se a um

.... Monsieur de tal
Chimico em Paris formado.

Não traz nenhum *remedio especial* nem *elixir approvado*, mas traz boa vontade de nos levar os tostões.

Os caminhos de ferro d'aqui em diante não hãode servir so para viajar depressa, servirão tambem de *confortable*. O do Havre accrescentará ao seu comboi mais dois *wagons*, um servindo de casa-de-pasto, outro de *estaminet-divan*. Haverá um terceiro, accessorio, para algum outro uso igualmente necessario. Os viajantes passeando d'umas para outras carruagens acharão todas as commodidades da vida.

Uma aposta curiosa e de novo genero foi feita em Inglaterra entre dois regimentos, o n.º 2 e o dos Guardas-de-corpos azul. Disputou-se qual dos dois regimentos correria mais depressa. Ora, verdade fallando, em tropas inglezas não devia haver similhante aposta: as tropas inglezas avançam perfeitamente em columna, morrem no campo; mas nunca fogem: todo o mundo o sabe. Como quer que seja, e sendo impossivel de pôr as pernas de dois regimentos inteiros em movimento rapido e regular, escolheram os dois corpos d'entre elles cada um seu campião. O cabo-d'esquadra Mason foi encarregado de sustentar a honra do n.º 2; e o soldado Miller, o homem mais alto de todo o exercito britannico (tem sete pés inglezes), a dos azues. Correram cento e cincoenta yards. Mason

Batendo as pernas deu aos calcanhares

como disse o nosso João Franco Barreto, e em dezeseis minutos tinha vencido aquella distancia, deixando o seu gantesco competidor trez yards atraz de si. O vencedor ganhou vinte e cinco libras sterlinas quantia em que os dois corpos se haviam cotisado para servir de premio.

A municipalidade de Paris vae ressuscitar o gothico contra todos os protestos dos classicos membros da Academia. O architecto Got foi encarregado da construcção d'uma egreja gothica na praça de Belle-Chasse, cuja despeza está orçada em quatro milhões de francos. Deus queira que nós cá, por pirraça a Paris, lhe não vamos fazer a antithese nas obras que se projectam na Sé de Lisboa!...

A Sra. Emilia vae deixar o theatro por um mez que deve começar brevemente. *Mme. de Saint-Tropez*, que hade ir sabbado á scena, é a última peça em que entra a illustre actriz antes das suas *ferias*.

Falla-se muito em haver em S. Carlos opera portugueza durante o interregno da opera italiana. Talvez que tudo quanto se diz não passe de bons desejos; mas ouvimos que se projecta dar o Salteador, musica do Sr. Daddi, que tanto agradou no 'theatro das Larangeiras.'

Alfredo de Vigny, o auctor de *Stello*, *Chatterton*, e *Cinq-Mars*, foi tomar logar entre os *quarenta* da Academia-franceza. É um refôrço a Chateaubriand, Lamartine e Victor Hugo: a invasão romantica promette desalojar os classicos do seu último baluarte; se Alexandre Dumas lá põe o pé, atira com elles pela janella fóra, como fez aos amantes de Margarida de Bergonha.

A utilidade dos telegraphos electricos que se começam agora a usar na Inglaterra e se vão pôr em prática na França, póde ter consequencias tão importantes, que nem todas serão possiveis de prever. Contaremos uma anedocta que acabâmos de ler n'um jornal inglez, e á vista da qual os nossos leitores ficarão habilitados a avaliar por si mesmos os incalculaveis resultados d'este prodigioso meio de communicar o pensamento. «Em Salt-Hill commetteu-se um assassinio, e o matador immediatamente partiu para Londres pelo caminho de ferro de Slough, eram 7 horas e 42 minutos da noite. Quando a policia chegava a Slough para o prender, partia o comboi. O telegrapho electrico porém annunciou o facto e deu os signaes do assassino. *Trez minutos* depois voltava a resposta de Londres. — O comboi chegava n'aquelle instante, e o matador estava prêso! — »

S. L.

ENIGMAS PITTORESCOS.

EXPLICAÇÃO DO ENIGMA DA FOLHA ANTECEDENTE.

Na terra dos cégos quem tem um olho é rei.



SUMMARIO.

PROCISSÃO DO CORPO DE DEUS.

(ESTADO DE S. JORGE.)

DUAS coisas ha que elevam o espirito e fazem estremecer o coração no peito; dois nomes que exercem no mundo uma influencia tão poderosa, quanto salutar; duas dadivas do ceu, sem as quaes a sociedade seria impossivel, e o homem uma féra ou um demonio: são ellas — religião e patria!

A religião emballada no seio de Deus, ao som das toádas dos anjos, e da harmonia das esphéras, mandou-a Deus a este mundo de mágoas e desenganos, a este valle de lagrimas e dores para consolar e acorçoar o homem. — Quem não desejaria a morte, quem se não precipitaria ancioso nos seus braços, a não ser a religião? — O suicidio fôra o desenlace terrivel do lamentoso drama da humanidade; e essa palavra de uma significação monstruosa e absurda negação de tudo o que é divino, vêl-a-hiamos invocada como um Deus, quando as penas assuberbassem o homem, e as infalliveis desillusões no amor, e na amisade, e nas honras, e no engrandecimento lhe fizessem aborrecer e detestar o mundo. — Mas a religião mostrou-nos a terra uma sênda escabrosa; disse-nos que a verdadeira vida se vivia no ceu, aonde so era eterno o amor, e as grandezas infinitas; ensinou-nos, que os trabalhos, as angustias, os pezares suavizavam a agrura do caminho, e abreviavam a peregrinação. A esperança dava de rosto ao desespero, e vencia a morte: — a charidade e a fé offereciam-nos um amor eterno e immenso: — as tres filhas da religião chamavam-nos para o céu.

E a patria? — Sabeis tudo o que quer dizer esse nome? — Diz tambem religião, amor, esperança. — Que valeriam os heroicos feitos, e acções gloriosas a não ser um pãe, uma esposa, um filho, uma familia, uma patria? Que é a patria, senão uma familia; e que seria de nós se morressemos de todo, e se essa familia se não reunisse na presença do Eterno? — A gloria, a gloria que não passa d'este mundo é cousa bem ténue e fugaz; é o echo do deserto, que a caravana acordou uma vez ao passar, e que se calou para todo o sempre!

Mas a patria influida pela religião é uma fonte de maravilhas; esse santo nome de patria é um talisman de prodigios e venturas. Se Affonso Henriques e João I, se Egas Moniz e Martim de Freitas, se os Nun'alvares, os Castros, os Pachecos, os Vieiras, enchem o mundo de assombro e respeito, é que a patria lhe estava no coração, e era o grito da batalha; é que a patria era tudo para elles; é que n'esse sentimento heroico so a religião sobrelevava. — Contra selvas de lanças, no fogo ardente das pelejas, ao balouçar dos mares embravecidos e negros, sobre parceis e farrilhões medonhos, nunca se ouviu senão o nome sagrado da patria, e o invocar esperançoso da religião. E é por isso que o nome portuguez reboou famoso por todo o mundo; que alguns palmos de terra se transformaram n'um imperio immenso; e que sempre lhe custou mais que muito caro a todo aquelle que ousou attentar contra a independencia, e integridade da nossa terra. — Aljubarrota [1], Montijo [2], Linhas d'Elvas e Ameixial [3], Montes Claros [4], Guarapes [5], e outras memoraveis batalhas vivem na memoria de todos, e são um padrão immorredouro, um documento preclaro do que se acaba de bosquejar.



Ha em Portugal uma festividade, que encerra bem vivas, bem palpitantes, estas duas grandes e bellas ideas de religião e patria: — é a PROCISSÃO DO CORPO DE DEUS. — E é por isso tambem que tendo so de dar um pequeno transumpto d'esta solemnidade religiosa, para complemento e explicação da gravura que representa o ESTADO DE S. JORGE, que d'ella faz parte, nos fugiram invítos para o papel esses pensamentos, que acima ficam estampados. Pedimos vénia de repetir o que porventura todo o portuguez generoso e verdadeiro sente, conhece, e avalia.

Sem comtudo entrar na parte religiosa da PROCISSÃO DO CORPO DE DEUS; não só porque não é de um jornal assumpto de tamanha sanctidade, mas tambem porque temêmos de tocar na arca sancta, e que o braço se nos leze; — só curvaremos a fronte ao mais assombroso mysterio da nossa religião, e aonde se admiram e veneram incluidos todos os outros!

Os nossos principes que por via de regra foram exemplar de virtudes, e que pela religião chegaram a soffrer o martyrio, e a perder o throno, appressaram-se em imitar o Summo Pontifice Urbano IV, que instituiu a festa e PROCISSÃO DE CORPUS CHRISTI em 1264: — entretanto apesar do que expende o Arcebispo de Lisboa D. Rodrigo da Cunha, em todos os outros escriptores so depois de 1381 é que se falla de tal festividade. — Foi n'esse anno que ElRei D. João I, tendo tomado a S. Jorge para protector do reino, ordenou que a sua imagem fosse levada com

[1] 1385. Generaes. D. João I, e D. Nun'alvares Pereira.

[2] 1644. — Mathias d'Albuquerque.

[3] 14 de Janeiro de 1659 — 1663. D. Sancho Manoel, depois Conde de Villa Flor.

[4] 1665. — Marquez de Marialva.

[5] 1649. — João Fernandes Vieira.

grande pompa e estado na PROCISSÃO DO CORPO DE DEUS.

E, entre outros, háviam, segundo nos parece, dous poderosissimos motivos para o alvitre e decisão, que tomou o bom rei dos portuguezes. — Primeiramente, uma nação que acabára de dar tantas provas de singular exforço e sem-par galhardia n'uma guerra em que um homem era contra dez, merecia bem ter para protector um sancto, que havia sido um famoso guerreiro. Em segundo logar, os castelhanos, que nos tinham querido roubar a nossa independencia e nacionalidade, invocavam — SAN THIAGO — nas batalhas; e esse grito que até então havia sido tambem o nosso deixou de o ser n'ALJUBARROTA e ATOLEIROS: — era a voz de Castella, e tanto bastava para aquelles que tinham patria, e que haviam de morrer ou conserval-a. — S. JORGE! foi o grito das hostes de João I — S. JORGE E PORTUGAL! misturou-se com o retinir dos ferros, com o relinchar dos ginetes, com o troar das bombardas, com o gemido dos moribundos, com as imprecações dos vencidos! — S. JORGE E PORTUGAL! — e os castelhanos fugiam completamente destroçados; e o campo da batalha ficava juncado de cadaveres; e a patria de D. João I, de Nun'alvares, e de todos os valentes d'Aljubarrota, ficava independente e livre!

Quando o grande rei *de boa memoria* ordenou que S. Jorge fizesse parte da mais solemne festa da christandade; apar de um bello testimunho de gratidão, exhibiu tambem um notavel documento de sabedoria: — quiz que os portuguezes encontrassem d'ora ávante nas maiores pompas da religião uma lembrança da patria nos seus dias de grandes perigos, e de grandes triumphos tambem; uma recordação da sua independencia e nacionalidade.

Foi todavia n'uma *Procissão do Corpo de Deus*, que degenerados portuguezes intentaram acabar com ambas. Como se aquelle que nos déra tão incriveis victorias, e nos livrára por theor quasi milagroso de um intoleravel captiveiro de 60 annos, não velasse sôbre nós, e não desviasse o golpe parricida. — O dia 20 de Junho de 1647 foi o escolhido pelos conspiradores para assassinarem a D. João IV, e entregarem Portugal a Castella. — Em duas moradas de casas contiguas da rua dos Torneiros, aonde passava a Procissão, haviam collocado muitos arcabuzes em orificios abertos nas paredes; e se Deus se não lembrasse da promessa d'Ourique, mal do rei e da patria! — Felizmente porém a conspiração foi descoberta, e pagaram com a vida o maleficio intentado aquelles que tão estranhamente haviam esquecido esses lances de heroismo e fidelidade, de que nos offerecia a Procissão, e o guerreiro sancto, tão clara memoria [6].

No anno de 1610 prohibíra o Arcebispo de Lisboa D. Miguel de Castro, que por decencia do Santissimo Sacramento fossem cavallos na Procissão; mas diz um de nossos *philosophicos* escriptores — «que o cavallo que levava sôbre si a «imagem do sancto, chegando ao tôpo da Pada-«ria, parára; e como se ficára immovel, não foi «possivel, por mais diligencias que se fizeram, «que elle désse um só passo para deante. Empa-«tada d'esta sorte a Procissão, recorreram ao «Prelado, o qual conhecendo que Deus se pagava «d'esta pompa, mandou que fosse como d'antes «ia, e logo marchou o cavallo.»

[6] Em memoria, e agradecimento de se ter descoberto tão horrivel conspiração, mandou a Rainha, a Sr.ª D. Luiza, edificar no sitio dos Torneiros um convento dedicado ao Santissimo Sacramento; e no retabulo da capella mór se via a sagrada insignia accompanhada d'El-Rei e da nobreza, na fórma em que costuma ir na PROCISSÃO DO CORPO DE DEUS.

Mas o santo não se contentou com tão pequeno signal da sua desapprovação; porque no Domingo seguinte administrando á Missa no seu altar o mordomo, que fôra causa da novidade, cahindo-lhe a S. Jorge a lança da mão o feriu na cabeça.

A mais brilhante, magestosa, e em todo o ponto admiravel PROCISSÃO DO CORPO DE DEUS de que ha memoria, foi a que teve logar no dia 8 de Junho de 1719, reinando o Senhor D. João V. — Levantou-se no TERREIRO DO PAÇO uma columnata, cujo vão da superficie montava a trinta e um mil quatrocentos e vinte palmos, e que se compunha de sessenta e uma columnas da ordem Jonia, quatorze pilares quadrados, quatro frontespicios, cincoenta e duas medalhas, e outras tantas pyramides e remates; coroando tudo isto uma cimalha com molduras, e relevos dourados. Nos intercolumnios e prizões das medalhas haviam cortinas e sanéfas de tafetá carmezim e verde, no que se gastaram treze mil covados d'esta droga. No Rocio havia uma obra do mesmo theor, ainda que em menores proporções.

Sahiu a Procissão da Santa Egreja Patriarchal e Capella Real dos Paços da Ribeira, e correu a Tanoaria, Calcetaria, Rua do Ouro, Douradores, e Rua dos Escudeiros; entrou pelos porticos do Rocio, e seguiu pela Rua das Arcas, Torneiros, Correaria, Ourives da Prata, Rua Nova dos Ferros, Arco dos Pregos, entrando finalmente no Terreiro do Paço. — Não só as janellas, mas tambem as paredes, estavam armadas e cobertas de custosas sêdas e franjados veludos.

Além das irmandades e religiões em grande número, notavam-se pela sua riqueza, propriedade e esmero as corporações dos diversos officios mechanicos com as suas bandeiras, que eram levadas a vezes por officiaes vestidos com tunicas talares perfiladas de prata. Ás bandeiras é que se seguia a imagem de S. Jorge com o seu grande estado.

Compunha-se este de tambores a pé, e trombeteiros a cavallo, vestidos de veludo carmezim agaloado de prata: — immediato aos trombeteiros ía o Alferes vestido de ferro, com a bandeira do sancto, e conduzindo quarenta e seis cavallos dos mais possantes e soberbos, ajaezados com toda a riqueza do ouro, pedraria, e veludos, e levados á mão pelos criados da Casa Real com a sua libré silvada de verde e branco. Seguia-se a imagem de S. Jorge vestido de armas brancas prateadas, gôrro de veludo e diamantes, e lança em ristre; acompanhando-o um engraçado pagem coberto de ouro, e pedras preciosas.

Logo depois da irmandade de S. Jorge seguiam-se em dous troços as charaméllas, e atabales, cobertos com pannos de ouro, aonde, assim como em doze bandeiras se estampavam as armas reaes.

Ainda nos restava muito para dizer da pompa e magnificencia admiravel, com que se fez em 1719 a PROCISSÃO DO CORPO DE DEUS; mas pelo que bosquejámos muito de fugida se poderá formar idéa, aindaque bem incompleta d'esta festividade; e o contrário, além de importuno, passaria as raias de uma folha, como a ILLUSTRAÇÃO. É porisso que, appressando-nos a pôr n'este artigo um prompto remate, so recordaremos que a imagem de S. Jorge se conservou com muita veneração no templo do Hospital Real até ao anno de 1755, sendo consumida no incendio, que então devorou aquelle soberbo edificio. A que a substituiu teve altar e culto na egreja do Convento de S. Bento até ao anno de 1763, em que voltou para o Hospital, aonde permaneceu até 28 de Maio de 1823 sendo nesse dia trasladada para a egreja parochial de Santa Cruz do Castello, aonde presentemente se acha.

Ha quem diga que S. Jorge ía todos os annos, no dia da *Procissão do Corpo de Deus*, visitar o Castello, que ora tem o seu nome, aonde lhe faziam todas as honras militares, e lhe pagavam o soldo de general do exercito portuguez: entretanto, a despeito de muitas investigações que fizemos, não foi possivel achar nada de sufficientemente justificado a este respeito.

A gravura, que precede este artigo, representa S. Jorge com o seu estado, pelo theor com que foi visto na Procissão, que teve ultimamente logar. O guerreiro sancto, o glorioso general defensor do reino, ao recolher para a sua mansão sagrada, entra no Castello, aonde lhe tributam as honras, que é de uso fazerem-se aos que com o seu sangue compram a independencia, a liberdade, e a gloria nacional: honras, que as mais das vezes, são o seu unico — e mais caro galardão.

A. A. DE LACERDA.

A ALCACHOFRA.

ALCACHOFRA sybillina
Ardes? não ardes no lar?
Ardes, ardes... quem comtigo
Podéra as magoas queimar!

És victoria, se florejas;
Se em cinza ficas, tormento:
Bem ardida, bem tisnada,
Aqui te deixo ao relento!

. . . .

Ja la vem o sol rompendo,
E com elle rompe a flor.
Flor prophetica bem hajas!
Que me dizes tu de amor?

— Ruins novas? Boas novas?...
«Nem más, nem boas» — Confio?
«Pedes muito» — Espero? «Espera:
Pende a esperança d'um fio!»

Fio é, que os ceus teceram
Tam rijo como fatal.
Será elle meu conforto?
Ou será meu negro mal?...

Nem queimada, nem florida!...
Qual eu d'antes era, incerto
Me deixaste, flor maldosa,
Ermo e triste n'um deserto.

Mas eu sei dos teus arcanos
O segredo decifrar.
Não és mysterio, és saudade;
Não és saudade, és pesar!

Pesar, saudade ou mysterio
Quero-te assim todavia:
Quero a magoa como os outros
Desejam ter a alegria!

Fazes lembrar... Lembra logo,
Grego acantho eterno a abrir,
Impossivel flor que em oiro
So alcançava florir!

Lembra o lyrio florentino,
Que Cellini recortava,
E que, em anjo remattado,
Inda mais lyrio ficava!

Lembra... não: ninguem podéra
Qual te vejo, ver-te, ó flor!
Penhor de immensos desejos,
De immensas magoas penhor!...

MENDES LEAL J.or



AUDIENCIA DE UM CHEFE DE BOKARA.

As audazes empresas das forças britannicas na Asia tem conseguido avassallar ou pelo poderio das armas, ou por astutas negociações, muitos povos d'aquella vastissima região. O interesse commercial decidiu alguns a manterem livre trato com os inglezes; outros porém resistem á influencia de um povo extranho em religião e hábitos. Asperas são as lições que teem, á custa de sangue e de infructiferos trabalho, aprendido os que se persuadiram ir mais além do que os portuguezes em suas conquistas. O Afghanistan é dura prova d'experiencia. Não é para invejar a sorte de dois officiaes do exercito britannico, que em outro reino, mas de gente egualmente cabeçuda, teem experimentado duro captiveiro. O coronel Stoddart e o capitão Conally cahiram nas mãos dos homens de Bokara: um missionario inglez, o doutor Volf, intentou resgatal-os, e ao mesmo tempo prégar n'esse paiz o seu evangelho protestante. — Não se póde controverter a pertinacia e dedicação d'este ministro; mas é certo que os de Bokara não eram tão barbaros que assassinassem logo os seus prisioneiros, postoque d'isso deitassem voz e fama, obrigando o proprio doutor a confirmal-a logo á sua chegada. Estratagema era este da sua politica; e conservavam vivos os refens, que lhes convinha fingir mortos. Era uma provocação; e no caso de perigo, os refens lá permaneciam.

Convem saber que Bokara (a que os inglezes accrescentam um *h* desnecessario) é a antiga região chamada *Tibactra*, no paiz dos Usbecks; a sua capital foi saqueada e entregue ás chammas pelo famoso Gensgis-Kan; os successores no imperio do Mogol a possuiram algum tempo: depois veio ao podêr dos monarchas da Persia até 1738: d'ahi por diante os potentados de Bokara ficaram submettidos quasi nominalmente ao imperador da China. Mahometanos por crença adoptiva, conservam grande número de práticas dos seus antepassados; e postoque no vestuario e em muitas circumstancias não diffiram dos seus correligionarios, de nós mais conhecidos na Europa, conservam bastantes vestigios dos costumes primitivos da sua nação, como se observa no geral dos tartaros.

Duas coisas mencionaremos: que este paiz é afamado pelas excellentes fructas sêccas, que transporta para muitas partes do Oriente: — e que n'uma de suas povoações se diz ter nascido Avicenna, tão célebre por conhecimentos astronomicos e medicos; nome que ainda hoje pertence á historia das sciencias.

***

UM PASSEIO AO ALEM-TÉJO.

(Imitação.)

Quem ha ahi que não goste de viajar? Ainda quando mais não fôr, ir a Villa Nova, ou a Valle de Zebre? Convidam-nos, o sinuoso Téjo; os montes coroados pelos pampanos; aqui as messes; acolá a verdosa oliveira; mais além os juncaes; alli a cabana humilde coberta com o rastolho: d'este lado perde-se a vista no dilatar do horisonte; do outro lado os outeiros pedregosos, e os extensos pantanos: compondo tudo o variado solo que devemos á mão bemfazeja da Providencia.

Mas porque se viaja tão pouco no nosso Portugal? Ahi estão as estradas, os areaes, as caleças, os arrieiros e as estalagens que respondem a ésta nossa pergunta, e se o não fizerem não seremos nós quem lhes leve a mal o silencio. Todavia a despeito d'estradas, d'areaes, de caleças, d'arrieiros e d'estalagens, metteu-se-me na cabeça que podia fazer uma jornada á nossa provincia do Alemtejo, ou Entre-Téjo e Odiana, como lhe chamavam os nossos mais remotos antepassados, que não eram mingoados em nomes pomposos.

Sahimos portanto de Lisboa nos lindos e risonhos dias de maio, e de Aldêa-Gallega tomámos o que se chama a estrada real. Sahimos disse eu, e d'esta vez o plural não é romano, porque tinha companheiro, e era elle um guapo moço estudante, que segundo o costume louvavel dos da sua condição, aos vinte e um annos de idade, não curava do dia de amanhan.

O meu companheiro esporeando o seu *corcel*, metteu-nos por um vereda que lhe pareceu melhor caminho e mais curto, e desviou-nos da estrada. Eu tive a culpa. Quem é que confia em vinte e um annos de idade, e se deixa guiar pela cabeça estouvada de um estudante?...

A noite sobreveio. Pela sua escuridão caminhavamos havia uma hora quando avistámos ao longe uma luz.

— Forte diabrura, exclamava o estudante, aquillo é sem dúvida algum casal! E querem vêr que tu meu Frederico lhe vaes pedir gasalhado?

— Podéra não, respondi eu: pois não estás cançado de atravessar um pinhal, sem sabermos aonde estamos; e isto em terras do Alemtejo, e de noite?

— Grande coisa! Acaso seremos nós os unicos que tenham errado caminho, e se tenham perdido de noite em um pinhal?

— E d'ahi o que se segue?

— Segue-se que não seremos tambem os unicos que achemos caminho ao amanhecer.

— Boa consolação. E uma noite de *bivac* no meio de um pinhal, que assim se evita, não é grande achado n'estes apuros?

— Bom! melhor sería, ou pelo menos mais desusado, passar a noite no pinhal do que n'aquelle casal. Que diabo de pilheria achas tu em deitar-se a gente em uma cama, enxerga, ou palha, incommodado a cada momento por importunos hospedes?

— Acho, que é mil vezes melhor do que andar perdido pela escuridão da noite, e cheio de sustos e anciedades.

— E o romantico da nossa situação não entra em linha de conta? Esses sustos, essa anciedade não ficariam bem compensados pelo albor da manhan, que viria encontrar-nos errantes no meio do bosque; que bosque é sem dúvida este pinhal, e que como todos os bosques deve ter castello antigo habitado hoje pelos descendentes de algum castellão dos bons tempos feudaes, em que os senhores mandavam na gleba, e até a obrigavam a sacodir de noite os charcos immundos para que o grasnar das rans lhes não perturbasse o voluptuoso somno?...

Assim ia por deante o estouvado Augusto, quando um corpulento mastim annunciou com seus latidos que estavamos chegados ao casal. Não tardou apoz do cão um mal encarado serrano, que perguntou com voz rouquenha — Quem vem lá?

— Gente de paz, disse eu: e de guerra tambem accrescentou Augusto, se tanto fôr necessario.

— Que quereis?

— Agazalho, se o quizerem dar, ou vender, disse Augusto?

— Entrae, replicou o serrano, pareceis boas pessoas.

— Excellentes pessoas, continuou Augusto, generosas e reconhecidas.

Ja a este tempo nos haviamos apeado e entregue as cavalgaduras ao serrano para cuidar d'ellas, pegando cada um de nós nas maletas que traziamos á garupa.

Entrámos no casebre, e achámos o dono da casa, alemtejão verde-negro, sentado á mesa ao lado de sua mulher e dois filhos, quatro hospedes com caras enfarruscadas e que pareciam carvoeiros, comendo todos em gamellas de páu migas com *choriça*.

O dono do casal levantou-se, e convidou-nos a tomar assento. Augusto não fez ceremonia, e eu julguei que por ésta vez deveria seguir o seu exemplo. Passados dois minutos comiamos e bebiamos como se não fôramos hospedes. Depois de ter comido alguma coisa, comecei a olhar em torno de mim, e a examinar a casa. Tinha sobrado, porém o tecto mostrava o vigamento despido de forro. Duas clavinas, um arcabuz, e tres espadas estavam dependuradas na parede da frente, em quanto atraz da porta da entrada havia um sortimento de varapáus, uns com choupa outros sem ella. A casa na proporção do seu tamanho parecia um cabide de armas, e os mal encarados amigos do dono da casa suscitavam graves suspeitas, dando idéa, que além de se empregarem de dia no fabríco do carvão, applicavam-se de noite a outro genero de indústria menos trabalhoso. Nada do que via me agradava, e percebi que tambem a minha pessoa cahíra no entregrado do dono da casa e de seus hospedes. Não acontecia o mesmo com Augusto que, pelo contrário, logo se familiarisou com os que estavam a ponto que nem que fôra alguem da familia. Ria e folgava com todos; disse logo quem eramos, d'onde vinhamos, e para onde iamos. E para que nada escapasse que podesse satisfazer a curiosidade d'esta gente, e despertar-lhe a cobiça, fingiu-se rico; prometteu pagar com mão larga a hospitalidade

que recebêra, e por fim póz remate á obra, pedindo-lhes trouxessem a sua maleta com o maior cuidado, porque queria servir-se d'ella como travesseiro. Davam-me calafrios as imprudencias do meu companheiro, mormente quando vi o serrano pegar da maleta, e leval-a para o quarto que nos haviam destinado. O valor, que Augusto dava á sua maleta devia, forçosamente suscitar a desconfiança da gente do casal, levando-os a presumir que Augusto trazia alli os diamantes da corôa, quando a verdade é que ella não encerrava mais que duas camizas, alguns lenços e pares de meias, uma collecção de cartas de amores e o retrato da sua amada!

Acabada a ceia subimos por uma escada estreita para o andar de cima da casa, e entrámos no quarto que se nos destinou. Achava-se elle todo atravancado com saccos de trigo, salgadeiras de carne, e talhas; mas dos lados estavam collocadas duas camas soffriveis. Augusto apossou-se da que ficára no fundo do quarto, e pouzando a almofada sobre a maleta, não tardou muito que roncasse a somno solto. Deitei-me tambem, mas não pude pregar olho: o cabide de armas sobresaltava-me o coração. Revolvia-me de um para outro lado, fechava os olhos, bocejava, mas debalde procurava conciliar o somno.

Assim se passaram mais de cinco horas até quasi ao romper da manhan. Augusto estava todo entregue a Morpheo, e eu havia passado uma noite cruel. Ouço então fallar, applico o ouvido com curiosidade e reconheço distinctamente as vozes do dono da casa e de sua mulher, que dormiam no quarto por baixo d'aquelle em que estavamos. Não entendi as primeiras palavras da mulher, mas ouvi mui claramente as seguintes, que proferíra o marido: — «Que te parece, Brigida; *será melhor matar ambos?*» — *Pois sim*, replicou a mulher.

Ao ouvir éstas palavras gelou-se-me o sangue nas veias. Batia-me o coração com repetidas palpitações; mal podia respirar, em quanto um frio suor me cobria todo o corpo. Sós e inermes, dizia eu commigo mesmo, de que nos servirá a resistencia? accordar Augusto, que valeria isso? morto de somno e de cançaço seria forçoso fazer bulha para o pôr a pé!... Fugir só é impossivel, porquanto dois tremendos cães de gado guardam o pateo, e huivam que nem dois lobos!... Imagine quem podér o estado em que se achava ésta alma!

Pé ante pé resolvo aproximar-me da cama do meu companheiro; pucho-lhe por um braço, e consigo accordal-o.

— Augusto, fujamos, querem assassinar-nos!

— E porque?

— Para nos roubar sem duvida.

— Essa é melhor, e que tenho eu que me roubem? Não te assustes, Frederico, capitularemos quando esses senhores chegarem.

— Mas, Augusto, melhor será tentar a fuga, talvez possamos...

— Ora isso de nada vale; deita-te que eu me haverei com elles.

E palavras não eram ditas, e ja Augusto voltando-se para o outro lado roncava de novo, como se estivera em leito de rozas.

Retiro-me outra vez para a cama, e oiço que alguem subia mui devagar pela escada. Fingi que dormia, e com os olhos meios fechados observo, e vejo entrar o velho dono do casal com uma lanterna accesa na mão esquerda, e na direita uma tremenda faca de cosinha. Apoz elle, vinha a mulher, com as meias calçadas, porém sem sapatos. — «*Vai devagar, Euzebio, devagarinho não faças bulha:*» — e em quanto isto dizia, punha a mão por diante da luz para lhe diminuir o reverbero. Chega o velho ao pé da cama, aonde mui tranquillo repouzava Augusto, com os braços nús, e a nivea garganta descoberta, (talvez embevecido nos sonhos deleitosos d'essas cartas que eram o mais valioso recheio da maleta em que se reclinava) põe a faca entre os dentes, pouza o pé sobre uma barrica, firma o outro contra a janella, e pegando na tremenda faca com uma das mãos — ainda estremeço ao recordar essa scena, que se me antolhava de horror — vejo! oh prodigio do mais feliz e inesperado desfecho! — vejo que lança a outra mão a um formidavel presunto que pendia do tecto, corta boa talhada d'este, e sem o menor ruido, seguido pela mulher, desce outra vez a escada por onde subíra. Ainda convulso e sobresaltado sento-me na cama, esfrego os olhos, julgo ter sonhado, conv...ço-me porém que o que ouvi e vi foram realidades. Dissipado o susto fico entregue ás minhas reflexões, deito-me, e durmo.

Já alta ía a manhan quando Augusto me despertou; contei-lhe o resto que elle não sabia do que occorrêra, riu como um louco, e não tardou muito que os nossos hospedes nos chamassem para almoçar. Descemos, e achámos o almoço servido e com profuzão. O bondoso Euzebio convidou-nos a que provassemos *dois frangãos* assados, em que Brigida se esmerára. Honrámos o guizado deixando apenas os ossos, e então ouvimos da bôcca de Brigida as seguintes palavras, que me deram a chave do enigma atterrador que tamanho susto me incutíra n'alma: — «*Bem te disse eu, Euzebio, que era melhor matar ambos, ve la, apenas lhe deixaram os ossos!*

P. M.

A CAIXA ECONOMICA DE PARIS.

— La caisse d'épargne est la mère de l'économie, le trésor des artisans, la salle d'asile du pauvre, le remède de la mendicité, le producteur des capitaux et le levier du crédit national·

(*Cormenin*).

As caixas economicas são hoje uma instituição popular, á sombra da qual differentes povos gosam, no remanso da paz, o fructo do trabalho e da economia — a sua historia é contemporanea: mas interessa a todos, e os seus progressos tem uma significação moral tão importante que a imprensa os deve registar como titulos gloriosos que a presente geração hade legar aos vindouros.

Em Portugal ja essa historia deve ser lida com bastante attenção, porque a util instituição das caixas economicas é uma das que está para sempre arreigada a este paiz abençoado, que nunca esterilisa a semente lançada por bom semeador.

Com muita satisfação consagraremos algumas linhas d'este jornal a um assumpto de tanto interesse, dando noticia do estado florescente da caixa economica de Paris no fim do anno passado, isto é 26 annos depois da sua fundação; esta noticia provará o muito que a nossa patria deve esperar de uma instituição que entre nós teve as mais brilhantes estrêas.

Em o dia 19 do mez passado os administradores da caixa economica de Paris se reuniram em assemblea geral para ouvirem a leitura do relatorio da caixa durante o anno de 1844. Este relatorio demonstrou, como os antecedentes, que o povo francez cada vez comprehende melhor as vantagens que póde tirar dos estabelecimentos destinados a receber e augmentar os pequenos capitaes, patrimonio das classes menos abastadas.

A caixa recebeu no anno mencionado 46.940:000 francos, restituiu 39.674:000, sendo o excesso das entradas sobre as restituições 7.275:000, apesar do rigor do inverno e da falta de trabalho que por vezes ía causando as crises industriaes, que ha alguns annos começam a ameaçar a França.

O saldo da caixa em 31 de Dezembro era de 112.061:000 francos, pertencendo esta enorme quantia a 173:000 depositantes, dos quaes 35:750 fizeram as suas entradas em todo o anno de 1844. — Deve notar-se que em Paris, alem da caixa central, ha 16 caixas filiaes espalhadas pelos bairros mais habitados e industriosos da cidade. — Este avultado saldo junto ao das caixas economicas dos *departamentos* eleva a 392 milhões de francos o debito das caixas economicas de França aos seus depositantes, mais 42 milhões do que em 1843.

Por uma coincidencia notavel, um dia depois d'este em que o Barão Benjamin Delessert chamava a attenção dos illustres administradores da caixa economica de Paris sobre estes importantes resultados, um dos vice-presidentes da direcção central das caixas economicas, fundadas pela companhia Confiança Nacional, mostrava perante uma respeitavel reunião de directores honorarios as lisongeiras esperanças que todos deviam ter em um estabelecimento que um mez depois do primeiro dia em que havia começado as suas operações, apresentava resultados que mal se poderiam esperar no fim de muito mais tempo: pois que durante um mez 402 pessoas depositaram na caixa economica de Lisboa, em 472 entradas, 76:324$100 réis.

Para avaliar a importancia das caixas economicas, e provar o muito que podem concorrer para a conservação da ordem pública e moralidade das familias, basta considerar nos differentes interesses que se unem por meio d'estes estabelecimentos, que para florescerem precisam da paz e dos bons costumes, como as plantas do ar e da luz.

São dignas da mais séria meditação as considerações que a este respeito fez o Barão Carlos Dupin no seu precioso livro, intitulado — Constituição, historia e futuro das caixas economicas em França.

Esse livro mostra que em a nação mais civilisada da Europa 600:000 familias espalhadas por 450 cidades quasi todas pertencentes ás classes laboriosas confiaram ás caixas economicas perto de 350 milhões de francos, ganhos á custa de muito trabalho, e poupados sabe Deus á custa de quantas privações. — D'esta somma 31 milhões de francos pertenciam a 40 mil soldados e marinheiros os quaes quando se lhe acaba o tempo de serviço acham na caixa economica um peculio, que ainda os torne uteis a si e á sociedade. — De quanto proveito não seria que os nossos soldados e marinheiros seguissem este exemplo? Diz Goldsmith que as lagrimas mais preciosas são as que o Ceu derrama sobre o corpo sem sepultura de um soldado; parece-nos que bem se poderia dizer que são tão preciosas como éstas que se derramam quando o martyr da patria ou o domador dos mares são levados pela miseria ao desamparo da indigencia, ou ao horror do crime, porque em algumas horas de loucura dissiparam o que haviam ganho affrontando os maiores perigos da vida.

Se os soldados e marinheiros portuguezes pensarem um momento no futuro, os seus tostões irão formar na caixa economica um peculio que lhe dê a possibilidade de terem um modo de vida quando chega o tempo da baixa, ou pelo menos de se transportarem á aldêa onde nasceram, sem mendigar antes de chegar ao pequeno canto da terra, que os hade sustentar nos últimos dias da existencia.

Um outro facto se dá na caixa economica de Paris que muito conviria generalisar entre nós, e vem a ser o costume que tem as pessoas caridosas e abastadas de deixarem legados depois da sua morte, ou fazerem donativos ainda em vida, de uma avultada porção de dinheiro, distribuindo a sua importancia em cadernos de depositos passados a favor das pessoas que desejam beneficiar — este alvitre leva muita vantagem ao uso de directamente entregar estes legados ou donativos, pois que se a necessidade obriga muitos dos favorecidos a retirarem o deposito, alguns o augmentam, e sempre d'esta boa lembrança resulta o ficarem todos sabendo que ha um meio de guardar com segurança, e augmentar com certeza, o pouco que poderem economisar se algum dia vierem a ser mais afortunados. Ainda quando as vantagens de uma tão louvavel lembrança não fossem da maior transcendencia o facto seguinte provará sobejamente a sua utilidade.

Quando em 1837 o Principe real herdeiro da corôa de França desposou a Princeza Helena de Mecklembourg-Schwerin, as Camaras dotaram o Duque de Orléans com um milhão de francos de renda. — Esse Principe magnanimo que uma desgraça roubou á França, e que tanto se interessava pela felicidade da sua patria, deu uma prova solemne da grande importancia em que o seu acertado juizo tinha a moralisadora instituição das caixas economicas, mandando distribuir 40:000 francos em cadernos de deposito, passados a favor dos alumnos das escholas das principaes cidades, que fossem mais estudiosos e bem morigerados. Bem curta seria a vida do homem público se as suas acções não a continuassem depois que a morte o arremeça para a sepultura.

O Duque de Orléans morreu: mas a sua memoria viverá por largo espaço entre os homens para quem é um culto o amor da patria, e o desejo de serem uteis á humanidade. — Esse donativo que o Principe mandou distribuir por 1:762 menores, e o qual como dissemos importava em 40:000 francos, elevou-se a 180:000 até ao fim do anno passado em virtude das entradas successivas feitas pelos possuidores dos cadernos. — Este facto é mais eloquente do que todos os termos de que nos poderemos servir para o recommendar como um exemplo muito digno de ser seguido.

Em Portugal se todos se convencerem como devem da utilidade das caixas economicas, por certo que hãode chegar a um estado tão florescente como chegaram em França, o que não admirará por que só a caixa economica que a Companhia Confiança fundou em Lisboa ha perto de dois mezes tem recebido de um grande número de depositantes mais de cem contos de réis.

S. J. RIBEIRO DE SÁ.

ENIGMAS PITTORESCOS.

EXPLICAÇÃO DO ENIGMA DA FOLHA ANTECEDENTE.

O amor traspassa os corações e foge.



SUMMARIO.

FESTA DA INDEPENDENCIA EM NOVA-YORK.

No mez de julho, celebre nos fastos liberaes de muitas nações modernas, commemoram os americanos dos Estados-Unidos a data da sua independencia, e emancipação, da metropole britannica, no dia quatro. Mais ou menos festejada n'outras partes, em Nova-York é uma solemnidade nacional, a que todo o povo concorre: é um dia de gala consagrado aos divertimentos. Todas as nações tem nos seus fastos dias similhantes, e permanentes porque a historia lhes dá valor, e o espirito patriotico os exalça. Ha outros dias de festejo, mas de periodo transitorio, e que fenecem com a morte de um principe, com qualquer circumstancia passageira como a causa que lhes deu principio. Os regozijos públicos duram em quanto as tradições os mantém, e da fonte que os originou deriva o interesse geral da sociedade.



Os viajantes, que não percorrem as terras estranhas por motivos pessoaes e de interesse, restricto em tempo e especialidades, gostam de appreciar a indole dos povos; e se a propensão e o estudo os auxilia com os soccorros das artes graphicas fallam aos sedentarios do gabinete com a pintura do que viram. Não ha melhor maneira de exprimir as coisas, — o texto com o quadro ao natural. Um d'estes curiosos desenhou o espectaculo, que os habitantes de Nova-York lhe appresentaram, no quatro de julho a que alludimos, offerecendo-se-lhe á vista em grupos de todas as edades e sexos, reunidos no parque ou passeio público, junto do copioso repucho, que espalhando as aguas sôbre ampla bacia convida com especialidade a gente que so tem em mira espairecer e gozar. — Accresce que é ésta a melhor estação do anno que nesta parte da União Americana se desfructa.

* * *

UMA TABOA DA POPULAÇÃO.

A gloria de fundador da theoria da população pertence com tanto direito a Malthus como pertence a Hanneman a de descubridor da medicina homeopathica, e a de inventor da maquina de fiar o algodão a Arkwright. E comtudo posso affirmar sem nota de temerario que Malthus não estava habilitado para traçar as casas de uma taboa de população, como nos habilitam hoje a riscalas os progressos da Estadistica. Dizia um filosofo do seculo passado que qualquer estudante do seu tempo sabia mais fisica do que Newton. Applico o dito a Malthus, e ao meu tempo, extremando o genio que semeou do segador que veio sómente colher-lhe a messe, descontando o que vae das sciencias fisicas ás moraes, onde costumam as revoluções ser muito menos frequentes, e menos completas que n'aquellas.

Vou traçar uma taboa de população. Entremos ao limiar da vida. Quereis saber o número dos nascimentos? Riscae quatro casas; uma para os nascimentos legitimos, outra para os illegitimos; as duas restantes cada uma para seu sexo. Começae a investigar por districtos.

Aproximemo-nos ao leito da morte. Quereis saber o numero dos fallecidos? Traçae outras quatro casas; duas distribuidas por sexos; as outras duas tambem por sexos, contendo a idade dos fallecidos, em series dezenaes.

Quereis agora saber o numero dos casados, e o dos celibatarios? Riscae duas casas para os primeiros por separação de sexos; mais outras duas designando por series a idade: duas para os segundos com a mesma distincção de sexos; outras duas para a idade. Suppomos cheias todas as columnas aqui indicadas. Como temos uma especial para os nascimentos illegitimos, comparando-a com a dos casados, e a dos celibatarios acharemos que de duas terras ou dois districtos de moralidade igual e em circumstancias analogas, áquelle onde se celebrarem mais matrimonios corresponderá, por via de regra, menor numero de nascimentos illegitimos. E tambem encontraremos nos districtos pobres maior numero de casamentos, e menor numero de filhos naturaes; e nos ricos o contrario. Confrontemos depois o mapa da população com a estadistica criminal, resultará que nos districtos onde escaceiam os cazamentos, abundam certos delictos como infanticidios, e vadiagem. E se a classificação fosse por terras, em vez de districtos, ainda este resultado havia de ser mais palpavel.

Quereis apreciar o movimento dos nascimentos e dos cazamentos? Traçae duas columnas onde se declarem as pessoas nubeis de ambos os sexos, isto é, as que estão em edade de cazar e ter filhos. É uma indagação de muita importancia, cuja utilidade explicarei adiante.

Classificar no quadro da população os individuos de ambos os sexos, celibatarios, cazados, ou fallecidos, por officios, profissões, e funcções, é indispensavel. Escolham-se aquelles officios ou profissões que empregam maior número de braços ou actividades, e os restantes distribuam-se em um pequeno grupo de cathegorias. Cotejando depois éstas casas com a estatistica criminal, e o mapa da mendicidade ou indigencia, chega a achar-se a incognita de muitos problemas importantes, e a saber-se se nas povoações agricolas se commettem menos crimes que nas fabris; — quaes são as classes que contam, cæteris paribus, maior número de pobres; — quaes aquellas onde a riqueza tem maior tendencia ou a concentrar-se ou a dividir-se; em que circumstancias as grandes cidades são um bem, ou um mal; em que classes e profissões a foice da morte ceifa mais ou menos vidas.

Posto que pertença propriamente á estadistica litteraria, poderá aqui entrar uma columna das pessoas que sabem ler e escrever. Por ella não so se alcançará conhecer os progressos da instrucção popular; mas até cotejando a columna com a estadistica judiciaria, e os mapas da mendicidade se poderá averiguar até que ponto a cultura do entendimento anda em razão inversa dos delictos e da indigencia.

Convirá tambem uma columna para fogos, outra para freguezias, outra para a população rural, que importa muito descriminar da urbana.

Publica-se (ou deve publicar-se) uma lista das fôrças do exército; mas convém que entre uma casa d'estas fôrças no quadro geral da população para se acharem aquellas descobertas, que a comparação d'este elemento com os outros, e a arithmetica politica revelarem.

E a estatura? Uma columna dos homens que se não apuraram para as fileiras por não chegarem á medida, sería de proveito. E até não fôra superflua outra columna da estatura commum distinguindo edade e sexo; porque o número, a edade, e a saude dos operarios, e trabalhadores, não são as unicas condições que devem entrar em linha de conta para se avaliar a fôrça fisica de que póde dispôr um paiz.

O ganho do trabalhador é, commummente, maior ou menor, segundo a sua estatura; nos trabalhos manuaes dá-se maior salario aos homens do que ás mulheres, e até, ás vezes, ao homem alto do que ao baixo.

Outras casas é mister que entrem no quadro da população, como: — dos não apurados para o recrutamento por molestia ou falta de fôrças: — dos reformados, tambem por molestia, incapacidade, ou falta de fôrças: — dos cégos, surdo-mudos, aleijados etc.: — das emigrações: — das immigrações: — dos estrangeiros não naturalisados. Todas éstas individuações são precisas para que se apurem as quantidades *positivas, negati-*

vas e *accidentaes*, n'uma palavra, as fôrças com que póde contar a nação.

Poderia haver uma columna do número dos vaccinados, outras dos fallecimentos, classificando-os por molestias, districtos, sexo, edade, profissão, e estado de fortuna dos fallecidos, que todas éstas individuações, *todas*, note-se bem, seriam utilisaveis: mas deixe-se isto em parte á estadistica médica, em parte á do solo. Poderia haver outra columna das mortes violentas, especificando tambem o districto, sexo, edade, profissão, e estado de fortuna dos fallecidos; outra dos vadios; e outra dos prêsos: mas deixe-se isto ás estadisticas judiciaes. Completo o quadro da população, como aqui o tenho traçado, confrontem-no com o quadro das molestias, e o quadro dos crimes, e descobrirão verdades interessantes para o legislador e o homem de estado, e em que me não demoro por o não o consentirem os curtos limites d'este papel.

Em Estadistica ha dois processos distinctos: colligir os dados, e depois applical-os. Se os raciocinios, applicados aos dados estadisticos que se colligiram, peccam, os resultados a que se chega são erroneos, ou fantasmagoricos. Quereis avaliar a influencia das causas que augmentam ou diminuem os nascimentos? Buscae a proporção dos nascimentos com o número das pessoas nubeis. Desejais indagar porque augmentaram ou diminuiram os cazamentos? Buscae a proporção dos cazamentos com o número das pessoas habeis pela edade e com os requisitos necessarios para contrahir matrimonio: só assim podereis achar a verdade. Porque se em vez d'isto se procura a proporção dos nascimentos ou dos cazamentos com a totalidade da população, parte-se de um supposto falso, e chega-se a um resultado tambem falso. Parte-se de um supposto falso, porque se suppoem que as creanças vingam todas até á edade nubil; o que não é exacto. Parte-se de um supposto falso, porque se suppoem que quando as mortes diminuem, diminuem necessariamente para aquella parte da população que está em edade de cazar e ter filhos; o que é erro, pois os obitos pódem, em quanto diminuem n'outras edades, deixar de diminuir na edade nubil; ou em quanto augmentam para aquellas, não augmentar para ésta.

Por outro defeito de raciocinio, costumam considerar o augmento da população indicio infallivel de prosperidade. Mas nem o número dos habitantes, nem ainda mesmo as suas riquezas olhadas collectivamente, denotam com segurança a prosperidade de um paiz: mais certo signal de prosperidade do que estes é *a relação dos habitantes com a quantidade das subsistencias.* Nem o augmento das mortes é indicio geral e constante da multiplicação dos indigentes, porque outras causas, muito alheias á indigencia, podem abreviar a vida. Nem tambem o augmento dos nascimentos é mostrador de prosperidade, não so porque os recem-nascidos se multiplicam muito mais no gremio das classes *pobres* do que nas outras; mas ainda por ser necessario que elles vinguem para chegarem a ser membros productivos e uteis á sociedade. Tão pouco o número dos cazamentos é criterio certo ou do progresso dos nascimentos ou da condição do povo: não o é do progresso dos nascimentos, porque o augmento d'estes depende principalmente da fecundidade dos cazamentos, e a fecundidade dos cazamentos depende de outras causas: não o é da condição feliz do povo, porque as classes mais miseraveis, e ao mesmo tempo as mais numerosas, onde prevalecem, são as mais faceis em contrahir matrimonio. Nem tambem um número menor de cazamentos é argumento incontrastavel de diminuição da população, porque a fecundidade d'elles como ja adverti é que principalmente influe no número dos nascimentos: tão pouco é indicio de que a miseria irá diminuindo, porque onde os cazamentos escaceiam, crescem os nascimentos illegitimos que, quando multiplicam, são um signal ou causa de miseria. Póde um d'estes indicios, póde a combinação de todos elles em *certas circumstancias* auxiliar muito no descobrimento de alguma verdade estadistica relativa ou ás fôrças da população, ou ao estado do povo: mas as *circumstancias* variam, e os indicios falham com a variação das circumstancias. No campo da estadistica o argumento sem réplica, o unico testemunho infallivel, constante, *invariavel* do augmento das fôrças da população, e do estado prospero dos habitantes é a *longevidade*.

A lei da longevidade, ou o termo médio da vida acha-se sommando os annos a que chegam todos os habitantes de um paiz, e dividindo a somma pelo número dos mesmos habitantes. Mas o quociente assim obtido como termo da vida média n'um dado paiz é expressão imperfeita; mais do que imperfeito, — é fallaz, porque baralha e confunde classes, condições, profissões, modos de viver inteiramente repugnantes, e amalgama o campo com as villas, o norte com o sul, a opulencia com a pobreza, a sobriedade com a devassidão, a vida laboriosa com a ociosidade, a constituição robusta com a que é debil. So procurando a longevidade em cada classe de habitantes, e pelo menos em cada districto é que poderemos chegar a um resultado satisfactorio. E quando observarmos que a morte poupando mais aquella edade que segundo as leis da natureza tem larga esperança de vida, isto é, a infancia, busca de preferencia victimas na edade adulta ou na velhice; devemos concluir que a longevidade é maior; e vice versa, que é menor.

Além d'estas applicações so nos resta dizer que uma boa taboa de população tem outras, e utilissimas, como são aos cálculos sôbre seguros de vidas, pensões do Estado, e todos os contractos e transacções que assentam no conhecimento das probabilidades da vida humana.

E terminâmos aqui, porque nos propozemos lançar uns apontamentos, meramente, ommittindo muita coisa que so caberia em Jornal de outra especie. A. DE O. MARRECA.

O CASTELLO DE DUDLEY,

FOLHAS TIRADAS DO ALBUM D'UM EMIGRADO. *

AMANHECEU tam bello hoje este dia como se estivessemos em adiantada primavera; e são quinze de Janeiro. O ceo está sem o pesado capote das *côres nacionaes*, e os raios do sol reflectem nos innumeraveis e brilhantes espelhos que formou o gêlo severo d'estes dias. Todavia nunca senti tanto frio em minha vida. Mettemo'-nos em um *gig*, eu e o meu amigo A. Had., para irmos visitar as célebres ruinas do castello de Dudley, e mais curiosidades de suas visinhanças. O castello tem, ja se sabe, a sua aldeia aopé. Aldeia lhe chamo eu, mas sua população é muito superior a qualquer das povoações que em Portugal assim nomeâmos. Aqui tem o nome generico inglez de *town* que me parece não ter correspondente em Portuguez. Cidade e villa são povoações com foral d'essa graduação, e correspondem exactamente ao *city* e *borrough* inglez; mas para *town*, genero d'aquellas especies, não temos palavra.

São dez da manhan, e começâmos a rodar. Sahimos de E... pela nova estrada real que proximamente se acabou de concluir, e que serve hoje de principal communicação entre este reino e o de Irlanda. A estrada é magnifica, optimo pavimento, bem escoada de aguas, acabada com a proverbial perfeição ingleza. Toda ella é d'um lado bordada de suberbas casas apalaçadas, com seus jardins á frente — ou de elegantes *cottages*, e nos intervallos, renques d'árvores, campos sempre verdes, ou bem dispostas e cultivadas hortas. Por tam delicioso caminho andámos quasi oito milhas, incantados (pelo menos eu) da belleza e variedade dos objectos que nos cercavam, e que, um depós outros, iamos descubrindo. Sería á volta das onze quando o paiz começou a mudar d'aspecto visivelmente. O esmalte das campinas vai diminuindo de seu viço, a apparencia das casas é ja menos elegante, a athmosphera menos pura, até os gestos dos camponezes que incontrâmos teem não sei quê de mais rude e selvagem. Em breve démos n'um paiz arido, feio, e melancholico como um dia de derradeiro outonno inglez. Campos negros, casas tristes, o chão revolvido e queimado, todos os signaes d'um volcão vizinho. Augmenta ésta apparencia o calor do ar, as nuvens de fummo que inlutam o ceo, a multiplicidade de clarões sulphureos que se divisam por entre a névoa, o proprio cheiro desagradavel do enxofre, e o semblante pallido dos poucos, rotos e miseraveis habitantes que se incontram. Algumas toesas mais de caminho me deram a razão da mudança: vimos a bôcca de uma mina de ferro, e juncto d'ella uma fabrica trabalhando com sua possante máchina de vapor. D'esta mina, e d'outras como ésta (das quaes algumas são tambem de carvão, e entre todas, innumeraveis) provêem os fogos que avistei, o fummo, a desolação do campo, e todos os outros desagradaveis symptomas de uma terra de minas e mineiros. A que privações e miserias se não sujeita a avareza do homem — não satisfeito com as producções, que a superficie da terra com tam pouco trabalho lhe dá, vae romper os seios da mãe generosa para desentranhar esses metaes — esse ferro e esse ouro ambos origens de tantos crimes... Logares communs de moralidade velha! Com uma queixada de burro se commetteu no mundo o primeiro homicidio: o homem não lhe faz mingua coisa alguma para obrar como quem é. Que mal lhe fazem as minas ou os mineraes?

Ja perto do castello, ja quando claramente avistavamos seus erguidos torreões e altas ameias, que pela maior parte se conservam ainda em pé, atravessámos uma planicie que se estende bastantemente larga desde a falda do monte em que elle está situado. Parámos para observar o extraordinario aspecto que appresenta. Negra toda a vasta campina, e cuberta de fezes ou escoria de ferro e sedimentos de carvão: áquem e álem pequenas e miseraveis habitações tambem negras e tristes, dispersas irregularmente. Um braço d'agua estagnada e mal cheirosa (parte do canal de Birmingham) atravessa a campina, mas sem murmurio, sem nenhum signal da animação e vida que sempre dá um ribeiro ás margens do prado por onde passa: callado, triste e sem corrente, apenas se ouve o som d'agua quando a ferem os enormes lemes ou esparrellas das barcas que vão passando. No momento em que parámos, ia uma carregada com tres altos de carvão; á ré um velho, cego e membrudo barqueiro com todos os ares de Charonte. Duas mulheres, cujo aspecto nada tinha de agradavel, iam sentadas ao pé d'elle, sérias e carregadas, mesmo como duas in-

* Com o titulo de: *Album d'um Emigrado Portuguez*, temos em nossa mão uma obra curiosissima, e nova para Portugal, — um livro de viagens. O auctor visitou a Inglaterra, a Escossia, a França e parte de Allemanha. O estylo varia como o assumpto, é quebrado, e mais parece uma collecção de fragmentos do que outra coisa; como tal daremos d'elle extractos destacados.

glezonas puritanas, tinham todo o geito de duas almas recem-chegadas que o barqueiro da Styge passa para o outro lado pelo modico preço de um obollo. — Este incidente nos fez attentar com outros olhos para a scena diante de nós. O estagnado canal tomou-me toda a apparencia de Cocito, os immensos fogos das fornalhas e ingenhos circumstantes me pareceram o inflammado Phlegetonte. A tudo deu a imaginação similhança; e se não fôra um coche a quatro que a toda a brida passou carregado de solidas massas bem viventes, bem animadas de biffe e cerveja — não accordavamos tam cedo do sonho que nos entretinha Ladeámos para deixar passar o coche; e sahindo do nosso inferno que tam depressa alli tinhamos arranjado — tomámos o caminho da aldeia ou villa (talvez honra ou couto) de Dudley, onde entrámos em poucos minutos.

Era justamente meio dia quando parámos á porta da estalagem das *Armas de Dudley, (Dudley arms in)*. Um enorme retabulo pintado com todo o rigor e luxo *heraldico* estava por cima da porta principal da estalagem, e justificava o titulo ou invocação da pousada. Cumprimenteiro *Mine-host* veio á porta, de bonete na mão, com o sabido cortejo de Mrs, & Miss *Busybody*, todos tres typos classicos d'uma familia de estalajadeiro inglez: elle gordo, corado e risonho, sua *cara metade* espremida e puntilhosa, com um coruchéo de touca empinado, e suberbo de firifolhos espantosos; a amavel progenie alta, longa, aguda, esguia e curva — anzol verdadeiro — em que triste do peixe que morder!..

Costumo quasi sempre, fiel ás minhas tradicções e devoções shakspereanas, entrar em conversação com *Mine-host*, gallante personnagem, curioso e communicativo em Inglaterra mais que em nenhuma parte. Parece que a taciturnidade geral do paiz é como consequencia de delegação tacita que déssem aos seus estalajadeiros para linguararem por todos e fazerem as honras do palratorio aos viajantes e estrangeiros. Mas não me senti agora com animo — talvez me affugentou a rigidez quasi-quakeriana que vi pintada na figura da dona da casa, — e a bem *inutil* reserva e *pruderie* de sua asperrima filha. — O cazo é que deixei o meu amigo ordenar o jantar, e ir cuidar de negocios seus que ahi tinha no logar; e eu fui dar uma volta por elle.

Dudley é bastante grande; cuido que terá as suas dez mil almas: as ruas são soffriveis, e os edificios mais que medianos. A principal egreja ou parochia é edificio novo, mas construido perfeitamente em todo o rigor da architectura gothica, ou que vulgarmente chamamos gothica.

Pareceu-me excellente em seu genero. Os Inglezes teem ultimamente restaurado este gôsto de architectura, que tam bello é e tam solemne, e que o servilismo das imitações gregas, o *rococó* das monstruosidades *græco-gallas* dos tres ultimos seculos tinha prescrevido e proscripto.

A architectura gothica com suas agudas arcadas, com suas compridas e estreitas janellas, suas obscuras naves, sua melancholica solemnidade, é mais propria de um templo christão e de suas augustas funcções, do que a elegante, a garrida, e demaziado risonha architectura grega. Os mysterios de Isis, as orgias festivaes de Bacho, as solemnidades de Flora, e as festas de Apollo ou Jupiter ficavam bem entre columnas dorias ou corinthias. Mas os ritos christãos, serios, graves, e mais dirigidos ao coração que aos sentidos, dizem melhor com a tristeza sublime d'uma egreja gothica.

Voltei á estalagem a incontrar o meu companheiro, e junctos fomos caminho do castello que está sôbre uma altura, eminente á povoação, de que ainda hoje seu dono feudal, o barão de Dudley, é senhor independente e em muitos respeitos quasi suzerano.

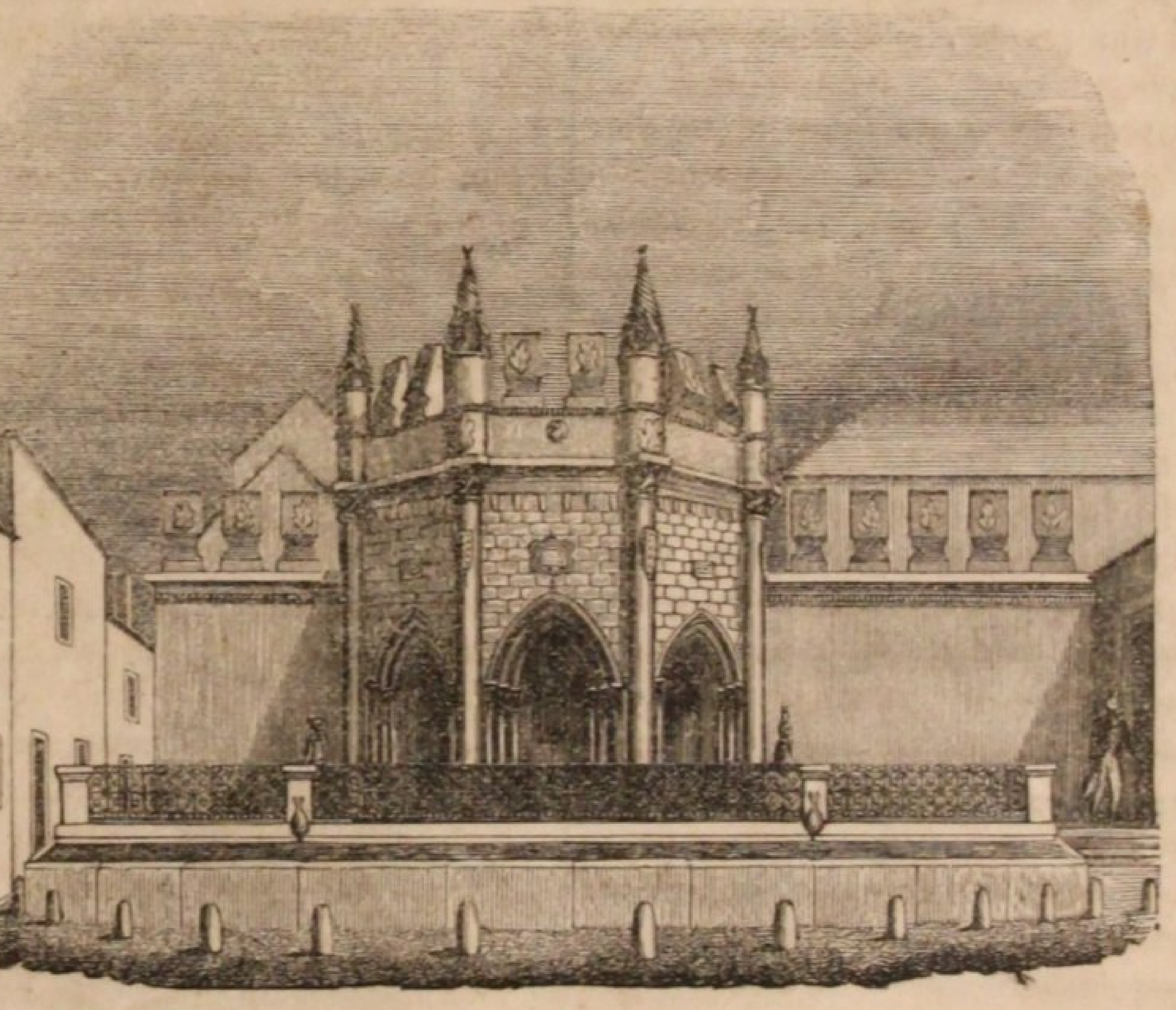
Batemos a uma porta ou cancella de ferro que fexa o que foi esplanada do castello. Abriunos um dos trabalhadores do barão que ahi mora em uma casinha construida sôbre os restos de um dos torreões da cêrca exterior. Cuidou que vinhamos em busca dos muito-notaveis fosseis, de que alli tem sempre cópia junta para vender *aux amateurs*, e de que abundam grandemente as ruinas calcareas que alli se lavram. Apresentounos logo o bom do homem varias petrificações extraordinarias na verdade, porque a maior parte são conchas, mariscos e outros productos maritimos, estando aquellas minas positivamente no meio, e no mais alto do meio, da ilha.

Pareceu-me entre todas mais notavel uma casta de reptil (reptil cuidei eu) cuja apparencia era a de uma pequena ran na parte da cabeça, mas no resto oblongado a modo de cauda de lagarto. Todavia os meus pobres conhecimentos zoologicos me tinham inganado: o animal era um marisco hoje desconhecido a que dão o nome de *Pediculus marinus* (saltão, gafanhoto ou cigarra marinha). Trilobite lhe chama Mr. Parkinson, *Dudley-locust* (locusta ou gafanhoto de Dudley). — Comprei por uma bagatella dous destes animaes em uma curiosa situação. — Quantos mil annos terão decorrido, e os pobres animaes (estatua e monumento do que foram) ainda hoje se conservam na mesma e significativa posição em que no meio dos prazeres os surprehendeu a morte! — Que milhares de annos haverá? Seculos por certo, que ja não poucos tem o castello de Dudley edificado sobre o monte em cuja concavidade se acham estes e outros fosseis.

Propoz-nos o vendedor de raridades se queriamos ir ver o sitio em que ellas se acham, — que é, como disse, por baixo do castello, nas profundas excavações que, para lavrar sua mina de cal, alli se teem feito. Acceitámos; e o bom do mineiro se offereceu para *cicerone*. Caminhámos largo espaço pelo parque que rodeia o castello, e chegámos a um dos boqueirões ou entradas da mina.

A. G.

(Continúa.)



CHAFARIZ DOS CANOS EM TORRES VEDRAS.

A villa de Torres Vedras, famosa em nossos dias pela obra das linhas de defensão da capital contra a segunda invasão franceza, é das mais antigas e nobres povoações d'esta nossa provincia da Estremadura. Situada a sete leguas ao norte de Lisboa e a duas da costa maritima, está no centro do seu termo fertil, capaz de toda a casta de cultura, geralmente aprazivel, e abastecido dos productos necessarios ao consummo da sua população, muitos dos quaes exporta em grande quantidade, especialmente vinhos; d'estes no fim do seculo passado lavrava passante de dezesete mil pipas, e no presente ainda a mais tem subido ésta agricultura; os vinhos brancos sempre foram muito estimados dos estrangeiros; os tintos em tempos antigos eram preferidos para mandar á India Oriental; mas hoje o territorio de Torres sente os effeitos da geral decadencia d'este commercio. — Oliveira Freire a pag. 112 da Descripção corographica escreve = « O termo (de Torres Vedras) é dos mais abundantes de Portugal em todo o genero de fructos com muitas vinhatarias de generosos vinhos que se embarcam para os estados da India e para o Norte. »

A villa é de remota fundação, celebre desde o começo da monarchia, e bem conhecida e povoada em epochas anteriores. No Santuario Marianno tom. 2.° liv. 1.° tit. 17 lê-se que « por ser de bons ares, e de ferteis campos, e deliciosos pomares, hortas e vinhas, a estimaram muito os mouros. » A historia testefica que em occasiões de pestes, que devastavam outras povoações, concorria muita gente a refugiar-se nesta. — O castello n'um monte sobranceiro á villa é documento de sua antiguidade. Outro monumento memoravel é o representado na nossa estampa, o chafariz chamado dos canos, que o P.e Carvalho, na Corographia, appellida com razão « obra régia e antiga. » Foi reparado em 1831 sendo corregedor da comarca o Sr. Quintella Emauz. A data da sua construcção revela-a uma inscripção, que ao presente está em parte indistincta; lê-se porém que o mandára fazer uma infanta nossa (sem declarar o nome) em 1561. Pela data póde-se conjecturar ser a infanta D. Maria, filha d'elrei D. Manuel, fundadora do convento do Barro, a meia legua ao sul da villa, consagrado a Nossa Senhora dos Anjos, e que foi de religiosos arrabidos; por quanto ésta senhora teve o senhorio de Torres Vedras.

O chafariz está descripto na Memoria sobre a Villa e seu termo por Manuel Agostinho Madeira Torres nos termos seguintes. — « Esta fonte consta de dois tanques, nobres por diversos motivos: o

superior, (onde de duas bicas cahe a agua para o uso da gente) por ser cuberto de abobada suspensa entre a parede, em que estão cravadas as bicas, e uma arcada que discorre como em semi-circulo na frente da mesma parede e a fechar com ella, distribuida em cinco arcos ou porticos, tudo de pedraria lavrada, e fabricada segundo a architectura chamada gothica, por cuja circumstancia se fez mais digna do apreço dos homens intelligentes, assim nacionaes como estrangeiros, especialmente inglezes, não se contentando só de observal-a, mas levando-a desenhada. O tanque inferior, onde por bocca de dois golfinhos, esculpidos em boa pedra, cahe a agua para uso dos animaes, é nobre por muito espaçoso e regular, porém é moderno.»

O aqueducto que traz as aguas a este chafariz é obra de algum vulto, por quanto, além da extensão de perto de quarto de legua, vindo occulto na terra metade d'esta distancia, e a outra metade sôbre arcos, uns dobrados outros singelos, appresenta entre esses arcos dois de grandes dimensões; um sôbre a estrada, feito em plano irregular, e de base triangular, e de bem complicada construcção; outro sôbre o rio Sisandro, com grande abertura, apesar da sua arrojada elevação tem tal solidez que se conserva incolume das cheias grossas, que todos os annos lhe banham os encontros.

Ao sul do convento da Graça (famoso por dois illustres varões que o habitaram, S. Gonçalo de Amarante, e o arcebispo de Gôa, D. Fr. Aleixo de Menezes, dos quaes se veem pintadas as acções principaes nos azulejos do claustro) seguindo a estrada de Lisboa, existe outro chafariz antigo, mais simples que o acima descripto, feito pelo mesmo tempo segundo denotam as obras que o coroam, e a data de 1529, insculpida por baixo das armas reaes e as do concelho que se veem em relevo n'um grande padrão collocado na frente do muro; recebe as aguas da fonte denominada nova. ***

BIBLIOGRAPHIA.

Elementos de geographia, e chronologia, para uso das escholas — Por Bernardino Joaquim da Silva Carneiro, Doutor na Faculdade de Direito, addido á Universidade, e Professor Substituto com as prerogativas de proprietario da 5.ª e 6.ª Cadeiras do Lyceo Nacional de Coimbra. — Coimbra: na Imprensa da Universidade — anno de 1844 — 1 volume em 8.º

Ha mais de um seculo que em Portugal se observa o uso de ler muito e escrever pouco. Não existe entre nós mingua de talentos transcendentes capazes de entrarem o famoso alcaçar das sciencias, mas tem faltado estímulo aos genios, e coadjuvação aos estudiosos; e d'aqui provém a inercia, que, em nossa terra, tão fatal ha sido ás letras, e ás sciencias.

Nota-se porém, ha alguns annos, em o nosso reino, mais vida litteraria, e mais tendencia investigadora. — Tudo parece annunciar que a um seculo de silencio e meditação se seguirá outro que, a espaços, vá reproduzindo os fructos sasonados pela reflexão e experiencia.

É porém no magisterio que se observa zêlo mais louvavel e esperançoso. Os professores que dominam e educam a geração que hade succeder-nos, e que deve colher os melhores fructos do progresso intellectual, que se vae desenvolvendo, dão-nos repetidas vezes claro testemunho de que sabem comprehender a sua missão. — Simplificam systemas; estabelecem methodos; e sem circumscreverem ao ambito de suas escholas o fructo de uteis vigilias, dão-lhe livre curso por meio da estampa, para proveito de uns, e estímulo de outros.

Publicou o Sr. Doutor Bernardino Joaquim da Silva Carneiro um compendio que = intitulou = Elementos de Geographia e Chronologia, para uso das escholas. = Não é este opusculo, como de seu proprio titulo se deprehende, uma obra acabada; porém reune em si os meritos da boa divisão das materias, de ser accommodado á intelligencia dos mancebos que frequentam as aulas, e de conter noções muito exactas e proveitosas, bebidas nas melhores fontes da sciencia.

Era este um livro de que muito se carecia nas aulas. As *lições elementares de geographia e chronologia*, de Sacra Familia — obra por certo de bastante merecimento — são demasiadamente extensas, e talvez nimiamente scientificas para a intelligencia dos que começam nas aulas os estudos geographicos, aos quaes só convém ensinar noções mui simples e claras, que facilmente a memoria possa conservar. — O *tractado elementar de geographia, astronomia physica, historica, politica, antiga e moderna*, de Urcullú, consta de trez grossos volumes, além dos inconvenientes no methodo.

Do que levâmos dito naturalmente se conclue que o opusculo do Sr. Doutor Silva Carneiro veio encher o vacuo que se sentia nas aulas, na parte relativa ao ensino de geographia e chronologia: — vacuo que não podia ser preenchido por as duas obras, que citámos; e muito menos por diversos tractadinhos de authores incognitos, que por ahi se encontram recheados de erros e inexactidões, summamente damnosas aos estudos geographicos.

Só desejaramos que o author podesse ter seguido mais á risca a opinião de Sacra Familia de que — «convém insistir principalmente em fazer conhecer aquelles tractos ou regiões, que teem sido theatro dos acontecimentos mais memoraveis da historia assim antiga como moderna. E que entre estes, justo é que sobresaiam aquelles, que teem sido o theatro de actos heroicos de religião, valor, e fidelidade dos portuguezes; devendo d'elles dar o professor de tal modo noticia que dos mancebos se façam apetecidas as leituras de Barros, Couto, Freire, Lucena, Camões, e de outros similhantemente idoneos para formarem os portuguezes genuinos na linguagem, e no caracter [1].» — Todavia, neste mesmo ponto não deve o Sr. Doutor Silva Carneiro ser censurado, por isso que estabeleceu, como base do seu systema, a brevidade e concisão, proprias de um compendio.

O author satisfez, portanto, ao que prometteu no seu opusculo. — Compoz uma obra — «com a fórma e extensão de compendio, accommodada assim aos conhecimentos e capacidade de todos os que são obrigados a estudar geographia e chronologia para cursarem outras aulas, como ao pouco tempo deputado para o ensino d'aquellas materias. — »

Nós por isso o louvâmos, e muito recommendâmos o seu livro. M. J. M. TORRES.

[1] Lições elementares de Geographia e Chronologia, pag. 65 — Coimbra, 1830.

THEATRO DA RUA-DOS-CONDES.

A Dama de Saint-Tropez — *Drama em 5 actos traduzido do francez pelo Sr. J. B. Ferreira.*

Este drama é visivelmente inspirado pelas memorias de Mme. Laffarge. O primeiro acto tem bastante naturalidade, é simples e espirituoso, e acaba optimamente com mui dramatica peripecia. O 2.º não cede ao primeiro em nenhuma d'estas bellas qualidades. No 3.º temos a introducção d'um novo personagem (Antonio) character desenhado com toda a energia d'uma figura de Poussin, mas nem por isso menos verdadeiro. O quadro domestico da casa de Jorge é uma perfeita cópia do natural, sem, que por muito commum no fundo, deixe de produzir o melhor effeito. O 4.º acto segue mui naturalmente: não ha um so tour-de-force para tornar verosimeis acontecimentos que todavia são extraordinarios; e o final d'este acto é sobremodo interessante e dramatico. No 5.º acto o interesse do espectador sobe de ponto; e a impressão produzida pelas suas últimas scenas é forte e profunda. O desfecho é rapido, bem pensado e satisfactorio; mas a peça terminaria melhor logo que entra gente no quarto em soccorro de Jorge, sem mais explicações, que fazem talvez esfriar uma parte do bello effeito da scena que se acaba de ver entre o mesmo Jorge e Antonio.

Considerámos o drama pelo lado do effeito; se o considerassemos tambem pelo lado artistico, a critica não ficaria ociosa. Mas digno d'elogios ninguem negará que elle seja por ambos esses lados.

Em quanto á execução na scena é ésta uma das peças que melhor se teem desempenhado no theatro da rua-dos-Condes. Não só está muito bem posta, mas todos os actores se esmeraram na boa execução dos seus papeis, e quasi sempre o conseguiem de maneira digna de louvor.

A peça tem agradado muito e hade ficar no repertorio. S. L.

NOTICIAS.

— Em um dos theatros de Paris representou-se um novo drama de Frederico Soulié, intitulado — Os Estudantes. — Julio Janin, um dos mais acreditados criticos francezes, faz-lhe grandes elogios. — E sendo verdade tudo quanto lêmos a seu respeito, a empreza do theatro da rua dos condes não perderia se o pozesse em scena.

— M. de Lamartine, de quem ha pouco se fallou n'este Jornal, proferiu um dos seus mais eloquentes discursos em uma reunião de amigos do illustre poeta, a qual teve logar no seu palacio de Montérau. — Um dos presentes era o grande pianista Liszt, que bem conhecido ficou do nosso publico.

— Tudo parece concorrer para que a Irlanda deixe de ser aquella triste e pobre escrava, que pelos seus soffrimentos inspirou a patriotica e suave lyra de Thomaz Moore. — A Inglaterra começa a consideral-a como irmã e não como serva. — Ainda ha pouco uma deputação da municipalidade de Dublin foi recebida com a maior benevolencia pela Rainha Victoria. — A deputação tinha por fim pedir á Rainha que se dignasse visitar a Irlanda. — *O Lord-Maire* levava o grande cordão e a medalha que o rei Guilherme 3.º havia dado á corporação de Dublin.

— Estamos perto da Hispanha e mal lhe conhecemos a historia: para nós essa nação é como se estivera situada nas mais remotas solidões da America. Ésta separação prejudica ambas as nações, por isso que muito poderiam aprender uma da outra — oxalá que n'este ponto imitassemos os estranhos que tanto estudam tudo quanto diz respeito aos seus visinhos, e d'isto é uma prova a Historia constitucional da monarchia hispanhola, que se acaba de publicar em Paris, escripta pelo Conde de Hamel — a qual é dividida em quatro partes; contendo na primeira um resumo historico dos fastos constitucionaes, relativos ás corôas de Castella, e de Aragão, desde a invasão dos barbaros até ao reinado de Carlos v. — Na segunda — resumo historico das instituições nacionaes de Castella e Aragão, desde essa mesma invasão até ao reinado d'esse monarcha. — Na terceira — historia da dynastia da casa d'Austria. — E na quarta e última parte a historia da dynastia dos Bourbons até Fernando VII.

ENIGMAS PITTORESCOS.

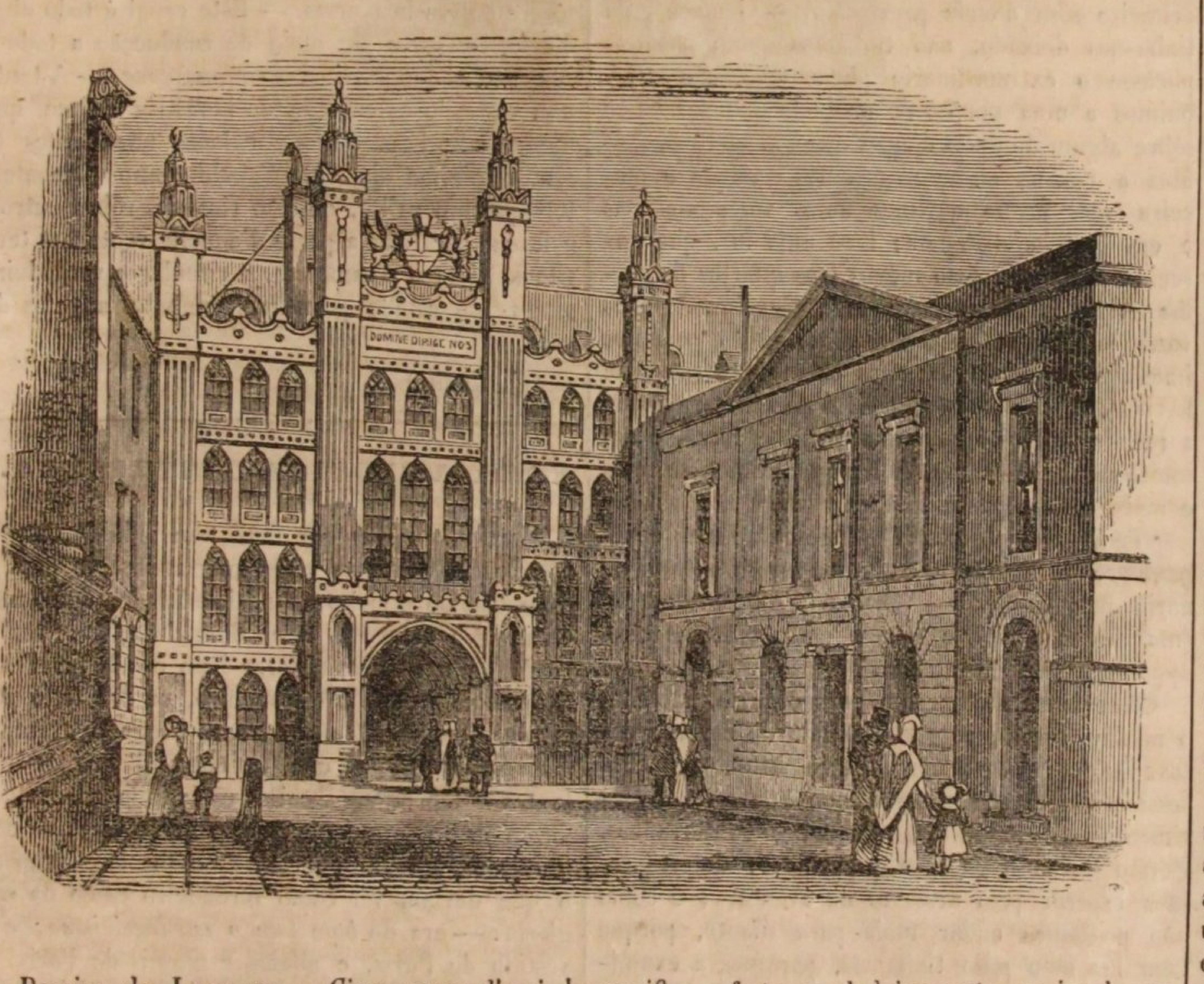
EXPLICAÇÃO DO ENIGMA DA FOLHA ANTECEDENTE.

O tempo caminha com a velocidade do raio.



GUILDHALL.

Guildhall é um grande edificio de Londres, uma especie de paço municipal, onde funccionam as principaes auctoridades civis da cidade, que são electivas; a saber o *Lord Mayor*, supremo magistrado civil, e o conselho das corporações. Éstas corporações ou companhias tem por fim dar impulso e protecção aos differentes ramos industriaes; e a cada uma d'ellas so pertencem respectivamente aquelles que possuem ou ja tiveram loja ou fábrica de algum genero de commercio ou manufactura, gozando por isso do direito que chamam de cidadão; e tão somente os que d'elle são investidos podem ser votantes e elegiveis para os cargos da sobredita administração civil da cidade. É este direito tão apreciavel que as pessoas da maior representação se tem por muito honradas quando lhes é concedido pelo conselho das corporações, que é so quem o faculta. Em 1833 foram admittidos os dois nomeados estadistas, Grey e Palmerston. Algumas d'aquellas corporações tem magnificos *clubs* e dão sumptuosos jantares, por cuja occasião se admittem algumas vezes membros honorarios, contando-se nesse número principes e monarchas: o imperador da Russia e o rei da Prussia tiveram seus nomes inscriptos na lista da corporação dos alfaiates. Antigamente o rei de Inglaterra não podia entrar no Guildhall sem pedir prévia licença; ao presente esse acto é de pura formalidade. Affirmam os politicos que ésta instituição fôra um dos poderosos elementos da liberdade civil da Inglaterra, assim como é principio conservador da sua prosperidade industrial e mercantil. Os fundos d'estas corporações formaram-se de subscripções e donativos, e algumas tem subido a tal auge que estão de posse de grossos rendimentos e de magnificos palacios, soberbamente adereçados, onde fazem suas sessões, e dão seus jantares. O



Sr. Pereira do Lago nos — *Cinco annos d'emigração*, carta 42.ª, escreve assim: — «Eu fui introduzido á companhia dos mercadores de pannos, e admirei o seu palacio, guarnecido dos mais ricos móveis e com um serviço de mesa, todo de prata, para tresentas pessoas. Alli fui ver pela primeira vez um calice de oiro de grandes lavores, de dois palmos de altura, que servia antigamente nas mesas inglezas ao desér, para todos por elle, bebendo uma vez seguidamente, fazerem a principal saude..... As salas estão ornadas com ricos quadros; e na mesma em que se admira o da infeliz rainha de Escocia e o do bravo Nelson, ve-se egualmente o de um antigo criado, porque com honra e fidelidade servíra por longos annos aquella casa: admiravel tributo, pago so ao merecimento, e que so entre um povo livre não é raridade.»

As auctoridades civis, a que alludimos, são eleitas pelos cidadãos, por uma posse de mais de seis seculos: o primeiro magistrado, Lord Mayor, tem uma jurisdicção a que não duvidaremos chamar real; é eleito sempre a 29 de Setembro e toma posse a 9 de Novembro, acto apparatoso e magnifico, festa verdadeiramente nacional que em pompa e espirito de liberdade não tem similhante. O cortejo sahe de Guildhall; póde ler-se a descripção na supracitada obra. Repete-se a ceremonia annualmente por tambem o ser a eleição; nas doze corporações commerciaes da cidade ha jantares sumptuosos, computando-se em mais de seis mil os convidados nesse dia.

Além do Lord Mayor ha dois *sheriffs*, especie de juizes municipaes, vinte e seis *aldermen*, que para darmos alguma razão comparativa poderemos considerar como vereadores dos nossos antigos concelhos, um *recorder*, que é um legista, um substituto a este, e o conselho que chamam da cidade, constituido de duzentos e trinta e seis membros, os quaes com os *aldermen* são os que teem direito e posse de eleger o Lord Mayor, sendo estes eleitores escolhidos, por votação fixada em lei, por aquelles que gozam do direito de cidadão na City, ao qual ja nos referimos. Os interesses das corporações, e do público em geral, colligados com a prosperidade d'aquellas são bem representados pelos nomeados, do que fazem os factos superabundante prova.

O INGLEZ.

III.

Nós vamos devagar, caro leitor; vamos muito devagar, amavel leitora; muito demais, hãode achar. Mas paciencia! caminhâmos seguros e certos, pela vareda da analyse, que é o unico modo de achar a verdade, especialmente em materias tam difficeis e importantes.

Tracta-se de conhecer ésta existencia unica, este ente tam singular, o Inglez; não se póde ir depressa, que o estudo é longo e precisa de ser profundo.

Parámos no drawing-room; e porquê? Porque antes de dizer, porque para podêr dizer, o que é um drawing-room, era preciso dizer o que elle não é.

Não pensem que me espalho e esqueço por inuteis digressões; não senhor: tendo constante ao meu fim, não perco de vista o meu assumpto. Éstas que ao observador vulgar parecerão divagações desultorias, são na realidade observações transcendentes, que travam e ligam magistralmente com a materia.

Continuemos portanto.

O salão francez puro, como o reconstruiu o imperio sôbre as ruinas e com as reliquias do 'antigo-regime', tem pois, segundo eu dizia [1], a pendula de rigor e os dous vasos de flores contrafeitas sôbre a chaminé.

No lar do fogão, e arstisticamente collocados em cima das 'genetas' de ferro fundido, ardem na branca cinza graciosamente impilhados os tissões graduados e medidos. O espelho alto e largo, tambem assente sôbre a chaminé, refflete tibiamente a luz do carcel vendado com seu *abatjour* de *phantasia*...

Abatjour como se hade traduzir em Portuguez? Bandeira não parece proprio senão do antidiluviano utensilio de latão com tres bicos, de que apenas se ve ja hoje raro exemplar na logea de algum caldeireiro antipogressista, pendendo tristemente do inferujado prego, como quem deplora, no eloquente silencio da immobilidade, os perdidos costumes de nossos bons maiores e as extranhas innovações de seus degenerados netos.

'Tapaluz' talvez não fosse má palavra... Ora vejamos como fica.

É noite, antes do cha: começou o wist n'aquella mesa, faz-se politica n'essoutro canto, musica além; aqui aopé do sopha está o candieiro sôbre a banca redonda. — Julia copía para a talagassa um elegante desenho de Berlin. O cabaz das lans está aopé; e Eduardo *faz espirito*... faz?.. não sei, mas é como se fizesse — faz, sim senhor, dêmos que faz espirito sôbre aquelle ramo que pende, sôbre aquella camelia que está aopé do forget-me-not.

A camelia é branca, o forget-me-not é azul... que lindas coisas se não dizem sôbre isto — com a graça com o talento que teem os nossos rapazes! Pois Eduardo diz coisas lindas; e Julia, que *intende* as coisas lindas (não ha nada que anime e dê espirito como é ver a gente que o intendem!) — Julia distrai-se do bordado, troca as lans,... vejam!.. lá fez um cravo azul-claro, e uma rosa verde-mar.

Peço perdão da velhice! Como se uma elegante da epocha derrogasse a ponto de bordar d'essas flores rançosas. Era uma boujainvillea, um hybiscus, uma calceolaria, um cacto mesmo, se quizerem... Mas flores do canteiro de minha avó! Que pequice!

Pois foi uma gardenia — vulgo jasmim do cabo — o que se trocou de branco para azul ou roxo, ou furtacores talvez...

[1] Pag. 16, fol. 4,ª do 1.º n.º

— Faz favor de se callar e tirar esse *tapaluz* do candieiro, Sr. Eduardo, que não sei o que faço... troquei as lans. — O tapaluz!.. Sería do tapaluz?.. ou distracção por estar a pensar no que hontem lhe disse aquella pessoa?

— Pessoa!.. Que pessoa? Não diga semsaborias e tire o tapaluz.

— Tapaluz é palavra que... (tirando o tapaluz)...

— Diga, diga alguma coisa bonita do tapaluz... das que tem sempre para dizer...

— Tapaluz... tapaluz... é como quem diz...

E não disse nada.

Então tapaluz não presta talvez.

Pois busquem outra coisa para *abatjour*... que eu não sei.

Aqui está como se experimenta uma palavra; se as sujeitassem sempre a este processo, talvez não tivessemos algumas tam chochas e tam deslavadas na nossa lingua.

Voltemos ao salão francez.

O tapaluz ou abatjour representa uma scena do Judeu errante... talvez a panthera devorando Jovial, ou Mr. Rodim espreitando pelo buraco na casa dos doidos, ou os cabellos ruivos de Mlle de Cardoville, ou os sapatos ferrados em cruz do proprio mysterioso protogonista que vai ao pollo todos os annos, e é a cholera-morbus, e faz bem a toda a gente, menos aos Jesuitas, que hade dar cabo d'elles... ainda bem!

O carcel está sôbre uma banca redonda — *gueridon* — com pedra em cima.

Aos dois lados da chaminé, os divans — nas paredes, aguarellas ou gravuras; nas janellas cortinas ligeiras caprichosamente apanhadas; aopé do fogo umas cadeiras baixas estofadas, sem braços — *chaufeuses* — calculadas para a enorme roda dos vestidos actuaes. (Propõe-se outra vez as saias esguias, mas eu não creio n'ellas por ora.) Um forte pianno rococó, algum movel inutil do seculo 16 a 18. Emfim alguns jornaes da moda, alguns tomos do romance do dia completam a mobilia do quarto.

É elegante, é bonito; *está-se* alli, póde-se alli estar; mas é possivel estar melhor n'outra parte.

No drawing-room inglez não senhor: ve-se, sente-se que é impossivel *estar* senão alli, que alli está o coração, a vida, a existencia toda da mulher bella ou interessante que é a alma da casa. — Ausente ou presente, ve-se toda uma mulher ingleza na sua salla. A franceza vive no theatro, no boudoir, no quarto da cama, no toucador, nas Tuillerias, em Tortoni, na Bourse mesmo, em Santo Thomaz de Aquino, nos arlechins, em Versalles, na exposição, no Instituto, na logea de modas, no observatorio, nos sermões do P.^e Lacordaire e nas leituras de Edgar Quinet... A ingleza *vai* a tudo isso, ou a coisas que se parecem com tudo isso, mas *vai*, não *vive* — viver é so no seu drawing-room.

Ora nós estamos em casa de Sir Ralph: lembrem-se. Ja sabemos que ha duas senhoras n'esta casa: vamos a vê-las no seu drawing-room.

A. G.

O CASTELLO DE DUDLEY.*

Altos e corpulentos alamos assombram a entrada da caverna; sem folha agora, e sem o minimo signal de vegetação, parecem dar-lhe ainda um ar mais romanesco do que porventura quando vegetarem com o verdor da primavera. O boqueirão está exactamente aberto n'um dos lados do monte que naturalmente é quasi talhado a pique. Entra-lhe sufficiente luz para se ver o interior da caverna em oito ou dez passos de internação; mais para dentro a obscuridade é impenetravel. Descêmos por um despenhadeiro ingreme e escorregadio, e parámos a observar o extraordinario aspecto d'esta vista subterranea.

Uma abobeda immensa e rude, suspensa sôbre naturaes pilares, ou porções de pedra que os mineiros foram deixando para sustentar o tecto de subterraneo, a luz do dia que entrava pela fenda da abertura, a immensidão da caverna, o som quebrado dos nossos passos que retiniam lugubremente pela vastidão d'aquellas concavidades, formava tudo uma sensação tam extraordinaria, tam nova e tam fóra da natureza, que me parecia transportado a uma scena de romance, atravessando as intranhas da terra para ir quebrar o incanto d'alguma princeza que maus feiticeiros tivessem incarcerado debaixo da guarda de terriveis dragões e magicas serpentes. — Sentimos um som confuso, mas tremendo como de quêda de grandes massas na profundidade de um poço. — Todas as abobedas repetiram aquelles sons, e os multiplicaram em echos reflectidos, que, decrescendo pouco a pouco, findaram em um murmurio lamentoso, e não menos atterrador que o primeiro som d'onde provieram. — O nosso guia tinha-nos deixado, não tinhamos quem nos explicasse o extraordinario phenomeno, e o attribuimos a uma porção de abobeda que desabasse sôbre algum depósito d'agua que ahi houvesse. — Mas a mesma bulha se repettiu segunda e terceira vez. Então ouvimos umas vozes confusas e em grande distancia; logo uma luz, que parecia estar longe pelo menos tres quartos de milha. A luz foi-se approximando visivelmente e as vozes ouvindo-se mais distinctas. Não pudemos imaginar o que sería; mas os mesmos sons que haviamos escutado continuavam de vez em quando a retinir, supposto com muito menos fôrça, e em muito menor distancia. A luz approximou-se mais e mais, e de repente desappareceu.

'Temos aqui bruxaria' (disse eu ao meu companheiro de aventura) 'alguma cousa extraordinaria pelo menos' — 'O que é extraordinario' (me tornou elle) 'é que o nosso *cicerone* desappareceu sem dizer nada.'

Começámos a olhar um para o outro, não com o minimo receio, porque a sahida da caverna estava perto, mas na desconfiança de que nos quizessem pregar algum susto, que é favorito divertimento dos habitantes d'aquelles subterraneos. Porém como estavamos prevenidos, determinamos esperar pelo desfeixo da aventura; e como não podiamos andar mais para diante, porque nem luz nem guia tinhamos, parámos a examinar o que era visivel na caverna. — Subito ouvimos uma rustica e simples toada de cousa como de cantiga popular, cantada por diversas vozes que soffrivelmente se harmonizavam. Olhâmos admirados um para o outro. As vozes pareciam vir debaixo da terra e de mais profundo ainda que o pavimento onde estavamos.

'É ou não é feitiçaria?' disse eu rindo contrafeito, porque todavia tam extraordinarios phenomenos me tinham exaltado um tanto a imaginação, e não estava com grande vontade de rir.

Diversas e multiplicadas conjecturas começavamos a fazer, quando repentinamente ouvimos á esquerda a voz do nosso guia que surdiu aopé de nós como sombra de theatro por alçapão. — 'Vamos que aqui estão luzes.' — Voltamo-nos immediatamente e então vimos um braço de agua que não tinhamos descuberto, e que entrava mais pelo interior da caverna, correndo por debaixo de uma abobeda menos elevada. O *cicerone* estava dentro de uma barca que nadava na ditta agua, e com mais tres homens, armados de candeias e archotes. — Então conhecemos as razões de todas as extraordinarias cousas que tinhamos visto, e ouvido. Este canal passa por debaixo do monte, e por um leito ainda mais baixo que o pavimento da caverna onde estavamos. Parte do caminho por onde corre é cuberto com uma abobeda artificial, mas em diversos intervallos é aberto; e n'um d'esses intervallos mais remotos vimos a luz do bote que se vinha approximando, e que derepente desappareceu quando entrou outra vez debaixo da abobeda. Navegou até junto de nós, sem o vermos porque vinha debaixo de nossos pés, e quando aquelles subterraneos navegantes lhes deu na vontade intoar a sua rude canção, estavam quasi debaixo de nossos pés. Como o canal é estreito, a barca, que é toda forrada de ferro para resistir aos continuos embates que leva, tocava de vez em quando nos lados do canal, e produzia os sons que ouvimos, e que o echo das abobedas augmentava, e fazia tam temerosos.

O nosso guia, que agora nos explicou tudo isto, no'-lo tinha previamente occultado, e se escapára sem dizer nada por um trilho occulto, na tenção de nos causar uma *agradavel surpresa*. O que sufficientemente conseguiu, quanto podia esperar-se de dous incredulos como nós eramos em visões e outras bruxarias. — Este canal é todo obra d'arte, e serve de meio de conducção a todo o commercio das provincias commarcans. — A tanto tem chegado os esforços da indústria ingleza, que meras emprezas de particulares negociantes (e sem a minima ajuda do Estado) rompem montes, terraplenam valles, crusam rios uns sôbre outros, e fazem por toda a parte d'aquelle venturoso territorio girar o commercio, e circular o verdadeiro sangue do estado pelos mais remotos angulos do paiz.

A. G.

(*Continúa.*)

* Continuado de pag. 47.

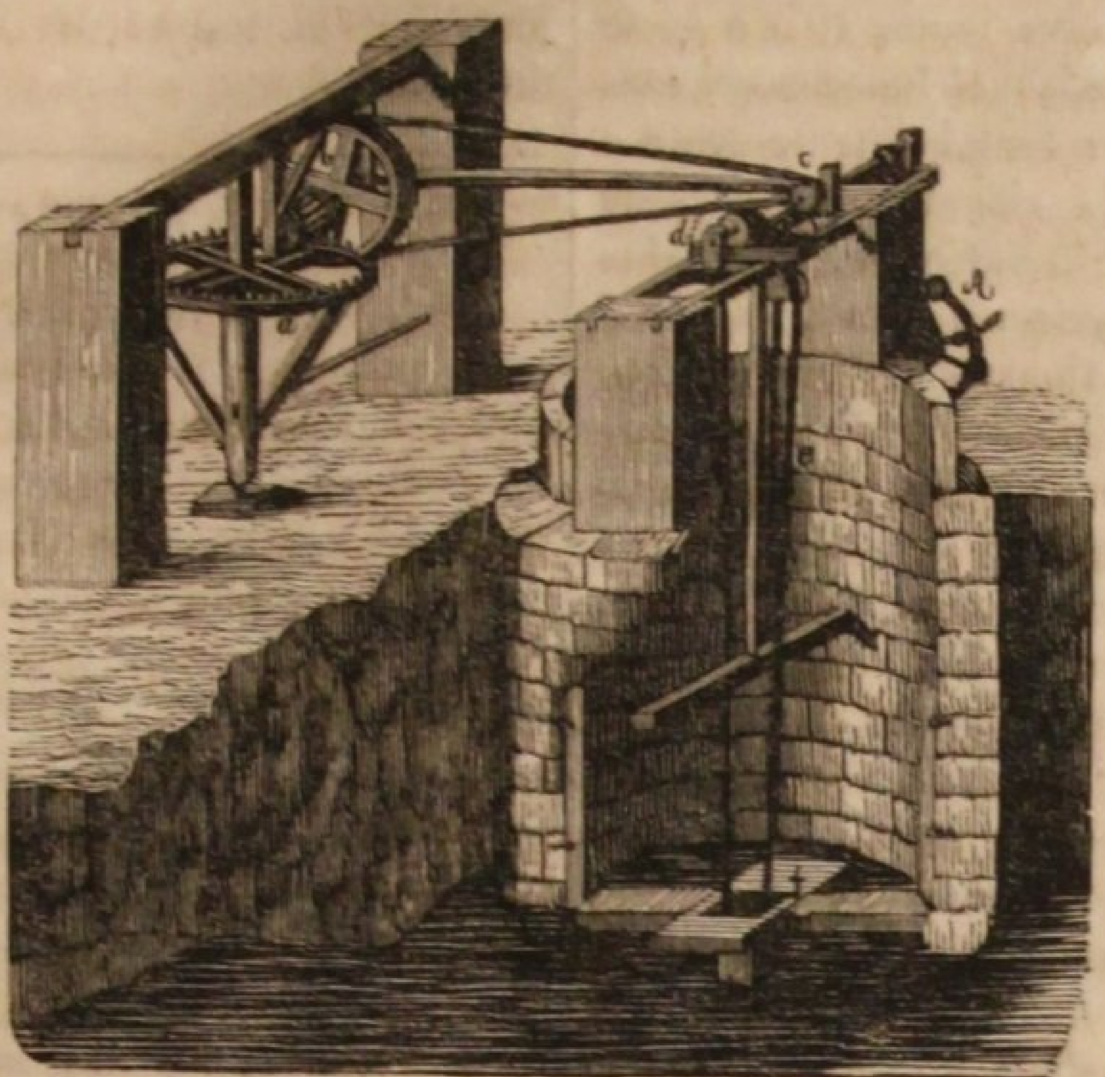
NORA VELOCIDA-CENTRIFUGA.*

Uma das causas que mais tem influido para a decadencia da nossa passada grandeza, e para a frouxidão no espirito de nacionalidade, que tanto distinguíra os portuguezes d'outr'ora, é talvez a *moda* de não se considerar bom e adoptavel senão o que vinha do estrangeiro, ou era feito por estrangeiros. — E a desgraça é que o exemplo derivou d'alto; e que os netos d'aquelles que tantas e tão famosas coisas ensinaram ao mundo, foram os mesmos que não so raras vezes os não imitaram, mas fizeram gala de esquecer ou ignorar o que deviam ter como verdadeiro titulo da sua gloria: — era do *bom tom o estrangeirismo*; e o vestido de Pariz, e alfaias e moveis de Pariz, e as momices e affectações de Pariz, e *gallici-parla*, e a opera italiana, fizeram dos descendentes dos architectos da Batalha, e pintores de Belem, dos mathematicos de Sagres, dos descobridores de meio mundo, dos grandes poetas da epopêa, da lyrica, e do theatro, uma raça a que não faltava senão a ironia, e scepticismo da philosophia franceza do seculo 18 para a tornar tão visivelmente monstruosa, que sería grande embaraço para o naturalista o classifical-a. A ordem, sei eu, que poderia chamar-se a do *bom tom*, ou dos acephalos.

Relevem-se-nos éstas verdades, que de passagem nos escaparam; ingratas e duras que ellas pareçam, são verdades: e demais, com quanto ainda reste uma parte do mal, o doente tem obtido bastantes melhoras, e temos fé que as hade alcançar consideraveis. — Sômos nós dos que *temos fé* no porvir; e a julgar pelo que se tem passado nestes últimos dez annos, não deve ser taxada de insensata a nossa esperança.

* Vende-se ésta machina na fábrica dos Srs. Verde & C.^a, travessa de S. José n.° 29 á praça das Flores.

Hãode-nos dispensar, e nem póde deixar de ser assim, a demonstração do que se acaba de expender; até mesmo porque sería algum tanto deslocada, quando tinhamos unicamente de tractar d'uma machina. O certo é que nos cabe hoje dar conta de um bello e utilissimo invento portuguez; e reservando para um artigo especial a analyse dos melhoramentos que se teem operado, especialmente em a nossa industria, não nos demorarêmos em descrever a Nora Velocida-Centrifuga, cuja estampa incluimos, e cujas utilidades tão relevantes se appresentam, e tão obvias, quanto é grande, e deve ser geralmente reconhecida a honra e gloria que resulta ao seu inventor o Sr. Antonio José Gonçalves da Cunha, que mais uma vez quiz mostrar que os portuguezes eram os mesmos, e para tudo; quando lhes assista uma vontade forte e energica, ainda mesmo não os anunciando todo o merecido acolhimento, e devido galardão.



A machina que passâmos a descrever é uma faxa hydraulica muito mais simples e aperfeiçoada; é uma nora muito mais economica e proveitosa. — Uma roda motriz *a*, que recebe o movimento, communicado por um animal preso a uma *almanjarra*, faz girar uma peça, chamada *Lanterna*, que egualmente imprime movimento a outra roda *b*, chamada correia, de menores dimensões que a primeira, a qual o transmitte a outra peça *c*, que é a *Durandine*, composta de dois carretes e um viso de ferro que passa por uma caixa, a — *Junta d'Agua*, e pelo meio d'um outro carrete, onde na parte superior está a cinta ou faxa hydraulica: — desce ésta por toda a altura do pôço, vae passar pela *Jangada*, que se acha á superficie da agua, e volta por um carrete mergulhado no liquido que pertence á mesma *Jangada*. Por meio d'esta e de duas outras peças a faxa augmenta, ou diminue, segundo a profundidade da agua.

O impulso dado á *Durandine* por meio das duas rodas de que fallámos faz girar a faxa, que ao subir traz adherente uma camada d'agua, a qual por effeito da força centrifuga cahe na *Junta d'Agua*, e d'alli corre por uma calha para o tanque. — O maximo do tempo empregado em toda esta operação é de seis segundos.

Eis-aqui uma descripção muito succinta da Nora Velocida-Centrifuga; as suas vantagens são evidentes e consideraveis, e a sua superioridade sobre a faxa hydraulica é incontestavel. — Em vez das rodas dentadas, cuja construcção é sempre difficil e mais dispendiosa, a Nora Velocida so tem algumas rodas e carretes, cuja factura póde ser incumbida a qualquer carpinteiro. Na faxa hydraulica havia mergulhado no liquido um cylindro fixo; o que tornava indispensavel que se descesse ao fundo do pôço todas as vezes, que variasse a altura da agua, para o elevar ou descer. A Jangada inventada pelo Sr. Cunha evita todos esses inconvenientes. — Ainda mais, a faxa era de lan, tinha uma preparação particular, e so vinda d'Inglaterra a poderiamos obter: — o Sr. Cunha imaginou uma de feveras de côco, ou cairo, muito mais barata, duradoira, e sustentando ainda muito melhor a camada aquosa. Com a primeira a agua precipita-se; com a segunda a agua cahe, figurando uma fita. — O Sr. Cunha não se contentou com imaginar ésta ultima innovação; mas repulsada, como impossivel, por aquelles a quem cumpria effectual-a, elle proprio teceu a faxa; apparelhando tambem, e assentando as differentes peças de ferro e madeira. — Finalmente o nosso benemerito artifice chegou a descubrir a melhor proporção, para uma dada altura, entre a força e a largura da faxa.

Do que muito de passagem temos observado se poderá com muita segurança concluir, que a machina do Sr. Cunha é de uma utilidade relevantissima, e de uma applicação facillima. Por meio da Nora Velocida, a agua, qualquer que seja a sua profundidade, póde subir á altura que se quizer; ficando ésta condição unicamente dependente da posição do carrete superior. Além d'isto, a materia prima foi tida em muita attenção, e em todas as partes da machina consultada a economia: — com uma Nora Velocida, custando o mesmo ou talvez menos 100$000 réis, que nossas Noras ordinarias, obtem-se n'uma hora seis a sette pipas de agua; não tendo a faxa mais que pollegada e meia de largura. Em summa a Nora Velocida parece-nos superior a todas as outras machinas d'este genero, baseadas na attracção e velocidade.

Damos pois sinceros parabens ao Sr. A. J. G. da Cunha por um invento que tanta honra lhe faz, e á nação portugueza: oxalá que ésta apprecie devidamente uma obra toda nacional, e que offerece pelo lado da applicação e da economia vantagens tão singulares, e tão evidentes. — Nós mesmo tivemos o prazer de ver trabalhar a Nora Velocida, que o Sr. Cunha tem na sua fábrica da Travessa de S. José á Praça das Flores; e tornâmos a affiançar o que ácêrca d'ella fica ponderado. — Trabalhámos com uma roda de mão *A*, que fica do lado opposto á roda motriz, e vimos que ainda por esse modo a machina era excellente: tanto era facil e pouco trabalhoso o impulso.

Erguemos pois o nosso pequeno, mas sincero, brado, a favor do invento portuguez; e faremos votos, porque os lavradores e proprietarios adoptem a Nora Velocida, protejam *com obras* a industria nacional, e deixem os *estrangeirismos* para a gente do *bom tom*. Dest'arte combinarão o seu proveito e utilidade com a honra sua e do paiz em que nasceram.

A. A. DE LACERDA.

CARTA.

Sr. Redactor da Illustração. — Não leio jornaes politicos por duas rasões; primeira por falta de tempo, segunda porque não me importa o que vae pelo mundo social. Cheguei a obter a triste tranquillidade do incrédulo politico. Apesar porém disso sei, porque mo affirmam varias pessoas, que não tem faltado injurias á Illustração, e creio que até ameaças a alguns dos sujeitos que ahi escrevem, em cujo numero tenho a honra de me contar. Ha coisas d'estas que não incommodam ninguem que tenha o sentimento da propria dignidade. Não fallemos nisso. Consta-me, todavia, que se diz ter eu abandonado o seu jornal, aproveitando-se a circumstancia de haver suspendido a continuação de umas bagatellas que ahi começára a publicar. A perda não fôra grande: coisas e nomes apparecem na Illustração, que tornam sobradamente escusado o meu nome e as minhas rabiscas. Assim, desmentindo esse boato, nada mais faço que dar rasão de mim, para que ninguem se persuada de que sou capaz de recuar diante de meneios subterraneos, ou de commettimentos descubertos. Tenho uso da imprensa ha muitos annos para fazer caso de tiros de polvora sêcca disparados com espingardas de cana. Fiz a V. uma declaração leal quando me pediu désse alguns artigos para a Illustração. Foi ella que so escreveria nas occasiões em que m'o permittissem trabalhos litterarios de maior importancia, se é que a podem ter trabalhos meus. Occorreu o embaraço que previra: deixei de escrever. Eis com a maior singeleza o unico motivo de um silencio, que espero poder quebrar em breve. Entretanto remetto a V. essa ninharia poetica escripta ha annos. Publique-a, se lhe parecer, com esta carta la n'um canto da Illustração, onde não faça pejamento a materias de mais vulto. Uma e outra coisa servirão de protésto de que continúo e continuarei a collaborar sempre no seu jornal, salva a hypothese, que espero nunca se verifique, se elle se converter em folha politica, porque n'esse caso não poderia fazel-o sem quebrar certo juramento que fiz a Deus e a mim mesmo. Sou etc.

A. HERCULANO.

A FELICIDADE.

Maio de 1837.

Era bello esse tempo da vida,
Em que esta harpa fallava de amores:
Era bello quando o estro accendiam
Em minh'alma da guerra os horrores.

N'esse tempo o balouço das vagas
Me era grato, qual berço da infancia;
E o sibilo da balla harmonia,
Similhante á de flauta em distancia.

Eu corri pelos campos da gloria,
D'entre o sangue colhendo uma palma,
Para um dia a depor aos pés d'essa
Que reinou largo tempo n'esta alma.

Mas qual ha coração de donzella,
Que responda a um suspiro de amor,
Quando vibra nas cordas sonoras
Do alaúde de pobre cantor?

Triste o dom do poeta! — no seio
Tem volcão que as entranhas lhe accende;
E a mulher que vestiu de seus sonhos
Nem sequer um olhar lhe compr'hende!

E trahido — e passado de angustias —
Ao amor este peito cerrára;
E quebrada, no tronco do cedro,
A minha harpa infeliz pendurara

Um véu negro cubriu-me a existencia
Que gelada, que inutil corria:
Meu engenho tornou-se um mysterio
Que ninguem n'este mundo entendia:

E embrenhei-me por entre os deleites:
Mas, tocando-o, fugia-me o goso:
Se o colhia, durava um momento:
Apoz vinha o remorso amargoso.

Esqueci-me do Deus que adorára:
O prestigio da gloria passou;
E a minh'alma, vazia de esp'rança,
No limiar do porvir se assentou:

Meus pulmões arquejaram com ancia,
Buscando ar na amplidão do futuro,
E somente incontraram, por trevas,
De sepulchros um halito impuro.

Mas, emfim, eu te achei, meu consolo,
Eu te achei, oh milagre de amor!
Outra vez vibrará um suspiro
No alaúde do pobre cantor.

Eras tu, eras tu que eu sonhava;
Eras tu quem eu ja adorei,
Quando aos pés de mulher enganosa
Meu alento em canções derramei.

Se na terra este amor de poeta
Coração ha que o possa pagar,
Serás tu, virgem pura dos campos,
Quem virá a minh'harpa acordar.

Como a luz duvidosa da tarde,
Quando o sol leva ao mar mais um dia,
Reverbera poesia e saudade
Na alma immensa de um rei da harmonia.

Tal poesia e saudade em torrentes
No teu meigo sorrir eu aspiro,
E no olhar que me lanças a furto,
E no encanto de um mudo suspiro.

Para mim és tu hoje o universo;
Soa em vão o bulicio do mundo;
Que este existe somente onde existes —
Tudo o mais é um ermo profundo.

No silencio do amor e ventura,
Adorando-te, oh filha dos ceus,
Eu direi ao Senhor: — tu m'a déste:
Em ti creio por ella, oh meu Deus!

THEATRO DE S. CARLOS.

Grande concerto vocal e instrumental dado pelo Sr. Manuel Innocencio dos Santos.

SEXTA-FEIRA 20 do corrente teve logar este concerto, o qual era por assim dizer uma festa nacional. Desgraçadamente sômos a nação em que menos domina o amor da patria, e pouco simpathisâmos com o que é nosso, ainda quando sejam coisas que admiram os proprios estrangeiros. Em a noite do dia 20 fômos ao theatro de S. Carlos, esperavamos não ver um camarote sem gente, e mesmo receavamos não achar logar na sala. Enganamo-nos, ou antes era isso mesmo que deviamos esperar, porque nos annuncios appareciam dois nomes muito portuguezes em logar do nome arrevesado de algum charlatão como tantos que se tem rido de nós depois de nos levarem o dinheiro. Ninguem mais do que nós é capaz de elogiar a hospitalidade com que se recebe um estrangeiro: mas tambem ninguem mais do que nós censura a indifferença e a falta de enthusiasmo com que em Portugal se consideram as coisas nacionaes, por maior que seja o seu mérito. Por differentes vezes temos tido o gôsto de ouvir e admirar o Sr. Manuel Innocencio, mas nunca o vimos desinvolver tam brilhantemente o seu talento, nem dar mais abundantes provas do seu apurado gôsto do que nessa noite. Suas Magestades honraram este concerto com a sua presença, e todos quantos tinham concorrido para admirar o grande artista lhe tributaram applausos espontaneos e como arrancados pelo genio do fundo da alma do expectador.

Depois de uma brilhante e bem desempenhada symphonia pela orchestra, o Sr. Manuel Innocencio executou no pianno que foi do Sr. Liszt uma fantazia escripta por este distincto piannista.

Ainda estão vivas na lembrança de todos essas torrentes de harmonia que de involta com o genio sublime de Liszt reboaram por sôbre a multidão silenciosa que por differentes vezes ouviu o grande piannista admirado por toda a Europa.

Não faremos comparações porque senão devem fazer entre dois talentos tam extraordinarios: mas não podemos deixar de notar, que todos quantos ficaram surprehendidos pelo talento de Liszt tambem ficaram admirados á vista dos prodigios com que o Sr. Manuel Innocencio incantou os seus muitos admiradores. Seguiu-se a ésta fantazia um duetto de rebeca e pianno executado pelo Sr. Masoni e Manuel Innocencio. — Estes dois nomes bastam para se imaginar a profunda sensação, que no espirito de todos causou a união maravilhosa dos sons arrebatadores, que os grandes mestres tiraram de instrumentos differentes, e que intimamente unidos pelo magico podêr da harmonia elevavam a alma até ás mais sublimes regiões da intelligencia. — Tanto este duetto como o da segunda parte do concerto, foram avaliados como primores da mais perfeita execução e do mais apurado gôsto.

A Sr.ª Clementina Cordeiro, alumna do Conservatorio, em obsequio ao Sr. Manuel Innocencio cantou a cavatina da opera Gemma de Vergy e a aria da opera Marino Faliero. — O apparecimento d'esta discipula do Conservatorio é um facto de grande importancia para a gloria das Bellas Artes em Portugal, porque essa instituição utilissima deu um grande passo para realisar o grande pensamento de fazer com que ainda possivel seja em Portugal opera nacional. — Sentimos que a falta de espaço nos obrigue a tocar tam levemente um assumpto que deveria ser mais amplamente avaliado. — Mas o que muito nos pêsa é que o público não aprecie devidamente as vantagens de animar e recompensar com magnanima generosidade todos os esforços e tentativas que entre nós se façam para propagar o gôsto e o amor pela musica.

Como os grandes talentos não conhecem rivalidades, so proprias de espiritos mesquinhos, o Sr. Manuel Innocencio que tam louvado foi por Liszt executou uma brilhante fantazia sôbre motivos da polka e gallope, composta expressamente para ser por elle offerecida a esse seu illustre collega e apreciador. Parece-nos que o Sr. Manuel Innocencio não podia dar mais delicada prova do quanto é digno da alta estima com que todos o tractam. Além d'esta executou o Sr. Manuel Innocencio mais duas peças de sua composição, uma fantazia sôbre motivos da Luzia, e um improviso — ambas são dignas de tam distincto artista e se as appresentasse em qualquer das mais opulentas e civilisadas cidades da Europa, seriam de certo os applausos e as corôas em muito maior abundancia de que o foram em S. Carlos na noite do dia 20.

Finalmente este concerto foi mais uma prova do extraordinario merito do Sr. Manuel Innocencio, e do muito para que póde ser a gente d'esta nossa terra se a indifferença e ingratidão não inutilisar as inspirações do genio e os prodigios do saber. *

NOTICIAS.

— A primavera acabou tam desagradavel como havia principiado Em França tem havido grandes tempestades, e em partes chuvas copiosas.

— O celebre naturalista o Dr. Lund, que ha mais de tres annos viaja no Brazil, e ao qual se devem importantes descobertas, segundo o que lemos em um accreditado jornal estrangeiro, achou na Provincia de Minas Geraes ossos humanos e até esqueletos completos no estado fossil. — Entre éstas petrificações abundam os craneos, e em quasi todas se observam os principaes characteres das tribus indigenas que actualmente povoam o Brazil: em alguns os dentes caninos são exactamente similhantes aos molares, e ésta circumstancia é a mesma que se tem notado em algumas das mumias egypcias. Antes d'estes factos ja Lund tinha feito outras investigações que tinham por fim provar com evidencia, que as colonias escandinavias existiram na costa do Brazil antes que Christovão Colombo chegasse pela primeira vez á America.

Como até hoje ainda não consta que nas outras partes do mundo se encontrassem ossos humanos no estado fossil, as descobertas d'este naturalista parecem indicar que a America, ou pelo menos a America do Sul, foi povoada antes de todas as outras partes do mundo, mesmo talvez sem exceptuar a Asia.

O Dr. Lund encontrou tambem na Provincia de Minas Geraes esquelétos fosseis de algumas especies de mamiferos inteiramente desconhecidas, e brevemente offerecêra ao Instituto historico e biografico do Rio de Janeiro uma memoria ácêrca da sua viagem scientifica ao Rio de Janeiro.

ENIGMAS PITTORESCOS.

EXPLICAÇÃO DO ENIGMA DA FOLHA ANTECEDENTE.

Esperar e aprender até morrer.



☞ *O Sr J. M. da Silva Leal, não obstante tomar o incargo da redacção da* Revista Universal Lisbonense, *continúa a fazer parte tambem da redacção d'este jornal.*

A ILLUSTRAÇÃO

JORNAL UNIVERSAL.



Cada anno da publicação d'este jornal será dividido em 12 n.os mensaes, distribuidos perem ás folhas semanalmente.
Assignatura: Um anno, 1$440 r.s — Semestre, 720 r.s — Trimestre, 360 r.s — Folha avulsa 30 r.s

N.º 4 — VOL. I — JULHO, 1845.
ESCRIPTORIO, RUA DA PRATA N.º 7 — 1.º ANDAR

As assignaturas só se recebem no Escriptorio da Illustração. A correspondencia — *franca* — aos Directores da Illustração. Vende-se: r. Augusta, n.º 1 — do Oiro, 113 — do Arsenal, 30 — Larga de S. Roque, 24 — da Esperança, 150 — e em Alcantara.

SUMMARIO.

O BRAZILEIRO EM LISBOA.

I.

Lisboa 22 de Junho 184...

Caju da minha vida, banana da minha alma, beija-flor de meus pensamentos, ouro preto de minha saudade! Mohema, onde estarás, que farás tu a ésta hora?

Separado de ti por dous milhares de leguas, eu vivo so de cuidar em ti.

Vivirás tu da minha lembrança? Ha seis mezes que habito ésta terra de meus paes — e o triste verdor de suas oliveiras, a pobre vegetação de suas vinhas não me póde fazer esquecer as esplendidas riquezas das nossas florestas. — Uma larangeira!.. Fazes idea tu, Mohema querida, do que é uma larangeira aqui? É um mesquinho e rasteiro arbusto comparada com as nossas. Aqui a natureza não coroou o ananaz rei das fructas da terra, nem pendurou a jaca ponderosa do capitel dorico de verdura que sustenta a cupula frondosa dos nossos pomares...

Não, Mohema, não ha nada na terra de meus paes que me faça esquecer da terra em que nasci.

E comtudo Lisboa não é má cidade. Eu divertia-me mais em Coritiba, é certo; mas não passo mal aqui.

Temos toiros, temos cavallinhos, dois theatros francezes — isto é, representa-se em portuguez, mas as comedias, e o modo de fallar e de representar, as scenas, os costumes, a acção, a vida, tudo é traduzido do francez. Vê como hade ser bonito!

E ha vapores para Almada, que é da outra banda do Tejo — e omnibus para Bemfica e para o Lumiar; e ja ha duas ou tres logeas onde se vende neve... É quasi como no Rio-de-Janeiro.

Uma delicia viver em Lisboa!

Desde madrugada que as agradaveis distracções começam. Ao domingo sobretudo.

Eu tenho um amigo — quem é que não tem o seu amigo? — tenho um amigo, rapaz de bom gôsto, elegante se os ha, e que se diverte como um principe. Raras vezes nos vemos, porque eu sou, como sabes, um semsaborão, e não posso acabar commigo a gosar agradavelmente da vida.. E d'ahi penso em ti, canna d'assucar da minha alma, e não posso achar doçura em mais nada.

Isto sim, que é ser fiel, Mohema! Olha que não ha mais dous brazileiros como eu: são uns chorões por ca, uns derretidos com éstas meninas brancas do reino! É uma vergonha nacional, e me parece que é abater nossa bandeira verde da independencia... Mas d'isto fallaremos para outra vez. Agora quero fazer-te conhecer o meu amigo.

Raras vezes nos vemos, como te dizia; mas quando succede incontrar-nos, costumo ser o depositario de seus amaveis segredos, e sei toda a sua vida.

Eis-aqui como elle a passa. Tomemos um domingo por exemplo. Quero te contar a historia de um domingo do meu amigo.

É um gallante rapaz, ja te disse; veste-o o Jung; tinha este inverno um paletot delicioso com — pelles de *astracan*... ou de carneiro do Alemtejo — dizem os maledicos, mas eu sei que são da Russia. Agora traz fraque de casemireta com portinholas calibre de quarenta e oito. Rara vez monta a cavallo, mas o chicote e as esporas de rigor não o largam. Bigodes, ja se sabe. Não que fosse á guerra, coitado! mas foi á *paz*, que é o mesmo, de muita carta que venceu... á banca. Mora n'um delicioso quinto andar dos arruamentos da Baixa, n'um bello quarto com vista para o chaguão. Não fazes idea que lindeza!

Ja o quarto é um typo de elegancia. Tres palmos de tapete — nada menos — deante do canapé; os quadros do filho prodigo ornam as paredes; e ametade de um espelho de Allemanha reflecte e *refracta* as feições e o sabão da barba do meu amigo. A tres varas do chão se ergue, sôbre quatro pés de caixa d'assucar polida, uma immensa molle cuberta de assarapantadas ramagens de chita... é a cama.

Tem criado extrangeiro o meu amigo; um verdadeiro groom que falla a lingua do norte... norte de Vallença do Minho — que vulgarmente se diz Galliza. — Aqui para nós, desconfio que o groom não é verdadeiramente do meu amigo mas da hospedaria. Mas isso que importa? Elle vive *en garçon*, não está para ter casa: — é uma sécca.

São oito da manhan, e o groom que entra em deshabillé de calsa de estopa, sapato de vacca etc., e annuncía que são horas. Levanta-se o meu amigo e pede o seu *toilete du matin*. Calsa pol... não digo não, que ja abhorrece — calsa de largas riscas — gravata de phantasia, collete vaporoso e ideal... e eilo que trota para o Terreiro-do-paço.

— 'Senhora D. Carlota! a éstas horas, tam cedo! Não ficou cansada de hontem, minha senhora?

— 'Eu nunca me canso... E é ja tarde para o banho?

— 'Tarde, minha senhora! Ainda não andam os omnibus.' A proposito, vai hoje passear de omnibus a Bemfica, ver as Larangeiras?..'

— 'Se as manas forem...'

E as manas são tres graças fuscas e amarellas, de chapeus azues com pluma espetada de fóra, e todo um jardim botanico por dentro — vestidos verdes com riscos amarellos e um labirinto inextricavel de côres e meias-côres por mantas, luvas, fichús, fittas, laços, franjas, borlas e mais appensos que constituem um d'estes cabides domingueiros, d'estas basilicas armadas que Deus permitte que passeiem por essas ruas de Lisboa para afugentar maus pensamentos e tornar impossiveis as tentações do diabo.

Ora éstas manas desesperam com o meu amigo por elle preferir a mana Carlota que é um tanto menos hedionda, e canta ao pianno

N'uma deserta praia

por alma do Sciopetta de harmoniosa memoria. Mas soffrem-n'o porque elle sempre dá a sua contradança de vez em quando na galocha; e a um par atura-se muito, por menos *digno* que elle seja.

Dona Carlota, as manas, o meu amigo e o gallego com o sacco de chita marcham para a barca do banho.

Imaginas tu, Mohema, o que é um banho de barcassa em Lisboa? Não por certo; nem t'o eu quero descrever. Os teus moleques não entravam n'elle; e as tuas mulatinhas oh! isso nem vê-lo.

Emfim o meu amigo banhou-se, disse antes e depois muita coisa bonita — e *novas:* por exemplo, de Venus que nasceu do mar, e das Nereidas que tinham inveja, e dos tritões que estavam namorados e que haviam de ir carpir-se

À foz do Tejo em bronca penedia
Minada pelas ondas salitrosas;

e muitas outras egualmente bellas, elegantes e espirituosas. Não fazes idea, Mohema: ésta é a terra do espirito.

Despede-se até á tarde e vai almoçar ao café. Penetra atravez de uma nuvem de moscas, e brada com voz de freguez dos que pagam...

O meu amigo não é nenhum pelitra; saibam — brada, digo: 'Manuel!'

Vem o Manuel, vem o café e as torradas e os ovos e a Revolução e o Correio. O meu amigo é empregado não sei em que repartição importante, tem vinte e cinco moedas de ordenado, póde tractar-se.

Depois do almôço uma partida de bilhar por desfastio. Perde-se, fica-se devendo... são horas de ir para o passeio. Vai-se a casa, outro toilete. Veste-se a calsa branca, lavada da véspera, a vapor, pela patroa. E *branca* se lhe chama! Branca serás tu, ó calsa, como eram brancas as formigas d'aquelle consoante do Quevedo, que ficaram de proverbio para as coisas naturaes e verdadeiras d'este mundo. As longas abas do collete pendem muito abaixo do abdomen, e o chapeu — sem nenhuma aba — carrega maganamente sôbre uma orelha, como quem diz: 'E então?'

Lá estamos no passeio a conquistar.

A musica toca, as damas passeiam, o sol escalda... chegam as horas de jantar. Depois de jantar para o omnibus: vamos a respirar poeira em Bemfica.

As meninas do banho não faltam. Outros tres elegantes do mesmo genero completam o rancho.

O papá dorme ao som e movimento do enorme vehiculo. Os elegantes fazem próva de espirito, repetem as graças da última farça da rua dos Condes, ou a semsaboria mais fresca do folhetim... Fallam das peças de Scribe e de Dumas — da musica de Donizetti. Ei-los na derradeira questão de San'Carlos. Qual sustenta a Rossi, qual é por Tamberlik. Se a Mabili é melhor sylphide que M.lle Laribeau — se alguma d'ellas é egual á Taglioni, se as irmans Eslers é coisa em que se falle: tudo isto se diz, se disputa, e que lindas coisas ficam por dizer? Libretos, spartitos, tudo se analysa:

> Alli fica estrangulado
> O Donizetti, o Bellini;
> E, senão fôra quem é,
> Morrêra o proprio Rossini.
>
> D'e quantos passam os Alpes
> Não escapa um nome em i,
> Tudo se julga alli logo
> Pelo expedito Jury.

Estão de volta em Lisboa, e ainda a questão dura. Mas a hora insta...

A uns chamam os trombetas do circo, a outros a peça nova dos Condes, outros vão tomar as *Pilulas* do Salitre. Separaram-se... Ainda bem que se separaram...

Se as mãos se derem que será do mundo!

Mohema, devemos confessá-lo: os nossos elegantes da Coritiba ficam muito abaixo dos de Lisboa.

Adeus até o número seguinte, maracujá-açu do meu coração! Limonada refrigerante de meus ardentes desejos, eu te bebo com o pensamento de ca d'esta aridez da velha Europa, Adeus!

JACARÉ-PAGUÁ.

D. ANTONIO DE GUEVARA, BISPO DE MONDONEDO.

Um dos auctores que mais honra fizeram á lingua hespanhola em seus escriptos foi o franciscano Guevara, depois Bispo de Mondonedo, prégador, e historiografo do Imperador Carlos 5.º De sua penna sahiram essas obras immortaes que para serem emulas dos melhores modêlos lhes fallece sómente haverem nascido fóra da Peninsula, e que as não empecesse a quasi geral ignorancia dos dialectos hispanicos, de que todavia senão pejam levianos estrangeiros quando se mettem a avaliar de nossas coisas. — Os escriptos de Guevara, (dizem os AA. do Diccionario universal) honram ao mesmo tempo a lingua hespanhola, e o seculo de Carlos 5.º que se póde considerar como o viveiro fecundo dos bons Escriptores d'esta nação. — Com effeito as obras d'este insigne Escriptor — o *Relogio de Principes*, ou *Vida de Marco Aurelio*, o *Desprezo da Côrte*, as *Epistolas*, e as *Vidas dos Imperadores Romanos* brilham recheadas d'uma erudição vastissima, d'uma politica profunda, e d'ésta philosophia que nasce da experiencia do mundo, do uso das côrtes, e do conhecimento do coração humano, adquiridos necessariamente no tracto dos maiores negocios, e nas viagens que constantemente fez ao lado do Imperador Carlos 5.º na Hespanha, França, Flandres, e Allemanha. E coisa rara! Com ésta assiduidade na côrte, no meio da grande eschola da politica e da dissimulação, nada ha ahi em seus escriptos que respire o artificio composto de aulico e de cortesão. Tudo é ingenuo, verdadeiro, e despido de lisonja; parece que escrevia n'uma republica que acabava d'expulsar os reis, e a aristocracia. Os mesmos criticos, ha pouco citados, dizem a este respeito: — é forçoso convir que jamais se conheceu na Hespanha, antes ou depois d'elle, escriptor algum que tenha dito mais verdades.

Este prelado illustre, um dos oraculos do seu tempo, sabia no meio das occupações do seu ministerio, e das multiplices commissões em que assiduamente o entretinha a privança dos reis, amenisar a severidade d'estes cuidados por meio de correspondencias espirituosas e tracto mais familiar, posto que sempre instructivo, com seus amigos, e outros grandes empregados e pessoas notaveis daquella poderosissima monarchia. D'aqui proveio a preciosa collecção de suas Epistolas, na maior parte das quaes se encontra com discreta profusão uma philosophia sublime, uma piedade solida e christan, uma erudição adequada e sem fausto, e aquelle tacto fino que sabe apreciar os homens e as coisas para d'ahi tirar conclusões e documentos de muita utilidade. D'entre as suas Cartas escolhemos uma em que n'um estylo mais livre e desenfastiado, qual convinha aos fóros d'uma communicação amigavel, responde a varias perguntas que por escripto lhe fizera o Regente de Napoles *Micer Sumier*. Damos aqui algumas das mesmas perguntas, respondidas por Guevara, as quaes, sendo outros tantos axiomas de philosophia moral, tem o particular interesse de constituirem outras tantas maximas de proceder na espinhosa carreira da vida social, todas de facil comprehensão e retentiva.

1.ª

Perguntaes-me, senhor, porque arte poderia um homem conhecer a outro homem para ver se lhe convém fiar-se, ou guardar-se d'elle. Respondendo a isto vos digo que em quatro coisas o podeis conhecer, convém a saber, — nos *negocios* que exerce, nas *obras* que faz, nas *palavras* que diz, e nos *amigos* que tem. O homem que de seu natural é orgulhoso, em seus tractos desalmado, em suas palavras embusteiro, e de ruins acompanhado, não merece confiança alguma, antes todos d'elle se devem guardar, e desconfiar.

2.ª

Perguntaes-me, senhor, quaes são as coisas d'esta vida que por nenhum preço se podem comprar, nem a coisa viva comparar. A isto respondendo vos digo que são quatro; a saber: a *liberdade* que gozâmos, a *sciencia* que aprendemos, a *saude* que possuimos, e a *virtude* de que nos prezâmos. São todas éstas coisas o thesoiro dos thesoiros, riqueza das riquezas para o homem; porque a liberdade alegra o coração, a sciencia enriquece o intendimento, a saude conserva a vida, e a virtude glorifica a alma: de maneira que éstas quatro coisas nem se podem com dinheiro comprar, nem ha preço com que se possam comparar.

(Concluir-se-ha).

CAES D'ANGRA DO HEROISMO.

As ilhas dos Açores, que muitos denominaram *flamengas* na errada supposição de que haviam sido descubertas por viajantes de Flandres, e a que os inglezes chamam *d'oeste* em rasão da sua posição geographica, dividem-se naturalmente em tres grupos. As mais occidentaes são a pequena ilha do Corvo e a das Flores, pouco frequentadas. O grupo central compõe-se de cinco, todas productivas e commerciantes; Fayal, cuja capital, Horta, elevada á cathegoria de cidade por Sua Magestade Imperial D. Pedro, de Saudosa Memoria, é cabeça do districto administrativo do mesmo nome; Pico, afamada por seu volcão, e por vinhos brancos preciosos, comparados aos da Madeira; S. Jorge, abundante em gados e productos agricolas; Graciosa que corresponde a esta denominação; Terceira, cabeça de todo o archipelago, antiga residencia do capitão general, ainda hoje séde do bispado de Angra, e tambem centro de um districto administrativo. O grupo oriental é formado pela Ilha de S. Miguel e a de Santa Maria; na primeira está Ponta-Delgada, cidade bem povoada e agradavel, paragem de muito commercio, e porto frequentado por grande número de navios, que exportam para Inglaterra prodigiosa quantidade de laranjas, e para a metropole os generos cereaes, de que produz grande cópia o fertil territorio açoriano, não obstante permanecer inculta a maxima porção delle. Este archipelago é evidentemente de origem volcanica, como attestam a natureza do solo, numerosas crateras, o volcão do Pico ainda de tempos a tempos em actividade, as caldas medicinaes do valle das Furnas em S. Miguel, lastimosas erupções como a de 1808 em S. Jorge, e os frequentes terremotos e invasões de mar, de que ha pouco foram tristes exemplos a inundação em Ponta-Delgada, e a catastrophe muito mais destruidora da famosa Villa da Praia em 15 de junho de 1841, a qual se acha felizmente reparada pelos soccorros da metropole e dos compatricios insulanos, e pela incansavel diligencia do Sr. José Silvestre Ribeiro, magistrado civil que então regia o districto d'Angra do Heroismo, e que por sua recta e suave administração deixou n'aquelles povos perenne saudade.

A ilha de S. Miguel, que entre todas é ao presente a mais povoada e cultivada tem a commercial e bonita cidade de Ponta-Delgada, cabeça do districto administrativo.

O clima do archipelago açoriano é brando e sadio, postoque sujeito a violentas tempestades: a indole da gente que o habita é geralmente pacifica e boa. Causa pena que sendo a superficie cultivavel, combinada com a situação commercial das ilhas, susceptivel de muito maior povoação, grande parte d'esta se veja obrigada á vergonhosa e dura emigração para paiz estranho, que a todos é notoria. Cremos porém que este mal se atalhará d'ora avante, graças ao zelo patriotico da Direcção da Companhia das Obras Publicas de Portugal, que de accordo com o Governo de Sua Magestade deu em resultado as uteis e beneficas

providencias, publicadas no Diario do Governo de 23 de junho proximo passado, e que já começaram a ter o seu legal andamento; providencias que conciliam a sincera philantropia com os calculos da economia politica, porquanto, dando emprego aos braços e pão a familias, evitam o mal da emigração, e fazem que não decresça a população, chamando-a a outros pontos dos dominios portuguezes, onde se lhes facilita occupação e subsistencia.

A cidade de Angra, celebre nas guerras da gloriosa restauração contra o dominio de Castella, e novamente famosa em nossos dias na campanha a pró da Legitimidade, é de mediocre grandeza, e em gente e tamanho póde comparar-se a Berne na republica helvetica; é reputada mais forte que Santa Cruz de Tenerife, capital das ilhas Canarias. É regularmente edificada, com ruas de boa casaria em linhas rectas, largas, bem calçadas e com seus passeios lateraes de lagedo: tem bella apparencia vista do mar, por ser situada em amphitheatro, que vem fenecer na bahia, de que a cidade tomou nome, porque *angra* em o nosso idioma significa bahia pequena: por entre as casas sobresahem os campanarios das igrejas, e para alem da povoação limitam o horisonte altas montanhas com seus declives revestidos d'arvoredo. A bahia, virada ao sueste, terá uma milha de largo entre a ponta e fortaleza de S. Sebastião ao nascente e o pontal denominado de Santo Antonio ao poente, em que ha outra fortaleza; é porto limpo e abrigado dos ventos do quadrante do norte; tem um bom caes a que atracam os barcos, como representa a nossa gravura: o edificio fronteiro á meia-laranja é a igreja da Misericordia: ao lado da porta do mar está a casa da Alfandega.



O castello de S. João Baptista, com uma capella da mesma invocação, é praça forte por arte e natureza, a cavalleiro da cidade, sobre o Monte-Brazil, peninsula ou antes môrro escarpado, que terá uma legua de peripheria, e é formado pela bahia d'Angra a léste, o mar ao sul, a bahia do Fanal ao poente, e ao norte pela especie de isthmo com 260 braças de largura, que separa as duas bahias. Ao occidente da cidade, entre o mar e as serras, está a apreciavel veiga da *Terra-chãa*, cheia de boas quintas e algumas casas de campo; tem de comprido uma legua, e de largura meia.

Angra foi elevada á cathegoria de cidade por D. João 3.°, que lhe deu foral em 23 d'agosto de 1533; no reinado do mesmo Senhor se erigiu o bispado por bulla de Paulo 3.°, expedida a 3 de novembro de 1534.

***

OS BANHOS DO MAR.

Em modas não ha que fiar! Ainda ha pouco se arrastavam os pés pela sala d'uma maneira sem sabor e desconsolada, e chamava-se a isto — uma *contradança franceza;* um pobre professor Parisiense lembrou-se de que o progresso é todo movimento, e que por isso a dança devia ser sujeita ás suas leis — inventou a *polka*, e com a rapidez do pensamento homens e senhoras se *polkalisaram;* os cabelleireiros, as modistas, os sapateiros, os alfaiates — aproveitaram a idêa, e todos nós (inda assim menos eu!) nos convertemos em dançarinos polacos, em *polkamaniacos.*

Ainda ha pouco as senhoras traziam um chapéu com uma aba da circumferencia da roda d'um carro: — depois vieram os *bibis*, depois o *juste milieu*, e hoje continúa com a pequena modificação de andarem pendurados no nariz! — E os homens? Não se lembram todos de os terem visto de collete curto podendo quasi servir-lhes de gravata? E passou-se ao extremo opposto — desceram os colletes, alargaram-se as casacas, enfunaram-se as calças! — Mas a que vem tudo isto? dir-me-hão; eu vol-o digo — Que em modas não ha que fiar, disse-o eu, e repito-o; porém como toda a regra tem excepção — os banhos *usam-se* desde tempos immemoriaes, e nem por isso tem soffrido grandes alterações. — É uma moda estacionaria, de natureza de caranguejo! Vamos adiante.

Com o verão, pois, vem os achaques, e com elles a necessidade de tomar banhos; é remedio universal, que desde uma perna quebrada até á apoplexia se applica indistinctamente. — Em verdade este anno não tinhamos precisão de refresco, porque as copiosas chuvas que tem cahido deviam satisfazer o *apetite mais voraz;* no emtanto quem não toma banhos não é taful, quem não é taful é tolo, e assim por diante até ao infinito.

Todos que não alugam casa em Pedrouços — Outra-banda, ou Paço d'Arcos — vão á barca levando popularmente o seu lençol debaixo do braço. — Talvez seja este o capitulo mais brilhante da historia dos banhos; o namorado ao romper d'alva, esfregando os olhos e meio tonto do somno, lá vae cambaleando para trocar um sorrisosinho, d'estes que a Balzac fornecem mais d'um *Folhetim;* a modesta esposa, fiel aos dictames do medico de partido, tambem acarreta com a criada, que, apesar de ser ajustada para todo o serviço, não ouviu á senhora fallar em banhos do mar; o marido gotôso — o doente de véras — a filha unica de pançudo logista, emfim, não ha ninguem que em Agosto ou Setembro deixe de *banhar-se* pelo modico preço de 120 réis, com o accessorio de 40 réis para quem não leva lençol. — Sería curioso *daguerreotypar* tantas scenas interessantes que se observam quotidianamente na estação dos banhos, todavia para haver *daguerreotypo* é preciso fazer as pazes com o sol; como pois travar relações com tal *sogeito?* — Quem precise tomar banhos consegue o desejado effeito com toda a facilidade e commodidade; paga um bote para ir á barca, paga o banho, paga o lençol, espera duas horas, e no fim moído, ralado, e amachucado do apertão, atira comsigo a um mar de cascas de melancia, de melão, d'alforrecas etc. Ha nada mais poetico!

Pondo de parte os banhos thermaes, quentes mesmo, onde se o encarregado *de aquecer* se descuida póde elevar a temperatura a 60 gráus, e sahir um pobre de Christo cozido sem appellação nem aggravo, classificarei com um escriptor francez os que tomam banhos em tres grandes e importantes classes. A primeira será a dos *doentes, doentes* verdadeiramente, o que tem uma dôr sciatica, por exemplo, e que crê, como os turcos em Mafoma, na virtude interna e externa da agua salgada, levando a ponto o seu enthusiasmo pelo *salso argento* de com ella bochechar todas as manhans, sem ligar a ésta acção nenhuma recordação historica; este typo é rarissimo; de dia para dia se evapora, apesar dos esforços da Medicina!

Após o que está doente vem sem esforço algum o que tem desejo de o vir a ser; provavelmente é um homem gordo como um tonnel, que vive no Alemtejo, que quer cazar com uma prima, mas ella engeita-o porque tem uma barriga como uma dorna. — A gordura outr'ora tão procurada é hoje tida no maior desprêso. — Um homem gordo come muito, súa muito, e basta isto para desanimar. — Segundo as últimas experiencias da Physiologia — acha-se demonstrado que a obesidade é inimiga do sentimentalismo, e quem não é sentimental não póde entrar *no espirito da polka* ou da *mazurka*.

Resta a 3.ª classe. O mancebo maltractado pela familia toma banhos d'uma maneira desenfreada, a aspersão, a immersão, o mergulho doble, o choque, tudo emprega; janta e almoça agua salgada, lê *Folhetins Maritimos* — vê o *Naufragio da Medusa*, decora o Cooper etc. Depois d'um mez d'estas crueis angustias o infeliz morre hydropico!

Seriam mister *muitos volumes* se appresentassemos ao leitor todos os typos que figuram nos hydraulicos annaes dos banhos; apenas démos uma amostra. — São fragmentos d'um grande quadro. — Quem fôr curioso, e não tenha visto, satisfará a vontade por preço commodo.

Um chapéu á *polka* e um banho do mar tornam-se d'aqui a dois mezes objectos de primeira necessidade!

(DEMOCRITO).



TANGER.

A estampa que se vê na frente d'este artigo representa um lanço da muralha e uma porta da cidade de Tanger. É uma cidade famosa para nós os portuguezes pelos revezes que fez soffrer ás nossas armas, que por toda a parte triumphavam na Africa, e por ser causa de morrer nos carceres de Fez um infante de Portugal, depois de seis annos de captiveiro.

Tanger, Tingis ou Tangéh é uma cidade d'aquella parte da Mauritania (imperio de Marrocos) a que ella deu o nome de tingitana. Era tradição ter sido fundada por Anteu, um formidavel gigante da Libia, filho do mar e da terra a quem Hercules despachou para o Cocyto. Mas fosse ou não, os romanos a possuiram e o imperador Claudio deu-lhe o nome de *Traducta Julia*. Passou depois para podêr dos visigodos, dos mouros, e finalmente dos arabes que a occupavam quando elrei D. Duarte cedendo ás instancias de seus irmãos, o celebre infante D. Henrique e o infeliz infante D. Fernando, mandou a Africa um exercito a conquistal-a commandado por estes principes, que partiram de Lisboa a 22 d'agosto de 1436.

Ésta desgraçada jornada será sempre lamentavel nos annaes da nossa historia. Os infantes atacaram Tanger por differentes vezes sem resultado, até que sobrevindo poderoso exercito em auxilio da cidade, os sitiantes se tornaram de cercadores em cercados. A fome e a sede, inimigos contra os quaes nada podia o valor dos nossos guerreiros, os obrigou a entrarem em convenção com o exercito agareno estipulando-se a entrega de Ceuta para que o exercito portuguez podesse embarcar livremente. O infante D. Fernando offereceu-se generosamente a ficar em refens d'esta estipulação; mas Ceuta não se entregou e o infante nunca foi resgatado.

Vinte oito annos depois outro infante D. Fernando, o irmão d'elrei D. Affonso V, atacou Tanger tambem infructuosamente. Mas estava guardada para este monarcha a gloria de entrar pessoalmente na cidade que se podia dizer terrivel. A fama das suas victorias, e porque elle adquiriu o titulo de africano, o precediam tão estrondosamente que Tanger lhe abriu as portas sem peleja, e as suas soberbas torres que haviam repellido as armas valorosas de tantos combatentes abateram-se so á fama do seu nome, e o triumphante monarcha entrou a cidade a 28 de agosto de 1471.

Contra repetidos ataques dos mahometanos a sustentaram no dominio portuguez os seus valentes governadores e fronteiros quasi por dois seculos, até que em 1662 fez parte do grande dote que a nossa corôa deu á infante D. Catharina, mulher de Carlos II d'Inglaterra. Os hespanhoes porém apoderaram-se d'ella em 1683; até que veio a cahir no podêr dos marroquinos que ao presente a possuem.

É uma cidade commercial, residencia de quasi todos os consules europeus. As suas torres e fortalezas estão arruinadas, e mais ficarám depois que o anno passado a artilheria do principe de Joinville bombardeou as suas muralhas. As ruas são estreitas, e as casas em extremo baixas. Tem ainda uma ponte romana e uma bella mesquita. O seu aspecto visto do mar é magnifico.

THEATRO DE S. CARLOS.

Concerto dado pelo Sr. João Guilherme Daddi.

Ao concerto dado pelo nosso insigne piannista, o Sr. Manuel Innocencio, do qual fallâmos em o número antecedente, seguiu-se outro concerto dado tambem por outro insigne piannista, o Sr. Daddi, d'este concerto podemos dizer como do antecedente que era uma festa nacional: porém pelos desgraçados motivos que então ponderâmos, como nos annuncios tinha augmentado o número dos nomes portuguezes diminuiu nos camarotes e na sala o número dos espectadores. Mas os que estavam presentes eram portuguezes deveras e apreciaram como deviam o subido merito de todos os artistas nacionaes que tanto estudo e talento manifestaram em a noute de 27 de Junho. O fim d'este jornal, os seus limites, poucas vezes permittem que se destine a assumptos especiaes o espaço que pediam serem tractados da maneira que merecem. — Apesar d'isto não deixaremos de tributar grande louvor aos artistas que por modo tam distincto honram a sua patria. — Será breve o nosso tributo de admiração e despido de atavios que o aformoseem: mas será franco e animado pelo enthusiasmo, que se nos desperta na alma tôdas as vezes que vemos os nossos compatriotas desmentirem o que em seu desabono dizem estranhos invejosos e naturaes degenerados.

O Sr. Daddi em todas as peças que executou no pianno, fossem de composição sua ou de outrem, mostrou sempre a sua rara habilidade. — E teve a satisfação de ver que os espectadores comprehenderam a delicadeza, e o mimo com que a sua primorosa execução dava um novo lustre a todas as composições.

Depois de nos ter mostrado o fructo dos seus continuados estudos na facilidade e no gôsto com que executou a fantazia de Listz sôbre motivos da opera D. João, e o andante final do 2.º acto da Luzia, revelou toda a graça e delicadeza do seu genio no — Trillo, estudo para pianno e convite a walsa — peça de difficil execução e que mais de uma vez foi interrompida pelos applausos com que todos saudaram o brilhante talento d'este nosso celebre piannista. — O mesmo aconteceu com a grande fantazia sôbre motivos da Somnanbula.

No fim do concerto o Sr. Daddi foi por tres vezes applaudido com grande enthusiasmo por todos os que em quasi tres horas seguidas tinham admirado o seu relevante merecimento.

O Sr. M. I. dos Santos tambem foi ouvido com muito gôsto, e applaudido como merecia, na fantazia para flauta com acompanhamento de pianno sôbre motivos da opera — Diamantes da Corôa — dedicada a Auber. E do mesmo modo o Sr. Cossoul Junior nas muito lindas e bem executadas variações de violoncello, acompanhadas pelo pianno, nas quaes este joven artista deu uma plena prova da sua muita applicação.

A Sr.ª Clementina tambem concorreu para o brilhante effeito d'este concerto cantando a cavatina da Gemma e a cavatina de Belisario.

O que muito nos surprehendeu foi a facilidade e perfeição com que o Sr. Theodoro cantou com o Sr. Figueiredo o dueto da opera Marino Faliero. Não so a voz mas tambem a figura e o desembaraço do Sr. Theodoro deram grande realce á execução d'este dueto. — E se continuar a cultivar a boa voz que possue por certo que lhe podêmos agourar um glorioso futuro.

Os progressos que a musica vae fazendo entre nós não podem ser indifferentes para todos quantos présam a glória da terra em que nasceram.

NOTICIAS.

— As successivas representações da Dama de S. Tropez continuam a reunir no theatro da rua dos Condes um intelligente e escolhido concurso de espectadores, que neste drama admiram, além do seu incontestavel merecimento, a perfeição com que é desempenhado; devendo notar-se que sem fallarmos do Sr. Epifanio e Talassi todos admiram a naturalidade e rara habilidade com que o Sr. Theodorico Junior desempenha um dos mais importantes papeis. — A Sr.ª Emilia quasi sempre nos parece affectada, menos na scena do segundo acto em que hesita entre os deveres rigorosos de esposa e os de amante extremosa. — Se pensar nesta observação, por certo que a representação do drama alguma coisa mais hade ganhar.

— Em França no grande theatro de Lyão houveram ultimamente grandes tumultos porque a Municipalidade tinha prohibido as pateadas.

ENIGMAS PITTORESCOS.

EXPLICAÇÃO DO ENIGMA DA FOLHA ANTECEDENTE.

Céga-réga



SUMMARIO.

SUA MAGESTADE LUIZ FILIPPE.

Ha homens cujo nome val mais do que os pergaminhos, e muitas vezes ainda mais do que a coróa real que lhe pozessem sôbre a cabeça, porque é uma solemne recordação da sua vida antes de serem poderosos, e serve como testemunho de que mereceram a posição distincta que lhe concederam.

Luiz Filippe é um d'esses homens. — O nome do Duque de Orleans val tanto como o titulo de Rei de França, por isso que a sua vida como Duque merecia ter por complemento a historia de um reinado.

Falta-nos o espaço para esboçar o quadro animado de uma existencia que se tem ennobrecido entre o fogo dos combates, e os soffrimentos do exilio. — Apenas poderemos marcar os traços principaes para que o leitor possa admirar na vida do general, do expatriado, e do principe constitucional, algumas paginas similhantes ás da vida do Rei da revolução de julho.

Luiz Filippe de Orleans, filho mais velho do celebre Duque de Orleans, heroe e victima da revolução franceza, nasceu em Paris a 6 de Outubro de 1773. — Teve a fortuna de ser educado pela senhora de Genlis e pelo cavalleiro Benard, mas bem cedo trocou pelo tumultuar da guerra a placidez da vida estudiosa.



O Duque de Valois, conhecido depois da morte de seu avô pelo titulo de Duque de Chartres, viu com enthusiasmo o quadro magestoso e terrivel da revolução, e assim como seu pae, desembainhou a espada em defeza de uma causa que havia de levar um ao cadafalso, e outro ao desterro.

Tinha 16 annos quando acceitou o commando effectivo do 14.º regimento de dragões, do qual era coronel honorario, porque havendo a Assemblea Constituinte acabado com este e outros titulos honorificos, em logar de acceitar a demissão, quiz provar pelo seu valor, que merecia uma honra que a poucos sería conferida, se para a alcançar houvessem de apparecer nos combates.

O novo soldado senão fosse hoje Rei de França poderia ser uma das mais respeitaveis recordações historicas do Quartel dos Invalidos. — Apenas havia cingido a espada quando uma coróa civica lhe ornou a fronte em Vendome, para depois partir para Valenciennes, onde militou debaixo do commando do general Biron, e logo em dois combates mostrou que havia de ser o bravo e intelligente official que depois de ter sido nomeado Marechal de Campo, e de assistir á tomada de Courtray, representaria contra a ordem de se retirar do exercito combatente, a qual acompanhava a nomeação de Tenente General, para poucos dias depois se mostrar um dos mais intrepidos Generaes, defendendo em Volnay, durante um dia todo, uma posição que o inimigo desejava ganhar a todo o custo.

Seis dias depois d'este acontecimento foi nomeado segundo Commandante do exercito que o general em chefe Labourdonnais organisava em o norte da França.

Como o homem nunca se distingue sem que as intrigas e os odios lhe sigam os passos, o Duque de Chartres começou a sentir os effeitos da vasta conspiração que a inveja dos nobres, e a ambição dos que o não eram, começava a preparar contra toda a sua familia. — Parecia que o desejavam tirar do activo serviço em que tanta gloria alcançava, e por isso punham em practica differentes planos para que deixasse de fazer parte do exercito de Luckner. Conhecendo que estes eram os desejos da côrte passou para o exercito de Dumourier que deveria invadir a Belgica, e n'esta invasão de novo provou que era um dos mais brilhantes ornamentos do exercito francez, com especialidade na memoravel batalha de Jemmapes, da qual o exito feliz lhe foi inteiramente devido, pois que o seu exemplo, e a sua elevada intelligencia, transformaram a vergonha de uma derrota na gloria de um triunfo. — Os prodigios de intrepidez do batalhão de Mons, formado repentinamente pelo Duque, fizeram com que o nome d'esse General ficasse para sempre escripto na historia militar da França. Depois d'este combate a conquista da Belgica estava terminada, mas a guerra das paixões e dos interesses que devastava Paris, ainda mais do que o troar da artilheria as fileiras dos inimigos, obrigou o pae do vencedor de Jemmapes a chama-lo á capital, porque havendo sua irmã sido considerada como emigrada, devia partir para fóra do reino. — Estava em Tournay com a interessante Princeza, quando soube que a Convenção tinha banido sem excepção todos os membros da familia real. — Ésta resolução era o primeiro symptoma da perda infallivel do Duque de Orleans.

A revolução havia sido heroica, começava a ser terrivel, e para este fim era mister que uma das suas victimas fosse aquelle que muitos designavam não so como o maior dos seus heroes, mas tambem como a causa e até o centro do grande movimento revolucionario. — Este modo de pensar era filho da illusão do enthusiasmo, porque o plano da revolução franceza, assim como o desejo que a originou, não pertencia a um so homem, nem podia pertencer; — procedia da natureza das coisas — estava no coração de todos.

O Duque de Orleans, pae do Duque de Chartres, não era o perverso pintado por Montgaillard, nem um novo Catão a quem a França confiasse a guarda da sua liberdade. — Como diz Thiers era um ambicioso de popularidade, que tinha nascido rico e com algumas boas qualidades, mas que não soube aproveitar uma nem outra coisa. — Nas grandes crises politicas os heroes nascem do nada, e por isso não admira que os precedentes do Duque de Orleans o transformassem no idolo da revolução, e depois no objecto dos seus odios.

Era ainda cedo para cortar a cabeça sôbre que haviam tencionado pôr a coróa de uma nova monarchia, e o partido da montanha concorreu para que o Duque de Orleans não fosse expulso do seio da Convenção. — Seu filho que ao receber a primeira noticia tencionára partir para America, quando soube da revogação do exilio voltou á vida de guerreiro, e depois de se haver distinguido no cêrco de Maestricht, no dia 18 de março depois da derrota das tropas francezas na batalha de Nerwinde, juntamente com as palmas colhidas em uma retirada gloriosa colheu os goivos que teria de desfolhar sôbre a sepultura rasa de seu pae. — Dumourier que era o commandante em chefe do exercito traidor por brio receando a vergonha de se confessar vencido, ou por vileza deixando corromper-se pelo inimigo, envolveu na sua desgraça ou na sua traição os dois Duques, um por ser seu companheiro de armas, e outro por dizerem que elle o queria fazer chefe de uma nova monarchia constitucional.

Em quanto em Paris tudo se conspirava contra o Duque de Orleans, o Duque de Chartres dirigiu-se a Mons ao Quartel General Austriaco para pedir os seus passaportes. Foi debalde que o Principe Carlos lhe offereceu grandes vantagens para ser contrário á França. — O Duque recusou com firmeza ser inimigo da sua patria e acabou neste ponto o periodo mais brilhante da sua vida de soldado para começar a trabalhosa vida de proscripto a quem so resta a saudade da patria.

Na Suissa encontrou sua irmã e a senhora de Genlis, mas mal poderam ahi achar um asylo. Por intervenção do general Montesquiou a Princeza e a sua amiga recolheram-se no convento de Santa Clara. — E o Duque foi obrigado a ausentar-se para longe d'ellas porque um general republicano que o tribunal revolucionario mandaria guilhotinar por não ter confiança no seu amor á liberdade, era apesar disso um homem muito temivel para a aristocracia helvetica.

Durante a sua longa emigração o estudo e as viagens lhe enriqueceram a intelligencia. — Apesar dos seus poucos meios percorreu a pe os Cantões da Suissa viajou pelos Alpes, e ésta vida errante apenas foi interrompida por oito mezes de socego passados no collegio de Reicheneau onde ensinava mathematica, geographia, historia, e a lingua franceza e ingleza. Á influencia e amizade do general Montesquiou deveu o Duque este logar de professor que exerceu com um nome supposto, e sem que o conhecessem até que a morte de seu pae viesse augmentar os soffrimentos do exilio. — O tribunal revolucionario havia mandado que a cabeça de Filippe igualdade passasse pelo nivel da guilhotina. — E os que na vespera da abertura dos Estados geraes tinham bradado viva o Duque de Orleans ao passo que com um silencio desprezador viam passar o malfadado Rei, eram os mesmos que amaldiçoavam e injuriavam a pobre victima que juntamente com o general Couston e um sarralheiro chamado Labroune caminhava para o supplicio. *Tambem*

me applaudiram! foram as ultimas palavras que proferiu o Duque de Orleans depois de ouvir pela última vez as imprecações da multidão. — Depois d'este fatal acontecimento o Duque de Chartres tomou o titulo de Duque de Orleans, e desejou partir para America, mas faltando-lhe os recursos para emprehender ésta viagem, continuou as suas digressões pela Suecia, Norwega, Laponia, e chegou cinco gráus mais perto do polo do que havia chegado o celebre Maupertuis. Voltando á Allemanha em 1796 recebeu uma carta de sua mãe na qual lhe pedia que para cessarem as perseguições contra a sua familia se ausentasse da Europa. — Em consequencia d'isto partiu para Philadelphia onde se lhe juntaram seus dois irmãos. Passado pouco tempo voltou á Europa e continuou nas suas viagens que sería longo referir. — Em Inglaterra encontrou-se com os reaes expatriados e tratou-os com affabilidade e distincção. Durante a sua vida errante morreram os seus dois queridos irmãos, estimaveis companheiros de viagem. Em Portsmouth encontrou sua irmã, e depois da politica ingleza lhe não permittir que combatesse na Hespanha os exercitos de Bonaparte, fez todos os esforços para vêr sua infeliz mãe, que como por milagre havia escapado do cadafalso, e teve a fortuna de a encontrar em Mahon e de a vêr em Palermo assistir ao seu casamento com a filha do Rei da Sicilia.

A vida do Duque de Orleans começava a mudar e a desventura parecia perseguil-o menos. — A companhia da sua familia, e o amor de sua esposa por momentos lhe faziam esquecer que estava longe da patria. Para completar ésta primeira quadra de felicidade a revolução de 1814 lhe facilitou os meios de tornar a vêr a França. Mas o reinado dos cem dias de novo o expatriou, e so voltou á patria depois que em Waterloo os louros das victorias cahiram desfeitos em cinza aos pés do vencedor do Egypto. A sua vida de Principe constitucional começou nesta epocha, o seu comportamento franco e leal como Par do reino ainda mais uma vez o obrigou a deixar a patria. Quando voltou foi para continuar a ser o Principe popular que a revolução de julho elevaria ao throno da França.

Esboçamos em breve quadro a vida do Duque de Orleans antes de ser Rei. — O General, o expatriado, e o Principe podem ser julgados por nós, porém o Rei so a posteridade o deve julgar.

S. J. RIBEIRO DE SÁ.

LISBOA.

Oh *Lisboa*, oh *Lisboa!* O arraes está ao leme; os remeiros sentados nos bancos a despir as jaquetas; não corre bafagem de vento; o bote está a largar do pontal de Cacilhas. Mas ainda faltam dois passageiros para acertar um laborioso cálculo de doze vintens que mestre André — o mestre do bote — está apurando passa ja de hora e meia.

Oh *Lisboa*, oh *Lisboa!*

Os brados do mestre entraram a subir e amiudar-se mais, misturados com algumas pragas; porque o *corsario*, isto é, o vapor, aquella alma damnada, acabava de largar, roubando-lhe os dois passageiros que elle almejava tanto.

O vapor abalou saudado com uma salva de injúrias do arraes, com um relance de olhos injurioso e imprecador dos remeiros, que queria dizer pouco mais ou menos: *afundido sejas tu!* Mas felizmente a este tempo vinham correndo dois individuos que ja não apanharam o Sertorio: eh *Lisboa*, eh *Lisboa!* Gritou mestre André: — *Por aqui, por aqui; o bote está a largar.*

Dentro os passageiros, o bote largou; e puxado com ancia pela maré, por quatro braços robustos, e quatro meias canadas de vinho de Almada foi seguindo a esteira do vapor que ja ia a meio rio andando braças, em quanto mestre André andava polegadas.

A meio rio entrou a soprar para o bote uma brisa de feição. *Iça:* clamou mestre André do seu ponto culminante. Içou-se a véla.

Os barqueiros recolheram os remos, puxaram a pederneira e o fuzil desterrados pelos fosforos para além dos tempos classicos, feriram lume, e puzeram-se a fumar.

Não fallando na companha, as duas caras mais sympathicas que vinham no bote, eram de uma saloya do Caramujo que trazia um cesto de uvas para a Praça da Figueira, e um cão da sobredita com seu trambolho, *veto suspensivo* que a malicia dos vinhateiros da outra banda lhe pendurára ao pescoço desde o dia de S. Thiago, em que começam ja a pintar os cachos, desafiando o apetite canino. As outras fisionomias não eram patibulares, nem tão pouco das benevolas: pertenciam ao typo ordinario, e annunciavam paixões moderadas, e entendimentos orçando pela mediania bemaventurada do sizo commum. Era gente d'essa que é feliz quando vê todos os dias a panella ao lume, a casinha bem arranjada, o telhado bem vedado, e veste camisa lavada ao Domingo, mata porco pelo Santo André, e carneiro pela Paschoa, conserva todos os annos os queijos na talha do azeite, que acerta sempre o relogio (o relogio da sua cabeça) pela cabeça do padre Prior, que se deita com as gallinhas, e se levanta com os pardaes; e que so, passageiramente, sente assanhar-se-lhe a vibora da inveja, quando ve umas roupinhas mais secias, um gallinheiro mais povoado, uma marran mais gorda á visinha, uma vestia mais pimpona, um nabal mais grado ao compadre Manuel.

Mas quem era um passageiro que no trajo, e no rosto, parecia tão differente de todos os outros? Uma prega na raiz da testa era signal que alli morava um pensamento inquieto. Os olhos habitualmente meditativos brilhavam-lhe de quando em quando de enthusiasmo, e notava-se-lhe no semblante coisa parecida com aquella ambição de descer ao poço tenebroso, onde diz Heraclito que está occulta a verdade. Entraram a formar-se-lhe no kaleidoscopo do cerebro estranhas e variadas imagens. Ao ver... o que elle viu não sei eu; mas começou a gemer como o grande Alfieri sobre os destinos da humanidade opprimida, recitou mentalmente alguns passos do livro — *da tyrannia*, amaldiçoou a erudição de Niebhur por ter despoetificado os primeiros seculos da antiga Roma, e apesar do sabio allemão chorou sobre os fados da batalha de Pharsalia, e enterneceu-se com a sorte do primeiro e do ultimo dos Brutos. Pompeo e os Brutos, disse elle comsigo, foram enthusiastas da gloria. A gloria é o grito da sympathia e do reconhecimento; a divida da humanidade ao genio; o preço dos serviços de que ella se lhe confessa reconhecida, e lhe paga com o que tem de mais precioso que é a sua estima. Cumpre portanto amar a gloria, porque é amar as grandes coisas, os trabalhos dilatados, os serviços reaes de todo o genero feitos á patria e á humanidade; e desdenhar a reputação, os successos de um dia, os pequenos meios, que para la conduzem... A gloria é quasi sempre contemporanea; mas não ha nunca grande intervallo entre o tumulo d'um grande homem e a gloria.» E bemdisse a Cousin ao lembrar-se d'este trecho do filosofo francez.

Mas n'isto foi despertado do seu extasi mental pelo chocalhar de um mealheiro de lata com que um dos homens da companha vinha pedindo: *para a Senhora das almas, para a Senhora das almas;* que era a invocação do bote. Uns deram, outros não deram. O generoso desconhecido deitou dentro uma moeda de doze vintens.

Como em paga da esmola a Senhora mandou uma brisa mais fresca, assim o creram os barqueiros: «boa viage! (disseram elles) Nossa Senhora das almas va na nossa companhia.» O bote sulcava, sulcava pelo quasi marulho das ondas, e o desconhecido espraiando os olhos pela vastidão do Tejo repetia comsigo o canto dos corsarios de Byron, e trechos do poema dos primeiros navegadores do sempre suave Gessner!

No entretanto passava o vapor para Cacilhas. Os homens do bote deram-lhe matraca; o Palinuro do vapor fez-lhes de lá figas; elles mostraram-lhe um chifre, realçando o comprimento com os meneios engraçados dos peraltas do Barreiro, e os chistes dos Molieres da Trafaria.

Palavras não eram ditas, atracava o bote ao caes das columnas. Os passageiros saltaram em terra, e com elles o desconhecido que se encaminhou para o jardim da Alfandega, correu a vista pelas flores, sorriu ironicamente para os telheiros, e entrando no pateo, foi sentar-se debaixo do chorão que sombrea o tanque, e tirou de uma carteira uns apontamentos sobre Lisboa, que diziam:

«Lisboa nova, e Lisboa velha. Lisboa monumental. Lisboa poetica, e Lisboa prosaica. Lisboa classica (veja bustos de pedra do jardim de S. Pedro de Alcantara), e Lisboa romantica. Lisboa plebea, Lisboa burgueza, e Lisboa fidalga. Lisboa litterata. Lisboa forense (viste aquella contraricdade? que te parecem aquelles embargos?). Lisboa politica. Lisboa religiosa. Lisboa commercial. Lisboa maritima. Lisboa agiota. Lisboa theatral. Lisboa subterranea. Lisboa casquilha, e Lisboa jarreta ou de capa parda. Lisboa militar. Lisboa ao nascer do sol, Lisboa ao meio dia, e Lisboa ao sol posto. Lisboa em noites de luar, Lisboa em noites de luminarias ou Lisboa fantastica, e Lisboa em noites de relampagos e trovões. Lisboa grotesca, e Lisboa caturra. Lisboa nos dias de entrudo. Lisboa na procissão do Corpo de Deus. Lisboa lamentando-se com os profetas, e gemendo os gemidos da melopea hebraica, ou Lisboa na semana santa. Lisboa na noite da missa do gallo. Lisboa na madrugada de S. João. Lisboa em dias de enforcado. Lisboa em dias de parada. Lisboa em dias ou noites de grandes fogos. Lisboa em dias de revolução. Lisboa pela manhã na estação dos banhos. Lisboa a formosa vista do Téjo, da torre antiga do castello, do alto da Graça, da Penha de França, ou da Senhora do Monte. Lisboa na Praça da figueira. Lisboa na feira da ladra.»

Escolheu a feira da ladra. Acertou o relogio pelo quadrante da Alfandega, e sahiu direito ao alpendre do thesouro.

Ao fim do alpendre disse-lhe um dos bolieiros que alli costumam estar: *quer uma sege, meu amo?* Fez-lhe um signal negativo com a mão direita; e rua do oiro acima, rocio atravessado, calçada de Santa Anna galgada, achou-se na feira da ladra, justamente aopé de um vendilhão de alfarrabios.

Deu com os olhos em tragedias que fazem rir, e comedias que fazem dó, e em duas artes, artes famosas no mundo: uma arte de grammatica, e uma arte de cosinha. Lembrado das vayas, palmatoadas, e puchões de orelha, que lhe custaram no seu tempo de estudante uns preteritos indiabrados, ficára sempre desde então com grande asco ao Novo Methodo. Pegou na arte de cosinha, e leu n'ella a epigraphe:

«Je vis de bonne soupe, et non de beau langage.
«Vaugelas n'apprend point á bien faire un potage;
«Et Malherbe et Balzac, si savants en beaux mots,
«En cuisine peut-être auroient été des sots.

«Que bello assumpto para offerecer uma memoria á Academia? Demonstrarei que a theoria do chouriço é muito mais util que a do supino, e sem dúvida nenhuma a illustre sociedade hade mandar-me o diploma de socio correspondente. Será uma distracção; será talvez um prazer.»

Depois de ter altamente fixado no seu ânimo este proposito, que hade elle deparar na barraca dos alfarrabios? Viu Nonotte ao pé de Voltaire, e as Provinciaes de Pascal enquadernado com uma apologia dos Jesuitas tudo no mesmo volume.

«Quatro inimigos encarniçados agora em paz profunda! Vou compôr um tractado da tolerancia.» E com ésta nova impressão varreu-se-lhe inteiramente da idéa a memoria para a Academia que tencionára escrever.

Passando ás barracas das adelas viu umas calças agaloadas de um correio de secretaria em cima da farda de um ministro d'Estado; viu um collete preto no último fio, filho de uma niza, e neto de uma casaca, comprada em segunda mão por um procurador de causas, trajada nova em folha por um desembargador aggravista, cortada de uma peça de panno inglez, este tosquiado das costas de um carneiro de Devonshire, cujo centesimo avô era moirisco, e viera da Serra Morena para Inglaterra, quando ésta começou a cruzar e apurar as raças lanigeras. — Grande mina para os curiosos de genealogia e archeologia!

Mais adiante n'uma tenda de pinturas notou uma Venus sôbre algumas folhas do sermão, famoso, de Vieira ácêrca do juizo universal; a imagem dos prazeres sôbre o espelho dos desenganos: a voz, dôce e provocadora das paixões em contraste com a voz dos tumulos. «O mundo é semeado de contrastes!» (disse elle).

«Tem a arte de rethorica de Crevier em portuguez?» O desconhecido olhou; viu que ésta pergunta a fazia n'uma barraca, contigua, de livros e outros objectos, um padre moço e adamado, cujo estado so podia descubrir-se em uma corôa tamanha como a minima estrella da estrada de Santiago.

O desconhecido deu dois passos para a barraca. «Tem a arte de prégar de Vieyra?» Perguntou elle, deitando um relance de olhos ao ecclesiastico meio alvoroçado, meio aturdido com a pergunta. «Arte de prégar não tenho: o que alli tenho são alguns tomos dos sermões.»

«O senhor faz a mercê (disse o ecclesiastico para o desconhecido, levando a mão ao chapéu de sêda, loja de mr......, última moda de Paris) o senhor faz a mercê de dizer-me onde encontrou a arte de prégar do padre Antonio Vieyra? Tenho as obras todas d'elle: ao menos assim o cria: mas não encontrei entre ellas essa que para mim é nova.»

«A arte de prégar (respondeu o desconhecido) vem no tom. 1.º dos sermões; é parte do primeiro sermão. Talvez elle alli esteja entre aquelles volumes truncados...» E lançando os olhos: «É verdade: elle alli está. Eu leio a V. R. alguns passos.» O padre chegou-se mais, descalçou a luva da mão direita (pellica fina, amarella, loja de mr. Felix Baron, au gant d'or, rua do oiro); e o desconhecido folheando leu: —

....

.... O sermão hade ser de uma so côr, hade ter um so objecto, um so assumpto, uma so materia.

Hade tomar o prégador uma so materia; hade definilla para que se conheça: hade dividi-la para que se distinga: hade prova-la com a Escritura: hade declara-la com a razão: hade confirma-la com o exemplo: hade amplifica-la com as causas, com os effeitos, com as circumstancias, com as conveniencias que se hãode seguir; com os inconvenientes que se devem evitar: hade responder ás dúvidas, hade satisfazer ás difficuldades: hade impugnar e refutar com toda a fôrça da eloquencia os argumentos contrarios: e depois d'isto hade colher, hade apertar, hade concluir, hade persuadir, hade acabar. Isto é sermão, isto é prégar; e o que não é isto é fallar de mais alto. Não nego, nem quero dizer, que o sermão não haja de ter variedade de discursos; mas esses hãode nascer todos da mesma materia, e continuar, e acabar n'ella. Quereis ver tudo isto com os olhos? Ora vêde. Uma arvore tem raizes, tem troncos, tem ramos, tem folhas, tem varas, tem flores, tem fructos. Assim hade ser o sermão: hade ter raizes fortes e solidas, porque hade ser fundado no Evangelho; hade ter um tronco, porque hade ter um só assumpto, e tratar uma so materia. D'este tronco hãode nascer diversos ramos, que são diversos discursos, mas nascidos da mesma materia, e continuados n'ella. Estes ramos não hãode ser seccos, senão cubertos de folhas; porque os discursos hãode ser vestidos, e ornados de palavras. Hade ter ésta arvore varas, que são a reprehensão dos vicios: hade ter flores, que são as sentenças: e por remate de tudo hade ter fructos, que é o fructo, e o fim a que se hade ordenar o sermão. De maneira que hade haver fructos, hade haver flores, hade haver varas, hade haver folhas, hade haver ramos; mas tudo nascido, e fundado em um so tronco, que é uma so materia. Se tudo são troncos; não é sermão, é madeira. Se tudo são ramos; não é sermão, são maravalhas. Se tudo são folhas; não é sermão, são versas. Se tudo são varas; não é sermão, é feixe. Se tudo são flores; não é sermão, é ramalhete. Serem tudo fructos não póde ser; porque não ha fructos sem arvore. Assim que n'esta arvore, a que podemos chamar arvore da vida, hade haver o proveitoso do fructo, o formoso das flores, o vigoroso das varas, o vestido das folhas, o estendido dos ramos; mas tudo isto nascido, e formado de um so tronco, e este não levantado no ar, senão fundado nas raizes do Evangelho.»

A. DE O. MARRECA.

(Continúa.)



A CASCATA DO PEREGRINO.

QUANDO lord Byron visitou o Monte-Branco «— este rei das montanhas erguia até ás nuvens a cabeça resplandecente com o diadema das neves perpetuas; serviam-lhe de cinto montes gelados; assentado sôbre o seu throno de rochedos sopesava a fulminante avalanche, e estendia o sceptro de gêlo sôbre os respeitosos cumes das serras circumvisinhas.» — Lord Byron exprime-se como poeta, a seus olhos fascinados tudo respira vida, anhela ainda mais imagens brilhantes do que a verdade: desta vez a sua descripção condiz com o sublime do objecto. — O Monte-Branco, com 14:600 pés d'elevação sôbre o nivel do mar, é todavia menos alto que o Chimboraço na America, que eleva a summidade a 19:302 pés acima da mesma base: não é possivel trepa-lo do lado da Italia; so é accessivel pela parte da Saboia. Os primeiros homens que tiveram a audacia de escalar o pico extremo foram o medico Paccard e o seu guia Balmat, ambos de Chamounix: imitou-os no anno seguinte, 1787, o celebre Saussure, a quem a sciencia deve observações importantissimas: em tamanha altura o som é extremamente fraco, porque a rarefacção do ar diminue a sua elasticidade e a fôrça das vibrações. As ascensões a ésta montanha são agora mais frequentes, e ao valle de Chamounix concorre gente de todá a parte da Europa. O concurso dos viajantes nos tres mezes do verão é tal que occupa sem interrupção 40 praticos e 64 machos, que partem para a montanha por escala, seguindo ordem numerica, salvo se o viajante designa o guia que prefere. A pouca distancia de Chamounix está uma pequena aldeota, chamada dos *peregrinos*, e pouco mais adiante a floresta do mesmo nome, que uma enorme avalanche destruiu em parte na primavera do anno passado; á esquerda fica a cascata, que é uma formosa queda d'agua, que o viajante não deixa de visitar; póde-se ajuizar do repuxo das aguas pela gravura, que ajuntamos.

Em um dos numeros proximos daremos breve noticia das enormes massas de gelos e das avalanches dos Alpes.

***

BERNAL-FRANCEZ. *

TAL é a licção mais approximadamente correcta que me parece podêr dar-se do texto popular d'esta bella xácara ou romance. As variantes que vão em notas marginaes são as mais importantes: imagina-se bem que n'uma coisa que anda quasi somente na tradição oral do povo ellas devem ser immensas.

Mais para fazer acceito ao commum dos leitores um estudo e um gôsto que infallivelmente hade regenerar a nossa poesia, e com ella a nossa lingua e litteratura toda, revertendo-a á simplicidade bella de sua origem natural, de que tam affastada andava pela imitação pesada e contrafeita dos extrangeirados, mais para esse do que para nenhum outro fim litterario, traduzi em linguagem e modos menos rudos, o Bernal-Francez pela fórma que appareceu na primeira edição de Londres, e depois com pouca differença na de Lisboa.[1]

D'esta que talvez possa chamar-se com propriedade, a 'traducção litteraria' do romance, ou mais exactamente ainda 'a traducção de sala' — é que se fez a primeira versão ingleza, publicada em Lisboa 1843[2], e tambem a castelhana ha pouco impressa no elegante jornal de Madrid 'El Laberinto.'[3]

É ésta tam natural e sincera, tam proximas as duas linguas em phisionomia — posto que bem differentes no genio — segundo succede tanta vez entre irmãos, que alèm de seus outros meritos, o leitor portuguez lhe hade achar decerto o de offerecer em curiosa *refracção* a luz tam similhante e ao mesmo tempo tam outra do primitivo original popular.

TRADUCÇÃO.

Al mar se fué don Ramiro,
Rica galera llevaba;
Su pendon, terror del moro,
En la alta popa ondeaba.

Tierna fué la despedida!
Vá en sus recuerdos[4] sumido;
Con tantos años de amores
Ni uno cuenta de marido.

Que no hay dama en toda España
Tan bella cual Violante;
Ni igual la hubiera en el mundo
Si ella fuese mas constante.

Bate el mar la barbacana
Del alto muro almenado,
Solo en su torre el vijía
No cede al sueño pesado.

Todo calla y duerme en torno,
Todo es silencio y pavor:
Redobla el celo en las puertas
Con la ausencia del señor.

* Continuado de pag. 23.

1 Romanc. e canc. ger. tom. I.
2 Ibidem.
3 Tom. II. n.º 3, Março 1845.
4 Saudades. — Intraducible.

Mas, allá entrada la noche,
Luz se vé en una tronera,
Y en la sombra deslizarse
Leve barca aventurera.

Y vuelve á ver-se otras noches,
Ya esté en calma ó recio el mar,
La misma luz á igual hora,
La misma barca pasar.

¿ Ignora esto el buen Rodrigo,
Que á su señor prometió,
Cumplir fiel el juramento
Que entre sus manos prestó?

Ignóralo, ó no lo ignora:
Mas la barquilla ligera
Que al pie de la torre inmóvil
Yacía allí en la ribera,

En noche triste y oscura
Del mar desapareció;
Qué fué de ella no se sabe,
Mas si se fué, no volvió.

Y la luz del torreon
Vióse á igual hora brillar...
Mas la barca aventurera
No llegó a ver-se pasar.

De la roca el pie escarpado
Recela oculto postigo
Solo le saben Violante;
Su esposo y el fiel Rodrigo.

Y un negro bulto en la noche
El postigo traspasaba,
Y á la puerta de Violante
Blando llamar se escuchaba.

— « Quién así llama á mi estancia?
— Quién llama? Oh! quién es, decid?
— Soy Bernal-francés, señora,
Al amor la puerta abrid. »

Al bajar del lecho de oro
La fina holanda rasgó,
Al abrir quedo la puerta,
La luz el viento apagó.

Con trémula mano asiéndole
Á su aposento le guia:
— « Cuál tiemblas, amor querido,
Cuál siento tu mano fria! »

Y con ósculos ardientes,
En el seno palpitante
Sus yertas manos calienta
La enamorada Violante.

— « De lejos vienes? » — « De lejos. »
— « Brávo estaba el mar! » — « Tremendo. »
— « Y estas armas! » — No responde.
Ella las vá desciñendo.

En pura esencia de rosas,
Al tierno amante bañó,
Y en su lecho regalado
Á par de sí le acostó.

— « Media noche es ya pasada
Sin que hácia mí te tornáres.
Qué tienes, querido amante,
Que me encubres tus pesares!

« Si temes de mis hermanos,
No han de venir hasta aquí;
Si de mi cuñado temes,
Él no es hombre para ti.

« Mis criados y vasallos
Á hora tal han de dormir,
Ni de nuestro amor sospechan,
Ni lo pueden descubrir.

« Si de mi marido temes,
Á luengas tierras marchó,
Allá lo detengan moros,
Ningun recuerdo dejó. »

— « Yo no temo á tus criados,
Juráronme sumision;
Cuñado ni hermanos temo,
Mi hermano y cuñados son.

« De tu marido no temo,
Ni tengo por qué temer...
Junto á ti en el lecho se halla
Tú la que tiemble has de ser. »

Y alto el sol en el Oriente
La torre á medias doraba;
Violante mas que él, hermosa,
Á la muerte caminaba.

Alba tela, áspera y dura
Cubre el cuerpo delicado;
Recio esparto ciñe el talle,
En grosero lazo atado.

Lloran pajes y doncellas
Que el crimen piedad merece:
El mismo ofendido esposo
Con tal vista se enternece.

Ya el tañir de la campana
La seña al verdugo envía...
— « Señor, merezco la muerte.
La sin ventura decia.

« De rodillas, don Ramiro,
Humilde perdon os pido,
No pido la vida, no,
Que la muerte he merecido.

« La afrenta que deslumbrada,
Por mi desdicha os hiciera,
Pido, señor, que olvideis
En mi hora postrimera.

« Mas solo yo soy culpable
Del agravio que vos fiz,
No tomeis, señor, venganza
De ese mísero infeliz. »

Tal vez iba á perdonarla
Compadecido el esposo;
En nuevas iras le enciende
Aquel recuerdo enojoso.

Rojo el semblante de cólera
Para no verla apartó,
Y su izquierda mano alzada
La fatál seña trazó.

Sobre el desmayado cuello
De transparente cristal,
Con golpe tremendo y súbito
Cayó el terrible puñal. —

Oh! que procesion que sale
Por las puertas de la torre!
Qué de gente acude á verla.
Qué triste que el pueblo corre!

Teas de pálida cera,
En medio la noche oscura,
Despiden luz vaga y triste,
Luz que va á la sepultura.

Cubiertos con sus capuces,
Rezan monges em redor;
El doblar de las campanas
Hiela el alma de terror. —

Dos noches son ya pasadas,
Ya no hay luz en la tronera,
Mas pasando y repasando
Va la barca aventurera.

Linda barca tan ligera
Que en ningun mar zozobró,
El fanal que te guaba
No luce ya, se apagó.

¡Ay! tu querida Violante,
Tu gloria, tu encanto bello,
Por tí sufrió horrible muerte.
¡Um sayon segó su cuello!

De la iglesia de San Gil
La campana oyes doblar?
Ves las hachas á lo lejos?
Allí la van á enterrar. —

Ya se concluyó el entierro,
Ya cayó la losa fria;
En la iglesia solitaria
Un caballero se via.

Vestido de negro luto,
Y mas negro el corazon,
Sobre la tumba de hinojos
Así esclama en su afliccion:

— « Abrete, tumba sagrada,
Abrete á este desdichado,
Ahí nos unirá la muerte
Si en vida nos fue vedado.

« Abrete, tumba sagrada,
Que escondes tal hermosura,
Esconde tambien mi crimen
Al par que su desventura.

« Vivir no quiero esta vida
Que solo amaba por ella,
Vida que sufrir no puedo
Sin mi Violante bella. » —

Y allí el llanto de correr,
Los sollozos de estallar,
Y ciego empuñar la espada
Para allí se traspasar.

Heló la mano en el puño,
Voz que de tierra salia,
Voz aún suave y dulce;
Mas tan medrosa y tan fria,
Del sepulcro tan ahogada
Que su eco estremecia,
Dejando la sangre helada [5]

« Vive, vive, caballero,
Vive, que yo ya viví;
El castigo de mi crimen
Yo sola le merecí.

« En el fondo ay! de esta tumba
Oscura mansion de horror,
Solo del viver conservo
Remordimentos y... amor!

« Brazos con que te abrazaba
No tienen vigor ya en si;
Cubre tierra húmeda y dura
Los ojos con que te vi.

« Boca con que te besaba
Perdió su perfume aquí;
Corazon con que te amaba...
Ese siempre ¡ay! vive en mí!

« Vive, vive, caballero,
Vive, vive y sé dichoso;
Y aprende en mi triste historia
Á ser padre y ser esposo.

« Si con doncella casáres
Llámala tambien Violante:
Nunca su amor será el mio ..
Mas — que sea mas constante.

Hijas que en ella tuvieres
Crialas mejor que á mi,
Que no se pierdan por hombres
Cual yo me perdí por tí. » *Isidoro Gil.*

Quando será que duas linguas, duas litteraturas, duas nações tam feitas para se intenderem reciprocamente, para se darem mútuo auxilio no grande e sancto impenho de regenerar a nossa peninsula, a nossa commum patria hespanhola, quando será que o possam... que lh'o deixem fazer? — Não é para aqui a resposta, nem o era talvez ja a pergunta.

A. G.

ENIGMAS PITTORESCOS.

EXPLICAÇÃO DO ENIGMA DA FOLHA ANTECEDENTE.

É d'estrellas recamado o firmamento.



[5] La versificacion guarda este mismo órden en el romance original.

SUMMARIO.

Rodriguez d'Espinosa *(com uma estampa)*. — D. Antonio de Guevara. Continuação. — Os Figueiredos *(com uma estampa)*. — Bibliographia. — Noticias. — Enigmas pittorescos.

RODRIGUEZ D'ESPINOSA.

(EM TRAJO VALENCIANO.)

Nasceu em Valhadolid aos 17 d'abril de 1562 Jeronymo Rodriguez d'Espinosa, de gente de humilde estado: na propria terra aprendeu as noções de pintura; cazando porém no anno de 1596 com Aldonça Lléo em Concentayna no reino de Valença, estabeleceu-se na capital d'este, onde falleceu com 68 de idade, havendo exercitado honradamente a sua nobre arte. Conservam-se dois paineis em tábua, que formavam o retabulo da parochial de Concentayna, dados a esta igreja por Espinosa, como attesta a inscripção latina sottoposta a um que representa S. Sebastião e S. Roque: o outro em que estão pintados S. Lourenço e Santo Hyppolito tem igualmente sua inscripção na mesma linguagem, que é no seu genero uma curiosidade. Concentayna é uma pobre villa com sua camara ou governo municipal, e a inscripção na lingua dos antigos conquistadores do mundo diz emphaticamente que «a 10 de maio do anno 1600 o senado e povo concentaneo *(senatus populusque concentaneus)* se ligou por voto a festejar a solemnidade do dia de Santo Hyppolito e o tomou á sorte por seu padroeiro.» — E então não é curioso ver um *alcalde* e alguns *paysanos* juntos em *concejo*, ao sahir da missa conventual, appelidarem-se orgulhosamente *senatus populusque*, como os patricios e curias de Roma promulgando um plebiscito, que devia reger o mundo então conhecido?...



Um filho do doador d'estes paineis foi quem deu celebridade ao appellido de Espinosa na pintura hespanhola: nasceu em Concentayna a 20 de julho de 1610, e teve o nome de Jacintho Jeronymo. Discipulo de seu pai, parece segundo uma tradição admittida em Valencia, que tambem tomou lições de Francisco Ribalta; e até se julga que foi estudar algum tempo á Italia na eschola bolonhesa. A sua vida não offerece particularidades notaveis, tendo-a passado no retiro e trabalho. Valencia gloria-se, e com rasão, de haver conservado quasi todas as obras d'este excellente e laborioso artista: Cean-Bermudez designou por seus nomes perto de cincoenta quadros religiosos, só nos conventos e igrejas d'esta cidade, devidos ao pincel d'Espinosa, e pela maior parte importantes pelo objecto e as dimensões. Ha vinte a trinta do mesmo mestre nas outras cidades da provincia, e attribuem-lhe outros mais, que parecem ser de seu filho, Miguel Jeronymo que o imitou na maneira, sem comtudo o igualar.

Todas as obras de Jacintho Jeronymo d'Espinosa recommendam-se pela gravidade d'estylo, por um desenho rasgado mas correcto, pelo claro-escuro vigoroso, por figuras graciosas e expressões mui nobres. Os seus quadros mais celebres, como *a communhão da Magdalena, a morte de S. Luiz Beltrão*, uma *Transfiguração*, podem dignamente sustentar parallelo com as obras mais formosas dos lombardos; e so faltou á gloria d'Espinosa a occasião de espalhar as suas pela Europa. Valencia perdeu nelle um dos ultimos artistas illustres, honra da sua eschola.

* * *

D. ANTONIO DE GUEVARA, BISPO DE MONDONEDO.*

3.ª

Perguntaes-me, senhor, quaes são as coisas com que mais asinha se ingana o homem, e mais promptamente se perde. E eu respondendo, vos digo que são quatro; a saber: a *cubiça* de muito ter, o desejo de *muito saber*, a experiencia de *muito viver*, e a presumpção de *muito valer*. Todo o homem que não quer tropeçar e cahir, de todas éstas coisas se deve precatar; por quanto muita sciencia vem a parar em loucura, o muito possuir engendra soberba, o esperar larga vida accarreta descuido, e o presumir de muito valor traz comsigo o menospreço: de maneira que cada uma d'estas quatro coisas basta para empecer, e ainda precipitar o homem.

4.ª

Perguntaes-me, senhor, quaes são as coisas necessarias a um bom Juiz, para que em verdade lhe chamem justo, e não seja notado de tyranno. A isto respondendo vos digo que são quatro; a saber: que ouça com *paciencia*, que responda com *prudencia*, sentencee com *justiça*, e execute com *misericordia*. Pelo contrário, se for impaciente no ouvir, vão em responder, parcial em julgar, e cruel na execução, bem longe de merecer cargo de justiça elle mesmo precisa justificar-se.

5.ª

Perguntaes-me, senhor, quantas coisas são necessarias para que um homem seja cordato em viver, e sabio em fallar. E eu a isto respondendo vos digo que são quatro; a saber: *ler* muitos livros, *peregrinar* muitos reinos, *passar* por muitos *trabalhos*, e intender de *grandes negocios*. O homem que não tem andado pelo mundo, que desconhece o estudo, que não tem soffrido trabalhos, e nunca se vio mettido em negocio grave, a este não ousarei chamar sabio, mas atrever-me-hei a o capitular de nescio.

6.ª

Quaes são as coisas que um homem pensa ter, e carece de todas ellas. Ao que respondendo, digo que tambem são quatro; a saber: muitos *amigos*, muita *cordura*, muita *sciencia*, e muito *podêr*. Não ha homem que deixe de ter sua ponta de loucura por mais que presuma de cordato, não ha homem tão poderoso que não possa ser d'outro vencido, não ha sabio que não commetta algum erro, nem homem tão bemquisto que não tenha algum inimigo secreto. Sendo a resolução de tudo isto, que temos menos amigos do que pensâmos, podemos menos do que queremos, sabemos menos do que presumimos, e somos menos do que blasonâmos.

7.ª

Perguntaes-me, senhor, que coisas são as com que um homem mais depressa se perde, e mais tarde se recobra. E eu respondendo, vos digo que ainda são quatro; a saber: *errar* os negocios no seu principio, deixar o conselho do *bom* amigo, metter-se no que *não deve*, e *gastar* mais do que tem. O homem que no começar os negocios é precipitado, que não toma conselho com o que é sabio, que se involve em negocios muito a fundo, e que gasta mais do que seu patrimonio comporta, este tal apenas será bemquisto de poucos, e murmurado de muitos.

8.ª

Perguntaes-me, senhor, quaes são as coisas, á vista das quaes seria menos mal a um triste ver-se morrer do que havel-as de padecer. Ao que respondendo digo que são quatro; a saber: *pobreza na velhice, enfermidade na prisão, infamia depois d'honrado, e desterro da sua Patria.* O homem com effeito que se ve prêso e enfermo, o que se vê velho e pobre, o que foi infamado depois de ganhar honra, e o que se vê desterrado sem esperança de voltar ao proprio paiz, menos mal encontraria n'uma honesta morte do que n'uma tão infelice vida.

9.ª

Perguntaes-me ainda quaes são as coisas que aborrece Deus, e abominam os homens. E eu respondo que são quatro; a saber: o *pobre soberbo*, o *rico avaro*, o *velho deshonesto*, e o *moço despejado*. Quando ao mancebo falta a vergonha, ao velho a honestidade, ao pobre a humildade, ao rico a charidade, ai! da republica em que tal succeder, ai! do homem que viver nella.

* Continuado de pag. 54.

10.ª

Perguntaes-me, senhor, quaes são aquelles que verdadeiramente tem amigos de quem se fiar, e dos quaes se possam applaudir. A isto respondendo digo que são tambem quatro; a saber: os *eloquentes*, os *liberaes*, os *poderosos*, e os *bem condicionados*. O homem que tem boa graça no fallar, o que é generoso em dar, o que é humano em mandar, e o que é doce e agradavel em tractar, este vivirá na boa graça de todos, e nunca lhe faltarão amigos.

11.ª

Perguntaes-me quaes são as coisas de que o homem mais amargamente se queixa, e que mais atormentam o coração. Ao que respondendo digo que tambem são quatro; a saber: a *morte dos filhos*, a *perda dos bens ganhados*, a *insolencia dos inimigos*, e a *loucura dos amigos*. Com effeito, terrivel tormento deve ser para o coração d'um homem enterrar o filho que criou, perder a fazenda que trabalhosamente adquiriu, estar sujeito ao seu inimigo, e ver demente ao amigo. Quatro coisas são estas mui dignas de sentir, e bastantes para chorar.

12.ª

Perguntaes-me, senhor, quaes são as coisas de que o homem mais murmura, e de que mais se impacienta. A isto respondo, e digo que são quatro; a saber: *servir e não agradar*, *pedir e não se dar*, *dar e não lh'o agradecer*, *esperar e nunca vir*. Em verdade que o homem ao qual se não reconhece o que faz, a quem refusam o que pede, ao que não galardoam quando serve, e não alcança quando espera, este tal poderá soffrer tão máu tractamento, mas impossivel será enfrear a lingua.

13.ª

Perguntaes-me, senhor, quaes coisas são as que nunca se fartam, porque primeiro se morre. Ao que respondendo digo que são quatro; a saber: as *orelhas d'ouvir*, as *mãos de ajuntar*, a *lingua de fallar*, e o *coração d'appetecer*. Por mais que seja vicio, e que tenha o corpo quebrantado, jamais se farta a bôcca de dizer cousas superfluas, nem os ouvidos d'escutar novidades, nem as mãos de juntar riquezas, nem o coração de desejar coisas vans.

14.ª

Perguntaes-me quaes são as coisas que não se podem deixar de sentir, e muito menos d'occultar. A isto respondendo vos digo que são quatro; a saber: a *riqueza*, o *amor*, a *dor*, e o *desamor*. Conhece-se o amor no suspirar, o desamor no olhar, a riqueza no despender, a dor no queixar; de maneira que estas quatro coisas ainda que se possam por algum tempo dissimular, se não podem por largo espaço encubrir.

15.ª

Perguntaes-me que coisas são as com que um Soberano melhor se sustenta, e mais lhe convem. Ao que respondo, e digo que são quatro; a saber: *ánimo* para soffrer, *coração* para dar, *graças* para pagar, e *clemencia* para perdoar. Todas as fraquezas e descuidos se podem, e devem dissimular a um Principe quando nelle se encontra magnanimidade para perdoar as injúrias, largueza d'alma para fazer mercês, memoria para gratificar serviços, e paciencia para soffrer os trabalhos.

16.ª

Perguntaes-me quaes as coisas de que mais um cavalheiro se deve guardar, e de que mais póde ser notado. Ao que respondendo, vos digo serem quatro; a saber: *covardia*, *escasseza*, *mentira*, e *injustiça*. O cavalheiro que for covarde na guerra, escasso em casa, tyranno no govêrno, e mentiroso no tracto, mais azado estava para conductor de récuas do que para homem de prol.

17.ª

Perguntaes-me, senhor, que coisas se podem facilmente perder, e senão podem jamais recobrar. A isto respondo e digo que são quatro; a saber: a *virgindade*, o *tempo*, a *pedra*, e a *palavra*. Esteja certo qualquer homem, e ainda qualquer mulher, que é de tal condição a virgindade depois do matrimonio, o tempo depois de passado, a pedra depois de despedida, e a palavra depois de sôlta, que bem poderá o dono d'estas quatro coisas chora-las, recobra-las nunca.

(Concluir-se-ha).

OS FIGUEIREDOS.

O célebre cancioneiro, ditto do Collegio dos Nobres, porque ahi estava quando Lord Stuard houve a cópia d'elle que imprimiu em París, é provadamente um manuscripto do seculo XIII, e contêm uma collecção de poesias tam perfeitas ja de metro, tam artificiosas na rhyma, de uma linguagem tam apurada que ninguem se atreverá a dizer que similhante litteratura possa ser producto e expressão de uma civilisação que principia, de uma lingua que está balbuciante. Não é aquella a poesia primitiva da nação que se declarou independente no Campo de Ourique, e que com sua mais proxima irman, a das provincias gallegas, fallava ha muito uma lingua, doce e energica, menos forte talvez, porêm menos aspera tambem que a que viera das Asturias apperfeiçoar-se em Leão para ir d'ahi a Castella e vir a dominar na maxima parte das Hispanhas.

Os codices contemporaneos não nos conservaram nada d'essas primeiras tentativas poeticas n'esta extremidade da peninsula iberica. A tradição oral dos povos, e alguma coisa que d'ella se colligiu nos fins do décimo quinto e no décimo sexto seculo, são as unicas reliquias que nos restam.

Nem todas serão authênticas: não pretendo pelejar sôbre isso: algumas teem inteiro character de o serem.

Começa a historia da poesia portugueza com a mais romanesca e romantica aventura das primeiras eras da renascença christan da Peninsula. É a que celebram as trovas dos Figueiredos, verdadeira cantiga narrativa feita em linguagem popular para commemorar um grande feito, acreditado por certo, e havido por glorioso na opinião dos povos. Taes são os characteres distinctivos da poesia primitiva das nações; e todos elles se verificam n'esta pequena composição que tanto desconceituaram de genuina, especialmente n'estes ultimos tempos, o merecido descredito do primeiro historiador que a publicou, Frei Bernardo de Brito.

O bom do frade contou muita fábula, como todos os collectores das coisas primordiaes de uma nação, que se vão perder sempre em maravilhas, confusas entre a luz e as trevas, do crepusculo de seus primeiros seculos. Mas parte d'essas fábulas, se são fábulas, ja muitos centos de annos antes d'elle, tinham obtido credito geral.

E assim foi no presente caso.

Tambem não ha razão nenhuma para duvidar de que no seculo XVI Frei Bernardo ainda achasse na tradição oral do povo um romance composto quatro ou cinco seculos antes, quando ainda hoje vemos conservados na mesma tradição outros romances e cantares que positivamente sabemos, por documentos irrefragaveis, terem, quando menos, egual número de seculos de existencia. E estes teem luctado com a acção incessante da civilisação, da litteratura mais pretenciosa e polida, do tracto dos extrangeiros, e da imphiltração dos usos e costumes novos que tudo o que era antigo teem obliterado; quando do seculo dôze ao decimo sexto, sôbretudo no centro do reino, não operou de certo nem ametade de egual fôrça.

Mui adulterado achâmos sem dúvida o que se conservou na bôcca do povo; mas sempre menos do que a sua linguagem usual, porque até muitas palavras elles repettem, no cantar e recitar dos romances, que não sabem o que significam, nem as usam no tratto commum da vida.

Como querem pois os criticos achar, em coisas que so no seculo dezeseis passaram da tradição oral para a escriptura, todos os characteres da linguagem dos remotissimos tempos em que foram compostas? Como se hade, em boa razão, pretender confrontar o que so foi codificado no tempo de Fr. Bernardo de Brito com o que está cuidadosamente escripto em bom pergaminho desde elrei D. Affonso III? É todavia ésta a confrontação que fazem os criticos modernos das *Trovas dos Figueiredos* com o *Cancioneiro do collegio-dos-nobres*, e com os documentos dos archivos do reino; e d'ella é que tiram o principal argumento para negar áquellas a sua prioridade.

Vamos á historia do nosso Goesto Ansur, que foi o heroe, senão é que tambem o cantor, da aventura que celebram aquellas trovas.

Portugal, e o mais de Hespanha que obedecia aos reis de Asturias e Leão, pagava aos moiros o indigno tributo das cem donzellas, que todos os annos se escolhiam d'entre as mais formosas, desde que o infame rei Mauregato se obrigára a este vergonhoso feudo para obter a protecção do rei Abderrhaman de Cordova. Faziam as auctoridades christans a derrama pelas terras, mas os moiros é que vinham cobrar.

Quasi como na décima de hoje, que as junctas do govêrno fazem o lançamento, e as companhias dos agiotas a cobrança.

Á espalda da serra, na ricca margem do norte do Mondego, vivia então em seus antigos paços, nobre mas chan residencia que de nenhum modo se deve confundir com o castello torreado dos barões feudaes, que por ca não tinhamos ainda, uma antiga familia puritana, que, senão era do real sangue de Pelaio ou do último Rodrigo, não pertencia a menos genuino nem menos fidalgo sangue godo.

Curvado de annos e de fadigas o velho Ramiro, digno representante de todo o orgulho e pretenções de sua antiga raça, olhava triste e desconsolado para a sepultura de seus maiores que ja se abria a recebê-lo, porque não via em tôrno de si herdeiro de seu nome, que lhe fexasse os ôlhos com as mesmas mãos com que havia de impunhar a sua espada de guerra, e guiar o seu cavallo de batalha. De dois filhos que tivera ambos lhe morreram na flor da idade, pelejando nas incessantes lides da reconquista. Restava-lhe uma filha, bella, carinhosa e amante, digna de encher de consolação e doçura o coração de seu velho pae.

Mas ao vazio da ambição não lhe bastam affectos tam suaves. Era sua filha, queria-lhe como a tal: herdeira de seu nome, perpetuadora de sua raça não era. Sentia-se morrer, e morrer de todo, apezar d'ella, porque o mais vantajoso casamento em que a collocasse não faria senão a continuação de outra linha, não iria senão perpetuar outro nome — talvez inimigo, decerto rival da grandeza e do lustre do seu.

É preciso conhecer toda a mesquinhez, todo o egoismo da vaidade aristocratica, para conceber os ineffaveis tormentos d'aquelle infeliz que, nos accessos mais pungentes da dor, chegava a blasphemar da Bondade Divina, a maldizer a sua bemaventurada paternidade. O desgraçado antes quizera ser orpham de prole...

E a inveja, outro cancro roedor de taes corações, a inveja comia-o com dentes impeçonhados quando via passar deante de si a flor dos mancebos do logar, Goesto Ansur, o filho querido e unico do mais pobre, mas do mais honrado lavrador d'aquelles contornos.

De bom sangue christão, mas sem pretenções, nem direito conhecido de as ter, a essa nobreza convencional que se funda na tradição ou na historia, a familia de Goesto Ansur era antiga n'aquelle alfoz ou aldea; tinham tido grande lavoura e muitas terras suas. Más colheitas, a dureza do fisco, e as desgraças da guerra, a haviam reduzido abaixo da mediocridade.

Quasi da edade de Ramiro, e eguaes de annos entre si, os pais de Goesto Ansur viviam ambos ainda, e sentiam reverdecer-se, na última velhice, em um filho de bençam, o unico que Deus lhe dera, mas n'elle todos os thesoiros de sua misericordia. Um velho monge de Lorvão, seu tio affastado, lhe tinha dado uma tal qual educação, liberalissima para aquelles tempos. Talvez o frade esperou fazer alli um successor ás grandezas e honras monasticas... inganou-se porêm. O joven Goesto não deixava seus paes nem a sua granja pelo palacio dos reis em Oviedo, o seu saio pardo mas elegantemente trajado e cingido, pela purpura do padre sancto de Roma ou dos imperadores de Constantinopla, quanto mais pela cogulla preta d'um benidictino!

Ainda se fosse pelo arnez do cavalleiro!... Cavalgar um cavallo de batalha, sentir tinir-lhe a espada á esquerda, soppezar a lança na direita, incommendar-se a Deus e á sua dama ao investir com o pagão sarraceno, cuja suberba vai castigar... Oh! sonhos d'esses ainda o tentam ás vezes, quando em dias folgados de outra occupação, discorrendo pelas solidões do monte, cançado de correr apoz do cervo fugidio, ou de esperar o javali furioso, — ia sentar-se n'um tronco ou n'uma pedra a pensar... em quê? Na sua vida? Não é ella feliz? Contente do seu pouco, sem ambição, sem desejos de grandeza, que lhe falta? Ha no seu coração algum pezar occulto?

Ha: Goesto Ansur ama; e ama sem esperança, porque o objecto do seu amor é a joven e linda filha de Dom Ramiro, o orgulhoso filho-de-algo do seu logar, o suberbo godo que antes interraria a espada no coração da filha querida, — antes a dera ao collector do tributo de Mauregato para ir servir de infame ornamento aos harens de Cordova, do que dá-la, em honra e virtude, ao simples filho de um lavrador.

Bem o sabe Goesto Ansur; e por isso não sabe, não desconfia siquer de sua paixão o adorado e innocente objecto que a inspirou. Treme, não por si, mas por ella, horrorisa-se com a so idea de lhe deixar adivinhar o que sente. Para infeliz basta elle, e menos o será se for so.

Tinha passado a primavera com grandes chuvas e tempestades aquelle anno; fechára o mez de Sa'-João pouco mais suave. Mas Julho vinha com todo o esplendor, com todas as iras atelli reprezadas e incubertas de um estio ardente e devorador.

Tambem chegava o tempo de se colher n'aquelle districto o tributo annual das donzellas. Coubera, por derrama á nossa aldea, dar uma victima para o Minotauro de Cordova. O proximo domingo era o dia apprazado para o sorteamento; os collectores moiros ja estavam no logar, e no mesmo dia deviam pôr-se a caminho com a sua preza. O terror e a esperança luctavam no semblante de todos...

Goesto Ansur, a quem todas as fibras do coração estremeciam e estallavam de raiva e de despeito ao approximar-se aquelle dia de infamia e deshonra pública, fugiu de o presencear, segundo seu costume; e havida licença dos paes, que sympatizavam com seus generosos sentimentos, sahiu do logar, e entrando pelas matas e devesas da serra com seus cães, e buscando caça, que pouco lhe importava achar porque so queria fugir do povoado, vagou dias e noites por aquellas deliciosas e ermas solidões que a todas as perfeições da natureza juntavam as de rara vez sentirem na sua relva o pe, reflectirem em suas aguas a figura do mais feroz dos animaes da creação — o homem.

Chegára no emtanto a véspera do fatal dia. Ramiro sente um vago presentimento opprimir-lhe o coração mais fortemente... Será receio de que a fatal sorte lhe caia na filha? Não; quando fosse tam atrevido o destino que ousasse faltar-lhe ao respeito, o povo estava costumado a ver os grandes isentarem-se dos tributos de toda a especie, nem faltavam donzellas formosas e pobres entre as quaes, por poucos bezantes, se acharia quem substituisse a donzella nobre e ricca.

O temor de D. Ramiro não se fixava n'este receio, nem em nenhum... e todavia estava mais melancholico e triste do que nunca... Incaminhou-se ao adro da egreja a tomar a presidencia do tam solemne e vergonhoso acto, que lhe pertencia como a consul e alvazir, primeiro magistrado que era da terra.

A campa dobrou tristemente como em trintairo de grande dó. Junctaram-se lentamente as temerosas familias. O terror está em todos os semblantes femininos, a indignação no rosto de todos os homens. Escrevem-se as sortes fataes, revolvem-se na urna. Tirou-se o votado peloiro... Que nome sahiu? O clerigo titubeou — olhou para D. Ramiro, solettrou, parecia duvidar do que via, mas, vendo a impaciencia em todos os semblantes, pronunciou alto: 'D. Mecia.'

— Ouviu-se um sussurro geral em que ao mesmo tempo se confundiam o espanto, a alegria e a compaixão.

Um surriso despeitoso mas incredulo increspou os beiços do filho-de-algo.



Composição e des. de Bordallo. Gravura de Coelho.

— 'Lede melhor, ou, por S. Thiago, que vos farei tonsurar mais cerceamente 'padre.'

O clerigo tremeu, fez-se branco, fez-se vermelho, mas leu de novo e em mais distincta voz: 'Dona Mecia.'

Dom Ramiro levantou-se com um estremeção de cholera... mas passou-lhe. Conteve-se, e voltando-se para os Arabes — 'Até á noite por algum modo se hãode cumprir as ordens d'elrei.'

Fez signal a todos que se retirassem, e elle tomava o caminho de seus paços. O povo não se movia. Começou a ouvir-se aquelle sussurro que denota a effervescencia popular. Foi-se levantando, foi crescendo como cresce a tempestade no mar e a sedição na praça, rompeu em vozes claras e distinctas. Era uma revolução verdadeira.

— A sorte decidiu, cumpra-se a sorte!

— Pena é, pena é, mas foi a sua sorte.

— É de melhor sangue que nossas irmans e nossas filhas? Mas a sua alma não custou mais a Jesu-Christo que nos remiu a todos com o seu.

— Não: os senhores e filhos d'algo que soffrem este infame tributo que o paguem. A vergonha é toda sua; que a ajudem a pagar tambem.

E gritavam e bradavam, e corriam, e teem cercado o paço de D. Ramiro — e Mecia aterrada, sem sentidos, é entregue aos soldados arabes que não esperam mais, partem.

D. Ramiro estendido por morto no chão é levado nos braços de seus familiares, que em vão se esforçam pelo soccorrer.

Os olhos fechados, a voz morta, a respiração appressada e incerta, frio ja todo o corpo, o coração e a cabeça, era a agonia que chegava... e que agonia, meu Deus!

A. G.

(Continúa.)

BIBLIOGRAPHIA.

REVISTA ACADEMICA.

JORNAL LITTERARIO E SCIENTIFICO PUBLICADO EM COIMBRA.

Em Portugal não ha critica — este facto é triste, mas ninguem o póde negar. — Lá fóra ainda se diz ácêrca dos au tores — que só quem não tem padrinho morre moiro; entre nós nem o padrinho val, porque a bem dizer não ha modo de escrever meia duzia de linhas sôbre qualquer coisa que sáia a lume.

Se a analyse é grande, dizem que é de pedante, e isto sem a lerem, só porque a mediram com a vista; — se está escripta com bastante concisão, valha-nos Deos, começam a bradar contra os jornaes litterarios porque se transformaram em jornaes de annuncios. E para maior desgraça não é só os artigos de critica litteraria que são julgados d'este modo, por isso que o furor da republica censoria nada poupa, nem o romance, nem viagens, nem sciencias, em summa o que póde instruir e deleitar.

Sejam lá juizes com taes almotaceis. Mal de nós se quizessemos contentar essa gente que por habito e necessidade diz que tudo é máu; se o fizessemos seriamos mais merecedores de motejos e censuras do que o velho e o rapaz de uma das fabulas do bom Lafontaine, que para não soffrerem os ralhos do mundo até carregaram com um burro ás costas.

É mister ver mais do que esses miopes da intelligencia, e com a mão na consciencia caminhar ávante pelo caminho que uma vez se traçou.

Em quanto a critica independente e justa se não cria, em quanto lhe não marcam os limites em que deve exercer o seu poderio, e os principios em que hade assentar; — os progressos da litteratura de uma nação — os esforços que faz para se regenerar, não são coisas que se arremecem para o abysmo do esquecimento.

Os jornaes teem rigorosa obrigação de louvar, e aconselhar as animosas filhas da intelligencia, que se apresentam armadas para vencerem a ignorancia, porque não devem permittir que a ingratidão inutilise os seus esforços.

Fieis observadores do que deixâmos exposto, e sem pertenções vaidosas contentar-nos-hemos com o titulo de Bibliographia para os artigos em que houvermos de expender o que pensâmos ácêrca de algumas publicações litterarias.

Bem sabemos que o titulo na sua verdadeira e genuina accepção não é modesto; mas na accepção em que vulgarmente é tomado, parece-nos que não deixa de o ser. — Pelo menos só com este desejo o escolhemos. Talvez tenhamos desgostos; — paciencia. A pureza das intenções será a nossa consolação.

Hoje é moda olhar unicamente para o máu e não ver o bom; — pois bem, não seguiremos a moda.

E em quanto não chega o tempo de justiça implacavel e sem contemplações, annunciada ha muito, iremos fazendo a justiça que podermos sem grande alarido, nem preceitos rigorosos.

Desejâmos ser justos, mas não queremos ser severos.

Como é de bom irmão preferir o seu sangue ao alheio, antes de fallarmos em algumas obras litterarias de bastante valia, fallemos de uma das que tem mais subido valor e que por tantos motivos merece as nossas simpathias. — Annunciemos, ainda que mais não seja, a publicação dos sete primeiros n.^{os} da *Revista Academica, Jornal litterario e scientifico, publicado em Coimbra*. Se acompanhassemos este annuncio de uma relação dos seus illustres redactores e collaboradores, teriamos feito o elogio de uma publicação que muito honra a nossa patria e a mocidade academica. — Se quizessemos fazer esse elogio mais completo teriamos de lhe juntar um periodo de algum artigo, e para este fim só a escolha nos seria difficil, porque encontraremos muito merecimento em differentes generos. — Pensamento profundo e proveitosa erudição nos artigos do Sr. G. de A. intitulados — A Religião christã e a Philosophia — e' do Sr. S. B. sôbre a influencia do christianismo, sôbre a civilisação; e n'outros que o espaço não permitte enumerar; amor do bem público em outros que pelo mesmo motivo não mencionâmos, e sublime inspiração em mais de uma pagina d'esse jornal cheio de vida e de esperança no futuro. A linguagem é corrente e amenisada pelas formosas flores, que a poesia intima desabrocha nas almas d'esses mancebos que tão solemnemente dão um documento da sua dedicação ao estudo, e das suas boas intenções — Coimbra póde-se dizer que é hoje o alcaçar da poesia nacional: — As memorias do Buçaco; e Trovador, e outros jornaes que por desgraça tiveram pouca vida provam o que fica dito. — Oxalá que a empreza da Revista Academica se organise de modo que tenha uma duração certa sem interrupção que nos privem de gosarmos a sua leitura. — Sabemos que a vida do estudante é aventurosa e muito incerta, por isso nos atrevemos a lembrar um ponto, que poderá fazer com que o tempo não damnifique essa bem lavrada pedra com que tam habeis mãos vem ornar o monumento incompleto da civilisação.

Na Revista Academica, alem dos nomes dos mais distinctos estudantes da Universidade, e de alguns dos seus professores, apparece um nome hoje popular em Portugal, e que desde a fundação do Panorama tem sempre andado unido ás emprezas, que por meio de jornaes intentam illustrar o paiz. Apesar da valiosa collaboração com que tão distincto litterato honra o jornal em que escrevemos, seria impossivel que deixassemos de o louvar, não como merece, mas como o póde fazer o nosso mesquinho talento; mórmente tendo de dar á nossa patria a boa nova de que ja não é impossivel que um dia todos admirem trasladada para o nosso opulento e formosissimo idioma uma das mais peregrinas producções do saber e da inspiração da Allemanha; pois que se o Sr. Alexandre Herculano poder roubar algumas horas aos seus tam queridos e uteis estudos historicos, Klopstock terá o mais digno e illustre dos seus numerosos traductores. — O fundamento d'esta esperança é um fragmento dessa traducção que o Sr. Herculano publicou em a Revista Academica — *O Demonio arrependido e o Demonio contumaz* — e do qual não podemos deixar de arrancar para esta pagina o mais formoso e encantador brilhante que entre tantos de egual valor nos deslumbrou

. . . .

Lamentava-se assim voltando a face
Para um dos lados, tremulo, alterado
Pelo alado trovão e pelo brilho
Dos astros d'Orion que a encontral-o correm
Ao penetrar na immensidão dos orbes,
Eras tinham passado em que os não vira,
Na soledade immerso e entregue todo
Á sua desventura: então immovel
Pensativo os olhava e assim dizia:
« Penetral venturoso, ah! que eu podesse
« Voltar por ti do Creador aos mundos
« E nunca mais entrar no escuro abysmo
« Da maldição! — Oh soes innumeraveis,
« Filhos da creação! que vós fulgente
« Não era eu mais, quando do Eterno ao grito,
« Surgistes fulgurantes, despedidos
« Lá da mão do Senhor! — Ora eis-me envolto
« Na minha escuridão, maldicto e odio
« Do sublime Universo! — Oh ceu fulgente
« Ao ver-te gélo e tremo! — um criminoso
« E la que eu fui — la fui de Deus contrario!
« Tu, socego immortal onde ficaste?
« Tu, socio meu no valle da alegria?
« Ah em logar de ti um triste espanto
« O meu juiz apenas me concede,
« Ao ver os mundos seus! — Fosse-me dado
« Senhor chamar-lhe ajoelhando, ao menos!
« De bom grado de pae cedêra o nome,
« Nome terno, que dar-lhe os anjos podem,
« Que lhe foram fieis, que são seus filhos.

. . . .

So a muito custo resistimos á tentação de trasladar para aqui até ao cabo este grandioso trecho de poesia tam energicamente expresso pela nossa lingua, capaz das maiores bellezas quando é manejada por tão habil mestre como o Sr. Herculano. Parece-nos que estas nossas breves considerações revelarão ao leitor quaes são os meritos da Revista Academica, que só em Coimbra se podia publicar para em todas as suas paginas manifestar o enthusiasmo e a crença, que nessa nobre cidade das lettras domina os representantes da nova geração.

Ja houve tempo em que os mancebos de Lisboa os imitavam no ardente amor com que zelavam as suas glorias litterarias, hoje apenas existe um resto d'esse enthusiasmo, e Deus o conserve para gloria d'esta nossa terra.

Folgaremos que neste ponto Coimbra seja mais ditosa de que Lisboa.

O tempo a que nos referimos ainda não vae longe, e apesar d'isso ha tanta differença entre o presente e esse passado que apenas se começou a sumir no vasto sepulchro dos tempos que foram! — Os mancebos estudiosos eram todos amigos, até mesmo os que se não conheciam, porque amar o estudo era o mesmo que contar com a amizade de todos quantos presarem as lettras. — Hoje a amizade está nas palavras, a inveja e a ingratidão na alma, e todos sacrificam a um epigramma as mais santas affeições. — Esperamos que ainda em Lisboa os mancebos se hãode estreitamente unir para cultivar em commum as lettras e sciencias, quando de todo passar esta quadra de ironia amarga e scepticismo satanico que não deixa medrar uma só flor de enthusiasmo no arido caminho da vida.

Temos fé em que esse tempo hade chegar, mas Deus conserve sempre a Coimbra a crença e a esperança que tanto brilham na Revista Academica.

S. J. R. DE SÁ.

NOTICIAS.

— Consta-nos que da officina do Sr. Manuel Luiz vae sahir uma bella estampa, que faz parte da serie dos excellentes desenhos lithographicos do Sr. J. J. Lopes: este esmerado trabalho tem merecido o applauso do público entendedor, e com effeito no seu genero nenhum o iguala na suavidade dos toques, gradação das meias tintas, gracioso do desenho, acabamento dos accessorios, e expressão das phisionomias. É uma collecção de retratos dignissima de ornamentar a sala magestosa do opulento, e o gabinete modesto do homem estudioso. — Os estrangeiros lhe tem dado apreço; ha pouco nos veio á mão o *Morning Herald* de 20 d'Agosto do anno passado, onde se lê o seguinte:

Lithographia portugueza. « Tivemos o gôsto de ver uma serie de desenhos em lithographia, executados em Portugal pelo Sr. Lopes, que tem a patente de Major no exercito portuguez. O estylo destes specimens acreditaria qualquer paiz da Europa, sem exceptuar França e Alemanha, onde a lithographia tem chegado ao maior auge de perfeição. Os exemplares que temos á vista são cinco, e consistem em cabeças femininas e elegantemente desenhadas, representando Anna d'Austria, Catharina da Russia, a celebre actriz Rachel Felix etc. — No desempenho destas cabeças o artista conseguiu unir grande delicadeza no acabado do desenho com vigor consideravel no effeito geral, ao mesmo tempo que um toque expressivo, e uma graciosa liberdade d'estylo tornam estes desenhos notavelmente agradaveis. São mui favoraveis amostras da arte lithographica em Portugal, onde atéagora tem sido pouco praticada, e ainda menos conhecidas suas obras. »

— Tem continuado a liquidação da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis, e constanos que em um dos leilões, a Sr.ª Viuva Henriques arrematou a propriedade litteraria do lindo conto do Sr. Mousinho d'Albuquerque — Ruy o Escudeiro; e os poucos exemplares que restavam da primeira edição. Faz uma boa acquisição porque este bonito livro alem do seu merito litterario póde considerar-se como um elegante specimen da typographia portugueza, sendo ao mesmo tempo uma das mais evidentes provas dos progressos que teem feito entre nós a gravura em madeira. Este livro é um bello presente e uma encantadora leitura.

ENIGMAS PITTORESCOS.

EXPLICAÇÃO DO ENIGMA DA FOLHA ANTECEDENTE.

O mal feito á pobreza acarreta geral desprêzo.



SUMMARIO.

OS FIGUEIREDOS. *

Como succede depois das grandes demonstrações da energia popular, o povo da aldea, aterrado de sua propria energia, e com tanto maior medo da vingança quanto, posto que dura e cruel, justiça era o que tinha feito, o povo recolhido a suas casas e cabanas, nem dentro d'ellas ousava fallar. E o dó entrou em seus corações. E as mães que ja não tremiam pelas filhas, choraram pela pobre D. Mecia — orpham, coitadinha, sem mãe para a carpir... última descendencia de tam nobre sangue! E boa... e o bem que ella fazia aos pobres!

Os homens ja se interneciam tambem.

— Mas quem havia de ir em logar d'ella! Minha filha tua irman?

— Deus nos defenda! a Virgem seja comnosco!

— E nos dê melhor rei do que temos!

— Queimado seja elle no fogo eterno para sempre, rei que reina por tal preço!..

Começavam-se a irritar outra vez os animos; mas a massa estava dispersa e cançada — não tornava a levedar.

Os moiros, contentes da bella prêsa que levavam, corriam com ella sem descançar para o depósito que tinham n'outra terra mais forte e segura e de donde, em caravana bem guardada, haviam de cortar direitos ao sul para entrarem em terras de puro senhorio musulmano, e em que ja não havia que receiar até Cordova.

Andaram toda a noite, andaram com sol nado até ser intensa a calma. Chegavam a um sítio ameno e delicioso pela frescura das aguas e pelo viçoso das árvores que as cubriam. Era um largo bosque de figueiras cujas amplas e grossas folhas vedavam todo o sol e convidavam ao repouso com sua sombra — sempre traidora vulgarmente se crê.

Pararam os moiros cubiçosos de aproveitar o sítio e a hora, mas receiavam e duvidavam. Senão quando, vêem chegar outro tropel maior da sua mesma gente que conduzia egual tributo das terras circumvizinhas. Juntaram-se, assentaram descançar, e que d'alli continuariam junctos e mais seguros sua derrota.

Com D. Mecia faziam sette as tristes e chorosas donzellas que alli se incontraram; os moiros que as guardavam, uns vinte por todos. Estes fizeram suas abluções e salames, comeram, e em poucos minutos, prostrados da fadiga e da calma, jaziam sepultados em profundissimo somno.

Não dormiam as desgraçadas virgens christans que, approveitando aquelles curtos momentos de precaria liberdade, começaram a carpir-se, mais soltamente ao menos, com lagrymas mais folgadas e em palavras menos imbargadas do medo.

Uma se lembrava da mãe que nunca mais se consolaria, outra das irmans que não tornava a ver — ésta do pae que deixou por morto — aquella do amante que morreria de certo.

Mecia não chorava nem se carpia: a sua dor era maior que nenhuma d'essas dores.

Com olhos no caminho por onde viera, e procurando n'aquella direcção rastrear a do seu alfoz, da sua tam saudosa e querida aldea, Mecia estava como absorta na contemplação da sua immensa desgraça. Cuidavam n'a as outras resignada ou insensivel, deixaram-n'a.

Derepente do cantinho onde estava, Mecia dá um grito, levanta-se, quer correr, mas cai sem fôrças no chão, e desata a chorar.

Goesto Ansur estava aopé d'ella.

A explicação era facil e foi rapida.

Goesto Ansur não ouvia senão o seu coração, toda a razão, toda a prudencia desattendeu. O seu amor, que nunca pensára declarar, disse-lh'o n'aquella hora terrivel. Mecia ouviu-o e chorou. Elle jurou salvá-la e libertar as suas innocentes companheiras.

So, sem armas como o fará?



Composição e des. de Bordallo. — Gravura de Coelho.

Amor e desesperação fazem prodigios. Esgalha um forte tronco de figueira, e armado d'aquella poderosa massa, dá sôbre os moiros adormecidos, fere, mata, e confunde por tal modo os descuidados guardas que, antes de bem acordados, a maior parte d'elles tinham recahido em mais profundo somno, o da morte. O resto succumbiu em breve. E elle fazendo cavalgar as jovens christans e tomando para si um dos cavallos dos arabes, parte com ellas, a todo o correr, para a sua aldêa.

Chegam: o povo alborotado se junta emtorno do libertador e das donzellas; seu pasmoso acto de valor excita os animos. Tomam as armas, juram de libertar a Hispanha christan d'aquelle vergonhoso tributo. De terra em terra, de provincia em provincia, lavra o sancto fogo d'aquella virtuosa rebellião. Elrei adopta porfim a querella nacional: a vassallagem e o feudo são negados aos moiros, que em vão querem sustentar com as armas o infame direito do vil trattado. Vencidos em muitas batalhas renunciam emfim.

E Goesto Ansur, o auctor e o sustentador d'aquelle grande movimento nacional, voltou á sua humilde situação cuberto de glória e de bençãos, o salvador da honra nacional.

Ramiro, tornado á vida pelas caricias e pela presença da filha, ouve com espanto a historia do seu milagroso resgate.

A desgraça tinha humanisado o seu coração; ás portas da morte tinha visto o nada das grandezas; e a gratidão triumphou de todos os seus preconceitos. Restituido á felicidade e á saúde, elle mesmo intregou a sua Mecia nas mãos de Goesto, e viveu para ver os filhos de sua filha crescer em belleza e virtude, sem degenerar do sangue de seu nobre avô, e mais illustres ainda pelo de seu nobilissimo pae.

A nova familia tomou o nome de Figueiredos que lhe deu a honrada façanha de Goesto; nome honrado e illustrissimo, que se espalhou com ella por todos os reinos da nossa peninsula.

Sería o mesmo Goesto Ansur, como alguns pretendem, que, nas trovas dittas ainda hoje dos Figueiredos, celebrou o seu generoso feito? Não o creio, mas creio que o thema popular de sua heroica resolução viveu por muitos seculos na lembrança dos povos agradecidos, e que posto n'esse ou n'outro parecido canto pelos singelos poetas dos primeiros tempos, assim foi passando de geração em geração, traduzindo-se insensivelmente de dialecto para dialecto, segundo elles se foram alterando na successão dos tempos até o decimo-sexto seculo em que se imprimiu.

As trovas são bem conhecidas, e hoje vulgares por muitas reimpressões em varios jornaes litterarios. Eu creio que a lição elaborada que possuo, colloccionada entre todas com muito escrupulo, e devidamente glossada, é a que se deve preferir. Em logar mais opportuno, que não hãode ser as columnas de um jornal, a heide publicar.

A. G.

* Conclusão de pag. 63.

O CASTELLO DE DUDLEY. *

Grandes riquezas tem dado á Inglaterra o quasi exclusivo tráfico das duas Indias, os vantajosos tractados com Portugal, com o Brasil e com outras nações, e o commercio espantoso e universal que sustenta, em desmesurado proveito seu, com todos os povos do mundo, desde o mais antigo de todos, a China, até os mais modernos, as republicas da America meridional. Mas o commercio externo pouco estende os seus beneficios além das grandes cidades mercantes, se ellas são, como Lisboa ou Cadiz, isoladas do resto do paiz por falta de communicações internas e por mingua de indústria. Duzias, centenares, ainda milheiros de familias, farão enormes fortunas; mas

* Conclusão de pag. 50.

a totalidade da nação ganhará pouco ou nada com essa fonte de prosperidade que, por falta de conducção, estagna nas reprezas das capitaes, e apodrece suas aguas salutares nos paues do luxo, da dissipação ou da avareza. Factos provam mais que tudo. Em que melhorou o interior de Portugal com o immenso e vantajoso commercio de Lisboa e do Porto durante bons tres seculos? Peiorou talvez com a emigração do agricultor e desemparo de lavoura. Todas as riquezas da India e do Brazil paravam nas fozes do Tejo ou do Douro, sem podêr penetrar no interior do reino; e, ou amuavam nas burras de alguns ricassos, ou iam para a Hollanda, para Inglaterra inriquecer povos mais assisados e industriosos, ainda que menos favorecidos da natureza e da fortuna...

Entrámos na barca de ferro que officiosamente nos trouxera o nosso guia, e começámos a navegar pelo agente das varas dos barqueiros, e alguma vez tambem pelo de seus pés que fincavam descontra os lados do canal e assim a faziam mover rapidamente.

Levavamos archotes accezos, e iamos observando as diversas e picturescas perspectivas que nos appresentava a caverna. Um dos nossos cicerones caminhava por terra, saltando de precipicio em precipicio com uma ligeireza que nos espantava, inclinando a luz do seu archote para o que lhe parecia mais digno de ser visto: escolha em que raras vezes o inganava sua muita práctica do officio.

Aqui uma arcada immensa que parece a entrada de um templo de architectura saxonia — mais rude e pesada do que a vulgarmente ditta gothica — la um grupo de enormes pedras que semelham ruinas de um convento — alli um precipicio talhado a pique de uma altura que foge a vista de o medir — acolá uma ponte sôbre o canal que serve de passagem aos obreiros da mina, e que olhada de longe, com luzes sôbre a amurada, parece realisar um sonho de novella, ou uma imaginação do fidalgo da Mancha na sua visita á caverna de Montesinhos.

Andámos assim obra de uma milha, e fomos desimbarcar a um sitio que não distava do logar onde effectivamente andava a escavação. Quizemos ver trabalhar: era hora de descanço, mas obsequiaram-nos dando fogo a uma mina que estava carregada (assim é que começam os primeiros trabalhos d'esta mineração ou excavação).

Poz-se o fogo, deixando rastilho e murrão sufficiente para termos tempo de nos pôr a salvo. — Em poucos segundos rebentou a mina — e o effeito de todos aquelles echos repercutindo e reproduzindo o tremendo som, é impossivel descrever-se.

Tomámos a direcção de outra bôcca da espelunca, e emfim volvemos á luz do dia, não sem grande satisfação de respirar o ar livre, e de ver a terra dos vivos.

Parecia-me tam bella a pouca verdura que deixára a neve, tam incantadora e animada a vista de algumas escassas arvores que conservavam a folha! As pequenas casas que viamos ao longe na planicie, tudo me parecia tam animado tam cheio de vida, de acção, de variedade! O que fez a ausencia de poucas horas!

Suppuz-me n'aquelle instante um dos tantos infelizes que nas minas de Suecia e de Polonia nascem, vivem, e muitos morrem, sem ver a claridade do sol nem a luz creadora do dia. Que magnifico spectaculo não será para elle, se alguma vez chega a ve-lo, este universo — trivial para nós — ésta maravilha da creação que o hábito nos faz ja olhar com indifferença? Que objecto de espanto não será para elle ver voltear no azul do firmamento esse globo inflamado que esparge a luz, o calor, a animação por toda a vastidão da terra! Que comparação entre as suas abobedas subterraneas e a immensa abobeda celeste, diaphana e brilhante como a saphyra! O esmalte dos campos, o crystal das fontes, a folhagem das arvores, a mais singela florinha do prado... que objecto não hade ser de admiração e de amor para esse habitante de outro mundo, de um mundo creado pela cubiça do homem, de um mundo verdadeira obra de suas mãos!

Imbebido n'estas reflexões subi toda a incosta do monte, e me achei, sem o pensar, aopé do castello. O meu companheiro de viagem tinha ja passado o fôsso e estava debaixo da arcada da porta principal. Parei a observar o éxterior d'aquellas magnificas e tam bem conservadas ruinas, quando elle, tomando uma attitude de Amadiz de Gaula, me bradou: 'Senhor cavalleiro, que pretendeis d'este castello? Sabei que aqui está incerrada a muito nobre princeza D. Florimena de Aquitania a quem perseguem de amores vinte e quatro apaixonados importunos, e que ella jurou de não dar a sua mão senão a quem lhe trouxesse as quarenta e oito orelhas dos referidos descortezes e soezes maus cavalleiros...'

— 'Sei' — respondi eu, entrando de boamente na farça — 'sei, e por ésta boa folha o juro, que S. A. comerá as quarenta e oito orelhas de azeite e vinagre antes sejam passados tres dias.'

Folgámos e descançámos um pouco, e observámos que em verdade o nosso passeio d'aquelle dia tinha sido um perfeito romance. Foramos soccorrer uma bella infaute ou princeza ou coisa que o valesse nos subterraneos do seu incanto, e agora vinhamos ao seu castello descançar das fadigas de nossa gallante imprêza. O peior é que nem pagem á nossa espera, nem donzella para nos accompanhar e nos servir á mesa de um sumptuoso e delicado refresco em pratos de cristal, bandejas de oiro — senão é que nos levar depois tambem a uma deliciosa cama...

Comeffeito não me senti com fôrça de imaginação para povoar o castello e seus palacios. Os fossos estavam meio-atulhados; e apenas alguma agua de chuva — e essa gelada — enchia as partes do vallo em que elle ainda conservava alguma fundura. Um monte de intulho anivellado com o pavimento do castello intupia o vallo no sitio onde ja fôra a ponte levadiça. Passámo'-lo assim, e entrámos no espaçoso atrio ou praça d'armas do castello.

A faxada interior do edificio é irregular e de diversas architecturas, mais e menos antigas; mas, segundo me pareceu de uma porção mais moderna, não ha inda um seculo que deixou de ser habitado o palacio.

Todavia nem tectos nem sobrados existiam ja, nem portas nem janellas. E posto que o actual possuidor, á boa e louvavel moda ingleza, tem todo o cuidado de fazer reparar e ter mão em tam veneraveis reliquias, todas as paredes interiores faltam, e as outras estão bastante damnificadas.

Pequenas lascas de vidros de côres apenas se divisam em uma janella mais alta. O que está inteiro é a masmorra ou prisão feudal. Admiravel capricho do tempo que em sua obra de destruição quiz poupar aquelle monumento de barbaridade!

Agora que leio éstas linhas — depois de bastantes annos — me estou recordando da impressão que em mim fez aquella severa reliquia do antigo feudalismo, a primeira que vi de perto, que por assim dizer, toquei e palpei. Lembra-me que a memoria saudosa me esteve fazendo comparação d'essas asperezas com as placidas e suaves construcções de nossos monumentos d'essa era — tam patriarchaes, tam pacificos!

Ainda me estavam todas frescas no coração e no pensamento essas imagens e essas ideas, quando, poucos mezes depois, escrevia, no VII canto do Camões, aquelle *super flumina Babylonis* do meu primeiro destêrro:

Eu vi sôbre as cumiadas das montanhas
De Albion suberba as torres elevadas
Inda feudaes memorias recordando
Dos Brittões semibarbaros. Errante
Pela terra extrangeira, peregrino
Nas solidões do exilio, fui sentar-me
Na barcacan ruinosa do castello
A conversar co'as pedras solitarias
E a perguntar ás obras da mão do homem
Pelo homem que as ergueu. A alma inlevada
Nos romanticos sonhos procurava
Aureas ficções realisar dos bardos...

Triste realidade dissipava
Phantasias de vates. Nem selteira
Me bruxuleava namoradas côres
De bordado talim, serica banda
Por mão furtiva de gentil donzella
Deitada em hora esquiva ao cavalleiro
Que aventuras correr se vai ao Oriente
E a ganhar do infiel a terra santa.

Nada!.. So pelos fossos intupidos
Do desfolhar do Outomno e bronco intulho
De muros derrocados, toscas pedras
E immunda terra, á vista affiguravam
Insepultos cadaveres, golpeados
Membros, inda cubertos de aço e ferro,
Dos que em contenda injusta pereceram
Por vaidoso orgulho ou vão capricho
Do castellão suberbo. Nas ameias
Se me antolhavam horridas cabeças
Hirta a grenha, co'as carnes laceradas
Do corvo, certo amigo dos tyrannos
Que regalado o trazem.....

Aopé d'essas janellas recortadas
Em que inda o tempo conservou vestigios
Dos ja pintados vidros, fresta escassa
Dá luz medonha á escuridão sombria
De fetidas masmorras inda inteiras,
Mais duradoiras que os salões dourados;
Como se a edade, que destruiu palacios,
Memorias de prazeres, luxos, pompas,
Catasse mais respeito a esses vestigios
De atrocidade e crimes — e escrevesse
Ao passar, com a foice inferrujada
No limiar d'essas portas: 'Escarmento
As gerações por vir.' — Doia-me alma
Na solidão das ruinas; e a lembranças
Mais gratas me fugia o pensamento
Para os vergeis da patria esvoaçando...

Assim era comeffeito: *doia-me* alma, e appertava-se-me o coração. E foi tam viva, tam intensa e profunda ésta sensação, que ainda muito tempo depois, as simples reminiscencias d'ella me inspiraram aquelle canto.

Lembra-me, a proposito d'isto, que o melhor commentario para qualquer obra poetica sería a historia das sensações que a inspiraram. Todo o poeta, todo o artista, devia escrever as suas memorias e as das suas composições.

Subimos á tôrre de menagem, que ainda está mui bem conservada, e descubrimos d'alli uma vista immensa e por extremo variada e bella.

Logo por baixo a notavel villa de Dudley, situada n'uma planicie, e que se nos offerecia aos olhos como a planta-baixa de uma cidade. Á roda a multidão de fogos das minas e fábricas porque tinhamos passado; mais longe os elevados topes de *Malvern-hills* e outros montes de consideravel grandeza, e finalmente, no fim da perspectiva e no derradeiro horisonte, as escuras montanhas de Galles cujas summidades perfeitamente se divisavam.

Ia eu prevenido de que alli perto, na baixa, existiam as ruinas de uma antiga abbadia ou priorado — mosteiro ou convento — cuja situação á borda de um lago era das mais picturescas do paiz. Procurei-os em vão com os olhos, e perguntando ao cicerone se m'os sabia indicar: — 'Acollá, acollá em baixo' — me disse elle apon-

tando para um edificio grande aopé de uma pequena lagôa — 'acollá está o Dudley priory.'

'Como! não vejo ruinas algumas, antes um gruppo de edificios côm toda a apparencia de habitação e confôrto!'

— 'E que é uma grande fábrica de vidros agora.'

— 'Ainda bem!'

E fez-me tristeza, porque me lembrou o que eram então os nossos conventos e os nossos frades — e porque me deu o coração um baque adivinhando-me que quando nós mandassemos os frades embora, não haviamos de ter juizo para fazer dos conventos fábricas de vidros — nem de outra coisa alguma.

Voltei triste para a nossa estalagem, mas dissipou-se-me a tristeza com a vista e perfume do excellente e substancial jantar que alli achámos.

Discutido o jantar, e meia garrafa de excellente Porto sôbre elle, montámos o nosso gig, e trotámos largo e rasgado para Ed... por outra estrada mais amena e mais prosaica.

Estavamos fartos — injoados de poesia.

Chegámos á suave e confortabilissima hora do chá á casa dos meus amaveis hóspedes.

O chá á noite, no hynverno, aopé do fogão — é em Inglaterra um dos mais serenos gosos que tem a vida. Mas nunca o tinha eu sentido tanto como d'esta vez.

Deitei-me cedo: tinhamos de tornar a madrugar no dia seguinte para mais longa e atrevida excursão — a Hagley-park, tam celebrado de Pope e Thompson.

A. G.



O PONTAL DA CRUZ NA MADEIRA.

Padrão dos nossos primeiros descobrimentos, e da glória nautica do sabio e emprehendedor infante D. Henrique, escala de muita navegação e commercio, avulta sôbre os mares a pictoresca e fertil ilha da Madeira, tão rica quanto invejada possessão do dominio portuguez. Demora a 160 leguas maritimas do cabo da Roca em Portugal: é de fragosas e alcantiladas serranias, cheia de perspectivas magestosas ou aprazíveis, em que sempre produzem grandioso effeito as bellezas da natureza sylvestre, e o conspecto dos trabalhos da industria agricola; ganhou a merecida fama de mais formosa entre as gentis filhas do Oceano. — Ares saudaveis, que os convalescentes da Europa procuram, producções vegetaes d'ambos os hemisphérios, cidade capital que proporciona os commodos da vida, vantajosa situação geographica, tracto civil dos habitantes, tudo concorre para que seja frequentada dos que a primeira vez a visitaram. Teve a glória de transmittir ao Brazil a canna do assucar, principal riqueza da agricultura deste imperio, e que primeiro se plantou, transportada da Madeira, na capitania de S. Vicente; neto da Asia, filho da Sicilia, aclimatou em a nossa ilha este precioso vegetal o ja nomeado infante. — Se os generosos vinhos madeirenses tem credito, melhorado pelo clima e fabrico, o mesmo infatigavel promotor dos interesses e glória de Portugal plantou as primeiras cêpas que fizera extrahir de Candia, outr'ora famosa com o nome de Creta. — Dois fidalgos de sua casa a descobriram em 1418; lentamente se povoou, como é facil de ler em os nossos chronistas. A sua extensão orça por dezoito leguas de comprimento, contando oito na maior largura.

A cidade do Funchal, avistada do mar, é de bella apparencia, por estar situada na volta da bahia, desfructando-se os seus edificios, d'entre os quaes sobresahem muitos que deleitam pela elegancia, limpeza, e collocação, realçados pelo aspecto da paizagem longinqua. A bahia no maior comprimento da ponta de S. Lourenço até á ponta do Pargo terá 44 milhas, e na maior largura entre as pontas de S. Jorge e cabo Grajão ou Garajão[1] 14 a 15 milhas, direcção quasi nortesul. Além do porto do Moniz, é seguro abrigo contra as violentas nortadas, dominantes em grande parte do anno, o porto da Cruz: estende-se este desde cabo Grajão até o pontal, da denominação que acabamos de dizer, representado em a gravura precedente, e que é a ponta mais meridional da ilha, e consiste n'uma rocha sobresaliente, que boja muito para o mar que lhe açouta a base; na summidade está collocada uma pequena Cruz de ferro, perante a qual ao passarem os pescadores e barqueiros em sua viagem, imploram a protecção divina para o bom successo de seu tráfego.

***

D. ANTONIO DE GUEVARA, BISPO DE MONDONEDO.[2]

18.ª

Perguntaes-me, senhor, que coisas são as que n'um homem são mais para louvar, e de que elle mais se póde prezar. Ao que respondendo, vos digo que são ainda quatro; a saber: ser *bom christão*, ser *verdadeiro*, ser *soffrido*, e ser *calado*. O homem com effeito que for bom christão em suas obras, paciente nas injúrias, reportado e certo em suas palavras, e guardar no peito os segredos, a bom seguro poderá este tal ser louvado, e ainda mesmo canonisado.

19.ª

Perguntaes-me quaes aquelles que no artigo amigos, mais facilmente os cobram, e mais facilmente os perdem. Eu respondendo a isto vos digo que são quatro; a saber: os *ricos*, os *mancebos*, os *poderosos*, e os *privados*. Oh! quão de pressa perde seus amigos, o rico que se tornou pobre, o moço quando chega a ser velho, o poderoso quando perde o podêr, e o valido quando descahe da privança!

20.ª

Perguntaes-me, senhor, quaes são as condições que hade ter o que quizer bem servir. Ao que vos respondo, e digo que são quatro; a saber: *diligencia*, *paciencia*, *verdade*, e *fidelidade*. Para que um homem se preze de bom servidor, e ser bem aceito, deve ser paciente no que lhe mandam, verdadeiro no que disser, diligente no que faz, e fiel no que commetter. Com taes qualidades esteja certo que hade ser de seus superiores louvado, e cada dia melhorado.

21.ª

Perguntaes-me, senhor, quaes são as coisas que uma mulher mais ambiciona, e com as quaes mais se contenta. Ao que respondendo, vos digo que são quatro; a saber: *atavios*, *credito*, *formosura*, e *liberdade*. Entre todas as coisas e acima de todas ellas as que as mulheres mais desejam nesta vida são andar bem vestidas, que as tenham por formosas, ir aonde lhes apraz, e que as cream no que disserem.

22.ª

Perguntaes-me, senhor, que condições hade ter o que dá. Ao que respondendo digo que são quatro; a saber: *ver o que dá*, *a quem dá*, *porque dá*, e *quando dá*. Digo que hade ver o que dá para que não dê pouco, a quem dá para que não dê a algum louco, porque dá afim de que o faça por bom respeito, e quando o dá para que o faça temporão: se d'outra maneira dér, póde ser que lh'o recebam, mas duvido que lh'o agradeçam.

23.ª

Perguntaes-me, senhor, que qualidades hade ter uma donzella para que goze boa fama, e seja estimada de todos. A isto respondendo digo que tambem são quatro; a saber: *formosura* no rosto, *honestidade* na vida, *inimiga* de cuscumunheiras, e pouco *amiga* de janella.

24.ª

Perguntaes-me, senhor, que coisas hade ter o Religioso que no Mosteiro queira perseverar. Ao que respondo, e digo que são quatro; a saber: *cumprir* o que prometteu, *fazer* o que lhe mandarem, *comer* o que tiver, e *não murmurar* do que vir. O Religioso que guardar éstas quatro coisas esteja certo que não so perseverará, mas ainda se salvará.

25.ª

Perguntaes-me por último que coisas hade ter uma Religiosa para que não esteja no Convento desconsolada, ou desesperada. A isto respondendo digo que são quatro; a saber: que tome o hábito por *sua vontade*, que não *padeça necessidade*, que seja *amiga de trabalhar*, e *inimiga de murmurações e intrigas*. A Religiosa que entrou no Convento por fôrça, a que dentro d'elle padece pobreza, a que for occiosa e folgazã, e a que for linguareira, passará má vida, e a não dará boa á Superiora.

BIBLIOGRAPHIA.

Collecção de pensamentos e maximas — Um volume 8.º maximo francez. — Lisboa na Imprensa Nacional 1845. — Vende-se na Rua Augusta n.º 1.

Sería impossivel avaliar melhor a importancia do assumpto deste livro, do que o fez o auctor do prefacio quando diz — *As maximas são como os números, que comprehendem grandes valores em poucos algarismos.* — Este modo de reunir em poucas phrases os solidos principios da boa doutrina, é antiquissimo, mas apesar disto faltava-nos possuir em o nosso formosissimo

[1] Ponta do Girão tambem lhe chama o P.e Cordeiro.

[2] Conclusão de pag. 62.

idioma, um desses thesouros que immortalisaram os nomes de muitos antigos e de alguns escriptores modernos que nos são estranhos. — A collecção de que fallâmos póde considerar-se como esse formoso ornamento que faltava á litteratura portugueza, e apesar disto é tal a modestia dos seus auctores e compiladores, que deixaram os seus nomes envoltos no mysterio. — Fallâmos em auctores e compiladores porque sabemos que duas pessoas trabalharam nessa proveitosa e bella obra, e dizemos auctores porque é justiça confessar que a maior parte das maximas e pensamentos são originaes, e so a muita abnegação da glória obrigaria o auctor do prefacio a declarar-se unicamente editor desse livro, dizendo, que o seu merecimento apenas consiste na escolha das maximas. Um dos nomes que podia vir estampado na primeira das 329 paginas que contém as quasi tres mil maximas de que se compõem ésta collecção, é ja bem conhecido e admirado por todos quantos presam a profundidade do pensamento, e a elevação da alma manifestada nos escriptos religiosos — o outro nome é de uma senhora, que aprendendo a amar o estudo nos exemplos de seu respeitavel pae, soube com elle aproveitar os lindos dias de um verão passado á beira do Tejo em suave retiro, para juntar parte *deste deposito da sabedoria dos seculos*, e desta *preciosissima mina, que cada um póde explorar, e que a todos póde enriquecer*.

Muito estimariamos ver que as senhoras portuguezas começassem a comprehender o muito que podem concorrer para os progressos da nossa litteratura, e imitando o exemplo desta illustre auctora procurassem na leitura e na meditação uma distracção proveitosa para si e para os outros. — Felizmente os prejuizos que havia a este respeito vão acabando de tal modo, que brevemente o nome de muitas escriptoras distinctas se hade juntar á lista dos nossos modernos auctores.

Junta ésta collecção a outros meritos um que não póde deixar de ser muito attendido, e vem a ser estarem todas as maximas e pensamentos postos em ordem alfabetica com relação á doutrina de que tratam, de modo que por meio de um trabalhoso e bem coordernado index se acha no corpo do livro as maximas e pensamentos que dizem respeito a qualquer sentimento, ou idea que se deseja estudar. — Este systema novo para composições de tal natureza muito facilita a sua leitura.

Não ha classe, estado, nem edade que não possa tirar grande proveito da leitura desta collecção de maximas e pensamentos escriptos em um estilo elegante e corrente, que junto á variedade dos assumptos dá a este livro um tal encanto que mal se póde ler a primeira pagina sem o levar ao cabo em um so dia.

A edição é das mais ricas que tem sahido dos prelos portuguezes, e ousaremos dizer que se ainda não vimos outra mais nitida muito menos temos lido livro mais apuradamente correcto. — Oxalá que por todos estes motivos fossem por elle substituidas em as nossas aulas muitas dessas obras que além de não conterem doutrina merecedora de ser estudada, até a linguagem adulteram.

Estamos persuadidos que não podiamos fazer ao público maior serviço do que recommendar a leitura deste precioso livro que sendo vulgarisado póde vir a ser origem de muitos bens. — So nos resta um pesar e é sermos obrigados a não publicar os nomes illustres dos collaboradores, porque se os declarassemos trahiriamos a amizade com que nos honra uma das pessoas que mais respeitosamente presâmos. — Terminaremos affirmando que d'entre as obras que ultimamente se tem publicado e que são destinadas não so ao geral dos leitores, mas particularmente á educação da nova geração, so de uma sabemos que se possa juntar á de que fallamos, e essa ja conta tres edições, coisa rarissima entre nós, e intitula-se Meditações ou discursos religiosos pelo Conselheiro José Joaquim Rodrigues de Bastos.

S. J. RIBEIRO DE SÁ.

THEATRO DA RUA-DOS-CONDES.

Sabbado 31 do corrente representar-se-ha pela primeira vez neste Theatro — O Tributo das cem donzellas, imitação do Sr. Mendes Leal. — Este Drama, que no original era de grande merecimento, melhorou muito quanto á verdade historica, formosura, e elevação de linguagem em consequencia dos esforços que o brilhante talento do Sr. Mendes Leal fez para este fim. O auctor dos *Dous Renegados* e do *Pagem de Aljubarrota* soube tambem augmentar o interesse das situações, e animar a acção com aquelle colorido cheio de vida de que o seu magico pincel sabe tambem usar. — O assumpto do Drama é esse infame tributo de que falla o artigo dos *Figueiredos* que estamos publicando, escripto pelo Sr. Almeida Garrett.

Duas cousas nos levaram a dar noticia com antecedencia da representação deste Drama, a primeira, é o desejo que temos de que não fique desconhecido pelos que não leram o original, o trabalho que ésta excellente imitação custou ao Sr. Mendes Leal; e a segunda sabermos que a Empreza dos actores teem diligenciado pôr em scena este Drama sem olhar a despezas, de maneira que podemos asseverar que a sua representação hade ser a mais brilhante que se tem feito no Theatro Portuguez. E não so por isto devemos louvar a Empreza, mas tambem porque podendo-o talvez pôr em scena no Theatro de S. Carlos preferiu mostrar, por assim dizer, um milagre da perseverança e boa vontade apresentando na Rua dos Condes um espectaculo como ainda ahi se não viu. — O Sr. Epifanio, encarregado dos ensaios, provará mais uma vez que é um habil ensaiador. Para que a ésta representação não falte nenhum meio de agradar, vae ornada com bailados compostos pelo Sr. Poleti, sendo a musica do Sr. Pinto, um dos nossos distinctos professores, que pelas suas encantadoras producções, muito desejariamos ver aproveitar para alguma composição lyrica. A escolha dos trajes foi confiado ao Sr. Bordalo, que mais de uma vez tem mostrado o proveito com que se dá a um estudo novo entre nós, e o qual vae cultivando com bastante glória. — Finalmente o bem conhecido aderecista o Sr. Ferrari tambem concorrerá para o esplendor da representação deste Drama que é esperado com tanta anciedade, que ja estão alludados muitos camarotes para as primeiras representações.

NOTICIAS.

— Para prova do muito proveito que todas as nações podem tirar da industria dos caminhos de ferro, relataremos o que a este respeito acontece na Allemanha.

O capital primitivo das acções dos caminhos de ferro ja construidos por meio de Companhias importa em 223 milhões de francos. — O premio porque éstas acções são vendidas na bolsa de Leipsick, de Hamburgo e de Berlim eleva ésta somma a mais de 284 milhões de francos, isto é, mais 41 por cento do que haviam custado aos seus primeiros possuidores.

Em vista d'estes lucros e da vantagem que as nações tiram da facilidade das communicações não admira que os caminhos de ferro cada vez se vão generalisando mais, e não tardará muito que a Hespanha e Portugal gozem os seus beneficios. — E é tal o progresso d'esta industria que até vae ser introduzida na India Ingleza pois que para este fim apresentou Macdonald Stephenson um relatorio á Companhia das indias orientaes ácêrca de uma linha de caminhos de ferro que póde partir de Calcutá até Bombaim.

— Morreu em Dresde um dos mais celebres e populares poetas da Allemanha Augusto Gottleb Christian Eberhard. Tinha 69 annos, as suas obras compõem-se de 19 volumes e algumas ja foram reimpressas 15 vezes. — Era o possuidor de uma grande loja de livros de Hamburgo, destruida pelo incendio de 1842, e conhecida pela firma social de Benge e C.ª — Deixou uma fortuna consideravel, parte da qual testou a favor da Academia das Bellas Artes de Dresde, onde tinha estudado algum tempo. — Se houvesse nascido e vivido em Portugal, talvez morresse de fome sem poder testar mais do que os seus 19 volumes, mas ineditos, porque ésta terra so é para poetas que possam dar as suas obras. — Os que as vendem bem podem procurar outra vida, porque a prosa, e ruim prosa que ella é, vae destruindo tudo, como se fôra uma nova invasão de barbaros.

— O celebre escriptor Capefigue, bem conhecido pelos seus importantes trabalhos historicos, acaba de publicar os dois primeiros volumes da sua — Historia da Europa desde o principio do reinado de Luiz Filippe. — O primeiro volume contém uma introducção aos acontecimentos de 1830, na qual o auctor avalia a situação politica e moral da Europa, e os differentes elementos que concorreram para esses acontecimentos.

O segundo volume comprehende a historia da revolução de 1830 e o estabelecimento da nova monarchia. — Este volume juntamente com as duas estimadissimas obras de Thiers — a Historia da Revolução de 1789, e a Historia do Imperio, formam a historia da França na metade do seculo actual; éstas últimas ja correm vulgarisadas em portuguez.

— O anniversario da prisão de O'Conell festejou-se em Dublin com grande enthusiasmo no dia 29 de Maio. — Esta solemnidade nacional será denominada a festa dos martyres. — O titulo não deixa de ser um tanto hyperbolico, mas não deve admirar que os desgraçados que tem por patrimonio um bocado de batata, algum leite, e os andrajos que lhe vendem os mendigos de Londres, se lembrem de presar com excesso aquelle que olham como seu maior protector.

— No mez de Maio venderam-se em Roma os últimos quadros da Galeria do Cardeal Fesch avaliada em dois milhões de escudos. — O Christo na Cruz, quadro de Rafael Urbino, e um famoso quadro de Rembrant representando S. João prégando no deserto, foram comprados pelo Principe de Canino. — O primeiro por 10.500 escudos e o segundo por 14.700.

— A organisação do trabalho é uma questão que ainda se não resolveu, talvez chegue um dia em que os muitos volumes que se tem escripto a este respeito valham tanto como uma pagina de papel em que se escrevam os primeiros calculos para resolver um problema, que ja tem a sua resolução sujeita a methodos conhecidos. — Em um dos estados da confederação germanica, Magdebourg, os mestres e aprendizes acabam de se organisar outra vez em corporações; ao passo que os outros estados onde ellas ainda existem pedem com instancia a sua abolição. — A Municipalidade de Magdebourg não quiz approvar os estatutos das novas corporações, mas éstas dirigiram para este fim uma representação ao Rei.

Somos partidistas da emancipação do trabalho, mas não podemos deixar de notar o contraste que se apresenta entre estes factos e uma das eloquentes paginas de Droz contra as antigas corporações dos mesteres.

ENIGMAS PITTORESCOS.

EXPLICAÇÃO DO ENIGMA DA FOLHA ANTECEDENTE.

Qual vermelhas as armas faz de brancas
Qual c'os penachos do elmo açoita as ancas.

Camões — Cant. VI. Oit. 64.



A ILLUSTRAÇÃO

JORNAL UNIVERSAL.



Cada anno da publicação d'este jornal será dividido em 12 n.os mensaes, distribuidos porem ás folhas semanalmente.
ASSIGNATURA: Um anno, 1$440 r.s — Semestre, 720 r.s — Trimestre, 360 r.s — Folha avulsa 30 r.s

N.º 5 — VOL. I — AGOSTO, 1845.

ESCRIPTORIO, RUA DA PRATA N.º 7 — 1.º ANDAR

As assignaturas só se recebem no Escriptorio da ILLUSTRAÇÃO. A correspondencia — *franca* — aos Directores da ILLUSTRAÇÃO. Vende-se: r. Augusta, n.º 1 — do Oiro, 113 — do Arsenal, 30 — Largo de S. Roque, 24 — da Esperança, 130 — e em Alcantara.

SUMMARIO.

PASSEIOS

AO JARDIM BOTANICO DA AJUDA. *

PRIMEIRO PASSEIO.

ENTREMOS, se vos apraz, n'um d'esses botes, que temos á vista, e vereis como em pouco mais de meia hora nos conduz do Caes das Columnas ao de Belem. — D'alli subiremos a calçada da Ajuda, e faremos uma excursão no *Jardim Botanico*. A tarde está aprazivel, e o mar sereno como o Ceo que nelle se espelha. Entremos pois — e deixemos remar os pobres catraeiros, a quem a falta de trabalho amedronta muito mais do que o furor das vagas encapelladas. Vede como remam contentes! O tenue salario que esperam talvez inda hoje sirva de matar a fome dos rotos filhinhos!

Que bella e grandiosa vista apresenta daqui a Praça do Commercio! É sem contradicção uma das mais sumptuosas da Europa! — Lisboa é a Rainha das Cidades! Tem um ar de grandeza natural, que não se encontra nem em Londres, nem em Paris.

Este nosso Tejo é de uma magestade e de uma formosura sem egual — e quando, como agora, o bafeja levemente a briza do mar, e se repousa adormecido no seu vasto leito de areia, entorna na nossa alma ondas de pensamentos elevados, e de affectos melancholicos, que se succedem e confundem, como as mal distinctas vagas, que se baloiçam em torno de nós.

Confessae, que esta immensa bacia, que póde, n'um canto seu, abrigar todas as esquadras do mundo, é uma magnifica doca natural digna da cidade que está assentada n'uma das suas margens, e do primeiro povo maritimo dos seculos passados — e confessae tambem que o panorama quasi-fantastico, que ora se nos apresenta, é um d'esses quadros surprehendentes, que visto uma vez ficam para sempre *deguarreotypados* na lembrança da alma a menos poetica.

Pena é que estes nossos meios de transporte sejam tão miseraveis! Os botes de que nos servimos no Tejo são de uma tristissima apparencia — nem eu sei descobrir a razão porque nunca diligenciámos imitar a commodidade e a elegancia das *gondolas* Venezianas. Lisboa, que foi a herdeira da grandeza commercial e do fausto quasi asiatico de Veneza, devêra te-la tambem imitado neste objecto. As gondolas d'esta *Cidade amphibia* eram pela maior parte *camarins fluctuantes*, magnifica e exquisitamente adereçados, onde as sedas e os brocados escondiam amigos e amantes aos olhos da multidão — nestes camarins se passavam as scenas mais mysteriosas e mais apaixonadas da vida intima d'este povo singular. As familias mais abastadas e nobres ostentavam na belleza e na opulencia das suas gondolas o seu gosto, e a sua magnificencia. Os remadores trajavam as côres da casa de seus amos, e tinham de uso o intoar canções nacionaes ao som melancholico das vagas do Adriatico, e ao compassado movimento dos remos, ou recitar as mais bellas estancias do Tasso e do Ariosto, que exprimindo muitas vezes a suavidade do amor ou o phrenesi do ciume das incognitas personagens, que vogavam furtivamente nessas barcas encantadas, absorviam por momentos toda a sua attenção — e vinham collocar o receio a par das temerarias esperanças; um goso fugitivo de amor ao lado de um golpe de punhal. Os festins e os banquetes dados no mar eram em Veneza tão frequentes como os que se davam nos palacios da Cidade. O povo passeava nos canaes, como os habitantes das outras Capitaes passeam nas suas praças ou nos seus jardins. — E porque não imitaria Lisboa estes bons usos Venezianos? Porque não tem os nossos negociantes millionarios e os nossos ricos aristocratas as suas gondolas, e os seus bergantins, onde nas serenas tardes do Outomno, e nas amenas noites do estio fossem aspirar esse ar sadio e puro que nos vem de envolta com as vagas do oceano? As limpidas aguas do Tejo seriam menos dignas de sustentar sobre si esses elegantes vehiculos do que as lagoas miasmaticas do Adriatico?

A maior parte dos habitantes de Lisboa nunca viram as margens do Tejo para cima de *Villa nova* — e todavia estas margens sôbretudo de *Santarem* até *Abrantes* são de uma amenidade e de uma belleza arrebatadora.

Fazei um dia essa digressão, e apesar da incommodidade dos transportes, e do deploravel estado da navegação do rio, estou que ficareis incantado da poesia, e da gentileza das scenas que hãode offerecer-se á vossa vista.

Mas eis-nos em Belem. Saltemos em terra e subamos em direitura ao Palacio da Ajuda — o jardim onde vamos herborisar acha-se ao lado d'este bello colosso de marmore, que na sua grandeza e magnificencia architectural revela a grandeza e a magnificencia do povo que o erguera — e que parára de cançado no meio da sua obra. Este palacio descommunal é um verdadeiro e fiel transumpto do nosso passado e do nosso presente — exprime eloquentemente o que fomos e o que somos. É um monumento que attesta ao mesmo tempo a nossa antiga opulencia e o nosso actual abatimento.

O que daqui vemos é apenas uma terça parte do plano primitivo.

Esta pequena nação, que parecia não caber no mundo, queria ver os seus Soberanos alojados em Paços que dessem logo uma idea da Magestade real, e da generosidade portugueza.

Eu não sou dos que lamentam ésta obra: ufanome quando a contemplo, e quizera vê-la terminada.

Mas eis-nos chegados ao nosso horto botanico — é, como ides ver, um bello estabelecimento — e todavia está muito distante do vosso *Jardim das plantas*, que é uma das mais bellas coisas que se podem visitar na Capital do vosso paiz, e um grandioso monumento erguido á sciencia da natureza.

Foi fundado este nosso jardim no tempo da Rainha D. Maria 1.ª para a instrucção dos Principes. O Dr. Vandelli, Lente jubilado da Universidade de Coimbra, foi o seu primeiro Director: sendo porêm deportado para as ilhas por *afrancezado* — não vos sobresalteis, porque isto so foi crime entre nós quando os exercitos de Napoleão talavam os nossos campos e saqueavam as nossas Cidades — foi interinamente substituido

* Estes passeios suppoem-se dados por dois amigos, um dos quaes é francez, viajando em Portugal.

pelo Vice-Director Alexandre Rodrigues Ferreira[1], que por velho e achacoso pouco tempo póde exercer as funcções d'este cargo.

Succedeu-lhe o Dr. Brotero em 1810. Este sabio naturalista cultivou com especialidade a sciencia dos vegetaes, e passou por um dos mais illustrados Botanicos do seu tempo As suas obras são conhecidas em toda a Europa. No seu *Compendio de Botanica* publicado em Paris em 1788 resumem-se as doutrinas mais sans, e os conhecimentos mais philosophicos da epocha. A sua *Flora Lusitana* é uma excellente obra descriptiva; e a sua *Phitographia* póde apresentar-se como modelo de lucidez, de verdade, e de simpleza didactica. Linneo nas suas Floras da Laponia e da Suecia não descreveu as plantas com mais exactidão e elegancia, do que o Dr. Brotero na sua Flora e Phitographia Lusitanas — e todavia Linneo é universalmente proclamado como o *Areteo da Botanica!*

Vós, os francezes (e perdoae-me esta franqueza peninsular) não sois sempre justos para com os sabios estrangeiros; e para comnosco tendes sido muitas vezes injustissimos.

Dir-se-hia que desejais monopolisar as sciencias, e que as quereis naturalizar exclusivamente na vossa patria — como se ellas não fossem cosmopolitas, e o patrimonio commum do genero humano! O nosso *Brotero* reconhecido em toda a Europa como um dos mais famosos botanicos do seu tempo, justamente apreciado pelos naturalistas Italianos e Allemães, raras vezes tem merecido aos vossos auctores uma honrosa citação. O Abbade *Corrêa da Serra*, esse philosopho profundo, que tanto concorrêra para o aperfeiçoamento do methodo natural, esse botanico a quem a *Carpologia*, ou a anatomia e a phisiologia de fructo, deve uma boa parte da sua perfeição, apenas é conhecido e mencionado pelos vossos naturalistas — ao passo que os Inglezes, juizes severos mas justos, lhe tecem os maiores elogios.

Mas não vades suppor que é so na epocha em que floreceram estes sabios que nós concorremos com o nosso contingente para o aperfeiçoamento da botanica; porque os nossos serviços a ésta sciencia são de mui remota data. O nosso *Loureiro* ja havia escripto uma excellente *Flora* da Cochinchina, obra admiravel pela precisão e verdade das suas descripções — e o que provavelmente ignoraes, porque são coisas passadas ha mais de tres seculos, é que os Portuguezes foram quem mais cooperou logo depois da restauração das lettras para o progressivo aperfeiçoamento da sciencia dos vegetaes.

Na epocha em que este pequeno povo apparecia nas quatro partes do mundo — e como senhor e dominador na maior parte d'ellas — nessa epocha, em que os portuguezes marchavam á frente da civilisação europea, pagou ėste paiz um rico tributo á sciencia dos vegetaes, fazendo conhecer aos naturalistas da Europa as mais raras plantas da Asia e da America.

Os *botanophilos Thomé Peres e João Fragoso* descreveram mais ou menos phitograficamente muitos vegetaes e drogas do Oriente. Antes delles o célebre naturalista *Garcia da Horta*, Professor na Universidade de Coimbra, pôde depois das suas viagens e observações scientificas na India e na China, dar-nos a historia natural das plantas as mais raras e preciosas d'estas ricas e vastas regiões. E não cuideis que a sua obra publicada em Goa, logo ao nascer da arte typografica, deixára de ser justamente apreciada pelos naturalistas seus contemporaneos; porque apenas appareceu na Europa gosou de uma bem merecida celebridade, e foi logo traduzida para quasi todas as linguas d'esta parte do mundo.

Pouco depois d'ésta epocha *Pero de Magalhães*, digno amigo do grande *Camões*, tambem enriquecêra a sciencia dos vegetaes com a noticia phitographica de um grande número de plantas do Brazil, que desde o seu descobrimento começára logo a interessar os naturalistas, como um paiz riquissimo em productos naturaes.

Não nos negueis por tanto o merito que de direito nos pertence; porque na nossa pequenez, e distrahidos por um grande número de emprezas gloriosas, absorvida a attenção do paiz pelos planos de conquistas, pelos projectos de vastas colonisações e descubertas maritimas, nem por isso deixámos de legar á sciencia um avultado cabedal de investigações e de trabalhos.

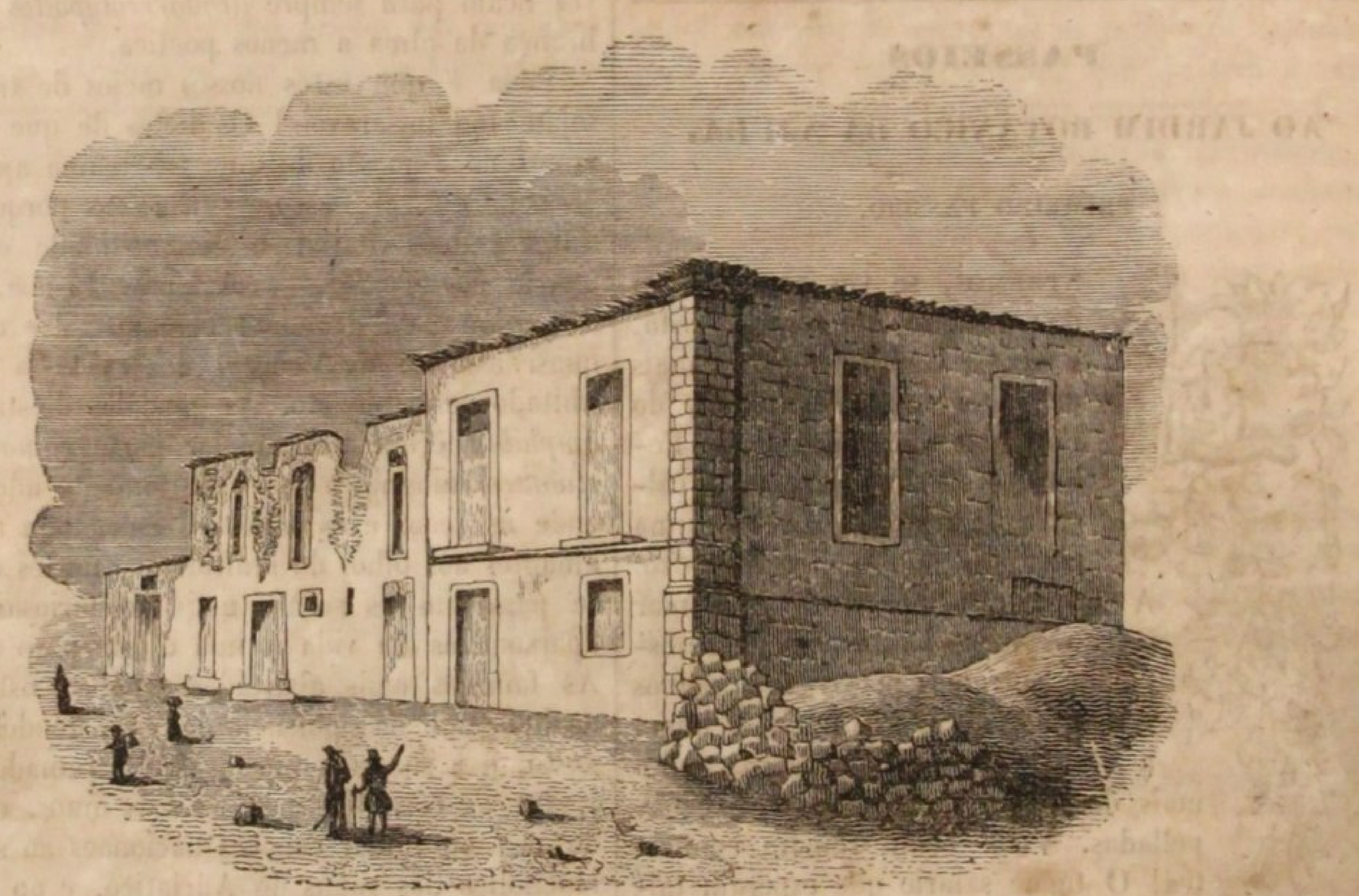
Talvez vos tenha importunado com esta pequena digressão historica, mas confio que me perdoareis, quando considerardes no patriotico sentimento que dictou estas minhas palavras. Vós amais a vossa patria, porque a vedes resplandecer no zenith da sua gloria; e porque vos lega um nome brilhante e respeitado — amais o vosso paiz como o filho ama o nome honrado e illustre de seu pae — tendes razão, mas neste sentimento póde haver alguma coisa de egoismo — nós amamos a nossa pelo que foi; amamo-la nos dias da sua decadencia, no meio dos seus infortunios, no crepusculo da sua grandeza — e neste sentimento ha alguma coisa de nobre e de generoso. Vós amaes o sol que vos aquece, que inflama o vosso genio, que brilha no seu apogeu — nós amamos o sol da nossa passada gloria mesmo no seu ocaso!

Mas tornemos ao nosso objecto. O Dr. Brotero dirigiu com grande sollicitude e saber este estabelecimento até á sua morte acontecida em Agosto de 1828. A melhor parte do que ides ver a elle se deve. O nome de Brotero está associado ao d'este Jardim, como os nomes dos dois *Jussieus*, tio e sobrinho, estão unidos ao do Jardim de *Trianon* e ao do *Jardim das plantas*. Brotero era um homem ingenuo e franco. Viveu uma vida retirada e simples. Os dissabores lhe abbreviaram a existencia. Homem de genio não podia deixar de ter muitos inimigos. Como o vosso *Adanson* teve-os (e implacaveis!) entre os proprios collegas. A sua morte foi porém menos trabalhosa e mais suave do que a sua vida — *porque morreu entre as suas flores!*

G.

(Continúa.)

[1] *Link* na sua viagem em Portugal desde 1797 até 1799, fallando de Alexandre Rodrigues Ferreira, exprime-se assim «O segundo conservador do jardim é o Dr. Alexandre Rodrigues Ferreira, de quem nada mais se pôde dizer senão que *esteve muito tempo no Brazil, e que é gotoso.*» Muito injusto foi *Link* para com este sabio Portuguez, cujos trabalhos, com quanto se achem ainda ineditos, são de grande valia e importancia. Em poder do actual ministro do Brazil, o Exmo Sr. Drumond, param ricos manuscriptos deste philosopho contendo raras noticias e eruditas e exactas descripções mineralogicas e botanicas de diversas Provincias do Brazil. — É com esta leveza e injustiça que ordinariamente somos julgados pelos estrangeiros!



RUINAS DO PALACIO DOS CONDES DA ERICEIRA.

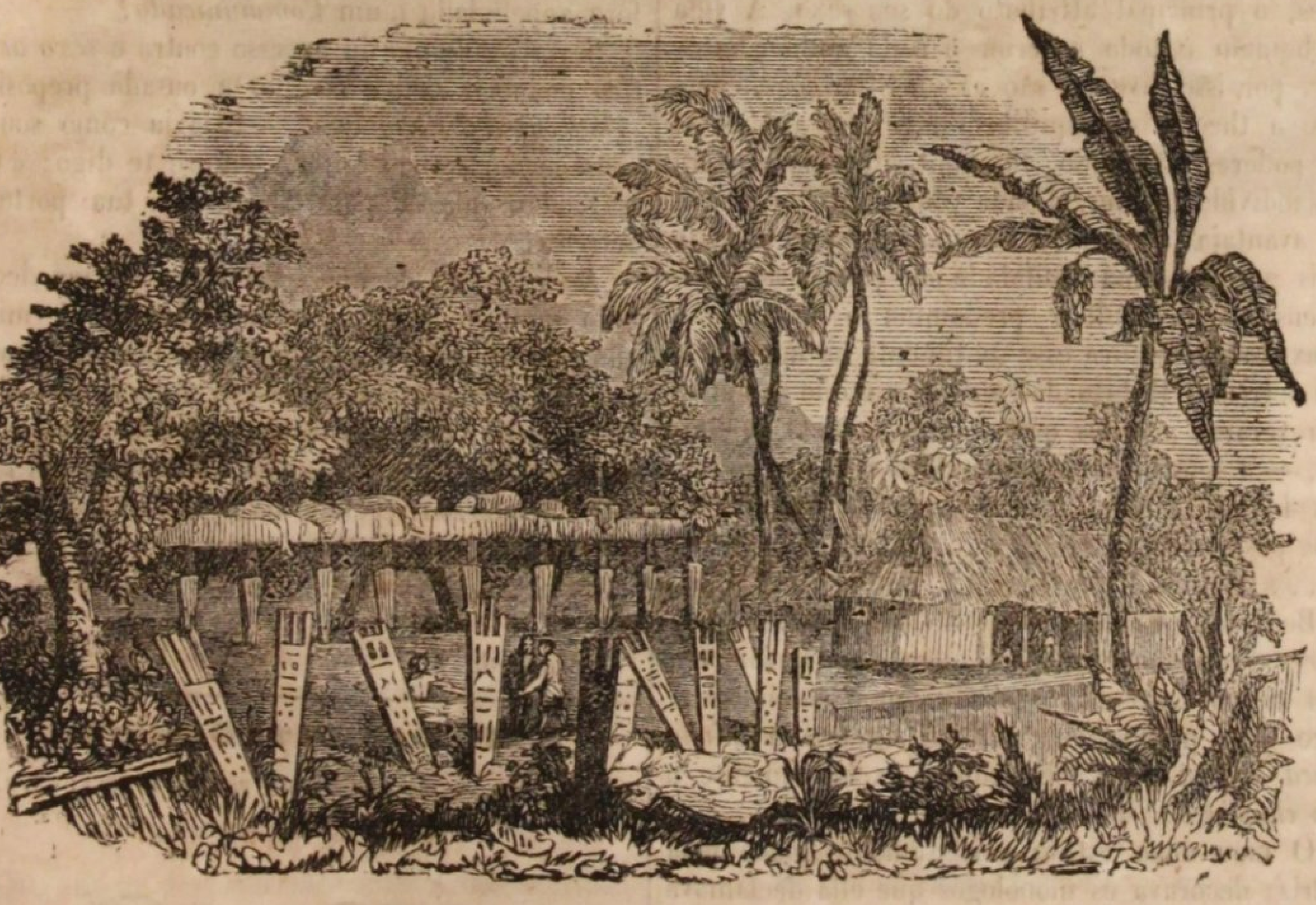
A uma legua ao noroeste de Mafra, e a sete ao sul de Peniche, está a villa da Ericeira, banhada ao occidente pelas aguas do Oceano: o seu porto não é abrigado, mas a industria dos habitantes tem adquirido grande importancia para ésta povoação, anteriormente de pouco vulto, e hoje muito adiantada segundo ás suas proporções; de modo tal que alguns dos seus barcos se abalançaram á pesca do bacalhau, e não tem sido mal succedidos. Porêm a fama desta villa, e pela qual é conhecida, ao menos no mundo litterario, resulta da illustre familia, que teve o titulo de condes da Ericeira. Armas e lettras enobreceram este ramo da antiga fidalguia portugueza. Representando na gravura os residuos que permanecem do solar que occupavam na villa de que houveram titulo, somos obrigados a dizer duas palavras respectivamente a homens, que dentro e fóra da patria obtiveram merecida glória. — A residencia destes homens estudiosos, que se aproveitavam de suas correlações com os sabios e estadistas da Europa, era no largo da Annunciada, onde o fatal terremoto de 1755 submergiu preciosidades irreparaveis; não havia mais escolhida bibliotheca; e com ella as pinturas de sua galeria foram pasto das chammas; o incendio destruidor, e o desmoronamento da cidade abafou todos esses thesouros. —

D. Henrique de Menezes, que foi o primeiro senhor do Louriçal, serviu na Africa, e depois foi governador da India; merecido applauso é a compensação de suas bellas acções. Toda ésta nobre casa se desvanece de que na sua mui antiga varonia não houve um so que deixasse de servir na guerra com distincção, e que não fosse fiel á sua patria é ao seu rei legitimo. Porêm de todos o mais notavel é D. Luiz de Menezes, que nasceu a 22 de julho de 1632; é bem conhecido o

« Portugal restaurado » historia militar da epocha da rehabilitação da nacionalidade portugueza contra o intruso dominio de Castella, campanha gloriosa em que o conde escriptor teve muita parte, subindo nella aos maiores póstos da milicia por antiguidade e merecimento, distinguindo-se em todas as occasiões, que deram nome ao valor e brio nacional. Éstas acções mais brilhantes se viam representadas em onze quadros na soberba galeria de seu palacio, pintados pelo celebre Le Brun, primeiro pintor de Luiz 14.° de França, e por outros da mesma eschola; como ja dissemos, a destruição de Lisboa no mêado do seculo passado abismou estes e outros muitos primores artisticos, que os varões da casa d'Ericeira haviam com diligencia, custo, e gôsto por varios annos colligido. Como ministro d'estado não teve D. Luiz menor acerto e fortuna que como soldado, sendo muito estimado de D. Pedro 2.° ainda em tempo de infante regente. A repartição, então chamada dos armazens e outras dependencias da Marinha estiveram a seu cargo, e não so ficaram desempenhadas de muitos milhões que deviam, como foram accrescentadas, e durante sua administração se expediram para a India mais de quarenta naus, tendo a felicidade de que nem uma so se perdesse ou sequer arribasse. Foi terceiro conde da Ericeira, em vida de seu irmão, sendo a primeira vez que houve nestes reinos dois irmãos do mesmo titulo; e tambem a primeira em que houve tres vivos ao mesmo tempo em uma so familia. D. Fernando de Menezes, que nascêra em 1614, foi o segundo conde daquelle titulo, serviu na Italia com distincção, e depois em Portugal na lucta da restauração; defendeu Tanger, cuja historia fez imprimir, e foi auctor de varias obras, entre outras a historia do tempo de D. João 4.° em lingua latina.

D. Francisco Xavier de Menezes foi o quarto conde da Ericeira, nasceu em 29 de Janeiro de 1673; occupou merecidamente grandes póstos militares, e se fez dintincto não so pelo desempenho dos cargos do estado, como pelo exercicio e cultura das sciencias; as conferencias eruditas em sua magnifica livraria deram origem á real academia de historia portugueza, de cujos trabalhos existem fructos em numerosos volumes, estampados com luxo typographico segundo o gôsto que então vogava. D. Francisco é o auctor do poema heroico « a Henriqueida »; no fim deste livro vem o catalogo das muitas obras compostas pelos membros da familia de Menezes.

D. Luiz Carlos de Menezes, quinto conde da Ericeira, foi o primeiro marquez do Louriçal. Em 17 d'Abril de 1717 partiu para a India vice-rei e capitão general; fez excellente e acreditado governo: escreveu o seu elogio o famoso Sebastião José de Carvalho e Mello, depois primeiro marquez do Pombal. Continuou sempre ésta casa a não desmentir de seus antepassados. Por conclusão mencionaremos o motto de seu brazão d'armas: por baixo do escudo pozeram o que se chama grito de guerra com as lettras: *Ninguem primeiro:* teve isto origem na infeliz batalha de Africa a que foi D. Sebastião, porque nessa conjunctura estando D. Fernando de Menezes com quatro irmãos seus na mesma fileira disse para elrei, que lhe mandou que não avançassem tanto: *senhor, como somos Menezes, ninguem primeiro.* » ***



FLORESTA NA ILHA CELEBES.

Muito se falla na Europa no oleo de Macassar, a que attribuem a qualidade de conservar e lustrar o cabello; a composição que por ahi se usa baptisada com um nome da quinta parte do mundo é sem dúvida ingrediente e confeição europea; mas o oleo de Macassar existe; os indigenas se servem delle, sobretudo as mulheres, porêm não tem a transparencia e o aroma desse que vendem os perfumadores; ao contrário é grosso, ruivo, e de cheiro desagradavel: extrahe-se das amendoas de uma arvore alta, que nas folhas se parece com a nogueira: pizam-nas, seccam a massa, e depois obtem-se o extracto por meio de fervura n'agua, onde o oleo sobrenada.

Macassar é uma cidade, capital da ilha Celebes, colonia hollandeza; os naturaes occupam o interior do paiz e muita parte das costas: a Ilha tem 150 leguas de comprido por 80 a 100 de largo. Ahi nos estabelecemos em 1512, e fomos expulsos pelos hollandezes em 1660. Tem povoações policiadas, ainda dos proprios naturaes; mas no matto vivem em choças de colmo, e em muitas partes são as cabanas alteadas sôbre estacas por causa das copiosas inundações que sobrevem na estação das chuvas. ***

MYSTERIOS D'UM PALITO.

(FRAGMENTO.)

Je sais qu'il est indubitable
Que pour former œuvre parfait,
Il faudrait se donner au diable,
Et c'est ce que je n'ai pas fait.
(**)

Era no tempo d'Esópo, nessa epocha em que fallavam os *irracionaes*, que succedeu esta nossa *mui veridica* Historia. Actualmente que se não vive senão de *mysterios*, que tudo é *mysterio*, e que entre nós tanta gente anda, come, e bebe *mysteriosamente* — que admira que um *palito* tenha os seus *mysterios?*

. . . .

Com muito custo podémos colher estes apontamentos, que appresentâmos taes quaes nos foram confiados por um descendente *do nosso heroe.* Ahi vão.

I.

Leitor ou Leitora, nunca foste a Lorvão? Não, pois nem eu; mas não será isso razão para que não possaes saber que ahi se fazem palitos. — Posto isto, ja vedes qual foi a patria do pobre palito, que, nascido d'um fragil tronquinho, passou para as mãos de boçal paliteiro, que o vendeu em Coimbra a um estudante. — Ouçâmos a fiel narração dos padecimentos do *erudito* auctor d'estas *Memorias.*

. . . .

Apenas sahido da infancia esperava ser despedaçado como meus companheiros entre os dedos sujos de cigarro do meu primeiro possuidor; porém não foi assim! Escapei mettido nas folhas d'um Compendio de Direito Publico (Macarel se bem me lembra). — Eis-me feito Politico de pé para a mão, homem d'Estado! Não se espantem, que ha muitos que valem menos que um palito! Luctei com os poderes politicos, percorri as fórmas de Governo, passei pela organisação Judiciaria, emfim, successivamente vivi com toda a politica, e nem por isso se lembraram de mim para Eleitor ou Elegivel; pois olhem que havia zelar e muito *os interesses materiaes do paiz.*

Chegou a epocha chamada das ferias grandes, e eu, sem que o meu dono o soubesse, acompanhei-o até ao Porto, d'onde elle era natural. Tinha o meu estudante uma linda irmã, a quem quiz fazer meus *rapa-pés,* no emtanto lembrei-me que seria *abuso de confiança:* dediquei-me antes a uma *touca branca* que merecia bem a pena de gastar com ella uma ou duas horas!

Chamava-se Maria a irmã do meu possuidor: tinha 25 annos n'esta epocha, comtudo a sua vida fôra tão interessante, que não posso eximir-me de a contar.

A existencia de Maria era uma existencia excepcional, singular, sem igual talvez na historia das organisações humanas!

O fio da sua vida estava preso a um rabecão grande; — com elle se ligavam os eventos mais extraordinarios da sua mocidade!

Maria da edade de 5 annos tinha perdido seu pae, mas a saudade a mais intensa sempre lhe ficára gravada no peito. Nunca a lembrança de seu excellente progenitor a occupava, sem que ella viesse acompanhada d'uma enorme figura convexa. Seu pae tocava rabecão grande!

Na edade de 11 annos uma doença grave fez arrecear a todos pela sua vida. Os medicos deitaram abaixo a livraria e nada conseguiram. Deu-se uma Philarmonica na propriedade fronteira á janella, onde ella estava para dar a alma ao Creador: certos sons despertaram-a, fizeram-

lhe cobrar toda a vitalidade... Maria estava salva! Eram tres rabecões grandes que entravam no *alegro* da symphonia de Guilherme Tell!

Uma noite (tinha então Maria 14 annos) estava no theatro de S. João. Distrahida fosse pelo que fosse deixou cahir o leque no tablado — a platêa riu-se, Maria córou d'envergonhada, eis senão quando um gentil rabecão grande (o tocador entende-se) levanta-o e com a ligeireza d'um zephiro vae-lho entregar. Maria agradeceu por um d'aquelles sorrisos que custam a esquecer.

Aos 18 annos, negocios urgentes a fizeram ausentar do Porto: foi para a Hollanda. — Depois d'alguns dias ter residido n'uma das principaes hospedarias — ouviu queixarem-se todos d'um importuno aprendiz de rabecão grande, que pela noite adiante amotinava os habitantes d'aquella rua. Maria não soltou nem um queixume; mas sua mãe fez côro com os visinhos para levar a effeito a proscripção do infeliz musico. Os negocios da mãe de Maria estavam terminados; no dia seguinte devia voltar para Portugal. Eram duas horas da madrugada; o rabecão grande ouvia-se como nunca: mãe e filha acordam sobresaltadas. Maria emprega para com sua mãe toda a eloquencia a fim de a tranquillisar... nada a convence... Derepente vê-se um forte clarão do lado das cortinas. — Era fogo, Maria tinha-se esquecido de apagar a luz! As duas senhoras bradam por soccorro, quando ao voltar a cabeça olham, e que veem? Um valente mancebo que arrancava corajosamente as cortinas e livrava d'uma morte horrivel mãe e filha. Era ainda um rabecão grande!

Alguns mezes tinham passado; Maria ja havia sido restituida á sua patria e achava-se proxima a cazar com o Conde de*** Uma noite que os esposos estavam junctos, versou a conversa sobre litteratura, artes, e principalmente sôbre a musica. — Cada um disse o que entendia; ja quasi estavam os convidados para retirar-se — quando de repente Maria olha para o Conde e faz-lhe ésta simples pergunta:

— A proposito, Sr. Conde, V. Ex.ª toca rabecão grande?

— Abomino-o, minha senhora! foi a resposta do Conde de***

....

No dia seguinte estava desmanchado o cazamento!

Maria para encurtar razões veio a cazar com um negociante, senhor d'uma fortuna colossal, e um dos melhores curiosos de rabecão grande da Cidade do Porto!

Ora vejam quanto póde influir no destino d'uma mulher um rabecão grande?.....

....

....

Quasi proximo a expirar o periodo das ferias — o meu estudante entendeu que devia vender o livro, dentro do qual eu estava, a um ferro velho, juntamente com alguns outros. Não somos nada neste mundo! Ha pouco feliz, vivendo n'uma habitação opulenta, cercado de luxo e riqueza, e agora nas mãos d'um ente coberto d'andrajos, d'um miseravel que mendigava o pão de cada dia! E *a minha touca*, os meus amores? Assim se pisam aos pés as primeiras affeições, tão doces, tão ternas, e vividouras! Que mal tinha feito a esse barbaro para me condemnar a arrastar uma existencia tão desventurada?

Homens! Homens! julgais porventura que um palito não tenha brio, caracter, pundonor?.....

....

II.

Pouco tempo vivi nas mãos do meu segundo possuidor, porque um rico *agiota* teve precisão de papel para embrulhar as suas peças, e eu voltei de novo a um estado venturoso. — Um dia deparou comigo a paginas 36, viu-me, gostou de mim e eu passei a ser livre, subi quanto um palito póde subir. — Occupei um lugar distincto atraz da sua orelha! oh! então é que volviam ledos para mim os dias! Theatros, passeios, bailes, corria tudo n'uma noite porque nem todos os *agiotas* são amigos d'enferrolhar o que bem ou mal adquirem. — Os titulos da renda vitalicia, os papeis dos activos e inactivos, são bons para pela manhã, mas a noite é consagrada ao descanço.

Viver sem amar é triste viver! *Nós* careciamos d'uma amante; *enamorámo-nos* d'uma actriz — Viva o amor!

....

Quem haverá que possa dizer com segurança — *eu conheço as mulheres?* As mulheres, disse Labruyere, tocam sempre os extremos — ou são optimas ou pessimas. As mulheres, accrescentarei eu, são para os homens a pedra de Sysipho, que rolada de continuo do cume da montanha do soffrimento não os deixam repousar. As mulheres, diz o Barão de S.ᵗ Eldme, são as senhoras absolutas do coração dos homens; mas, continúa o mesmo escriptor, qual a norma, quaes os principios para julgar este sexo que eu sou o primeiro a adorar, e cujos caprichos — vontades movediças, são respeitados entre todos os povos, como o eram as leis de Lycurgo em Sparta? As mulheres..... Basta; quiz fallar das actrizes e occupei-me das mulheres em geral; todavia não será a actriz mulher? É ésta uma questão importante que ainda está para resolver. A actriz é mulher porque tyrannisa os seus adoradores, no emtanto verdadeiramente não é mulher (salvas honrosas excepções), porque lhe falta uma das qualidades essenciaes, o principal attributo do seu sexo. A vida do homem é toda exterior e a da mulher interior, por isso diversas são as suas funcções, comtudo a theoria do equilibrio não é so applicavel aos poderes do estado, tambem entra na esphera das individualidades, d'onde vêm que se o homem se avantaja á mulher em possuir um espirito mais geral — uma facilidade de concepção mais extensa — na mulher predomina o sentimento. E existe porventura esse sentimento na mor parte das actrizes? Habituadas a repetir o que os outros escreveram; a sorrir quando tem vontade de chorar, — a sensibilisar-se quando o riso lhe volteia nos labios..... Oh! é uma vida de fingimentos toda postiça! [1] ....

Bem disse Francisco 1.º — *Uma côrte sem mulheres é um anno sem primavera, uma primavera sem rosas.* Com effeito *nós* assim o entendemos, digo *nós*, porque eu tambem esqueci *a minha touca branca para* me dedicar exclusivamente *a um chapéu de palhinha.*

O meu dono estava perfeitamente louco pela actriz; decorava os monologos que ella declamava no theatro, assistia aos ensaios, pagava artigos para a elogiar, n'uma palavra, tudo andava em polvorosa, e mui principalmente a bolsa, que a engraçada actriz tinha bom cuidado em despejar. — Escusado será dizer que eu tambem não perdia nem um palmo de terreno!

A felicidade que desfructavamos era etherea — não podia durar! A actriz, que tão habilmente *nos* havia illudido, tinha um amante todo cheiroso, galhardo, e moço. — Uma noute que julgava que o nosso *agiota* não viria a casa é encontrada a perfida em flagrante: houveram ralhos, chôros, contendas, e o infeliz amante número 2 foi cuidadosamente tirado de dentro d'uma talha, onde ficára de salmoira *para não ser visto!* O *agiota* sahiu furioso e ao cerrar a porta soltou éstas resignadas e modestas palavras:

— Aqui está o que são as mulheres! Eu que sempre me sacrifiquei por ella, eu que lhe emprestei dinheiro pelo juro da lei (5 por $\frac{0}{0}$) — e sou tractado d'esta maneira!....

A raiva perturbára a cabeça ao meu segundo possuidor; tinha-se esquecido de mim, deixando-me sôbre a mesa da sala!

Acalmado o primeiro impeto, Luiza (assim se chamava a actriz) voltou ao seu estado normal, e passou uma deliciosa noute. No outro dia pela manhã sou encontrado, e Luiza com uma loucura de creança apodera-se de mim para esgravatar os dentes. — Em verdade eu estava tentador! No vigor da mocidade, enfeitado, alvo como a neve, finalmente, podia dizer-se que era um palito *comme il faut!*

Leitor ou Leitora, não imaginas as sensações que experimentei ao percorrer ligeiramente os dentes de Luiza; parecia que eu gosava d'um d'esses lindos sonhos, que dizem produz o opio! — Habitante d'um palacio de marfim polido, com dois beiços como dois rubins por portas, e por tecto um ceo, que ceo, sim senhor, (o da bocca ja se sabe!...) Não me demoro mais com tal lembrança, visto que tenho dó dos teus nervos!

Habitei um mez em casa d'actriz, e, Deus me perdoe! nunca vi mulher assim! Pela manhã apparecia o auctor dramatico que havia promettido á menina o papel principal no seu Drama; á tarde o *galã* predilecto, e á noite o *pé de boi*, que concorria para os encargos domesticos; isto afóra os tafuis que rondavam constantemente o domicilio da *Deusa da scena Portugueza*..... assim fôra appellidada n'um *Communicado!*

Sería o cumulo do excesso contra o *sexo artistico* enunciar como Virgilio a ousada preposição — *ab una d'sce omnes!* — todavia como sou de consciencia, amigo leitor, sempre te digo: «Que o Senhor afaste para longe da tua porta as actrizes!»

Ao cabo do decimo quinto dia, estava decretado que eu passasse a outras mãos. A minha elegante dona ia para a janella e encontra-me no seu cêsto da costura, péga em mim, e distrahida faz-me girar nos seus mimosos dedos côr de rosa: de repente escorrego — cáio na rua, e com tanta fortuna que sou recebido na cópa do chapéu d'um sugeito que casualmente passava............

....

(Continúa.) (DEMOCRITO).

[1] Este trecho julgo não pertencer ao auctor das *Memorias*; o estilo, a linguagem, tudo faz crer que é enxerto d'algum copista que *adulterou* os primeiros apontamentos.

ENIGMAS PITTORESCOS.

EXPLICAÇÃO DO ENIGMA DA FOLHA ANTECEDENTE.

A morte é nada a par da gloria.



☞ *A Empreza agradece ao anonimo Portuense, auctor dos enigmas, ultimamente publicados, e pede a sua continuação.*

PRAIA VERMELHA

NO RIO DE JANEIRO.

Da parte de fóra da barra da Capital brasiliense, n'uma situação que se póde de algum modo comparar á da enseada de Cascaes em relação com a foz do Tejo, está a praia dita Vermelha, continuando a denominar-se assim o valle plano que se prolonga terra dentro até desembocar na formosa bahia de Botafogo. A feição mais characteristica d'esta paizagem é o notavel morro, altissimo e escarpado, que da apparencia de sua figura tirou o nome, e que o P.e Durão designa em dois versos no seu poema o Caramurú, cant. 8.º est. 41.

> Chama-se Pão d'Assucar o penedo,
> Em pyramide ás nuvens levantado... [1]
> ....

A ascensão d'esta montanha de pedra é difficillima de effectuar: porêm o sabio viajante, principe Maximiliano de Wied-Neuwied conseguiu subir ao vertice que se mostra regularmente do modo que se vê na gravura que apresentâmos, rematando em topo cónico arredondado. Antes do principe um inglez teve a audacia de trepa-lo e hasteou em cima uma bandeira britannica. Thomaz Antonio de Villa-Nova Portugal, então ministro, prometteu baixa áquelle soldado que se aventurasse a ir derribar a bandeira; e so por este premio, a isenção do serviço, que a maioria dos soldados ambiciona, houve um que se abalançou á empreza, e abateu o pendão estranho. Do morro até á ponta da barra, dita Cara de Cão, medeia um espaço não mui longo de terreno baixo. Dizia a tradicção que a Praia Vermelha fôra a paragem d'aquella parte da costa, a que primeiro aportaram os navegadores portuguezes; mas é ponto não so por averiguar mas bastante duvidoso. Por decreto de recente data se está edificando n'este sitio, em razão de ser desafogado e salubre, um hospital para recolher alienados; é sorte lástimosa a d'esses infelizes, a quem não podia acontecer maior desgraça que o extravio da nobre faculdade que distingue o homem de todo o ente animado. Os asylos, onde ou saram ou se abrigam, tem merecido os cuidados dos governos da Europa imitados em o Novo-Mundo, e não podia deixar de excitar a attenção do nosso, muito mais quando por situação e outras circumstancias é improprio o local que occupam em Lisboa os miseros alienados, postoque ligado a um magnifico estabelecimento de beneficencia bem administrado, o hospital de S. José. O Sr. Dr. Bernardino Antonio Gomes, distincto na Medicina e mais sciencias naturaes, visitou os principaes hospicios de loucos, e em resultado de suas proveitosas viagens imprimiu no Jornal das Sciencias Medicas as suas observações e opiniões. Tracta-se de remover para logar accomodado o asylo dos loucos, e parece que fôra escolhido o sitio da Luz junto a Carnide, no edificio que o Collegio Militar abandonára, e que assim ficará bem aproveitado.



***

LISBOA.*

Quando o desconhecido acabou de ler os logares do sermão de Vieyra, S. R. suava de calor e de admiração, e lastimando a depravação do seculo, e a decadencia do pulpito, puxava para se limpar um lenço branco de cassa bordado, com uma tarja e um Cupido no meio, corações atravessados de settas em cada uma das pontas, e até não sei se alguma lettra symbolica. O ar recendia a essencia de rosas que transpiravam do lenço, e o sol que então ia no maior esplendor da sua carreira não offuscava os brilhantes de um primoroso annel mettido no dedo annular da mão direita do sacerdote. Depois de conversar mais alguns minutos, viu que horas eram em um relogio de ouro, proprio adorno de uma dama pela galantaria e a riqueza, e apertando affectuosamente a mão ao desconhecido, despediu-se d'elle.

« É quasi uma hora (disse este) e mestre Chrispim que alem está, não ha de passar sem uma visita minha. »

Mestre Chrispim era o último dos sapateiros, e o primeiro dos remendões. Tinha brilhado como um meteóro nos bellos dias das botas de rugas: mas depois que os *Bouillons* vieram derriba-lo do seu throno de cortiça, largando o serol aristocratico, entrou a popularisar-se com os pés dos saloios e dos calceteiros. A sua obra afamou-se então pelo feio e o forte: as suas tombas eram um modelo no genero grotesco: os seus contrafortes eram á prova de calcanhar de gallego: as suas solas um portento, o non plus ultra das solas. Mestre Chrispim não faltava terça feira, das que Deus mandava ao mundo, n'aquelle mercado, e ás outras suas collecções artisticas juntava agora uma collecção de tamancos. — Mestre Chrispim, ou mestre Joaquim: mestre Chrispim lhe chamava o desconhecido, como chamam a todos os sapateiros: mestre Joaquim era, salvo seja, a sua graça.

« Deixe-me ver aquelles tamancos, mestre. (O desconhecido apontou para uns tamancos).

« Aquelles tamancos não são para vender, meu freguez.

« *Meu freguez* » o mesmo valia que est'outras expressões: meu nobre amigo — o honrado membro — o colendissimo Juiz — o douto patrono adverso. — Mestre Joaquim fazia os seus dois dedos de rethorica: o desconhecido não era *freguez* de mestre Joaquim.

* Continuado de pag. 59.

[1] Vid. a pag. 307 da edição, portatil, barata, e ao mesmo tempo acceiada, que sahiu á luz ha poucas semanas, e comprehende tambem o bello poema de José Basilio, publicada com o titulo — Epicos brasileiros. — Um vol. de 450 paginas, contando as notas; preço 300 réis.

«Não importa, deixe-mos sempre ver (lhe tornou o desconhecido, cujos olhos penetrantes tinham esmerilhado nos tamancos o que quer que era singular.)

Consultando então os mysteriosos tamancos com olhos sibillicos, leu n'elles uns caracteres caballisticos que diziam..... que diziam..... que diziam o que eu não quero dizer para que a ponta de algum punhal quasi vehmico me não cosa para todo o sempre a boca. O desconhecido tambem não disse nada, contentando-se de abanar a cabeça, e volver para mestre Joaquim um olhar que dizia muito. Mestre Joaquim encolheu os hombros e sorriu-se com o ar entre importante e apatetado d'um lorpa que quer vender-se por homem d'estado. E o seu freguez differindo para outra terça feira mais algumas excursões que projectava fazer n'aquelle campo scientifico, occupou-se em passear aquella parte do terreiro que ficava neutra, isto é, que estava despejada das antiguidades do vasto bazar.

E passeando fez rectas, fez curvas, fez diagonaes, fez triangulos, fez trapezios, fez quadrados, fez parallelogrammos. Fez uma ode, um soneto, uma farcêta, um discurso academico, uma viagem ao polo antarctico, uma carantonha horrenda como o inferno do Dante ao lembrar-se d'elle. Abriu os braços, dizendo: *ah! meu amigo, quanto estimo encontra-lo aqui!* e achou-se abraçado com uma árvore. Buscou nos bolsos do collete que os não tinha o lenço de assoar, e não o achando, exclamou que Lisboa estava inçada de ratoneiros. Quiz por força vêr na caixa do rapé que horas eram; e entornou-a. Quiz tomar uma pitada no relogio; e quebrou-lhe o vidro. Cumprimentou com toda a seriedade e respeito a um jumento que ia passando, e deu-lhe excellencia. Assobiou com todo o enthusiasmo de um *dilettante* a *Casta Diva* ao compasso da musica acida de uma sanfona de cégo, que arremedava soffrivelmente os córos infernaes de Mayerbeer em miniatura. Tropeçou n'um cão que estava dormindo, e virou-se para elle com muita civilidade: *queira perdoar*. Fatigado do passeio, perguntou aos moços de um carro funebre do Lagoia, se *aquelle omnibus* ia para o Largo do Pelourinho? Desmagnetisou-o uma risada dos tres Acherontes. Despertou-o completamente da distracção o sino das Ave Marias. E ainda viu destroçar a bagagem archeologica da Feira da Ladra.

As Ave Marias ainda hoje são a mesmissima hora de que escreve o Tolentino:

«Quando a Dama requestada
«Hum vulto na esquina vê,
«E diz á fiel criada,
«Que desça, pé, antepé,
«E tome o escrito na escada:

Mas ja não é a hora sinistra como no tempo do nosso Boileau:

«Quando todo o Ginja rico
«Para casa a próa inclina,
«Por temer facas de bico;
«E cuida que a cada esquina
«Lhe lança mão o *Joanico*.

O desconhecido discorreu sem receio pela cidade até tarde. A final dirigiu-se ao terreiro do paço.

Annunciava dez horas da noite a lingua de bronze do relogio da Sé. Uivavão os cães impressionados da electricidade que pesava na athmosfera. Uma cinta de nuvens negras orlava o ceu para a banda do sul. Relampagos ao longe. A trovoada vinha-se approximando. Approximou-se mais. Ainda mais.

Os edificios que quadram aquella vasta área, até então envoltos quasi nas trevas, avultando aos olhos como montanhas, reluziam agora á maneira de apparições ao clarão do fogo do ceu. As arcadas brilhavam e desappareciam. Brilhava e desapparecia a bayoneta da sentinella que estava de guarda á estatua equestre. Como o paladim de Ariosto fendendo os ares no Hipogrifo mostrava-se o rei cavalleiro, e ficava outra vez sobre a sella de bronze, immovel e eterno atalaya do Tejo e da cidade. E no mesmo pedestal reverberava a espaços a effigie do grande ministro. A pouca distancia o vulto negro e enorme das aguas inundando-se de luz surgia como um novo mundo do seio do cahos. E os colossos indelineaveis que alli habitavam em profundas trevas, — os navios, — n'um relance se vestiam de fórmas radiantes; n'um relance tornavam a cobrir-se com o manto caliginoso da noite. Tudo presagiava uma d'essas tempestades picturescas que o pavor ou a hora nos privam de contemplar, que contemplada enleva a alma n'um sentimento delicioso de admiração e terror, e o desconhecido dispunha-se ja para subir a alguma eminencia da cidade, onde melhor podesse aproveitar as impressões d'aquella scena magnifica; quando o vento mudou repentinamente ao norte, varreram-se as nuvens, e o ceu puro e sereno povoou-se todo de estrellas.

Levantava-se ao Oriente um farol: era Venus afogueada, formosa, e, n'aquella noite sem luar, rainha do firmamento.

«Quantas vezes, planeta incomparavel (exclamou o desconhecido) tens brilhado sôbre ésta cidade! Agora a viste idolatra, adorando o sol e a lua sob a invocação de Astarte e Melkarth. Agora Amazona intrepida sopesando a lança do paladim, ornando-se com os braceletes do celta, calçando o acicate de oiro, empunhando o falcão e a bosina dos nobres e castellões. Agora coroada de loiros, e victoriosa da moirisma. Agora a saudaste peregrina voltando dos logares sanctos com o rosario, o bordão, a esclavina do romeiro, com a harpa do trovador e a cithara do romanceiro. Agora toucada das safiras do Oriente e gloriosa com as pareas de mil povos, e os trofeos de mil reis..... »

E a rainha da noite seguia sua rotação silenciosa nos espaços infinitos, em quanto o desconhecido a invocava; que a invocou por largo tempo. Um barco que vogava ao longe, ia deixando um rasto luminoso nas ondas fosforecentes, e agastadas ainda das convulsões da tempestade. Lançando uma luz moribunda em volta da vasta quadra, formavam os candieiros penumbras enormes. O pregão dos aguadeiros, o ruido das seges que rodavam, as vozes indistinctas que de si lança a cidade nas horas mortas do somno emmudeciam pouco a pouco.

Que era um zumbido surdo que alli perto se ouvia? Era um pobre andrajoso, macilento, e faminto, que dormia sobre um dos assentos de pedra plantados no muro que continúa ao longo do rio.

Com o auxilio de uma lanterna surda póde o desconhecido observa-lo á sua vontade.

«Accorda-lo-hei? (disse elle comsigo). Não. Seria despiedade. Dar-lhe-hei uma esmola? Sim. Mas dou-lha sem que elle saiba de que mão lhe veio. A caridade quanto mais modesta e ignorada mais é acceita do ceu. E depois quando elle accordar cuidará..... que foi a providencia de Deus que lha deitou la de cima. E não errará, porque um acaso providencial me trouxe aqui a esta hora.»

E mettendo n'uma algibeira do pobre algumas moedas de prata, sentia o coração dilatar-se-lhe n'aquelle dôce contentamento que dão as obras de misericordia — antes deveres — a quem as cumpre; a tempo que accordado ja do longo scismar em que estivera absorto, ouviu uma toada de instrumentos, e alongando-se alguns passos para melhor se affirmar no que seria percebeu que era um baile em uma casa na rua augusta. Um lustre de muitos lumes desenhava na parede fronteira, volteando com rapidez, as sombras gigantes de um par que valsava, e o allegro do acompanhamento crescendo cada vez mais era signal infallivel que a valsa degenerava. Era mais que um galopar precipitado, era uma vertigem, era um delirio.

Contrastando aquella mocidade (porque moços forçosamente haviam de ser os dois empenhados na valsa vertiginosa), aquella alegria, aquella fortuna, com o definhamento, com a penuria, e desnudez que acabava de soccorrer, foi-se andando o desconhecido, caminho do seu albergue, preoccupado de reflexões melancholicas.

Ao levantar-se no outro dia, vendo-se com umas barbas descortezes, foi-se prover de remedio a mestre Braz.

Mestre Braz era o Pindaro dos barbeiros. Não havia loja mais fresca, penteador mais lavado, navalha mais macia, sabonete mais cheiroso, pratica mais variada e agradavel, sciencia mais universal do que a sua. Era mestre Braz uma encyclopedia viva, um Flos Sanctorum, como que diriamos uma *Nova Floresta* dos casos e pequenos escandalos da visinhança. Em astronomia o seu homem era o Borda d'agua; em politica o seu oraculo o periodico dos pobres de Lisboa; em historia o seu Tacito era Carlos Magno.

Por desgraça d'este sabio, o desconhecido quasi sempre avido de estudar os characteres distinctos, e experimentar os talentos superiores, tinha pressa n'aquella manhã: a sua colheita de observações destinava fazê-la n'outro theatro — a Praça da Figueira. Vinte vezes mestre Braz batteu as azas para um exordio; vinte vezes lhe cortou os vôos da eloquencia a thesoura inexoravel do desconhecido.

«Avie-se, mestre, avie-se.

Mestre Braz fazia orelhas de mercador, tornava a soltar as vélas.

«Avie-se, mestre, avie-se.

Até que emfim resignado mestre Braz devolveu ao seu instrumento todos os dotes do seu engenho; a navalha improvisadora correu sobre as barbas do desconhecido como as mãos inspiradas de Liszt sobre as teclas do pianno; e d'ahi a minutos o desconhecido junto á loja do Pão-quente ouvia:

«Vae la a cautella de seis vintens? Foi regeitada por um gallego.»

E entrando na Praça, aquella Babylonia da hortaliça, tomou a nota que se segue dos curiosos dialogos que alli corriam entre differentes interlocutores.

— Ó meu amo, vae la o cabasinho?

— Quer ovos freguez? São muito frescos; seis e meio a duzia.

— Quer quatro vintens?

— Não posso vender.

— Olhe, venha ca: dou-lhos a cento e dez. Veja ésta fazenda... Tamanhos e tão baratos não os acha n'outra parte.

— Dou-lhe quatro e meio.

— Oiça uma palavra... Dê ca um tostão. São de gallinha de casta grande; são como ovos de perua.

— Quanto quer por este repolho?

— São dois vintens, meu freguez.

— Dou-lhe um vintem.

— De vintem são aquelles mais pequenos: tambem são bons.

— Não me fazem conta. Quer trinta réis pelo outro?

— Não é repolho d'esse preço. Veja como é fechado; val por dois dos pequenos.

— Adeus, passe muito bem.

— Psio, ó senhor, venha ca, leve-o la por trinta e cinco.

— Não dou mais nem um real.

— Pois va-se com mil diabos. Escommungado do velho, queria a hortaliça de graça. Trinta réis por este repolho, e ainda lhe fazia cara! Vir aqui arrastadinha, de Sacavem, romper saias, e sapatos, pagar o escriptinho ao alcaide, para não vender nada todó santissimo dia!

— Compre-me as laranjas.

— A como é o meio cento?

— Doze vintens, freguez. É laranja de Setubal: toda do ramo. Compre que vae bem servido.

— A menina é bem careira! Dê-mas pelos onze, que hei de ser seu freguez.

— Não ganho nada; mas tome-as la. O senhor tem tão bom modo!... porque me não leva o cento? Conto o cento?... Ja agora.....

— Conte o cento, conte o cento... A menina é os meus peccados.

— E limas não quer, freguez? Muito boas, baratinhas. Leve-me o cento pelos dezoito vintens, por serem para o senhor.

— Não é menos?

— Não posso. Se podesse... O senhor bem vê o tamanho. E o gosto dir-me-ha.

— Um quarteirão. Escolha-as boas.

— Sim, senhor.

— E pêra rosa não quer?

— Outro dia. Pague-se, menina... Adeus.

— Viva, freguez, até outro dia.

— Compra-me as favas, senhor?... Arrede-se la, só ginja: não me descasque as favas... Que tal está! E dá-as ao outro: cuida que está dando herva ao burro!

— Compra o casal de perús?

— Quanto quer?

— Dois mil réis.

— É muito caro. E ésta perúa?

— Nove tostões.

— Quer os seis?

— Eu tambem compro... Veja la, tome-lhe o pêso. Apalpe-lhe aqui o peito. Olhe como está gorda!

— Servem-lhe sete tostões?

— Não posso vender.

— Adeus.

— Venha ca: dê os oito e meio.

— Não dou mais que sete e meio.

— Fique com ella pelos oito: perco meio tostão. Ande que vae bem servido.

— Venha ca, freguez; compre-me as balancias. Venha ca, são muito boas.

— Quer gallinhas, e frangos muito gordinhos, venha ca senhor.

— Quanto quer por aquelle mólho de cebolas?

— Dois tostões, senhor.

— É muito caro.

— Venha ca senhor, prometta; quanto me dá?

— Dou-lhe quatro vintens.

— Fica pelos nove.

— Não valem mais que um tostão.

— Por um tostão não acha cebolas d'estas!

— Passe muito bem.

— Psio, ó senhor, venha cá, ponha mais um pataco.

— O último que lhe dou são seis vintens.

— Em consciencia por esse preço não posso vender.

— Compre-me ervilhas, freguez.

— Não nas tem mais grossas?

— Alli as ha, mas é tudo casca. Estas são miudinhas, mas olhe são finas.

— A como?

— Quer quatro arrates? Peso-lhos a dois e cinco.

— Olha la rapaz, tu sabes as Pedras negras?

— Xi Xenhor.

— Numero 6, primeiro andar. Entrega la o cabaz. Dize que eu ja la vou ter. Numero 6, não te esqueça.

— Xi Xenhor, quêda com Deus.

«O estimulo do interesse (disse comsigo o desconhecido) iguala o petipé d'estas cabeças ás melhores cabeças da Europa.» E de feito nas profundas discussões sôbre favas e ervilhas aquelles entendimentos tendiam o arco com tanta destreza como Adam Smith nos capitulos do preço, como Metternich nas mais delicadas transacções diplomaticas.

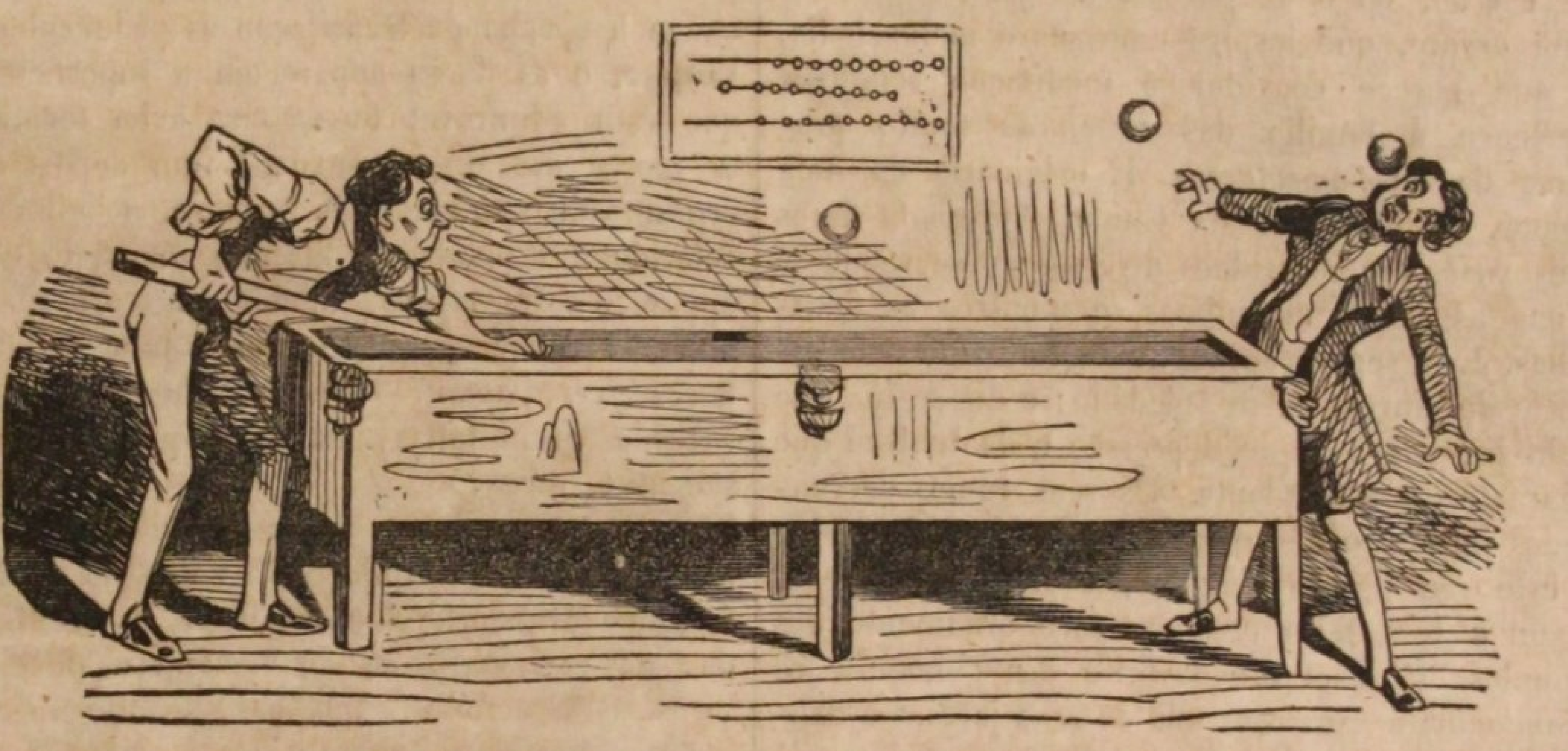
A. DE O. MARRECA.

(Continúa.)

O JOGADOR DE BILHAR.

Há um ente feliz, não diremos completamente feliz, porque neste mundo não ha ventura completa, mas ao menos comparativamente feliz — é *o jogador de bilhar*. D'ordinario é uma creatura que vive *das suas rendas*, isto é, do dinheiro que ganha aos outros; traja modestamente, e contenta-se com uma magra sôpa e um mesquinho almoço — para poder mais ligeiro mostrar as suas habilidades: os Francezes acharam um nome adequado para esta *maquina pensante*, e por isso o epitheto de *tyran d'estaminet* foi logo decretado para a cohorte temivel que enche os botequins de Paris; todavia nós os Portuguezes, que nos falta muita coisa (juizo sobretudo) por mais que tenhâmos trabalhado ainda não foi possivel descobrir um têrmo que designasse bem *o jogador de bilhar*... mas *jogador de bilhar* não exprime uma idêa? Exprime, sim senhores, mas não uma idêa exacta; no emtanto, como não ha outra, e nós impozêmo-nos a obrigação de descrever um typo, que figura muito em todas as lojas de bebidas de Lisboa — que remedio senão acceitar o que ha. — *Vá jogador de bilhar*.

Não tendes entrado n'um botequim e por entre uma nuvem espessa de fumo de charuto não haveis visto um homem em mangas de camisa (no verão ja se sabe) — olhando para todos triumphante, sorrindo a cada *tacada*? Por força o conheceis: — é *o jogador do bilhar!* — Alli elle é rei, senhor absoluto da sala de bilhar, e se vos atreverdes a menosprezar o seu poderio... vede! Com uma *tacada* (uma tacada só, notae bem?) fará saltar fóra todas as tres bollas e apresentar-vos-ha com ellas na cara...



— *Carambolei!* exclama o *jogador* com certo ar de superioridade.

E os olhos parecem-me saltar-lhe fóra das orbitas e o nariz se lhe afila em quanto meio curvado sobre o bilhar, com o taco em posição — espera pelo resultado do seu *tour de force*. A victima devora em silencio a affronta e protesta em segredo *carambolar-lhe* com dois murros pelas ventas, quando o pilhar fóra do seu territorio.

Ha uma linha de respeito entre as Nações — dil-o o Direito das Gentes; a pratica tem estabelecido o alcance d'um tiro de canhão; o *jogador de bilhar* tambem tem a sua linha de respeito — é todo o terreno que occupa a mesa do bilhar e dois palmos fóra d'ella. Não queiraes usurpar essa conquista ao *jogador*; deixae-o livre no seu pequeno reino; contentae-vos de o applaudirdes de vez em quando com esta frase tão vulgar e doce — «bem dada bolla!» — É curta a expressão, mas immensa no sentido para bom entendedor.

Os cuidados não inquietam o *jogador de bilhar*, a familia pouco lhe importa — a sua vida é toda cheia d'encantos e de preguiça: — menos do meio dia ninguem o vê, porque deita-se muito tarde.

(Concluir-se-ha).

PASSEIOS

AO JARDIM BOTANICO DA AJUDA. *

Durante os seis annos, que decorreram desde 1828 até 1834, ficou este estabelecimento sem direcção, inteiramente esquecido, e abandonado. Os longos e scientificos trabalhos do Dr. Brotero soffreram muito n'esta especie de interregno — desappareceu um grande número de especies, e perderam-se muitos exemplares de algumas das mais ricas collecções exoticas — o bello quadro das classificações, que logo visitaremos, foi-se empobrecendo de dia para dia.

As desgraças publicas, e as tormentas civís, que nos flagellaram durante esses seis annos não davam vagar para se pensar nas sciencias. Mas logo que o Imperador D. Pedro embainhou a sua espada, e sentou sua filha, a Senhora D. Maria 2.ª no throno que os Portuguezes fieis lhe conquistaram, um dos seus primeiros cuidados foi providenciar para que se não perdesse inteiramente ésta *escholа práctica de Botanica*, a unica que existia na Capital. A sua direcção foi então provisoriamente confiada ao Lente de *Zoologia* Francisco de Assís Carvalho, que passado breve tempo — pouco mais de um anno — foi substituido pelo Lente de Botanica da Universidade de Coimbra o Dr. José de Sá Ferreira Santos do Valle, que procurou cumprir e cumpriu desvelada e intelligentemente as funcções do seu emprego.

Em 1839 annexou-se o jardim á Eschola Polytechnica, e foi commettida por lei a sua direcção ao Lente proprietario da Cadeira de Botanica, e principios de Agricultura da mesma Eschola, arbitrando-se-lhe pelo exercicio d'este cargo uma modica gratificação.

Desde então tem o estabelecimento prosperado consideravelmente, e um grande número de exemplares veio enriquecer o quadro das classificações. O vosso *jardim das plantas* não deixou de contribuir para o seu melhoramento, e ainda não ha muitos mezes que de la recebemos uma rica collecção de sementes de mais de 600 especies, que foram semeadas n'um dos quadros que havemos de visitar.

Como vêdes, estamos no plano inferior do jardim que apresenta uma excellente exposição, e existe abrigado da impetuosidade dos ventos, que

* Continuado de pag. 70.

n'este nosso paiz são um dos maiores flagellos da vegetação. Este plano está dividido n'um grande número de cercados consagrados á cultura de diversas plantas economicas — é um pequeno horto agricola destinado, como a Eschola Botanica do plano superior, ao ensino práctico dos alumnos. Logo vos farei notar algumas d'estas culturas experimentaes, ao passo que nos formos aproximando dos cercados onde se acham instituidas.

Como entrámos pela porta principal do jardim temos logo em frente de nós, e no centro dos viçosos prados de trevo e de relva que vamos atravessando, uma formosa cascata de marmore perfeitamente trabalhada, e que não podeis deixar de considerar como um extremado primor d'arte. As aguas da cascata são derramadas por grupos de numerosos animaes n'uma vasta bacia, que contêm muitos taboleiros tambem de marmore cheios de terra, uns inteiramente submergidos, e outros á flor d'agua onde vegetam um grande número de plantas aquaticas. Entre éstas podeis ja daqui descobrir o salgueiro de Babilonia *(salix babilonica)* a que vulgarmente damos o nome de *chorão*, ou o de *parasol do gran senhor*. É uma árvore, que inspira uma suave melancholia, e que parece convidar á meditação religiosa. Pertence á familia das *salicineas* muito proxima da das *amentaceas*. É originaria da Asia menor, da Persia, e da China. Apresenta flores unisexuaes em individuos diversos; observando-se n'uns as flores masculinas, e n'outros as femininas. Ésta separação dos sexos constitue uma especie de viuvez, ou de soledade; e dir-se-hia que dahi procede o ar de depressão e de tristeza que characterisa ésta planta. Os seus ramos derrancados imitam o abatimento produzido pela dôr, e é este seu hábito singular, e tristonho aspecto quem a tem feito escolher para ornamento dos tumulos. É a árvore favorita dos chinas; e os *mandarins* ornam com ella os seus jardins e dão-lhe o nome de *salgueiro cabelludo;* por isso que os seus ramos delicados e pendentes se assemelham aos soltos e longos cabellos de uma cabeça desgrenhada.

Ésta planta foi introduzida entre nós muito antes do que em França e em Inglaterra. A sua introducção n'este último paiz foi em 1692 e em França foi ainda posterior a ésta epocha. No meado d'este mesmo século ja o salgueiro de Babilonia refrescava com a sua sombra os claustros e as cêrcas dos nossos mosteiros. A descripção d'esta árvore foi-nos feita pelos escriptores sagrados e profanos da mais remota antiguidade. *David* cita-a nos seus immortaes canticos, quando descreve os Israelitas no captiveiro pendurando dolorosamente as suas harpas nos salgueiros das margens do Rio de Babilonia. Homero e Virgilio celebram igualmente a tocante belleza d'estes vegetaes. Algumas das especies do genero *salgueiro* podem ser contadas entre as plantas mais uteis da familia dos *salicineas*. As mais notaveis d'estas especies são o salgueiro *branco*, o *vitelino*, o *purpureo*, o *herbaceo*, e o *babilonico*. Com os ramos flexiveis de algumas d'estas plantas se faz uma grande variedade de obras de vime como cestos, cabazes, condeças, joeiras etc. A sua casca é empregada como febrifugo na medicina, e d'ella se extrahe um alcaloide denominado *salicina* que segundo as observações de alguns chimicos, e particularmente de Magendie, póde substituir em certas molestias, e até certo ponto, o sulphato de quinina.

Por baixo do salgueiro de Babilonia se vê sobrenadando a *nymphea alba* ou o golphão branco, especie pertencente ao genero *nymphea* que tem por caracter folhas cordiformes, calice de quatro ou cinco foliolos, a que os Botanicos chamam *sepalas*, corolla de alvas petalas, estames numerosos, e pistilos petaliformes. — A especie que temos presente poderia servir-nos para estudar a organisação mais geral da flor, se não reservassemos este estudo para outro dos nossos passeios.

Como ésta planta, e as da sua familia (a familia das nympheaceas) não se podem observar sem se admirar a sua magnificencia e formosura, todas as nações que as tem podido contemplar lhes tem dado os nomes mais poeticos e graciosos. O nome generico de *nymphea* que lhe damos e que *Tournefort*, se não me engano, lhe deu pela primeira vez, indica que a sua habitação é na morada das nimphas, que viviam, segundo os poetas, no meio das aguas. Os Egypcios appellidavam éstas lindas plantas *Esposas do Nilo* sem dúvida porque este rio magestoso é todo juncado pelas suas flores na epocha das innundações. Herodoto pela mesma razão appellida a *nymphea lotus, lirio branco do Nilo:* e os Francezes dão a algumas das especies do genero o nome vulgar de *nenuphar* derivado certamente de *nilufar* que lhe foi imposto pelos arabes. Ésta planta, como quasi todas as plantas aquaticas, celebra as suas nupcias á luz do sol, e á flor das aguas — quando chega a epocha da fecundação os pedunculos elevam-se, e as flores apparecem á superficie, até que ésta admiravel funcção se acha terminada. A morte dos orgãos sexuaes vem depois d'este orgasmo de vitalidade. A frescura, a belleza, e o colorido das petalas brilha um momento e desapparece! Os *esposos* morrem no proprio leito nupcial! A vida esvae-se com o amor — para as flores *viver é amar!* — Succede-lhes o mesmo que succede ás nimphas, mesmo áquellas que não são *mitologicas!*

A nimphea alba gosou na antiguidade da triste prerogativa de enfraquecer os desejos do amor. Segundo Dioscorides e Plinio o uso continuado da sua raiz, destruia no homem as faculdades viriz. Este erro propagado de seculo em seculo pelos naturalistas e pelos poetas, deu causa, a que os piedosos cenobitas, que se enterravam nos desertos da Thebaida usassem habitualmente d'esta planta para adormecer a vivacidade dos desejos, que viuham perturbar a sua vida piedosa e meditativa, e a que depois d'elles se fizesse nos claustros um continuo uso da sua raiz considerada como a salvaguarda da castidade.

A sciencia anniquilou posteriormente ésta illusão, e a *nymphea* que o poeta *Delille* chamava o *veneno do amor* é hoje reputada como um estimulante mais proprio a excitar do que acalmar os desejos eroticos: ja *Dubois de Rochefort* tinha feito ésta mesma observação nos conventos onde se fazia um largo uso d'esta medicina. Ésta planta offerece raizes carnosas e feculentas de que os habitantes da Tartaria fazem um pão muito saboroso. A especie mais formosa da familia das *nimpheaceas* é a *nymphea nelumbo* ou a *faba egypciaca* apresentada a *Adriano* á sua chegada a Alexandria como uma das maravilhas vegetaes d'aquelle paiz: as suas vastas folhas afuniladas que os auctores antigos compararam ao formoso penteado das mulheres da Thessalia, estão suspensas acima das aguas por peciolos de oito a dez pés de comprimento; do meio d'estas folhas se elevam flores côr de rosa de uma encantadora belleza, que exhalam um suave perfume. Este magnifico vegetal, que era reverenciado pelos habitantes do Egypto, e servia de ornato á Deusa Isis, recebeu d'este povo o nome de *rosas do Nilo;* mas hoje desappareceu d'aquelle paiz; e somente se encontra na India, na China, e na Persia onde é considerado tambem como um emblema religioso. As sementes da *nymphea nelumbo* têm, quando frescas, o gôsto das amendoas, e preparam-se com ellas em quasi toda a India bolos e massas que apparecem nas mesas mais delicadas.

Mas o sol acaba de esconder-se no horisonte, porque as flores da *nymphea* ja se cerraram dentro dos seus *involucros calicinaes;* e vão refugiar-se e dormir, assim escondidas, no meio das aguas, até que o sol de amanhã as desperte e desabroche com os seus raios vivificadores. Este admiravel phenomeno, conhecido pelo nome de *somno das plantas*, merece que o estudemos em algum dos nossos primeiros passeios. — O de hoje devemos termina-lo, para que possamos ainda subir o rio durante o crepusculo da tarde; e para que vejamos ainda a grande cidade projectar-se confusamente no horisonte — e envolvida no seu manto vaporoso preparar-se tambem para descançar das fadigas do dia.

G.

(Continúa.)

NOTICIAS.

— Entre os papeis do defuncto Augusto Guilherme Schlegel encontrou-se um volumoso manuscripto authografo, escripto em francez, tendo este titulo — As minhas obras posthumas. — Segundo affirmam alguns jornaes esta obra é a historia da litteratura dos differentes povos da Europa desde 1780, e o seu fim principal é demonstrar a grande influencia que a revolução franceza teve sôbre as ideas litterarias. Consta que vai brevemente ser publicada em Leipsick pelo livreiro Brockhaus em 10 volumes em 8.º

Este celebre escriptor estudou theologia na sua mocidade, e foi um dos mais distinctos escriptores allemães da epocha moderna. Juntamente com seu irmão concorreu muito para a revolução litteraria que se operou na Allemanha no fim do seculo passado. As suas obras são estimadas em toda a Europa. As suas lições sobre a Arte Dramatica lhe grangearam a reputação de excellente critico, e a traducção das obras de Shakespeare, e a collecção de theatro hespanhol, a de um perfeito traductor. *As flores da Poesia italiana, hespanhola, e portugueza*, assim como a *Floresta romantica* são motivos bastantes para que o seu nome como poeta seja venerado pela posteridade.

— Formou-se ha pouco em Berlin uma Sociedade denominada — *Sociedade de Musica Classica.* Organisada do mesmo modo que a — *Sociedade de Musica antiga de Londres*, da qual o Principe Alberto é Presidente, o seu fim é dar todos os hynvernos concertos publicos, nos quaes se hãode executar as mais celebres composições de todos os generos devidas ao talento de auctores ja defunctos. — O Principe da Prussia é o Presidente: e entre os seus membros conta-se Lord Westmoreland, Embaixador de Inglaterra em Berlin, a Condessa Rossi, Mayerbeer, e outros celebres e distinctos artistas.

ENIGMAS PITTORESCOS.

EXPLICAÇÃO DO ENIGMA DA FOLHA ANTECEDENTE.

Amor nunca descança.



SUMMARIO.

PENHA-LONGA.

ENCOSTADO ás faldas da serra de Cintra ha um valle que segue a direcção quasi de norte a sul, inferior ás charnecas, que o circumdam ao nascente, e fica proximo do logar denominado Ribeira de Penha Longa, ou Pera Longa segundo em documentos antigos se acha escripto. Abundancia d'aguas, que tem seus mananciaes perennes na serra, e boa exposição abrigada dos ventos destruidores, contribuiram juntamente com a fertilidade do solo para que as propriedades agricolas ahi fundadas promettessem esperançosas colheitas; os fructos creados neste torrão distinguem-se por saborosos e capazes de mais prolongada duração, sempre bem conservados.

O edificio que occupa este valle na sua mais proxima quebrada para a raiz da serra é o mosteiro que pertencia á ordem de S. Jeronymo: a primeira casa, que ésta religião possuiu neste reino; a que deu origem a que a magnificencia dos reis fundassem depois o historico e sumptuoso cenobio de Belem, e a sua miniatura o convento da Pena; aquelle aproveitado para um estabelecimento de beneficencia, que muito desejâmos accrescentado em progressivos melhoramentos; e o segundo reedificado segundo a planta antiga pelo muito plausivel gôsto de S. M. El-Rei, que conservando as feições naturaes do edificio velho fez que se aplanasse e amenisasse o ingresso para este monumento do espirito religioso da monarchia antiga.



Na proximidade do mosteiro, o primeiro objecto que se apresenta a quem prosegue, vindo da charneca, povoada de tojos e matto rasteiro, é o penedo denominado dos *ôcos*, em razão da fórma elliptica que offerece á vista o principal sôbre o qual hastearam uma cruz; os adjunctos teem simillhante ou approximada configuração; são notaveis pela posição, que parece desviar-se do centro de gravidade; e comtudo alli estão ha seculos arrostando as tempestades.

Antes de entrar para o convento ha outra cruz, e dahi adiante um largo ou páteo de fórma quadrangular; da parte esquerda estão as hospedarias, ou seu logar, que Elrei D. Manuel mandou fazer, e que Elrei D. Pedro 2.° mandou reedificar, o que demonstrava um lettreiro em pedra preta bornida assentado sôbre a porta.

A imagem da Mãe de Deus, conhecida pela invocação de Nossa Senhora da Victoria em tempos antigos, a que os fieis e devotos reconhecidos deram depois o titulo de Nossa Senhora da Saude, consta por tradição e documentos da casa, que pertencêra a Ruy de Araujo, capitão nosso bem afamado nas guerras da Asia, cujas proezas se podem ler na segunda e terceira decadas de João de Barros, e no primeiro tomo da Asia portugueza de Faria e Sousa: falleceu este valoroso homem em Malaca, e deixou em testamento que uma capella de missas se lhe instituisse no mosteiro de Penha-longa: a imagem, de sua particular devoção, parece que foi trasladada a este convento; e em memoria dos muitos vencimentos que de inimigos obteve o seu devoto sempre foi conhecida por Senhora da Victoria, occupando a primeira capella logo á entrada. Sobreveio porêm a fatal pestilencia de 1569, e os povos circumvisinhos, acostumados a venerar a Consoladora dos afflictos n'aquelle templo, soccorreram-se a ella na sua angustia e dor; e dahi datam as romarias que se faziam, e ainda hoje algumas continuam, ao mosteiro de Penha-longa, passando a invocação da imagem para a de Nossa Senhora da Saude, titulo pelo qual é ao presente geralmente conhecida, sem que nenhum dos romeiros, ou mesmo dos povos circumvisinhos se lembrem da antiga invocação. — Nós daremos testemunho da fé sincera e pura da maioria dos habitantes d'aquelles contornos, e que o seu culto não é idolatria; compete aos sacerdotes dirigir estes e outros muitos que do coração prezam a crença dos seus antepassados: oxalá que os ministros do culto, obedientes ás leis canonicas, os não desviassem do recto caminho por mesquinhos interesses, e ainda mais era para desejar que muitos lhes não dessem pessimos exemplos, mostrando que o ministerio sacerdotal é uma especie de officio.

A capella da Senhora mudou-se em 1685 para a do meio do templo; o pontifice Gregorio 13.° tinha concedido jubileu para os confrades de Nossa Senhora da Saude, mas é singular que o arcebispo de Lisboa D. Miguel de Castro ordenasse que não houvesse outra imagem denominada Nossa Senhora da Saude dentro do circuito de cinco leguas contadas do mosteiro de Penha-longa.

Nas hospedarias assistiu por varias vezes D. Manuel, e os seus successores melhoraram e engrandeceram este mosteiro, principalmente o cardeal rei, D. Henrique. A egreja, de architectura conforme ás construcções do tempo, não é obra que se possa chamar rica, mas tem o tecto de laçaria de pedra sôbre pilastras, que semelham secções de columnas. A capella da Senhora da Piedade dizem ser o local de uma antiga ermida, que adoptára com seus companheiros, para a vida solitaria, o fundador d'esta casa, Fr. Vasques Monteiro, natural de Leiria, e da casa dos condes de Santa Cruz.

O claustro d'este mosteiro é quadrangular, de lanços guarnecidos de azulejos, com uma fonte ao meio que despede as aguas para as quatro faces. Por cima ha outro claustro de abobada, do qual se entra para a casa capitular, onde havia uma pintura antiga do *Espirito Santo* descendo sôbre os apostolos: d'esta casa ha serventia para o dormitorio, que tem 316 palmos de comprido e 15 de largo, obra do infante D. Luiz. N'este dormitorio está um pequeno corredor para o claustro de cima, onde ha duas casas para o *tanque das adens;* uma a cella prioral, e outra a livraria: aqui assistiam elrei D. Sebastião, o infante D. Luiz, e o cardeal-rei, quando vinham recrear-se a este mosteiro. Tem uma escada de pedra, que remata na que vae para o capitulo, a qual é a principal entrada do mosteiro, e no alpendre que ahi se fórma está o seguinte lettreiro: — Na era de 1627 em o 1.° de Dezembro ao meio dia houve uma cheia que alagou todo este convento até á altura d'esta pedra. — E a altura é para mais de seis palmos. — As aguas da chuva despenhadas da serra produzem inundações no pomar e adjacencias, mas aquella foi estupenda, e quem conhece o sitio o poderá avaliar.

Á parte esquerda do caminho que conduz ao mosteiro está *a fonte* dita *da porca* em razão da figura focinhuda por onde mana a agua, tão salubre que no Aquilegio Medicinal se diz ser excellente para uso dos que padecem da bexiga; lembra-nos com saudade porque muitas vezes ahi saciámos a sêde. — Do largo da fonte ha serventia para um grande quadro lageado, que no meio tem o lago chamado *tanque das adens*, onde bem podiam navegar os mais corpulentos cisnes. Os bons religiosos antigos tinham a sua creação de adens, e refere-se que éstas tinham para sua mantença uma renda especial, nascida de que estando o cardeal, depois rei, á janella do claustro superior, ouvindo-as gritar, perguntou a Fr. Antonio, monge morador da casa e seu valido, porque as adens levantavam clamor; o frade esperto respondeu-lhe que pediam comida, e o cardeal generoso consignou-lhes uns tantos moios de pão de renda annual para sustento, proveito da communidade.

Neste claustro, no lanço fronteiro á porta da serventia para o mosteiro, ha a entrada para o pomar d'espinho chamado o *jardim do Cardeal-Rey*, e nelle ha tres fontes; *a das lagrimas*, onde a agua goteja mansamente e pinga a pinga para o tanque que a gruta recolhe: *a de Moysés*, que nasce da fenda d'uma rocha, com assentos para repousar, que em parte a circumdam; a terceira cahe n'um tanque jorrando de um pilar de jaspe no centro. Ha neste quarteirão da cerca, que é toda deliciosa, uma eminencia d'onde se desfructa a vista do Oceano. — Mais disseramos,

mas tememos ser importunos: os curiosos de mais saber neste ponto consultarão a Memoria do Ex.mo Sr. Visconde de Juromenha — Cintra pinturesca — e quanto ás imagens da Virgem o Sanctuario Marianno tomo 2.° ***

MYSTERIOS D'UM PALITO. *

III.

Algum tempo sou transportado sôbre a copa do chapéu do meu incognito, mas o destino queria que não viajasse n'essa carruagem de nova especie; levantou-se vento, e perdendo o equilibrio fui arremeçado.....

Não te assustes, leitor, a minha estrella não me abandonou..... Uma dama guapamente vestida, com um véu encobrindo-lhe parte do rosto, era a minha protectora.

Eu ia voando com a agilidade d'uma *sylphide*..... esperava ser despedaçado nas pedras da calçada, quando esse véu, esse véu a quem tanto devo, prende-me n'uma de suas delicadas ilhozes, e fico suspenso, são, e salvo!

Passado o sobresalto do vôo, tractei como maganão de ver o rosto de quem me havia poupado a vida: era um pouco moreno, tinha olhos grandes, negros como o azeviche, sobr'olhos arqueados, como dizem ser os das Circassianas, cabellos pretos cahindo-lhe em grossos anneis, emfim, um todo que parecia..... Estava agora com vontade de a comparar com algum quadro de Rafael ou Miguel Angelo, mas se eu nunca os vi! O seu vestuario era o requinte da moda, o seu porte nobre e indicando a alta sociedade.

Depois de termos transitado pelas ruas da baixa da Cidade de Lisboa, tendo gasto alguns minutos na compra de bagatellas, dirigimo-nos para a banda da rua de *** em frente d'um rico palacio, que era a habitação da minha gentil dama.

Não posso deixar de me demorar na descripção dessa habitação, que semelhava uma mansão de fadas. Os tapetes mais sumptuosos, as procelanas mais delicadas, as cortinas de cassa bordadas d'escarlate, os veludos, os estôfos de sêda; n'uma palavra, tudo quanto a imaginação póde fantasiar de mais fastoso e elegante, alli estava reunido.

....

Amelia (assim se chamava a dama do véu que me salvou) era descendente d'uma das principaes familias de Portugal; tendo sempre vivido na opulencia, frequentando as sociedades escolhidas, engolfada n'um turbilhão de prazeres — tinha-se visto cercada d'uma multidão d'adoradores e tinha aprendido a ser voluvel: chegada a uma edade em que lhe convinha tomar estado — seus paes resolveram caza-la com um Barão, ja de edade, e que possuia uma fortuna menos má. A vida d'Amelia não mudou; ella tinha cazado a mão, mas não o coração, no tão mimoso dizer do nosso Bernardim Ribeiro: seu marido, apesar de velho era um dissoluto; jantares, mulheres corrompidas — eis as unicas coisas que distrahiam aquelle homem, ja tão gasto pelo desregramento. D'aqui se vê que a Amelia ficava toda a liberdade para se entregar aos caprichos do seu coração.

Na alta sociedade é assim que se vive; o amor é estudado, os affectos d'alma não são admittidos pelo Codigo do *bom tom*. A vida que Amelia e seu marido gosavam tinha-lhes feito exhaurir essa mediocre fortuna que possuiam e hoje viam-se reduzidos a contrahir enormes dividas..... Tambem se não estranha no chamado *grande mundo*; a palavra caloteiro é muito rasteira para alli ter entrada. — Entre os muitos mancebos que requestavam Amelia havia um que se distinguia — chamava-se Ernesto. — Moço e formoso, lançado de repente ao pelago de desvarios da boa sociedade, vira Amelia e morrêra d'amores por ella! A conquista tinha sua importancia; namorar uma mulher cazada é um dos requisitos essenciaes para assentar praça de taful! Mas pobre Ernesto! Seu coração, virgem ainda d'afeições, sentia amor deveras. — Tinha chegado aquella edade em que tudo é tão bello e risonho, em que se estremece ao apertar os dedos da mulher que adorâmos, em que se perde a cabeça por um beijo demorado, em que se delira quando se vê um seio arfando; porêm ah! quão depressa a sociedade despinta todas éstas illusões! O hábito de gosar embota as nossas faculdades e torna-nos indifferentes aos encantos da belleza!

A mulher é um ente inexplicavel. Se chega a conhecer que um homem a adora é rainha — se pelo contrário elle a despreza, escrava. — Ernesto achava-se no primeiro caso, e Amelia abusava, como todas as mulheres em identicas circumstancias. — O misero mancebo para satisfazer a algumas exigencias d'Amelia tinha-se empenhado, e essa mulher desapiedada constantemente o importunava para que lhe arranjasse dinheiro, porque as suas necessidades eram desmesuradas.

Todas as terças-feiras havia em casa d'Amelia as chamadas *partidas*, onde se jogava com o amor e com as cartas, onde se ria e dançava, onde se arruinavam familias inteiras, onde, emfim, por algumas horas de prazer se compravam annos d'amarga desventura. Ser-se-ha feliz na alta sociedade? A resposta não será facil; no emtanto creio que não. Transportemo-nos por um momento a uma d'essas reuniões.

São 10 horas; as salas estão apinhadas de convidados: respira-se uma athmosfera impregnada de fumo, de mesuras, e fingimentos. — Conversa-se, joga-se; é um bulicio continuo cortado de frases amorosas, de risos descompassados. — Semelha esse ajuntamento ruidoso de homens e mulheres um congresso diabolico — um *pandemonio!*

Quanto constrangimento não havia n'essa sala! Quantas mulheres apparentemente puras estavam corrompidas no coração e nos sentimentos! Quantos homens ao vel'-os dirieis serem millionarios, e no outro dia não tinham que comer! E no meio de tudo isto dança-se, ri-se — folga-se, como se se estivesse trasbordando d'alegria! É porque na sociedade tudo é hypocrisia, negoceia-se com o amor, com os sorrisos, com os affectos — como se fôra uma acção de companhias, ou titulo de divida publica.

E ser-se-ha feliz na alta sociedade?

Ernesto mal assomou á porta todos os olhos se cravaram n'elle; um sussurro o acolheu. — Ernesto córou..... misero mancebo ainda não estava de todo perdido!

Atravessou a sala e então conheceu que elle era o alvo das conversas de todos. — Se não havia que dizer! Os frequentadores das chamadas *boas sociedades* são como os *Lazzaroni;* estes por não terem que fazer deitam-se ao sol; aquelles por se lhe esgotar meia duzia de frases banaes do tempo, dos theatros, dos passeios etc. recorrem ao thema vastissimo das *vidas alheias!*

Amelia mal avistou Ernesto caminhou para elle com um ar altivo — indicando n'essa altivez a supremacia que tinha sôbre o infeliz joven. Algumas palavras indifferentes foram ditas de parte a parte; mas o principal não posso deixar de o transcrever aqui por extenso.

— Ernesto, disse Amelia depois d'uma pequena pausa, preciso infallivelmente depois d'amanhã de cem moedas.....

— Mas tu bem sabes, replicou o mancebo, que eu não t'as posso arranjar; por tua causa tenho passado letras que não satisfarei e que a maior parte se vencem ésta semana. Meu pae ja se cançou de dar dinheiro..... estou arruinado..... com a minha reputação perdida..... e tudo por amor de ti.....

— Deixemo-nos de recriminações! Preciso da quantia que disse.....

— É impossivel!

— Impossivel! Essa palavra nunca devêra sahir de teus labios! Porventura a proferi quando por ti pisei aos pés os mais sagrados deveres!.... Impossivel! ah! assim são os homens.....

E as lagrimas fio a fio lhe corriam dos olhos, neste momento ainda mais bellos..... era o primeiro lance dramatico!

Ernesto procurava tranquillisa-la, mas a astuta Lais proseguio:

— Tudo entre nós está acabado..... O homem que por mim não faz um sacrificio é indigno do meu amor..... Adeus para sempre, Ernesto!....

Ao soltar taes palavras levantou-se para se retirar..... A ésta peripecia não podia resistir um coração inexperiente!

— Amelia! Amelia! exclamou o mancebo procurando detel'a, farei o que me ordenares; conheces o poder que tens no meu coração..... que pertendes, dize? Obedecer-te-hei como o teu escravo o mais submisso!

Amelia deteve-se, — apertou a mão d'Ernesto, e tornou a sentar-se. Depois d'um momento de silencio disse:

— Não me enganei quando em ti fundei todas as minhas esperanças, és o que eu pensava..... generoso, bom..... perdoa se um momento duvidei da tua magnanimidade..... Ernesto perdoa-me, eu te amo!....

Éstas palavras foram pronunciadas com aquella arteira expressão com que as irmãs de Margarida de Borgonha — Joanna e Branca — faziam passar os seus amantes dos braços da voluptuosidade para os do carrasco!....

— Mas, continuou Ernesto tendo meditado um pouco, como heide haver esse dinheiro?

— Ha um meio facil, prompto, seguro..... o jogo!

— E onde procurar dinheiro para jogar, eu que hoje apenas possuo alguns cruzados novos?....

— A gaveta de teu pae, que mais d'uma vez tens aberto com chave falsa, é fonte inexhaurivel.....

— Oh! calla-te.....

— Dou-te alguns minutos para pensar, meu gentil cavalheiro..... O meu amor, ou o meu desprêso!.... Qual escolhes?

Para se entranhar na vereda do crime não é mister mais do que o primeiro passo — Ernesto ja o tinha dado — estava apto para vir a ser um grande criminoso.

— Que resolveste?

— Amanhã á noite farei tudo quanto me ordenas.....

— E hoje eu.....

N'este momento o ruido d'alguns jogadores que altercavam acaloradamente não deixou ouvir o resto. — Os dois amantes separaram-se.

Que noite terrivel passou Ernesto! Não conciliou um so instante o somno — a lembrança dos crimes que tinha commettido o amedrontava, ao mesmo tempo que se recordava d'Amelia, e das horas deliciosas que com ella saboreára. — O dia immediato trouxe a Ernesto mais algum repouso; chegada a noite d'esse dia horrivel tudo teve logar como Amelia lhe dissera.

....

* Continuado de pag. 72.

Tinham-se passado dois dias sem que Ernesto apparecesse; Amelia começava a inquietar-se, não por elle, mas por o dinheiro que esperava com impaciencia, porque o que tinha apenas lhe chegaria para essa noite.

Haviam dado 8 horas, Amelia vestia-se para o baile da Viscondessa de*****, quando a sua criada grave entrou açodada com um jornal na mão.

— Que tens, Joanna? lhe pergunta Amelia.

— Peço a V. Ex.ª que leia essa noticia *diversa*, que em certo modo lhe diz respeito.

— A mim?!

O jornal dizia assim:

«Um mancebo bem conhecido n'esta Cidade «pelo nome de Ernesto de Menezes — suicidou-se «hontem, em consequencia de ter perdido ao «jogo uma avultada somma e não a poder satis- «fazer.»

— Pobre Ernesto! disse Amelia pondo para o lado o jornal; era digno de melhor sorte! Conceição, acaba de me vestir que são quasi 9 horas.....

E essa mulher foi para o baile!

....

....

E o palito? dirá o leitor ou leitora; esse, inconstante como tudo que é do genero masculino, esqueceu os seus outros amores *pelo véu que o havia salvado:* ao menos agora merecia desculpa, porque era mais o reconhecimento do que o amor que o incitava.

Depois de ter vivido em casa d'Amelia o tempo sufficiente para conhecer que ella era uma mulher perfida — aconteceu que tendo sido achado no véu da senhora fui atirado para o chão — Quem se lembraria de mim n'uma posição *tão baixa?* Um rendeiro d'Amelia, homem grosseiro e honrado, vio que lhe podia servir para alguma coisa, metteu-me n'algibeira do seu collete de panno vermelho, e transportou-me para longe d'esse palacio de prostituição e ignominia!

(Continúa.) (DEMOCRITO).

PASSEIOS

AO JARDIM BOTANICO DA AJUDA. *

Quereis que continuemos a nossa digressão? Temos para isso uma bella tarde, as ruas do jardim rociadas e humedecidas com a branda chuva que acaba de cahir, e ainda frescas e mimosas as plantas que vemos em torno de nós. Na estação em que estamos a chuva é sempre bem vinda e alegremente saudada por todos os seres vivos que habitam o meio dia da Europa: as plantas principalmente enchem-se de vida, e entram n'uma especie de orgasmo, apenas a pressentem. Comecemos pois o nosso passeio — mas antes de visitarmos o quadro das classificações, e de examinarmos algumas das culturas experimentaes do plano inferior, subâmos a espaçosa e magnifica escada que nos está fronteira, e convidar-vos-hei a que lanceis dalli uma vista d'olhos sobre a phisionomia singular, e pórte diverso das familias vegetaes, que se encerram n'este pequeno recinto.

O aspecto geral da vegetação é aqui mui differente d'aquelle que characterisa a maxima parte dos jardins da Europa: cada região apresenta um typo particular de vegetação, mas a nossa participa do typo de quasi todas. Vós vedes aqui em familiar e agradavel companhia, respirando o mesmo ar, e allumiadas pelo mesmo sol, plantas de quasi todos os paizes do mundo. E notae que não são percisos nem abrigadoiros, nem hybernaculos, nem estufas, para a maior parte d'ellas; e ésta notavel circumstancia vos póde desde logo dar uma idêa da excellencia do nosso clima, e da bondade do Ceo que o cobre e protege: não ha na Europa *situação botanica* mais propria para a naturalisação das familias vegetaes das diversas regiões do globo do que o pequeno Portugal — e tenho por certo que mediante um bom systema de aclimatação, e fazendo successivamente demorar nas nossas ilhas de *Cabo-Verde, Madeira*, e *Açores*, as mais delicadas plantas dos paizes intratropicaes, poderemos transplanta-las para esta ponta da Europa sem o menor inconveniente. E como as influencias meteorologicas e as condições climatericas são os poderosos ainda que lentos modificadores da organisação vegetal, seguir-se-hia que este paiz póde vir a ser no futuro o grande horto de naturalisação para toda a Europa, e o interposto entre a vegetação equatorial e septentrional do mundo: por maneira que poderiamos um dia fornecer os paizes Europeus das mais exquisitas plantas da Asia e da America meridional ja nacionalisadas, como ha pouco os forneciamos dos generos e das mercadorias d'estas duas partes do mundo.

Talvez isto vos pareça uma concepção puramente ideal, mas eu acho-a tão realisavel, que quizera vê-la quanto antes emprehendida. — E o quadro que contemplamos d'este logar nos está indicando a exequibilidade de um tal projecto. — E senão dizei-me se porventura não vedes daqui uma amostra da *flora* de quasi todas as latitudes botanicas? — E se a par das fórmas fastuosas, do ar distincto, e do porte magestoso da vegetação intertropical não se observam as fórmas exignas, o ar acanhado, e o porte humilde da vegetação septentrional? — e se atravez do luxo, e da magnificencia aristocratica das tribus vegetaes asiaticas não se descobre a nudez e a simplicidade das tribus do norte, que sem serem menos uteis ao homem se escondem modestamente entre os magnatas do reino vegetal, como os proletarios laboriosos no meio dos ricos senhores?

Ahi tendes viçosas e em pleno ar a *tamareira (phœnix dactylifera)*, a *bananeira (musa paradisiaca)*, a *dragoeira (dracœna draco)*, os *cactos*, as *bromelias*, as *aroideas*, e um grande numero de plantas oriundas das regiões intratropicaes: e logo ao lado d'estas, e aprazendo-se na sua companhia, as plantas das regiões extratropicaes temperadas e frias, como as *amoreiras*, os *mirtos*, as *betulas*, os *carvalhos*, os *freixos*, os *pinheiros*, as *cyperaceas*, e as *saxifragas*.

Cresce-nos aqui a larangeira *(citrus aurantium)* ao lado da maceira *(pirus malus)*; a oliveira *(olea europea)* ao lado da avelleira *(corillus avellana)*, e a videira *(vitis vinifera)* ao lado da azinheira *(quercus ilex)*, isto é plantas indigenas de diversas regiões encontram n'esta terra hospitaleira o mais franco gazalhado.

No mesmo campo vereis em fructificação o arroz, o milho, e o trigo, que são nada menos do que o pão da Asia, da America, e da Europa.

Mas como é que um paiz tão favorecido da natureza não é o mais fertil e o mais rico da Europa? — apostara que era ésta a pergunta que me ieis dirigir! — Respondo-vos em duas palavras — Deus quiz que isto fosse bom... mas os homens empenharam-se em torna-lo mau — e por tal modo *tentaram* n'este ponto a Providencia que ella permittiu que a vontade humana prevalecesse sobre a vontade divina, e que *se pervertesse nas mãos do homem o que tinha sahido bom das mãos da natureza* — como disse eloquentemente um dos mais profundos philosophos do vosso paiz.

Além de que (e talvez ésta explicação vos pareça mais natural) a nossa população não so é inferior á superficie aravel do paiz, mas tem um pequeno numero de necessidades; e por isso deve de ser menos dada ao trabalho e menos industriosa do que a da maior parte das nações do norte da Europa, que carecendo de maiores reparos contra os rigores do clima, e de alimentos mais substanciaes e excitantes, tem de procurar na sua industria e trabalho os meios de acudir a estas imperiosas percisões. Os paizes mais ricos não são aquelles que a natureza fez mais ferteis, mas sim os que o trabalho intelligente e livre tem sabido fecundar. Os pantanos da Hollanda e os rochedos da Suissa são mais productivos que os pingues campos da Turquia e da Grecia.

Mas vamos percorrer e examinar alguns dos cercados, onde temos amostras de pequenas culturas, que poderiam ser mais perfeitas e normaes se os massiços muros de loureiros, que os circumdam, e as alamedas dos platanos que orlam os passeios as não prejudicassem sensivelmente.

Ahi tendes um cercado de *linho da Nova Zelandia (phormium tenax de Forster)* bem viçoso e medrado. É uma planta da familia das *liliaceas* que se eleva á altura de quatro a oito pés, e que apresenta por caule uma *hastea* ramosa e paniculada, nascendo do centro de um verticillo de folhas numerosas, invaginadas, coriaceas, e filamentosas. O linho da Nova Zelandia é a planta textil por excellencia; as fibras extrahidas das suas folhas tem uma tenacidade e uma elasticidade espantosa. As experiencias de *Labillardiere* põem a sua rijeza muito acima da do linho, do canamo, da piteira, e de outras plantas filamentosas. Somente o fio da sêda é mais forte e tenaz.



Ésta riquissima planta é empregada pelos habitantes da Nova Zelandia na fabricação das suas redes de pesca, e de um grande numero de estofos. As suas fibras brancas e assetinadas dão ás manufacturas que com ellas se tecem um aspecto macio e lustroso como o da seda. Ellas podem substituir com grande vantagem o nosso linho e canamo, sobretudo na fabricação de cordas, cabos, velame, e outras telas cujo emprego demanda longa duração e resistencia. A naturalisação por tanto d'este utilissimo vegetal póde ser de grande proveito á marinha e á industria da Europa.

É a *Banks* e *Solander* que nós devemos o seu conhecimento. Algum tempo depois *Forster* companheiro de *Cook* na sua segunda viagem no-la descreveu phitograficamente, creando o genero *phormium*. O naturalista *Labillardiere* tendo partido de França na expedição d'*Entrecasteaux* dirigida a procurar noticias do infortunado *Lapeyrouse* trouxe no seu regresso em 1798 algumas

* Continuado de pag. 76.

plantas do *phormium* das quaes provieram todas as que hoje existem no vosso paiz.

Deveis certamente saber — que ainda não foi possivel aclimatar o *linho da Nova Zelandia* no norte de França onde o rigor do inverno o mata sem remedio — que no clima de París vegeta muito fracamente — e que so no meio dia se tem podido obter a sua florescencia, graças aos cuidados de *Faujas Saint-Fond;* havendo-se ultimamente alcançado sementes perfeitamente sazonadas em *Toulon*, e *Cherbourg*.

Entre nós prospera excellentemente, como estaes vendo — e seria para desejar que os nossos agricultores se decidissem a generalizar ésta cultura, que póde vir a ser uma das nossas mais ricas producções agricolas.

Os logares humidos e paludosos, as margens das ribeiras e dos rios são as *estações* que mais lhe convêm. As fibras filamentosas extrahem-se das suas folhas fazendo-as ferver ou em agua de sabão, ou n'uma lexivia concentrada. Este processo porêm, com quanto tenha a vantagem da simplicidade, não desembaraça inteiramente as fibras do gluten que as envolve, e que mascara um pouco a sua branquidão e finura. É á chimica, a quem as artes devem a melhor parte dos seus aperfeiçoamentos, que está sem dúvida reservada a honra de descobrir um processo expeditivo e economico para se obter o tecido filamentoso d'esta planta em toda a sua pureza.

Demos agora algüns passos na direcção dessa extensa e rica balaustrada de marmore, e veremos um outro cercado onde se acha em cultura a *batata doce (convolvulus batatas)*, e pouco distante ainda um outro consagrado á cultura da *batata ordinaria (Solanum tuberosum)*.

A primeira d'estas plantas pertence á familia das *convolvulaceas*, a segunda á das *solaneas*.



A batata doce cresce espontaneamente nas regiões as mais calidas das duas indias oriental e occidental, onde a cultivam para lhe aproveitar os seus tuberculos, que adquirem n'estes paizes dimensões espantosas. Ha mais de dois seculos que foi introduzida em Portugal e em Hespanha, donde provavelmente passou á Italia e á França. Foi no reinado de Luiz 15 que se tentou a sua cultura com algum successo nos jardins de *Trianon* e *Choisy*. Aos esforços feitos posteriormente pelo sabio *Rosier*, por *Parmentier*, e *Thouin* se deve a sua generalisação no meio dia da França.

As experiencias de Mr. *Vallet* de Ville neuve feitas no Departamento de *Var* não deixam a menor dúvida, bem como os ensaios de Mr. *Robert* em *Toulon*, sobre a possibilidade da sua cultura em grande, e em pleno ar no sul do vosso paiz.

No nosso é isto tão possivel que quasi sem cuidados alguns obtemos a bella e viçosa vegetação que tendes diante dos olhos — e ha muitos annos que se cultiva n'este jardim a batata doce unicamente com a precaução de resguardar os abfobres dos frios do hynverno, e transplantando-a ao ar livre no começo da primavera; e assim costumâmos sempre obter uma boa novidade não so na quantidade como na qualidade, que não é inferior á da que nos vem da ilha da Madeira.

É tambem para lastimar que ésta cultura se não tenha generalisado no paiz, visto que o clima lhe é tão propicio.

Eis-nos chegados ao cercado que contêm a planta mais util ao genero humano, a *batata commum* ou o *solanum tuberosum*. Ésta planta preciosa pelos seus numerosos usos é originaria da America meridional, e acha-se no *Chili* e em *Buenos-aires* no estado selvagem. Foi do Peru que veio para a Europa — isto é d'onde lhe vinha a prata e o ouro! Dir-se-hia que a Providencia quiz collocar o patrimonio do pobre juncto dos thesoiros dos monarchas, para fazer ver que pensa em todos ao mesmo tempo! A batata é hoje o pão do povo — é a planta da liberdade! Este humilde vegetal que apenas se eleva um ou dois palmos á superficie da terra veiu libertar a Europa do flagello das fomes, que periodicamente a dizimavam. A cultura dos cereaes está sujeita a grandes vicissitudes, em quanto que a da batata, a d'este *pão subterraneo*, escapa ás influencias meteorologicas, e paga generosamente ao homem os seus cuidados e fadigas agricolas. Felizmente ésta cultura é hoje geral em quasi toda a Europa, que devera agradecida ter levantado uma estatua ao philantropo *Parmentier*.

A historia da introducção d'esta planta em França apresenta uma prova estrepitosa da tenacidade dos preconceitos da classe agricola, da rotineira ignorancia do povo, e da maldade especuladora e invejosa dos falsos philosophos.

Os tuberculos innocentes da batata foram proclamados venenosos pelo orgulho dos pseudo sabios. — Como o *solanum tuberosum* pertence á terrivel familia das *solaneas*, e tem proximo parentesco com a *belladona (solanum furiosum)* cujos fructos são um veneno violento, e com outros individuos d'esta familia, uns tambem venenosos e outros suspeitos; a grita que se levantou contra ésta innocente planta foi tremebunda como é sempre a grita dos calumniadores.

Mas a calumnia inventa-se mais facilmente do que se destroe; e o povo escarmentado por dolorosas experiencias accredita mais promptamente o mal do que o bem. Foram por isso necessarios muito tempo e grandes esforços de paciencia a Parmentier para destruir a opinião erronea que grassava sobre a natureza d'este vegetal.

Devotado a ésta immensa obra de philantropia este homem generoso consagrou a sua fortuna, o seu talento, e a sua grande influencia a vulgarisar em toda a França a cultura d'este precioso vegetal. Recompensas, escriptos, discursos, nada foi omittido para animar os agricultores na exploração d'esta riquissima mina. Havendo-lhe falhado em grande parte os seus esforços adoptou elle um arbitrio, que tem tanto de comico como de curioso. — Um grande número dos detractores da *solanacea* são convidados por Parmentier para um grande jantar — não havia meio de resistir a tal desafio! — todos concorreram. Os tuberculos da planta fizeram todas as despezas do banquete — appareceram em todas as iguarias — na sôpa, no cozido, nas frituras, no assado, na sobremesa, e até nos licôres: comeu-se geralmente com o melhor apetite. — Desgraçados, exclamou uma voz no fim do banquete, estais todos envenenados, se o *solanum* é venenoso! — todos se riram! — Um bom jantar é um grande meio de convicção! Que gastronomo póde resistir a um tão poderoso argumento!

G.

(Continúa.)

NOTICIAS.

— Nada mais difficil do que saber castigar, este problema importante resume todas as questões que se tem suscitado ácêrca do systema penitenciario. — Convem que o castigo seja um meio de educar e não de corromper, como quasi sempre acontece. Sería bom que entre nós se começasse a estudar ésta questão praticamente nos collegios, nos quarteis e nos carceres, pois que em theoria ja está discutida de mais.

Na Prussia — o systema das penas corporaes acaba de ter contra si entre outros o seguinte facto. — Bergendorf, Director da casa correccional de Munster, onde os prêsos eram castigados com bastonadas conforme o uso que na Prussia se acha estabelecido nessas casas, não podendo fazer uso da prisão isolada em consequencia de o não permittirem as accommodações do edificio, determinou, que o homem ou mulher que merecesse ser castigado, fosse exposto á vista dos outros presos, tendo na cabeça uma carapuça de cartão, alto, e de côr escura, com um distico contendo o delicto que houvesse commettido, sendo isto escripto em letras grandes e que se podessem ler de longe.

Este modo de castigar, que parecerá muito simples, produziu os melhores effeitos, diminuindo metade das infracções dos regulamentos da casa correcional. — Este feliz resultado fez com que o mesmo systema substituisse ja na Baviera os castigos corporaes.

— A Camara dos Deputados de França concedeu ao Governo um credito de 2 milhões 650.000 francos para restaurar a Igreja de Nossa Senhora de París, que á sua celebridade de historia juncta o merito de haver inspirado uma das mais brilhantes producções do profundo talento de Victor Hugo.

— A Convenção luisiana está revendo a constituição d'este estado, a qual hade conter um artigo privando dos direitos civis todos os que tomarem parte em qualquer duello, sejam combatentes, testemunhas, ou portadores de *cartel*. — Depois de publicada a nova constituição, o juramento que os empregados publicos prestam será accrescentado com as seguintes palavras — Juro que depois de adoptada a actual constituição ainda me não bati em duello nenhum dentro nem fóra dos estados, e que não desafiei ninguem, nem servi de testemunha em nenhum duello, assim como nunca os aconselhei.

— Em uma das sessões da Academia franceza M. Villemain leu o relatorio da commissão encarregada de designar o auctor da tragedia ou comedia em cinco actos e em verso, que deveria receber o premio de 10.000 francos. — M. Ponsard, auctor da Lucrecia, foi o poeta premiado.

ENIGMAS PITTORESCOS.

EXPLICAÇÃO DO ENIGMA DA FOLHA ANTECEDENTE.

A perola nasce dentro da concha d'um marisco.



SUMMARIO.

CASCATA DA TIJUCA.

Ésta, meu caro Lins, é da Tijuca
A famosa cascata. Se tu queres,
Em quanto em paz de Nemesis descança
A balança fiel, alli podemos
Das musas na suave companhia
Alguns dias passar em util ocio.

Diniz. Metamorphose 1.ª

A America é em tudo quanto são objectos naturaes muito mais grandiosa do que a Europa. Possue os rios maiores do mundo; tem nos Andes o mais alcantilado espinhaço de serras, embora o Himalaia vença o Chimborazo; os seus lagos, as suas caxoeiras emparelham em altivez, capricho e magestade com os seus mattos virgens.

A Tijuca é uma das suas cascatas mais celebres; porêm não deve tal celebridade nem a que se possa dizer desmesurada a sua altura, nem prodigiosa nem furiosa a massa d'aguas que despenha: deve-a so á sua visinhança da maior cidade da America meridional, da capital do Brazil, da qual dista proximamente uma legua. Propriamente são duas cascatas chamadas *Tijuca grande* e *Tijuca pequena*, que se formam de uma torrente que precipitada do mais alto de um morro tem primeiro uma quêda de quasi vinte braças: proximo para a banda do sul fica a sua companheira, igualmente ostentosa mas de posição menos pictoresca. Correm as suas aguas por terras que em parte pertencem á ex.ma casa de Asseca.



É a Tijuca um dos passeios indispensaveis não so para os tafuis do Rio de Janeiro, como para todo o viajante que fundeou na sua bahia. É a Cintra brazilica. Para se tornar ainda mais celebre tambem teve o seu Byron: foi o pindarico Diniz que, sendo desembargador da relação do Rio de Janeiro e dedicando-se a tractar de coisas do Brazil em doze metamorphoses, comprehendeu logo na primeira a Tijuca. Suppoz que era uma vez uma nympha que se zangou com o casmurro d'um fauno, e pondo-se a chorar se transformou na cascata. — Leiamos porêm mais alguns de seus versos descriptivos, além dos que ja acima ficam estampados na epigraphe:

Entre os soberbos montes, que formando
Em seu ameno dilatado seio,
Do Rio a graciosissima bahia,
Do mar, que em vagas muge, a furia quebram;
N'uma densa floresta, que se eleva
De alcantilada serra sobre o cume
Ás altas nuvens, tinha seu alvergue
Tijuca, do Brazil formosa nympha
. . . .
Em fim, qual d'alta serra a branca neve
Com os raios do sol cahe derretida,
Despenhando se vae pela agra serra
Toda em agua Tijuca transmudada
Que junta lá no valle, o rio fórma,
Que da nympha inda tem o antigo nome;
E girando qual serpe tortuosa
Por entre o denso matto está mostrando
O grande amor, que viva ás selvas tinha.

Uma das vantagens que resulta da visita á Tijuca é o ver-se alli tão perto mesmo seguindo o caminho suas mostras do que era a vegetação primitiva. Os mattos virgens offerecem tanta vastidão de impressões que é a coisa mais difficil senão impossivel de descréver-se ou desenhar-se. Debalde o artista procuraria um bom ponto de vista dentro d'elles, em que penetrem bem os raios do sol e que permitta ver-se alguns passos diante.

Nos mattos virgens os páus e as folhas são apenas o que offerece analogia com o que o europeu conhece por isso mesmo que ha arvores que tem uma physionomia especial; v. gr. a figueira do matto cujas raizes sahem do tronco á maneira de espigões ou contrafortes; a embaúba *(cecropia)* cuja haste se eleva até que as grandes folhas abertas em fórma de candelabro se ostentam sôbre as visinhas, como um nobre guarda-sol do Oriente... e sobretudo as numerosas variedades de palmeiras de todo novas que são assim como os *chacins* ou fetos palmares, creaturas de outro mundo. — Debalde procurariamos com palavras fazer conceber uma idêa da graça e belleza d'estes entes vegetaes que os poetas, á falta de expressões que as possam pintar, reputam o auge da perfeição. Algumas especies d'ellas attingem uma altura de 200 pés, e abanam suas leves cabeças sôbre as mais altas arvores... A natureza produz e destroe com o vigor e plenitude da mocidade: dirieis que ella descobre desdenhosa seus segredos e thesoiros á vista do homem alvoroçado, — assombrado perante tal potencia e liberdade de creação — nem mesmo as leis da sua arte lhe permittem produzir com fidelidade e inteireza as innúmeras variedades de fórmas e de cores da vegetação de que elle se vê cercado. — Igualmente é impossivel supprir-se este quadro por uma descripção, e seria absurdo querer conseguil-a pelo auxilio de uma nomenclatura completa, ou pela frequente repetição de epithetos, que seriam menos precisos ou inintelligiveis. O escriptor ve-se adstricto ás regras da sã razão e theoria do bello, como o mesmo pintor, e so ao naturalista é dado o vencel-as. Querendo-se entabolar comparações entre os mattos virgens do Brazil com os mais bellos e mais antigos do velho continente, não será so preciso notar a maior extensão dos primeiros e maior altura de suas arvores, mas além disso assignalar como differenças characteristicas as variedades infinitas que apresenta a fórma dos troncos, das folhas, e dos ramos, a riqueza das flores, a inexplicavel abundancia das plantas reptantes, parasytas, e trepadeiras ou cipós, que enchem os vãos deixados pelas arvores e circumdam e se enroscam em seus ramos, e compõem assim um verdadeiro chaos vegetal. Os bosques do antigo continente não offerecem de tudo isso nem a mais afastada imagem. Este quadro pasmoso de vegetação se acompanha sempre de dia de muitas aves de variados cantos e riquissima plumagem, comprehendendo os velozes beijaflores de penugem cambiante; e nos logares em que algum córrego corta a estrada ha nuvens de borboletas de todas as cores que se agglomeram perto do chão humido: e o que mais é, para que n'esses climas ostente a natureza sempre vida, de noite myriadas de perilampos de varias especies illuminam o quadro, e o alto coaxar das rãs e a praguenta bulha das cigarras accusam que se está n'um clima tropical. —.

HISTORIA E LITTERATURA.

Do Cid segundo a tradição popular, e as historias de Paquis e Conde; e do mais antigo monumento da litteratura hespanhola, o poema do Cid.

Os povos apaixonam-se por certos homens dotados de qualidades extraordinarias, especialmente virtudes marciaes. Exaggeram-lhes a grandeza sem deixarem de acredita-la *(fingunt simul credunt que)*; compõem-lhes uma historia ideal onde misturam a verdade com a fabula; e a posteridade que recebe estes semi-deuses da mão de seus paes, adora como elles adoraram. As nações na sua infancia admiram muito, porque ignoram tudo. Os povos meridionaes mostram-se muito propensos ao enthusiasmo; e os peninsulares o somos em súmmo gráu pela imaginação viva e forte que temos, pela educação arabe que tivemos ou herdámos.

Porque procuram as nações cercar a sua origem de acontecimentos maravilhosos? Porque vemos nós nos paineis dos seculos barbaros da meia idade as figuras do Padre Eterno, de Jesus Christo, e da Virgem representadas de grandeza colossal? Porque attribuiam as sociedades primitivas uma ascendencia divina aos seus cabeças? Porque buscam até n'este seculo tão positivo e desencantado, porque buscam os partidos — que não são nações — glorificar ainda as fraquezas, e ridicularias dos seus corypheus? Pela tendencia da nossa natureza para admirar o que é grande, e innobrecer o que é poderoso.

Nas ficções populares ha comtudo, sempre, um fundamento *real:* conformam-se ellas a uma realidade, a um facto, a um typo existente. Sejamos

povo na historia do Cid, enlaçando os troféos que a admiração accrescentou ao pedestal da sua gloria com as proezas de que o não despojou a severa critica historica.

Cid quer dizer *senhor*. É titulo arabe introduzido em Hespanha pelo tempo da conquista. Differentes nobres arabes e castelhanos o usaram. Mas hoje so se appellida com elle por antonomasia a Rodrigo Dias.

Rodrigo Dias era natural de Bivar, castello situado quasi a duas leguas de Burgos. Contam que descendia de *Lain Calvo*, e que Lain Calvo era o mais moço dos Juizes de Castella, no tempo de Froila, os quaes Juizes nunca existiram.

Losano Gomes de Gormaz um dos fidalgos valentissimos da côrte de Fernando 1.º deu de bofetada no pae do Cid, Diogo Lainez; e este que por extrema velhice se não sentia com forças de tirar vingança da affronta, encommendou a seu filho o desforço da honra propria ultrajada.

Quantos leram o *Cid* de *Corneille* se lembrarão do bello lance que offerece ao grande tragico francez a ficção do amor do Cid com D. Ximena. Ximena era filha do proprio conde de Gormaz, que tinha offendido a Diogo Lainez, o pae de Rodrigo Dias. Diogo Lainez vem instigar seu filho a desaffronta-lo:

—Rodrigue, as tu du cœur?
—Tout autre que mon pere
L'eprouveroit sur l'heure.
—Agreable colére!...............................
....
Viens, mon fils, viens, mon sang, viens reparer ma honte;
Viens me venger.

Mas quando Diogo Lainez declara ao filho o nome do aggressor, então se despedaça a alma do Cid n'uma horrivel lucta de affectos contrarios:

«O Dieu, l'etrange peine!
«En cet affront mon pere est l'offensé,
«E l'offenseur le pere de Chiméne!
«...
«Pere, maitresse, honneur, amour,
«Noble et dure contrainte, aimable tyrannie,
«Tous mes plaisirs sont morts, ou ma gloire ternie.
«L'un me rend malheureux, l'autre indigne du jour.
«Cher et cruel espoir d'une ame genereuse,
«Mais ensemble amoureuse,
«Digne ennemi de mon plus grand bonheur,
«Fer qui causes ma peine,
«M'est tu donné pour venger mon honneur?
«M'est tu donné pour perdre ma Chimene?»

Mas ésta circumstancia do amor mutuo do Cid e D. Ximena não a authorisa a tradição. Segundo a tradição, Rodrigo, ainda joven, pegou da velha espada de Mudarra o castelhano, foi reptar o conde de Gormaz, e matou-o em duello.

Como a mocidade é ardente em suas paixões, e os costumes da época davam ás vinganças uma tinta de rancor e ferocidade, parece que o Cid se não saciára com a morte do aggressor de seu pae, e estendêra os impulsos do resentimento proprio á familia do morto. E de feito a filha d'este, D. Ximena, veio queixar-se a elrei Fernando. «Não se passa dia, dizia ella ao rei, que Rodrigo Dias não venha com o milhano em punho pascê-lo á custa do meu pombal, matando as pombas que eu crio, que até tem chegado a vir cahir mortas ao pé de mim, manchando de sangue o meu avental. Mandei queixar-me a Rodrigo Dias, e elle respondeu-me com ameaças. Senhor, o rei que deixa assim ultrajar a orphã e não faz justiça, é indigno de reinar.»

A este tempo ja o nome de Rodrigo Dias se tinha feito celebre: vencêra cinco reis moiros, fazendo-os prisioneiros; e estes quando mais tarde elle lhes deu generoso a liberdade, reconheceram-se seus tributarios, e proclamaram-no por seu — *Cid*. — Fernando perplexo entre o que devia á memoria do conde Gormaz, e o que devia á espada do Cid, cortou com um cazamento este dilemma terrivel em que o entalava de um lado a sua consciencia, e o seu interesse do outro. Cazou D. Ximena com Rodrigo Dias.

Occorrendo desavenças entre D. Fernando, rei de Castella, e D. Ramiro, rei de Aragão, sôbre o senhorio de Calahorra que acabava de ser conquistada aos moiros, convieram os dois irmãos em escolher cada um seu cavalleiro, e que áquelle cujo campeão fosse vencedor ficaria pertencendo a cidade contestada. Martim Gomes combatteu pelo Aragão, o Cid pelos direitos de Fernando. Succumbiu na lucta o campeão de Ramiro, e Calahorra foi adjudicada a Castella.

Com os loiros do valor marcial cazou o Cid a côroa da coragem civica. O rei Fernando, depois de vencer a seu irmão Garcia na batalha de Atapuerta, visinhanças de Burgos, tinha tomado o titulo de imperador não so para attestar os seus direitos de suzerania em toda a Hespanha, mas ainda para rebater as pretenções ambiciosas de Henrique 3.º, imperador romano, que aspirava a ser declarado cabeça temporal de todos os reis christãos. Henrique enviou embaixadores ao concilio de Florença convocado pelo papa Victor 2.º a queixar-se de que o rei de Castella se arrogava um titulo que a elle so pertencia. O papa abraçou em concilio o partido de Henrique, e expediu legados a Fernando a intimar-lhe com pena de excommunhão que largasse a divisa de imperador, e reconhecesse a suzerania do imperio da Allemanha.

Fernando convocou côrtes para deliberarem sôbre o ponto, e n'ellas se mostrou inclinado a ceder, talvez receoso de provocar contra os seus estados a colera de um inimigo poderoso, elle que era obrigado a luctar com tantos, que se podiam chamar *domesticos*. O Cid oppoz-se, e a sua voz teve a mesma energia na curia que a sua lança no campo, e até a mesma fortuna: fallou na honra e liberdade de Hespanha, que seriam desairadas com similhante renuncia; e o seu voto prevaleceu. Despacharam-se então embaixadores ao papa, e o Cid passou os Pyrineos com um exercito, para apoiar as negociações com o poder d'aquella especie de argumentos que mais se attendem entre homens poderosos. A final o imperador de Allemanha e o papa cederam; a corôa de Castella ficou com a sua joia; e o Cid com a gloria de lh'a ter defendido pela voz, e pelas armas.

Um anno antes de morrer, o rei de Castella juntou côrtes em Leão, e ali com o consentimento dos bispos e grandes repartiu os seus estados pelos seus tres filhos: Sancho, o primogenito, ficou com a maior parte de Castella, e a suzerania dos sarracenos governados pelo emir de Saragoça, na condição de vassallo tributario de Castella; Affonso ficou com o reino de Leão e das Asturias, e recebendo como senhor suzerano de Toledo um tributo annual do emir d'essa provincia; e Garcia, o mais moço, ficou com o reino de Galliza e Portugal, e com a suzerania dos emires de Sevilha e Badajoz.

Fallecido Fernando em Dezembro de 1065, Sancho, dotado d'uma ambição desmedida, atacou seus dois irmãos Affonso e Garcia, esperando dar cabo d'elles promptamente, porque lhes tinha seduzido muitos dos vassallos: mas foram vans as suas esperanças. Por espaço de tres annos desolou a Leão e Castella uma guerra de exterminio, e duas batalhas sanguentas, pelejadas uma junto a Plantada em Leão a 19 de Julho de 1068; a outra junto a Golpejares ás margens do rio Carrion na Castella, a 15 de Julho de 1071, custaram milhares de victimas de um e outro bando, sem resultado decisivo na primeira, e tambem na ultima se não se interposera uma alternativa frequentes vezes sobrevinda na guerra.

A fortuna tinha-se declarado por Affonso em Golpejares, mas a humanidade repugnava-lhe o derramar sangue christão: retirou-se do campo de batalha, sem perseguir o exercito de Sancho que fugia em debandada; e elle e as tropas de Galliza e Leão que tinham alcançado a victoria, entregaram-se a um repouso imprudente. Hia no exercito de Sancho o famoso Cid. Aconselhou ao rei que mandasse reunir durante a noite os soldados fugitivos, pensando com razão que os vencedores deviam de estar desapercebidos. Antemanhã cahiu sôbre os ultimos o exercito de Sancho, e facilmente os poz em derrota, fazendo-lhes uma carniceria horrivel. Affonso refugiou-se n'uma igreja: mas foi apanhado e levado a Burgos. Alli a instancias de D. Urraca, sua irmã mais velha, concedeu Sancho a vida ao prisioneiro com a condição de se metter frade. Clausuraram-no com effeito no mosteiro de Sahagum, edificado á margem do Cêa. Mas Urraca facilitou a Affonso traça de evadir-se da clausura, e ir procurar asylo nos estados do seu vassallo, o emir de Toledo, que o acolheu com generosa hospitalidade.

Ainda que pareça digressão, referiremos o que a historia narra e o romance fabúla do que passou Affonso em seu desterro.

As maneiras affaveis, e trato affectuoso do desterrado grangearam-lhe sympathias geraes na côrte do principe mussulmano, o qual ia muitas vezes visita-lo á sua residencia, que era um formoso alcaçar, proximo ao paço, e onde o refugiado podia tranquillamente entregar-se aos prazeres da caça, e aos exercicios da religião christã. Succedeu um dia que elles tinham ido ambos recrear-se a um jardim de regalo, situado extra muros, á margem do Tejo, que Affonso adormeceu á sombra de uns arbustos; e por acaso veio o emir sentar-se com os seus cortesãos da outra banda das moitas. Travou-se conversação sôbre o forte assento da cidade de Toledo, e a impossibilidade de leva-la á escala. Um dos moiros mais experiente que os outros, disse que havia comtudo um meio infallivel de render Toledo, que era assolar por espaço de sete annos os suburbios, destruindo colheitas e messes, de maneira que os habitantes não podessem haver viveres. Affonso que tinha acordado não perdêra palavra d'aquella pratica, mas fingia que continuava a dormir. Quando o emir notou que o principe estava deitado alli perto receiou não tivesse este ouvido o que acabava de dizer-se, e se não tentasse a fazer um dia uso do meio de tomar Toledo, que acabava de ser revelado involuntariamente. Quiz então certificar-se se elle dormia, deitando-lhe chumbo derretido n'uma das mãos; mas Affonso soffreu ésta provação sem pestanear, e o chumbo correu-lhe por entre os dedos sem deixar vestigio.

Em quanto Affonso passava assim o tempo, refugiado em Toledo; Sancho, a quem os felizes successos inchavam cada vez mais de orgulho e ambição, resolveu despojar suas irmãs, Elvira e Urraca, dos pequenos apanagios que lhes tinha legado elrei D. Fernando. Primeiro propoz-lhes em som de amizade que lhe cedessem mediante uma indemnisação as importantes fortalezas de Toro e Samora, situadas sôbre o Douro. Depois como ellas refuzassem, ameaçou-as com a guerra. E como as ameaças fossem desprezadas, passou a vias de facto, tomando por armas Toro.

Não foi tão bem succedido com o assalto a

Samora, fortaleza que a sua posição entre o Douro e o Esla tornava de muito maior importancia. Os muros de Samora desmantelados por Almançor tinham sido cuidadosamente reparados por Affonso 5.º, e D. Urraca confiára a defensão d'elles a Arias Gonsalvez, antigo cabo de guerra, experimentado e valoroso, que capitaneava uma turma de cavalleiros leonezes e gallegos que alli tinham vindo acoitar-se.

Repellidos vigorosamente os assaltos de Sancho, tentou este levar a praça por fome; e quando os sitiados se achavam em maior aperto, um tal Vellido Dolfos, ou Vellido Ataulfo, sahiu de Samora dissimulando o seu intento; mas com promessa de forçar os sitiantes a retirar-se.

Apresentou-se no campo de Sancho, inculcando que por ter alvitrado que se rendesse a praça o quizeram matar, e o lançaram fóra d'ella; mas que mostraria ao rei, se elle quizesse, um postigo mal guardado, por onde facilmente se poderia entrar. Sancho sahiu sosinho do campo com Vellido Dolfos a reconhecer o postigo que lhe fôra indicado: mas quando menos prevenido estava, o transfuga o matou pelas costas com uma chuçada, e largou a correr para uma porta da praça, que se abriu para recolhe-lo. O Cid e muitos outros cavalleiros do exercito de Sancho, foram na cóla do assassino; mas ja não lograram alcança-lo.

(Concluir-se-ha). A. DE O. MARRECA.

A CAUTELA DA LOTERIA.

(Historia que podia acontecer).

I tell the tale as't was told to me.
W. Scott.

Ha gente que se pronuncia contra as Loterias: não lhe acho razão. A Loteria destroe mais d'uma esperança vecejante, mas ao mesmo tempo é fonte de desejos e de prazeres — nutre o pobre de ideas fantasticas, que muitas vezes se realisam — enriquece por pouco dinheiro, e empobrece por muito; emfim, como todas as coisas da vida — é origem de muitos males e de muitos bens. Ora as Loterias tem dado logar a mais d'uma anedocta singular. Vou contar uma deste genero que li não sei aonde, ou que tambem me contaram.

O Sr. Manuel Joaquim era um homem gordo, nariz algum tanto arrebitado, cabello raro no alto da cabeça, e uma phisionomia expressiva, que revelava os seus principios grosseiros. Tinha-se primeiramente dedicado ao commercio, onde adquirira uma tal ou qual fortuna, que desfructava habitando um quarto andar n'uma das ruas de Lisboa. O Sr. Manuel Joaquim não tinha parentes, além d'uma sobrinha, atirando mais para velha do que para moça; no entanto existia em casa d'elle uma criada joven, feia de cara mas de cintura delicada, e corpo esbelto, que daria pasto á maledicencia, se acaso o Sr. Manuel Joaquim não fosse tido e havido por um homem de probidade. Carolina (assim se chamava a criada) era o typo da *gouvernante* dos francezes, todavia o Sr. Manuel Joaquim tractava-a com tanta familiaridade que prestes a distincção de criada e amo desappareceu. — Muitas vezes os dois á noite se sentavam um defronte do outro a relatar os successos do dia, e n'isto passavam algumas horas alegremente.

É preciso pôr o leitor ao facto d'uma circumstancia, que muito elucida ésta importante historia. A sobrinha do Sr. Manuel Joaquim tinha suas pertenções, ja se sabe não amorosas, porque o seu rosto era a mais valente trincheira contra as setas do Deus vendado; tinha pertenções a herdar esse pouco que possuia seu tio, visto ser ella a parenta mais proxima que lhe restava. — A intimidade em que vivia o Sr. Manoel Joaquim com Carolina dava-lhe muito que pensar, e, para o dizer sem rodeios — achava algum tanto *anachronico* que um velho de mais de cincoenta annos visse na mesma casa com uma rapariga de vinte. — Afóra ésta bagatella a sobrinha do Sr. Manuel Joaquim confiava inteiramente na probidade de seu respeitavel tio.

— Que tens tu ahi na mão? disse uma noite o Sr. Manuel Joaquim á sua criada entrando em casa.

— Sabe o que é? É uma tira de papel, presente do meu primo piloto, que foi para Goa: diz elle que com isto se póde ser rica, mas julgo ser historia.

— Deixa ver.

E o Sr. Manuel Joaquim pôz os oculos, prologo indispensavel para proseguir nas suas enfadonhas prelecções, que ás vezes duravam meia hora.

— Ah! é uma cautela de pinto! Isto não vale nada! Tambem fui tentado muito tempo com Loterias e nunca pude tirar sequer o mesmo dinheiro. — Que numero é? 9:810 — 9, 8 e 1, 9 — nada; ora está branco! Bem te podes desfazer de similhante numero, que não vale nem trinta réis!

Carolina ouviu o discurso do Sr. Manuel Joaquim com toda a paciencia, e disse la comsigo que antes desejára que seu primo lhe désse o importe da cautela do que uma tira de papel de nenhum preço.

Haviam-se passado alguns dias; a sobrinha do Sr. Manuel Joaquim estava sentada em sua casa pensando n'uma anecdota extravagante, que na vespera á noite lhe contára a sua visinha e amiga a Sr. D. Jeronyma, velha viuva respeitavel que habitava na propriedade da sobrinha do Sr. Manuel Joaquim, e que tinha por uso e costume espreitar tudo quanto se passava, e depois relatal-o adornado de mil episodios á sua amiga. Batem de repente á porta, e eis senão quando entra a Sr. D. Jeronyma em corpo e alma.

— Ah! exclama ella mal podendo tomar a respiração, ja sabes que teu tio...

— Meu Deus! Que succedeu? Meu tio está doente? Moribundo? Que foi?

— Socega, não é nada d'isso, cuidei que ja tinhas ouvido...

— Ouvido o que? Alguma cathastrophe... ai! Meu querido tio!...

— Não é coisa de cuidado... não o acreditava se o não visse com estes olhos que a terra ha de comer... quem o acreditaria?... Um velho!

— D. Jeronyma, então meu tio fez alguma asneira?

— Asneira, sim, mas isso não é da minha conta, e tu deves sabel-o...

— Acaba, acaba, que não te percebo!

— Pois bem; ja que assim o queres assim o tenhas — teu tio cazou-se!

— Cazou-se!

Seria impossivel descrever o effeito que éstas palavras produziram na sobrinha do Sr. Manuel Joaquim — assim como se não poderia pintar a careta que fez.

— Pensou um momento — depois continuou:

— Não o creio...

— Não o crês? Basta que te diga que os vi. Senti o rodar d'uma sege, cheguei á janella, como é meu costume, disseram-me que era um cazamento — tractei logo de pôr o meu capote e lenço para não ser conhecida, e encaminhar-me para a Igreja. — Ao entrar na sacristia dou com os olhos em teu tio de casaca, sapato e meia, ramalhete ao peito, levando pela mão uma rapariga que teria os seus vinte annos — alta, bem vestida, cahindo-lhe pelas costas um comprido véo...



— Eis os noivos! disseram todos.

— Cazado! cazado! bradava em altos gritos a sobrinha do Sr. Manuel Joaquim. — Porém com quem?

— Com a sua criada; com Carolina.

— Que vergonha! Ella que parecia tão modesta, tão comedida... Que deshonra para a nossa familia... sangue de cosinheira enxertado no nosso!..

— Agora não ha remedio; é conformares-te com a tua sorte.

— Deixal-o, para castigo basta-lhe o arrependimento que tarde ou cedo hade chegar!

Em quanto as duas amigas discorriam da maneira que acabámos de ver, o Sr. Manuel Joaquim chegava a casa com sua mulher: — não lhe pesando o pé uma onça e com a ligeireza d'um gamo — introduzia nos seus palacios a Sr.ª D. Carolina Rodrigues, que abdicára o sceptro do reinado das caçarolas para cingir a corôa engraçada de dona de casa.

— Agora, minha Carolina (disse o Sr. Manuel Joaquim tomando uma posição elegante, que se desconcertava algum tanto pela sua barriga saliente) és senhora absoluta do que ha nesta casa e do meu coração. Bem sei que o meu cazamento vae encontrar muitos antagonistas, e um delles hade ser minha sobrinha. — Digam o que quizerem, que eu lhes responderei: «Um homem livre é senhor da sua vontade.» Demais, minha Carolina, talvez julguem que eu não fiz um bom cazamento... o que tu tens não é coisa d'espantar, mas junto ao que possuo faz uma fortunasinha...

Aqui Carolina abriu muito os olhos.

— É chegada a occasião de te encher d'alegria! — Lembras-te a cautela que me mostraste? Passando pela loja aonde foi comprada — vejo muita gente junta com os olhos fitos n'um enorme cartaz, que dizia assim: 9:810—5:000$000 de réis!! São teus, Carolina, são nossos — isto é, a parte correspondente a 480 réis.

O leitor terá percebido (se não percebeu percebe agora) que Carolina era dotada d'uma certa indifferença, por isso não estranhará que, ao ouvir éstas magicas palavras — se não ache transportada de jubilo ao setimo ceo. — A sua resposta foi curta, fria como um inglez em dia de nevoeiro.

— É exquisito!

— Exquisito! é verdade núa e crúa... Não se brinca com objectos serios, muito serios!

— Ora veja como são as coisas!

— É verdade, eu que tendo recorrido á taboada, oraculo infallivel em materia de sortes — estava capaz d'apostar que a cautela era branca!

— Mas o Senhor...

— Não me chames Senhor, sou teu marido, meu feitiço!

— Tu estás enganado... quero dizer... eu...

— Qual enganado! Levei o numero escripto n'um papel; — 9:810, não é este?

— Sim, mas...

— Mas que?

— Ha oito dias que vendi a cautela!

— Qual vender nem meio vender! resmungou assustado o pobre Manuel Joaquim.

— Não te zangues; não me disseste...

— Mais respeito no tractamento... lembre-se de quem é, e de quem sou.

— Seja como quizer, proseguiu Carolina sem a mais leve alteração. — O Senhor não me disse: «Bem te pódes desfazer de similhante numero que não vale nem trinta réis?» Segui o seu conselho á risca; troquei o papel que me deu meu primo por um chaile de lansinha, e disse o homem que fazia bom negocio.

— Ah! eu arrebento!..

O Sr. Manuel Joaquim cahiu em pêso sôbre uma cadeira.

Aqui corro um véu: cada um faça as suas reflexões e avalie a posição do Sr. Manuel Joaquim. — Accrescentarei somente que, passada a primeira magoa — a casa do Senhor Manuel Joaquim soffreu uma unica alteração: Carolina jantava á mesa em vez d'abanar o lume, e era por todas tractada como a mulher do Sr. Manuel Joaquim em vez de sua cosinheira.

(DEMOCRITO).

A POESIA E A HISTORIA.

I.

Questão profunda e immensa é a que parece dividir essencialmente os instinctos litterarios da nossa época. Onde existe mais, e mais verdadeira poesia — no antigo ou no moderno; melhor — no passado ou no presente?

Não responderemos. Nem a resposta, qualquer que ella fosse, poderia nunca satisfazer completamente. Segundo o modo particular de ver e de sentir de cada um, assim seria julgada bastante ou imperfeita; satisfactoria ou deficiente. N'outras questões póde haver demonstração, porque se pódem apresentar argumentos e provas: n'ésta, provas e argumentos estão todos no sentimento. E este, quem hade forçal-o? Quem póde dizer ao coração que não bata, e á alma que não se agite de certo modo? Quem poderá affeiçoar ou torcer esses movimentos intimos, cujo character distinctivo é a sua propria espontaneidade?

Tractaremos pois a questão pelas nossas pro-

prias impressões, sem pertender doctrinar. Auxiliar-nos-hemos unicamente do estudo comparativo e individual da nossa razão com o nosso coração.

Onde ha mais e mais verdadeira poesia — no passado ou no presente? — Na actualidade ou na historia?

O principio poetico — o germen da poesia é o mesmo em todas as épocas. Todo elle reside no coração e na imaginação. A poesia é uma flor que se dá no terreno de todos os seculos. O coração porêm é o vaso em que profunda as raizes — a imaginação a athmosfera por onde alarga as folhas. O terreno porêm póde ser cavado por differentes modos — o vaso contornado por diversas mãos — a athmosfera influida pelas variações de uma infinidade de phenomenos. D'este modo a semente, que é so uma, rebentará em fórmas variadas — sempre flor do mesmo genero — mas sempre transformando-se segundo as condições em que nasceu.

É certo portanto que esse principio intimo tanto existe — tanto póde existir — n'este como n'outro seculo, uma vez que um impulso grande o faça florejar: mas é certo tambem que o seu desenvolvimento, maior ou menor, depende de circumstancias dadas: é tambem certo que se póde contrahir ou expandir, fechar-se na sua solidão, ou actuar sôbre a humanidade, conforme as causas exteriores — é finalmente certo que o molde, porque assim digamos, em que se vasa essa pura substancia concorre poderosamente para que a possamos ver, admirar, e apontar de diversa maneira, ou seja que lhe occulte algumas qualidades, ou que lhe descubra outras; ou que nos roube todas aos olhos e ao espirito.

D'ésta sorte a poesia será mais verdadeiramente poesia quando o seculo, ou para continuarmos a metaphora, o vaso que a contiver se achar tão chrystalino, transparente, e quieto, que a deixe observar em toda a sua esplendida limpidez — quando poder offerecer livre aos sentidos a cor e o perfume. Será mais verdadeiramente poesia, repetimol-o, porque se apresentará tal qual é, porque, na plenitude da placidez, sentidos e coração poderão melhor contemplal-a, respiral-a, avalial-a.

Vejamos agora. Poderá a actualidade dar-nos essa completa e absoluta tranquillidade, essencialmente necessaria para aprecial-a o que é, e como é?

Não o cremos.

No rumor externo, no turbilhão de poeira que nos cega e offusca, está ja uma causa grave de impossibilidade. Mas não é ainda a principal. Em nós mesmos, no tumulto interior das paixões vivas e revoltas, existe a mais importante. Esteja embora o dia sereno, limpo e diaphano o ceo, claros e vividos os astros, em nossos proprios olhos é que reside a turvação: não podemos ver bem porque as trevas intimas nos escurece e confunde a vista.

Dê-se um facto, qualquer, infinitamente poetico em si, que desperte e faça vibrar a um tempo todas as fibras do coração e colloque-se na actualidade. Que acontecerá! Não lhe havemos de avaliar toda a poesia — toda a sua verdadeira poesia — porque o não veremos desaffrontado e livre, porque o havemos de examinar não com o espirito, mas com as nossas paixões alli interessadas, com as nossas prevenções, o nosso egoismo, e sobretudo o nosso amor proprio.

Dê-se o mesmo facto, e assente-se n'uma época affastada. Vêl-o-hemos claro e distincto, admiral-o-hemos, calculal-o-hemos exacta e completamente porque separado pela distancia, não se acharão lá impenhados aquelles sempre officiosos interpretes, e sempre cegos contrastes.

A par d'este espirito creador, d'esta chamma occulta e vivificadora, d'este raio de Deus igual e immutavel como elle, a par d'esta poesia emfim distinguiremos nós outra a que chamaremos poesia exterior — e que, segundo nos parece, chamam geralmente arte. A arte na nossa opinião não é senão uma poesia tambem, mas differente da primeira — a primeira é a inspiração, a segunda a representação. São porêm ambas tam mutuamente necessarias, tam unidas e conjunctas, é tam tenue e subtil a linha que as divide que d'essa tenuidade e subtileza nasce, a nosso ver, o tomar-se com frequencia uma pela outra, dando assim logar a equivocos faceis que podem produzir graves questões. O separar, pois, bem clara e positivamente éstas duas expressões, o intendêl-as bem na legitimidade da sua significação é do maior interesse para se intenderem sem esforço estes trabalhos de analyse.

Divididas assim, a poesia intima que é sempre a mesma, e a poesia exterior que varia infinito, classificados d'este modo o *espirito unico*, e a *materia modificavel* ser-nos-ha mais facil, não nos atrevemos a dizer, caminhar á solução do problema, mas ao seu exame severo e escrupuloso.

D'essa segunda poesia — da arte — não tractamos nós — tem outras condições de existencia, outro aspecto; não é para aqui. A primeira vamos consideral-a, segundo nos propozemos — na sua applicação mais verdadeira — n'aquella que pelo menos julgamos tal — nas suas relações com o passado; isto é, com a historia! É ahi que ella é o que é — grandiosa, mystica, solemne e prestigiosa — é unicamente ahi que ella póde ser completamente avaliada, mesmo atravez das fórmas que a incerrarem.

A poesia é tam antiga como a historia: nasceu com o mundo. O que é essa harmonia admiravel do universo organisado — o que é tudo isso, senão o primeiro poema da humanidade?

Subindo á mais remota antiguidade, aos mais distantes paizes, encontrâmos sempre socia inseparavel da poesia a religião — ainda mais, sua guia, sua guarda, seu quasi sanctuario. E a religião — essas religiões todas — que era — que eram, senão a historia de cada povo e de cada civilisação?

O que um moderno e sensatissimo [1] escriptor dizia d'essoutra poesia, que elle, por ventura, confundia com ésta, poderemos talvez applical-o, com ainda maior justiça, ao nosso caso:

Se quizerdes saber em quantos periodos se divide a historia das artes começae por indagar quantas épocas teve a historia do culto!

Se ponderarmos todas as contradições que existem entre as artes e os cultos; se observarmos que éstas, longe de se manterem unicas e immudaveis, modificam-se e methamorphoseam-se successivamente; se attentarmos por exemplo no *paganismo*, que nos indispõem pelas doctrinas, e na *arte grega*, filha sua, que nos arrebata pelas formosuras; veremos que na asserção haverá muita mais verdade se a formularmos d'este modo;

Se quizerdes saber em quantos periodos se divide a historia da poesia, começae por indagar quantas épocas conta a historia dos cultos.

Mais do que ás artes que se transformam pertence ésta doctrina á poesia — a essa intima poesia que não se altera. Ésta, *uma e unica*, póde ter *historia:* aquellas variaveis e mudaveis não podem ter senão *historias*. Para a poesia, os cultos são os marcos assentes no seu caminho para indicarem a marcha e direcção que ella tem levado atravez dos tempos; para as artes, são a divisão das fórmas que tomou este involtorio. O illustre escriptor cahiu, cremos nós, no facil ingano que procurámos apontar: tomou a materia por espirito — por aquelle espirito universal que soprava a mesma chamma nas obras de Virgilio e do Dante, de Sophocles e de Racine; que assimilhava as creações de Phidias e Platão ás de Rafael e Miguel Angelo — tomou-a por esse espirito tam unico e so, como a verdade em que elle se funda, como a verdade que torna irmãos, atravez dos seculos, todos os genios que a souberam advinhar. O symbolismo não é a poesia, é a traducção d'elle, a sua representação visivel: nem todos podem ler a palavra alli escripta: não é dado a todos penetrar a structura do corpo escondido n'aquellas vestes.

Ésta digressão desviou-nos da idéa que tinhamos começado a desinvolver; era todavia necessaria para nos facilitar o caminho. Sigamos pois agora ávante mais livres ainda e mais desaffrontados do que até aqui. Vejamos e examinemos em resumido quadro essa admiravel e magnifica união da poesia e da historia.

MENDES LEAL J.^r

(Continúa).

[1] Edgard Quinet — Du Genie de l'art.

VERDADEIRA NOBREZA.

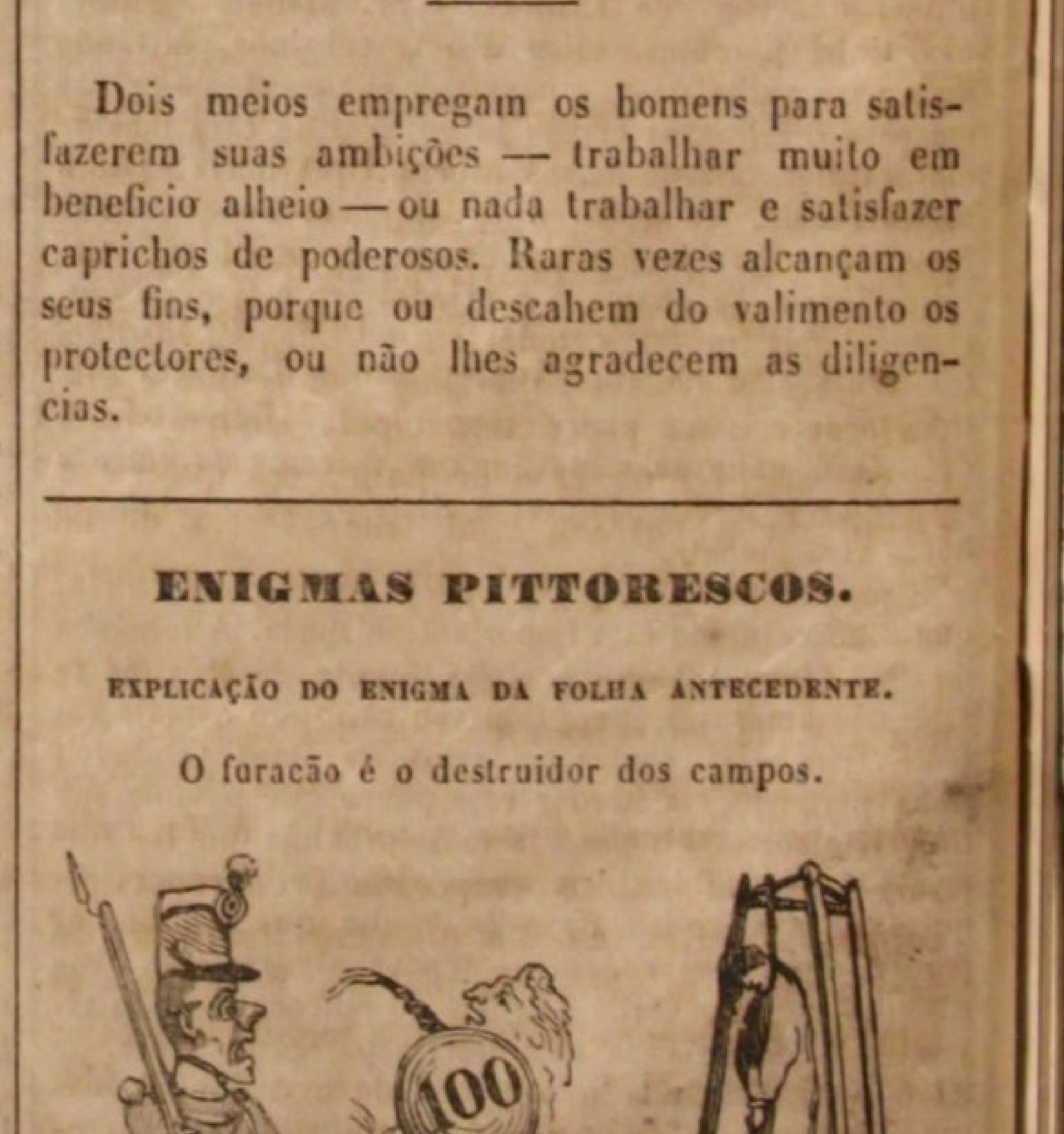
Para conseguir a gloria da immortalidade é certo que não basta o nascer grande; mas que é meio preciso a grandeza das acções: nascer grande é um acaso da fortuna, em que não póde haver merecimento algum; porêm o ser grande é qualidade propria com que se merece. A grandeza herdada é somente uma grandeza fantastica; porque a verdadeira grandeza tem a sua origem nas virtudes pessoaes. Que maior pompa que a de um trophéu que se costuma levantar para ostentação da gloria adquirida? E comtudo nada tem proprio, porque não é mais que uma representação do trabalho alheio. Ésta é a razão porque devemos olhar por loucura a ociosidade d'aquelles que recostados á sombra das suas arvores genealogicas adormecem á suave harmonia com que celebra a fama as illustres acções de seus antepassados, sem desempenharem a grandeza do nascimento com outras acções igualmente memoraveis. — *D. Thomaz Caetano de Bem. Oraç. funebre do 3.º duque de Cadaval.*

Dois meios empregam os homens para satisfazerem suas ambições — trabalhar muito em beneficio alheio — ou nada trabalhar e satisfazer caprichos de poderosos. Raras vezes alcançam os seus fins, porque ou descahem do valimento os protectores, ou não lhes agradecem as diligencias.

ENIGMAS PITTORESCOS.

EXPLICAÇÃO DO ENIGMA DA FOLHA ANTECEDENTE.

O furacão é o destruidor dos campos.



SUMMARIO.

CAPELLA DA CONCEIÇÃO.

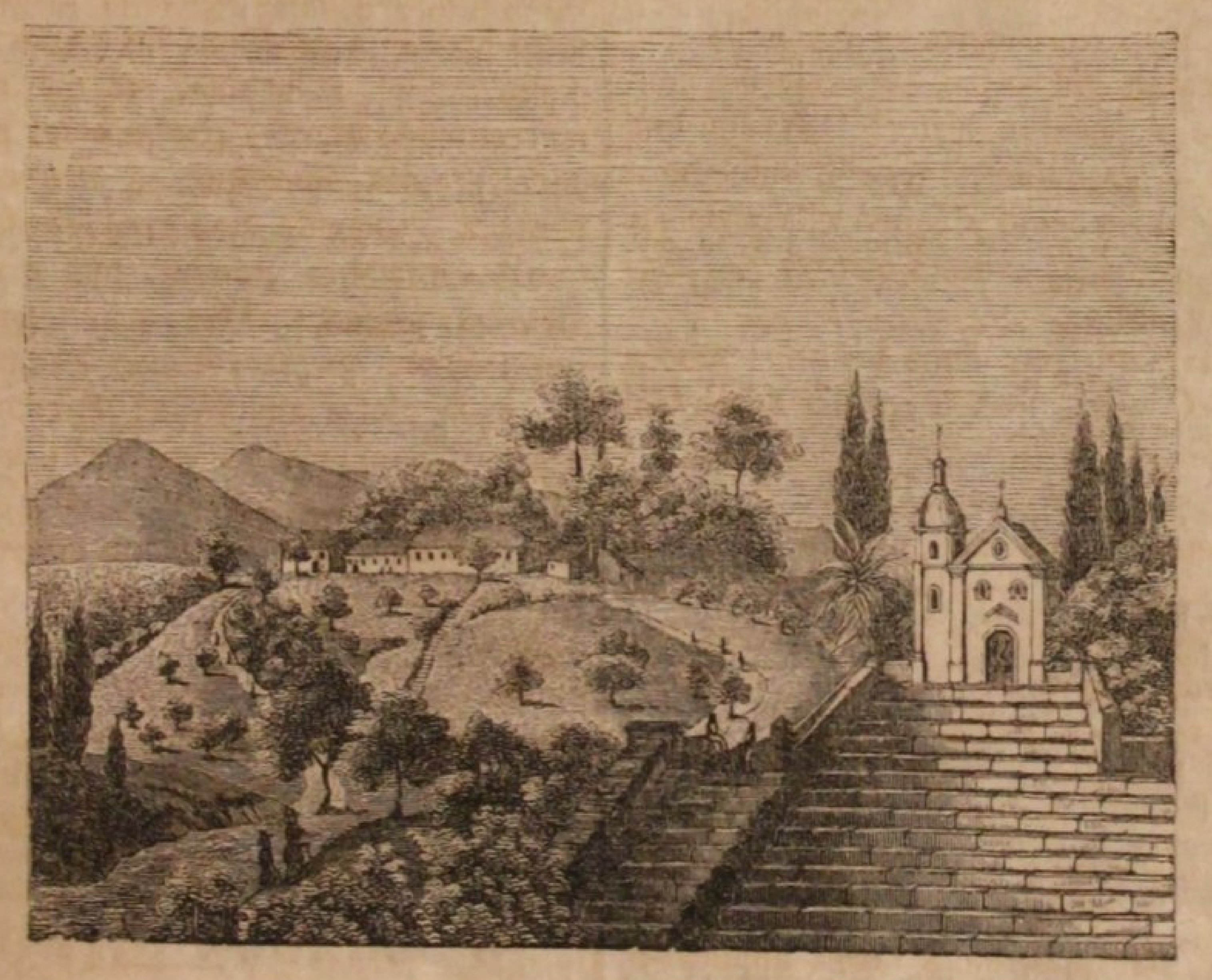
Nicteroy dos Tamoios habitada
. . . .
Famosa região pela enseada
Que uma grã barra dentro em si comprende.

CARAMURU -- Cant. 6.° Est. 78.

A empreza da ILLUSTRAÇÃO annue aos desejos de um seu assignante d'além do Atlantico publicando a estámpa da airosa capella da Conceição de que lhe enviou cópia: e a redacção em vez de descrever o que melhor descreve a propria gravura julga mais opportuno entrar em uma breve noticia da nova povoação que a dita capella olha a padrasto.

Nicteroy se chama a cidade, exactamente fronteira á do Rio de Janeiro, e como está situada á beira do seu golpho, designava-se n'outro tempo por Praia-grande, nome que ainda conservou depois de villa.

A cathegoria de cidade e de capital da Provincia trouxe-lhe a mudança do mesmo nome em o de Nicteroy, que era pouco mais ou menos o com que alguns indigenas Tamoios designavam as aguas que banham suas praias. E sem que ainda se tenha definitivamente decidido qual seja a mais genuina significação desse vocabulo americano é certo que elle se tornou bastante popular. Nicteroy é um poema brazileiro, que seu auctor o Sr. Januario da Cunha Barboza, um dos primeiros litteratos do Brazil, a quem tantas Academias d'Europa contam em seu seio, fez imprimir em Londres em 1822. Nicteroy foi uma revista braziliense de sciencias, lettras e artes, que se publicava em Paris em 1836, redigida principalmente pelos Srs. Port'Alegre, Torres Homem e Magalhães. Nicteroy é o nome de uma fragata, de uma barca de vapôr, e até o de um individuo. E o mais é que todas estas entidades, a que o nome chegou por ampliação, tem gosado d'elle em mais segura posse do que o seu mais legitimo proprietario a que o uso ainda muita vez chama só por virtude do antigo habito Praia-grande; pois que este nome era ainda o official, quando na memorada época da independencia foram mandadas para ahi retirar a 12 de Janeiro de 1822 as tropas portuguezas commandadas por Jorge d'Avilez, e quando em tempos mais recentes depois da abdicação do primeiro Imperador serviu de theatro á conspiração burlada, que deu motivo á comedia anonyma em 3 actos impressa em 1834, com o titulo de — *Rusga da Praia-Grande ou o Quixotismo do General das Massas.*



A cidade de Nicteroy cresce de dia para dia. N'ella se reune a Assembléa Provincial; possue uma escóla de architectos medidores e um lyceu. Reedifica-se a sua matriz de S. João Baptista; fazem-se-lhe chafarizes; melhora-se lhe o theatro, e entre as suas typographias distingue-se a *Nicteroyense* na praça municipal. Houve ahi ha poucos annos uma casa de baile, em que só era permittida a entrada com trages leves de fino linho, adoptados a um paiz quente; porém já acabou.

Nicteroy é como a outra-banda do Rio de Janeiro. Cada meia-hora partem dos cáes das duas oppostas margens barcas de vapôr cheias de gente principalmente de manhã e á tardinha; pois que até muitos empregados de repartições publicas do Rio tem na margem fronteira residencia effectiva. E ainda mal que demasiado estará na lembrança de todos a lamentavel catastrophe succedida ha mais d'anno, a 25 de Maio do anno passado, da explosão da caldeira da barca que no nome de *Especuladora*, parece que envolvia o embrião do amargo epigramma ao seu desastroso fim. Era ao pôr do sol da vespera do Espirito Santo: a barca ultima que do Rio largava, conduzia mais de 200 pessoas; e começava a vogar quando no meio de forte estampido se envolveu repentinamente toda n'uma nuvem brancacenta de que partiam alaridos e gemidos humanos..... Dissipada a nuvem parte da barca boiava; e da gente uns expiravam escaldados n'um pégo de agua fervente que boiava sobre ondas frias.....

Oremos ainda hoje por nossos irmãos! E não deixemos de morar dentro de cidades, só porque umas tem sido abaladas pelos terremotos e outras devoradas pelas chammas!.. —.

Campo de fogo. Existe este phenomeno junto a Bakú na Russia Asiatica: é uma planicie quadrada; de quasi toda ella sahe continuamente um gaz inflammavel. Os guebros, adoradores do fogo ahi tem construido seus templos; n'um destes, proximo da ara está cravado no chão um grande cylindro ôco, como peça d'artilheria, e pelo orificio superior sahe uma chamma azulada mais pura que a do espirito de vinho. D'uma fenda horisontal d'um rochedo sahem tambem chammas que de noite offerecem á vista uma bellissima côr azul.

HISTORIA E LITTERATURA.*

O assassinio de Sancho aconteceu a 4 de Outubro de 1072, não sem suspeitas de ser commettido a instigação de sua irmã, D. Urraca, ou de seu irmão Affonso, ou talvez de ambos ao mesmo tempo, porque sobre ambos tinha pesado a tyrannia de Sancho, e nos corações de ambos devia de lavrar o mesmo resentimento.

Apenas se divulgou no campo a morte do rei, retirou-se em desordem o exercito sitiante; e Urraca se adiantou a prevenir da vagatura do throno a seu irmão D. Affonso que continuava a residir em Toledo.

D. Affonso sahiu de Toledo, e entrando no reino de Leão, prestaram-lhe de prompto obediencia os habitantes; mas não succedeu assim em Castella, e nas provincias anteriormente dependentes da Navarra. Quando o novo rei se apresentou em Burgos, os castelhanos pozeram-lhe por condição que, se elle queria reinar, havia primeiro de purificar-se por juramento que não tinha sido complice no assassinio de Sancho. Affonso conveio; mas nenhum dos grandes de Castella se atreveu a tomar-lhe o juramento, temendo incorrer no desagrado do monarcha. Foi o Cid o unico que ousou encarregar-se d'esta commissão espinhosa: e nem se limitou a exigir de Affonso o juramento, senão que encareceu o arrojo a ponto de fazer-lh'o prestar duas vezes; do que se elle resentiu tanto que nunca jámais póde perdoar ao Cid similhante aggravo.

As victorias que nos primeiros annos do reinado de Affonso alcançou o Cid contra os moiros de Andaluzia, adquiriram-lhe o glorioso sobrenome de — *campeador*, que sôa o mesmo que *campi doctus*, ou *campi ductor*, como que significando habil em castramentação. *Cambitur* lhe chama Conde na sua historia da dominação dos arabes em Hespanha. Mas este periodo da vida militar do Cid anda cercado de nevoas. Não consta ao certo a data d'essas victorias, nem mesmo o nome do principe ou principes arabes de quem se houveram. E até é possivel, segundo a opinião de Paquis, que o titulo de campeador o ganhasse o Cid em tempo de Sancho.

Os successos do Cid deslumbravam os seus rivaes, e despertaram invejas. E como Affonso pela razão que dissemos lhe não mostrava boa sombra, entendeu o guerreiro que lhe convinha retirar-se da côrte para o campo, a pretexto de tractar da sua saude; mas em realidade para dar tempo de se acalmar o odio dos seus inimigos. Em quanto elle vivia assim no retiro, os moiros do emirado de Saragoça entraram em terras de Castella, e levaram a devastação até junto de Santo Estevão de Gormaz. O Cid reuniu a toda a pressa algumas tropas, e perseguiu os devastadores, repellindo-os até á fronteira; e depois, em vez de entrar no territorio de Saragoça, tomou á direita, e poz-se a talar os campos do reino de Toledo, estendendo a assolação até os muros da capital. Fez mais de sete mil prisioneiros, e voltou carregado de despojos.

Al-Mamum, o emir de Toledo, e hospedador de Affonso, queixou-se a este que assim se violasse a paz jurada entre elles, e Affonso sujeitando esta queixa á curia dos nobres, resultou ser o Cid condemnado a desterro pelos annos de 1076. Parece que lhe assignaram o prazo de nove dias para sahir de Castella.

Mas o poema que celebra os feitos do Campeador refere que voltando elle das suas campanhas, ao dar entrada em Burgos com 60 pendões que o seguiam, sahíra a vê-lo uma parte

* Continuado de pag. 83.

dos habitantes, e outra parte derramando lagrimas o olhavam das janellas, e exclamavam;

«Dios que buen vasalo si oviesse buen Señor! Comtudo nenhum morador ousava a convida-lo para casa, porque tinha chegado a Burgos carta d'elrei com grande recado para que ninguem lhe desse pousada, e o que lh'a desse soubesse, *vera palavra*, que perderia os averes, e mais os olhos da cara.

Dirigiu-se o Cid ao seu palacio proprio: as portas estavam fechadas: bateram; ninguem acudia: bradaram os que o acompanhavam para que abrissem; escusaram-se tambem de dentro com o mandado d'elrei.

Então o Cid sahiu de Burgos. Mas faltando-lhe dinheiro para pagar a trezentas lanças que o escoltavam, e não sabendo donde lhe viesse, valeu-se de um expediente, que em nossos dias lhe mereceria o titulo de cavalheiro de industria, mas que n'aquella época, e n'aquelle apuro, parece não fôra tido em conta de deslustre, porque o poeta que lhe cantou os feitos com musa ingenua, refere o facto como coisa natural, e sem o menor remoque ao seu heroe.

E o facto foi que o Cid mandou encher de arêa duas arcas, e a Martim Antolinez, o unico burgalez que se tinha aventurado contra a prohibição de elrei a bastece-lo e á sua comitiva de pão e vinho, encarregou de leva-las a Burgos aos dois judeus, Rachel e Vidas, e que simulando que vinham pejadas de oiro esmerado, lhes pedisse seiscentos marcos sobre aquelle penhor.

Assim o cumpriu Martim Antolinez, e pelo modo arteficioso com que fez brilhar aos olhos dos avarentos israelitas os ricos despojos que o Cid, segundo rezava a fama, trouxera das suas campanhas, não pozeram elles duvida em fazer o emprestimo, tendo até antes de o fazerem, e a instancias do burgalez, empenhado a palavra de ambos que por todo aquelle anno não dariam busca ás arcas.

Recebidos os seiscentos marcos, partiu o Cid em direitura ao mosteiro de S. Pedro de Cardena, e chegou lá ao cantar matutino dos gallos. O abbade estava rezando matinas, e D. Ximena, a mulher do Cid, fazendo oração acompanhada de cinco donas.

Deteve-se o Cid alguns dias no mosteiro. Vieram-se-lhe alli juntar á sua pequena hoste mais cento e quinze cavalleiros. Era resultado dos pregões mandados deitar em toda Castella annunciando o desterro do guerreiro: áquella voz de infortunio e perseguição augmentavam-se as sympathias, e os patricios do desterrado largavam casas e Honras, e corriam a reunir-se em volta da signa do heroe. Era tambem que n'aquella idade a vida matisava-se de aventuras, a riqueza buscava-se na rapina, a gloria cifrava-se em combater moiros, e as aventuras, a riqueza, e a gloria deparavam-se sómente na profissão militar, a nobilissima entre todas.

Emfim proximo a findar o prazo em que devia sahir do reino, partiu o Cid de S. Pedro de Cardena recommendando sua mulher e filhas que alli ficavam ao abbade do mosteiro; e foi pernoitar a um logar onde se lhe juntou muita gente vinda de differentes pontos de Castella.

Na manhã seguinte pozeram-se a caminho. Deixaram á esquerda a cidade de Santo Estevam; á direita Ahilon com suas torres guarnecidas de moiros; passaram por Alcobiella, que é já extrema do reino; atravessaram a Calzada de Quinea; e navegaram o Douro. Durante esta jornada foram-se-lhe ainda engrossando as fileiras com novos combatentes que acudiam de todas as partes do reino.

Chegando á serra de Miedes antes de sol posto, passou revista á sua hoste. Atravessou de noite a serra, e na manhã seguinte achou-se emfim fóra dos dominios de elrei D. Affonso.

Continuando a marcha, fez alto em uma montanha a que o poema chama *grande* e *maravilhosa*, e descançou quasi o dia todo. Mas antes de anoitecer tornou de novo a cavalgar, marchou caminho de Castejon, e nas visinhanças lançou-se em silada com cem cavallos, e ordenou a Minaya Alvaro Fanez, seu tenente, que com duzentos fosse em algara até Alcalá.

Nasceu o sol. Os moradores arabes sahiram de Castejon descuidados, uns a tractar da sua lavoira, outros a vêr as suas herdades. As portas deixaram-nas abertas; e dentro de Castejon pouca gente tinha ficado. Surdiu então o Cid da emboscada, correu á porta, e os que a guardavam sentindo rebate a desampararam.

Entrar dentro, tornear e ensopar a lança em sangue arabe, apoderar-se da povoação e mette-la a sacco fazendo despojo de quanto oiro e prata encontrou, foi obra de poucas horas. E ao cabo d'ellas avistou-se o pendão de Minaya que voltava da sua algara com muitas ovelhas, vaccas, roupas, e copia de outras riquezas.

Fez-se acervo de todas as prêsas para se repartirem, e coube a cada cavalleiro o valor de cem marcos de prata, e metade a cada peão. Tocava o quinto das prêsas ao Cid segundo a lei da guerra. Mas como entre ellas havia numero de captivos e captivas que elle não desejava levar comsigo por lhe servirem de estorvo, ajustou com os de Castejon a venda do seu quinhão, menos a parte que era em moeda e metaes preciosos. E os arabes esmaram-na em tres mil marcos de prata; com o que elle foi contente.

Aos tres dias do ajuste embolçaram-no. E como pelos esculcas tivesse aviso que elrei D. Affonso lhe vinha nas costas, sentindo repugnancia em vir ás mãos com o seu senhor natural, partiu-se de Castejon caminho de Alcocer.

Perto de Alcocer se levanta um oiteiro em fórma de circulo, espaçoso, e fortificado pela natureza: banham-lhe o sopé as aguas do Salon. Foi ahi que o Cid assentou as tendas, e tomou posições. Mandou abrir uma cava em volta do oiteiro bem junto da agua — precaução contra investidas — e deteve-se quinze semanas cumpridas n'esse paradoiro, aguardando que o castello de Alcocer se lhe entregasse. Offereceram-lhe pareas os habitantes de Teca e os de Teruel: mas o castello não se lhe rendia.

Recorreu então o Cid a um estratagema de guerra: levantou o arrayal, deixando uma tenda armada, e levando as outras caminhou Salon abaixo, bandeira despregada. A sua hoste caminhava com as lorigas vestidas e as espadas á cinta.

Quando os de Alcocer notaram o modo como o Cid ia, ajuizaram que lhe tinham faltado mantimentos, e que se escapava como de arrancada; e não cabendo em si de contentamento houveram que aquella era a conjuncção de ataca-lo. Sahiram em tropel da povoação. Apenas o Cid os viu fóra, e que soffregos na prêsa até tinham deixado abertas as portas, fez apertar o passo á sua gente como quem fugia; e como observou que entre os aggressores e o castello se mettia já um grande espaço, virou de redea com a sua turma, e a trote serrado, espadas nuas, alcançaram os inimigos na planura. E depois de os bem sangrarem, que chegou a trezentos o numero dos mortos, entraram o castello.

Atterrados da visinhança de um inimigo tão destemido e ardiloso, os arabes de Teca, Teruel, e Calatayuth enviaram mensageiros ao emir de Valença a pedir soccorro; e o emir de Valença mandou-lhes de auxilio uma almofalla ou hoste de tres mil arabes e dos mais que da fronteira se lhes poderam juntar, que montaram a grande numero, capitaneados todos por dois reis, que foram pôr cêrco ao Cid no castello de Alcocer.

O lidador castelhano conservou-se sitiado tres semanas sem emprehender nenhuma sortida. Mas tendo-lhe o inimigo atalhado a agua, sahiu do castello um dia pela manhã, e atacando os sitiantes, empenhou-se uma batalha das mais disputadas, cujos pormenores, — ainda que curiosos, e descriptos com vivacidade e certa alteza poetica que contrasta com a singelez da época e do poema que os narra, — por se parecerem com os de tantas outras batalhas, nos dispensaremos de repetir.

O remate foi uma victoria completa, e um despojo mais consideravel de quantos até alli fizera o campeador. Pagou todas as suas dividas, encheu de riquezas a todos os seus companheiros de gloria, e até mandou de presente a elrei D. Affonso trinta formosos cavallos, cada um com sua cemitarra suspensa do arção da sella, e com trinta escravos moiros de redea, custosamente trajados.

Elrei agradeceu-lhe este mimo. E ainda que com receio de descontentar o emir de Toledo, não julgou prudente chamar o Cid do seu desterro, comtudo deu licença de irem combater ás ordens do desterrado a quantos castelhanos o quizessem. Era um rasgo de cavalleiro que procurava galardoar a bravura e talentos militares do campeador, e um rasgo de estadista que n'este ardil encontrava ensejo de descartar-se de alguns vassallos turbulentos e ambiciosos, que eram fructo do desenfreamento da época, dos habitos contrahidos entre as armas, e da constituição aristocratica do reino de Castella.

Mas deixemos o poema que se encerra no circulo das façanhas do seu heroe sem nos esclarecer sobre a força comparativa das potencias christã e arabe em Hespanha, e deitemos um lanço de olhos ás duas raças rivaes para observarmos os esforços de ambas; de uma que pretendia firmar e estender a sua usurpação; de outra que anciava sacudir o jugo do conquistador, e restaurar em toda a Peninsula o imperio de seus avós. E no fundo d'este quadro veremos ainda sobresahir a figura grandiosa do Cid.

(Continúa). A. DE O. MARRECA.

O JOGADOR DE BILHAR.*

É uma hora, entremos ao acaso em qualquer botequim; está quasi deserto, os moços occupam-se em bocejar e nos arranjos das mesas, dos candieiros, etc. Ouve-se um leve rumor, olhae para a porta — é *o jogador do bilhar*; sauda com o sorriso nos labios o dono da casa, os criados tributam-lhe os mais respeitosos comprimentos, e elle campêa ovante n'esses dominios magestosos, como se tudo lhe pertencêra. O botequim ha pouco immerso na mais profunda melancolia recobra toda a vida, ja é agradavel e risonho, o *marcador*, ente que comprehende so o *jogador* — conversa com elle em segredo, revelando-lhe mysteriosamente que a *mesa* tem la um certo lado d'onde *descahe*, que o *azar* do lado esquerdo é necessario que se empregue muita força para as bolas entrarem, e outras muitas gentilezas que são bastantes para reduzirem a uma pthisica pulmonar as bolsas mais robustas.

— Venha lume, exclama o *jogador*.

— Prompto, bradam a um tempo unisonas duas ou tres vozes.

E prestes se accende um charuto d'uma dimensão immensa, que sahe cuidadosamente d'uma bem pouco engraçada charuteira. — Devemos parar aqui um pouco, e tractar philosoficamente uma questão que Mr. Charles Rougets desenvolve magistralmente; — a saber — se o *jogador* Lisbonense será tão amante do charuto como o *tyranno* Parisiense do cachimbo? — Para o *tyranno*, diz o citado escriptor, o cachimbo é uma belleza que lhe merece os mais lisongeiros comprimentos;

* Conclusão de pag. 75.

uma maravilha rara que elle tornou perfeita á força de cuidados e attenções, e que tracta com uma ternura paternal. — Em quanto ao *jogador* Lisbonense é inquestionavel que fuma por vicio, por isso depois do bilhar adora o charuto; é a sua divindade, a dama dos seus pensamentos — as suas esperanças, o seu futuro; logo a illação que naturalmente se deduz d'estas premissas — vêm a ser — que se o *jogador* das margens do Téjo differe nos amores do *tyranno* das margens do Sena em quanto á fórma e materia — está todavia em paralello pelo que respeita ao culto rendido com igual ardor. — Ha uma circumstancia que não deve escapar pela malha, e que se torna caracteristica no *jogador do bilhar*. É signal certo sentir-se quando anda um som metallico estranho — o *jogador* traz usualmente comsigo quanto possue, e n'isto entram vistas especulativas, pois está seguro de que lhe não roubam *a sua fortuna*.

O *jogador de bilhar* depois de ter lançado uma vista d'olhos aos jornaes do dia, que esses velhos impertinentes, verdugos das lojas de bebidas — se appressam a ceder-lhe — toma *a sua receita*, isto é, agua, genebra e assucar, preparo indispensavel para poder exercer as altas funcções. Feito isto, vê se póde apanhar algum *pato*, algum provinciano que, apenas chegado a Lisboa, quer fazer de taful, e não recusa jogar com um Lisboeta, que faz primeiro uma prelecção do pouco que sabe jogar — de não estar acostumado *á mesa*, etc., consultando sempre o voto do *marcador*, que diz a tudo que sim, porém que murmura baixinho:

— Isto é gallinha!

Termo technico que exprime a vantagem que um parceiro tem sobre o outro.

— Ó sr. Manuel, dá-me o meu taco?

Estas palavras pronuncia-as o *jogador de bilhar* com tal emphase, que se o pobre provinciano estivesse ao facto dos arcanos dos bilhares advinharia immediatamente que so um jogador, e um jogador eximio, póde ter um taco privilegiado para esses miraculosos *effeitos*, que assombram os nescios; estas palavras querem dizer em linguagem intelligivel «Prepara-te, que vaes sahir sem cinco réis n'algibeira» — porque nos umbraes d'essa porta estava escripto em characteres invisiveis o dito fatal de Dante: *Lasciate ogne speranza, voi qu'intrate*; porque *jogador de bilhar* não perde senão quando lhe apraz, e conhece todos os jogos — desde os *pausinhos* até ao *doublé*, desde o *trinta e um* até á *pala*, personagem aristocrata do catalogo dos jogos de bilhar.

As primeiras duas partidas ganha-as o provinciano; é a tactica; o jogador tem-se *negado*, tem dado mais de oito *raias*, etc., etc. À terceira partida faz o *jogador* a proposta de jogar a dinheiro, e o provinciano, que lhe parece desairoso esquivar-se — acceita, e vê que o jogo muda inteiramente; de tal sorte, que os pintos desapparecem-lhe d'algibeira com mais velocidade do que entraram: então vem o arrependimento mais amargo — a saudade mais dolorosa d'esse dinheiro, que ja não é seu, e que podia empregar em tanta cousa. — Sahe o provinciano espavorido, e o jogador, coberto de gloria, repousando alegre como general depois de vencer perigosa batalha, encosta o taco ao braço, e pede de novo lume.

— Hoje sempre hade deixar para a pescada!

É ésta outra frase technica que pronuncía o *marcador*, fazendo girar nos dèdos amarellos de cigarro a *rebecca*. — No bilhar tambem ha um *argot*, tambem ha *mysterios*, e não faltam os *Maitres d'ecole* e os *Chourineur's*.

À exigencia do *marcador* responde o *jogador* com doze vintens, porque deseja estar sempre em paz com esse rival; de sorte que podemos dizer que a trindade de todo o botequim é — o *marcador*, o *jogador*, e o seu charuto, quantidades heterogeneas, que todavia se ligam maravilhosamente.

Considerámos até aqui o *jogador de bilhar* n'uma das suas phases; porém ha outro lado não menos curioso porque deve ser olhado. Com respeito aos frequentadores dos botequins, a posição do *jogador* diversifica da que adopta para com os provincianos; estes ultimos não o conhecem, por isso facil lhe é a victoria, no emtanto os primeiros tem vivido com elle, sabem como joga, e n'este caso será sobremaneira duvidoso enganal-'os; é mister inventar, fazer descobertas no jogo do bilhar. À noite, no silencio das trevas — quando o *jogador* repousa no seu fôfo leito mil pensamentos o agitam — e depois de ter feito innumeros calculos escolhe o plano que lhe parece melhor, para pela manhã o pôr em practica. — Umas vezes é um partido consideravel — outras um jogo fantasiado por elle, um jogo que ninguem entende, mas cujas consequencias todos soffrem por mais espertos que sejam.

Ao lado do *jogador do bilhar* polido ha o *jogador improvisado*, de que se deve fugir. — Não tendes visto uma figura pallida, chapéo um tanto amarrotado, casaca preta abotoada, calça preta? Oh! fugi d'elle por quem sois! É o *marcador* em disponibilidade, que anda á espera de *commodo*, e que com grave incommodo d'um pobre christão joga nos bilhares para empalmar alguns vintens. Este não é o typo que temos descripto; — este *jogador* gira n'uma outra orbita, e não deve ser confundido com o *jogador de profissão*.

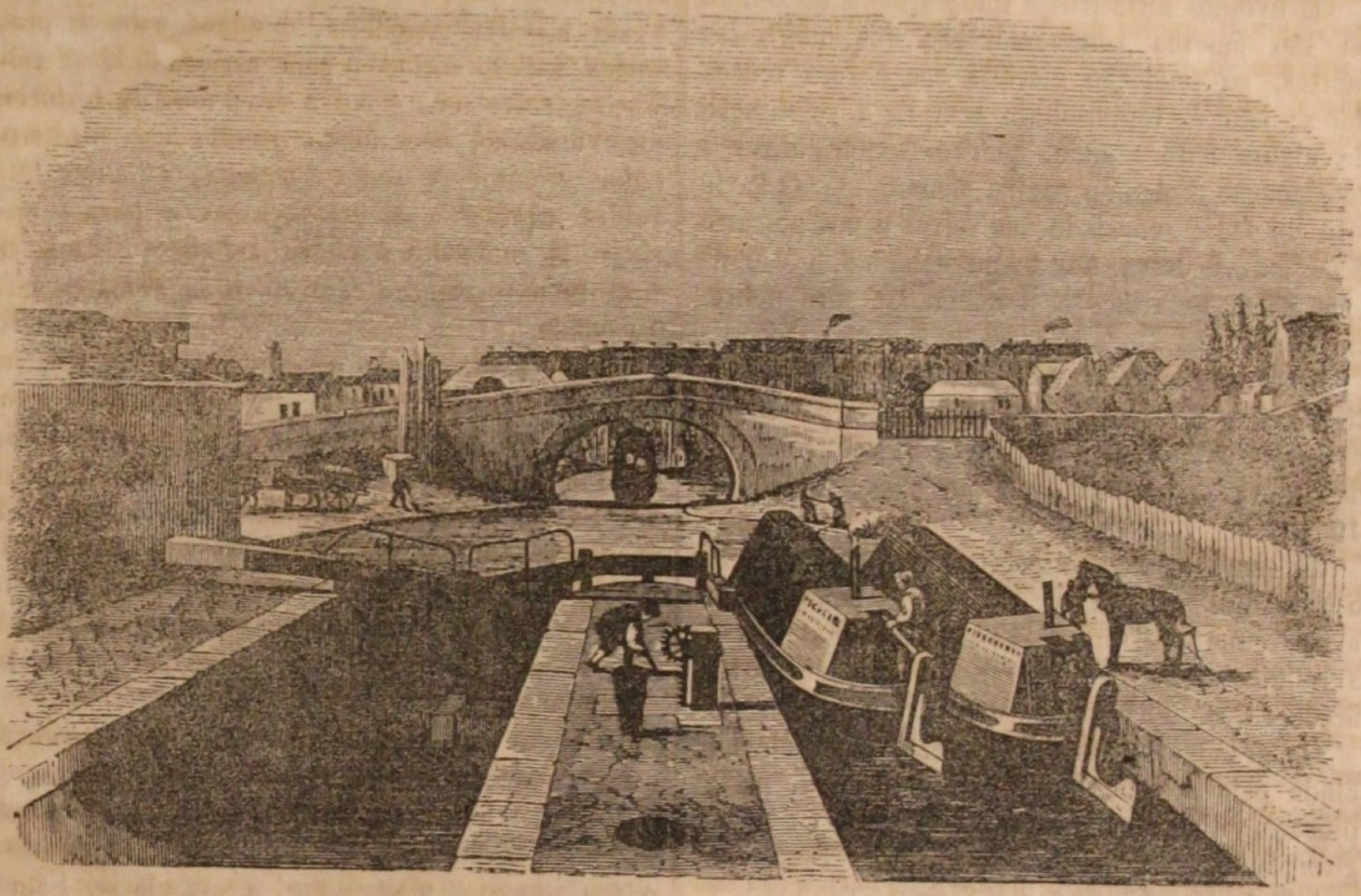
Quem é a familia do *jogador do bilhar?* Ninguem o sabe, mas provavelmente pertence á numerosa multidão que S. Vicente de Paula recolhia com tanto carinho. — D'onde veio? Para onde vae? Quem lhe deu esse reino de vinte pés, que elle governa com um taco? São estas as perguntas que naturalmente temos vontade de fazer quando vêmos o *jogador de bilhar*, porêm a que não podêmos responder.

Chega um dia (dia fatal!) em que o taco *reservado* do *jogador de bilhar* apparece no cabide onde estão os outros; similhante successo attrahe todas as attenções — tal acontecimento, novo, singular, faz com que todos fallem uns com os outros — ja se sabe baixo para que os não ouçam. — Que será? Que succedeu? O *jogador do bilhar* está na terceira secção, foi enfiado pela vontade suprema no grande *azar* da eternidade.

Na idade de 80 annos o *jogador de bilhar* vive mal, enviando um suspiro saudoso ao seu passado brilhante, tão cheio de recordações gratas; conta aos rapazes que o cêrcam as suas illustres campanhas do inverno e do verão, as *pulas* que lhe mereciam os applausos de todos, e que tornaram o seu nome Europèo. — Pobre ancião! Ja que não póde mostrar as suas habilidades — satisfaz-se com ensinar aos *aprendizes* o jogo, e quando vê que uma bola teve bom resultado — sorri com certo ar de intelligencia.

Assim passa os ultimos dias da existencia o *jogador de bilhar* — até que por fim expira, pobre, esquecido, sem amigos, n'uma miseravel agua-furtada.

(DEMOCRITO).



PASSO EM REGENT'CANAL.

A Escocia, que os antigos chamaram Caledonia, é a parte mais septentrional da ilha britannica, separada da Inglaterra pelo rio Twed, pelo golpho de Solway, e por serranias. É um paiz geralmente montanhoso, e coberto de mattas, regado de muitos rios e cortado por golphos, que a industria ligou por canaes, de modo que em grande parte d'esta região, que a natureza parece ter creado para o estado selvagem, ha mais facilidade de communicações do que em mais benignos climas. No occidente da Escocia, ducado de Argyle, póde cada um, segundo o seu capricho, andar como em Veneza de uma parte para a outra ou por terra ou por agua, tão cortado é aquelle districto por lagos, braços de mar, e canaes. O rio Clyde e o *lago comprido* offerecem um caminho recto de Inverary a Glasgow; esta ultima cidade e porto, hoje muito importante e commercial, tem bastantes relações de negocio com a praça de Lisboa, e já teve mais. — Loch-Fine é um dos mais bellos e magestosos lagos da Escocia, Inverary uma das suas mais bonitas cidades; as suas casas, novas pela maior parte, estendem-se em semi-circulo sobre a margem do lago, o qual ao norte da povoação contorna-se n'uma bahia entranhada pela terra dentro; e n'esta especie de porto natural estão sobre ferro numerosas embarcações destinadas á pesca do arenque, riqueza mui importante para esta comarca: na estação da pesca, que dura perto de seis mezes, de Julho a Janeiro proximamente, quatrocentas barcas de grande lote se occupam no Loch-Fine só na pesca do arenque, e colhem quinze a vinte mil barricas de peixe, que se exporta para todo o reino; por certo que as aguas d'este lago são feiticeiras para os cardumes daquelle vagabundo habitador dos mares, porque, apesar da perseguição annual que lhe fazem, não deixa, ha seculos, de visitar periodicamente a bahia de Inverary; e dahi vem que a cidade tem por brazão de armas um peixe dentro d'uma rêde. — O encantador Walter Scott, creador do romance moderno, não excedido ainda pelos discipulos da sua escóla, descreve lindamente na *Lenda de Montrose* a paysagem de Inverary, e a proclama uma das mais picturescas da natureza, e a mais romantica do seu paiz natalicio. O Ary, que no seu curso fórma bellissimas cascatas, atravessa os dominios do duque d'Argyle; e de distancia em distancia collinas agrestes, algumas de setecentos pés d'elevação, alteam-se como outros tantos observatorios naturaes, d'onde a vista descobre o variado painel do territorio circumvisinho: para os filhos d'esta provincia cada paragem é assignalada por uma recordação historica; esta não é a menor causa para os escocezes professarem tanto apêgo á sua patria.

Por uma estrada agradavel, que segue a margem direita do Ary, em poucas horas se vai de Inverary a porto Sonachan sobre o lago Awe, que é vasta caldeira d'agua doce como o lago Lomond, e da mesma maneira semeado de numerosas ilhas, nas quaes bem como nos promontorios das margens ha ruina de muitos castellos, que tem suas respectivas tradições.

***

A POESIA E A HISTORIA.

II.

A harmonia intima e sagrada d'estas duas maravilhosas entidades manifesta-se a cada passo. A religião é o laço que as ata.

As paginas dos grandes feitos humanos são tambem as mais esplendidas Epopeas, e, ás vezes, o fundamento do codigo religioso. A Illiada é a traducção gloriosa e natural do grandioso viver da Grecia: os heroes de Homero, deificados, vão em breve figurar no catalogo das divindades Hellénicas.

Á sombra dos palmares do Oriente os brahmines venerandos perpetuam nos cantos symbolicos as tradicções da patria; a musa oriental é a sacerdotisa do passado. A sua fórma é a religião, a sua inspiração a historia.

Os hymnos selvaticos e tempestuosos de Ossian ou são funerea commemoração dos guerreiros mortos, ou saudação gloriosa aos heroes vencedores; isto é, representam sempre a celebração de algum feito grande, querem sempre dizer a consignação d'alguma pagina memoranda. O laúde féro de Odin ressoando nas selvas e nos pincaros Scandinavos deixa um longo echo ao futuro de seus filho: lega-lhes a herança das suas nobres memorias.

Nos psalmos de Israel estão os triumphos e as tribulações do povo de Deus: a harpa do rei propheta não é por ventura a eterna revelação das provas e angustias porque passou o leão de Judá?

As grandes ficções poeticas são muitas vezes o symbolo em que se contem as analogias da mais remota historia; são-no sobretudo quando a religião consagra essas formosas e significativas ficções: Noé e Deucalion que o digam.

Os grandes vultos da natureza, engrandecidos ainda pela poesia, ellevam-se á altura de personificação d'alguma grande maravilha, ou de algum facto portentoso: que o digam Prometheu e Atlante — o Olympo e o Sinaï.

Um homem só, resumindo uma epoca, elevado ás cumiadas brilhantes da historia pela mão da poesia, fica a radiar do alto d'aquelle immenso pedestal sobre a civilisação d'um povo inteiro: que o digam Moysés e Solon.

Nas eras mesmo da mais barbara rudeza o symbolo poetico, encerrado quasi sempre no mytho religioso, consagra e perpetúa a tradicção historica. Os dholmen dos Celtas eram uns como pontos erguidos no meio das trevas da sua cegueira primitiva, em torno dos quaes se reuniam, como terrenas constellações, os grupos luminosos das suas ideas religiosas, poetico involtorio de tudo o que era destinado a ficar memoravel — a constituir historia.

Não terminariamos se quizessemos multiplicar os parallelos e as provas: encontram-se nos vestigios de todos os seculos, nas legendas de todos os povos, nos legados de todas as nações. Abraçadas atravez dos tempos, as duas quasi divindades illuminam com o celeste reflexo dos seus fachos immortaes a chronica do mundo. Nos grandes padrões, como nos pequenos quadros, a sua mutua influencia é visivel, a sua intimidade innegavel. A primeira expressão de cada povo e de cada nação é a poesia — na poesia fecha a religião — na religião propaga a historia. A poesia é pois o pensamento intimo, universal, indispensavel, que inspira e acompanha aquelle grande corpo dos factos humanos. Por isso mesmo que é quasi a sua augusta sagração, é que ella nunca poderá ser sufficientemente admirada senão quando resplendecer no alto do seu throno de seculos, ao lado da socia poderosa — d'aquella soberana irmã sua.

Passando da vida das nações á vida dos individuos, vejamos se podemos encontrar alli a mesma constante e sympathica fraternidade. Examinemos se os factos particulares contradizem ou corroboram a demonstração dos documentos grandes.

Assim como os actos consequentes e importantes, que uma nação perfilha, se gravaram nos amplos monumentos; assim o povo reservou para si o erigir breves monumentinhos destinados a consagrar algumas saliencias mais significativas de sua obscura vida diaria. Não tem outro meio de escrever a sua historia intima. Aproveita, em curto plano, o mesmo processo que applicam, em grande escalla, os interpretes da sua ampla vida exterior.

D'este modo um monticulo no meio das selvas — uma urna solitaria — um amuleto singelo — são ao mesmo passo um symbolo religioso, um mysterio de poesia e um padrão de historia: não d'essa historia grandiosa, que assignala as profundas vallas, cortadas pela variedade das civilisações entre uma e outra era; mas da historia, quasi familiar, não menos precisa para o observador attento. A vista d'aquellas reliquias humildes equival a longos hymnos e longas paginas. É como um sussurro melodioso de musica distante a revelar ao coração os segredos de outra edade.

Ainda hoje quando passaes ao pôr do sol, na charneca solitaria, não se vos apressa o coração, se daes com os olhos na cruz grosseira alevantada ao lado pedregoso de fundo e ermo carril? É que alli está a poesia de alguma horrenda paixão a narrar-vos mudamente a historia d'algum lastimoso successo.

É a historia obscura do povo abraçada com a sua singela poesia — representadas ambas no symbolo religioso.

Mas em todos esses exemplos, que o coração comprehende, e que a razão não póde deixar de acceitar, achamos sempre uma e outra dominando exclusivamente no passado. O passado é o seu imperio, o seu solio, a sua gloria. Sem o passado não ha historia; sem o passado a poesia será menos poesia. Provam-se uma pela outra. Uma e outra pelas condições de sua existencia são pois inseparaveis. Uma precisa d'aquelle alimento para viver; a outra d'aquelle pedestal para brilhar. E n'este caso o brilhar é tambem viver, porque, escondida e, por consequencia, ignorada, a acção d'essa entidade magnifica será nulla de todo.

O primeiro raio do sol ao sahir do cahos, o primeiro murmurio do mar ao tentear as suas praias, o primeiro suspiro dos bosques virgens ressoando sob o primeiro toque da brisa immaculada, sendo os factos constitutivos do mundo, foram tambem os seus primeiros hymnos poeticos: os canticos de Homero e Moysés vieram depois. As proprias fórmas da poesia deram a primeira representação da historia da terra. Cada uma das suas maravilhas achou-se gravada para logo n'uma fórma artistica; isto é, n'um involtorio de poesia. As cadeas das montanhas foram a architectura da natureza; os pincaros e cumes, esculpidos pelo raio, a sua statuaria; o dia e a noite a sua pintura; o rumor da criação inteira a sua harmonia. Cada uma d'estas fórmas admiraveis, marcada pelo sello do *bello* universal, inspirada evidentemente, irrecusavelmente, pelo supremo principio da poesia, emanado de Deus; foi a primeira consignação dos primeiros phenomenos. A chronica da natureza, como a chronica dos homens, estreou-se no abraço em que se uniu com aquelle raio da divindade creadora. Um reflexo d'ella esclareceu a primeira pagina d'aquelle immenso livro!

Como ja vimos — a união continuou. Não podia deixar de continuar. A historia era indispensavel á poesia: a poesia foi a primeira fonte da historia.

Uma — unica — indivisivel — a inspiração poetica é a alma de toda a historia. Admittindo as fórmas que esta lhe ministra, incarnando-se em todas, dá a esse enorme complexo de feições e characteres diversos a unidade indispensavel á sua existencia moral. Não é uma soberana despotica, dobrando tudo á lei da sua vontade: é, porque assim digamos, uma condescendente mentora, moldando-se ás exigencias das circumstancias, transformando-se successivamente, para melhor se fazer acceitar — sem todavia deixar de ser a mesma na sua essencia.

Se na historia das nações, até á decadencia do imperio dos Cezares, esta união é visivel; um periodo começa ahi em que ella se tornará evidente. As maculas de barbaridade, que ás vezes escurecem ou enodoam as varias épocas d'essa historia, eram como um vago protesto contra aquella estreiteza de sympathia. O mundo na sua infancia e adolescencia como que nem sempre comprehendia o solemne consorcio celebrado debaixo da inefavel contemplação do Eterno, ao findar a sua obra; e em presença do virginal sorriso da natureza, ao considerar-se formada. Era uma imperfeição da expressão humana: não podia destruir a verdade; mas podia dissimulal-a. Tornava-se por tanto necessario que a historia tomando fórmas menos vaporosas, toques menos duros, contornos mais suaves, e ao mesmo tempo mais expressivos, manifestasse com a limpidez da verdade innegavel a existencia necessaria d'essa esplendida união.

Essas fórmas nitidas, correntes, fortemente accusadas, e todavia amenas de contemplar, existem. Uma lei e um homem appareceram que, modificando successivamente as sociedades, amollecendo com o sangue dos martyres a rijeza de todos os orgulhos, conseguiram dar á humanidade uma existencia melhor difinida, assente em mais verdadeiras bazes, erguida sobre solidos fundamentos — uma existencia que não era só do presente, que promettia e afiançava o futuro.

Considerada a historia por este novo aspecto, multiplicam-se com fertilidade espantosa as provas da sua indestructivel união com a poesia. Chegam a tanto que algumas vezes será quasi impossivel separar uma da outra — discriminar a narração do facto do intimo sentimento que o inspirou.

Quereis agora saber quem foi esse homem? Qual é essa lei?

Elle, o Homem Deus. Ella, o Christianismo!

MENDES LEAL J.^r

ENIGMAS PITTORESCOS.

EXPLICAÇÃO DO ENIGMA DA FOLHA ANTECEDENTE.

Quem vive sem conta morre sem honra.



A ILLUSTRAÇÃO

JORNAL UNIVERSAL.



Cada anno da publicação d'este jornal será dividido em 12 n.os mensaes, distribuidos porem ás folhas semanalmente.
Assignatura: Um anno, 1$440 r.s — Semestre, 720 r.s — Trimestre, 360 r.s — Folha avulsa 30 r.s

N.° 6 — VOL. I — SETEMBRO, 1845.
ESCRIPTORIO, RUA DA PRATA N.° 7 — 1.° ANDAR.

As assignaturas só se recebem no Escriptorio da Illustração. A correspondencia — *franca* — aos Directores da Illustração. Vende-se: r. Augusta, n.° 1 — do Oiro, 113 — do Arsenal, 50 — Larga de S. Roque, 24 — da Esperança, 150 — e em Alcantara.

SUMMARIO.

PRINCEZAS MARROQUINAS

EM PORTUGAL NO ANNO DE 1793.

COSTUMAMOS chamar aos nossos tempos epocha de transição; e não é sem grande propriedade que assim os denominâmos. As refórmas governativas, o impulso dado ás artes, os descobrimentos da industria, a communicação das nações e o furor das viagens, a facilidade e franquia da imprensa, a applicação de novas forças motrizes á navegação, os caminhos de ferro, o insaciavel desejo d'enriquecer depressa, a ambição de figurar, a generalisação do luxo e dos passatempos exteriores, a presumpção emfim de tudo ver, saber, e conhecer (postoque sem nada profundar) tem ido, ha 50 annos a ésta parte, transformando os costumes, as idêas, e o que peior é, o character dos povos. A estabilidade parece querer desamparar a terra. Tudo passa rapidamente, e como se diz vulgarmente, marcha a vapor. D'aqui vem que os successos, historicos mesmo, são em breve ou esquecidos ou ignorados: e a prova está no que vamos referir, acontecido ha 52 annos em Lisboa. Deixou-o consignado em suas memorias escriptas a curiosidade d'um religioso, que o viu e n'elle figurou, Fr. João de Sousa, frade da ordem terceira de S. Francisco, mestre da lingua arabica n'esta capital, interprete da secretaria d'estado dos negocios estrangeiros. Como este successo, postoque verdadeiro, tem alguma coisa d'oriental, dividi-lo-hemos em pequenos contos ou, como actualmente se diz, em *tableaux*, quadros, para tornar mais desenfastiada a leitura, e excitar a attenção, se disto percisa uma aventura sem exemplo na historia portugueza.

1.°

Quem eram as princezas.

Bem sabeis, amigo leitor, que não havia coisa tão incerta e precaria como era a devolução da côroa nas dinastias musulmanas. Quer fosse no Mogol, em Hispahan, em Constantinopla, em Marrocos, em Cordova ou Granada moiriscas, ésta parte do direito público interno era sempre uma eventualidade alheia a regras. Succedia-se no throno por disposição testamentaria livre, por intrigas, por força, pela dexteridade d'um partido, pela destruição dos demais pretensores, etc. Ahi pelo meio do seculo passado reinava em o imperio de Marrocos um moiro valente, astuto, e magnifico, chamado *Sidi Mohamet*, mais conhecido pelo patronimico *Mulei Ismael*. Este, vindo a fallecer, deixou quatorze filhos varões; e d'entre elles indicou para succeder-lhe Mulei *Abdessalam*: succedeu-lhe com effeito este; mas vendo-se de repente quasi cégo da reverberação do sol nos areaes do Egypto, n'uma romagem a Meca, e conhecendo a valentia e impetuosidade de seu irmão Mulei *Eliazid*, largou-lhe o sceptro, e retirou-se com sua familia, em que entrava a sultana sua mãe, para a provincia de *Tafilét*, que era o apanagio e vivenda acostumada das viuvas e filhas dos imperadores defunctos.

Nós quereriamos que chegando a este ponto nossos amados leitores lançassem os olhos á carta geografica para verificarem em que alturas do imperio marroquino está a dita provincia, e sua capital *Tafilét*. Demora ella muitas leguas além da crista do Atlas que para esse lado monta a desmesurada altura. Segue-se a ésta formosa cordilheira uma vasta planicie que entesta d'um lado com o deserto de *Zanhagá*, e de outro com o de *Sahará*; atravessados de tempos a tempos por tribus nomadas, e errantes com seus rebanhos, que por ahi retouçam algumas febras de panasco, e junco dessecado. No meio d'este descampado areal está assentado n'um fresco vale, regado pelas ribeiras que descem da montanha, Tafilét e suas dependencias, abicando ao mar no cabo que nós chamâmos *Aguer*, e os moiros *Aguadir*. De modo que é Tafilét uma especie d'*oasis* do imperio de Marrocos, fertilissimo no seu torrão, frondoso d'arvoredo, e abundante de fructos. Nos tempos de nossa gloria passada ahi tivemos praças e senhorios, de que era o mais principal a villa e fortaleza de Santa Cruz, quasi encostada ao tal cabo d'*Aguer*. Perdemo-la no reinado de D. Sebastião ainda menino, e regencia de sua avó a rainha D. Catharina, quando ahi era governador um castelhano; e por signal que n'esse desastre prende a historia romantica de D. *Mecia de Monroy*, com que de futuro mimosearemos os leitores.

Aqui vivia vida folgada e tranquilla o feliz *Abdessalam*, ja melhorado da vista, com suas mulheres, concubinas, e uma unica filha a princeza *Laila Amina*, estremecidamente amada de seu pae: eis que as revoluções de palacio tão vulgares nas côrtes musulmanas vieram baralhar as sortes, e pôr em sanguinolento rebuliço todo o imperio marroquino.

Molei *Haxem* outro irmão do imperador *Eliazid*, vendo este empenhado no cêrco de Ceuta, lançou mão da conjunctura, e aguilhoado pela politica da côrte de Madrid fez-se acclamar imperador em Marrocos. Molei *Salema* que governava Tangere, sem aguardar a contenda dos dois, proclamou-se ahi; os moradores de Fez, e Mequinéz não quizeram ficar atraz, e levantaram a imperador Molei *Soleimão*. De maneira que mettendo na conta o primeiro de todos, o que melhor direito tinha ao throno, Molei *Abdessalam*, não havia ahi menos de cinco imperadores. Este último porêm mais avisado ou melhor patriota curou somente do bem público; e sabendo que *Eliazid* era morto n'uma batalha junto dos muros de Marrocos, e que por sua morte tocava o direito a Molei *Haxem*, assentou sustentar este contra os demais ambiciosos, e assim o fez: até que sabendo de suas incontinencias, e da embriaguez a que se dera habitualmente com vinho, aguardente, e anfião, voltou-lhe as guardas e decidiu-se por *Soleimão*: mas para vir ajudar este desde tão grande distancia, tendo de atravessar os desertos de *Tafilét* e a cordilheira de Atlas mandou embarcar sua familia no porto de Mogador para encontra-lo n'algum dos portos mais ao sul da Mauritania, obedientes ao seu partido.

2.°

Embarque das princezas; aventurosa derrota de sua viagem.

Molei *Abdessalam* desprendendo-se assim de sua familia querida tractou d'entrega-la ao cui-

dado, habilidade e experiencia d'um homem seguro; e para ésta melindrosa commissão escolheu o arraes *Elião Liale*, judeu convertido ao Islamismo, que havia sido mui acceito ao imperador defuncto. O Rabino tomára o nome d'*Ahmed Scarige*, e ao partir Molei *Abdessalam* com suas tropas pela provincia de Tafilét, recebeu d'este a carta credencial seguinte:

« Em nome de Deus clemente e misericordioso.

« Ordenâmos ao nosso servo *Ahmed Scarige* que « no dia sabbado 2 de Ramadan se faça á véla « para o porto de Salé, em nome do altissimo « Creador, e em sua santa paz e proficua benção. « Se porêm os ventos vos contrariarem, e vos « virdes obrigados a buscar algum porto de refu- « gio, preferireis algum pertencente a potencia « com quem tenhamos paz, principalmente a por- « tugueza, por ser sua amizade a mais constante, « e de nós bem reconhecida. Pelo que, se as « circumstancias vos forçarem a tomar porto es- « tranho, mas pertencente á rainha de Portugal, « certos estamos que pela amizade que entre a « nossa e sua côrte subsiste, vos dará hospitali- « dade, assim como seus servos, governadores dos « ditos portos, egualmente o farão. Com ésta re- « cebereis outras tres cartas em branco, selladas « com o nosso sello. No caso de vos demorardes « n'algum dos sobreditos portos, e tomardes al- « gumas coisas do paiz, nos avisareis d'essa des- « peza para a satisfazermos aos seus consules que « residem nos nossos dominios. Comvosco devem « somente desembarcar, quando isto succeda, dois « dos nossos criados, e a nossa *Arifa* (camareira). « A paz seja comvosco. Escripta no 1.° de Rama- « dan de 1207 da Hegira (12 d'Abril 1793). »

Em execução d'esta ordem, quasi soberana, fez o renegado arraes embarcar as mulheres do principe, as concubinas, as aias, as escravas, eunucos, e os animaes e aves domesticas, comitiva costumada e indispensavel d'um harem musulmano. Tudo isto foi rapidamente almazenado n'um chavéco, ou pequeno navio, comprado no porto de Santa Cruz, e se fez á véla, dirigindo-se ao porto de Salé. Como porêm o tempo lhe fosse contrário, arribaram á Ilha da Madeira, onde o governador portuguez os proveu do necessario; e o que mais é, vendo-os embahulados n'uma casca de nóz, fretou-lhes outra embarcação por conta da fazenda: pelas duas se dividiram; e melhorado o tempo levantaram ferro, e marcharam ao seu destino. Apenas porêm perderam de vista a ilha hospitaleira, eis que os ventos mudaram, e um léste rijo os levou aos Açores, onde por duas vezes se abrigaram n'uma das enseadas da Ilha de S. Miguel. Da última vez achando-se faltos d'agua e mantimentos, esgotadas as forças em ascas, e enjôos do mar, desembarcaram, havendo perdido um dos dois vasos que ahi soçobrou, e foram acolhidos pelo juiz de fóra, em cuja casa convalesceu de molestia a princeza *Amina*, e falleceu uma das concubinas. Agradeça o primoroso juiz de fóra ao mau humor do Oceano a rara, ou antes singular fortuna, de possuir em sua aposentadoria uma joia do harem imperial marroquino. Contentar-se-ha todavia com a honra da hospedagem, por quanto nem elle nem o medico que as tractou poderam avistar-lhes a cara: que não é essa ventura concedida a olhos profanos e infieis!

Passados eram vinte e oito dias quando mais serenados os mal seguros ventos, providos os navios do necessario, fretada ainda outra embarcação, se fizeram á véla, continuando sua derrota até ao dia 13 de Junho, em que entraram na bahia de Cascaes, faltos de provisões, um dos navios fazendo agua, e o outro com um mastro rendido.

D'esta enseada mandou a princeza *Amina*, por cujo acceno se moderava toda aquella republica fluctuante, escrever uma carta, referindo em summario os transes, e accidentes de tão malfadada peregrinação, e entregar ésta resumida Odisséa ao nosso consul geral nos estados marroquinos, então por acaso em Lisboa, Manuel de Pontes, para que lhe fosse fallar.

Parece que todas as circumstancias se reuniram aqui de pensado para tornarem o successo romanesco; até mesmo a pessoa do consul. Era Manuel de Pontes um soldado de leva, e parece que da provincia de Tras-os-montes, (talvez patricio do mesmo lugar do rei dos floristas Mr. *Constantin* hoje em Paris). Havendo militado por alguns annos nas nossas colonias d'Africa, foi feito prisioneiro, e levado para o interior, onde sua habilidade, desembaraço, e valentia leal, transmittiram a fama do seu nome até á côrte de Marrocos. O imperador Molei Ismael o quiz ver, resgatou-o, e o proveu em commissão de seu serviço imperial no porto de Mogador. A côrte de Lisboa aproveitou-se habilmente do seu valimento, e tendo conseguido por sua intervenção bom fructo em suas negociações, empregou-o no consulado geral d'aquellas paragens. Só então é que Manuel de Pontes apprendeu a ler e escrever; até nisto similhante ao Sr. Constantino de Villa-flor, o dito rei dos floristas.

Communicada a mensagem pelo atilado consul ao ministro da marinha, Martinho de Mello, e voltando de bórdo com a relação de tão grande necessidade, mandou o mesmo ministro que as embarcações entrassem no Tejo; e com effeito assim se verificou no dia 15 de Julho, em que fundearam pouco abaixo da torre de Belem, e no dia seguinte deitaram ferro defronte do caes do mesmo sitio, onde se conservaram até que sahiram para a Africa.

(Continúa.)

O QUE É UM TINTEIRO?

Talvez quantos lerem esta nossa pergunta a julguem desnecessaria — porque, em verdade, todos sabem, ou imaginam saber, o que seja um tinteiro; no entanto não é tanto assim; torna-se difficil definil-o. —Vamos a vêr.

O tinteiro é um objecto de primeira necessidade para o sabio — uma coisa superflua para o ignorante; é o companheiro das maguas e dos prazeres, a Musa de mais d'um poeta, porque muitas vezes o infeliz buscando inspirações nas unhas que roe — não as encontra, ao passo que, fitando os olhos no seu tinteiro, lá depara com uma idêa (idêa negra ja se sabe), e transmitte-a ao papel cheio d'alegria; o tinteiro é o amigo dos pobres quando os coadjuva a fazer qualquer petição aos ricos para que lhes sacudam alguma migalha da sua lauta mesa; emfim o tinteiro vale mais, em nossa opinião, do que valia a fonte d'Hypocrene para os antigos, pois é origem das esperanças mais caras, das dores mais pungentes, das illusões mais suaves. Do tinteiro tem sahido tractados de paz celebres — declarações de guerra extraordinarias, — por effeito do tinteiro fizeram-se e fazem-se entre os povos negociações commerciaes maravilhosas, e os antigos, que não podêmos deixar de confessar em certas coisas mais adiantados do que nós — admira como não descobriram o uso do tinteiro! Ha quem diga que n'isso nos levaram vantagem; porém não seguimos similhante opinião — se Cicero e Sallustio possuissem uma penna e um tinteiro quantos mais trechos eloquentes não teriam escripto? Quantos versos mais não teriamos de Virgilio e Propercio? Quantas satyras mais não possuiriamos de Horacio e Juvenal?

« Os soffrimentos de Socrates, diz um escriptor italiano, Felice Furotti, seriam muito mais conhecidos se os seus discipulos em vez do papyro e do stylo, tivessem tido papel e tinta. » Póde-se afoitamente dizer que o tinteiro figura na historia do desenvolvimento da intelligencia humana como descoberta igual á da polvora ou hoje dos carris de ferro. A artilheria tem arrazado cidades, villas, aldêas; mas d'onde proveio essa anniquilação remotamente? Do tinteiro! As maquinas de guerra tem dado morte a milhares de pessoas; mas quem primeiro fez romper as hostilidades? O tinteiro! O tinteiro exerce pois uma influencia immediata em a nossa vida. — Quantas contradicções não tem sahido do tinteiro! Quantas falsidades e calumnias! Quantas vezes não tendes visto gabar d'eximia a producção d'um pobre auctor, que se vê afflicto para accommodar as cem bocas da fama, e pouco depois apparecer uma censura escripta pela penna que antes louvára — molhada no mesmo tinteiro! Quantas vezes uma gentil donzella escreve coisas mui mimosas, juramentos vehementes, protestos de amor puro, de fidelidade constante, e d'alli a um mez a mesma penna, a mesma mão e o mesmo tinteiro — compõe uma medonha catilinaria contra o pobre amante, que de queixo cahido não sabe como explicar tão palpavel contradicção! Não carecêmos amontoar exemplos para mostrar que o tinteiro é ora ministro de paz ora de guerra. — Basta que lancemos os olhos para a historia contemporanea e ahi toparemos com milhares de provas.

Se possuissemos a eloquencia do doutor Dulcamara, ou de outro qualquer charlatão, como ha tantos por esse mundo, dar-nos-hiamos ao trabalho de fazer vêr por extenso os males e os bens que esse liquido chamado tinta tem derramado sobre a superficie do globo. — Basta uma amostra. Quem condemnou Silvio Pellico a duros tratos? Quem fez perecer o illustre auctor de *Robinson Crusoé?* Quem originou a guerra que tem ensanguentado a Hespanha? Quem produziu os partidos e as desavenças entre nós? Quem nos aplanou o caminho da liberdade? Quem immortalisou Victor Hugo, e Lamartine, Chateaubriand, e tantos outros? Quem deo nome e proveito a Eugene Sue? É sempre o tinteiro — ora produzindo beneficios — ora maleficios!

O tinteiro occupando logar tão eminente, póde sem duvida appellidar-se grande; por isso, como todos os homens grandes, teve e tem os seus inimigos. Vejamos.

Os ricos e os estudantes veem no tinteiro um inimigo — uma coisa que os obriga a trabalhar, pelo que cordialmente o detestam; os devedores tambem não présam o tinteiro porque torna perpetua a sua deshonra — a falta do cumprimento das suas obrigações — a actriz aborrece o tinteiro porque é o motor de se lhe forjarem epigrammas. Ao lado dos inimigos vêm naturalmente os amigos — taes são, v. g., os que não tem que fazer e se entretêm em ler periodicos. Se não fosse o tinteiro como haviamos d'applaudir a *Magdalena*, a *Dama de S.ᵗ Tropez*, o *Retrato vivo*, o *dote de Susana, etc., etc.?* Igualmente os que se deleitam com as producções dramaticas e até com as musicaes — devem forçosamente ser olhados como partidarios do tinteiro. O deputado umas vezes é amigo do tinteiro, outras inimigo: — elle o arremeça já da rocha Tarpeia — e o eleva já ao Capitolio; — outro tanto succede ao ministro e ao litterato. As meninas gostam do tinteiro visto que se elle não existisse não poderiam communicar os seus pensamentos aos seus apaixonados.

Rousseau tinha razão quando disse que as letras são de mais damno ao homem que de proveito.

De feito, que importa escrever como o primeiro poeta do mundo — se qualquer *scriblero* desprezivel, sem talento, póde disputar-nos a palma do triumpho, e ficar victorioso? De que serve gastar a vida inteira no estudo em busca d'uma verdade — se um estulto, a quem soprou uma aragem benefica de fortuna, nos é preferido e ganha as honras da immortalidade? O que vale ter tido uma vida honesta e proba, se a satyra d'um velhaco ou uma carta traçada nas trevas do anonymo — podem derrubar uma reputação brilhante? E não será tudo isto obra do tinteiro? Oh! para longe de nós esse vaso, que similhante á boceta de Pandora tem espalhado no mundo males tão terriveis! Agora mesmo, leitor, de tudo quanto estás lendo, a causa primaria foi o tinteiro. — O tinteiro fez com que se lançassem ao papel algumas linhas, que, em parenthesis seja dito, verdadeiramente não são todas nossas... fomos plagiarios; e quem é o culpado? O tinteiro! Porém ainda assim, leitor, não nos compromettas — confiamos-te um segredo, guarda-o como homem de bem.

Fallam-nos no vapor como a primeira potencia das descobertas modernas; engano! O tinteiro foi, é, e hade ser o primeiro potentado universal... Honra e gloria ao tinteiro!

(DEMOCRITO).



A VARZEA DE COLLARES.

ESTE sitio é sem duvida um dos mais amenos e agradaveis que se frequentam nas faldas da pitturesca serra de Cintra; a sombra, a frescura, o viçoso da ramagem, convidam a descançar em calmoso dia do verão; é um logar justamente escolhido pelos ranchos, que passeam por aquelles contornos, para a grata refeição da merenda, tomada ao abrigo de arvores vetustas e corpulentas, em cujos troncos se leem entalhadas letras e dizeres, que os significam saudades e penas de namorados, ou simplesmente vontade de gastar tempo: recreia-se a vista contemplando os muitos pomares que desde aquelle sitio se dilatam, copiosamente fructiferos, e não menos notaveis pela bondade e vulto dos pomos; sobresahe a paizagem com a vasta prêsa do rio, que por alli foge para o oceano, na qual as aguas são retidas para a réga dos pomares, e geralmente a denominam o tanque da varzea; porém não se pense que é qualquer açude de pequena monta, é um amplo deposito, semelhando um pequeno lago, cujas margens fossem regularisadas e sujeitas pela arte; navega-se em pequena canôa á sombra de arvores de que pendem cubiçosos fructos. Este bellissimo accessorio dá summo realce á localidade, porque não ha paizagem completa sem a frescura de aguas cristallinas; a agua anima tudo, mesmo o deserto, disse ha poucos annos Mr. de Lamartine; mas antes d'elle, para formular o mesmo pensamento, de geral acceitação, tinha escripto o elegante e sublime Bernardin de S.t Pierre esta imaginosa expressão: — uma paysagem sem aguas é o palacio de Venus sem espelho.

A villa de Collares é separada da historica Cintra por uma estrada de legua de comprimento, sombreada em grande parte por frondosas e robustas arvores, donde a espaços se veem de um lado as asperezas da serra em contraste com os dons de Pomona, facilitados pela cultura, do outro lado, e onde o viajante encontra fontes puras que o refresquem; dista seis leguas de Lisboa para a banda de noroeste, e está sobranceira ao fertil e viçoso valle dito da *varzea*: a sua aprazivel posição, abundante de bellezas campestres, a fazem preferivel a Cintra para os amadores da natureza; e quintas magnificas, extensas e productivas a tornam mais interessante, constando de pomares de fructas deliciosas d'espinho, pevide, e caroço: estas são sem duvida as mais bellas de todas as fazendas, sem a nudez e o desabrigado das vinhas e terras de semeadura, que só na primavera agradam; e sem a melancolica e monotona verdura dos olivedos, e dos pinhaes fechados. O mar fica a uma legua de distancia, onde na praia dita das *Maçãs* vae desembocar em brava costa o rio do mesmo nome, que corta a varzea, e alimenta a grande reprêza já mencionada; constando ter sido em tempos remotos navegavel por bateis pequenos. A villa e seu termo compõem uma freguezia, da invocação de Nossa Senhora da Assumpção, com 555 fógos e 1:744 almas, distribuidas em 25 povos entre casaes e logares; d'estes ha dois muito abastados, Almoçageme, de origem arabica, e o Penedo dentro da serra, cada um dos quaes tem quasi o duplo da povoação da villa, que semelha uma aldêa contando apenas 60 fógos proximamente. No seu districto está o extincto convento de Santa Anna, de carmelitas calçados, fundado no meio do seculo 15.º por um sobrinho do inclito Condestavel, D. Nuno Alvares Pereira, que descançando de fadigas guerreiras, em que tantas proezas obrára a bem da independencia da patria, falleceu no Carmo de Lisboa vestindo o habito da mesma ordem. O mosteiro occupa excellente e agradavel situação, sobranceira á villa, em logar plano, donde se gosa a bellissima vista da varzea, das casas de campo e quintas circumvisinhas, e mais ao longe se descobrem logares e casaes e fraguras da serra, rematando o painel na vastidão do oceano.

***

PASSEIOS

AO JARDIM BOTANICO DA AJUDA. *

ANTES de visitarmos a nossa Escóla de Botanica consenti-me que inda vos mostre esta tarde algumas culturas experimentaes, que não podémos observar no nosso ultimo passeio. — Iremos por essa viçosa alameda de platanos e loureiros, e lá quasi na extremidade tomaremos por uma das ruas que dirige á circular e ampla bacia de marmore, que fica da banda do poente; e ahi encontraremos alguns cercados de prados artificiaes, que desejo apresentar-vos.

Sabeis que a interessante cultura d'estes prados tem essencialmente mudado o systema agricola da Europa, e marca a mais bella época da sciencia agronomica.

A historia da agricultura enlaça-se naturalmente com a historia do genero humano — e contam-se nella tres grandes épocas de transformação correspondentes a tres outras grandes épocas da civilisação das sociedades.

A primeira época, ou a da *agricultura nómada*, corresponde evidentemente ao estado meio selvagem e primitivo das nações, áquelle em que era quasi desconhecido o direito de propriedade — era a agricultura dos *povos pastores*, que viviam essa vida errante e vagabunda, que excluia toda a idéa de patria e de individualidade nacional — ou, se quizerdes, era a que se compadecia com esse modo de existir das antigas tribus da Asia que não tinham *ubi* certo, que devastavam e percorriam eventualmente extensos territorios, estacionando-se e erguendo as suas tendas nas localidades onde encontravam aguas e pastagens para os seus rebanhos, sua principal riqueza, e a unica propriedade que nestes tempos se reconhecia.

O solo era então cultivado mui rara e accidentalmente: poucos productos se lhe pediam além d'aquelles que elle espontaneamente offerecia. Os lacticinios e as carnes eram o principal alimento dos povos pastores. Os máus terrenos, eram por elles abandonados; os bons eram imperfeitamente amanhados para se d'elles abrir mão logo que a sua feracidade diminuia.

Este genero de cultura não podia deixar de ser desprezado apenas a população augmentasse — apenas os povos se associassem em individualidades nacionaes — e apenas o direito de propriedade servisse de fundamento ás novas associações. Realisada por tanto esta transformação social realisou-se immediatamente apoz ella uma outra transformação agricola: e appareceu logo a segunda época da agricultura conhecida pelo nome de *systema dos pousios*.

* Continuado de pag. 80.

Agora já cada povo e cada familia cultiva periodicamente o seu terreno; deixando-o em descanço durante dois ou mais annos para depois lhe pedir novas e intercalares colheitas: durante este descanço as terras araveis ficam de *pousio*, e destinadas ao pasto e alimentação dos gados. — Grandes eram inda as imperfeições d'este systema, que deixava inculto, e quasi improductivo o solo durante a maior parte do tempo; mas como as terras eram sobejas em relação á população; e como as necessidades dos povos eram summamente circumscriptas, o systema agronomico harmonisava com o estado social, e devia por isso conservar-se, como se conservou, por longo tempo.

É não só existe ainda hoje em alguns pontos da Europa senão que existem tambem alguns restos do antigo, como são o direito consuetudinario do *compascuo*, dos *baldios*, e da *mexta*.

Mas á medida que a propriedade vae sahindo das mãos improductivas do castellão e do donatario; e do dominio esterilisador da corôa e do mosteiro — á medida que ella se vae mobilisando e aparcellando — ao passo que a população se aglomera e que a terra aravel escassea — e ao passo que a sociedade vae percorrendo todas as phases d'esta immensa transformação, outra igual se faz na agricultura, inseparavel companheira do homem, que assumindo então uma face inteiramente nova nos apresenta a sua terceira época caracterisada pelo *systema dos afolhamentos;* no qual a terra é mantida n'um constante gyro de producção servindo de base a este gyro ou rotação das culturas o methodo dos prados artificiaes.

Por este systema, inda não generalisado em toda a Europa, é a terra sollicitada a produzir o triplo pelo menos do que produzia no systema dos pousios — e isto sem temor de que se estanque a sua fecundidade; porque a terra, mãe do homem não envelhece como o *filho sahido de suas entranhas* — ou segundo o dizer do agricultor romano — *não encanece nem se torna infecunda como uma velha mulher.*

Já vêdes pois que os prados artificiaes são o fundamento do *novo methodo de cultura* — d'esse methodo cuja adopção começára a tornar-se uma necessidade imperiosa, depois que a população crescêra consideravelmente em alguns pontos do globo — e depois que um maior numero de necessidades sociaes, e o espantoso desenvolvimento das artes requereram á agricultura uma maior cópia de productos e de materias primas.

Era por tanto natural que este methodo se estabelecesse primeiro nos paizes mais agricolas e povoados.

Aquelle que d'aqui descobrimos é um pequeno prado de *luzerna (medicago sativa);* planta vivaz que apresenta caules rectos de um a dois pés, glabros e pouco ramosos; foliolos ovaes, lanceolados; flôres purpurinas, ou violaceas, azuladas ou amarelladas que dão nascimento a vagens estreitas e contornadas.



A *luzerna* é a mais rica e proveitosa de todas as plantas pratenses. Quando ella incontra um solo profundo substancial e humido, fórma o melhor prado artificial, que se conhece. A vida de um luzernal póde em circumstancias propicias estender-se de 15 a 20 annos, podendo dar em cada um d'elles de 5 a 10 córtes, e podendo por isso produzir cada geira de terra cêrca de 520 arrobas de feno.

Com quanto o nosso paiz não se preste tão naturalmente como o vosso á cultura dos prados artificiaes, todavia temos para isto terrenos muito apropriados, e é para lamentar que estas pingues forragens se não tenham assás generalisado entre nós.

O que mais tem obstado á propagação dos prados nas provincias do sul é, além da escassez das aguas, da superabundancia das terras, e da pouca divisão de propriedade, o pessimo e desgraçado costume de não conservar os gados nos curraes, servindo-lhes ahi o seu alimento, deixando-os pelo contrario divagar nas herdades e talar os campos e as devezas, onde depois de devastados os pastos perecem no rigor do inverno de frio e de fome.

É pois innegavel que o porvir da agricultura e da economia rural de Portugal está intimamente enlaçado ao systema dos afolhamentos — á cultura dos prados artificiaes — e á estabulação.

Felizmente este systema de cultura, ha muito conhecido no norte do reino, começa a ser adoptado em alguns pontos do sul. É sempre custoso abandonar antigos habitos; mas os habitos do lavrador e as praticas da lavoura só os proscreve uma longa serie de factos e de experiencias, que são quasi os unicos meios de convicção para a gente do povo. Nem somos só nós os que luctámos com estas tendencias estacionarias — no vosso paiz tem havido a mesma lucta apesar dos grandes meios de instrucção agronomica alli existentes, e que hão sido difundidos entre as classes agricolas por um grande numero de escólas theoricas e praticas.

O frondoso luzernal que estamos vendo, e a franca cultura d'esta planta em varios pontos do reino põe em toda a evidencia que o nosso clima lhe não é adverso, e que a sua propagação seria um dos maiores beneficios feitos á lavoura, e á creação e educação dos animaes domesticos que o agricultor traz associados aos seus trabalhos ruraes.

Muitas qualidades recommendam esta planta, que já *Olivier de Serres* appellidava a *maravilha dos campos*, mas nenhuma tanto como a circumstancia de não estancar as forças productivas do terreno, enriquecendo-o a ponto de se poder consagrar depois de extincto o prado á cultura dos cereaes durante alguns annos successivos com o mais feliz resultado.

Defronte d'este cercado um outro se nos apresenta com uma forragem espessa e pomposa. É a *herva de Guiné (panicum altissimum).*

Entre nós floresce como vêdes, e merece na verdade ser vulgarisada, porque é uma pingue e rica forragem. Ahi a tendes frondosa e carregada de sementes. Ha mais de doze annos que aqui se cultiva sem que as vicissitudes climatericas a tenham sensivelmente impressionado. A sua rusticidade é uma recommendação de mais para se generalisar a sua cultura.

Vinde agora vêr aqui o *Esparceto de Hespanha (Hedisarum coronarium).* É uma planta triennal, quasi arbustiva, pertencente á familia das *leguminosas*, que se deve colher antes de ter alcançado o seu completo crescimento, para que se não torne demasiadamente lenhosa e coreacea visto que neste estado é regeitada pelo gado. É uma excellente forragem e constitue um prado muito productivo.

Ahi tendes n'esse cercado proximo uma leira do *trevo dos prados (Trifolium pratense)*, planta preciosa em si, e para nós preciosissima, por ser natural do nosso paiz e crescer espontaneamente nos nossos prados naturaes, e com particularidade em todas as provincias do norte como assevera o nosso *Brotero* na sua Flora. Ao lado d'ella cresce em outra pequena leira a *serradella (Ornithopus sativus)* indigena do norte do reino, e ha longo tempo cultivada em muitas das nossas provincias, e principalmente na Beira.

No mesmo cercado vêdes tambem — o *anthoxantum odoratum (Flouve odorante* dos francezes) graminea pobre em productos, mas que se torna recommendavel pela sua precocidade, pelo seu cheiro aromatico, e por se aprazer nas encostas elevadas e sêccas, e nos terrenos pobres e siliciosos — a *agrostis dispar (herd grass* dos inglezes) com a sua panicula em piramide regularmente verticillada — e ultimamente a *sanfeno (hedysarum onobrychis)* planta pratense estimavel por se dar excellentemente nos terrenos sêccos e calcareos, onde fôra impossivel fazer vegetar outros prados artificiaes.



Fôra fatigar-vos demaziado fazer-vos vêr outros cercados onde se acham em cultura algumas variedades de trigo, como o *hybernicum*, o *polonicum*, o *esticum*, de centeio e de cevada, bem como alguns outros em que se cultiva a vide, a larangeira, a oliveira, e outras plantas de grande interesse para o nosso paiz — mas o tempo fogenos e no seguinte passeio quero mostrar-vos outras plantas senão tão uteis por certo mais delicadas e mimosas.

G.

(Continúa).

ENIGMAS PITTORESCOS.

EXPLICAÇÃO DO ENIGMA DA FOLHA ANTECEDENTE.

O templo de Amor é d'ouro e pedrarias adornado.



☞ *Os Srs. assignantes que subscreveram até o 6.º n.º d'este Jornal, e que pertendem continuar, queiram renovar a assignatura no decurso do presente mez, para não soffrerem interrupção na entrega das folhas.*

SUMMARIO.

Hesdin-Noredin *(com uma estampa)*. — **Mysterios d'um palito.** Continuação. — **Ora sejam lá curto de vista!** *(com uma estampa)*. — **Historia e litteratura.** Continuação. — **Enigmas pittorescos.**

HESDIN-NOREDIN.

(CONTO ARABE.)

No glorioso reinado de Zeyn-Alasnam, que possuia nove estatuas feitas de um só diamante, deu muito que fallar, durante quatorze luas, á côrte e povoação miuda de Bassorá o moço Hesdin, filho de Abú-Aidú: todavia Hesdin-Noredin nem campava por grandes riquezas, nem por empregos importantes, nem por ascendencia illustre: seu pae, que fôra por muitos annos negociante em Bagdad, tinha-se recolhido a uma vivenda campesina, á beira do Euphrates, e até que falleceu conservou os habitos e modo de vida proprios da sua origem e educação, e adaptados á sua modica fortuna, e que em summa não eram indignos de um philosopho. — Um genio, d'esses que tanto representam nas tradições orientaes, e a quem o commerciante prestára em apertada occasião um tenue obsequio, dignou-se por expressa petição do pae assistir á nascença do filho de Abú, e dotar a creança das mais esplendidas qualidades moraes e physicas. Abú-Aidú, posto junto ao berço, ergueu as mãos ao ceu em testemunho de gratidão:



mas, não satisfeito das dadivas que a propensão condescendente do genio lhe facultára, disse-lhe: — Anjo, penhorai completamente o meu animo agradecido; e aos dotes do espirito e do corpo ajuntai mais um. Eu vivi sempre do fructo do meu trabalho; fazei com que meu filho seja o artifice de sua propria fortuna, e que tenha como eu a satisfação de a não dever senão a si.

A estas palavras o genio abanou a cabeça, e mudou para aspecto pensativo. — Seja como appeteces; porém se eu houvesse previsto este novo capricho..... — E não acabou a phrase e olhou tristemente para o menino. — O negociante velho, prostrado por terra, não cabia em si de contentamento.

Hesdin-Noredin crescia; contava apenas oito annos, e tinha retruques tão mordazes que todos os dias entrava em casa com polmões na cabeça ou com a cara pisada de sôcos dos rapasinhos da visinhança, que se desforravam assim da desigualdade na lucta em malicia e chascos. Proximo de Abú morava um iman, ainda moço e muito instruido, que por amizade ao pae offereceu-se para ensinar Hesdin, que logo ás primeiras lições fez progressos rapidos; com facilidade comprehendia as noções das sciencias, mas embrenhado no estudo não adquiria o habito de trabalhar: era distrahido e caprichoso, e o alcorão lhe inspirava objecções capazes de fazer arripiar o mufti; pelo que respeita ás sciencias naturaes contemplava-as atravez de um prisma poetico; e compunha versos tão bellos que o seu preceptor consumia tanto tempo em o admirar como em instrui-lo.

A formosura pessoal de Hesdin não era inferior á sua intelligencia; seguiam-no pelas ruas de Bassorá, e em todos os olhos, como em espelho, poderia achar a expressão da sua belleza. Apenas ultimada a sua educação perdeu o pae, primeiro e o mais humilde de seus admiradores. Hesdin, afflicto por esta separação, possuia engenho sufficiente para nesse mesmo motivo encontrar consolações efficazes; porém o que muito mais o desconsolou foi saber que seu pae, para viver commodamente e á vontade, se vira obrigado a ceder sua casa e bens a uns judeus, que mediante o pacto ajustado lhe pagavam uma pensão de 3:700 sequins. — O testamento d'aquelle bom homem encerrava estas poucas palavras: « — Eu te deixo bastante rico; porque possues a belleza, que faz amavel a pessoa, e os dotes do talento com que tudo se consegue. » — A principio ficou Hesdin um tanto pasmado; mas tranquillisou-o a boa opinião que de si tinha: fechou a bolça com o peculio que seu honrado pae lhe deixára para acudir ás primeiras necessidades, e pondo-se a considerar na sua vocação achou com mais orgulhoso prazer do que admiração que era apto para tudo.

— « Ainda que os empregos publicos me aborrecem (dizia para comsigo) e segundo se diz fazem a gente parva, terei sempre o recurso de ter por noiva alguma filha de calipha ou imperador. » — E o seu espelho, conselheiro fiel e assiduo lhe inculcava: — terás por mulher alguma filha de calipha.

Dahi a pouco tempo não se fallava na cidade senão no formoso Hesdin-Noredin: quando elle passava oscillavam as rotulas das janellas; se fallava, os mancebos tafues lhe faziam roda para tomar de côr as suas jovialidades e as repetirem nas assembléas: todos queriam ser amigos d'elle; mas era tão subido o seu merecimento que não podia ter prazer em comparar-se aos outros companheiros, a quem offuscava: achou poucos rivaes e as suas aventuras grangearam fama: os personagens, inquietos pelo ciume, cautelosamente lhe fechavam a porta, fugindo-lhe quanto podiam.

Em pouco tempo o filho de Abú-Aidú fez-se tão celebre que o principe, curioso de saber, de per si mesmo, se a nomeada exaggerava tão estupendas qualidades, mandou-o chamar. — Zeyn-Alasnam, enfeitiçado da conversação espirituosa e da graça do nosso heroe, presenteou-o liberalmente, deu-lhe quarto em seu paço e determinou tê-lo comsigo: todos então cortejavam Hesdin, e os respeitos tributados a Giafar, visir e valido do monarcha, repartiram-se; os aulicos e o proprio Giafar voltaram-se para o astro nascente. No entanto Giafar curvava a cabeça, mas insoffrido e renitente era o coração, em que se aninhava secreto despeito. E as opiniões eram divididas; tanto agradava Hesdin a um sexo quanto desagradava ao outro; as suas engenhosas censuras sobre a fealdade de uns e a tolice de outros eram muito mais pungentes por isso mesmo que o não podiam combater com armas iguaes; e sem elle o saber incorria no odio gerado pela fraqueza supplantada. — Zeyn o consultava em tudo e por tudo, e até lhe submettia pareceres que em conselho recebia de seus ministros: Hesdin commentando os raciocinios d'estes com invencivel talento desacreditava-os até sem querer, Giafar consternado veio a termos de jurar perdê-lo; com este intuito captivou a confiança de Hesdin por meio de um servilismo prodigioso; — conversando-o sobre os actos e caracter do rei tirou d'elle algumas d'aquellas criticas perspicazes e vehementes e reflexões acres e delicadas, com que engendrava respostas petulantes ás observações de Zeyn, não se esquecendo de citar o auctor com todo o acatamento e etiquetas possiveis. A auctoridade de Hesdin era de continuo invocada como a de Zoroastro ou a do propheta. A impaciencia sobe mui lestes ao coração dos soberanos quando os contradizem: Zeyn queixou-se ao seu valido, que á primeira vista sem difficuldade se justificou; mas, andando o tempo, amontoou-se a tormenta; o rei dissimulou os seus aggravos e deixou de queixar-se. A datar d'esta época o bom de Zeyn cessou de fazer côro nos louvores que para lhe agradarem entoavam todos em obsequio do valido; a celebridade de Hesdin o enfadava, mas, como era justo, abstinha-se de castigar aquelle presumpçoso.

O monarcha tinha-se desposado com a filha do iman Bubekir, apesar d'ella ter olhos azues, circumstancia de que os padres murmuravam: a singular belleza de Hesdin era de molde para inspirar desconfianças e receios; e Giafar soube tecer o enredo com tal artificio que Zeyn deu em

cioso e julgou-se offendido pelo nosso heroe, a ponto que um dia repentinamente ordenou ao visir que levasse o seductor ás margens do Euphrates e dentro d'um saco bem cosido o abandonasse á corrente.

Hesdin, prevenido secretamente por uma das creadas da princeza, em vez de fugir, sahiu a encontrar Zeyn ao caminho da mesquita, e prostrado por terra, rasgando os vestidos, tão persuasivas desculpas e lastimas expoz em seu arresoado, que ajudadas da suavidade da voz e do affectuoso da postura, commoveram o principe, que não se atrevia a declarar o verdadeiro motivo porque procedêra contra quem d'antes estimava tanto; em fim, mandou levantar Hesdin, perdoou-lhe a morte, porém prohibiu-lhe para sempre a entrada no paço. — Eis-aqui o incomparavel Hesdin abysmado na maior angustia e miseria.

(Continúa.)

MYSTERIOS D'UM PALITO.*

IV.

A vida do campo é toda cheia d'encantos! O repouso, o perfume das flôres, o trinar das aves, tudo convida a gozar momentos, que se deslisam branda e suavemente! Alli olvidamos as intrigas mesquinhas da Cidade, alli entregamo-nos desassombradamente a nossos pensamentos — folga o coração, dilata-se a alma em extasis d'alegria! Quando ao surgir d'aurora percorremos os prados esmaltados de flôres silvestres, quando nos reclinâmos em tapete de verde relva — parece que respirâmos com mais liberdade: o longiquo cantar do pastor — o susurro das folhas, a aragem que de vez em quando nos bafeja as faces tão docemente, tudo enleva olhos e coração. Ao cahir da tarde..... Ora esta! Então não ia dando em poeta! Forte pateta! Vamos adiante.

Tinha eu ficado, leitor ou leitora, n'algibeira do colete do Sr. Manuel Peres, honrado camponez, que vivia tranquillamente com sua mulher, um anjo de candura, no sitio bem conhecido de..... de..... esqueceu-me o nome! Manuel Peres era um homem de idade avançada, e pelo seu rosto e maneiras via-se, que não vivêra sempre no campo: emquanto a sua mulher, tambem facilmente se reconhecia que fôra creada na cidade, sem todavia herdar os seus vicios e depravação — Manuel trabalhava de dia cultivando umas pequenas terras que possuia, e á noite descançava nos braços de sua esposa e d'uma linda creança, que teria então os seus cinco annos. Algumas vezes Manuel vinha á cidade vender os productos das suas pequenissimas fazendas: fôra por algum tempo rendeiro d'Amelia, e por isso no capitulo antecedente ahi o encontrâmos; no emtanto essa mulher corrompida, sempre avida de prazeres, prestes, como vimos, perdeu a mediocre riqueza que possuia, e Manuel ficou reduzido ao seu antigo estado de paz. — Como esses entes viviam felizes! Pois já um dia tinham sido bem desgraçados!

Ouçâmos a sua historia.

Manuel servíra no exercito como um valente militar; acabada a campanha volvêra á patria, passando á terceira secção, e recebendo por toda a recompensa algumas cicatrizes honrosas, o esquecimento, e uma miseravel pensão, que mal lhe chegava para se alimentar. Habitava n'um 5.º andar d'uma d'essas despreziveis casas, que existem distantes do centro de Lisboa, e onde a miseria e a immundicia são tão vulgares. — Fronteiro ao quarto d'elle havia outro, que era occupado por uma rapariga de 19 annos, formosa, e que de pela manhã até á noite trabalhava para grangear a mesquinha subsistencia. — O trabalho d'uma mulher! Que podia elle produzir? Essas infelizes que gastam a vida para grangear um triste quarto de pão, e que por fim algum dissoluto — algum peralvilho, lhes dá para minorar seu soffrimento a deshonra — quão frequentes não são nesta nossa apparentemente rica cidade de Lisboa!....

Manuel sympathisava com o socego e o bom comportamento de sua visinha, e todas as vezes que a encontrava não podia deixar de lhe dirigir algum dito, lá a seu modo, espirituoso. — Manuel amava pela primeira vez! O velho soldado sentir amor!.... É singular, não é assim? tambem elle se admirava!

Já havia muito que tinha dado uma hora, e os habitantes da rua de*** repousavam socegadamente: de repente Manuel acorda ao som d'um ruido estranho — escuta e ouve gemidos do lado do quarto da visinha.....

— São ladrões! Com mil bombas! exclama o soldado.

E ditas estas palavras péga d'uma espada velha que lhe pendia sempre á cabeceira, e encaminha-se mal vestido para o sitio d'onde ouve gritos. A porta estava fechada, Manuel arromba-a facilmente, e apresenta-se ameaçador diante da desditosa rapariga, que vendo aquella figura estranha perde os sentidos.

— Pobre rapariga, diz o soldado, teve medo?.... Mas que vejo? Infeliz!.... Ella é mãi..... deu á luz um menino, por isso implorava soccorro..... Não ha tempo a perder.....

Manuel tornou a casa — lançou mão d'esse pouco dinheiro que tinha, producto das suas economias — foi procurar uma mulher para que servisse d'enfermeira á sua visinha; como a hora era um pouco avançada tornou-se-lhe isso algum tanto difficil; todavia que não vence o dinheiro? Feitos todos os arranjos que o velho soldado julgou indispensaveis para que nada faltasse á doente — tornou para seu lado, e d'esta vez a desventurada conheceu-o, e mal o viu debulhou-se em pranto.

— Vamos, nada de chôros, bradou o soldado com um tom aspero mas sincero; agora é tractar de se restabelecer, porque o que não tem remedio remediado está. — Eu peço perdão de lhe ter causado tamanho susto, mas julguei que algum malfeitor..... — Ah! Senhor, disse a rapariga procurando conter o pranto, que pensei que estava só no mundo..... mal sei como recompensar-lhe tanta bondade.....

— A mim nada tem que me agradecer: Deus poz-nos na terra para ajudarmos uns aos outros, quando fôr preciso..... fiz o meu dever!

— Mas eu, senhor, tanto mais tenho a louvar a sua generosidade quanto não sou digna dos seus beneficios! Deshonrada.....

— E quem foi o vosso seductor!....

— Não lhe digo o seu nome porque ainda o amo!....

— Ora entendam lá as mulheres; resmungou o velho soldado.

— Como toma tanto interesse por mim — eu lhe conto a minha curta historia. — Perdi meu pae na idade de 15 annos — ficámos eu e minha mãe desamparadas mui cêdo, e vimo-nos obrigadas a trabalhar para viver. — Passado algum tempo — um rapaz, que indicava ser de boa familia, começou a fazer-me a côrte — gostei d'elle, amamo-nos, melhor direi, amei-o eu, porque o ingrato já se não lembra de mim..... propoz-me a fuga — o amor cegou-me — fugi com elle! Alguns dias vivi feliz n'uma pequena casa que aluguei — vivi feliz porque o via duas vezes durante o dia..... ah! que o amor nem sempre é cheio d'encantos!.... Uma manhã reconheci que era mãe..... disse-lh'o..... foi a minha infelicidade! Nunca mais quiz saber de mim — abandonou-me..... Fui esperal-o muitas vezes quando ia para a repartição, porque elle é empregado publico, e em paga de meu desvelo, do meu amor, recebi ameaças, desprêso!.... Vendo que nada conseguia — abandonei a minha pequena casa e vim habitar para esta, onde á força de trabalho.....

Não pôde acabar; as lagrimas lhe embargaram a voz, e começou a soluçar suffocada em pranto.

— Emfim, atalhou Manuel depois d'uma pequena pausa — agora é vermos como se hade remediar o mal feito..... fallarei com esse homem para que repare o prejuizo que causou, e se elle não quizer..... outro.....

— Outro! Quem me hade querer?....

— Eu, confesso a verdade, disse o soldado, gosto da senhora, não duvidava que fosse minha mulher..... e.....

— Não o quero illudir..... ainda o amo e muito!

O soldado mordeu os beiços e franziu a testa.

— Ah! não se zangue comigo — prometti ser franca.....

Que differença do amor da pobre mulher que vive isolada da sociedade para o da astuta senhora do *grande mundo!* Sincero, puro e cheio d'encantos é o primeiro — ao passo que o segundo é fingido, affectado e refalsado!

— Seja o que fôr, continuou Manuel, eu vou ter com esse homem.....

— Mas o senhor é violento.....

— Nada receie; farei um esforço sobre mim mesmo. — Onde mora?

— Na rua de*** n.º 25. — Chama-se Henrique de.....

— Bom, essa mulher que vigie que nada vos falte: aqui está dinheiro para o mais que fôr preciso. — Até á noite.

— Ah! Senhor, que bondade! disse a doente banhando de lagrimas a mão grosseira do soldado.

— Não choreis, minha filha, talvez que ainda sejais feliz!....

E Manuel afastou-se pensando no occorrido, e lembrando-se que elle, apesar de homem grosseiro, não seria capaz de commetter uma acção tão vil; é porque nessa alma franca havia honra e probidade!

Depois de ter andado um quarto de hora immerso n'estes e n'outros pensamentos — viu que estava defronte da casa que lhe tinha sido indicada; parou, subiu, bateu á porta e prestes se viu face a face com o homem que vinha procurar. Depois d'alguns minutos gastos n'estas futilidades que servem d'exordio a qualquer conversa — Manuel tomou a palavra:

— V. S.ª hade estranhar o vêr-me aqui; porém estou certo que apenas souber o motivo que me conduz hade-me applaudir.....

— Julgo advinhar..... um cazamento.....

— Nada — não é só cazamento, mais depressa será um baptisado, ou antes, ambas as coisas — um cazamento e um baptisado.....

— Não o percebo!

— Eu me explico. O senhor deve saber que seduziu uma pobre rapariga, que a estas horas é mãe e o Sr. Henrique por consequencia pae..... eu soccorri essa infeliz, e vinha em nome d'ella, em nome do seu filho, appellar para a sua probidade e pedir-lhe que reparasse o erro que commetteu.....

— Ah! sim, tenho uma lembrança confusa..... é uma rapariga chamada Emilia com que passei

* Continuado de pag. 79.

alguns momentos menos mal — hoje nem sequer tenho tempo para pensar n'ella.....

— Mas, senhor, que tencionaes fazer do vosso filho?....

— Ora! mandal-o para a roda!....

Manuel mal pôde conter-se; mas lembrou-se da promessa que fizera á sua protegida, e continuou affectando presença d'espirito:

— Creio que cazando com ella o senhor evitava.....

— Cazar! Cazar! Ora essa!....

E Henrique deu largas a uma hilaridade louca, e proseguiu:

— Então parece-lhe que um rapaz como eu hade cazar com uma mulher desprezivel, com uma engomadeira?....

— Mas o senhor não se lembrou de tal quando a seduziu.....

— Confesso que lhe dei essa consideração..... nós cá os tafuis chamâmos a isso um galanteio.....

— E nós cá os homens honrados uma vileza.....

— O senhor insulta-me..... sáia immediatamente.....

— Não sairei sem que primeiro lhe diga, que o senhor é um covarde, um homem sem caracter.....

— É de mais..... se não visse a distancia que nos separa, um duello á espada.....

— Hade ter logar, eu lh'o juro, salvo se o senhor quer passar por mais vil do que na realidade é.....

— Sáia immediatamente.....

— Heide antes ensinal-o, sô bandalho.....

E Manuel levantou da mão grosseira e imprimiu nas faces lividas de Henrique uma bofetada. Esta affronta era demasiadamente forte para que o amor proprio de qualquer se não ressentisse: propoz-se um desafio á espada, que Henrique queria demorar para o outro dia, mas que Manuel não consentiu que tivesse logar senão n'essa mesma tarde.

Os dois contendores separaram-se, promettendo ás 5 horas encontrar-se.

Quão lentas não passaram as horas para Manuel, que recobrára toda a energia do soldado destemido! Chegou por fim o momento do encontro, e Henrique não faltou acompanhado das competentes testemunhas, Manuel tambem fizera o mesmo, escolhendo para padrinho um seu antigo camarada.

Marcado o terreno — os combatentes pozeram-se em guarda; mas Manuel viu que Henrique tremia e mal tinha força para segurar a espada — inclinou a sua para a terra, e dirigiu-lhe estas palavras:

— Vejo que tremeis, por isso se estaes arrependido desisto do combate!....

Henrique não respondeu; aproveitando-se do seu adversario estar desprevenido — jogou-lhe um bote contra o peito, e feriu-o ligeiramente: Manuel enfurecido arremeçou-se sobre elle, e d'uma cutilada cortou-lhe a mão direita — Henrique cahiu sem sentidos.

— Ahi tens covarde, disse o velho soldado estancando com um lenço o sangue que corria da ligeira ferida que tinha no peito; recebe essa lição para que nunca mais possas commetter outra infamia!

E Manuel afastou-se a toda a pressa para ir ter com a sua protegida.

Em que cruel anciedade não tinha estado a malaventurada!.... Assim que avistou Manuel disse-lhe banhada em lagrimas:

— Então?....

— O vosso Henrique é um malvado; quereis saber o que elle me aconselhou que fizesseis do vosso filho.....

— Ah! não diga..... Mas que vejo?.... O senhor tem sangue no peito..... brigaram..... Henrique morreu.....

A pobre rapariga não pôde resistir a tantas commoções — desmaiou. Foram necessarios todos os desvelos para que Emilia tornasse a si; mas uma violenta febre a accommetteu, e fez desesperar de seus dias — Manuel não desamparou o leito em quanto a sua vida correu perigo: graças aos soccorros da medicina e á robustez d'Emilia — pouco a pouco foi recobrando as forças — até que alfim ficou livre de perigo. Manuel por uma longa perseverança d'alguns mezes pôde alcançar o consentimento d'Emilia para se desposarem, com a condição porêm de que iriam viver para longe de Lisboa.............................

....

(Concluir-se-ha). (DEMOCRITO).

ORA SEJAM LÁ CURTO DE VISTA!

I.

Augusto era um rapaz de vinte annos, rico, de talento, e bem parecido, logo dir-me-heis um ente perfeito — não é assim, porque bem diz o dictado *não ha formosa sem senão*, e é da natureza das coisas humanas o não serem completas: Lord Byron, o homem mais apparentemente feliz que veio ao mundo, foi coixo d'um pé! Augusto tambem tinha o seu *senão* — ser curto de vista. Em quanto ao mais a vida devia-lhe ser grata; possuia um excellente pae, que padecia de rheumatismo e que o idolatrava, e uma velha mãe, companheira constante do seu fiel consorte.

Um cãosinho, e um ecclesiastico, em outros tempos mestre d'Augusto, e hoje accumulando as funcções de dispenseiro, director da casa ou mordomo — e capellão — eis os elementos constitutivos do *ménage* d'Augusto.

A familia d'Augusto vivia quasi sempre no campo, em uma bella casa no sitio de Oeiras; no entanto no verão convivia com todas as familias, que para ahi costumavam ir tomar ares, unicamente para distrahir seu filho, atacado da maior tristeza. Quantas vezes seus paes lhe diziam que passeasse, que não estivesse sempre encerrado em casa; Augusto não lhes obedecia; nada podia consolal-o do defeito da natureza, defeito que tinha sido causa dos mais terriveis equivocos — a ponto de fazer triste figura na sociedade: o bom Fr. Domingos, honrado ecclesiastico, de que já fallámos, juntava as suas supplicas ás de toda a familia em peso, porém a tudo Augusto era insensivel! — Nem mesmo lhe aprazia acompanhar nos passeios campestres seus velhos paes, quando á tarde sahiam, não os abandonando o estimado cãosinho, traste insignificante, e um saco de palha, traste insignificantissimo, da Sr.ª D. Rozaura, que enfiava cuidadosamente no braço, sempre que sahia.



Um dia, tinham acabado de jantar, e gosavam daquella molleza que ordinariamente traz comsigo o fim da comida: a Sr.ª Rosaura, vendo a occasião opportuna, dirigiu a palavra a seu filho.

— Meu querido Augusto, tu sentes alguma coisa?

— Passo o melhor que é possivel!

— Ahi vem a senhora (diz o pae fazendo uma exquisita careta por certa dôr que de repente lhe atacára um joelho) trazer a campo todos os seus medicamentos! Que scisma é essa de que Augusto está doente?

— Meu Carlos, bem vejo que a sua fisionomia inculca saude, porém é isso mesmo que me causa susto. — A nossa familia é tão sujeita a parecer bem no exterior e soffrer no interior! O meu pobre irmão.....

Aqui a Sr.ª Rozaura deu livre curso a algumas lagrimas, lastimando um irmão, que morrêra na idade em que mal podia avaliar a sua morte.

— Espêro, meu Augusto, que não te terás descuidado d'andar abafado? continuou sua mãe.

— Para lhe dizer a verdade, minha mãe, não trago senão a camisa sobre a pelle.

— Que loucura! Por isso tu andas amarello, tósses, e estás sempre triste; és tal qual teu pobre tio! — Cuidado com a saude, olha que em a perdendo difficilmente a tornas a recobrar.

— Se o andar envolvido em trinta sobrecasacas contribue para a sua felicidade — esteja certa que heide sacrificar os meus caprichos.

— Meu Augusto, quanto és condescendente! Fazenos mais esta vontade, usa uma camisinha de malha.....

— Augusto, disse seu pae, deves amanhã á noite acompanhar tua mãe á partida da Sr.ª D. Maria Joanna. Tu bem sabes que as minhas pernas não me deixam andar... Demais, se ha coisa que aborreço são as partidas!

— Tambem eu, meu pae. — Arrazadas sejam ellas!

Estas ultimas palavras foram ditas *á parte*, mas bem *á parte*, não como o do nossos comicos que é sempre para o ponto, e quando Deus quer para a platéa!

II.

N'uma familia qualquer a comida é sem duvida uma das mais importantes transacções, e da comida a mais importante o almoço. — Ao almoço reunem-se todos, e sobre uma fatia de pão com manteiga e uma chavena de café resolvem-se os negocios difficeis e complicados, concertam-se os planos intrincadissimos, que se hãode executar durante o dia.

A familia d'Augusto estava almoçando. A Sr.ª Rozaura queixava-se, mas comia muito mais do que costumava. O Sr. Carlos engolia um jornal e um ovo, com grande espanto de seu filho, que julgava objecto transcendente comer ovo sem sujar a toalha; finalmente, Fr. Domingos accomettia com a intrepidez d'um Geraldo sem-pavor um castello de fatias, que estava erguido ante elle. Não esqueceremos o cãosinho d'olhos fitos esperando pela caridade d'algum ente compassivo.

— Meu querido Augusto, tu não terás duvida em ir esta noite só a casa da Sr.ª D. Maria Joanna — o ar está tão fino, e sinto umas dores pela garganta que tenho medo.....

— Não seria melhor deixar isso para outra vez? redargue Augusto de máu humor.

— Ai! parece feio, meu filho..... prometti-lhe..... Além de que julgava que gostavas da Sr.ª D. Maria Joanna!....

— Gôsto, mas tenho medo de morrer no apertão!

— Apertão n'uma casa tão grande!

Augusto vio que a objecção inventada não tinha geito algum, resignou-se.

Houve uma pausa em que o almoço soffreu ataque terrivel, e em que o amigo intimo d'Augusto, Henrique da Silva, foi annunciado.

— Henrique, tu por aqui?! disse Augusto levantando-se para correr ao seu encontro.

— Estimo vel-o, Sr. Henrique! resmungou o pae d'Augusto sem despregar os olhos do jornal.

— Já não ha quem o veja!

Foi esta a breve allocução da Sr.ª Rozaura.

— Que noticias ha de Lisboa? proseguiu Augusto.

— Seu pae janta comnosco quarta-feira? perguntou o pae d'Augusto.

— Que tal se dá sua mãe com o novo cosinheiro? disse a Sr.ª Rozaura.

Henrique não tinha tres linguas, todavia fallava com bastante velocidade para satisfazer a todas estas perguntas; é o que lhe valia! O cosinheiro podia dizer-se bom, tinha estado em casa do Manoel Hespanhol, o seu forte eram os gelados; seu pae com todo o prazer jantaria com a familia d'Augusto na quarta-feira; e Lisboa continuava na mesma monotonia. — Os elegantes para se vingarem do theatro fechado affluiam ao circo de Mr. Paul Laribeau, onde iam admirar a linda filha, porque é dictado velho, *por amor dos santos se beijam os altares*; porém coitados! ficavam como a raposa com as uvas!

O mais que se seguiu não interessa o leitor.

III.

Nada excedia o brilhantismo da reunião da Sr.ª D. Maria Joanna. — Tal qual como o profetisara a mãe

d'Augusto havia grande concorrencia sem apertão. A dona da casa gosava justamente da fama de dar as melhores partidas.

Augusto entrou na sala no momento em que a Sr.ª D. Maria Joanna estava esperdiçando sorrisos e comprimentos, porque era uma d'estas portuguezas gordas, de meia idade, que mostram os dentes quando se riem, e que passam *por amaveis*. Entre Augusto e a Sr.ª D. Maria Joanna existia toda a familiaridade, comtudo as más linguas do campo (cá e lá mais fadas ha!) não se atreviam a censurar o procedimento tanto d'uma como d'outra parte. Quando pois Augusto entrou na sala o seu primeiro cuidado foi ir comprimentar a pessoa com quem tinha mais intimidade.

— Minha querida Sr.ª D. Maria Joanna, creio que passa de saude tão bem como parece. — Mal sei attingir o motivo porque hoje faz que me não conhece? — E estendia a mão para tocar n'uma outra que se lhe offerecia.

A sua vista tinha-o enganado: a illusão foi passageira. A senhora, cuja mão apertára, não era a dona da casa, mas sim uma outra senhora que acceitou a mão d'Augusto, o que fez com que só os que estavam proximos se rissem dos inconvenientes da vista curta.

— Direi á Sr.ª D. Maria Joanna o feliz equivoco que fez com que V. S.ª me tomasse por ella. Tenho muito prazer em ser comparada a uma pessoa tão amavel!

Augusto quiz fazer córo com uma gargalhada que se seguiu a estas palavras — não póde! Fez apenas uma cara desconsolada, cara mesmo de quem vê pouco.

— Olá Sr. Augusto! disse uma voz por detraz do nosso heroe.

— És tu, Castro? Folgo encontrar-te, porque ainda não vi ninguem conhecido n'esta sala.

— Que dizes, homem? Não conheces as Costas?

— Perfeitamente.

— Pois então participo-te que passaste mesmo por defronte d'um regimento d'ellas. — Acotevallaste a engraçada Julia, e não fizeste caso da mão que te offerecia o Tenente Barros.....

— A minha vista! Passo por mal creado — despréso as pessoas que conheço e fallo ás que nunca vi! É o que me aconteceu ainda ha bem pouco.....

— Logo a conclusão que tiro de tudo que dizes, é que deves usar oculos.

— Pois por não vêr bem heide apresentar-me com uma carranca hedionda d'oculos.

— Então usa luneta.

— É signal de toleima — um passaporte barato para pedaço d'asno.

— N'esse caso não sei que te faça! Em consequencia da tua má vista estás sujeito a servir de mofa a toda a gente.

— Por outro lado goso da vantagem de não descobrir muita imperfeição e muita cara feia. Ha nada que faça parecer mais bem acabado o rosto d'uma senhora do que uma vista curta?...

Dito isto, os dois amigos foram juntos para um quarto solitario — abandonando as regiões da dança e do prazer. — Na solidão se conservaram por algum tempo recordando dias passados e anticipando mil projectos futuros: por fim o amigo d'Augusto lembrou-lhe a necessidade de voltarem para a sala de dança, aliàs incorreriam no desagrado das senhoras.

Em quanto Augusto caminhava com seu amigo a passos vagarosos — sentiu uma voz meliflua que o chamava. — Ao voltar a cabeça conheceu ser a senhora D. Maria Joanna, que trazia pelo braço uma menina bella como um anjo.

— Estimo vêl-o, Sr. Augusto. — A minha amiga Elisa já me disse quão precipitado fostes em me tributar as vossas homenagens. — Perdôo-vos; a dizer a verdade o paralello *não é muito lisongeiro*. — Espero que já estareis farto de dançar?

— Ainda nem comecei!

— Já o esperava e por isso vos ando ha uma hora procurando. — Ainda vos lembrais de minha prima Emilia?

— Oh! se me lembro! Uma belleza como aquella não se esquece facilmente.

— Chegou ha pouco do Porto; não estimarieis vêl-a?

— De certo — até faria um sacrificio, se m'o exigissem!

— Pois então olhai bem para a pessoa que está pelo meu braço... O que é ter a vista curta! Pedi-lhe para dançar, que talvez acceite. — Até logo.

Este pequeno dialogo tornou Augusto o mais feliz dos homens. Não via Emilia haveria um anno, Emilia que fôra a sua companheira d'infancia, a quem consagrára a mais pura e santa amizade.

Depois de feitos os comprimentos do estilo de parte a parte — Augusto e Emilia renovaram antigas relações da meninice, se bem que o amor começava agora a substituir o logar da amizade d'outr'ora.

Já seria mais d'uma hora quando Augusto foi para casa. — Custou-lhe muito a conciliar o somno. — Emilia e a vista curta eram os dois inimigos que lhe roubavam o repouso!

Qual d'elles seria mais perigoso?

(Continúa).

HISTORIA E LITTERATURA.*

Ben-Abed, o emir de Sevilha, vendo a estrella afortunada de Affonso 6.º e a decadencia do islam, tinha chamado da Africa o almoravide Iussef, o homem dos destinos. Iussef correndo em soccorro dos seus correligionarios, na batalha de Zalaca abattêra a cruz aos pés do crescente. Os arabes respiraram. E ainda que o vencedor voltou logo para os seus dominios, e com a ausencia d'elle se dissolveu a liga dos emires andaluzes que o tinham convocado, e não se pôde tentar mais nenhuma entrepreza de monta contra os christãos; a influencia moral da victoria de Iussef durava, e á sombra d'ella tratava o emir de Badajoz de recobrar as cidades que os christãos lhe tinham ganhado, e Ben-Abed de rehaver as que tinha dado em dote a sua filha Zaida, a concubina de Affonso 6.º Nem se limitava a isto: devastava os contornos de Toledo, e depois voltava para o reino de Murcia.

O aventuroso Cid tinha por esse tempo ido plantar a sua signa nos confins do Aragão, e do reino de Albaracim. Edificára um castello no cume de uma rocha que ainda hoje conserva o nome de — *Penha do Cid*. E d'esse retiro inaccessivel sahia a avassallar, ou pôr a resgate o paiz circumvisinho. D'alli o predominio do campeador chegava aos emires de Saragoça, de Albaracim, e até de Valença, e a sua lança os protegia em occasiões de apuro. Protegia a principes fracos, e submissos, e n'essa protecção realçava o timbre das armas christãs. Mas quando o alfange arabe se erguia para dominar, o protector declarava-se inimigo, e a espada do patriota castigava sem misericordia a soberba do estrangeiro. Bem o experimentou Ben-Abed.

Á frente da sua pequena hoste adiantou-se o Cid ao encontro do devastador de Toledo; fez em postas a numerosa almofalla de Ben-Abed nas visinhanças de Lorca; e apoderou-se do fortissimo castello de Albit. D'alli fazia todos os dias incursões nos districtos dos emires: mas o seu odio pesava principalmente sobre os estados do emir de Sevilha, porque fôra este o principal motor do chamamento dos almoravides, e do revez que tinham soffrido em Zalaca as tropas de Affonso.

Fatigado Ben-Abed d'esta guerra pertinaz, e conhecendo-se com poucas forças para a terminar, passou a Marrocos, e alli expoz a Iussef como os christãos iam levantando a cabeça e recobrando-se do golpe que este lhes vibrára, e a grande desunião que reinava entre os emires. Iussef veio de novo a Hespanha. Chamou ao seu campo os emires andaluzes; mas a maioria d'estes, agora mais receosos do almoravide vencedor que de Affonso vencido, não lhe deram ouvidos. E Iussef com as tropas africanas que tinha trazido, e as dos poucos caudilhos hespanhoes que haviam obedecido á sua voz foi cercar o castello de Albit. Achava-se lá o Cid com uma guarnição de doze mil infantes e mil cavalleiros: os ataques de Iussef foram baldados. E até começou a atear-se a discordia entre os emires andaluzes, seus auxiliares, porque sendo o de Murcia insultado por Ben-Abed, e prêso pouco depois, a hoste de Murcia abalou do campo, e poz-se a fazer correrias, e a interceptar os viveres aos sitiantes. A este tempo Affonso com um exercito que tinha formado e algumas tropas auxiliares que lhe tinham vindo de França e Normandia, marchava contra Iussef. E o almoravide, que não julgára acertado espera-lo com forças inferiores, levantou o cêrco, e partiu para Africa. A defensão de Albit restaurou o que se perdêra em Zalaca no grande duello entre o Koran e o Evangelho, e deve-se á resistencia do Cid o ter quebrado o encanto á fortuna de Iussef.

Passemos agora por um sem numero de aventuras, de lides campaes, de combates, refregas, algaras, e escaramuças, mais ou menos incertas, mais ou menos fabulosas, mas altamente celebradas e populares todas ellas, de que a bandeira do Cid sahiu quasi sempre triunfante; deixemo-lo campear por toda a Hespanha oriental á testa de suas turmas christãs e mussulmanas, e correr em todas as direcções no Babieca victorioso das ribeiras do Ebro ás do Segura; appellidem-no Albarhan — *o tyranno* — seus inimigos e emulos; chamelhe Conde, fallando pela boca dos escriptores arabes, *el maldito Cambitur*, — maldito pelas afrontas que o ferro da sua lança tinha escripto na face dos infieis, e deixado estampadas nos estandartes do islam, nos muros das fortalezas, e nos campos de batalha; — e cheguemos já ao seu feito de armas mais estrondoso e incontestavel e acaso o mais honrado — a tomada de Valença.

Como capitão habil e experimentado o Cid não emprehendeu levemente, nem executou de improviso, como tantas outras, a tomada de Valença. Fortificou alguns castellos edificados nos rochedos da provincia, e guarneceu-os de tropas numerosas. Apoderou-se de differentes terras e posições importantes, que eram como postos avançados da cidade. Acantonou-se em Murviedro, d'onde sahia habitualmente a devastar as hortas de Valença, e a interceptar a entrada do trigo na cidade. E n'estes preparativos não consumiu menos de tres annos.

Apparelhado assim de sobremão, quando lhe pareceu maduro o seu plano, mandou lançar pregões pelo Aragão e Navarra, e enviou mensageiros a Castella, a convidar quantos cavalleiros e homens de armas quizessem auxilia-lo n'aquelle cerco.

Correu de toda a parte muita gente a unir-se-lhe. Attrahia-os o nome e a fortuna do Cid, estimulava-os o brio de guerreiros e christãos, lisongeava-os a esperança do ganho; e não seria tambem que elles amavam a guerra — como dos gaulezes do meio dia nos conta Thierry — *pelo que os combates tem picturesco e poetico, pelo estrondo, o apparato, e as commoções do campo de batalha, por ver as armas reluzir ao sol, e os cavallos rinchar ao vento?*
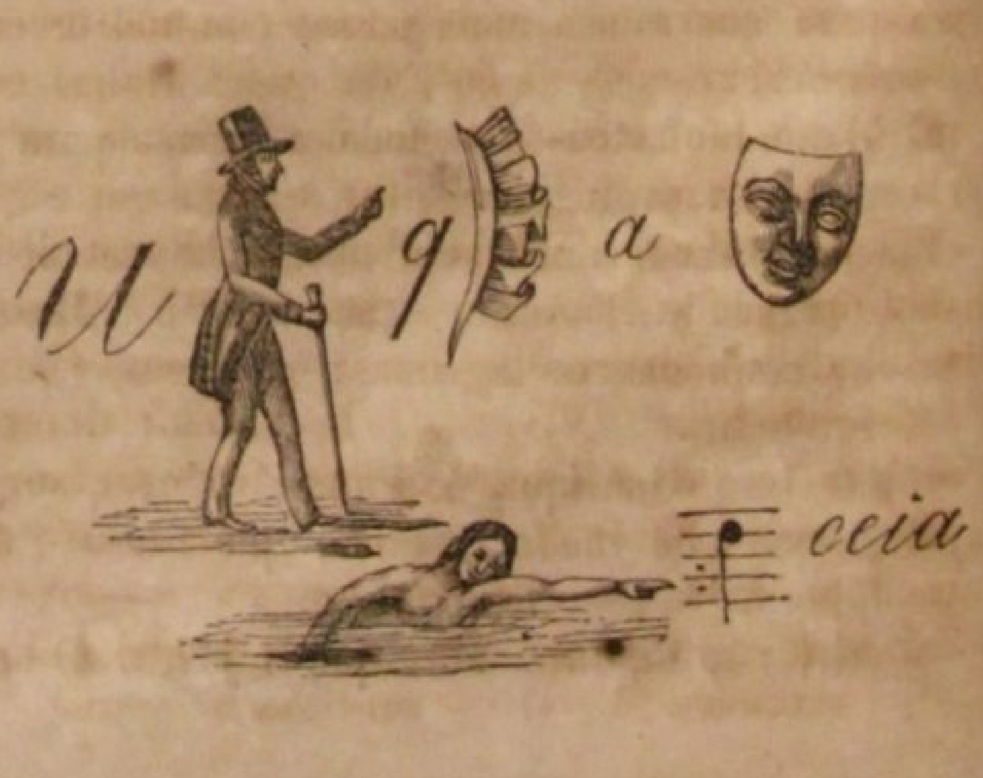
(Continúa). A. DE O. MARRECA.

* Continuado de pag. 86.

ENIGMAS PITTORESCOS.

EXPLICAÇÃO DO ENIGMA DA FOLHA ANTECEDENTE.

Campar de espadachim é ser pateta.



SUMMARIO.

FLORENÇA.

DAMOS uma vista da capital da Toscana: o grão-duque é um dos mais excellentes principes da Europa; o seu estado é optimamente administrado; a cidade principal uma das mais bellas do mundo pela cópia e riqueza de seus monumentos e collecções artisticas, e pela situação e formosura de seus contornos.

Florença, que terá oitenta mil habitantes, assentada nas margens viçosas do Arno, que réga uma planicie amena muito povoada e bem cultivada, recebe annualmente innumeravel quantidade de visitantes, com especialidade inglezes; e com effeito Florença tem muito que vêr, que admirar e gozar: edificios publicos magnificos ou elegantes, palacios de vario gosto d'architectura, em muitos dos quaes se notam as bellezas da arte classica, e tantos que em relação á povoação não ha côrte que possua mais, compensam algumas ruas defeituosas em seu traçado; por quanto o aspecto geral da cidade é bello. Miguel Angelo, Raphael, e outros insignes talentos aqui deixaram os assombrosos testemunhos da sua merecida fama posthuma. Os formosos caes á beira do Arno, o agradavel passeio no bosque ao longo d'este rio na entrada da cidade, a que se avisinham campinas deleitosas, accidentadas com eminencias revestidas de vegetação; tudo indica a terra da Etruria, mais antiga em civilisação do que a soberba Roma, alliada e depois unida a esta, convertida mais tarde em republica, que dirigia a politica da peninsula da Italia, e por commercio e sciencias se fez celebre. Nas vicissitudes de sua mudavel fortuna, melhorando com o progresso das artes, e os desvelos de seus illustrados principes, ainda altea o collo de princeza, a quem se tributam homenagens. Desde Cosme de Medicis, o pae da patria, como se lê na sua inscripção tumular, a Toscana tem continuado a seguir a carreira da prosperidade, sem a desviarem ou submergirem as inevitaveis calamidades, oriundas das guerras, das invasões e de outras causas externas.



Florença tem em seu recinto estabelecimentos publicos de beneficencia, e dedicados a sciencias e artes, com que póde envergonhar, estabelecida a comparação, a capitaes muito populosas: conta dôze hospitaes, dezesete praças, e cento e setenta e dois templos; d'estes nomearemos o de Santa Cruz, unicamente por ser o pantheon da Toscana, onde se curva o sabio perante os monumentos d'aquelles grandes genios, de que a Italia, como mãe, e a humanidade como herdeira, se vangloriam justamente; basta citar o pasmoso e quasi universal talento de Miguel Angelo Buonarotti; o sublime poeta Dante, o destro politico Machiavelli, o celeberrimo physico e astronomo Galileu, Leonardo-Bruno, Viviani, o historiador Guicciardini, o tragico Alfieri. — Florentino era Americo Vespucio, o navegador, que não descobriu o novo mundo, mas que lhe deu seu nome. — A academia d'ella Crusca, thesouro da lingua italiana, é tambem florentina. As collecções d'historia natural, e as bibliothecas são mui ricas em peças ou volumes, em preparações ou manuscriptos, cada qual segundo seu instituto, mas tudo de grande preciosidade. — O magnifico museu, ou galeria florentina, considerada no todo, é a mais bella de quantas existem neste genero: em casa magestosa, e sitio appropriado, repartido em salões magnificos, estão reunidas e com admiravel ordem dispostas, antiguidades de subido preço para a historia classica, bronzes, pedras preciosas esculpidas, medalhas, baixos-relevos, vasos, utensilios, e soberbas estatuas, e reliquias de monumentos, quer etruscos, quer gregos, quer romanos: aqui se admiram as tres maravilhas; a Venus de Praxiteles, cognominada de Médicis; a Niobe chorando os filhos, grupo que a par do Laocoonte é das maiores excellencias que da antiguidade nos restam; e o hermaphrodito de marmore branco, obra não menos bella e assombrosa.

Muitas são as grandezas de Florença; e nas guias dos viajantes á Italia as achará enumeradas o curioso, porque não cabe em nosso plano referi-las.

* * *

HISTORIA E LITTERATURA.*

QUANDO o Cid se viu com a sua hoste bem engrossada, partiu a cercar Valença, e reduziu a tanta extremidade os cercados em nove mezes cumpridos que esteve sobre a praça, que entrado o decimo se lhe rendeu a cidade por capitulação, meiado o anno 1094.

Governava-a o wali Ahmed-ben-Geaf, que tinha subido a esse cargo eminente pela mais negra traição. Que homem era este wali?

Quando os almoravides pela primeira vez foram cercar Valença, defendia-a o emir Yahye-ben-Dylnûn, ajudado dos moradores muzarabes. N'uma sortida em que houve uma escaramuça encarniçada, foi ferido mortalmente o emir Yahye, e n'esse mesmo dia falleceu. Succedeu-lhe no emirado e defensão da cidade Alcadir Yahye-ben-Dylnûn, caudilho esforçado e habil, que a sustentou com sortidas e rechaços frequentes. Mas vendo os muzarabes que era impossivel mante-la, sahiram d'ella; e Alcadir, ajudado de Aben-Tahir, senhor de Tadmir, continuaram a defende-la a todo o trance. E houvera custado muito tempo e muito sangue o entra-la, se por conluio com o cadi da cidade, Ahmed-ben-Gehaf-Almaferi, se não franqueassem as portas aos sitiantes. Entraram então os almoravides com a espada na mão, fazendo grande mortandade na gente de Alcadir; o proprio principe pereceu com muitos nobres cavalleiros, pelejando como um leão; e ao cadi Ahmed deu-se o governo da praça em premio do seu serviço.

Tal era o caracter do homem que capitulou com o Cid. Elle já não representava em Valença os principios de tolerancia dos primeiros conquistadores, ainda que oriundo d'elles, e da linhagem até do grande Almançor; mas a tyrannia brutal dos segundos — os almoravides — que alli o tinham posto por seu agente. E a entrega da praça não foi devida unicamente ao apuro a que os sitiantes a constrangeram, senão ainda á oppressão que os moradores christãos, que eram o maior numero, experimentavam debaixo do governo d'este traidor.

Foram estes pois quem obrigaram o wali a abrir as portas ao Cid; e ou por benevolencia do vencedor, ou por outra qualquer causa, as condições da capitulação surprehendem por moderadas. Estipulou-se n'ellas segurança inteira na vida e na fazenda para todos os habitantes, e para Ahmed e a sua familia, e de mais a mais que o cargo de wali seria conservado a este.

Entrou o Cid na praça; fez homenagem da sua nova conquista a Affonso 6.°; promoveu zelosamente o culto do christianismo; e até os escriptores arabes, tão empenhados sempre em calumniar os guerreiros christãos, confessam que por espaço de um anno fôra suave o governo do campeador.

Ao cabo do anno porém mudaram-se as scenas. O Cid mandou metter em carcere ao wali com toda a familia d'este, e pouco depois accender uma fogueira na praça do mercado de Valença para os queimar vivos a todos. Conta-se que os espectadores tanto christãos como arabes que se achavam apinhados no logar da execução quando ella se aprestava, começaram em altos brados a deplorar a sorte das victimas, sobretudo das mu-

* Continuado de pag. 96.

lheres e filhos de Ahmed, e que foram supplicar ao Cid que ao menos poupasse os innocentes. O Cid annuiu. Mas Ahmed foi mettido em uma cova cheia de lenha, que para esse fim se mandára abrir na praça, e, ateado o fogo, em breve o consumiram as chammas.

De que procedeu esta severidade repentina do Cid?

Os escriptores arabes, Conde seu compilador, Viardot, e ainda outros historiadores, mas que todos elles beberam nas fontes arabes, dizem que o Cid perguntara ao wali pelos thesoiros do defuncto Alcadir, e que respondendo elle que os não tinha em seu poder, nem sabia onde paravam, o mandara prender com toda a sua familia; que depois de prêso nem rogos, nem ameaças, nem tormentos, lhe poderam arrancar confissão nenhuma; e que d'ahi resultára a sua morte.

Mas que credito podem merecer escriptores ardendo em odio contra um guerreiro que escarmentou os dominadores de Hespanha nos recontros quasi todos em que se mediu com elles, e contra um christão que em Valencia conquistada mostrou tanto zelo para o culto do seu Deus? A vingança dos historiadores mussulmanos não podendo resfolegar por outro respiradoiro, desafogou-se naturalmente em calumnias contra o formidavel antagonista da sua religião e da sua raça. E o mais provavel é que a indole traiçoeira de Ahmed o induzisse a urdir algum trama negro contra o Cid, e que burlado pela vigilancia d'este, o pagasse o traidor com a vida.

Valença era uma das mais ricas conquistas dos almoravides, que a perderam no mesmo anno 1094 que campeavam senhores de todos os estados mussulmanos da Peninsula. Fizeram differentes tentativas para a recobrar, mas inutilmente; que em quanto o Cid viveu, tremulou sempre em seus muros a bandeira castelhana.

Assim que elle expirou — em 1099 — o governador de Almeria, filho d'aquelle Ahmed que o Cid mandara queimar, inflamado em desejos de vingar a morte de seu pae, enviou recado ao tenente de Iussef, Syr-ben-Abi-Bekir, que acabava de apoderar-se das Baleares; e Abi-Bekir veio sobre Valença com uma poderosa armada, trazendo a bordo muita gente de desembarque, e innumeravel besteria de alarabes, e de moiros de Lamtuna e Masamudes.

Quem guardava então os muros da nobre cidade, orphã de seu senhor? Os velhos soldados do Cid. Quem capitaneava esse bando formado e aguerrido por elle? A sua viuva, D. Ximena, e o companheiro de todos os seus trabalhos, Alvaro Fanez Minaya. Com taes defensores obraram-se extremos de heroismo na defensão.

Em 1101 havendo quasi dois annos que durava o cerco, expediu Affonso um exercito de soccorro aos sitiados, e as tropas de Abi-Bekir foram batidas por elle, e obrigadas a descercar. Mas os mussulmanos que, imitando o exemplo do Cid, se tinham assenhoreado de todas as praças e fortalezas visinhas, donde sahiam a assolar os contornos da cidade, tornaram de novo a sitia-la. E Affonso entendendo que não podia sem sacrificios e despezas excessivas conservar uma praça rodeada de inimigos por todos os lados, resolveu-se a evacua-la.

Foi um espectaculo triste e solemne vêr esses velhos soldados abandonar a cidade conquistada a preço do seu sangue. Não ficou n'ella nem mulher, nem creança, nem cavallo, nem carro, nem movel que pertencesse aos christãos: cada um levou quanto era seu. Levaram tambem o corpo do Cid, que tinha sido embalsamado. Vestiram-lhe a armadura; montaram-no no Babieca, o seu fiel cavallo de batalha; metteram-lhe na mão direita *Tizon*, uma das suas duas espadas; levaram-lhe arvorada a sua bandeira; e pozeram-no na frente, como elle costumava nos dias de perigo. Quando os sitiantes viram tamanho apparato, e as nuvens de pó levantadas por tantos carros que sahiam da cidade, cuidaram que era um exercito innumeravel que avançava para elles. Abriram passagem; e todos os christãos que evacuavam a praça, protegidos ainda pela sombra do Lidador, poderam retirar-se a salvo para Castella.

Tinham construido no mosteiro de S. Pedro de Cardena um tumulo onde o Cid foi depositado. D. Ximena morreu dois annos depois, e foi sepultada ao seu lado. A bandeira e as duas espadas invictas do Cid, *Tizon* e *Colada*, tambem ficaram no mosteiro. E por muitos seculos costumaram os reis de Castella levar nas suas campanhas como penhor de victoria a alguma d'essas gloriosas espadas.

A. DE O. MARRECA.

(Continúa).

HESDIN-NOREDIN. *

Hesdin vagueou por todo o dia nas ruas de Baçorá, e todos fugiam do privado descahido como se fosse empestado; as senhoras condoiam-se d'elle caladamente, porque era tanta a sua belleza e tão conhecido o seu galanteio que não ousavam arrostar com as más linguas dando-lhe asylo. Ao cahir das trevas, acolheu-se a um cemiterio a meditar em seu escuro fado. — A pobreza, o desvalimento pungiam-lhe o amor proprio; e não era essa a sua magua maior, porque o coração soffria mais duro e incuravel tormento. Havia pouco tempo que travára conhecimento com a filha do emir Mobarec, e a sua frágua de amante receberia a palma quando fosse elevado a visir, o que parecia certo: por infelicidade, se era pouco intenso em seus amores tambem não era permanente. A filha do emir tinha uma prima juvenil, viva, airosa e bella como as hurís; o voluvel Hesdin algumas vezes a viu em companhia da sua parente, e tanto bastou para olvidar seus primeiros affectos. — Zobeida tinha olhos rasgados e radiantes, com uma vivacidade meiga, modificada pela bastidão das pestanas; a cutis imitava o mimo das flores desabrochadas ao calor do sol; os labios de coral encerravam os bonitos dentes e da brancura da neve do Caucaso; a estatura era de uma filha da Georgia, as mãos delicadas como de princeza, e o pé mimoso e pequeno como de creança. Vê-la era uma fascinação, e o feitiço do seu riso agitava os corações; a voz era mais suave que o murmurio dos cannaviaes que pela tarde cantam nas margens do Ganges. Porêm nada eram taes perfeições comparadas ao talento e juizo de Zobeida: herdeira de mui avultados bens, o que nos confins da Arabia (alli já se sabe) não tira preço á belleza, vivia em casa de seu tio Mobarec, porque perdêra seu pae, um dos vizires do commendador dos crentes, o invencivel Arun-al-Raschid. — Habituado a faceis triumphos, Hesdin se capacitára de que bastava apparecer para agradar, e fallar para vencer; mas estava destinado para se persuadir de que, segundo réza o livro do Zend, a paixão fortifica-se por via dos obstaculos. Zobeida era insensivel; e postoque sua prima deixasse livre campo ás pretenções do seu antigo namorado, a quem menos estimava á proporção que mais o conhecia, este, tão gabado por espirituoso, nada conseguia. Escravo, pela primeira vez, de um sentimento invencivel e duravel, vira inuteis os seus esforços. Zobeida, sensivel porêm altiva, mostrava-se tibia á eloquencia de um pertendente que em si confiava muito, e desdenhosa jungia ao seu carro triumphal esse que era havido por grande conquistador. Quanto mais merecimento elle ostentava, menos ella acreditava a affeição, e mais reserva e indifferença lhe mostrava.

No entanto Hesdin conservára alguma esperança até o ponto em que o descahimento de valido, reduzindo-o a condição miseravel, o separou de todo de Zobeida: por isso, em sua magua, invejava os mortos que a seus pés descançavam no cemiterio, por onde divagou a noite inteira, regando com lagrimas a terra sagrada, em cuja superficie se debuxavam as sombras lugubres dos cyprestes prateados pelo clarão do luar. — Dons fataes dos genios (vociferava) de que me tendes servido? O meu talento, superior ao dos outros humanos, fez-me inferior a todos! O mais gentil dos filhos do propheta nunca será amado! —

Deplorava Hesdin os seus infortunios, e o sol dourando as ondas do golpho persico carregou o afflicto de novos pesares; envergonhava-se do trajo, e do vilipendio, companheiro inseparavel da pobreza: deteve-se n'aquelle arvoredo até a hora decima; porêm estimulado pela fome, se havia de abater-se a pedir esmolla aos que foram testemunhas do seu esplendor ephemero, resolveu-se a entrar pelos campos, e chegar a Bagdad peregrinando. Com esta tenção foi seguindo o curso do Euphrates, misturando seus suspiros com o ledo murmurio das aguas: pela tarde encontrou alguns cactos, que lhe forneceram figos meios passados, e cançado da fadiga sentou-se n'um penedo; quasi entrado no somno um pequeno rumor o acordou. Era uma liteira, conduzida por quatro escravos pretos, que transportava uma mulher, reclinada e cuberta de um amplo véu, á sombra de um guarda-sol, sustentado por uma escrava nubiense, e ao mesmo tempo outra escrava agitava de continuo uma ventarola para refrescar o ambiente que cercava a sua senhora. Assim que Hesdin viu esta comitiva sahir de um cerrado coberto de arvores, tractou de esquivar o encontro occultando-se n'um bosquesinho de murtas: perto d'elle passou o sequito: mas como lhe bateu o coração reconhecendo atravez do véu de cassa delicada a idolatrada Zobeida, causa do seu penar! — Hesdin não póde vencer-se; a eloquencia da extrema despedida o inspirava; o amor o impelliu para o transito de Zobeida, ante a qual cahiu de joelhos, mãos postas e soluçando. — O que elle disse poderia atrever-me a referi-lo; mas como já declarei que era portentoso o seu genio, tenho medo de estragar os seus discursos, ou de cahir na simplicidade de certos narradores de contos de Babylonia, que depois de um trecho magnifico não se esquecem de accrescentar « a princeza, admirada de ouvir tão bellas coisas, nunca ouviu coisa similhante... » e outras que taes explicações..... vamos adiante.

A eloquencia do supplicante, sobre tudo os lindos olhos que resplandeciam, ainda que orvalhados de lagrimas, abrandaram Zobeida, talvez mais que a relação de tanta desventura. — Ella empunhava uma ave, mais pequena que uma pomba; mas de um vivo escarlate e com a plumagem sulcada de veios dourados, com um delicado collo que amorosamente se inclinava para a princeza.

— Hesdin, disse em tom de compassiva, bem desejára soccorrer-vos; porêm n'esta solidão não sei como. — N'este ponto a ave assobiou, e á princeza lembrou-lhe uma idêa, e continuou. — Vêdes esta ave de especie incognita; é um presente do rei dos genios, que sempre me protegeu em memoria de meu pai, a quem muito estimava. É este animal uma especie de talisman; se não dá ventura, procura o meio de effectuar todas as emprezas: quem o possue não fica livre das adversidades, comtudo tem o meio de

* Continuado de pag. 94.

se desembaraçar d'ellas; basta obedecer ás instrucções que elle intima a seu modo. Hesdin, eu vos empresto este talisman, de que nunca vivi separada; jurai-me em nome do propheta que dentro de oito dias, succeda o que succeder, m'o restituireis no palacio do emir Mobarec, em Baçorá.

Hesdin-Noredin prestou o juramento, e partindo o sequito ficou só com a avesinha, que lhe pousára sobre os hombros; e recobrado um tanto do seu primeiro sobresalto, murmurou dos destinos e disse para comsigo, tendo curiosamente examinado o seu novo companheiro: — «eis que o mais engenhoso e habil de todo o universo não tem mais recurso do que deixar-se guiar pelo instincto ou intelligencia d'este volatil.»

(Continúa.)

ORA SEJAM LÁ CURTO DE VISTA! *

IV.

Chegou o dia aprazado do jantar para que fôra convidado o pae de Henrique. Um jantar no campo não é objecto de pequena monta! Ha pessoas que effectivamente são apaixonadas *de estar no campo* — outras porém é unicamente por o ouvir aos outros, e por isso, deixando-se sempre ficar em Lisboa — não cessam de exclamar no Largo das duas Igrejas, logar destinado para os abrimentos de bocca dos tafuis nas *fresquissimas* manhãs d'Agosto: «não se póde ficar aos domingos em Lisboa!» A expressão é mui vulgar, banal, stulta por muito sabida. E como se no campo não houvesse sol, aborrecimento, calor, poeira, e todos os incommodos da Cidade sem nenhuma das suas poucas distracções! — Esta explicação parecerá desnecessaria á primeira vista — mas não o é, porque foram exactamente as idêas da maior parte das pessoas convidadas para o jantar do pae d'Augusto.

A reunião estava luzida; a Sr.ª Rozaura tinha-se ataviado sumptuosamente, sobresahindo nos folhos da touca, que na quantidade e qualidade — appresentavam uma perspectiva assustadora. — O Sr. Carlos, pae d'Augusto, padecia *normalmente* das suas dores rheumaticas, e por isso n'elle não havia alteração alguma. — Em quanto a Fr. Domingos, andava em papos d'aranha: — com a direcção d'um jantar lauto a seu cargo via-se afflicto, sem saber para onde se virar. — Já démos alguns toques d'este importante personagem, todavia, como queremos que passe á posteridade — não nos dispensâmos de accrescentar algumas linhas para completar o retrato. Fr. Domingos era magro; um meio termo entre o *Esqueleto* de Eugene Sue e o Padly OChrane de Francis Trolopp; o seu rosto comprido, os olhos encovados, e o nariz aguçado na extremidade. — O que mais contribuiria para tornar singular a sua figura seria o trage todo negro e simples. Um pequeno barrete de sêda preta cobrindo-lhe a cabeça, onde apenas existiam raros cabellos, uma sotaina justa apertando-lhe o corpo, umas meias, uns çapatos de fivella, e umas chaves pendentes do lado, symbolo das funcções que exercia — eis quanto compunha o vestuario usual de Fr. Domingos. — As exigencias dos criados n'este dia de tanta confusão tornavam-se continuas, e Fr. Domingos punha as mãos na cabeça mal sabendo como satisfazer a todas. — Para que o leitor fique tendo uma idêa exacta de Fr. Domingos — aqui lh'o appresentâmos em uma d'essas situações criticas. Suppra o buril o que a penna não póde fielmente descrever.



* Conclusão de pag. 96.

Pobre Fr. Domingos! Ainda assim não foi dos ecclesiasticos mais infelizes! Ha tal que por ahi mendiga o pão, e morre tranzido de fome e de frio por essas ruas!

Posto isto, continuemos a nossa historia.

Já todos estavam á mesa, e os vinhos exquisitos e variados tinham exaltado mais d'uma cabeça. Augusto questionava acaloradamente com seu amigo Henrique da Silva, e por fim rematou em voz alta:

— O teu ultimo argumento, caro Henrique, é o unico que merece resposta, e comtudo é um plagiato feito ao estupido Luiz da Silveira, Redactor do ***, Jornal o mais insipido que se publica em Lisboa. Porque me estás pisando? Se não cessas com essa maneira irregular de argumentar chamo-te á *ordem!*

Augusto ignorava inteiramente que o tal Luiz que descompozera se sentava a seu lado: a sua vista curta tinha-o de novo comprommettido!

Entre a mesma gente que fôra convidada tinha ido, como *apresentado*, o Sr. Luiz da Silveira. — Um *apresentado* para um jantar é muito fóra de proposito, não obstante ha gente que sacrifica o pudor e os estimulos de brio só para apparecer em toda a parte!

O Sr. Luiz da Silveira tinha estado callado durante o debate dos dois amigos, e concebeu logo uma formal antipathia contra Augusto, tanto pelos principios que seguia como pela maneira de os expôr; porém quando ouviu pronunciar o seu nome d'uma maneira desairosa — sentiu faltar-lhe a paciencia. Luiz da Silveira não se distinguia pelo valor, no entanto a affronta fôra tão publica que reclamava uma satisfação. Antes porém d'exigir a reparação, levou largo tempo a resolver o que lhe conviria fazer, a ponto tal que o jantar tinha acabado e ainda meditava no decimo plano. — Finalmente, fazendo um esforço sobre si mesmo — determinou desafiar Augusto; deu algumas voltas pela sala para onde se tinham retirado os convidados, e por fim postou-se de sentinella a uma porta por onde devia passar Augusto. — Cobrou animo, encaminhou-se para ella, e fallou-lhe:

— O Sr. Augusto sabe que me insultou?

— Não é exacto, disse unicamente o que sentia.....

— Bem, insiste, preciso d'uma satisfação.....

— Estou prompto a dar-lha. A hora, o sitio?

— Nos Arcos, ás 7 da manhã.

— Escolho a pistola.

— Está dito.

Augusto voltou costas e foi conversar com seu pae.

V.

— Mas, meu Henrique, como ha de ser isto de duello? Vê se arranjas as coisas de modo que não tenhâmos de nos bater..... confesso que não tive a menor intenção de o offender.

— Duvido, elle é um tolo enfatuado! Deves matal-o.....

— Matal-o! O mais provavel é que nem o veja!

— Então não ha remedio senão pôr oculos. — Mais vale estar ás claras para descarregar uma pistola do que não vêr o seu adversario. Precisas dar-lhe uma boa lição!

— Nada, os oculos indicariam que tenho um desejo de vingança desmarcado — quando até faço votos para lhe não acertar!

— Seja como fôr, deves bater-te! Vamos vêr se dormimos; ámanhã temos que nos levantar cedo.

Estas e outras conversas tinham logar entre Henrique e Augusto havendo ficado ambos no mesmo quarto, em consequencia da reunião findar por alta noite, e o pae de Henrique ter-se retirado cedo, deixando em seu logar seu filho.

Davam sete horas da manhã e Augusto e Henrique chegavam aos Arcos.

— Então sempre tencionas matal-o? perguntou Henrique, o padrinho d'Augusto.

— Ainda que podesse não o faria — replicou Augusto.

— Elle merece um susto..... é quanto basta para se não tornar a metter em desafios!

Luiz da Silveira chegou, e os padrinhos passaram a medir o terreno.

Augusto tinha tido o cuidado de trazer comsigo um cirurgião, seu amigo, para acudir a tempo, no caso que fosse preciso, o que elle não esperava. O nosso Dr. era tão enthusiasta pela sua profissão como aquelle celebre Medico dos *Mysterios de Paris*. Escravo se tornára de tal sorte das doutrinas de Esculapio, e seu tão zeloso admirador, que não se lhe dava, até talvez sentisse prazer, ao vêr ambos os contendores feridos. E comtudo Augusto sempre fôra seu intimo amigo. O Dr. tambem não via bem, por isso Augusto lhe tinha recommendado que se pozesse a distancia conveniente do alcance do tiro, porque, segundo dizia, a unica pessoa que considerava livre de perigo era o seu adversario. — O Dr. annuiu, mas a sua curiosidade oppoz-se. Quiz por força mais de perto examinar os rostos dos combatentes. — Se o duello fosse á espada! De que formosa vista muscular não seria testemunha — que contracções de rosto, que posições de corpo! Lastimou sobremaneira que a balla e polvora tivessem dispensado a necessidade do vigor, e reduzido um bello conflicto a caça de pardaes. — Este combate a pistola tambem tinha seu lado d'estudo; a firmeza e sangue frio d'Augusto, collocado defronte d'elle, causava admiração. Luiz da Silveira parecia meio assustado meio zangado. O Dr. não era máu phisionomista.

Augusto, como sabemos, vinha resolvido a poupar o seu antagonista.

Luiz da Silveira tinha firme tenção de matar Augusto.

Deu-se o signal.

Luiz da Silveira, fez pontaria e deitou por terra..... nada! — Augusto não fez pontaria e acertou..... no cirurgião!

— Meu Deus! exclamou Henrique, feriste o nosso Dr.!

— Deus me perdoe!

A supplica chegava tarde; o mal estava feito.

O Dr. não se assustava com coisas poucas. — Passado o primeiro aballo portou-se com tanta indifferença como se examinasse um dos seus doentes.

— Não me fizeste mal, Augusto, foi uma sangria de que precisava, attendendo ao meu temperamento plethorico.

— Meu Dr., deves estar convencido que te não via.....

— Convencidissimo! — A tua vista é muito mais curta do que a minha. O que tenho a pedir é que se reconciliem, visto que se algum ficasse ferido não tinham quem o curasse.

A este pedido não havia que dizer. — Os combatentes abraçaram-se.

— Espero, Augusto, disse Henrique, que para a outra vez não vás a desafio sem levar oculos. — Só deste modo não haverá perigo de errar o verdadeiro adversario.

É de suppôr que o duello deu logar aos mais extravagantes commentarios, fallou-se nos jornaes — discutiu-se nas salas, narrou-se nos botequins, e toda a mais farragem do estylo que se costuma pôr em pratica nas raras occasiões que successos d'esta natureza tem logar entre nós. A familia d'Augusto tremeu passado o perigo, sua mãe recommendou-lhe que olhasse para os lados antes de fallar, quando estivesse á mesa, e Fr. Domingos fez um longo discurso, mostrando que por Direito Natural e Canonico existiam severas penas para os que se batessem. — Depois de tres dias ninguem fallava em similhante acontecimento.

VI.

Algumas pessoas houve, além da familia d'Augusto, que se assustaram pelos eventos que tinham tido logar. — Uma d'estas foi a Sr.ª D. Maria Joanna, a qual consagrava a Augusto um affecto d'irmã, a outra a joven Emilia, que não tinha, nem queria ter affecto d'irmã para com Augusto.

— Supponde por acaso, disse a Sr.ª D. Maria Joanna para Emilia, que aquelle maldito Luiz matava o pobre Augusto!

A formosa Emilia segurava uma meada, que sua prima dobava, quando se pronunciaram estas palavras. Ellas pareceram cahir-lhe no coração como gôtas de chumbo, uma côr vermelha subiu-lhe ao rosto, e seus dedos delicados tremeram — levantou os negros olhos ao ceo, e depois occultou o rosto no seio de sua prima.

— Emilia, repara que me estás embaraçando a meada! Forte cousa!....

— Pois se eu tenho uma tal confusão nos olhos, que até me falta a vista!

— A proposito de falta de vista, que me dizes a respeito d'uns oculos?

— Que devem ser necessarios para os que não virem bem.

— Tens razão; a perfeição tem-se levado a ponto, que um rosto não se desfeia com uns oculos de aro delicado! Se os surdos trazem instrumentos para lhe auxiliar o sentido do ouvir, porque os não hãode trazer os curtos de vista para lhes auxiliar o sentido do vêr?....

— Concordo inteiramente comtigo, se bem que dou graças a Deus por vêr optimamente, aliás teria que usar oculos, que só são admissiveis em cara de homem.

Augusto estava para ir a casa da Sr.ª D. Maria Joanna, quando lhe foi entregue um pequeno embrulho, conjunctamente com esta carta:

«Homem curto de vista!»

«Ha muito que vives no mundo ás escuras — su-

«jeito a equivocos desagradaveis e a esbarrar com «alguma esquina. Vamos dar-te um remedio. Por «effeito da nossa intelligencia ficarás apto para vêr as «coisas do seu proprio tamanho e côr — não tomarás «a velhice pela mocidade, nem *vice versa*. — Confia «em nós. Tens a escolher ou viver em trevas ou em «luz. — E hesitas? Não. segue os nossos dictames; «acceita esse par d'oculos, que com elles acceitas «vista, claridade, e ventura.»

VII.

— Minha querida Emilia, a mais bella vista que o seu presente me deixou descobrir foi seu engraçado rosto. — Não tinha idêa de que fosse tão linda; e a Sr.ª D. Maria Joanna póde estar certa que d'aqui em diante a não confundo com pessoas da idade d'aquellas com que a comparei.

— Não seja lisongeiro! O que lhe digo, Sr. Augusto, é que os oculos não lhe ficam mal!

Um mez depois d'este colloquio Augusto dava a mão de esposo a Emilia. — Assim terminam todos os Romances, Farças, e Dramas da modernissima escóla!

(DEMOCRITO).

MYSTERIOS D'UM PALITO.*

PASSADO um anno um honrado trabalhador com sua mulher e um filhinho tinham vindo estabelecer-se na aldêa de*** Era Emilia e Manuel!. . .

. . . .

. . . .

Tenho-me esquecido de te dar conta de mim, leitor ou leitora; póde ser que te não haja causado grande falta..... Não? Pois melhor! Hasde ouvir por força o fim do palito, que é como quasi todos os *fins* das coisas d'este mundo.

V.

Os annos não passam debalde! Soffrendo tantos trabalhos e fadigas — não admira que tambem a velhice me accommettesse. — O brilho da mocidade desapparecêra: aquella côr alva e polida que eu tinha havia-se tornado n'um amarello sujo que inteiramente me desfigurava; os enfeites que adornavam a minha cabeça cahiram, e o meu todo apresentava uma figura cadaverica, feia, hedionda. Ah! que infortunio é a velhice! Olhei para o meu passado para vêr se podia equilibral-o com o presente — que destruia todas as minhas illusões, não pude..... a realidade estava ante meus olhos visivel, ameaçadora..... eu velho! Triste de mim! Um palito velho para que serve?

Tinha sido transportado para casa d'um taful, taful em toda a extensão do termo: sube chamar-se Ernesto, e ser orpham de pae e mãe. Este rapaz vivia como muitos nesta exquisita e quasi sempre insipida Lisboa. — As noites eram gastas nos dois ou tres theatros que possuimos, quando os havia; e os dias, passados parte na repartição, a que Ernesto pertencia, parte no botequim do Terreiro do Paço entre um copo de carapinhada e um charuto. Até aqui não havia nada de extraordinario; porêm Ernesto jogava, tinha cavallo effectivo; andava bem vestido — não era feliz nos amores, por isso despendia grossas sommas; e para tudo isto tinha 20$000 réis d'ordenado — que com a decima e outras bagatellas diminuiam muito mais! Mas d'onde vem a este rapaz dinheiro? Era a pergunta que todos faziam e a que ninguem dava solução. D'onde lhe vem dinheiro, sim, porque o metal não tem privilegio de meia de sêda? Fôra sempre um dos grandes segredos da vida d'Ernesto!

É um trabalho intrincadissimo querer penetrar nos muitos *mysterios* d'este genero que vão pelas grandes cidades, e sobretudo pela nossa. — Homens que passam a existencia deliciosamente sem terem d'onde lhes provenha a mais pequena quantia..... Verdade é que o çapateiro, o alfaiate, queixam-se amargamente, e comtudo sabem que esses individuos vestidos e calçados de graça são um prospecto ambulante das suas obras, uma exposição animada do que ha de melhor em seus armazens, e ainda em cima estes senhores feudaes da thesoira e do tira-pé queixam-se porque não lhes pagam! Forte canalha são os credores!

E aquelles que não devem nada a ninguem e vivem sumptuosamente não se sabe como? *Mysterio* e profundissimo *mysterio!* Pois ha d'essa gente em Lisboa? Oh! se ha!

Ernesto dava um jantar aos seus amigos e..... etc., era um jantar esplendido, onde o *champagne* devia exaltar cabeças de vinte annos e obrigal-as a praticar toda a especie de loucuras: entre os engraçados e brancos palitos que adornavam a mesa coberta de flôres e peças de prata sou introduzido; — quando, singular coincidencia! vejo a meu lado um palito baixo, magro, que tinha sido meu companheiro em tempos venturosos. Imaginae com que alegria não descobri este meu patricio! — Não o pude abraçar, nem beijar, mas manifestei-lhe, quanto cabia nas forças d'um palito, o meu jubilo.

— Adeus, meu caro, quanto folgo encontrar-te: tu meu bom amigo — estás bello, branco, bem conservado.....

— Quem é o senhor?

Esta expressão, fria e calculada como uma demonstração mathematica, offendeu o meu amor proprio — contive-me, fiz um derradeiro esfurço.

— Pois não te lembras que nos demos quasi ao mesmo tempo, não te recordas de Lorvão, nossa cara patria?

— Eu não vivi nunca com besuntões!

Foi então que entrei em mim: elle estava loução, aceado, moço; e eu sujo, velho, — elle pertencia a um homem que gastava rios de dinheiro, e eu ao criado d'esse homem..... Ao vêr que era tão mal tractado não me pude conter que não exclamasse:

— Orgulhoso palito!

E virei-lhe as costas.

Pouco a pouco foram chegando os convidados; as salas encheram-se de gente, e as gargalhadas, os gritos de prazer, as conversas mais animadas — vieram alterar o socego que até então reinára. — Á voz do dono da casa, todos vieram para a mesa; cada um começava a assentar-se, quando Ernesto vendo-me no seu paliteiro de prata, disse para o criado grave:

— João, isto é palito que se ponha na mesa?

João não respondeu, pegou em mim, um tremor involuntario se apossou do meu corpo, apertou-me entre os seus dedos..... ah!. . . . .

. . . .

. . . .

Até aqui chegavam os apontamentos que encontrâmos: é de suppôr que o palito morresse quebrado nos dedos do criado d'Ernesto. — Se assim foi teve um bem prosaico fim! Nem se quer uma lagrima, um suspiro, uma saudade! Ao menos não sejas tão ingrato, leitor ou leitora, seja pela alma do misero e mesquinho palito.

O Editor.

Será verdade, leitor ou leitora, que não acreditaste em coisa alguma do que acabaste de ler? Será verdade que não lhe achaste chiste, ou *espirito*, como dizem os francezes?

Permitta-se-nos pois que para nos desculpar sejamos plagiarios, e digâmos com Frederico Soulié —

Quem és? d'onde vens? Ah! és politico! — Acredito em todas as tuas alicantinas, em todas as tuas mudanças de partido, no teu fingido amor á patria. — És advogado? Acredito que és o protector nato da viuva e do orpham, que serves bem os teus clientes, que não somes alguns autos quando d'isso depender a decisão de demanda pingue? És ricasso capitalista? Acredito que não ganhas-te a tua fortuna á custa das lagrimas dos pobres, que não és usurario, que não dilapidas o que pódes! És jornalista? Acredito que não tens consciencia elastica, que te não vendes a tanto por linha! És deputado? Acredito que advogas o interesse dos povos por amor do bem do paiz, e não pelo ganho que te dá a nação para fallar como papagaio real!

Acredito, acredito tudo.

E a senhora que idade tem? Dezeseis annos! — Ah! então creio que não lê romances, nem jornaes! — Quarenta? Creio que não tem pertenções a rapariga, e que só cuida do interesse da sua casa! — É solteira? Ah! tambem creio que não namora, que não escreve cartas d'amores, que não falla á meia noite ao elegante mancebo que teimoso apanha frios e chuvas para a ouvir dizer duas semsaborias e meia! É cazada? Creio que se comporta muito bem, que é com as melhores tenções do mundo que frequenta os bailes e assembléas..... Ora por tanta condescendencia mereço alguma contemplação; crê o que leste, e ficaremos todos satisfeitos, em boa paz, e harmonia.

Isto sirva para a primeira parte: em quanto á segunda — *de falta de espirito*, não sei que lhes faça. — Li não sei aonde que o talento era solido e vividoiro, o genio immortal, e o espirito ephemero; nascia, brilhava e morria — podia appellidar-se a mariposa da intelligencia. — Se nada d'isto tenho, a culpa não é minha: mas nem por isso heide deixar de rir-me do que vae por esse mundo, continuando a assignar-me

(DEMOCRITO).

* Conclusão de pag. 95.

ANECDOTA.

Coragem feminil. — Nos horrorosos tempos da revolução franceza, sobresahiu o amor da familia e de humanidade: citemos um exemplo, e do sexo mais fragil. — M.me Lefort tinha seu marido prêso sob o pretexto de *conspirador;* conseguiu vê-lo; entrou na prisão, e permutando os vestidos o prêso sahiu, ou fosse engano ou compra dos guardas. Quando o agente revolucionario, no dia seguinte, quiz interrogar a victima, achou-a representada por uma debil mulher, e bradou-lhe: — Desgraçada, que fizeste? — A minha obrigação; agora cumpre a tua. — A esta resolução e grandeza d'animo deveu-se escaparem d'esta vez duas victimas do systema sanguinario da época.

ENIGMAS PITTORESCOS.

EXPLICAÇÃO DO ENIGMA DA FOLHA ANTECEDENTE.

O homem que tira a mascara nada receia.



☞ *Os Srs. assignantes que subscreveram até o 6.º n.º d'este Jornal, e que pertendem continuar, queiram renovar a assignatura no decurso do presente mez, para não soffrerem interrupção na entrega das folhas.*

SUMMARIO.

HESDIN-NOREDIN. *

Depois de haver dirigido uma e muitas vezes agradecimentos a Zobeida, Hesdin sentiu novamente o tormento da fome; e assim que entrou a cuidar em como a poderia saciar, a ave, que lhe fôra emprestada, tomou o vôo por entre as moitas até uma espessura de loureiros; o nosso heroe, seguindo-a, ahi encontrou dois romeiros que sentados quinhoavam a sua refeição á camponeza, mas farta; expoz-lhes a sua mingua e logo o convidaram a participar da collação, offerecimento acceito com a melhor vontade — «O ceu é testemunha (disse depois o favorecido) de agora vos dever a vida; mas é tão intensa a minha desventura que só posso retribuir com esteril gratidão? Quanto me seria aprazivel poder recompensar com algum bom serviço para vos mostrar que não sou ingrato!» — N'isto a ave, arremeçando-se para detraz dos peregrinos, dava gritos agudos: avançava sobre elles pela calada uma serpente enorme; mal tiveram tempo para fugir. — Hesdin, a risco de vida, arremeteu com o perigoso reptil, e com o bordão, a golpes amiudados e rapidos, o partiu em dois troços: deram graças a seu libertador os dois estrangeiros, e partiram agradados da boa presença, agradavel prática, e valor do encontradiço, e não menos da maravilhosa sagacidade d'aquella ave singular. Esta, fiel companheira, guiou Hesdin a uma gruta, onde passaram a noite sobre cama de folhas sêccas. — No dia seguinte, o nosso vagabundo, ergueu-se invocando a protecção do propheta, supplicando-lhe auxilio para restabelecer a sua fortuna e esconjurar seu negro fado. — Parecia que a ave escutava e comprehendia estas deprecações: voando da caverna, pouco tempo andou fóra e voltou com um ramo no bico, de folhas brandas, aveludadas e de fragrancia que simultaneamente cheirava a morangos e a laranja. Hesdin, estimulado da sêde, não hesitou em o tomar e levar á bôcca: era de sabor exquisito; mas, apenas o havia engolido, sentiu confundir-se-lhe o pensamento, atordoar-se o espirito, acanhar-se a memoria: intentou seguir o fio de suas reflexões, porêm com muito custo e vagar ajuntava as idêas; quiz fallar á avesinha, mas quanto lhe disse era trivial. Os esforços que fazia para comprehender e explicar-se eram novos para elle, depressa o fatigaram, e deixou-se adormecer com o espirito agrilhoado. Pouco o inquietou esse estado, que julgou passageiro, como a embriaguez; comtudo enganava-se; já nesse momento a sua razão estava bastante limitada, para elle se entregar a uma serie de meditações sobre tão estupenda aventura. Hesdin comêra do lotos, a planta do esquecimento, que só os genios conhecem; mas como a dóse era fraca, não perdeu de todo o sizo e a memoria; e ainda lhe pungiam o coração seus amores e maguas. — Sem cessar, no meio do seu desalento, chamava por Zobeida, e posto que não sabia o que lhe diria, cuidava em achar modo para ser amado; e o seu engenho, outr'ora tão fecundo em expedientes, nenhum lhe ministrava agora. — Ave celeste! — bradou — animado rubim que fulguras e cantas, não me ajudarás a conquistar a tua angelica se-



ZOBEIDA.

nhora? — N'esta explosão poetica, seu requerimento foi ouvido; a formosa ave inclinou meigamente a crista para o rosto de Hesdin, e c'o a ponta do bico... estourou-lhe um olho. Á violencia da intensa dôr, Hesdin gritou e desmaiou. Recobrados os sentidos, o seu primeiro impulso foi estrangular o perfido animal; mas não póde porque o volatil lhe furtava as voltas, avoejando com milagrosa presteza: desesperando de o colher ás mãos foi lavar sua ferida a um regato, que perto d'alli sussurrava, e inclinado para a corrente divisou a sua imagem. Que mudança! Todas as feições haviam perdido a sua encantadora harmonia; e posto que a belleza permanecesse n'um lado do semblante, no outro todas estavam desfiguradas, e viu-se obrigado a conhecer que o olho mais formoso não póde, para agradar, passar sem o seu companheiro. E como disfarçar em parte esta desgraça, se ainda não havia oculos?.. Não tinha outro remedio senão apparecer assim. Este pensamento o releve na solidão: no emtanto corria o tempo; e elle promettêra restituir a ave a sua dona no termo de oito dias; e apesar da pouca vantagem que do emprestimo tirára, julgou-se obrigado pela palavra; antes de raiar a manhã poz-se vagarosamente a caminho de Baçorá. — Apenas entrado na cidade reconheceu o quanto as paixões dos humanos são frageis, e os seus corações mudaveis como as ondas do mar: as mulheres, vendo-o agora, em vez de lastima-lo, como no dia em que partíra, passavam dizendo com desdem: — Ah o Sr. Hesdin perdeu um olho, foi pena!» — E depois voltavam a cara, em vez de o seguirem com a vista, como n'outro tempo. — Por outra parte os homens se chegavam a elle com certa compaixão orgulhosa: — «Sois vós, Sr. Hesdin; que genio invejoso e cruel mutilou a obra prima da natureza?...» — A estes e a todos os motejos não redarguia Hesdin, antes respondia com brandura tão melancholica que todos o deixavam sem o aborrecerem. Assim foi até o lumiar da porta do emir: as duas primas já o esperavam. A filha de Mobarec, ao vê-lo, recuou um tanto, mas protestou-lhe eterna amizade, e com um pretexto frivolo retirou-se: ficando só Hesdin com Zobeida, restituiu a ave fatal, agradecendo áquella a sua bondade, e deplorando o accidente funesto que ainda mais os separava: fallou com sincera humildade, sem a agudeza e vivacidade antiga; não procurou brilhar, e de certo o não conseguiria; Zobeida, tirando partido da situação d'aquelle talento offuscado, fez resplandecer o seu talento, o que a deixou algum tanto satisfeita. A final quando o desventurado se despediu d'ella, com immensa desesperação porque se despedia de toda a felicidade terrena, exprimiu com um accento de verdade, tão mavioso e do intimo do peito, o pensamento de que levaria em sua alma a imagem querida de Zobeida e que nella scismaria até o fim de seus dias, como n'um sonho de fadas e genios; descobriu por tal fórma o seu coração, que a bella Zobeida sentiu abrandar-se o seu orgulho, d'ora em diante sem rival e sem designio: dignou-se até estender-lhe a mão, que Hesdin beijou e inundou de lagrimas. Este favor, que elle outr'ora reputaria insignificante, lhe causou um transporte de alegria, que não póde explicar, e que o seu silencio e confusão significaram melhor que a mais subida eloquencia. — Ao retirar-se, a sobrinha do emir permittiu-lhe vir procurar na companhia d'ella as gratas consolações da amizade, accrescentando que era sua obrigação suavisar penas, de que fôra innocente causa.

* Conclusão de pag. 99.

Entretanto corrêra a noticia de que o filho de Abú-Aidú estava sem um olho, o que muito o desfeiava, e que com a luz dos olhos se desvanecêra a de seu agudo entendimento; phenomeno que os medicos desembaraçadamente explicaram logo, por um modo que ninguem os entendia. O facto era extraordinario; e toda a gente de Baçorá quiz vêr Hesdin, parte por curiosidade, e parte por sentimento vingativo. Os senhores poderosos o mandaram procurar; e apparecia tão modesto, e admirava-se tanto de que se dignassem trata-lo ainda com indulgencia, a qual recebia com fervorosa gratidão, que os cortesãos, lisongeada a sua vaidade, interessaram-se por elle: até o grão-visir Giafar resolveu chama-lo a si, dando-lhe um emprego subalterno, mas lucrativo. O imperante, Zêyn-Alasnam, que era de bom natural, despreoccupado de suspeitas, não temendo o pobre cocles submisso e mediocre, fez justiça á probidade d'Hesdin e o presenteou com liberalidade. Finalmente, Zobeida, que queria ser amada sinceramente, de dia para dia se esquecia de que Hesdin só tinha um olho para vê-la; habituava-se a uma fatalidade, a despeito da qual ainda Hesdin era um dos bellos cavalleiros da Persia pela elegancia do porte e agrado de suas maneiras.

— «Será possivel (exclamava Hesdin com admiração ingenua), que o meu talento, que abatia todos os rivaes, a minha belleza, que me deu tantas conquistas, não servissem senão para a minha ruina; e que só depois de haver perdido esses dotes transcendentes é que tudo me vae bem. Singular capricho da sorte!..» —

Hesdin conservou humildade e aquella desconfiança de nós mesmos, que nos concilia a benevolencia dos outros. Como não fazia sombra aos magnatas, vangloriavam-se de o proteger e de representar o papel de protectores; e por este meio adquiriu cargos e fazenda. — Viu Zobeida que Hesdin continuava em sua paixão respeitosa e fiel, e segura e penhorada de sua constancia consentiu que a pedisse ao emir seu tio. D'ahi a dias, veio o cadi, lavrou-se o contracto, e o iman abençoou o matrimonio.

Na tarde de tão feliz união, foi Hesdin, segundo costumava, encerrar-se na mesquita para orar e meditar nas alternativas do destino e nos mysterios da Providencia; e viu apparecer um derviz, de barba côr da prata, que o contemplou com ar grave, e lhe disse: — «Dá graças ao propheta, que te livrou dos funestos dons, com que a vaidade te sobrecarregára. Lembra-te que a formosura é uma vantagem, que para se gozar sem damno é mister não provocar invejas; e que o talento, desacompanhado da prudencia, é instrumento de perdição. Escravo de teus frageis attractivos cerraste o coração a sentimentos verdadeiros; alvo dos caprichos do teu engenho, abafaste o sizo e a tolerancia que persuadem e captivam os animos. Nada mais funesto que a pertenção a qualidades desproporcionadas á condição de cada um. Seja o teu exterior conforme á tua situação; procura agradar e não offuscar; não te esqueça que se pagam caros os triumphos do amor-proprio, e que os poderosos raro procuram o que são obrigados a admirar. É preciso saber condescender com as preoccupações bem como com as fraquezas da humanidade, para ser bemquisto. Eu, que te estou fallando, não tive a prevenção, para que te dignasses escutar-me, de tomar o aspecto, a barba branca, e o barrete ponteagudo de um derviz ancião?.. A minha lição te pareceria vã, sahida da bôca de um mancebo. E comtudo fui eu que, presidindo ao teu nascimento, te adornei, a instancias de teu pae, com esses dotes, cujos imprudentes resultados eu bem antevia: mas Abú-Aidú me tinha extorquido a promessa de satisfazer a sua petição antes de ouvi-la.» —

N'isto o genio, arremeçando a barba postiça, o barrete e o turbante, mostrou-se na figura de um adolescente, todo radiante de luz purissima; despregou as azas fulgentes e desappareceu, deixando um rasto esplendido e odorifero.

Hesdin, ensinado pela experiencia, soube esquivar-se a invejosos e lisongeiros: foi modesto porque aprendêra a conhecer-se; foi bondoso porque experimentára infortunios; foi ditoso porque era cordato; e finalmente foi estimado de todos porque deixou de ser presumpçoso.[1]

***

HISTORIA E LITTERATURA.[*]

Tal foi o Cid. Na edade em que elle floreceu a virtude era aspera como os tempos, e dura como o ferro das lanças. A vingança era nobre como o sangue dos heroes, e hereditaria como o brazão das familias. Ao que hoje chamâmos *roubos*, chamavam então *proezas*. E o castellão altivo não se pejava de desvalijar o mercador e o viandante seus correligionarios e compatricios, quanto mais saquear a terra e a casa do estrangeiro, inimigo declarado do nome christão. Por esta craveira é que o campeador castelhano do seculo 11 deve ser medido; não pela craveira moral do seculo 19.

N'essa época tão positiva, n'essa edade de affirmação, em que o christianismo dava um impulso vigorosissimo á familia europea, era força que o Cid fosse eminentemente religioso, e que chamado pela actividade do seu alto espirito a representar um grande papel, cresse nos recursos proprios com aquella fé violenta e desesperada, sem a qual não é possivel obrar grandes coisas nos dois grandes theatros da politica e da guerra, onde o entendimento e a acção hãode despregar o ultimo de potencia. Mas se a fé na superioridade propria é uma das condições indispensaveis ao grande homem, a outra condição é amoldar-se elle com os habitos, as crenças, e as necessidades dos homens ordinarios do seu tempo. Amoldou-se o Cid, e por isso sympathisaram com o guerreiro os castelhanos, á imitação d'aquelles Alanos antigos que adoravam uma espada núa. A sympathia, e admiração passaram de Castella ás outras provincias da Hespanha, irmanadas todas ellas pela unidade de culto e de interesses politicos, pelo odio aos conquistadores, e esperança do resgate; e o Cid foi a synthese sentimental onde foram agrupar-se todas as memorias da cavallaria, todas as inspirações dos poetas, todas as lembranças saudosas da raça opprimida, e todas as ficções dos romancistas e legendarios.

Quanto ao poema do Cid, d'onde extrahimos uma pequena parte d'esta succinta biographia, ha n'elle a ponderar duas coisas: a importancia historica, e a indole litteraria.

Pelo que toca á primeira: é hoje averiguado que o poema foi composto pelo meiado do seculo 12, quasi cincoenta annos depois do fallecimento do heroe. Estando ainda tão fresca a memoria dos seus feitos, deviam estes chegar ao poeta sem alteração notavel, e a ingenuidade com que os refere acredita-os de verdadeiros, com mui leves excepções. Accresce á importancia d'este monumento não existir nenhuma historia ou escripto ácerca do Cid que seja anterior a elle, porque até a denominada *Chronica do Cid*, sobre faltarem-lhe os distinctivos de veracidade que apparecem no poema, conduz-nos a inferir que se escreveu pelos fins do seculo 13, ou acaso no seguinte, muito posterior áquelle. Tambem o poema é interessante quando nos representa os costumes d'aquelles tempos remotos, a maneira de exprimir-se d'aquelles homens antigos, e até para o conhecimento da topographia de Hespanha, e dos nomes de muitos logares e terras que correm desfigurados, offerece sua utilidade; segundo mais por extenso se póde vêr em a nova edição das poesias castelhanas anteriores ao seculo 15, ordenada por Ochoa. Ahi mesmo se acham as provas de que o poema não foi, como alguem affirmou, nem podia ser, composição de Berceo, — outro poeta d'aquella collecção.

No que toca á indole litteraria do poema: pela acção e pelo metro vê-se que é epico. Os versos não são soltos; mas a rhyma é irregular, porque nem se guarda numero fixo e determinado de syllabas, nem regra certa de assoantes nem consoantes. Mas que desaffectação, que sinceridade, que chaneza! Se vos aprazem vôos de alta poesia, descripções abundando de imagens, similes ataviados de mithologia, rasgos que brilhem pela linguagem ou pelo conceito, ide busca-los a outra musa, que aqui encontrareis sómente um homem que vos conta com lisura e até com rusticidade a historia do seu heroe, do qual, mesmo por entre a singeleza da narração, bem se vê que é devoto, e ainda enthusiasta. É um amigo que está conversando comvosco sem nenhum refolho, e que vos abre o seu peito; e a epopea a extranharieis assim pelo trajo que é descortezão, e a falta do cothurno, se não fôra a narração de que toda vae tecida. Mas quando o A. tem presente a maxima de Simonides — *que a poesia é uma pintura que falla* — as suas descripções são animadas, sobretudo em uma ou duas arremettidas de combate, onde ha passos que fazem lembrar alguns logares parallelos dos Lusiadas, e que por brevidade omitto.

O poema do Cid póde considerar-se não só como o monumento mais antigo da poesia castelhana, mas ainda da lingua hespanhola; porque não consta até hoje de escripto em nenhum dos differentes dialectos, que se fallavam em Hespanha, que não seja posterior a elle. Tambem póde chamar-se, como lhe chamâmos, o mais antigo monumento da litteratura hespãnhola, *composto na lingua nativa;* porque n'esta lingua não existe outro nem anterior nem contemporaneo. Existem, na verdade, differentes desde o seculo 8 até á data do poema do Cid; mas todos elles em latim. É natural, não ha duvida, se compozessem muito anteriores a este outros poemas no dialecto gallego, proprio dos povos que habitavam as montanhas das Asturias onde nasceu e se formou a monarchia e sociedade hespanhola: d'elles porêm nenhuns vestigios se tem encontrado até agora.

Pela primacia que lhe pertence, fica o poema do Cid sendo um excellente thema para a historia e estudo não só do dialecto castelhano, mas de quantos dialectos tem parentesco com elle; e examinado, acha-se que é composto de palavras de differentes linguas, por esta ordem: latim genuino, e baixa latinidade, arabigo, francez antigo e lemosino.

O latim predomina no poema: conhece-se que muitas vozes começavam então a formar-se d'esta lingua: algumas se deparam que são inteiramente latinas. O castelhano balbuciava ainda.

A. DE O. MARRECA.

ATTENTADO HORRIVEL,

QUE FAZ MORRER..... DE RISO.

Depois da colera-morbus e da *polka* nada existe com que eu embirre tanto como a curiosidade. — Lisboa, uma cidade grande, deveria ser isempta d'este flagello, todavia não é assim. Ha uma vontade de indagar o que se passa, que faz nojo; qualquer successo

[1] Extrahido do Musée des Familles. — Auctor Mr. Wey.

[*] Conclusão de pag. 98.

por mais insignificante, qualquer disputa por mais ridicula — anda de bocca em bocca, e dentro d'uma hora está divulgada por todos os cantos e recantos da cidade! — Maldita curiosidade! Ora se Lisboa é assim, o que farão as outras cidades mais pequenas! — Sabe-se a que hora janta o visinho, a que horas ceia, o que tem para o jantar, quando se deita, quando se levanta, o que faz, o que deixa de fazer..... Santo Deus, é para enlouquecer! Assim como os nossos legisladores puniram os mexeriqueiros, porque haverão sido exceptuados os curiosos? [1]

É um caso de curiosidade que vamos tractar, acontecido, segundo nos diz a chronica, n'uma pequena villa não muito distante de Lisboa.

Marçal José era carpinteiro de machado na villa de ** Contrahiu de tenra idade os laços do matrimonio com uma padeira, mulher gorda e vermelha em excesso, a quem davam o nome da *tia Anna*. — D'esta união nascêra uma filha, bella como o nome que tinha: chamava-se Rosa. — Ha com effeito d'estes disparates em a natureza. Lembro-me d'ouvir queixar Paulo de Kock de similhantes desarranjos; por exemplo, não vemos de paes lindissimos nascerem filhas feias, homens honrados terem filhos ladrões, e *vice versa?* Não vêmos velhacos da quinta essencia andarem abastados, ao passo que os virtuosos e probos jazem na maior miseria? E a causa d'isto ninguem a sabe! Dava-se um d'estes absurdos para com o Sr. Marçal e a *tia Anna*, sendo dois horrendos bichos, dignos de figurar com distincção em qualquer museu — haviam produzido uma bonita filha, delicada, bem feita, que passava por a rapariga mais guapa da terra.

Será tempo de dizer que a *tia Anna* era a mulher mais curiosa que tem existido; tudo quanto se passava na villa e seu termo costumava ser fielmente apresentado e discutido em casa das visinhas, e depois de bem debatido, bem desfiado, resolvia cada um o que lhe parecia, e tomava a posição que lhe competia.

Estamos a 30 de Julho do anno de 1843, um cavallo pára á porta da *tia Anna*, e já se sabe vem montado por um esbelto cavalleiro, que pede o encaminhem para a estalagem mais proxima: a mais proxima e a unica que possue a villa fica situada sobre a margem do rio; é famigerada pelos frangos ensopados, e pelas pulgas. — Para ahi se dirige o cavalleiro.

Imaginem a curiosidade da *tia Anna*, e das visinhas, a furia com que se apresentam ás janellas trinta cabeças desgadelhadas, porque em geral nas pequenas villas de Portugal o aceio quasi que está proscripto; apenas as mulheres ou homens que tem estado em Lisboa cuidam de si: exactamente o que succedia a Rosa. Educada na *Côrte*, como dizem os provincianos, herdára alguma cousa das maneiras polidas das lisboetas. Punha collete de barbas, trazia canudos, e sempre que podia misturava na conversação estas palavras: «Quando eu estive em Lisboa.....» Tudo isto lhe merecêra o epitheto da — *Fidalga*. — Proseguindo porém com a nossa narração — tinhamos ficado quando o estrangeiro parou á porta da estalagem. — Como dissemos a *tia Anna* e toda a visinhança estavam a la mira, tendo já destacado algumas patrulhas para sondarem o arrieiro. — O mais que poderam colher foi chamar-se o recemchegado Arcadio Bombastico, demorar-se alli alguns dias á espera de duas outras pessoas, e depois seguir viagem. — Estas informações consolavam, mas não satisfaziam de todo a curiosidade da *tia Anna*.

Haveria 24 horas que o Sr. Arcadio Bombastico tinha chegado á villa de **, e já se sabia que se levantava ás 7, que almoçava ás 9, jantava ás 3, levava algumas horas a escrever, dava um pequeno passeio, e ás 10 mettia-se na cama, dormindo provavelmente um profundo somno. — No dia immediato houve larga discussão presidida pelo decano das curiosas, a *tia Anna*. O resultado foi concordar-se n'um ponto commum. — Arcadio dava suspeitas pela regularidade do seu comportamento, a cara indicava mau homem, e alguem o tinha visto amolando um canivete..... esta ultima circumstancia era aggravante!

Succederam dias após dias, e Arcadio não mudava de vida. Não ha que duvidar..... tinha más tenções!

Uma manhã a *tia Anna* entrou na loja, vio uma carta que tinha no sobrescripto — Illmo Sr. Arcadio Bombastico, homem de letras. —

— Que será? exclamou a roliça padeira. — Aqui ha coisa! Olé se a ha!....

E partio mais veloz do que uma seta com a carta na mão a consultar as visinhas. Ambas estavam fiando, mas as rocas cahiram-lhe da cinta ao verem o acontecimento extraordinario que trazia á sua presença a *tia Anna*. Fizeram um circulo e abriu-se a sessão.

[1] A Ord. Liv. 5.° Tit. 85 applica aos mexeriqueiros penas sevéras.

— Que lhes parece, disse a padeira tomando a palavra, abrimos a carta?

— Ai não! bradaram as duas visinhas em côro de soprano esganiçado.

— Têem razão, tornou a padeira, podemos conseguir o mesmo effeito espreitando para dentro, e desmanchando-lhe apenas uma das dobras.

— Sim, sim, disseram outra vez em côro as visinhas.

Estes *sins* equivaliam a um *apoiado legislativo*.

A *tia Anna* tomou *a iniciativa*, pôz mãos á obra. — Algumas horas levou a soletrar, e por fim cahiu-lhe a carta da mão, exclamando:

— Ai! que malvado!....

— Que é?.... retrucaram assustadas as visinhas.

— Oiçam, oiçam: «Amanhã devo ahi chegar, e «então combinaremos no melhor desfecho, se bem «que não approvo de modo algum envenenares a tua «mu.....lher.....»

— Credo!.... disse uma das ouvintes.

— Minha benta Santa Maria Magdalena!.... acudiu a outra.

— Por isso elle disse ao estalajadeiro que amanhã esperava um homem e uma mulher a jantar..... monstro! Envenenar sua mulher!.....

— Que attentado!

— É horrivel!

— Nós não dissémos, acudio cheia d'um santo enthusiasmo a padeira, alli ha o quer que seja..... ninguem amola um canivete sem mais nem mais.....

— Aquella carinha não engana!....

— E o nome é de quem tem parte com o diabo.....

— O que nos cumpre fazer, interrompeu a padeira, é dar parte ao administrador..... adeus, queridas visinhas, se virem o moço da estalagem deem-lhe essa carta para aquelle desalmado; eu nem lhe quero pegar..... Envenenar sua mulher!

— Envenenar sua mulher!

Foram as ultimas palavras que bem como um echo, acompanharam até á porta a *tia Anna*.

Chegada a casa participou o crime a seu marido, a sua filha, a todos, e o boçal carpinteiro sem demora partiu a pedir ao administrador do concelho uma entrevista á noite. — A *tia Anna* ficava-lhe uma pena no coração — n'essa noite devia achar-se n'um casal distante da villa por causa d'umas farinhas, que no outro dia seriam transportadas para a fabrica: não podia assistir á entrevista de seu marido e do administrador!

É noite. O lugar destinado para a revelação do crime fôra a cosinha. Rosa está cosendo junto ao lume, o Sr. Marçal com as pernas encruzadas expõe o acontecido, e o administrador, recostado n'uma cadeira d'espalda antiga, ouve com toda a dignidade judicial o horrivel attentado que tem a julgar. Marçal terminou, o administrador abriu muito os olhos, citou a Novissima Reforma Judiciaria sete vezes, olhou para Rosa e concluiu:

— Descance, Sr. Marçal, a justiça ha de andar vigilante..... amanhã o culpado será preso..... se resistir..... ai d'elle!



E n'isto mostrava o punho esquerdo cerrado em signal de respeito.

Chegára o momento critico; Arcadio, um sogeito de meia idade, e uma joven, sentados á mesa, aguardavam pela sôpa, quando entrou pela porta do fundo o estalajadeiro de terrina na mão. Occultos estavam a *tia Anna*, o Sr. Marçal José, e o administrador do concelho.

A sôpa foi lançada nos pratos, e a *tia Anna*, ao espreitar a senhora que primeiro foi servida, disse para seu marido: — Forte dôr de coração..... não tem mais de dezoito annos! Tenho cá uma idêa que tudo aquillo são ciumes!

N'este momento a senhora levou aos beiços uma colher de sôpa. A *tia Anna* não se póde conter, entrou pela casa dentro, seguida dos outros personagens.

— Não côma, não côma, bradou ella, a sôpa está envenenada!....

Todos se ergueram da mesa em confusão, o administrador julgou a proposito tomar a palavra:

— Senhora, disse elle dirigindo-se para a pobre menina estupefacta, louvo a Deus ter-me feito o instrumento da vossa salvação — a justiça póde impedir um crime nefando, a vossa vida corre perigo.....

O administrador parou por falta de tres coisas — falta de palavras, de respiração e de idêas.

— A minha vida em perigo! exclamou assustada a victima do attentado horrivel.

— Revestido da authoridade que me concede o Codigo Administrativo no Tit. 1.° Cap. 1.° Art. 4.°, proseguiu o administrador — não posso deixar de attender ao grande principio dos mais illustrados publicistas — *salus populi suprema lex est*, e por isso firme em tão santa doutrina cumpre-me fazer o meu dever. — Se bem que pela Lei Fundamental no Tit. 8.° § 25.° o segredo das cartas é inviolavel, todavia no presente caso merece absolvição pelo proficuo resultado que se colheu.....

Depois de tão *sabia* oração, o administrador passou a relatar como a *tia Anna* pela sua curiosidade tinha sido levada a ler a carta d'Arcadio, e terminou:

— O crime de que se trata, não é novo, desgraçadamente o nosso concelho já tem capturado réos em identicas circumstancias! É um crime que pertence, segundo a Novissima Reforma Judiciaria Tit. 21.° Cap. 1.° Art. 854 § unico — ao genero dos *publicos*..... O corpo de delicto foi essa carta, onde se continham estas abominandas palavras:.....«Não ap«provo de modo algum o envenenares tua mulher.....» Que mais quereis?.... A minha posição é triste; bem o disse o grande Bocage.

Das leis se cumpre a salutar dureza.

Não posso perdoar..... Estaes prêso, cidadão Arcadio.»

A resposta a tão *eloquentissima* prelecção juridica, que o administrador cuidadosamente decorára; e que para a concluir se engasgára mais d'uma vez — foi uma estrondosa gargalhada. — O riso é contagioso; em breve todos estavam a rir.

— Que é isso, senhores, desacataes a authoridade? gritava o administrador batendo de raiva com o pé no chão.

— Eu vou explicar o equivoco, interrompeu Arcadio — Abandonei Lisboa por algum tempo para ir viver n'uma quinta que possuo na provincia, a fim de gozar do socego do campo para completar o ultimo Acto d'um meu drama que intitulei = Minha mulher = ora eu pertendia envenenar a heroina, porém meu irmão, que alli vêdes, é d'outra opinião. — Acolá está minha sobrinha; eu sou litterato; ámanhã deixâmos esta terra para seguir viagem para o nosso destino.

Todos os actores d'esta farça ficaram mudos, e apenas o administrador proferiu tres ou quatro sandices contra a immoralidade dos theatros.

— A sôpa está fria, porém a nossa patrôa é eminente nos frangos assados e se o Sr. administrador me quizer fazer a honra de participar d'elles — honrar-me-hei sobremaneira..... Depois ler-lhe-hei o meu drama, que foi causa de tão singular evento.....

O estomago judicial do administrador digeria mais facilmente frangos do que dramas. Acceitou o convite fiado nos primeiros e não nos segundos.

Em quanto a *tia Anna* e seu caro consorte é natural que se retirassem inteiramente *desappontados*.

Ultimamente não temos tido noticias d'este par ditoso; logo que cheguem — podem os leitores ficar descançados que seremos ponctuaes em lhas communicar.

(DEMOCRITO).

A POESIA E A HISTORIA.

III.

Com o Christianismo surgiu outra época para o mundo. — A fraternidade, a paz, a mansidão, deu-as o evangelho de Deus á luz da terra para que propagassem e florissem em toda a sua superficie. Regou-as o sangue dos martyres no solo da escravidão, algemas e grilhões as embara-

çaram, com tractos e tyrannias as perseguiram; mas como filhas que eram do divino mestre, foi tamanho o seu triumpho quão longa houvera sido a sua lucta. Admiravel espectaculo! — A crença pacifica de Christo, a lei do manso cordeiro, a arvore que lá no futuro dará sombra amenissima ás gerações, planta-se em terra vermelha de sangue, cresce no meio do bradar blasphemo de algozes, do ranger d'ossos que se quebram e desconjunctam — das pragas ferozes dos perseguidores, e do orar doloroso e veneravel dos perseguidos! As crenças velhas, que á vista da excellencia d'esta nova, se tinham — e com razão — por vergonhosamente depreciadas, advinharam a infallivel quéda: revoltam-se, e de todos os lados se erguem para verem se podem crestar com o fogo, ou decepar com o ferro aquella arvore já robusta e florescente: seguro porêm era o tronco e profundas as raizes. Por cada flôr que lhe cahe desabrocham novas flôres, e em vez de lhe fazerem mingua os ramos cortados e deixados ao desprezo dos homens no chão do martyrio, rebentam outros, com mais força e melhor seiva, como se para a arvore prosperar fosse necessario desbastal-a assim. — E que poesia n'esta guerra de crenças, que poesia infinita! Haverá no mundo alguma cousa que se assemelhe á fé ardente dos apostolos — ao animo incomparavel dos martyres? Imaginae o velho venerando que vae de porta em porta pedir que lhe esmollem o pão da caridade, ao passo que elle reparte da palavra do céu — imaginae aquellas cabeças patriarchaes, como vol-as representa agora a phantasia, resplendecendo de engenho e sapiencia, alvejantes e magestosas, caminhando descubertas por baixo dos ardores e das tempestades, dobrando-se para entrar na choupana do pobre, e alegrar o tecto de colmo com as suas consolações; erguendo-se austeramente nos paços dos grandes para bradar contra as prevaricações, as dissoluções, e o mau viver de seus senhores, recebendo, por uma benção aqui, mil despresos acolá, e bemdizendo sempre ao Deus grande que os inspirava e os conduzia. — Imaginae o mancebo na edade da duvida e quasi do descrêr; a donzella que parece nem ter alentos para lastimar-se; o ancião decrepito quando costuma apegar-se á existencia com todo o resto das suas forças, e mais amorosamente se aquece ao sol da vida; a mãe que deixa orphão um filho, a irmã que se aparta do irmão, a esposa, a amante, e todos, todos a quem os laços da affeição assim prendem e arrastam — imaginae-os valentes de coração, fortes, pelo santo amor que lá dentro lhes arde nos rijos peitos, vencendo, não as dores do corpo e o physico padecer, que esse não julgamos nós o seu mais intoleravel tormento, mas superando esses horrendos transes da alma a partir-se na extrema despedida..... Que poderiamos dizer mais? — Presuma-o quem já soube o que é affecto e apartamento — saudade e amor — gelos da morte ao pé dos fachos da vida.

Pelos campos d'esta immensa e inimitavel poesia vemos dilatar-se a nova crença de Christo. Vemos tambem da sublime religião do Homem-Deus nascerem ameudados os mais graves lances d'esse poetico — e egualmente novo — modo de sentir e obrar. — Eil-as pois ainda aqui, e mais que tudo aqui, a religião, socia da poesia; e tam socia, e tam uma, que não ha saber-se qual d'ellas é a primogenita.

Caminhemos.

Com o andar dos tempos o dominio da intelligencia alargara-se pelo mundo. O paganismo não podia já, por tanto, vingar. As que ao principio tinham sido formulas da sciencia, fizeram-se depois adulteradas, absurdos, e repugnantes mysterios de religião. Perdeu-se a primitiva simplicidade. — Em vez das brandas maximas de *Orpheo*, que parecia querer rasgar o futuro dando o amor como base e origem de todas as cousas; appareceram as desinvolturas hediondas das bachantes. Bem que o Povo Romano, o quasi universal legislador, retratado por si mesmo nos comicios e no circo, applaudisse phrenetico, e se apegasse com o natural instincto de embriagado a essa commoda religião que assim lhe sagrava os mais nefandos prazeres, crescia todavia o desprezo em que havia cahido essa crença arrastada, por ventura espesinhada na poeira do fôro, zombada e escarnecida no triclinio e na taberna. A depravação geral, o commercio do sacerdocio, e a sanha dos tyrannos, fazia, por tanto, guerra exterminadora á moderna religião. Os seus preceitos suavissimos, as suas consolações, e a estranha mansidão, alegria, affectos, e simplesa do seu codigo, conquistaram porêm d'uma vez e para sempre todos os descontentes ou illudidos — todos os que viam ou viram a voragem aberta aos pés do povo rei. — Os abusos e perversos enredos da Republica tinham disposto Roma para o Imperio. — O abatimento, as atrocidades, os vilipendios da antiga crença prepararam-na para o Christianismo.

Passemos porêm rapidamente por esse periodo de infancia religiosa — talvez o mais formoso, como toda a infancia — e consideremos Roma já de todo christã empunhando o sceptro espiritual, como já empunhava o temporal. Não estranheis que citemos aqui somente uma cidade e um povo. — Povo e cidade eram taes então, que fallar d'elles era fallar do mundo inteiro. Deixemos a inundação dos barbaros do norte que veio talvez actuar sobre o caracter physico, como o Evangelho modificára a indole moral. Teve o effeito d'uma onda, e como onda era precisa, para lavar e purificar o mundo moderno de tudo o que do antigo lhe ficára. — Eclipsaram-se artes e sciencias, mas não abandonou a poesia aquella sua fiel e antiga companheira — a religião, que era tambem a historia.

Organisa-se pouco a pouco a sociedade n'este novo periodo da geral existencia. A aspereza dos invasores necessaria para apagarem com o attrito violento todos os vestigios perniciosos do passado, é successivamente modificada e por assim dizer dulcificada pela influencia da poesia e da religião que juntas sobrenadam n'aquelle segundo diluvio. — A mesclada familia europea estranha n'aquelle terreno, tenteando pelas trevas, não acerta caminho. Lá lhe vislumbra porêm da Asia a luz de que precisa. — E quem lha indica? Quem vae accender-lhe o extincto facho áquella tam distante luz?

A poesia — a historia conservada na religião! Inflamma a religião as almas dos valentes, offerecendo-lhes a gloria de libertar o tumulo do universal libertador, morto por elles de morte afrontosa na cruz das infamias — e gloria tamanha devora em pouco desejos e vontades. — Exalta a poesia os corações dos guerreiros inculcando-lhes ess'outra tam bella e não menos esplendida gloria de irem segar para suas damas os loiros do triumpho, lá por terras tam fóra e tam longe — e essas glorias vivissimas os remordem de impaciencia e de ardor! — Eil-os pois que se precipitam na Asia — em Jerusalem, na Palestina.

Que poesia! Que historia!

Perderam-se vidas — ai tantas! —; perderam-se fazendas e riquezas, mas apagou-se lá tambem a nodoa de quasi barbaros que nos affeiara. — Carecia-se d'aquelle baptismo de sangue para ultimar a obra de regeneração.

Fomos soldados e viemos homens!

Não consideremos as cruzadas desvario d'um homem, não as avaliemos como guerras e conquistas, victorias e revezes. Vejamol-as como filhas d'essas duas maximas influencias: poesia e religião! Admiremol-as como elemento depurador e civilisador, que d'ellas talvez nos vem o que fomos e o que somos.

A historia não a olhamos nós aqui simplesmente como narração de feitos, sciencia de datas ou archivo de successos. Que a verdadeira historia, a historia intima, não d'um paiz mas d'um povo está na historia das suas idêas, quem já o duvida? — Que a historia das idêas é a base da historia das grandes revoluções humanas, quem o negará? Que, emfim, das mudanças de crença vieram em grande parte essas immensas revoluções, quem o desconhece?

Eis-ahi por tanto a historia avaliada não como chronica, mas pelas suas grandes feições, filha e inseparavel companheira da religião e por tanto da poesia.

A poesia que levou á terra sancta a Europa, podia deixar de se acompanhar da historia?

Descei a considerar esta mesmo como deposito de grandes acções sem já a olhardes como a olhâmos — que achaes? — A mais acabada poesia nos heroicos feitos dos cavalleiros de Christo e nos seus feitos a sua chronica, e a chronica do seculo. Se vos não contentaes com a poesia sentida, a poesia do coração, e quereis a poesia das fórmas, fallada, cantada ou versificada — como desejardes — buscae por ahi trovadores e menestreis e filhos da *gaia sciencia* e tereis em cada seu vilancete ou solão a narração d'um facto notavel — uma pagina d'historia.

Quebraram-se as lyras de Grecia e Roma, mas apparecem em seu logar a harpa, a tiorba e o laúde, destinados como aquellas a descantar e perpetuar amores e heroismos.

Não é já por tanto só a historia das idêas é tambem a historia dos factos que vemos acompanhada pela poesia. Vêlas-hemos ambas ainda mais e mais frequentemente: sempre as mesmas — sempre irmãs — sempre unidas!

Assentou-as no mundo o natural instincto. Gravou-as no coração o Christianismo. A arte, que renasce, vae esculpil-as no marmore.

MENDES LEAL J.or

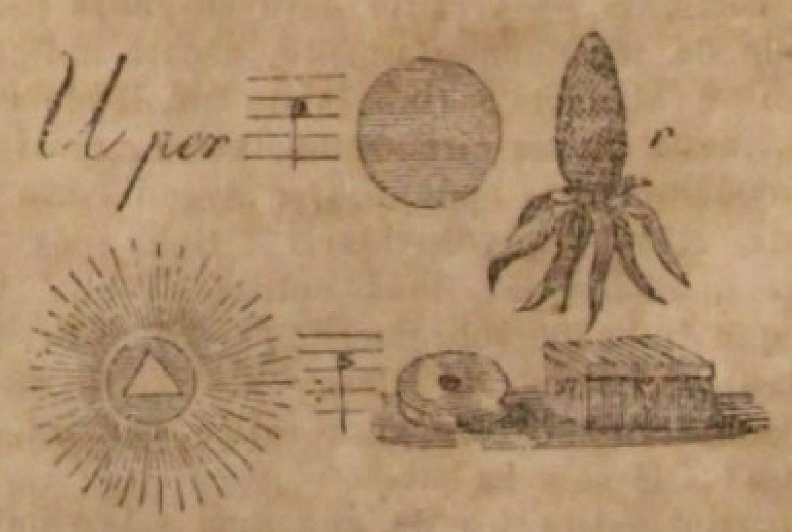
ANECDOTA.

HENRIQUE 4.º, de França, tinha um conselheiro tão intimo que não precisava de licença para entrar no gabinete do monarcha. N'um dia abriu o valido a porta e encontrou Henrique, com um menino seu, trazendo-o aos hombros e girando por toda a camara. — O rei popular disse placidamente: — sois solteiro, não motejeis, contae este caso só quando algum dia tiverdes filhos.

ENIGMAS PITTORESCOS.

EXPLICAÇÃO DO ENIGMA DA FOLHA ANTECEDENTE.

O cazamento e a mortalha no céu se talha.



Os Srs. assignantes que subscreveram até o 6.º n.º d'este Jornal, e que pertendem continuar, queiram renovar a assignatura no decurso do presente mez, para não soffrerem interrupção na entrega das folhas.

A ILLUSTRAÇÃO

JORNAL UNIVERSAL.



Cada anno da publicação d'este jornal será dividido em 12 n.os mensaes, distribuidos porem ás folhas semanalmente.
Assignatura: Um anno, 1$440 r.s — Semestre, 720 r.s — Trimestre, 360 r.s — Folha avulsa 30 r.s

N.º 7 — VOL. I — OUTUBRO, 1845.
ESCRIPTORIO, RUA DA PRATA N.º 7 — 1.º ANDAR.

As assignaturas só se recebem no Escriptorio da Illustração. A correspondencia — *franca* — aos Directores da Illustração. Vende-se: r. Augusta, n.º 1 — do Oiro, 113 — do Arsenal, 30 — Largo de S. Roque, 24 — da Esperança, 150 — e em Alcantara.

SUMMARIO.

DOIS DESPEITOS.

MORTO o rei Harold na batalha de Hastings (1066), sua mãe tinha ido refugiar-se em Exeter com o resto dos seus thesouros; e d'alli, constituindo um centro de resistencia, inquietava os invasores. A população de Exeter, que era numerosa, e odiava deveras os normandos, preparava-se para a defensão com grande ardor; fortificava as torres e muros, convocava homens de armas de todas as provincias visinhas; á preço de oiro alistava os mareantes estrangeiros fundeados no seu porto, e nem se esquecia de convidar os habitantes das outras terras a confederar-se com ella.

Guilherme, o conquistador, achava-se então em Londres com o fim de adormecer a fermentação surda que ia lavrando contra elle n'aquella cidade.

Era pelo Natal. Celebrar a festa com a maior pompa; chamar em volta de si grande numero dos principaes senhores e bispos saxonios; mettelos no coração com simulados carinhos; dar a quantos chegavam á côrte o osculo da boa vinda; aos que requeriam, defferir; aos que aconselhavam, annuir; proclamar — já n'esse tempo se proclamava — aos habitantes, isso fez com hypocrisia serpentina o astucioso normando; — como tem feito e hão de fazer quantos aspirem a dominar, porque se os tempos differem, os homens são sempre os mesmos, e o cevo que costumam deitar a esta especie de peixe — o peixe racional — os pescadores de popularidade, mais ou menos sempre é engolido.

Que o foi pelos saxonios que assistiam á côrte do conquistador, di-lo o historiador da conquista.

Guilherme marchou a Exeter. Depois de parlamentearem inutilmente elle e os da praça, approximaram-se as tropas normandas, levando na vanguarda um batalhão de homens de raça ingleza, que não se sabe porque se tinham reunido aos estrangeiros. Antes de se dar o primeiro assalto vieram ao campo normando os magistrados e principaes de Exeter entregar refens, e propor a paz: mas ao regressar acharam fechadas as portas: os de Exeter não estavam já pelo ajuste concluido com o inimigo; queriam combater.

Guilherme investiu a Exeter; e como em desforço da burla que acabavam de lhe fazer, fez chegar um dos refens á vista dos baluartes, e mandou arrancar-lhe os olhos.

Dilatou-se o cerco alguns dias, e a resistencia foi obstinada: mas a final ou por traição ou por covardia dos que capitaneavam os cercados, sahiram de Exeter os moradores, e em ar de supplicantes, acompanhados de padres levando na mão os missaes e vasos sagrados, foram todos pedir misericordia ao campo normando.

Rendida a praça e entrada pelo exercito de Guilherme, seguiram-se as violencias e violações que eram de esperar das circumstancias e do caracter dos invasores: mas escaparam a ellas grande numero de mulheres nobres com a mãe do ultimo rei de raça ingleza; e depois de se terem refugiado em diversos logares de Inglaterra, embarcaram para Flandres.

Tinha-se formado n'esta campanha uma alliança deffensiva entre duas povoações, que de inimigas que eram se tornaram amigas para combater o inimigo commum, — entre os Anglo-Saxonios e os velhos Bretões de Cornwall. Esta alliança que as irmanou na resistencia, irmanou-as no infortunio depois da tomada de Exeter: o territorio de uma e outra foi repartido pelos vencedores. E entre os primeiros nomes que se assentaram no rol da partilha foi o da mulher do conquistador, Mathilde, filha de Balduino, conde de Flandres. Couberam a Mathilde pelo seu quinhão de conquista todas as terras de um Saxonio rico, chamado Brihtrik.

Quem era este Saxonio? Era um homem bem conhecido de Mathilde; tão conhecido que n'uma das viagens que elle fizera a Flandres como embaixador d'elrei Edwardo, Mathilde o pretendêra para esposo: mas Brihtrik rejeitou-a. Façam idêa do que iria no coração de Mathilde! Façam idêa as mulheres, que eu nem por sombras o posso imaginar, e muito menos pintar! O que posso dizer — porque o digo com a historia — é que Mathilde, a mulher do rei, pediu a seu marido, que com os bens de Brihtrik lhe adjudicasse tambem o dono.

Os bens foram para ella; e o dono para uma fortaleza onde ella o mandou encerrar.

Muito mais funesto que este foi o despeito de outra mulher, no reinado de Francisco 1.º, de França.

«A testa do exercito de França (diz um grande «historiador) se achava Carlos de Burbon a quem «Francisco tinha entregado a espada de condes-«tavel, e que devia ser a gloria, e o flagello da «França. Ao genio que combina juntava a au-«dacia que emprehende, a actividade e a cons-«tancia que leva ao cabo planos vastos e atre-«vidos; tão bravo como seu amo, era mais habil «capitão do que elle; e ambicioso, altivo, ardente «e vingativo, capaz de tudo para adquirir re-«nome sustenta-lo e vinga-lo.»

Era um guerreiro de altas esperanças, talhado para realçar a gloria da França, e bem lograr as emprezas que exigia a situação da Europa, e o genio aventuroso do monarcha.

Quem marcou esta espada illustre? Quem ceifou em flôr a vida d'este guerreiro? A vingânça de uma mulher.

E quem foi essa mulher? Foi Luiza de Saboya, mãe de Francisco 1.º

«Tinha esta princeza, diz o historiador já citado, um imperio no coração de seu filho que devia tanto ao espirito d'ella, sagaz e astucioso, como á sensibilidade e ternura do filho, e que por mais de uma vez veio a ser funesto á França. Avida de agradar e governar, e tão ciosa do credito dos cortesãos como da belleza das outras mulheres, não perdoava a quem quer que desprezasse os seus attractivos, ou duvidasse do seu poder. E queria, orgulhosa e van, ser admirada e fazer-se temida de quantos lhe não importava ser amada. Conhecendo cabalmente a ternura, ou antes fraqueza e leviandade de seu filho, não se cançava de pedir, e este não se cançava de conceder quanto ella lhe pedia.»

Esta princeza amava a Carlos de Burbon; mas elle tão longe foi de corresponder a este amor que o desdenhou. Os acintes e afrontas que lhe moveu esta mulher despeitada irritavam o animo

de Burbon, insoffrido e orgulhoso. Por uma parte Francisco 1.° a instancias de sua mãe fazia bom barato das graças a favor de Bonivet, e este homem mediocre, engrandecido, como que rivalisava em poder com o do condestavel. Por outra parte o condestavel viu-se privado da riquissima herança que lhe tocára por morte da sua esposa, Suzana de Burbon, sobrinha de Luiza de Saboya: era ainda a mesma Luiza de Saboya quem lhe disparava este tiro por mão do chanceler Duprat: despicava-se assim dos desdens do condestavel, e ficava com uma fortuna de principe que por todos os titulos pertencia ao seu offensor, e que Duprat lhe adjudicára a ella.

Então o condestavel rompeu. E o seu resentimento não contente com demonstrações ordinarias, e que até certo ponto seriam justificadas, desafogou-se em tramas contra a patria.

Na conjunctura critica em que se achava a França, armada contra ella uma liga poderosa de principes de que era cabeça Carlos 5.°, a deserção de tal homem como Burbon era perda irreparavel. Restava á França Bayardo, *o cavalheiro destemido e sem macula*, o bravissimo entre os mais bravos gentis-homens do reino; mas Bayardo era um braço. Restava o proprio rei; mas Francisco enthusiasta imprudente da gloria, similhante ao deus Marte nas batalhas, era incapaz de planos profundos e continuados, amigo dos prazeres, devoto das musas, celebre, certamente, por ter transplantado á França a renascença italiana das lettras e artes; mas estadista apoucado. Restavam outros, ainda que poucos, de tanto conselho, mas não de tanto prestigio como Burbon.

Burbon conluiado com Carlos 5.° conjurava contra a França, e trabalhava por sublevar-se á frente do numeroso bando dos seus partidistas e vassallos.

A descoberta da conjuração (1523) obrigou-o a fugir para a Italia. A Italia era o theatro da lucta empenhada entre Francisco 1.° e Carlos 5.° Carlos 5.° entregou a Burbon o commando dos seus exercitos.

Armado Burbon com os meios de vingança, tractou de aproveita-los. Ajudou a bater em Biagrasse a Bonivet, o seu antigo rival, que capitaneava um exercito francez. Perseguiu-o na retirada, e viu morrer Bayardo, seu compatriota, e antigo camarada, que a cobria. Invadiu a França pelo lado da Provença (1524). E n'esse mesmo anno, apesar de lhe faltar tropa e dinheiro, quando Francisco 1.° cercava Pavia, suppre essa falta com talento, actividade, e o odio que o excitava; levanta um exercito; e com esse exercito vae proteger os cercados, ajuda ao destroço dos francezes, que deixaram dez mil homens estendidos no campo de batalha, á morte de Bonivet, que lá expirou, e assiste ao aprisionamento do seu rei vencido. E quando, annos depois, o odio de Carlos 5.° ardia contra o papa Clemente 7.° por ter desligado a Francisco do juramento que déra o monarcha francez, prisioneiro em Madrid, e das promessas ignominiosas que fizéra para ser solto, — o ministro da ira de Carlos 5.° foi ainda Burbon. Marcha com o seu exercito do Milanez, que acabava de occupar, a Roma. Prepara-se para dar assalto á cidade. Arma, elle mesmo, a primeira escada contra os muros. Este homem grande pelos talentos e o valor, audacioso e vingativo, lançado pelo despeito de uma mulher na carreira do crime, envergonhado ou arrependido, desejava a morte; e encontrou-a. Levou comsigo, talvez, a lembrança de Luiza de Saboya, origem da sua rebellião. Mas os desastres sobreviveram-lhe, porque Roma foi levada á escala, saqueada, assolada, e testemunha e victima de attentados e horrores, que deixaram esquecidos os de Alarico e Genserico; Clemente 7.° feito prisioneiro, e solto sómente depois de pagar um resgate consideravel.

A. DE O. MARRECA.

QUATRO CONTEMPORANEOS.



GOETHE.

Na succession dos tempos o seculo 18.° é o mais digno de admiração pelos phenomenos e progressos da intelligencia humana; não só as sciencias naturaes e as artes chimicas e os passmosos inventos industriaes, se póde dizer, n'elle tiveram origem e desenvolvimento; mas tambem em varios ramos da litteratura produziu talentos, que não deixam que invejar á antiguidade: quasi tudo o que o seculo presente possue herdou daquelle, assim como este herdára dos antecedentes o germen de muitas idéas, que teve a felicidade de tornar fecundas e propagadoras de novos e interessantes conhecimentos: se não fôra, por exemplo, a desvairada alchimia dos antigos, não existiria a chimica dos modernos, e se esta não fosse creada no seculo precedente, não teriamos os aperfeiçoamentos e applicações do galvanismo e electricidade, o daguerreotypo e outros descobrimentos.

Entre os engenhos de superior quilate, pertencentes a esta idade, ha quatro em litteratura, distinctos por originalidade, vastidão de saber e vigor de intelligencia; tendo de fallar d'elles por occasião de seus retratos, pediremos auxilio a um professor nomeado, o Sr. Victor Philaréte Chasles, extractando uma de suas lições, dadas no curso litterario do presente anno, na escóla dita, Collegio de França.

— « Estes quatro nomes (Gœthe, Schiller, Byron, Walter Scott) apparecem luminosos na extrema dos dois seculos: são as quatro expressões completas, que nos revelam o genio do Norte contemporaneo; o seu nascimento está, para assim dizer, graduado em escala nos graos do seculo que findou:

Gœthe nasceu em 1743.
Schiller em 1753.
Walter Scott em 1777.
Lord Byron em 1793.

Approximemo-nos destes quatro heroicos berços; examinemos em que logares, debaixo de que influencias Deus collocára estes sagrados depositos; atravez de que obstaculos elles cresceram; que luctas sustentaram, e quaes os combates porque compraram fama e victoria.

O canhão francez do marechal de Saxonia desperta os echos das margens do Rheno; grande movimento guerreiro occupa as cidades de Strasburgo e Moguncia no momento em que uma das antigas familias burguezas de Francfort — sobre o Mein se enriquece com um herdeiro: é Gœthe. Familia magistral, ingenua e grave, costumada á jerarchia e etiqueta, independente por bens, amante das artes e sua cultora, educa o seu ultimo descendente n'uma regularidade pia e poetica, com certa gravidade amena, que será o caracter do poeta em toda a sua vida. A sua morada antiga é casa vasta, simples, mas bem arranjada; por toda a parte se vêem nas paredes, reproduzidas nas tapeçarias, as bellas gravuras de Piranesi, representando vistas de Roma expressas com a pureza e nitidez do buril italiano. A cathedral gothica e os seus milheiros de festões delineam-se em sombras denticuladas na praça publica cheia de uma chusma multicôr; operarios tyrolezes, musicos ambulantes, soldados austriacos, aldeões vindos da Alsacia e da Selva-Negra. Em breve as ceremonias antigas da eleição e coroação, a entrada solemne do rei dos romanos, põem em agitação toda a cidade de Francfort, e trazem á luz por momentos, com o esplendor da sua ancianidade, toda a pompa gothica da idade media alemã: as creanças intromettem-se com prazer n'estes grupos variados, n'esse tumulto brilhante e jovial. — Mas *elle* não deixa aquellas festas populares senão para ir perder a sua distracção nas margens sussurrantes do grande rio, saciando-se de poesia, colhendo d'esta, permitta-se a expressão, toda a seve, toda a essencia, demandando-a ao mesmo tempo ao movimento animado da vida social, e á frequencia inspiradora das florestas umbrosas. A tragedia franceza, o rythmo tão suave e tão poderoso de Racine, concorrem para esta educação do illustre poeta: uma companhia de actores francezes, vem fazer suas representações em Francfort, e o joven Gœthe não larga um instante a platéa ou o scenario, que se lhe abre como filho do magistrado: elle admira aquella simplicidade e nobresa de theatro; e mais tarde ensaiará casa-las com a profundidade do sentir germanico, e a reproducção viva da idade media. — Taes são os principios significativos d'aquelle, que para o diante, conservando a gravidade e dignidade do lar paterno, se elevará ao throno da poesia e da arte em o seu paiz, reflectindo todos os aspectos, echo de todos os sentimentos, accusado de indifferença por alguns, objecto de mysterioso assombro para a maioria, e fazendo pairar sobre o mundo a vista distante e serena de Jupiter Olympico.

(Continúa.)

ALICIA.

NOVELLA ARAGONEZA.

Havia um mez que eu passeava pelas cidades do norte da Hespanha; já tinha visitado Jaca, Huesca, Barbastro e Solsona; seguira com delicias as bordas florentes do Ebro, recordando-me dos sublimes feitos de Sertorio, do seu talento para governar, e d'esse conhecimento do coração humano que lhe deu a saber que o maravilhoso obra com mais poder que a razão no animo dos povos, e que o jugo imposto pela superstição é sempre o mais respeitado. Dezoito seculos são passados depois que este general romano dictou leis nas Hespanhas, fingindo que uma corça branca lhe transmittia os conselhos das divindades — e as lições do tempo, a mudança de dominadores e as luzes da religião christã deixaram ainda estas formosas regiões sob o imperio d'um sem numero de preoccupações não menos cegas. — Aquella religião santa, cujos preceitos só ensinam paz e amor do proximo, foi frequentemente desfigurada pelos inquisidores, que faziam tremer perante o estandarte da Cruz um povo que devia contemplar n'este signal sacrosanto unicamente o penhor da redempção e da salvação.

Estas reflexões insensivelmente me conduziram

a pé até as portas de Saragoça. — O dono da hospedaria, que procurei, me preveniu de que chegava a proposito á cidade, para vêr no seguinte dia a festividade da Visitação na igreja de Nossa Senhora do Pilar: alargou-se extensamente ácêrca da magnificencia da funcção, a prodigiosa quantidade de cirios, promessas, e offertas de toda a casta, de que a sagrada e milagrosa imagem iria rodeada n'aquella solemnidade; e a narração não acabaria tão cedo, se a vontade de comer que me causára o longo passeio me não fizesse pedir comida em mais alta voz que a do meu patrão gabando a festa do outro dia. A final, conseguindo que me ouvissem, serviram-me soffrivelmente, e socegado o maior impulso da fome, pude prestar attenção ás maravilhosas descripções do emphatico patrão, que de tempo a tempo as interrompia para olhar á janella; de fórma que não pude deixar de perguntar-lhe o motivo d'aquella apparente inquietação.

— Olho a vêr se minha mulher e a filha voltam da visita que quizeram fazer á solitaria da *gruta amarella*.

— Quem é essa solitaria?..

A esta pergunta, o semblante do meu patrão, cobrou uma expressão de assombro desdenhoso, como se fosse vergonha para mim, ou absurdo, não ter conhecimento de uma cousa d'aquella ordem. Comtudo, passado um instante de reflexão, teve a condescendencia de me impingir a narração seguinte; mas não sem primeiro me advertir que só a circumstancia de estrangeiro poderia desculpar a minha ignorancia a respeito de um facto sabido em todo o reino de Aragão.

— «A solitaria, de que vos fallo, senhor, não é natural d'estas comarcas: julgam-na oriunda de Valencia, mas ninguem lhe conhece a familia, nem póde affirmar ao certo o logar do seu nascimento: a sua linguagem pura e a total carencia de accento provinciano dão o unico indicio de que é filha da provincia onde se falla hespanhol como em parte nenhuma: além d'isso, é impossivel deixar de reconhecer em D. Alicia (tal é seu nome) uma educação completa e saber pouco vulgar nas senhoras hespanholas. Diz-se que na França, na Inglaterra, na Italia, as madamas cultivam as sciencias e lettras com grande vantagem; mas entre nós é um prodigio uma mulher instruida; e á raridade d'esta casta de merecimento é D. Alicia em grande parte devedora da sua celebridade. Terá apenas trinta annos, e, debilitada por enfermidades prematuras, qualquer dia póde privar o Aragão do seu mais precioso thesouro: toda a gente a considera como santa que tem communicação com o ceu. Em todos os embaraços sobrevindos ás familias é consultada como oraculo, e para augmento do prestigio que a cêrca não é raro o responder em verso ás questões que se lhe dirigem. Minha mulher e minha filha foram pedir-lhe parecer sobre um projecto de casamento para esta pequena, e sem isso não desejariamos concluir um negocio de que hade depender a ventura da nossa unica e cara menina. — Eis-ahi porque me vêdes, senhor, olhar de continuo pela janella; já me tarda saber se a minha Ignez alcançou resposta conforme aos votos do seu coração; e se o cazamento se fizer, desde agora vos convido, como estrangeiro, para presenciar as ceremonias de umas vodas hespanholas.

Dei graças ao meu hospede por me instruir do que sabia relativo á solitaria, e prometti acceitar o convite, fazendo-se o cazamento; porque a minha tenção era passar alguns mezes em Saragoça. Ainda lhe fiz outras muitas perguntas, a que respondeu com bastante miudeza, e d'elle sube que a solitaria fixára a sua residencia n'uma caverna subterranea nas concavidades de uma das minas de sal gemma abundantes no Aragão. A gruta amarella, chamada assim da côr de suas paredes, inteiramente formadas do sal brilhante — alumiadas pelo clarão de duas alampadas, que a solitaria conserva accesas sempre, reflectem o esplendor do ouro e dos topazios, de modo que fazem o asylo mysterioso de Alicia um logar muito proprio para exaltar a imaginação. Gravava-se no meu espirito quanto o patrão me contava, e sentia crescer o desejo de visitar aquella admiravel creatura, cuja fama se espalhava tão largamente ao mesmo tempo que a sua pessoa estava já, postoque viva, sepultada nas entranhas da terra. Perguntei se tambem acolhia os estrangeiros, e segundo a resposta affirmativa do meu hospede propuz a este dar-me um guia, que o mais breve possivel me encaminhasse á gruta. Quando eu lhe fazia este pedido, chegou a mulher com a filha; e com grande dissabor d'elle disseram que não tinham podido obter audiencia de D. Alicia, porque estava em oração por ser vigilia da festa da Visitação; e que só passada esta receberia as pessoas, que a procurassem.

Vivamente me contrariou esta dilação, mas não dei mostras d'isso; porque os meus patrões, apesar da sua reverencia á solitaria, nunca me perdoariam o preferir visitar aquella ás pompas da festividade de Nossa Senhora do Pilar.



IGREJA DE NOSSA SENHORA DO PILAR.

Indemnisei-me do contratempo travando conhecimento com as minhas patrôas; a mãe, de seus trinta e dois annos, ainda conservava feições galantes, mas tinha os defeitos de quasi todas as hespanholas, quadris mui salientes, cintura grossa, e tez morena e lustrosa: no entanto olhos grandes e pretos, rasgados em figura oblonga e muito expressivos, comprida trança da côr do ébano alteada engraçadamente sobre a cabeça, e o attractivo magico do véu posto com arte e cuja finura e transparencia produziam no rosto sombras favoraveis, tudo isto junto fazia de Michaela uma mulher merecedora de attenção n'um paiz onde os seus defeitos eram communs a todas, e por consequencia não tinham contraste. — Ignez reunia aos attractivos da mãe uma figura agil e requebrada, certo ar de innocencia e de jovialidade que realçavam a formosura do semblante: o trabalho da casa do pae lhe dava suas vagas, e tambem a não sujeitava á fastidiosa reclusão que o nascimento impõem ás mulheres de outra jerarchia: por isso eu podia desfructar a miudo a conversação singela da amavel Ignez, cujo espirito vivo, posto que inculto, me aprazia á imaginação e me inspirava sincera benevolencia. N'um dialogo entre nós, n'essa mesma tarde, sube que a mãe desejava que eu as acompanhasse á gruta d'Alicia no dia immediato á festa: era o mesmo que eu queria, e offereci o braço com satisfação ás duas agradaveis peregrinas. Ignez fallou-me tambem do seu futuro e contou-me que era pintor, que tinha muito talento, porêm que o pae d'ella se desgostava de que este mancebo se occupasse indistinctamente em trabalhos ordinarios, como em retratos de gente de inferior condição; e que se esmerasse tanto n'estas obras como nas que lhe eram encommendadas para palacios ou templos de grandes cidades.

— Joannito não é rico; (disse ella) e só a poder de trabalhar sem descanço e para quantos lhe encommendam obra é que póde juntar a quantia que lhe dá direito de pertender a minha mão; debalde nos amariamos, se meu pae não soubesse do meu pequeno peculio; ainda assim quereria que Joannito abandonasse os objectos communs para se dedicar inteiramente a quadros de historia, a fim de augmentar a reputação: Joannito, ao contrario, consideraria ingratidão renunciar ao que foi origem do seu pequeno haver: é isto mesmo que embaraça meus paes. — Minha mãe é pela minha banda, quero dizer, por Joannito; mas meu pae não póde levar á paciencia que elle pinte taboletas, e o seu amor-proprio não lhe deixa dar-nos o seu consenti-

mento sem o parecer da solitaria. Eu confio que a resposta d'ella nos será favoravel, porque emfim é mulher e talvez que tivesse amado, e então conhecerá que a ventura vale mais do que pintar para poderosos.»

(Continúa).

PRINCEZAS MARROQUINAS EM PORTUGAL NO ANNO DE 1793.*

3.º

Desembarque das princezas em Lisboa; diplomacia e difficuldades de sua manifestação, e por ultimo sua entrada solemne na residencia real das Necessidades.

O ministro Martinho de Mello tendo mandado provêr de todo o necessario a frota marroquina deputou o interprete arabico, dito padre Fr. João de Sousa, para ir a bordo, e tractar o arraes, com o qual voltou á secretaria do ministro, apresentando a este uma carta da princeza sua senhora para a rainha, e uns papeis que eram destinados ao principe real (depois rei D. João 6.º), pedindo licença para ir a Queluz entrega-las.

Costuma dizer-se que a côrte musulmana de Constantinopola é a grande escóla da diplomacia: taes são alli a arte de delongas para ganhar tempo, a simulação e dissimulação do divan e ministros do grão senhor em suas negociações, e a agudeza e prudencia de suas notas que com estes meios sómente de ordinario vencem a vivacidade, destreza e arrogancia dos melhores diplomatas europeus. Parece que uma ponta daquella arte chegou a Marrocos; e não admira, sendo ambas as côrtes similhantemente constituidas, emanações do genio e capacidade do mais esperto e venturoso embusteiro de que reza a historia, o auctor famoso do Koran, Mahomet.

Notem os leitores o que ahi vae de finura, e artificio na seguinte negociação. N'esta primeira entrevista nada adiantou o arraes além da declaração sobredita, acompanhada das zumbaias do estylo, deixando ao ministro parafuzar sobre o objecto das duas missivas. Voltou no dia seguinte: teve larga conferencia com o ministro, acceitou o jantar que este lhe offereceu, e ajustada a visita a Queluz para o dia 19, se despediu, indo ao navio das princezas dar parte do bom começo de sua commissão.

A carta da princeza africana não continha mais do que uma recommendação com ares de protecção real; participando á rainha o muito bem que fôra tractada pelo juiz de fóra de S. Miguel, e pedindo a sua magestade contemplasse aquelle magistrado com o despacho e graças correspondentes aos serviços prestados. A carta era escripta em arabico. O principe foi o que respondeu passados dias, e Fr. João de Sousa, sendo d'ella o portador, teve ordem d'offerecer um dos paços reaes para alojamento das princezas em quanto se lhes preparavam a bordo adequadas accommodações para sua viagem. De crer é que n'este offerecimento havia tanto de curiosidade, como de bizarria, porque emfim o espectaculo era novo e curioso, e a novidade tambem penetra nos salões reaes. Entretanto por mais repetidas que foram as insinuações e destrezas para resolver as princezas a desembarcar, sempre estas se escusaram, fazendo-se, como lá dizem, manto de sêda, resistindo firmes a esta luta obsequiosa por espaço de muitos dias, e terminando sempre com dizer que seus desejos se cifravam em voltar ao seu paiz com a brevidade possivel. Á vista de tal decisão (que nada tinha de sincera) tractou-se do seu transporte, e Fr. João de Sousa teve ordem d'acompanhar o chefe de divisão Antonio José d'Oliveira que ia inspeccionar os dois navios. Achando que nenhum dos dois era commodo e sufficiente, assentou-se em apromptar-lhe o navio Asia que era de grande lote e com duas camaras, alta e baixa. Este navio estava fretado, e tomando carga da praça, para o Maranhão, mas tudo se aplanou em favor da nova destinação; que tal costuma ser o animo e primor portuguez, maiormente para com estrangeiros.

Durante estes preparativos maritimos grandes successos tiveram logar. Uma das concubinas de *Mulei Abdessalam* pariu a bordo uma menina: o arraes *Ahmed Scarige* negociador astuto havia conservado em seu poder como reforço os papeis do principe, e conduziu as cousas de modo que foi admittido para entrega-los em audiencia solemne. Um coche a seis o recebeu no caes de Belem com o interprete Sousa, acompanhado de outro coche d'estado, tendo no caminho mudas postadas. Em Queluz foi recebido na casa da musica, onde a côrte o esperava para o seguir á audiencia real. Foi recebido pelo principe a quem beijou a mão, e depois dos primeiros cumprimentos lhe entregou os papeis e nova carta da princeza que o principe recebeu, e depositou nas mãos do ministro do reino José de Seabra, estando alli tambem o primeiro ministro presidente do erario marquez de Ponte de Lima. Foi no fim d'este ceremonioso recebimento convidado á mesa d'estado, onde se regalou, e se recolheu á noite no mesmo cortejo o jubiloso rabino, encantado de tanta munificencia.

No dia seguinte, que se contaram 29 de Julho, novo e apparatoso cortejo levou a bordo a marqueza de Lumiares, camareira mór mandada cumprimentar as princezas, acompanhada do conde de S. Lourenço; aquella por parte da rainha, e este da do principe. O precatado arraes que tambem ia com o interprete Sousa havia disposto as cousas de modo que ficasse salva a etiqueta e a honestidade marroquina; e eis-aqui como se passou a bordo esta notavel, insolita, e singular ceremonia: — Chegando ás embarcações subiram acima as quatro personagens nomeadas. A visita foi recebida sobre a tolda da pôpa do navio que estava alcatifada; mas para não serem vistas as princezas haviam mandado atravessar uma véla junto do mastro grande d'um a outro bordo da embarcação. Uma pequena fenda ou abertura que servia d'entrada a um dos cantos estava guardada por um eunuco. Entrou dentro apenas a marqueza camareira mór, tudo o mais ficou da parte de fóra da barricada de lona. Os primeiros cumprimentos se fizeram por acênos, e mesuras: até que, para terminar esta pantomima, uma das camareiras mauritanas se aproximou da marqueza, e ambas vieram encostar-se ao panno da véla sempre da parte de dentro. Começou então o dialogo dos tres interlocutores; da parte de dentro se davam os recados da marqueza a Fr. João de Sousa; este da parte de fóra os repetia no idioma mourisco á camareira das princezas, a qual os levava a suas amas, e trazia juntamente a resposta. Duraram estas mensagens por algum tempo, e a boa da fidalga sempre em pé junto do panno. No fim da visita fez esta significar ás princezas os grandes desejos que nossos principes tinham de que ellas desembarcassem, e desafogassem da mortificação de tão longa viagem; ao que responderam deixavam isso á prudencia e decisão do arraes: como que era elle o seu editor responsavel! O arraes lisongeado já dos agrados da côrte, e vanglorioso da importancia dada á sua representação, facilmente conveio. D'alli ainda a marqueza de Lumiares teve de ir a bordo do outro navio, em que vinha a imperatriz viuva do imperador defunto, para a cumprimentar da parte dos principes: mas achando-a enferma deu a função por acabada, e voltou ao paço.

Os principes, cuja mocidade e feliz harmonia conjugal lhes dispunha o animo para estas scenas prasenteiras e curiosas receberam a promessa do desembarque e consecutiva esperança da visita marroquina com grande alvoroço: deram-se pressa em aproximar a sua realisação, e vencidas todas as difficuldades da diplomacia africana, conseguiram marcar-se o dia 30 de Julho para a descida e transporte solemne das princezas musulmanas. Foi nomeado o conde da Ega para ir buscalas: pelas 5 horas da tarde d'esse dia, cinco coches ricos, e dez seges da casa real se achavam postados no caes de Belem: uma companhia de cavallos e outra d'infanteria fazia circulo á roda da praça, e tomadas as avenidas contendo o innumeravel concurso de povo que se apinhava para vêr o nunca visto espectaculo. O principe na varanda do jardim real da quinta debaixo aguardava a chegada das princezas.

(Continúa).

* Continuado de pag. 90.

ANECDOTA.

Quando Frederico 2.º, Rei das duas Sicilias, era ainda Principe Real, e que seu pae lhe procurava uma alliança digna da sua jerarchia, sobreveio um obstaculo poderoso. O Principe enamorado d'uma franceza, a mais elegante das parisienses, residentes n'essa época em Napoles — era insensivel aos encantos do hymineo. Esta mulher extravagante, descuidada como a cigarra, comprometteu-se inteiramente.

Morria pelas antiguidades: o seu gabinete estava cheio de medalhas antigas, e Herculanum e Pompeia haviam fornecido ora uma ara votiva, ora um espelho de prata polido, ora finalmente uma estatua de *Venus meretrix*. Deu-lhe na cabeça desejar uma caixa de tabaco d'agatha, e immediatamente fez com que o Principe lhe passasse letra aberta sobre os principaes vendedores de raridades de Napoles. Comprou uma caixa de onyx n'uma loja, uma de jaspe n'outra, uma de lava n'uma terceira, e assim por diante — até que completou duas duzias. — Eis o motivo porque quando fez leilão da sua mobilia via-se dentro d'um mostrador com vidraça vinte e quatro caixas de tabaco dentro de vinte e quatro estojos.

O Principe obrigado a satisfazer a enorme quantia de doze mil francos só em caixas de tabaco, ficou exasperado, e Fernando 1.º, vendo o ensejo propicio — encarregou quatro carabineiros de conduzirem até á fronteira a namorada de seu filho muito amado.

(Petit Courier des Dames).

ENIGMAS PITTORESCOS.

EXPLICAÇÃO DO ENIGMA DA FOLHA ANTECEDENTE.

O perdoar é a melhor gloria do monarcha.



SUMMARIO.

O BOM JESUS DO MONTE.

O amavel auctor das *Memorias do Bussaco*, obra tão curiosa e cheia de merito na parte descriptiva, como interessante pelos suaves e pios sentimentos que inspira, escreveu no prefacio de outro livro, dictado pelo mesmo espirito [1], as seguintes palavras: — «O commum dos portuguezes é tão apaixonado pelas cousas estranhas, e tão pouco pelas suas; tão activo em inquirir as bondades e formosuras dos outros paizes, e tão indolente em vêr e examinar o que tem ao pé da porta, que é bem raro entre nós não se experimentar grande estranhesa ao vêr algum dos muitos e preciosos monumentos da fecundidade da natureza, ou do artificio do homem, em que abunda Portugal, como se fossem plantas exoticas de outras regiões, em cujo seio se crê só existirem. É profunda a raiz do mal. Occupados na leitura dos livros estrangeiros, desprezâmos quasi inteiramente a dos nossos escriptores, que muitas vezes descrevem logares e successos, como se foram, não só historiadores mas pintores.» — E logo adiante accrescenta: — «Pelo que nos respeita pessoalmente, cuidâmos com desvelo em arrancar de nós este cancro nacional: cruzar o terreno em todas as direcções; largar as estradas reaes, e trepar pelo carreiro ingreme e tortuoso do pastor; subir dos valles aos cumes mais erguidos das montanhas; examinar e estudar os monumentos que topâmos.» — O sr. Adrião P. Forjaz de Sampaio, no meio de seus proficuos trabalhos em economia politica, cumpriu excellentemente a sua tarefa de despertador do gosto pelas bellezas do nosso picturesco Portugal; e as pessoas dadas á litteratura e zelosas das cousas patrias o applaudiram justamente. — Imitando-o, seu parente (crêmos nós) o sr. Diogo P. Forjaz de Sampaio Pimentel, fez-se tambem crédor de louvores, publicando no anno passado as *Memorias do Bom Jesus do Monte*, descripção exacta e picturesca do famoso sanctuario, que n'este reino e em muita parte do visinho é tão gabado; do qual os curiosos, que não visitavam a augusta e antiga Braga, só podiam colher incompletas e confusas noticias. Trasladando ao nosso jornal algumas estampas das lytographias, que acompanham este escripto, igualmente transcreveremos as passagens respectivas, para excitar o desejo de o lerem áquellas pessoas, que porventura o não conheçam.



«A serra d'Espinho é dividida em dois altos montes fronteiros: sobre um d'elles, que mais particularmente é nomeado *monte Espinho*, estende-se a freguezia de S. Martinho; e pelo outro a de Santa Eulalia de Tunões, d'onde lhe chamam *monte de Santa Eulalia*. Este toca a mais elevada linha horisontal d'aquelle, e fórma para a banda da cidade um plano inclinado e escabroso, em parte ainda coberto de encastelladas rochas, e apicadas penedias; o qual se vae estendendo e adoçando pouco e pouco até os confins da freguezia de S. Victor. Sobre a costa occidental d'este monte está construido o famigerado sanctuario do Bom Jesus do Monte. Conduz para ahi obra de comprida meia legua uma estrada não muito espaçosa, quasi toda calçada, e em grande parte orlada de castanheiros, sobreiros, e choupos, que enfiados, e entrelaçados com videiras enforcadas, como é de costume na provincia do Minho, offerecem aos olhos agradavel perspectiva, e dão fresca sombra em dias calmosos. Após uma comprida, e em alguns pontos assás ingreme, subida pelo monte, e a voltar de norte para nascente, dá o visitante de rosto com o portico do sanctuario. Em frente d'este sae um longo e espaçoso passeio, a que dão entrada dois formosos obeliscos, e ao cimo do qual correm duas estradas, uma para norte, outra para sul, que conduzem ao alto do monte. Do sitio, onde se separam, sobem-se seis grosseiros degráus para um patim, no qual por principio de grandeza se encontra uma antiquissima e magestosa carvalheira, a maior por certo de quantas povoam a mata do sanctuario. E d'este patim sobem-se outros seis degráus para o portico [2].»

«O portico é uma das obras mais curiosas do monte do sanctuario. Formado de granito pardo-escuro, que os d'alli chamam pedra fina, e em que a provincia abunda, eleva-se em volta de sarapanel com seis varas e tres palmos de altura sobre tres e um palmo de largura. Tão solidamente e por tal arte construido, que, apezar de estar apenas sustentado em seus estreitos cunhaes, tem zombado dos abalos da terra, e dos furacões, que n'aquellas partes tamanha impressão fazem; é tambem admiravel por sua figura simples e singela, mas esbelta e bem acabada. Tem o portico pendentes do arco as armas do arcebispo D. Rodrigo de Moura e Telles, — pela parte de dentro uma esfera embutida, — e em remate uma cruz archiepiscopal entre seis pyramides. Em cada um dos cunhaes do portico está por de fóra aberta uma fonte, que lança sobre uma meia concha por lingua de metal jorro abundante de purissima agua, a qual se escôa d'ahi por gradinhas de ferro para o interior do cunhal, d'onde vae perder-se por uma abertura nos parapeitos, que tocam no portico. A fonte da direita é representada pela figura do sol em baixo relevo, e tem por de cima gravado em uma pedra quadrada o seguinte letreiro: — *Jerusalem Sancta restaurada, e reedificada no anno de* 1723. — A outra tem pelo mesmo modo a figura da lua, e a inscripção: — *Pelo Illustrissimo Senhor Dom Rodrigo de Moura e Telles Arcebispo Primaz.* — Tres degráus acima do portico em igual distancia d'este ha duas capellas, uma de cada lado, entre as quaes medeia um patim de oito varas de comprimento sobre sete de largura. Cercam-nas com intervallo de poucos palmos em derredor parapeitos de alguns palmos d'altura, capeados, e em grande parte guarnecidos de musgo, os quaes, prendendo no portico, continuam sem despegar até á ultima capella da paixão, cercando-as todas, e acompanhando os passeios, que conduzem de umas para outras. Todas as capellas da paixão são da mesma architectura, simples; e da ordem toscana, com sua cupula quarteada, que se vae gradualmente estreitando até terminar em pont'aguda. Tem suas frestas envidraçadas, e fecha-as uma grande porta verde almofadada, e levantada em arco com largas gelosias de ferro. Da cornija pendem as armas do arcebispo D. Rodrigo, e por debaixo d'estas lê-se uma inscripção, que designa o passo da vida, ou paixão de Jesus Christo, que ahi se representa. As estatuas das capellas são pela maior parte grosseiras, e nem sequer ha ahi a singularidade, que apresentam as capellinhas do Bussaco, de ser o rosto do Senhor similhante em todas. A maior parte das dos judeus estão ou quebradas, ou mutiladas: effeito da barbara e superstíciosa ignorancia do povo, que em toda a parte, onde se representam os passos da paixão, julga ser uma obra meritoria vingar nas estatuas dos judeus os ultrages feitos a Jesus Christo. Com quanto simplices, e não muito espaçosas, nenhuma d'estas capellas apresenta a humildade e pobreza, que fôra d'esperar em sitio ermo, consagrado ao retiro e á meditação; pelo contrario parecem inculcar que mão poderosa antes quizera erigir alli monumento de grandeza que refugio de penitencia. Mas por isso não perdem, — que não é só a pequenez e pobreza das capellinhas do Bussaco, e o religioso recolhimento, a que naturalmente convida a solidão de seus passeios por dentro d'uma floresta sombria e melancholica, o que inspira devoção. Uma alma singela e pura, que visitar o Bom Jesus do Monte, se admirar a grandeza de suas obras, nem por isso deixará de se occupar ahi de outros menos mundanos pensamentos: que a mesma largueza e propriedade, com que são representados os passos da paixão, e as grandes ramadas, que toldam o ar, e fazem d'este sitio um retiro melancholico, levantarão o seu espirito a profundas considerações religiosas. A primeira capella é do cenaculo: a segunda, que lhe fica de fronte, representa o horto de Gethsemani. N'ella é digna de notar-se a atitude dos apostolos, especialmente de S. Pedro na acção de dormir; e o repuxo, que rebenta do pavimento, de fabrica tão perfeita e bem acabada, que salta aos olhos como obra prima de invenção e bom gosto. Immediato ao patim, que medeia entre estas duas capellas, abre-se, encosta acima, um comprido e espaçoso passeio, encaixilhado, ou formado de ladrilho de pedra miuda com caixilho de cantaria, e dividido por tres lanços de poucos degráus com pyramides sobre o parapeito, no sitio onde sobe o ultimo degráu de cada lanço. Ao cimo d'elle está assentada em um pequeno patim, e com a frente para o portico, a terceira capella — a da prisão. — Sobre o parapeito ao lado direito da capella rompe uma copiosa fonte, em cuja tarja se veem gravados em meio-relevo os emblemas de Apollo — mão, aljava e arco. Esta singularidade encontra-se em todos os demais patins das capellas da paixão, porque cada um tem sua fonte allegorisada por algum dos planetas, ou divindades, a quem rendeu cultos a antiguidade pagã. Alguem tem censurado (que muitas vezes o ouvi) esta mistura do sagrado com o profano, ou de objectos do christianismo com os do paganismo. Todavia não serei eu que me anime a fazer tal censura ao arcebispo D. Rodrigo. Houve um tempo, em que o gosto pela mythologia se havia tornado tão universal, que os maiores genios nas artes d'imitação representavam tudo pelos emblemas da fabula. Sirva de exemplo o nosso Camões, que reuniu o maravilhoso da mythologia com o da religião christã; e Sannazáro, que fez vaticinar á sybilla o nascimento do Messias. D. Rodrigo cedeu ao gosto do tempo; e para desculpal-o bastára o costume geralmente recebido. Porém se quizerem ir mais ávante, profundar e moralisar o grande pensamento do insigne prelado, ahi irão talvez encontrar n'esses emblemas mythologicos ao pé das capellas da paixão uma lição de moral evangelica, e testemunho das verdades da religião de Christo. Quizera por ventura D. Rodrigo significar por estes emblemas, que desde todos os seculos o mundo reconheceu a existencia d'um ser bemfazejo, que os povos acreditavam ter baixado á terra debaixo de differentes fórmas para ensinar os homens, e a quem adoravam como dispensador de todas as graças sobre a terra. Mas o espectaculo d'um Deus, unico verdadeiro, creador e senhor do universo, feito ho-

1 Viagem á serra da Louzã.

2 Nas alterações indicadas posteriormente á impressão do livro, devia o portico ficar com oito degráus.

mem e martyr para salvar aquelles mesmos homens, que o desconheceram e injuriaram, — a expressão dolorosa dos tormentos do Salvador, tão ao vivo representados nas capellas da paixão, — e defronte disto o espelho das antigas superstições, filhas da cegueira dos povos, serve para desarreigar do coração do homem preconceitos de irreligião, e firmar-lhe a crença pura e sincera dos mysterios do christianismo. Eis-aqui o que, a meu vêr, significam os emblemas da mythologia junto das capellas da paixão de Christo. Eis-aqui de que maneira o inventor d'esta obra quiz, se me não engana a fantasia, ensinar aos homens as verdades da religião christã pelas falsidades do paganismo. Maravilhoso pensar do homem insigne, que tão feliz imaginação mostrou no desempenho do mais sancto contraste de objectos entre si tão avessos, e que parece não poderem mutuamente compadecer-se! Sirvam-me estas poucas linhas, traçadas no calor do enthusiasmo, para render meu tributo de admiração e respeito ao grande prelado, cujo nome é inda hoje acatado em Braga, passando sua memoria de paes a filhos em perenne herança de saudade e veneração. O portico, as tres primeiras capellas, e seu passeio são assombrados por enramadas carvalheiras, e platanos em mata pouco espessa, plantados sem regularidade, e que, apesar de não serem de desmesurada altura, dão sombra e agradavel fresquidão em dias de calma. E a perspectiva do portico, que só ao voltar da estrada se avista em curta distancia no meio d'um arvoredo verde-escuro, com as duas primeiras capellas, que a seus lados figuram como duas sentinellas do sanctuario, e com a terceira, que lá ao longe no meio da mata alveja por entre o portico no fim do seu comprido passeio, formando com as outras duas um triangulo, é uma das mais engraçadas do monte. E esse aspecto tam melancholico e solemne infunde no visitante sentimentos de respeito e admiração, que o predispõem para examinar com verdadeiro interesse tudo o mais que vae vêr.»

ARCHEOLOGIA PORTUGUEZA.

A noticia que vamos dar de el-rei D. João 4.°, extrahida do sermão de exequias que Vieira escreveu em obsequio á memoria d'este monarcha, e anda impresso no sermonario, consta de factos ao alcance de todos porque correm impressos nas historias de Portugal; e tambem de outros de que poucos terão conhecimento, e que por ventura poderão informar mais cabalmente do que até agora d'este rei, e do reinado.

O testemunho de Vieira é apreciavel, porque em parte é presencial como elle mesmo declara, e em tudo mais contemporaneo, como ninguem póde ignorar. E ainda que no *modo*, e no *stylo* e linguagem haja o encarecimento que o assumpto, os tempos, e a situação do *escriptor* (o sermão não chegou a ser prégado) pediam; os factos, que é o que importa, por sua natureza são alheios ás amplificações oratorias.

Escusamos advertir que o extracto vae despido de latins, e das reflexões que o ministerio oratorio sugeriu naturalmente ao auctor.

«Quando entrou sua magestade a reinar, reinava em França Luiz 13; mas quem tinha o governo era o cardeal Richelieu. Reinava em Hespanha Filippe 4.°; mas quem tinha o governo era o conde duque. Só em Portugal reinava el-rei; e assim como reinava sobre todos, tambem sabia tudo: assignava os papeis por sua mão, e em nenhum lançou a sua firma, como eu lhe vi, e ouvi por muitas vezes, que ou elle o não lesse, ou ouvisse ler por pessoa de quem se fiava: e para ter noticia de todos os negocios mandava despachar os de mais importancia em sua presença; e para isso repartiu os conselhos pelos dias: á segunda-feira o conselho d'estado, á terça o da fazenda, á quinta o despacho das mercês, á sexta a mesa do paço, ao sabbado o da consciencia. Pelas manhãs dava audiencias publicas, e secretas, e despachava com os secretarios, não lhe ficando uma só hora de vago, nem havendo jámais rei que tanto trabalhasse. Diziam que gastava tempo com a musica: e assim era; mas as horas da musica tirava-as á pessoa, e não á corôa; tirava-as a si em quanto homem, e não a si em quanto rei: era uma á hora da sesta, outra á da madrugada, que ainda aos jornaleiros são forras... . . . .

. . . .

O primeiro soccorro da mão de Deus que experimentou el-rei D. João, não foi desbaratar Deus os exercitos de Castella; mas cegá-los para que não obrassem logo o que puderam. Obrigados do grande exercito que estava n'aquelle tempo sobre Catalunha, offereciam os catalães sujeição. Votou o conde de Onhate, que se acceitasse o offerecimento de Catalunha, e o exercito marchasse logo a Portugal, em quanto estava desapercebido: e não ha duvida que este conselho era o que convinha a Castella, e o que nos podia ser de ruina n'aquelles principios do reino; mas não é cousa nova em Deus, que os conselhos de Achitophel não prevaleçam contra elle. . . . . .

. . . .

Primeiro que tudo. Apontou el-rei D. João para Lisboa; applicou Deus a mão, e veio a Lisboa, sem haver quem tirasse uma espada, todos dizendo: *Viva*. Estava o castello presidiado de castelhanos, e com os canhões sobre a cidade: apontou el-rei ao castello; poz Deus a mão, e rendeu-se o castello no mesmo dia. Apontou el-rei para os galiões de Castella, que estavam no rio de Lisboa com gente, mantimentos, e vélas mettidas, e se puderam quando menos sahir pela barra, cujas forças ainda se sustentavam por Castella; poz Deus a mão, e renderam-se os galiões. Apontou el-rei para a fortaleza de S. Gião, da qual dizia..... que se se perdesse Hespanha, por ella se podia restaurar; poz Deus a mão, e veio a fortaleza de S. Gião. Apontou para todas as fortalezas do reino, presidiadas por sessenta annos de Castella, poz Deos a mão, e renderam-se todas. Apontou el-rei para todas as povoações e comarcas do reino; poz Deos a mão, e vieram todas sem ficar uma aldêa, nem uma casa, nem uma..... por Castella. Apontou el-rei ao Brazil, e primeiro á cabeça, onde estavam dois terços de infanteria castelhana, e um de napolitanos com um vice-rei tão beneficiado de Castella; poz Deus a mão, veio a cabeça do Brazil, e apoz ella todos os membros. Apontou el-rei para a India, e com estar tão remota, poz Deus a mão, e veio a India; e houve homens que vieram de Macáu só a vêr rei portuguez. Apontou el-rei para Angola e S. Thomé; poz Deus a mão, veio S. Thomé, e Angola. Apontou para Tangere, e Mazagão; veio Mazagão, e Tangere. Apontou para todas as ilhas, vieram as ilhas todas. Só restava o fortissimo, e inexpugnavel castello da Terceira, governado e presidiado de castelhanos, e quatro vezes soccorrido de Castella; applicou Deus a mão, e rendeu-se o castello não a sitio de capitães, e soldados pagos, senão ao que por mar, e por terra lhes fizeram os moradores, e lavradores com assombro do mundo. No principio do sitio não tinham mais que um barco, e no cabo d'elle defendiam as entradas do mar com nove navios de guerra, tomados todos aos castelhanos. . . . .

. . . .

Acclamado el-rei em Lisboa, parte-se de Villa Viçosa em um coche acompanhado só de dois fidalgos, com a mesma segurança, com que o pudera fazer el-rei D. Diniz, ou el-rei D. Manuel na mais alta paz do reino. Costumam os principes em similhantes casos andarem armados; e o peito de prova que vestia el-rei, era um gibão de tafetá singelo. Costumam os principes multiplicar as guardas; e el-rei não accrescentou um soldado á guarda ordinaria do reino; nem ás portas do paço havia mais que os porteiros ordinarios da cana: podendo-se dizer de el-rei D. João o 4.°, o que se cantou ao 3.°: *Com duas canas diante his armado, e his temido.* Costumam os principes recolher-se a alguma cidadela, ou logar forte; el-rei não só vivia nos paços da Ribeira, deixando os do castello, senão que até de Lisboa se sahia, passando os verões em Alcantara, e os invernos em Almeirim. Estava o Téjo fervendo em navios, e chalupas estrangeiras de todas as nações; e el-rei mettia-se em uma gondola só pelo rio abaixo, quando fôra muito facil sahir dos navios quem o levasse pela barra fóra. Na caça, quantas vezes se apartava dos monteiros, e dos fidalgos que o seguiam, e andava só pelos bosques, e pelos campos, como, se com se levar a si, levasse toda a sua guarda comsigo?. . . . . .

. . . .

Todos estes excessos de valor destemido fazia aquelle grande coração, constando-lhe das grandes diligencias, que Castella fazia, por lhe tirar a vida nas acções, e nos logares mais sagrados...

. . . .

Parecia-lhe a todos os estrangeiros de Italia, França, Inglaterra, Alemanha, com muitos dos quaes fallei n'estes tempos, que seria grande o desvélo, e continuo sobresalto de um principe, que dentro em sua propria terra tinha tomado um reino a um monarcha por sobrenome o Grande: cuidavam que não poderia dormir, nem aquietar, nem ter um momento de gosto, ou de socego; e quando ouviam dizer que el-rei de Portugal tinha todas as semanas um dia de caça, e todos os dias duas horas de musica, pasmavam, e ficavam assombrados. Das fronteiras de Badajós veio prisioneiro um titulo de Flandres, general de cavallaria, o qual disse, que sentia menos a sua prisão, só por poder vêr um homem, que tendo tomado um reino a el-rei de Hespanha, dentro em Hespanha tinha animo para caçar, e cantar. Naquelle fatal dia de 19 de Agosto de 41, em que no Rocio de Lisboa se cortaram juntas as maiores cabeças, que em muitos seculos se viram cortar em Hespanha, estando ainda o reino tão em mantilhas, e estando empenhadas na conjuração tantas casas grandes, por não dar audiencias, e evitar rogativas, deitou-se el-rei na cama. Tão desassustado es'ava o seu coração, e tão sem cuidado, nem receio. Isto foi mal advertido de todos; mas eu notei muito mais: que dois dias antes tinha sua magestade mandado sahir as duas armadas de França, e Portugal em demanda de Cadiz; parecendo a el-rei, e mostrando a todo o mundo, que era, e estava tão rei de Portugal, que para cortar as maiores cabeças d'elle não tinha necessidade de soccorros de armas estranhas, nem ainda da assistencia das suas.»

A. DE O. MARRECA.

(Continúa).

ALICIA.*

No dia seguinte, 2 de Julho, era a festa da Visitação. O primeiro clarão da aurora foi saudado com repiques de sinos, rufos de tambores, e uma salva de cem tiros de peça, annuncios da solemnidade do dia. N'esta parte do anno e sob a formosa atmosphera d'Hespanha, póde dizer-se que não ha noite; apenas o viajante intenta tomar algum repouso é acordado pelas *serenatas*; de guitarra na mão, cada namorado *caballero* vae esperar o arrebol da manhã debaixo das janellas da sua bella e preparar-lhe com o descante de seus amorosos desvelos o despertar agradavelmente. — Eu que, neste periodo da minha vida, tinha o coração isento de bellas, quereria poder dormir para restaurar-me das fadigas da vespera; porêm o meu quarto dava para a rua e fui obri-

* Continuado de pag. 108.

gado a ouvir todas as cantigas da visinhança sem poder cerrar ôlho em toda a noite. Ao raiar d'alva estava de pé, e tive occasião de observar as differentes ordens de penitentes, pretos, pardos, ou brancos, encaminharem-se ao sitio onde se ajuntam para irem em corporação á ceremonia religiosa. Consideravel numero de habitantes da cidade, não obstante serem seculares, se rebuçam com um dominó, preto, pardo, ou branco, que lhe cobre a cabeça e todo o corpo, tendo, para vêr e respirar, só dois buracos abertos em correspondencia aos olhos.

O repique dos sinos de toda a cidade; e a innumeravel affluencia de pessoas, que engrossava cada vez mais, annunciavam a pomposa festividade de Nossa Senhora do Pilar. — Não descreverei a igreja nem as riquezas e singularidades da funcção, porque não vem a nosso proposito; nada me deslumbrava, e a minha attenção estava distrahida e unicamente occupada da visita que tinhamos de fazer á solitaria. — No dia seguinte á festa, muito cedo estava eu prompto e contando as horas á espera que acordassem Michaela e Ignez, que tinham de ser minhas companheiras: impacientava-me a tardança, mas emfim ouvi-lhes as vozes; e um almoço ajantarado deu-me forças para a jornada. Alegremente nos pozemos a caminho com a satisfação que acompanha sempre uma esperança provavel de realisar-se.

Ignez e sua mãe caminhavam bem; e as duas leguas que separavam a cidade de Saragoça do sitio da gruta de D. Alicia não me causaram enfado, graças á jovial conversação de quem me acompanhava. Chegados á falda de uma serra alta, atravessamos o Xalon por uma ponte arruinada, e voltando á esquerda descobrimos abaixo de um olival uma penedia alvacenta, no centro da qual havia uma abertura com suas apparencias de portal, que para a entrada tinha pouco mais ou menos seis palmos de altura.

« Por aqui se entra (me disse Michaela): se a solitaria nos podér ouvir, acharemos uma véla accêsa, que nos hade guiar na escuridão do primeiro acesso do seu domicilio. »

Com effeito, e com muita alegria minha, vi a luz indicadora; e tomando a dianteira, precedendo as minhas companheiras, caminhei, curvado o corpo, e pareceu-me extensa a galeria subterranea; o declive era grande, e as voltas muitas, por tanto desciamos a maior profundidade do que eu imaginava. Havia tres quartos d'hora que andavamos assim, quando sons harmoniosos me encantaram o ouvido, e suspendi os passos.

— « É ella (disse a patrôa): não ha duvida, canta com acompanhamento de harpa hymnos de sua composição; porque sabe tudo, e só anjos a poderiam ensinar. »

Com effeito, á medida que progrediamos, mais distinctos se ouviam os sons accordes, unidos aos accentos de uma voz só; e os echos numerosos da caverna repetiam as suaves modulações.

Retive Michaela, que impaciente se precipitava a interromper a solitaria em seu tributo de louvor ao Omnipotente. Eu gosava deliciosamente ouvindo aquella voz, que produzia effeito magico nos meus sentidos, apesar que a distancia me não permittia entender o sentido da lettra. Passados alguns minutos d'extase, adiantei-me; mas como fiquei! percebendo em francez da mais clara pronuncia um estribilho de strophe que rematava assim:

> Ao meu paiz, gloria e ventura;
> Para mim, Deus e a paz mais pura.

Muita gente rirá vendo que um homem, militar sobretudo, derrama lagrimas de ternura escutando repentinamente, a grandissimo numero de leguas da sua casa, a falla do seu paiz natalicio: mas d'essa fraqueza, se tal é, me não envergonho eu. O momento em que isto me aconteceu era acompanhado de circumstancias tão influentes que qualquer homem dotado de alguma sensibilidade faria o mesmo. Eu sei bem a lingua hespanhola e a fallo como a minha; mas havia mais de um anno que não tinha ouvido uma só palavra pronunciada no meu idioma materno; e era das entranhas da terra que uma voz feminina, com o argentino e pronuncia mais pura, me recordava a linguagem tão querida da patria... Demais, ella orava pelo seu paiz, a França tão cara a quantos lhe devem nascimento. Havia, segundo a apparencia, cousa que nos era commum. Sem me demorar, caminhei para uma porta de tábuas, mas debalde procurei a fechadura: bati mansamente, e logo em virtude de uma secreta mola a porta se abriu, e ficou patente o interior da gruta: no fundo havia um altar unicamente adornado de uma duzia de cirios e de outros tantos vasos de flôres, que cercavam um bello Crucifixo de marfim em Cruz d'ébano.

Os meus olhos, como é de crer, procuraram logo a solitaria; mas não a vendo e não ousando proseguir sem mandado, tive tempo de examinar aquella gruta magica, da qual as narrações do meu hospede me haviam dado imperfeita idéa. A abobada tinha pelo menos sessenta pés d'altura; era sustentada por vinte columnas de sal gemma, cujas gradações de côr variavam, na parte inferior, da granada até o rubim, e na superior, do jacintho até o topasio: quatro lustres de cristal, pendurados do tecto, esclareciam esta mansão admiravel, e faziam brilhar as paredes da gruta e a transparencia das columnas com todos os resplendores das mais famosas pedrarias. A mais fecunda imaginação debalde se esforçaria em crear um palacio de fadas que de longe imitasse esta maravilhosa realidade. Todas as faculdades da minha alma estavam suspensas n'esta contemplação, de que me abstrahiu uma voz meiga, que no mais puro dialecto castelhano perguntou a que vinhamos e em que poderia ser-nos util quem procuravam.

(Continúa).

QUATRO CONTEMPORANEOS. *



SCHILLER.

Não foi o nascimento de Schiller, como o de seu amigo Gœthe, não obstante repartir-se entre ambos a admiração contemporanea; o enthusiasmo e a dedicação tinham assignalado a maior parte dos membros de sua familia: sua mãe, moça e formosa, de fragil saude, e de animo subtil e apaixonado, o trazia no ventre quando, para ir ter com seu marido, cirurgião de um regimento, fez uma longa jornada, as mais das vezes a pé, porque a guerra dos *sete annos* devastava a Alemanha, semeava as estradas de bandoleiros e de cadaveres, e interrompia as communicações. O poeta dramatico abriu os olhos debaixo da barraca militar, no meio da scena da vida guerreira, ao rufar dos tambores, e foi tomado nos braços de mãe inquieta e corajosa. A resistencia contra os obstaculos, o poder do homem em sua lucta moral contra o destino, se revelaram como os primeiros moveis do grande espirito, que das experiencias dolorosas da sua infancia e da sua juventude formou a religião de toda a sua vida e a alma e inspiração do seu talento.

(Continúa).

* Continuado de pag. 106.

PASSEIOS

AO JARDIM BOTANICO DA AJUDA. *

É admiravel a vossa exactidão: nunca vos fazeis esperar — é porque conheceis o valor precioso do tempo, e não quereis perder nem fazer perder aos outros o que uma vez perdido nunca mais se póde recuperar. — É esta a hora do nosso passeio. Temos um dia peninsular á nossa disposição — procuremos aproveita-lo.

Subamos até ao plano das classificações, e dirijamo-nos por essa pequena mata que fica do lado do mar — de caminho indigitar-vos-hei algumas das arvores florestaes que mais se distinguirem no meio das suas companheiras.

As matas e os arvoredos não são sómente o sumptuoso adorno dos jardins, são tambem o abrigo e a *providencia* dos campos.

Não é necessario ter profundos conhecimentos das leis geraes da natureza organica para saber avaliar até que ponto a *selvicultura* póde influir na economia rural, e na constituição agronomica e higienica de um paiz — aquelles que tem sido barbaramente despojados das suas matas achamse hoje reduzidos á mais melancholica esterilidade.

As mãos que abateram as suas selvas feriram de morte, com os mesmos golpes, a sua salubridade, e população!

Foi esta a sorte da Syria, da Phenicia, da Palestina, de Chypre, da Morea, das cercanías de Roma — e esta vae sendo tambem a das provincias centraes de Hespanha, principalmente das Castellas, da Estremadura, e da Mancha; e a das provincias do sul de Portugal.

Deus creou as plantas para serem as companheiras inseparaveis do homem — n'ellas existe o grande laboratorio onde se preparam os elementos constitutivos da sua organisação; são ellas o arsenal immenso onde se guardam e depositam as provisões, que entretem a vida, e reparam as forças de todo o reino animal. É no seio dos vegetaes que a materia bruta começa a organisar-se para poder ser assimillada pelos seres animados. As plantas são aparelhos de reducção, em quanto os animaes são aparelhos de combustão. O ar vital que ellas elaboram, é lançado na atmosphera, respirado pelos animaes, empregado em um grande numero de combustões, e restituido debaixo de novas fórmas á mesma atmosphera onde as plantas o absorvem para o decompor de novo. — Economia admiravel pela simplicidade dos meios e pela immensidade dos fins! Circulo de transformações eternas em que os elementos organicos mudam constantemente de fórma sem nunca se anniquilarem!

O reino vegetal é por tanto a grande cadêa de transição, que associa a materia bruta á materia animalisada; é a ponte que communica o reino inorganico com o reino animal.

* Continuado de pag. 92.

Se assolardes pois a vegetação de qualquer paiz tereis assolado as suas villas e as suas cidades. — Se destruirdes total ou parcialmente a sua *flora* tereis destruido em todo ou em parte a sua *fauna*.

E ao contrario por cada arvore que plantardes vos nascerá um homem — robusto e sadío como ella!

Talvez vos pareça incrivel a brutal aversão que os nossos camponezes tem ás arvores... Não é facil deparar com os verdadeiros motivos d'esta singular antipathia. N'um paiz ardente como o nosso, em que é tão grata a sombra, e tão aprazivel a vista de uma arvore, é absurdo e inexplicavel aquelle instincto de aversão. Pensam muitos agricultores que as arvores esterilisam os campos — dizem que são o valhacouto dos passaros que devoram as searas — mas estes inconvenientes aliás remediaveis e exagerados, não podem nunca prevalecer sobre os beneficios immensos que a *arboricultura* dispensa a todas as regiões e principalmente ás meridionaes. Se o geral dos agricultores tivessem a conveniente instrucção rural conheceriam que as arvores purificam o ar, adoçam a temperatura, absorvem os miasmas atmosphericos, attrahem as nevoas, os orvalhos e as chuvas, que são um dos maiores excitamentos da vegetação — conheceriam que não só porque attrahem a humidade atmospherica, mas tambem porque diminuem a evaporação dos terrenos, dão em grande parte origem ás fontes, aos regatos, e aos rios — servem além d'isto de abrigos ás culturas adjacentes quebrando a impetuosidade dos ventos — sustentam a terra vegetal e a camada aravel das ladeiras e das assomadas — adubam com os seus residuos os valles e as planicies — tornam os paizes mais sadios e temperados, os homens mais bellos e robustos — subministram (algumas d'ellas) um excellente pasto arboreo, que é um grande recurso para os agricultores durante o estio; e ultimamente produzem fructos, lenha, madeiras de construcção, e muitas outras materias primas, sendo algumas tão prestadias que não ha n'ellas producto algum que não seja aproveitavel, como, por exemplo, acontece ao sobreiro — a essa arvore preciosa que paga um rico tributo ao lavrador, que lhe utilisa o fructo, a rama, a cortiça, o entrecasco, a madeira, e até a raiz!

Mas fallando-vos ha pouco do odio que muitos dos nossos camponezes votam ás arvores, e da satisfação com que as destruem, nada vos disse da guerra assoladora que certos emprehendedores declararam ás nossas matas. — É um vandalismo horroroso. — A devastação que vae por esse reino hade reduzi-lo, se continuar por muito tempo, a um esqueleto de charnecas e de gandras descarnadas, de brejos e de paues miasmaticos, de cabeços e de montes escalvados! Esta desolação que derriba n'um dia os trabalhos seculares da natureza fere de impotencia e de velhice o solo do paiz! O impio e duro machado vae abatendo as nossas matas de carvalho roble *(quercus robur)* de chaparreiro *(quercus lusitanica)* de sobreiro *(quercus suber)* e de azinheira *(quercus ilex)* reduzindo-as a campina rasa. Compram-se vastas herdades com o damnado fim de as reduzir a carvão!.... É um *arboricidio* infame! — Este trafico immoral é a agiotagem devastadora dos campos! Enriquece n'um mez o traficante, mas empobrece e assolla o reino! Dirieis que não ha leis que refreem este furor de devastação!

Pois ha — e temo-las; mas desgraçadamente não se executam.

Foi á sombra d'aquellas leis providentes que se crearam essas mesmas matas, que hoje são devoradas pelo fogo e pelo demonio da cubiça! Mas essas leis perderam toda a sua força nas mãos descuidosas das authoridades administrativas!

Luctâmos n'este momento com as mesmas difficuldades com que vós luctastes durante a vossa revolução: mas no vosso paiz souberam reprimir fortemente os *arboricidas*, e nós deixamos inda progredir os nossos nas suas depredações.

Hoje em França a lei e a authoridade regulam e fiscalisam o plantio e o córte das matas com uma sollicitude quasi religiosa. — Quando imitaremos nós este bello exemplo?

Mas eis-nos dentro do nosso bosque — subamos agora a encosta, e de caminho iremos notando algumas das arvores florestaes, que o adornam.

Aqui tendes já o castanheiro da India *(æsculus hippocastanum)* magnifica e elegante arvore de 16 a 20 metros de altura, que apresenta grandes e formosos thirsos de flôres poligamas. Floresce em Maio, e durante a sua floração apresenta um throno sumptuoso de ramalhetes de flôres brancas matizadas de encarnado, e apenas separadas pelo verde das folhas. Esta não é tão frondosa e gigantesca como as que ornam as vossas *Tuilleries* — mas temo-las em Portugal tão collossaes como ellas; e em Cintra admira-se uma que póde pleitear primazia ás mais afamadas de França.

Vêde agora que gigantes ciprestes horisontaes *(cupressus sempervirens horisontalis)* nos cercam por todos os lados! São individuos pertencentes á familia das *Caprissineas* de Decandolle e á tribu das coniferas de *Jussieu*. O nome de cipreste vem provavelmente de Chypre, ilha onde estes vegetaes são extremamente communs. As diversas especies que entram no genero *cupressus* são conhecidas desde a mais remota antiguidade.

As sagradas escripturas fazem menção dos altos ciprestes da montanha de *Sião*.

Os gregos consagraram-os aos deuses funerarios; e tanto elles como os romanos costumavam lançar ramos de cipreste nos ataudes dos mortos que amortalhavam com a sua folhagem.

Os despojos d'esta planta e das suas congeneres serviam de ornamento ás pompas funebres; e os patricios de Roma suspendiam-os em signal de lucto á entrada das suas habitações.

A madeira do cipreste resiste longo tempo á acção destruidora dos agentes exteriores. Thucydides assevera que os athenienses a preferiam para encerrar as cinzas dos seus heroes, e Platão queria que se empregasse para conservar os livros da lei. As portas do templo de Diana eram de cipreste; e já no tempo de Plinio contavam 400 annos sem a menor degradação. As portas primitivas da Basilica de S. Pedro de Roma foram feitas com a madeira d'esta planta, e duraram sem alteração sensivel desde Constantino o grande até ao papa Eugenio IV, isto é 1:100 annos pouco mais ou menos.

As especies existentes n'este nosso jardim são o *cupressus sempervirens*, o *cupressus columnaris*, e o *cupressus distícha*.

Esta ultima especie é originaria da America Septentrional, e juncta a uma grande belleza uma estatura collossal. *Catesby* refere que na Carolina existe um, cujo tronco tem para cima de 30 pés de circumferencia. Mas é sobre tudo no Mexico onde estas arvores adquirem um desenvolvimento espantoso — alguns escriptores consideram-as como as mais volumosas da creação: e com effeito no jardim de *Chapultpec* no Mexico existe uma d'estas plantas denominada o *cipreste de Montezuma* que com quanto tenha pouco mais de trezentos annos apresenta todavia um tronco de 41 pés de circumferencia; e no *cemiterio de Santa Maria de Telsa* a duas leguas de *Oaxaca* admira-se um outro que offerece um tronco de 117 pés de circumferencia e que segundo as relações historicas do tempo abrigou debaixo da sua vasta folhagem o pequeno exercito, com que Cortez invadiu este paiz.

(Continúa). G.

NOTICIA LITTERARIA.

CARTAS ESCRIPTAS DA INDIA E DA CHINA NOS ANNOS DE 1815 A 1835

Pelo Sr. José Ignacio d'Andrade.

2 VOL.

Esta obra que tem o merecimento de ser um quadro perfeito do Indostão e da China, originalmente escripto em portuguez, em que se encontra maior cópia de noticias exactas do que n'um grande numero de livros estrangeiros, aliás mui volumosos, foi impressa com todo o esplendor typographico, como para o fim a que seu auctor a destinava — dadiva e recordação sua para seus numerosos amigos. — Duas importantissimas regiões do Oriente, a cada passo nomeadas em a nossa historia nacional, se acham debuxadas nesta composição, e vistas tanto no seu aspecto moral e religioso, como no politico e commercial — crenças, governos, costumes, habitos e industria — de tudo tracta com particularisada informação — historia os fados do Mogol apar das dynastias chinezas — individua as seitas indianas e expõe os sublimes preceitos de Confucio — descreve as escalas do commercio asiatico, e a nossa importante Macau — dá conhecimento das opiniões philosophicas dos sabios da China com particular desenvolvimento, e não ommitte as artes, e as praticas da vida usual, em summa os objectos que excitam a curiosidade a respeito daquelle paiz, como por exemplo, a cultura, preparo e qualidades do chá.

Uma obra de tão noticiosa lição carecia de ser vulgarisada por meio de uma segunda edição, que sem igualar a pompa da primeira fosse com tudo nitida e acompanhada dos retratos das celebres personagens chins que a illustram. Era porêm indispensavel o consentimento de seu auctor, que sendo rogado permittiu generosamente a reimpressão, a que se está procedendo na imprensa nacional, e que em pouco tempo será publicada: tornando-se assim accessivel aos curiosos que o desejavam um escripto, que foi distinctamente acolhido por pessoas notaveis por erudição, como entre outros o Em.^{mo} Cardeal Patriarcha ha pouco fallecido.

Assigna-se para esta obra nas principaes lojas de livros de Lisboa — e constará de 2 vol. em 8.° francez — bom typo, bello papel, etc. — Preço de cada um dos volumes, broxados com uma capa de gosto inteiramente novo, 1$000 réis, para os Srs. Assignantes. — Avulso, 1$200 réis.

ENIGMAS PITTORESCOS.

EXPLICAÇÃO DO ENIGMA DA FOLHA ANTECEDENTE.

A religião é grande escudo para penas e saudades.



SUMMARIO.

ALICIA.*

Atraz de uma debil grade de canas, em que eu não reparára ao entrar, vi uma mulher, de mediana estatura, vestida com tunica de sarja branca, coberta a cabeça com um véu de cassa transparente: tinha as mãos, extremamente bellas e da brancura do alabastro, postas sobre o balcão da grade, parecendo servirem de apoio ao corpo, fragil e delgado como um junco. Deixei ir primeiro Michaela e Ignez, não só por attenção ao sexo, mas para ganhar tempo de recobrar-me da commoção que me causava quanto alli via. — Michaela circumstanciou á solitaria tudo o que assentou ser necessario para esta firmar o seu juizo no tocante ao intentado casamento de Ignez. Alicia, com grande sagacidade, fez muitas perguntas, ora á mãe ora á filha, que mostravam que não ia proferir um parecer dado á tôa, porém fructo de um exame a fundo. — Depois de breve meditação, de mãos postas, e cabeça inclinada, a ergueu com gesto nobre e apontando com a direita pronunciou estas palavras em tom de voz de inspirada. — «Donzella, é digno de ti o homem a quem amas. Diz a teu pae que o céu reprova os despresiveis e pueris calculos de amor-proprio com que se oppoem a teus desejos: procedimento sem macula, talento distincto, e a affeição de que participas, são direitos incontestaveis á admissão d'aquelle mancebo no gremio de tua familia. Se o meu voto tem alguma valia para com teu pae, e se présa a ventura de sua filha, consinta n'essa união: está escripta no céu e Deus a abençoará.» — É facil de suppôr qual seria a alegria de Ignez e de sua mãe. — Nenhum povo é comparavel aos hespanhoes, quando se tracta de exprimir um sentimento apaixonado: estas duas mulheres, principalmente a mãe, eram verdadeiramente eloquentes; e a felicidade promettida pela solitaria se lhe debuxava tão viva na imaginação que já a gosavam, e agradeciam com enthusiasmo a quem acabava de affirmar-lh'a. — Tendo escutado benigna a explosão affectuosa da gratidão de dois corações ingenuos e honestos, a solitaria voltou-se para mim, e perguntou-me o porque alli fôra. — Nada mais, senhora (lhe disse em francez), que o desejo de contemplar por alguns instantes o prodigio do Aragão.» — «Meu Deus, um francez! (disse ella alçando as mãos) Graças, meu Deus; que já não contava vêr um só no resto de minha vida!» — Corri com a vista toda a extensão da grade para descobrir entrada por onde podesse soccorrer Alicia, tanto me pareceu a ponto de desmaiar; porém ella adivinhou o meu pensamento, e reassumindo o discurso com som de voz de feiticeira suavidade, me disse em francez, para que não a entendessem as minhas companheiras. — «Sinto-me hoje bem fraca e doente; terieis tanta bondade, senhor, que voltasseis a visitar-me e fallar-me da França, que, abaixo de Deus, domina toda a minha affeição.» — Basta, senhora, que o mandeis; dignae-vos marcar a occasião em que terei a honra de fazer-vos companhia.» — «Muito bem: ámanhã pelo meio dia. Se habitaes em Saragoça, não podereis caminhar a essa hora sem supportar excessivo calor; parti, pois, cedo de casa, e vinde descançar á pousada de um pastor ancião, que me ministra o provimento de que careço; a cabana dista da entrada da gruta cem passos para a esquerda; n'ella achareis refeição simples, e tambem esteiras para descançar: — ao meio dia me achareis disposta para conversar, e ter a satisfação de fallar ainda de sitios cuja recordação será o meu derradeiro pensamento.» — Então Alicia com a graça magestosa que possuem só as mulheres de elevada condição, saudou-me, e puxou o cordão de uma ampla cortina verde, que a occultou aos nossos olhos: a mola que abrira a porta da gruta á nossa entrada, abriu-a de novo para a sahida, fechando-a sobre si como se invisivel mão a impellisse. Achámo-nos no corredor subterraneo que em breve nos restituiu ao ar morno do fim de uma tarde formosa.



Voltavamos, eu e minhas companheiras, com bem differentes disposições de espirito: ellas satisfeitas, sabendo tudo quanto pertendiam, manifestavam o contentamento por um fluxo de palavras que não se esgotou até Saragoça: ao contrario eu vinha absorto em reflexões, e o pouco que tinha ouvido me annunciava o quanto ainda me ficava por saber. — Quem poderia ser aquella mulher extraordinaria? Todos os indicios revelavam al'a jerarchia, e quer fosse franceza quer hespanhola conhecia as duas regiões, os dois idiomas, e as maneiras nobres e elegantes que estão em pratica na sociedade escolhida de qualquer das duas nações. — A entrevista que me fôra promettida me occupava o sentido tão intensamente, que pretextando algum cansaço, abandonei Michaela e Ignez a sua estrondosa alegria, e recolhi-me para scismar á minha vontade.

No dia immediato, apenas o sol dourava as grimpas dos campanarios de Saragoça, já eu estava de jornada, reassumido o bordão de peregrino. Guiado pelas indicações da vespera dei com a choupana do pastor, que achei ser um velho acurvado pelo pêso dos annos, cujas faculdades mentaes estavam, comtudo, ainda vigorosas. Acolheu-me cordialmente quando lhe pedi abrigo, de mandado de D. Alicia, a fazer horas de podêr vê-la. — Quanto este homem me contou confirmou-me no alto conceito que d'esta mulher singular eu havia formado: relatou-me todas as particularidades d'aquella vida ascetica, inteiramente de privações, de oração e meditação, e de boas obras. — Ella é mui rica (me disse); porém é com os pobres, enfermos, e pessoas afflictas que despende a sua riqueza. Pão, algum leite, os figos da serra, é todo o seu alimento; o musgo dos nossos rochedos a sua cama; e os seus vestidos ella propria os faz: todos os annos eu vou á cidade comprar-lhe sarja branca para duas tunicas, e cassa para dois véus: eis-aqui todo o seu gasto pessoal. — Minha filha, que está casada a uma legua d'aqui, vem todas as semanas buscar-lhe a roupa para lavar, e eis a que se limitam as suas relações com o mundo, salvo as visitas que recebe dos fieis que a vem consultar sobre seus negocios: nunca ella lhes faz uma pergunta de curiosidade sobre o que vae pelo mundo; ignora o que se diz, o que se faz; e se consente em apparecer a alguem nunca é por interesse seu, mas sómente para obsequiar.

— «Ouvi-a cantar admiravelmente, hontem quando a visitei.»

— «Bem o creio; canta com os anjos e tão bem como elles: de manhã e á tarde, e muitas vezes pelo meio da noite canta e toca harpa; e tudo são orações que faz, e n'uma lingua que sem duvida é celestial, porque eu muitas vezes a tenho ouvido, e nunca pude perceber palavra.»

(Continúa).

* Continuado de pag. 111.

PRINCEZAS MARROQUINAS
EM PORTUGAL NO ANNO DE 1793.*

A galiota dourada, e um bergantim do estado rodeados de muitos escaleres endamascados, desfilaram de junto ao caes, e se postaram em volta dos navios. Com grande pausa se foi fazendo o embarque e desembarque das princezas em quanto a torre de Belem, e a náu Santo Antonio com

* Conclusão de pag. 108.

mais duas embarcações de guerra salvavam. Porêm como a comitiva africana era de 221 pessoas, e as princezas vinham com as caras tapadas, e guiadas ás cegas pela mão do eunuco e do arraes sómente, durou esta ceremonia, e a entrada e arrumação nos coches até a meia noite!.. Que logração aos curiosos! Emfim pela uma hora da madrugada chegou a comitiva ao paço das Necessidades, precedida e rodeada da companhia de cavallos: ahi se lhe pôz uma guarda d'honra de uma companhia inteira d'infanteria, e ficou o conde da Ega adjudicado ao serviço das princezas das quaes todavia nunca havia de avistar se não o vulto acubertado. Seguiu-se no dia seguinte nova visita da marqueza de Lumiares da parte das pessoas reaes, indo n'um coche puxado por seis urcos, e no outro dia a retribuição d'este cumprimento executada por duas camareiras das princezas, que no 1.° d'Agosto acompanhadas do arraes e padre Sousa marcharam para Queluz n'um coche d'estado puxado a seis. Iam ellas ricamente vestidas, e paramentadas com muitas joias e cabaias de varias côres sendo recebidas depois de muitas ceremonias no quarto mesmo da princeza que ahi tinha sua augusta filha a senhora princeza da Beira. D'ahi passaram aos quartos da senhora infanta D. Maria Anna, da princeza senhora D. Maria Benedicta, e por ultimo do senhor infante D. Pedro Carlos, que era menino, onde abreviaram a visita porque a novidade, e estranheza das figuras e dos trajos o assustaram grandemente.

Concluidos os cumprimentos das senhoras, appareceu-lhes o principe a quem beijaram a mão, e deram os agradecimentos e recommendações das princezas suas amas: e sendo convidadas por sua alteza para verem aquella bella quinta acceitaram de boa vontade, e na companhia do principe a percorreram, admirando a magnificencia e grandeza dos jardins, cascatas, e alamedas, retirando-se encantadas da affabilidade e bondoso tracto d'aquelle principe, recusando todavia o convite do jantar por terem d'assistir ao das princezas suas amas.

Avaliem agora os leitores quaes seriam no paço das Necessidades a ambição de saber, e a curiosidade feminil das princezas ao chegar das mensageiras; e os contos orientaes que estas lhes fariam das maravilhas de Queluz, e dos attractivos de seus reaes habitadores. A constancia já abalada das princezas cahiu então de todo; e assentaram que era dever rigoroso irem agradecer e gozar de tanta liberalidade, fazendo d'isso até um artigo de politica d'estado, pois diziam que chegando a uma côrte alliada do imperio marroquino, e mimoseadas ahi com tão grande munificencia, seria um comprometimento sahirem sem agradecerem a uns principes tão amigos, e generosos.

Baqueou emfim o preceito e o recato musulmano que não consente ser uma mulher vista de homem que não seja seu marido, ou eunuco: e apesar dos escrupulos, talvez affectados, do arraes foi decidido que a visita das princezas a Queluz teria logar no sabbado 3 d'Agosto. O ceremonial d'esta novidade, verdadeiro progresso no systema estacionario dos filhos do Korão, será o assumpto do seguinte quadro.

4.°

Visita das princezas ás pessoas reaes em Queluz, e mais particularidades de sua estada e sahida para o seu destino.

Assentada e resolvida a ida das princezas marroquinas a Queluz, a primeira diligencia preparatoria que se executou foi uma vistoria e inspecção na quinta para achar um local reservado, e quasi mysterioso, em que se apeassem e fossem recebidas antes de sua apresentação. Entraram em competencia a casa dos espelhos, a de cima do lago, e a do jardim botanico; foi esta preferida, por ser, além de retirada, fechada por cancellos.

Durante estes preliminares adoeceu de sobre parto a concubina de que já fallâmos; mandou-lhe sua alteza o seu medico da camara, Aguiar, assim como a outras pessoas enfermas da comitiva; mas a pobre moura succumbiu, e morreu. Este incidente porém não fez empacho: a visita foi marcada para o dia 2 d'Agosto; e eis-aqui como ella teve logar.

Pouco depois da meia noite chegaram ao terreiro das Necessidades sete coches e oito seges da casa real, e uma companhia de cavallos. Pelas duas e meia tomaram seus logares as princezas, o arraes, o conde da Ega, o secretario, o padre Sousa, o eunuco, e o resto das pessoas destinadas ao cortejo, e se puzeram a caminho pelas duas horas e meia da madrugada. Em Queluz, á proporção que as princezas se íam apeando, retrocediam rapidamente os coches para fóra da quinta; o eunuco e secretario as conduziam á casa do jardim. Examinaram-se as communicações do local, e batidas as moitas em torno fecharam-se os cancellos; e achado tudo em regra, estando as janellas do paço ainda fechadas, e tudo ahi dormindo a somno solto, de modo que ninguem visse as nymphas africanas, tomou o eunuco e secretario a guarda da porta, e ahi esperaram, até que veio o almoço, que constou de café, chá, pão e manteiga, tudo com abundancia e aceio (diz o auctor das memorias).

Durante o almoço veio a marqueza de Lumiares cumprimenta-las da parte da princeza a sr. D. Carlota Joaquina, e o mesmo cumprimento veio fazer-lhes da parte do principe um de seus camaristas.

Pouco depois chegou a propria princeza que por via do interprete Sousa lhes dirigiu algumas frases amaveis, passando-se o resto em saudações e misuras reciprocas, tudo por accenos. Antes de jantar veio tambem visita-las a princeza D. Maria Benedicta; as damas e açafatas gosaram igualmente daquella curiosidade, notando todas com admiração os trajos e adornos das princezas africanas.

Seguiu-se o jantar á hora competente: estendeu-se uma mesa quasi raza, e em torno d'ella, em vez de cadeiras, almofadas de damasco e veludo carmesim. O desser se poz de mixtura com as iguarias, que tal é o costume marroquino. Puzeram-se fóra da sala os criados portuguezes, foram chamadas as princezas para a mesa, e tomou o eunuco a guarda da porta. Ficou sómente a sr. D. Carlota, a marqueza de Lumiares, e o padre Sousa, que assistiram ao jantar. A princeza Amina de mimosa não comia por sua mão; uma de suas criadas lhe mettia o comer na bocca. Tal é o costume nos paizes africanos; onde nas bodas dos casamentos não comem as noivas, por modestia e gravidade; mas consentem que uma de suas parentas ou amigas como que as forcem a receber o comer. Ora como ahi se achava a princeza portugueza assentou a delicada africana que se tornava mais interessante e melindrosa, fazendo que lhe mettessem o comer na bocca.

Todo o trem e serviço da mesa era rico e de bom gosto. Acabado o jantar entraram de novo os criados portuguezes, e levantada a mesa, serviu-se o café.

Seguiu-se a distribuição dos presentes com que suas altezas brindaram suas hospedas, os quaes ellas acceitavam com visivel satisfação, mostrando-se mui agradecidas. Constava o presente para as princezas de relogios d'ouro com cadeas e sinetes do mesmo metal e pedrarias; peitilhos de chrysolitas; caixas d'ouro cheias de perolas e aljofres; anneis, brincos, e botões de camafeus, e granadas; presilhas com pedras azues e brilhantes; leques magnificos.

Ás duas camareiras mouriscas se deram enfiadas de coral, cadeas, e thuribulos (brincos) d'ouro, e leques, assim como sessenta pesos duros a cada uma. Ao arraes uma bengala que tinha dentro uma espingarda, pistola, e baioneta, feita na fundição de Lisboa: deu-se-lhe mais um alfange guarnecido de ouro e pedras finas, e duas ricas pistolas. Ao secretario um annel d'ouro com um grande topasio côr de rosa, e outro par de pistolas. Ao eunuco se deram cento e vinte pesos duros que elle mostrou desejar para comprar um cavallo. A todas as demais pessoas da comitiva se deram seus brindes, como caixas de tabaco, e outras miudesas.

Cerrada a noite entraram as princezas no palacio já todo aberto e illuminado; acompanhando-as sua alteza e sua camareira, e outras fidalgas. Ao passarem pelas salas do paço, primorosamente ornadas, principalmente a dos espelhos, que reflectia o fulgor de innumeraveis lumes, subiu de ponto sua admiração, dizendo que não haviam encarecido as suas camareiras quando lhes referiram as maravilhas d'aquella habitação, porque ainda achavam mais.

Em fim, todas lisongeadas, contentes, e jubilosas, subiram aos coches por nove horas de noite, e pelo caminho de Sete-rios se recolheram ao paço das Necessidades.

No domingo 4 d'Agosto, que era o oitavo do nascimento da princesinha, quizeram as princezas festeja-lo segundo o estylo do seu paiz, e baptisa-la, o que só significa por-lhe nome. Consistiu o festim em cantigas, danças, e confeitos, entre os quaes é de rigor certo genero de biscoitos, compostos de massa de varios ingredientes e agoa rosada. De todas estas coisas as proveu Manuel de Pontes como pratico nos usos africanos. Mas a pobre moura, mãe da menina, morreu poucos dias depois d'uma febre, sem que podessem valer-lhe os serviços e habilidade dos dois medicos da real camara, Xavier, e Vidigal, deputados para a tratarem. Falleceu tambem uma velha, aya das princezas.

No enterro d'esta se não fez demonstração alguma, mas o da concubina foi curioso e de grande apparato. O cadaver foi muitas vezes lavado e purificado: primeiro em agoa morna e assucar; segundo com agua de flôr, agua rosada, e beijoim; e terceiro com um liquido de perfumes distilados, como sandalo, murta, mangerona, mangericão. Pastas d'algodão embebidas d'alcanfor lhe vedavam a entrada do ar, principio de corrupção. Depois d'estas lavagens lhes vestiram uma camiza de finissima holanda, calças e gibão de cassas e setim-branco, e por cima de tudo isto uma fina e rica manta do seu dote, o que é prerogativa das concubinas dotadas. Um estrado ou andor de madeira levava em cima o caixão todo despido d'ornatos; era uma especie de grade, ou ripado de pinho. Quatro mouros tomaram a charola aos hombros ás oito horas da noite, e acompanhavam o corpo defuncto as criadas das princezas carpindo, e chorando. O secretario mouro fazia as vezes de ministro da religião; e uma companhia de soldados rodeava o prestito até a sepultura, que foi em campo aberto nas terras por cima da horta navia. Esta ceremonia attrahiu grande numero de curiosos espectadores, e na volta nem mesmo os soldados foram bastantes a defenderem a mourisma de varias pedradas. Finalmente desempedida a imperial comitiva talhou-se a partida e embarque

para o dia 8 d'Agosto. Por oito horas da noite, coches, galeota, e escaleres reaes, tomaram as princezas, e as levaram a bordo; o navio Asia ia mandado á custa do estado. A nau Medusa commandada pelo chefe de divisão Pedro de Mariz teve ordem de lhes dar escolta até Marrocos. No dia seguinte, quando a maré começava a repontar, levantaram ferro, e á véla sahiram barra fóra, sendo salvadas com vinte e um tiros da torre de Belem. ••

PASSEIOS

AO JARDIM BOTANICO DA AJUDA. *

Aqui tendes a olaia *(cercis selicastrum)* da familia das leguminosas, chamada commummente a *arvore da Judea* por ser originaria d'este paiz — é uma planta muito commum nos jardins e nos passeios da Europa, e faz-se notar durante a primavera pela abundancia das suas flôres côr de rosa que cobrem os ramos ainda antes de revestidos de folhas.

Mais adiante está o zimbro da Virginia *(Juniperus virginiana)* conhecido tambem pelo nome de *cedro vermelho;* planta que pertence á familia das *cupressineas*,, cresce muito lentamente, mas fornece uma madeira preciosa, odorifera, e quasi incorruptivel. Um pouco adiante cresce o cedro da Phenicia *(Juniperus phœnicia)* membro da mesma familia que vegeta muito bem em todo o meio dia da Europa, e que *Linneu* e *Broussonet* suppõem ser a arvore d'onde se extrahe o incenso. O espinheiro do norte *(Gleditschia triacantha)* e alfarrobeira *(ceratonia siliqua)* plantas de uma mesma familia, da familia das leguminosas, elevam-se ao nosso lado cubertas uma de flôr e outra de uma espessa folhagem. — Um pouco mais adiante podeis observar o platano bastardo *(Acer pseudo-platanus)*, e essa formosa cesalpinea que os botanicos chamam *cæsalpinea papay.* Mas iamos passando sem saudar a amoreira branca *(morus alba)* essa planta preciosa que illustra a sua familia, a familia das *urticeas*, e que todos os paizes cultos anceiam possuir por subministrar nutrimento ao bicho da sêda.

Esta planta, cultivada na China pela imperatriz *Loui-tseu* 2:700 annos antes da era christã, foi introduzida na Europa pelo meado do seculo 6.°, durante o reinado do imperador Justiniano, por dois monges gregos, que d'aquelle paiz trouxeram cautelosamente escondidos no interior dos seus bordões as suas sementes e os ovos do bicho da sêda. Foi este o mais precioso presente que nos veio da Asia; e a Europa deve ser reconhecida aos importadores d'esses germens de riqueza.

De Bisancio, onde primeiramente foi cultivada, passou a amoreira branca para o Peloponeso que quinhentos annos depois tomou o nome de Morea por causa da importancia d'esta plantação. Da Grecia passou para a Sicilia e d'esta para a Italia em 1130. Começou depois a cultivar-se em França nos fins do seculo 15 depois de concluida a guerra que Carlos 8.° fez á Italia. A sua cultura foi successivamente promovida por Carlos 8.°, Henrique 2.°, e Henrique 4.°, Luiz 13.°, e Luiz 15.°

O marquez de Pombal procurou tambem generalisa-la entre nós, e fez para isso os maiores esforços — hoje vae progredindo em Portugal a sua cultura que merece ser animada por todos os modos, visto que a creação do bicho da sêda se compadece perfeitamente com o nosso clima. — Mas deixemos esta utilissima planta que offereceria uma larga margem ás nossas conversações, assim como offerece um vasto campo ás meditações do phisiologista, aos calculos do homem de estado, ás esperanças do industrial, e ás especulações do commerciante.

Ahi tendes o ulmeiro *(ulmus campestris)* da familia das amentaceas, indigena da Europa, e cultivado desde a mais remota antiguidade. Os primeiros povos da Italia deram-lhe a preferencia para sustentar em seus braços a vide, que nós desposamos ordinariamente com o valente carvalho. Os poetas antigos e modernos celebraram em seus versos esta especie de consorcio. Virgilio emprega muitas vezes nas suas georgicas esta prosopopeia graciosa — a vide amante do ulmeiro forcejando por abraça-lo com seus ramos flexiveis e procurando protecção e apoio nos seus robustos braços — é uma imagem bucolica cheia de encanto e de poesia que exprime ingenuamente a *fraqueza da mulher que ama e a força do homem que protege?*

Vós tendes em França formosos ulmeiros plantados nos adros das igrejas das povoações ruraes. Foi o grande Sully que ordenou esta plantação, e este bom costume inda hoje se conserva..... recordo-me neste momento que foi debaixo da copa de um gigantesco ulmeiro, que nos suburbios de *Gisors* Filippe Augusto e Henrique II reconciliados por um momento concertaram a terceira invasão da *Terra Santa*, que os cruzados tornaram pouco depois um lago de sangue e de crimes — e que passado algum tempo, recrudescendo as antigas animosidades, o rei dos Francezes mandára abater a arvore testemunha dos juramentos e dos abraços menos sinceros dos dois monarchas.

Mas saiamos do nosso bosque antes que seja mais tarde, e entremos no plano das classificações ou na eschola pratica de botanica. É como já daqui vedes um extenso quadrilongo que contem um grande numero de especies, e que se acha abrigado — do lado do poente pela matta que acabamos de examinar, e por essa linda e viçosa collina de prados e bosquetes que havemos de visitar um outro dia — do lado do norte e nordeste pelas duas grandes estufas, que estão nas suas extremidades longitudinaes, e pelo palacio real que as une — do lado do oriente por essa alta e espessa muralha de *thuias* que se descobre ao longe. Da banda do sul temos inferiormente o plano das culturas experimentaes..... e ao longo as aguas aniladas do Tejo, e a cordilheira de montes que começam em Almada, e vão morrer no oceano, e que n'este momento se apresentam esplendidamente illuminados pelos raios horisontaes do sol.

Podeis por tanto facilmente conhecer que a situação e exposição d'este plano defendido dos maus ventos, e aberto á luz e calor solar pelo meio dia, não póde deixar de ser excellente e muito apropriada á cultura das plantas tropicaes, e do reino.

Como me haveis manifestado o desejo de conhecer a organisação das plantas, eu vos irei dando algumas noções simplices e precisas da sua historia. Fallar-vos-hei dos seus orgãos, da sua vida, dos seus habitos e instinctos curiosos, da sua genealogia, da sua patria, e d'essas harmonias quasi mysteriosas e providenciaes, que unem estes interessantes seres aos seres animaes.

Não temaes porém que vos atormente com essa pesada e immensa nomenclatura, que torna fatigante a mais amena de todas as sciencias: ao contrario como sei que não tendes pertenções academicas, nem ambicionaes o capello doutoral, eu procurarei empregar, quanto seja possivel, uma linguagem clara e corrente.

Mas estamos no fim da tarde e é força que por hoje interrompamos as nossas palestras.

G.

* Continuado de pag. 112.

QUATRO CONTEMPORANEOS. *



LORD BYRON.

— « Atravessemos o oceano germanico, saltemos um espaço de vinte e tres annos, e tornaremos a achar um espectaculo, que nos recordará, n'outras proporções e outros matizes, o tranquillo nascimento de Gœthe e a grave casa de Francfort. Acaba de nascer, de familia antiga, um menino n'uma casa escoceza pequena, porém onde reluz o aceio; não é rica, mas tem um nome venerado, nome da nacionalidade escoceza. Um dos antepassados d'esta familia, nomeado por grande sagacidade de observação, foi tido, e ainda o é, em conta de magico. A prudencia, a economia, a discreta previsão do escocez habitante dos campos reinam n'aquella morada. Crear-se-ha o menino para ser jurisconsulto ou advogado, excellentes profissões n'um paiz, onde cada um defende tenazmente os seus interesses, onde o fôro é honrado. Mas Gualter ou Walter é de saude debil, e como uma enfermidade perigosa ameaça a sua existencia, um tio, cavalheiro e antiquario, o recolhe na sua annosa residencia: alli, amontoados n'um salão gothico, acham-se todos os manuscriptos, livros bolorentos, peças de armaduras, retratos antigos, que podéra ajuntar, tudo por amor á Escocia, sua patria: alli convalesce o menino no meio das lembranças e vestigios dos heroes e seculos que desappareceram: alli se desenvolve no silencio o instincto poetico e observador que o associam á nacionalidade passada. Não preciso dizer mais, tendes visto desabrochar e fructificar toda a vida intellectual de Walter Scott.

Correm os annos: Gœthe, Schiller, Scott, elevam-se nas diversas direcções, que assignalámos: a França precipita-se para a sua revolução; soaram as horas sanguinolentas de 1793: póde crer-se que o mundo moral desaba em ruinas. Reinam o terror e a desesperação; a Europa jaz tomada de espanto á face d'aquella prevista vingança das populações por muito tempo esmagadas. — N'uma das ruas mais obscuras de París esconde-se um inglez com sua mulher, escoceza dotada de paixões tão formidaveis como elle, meia louca de orgulho, de violencia de character, e de amor. Jogador desenfreado, expulso de Londres por dividas, é descendente de uma raça, cujos annaes são cheios de duellos, conquistas, sangue derramado, desterros na Siberia, prisão em carceres, violencias de toda a casta, viagens á roda do mundo, aventuras arriscadas; é a raça dos Biron da Normandia, dos Burun da Livonia, dos Byron d'Inglaterra; um acompanhou Guilherme o conquistador; outro perdeu a cabeça n'um cadafalso; o pae do jogador foi publicamente julgado na camara dos pares, como assassino n'um duello á porta fechada. No fim d'esta lista funebre, sulcada de coragem, de crime e d'heroismo, misturada de sombras ensanguentadas

* Continuado de pag. 111.

e de vívidos clarões de gloria; descobris o filho da escoceza, concebido em París durante o reinado do terror, lord Byron, que será o poeta da desesperação. »

ARCHEOLOGIA PORTUGUEZA.*

II.

TACITO PORTUGUEZ.

Vida e morte, dictos e feitos de el-rei D. João, o 4.º, de Portugal, manuscripto de D. Francisco Manuel de Mello.

O extracto que vamos dar de uma copia d'este precioso inedito, obra das mais notaveis do nosso grande escriptor, é importantissimo para a historia portugueza, pela luz que lança sobre as causas que contribuiram para a morte de Francisco de Lucena, secretario de D. João 4.º

Capitulo 7.º

. . . .

Sebastião Cezar, bispo eleito do Porto e ministro de igual valia, merito e desgraça, exerceu n'aquellas côrtes *(as segundas depois da acclamação)* o logar de secretario da nobreza entre os trinta de quem se fórma. Achava-se em seu tribunal excitando aos circumstantes arbitrassem tudo o que fosse conveniente ao serviço do principe, conservação do reino, e augmento do estado da nobreza.

Então foi interrompido pelo conde de Vimioso, que com razões de grande gravidade dizia: « Que em vão os nobres, igreja e reino, se cansavam em buscar meios de sua prosperidade, se tão junto a el-rei como se achava seu secretario e valido Francisco de Lucena, todos perdiam o valor; que este ministro era o piloto perfido, que a tempo de metter pela barra dos ouvidos do principe os ricos thesouros dos designios de seus vassallos, elle mesmo lhe subministrava o naufragio; que este lançava peçonha na fonte do povo, de que tudo resultava inficionado, introduzindo no animo de el-rei venenosas informações; que d'estas procedia o descredito em que se odiavam os maiores do reino; que fundára na miseria alheia sua prosperidade, porque necessitados de sua intervenção lhe comprassem o que el-rei lhes dava, e já a preço de meritos haviam feito proprio; que seus fins ainda eram mais perversos que ambição, soberba, e iniquidade; que bem se podia inferir por infallivel syllogismo desejava o reino em mãos de el-rei de Castella quem por este modo o arrebatava das mãos de el-rei de Portugal; que nenhum dos presentes se cansasse em ociosas meditações de estado em quanto se não viam livres d'este grande impedimento, e que o mais fiel sería aquelle que mais cedo e resoluto offerecesse meios para tirar tão grande obstaculo d'entre el-rei e o reino. »

Alguns sentiam diversamente, porque o odio, á maneira dos raios do sol, póde ser dissimulado, porém não desmentido; o que mais determinou oppor-se a esta resolução se deu por satisfeito em não segui-la: os mais a abraçaram indistinctamente, porque n'estes havia igual queixa e inveja que em seu auctor.

Pareceu que o primeiro passo convinha ser communicar aquelle ponto com os estados ecclesiastico, e popular, entre os quaes estava já bem assentada esta opinião; em o primeiro porque como os sogeitos de que consta pertenciam ao proprio estado da nobreza, participavam alguns do mesmo escandalo; o segundo com menor desculpa seguiu seu erro, se não se recebe o exemplo por escusa. Muitos dos procuradores populares, instruidos n'esta opinião á força de promessas dos grandes, se converteram em suas proprias paixões sem outro zelo que lisongear áquelles, de quem por sua vontade se faziam dependentes.

Constante entre elles a fama da conspiração, acudia cada um com documentos particulares que o comprovassem: uns ajustaram que vissem os outros impossiveis: não se duvída porém que entre tanto emulo diversões houvesse, algumas injustas, e muitas de antiga *(ou ambigua?)* interpretação, applicadas sempre á peior parte.

Umas das culpas capitaes se fundavam no excesso da jurisdicção, divisando a regalia: será bem informar d'ellas ao juizo publico.

Costumam os reis da Europa, e os de Portugal com grande frequencia, ouvir em publico a seus vassallos, que por papel lhe apresentam a informação de seus negocios pedindo o remedio d'elles; e como nos novos reinados os subditos tem mais confiança, e os principes maior paciencia, era sem numero o numero das petições que a el-rei acudiam, para cuja comprehensão, quanto mais despacho, não bastavam os dias inteiros.

Reparando el-rei n'este inconveniente, e consultando com o secretario o remedio, tomaram fórma: que recolhidas as petições que se davam a el-rei, o secretario as visse em seu officio, e por elle debaixo de sua firma em nome de el-rei as remettesse aos tribunaes onde tocavam, d'onde vistas e examinadas as materias subiriam a el-rei votadas e dispostas de sorte que comprehendendo o ser das cousas, as podia resolver facil e justamente. Tal era a usurpação do officio de reinar, criminando a equivocação que havia dos mandos do rei e do ministro, porque sendo este o que mandava e assignava os decretos, os adjudicava ao imperio de seu senhor, dizendo: manda el-rei — como se o secretario não fosse a seu principe tanto voz como imperio.

Fôra largo, e alheio processo, referir as importunas calumnias, taes barbaras, taes maliciosas, que contra aquelle ministro se fabricaram.

Comtudo, como verdadeiras, e importantes, foram de grandes pessoas abraçadas. D. Rodrigo da Cunha arcebispo de Lisboa, de quem já fallámos, se interessou n'esta conspiração além do que pedia o seu estado, e vida: disseram que por queixas particulares. Era o arcebispo homem docil, reprehensivel, e reprehendido, o maior de sua familia, na qual enxerida por affinidades pouco conjunctas a casa dos Saldanhas, de tal maneira se quiz fazer participe de seus interesses, que não só aos justos patrocinava, mas ainda aos vãos designios, que por alguns se estendiam.

Succedêra que havendo el-rei feito eleição de bispos para provêr as igrejas do reino, pretendêra Manuel de Saldanha, reitor de Coimbra, o bispado de Viseu, em o qual sahíra provido D. Pedro de Menezes, homem de igual fidalguia e bondade; e Manoel de Saldanha na mitra de Miranda, inferior á de Viseu. Sendo já publicada esta resolução por decretos reaes, foi tanto o queixume, e poder do seu parente contra o secretario — de quem diziam que por amizade com o Menezes trocára o acôrdo de el-rei — que o mesmo rei e secretario houveram de satisfaze-los revogando á vontade dos queixosos os primeiros decretos, accommodando a D. Pedro em Miranda: o que compozeram com razões e esperanças.

Nem por esta emenda se deram por satisfeitos, como juiz que perdoa a culpa, mas não a pena. Por tal causa, e outras pouco mais justificadas entraram uns e outros no desejo de vingança, a que o arcebispo não negava o consentimento, nem a authoridade: por ventura se lhe representavam estes intentos cubertos d'aquella infedilissima vestidura *(investidura?)* do zelo, que a tantas paixões deu muito credito, e a tantas innocencias estrago.

Francisco Manço, religioso da companhia, publico confidente do reino, viera de Castella — disseram que por elles era enviado: — foi a este fim recluso na torre de Belem por pouco tempo; ruim, comtudo, n'elle mais o escandalo que o estimulo; agora achando as portas tão abertas para a vingança, entrou por ellas sem receio; inculcando que sabia das traições, e maleficios de Lucena pelas noticias, que na côrte castelhana alcançára, que antes de sua prisão lhe não tinham lembrado.

Formou-se entre todos um papel de culpas capitaes, conspirações, infedilidades, latrocinios, o qual assignado dos nobres, e alguns populares, foi o arcebispo com os de sua facção publicamente offerecer a el-rei: muitos lhe deram fórma e authoridade a este papel que os dias participavam de sua resa, as noites de sua conversação. Aos bravos leões domam os beneficios, e trato humano; aos homens em vez de os obrigar, enfurece.

Víra-se el-rei mais confuso n'esta novidade, se já não lh'a houveram prevenido por avisos, que não creu, ou desprezou: comtudo, apartando as propostas, a que a inclinação e perigo o levaram, julgou por qual era o espirito que animava aquella diligencia.

A. DE O. MARRECA.

(Continúa).

* Continuado de pag. 110.

ANECDOTA.

Um pretendente provinciano veio á côrte requerer um logar vago na comarca que habitava; boas esperanças lhe davam as recommendações de seus protectores, e ainda mais as palavras d'aquelles a quem as recommendações vinham dirigidas: assim mesmo correu algum tempo, e elle nada conseguia; como era de genio audaz deliberou procurar el-rei (D. João 2.º que então reinava) no primeiro encontro; e expoz-lhe sua pretenção. — « Não póde ser (disse o rei) o logar está dado. » — « Beijo as mãos pela mercê. » — « Como! se vos não despachei. » — « Que melhor despacho que um desengano, para não andar aqui annos e annos a gastar minha fazenda. » — El-rei gostou do dicto e proveu o supplicante n'outro logar.

ENIGMAS PITTORESCOS.

EXPLICAÇÃO DO ENIGMA DA FOLHA ANTECEDENTE.

Com passos agigantados caminha o homem para a sepultura.



SUMMARIO.

SANCTUARIO DE BRAGA.

A CASCATA.

Não sendo possivel dar a descripção completa do monumento religioso do Bom Jesus do Monte, porque os limites do jornal não podem abrange-la; havendo meios de satisfazer a curiosidade no livro que imprimimos[1]; daremos sómente a parte explicativa da estampa que imprimimos.

«Tenho conduzido o visitante até ao cimo dos dois escadorios perto da cascata. Que terá elle pensado de tudo o que tem visto? Que lhe terá agradado mais? Idéas religiosas tiveram de sobejo os auctores d'esta obra, e não ouso de julgar qual das duas primeiras partes do monte seja mais abundante d'ellas. Mas quanto a graças da natureza, poesia e sentimento, não hesito em dar a palma á primeira.»

«O portico é um primor d'arte; e os passeios que conduzem d'umas para outras capellas, abertos na encosta d'uma montanha escabrosa e semeada de duras e alcantiladas penedias, que foi mister romper, são productos de fertil imaginação, e obra de forçoso trabalho. Mas com estas maravilhas da arte estão reunidos todos os encantos da natureza; e o melancholico sombreado da mata, basta e sem clareiras, e a serena fresquidão de que se gosa por ahi em dias calmosos *ao limpido jorrar das frescas fontes* por debaixo da copada verd'escura ramada, produzem n'alma fortes e profundissimas impressões, — tornam d'este sitio um pequeno Bussaco, que inspira sentimentos de virtude, de religião, e de amor. Por todo o escadorio até o templo o ar é limpo e desaffrontado: corpulentas estatuas, fontes vistosas e admiraveis por suas allegorias, bem lançadas escadarias, e em alguns pontos soberbas perspectivas, eis-aqui toda a belleza dos escadorios.»

«Qual deva preferir-se, não hesitei desde a vez primeira, e não hesitará quem fôr sensivel. As grandezas dos escadorios não tocam o coração; e o mais que produzem é sentimento de admiração pelo genio de seus auctores, e de respeito pelas verdades que se ahi acham representadas.»



«Rematam os escadorios com a cascata.»

«Do ultimo lanço do escadorio das virtudes entra-se para um elegante e espaçoso plano em meia laranja, com seus parapeitos e assentos.»

«Em frente delle, dentro d'um grande nicho aberto em uma grossa parede oval, está a cascata representada por um pelicano na acção de espicaçar no peito, donde brotam em abundante chuveiro fios de purissima agua, que esparzindo-se per sobre duas taças semicirculares, e proporcionalmente maiores uma do que a outra, toscamente feitas de granito picado e aguçado, vem cair em outra maior e da mesma fórma, que está pousada no chão.»

«Sobre o nicho acha-se uma grosseira estatua de Moysés, que nenhuma circumstancia tem que desperte a attenção senão o desagradavel contraste de sua figura tosca com a elegancia da cascata.»

«Duas vistosas escadarias de 27 degráus, com pequenos jardins entre seus parapeitos e os do templo, conduzem em meio caracol a um patim sobre a cascata; o qual é um dos mais bellos pontos da montanha, porque, ficando sobranceiro á mata e aos escadorios, como a sua varanda superior, delle se desfructa a perspectiva d'ambos os escadorios, que em suave declive parecem irem-se desenrolando; — vê-se por de cima da ramada quasi toda a mata, que cobre os passeios desde o portico; — e goza-se ao longe da mais arrebatadora vista de terra e mar.»

«Era este tambem um sitio, que eu não podia deixar de visitar com muito interesse, sempre que ia ao Bom Jesus. Que doces sensações alli não experimentei, umas vezes em fresca manhã d'Agosto ao levantar-se a aurora; e outras em fins de tarde calmosa, presenciando d'alli o pôr do sol tão magestoso por entre açafroada aureola de matisadas nuvens!»

[1] Pag. 109.

MABILIA, OU AMAVEL.

ROMANCE HISTORICO.

Dezembro de 1120—1124.

BARFLEUR.

Barfleur, Barfleur, rainha das villas maritimas da Normandia, como está alegre o teu porto! Que archeiros são esses a pé, de sobrevestes acolchoadas, armados de frechas e dardos? E ess'outros, tambem da milicia, mas com melhores armas, cobertos de coiraça? E esses escudeiros garridos, esses porta-lanças? Esses homens de armas e seus capitães?

Alli vão cavalleiros em sellas simples e grosseiras, similhando albardas, todos elles vestidos dos hombros até os joelhos de cottas de malha de ferro, todos sopesando lanças e embraçando escudos ovados, onde estão representadas figuras de leões, dragões, e outros animaes ferozes. Calçam sapatos de ferro os que não estão descalços; com estribos uns, e outros sem elles; alguns com pendão triangular na ponta da lança.

Alli vão senhores, e altos barões, vestidos das mesmas armas que os simples cavalleiros, mas com mais gala e maior pompa. A alguns pendem-lhes mantos custosos do hombro esquerdo.

E na frente d'elles, na frente de todos, vae o rei, coroado, com o manto, a lança, espada, um pendão triangular, e um crucifixo arvorado na lança. Calça sandalias. Acompanham-no mancebos, distinctos como elle por insignias regias. E no coice da marcha brilha um cortejo de formosas damas.

Quem são?

É el-rei, Henrique o 1.º, de Inglaterra, que volta do continente. A guerra longa e porfiosa, que travára com seu sobrinho Guilherme, filho do duque Roberto, e com o rei de França, mentor e auxiliar do mancebo, concluiu-se com um tractado de paz. Voltam com el-rei, seu filho Guilherme, herdeiro da corôa, seus filhos bastardos, e sua filha legitima a formosa princeza Maria. Volta toda a côrte normanda.

Como está alegre a villa populosa de Barfleur! Que de navios se ajuntam no porto! Que de espectadores se apinham nas ruas!

E que grupo é aquelle que além está? No meio d'elle fallam e gesticulam enthusiasmados á turba de mancebos que os escutam, alguns homens, em cujas cabeças alvejam cabellos brancos. São os moradores mais velhos de Barfleur que ainda viram apparelhar a frota immensa que Guilherme 1.º levou á conquista de Inglaterra; que ainda se lembram de ir arvorada no tope do mastro da capitania a bandeira do papa, e uma cruz no pavilhão; e que contam aos mais moços as côres diversas de que eram as vélas; como n'estas se viam pintados em muitas partes os tres leões, divisa da Normandia; e que á proa ia esculptada a figura de um menino com um arco tendido e a frecha a despedir-se; e até referem os grandes fachos que a capitania levava pendurados nos cestos da gavea, para servirem de farol e ponto de reunião a toda aquella expedição famosa.

Velho porto de Barfleur, testemunha d'estas scenas, e que foste o theatro de tanta grandeza, os baixeis soberbos, que se miravam em tuas aguas, desappareceram para sempre! Os conquistadores a quem viram com orgulho os teus habitantes, sumiram-se na campa dos seculos! A população numerosa que te animava, rareou-se a escassos moradores! E agora, porto de Barfleur, jazem quasi desertas tuas aguas, és infamado com os navegantes, e apenas frequentado de pobres barcos pescarejos!

O EMBARQUE; E RAS DE CATTE.

«Senhor rei, faze-me mercê de acceitar este marco de ouro, pobre offerta de um marinheiro.» Assim fallava no porto de Barfleur a Henrique rei de Inglaterra, filho de Guilherme, o conquistador, um certo Thomaz, filho de Estevão.

O marco de ouro era o padrinho que o rude maritimo mettia de empenho ao defferimento de uma petição; e a petição era esta: «Estevão, filho de meu pae Erardo, serviu toda a sua vida a teu pae no mar, e foi quem mareou o navio onde elle embarcou para a conquista. Senhor rei, supplico-te que me encartes no mesmo officio. Tenho apparelhado para te servir como convem um navio por nome — a *Branca nave*.

«Já escolhemos o navio, em que é nossa determinação embarcar; mas para te fazer mercê, levarás os nossos dois filhos, nossa filha, e a sua côrte, a bordo da *Branca nave*.»

Thomaz foi contente com esta resposta do rei. O navio que levava o ultimo partiu, com effeito, do porto de Barfleur n'esse mesmo dia ao sol posto com um vento de servir, que lhe soprava do sul.

A *Branca nave* largou sobre noite, um pouco mais tarde do que o navio de el-rei.

Ao levar ancora os marinheiros clamaram: *vinho, vinho*. Os regios passageiros mandaram distribuir-lho com profusão, porque a noite estava fria.

O navio era manobrado por cincoenta remeiros habeis, e por Thomaz, que ia ao leme; e vogava rapidamente a um luar magnifico pela costa de Barfleur.

«Rêma, réma!» Gritavam os marinheiros animados pelo excellente vinho que tinham bebido, e da presença dos principes, que os excitavam, e sofregos por alcançar o navio de el-rei que tinha largado pouco antes, segundo dissemos.

A *Branca nave* voava sobre as ondas; os marinheiros esforçando o remo entoavam alegremente o canto de Roldão e Carlos Magno, famoso em toda a Gallia; uma das damas normandas do sequito da formosa princeza Maria, preludiava na harpa harmonias suaves; e os principes e cavalleiros, taes circumstanciavam os festins e as partidas de caça que haviam de fazer, logo que saltassem em terra; taes saboreavam o prazer de tornar a abraçar as suas esposas, ou de tornar a vêr as que lhes tinham promettido que o seriam.

De repente sente-se um rugido, e depois um tremor em todo o baixel: a harpa callou-se: as damas empallideceram: os cavalleiros interromperam as suas praticas para perguntarem ao patrão o que era?

O patrão rogou algumas pragas: a *Branca nave* por imprudencia d'elle tinha encalhado n'um banco de arêa. A confusão e o susto eram grandes a bordo do navio: comtudo mestre Thomaz não soçobrou. O vento era bonança; o mar estava chão; e o navio tinha tocado, mas com mediana violencia: fazia pouca agua, e ainda nadava parte d'elle.

«Filhos! — clamou o patrão — minha boa gente de Normandia, não vos assusteis: isto não é nada: ração e paga dobrada se me safardes a *Branca nave*.»

«E um bom premio de el-rei» — bradava-lhes para os acoroçoar um cavalleiro normando, que parecia o mais authorisado do rancho.

«Um cento de missas ao bemaventurado senhor S. Miguel (*era um dos padroeiros da Normandia*), se nos salvar d'este perigo» — promettiam os bispos e capellães da comitiva.

As damas faziam mil votos á côrte celestial, se lhes fosse dado vêr ainda uma vez na vida, a umas os seus cavalleiros *par amours*; a outras os seus senhores *par mariage*.

«Oh! hup!

«Oh! hup!

«Sus, meus galhardos rapazes» — bradava mestre Thomaz á maruja toda afanada em sacudir o navio.

«Oh! hup! Oh! hup!

«Vae safo, vae safo!

A força de braços, e remos, e promessas, e pragas, e orações a *Branca nave* tinha-se emfim safado do banco de arêa ao cabo de alguns minutos.

Calafetaram-se algumas roturas que o navio abrira no embate. O arraes tomou nota, jurando e protestando aos seus deoses marinhos que nunca mais a *Branca nave* afocinharia n'aquella paragem. Os cavalleiros normandos prescindindo da etiqueta, escançaram elles mesmos á marinhagem outra vez de vinho em copos de chifre de bufalo com frisos doirados. Recomeçaram as praticas joviaes dos principes e fidalgos, o canto dos remeiros, os preludios da harpa; e os raios da lua resplandeceram sobre os rostos já risonhos das formosas normandas.

O navio ia de voga arrancada sobre as ondas prateadas, alegre como os que remavam, alegre como os passageiros, alegre como as modulações da harpa: mas a alma do navio — mestre Thomaz, — taciturno naturalmente, e de semblante pouco festival, scismava, alimpando de quando em quando com as costas da mão esquerda, desoccupada do leme, a bocca, ou ainda suja do vinho ou sequiosa de mais.

Scismava n'aquelle caso do banco de arêa, e não podia atinar no que aquillo fosse, que visivelmente era a ignorancia dos tempos, a falta de cartas de marcar, e dos rudimentos mais elementares da nautica. De repente bate uma palmada na testa, alumiado de luz interior:

«Foi elle, foi aquelle perro Dunstan que deu olhado ao navio» — dizia a meia voz, o arraes.

«Foi aquelle perro Dunstan que deu olhado ao navio» — repetia elle em voz já mais alta, e affirmativa.

E passando de banco a banco com certos murmurios de approvação, esta voz chegou aos ultimos remeiros dos cincoenta que marcavam o navio depois de já ter chegado aos cavalleiros e aos principes; chegado ao bispo e capellães, com signaes de annuencia.

«Dunstan! — gritou o arraes, depois de uma breve pausa, como quem chamava por aquelle nome.

Ninguem respondeu.

«Dunstan! Dunstan! Dunstan!» bradou segunda vez com um berro capaz de acordar os sete dormentes.

Silencio.

«Dunstan! Dunstan! Dunstan! Dunstan! ou satanaz do inferno!

A este clamor que mais parecia o bramar de um toiro selvagem, respondeu com um accento de terror uma voz sumida e afastada:

«Ahi vou, ahi vou, mestre..... Ahi vou..... E a voz aproximava-se, repetindo sempre:

«Ahi vou, ahi vou.

Uma cabeça loira, e annelada surgiu da escotilha.

Era Dunstan que representava ter vinte annos. E ainda que maltratado, e vestido nos trajos despresiveis de grumete, as fórmas delicadas, e porte do mancebo certificavam bem que não nascêra para aquelle trato. Dunstan era filho de uma familia saxonia, nobre e opulenta algum dia, cuja cabeça, reduzido á desesperação por fome, se vendêra perpetuamente a si e aos seus a um famulo do exercito normando pelos sobejos de um jantar. O auto sacrilego da venda fôra registado, segundo os usos da época, nas paginas brancas de um missal; e o comprador, seguro com aquelle titulo authentico do seu direito — monumento, para nós, das miserias de outra idade — vendêra Dunstan a mestre Thomaz.

Mestre Thomaz era pois proprietario de Dunstan, com authoridade de usar, abusar, alugar, vender, escambar, e destruir a *coisa* vendida, salva a jurisdicção de el-rei, e das justiças de el-rei.

O primeiro cumprimento do arraes normando ao nobre saxonio foi uma esfregação de cabo, que lhe mandou administrar pelo homem que, na antiga navegação, batia com um malho o compasso á voga; isto assucarado logo com segundo cumprimento:

«Que fizeste tu ao navio, saxonio maldito?

Dunstan ficou impassivel, erecto, sem manifestar a mais leve queixa, sem rebentar-lhe uma lagrima, sem escapar-lhe um suspiro, grande na sua posição de ignominia; e — o que mais é — ficou mudo.

«Ensurdeceste, escommungado? diz, invocaste com algum conjuro diabolico a perdição do navio? que estavas tu fazendo no porão?»

Mestre Thomaz soltava estas palavras, rangendo os dentes, cerrando os punhos, contrahindo-se-lhe o rosto em esgares medonhos, e deitando os olhos desvairados ora para o cabo, ora para Dunstan, ora para a marinhagem, ora para os passageiros.

«Estava resando pela alma de meu pae, que foi covardemente assassinado por um vil soldado normando.

A. DE O. MARRECA.

(Continúa).

ALICIA.*

Era interessante a conversação do pastor; era a unica pessoa, que podia subministrar-me informações do que eu tanto cobiçava saber; pelo menos assim o pensava eu. Depois de breve descanço continuei o colloquio, perguntando como alli chegára aquella senhora, e se elle já conhecia a caverna mysteriosa, em que ella habitava agora.

— «Eu assisti á sua chegada. Ao descahir da tarde recolhia da serra o meu rebanho, e resava á Virgem Maria, porque era a hora das Trindades, e vi que se encaminhava para mim um vulto de mulher, vestida de branco e coberta de véu; assentei na minha simplicidade ser a Rainha dos anjos que recebia a homenagem de seu humilde servo: pouco tardou que não conhecesse ser pessoa humana, pelas mostras do que padecia, tremula e quasi a desfallecer. Dei-me pressa em conduzi-la á minha choça, e offerecer-lhe o pouco que podia repartir de alimentos. Assim que recobrou forças com alguma comida, disse-me que vinha residir n'estes sitios, que achára uma gruta excellente, que pertendia habitar para sempre, e que se eu quizesse ajuda-la a desempachar aquelle vão das pedras e táliscas de sal gemma, que a obstruiam, lhe prestaria excessivo serviço. A voz d'ella tinha um não sei que sobrenatural que persuadia; não se lhe podia resistir; prometti quanto pretendeu. Eu não sabia da gruta, sómente que era uma d'essas minas de sal de que ha bastantes no Aragão; mas a que me apontava estava ha muito abandonada, e tinha fama de ser colheita de duendes e trasgos. Quem havia por estes sitios que se atrevesse a entrar alli! Porém, ouvindo eu a uma mulher fraca que a tinha visitado e queria morar n'ella, vergonha seria hesitar n'um obstaculo que uma

* Continuado de pag. 113.

mulher tinha vencido. Decidiu-se que iriamos á gruta, e que eu faria os trabalhos que ella me determinasse. Deixei-a em minha pobre choupana para que estivesse livre e socegada n'aquella noite, e fui tomar jazida no curral do fato que apascentava: foi n'essa noite que, pela primeira vez, a ouvi cantar; julguei não estar n'este mundo, ou que um anjo do céu tomára a figura humana para ensinar os homens a louvar a Deus. Quem poderia imita-la, ó meu Senhor! Quem poderia cantar assim! Logo ao nascer do dia appareceu á porta da cabana, e ainda eu estava abysmado nas delicias do canto. — « Vamos, Jayme, partamos para a minha nova habitação. Traz luz, alimento para todo o dia, e os utensilios necessarios para limpar a gruta; tudo o mais com o tempo se fará. »

Entreguei a guarda das cabras a um pastor amigo e visinho; e parti com a santa. Ella percebeu que eu estremeci algum tanto ao entrar na vereda escura do seio da montanha. — « Deixa-me ir adiante; (me disse com resolução) já andei esse caminho e o conheço; seguir-me-has. » —

Dizei-me se eu poderia hesitar! Chegámos á gruta, e apesar do entulho do chão julguei-me n'uma igreja magnifica: a abobada luzente como as estrellas do céu, os pilares transparentes, o ar morno e agradavel; tudo isto não podia deixar de ser obra de Deus, que queria ser adorado nas entranhas da terra, como o é na superficie d'ella em templos edificados pelos homens: foi o primeiro impulso ajoelhar e resar fervorosamente; e o segundo, metter mãos á tarefa para tornar aquelle logar digno do seu destino. D. Alicia regia os meus trabalhos, e em menos de oito dias estava limpa a gruta, raso o chão, e desembaraçada de tudo o que impedia o passo. Eu tinha feito a grade de canas que separa o que eu posso chamar nave do templo da parte que é habitação reservada da santa: posta a grade mandou-me tecer uma esteira para servir-lhe de cama. Depois enviou-me a Saragoça com dinheiro bastante e com uma carta para um grave religioso, a quem pedia me acompanhasse e encaminhasse na compra das cousas de que ella carecia para a sua ermida e para si: voltei com um altar, castiçaes, lustre, vasos de flôres e a bellissima imagem do Senhor, que havieis de ter visto sobre o altar. Quiz que todas as alfaias fossem de pau-santo, dizendo que a gruta brilhava bastante, sendo obra das mãos de Deus, e assim não havia de mostrar-se alli em competencia obra de ourives ou qualquer outra de mãos humanas. Além d'estes objectos, o religioso tinha comprado tambem uma harpa, relogio, e diminuta porção de louça de barro ordinaria: depois que entreguei tudo a D. Alicia, tomou o seu véu, e nunca mais tornei a vêr-lhe o semblante. Procurei outra vez o mesmo religioso, que veio benzer a gruta, celebrar missa e dar a communhão; feito o que se despediu tomado de admiração e respeito pela animosa resolução de uma mulher tão fraca e delicada, que se entregava a uma existencia capaz de aterrar os homens os mais robustos e cheios de energia. — Sepultou-se D. Alicia, nunca mais sahiu. Eu lhe ministro o pão quotidiano, leite e alguma fructa; e não toma outro sustento. Uma vez metti no cabaz um merendeiro; porém a santa não lhe tocou, e no seguinte dia entregou-m'o dizendo que se eu queria fazer a seu respeito o officio da serpente para com Eva, se veria obrigada a dispensar-se dos meus serviços e a esperar que Deus lhe enviasse mantimento, como a Elias, a quem os corvos levavam a comida. De então para cá, nunca mais infringi as suas ordens. — Por mais tempo eu ouviria o honrado Jayme sem tedio algum, se o meu relogio não tivesse marcado as onze e meia; eram horas de caminhar para a gruta; sahi pois, tendo recompensado a hospitalidade do velho. — Dados alguns passos no corredor escuro avistei a luz do candieiro que a solitaria preparára para me servir de guia. Com o coração agitado, breve cheguei á porta, e logo, á primeira pancada, com alegria senti ranger a mola que me franqueava entrada. O interior da gruta estava illuminado como na vespera, e corrida a cortina verde que cerrava a camara de Alicia; diante da grade havia uma cadeira para mim, o que me fez presuadir que a nossa conversação seria dilatada. — Decorridos tres minutos, traçou-se a cortina e appareceu Alicia, em pé como de costume, coberta do véu que só deixava vêr as mãos formosas.

« — Aqui estou, senhora, ás vossas ordens, tendo a ventura de obter a graça que vos dignastes conceder-me. »

« Eu, senhor, é que sinto a felicidade, que já não esperava ter no mundo, de vêr um francez, e talvez a de saber alguma cousa de logares e pessoas que para sempre me serão charos. Julgo ter conhecido por uma leve accentuação na vossa pronuncia que sois natural das provincias meridionaes da França. Estarei equivocada, ou será indiscrição perguntar-vos a terra que vos deu berço? »

— « Nenhuma indiscrição ha em tal pergunta, senhora; e pela minha parte nada tenho que occultar do que pessoalmente me toca. — Nasci em Bordéus, de familia nobre, e tendo sido a carreira das armas a de meus antepassados, não devia preferir outra; hoje sou tenente coronel de um regimento de infanteria. Chamando-me á Hespanha negocios particulares, aproveitei-me de um intervallo de paz para pedir licença e visitar as principaes cidades da Peninsula. Mal pensava eu que, n'este giro por mera curiosidade, teria um encontro tão importante como o presente. »

A solitaria recolheu-se intimamente, e passado um momento de reflexão proseguiu: — « Sois de Bordéus, e sois nobre! — É fóra de duvida que a nobreza das provincias, visinhas umas das outras, tem relações d'affeição, de negocios e de conformidades. Tereis conhecimento, por acaso, da familia •••, de Tolosa? »

— « Muito, senhora. Casimiro de ••• foi meu camarada na escóla militar: era um filho segundo, destinavam-o para a ordem de Malta, o que por modo nenhum era de seu gôsto: o destino dispoz d'outra maneira. Seu irmão primogenito, Achilles de ••• succumbiu n'um duello haverá um anno, e deixou-o herdeiro do titulo de conde e da grande riqueza d'aquella nobre casa. »

N'este ponto da minha narração interrompeu-me o soluçar de Alicia; e o vê-la com a cabeça debruçada sobre o balcão da grade e derramando lagrimas causou-me penoso sobresalto.

— « É tal a minha desdita, senhora, que dei motivo ao estado em que vos vejo! Que disse eu que vos afflige em tamanho auge? »

— « Senhor, (disse Alicia erguendo a cabeça) desculpae um momento de fraqueza. Longe de me causar mal, me daes esperança de grande consolação proporcionando-me o meio de dirigir com certeza á familia do vosso amigo, conde Casimiro, a noticia da minha actual residencia. Tende a bondade de me prestar attenção por alguns instantes; e sabereis a desgraça, que desde as mantilhas me persegue; o affecto que devo dedicar á França, vossa patria e quasi minha; e qual a gratidão de que vos serei devedora se em alguma occasião quizerdes certificar ao pae de Casimiro que me vistes aqui, bem decidida a permanecer n'este logar no restante da minha existencia, cujo termo está tão proximo, que talvez podereis ser tambem portador da noticia da minha morte. » *(Continúa).*

WALTER SCOTT.



WAVERLEY, OU HA SESSENTA ANNOS.

Novella de Sir Walter Scott, traduzida por A. J. Ramalho e Sousa, 4 volumes em 8.º Lisboa, 1845.

O Sr. Ramalho e Sousa que tão prestantes serviços tem feito á lingua vernacula, derramando nas suas numerosas traducções grande copia de flôres que a aformoseam, acaba de enriquecer a nossa litteratura com a sua aprimorada versão de Waverley, havida como a pedra mais preciosa da corôa que lauréa a fronte do romancista escocez. O novo traductor de Waverley, que no Ivanhoé, Quintino Durward, Kennilworth, e Anna de Geierstein nos dera a conhecer a portentosa imaginação, e a facundia narrativa de Walter Scott, incumbiu-se agora, em a sua nova versão, de familiarisar-nos com o excellente romance que tão vivamente nos pinta os velhos costumes da Escocia, e as aventuras do moço Waverley nas differentes escalas da vida social — desde o solar magnifico do castellão, até o escondrijo de um salteador, — desde o palacio do barão de Bradwardine, até ao temeroso valhacouto de Donald Bean.

Para o leitor portuguez não ha no romance a que alludimos só o interesse que naturalmente excita um enredo bem sustentado, as transições repetidas, as variadas scenas da vida em que o auctor faz apparecer o seu heroe, e as allusões feitas á indole e tendencias das parcialidades politicas que outr'ora retalharam a Escocia e tôda a Inglaterra — ha outro interesse ainda mais solido, que se funda nas galas e louçanias com que o traductor ornou a sua versão, e na escrupulosa fidelidade com que elle nos inicia na letra e espirito do auctor, em linguagem sempre fluente e castiça, e apropriada a todas as situações e caracteres.

O leitor instruido que, tendo conhecimento do abstruso idioma de Shakespeare e Byron, e do estylo difficillimo de verter em que escreve Walter Scott, se der, como nós, á leitura e confrontação d'esta traducção com o original, facilmente se convencerá de que não ha da nossa parte favor algum no juizo que d'ella formâmos. Tambem se hade convencer, comparando a versão portugueza com as francezas e hespanholas de mais larga nomeada, que o engenhoso romancista de Abbotsford, que esta estampa representa, achou em fim no Sr. Ramalho e Sousa um *fidus interpres*, que leva a palma aos Defauconprets, Montemonts Viviens, e a varios traductores hespanhoes, que facilmente se podem ler e confrontar.

N'uma época em que tão bastas versões aviltam e envergonham o nosso formoso idioma, as traducções do original inglez feitas pelo Sr. Ramalho prestam um verdadeiro serviço á lingua portugueza. Nós por isso lhe tributâmos os nossos sinceros louvores, e lhe pedimos que continue a

derramar em subsequentes versões as excellencias, riquezas, e primores da lingua portugueza, que tanto conhece, e que, com tamanha vantagem das letras patrias, incessantemente cultiva.

M. J. MARQUES — TORRES.

III.

TACITO PORTUGUEZ *

Vida e morte, dictos e feitos de el-rei D. João, o 4.°, de Portugal, dividido em 7 livros, compostos por D. Francisco Manuel de Mello.

Capitulo 7.°

Sahiu a aconselhar-se em publico, e secreto com o mesmo arcebispo, com os marquezes de Montalvão, e de Gouvea, com o visconde residente do paço; mas em nenhum achava liberdade e inteireza para communicar-lhe esta acção, os mais por inficionados do mesmo odio: só o marquez de Gouvea, homem incorrupto e independente, lhe disse convinha primeiro averiguar a innocencia ou delicto do criminado, não havendo no mundo justificação perfeita, nem culpa indesculpavel.

O Lucena sendo já certo da conspiração e suas obras, entregou todo o animo á ira, e se apartou da prudencia. Seus maiores amigos lhe aconselharam entregasse logo os sellos a el-rei, e se retirasse; mas ouviu indignado este conselho. É maravilhosa a prudencia que basta a suster o animo de um homem, quando cahe da valia do principe.

Mas como a consideração obrasse seus effeitos, brevemente se apresentou aos pés de el-rei, dizendo-lhe com lagrimas, a que suas cans faziam poderosas e graves: «Senhor. Antes de nascer vos «servi no merito de meus paes e avós, que aos «vossos serviram sempre. Chegastes ao reinado, «e os mesmos que vos conduziram a elle me con«duziram a mim tambem aos vossos pés, porque «sendo tempo de dar a cada um o que era seu, «não era razão, se vos deixasse de dar o reinado «que era vosso. Trinta e seis annos havia que «exercitava por esta corôa o officio de secretario «nas partes a que me mandava o rei, que então «a possuia já em Madrid, já em Lisboa; porém «aquella honra e proveito que para o ministerio «me havia grangeado, eu a escusára já bem: «em participar de ser vosso vassallo tudo sobeja, «ou porque em sessenta annos de idade sobejam «tanto os negocios, que o resto d'elles é só bem «empregado no negocio da salvação. Tudo depuz, «e me sacrifiquei alegre para morrer em vosso «serviço, julgando que em vos servir me não di«vertia do serviço de Deus. Obrei como sube, «trabalhei como pude; mais ponho comtudo por «meus desejos que por minhas obras: ainda as«sim foram tão venturosas minhas acções, que «vos tem por testemunha, se vos tem por juiz. «Dois annos ha que vos sirvo na penosa occupação «dos papeis: vossa clemencia esforçou minha de«bilidade, pois vós á vossa custa experimentastes, «sendo tão invencivel de forças, como de coração «e espirito, quanto foi o trabalho padecido na «direcção de uns e outros negocios. No fim de «tudo não contentei aos satrapas. Muitos dos «grandes estão queixosos de mim, porque dizem «sou contrario á sua grandeza: se por minha hu«mildade, dizem bem; se por minha ambição, «dizem mal, porque com o mesmo officio, duas «commendas, e uma quinta com que entrei a «servir-vos, vos estou ainda servindo, sem mais «pedir outro premio que acertar a vos servir: «nem contraste, nem thesoureiro posso eu ser «dos meritos alheios. Dizem que eu lhes retenho «os premios que vós lhes quereis dar, ou taxo «diante de vós o valor de suas obras, e suffi«ciencia. Mais sinto eu aqui o queixume, que só «d'elles podéra ter vosso entendimento em maior «lucro da razão. Eu sei quão bem expressas es«tão as partidas de cada um d'estes queixosos. «Bem quizera eu estar hoje tão vigoroso e forte «que servisse de escudo ao erro, e demasia d'estes «golpes, porque não houvesse algum tão atrevido «que se desmandasse a offender vossa justiça e «providencia. Mas que farei se sou debil e des«igual instrumento! Que farei, se é tal a minha «desgraça que só valho para o vosso desserviço! «Esta tão alta razão me traz, senhor, á presença «de vossa magestade, a cujos pés prostrado por «ultimo beneficio vos peço accommodeis outro «sogeito n'este mesmo exercicio, e me deis li«cença para me retirar a alguma parte, onde «me cheguem as novas dos vossos triunfos.»

Ouviu el-rei com affectos de grande piedade, e respondeu, não sem mostras de affeição: «Que «aos reis se pedia mais que aos homens, não para «sua malicia; e não era novo que esta com o «merito tivesse rota guerra. Conhecia as razões «da fidelidade qualificadas pelos serviços passados, «e presentes: os retiros de ministros eram sem«pre suspeitosos ao tempo da calumnia, inter«pretado a temor, ou desengano. Agora que «eram mais os negocios, e não menos arduos os «internos que os exteriores, mais havia mister «n'elles ser bem aconselhado. Era ruim termo «para qualquer homem, e mais malissimo para «com um rei acompanha-lo no descanço, e deixa«lo na fadiga. Fiásse d'elle lhe valeria em qual«quer tempo, e quando fosse de repousar o con«vidaria com honrado sustento. Havia por bem «que continuasse seu officio; e que passada breve«mente a onda d'aquella correcção, o mar ficaria «sereno.»

Quem observasse a variedade das seguintes acções a este discurso, o julgaria de profundo artificio: mas os que de mais perto viram o animo de el-rei, bem conheceram que sempre obrára com amor por inclinação, e com desfavor com violencia.

A prudencia humana não alcança tão largos termos que seja invencivel: erra desculpavel quando espera racionalmente. Da presença de el-rei sahiu avisado, não seguro, mas soberbo; com que foi um tacito aviso aos contrarios, para que esforçassem a opposição. A tyrannia começa procurando o mal alheio; mas acaba sollicitando a offensa propria.

Comtudo se entrepoz grande pausa entre esta negociação. Os conspirantes chegaram a apalpar sua ruina: confiavam em ser muitos e grandes: os mais interessados n'ella foram faceis de reduzir-se em a pessoa do offendido. Consideraram aquella disposição e concordia, que em as suas d'elles havia: para a reconciliação faltavam os instrumentos, porque os culpados não eram sufficientes; e os que eram sem culpa, antes desejavam o castigo dos culpados que a paz de todos, ou por cevar o odio que entre os mais ardia, ou para que relusa a estrella Castor, é necessario que a de Pollux se escureça.

Tornaram-se com novas forças a animar as negociações sem reprovar por illicito algum meio, com que se conseguisse o fim pretendido. Alguns disseram desordenadamente, que se el-rei, por amparar a um ruim ministro não queria ouvir os brados dos nobres e povos, com aquelle só se acharia nas occurrencias futuras. Affirmavam que sabiam até onde chegaria a causa da fidelidade, e fariam tudo o que não fosse tranferilla. Nas praticas e conversações dos indifferentes sempre se misturam algumas d'aquella opinião, que notavam os outros; e pessoa houve de grande valor e juizo que disse a el-rei notando profundamente as demazias de suas paixões: «que aquelle templo «em tres dias se podia destruir, e edificar outro «mais proprio.»

Não chegou cégo á *orilla* do perigo. Porém conhecendo, a seu parecer, um e outro damno, se accommodou a receber o de menor inconveniente: julgava por ventura, que lhe seria mais facil no ultimo risco perdoar antes o castigo, que se encaminhava a um só, que dá-lo a muitos.

Assim resoluto avisou ao secretario, era tempo que se retirasse, porque dando accesso aos rogos e petições que se lhe haviam feito, por mais justo e bom termo queria qualificar sua innocencia.

Então não só temeu a el-rei, mas aos inimigos; e sendo-lhe permittido elegesse o logar para o seu retiro, tendo o reino todo por limite, elegeu o menos conveniente; porque aquelles que para mais não valem, ou querem valer aos affligidos, costumam provê-los de ponderação de seu perigo.

Persuadido o Lucena d'estes taes, que em qualquer parte não estava segura sua vida das cavilações e poder de seus contrarios, escolheu antes como couto, que districto, a fortaleza de S. Gião, celebre praça na entrada do porto de Lisboa, em que era governador D. Jorge de Menezes, de quem diremos adiante.

Vendo passar um ministro da casa de el-rei, em que vivia, a uma torre onde se costumam reclusar aos mais delinquentes do crime de inconfidencia, cuidou o povo cégo, mas nunca menos, lhe estava já provado o crime de que fôra accusado. Tal foi a voz que se levantou inculcando sua ruina, não desmentida com as mostras da liberdade, que na fortaleza exercitava, sahindo a passear cada dia pelos logares visinhos; porque a primeira acção foi mais publica do que eram estas.

Se mais composta não foi menor contenda a que se seguiu sobre inculcar um novo secretario a el-rei, que houvera em lhe desviar o amigo; porque como os poderosos tinham observado, que para principes que não admittem valido, aquelle val mais que mais tem que fazer com elle, julgavam que o mesmo era offerecer-lhe o secretario, que mostrar-lhe a pessoa a quem haviam de favorecer; e porque todos aspiravam a pretender d'elle para suas pretenções, desejavam que fosse algum seu dependente.

Succedeu aos imprógidos discursos dos homens, o que ás furiosas tempestades, onde a vontade vagando por todos os rumos, surge o orbe sem saber em qual d'elles se firme.

A. DE O. MARRECA.

(Continúa).

* Continuado de pag. 116.

ENIGMAS PITTORESCOS.

EXPLICAÇÃO DO ENIGMA DA FOLHA ANTECEDENTE.

Viu-se o diabo com botas correu a cidade toda.



A ILLUSTRAÇÃO

JORNAL UNIVERSAL.



Cada anno da publicação d'este jornal será dividido em 12 n.os mensaes, distribuidos porem ás folhas semanalmente.
ASSIGNATURA: Um anno, 1$440 r.s — Semestre, 720 r.s — Trimestre, 360 r.s — Folha avulsa 30 r.s

N.º 8 — VOL. I — NOVEMBRO, 1845.
ESCRIPTORIO, RUA DA PRATA N.º 7 — 1.º ANDAR.

As assignaturas só se recebem no Escriptorio da ILLUSTRAÇÃO. A correspondencia — *franca* — aos Directores da ILLUSTRAÇÃO. Vende-se: r. Augusta, n.º 1 — do Oiro, 113 — do Arsenal, 30 — Largo de S. Roque, 24 — da Esperança, 130 — e em Alcantara.

SUMMARIO.

MABILIA, OU AMAVEL. *

ROMANCE HISTORICO.

Dezembro de 1120—1124.

O EMBARQUE; E RAS DE CATTE.

A esta resposta do mancebo, acrimoniosa e arrojada, equipagem e passageiros sentiram ferver no peito o sangue normando; levantou-se em o navio um clamor de indignação; e nenhum castigo pareceu bastante contra o escravo temerario que n'aquelle logar, na presença do herdeiro da corôa, assim ousava a insultar um homem nobre, um soldado da propria raça dos conquistadores.

«Ao mar! — gritou mestre Thomaz.

«Ao mar! — bradaram todos os normandos, de bombordo a estibordo.

Ergueu-se então uma voz amiga a defender o desgraçado saxonio. Era a voz de uma mulher — a princeza Maria. E a esta voz seguiram as damas todas do seu estado.

Mas inutilmente: os clamores recomeçaram mais furiosos: *ao mar! ao mar!*

A filha de Fulque, conde de Anjû, casada, havia pouco, com o principe real de Inglaterra, e que tambem alli ia, vendo mallogrados os esforços da princeza, sua cunhada, intercedeu vivamente com o esposo a favor de Dunstan:

«Imaginaes, acaso, senhor — lhe disse ella — o que é perder um pae? E vêr-se uma pobre creatura no mundo, orphão, só, desamparado, moço, fraco, miseravel, faminto tendo-se creado na opulencia, e de livre feito escravo, e escravo dos seus inimigos!.... Não imaginaes, de certo. E se um pae querido nos morreu assassinado ás mãos d'esses inimigos; se a mãe que nos acariciou na infancia, e nos agasalhou ao seu seio, a mãe que vimos, honrada e respeitada de todos, viver no fausto e na grandeza, a vemos jazendo no abysmo da desventura, vendida como nós fomos a um duro senhor, e como nós maltratada e pisada aos pés de um verdugo, imaginaes um soffrimento igual ao de seu filho!.... Senhor, este mancebo foi nobre como os mais nobres cavalleiros que aqui estão; tambem trajou vestidos de gala, e trouxe braceletes de ouro como os mais bem nascidos da sua nação. Vicissitudes da fortuna trocaram-lhe em andrajos essas pompas. Trabalhos e amarguras lhe envenenaram a alma tenra e docil, e o levaram a romper n'um excesso. Relevae-lhe a sua culpa involuntaria; respeitae a sua desgraça; apiedae-vos, ao menos, da sua mocidade, para que se algum dia tiverdes filhos, os nossos filhos nunca cheguem, em castigo do crime atroz que ides commetter, ao que o pobre Dunstan chegou!»

Estas palavras, compungidas, da mulher do principe, realçadas da belleza extremada que n'ella havia, commoveram a algumas feras d'aquellas; e a mais de um normando se lhe viram arrasados os olhos de lagrimas.

Mas o abalo instantaneo que ellas causaram, dissipou-se a um brado imperioso, e negativo de Guilherme.

«Ao mar!» vociferaram então de novo todos os normandos.

E a voz do principe, cruel e sinistra, estrepitava entre aquellas vozes.

E as vozes do bispo e clerigos como que apparentavam de acceito á divindade este grito barbaro e anti-christão.

Quando Dunstan, entre o tumulto, viu que ainda inspirava interesse o seu infortunio, olhou para as princezas; e o que os seus olhos disseram, não ha lingua que o pinte.

O dado dos dias do mancebo estava corrido. Dois marinheiros dos mais robustos o seguraram; ataram-lhe aos pés e mãos pesadas barras de ferro; amarraram-lhe os braços com grossas cordas; e entregaram-no a mestre Thomaz como escravo que era seu. E mestre Thomaz murmurando palavras de maldição, arremessou-o ao mar pela pôpa abaixo.

O abysmo abriu-se ao receber aquella prêsa.

Borbulharam algumas gotas de agua; franziu-se a onda; e um instante depois nenhum vestigio appareceu do desgraçado saxonio na superficie plana e deserta.

Choraram a morte de Dunstan as maviosas damas normandas por sentimento de compaixão, e pelos lindos olhos e lindos cabellos loiros do bello mancebo saxonio.

O mar ia sereno e tranquillo como um lago. A bordo tudo era silencio: só o interrompia o truz alternado do malho que batia o compasso á voga, e o movimento monotono dos remos.

«*Ras de Catte!*» gritou um dos marinheiros, que fazia de gageiro. Mas quando mestre Thomaz quiz governar o leme para fugir do rochedo perigoso que está á flôr da agua, e tinha então aquelle nome, e hoje o de *Ras de Catteville*, já não era tempo; a *Branca nave* topára em cheio no escolho em toda a rapidez do seu curso, e abríra o costado do lado esquerdo.

Então a equipagem soltou um grito immenso; grito de consternação que nenhuma lingua tem energia para exprimir, que nenhum soffrimento humano póde nunca encarecer, porque n'este apartamento supremo do navegante ha um mysterio de dôr que não tem termo de comparação com nenhuma angustia da natureza; ha uma saudade infinita do que deixâmos na terra. Será que o amor da vida se concentra mais na solidão d'aquelle vasto deserto — o oceano. Ou será, talvez, que o sentimento da grandeza do homem quanto se dilata mais n'aquella immensidade, tanto refoge a existencia do horror da anniquillação.

O grito da equipagem foi ouvido pelos navios de el-rei que iam já no mar largo. Mas por não poderem, attenta a distancia, interpretar a significação das vozes, e nem suspeitarem a causa, nenhum acudiu.

Ao passo que a agua ia entrando, era um alarido lamentavel dentro do navio; e as damas normandas das mais formosas, e que pareciam mais vinculadas ao mundo por laços estreitos e doces, faziam lastimas de partir o coração. Fatal destino! Morrer na primavera da vida, na idade dos prazeres e esperanças, no esplendor da belleza, no fastigio das grandezas, no meio de um mar bonançoso, á luz suave do astro da noite, sentindo quasi o respirar das auras da patria, — morrer!.......................................

* Continuado de pag. 118.

A *Branca nave* começava a succumbir ao pêso das aguas.

Já oscillava como o clarão tremulo de alampada moribunda

E quando o mar a sobrepujou de todo, quando foi baixando ao fundo do oceano, — deposto então todo o recato das considerações humanas n'aquella hora extrema, as mulheres normandas que alli tinham cavalleiros que amavam, abraçadas com elles se submergiam.

As que tinham longe os objectos do seu culto, estendendo as mãos ao céu, chamaram por elles, e com os nomes d'elles nos labios desceram ao abysmo.

No meio d'aquelle drama solemne em que se não rebuçaram nem os instinctos do medo inherente á fraca natureza humana, nem os impulsos ardentes do amor, presenciou-se um espectaculo de vergonha e degradação. O bispo e os outros padres, como todo o clero da conquista, devassos e crueis na vida, foram covardes, foram infames na morte. A missão augusta do sacerdocio, — que costuma erguer a um gráu heroico a coragem dos seus ministros, e ainda dos mais apoucados, na occasião dos grandes perigos, — esqueceram-na e deshonraram-na elles. Com as mãos postas imploravam-lhes a absolvição os passageiros; e elles nem tiveram accôrdo para deitar-lha; porque occupados somente do susto e do perigo proprio, o mesmo sentimento de desaforado egoismo que na vida os fizera perseguidores, e sedentos do sangue humano, na morte os fazia surdos e insensiveis ás supplicas d'aquellas almas agonisantes que iam buscar as consolações extremas.

Os marinheiros tendo primeiro pago á humanidade o tributo irremissivel de fraqueza, depois resignaram-se; e como valentes conservaram, até o desfecho d'esta scena tragica, inteira compostura de corpo e animo.

Afogaram-se todos os passageiros que alli iam que eram tresentas pessoas, sendo dezoito mulheres.

Só dois homens poderam agarrar-se á verga grande que fluctuava: um d'elles era um carniceiro de Ruão, por nome Beraldo; o outro era um mancebo de melhor familia, chamado Godofredo, filho de Gilberto da Aguia.

Thomaz, o patrão da *Branca nave*, depois de ter mergulhado uma vez, tornou ao de cima da agua, e avistando as cabeças dos dois homens que se seguravam á verga, perguntou-lhes:

« E o filho do rei, que é feito d'elle? »

« Não tornou a apparecer nem elle, nem seu irmão, nem sua irmã, nem sua mulher, nem nenhum dos companheiros. »

« Desgraçado de mim! » — exclamou o filho de Estevão, e tornando a mergulhar, desappareceu para sempre.

A noite estava excessivamente fria, e Godofredo, que era delicado, sentindo-se já desfallecido de forças, exclamou:

« Meu Deus, valei-me! »

« Tende animo, irmão — lhe disse Beraldo — a manhã está quasi a romper. Talvez a claridade nos depare algum meio de salvação.

D'ahi a poucos minutos, Godofredo tornou a dizer para o companheiro:

« Adeus, irmão: permitta o senhor que vos salveis! » largou então a verga que o sustinha, e desceu ao fundo do mar.

Beraldo ouvindo as ultimas palavras de Godofredo agarrou-se com ardor convulsivo á verga, encommendou-se á Providencia, resou pela alma do companheiro, resou com muito fervor pela de Dunstan, e pediu a Deus perdão da parte que com toda a equipagem tinha tomado na morte do mancebo saxonio.

Elle que era o mais pobre de todos os naufragados, susteve-se no seu sobretudo de pelles de carneiro á superficie da agua; e de tresentas pessoas que vinham na *Branca nave* foi o unico que tornou a vêr alvorecer a manhã.

Estava virado para o oriente; e os primeiros raios do sol que nascia, batendo-lhe no rosto, reanimaram-lhe a esperança no intimo do coração.

« Naufragante! Naufragante! » gritou Beraldo com quanta ancia pôde a uns barcos de pescadores, que avistou. Mas os barcos passaram sem o ouvir; as horas passaram sem lhe apparecer soccorro; os olhos alongava-os de balde para o grupo escuro de rochas, que coroavam a costa, para o horisonte que estava vasio, para o mar azul, socegado, e deserto.

Sentiu vertigens pela cabeça. Correram-lhe calafrios por todo o corpo.

Envidraçaram-se-lhe os olhos, e chegou a despegar as mãos da verga; n'este transe o seu pobre roupão de pelles de carneiro, a unica ancora salvadora que agora lhe restava, o fez sobrenadar.

Já tinha os olhos meio cerrados á luz. Já sentia nos ouvidos o zumbido estranho, precursor da morte.

Já bebia sem accôrdo a agua amarga do mar; bebia, e tanta que morreria se mão amiga o não viesse remir n'aquelle doloroso agonisar.

A. DE O. MARRECA.

(Continúa).



A SÉ D'ORLEANS.

Quando Cesar conquistou as Gallias já era famosa povoação dos francos a que hoje se denomina cidade de Orleans; e este nome lhe proveio da corruptela de Aureliana; porque, depois das assolações das campanhas, em tempos posteriores a reparou e reedificou o imperador Aureliano, que sem duvida se enamorou da sua linda posição sobre as bellas margens do Loire, que além d'isso estabelece vias de communicação para pontos importantes. — Orleans vangloria-se na historia moderna de haver dado o titulo á casa reinante em França, ramo da antiga familia por tão extraordinarios motivos memorando. Por timbre póde alardear os dois cêrcos que sustentou em tempos antigos; em 450 contra Attila, o açoute do decadente imperio romano — e em 1428 contra os inglezes, assedio em que se illustrou a famosa Joanna d'Arc, dita vulgarmente a donzella d'Orleans. Entre os seus monumentos distingue-se a cathedral, cujo frontispicio apresentâmos e que tem a primazia de excellente sobre as outras igrejas de França, abaixo da estupenda fachada da cathedral parisiense.

OS PASSAROS MOSCAS.

Na familia zoologica dos *tenuirostros* encontra-se o genero *colibris (trochilus)* que contém os mais pequenos passarinhos que se conhecem. Todas as especies d'este genero são naturaes da America, e habitam exclusivamente a zona intertropica d'esta parte do mundo. O bico dos *colibris* é comprido e delgado; e como a sua lingua se retrahe com grande facilidade; e joga como um embolo, serve-lhe aquelle orgão de siphão para sorver o nectar das flôres. Os seus pés são curtos, e improprios para a marcha; mas os orgãos do vôo compensam completamente aquelle defeito. Estes passaros, os mais pequeninos da sua classe, foram ataviados pela mão da natureza com as côres mais mimosas e variadas. A sua plumagem fina e assetinada reverbera a luz com todas as gradações do prisma; e, decompondo este fluido, reflecte em cambiantes undulações os seus raios corados por um modo maravilhoso e sorprehendente.

Os habitantes do Perú impressionados pelos lindos matizes das suas pennas deram a estas aves o nome poetico de *cabellos do sol*, e servem-se da sua plumagem para fazerem quadros e ornarem outros objectos de luxo. O seu vôo é rapido como uma setta. São indomesticaveis, e durante a incubação os machos chegam a ser notavelmente irasciveis em relação ao seu tamanho: defendem os seus filhos com valentia e encarniçamento, a ponto de se baterem triumfantemente com passaros de uma corpulencia dez vezes maior que a sua. É delicado e ao mesmo tempo solido o seu ninho, que apresenta a fórma de uma pequena capsula suspendida industriosamente ao ramo de uma arvore revestida interiormente de algodão ou de sêda. Os ovos são do tamanho de pequenas ervilhas, e as avesinhas que d'elles sahem têem a grandeza de uma mosca ordinaria.

O passaro mosca minimo (trochilus minimus de Linneu) é do tamanho de uma abelha e tem toda a graça, toda a agilidade, e viveza de uma ave. Eis-aqui a descripção que d'elle nos dá o eloquente Buffon n'uma d'essas immortaes paginas que o fazem considerar como um dos primeiros prosadores poeticos do seu tempo, e que hãode torna-lo sempre o naturalista mais popular do mundo.

« De todos os seres animados, diz elle, o mais elegante pela fórma e o mais brilhante pelas côres é o *passaro mosca*. As pedras e os metaes polidos pela nossa arte não se podem comparar a esta joia da natureza. Collocara-o ella na ordem dos *passaros* no ultimo gráu da escala de grandeza — *maxime miranda in minimis!* O pequeno *passaro mosca* é a sua obra prima: ella liberalisou-lhe todos os dons que tinha repartido por todos os outros passaros — ligeireza, rapidez, graça, e ricos adornos, tudo pertence a este pequeno favorito. A esmeralda, o rubi, e o topazio brilham sobre seus implumados vestidos: jámais os mancha elle com o pó da terra; na sua vida toda aerea apenas é visto por alguns instantes esvoaçar sobre a relva: sempre suspenso no ar, voando de flôr em flôr elle apresenta a frescura, e o brilho das flôres; vive do seu nectar, e só habita os climas onde ellas se renovam sem cessar. É nos paizes mais calidos do novo mundo que se acham todas as especies dos *passaros moscas*. Ellas são assás numerosas, e parecem não ultrapassar os confins

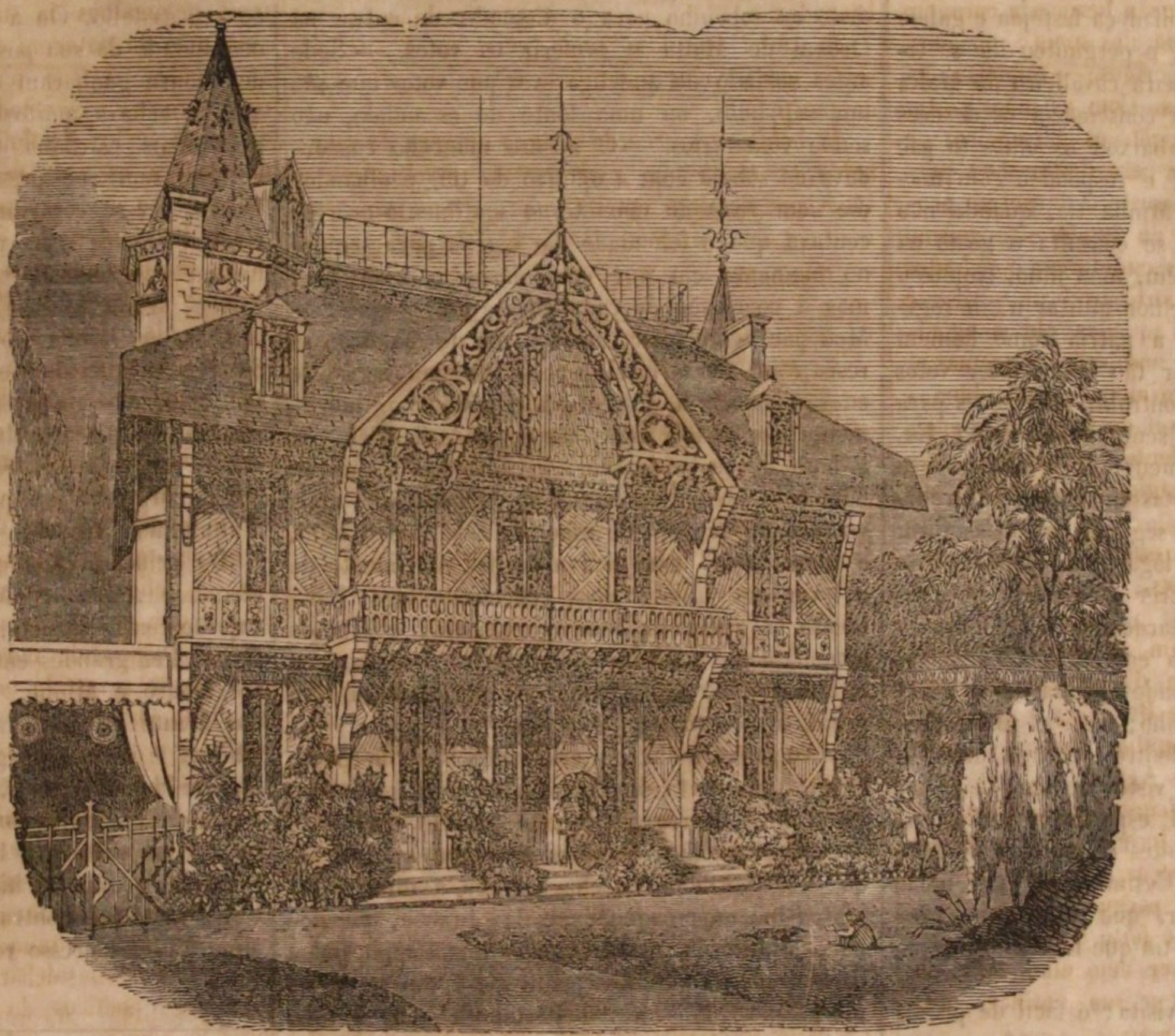
dos tropicos, porque aquellas que durante o estío avançam para as zonas temperadas, só por pouco tempo ahi se demoram: estas lindas aves parecem seguir o sol, avançar e retrogradar com elle, e voar sobre as azas do zephiro após de uma primavera eterna. O seu bico é uma agulha fina e a sua lingua um fio delicado — os seus pequenos olhos negros não parecem mais que dois pontos brilhantes. O seu vôo é continuo, sonoro, e rapido: o bater das suas azas é tão vivo que quando se suspende nos ares parece não sómente immovel, mas até sem acção. Algumas vezes observa-se pairando assim sobre uma flôr durante alguns instantes para partir depois como um relampago a fim de se suspender sobre outra. Visita-as a todas, enterra a sua pequena lingua no seu calice, afaga-as docemente com as suas azas quasi sem as tocar. Leviano e inconstante não cuida senão de lograr seus amores, e de multiplicar seus gosos innocentes, porque este amante voluvel das flôres vive á sua custa sem as offender nem murchar, pois não faz mais do que chupar-lhe o seu mel, e é a este uso que a sua lingua parece ser unicamente destinada.»

Eis-aqui a descripção que Buffon nos apresenta do pequenino *passaro moscha:* talvez alguem a julgue poetica de mais, mas Buffon não escrevia só para os sabios escrevia tambem para o povo.

O *passaro mosca pequeno rubi,* ou o rubi da Carolina *(trochilus culubris de Linneo)* é uma outra especie ainda talvez mais curiosa que a antecedente. É de maiores dimensões mas muito mais bello nas suas côres. Superiormente apresenta uma plumagem verde-dourada, e inferiormente branco-acinsentada. O seu collo é de côr do rubi o mais brilhante — mas o da femea apresenta uma faxa branca em fôrma de gravata: «Quem poderá, diz *Audubon,* vêr esta pequenina creatura esvoaçar no vago dos ares, e sustentada por suas azas harmoniosas, voar de flôr em flôr com movimentos vivos e graciosos, e percorrer as vastas regiões da America sobre as quaes, parece, que vae semear os rubis e as esmeraldas — quem poderá vêr brilhar esta particula do arco iris sem sentir elevar-se-lhe a alma para o auctor de uma tal maravilha?.... porque se Deus não tem dotado todos os homens do genio que cria a seu exemplo, elle não recusou a nenhum o dom da admiração!» — Força é confessar que nada é tão proprio para nos elevar até ao Creador como a contemplação philosophica das suas creaturas. Newton e Linneu acreditavam em Deus porque haviam profundamente estudado as obras da creação!

G.

CASA GOTHICA DE MR. CONTZEN.



Na *Illustração* parisiense de que tomámos a presente estampa lê-se o seguinte: — París augmenta-se e aformosea-se todos os annos n'uma proporção que se póde qualificar de assombrosa. Póde dizer-se que cidades inteiras foram construidas ou se estão edificando sobre vastos locaes roubados á cultura nos bairros antigos, abrem-se ruas novas, e casas elegantes substituem os pardieiros que entristeciam a vista de quem passava. Infelizmente porém os architectos se mostram hoje mui dispostos a satisfazer a insaciavel cobiça dos proprietarios: não tem senão um alvo; amontoar no mais pequeno espaço o maior numero de inquilinos. Vistas exteriormente a maior parte das modernas construcções agradam aos olhos; mas não vos deixeis seduzir por estas apparencias enganadoras; no interior falta o ar e a luz: são quartos destinados para habitantes de Lilliput, que descreveu o mordaz auctor de Gulliver. — Comtudo París ainda possue, louvado seja Deus, alguns proprietarios, que não tractam exclusivamente do rendimento em grosso dos seus predios, e architectos que recusando edificar constantemente quarteis uniformes, consagram uma parte do seu tempo ao culto de sua arte. Entre estas excepções honrosas nota-se a casa gothica allemã pertencente a Mr. Contzen, e que Mr. Dussillion acaba de construir no terreno do antigo jardim Beacejon. Com todas as commodidades interiores e bem repartidas, apresenta uma elegante e singular frente que os leitores verão n'este desenho, provando que o plano attendeu a todas as conveniencias.

ALICIA.*

Procurei dissuadir Alicia do presentimento do seu proximo fim; porém não me deu attenção: tomou um copo d'agua, bebeu algumas gotas, e continuou nestes termos:

«Nasci em Hespanha: meu pae occupava logar distincto entre os gentishomens da côrte; mas os bens de sua casa não eram proporcionados ao lustre de seu nascimento, e em vez de tractar de augmenta-los por meio de um casamento vantajoso, consultou mais o seu coração que a prudencia, e ligou a sua sorte á de uma joven, linda, mas pobre, de quem tomára conhecimento na morada do embaixador de França, tutor d'ella, e que nada desejava tanto como casa-la, por livrar-se dos encargos da tutella. Fui o unico fructo d'aquella união, perecendo minha mãe ao dar-me a vida..... pouco depois incorreu meu pae no desagrado do soberano. Carlos 3.°, justo e benigno quando a verdade podia chegar-lhe aos ouvidos, era comtudo facil em crêr nos mexericos que a inveja e a malicia lhe alcovitavam contra subditos os mais affeiçoados: um d'esses perfidos enredos trouxe a meu pae o desfavor do monarcha. Privado dos empregos, sem bens nem amigos, porque os infelizes, principalmente na côrte, nunca os tem, viu-se constrangido a expatriar-se, e a offerecer á França uma espada que a Hespanha regeitava. Tinha eu tres annos: meu pae apurou em dinheiro seu tenue patrimonio, e metteu-me n'um convento de Tolosa, do qual era abbadeça a irmã do conde de ***, senhora que era a propria bondade em pessoa, que conhecia os infortunios da minha familia, e que muito se interessou pelo meu destino: tinha-me junto de si em todas as horas vagas das lições, e sob a direcção d'esta senhora excellente passaram os momentos mais ditosos da minha existencia. Quando, n'um convento, as religiosas percebem que uma pensionista é a querida da abbadeça, vem-no a ser de toda a casa; era á porfia quem me faria as vontades, me encheria de golodices, de bonitas estampas, e de quantas bagatellas são as delicias das creanças. Ah que esse periodo da vida esgotou toda a ventura que o céu me havia dado em quinhão! Mal contava treze annos feriu-me um golpe terrivel, a perda de meu pai: ficava no mundo sem arrimo, nem parentes; todo o universo para mim limitava-se ao claustro que habitava; e já tinha idade bastante para sentir o meu desamparo e desventurada situação. Ouvia a todas as pensionistas fallar de suas familias; vinham vê-las, escreviam-lhes, recebiam presentes; e ninguem chamava pelo meu nome á portaria do convento, ou á grade do locutorio. Estaria destinada a viver e finar-me alli na clausura! Taes reflexões não eram de sua natureza proprias para fazer alegre uma menina da minha idade; e por isso o meu caracter tomou desde então uma sombra melancholica, mysterioso presagio das desditas que pela Providencia me estavam reservadas. Para treze annos, eu estava

* Continuado de pag. 119.

crescida; e os tristes vestidos de luto davam, talvez, algum realce á minha physionomia: o facto é que eu era o objecto dos obsequios da familia da abbadeça, e das pessoas que a visitavam. O conde de *** vinha muitas vezes, com a condessa, visitar sua irmã; e esta senhora, gosando do privilegio da sua dignidade, tinha a liberdade de receber as pessoas que queria admittir, sem restringir-se ao enfado da grade, nem ao constrangimento das regras claustraes: não abusava a digna abbadeça d'este direito, e sómente a sua familia e algumas pessoas de maior intimidade alcançavam o favor de entrar na cella prelaticia.

«Veio n'um dia o conde com um mancebo de estatura alta e semblante meigo e melancholico, que se me representou parecer-se com a abbadeça mais pelas feições que pela expressão do rosto, porque a prelada era toda prasenteira e paxorrenta: apresentou-o o conde como seu filho que sahia da escóla militar, e se achava a partir para Malta, a fim de começar as provas para a sua admissão na Ordem. A abbadeça festejou e gabou extremamente o sobrinho, e perguntou-lhe se tinha verdadeira vocação para cavalleiro de Malta e para desempenhar com consciencia os deveres da Ordem. O mancebo abaixou os olhos (o pae tinha os seus fitos n'elle) e respondeu com maneiras de resignação: — Minha tia, quando não ha bens da fortuna, não se consulta o gosto na escolha d'estado.» — Porém, meu filho, (replicou a abbadeça) não seria melhor militar n'um regimento francez, e servir a patria como homem leal e valente, do que ir tão longe fazer votos que o coração repelle, e contrahir obrigações para cujo desempenho se não sente capacidade? Eu, se sou religiosa, foi de meu proprio alvedrio; e não o seria se me apresentassem este estado como uma necessidade. És filho segundo, meu Casimiro, não ha duvida; mas ha logar para todos n'este mundo, e não se deve crer que vieste de mais por vires um anno mais tarde que teu irmão.

« — Minha irmã, nada entendeis de negocios d'este genero: (disse o conde levantando-se agastado) abraçae vosso sobrinho; fazei as vossas despedidas, porque parte dentro de tres dias. — Bem, (disse a abbadeça), visto que tem de passar ainda tres dias em Tolosa, espero que me consagrará alguns momentos antes da partida. — Dito isto, apertou a mão a Casimiro por um modo significativo; e um olhar, que valia uma promessa, deu a entender á tia que fôra comprehendida.

«Fui presente a esta visita: é facil de presumir que o papel que eu alli representava era a imagem do silencio; comtudo mais de uma vez os olhos de Casimiro encontraram os meus. Exceptos meu pae, o capellão e os hortelões da cêrca, eu não tinha visto outros homens depois de haver chegado a ter uso da razão. O conde de*** pareceu-me inspirador de aversão pela expressão aspera e arrogante da physionomia, ao passo que Casimiro, offerecendo perfeito contraste, me causou uma impressão de que, até essa data, nenhuma idéa eu tivera. A abbadeça, insuspeita da setta que me ferira, não cessou em todo o dia de lamentar a sorte do sobrinho, e de elogiar a sua brandura, talento e boa presença, e a elevada intelligencia que nos olhos lhe reluzia, a sua submissão á vontade paterna, e todas as excellentes qualidades que asseguravam a este mancebo o figurar bem no mundo, se, em vez de o dedicarem a um estado que lhe não aprazia, lhe deixassem liberdade de escolher carreira conforme a suas inclinações. Emfim, a bondosa abbadeça, sem querer, gravou com traços de fogo a imagem do sobrinho no meu coração. No dia seguinte, Casimiro, fiel á muda promessa que seus olhos haviam feito, voltou a vêr sua tia. N'essa occasião, estava eu estudando na harpa um moteto que devia cantar no domingo proximo na missa conventual. O novo sentimento que se despertava na minha alma prestava sem duvida á minha voz expressão mais affectuosa que de ordinario: tinha as costas voltadas para a porta, e não a ouvira abrir, absorta como estava na musica. No fim da peça — Bravo, Alicia, bravo! Nunca tão bem cantaste! — Exclamou a abbadeça. Virei-me para agradecer o elogio; mas como fiquei divisando Casimiro, em pé detraz da minha cadeira, com os olhos fixos em mim, cheios de admiração, e de apaixonada ternura! Pouco faltou que me não fugisse das mãos a harpa, cahindo-me aos pés. Conheceu elle a minha agitação, e desculpou-se de me haver tomado de sobresalto com a sua apparição subita. Encareceu os elogios que me dera sua tia; e ás suas palavras deu tal accento de verdade que acabaram de perturbar-me a razão.

«Não vos repetirei tudo o que a abbadeça disse ao sobrinho para o dissuadir de entrar na Ordem de Malta e proferir os votos. — Sêde antes soldado do que ligar-vos por votos que são um supplicio, ou uma fonte de escandalo, não sendo voluntarios. — O misero mancebo concordava de sobejo com a opinião da tia, e olhando-me com visos do mais terno sentimento accrescentava que a felicidade lhe fugiria para sempre no momento em que empenhasse a liberdade; mas a conclusão de cada phrase era sempre: — Meu pae assim quer; ameaça-me de maldição se resistir ao seu arbitrio; présa só meu irmão, e eu sou votado á desventura e abandono, unicamente por nascer mais tarde. — A final chegou a hora de se separarem: a abbadeça o abraçou banhando-o com lagrimas e appetecendo-lhe mais ventura do que era de esperar. Elle veio a mim, e tomando-me uma das mãos fez movimento de a levar aos labios; mas, reflectindo logo, limitou-se a aperta-la com vehemencia; e sahindo afogadamente sem dar mais palavra desappareceu e deixou-nos, tanto eu como a abbadeça, em pranto e perturbação dolorosa.

«Ao terceiro dia, um criado, da libré do conde, trouxe uma carta dirigida á abbadeça, pedindo o favor de a entregar em mão propria. Mandado entrar, com olhos chorosos entregou a carta de que era portador, e chegando-se a mim apresentou-me uma pequenina galga branca, que debaixo da farda trouxera occulta, a qual pulou para o meu collo, festejando-me como se de ha muito me conhecêra. — Pertenceu a meu amo mais moço (disse) que ao partir me incumbiu de vo-la apresentar rogando-vos que por memoria d'elle a conserveis. — Pois elle partiu para Malta..... para Malta!... — Prouvera a Deus que não!.... E só Deus sabe quando o tornaremos a vêr!

«Disfarcei as lagrimas acariciando a bonita galga; e a abbadeça despediu o leal servo, recompensando-o generosamente. — Não sube por então o contheudo da carta de Casimiro; notei sómente que era extensa, e não duvidei um instante ser eu o objecto de mais de um paragrapho. A abbadeça reconheceu, mas já um pouco tarde, que faltára á prudencia pondo em relação proxima dois corações que não podiam deixar de se amar, e que todavia eram separados por obstaculos insuperaveis; pelo que, desde então, o nome de Casimiro foi desterrado das nossas conversações. Decorreu a minha vida mais tristemente que de ordinario desde aquelles dois dias de perenne saudade, em que as faculdades amorosas do meu coração se haviam revelado e eu ousára crer n'uma felicidade que não devia pertencer-me.»

(Continúa).

O VERDADEIRO CASTELLO DE GAIA.

Nós não somos inimigos das tradicções populares, antes as presâmos quando em seu tecido guardam interessante, e amavel verosimilhança, e em sua conclusão proveitosa moralidade. Outras ha que sem terem este ultimo merecimento se alliam bem com o caracter historico da época, e podem ajudar a pintura dos usos e costumes dos povos em tempos escaços de noticias individuaes. D'este genero é o romance antigo e muito conhecido d'*Artida*, e rei *Ramiro*, que se figura acontecido no castello de Gaia; assumpto que tem exercitado a musa da historia, e da poesia, desde a idade do conde D. Pedro, o auctor do Nobiliario, até aos nossos dias. O successo em si, no maravilhoso do seu enredo, no romanesco de seus episodios, e até nos seus resultados se tornava interessantissimo. O regulo mouro de Gaia furtára n'uma excursão maritima á costa da Galliza a rainha de Leão, mulher do rei Ramiro, e a levára ao seu castello. Ou a inconstancia do sexo, ou a necessidade da sua posição, ou o merito seductor do mouro ganharam o coração da real captiva, que se achava muito satisfeita, quando o marido pela mais estranha e temeraria das aventuras entrou, sem ser presentido, com sua frota no Douro, fez-se captivar do regulo seu inimigo e rival, e depois soccorrido dos seus, como se cahissem das nuvens, se apoderou do castello, da rainha, e da propria irmã do mouro, chamada *Artida*. A rainha libertada chorou de saudades do regulo querido; o marido que a levava em sua galé, não gostou d'este pranto derramado, e atando ao pescoço da desconsolada rainha uma ancora de ferro, a fez lançar ao mar ahi perto do rio Minho n'um pégo da foz do Ancora, que d'ahi tomou o nome.

Da princeza *Artida* teve D. Ramiro um filho chamado *Alboazar Ramires*, que foi um grande capitão contra mouros, desdizendo da origem materna. Fez grandes entradas e cavallarias por entre Douro e Minho, assentou fortissimo castello em Monte Cordova, ahi entre Valongo e Santo Thirso, e deu a origem á famosa illustrissima familia dos Ramirões, um dos ramos mais frondosos da fidalguia portugueza, que todos podem ir vêr no sobredito livro das linhagens, no 1.º tom. das provas da hist. geneal. do padre Sousa; e ahi mesmo encontrarão um summario antiquissimo d'este successo romanesco.

(Continúa).

ENIGMAS PITTORESCOS.

EXPLICAÇÃO DO ENIGMA DA FOLHA ANTECEDENTE.

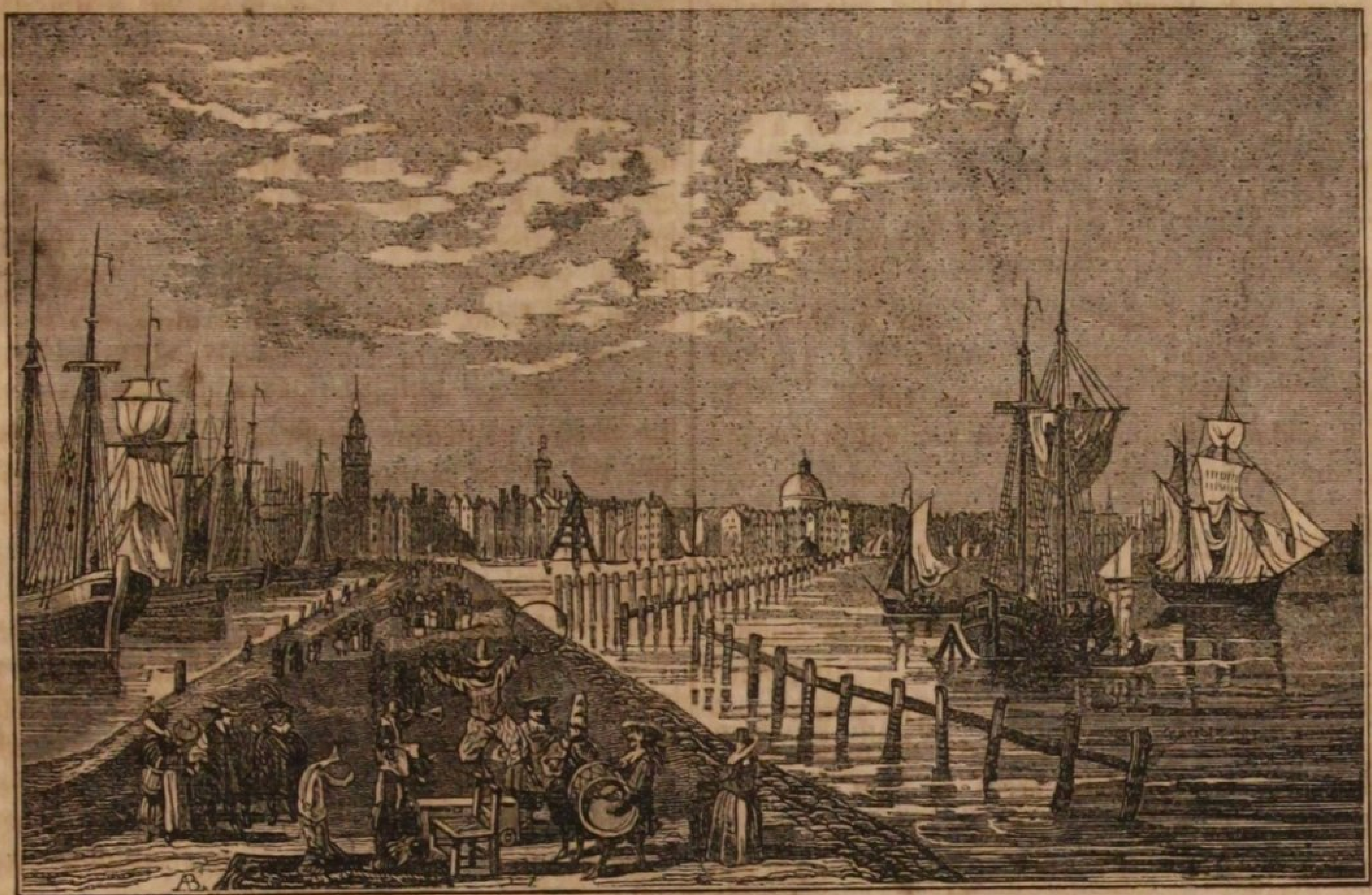
As nações sem arte, commercio, e agricultura são zero.



SUMMARIO.

AMSTERDÃO.

A cidade de Haia é actualmente a capital da Hollanda, porque residem n'ella a côrte e os tribunaes supremos d'este estado: Amsterdão é comtudo uma cidade principal em relação ao movimento do seu porto commercial. N'ella florece a industria, e quanto á sua construcção é bella e possue todos os edificios adaptados ao seu grosso trafico. Brilhou no mundo mercantil com esplendido nome, antes que os seus rivaes, os inglezes, lhe conquistassem a palma da navegação e commercio asiaticos, sem comtudo a reduzirem á condição de Veneza. O terreno em que assenta póde tambem dizer-se usurpado ás aguas, e n'isto guarda similhança com aquella que foi a rainha do Adriatico e do commercio do oriente, antes que os portuguezes, transpondo o Cabo Tormentoso lhe derivassem os mananciaes da riqueza. — O pequeno rio Amstel, que a atravessa, divide-a em duas partes cortadas por muitos canaes que formam 90 ilhas, que reciprocamente se communicam por meio de 290 pontes, muitas de pedra e outras de madeira. — Na actividade do seu giro commercial não são esquecidas as sciencias, e numerosos estabelecimentos facultam aos alumnos o estudo de todos os conhecimentos, tanto nos ramos das naturaes como das artes: bastará mencionar o museu real, onde existe uma excellente collecção de pinturas da escóla flamenga e de outras, unica no seu genero; a de antiguidades é igualmente curiosa. É notavel o palacio, dito real, em que morou o rei da Hollanda, Luiz Buonaparte, que era a casa municipal, onde existem os dois globos, celeste e terrestre, de 22 pés de diametro: os edificios da antiga companhia das Indias tambem merecem menção, assim como a porta de Harlem, e a ponte sobre o Amstel, de 35 arcos, com 600 pés de comprimento e 70 de largura. Amsterdão terá pouco mais de metade da população de Lisboa.



ALICIA.*

«Tres annos decorreram em tal dissabor e tristeza, que não tentarei descrever; succediam-se os dias, mudavam as estações, e eu quasi que não sentia a vida: sem esperança, sem futuro, existia machinalmente, e a minha saude definhava-se visivelmente n'aquella total carencia das alegrias da mocidade: contava dezeseis annos, mas por minha pallidez e magreza me poderiam attribuir o dobro. A benigna abbadeça receou-me queixa de peito, consultou os medicos de maior credito: mas, ai de mim! que só um pequeno grau de ventura me poderia salvar melhor que todos os segredos da medicina!

N'um dia estava eu scismando á sombra d'uma arvore do jardim, quando vi a abbadeça encaminhar-se para mim, com uma carta na mão, e em extrema agitação. — «Ah minha chara Alicia, que terrivel nova! Meu sobrinho, Achilles de ***, combateu em duello, foi ferido, está nas ultimas, e declaram os assistentes que só durará algumas horas! Seu pai me escreve estas poucas linhas; está no auge da consternação e pede-me uma novena por esse filho agonisante. Comprehendeis, minha filha, a afflicção de meu irmão; o primogenito, objecto da sua cêga ternura, em quem se firmavam todas as suas esperanças, ei-lo ás bordas da sepultura, ao passo que o filho, que sempre desamára, por elle fôra sacrificado á criminosa cobiça de ter um unico herdeiro!

«Pois que, senhora! — disse eu assombrada — estão pronunciados os votos de Casimiro?.... »

«Inda mal que sim, minha filha! Consummou-se o sacrificio ha tres mezes. Meu desgraçado irmão é duramente punido da sua injusta predilecção; ei-lo sem posteridade, sem esperança de vêr perpetuar esse nome de que tanto se ensoberbecia, nem de acabar seus dias no meio de uma familia, como elle sonhára; porque estava quasi contractado um rico e luzido casamento para o misero Achilles. Mas vós, Alicia, estais toda convulsa; não estais boa..... reconheço, filha, o vosso bom coração pela parte que tomais na minha pena..... mas não vos affijais a tal ponto.»

«Eu soffria o martyrio de vêr que esta benevola senhora se enganava com a causa do meu pranto e do estado nervoso a que me reduzira. Sem duvida que me era penoso vê-la tão afflicta; mas aquelle sobrinho que ella carpia, não o conhecia eu; unicamente sabia que por via d'elle tinha o conde de *** immolado Casimiro. Era informada ao mesmo tempo da consummação de tão cruel injustiça e do castigo de um pai desnatural. Eram abalos em demasia para uma compleição delicada e sensivel como eu tinha. Cahi gravemente enferma: vinte dias estive privada dos sentidos e da razão; e ao tornar a mim sube da morte do primogenito do conde *** e da ordem por este dada para voltar Casimiro á casa paterna. Nunca me atrevêra a esperar o ligar minha sorte ao destino d'este mancebo: o inflexivel orgulho de seu pai repelliria sempre a alliança de uma orfã sem patrimonio, cujo pae por incorrer no desagrado do seu soberano deixára a patria; que nada tinha que podesse lisongear as soberbas idêas d'aquella nobre familia. Mas Casimiro era infeliz, regeitado por seu pae, adstricto a um estado que do coração detestava; eu tambem via-me desherdada da parte de felicidade que parecêra, na aurora da minha vida, ser-me promettida: esta similhança de infortunios era o ponto de contacto que ligára os nossos corações; e eu estava certa de ser amada como eu amava. Sabia tudo o que se oppunha á nossa união; e com tudo isso, no momento em que tive noticia de haver Casimiro feito os votos, e de que um muro de separação eterna se erguêra entre nós, foi esse momento para o meu coração o golpe mortal. Foi longa a minha convalescença, e penosa: não sahia ainda do quarto, quando Casimiro, chamado pelo pae, voltou de Malta. Poucos dias depois da chegada veiu visitar sua tia, e pediu vêr-me: a abbadeça havia recebido a confidencia dos meus intimos sentimentos, mas com plena confiança no animo recto e honesto de seu sobrinho assentou não dever recusar-lhe a consolação de alguns momentos de conversação a que ella estaria presente. Foi-me com effeito appresentado, e assim que o vi reconheci-lhe nas feições a mesma mudança que nas minhas se havia effectuado: a mesma infelicidade nos fulminára conjunctamente, e tinhamos o desgosto de sobreviver-lhe. Á vista da grande cruz de cavalleiro professo que Casimiro trazia ao peito, tapei com as mãos o rosto, e por muito tempo só as lagrimas foram a expressão do soffrimento: a abbadeça, receando-me alguma syncope, foi a primeira a quebrar este doloroso silencio — Ah meus filhos (nos disse) de que servem esses prantos?.... A coragem e a resignação são os unicos palliativos de dor tão justa; e o vosso mal é sem remedio..... Porém que digo..... sem remedio!.... Casimiro, o nome que tens de familia não deve extinguir-se. ¿E para conserva-lo não ha o meio de desligar-te dos votos, se teu pae, illustrado pelo infortunio, te dedicar a ternura que consagrava a teu irmão, se consentir em adoptar por filha a que o teu coração preferiu, essa donzella orfã, tão nobre como tu, e a quem não faltam senão bens da fortuna para de todo o ponto ser tua igual?.... — Não, não, minha tia (disse Casimiro com accento de intima desesperação) a minha infelicidade é completa; nada póde muda-la. Ha tres dias de chegado, e ainda meu pae me não deixou um momento de descanço. Offerece-me fazer revogar meus votos pela auctoridade ecclesiastica; mas põe-me a condição de tomar por esposa a pessoa que era a destinada noiva de meu irmão; por tal preço eu ficarei livre, se é ser livre trocar um grilhão religioso por outro ainda mais pesado, pois que o forjariam a ambição e o orgulho. Deitei-me aos pés de meu pae; confessei-lhe o meu amor a Alicia, e o quanto seria ditoso se me fosse concedido offertar-lhe a jerarchia, titulos, e bens que me tocavam..... não tolerou que eu acabasse. — Nunca! Nunca!.... — bradou com aquella ira que faz tremer todos quantos estão sob a sua dependencia — ide, ide, voltae para Malta; e não torneis a apparecer diante de mim senão para assignar

* Continuado de pag. 124.

a promessa formal de aceitar por esposa a que eu havia escolhido para vosso irmão, a unica que póde aspirar á honra de ser minha filha. Até os trinta annos não podeis dissolver os votos sem meu consentimento, e eu nunca vo-lo prestarei... entendeis-me?.. — Minha mãe, presente a esta scena, em vez de apasiguar meu pae, se lhe ajuntava para me sobrecarregar d'exprobrações por minhas visitas a esta casa: a final foi-me concedido um mez para me decidir a obedecer; findo este praso devo assignar os funestos esponsaes ou deixar o lar paterno como um miseravel proscripto expulso por malfeitorias. Porém, Alicia, a minha escolha está feita; sereis minha ou manterei o celibato; supportarei a minha sorte com todo o seu rigor antes do que renunciar-vos.

« E eu (respondi erguendo-me com exaltação febril) juro de nunca entrar n'uma familia que me repelle e menosprésa injustamente. Amo-vos, Casimiro; affirmo que vos amo com todas as potencias da minha alma; amo-vos pelas vossas virtudes e nobres sentimentos; amo-vos, por vossos infortunios e pela injustiça odiosa que pésa sobre a vossa cabeça desde o dia natalicio; amo-vos, finalmente, pela tão lisongeira preferencia que me concedeis sobre uma pessoa dotada de todas as vantagens terrenas. Apesar d'este reciproco amor, tudo nos separa no mundo; felizmente ha outro em que nos encontraremos e viviremos em união eterna. Vós já pertenceis a Deus pelos votos; eu tambem saberei vincular-me; e os meus votos, por não serem proferidos solemnemente, não serão menos sagrados e perduraveis. Recebei a linda galga que me haveis dado; já me pertenceu, será como um penhor e um vinculo entre as nossas existencias. Adeus, Casimiro, adeus... no céu nos tornaremos a vêr...

Ao acabar estas palavras cahi n'uma crise nervosa que durou toda a tarde, e só pela meia-noite pude cobrar algum socego: Casimiro sahíra em estado menos violento mas tão afflictivo. Passou em casa de seu pae o mez de próva, que lhe haviam concedido como insigne favor; e em a noite antecedente á expiração do praso, escreveu a seu pae e sua mãe uma carta respeitosa, mas com tal firmeza que não deixava esperança alguma de o converterem a ceder á tyrannia daquellas vontades: escreveu tambem á abbadeça e d'esta carta mais de metade me era dedicada, comprehendendo eternas despedidas e protestos de fidelidade ao seu amor, e a seus votos religiosos, sentimentos que podiam achar logar em seu nobre coração: deu ordem ao seu fiel criado de entregar as cartas na manhã seguinte; e prompto o cavallo, lançando derradeira vista á casa que se lhe fechava, partiu a galope, depois de haver estreitado convulsivamente a mão do famulo velho que o vira nascer.

D'estas scenas de consternação seguiu-se-me um abatimento mortifero; porém a taça da desventura não estava ainda inteiramente despejada; restava-lhe uma gôtta de fel que eu devia esgotar. Alguns mezes depois da partida de Casimiro, acabou em meus braços a minha benevola protectora, que para mim fôra como segunda mãe, soror Olympia de***, prelada do mosteiro onde se passaram perto de quatorze annos da minha vida: então foi que verdadeiramente senti todo o horror da soledade, do desamparo e da exasperação. A excellente abbadeça tinha, seu proprio, um rendimento, cujo capital era de cem mil francos: depois da ausencia de Casimiro, e sem que eu o soubesse transferiu para mim esta propriedade; o que não pouco contribuíra para augmentar o rancor do conde contra mim pelo conhecimento que teve d'esta doação da minha chara protectora.

(Continúa).

A ANTI-CATASTROPHE,

HISTORIA DE EL-REI D. AFFONSO 6.°, DE PORTUGAL.

Dividida em 3 partes, publicada pelo Sr. Camillo Aureliano da Silva e Sousa.

Porto: 1845.

Ha muito que a publicação d'este manuscripto importantissimo era desejada com ardor tanto dos que o haviam lido, como d'aquelles que, sómente pela *Deducção Chronologica*, tinham alguma noticia d'elle. O reinado de Affonso 6.° com as circumstancias da sua deposição corriam ou mal conhecidos ou desfigurados. Por um lado a *Deducção Chronologica*, como todos os escriptos systematicos, torcendo para um fim especial — o de fazer odiosos os jesuitas — os factos melhor averiguados, e vendo em tudo e em toda a parte a influencia d'esta congregação celebre, chegava a excluir ou dissimular completamente outras influencias coetaneas, não menos poderosas, e nem menos malignas; e d'este modo tornava opacas as figuras e feições mais salientes de um drama memoravel. Por outro lado o *Catastrophe*, authorisado de mais a mais com a patente de classico, era muito lido, e a sua lição deixava insensivelmente sementes de erro ainda n'aquelles espiritos que estavam prevenidos contra o historiador, *Caceres e Faria*, mas eram affeiçoados á linguagem e stylo da sua historia. Só com a publicação da *Anti-catastrophe* podiam sanar-se taes inconvenientes.

O sr. Sousa acaba de prestar este serviço á historia de Portugal; e não se limitando ao trabalho de dar á estampa a versão portugueza, manuscripta, do codice originariamente escripto em hespanhol, corrigiu essa versão, conferindo differentes codices; completou a lacuna, que em todos se encontra, com outro manuscripto pertencente á mesma época; e até enriqueceu a obra com uma excellente introducção.

Pelo que toca ao merito d'ella: o auctor era soldado e cortesão, observador escrupuloso e sagaz, testemunha ocular da maior parte dos factos que narra, e tão imparcial que ainda dos individuos, como D. Affonso 6.°, para quem não disfarça predilecção, patentêa os defeitos. As suas memorias são preciosas tanto para a historia politica, como para a historia social, e para o conhecimento da vida intima da época. E recommendam-se pela descripção circumstanciada de batalhas, intrigas de côrte, costumes das classes elevadas e das populares, por anecdotas que caracterisam um reinado e uma época, e pelo interesse dramatico que logo desde as primeiras paginas prende a attenção do leitor como no melhor romance; e prende-a tanto que se lhes dispensam bem os primores, que lhes faltam, do stylo e linguagem.

Em seguida, e como amostra da obra, transcrevemos de pag. 114 a 120 a curiosa narração de uma scena popular, occorrida em Lisboa á nova da tomada de Evora pelos hespanhoes.

A. DE O. MARRECA.

Effeitos tristes do exercito; valor de D. Sancho; dá parte á côrte; teme todo o reino; levanta-se Lisboa contra o marquez de Marialva.

Não póde ponderar-se a tristesa e molestia que esta nova *(a tomada de Evora pelos hespanhoes)* causou em todo o exercito: conhecia este o risco que ameaçava a perda d'aquella cidade, e que ainda antes de estar rendida, tinham vindo todos os logares correndo a dar obediencia á Hespanha; e que o mesmo faria já agora todo o reino; e que, mantendo-a Hespanha, só se conservaria aquella provincia debaixo de sua obediencia; e que faltando este pedaço de Portugal, este se perderia todo, por ser aquella provincia a mais pingue, abundante, e de maiores consequencias.

Dissimulava D. Sancho Manoel no semblante alegre que mostrava animando a todos, e dizendo a todos que com a mesma facilidade com que os hespanhoes haviam ganhado Evora, elle a havia restaurar, e que não ia a outra coisa senão a pelejar com o inimigo; e assim importava pouco que elles a tivessem tomado ou não; que o successo das armas e o valor dos seus havia pôr tudo plano, e que nos soldados valerosos era o soffrimento nas adversidades o maior signal d'animo; que os alentos generosos, com que iam pelejar pela patria, deviam armar-se de constancia e de esperança contra a má fortuna; que aos cobardes o temor os chegára ao ultimo da desesperação medrosa; mas que nada era bastante a desanimar soldados de brio.

Aquartelou-se aquelle dia duas leguas d'Evora, e mandou logo um postilhão a dar noticia a el-rei, assim da tomada da cidade, como do estado em que se achava; que foi a noticia mais triste que se podia dar em Portugal.

No mesmo dia chegou outra em que os castelhanos tinham ido até Alcacere do Sal, porém um tanto confusa, porque não disseram que era só a cavallaria, senão sómente que eram os castelhanos. E como não ha de permeio senão o Téjo, julgou o vulgo que era todo o poder de Hespanha; pelo que uns fugiam da cidade para onde lhes parecia que poderiam escapar, outros preparavam as armas, sem haver ordem, conselho, nem determinação do que se devia fazer; e no mesmo instante foi correndo por todo o reino a voz, de sorte que em breve tempo chegou á noticia de todos o perigo, com os effeitos que o medo costuma em similhantes casos offerecer, parecendo a quasi todos que Portugal estava perdido.

A plebe o sentia menos que todos; os interessados, e os que pendiam da conservação do reino, se davam por perdidos; alguns que tinham introducção e correspondencia com sua alteza *(o infante D. Pedro, irmão de el-rei)*, como depois se soube, o tinham em grande fortuna; e estava tudo indifferente.

Aquelle mesmo dia houve um motim em Lisboa, levantado por gente malvada, e foram as regateiras, que vendem o comestivel na praça. Entraram a dizer: *morram os traidores!....* A estas vozes se foram aggregando homens da mesma conta, e em breve tempo se ajuntou um grande corpo de povo, que entraram a publicar, que el-rei se achava morto ás mãos de traidores. Com esta quimera chegaram á praça do palacio, e eram tantos que não cabiam n'ella: juntando-se de todas as partes, e entrando em palacio, encontraram na escada o marquez de Marialva, e se lançaram a elle com as espadas nuas, dizendo: *morra este, que tambem é traidor!*

Houve-se o marquez com tanto valor e prudencia que, accommettido de uma gente furiosa e desenfreada, sem respeito a ninguem, parou com todo o socego, e lh s disse: «que é isto, filhos, contra quem?» A que responderam: «contra ti, que és um traidor!» A isto, fazendo o marquez com ssmblante alegre uma cruz: «traidor, não, por esta cruz; porém ladrão sim» (que, como era presidente do conselho da fazenda, tinha fama de que o era grande) «e se vós outros co-«nheceis algum, eu serei vosso capitão, vamos «mata-lo!» Disseram a isto: — «em cima, em «palacio, estão os traidores, e mataram a el-rei; «e nós queremos mata-los todos, quando não,

«poremos fogo ao palacio.» — «Pois eu subo — «disse o marquez — e se é verdade que mataram «el-rei, eu vos prometto que não fique nenhum «vivo, e o palacio será queimado.» Ao que todos exclamaram, dizendo: «viva o marquez de «Marialva, nosso capitão!»

Falla o marquez de Marialva a el-rei. Vota-se que appareça ao povo. Este accomette a casa do marquez, em que, escapando suas filhas, ha mortes.

Estavam todas as portas do palacio guarnecidas com soldados da guarda, e alguns criados de el-rei, que detinham a plebe para que não entrasse dentro. Porém deixaram entrar o marquez, o qual chegado á presença d'el-rei, que estava com outros fidalgos, disse: — «está vossa «magestade aqui com tanto descanço, estando «toda a côrte dividida em motins e dissenções, «sem que escape o mesmo paço, que está cer«cado de plebe, dizendo todos, que traidores ma«taram a vossa magestade. Sirva-se, senhor, de «chegar a uma janella, para que o vejam, e se «aquietem, porque, de outra sorte, poderão re«sultar algumas consequencias menos decentes, «assim a vossa magestade como a toda a côrte.»

Pareceu muito bem a todos que el-rei se deixasse vêr a uma janella, para com a sua vista se moderar a insolencia, ficando a plebe certificada de que não havia traição contra el-rei. Deixou-se vêr a todos que logo, com vozes conformes e repetidas, lhe deram muitos vivas e acclamações, dizendo: «Morram os traidores, que entregaram «Evora.» El-rei lhes disse: «Socegae-vos, filhos, «que ninguem é traidor, senão muito leal.» Disseram que descesse o marquez de Marialva, que era um capitão; e como este o não fez, disseram: «Pois vamos a sua casa, que é um ladrão; «elle mesmo o confessou, e o tem dito e feito; «e assim tiremos-lhe tudo.»

Sahiram, com furia desordenada, de tal sorte que se topavam algum pelas ruas, e os não acompanhava, o matavam. Entraram em casa do marquez de Marialva, onde alguns criados quizeram impedir-lhes a entrada; porém venceu a multidão, pois, não podendo resistir ao impeto e furia de gente tão atroz, desampararam as portas com morte de alguns criados: porém foram muitos mais os que morreram da plebe.

Aquelle espaço, que se detiveram na escada, deu logar á marqueza e a quatro filhas de se porem em salvo, sahindo por uma janella baixa que cahia para outra rua, servindo-lhes de asylo n'aquelle conflicto uma taberna que estava aberta; que não foi pequena fortuna, pois em motim e alvoroço todo o pobre e rico fecha as portas. Assim se viram senhores da casa, e sem estorvo cada um tirava aquillo, que sua sorte lhe depa-rava, arrojando pelas janellas tudo o que não podia levar. E foi tanta a multidão de gente que se ajuntou, que, com ser o palacio grande, nos quartos e escadas ficaram muitos homens mortos, afogando-se uns aos outros pelo aperto dos que vinham correndo.

Passam os do levantamento a casa de Sebastião Cesar de Menezes; d'alli ás de Luiz Mendes de Elvas; é mandada a tropa; e, tirada devassa, se castigam.

Depois de ter roubado a casa sem ficar nada n'ella, começaram differentes vozes a dizer: «Este «foi roubado por ser ladrão; vamos agora a casa «de Sebastião Cesar de Menezes, que sempre tem «sido traidor, e assim matemo-lo.»

Era Sebastião Cesar dos mais authorisados barretes de Portugal, o qual, no decurso de sua vida, teve muitos contratempos, causados todos por suspeitas em materias de fé, e lealdade devida ao seu rei; porém era tanta a sua ardileza, e tão grande o seu talento, que havendo estado prêso duas vezes pelo crime de inconfidencia, não só se livrou, mas ainda se fez senhor da graça do seu principe, ficando sempre seu credito tão seguro e abonado, que parecia a el-rei lhe faria injuria em lhe não dar valimento. Porém a plebe tambem se lembra dos crimes, e se esquece das virtudes. Assim que deixaram a casa do marquez, e chegaram á de Sebastião Cesar, não acharam resistencia alguma. Fizeram n'ella as mesmas violencias, sem perdoar a cousa alguma que não passasse pelo rigor da sua furia. Teve a fortuna de escapar Sebastião Cesar, porque, se o encontram, certamente o matam.

Depois de haver saqueado e abrazado tudo, os que ainda não tinham nada, por não ter encontrado cousa que os podesse satisfazer em uma cobiça accendida pelos proveitos que viram nos outros, começaram a dizer: «Vamos a casa de «Luiz Mendes d'Elvas;» o qual não tinha outro crime para com esta gente mais que o ser rico, e ter fama de muitos dinheiros.

Todos os aproveitados com a ganancia d'este negocio, fugiam logo com os roubos; os que de novo acudiam, vendo que já não havia a que deitar mão, se dirigiam a outra parte, onde podessem lucrar. D'esta sorte correram a casa de Luiz Mendes. Porém não lograram seu intento como os antecedentes; porque conhecendo-se as extorsões e damnos que andavam fazendo, e os que podiam causar não sendo evitados, tratou-se de remedio.

Mandou el-rei a um capitão de infanteria que estava de guarnição no castello, que fosse com cem mosqueteiros encontrar-se com os amotinados, com ordem que lhes fosse dando algumas descargas até os desbaratar. Andou o capitão perguntando por elles, até que achou noticia da parte onde estavam Foi lá direito, e vendo o tumulto da gente que estava á porta para entrar, lhe mandou dar uma descarga, que, colhendo-os juntos, foram muitos os que morreram.

Vendo os que ficaram vivos tantos mortos, tomaram o remedio de seus pés; os que já haviam entrado para dentro, uns se lançavam pelas janellas, outros se arrojavam ao logar que o medo lhes dictava para salvar a vida, encontrando muitos a morte, de que fugiam, no remedio que buscavam para lhe escapar. Eram mais de cinco ou seis mil pessoas as amotinadas, e bastaram só cem homens para os desbaratar e fazer fugir, quando toda a cidade e nobreza fugia não só do motim, mas ainda de suas mesmas casas; não lhes deixando o temor considerar, que gente livre em quadrilha, não achando opposição, obram mais cruelmente que leões, executando as tyrannias que a cada um lembram; pelo contrario, havendo quem lhes faça rosto, então são mais fracos que mulheres.

Tratou-se logo de devassar, e prender quem fosse o auctor, e tivesse induzido este alvoroço. Todos os que foram comprehendidos se enforcaram logo; que estes, ordinariamente, vem a acabar com similhante genero de morte, paga bem merecida a similhante insolencia. Das casas roubadas algumas cousas appareceram, porém nada de consideração. Ao marquez roubaram grande quantidade de joias, e outras cousas preciosas e de muito valor, pois era uma das casas mais ricas que tinha Portugal. Porém servia de consolação o que todos diziam: — que tambem o tinha furtado.



VISCONDESSA DE BALSEMÃO.

D. CATHARINA DE SOUSA.

D. Catharina Michaela de Sousa Cesar e Lencastre, dama de S. João de Jerusalem, primeira viscondessa de Balsemão, foi quarta filha de Francisco Filippe de Sousa da Silva Alcoforado, moço fidalgo da casa real, e de sua mulher D. Rosa Maria de Viterbo Cesar de Lencastre, filha dos segundos viscondes d'Asseca: nasceu na villa de Guimarães a 29 de Setembro de 1749. — Desde os mais tenros annos mostrou natural propensão para a poesia, deleitando-se com a leitura dos classicos portuguezes e hespanhoes.

Pelos annos de 1772 foi ajustada a casar com Luiz Pinto de Sousa Coutinho, moço fidalgo da casa real, e do conselho de Sua Magestade, que desde 21 d'Agosto de 1767 se achava governador e capitão general em Matto-Grosso, e acabava de ser nomeado ministro e enviado extraordinario para a côrte de Londres. — Recebeu-se por procuração, e veiu da provincia para Lisboa, d'onde partiu com seu esposo para Falmouth em Maio de 1774, e d'ahi para Londres.

Sorprehendeu-a a grandesa e magnificencia d'aquella capital, e dotada de grande penetração conheceu logo que lhe era insufficiente a instrucção que havia recebido na casa paterna para se apresentar devidamente. Entregou-se a uma reclusão absoluta debaixo de especiosos pretextos por espaço de um anno; e tal foi a força da sua vontade, e a assiduidade no estudo, que ignorando inteiramente as linguas, no fim d'esse tempo possuia completamente o conhecimento da ingleza, franceza, e italiana, com sufficientes noções da sua litteratura: tocava então nos 24 annos.

A posição de seu esposo, a sua bella e insinuante fisionomia, e a affabilidade com que tractava a todos que a procuravam, fizeram com que em breve espaço na sua casa se reunisse tudo quanto havia de mais distincto n'aquella côrte. — O estado em que então se achavam alli os negocios, a braços a Inglaterra com a America, os grandes acontecimentos que lhe passaram diante dos olhos lhe fizeram conhecer as cousas e os homens.

Correndo o anno de 1783 obteve Luiz Pinto de Sousa Coutinho licença para passar um anno na patria, para onde partiu acompanhado da sua esposa, e dos seus tres filhos, nascidos em Inglaterra.

Tinha esta senhora contrahido estreita amisade com a Stael portugueza, a senhora condessa d'Oeynhausen, que encontrou em Lisboa, que n'essa época assombrava com os seus talentos. A mesma

idade, a mesma dedicação ás musas, tudo concorreu para ser esta amizade forte e duradoira, como mostram as poesias que mutuamente se dedicaram.

Em 1786 regressou a Londres, onde permaneceu até 1788: mas o destino que o reservára para representar um papel importante no seu paiz, fez chamar seu marido a Portugal aonde foi nomeado ministro e secretario d'estado dos negocios estrangeiros, e da guerra, e criado em Julho de 1801 primeiro visconde de Balsemão, com honras de grande, além de outras muitas mercês que teve em recompensa dos seus serviços.

Esta rapida elevação não a insuberbeceu; pelo contrario, só d'ella aproveitou para bemfazer; e ainda hoje ahi existirão por ventura alguns que bemdigam seu coração compassivo.

Frequentada a sua casa pelo que havia de mais distincto no paiz, e pelos estrangeiros que vinham a Portugal, e que buscavam gosar os encantos da sua conversação, naturalmente cheia d'atractivos; fazia que ella fosse accomodada ao gosto e intelligencia de cada um; sendo uma das suas maximas nunca ferir o amor proprio.

Amante das bellas artes era particularmente amiga dos que as cultivavam; e ter conhecimento d'ellas era o titulo mais valioso para ser recebido na sua sociedade; e assim com alguns dos mais celebres engenhos da época entreteve relações de amizade, que soube conservar até o fim da vida, vendo sempre sem ciume o alheio merecimento.

Tendo o coração dotado de grande sensibilidade, encontra-se nas suas poesias aquelle sentimento; achando-se alli pintadas as paixões com vivas mas naturaes côres. Na ode, na elegia, no apologo sobre tudo, e no soneto se exercitou com subido merito; nas suas producções se encontram ou a expressão de uma alma forte, ou os sentimentos de um coração compassivo e carinhoso. A poesia, esta linguagem dos corações que sentem vivamente, era para ella familiar, e quando o objecto o merecia nunca a sua musa cançava. Assim, é elevada quando canta os feitos patrios, suave e melancholica quando chora a perda de um amigo, nobre e altiva exprobrando uma vingança injusta, cheia de fogo quando pinta a ingratidão; mas é sobre tudo quando descreve os encantos e a embriaguez do amor que se mostra a força e a sensibilidade da sua alma, e talvez d'ahi que nasce a antonomasia que muitos lhe deram de — Sapho portugueza.

Como esta, pintou tudo quanto ha de mais risonho em a natureza com as mais acertadas côres, sabendo-as variar por tal fórma que d'ellas resulta sempre uma agradavel mistura de sombras e luz. — Como Sapho, o seu gosto brilha até no mecanismo do estylo; n'elle, por meio de um artificio sem trabalho, não encontra nunca o ouvido som que desagrade, e esta harmonia faz que os seus versos se cantem sem violencia.

Exemplos do que deixo dito, a ode ao marquez de Pombal, o soneto á infeliz catastrofe de Gomes Freire, e aquelles que fez quando em 24 d'Agosto se deu o primeiro grito em favor das liberdades patrias, e o sem numero de poesias cantando as travessuras do amor.

Supportou com grande resignação a perda de seu marido que teve logar a 14 de Abril de 1804; e o soberano buscou minorar-lhe as magnas com uma honrosa mercê em que particularmente a contempla.

Sorprehendeu-a o termo da sua carreira na cidade do Porto, sem que jámais o seu espirito mostrasse abatimento. Chegado o momento fatal, com a resignação do christão buscou os auxilios da religião; e momentos antes de espirar recitou um soneto, pedindo ao veneravel ecclesiastico que lhe assistiu lho fosse repetindo: dito o primeiro terceto pediu que a voltassem para o lado opposto ao que estava, e acabou com a morte do justo a 4 de Janeiro de 1824, deixando os seus filhos, parentes, e amigos, consternados pela sua perda, mas edificados com a sua resignação.

Péza-me não poder ser mais extenso nas particularidades d'esta vida importante, assim como dar ao publico algumas das principaes producções da senhora viscondessa, confio porém que os herdeiros do seu nome não pouparão esforços para as publicar, não só para gloria sua como do paiz.

Julgo todavia dever pôr o remate a este artigo publicando em seguida o soneto que mencionei, feito á hora da morte; n'este genero um modelo.

JOSÉ OSORIO.

SONETO.

Grande Deus, que do alto d'esse throno
Lanças o braço ao peccador contricto,
Escuta do remorso o humilde grito,
Das tuas leis perdôa o abandono.

Tu, da graça efficaz sómente o dono,
Que nunca a pena igualas ao delicto,
Dá o socego ao coração afflicto
Tão proximo a dormir o eterno somno.

Debaixo de uma magica apparencia
Incubri os requintes da maldade;
Mas, qual é hoje a triste consequencia!

Não me negues, Senhor, tua piedade;
Tiraste-me do abysmo da impudencia,
Dá-me uma venturosa Eternidade!

O VERDADEIRO CASTELLO DE GAIA.*

QUE n'aquella idade, desde meiado do seculo 8.° até ao 11.°, na luta encarniçada entre christãos e mouros na Peninsula, houvessem taes sorprezas e roubos de mulheres, é o de que ninguem póde duvidar. Além de haverem por merecimento estas avanias, hoje mal soantes nos costumes actuaes, e até reprovadas pelo direito das gentes, as damas mesmo participando mais ou menos do espirito heroico e cavalleiro da época, ou se resignavam, ou se lisongeavam d'achar paladinos assás amorosos, e valentes para as irem raptar por entre os ferrolhos das casas acastelladas, atravez das lanças de seus defensores. Teve por ventura alguns remorsos Helena por haver sido roubada, e occasionar uma conflagração geral na Grecia, e a ruina d'um imperio famoso da Asia? Agradeçamos á doçura dos costumes de nosso tempo o pensarem menos heroicamente mancebos, e donzellas; que a isso se deve a diminuição de taes aventuras: e queira Deus que as leituras indiscretas dos romances mal avisados do nosso tempo as não lancem n'outro genero de travessuras, menos briosas que as antigas, mas igualmente absurdas.

Ora a tal historia do rei Ramiro é visivelmente uma composição oriental, d'aquelle genero cavalleiresco e exaggerado que cá introduziram arabes, e outras tribus do oriente. As historias contemporaneas não apontam rainha alguma de Leão raptada por mouros, e menos ainda renegada em sua fé conjugal. Que o rei de Leão, ou em Gaia, ou n'outro ponto tomasse ás mãos uma moura illustre, e a associasse ao seu thalamo, isso agora sim, d'isso temos exemplos. D. Affonso 6.° casou com a moura Zaida filha do rei de Sevilha Aben-Abat, depois de baptisada; e o nosso D. Affonso 3.° gerou um filho na filha de *Alafun* regulo de Faro. Cremos portanto que o rei Ramiro pilhou uma moura, filha d'um mouro, *Boazar*, e que dos dois sahiu o capitão a que chamaram infante *Alboazar Ramires*.

Deixemos o romance vamos ao historico do antigo castello de Gaia, que nos seus successos verdadeiros tem assás d'interesse e instrucção para os menos profundos n'estas antigualhas.

A origem d'este castello perde-se na noite dos tempos, é anterior a toda a historia peninsular. Já o havia no tempo da conquista dos romanos; Plinio, e o itinerario d'Antonino o mencionam n'aquelle mesmo local em que sempre esteve, e o designam com o nome *Cale*. Mas este nome não tem nada de latino, era nacional, e peninsular: dizem que é composto da radical *cal* que na lingua runica significa altura; e não é desacordada a etymologia porque elle estava situado no mais alto d'aquella margem do Douro, fronteiro ao Porto: como se dissessem, *castello da altura*. Era portanto um monumento militar, uma praça, uma defensão dos antigos lusitanos, isto é dos antigos povos que reputamos indigenas, sem talvez o serem, os turdulos antigos, pesures, ou outros; que n'isso não ha certeza.

E não só castello, mas povoação consideravel, capaz d'alojar em seu transito cohortes e talvez legiões romanas; porque o itinerario menciona *cale* precisamente como logar de mansão, estação militar, ponto subsequente a Lancobriga, que nós suppomos no local que se diz o Crasto na freguezia de Fermedo, onde ha pouco se descobriram notaveis ruinas, medalhas, e outros vestigios de terra grande; ahi não longe da Villa da Feira. Pelo tempo adiante isto é nos tempos suevos, no 5.° ou 6.° seculo, fundou-se o castello do Porto, de cuja celebridade historica ainda nos occuparemos: e d'este *Porto*, e d'aquelle *Cale* se compoz o nome Portugal.

N'esta etymologia e derivação do nome d'este nosso reino concorda a maioria dos escriptores; porquanto á povoação Cale, chamaram os romanos, por ficar visinha um tanto da barra do Douro, Portus Cale addiccionando á palavra runica a designação de Porto. O reino se ficou chamando Portugal; porém aquella denominação ainda se repartiu; Cale corrompeu-se em Gaya, e ficou pertencendo á povoação que sempre houvera na margem do sul do Douro, e Porto se chamou a celeberrima cidade situada na margem fronteira.

(Continúa).

* Continuado de pag. 124.

ENIGMAS PITTORESCOS.

EXPLICAÇÃO DO ENIGMA DA FOLHA ANTECEDENTE.

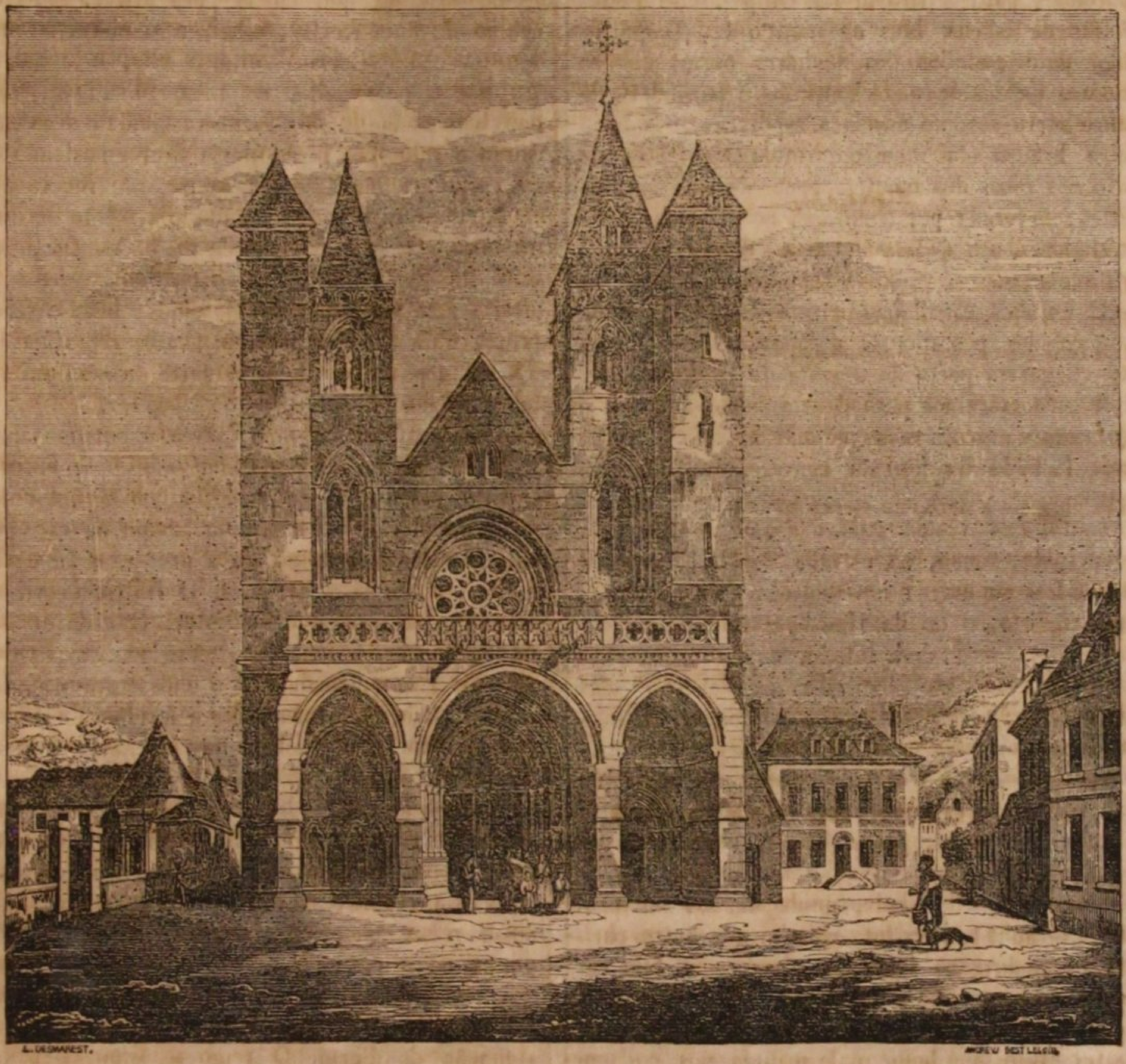
Quem tem telhado de vidro não atira pedras ao do seu visinho.



N. B. *O desenho do enigma da folha precedente foi mandado aos Edictores por um assignante de Vianna.*

CAPELLA DE SANTA CLOTILDE.

De ordinario levantam-se queixas mais ou menos justificadas contra o desamparo, estrago, ou desvairado destino de alguns monumentos, como, edificios de fundação religiosa; memorias que os antepassados erigiram, bem ou mal construidas, e ás vezes em sitios improprios. Quando dizemos *improprios* dizemo-lo em relação á prodigalidade com que se inauguravam testemunhos de crença em logares ermos, sem mais commemoração para os vindoiros do que um facto que se apagava na memoria da geração immediata á que foi testemunha do successo. — Se o monumento tem a seu favor o merecimento artistico, ou se, apesar de rude, vive perenne na tradicção e nos documentos escriptos, é uma barbaridade affogar essa prova historica, qualquer que seja a sua origem.



A conservação dos monumentos é hoje em Portugal um timbre; ha poucos annos é verdade; porque ha poucos annos vozes energicas, muito mais persuasivas do que as nossas, pleitearam em favor d'elles. — O erro alheio não desculpa erros nossos; porém se folhearmos os jornaes estrangeiros, veremos que todas as nações incorrem nos mesmos defeitos. — A capella de Santa Clotilde, na povoação pouco importante de Andelys, em França, não é para comparar se com uma só magnifica; comtudo era monumental pela sua origem, e aqui a temos convertida em fabrica de vinagres. É exactamente nas povoações interiores dos reinos onde se encontram estas prevaricações. Será isto falta de gosto pelas artes, ou ambição de accommodar o que está feito a interesses e designios particulares?

* * *

MABILIA, OU AMAVEL.*

ROMANCE HISTORICO.

Dezembro de 1120—1124.

BERALDO.

Quando Beraldo tornou a si, achou-se em Inglaterra, na cabana de uns pescadores, que eram os mesmos que o tinham salvado.

Escamavam estes tres gorazes alentados. Depois de os prepararem, deitaram-nos em uma como marmita de ferro que estava ao lume, suspensa em dois páus rachados, atravessados de outro. Arranjada a caldeirada, tiraram para fóra o peixe, e pozeram-se a comer todos juntamente com Beraldo. E este, que ia recobrando forças, a instancias dos pescadores foi-lhes contando o naufragio da *Branca nave*. Elles, ainda que vestidos no mesmo trajo de Beraldo, eram saxonios, como bem se conhecia dos cabellos loiros e compridos que traziam; mas entendiam e fallavam o normando pelas continuas travessas além do estreito, a que os obrigava o seu trafico. Transbordavam de alegria ao ouvir aquelle desastre, mas lá no seu fôro intimo; porque, na apparencia, escutavam com muita seriedade, e até com semblante pesaroso ao naufrago normando, e não revelavam o seu interior senão por certas olhaduras furtivas e maliciosas, que de quando em quando deitavam uns aos outros.

Acabada a narração do naufragio, ainda restavam a cabeça e o rabo de um goraz, de que Beraldo não despregava os olhos.

«Aquellas postas estão por vossa conta, senhor Beraldo.»

E Beraldo, sem mais fazer-se rogar, lançou-se a ellas com a gana de um cão perdido do dono haverá quinze dias.

«E afogaram-se todos?» Tornava a perguntar um dos pescadores como para inteirar-se bem dos pormenores do naufragio.

E Beraldo, com a bocca cheia de peixe, respondia que — *sim* — com a cabeça.

«Coitadinhos! — *escommungados*, corrigia, á parte, o pescador que fizéra a pergunta.

«E o rei não ia no navio?» Perguntava de novo.

Beraldo que a este tempo estava já chupando, com delicias, a espinha do rabo do goraz, respondeu que — *não* —: com a cabeça, já se entende, e com a mesma sinceridade que tinha respondido a primeira vez.

«Foi um milagre de Deus! — *Uma tramoia do diabo* — emendava, á parte, o proprio pescador que respondia.

«Agora podereis dar-me um trago de vinho ou cerveja com que molhe os beiços, camaradas?» disse Beraldo ao acabar o resto do goraz. O carniceiro de Ruão mostrava-se já mais desassombrado, e em ar de quem ia cobrando fumos de superioridade; mas sem desampara-lo certa chaneza de homem, em quem faliam mais alto os clamores da barriga que as paixões do orgulho.

«Havia alli uma borracha de excellente cerveja, senhor Beraldo; mas uns senhores soldados, vossos dignos compatricios, que hontem pernoitaram na cabana, beberam parte, e com o resto que não quizeram beber, lavaram os pés dos cavallos.»

Os pescadores deram a Beraldo esta desculpa, com certo modo singelo mas encolhido, como de villões que temem offender a nobres senhores. Pelo costume já tão estranhavam esta travessura da soldadesca normanda, a qual até no mais magnifico solar de fidalgo saxonio não deixava de a praticar. — Mas Beraldo — que para com os normandos estava como o padre thesoireiro que tem confiança com os santos, e não receia entrar boas seis braças pela igreja dentro sem desbarretar-se, ou como o pagão que quebra a cabeça aos idolos quando estes lhe não andam ao som dos desejos — desatou uma torrente de injurias contra os soldados da sua nação, semeadas, de caminho, de certas moralidades com que os pescadores saxonios estavam muito edificados, mas que lhes pareciam intempestivas, sem comtudo terem por conveniente atalhar a Beraldo no meio do seu desafogo.

Avistando, porém, dois cavalleiros que vinham ao longe, e accendendo-se cada vez mais a lingua do carniceiro, entraram a recear. E quando se approximaram mais os cavalleiros, e se conheceu claramente serem soldados normandos, com o maior geito e brandura que poderam, rogaram os saxonios a Beraldo «se calasse antes que os dois senhores soldados chegassem a distancia de o poderem ouvir; pois do contrario punha em risco a vida de uns pobres pescadores, que tiveram tanto gosto em serem prestaveis com a sua fraca cerveja aos senhores cavalleiros normandos e aos seus cavallos, como tinham dissabor em não poderem agora regalar com o mais generoso vinho de Burgonha a tão honrado hospede como elle era.»

Beraldo cedeu a estas instancias; jurando comtudo a S. Diniz que lh'o haviam de pagar bem caro aquelles cavalleiros, que alli vinham, a borracha de cerveja que os outros tinham bebido ou estragado.

Em quanto os pescadores, não comprehendendo bem o alcance d'esta jura do seu hospede, ins-

* Continuado de pag. 122.

tavam de novo com elle que se abrandasse, chegaram á cabana os dois normandos. Apearam-se; ordenaram áquelles *vilões* que lhes dessem peixe; e os saxonios, que estavam sempre prevenidos para estas visitas com que frequentemente eram honrados, deram-se pressa em cosinhar quatro gorazes.

Beraldo apenas deu vista de dois chifres toscos e enormes, rolhados de cortiça, que os normandos traziam dependurados dos arções das sellas, voltou-se para elles e disse: «Olá! amigos, quero-vos contar uma historia; mas estou com a bocca sêcca como um páu e preciso humedece-la.»

Um dos normandos, conhecendo-o por homem da sua raça, offereceu-lhe logo a sua vasilha. Beraldo destapou-a; e, pondo-a á bocca, demorou-se mais tempo n'aquelle acto do que o normando desejava, mas o sufficiente para que os saxonios entendessem agora, sem necessidade de outro interprete, o sentido da tremenda jura que o carniceiro havia pouco soltára. Saciado o primeiro ardor, tornou a rolhar o chifre, e como um bem precioso que se não larga da mão reteve-o ao pé de si. Sentou-se; fez chegar para mais perto os dois soldados; chamou tambem os pescadores que não estavam occupados na cosinha dos gorazes; meneou duas ou tres vezes a cabeça como um orador que chama a deusa da persuasão antes de principiar o seu discurso; e começou a historia do naufragio.

Correu soffrivelmente até certo ponto; mas d'ahi por diante entrando a alterar ou omittir algumas circumstancias essenciaes da historia, um dos pescadores que lh'a tinha ouvido, pediu licença, não sem muitas precauções e cortezias, para rectificar. E parecendo mais verosimil e acertada a narração do saxonio, um dos normandos propoz com sorriso affavel ao seu patricio «que era melhor repousar, delegando n'aquelle seu habil supplente o direito de acabar a narração.»

«Por S. Diniz! namja isso» lhe tornou Beraldo, estomagado.

Continuou, pois, o fio dos successos; chegou com vento em pôpa ao mais tragico do naufragio: mas dizendo que el-rei Henrique fôra um dos afogados, os dois normandos que vinham de Londres, e acabavam de estar com o monarcha, desmentiram a Beraldo não sem alguns motejos, e gargalhadas; de que Beraldo se desforrou cruelmente pondo segunda vez á bocca o chifre. Delegando, em fim, o direito de acabar a narração no saxonio memorioso que a emendára, continuou a menear a cabeça, e a experimentar, ao que parecia, grande alivio com estes movimentos oscillatorios; e assim adormeceu ao som da repetição da sua propria historia.

Os dois cavalleiros, depois de bem informados dos pormenores d'aquelle desastre, apesar de virem em serviço, julgaram por mais acertado, tomando cavallos folgados, levar á côrte a noticia; e retrocederam a todo o galope para Londres, que distava boa somma de milhas do ponto d'onde partiam.

A FLORESTA.

Partiram; e com elles foi o naufragio da *Branca nave* de bocca em bocca, e de terra em terra, recebido aqui com lastimas sinceras e publicas, alli com applausos secretos e lamentações fingidas, segundo eram normandos, ou saxonios os que o ouviam.

E, ao ouvi-lo, os excellentissimos senhores condes, ex-tecelões de Flandres, tremiam pelos seus condados. Os excellentissimos senhores barões, ex-carreiros da Normandia, tremiam pelos seus baronatos. Os reverendissimos bispos, ex-armadores de navios, ou ex-criados de escada abaixo dos senhores duques da Normandia, pediam a Deus que lhes concedesse — como até alli — passar os dias a jogar o dado, a banquetear-se, a beber, ou a caçar; e passar as noites não em companhia do breviario, mas em boa companhia como até então as tinham sempre passado estes sybaritas mitrados. E os reverendos abbades, ex-ratoneiros além-mar, promettiam a S. Diniz ricas offrendas de cruzes, calices, castiçaes, vestimentas, e alfaias bordadas de ouro, roubadas dos mosteiros saxonios, se pela poderosa intercessão do bemaventurado padroeiro, elles abbades, continuassem a desfrutar os abbadagios, e a marchar para os mosteiros, como marchavam os condes para a revista das tropas, entre duas fileiras de lanças. Mas ao mesmo tempo que os palacios e castellos dos senhores normandos se vestiam de lucto; nas choupanas e pardieiros do pobre servo saxonio nascia a esperança, e a bandeira branca da raça opprimida tremulava de novo nos picos dos montes, e nos desvios das florestas; arvorada por *bandidos*, no dizer dos conquistadores, arvorada por *patriotas*, na linguagem dos vencidos.

E os dois cavalleiros normandos, partidos da palhoça dos pescadores, galoparam, galoparam até chegarem perto da floresta de Berkhmstead; onde os deixaremos para darmos idéa do local, e juntamente escutarmos a dois homens que no mais fechado da floresta conversavam um com outro.

Junto das vastas ruinas d'uma antiga villa municipal romana, na estrada de Berkhamstead a Londres se erguia um mosteiro rico ao tempo da conquista, e no de Henrique 1.º em que estamos, já quasi deshabitado, cujos muros macissos, rasgados de janellinhas esguias com seus arcos inteiriços, se avistavam ao longe. Chamavam-lhe a abbadia de S. Albano. A floresta secular pertencente ás terras do mosteiro — ainda que muito despovoada pelas grossas fachinas, e matto cortado que os monges antigos mandaram dispôr pela estrada para interceptar a passagem ás tropas de Guilherme, o conquistador, na sua primeira marcha a Londres — assim mesmo em partes se conservava bastante espessa, offerecendo sitio asado para uma emboscada.

No mais calado da espessura como dissemos, conversavam dois homens; e o dialogo, que entre ambos tinham, era o seguinte:

«Era uma manhã de primavera. Estavamos com el-rei no seu castello de Winchester; porque Guilherme, o *ruivo*, passava as primaveras n'esse castello. Pozemo-nos á mesa a um banquete sumptuoso. Findo o banquete, mandou el-rei que nos fizessemos prestes para uma caçada: sabeis quão apaixonado era da caça. Ao tempo que atava as suas sandalias, gracejando comnosco, ordenou ao frecheiro que lhe trouxesse algumas frechas novas. Trouxe-lhe seis: escolheu quatro para si, e as outras duas deu-m'as a mim, dizendo-me estas palavras — nunca me esquecerei d'ellas! — *aos bons archeiros boas armas*. No ponto em que mettiamos o pé no estribo, chegou um monge do convento de S. Pedro de Gloucester, portador de carta do abbade para el-rei, em que lhe communicava, cheio de inquietação, certas visões funestas que tivera em sonhos um dos seus religiosos. Guilherme rindo ás gargalhadas, disse: «cuidarão elles que eu sou algum inglez que esteja disposto a dar credito aos seus sonhos sandis? julgam-me, acaso, por um d'esses saxonios alvares que largam a estrada e os negocios só porque uma velha sonha ou dá um espirro? Eia, Gaultier de Poix, a caminho!»

Galopámos: um rancho numeroso, e bem luzido! Iam n'elle Henrique, irmão de el-rei; ia Guilherme de Breteuil; iam outros muitos fidalgos. Apenas chegámos á floresta, cada um cortou para sua banda: mas eu fiquei com el-rei, e os nossos cães de ambos caçaram juntos.

Ambos estavamos á mira, postados a alguma distancia defronte um do outro, com a frecha na bêsta, e o dedo na garrucha; quando um veado enorme acoçado dos batedores surdiu entre mim e el-rei. Guilherme atirou logo; mas quebrando-se-lhe a corda da bêsta, não chegou a frecha a despedir-se, e o veado attonito com o estrondo, atoou, olhando para todos os lados. Então o rei fez-me signal para que eu atirasse; mas eu não percebi o signal, e elle impaciente gritou-me de lá: *atira, Gaultier, atira, com o diabo!* E no mesmo instante que eu ia para atirar, senti o rechino de uma frecha; olhei, e vi el-rei estendido no chão. Corri direito a elle, e achei-o atravessado pelo peito, e já morto. Fiquei frio como a morte, e..... fugi, com vergonha o digo!.... Amigo e valido de el-rei devia ficar guardando o seu corpo..... mas fugi, pelo covarde receio de me attribuirem o negro attentado..... Não foi um tiro casual: veio desfechado de mão alta..... muito mais alta que a minha!....

«Da mão fratricida de Henrique, bem o sei» atalhou o homem com quem Gaultier praticava. «Que não possa eu vingar a morte de meu amigo e meu senhor!....» tornou-lhe Gaultier.

«Escuta, Gualtier — lhe disse o outro — que talvez não saibas as particularidades que occorreram n'esse dia. Apenas se rompeu o rumor da morte de el-rei, quantos se achavam na caçada, abalaram da floresta a toda a pressa, e foi cada um cuidar dos seus negocios. O fratricida vil e covarde partiu para Winchester. O cadaver de Guilherme ficou no chão, ao abandono. Uns carvoeiros que iam passando, e o encontraram ainda varado da frecha, ligaram-lhe a ferida com umas tiras de linho, e o pozeram na carreta do carvão. Assim foram os despojos mortaes do segundo rei normando escorrendo sangue por toda a estrada, conduzidos ao castello de Winchester. Henrique já lá estava, e exigia imperiosamente que lhe entregassem as chaves do thesouro regio. Os thesoureiros hesitavam. A gente de palacio consternada com o desastre, e o proceder estranho do irmão de el-rei, mandou chamar a Guilherme de Breteuil; e este que tendo sahido havia pouco da floresta Nova, vinha já no caminho de Winchester quando lhe deram a noticia, correu a todo o folego a oppor-se á pretenção de Henrique: «Tu e eu devemos ser leaes (disse elle a «Henrique) lembrando-nos da fé que promettemos «ao duque Roberto, teu irmão; ambos lhe pres- «támos juramento de homenagem; e ou ausente «ou presente, tem direito a elle.» Henrique redarguiu. De razões passaram a palavras descompostas. D'ahi metteram mãos ás espadas. Mas Henrique que encontrou apoio na multidão de seus complices que se vinham ajuntando em grande corpo, com auxilio d'elles apoderou-se do thesouro, e das alfaias reaes. E com o thesouro apoderou-se da corôa.»

«Duas vezes usurpador! Duas vezes assassino, — da vida de Guilherme, e dos direitos de Roberto! Que não possa eu vingar a morte de meu amigo e meu senhor!»

«E comtudo o amor de certa dama, que deteve a Roberto na côrte italiana de um barão normando o tempo, que devia gastar em transportar-se a Inglaterra para recolher a herança de Guilherme assassinado, o privou a elle de um throno, e a nós castigou-nos com um tyranno.»

«Pelo amor de uma mulher!.... Nunca mulheres a mim me fariam perder um lanço de muro desmantelado, quanto mais um reino florente! Pelo amor de uma mulher reina em Inglaterra o assassino do meu amigo e meu senhor!....»

«E pelo braço de Deus acaba de ser vibrado um golpe mortal no coração d'esse assassino!» Clamou uma voz forte, que pareceria sahir do mais espesso da floresta.

E, — apenas os dois que conversavam recuavam sobresaltados, e machinalmente mettiam mãos ás espadas para defender-se, antecipando uma surpreza n'aquelle sitio escuso, — apresentou-se diante d'elles um homem armado de um grande arco, e frechas do comprimento de dois covados.

(Continúa).

A. DE O. MARRECA.



MEHEMET-ALI.

As tendencias do seculo actual tem chegado a ponto de influir n'uma civilisação estranha á civilisação que denominamos europea; os filhos do islamismo, que a situação politica investiu do poder supremo, quizeram parecer-se comnosco, arremedando a disciplina militar, os uniformes e mais circumstancias dos exercitos da Europa, contra quem combatiam. Foi o seu primeiro pensamento organisar a força terrestre e maritima, porque suppunham que assim luctariam com armas quasi iguaes; a experiencia mostrou, desde Navarino até o bombardeamento das costas da Syria que se enganaram. O povo musulmano é fatalista por crença, e só quando vir indolente rasgar e queimar o alcorão, poderão incutir-lhe habitos novos, e transtornar-lhes os costumes. Cremos que os esforços postos em pratica pelo pachá do Egypto, e pelo sultão ultimamente fallecido, não serão sufficientes para mudar a indole e o caracter de seus subditos. — Quantos dias e noites hão de scismar os descendentes dos sonhadores da communhão geral dos povos primeiro que vejam ou os turcos de chapeu redondo, ou nossos vindouros de turbante; que tudo poderá ser! Embora nas côrtes e cidades principaes do Oriente se generalisem com o lapso dos tempos certas fórmas, modos, e ainda trajes que na apparencia se possam chamar europeus; o arabe, o persa, o turco, permanecerão taes moralmente debaixo d'essa mascara emprestada. Independente das tradições, das influencias de região, e de outras muitas causas que contribuem para dar áquellas nações caracteres particulares, constituindo um typo moral alheio e á parte de outras mais ou igualmente preponderantes, ha um principio, sobre todos, e é a religião que seguem, que as distinguirá sempre dos povos de crença diversa.

Como um dos reformadores musulmanos póde em certo modo considerar-se o pachá do Egypto, Mehemet-Ali, cujo retrato apresentâmos, tirado no anno passado, pouco antes de se resolver este soberano, bastante idoso, á peregrinação de Meca, que foi o disfarce de uma abdicação forçada. Os actos d'este homem, notavel na historia contemporanea, estão vulgarisados por todos os periodicos, o que nos dispensa das miudezas de uma extensa biographia.

* * *

ALICIA.*

«Foi nomeada outra abbadeça, que ainda vive; Deus não permitta que eu a censure; mas não me dava com ella. O que a sua antecessora me havia deixado e o pouco que eu ajuntára da herança de meu pae constituiam um rendimento mais que sufficiente para as minhas precisões. Eu conservava um projecto desde a partida de Casimiro, porém para executa-lo aguardava pelos vinte cinco annos completos, a fim de estar no pleno goso de minha liberdade, sem que reclamações algumas se podessem suscitar contra mim, da parte de quaesquer parentes collateraes que porventura eu não conhecesse: chegou em fim esse tempo com tanta impaciencia esperado. Mandei chamar o tabeilião confidente de meu pae e que tinha em seu poder quanto eu possuia; participei-lhe a minha tenção de deixar a França e retirar-me a Hespanha; incumbi-o de me remetter os rendimentos a logar que eu lhe indicaria quando tivesse fixado a minha residencia; e entreguei-lhe um testamento olographo, pelo qual eu legava a propriedade de todos os meus haveres ao cavalleiro Casimiro de * * *» Puz em arranjo os poucos objectos que queria trazer, e despedi-me do claustro, tomando uma mulher idosa para companheira nas jornadas e nas pousadas. Hesitei sobre o sitio onde iria findar minha triste vida, e não queria vêr Madrid, onde meu pae experimentára tão duras injustiças; tomei por casualidade a estrada do Aragão. Chegando a Saragoça visitei por devoção a Senhora do Pilar; e confessando-me a um monge de S. Jeronymo, o padre Eusebio, pareceu-me credor de toda a confiança, e com effeito a merece por sua bondade e zelo em ser prestadio aos infelizes: communiquei-lhe o meu projecto de retirar-me a desconhecida solidão, e aonde nem o rancor do conde de * * *, nem o amor de seu filho podessem descobrir-me. O padre Eusebio combateu por muito tempo esta resolução individuando todos os perigos d'ella com a boa fé de homem probo e verdadeiro religioso; mas a final vendo que a minha deliberação era irrevogavel fallou-me das grutas formadas nas salinas abandonadas; não as conhecia bem, mas o zêlo o levou a pesquiza-las; conseguiu descobrir esta que muito lhe agradou pela possibilidade de converte-la juntamente em templo e em habitação de creatura humana. A sua narração me decidiu; aqui vim e admirei este local como dadiva que me concedia a Providencia para me occultar d'aquelles que não devia tornar a vêr. Ajustei com Jayme, o cabreiro com quem ha pouco estivestes, para trazer-me quotidianamente o parco alimento que basta para uma existencia que se está finando, e que, bemdito Deus, não carregará por muito tempo a terra com um pêso inutil.

«Antes de descer a este logar que será o meu tumulo, procurei restituir a tranquillidade a um homem, que, todavia, me não causára senão penas. Escrevi ao conde de * * *, dizendo-lhe que eu estava fóra da França; que um vinculo sagrado, postoque voluntario, me afastára dos viventes, e pozera entre seu filho e mim uma insuperavel barreira: accrescentei que, se a palavra de uma humilde donzella, que conhecia as leis da honra e nunca as infringíra, podia tranquillisar o nobre conde, eu lhe promettia formalmente nunca mais apparecer no mundo e terminar meus dias no absoluto retiro que espontaneamente havia escolhido.

«Findos estes preliminares disse adeus eterno á luz do dia, e tomei o véu para que as pessoas que me vissem casualmente nem sequer podessem advinhar quem eu era, se por acaso tivessem para isso alguns elementos. Se não conservo absoluta reclusão, e consinto em admittir as pessoas que desejam os meus fracos conselhos, é por condescender com os desejos do ancião pastor e do padre Eusebio, e tambem para não viver inteiramente inutil para o proximo; porque, seja qual fôr a fama que de mim tem espalhado essa boa gente, desconheço a soberba e o amor-proprio: e o que é a fama para quem vive de todo isenta do mundo? Os meus pareceres, se me consultam, são dictados pelo espirito de caridade e amor do bem, e sinceramente vos confesso que são despidos de qualquer sentimento de vangloria.

«Eis-aqui, senhor, patente toda a minha vida; e actualmente espero de vós um serviço: — que, ao voltar a França, procureis o conde de * * * e lhe narreis o que tendes aqui visto e ouvido. Se vos demorardes ainda alguns mezes em Hespanha, será tempo mais que sufficiente para que possaes levar a nova da minha morte ao pae de Casimiro. Tende a bondade de lhe dizer que até o derradeiro suspiro orei ao céu para que lhe mudasse o animo e o illuminasse a respeito de seu filho, tão digno da sua estimação e ternura. Atrevo-me a esperar que será este milagre concedido aos meus votos, e que na futura vida a minha alma se repassará de alegria sabendo d'essa reconciliação.»

Não posso explicar a que auge me commoveu esta narração, interrompida a miudo por uma tosse sêcca e afflictiva, que assás annunciava o cumprimento das sinistras previsões da desditosa Alicia. Tinha ella despejado aos goles o copo

* Conclusão de pag. 126.

d'agua que tinha ao pé de si; e reclinára a cabeça na attitude de total desfallecimento. Dirigi-lhe algumas phrases de consolação e alento, e prometti executar quanto de mim pertendia: um tanto a reanimou esta promessa. — « Adeus (me disse) agradeço-vos cordealmente: mantende a vossa promessa, e Deus vos dê a recompensa d'essa obra de caridade. » — Ao dizer isto, cerrou a cortina; eu ouvia o passo lento com que se retirava, e por momentos imaginei que eu acabava de sahir de um d'esses sonhos que se desejaria continuassem depois de fugir o somno. Deixei a gruta; e o meu relogio mostrou-me que a visita fôra mais demorada do que eu pensava. Eram seis horas; o sol quasi a desapparecer dourava ainda os visos d'aquelle monte que encerrava uma creatura que não devia gozar mais do brilho e calor vivificante do astro da luz. Voltei tristemente a Saragoça passando na memoria quanto me dissera a interessante pessoa que morria victima do barbaro orgulho do conde de ••• No seguinte dia sahi de Saragoça, desejando toda a ventura possivel a Ignez e a sua familia. Depois de ter divagado quasi dois mezes pelas provincias d'Hespanha, tornei a Saragoça; e por evitar as importunas interrogações do meu primeiro hospede, demandei outra pousada: tive logo o cuidado de saber d'Alicia, e informaram-me que havia um mez que fallecêra com a tranquilla morte do justo: o anjo havia tornado para o céu!

Recolhendo-me a França, fiz caminho por Tolosa, e procurei o conde de •••: sube que a condeça morrêra havia algumas semanas, e que a saude do conde era má: Casimiro permanecia em Malta, e mui raras vezes dava noticias suas. — Admittido á presença do conde, achei um velho, de semblante sombrio, de estatura alta, curvado menos pela idade do que pelo soffrimento mental que nas feições se divisava. Desempenhei a minha ardua missão com toda a delicadeza que lhe poderia abrandar o azedume de vêr um estranho sabedor dos seus pezares domesticos. Ao nome de Alicia, o velho inflexivel deitou-me um olhar rancoroso, e sómente socegou um pouco depois que lhe dei completa certeza de que ella não existia. — « Embora! (disse com um sorriso de malicia infernal). Privou-me de meu filho! Por causa d'ella a minha vida escoa-se na soledade; não tenho familia, nem descendencia! »

Muito diria eu se quizesse responder; o anojo, a indignação, taparam-me a bocca, e abreviei a visita: deixei aquelle homem incorregivel, dando graças á Providencia que permittia que n'esta vida o máu achasse o castigo no mesmo erro que havia commettido.

O VERDADEIRO CASTELLO DE GAIA.*

Temos já o castello de Gaia muito legitimo *lusitano*, *classico* no tempo romano, *barbaro* do norte nos tempos suevos; e provavelmente conservou sua antiga prosapia no imperio *gothico*, porque existia e foi mourisco no tempo da conquista sarracena; recobrado por christãos no reinado de Ramiro, ou d'Affonso 1.° das Asturias que é o mais certo. Vejamos agora o que foi depois, e o que deixou de ser, e porque.

Desde o meiado do seculo 8.° em que D. Affonso Casto primeiro, e depois D. Affonso 3.° ou o magno das Asturias, entraram na Beira, e se repovoou Coimbra, Vizeu, e Lamego, de crer é que o castello de Gaia sahiu do poder de mouros, e ficou no dominio dos christãos. Se alguma vez foi ou cercado, ou expugnado nas incursões mouriscas, não o contam as historias; mas se assim acontecesse fôra isso momentaneo, porque no refluxo da guerra tudo voltava logo ao poder dos christãos. Na ultima quarta parte porém do seculo 10.° as conquistas do famoso Almansor de Cordova, tomada Coimbra, e toda a Beira, avassallaram tudo, e consequente era que o castello de Gaia fosse ou destruido, ou sujeito a mouros, como o resto da provincia.

Concluimos que cahiu com effeito em poder d'estes por uma passagem das chronicas mahometanas da peninsula, *signanter* a do escriptor *El-Makari*, traduzida em Paris, e citada por Romey na sua historia d'Hespanha. Foi o caso, que Almansor veio no anno 997 desde Cordova com um poderoso exercito para destruir o sanctuario de Compostella. Chegou defronte do Porto, e ahi no Douro se lhe reuniu sua armada sahida do Sado: e diz o texto que para atravessar o rio mandou construir uma ponte de barcas *ahi junto ao castello que borda a sua margem*. Ora este castello não podia ser outro senão o de Gaia: se então estivesse em poder de christãos, não faria Almansor tão livremente a sua ponte. De mais accrescenta o texto — que passado o Douro entrára o exercito d'Almansor em paiz inimigo —, isto é paiz do reino de Leão, que com effeito começava no Douro por este lado. Em taes circumstancias devia ser o castello de Gaia bem guardado e presidiado de mouros, sendo chave da fronteira mahometana.

No começo do seculo 11.° por morte d'Almansor tornaram os christãos fugitivos a suas possessões na Beira; e nós temos documentos d'Arouca que dizem vieram os habitantes a repovoar a terra, que acharam tão destruida e erma que cada qual tomava e cultivava á toa, ou a sua ou a alheia propriedade.

Affonso 5.° de Leão pelo menos ahi por 1020 entrou poderosamente na Beira vindo de Galliza, e ferido d'uma setta no cêrco de Vizeu, veio morrer ao Porto. N'este tempo portanto verosimil é que o castello de Gaia voltou ao dominio dos christãos entre 1002 em que falleceu Almansor até 1020.

Annos depois o victorioso Fernando o magno de Leão retomou Coimbra, e expulsou os mouros para além do Mondego, ahi por 1050.

Porém nós temos uma época fixa em que o castello de Gaia e todo o territorio adjacente era possuido por christãos antes de Fernando o magno. É a data da celebre doação feita por Ordono 2.° e os fidalgos de sua côrte ao mosteiro de Chrestuma em 1013. O bispo de Coimbra D. Gomado, resignando o bispado, veio fazer vida austera e eremitica n'aquelle mosteiro, situado entre brenhas na encosta penhascosa do Douro. O rei de Leão com toda a sua côrte veio alli em pessoa visitar o santo bispo, e edificados de sua virtude, e de austeridade dos monges lhes fizeram notaveis doações de terras ahi comvisinhas de Gaia, o que forçosamente conclue que o castello dominante estava já por christãos. João Pedro Ribeiro no tom. 1.° de suas dissert. traz esta celebre doação que é importante para a historia e topographia da época até porque aponta uma terra chamada *Portogal* ao sul do Douro, que nós suppomos era a que mais tarde se chamou Villanova de Gaia.

Seguiu-se nos fins do seculo 11.° a desmembração de Portugal como dote da rainha D. Thereza para casar com o conde D. Henrique; e certo é que não tornaram mouros a pisar terreno portuguez n'esta parte mais littoral da Beira desde Coimbra por Vizeu até Lamego e Douro. O castello de Gaia portanto ficou sendo uma das fortalezas do reino, cabeça de julgado, como era costume d'aquellas eras. Asoberbado pelo do Porto, e seu commercio, sua historia foi sempre ou omittida, ou só memorada por transena. Mas nas guerras civis que se seguiram á revolta do infante D. Affonso contra seu pae el-rei D. Diniz foi o castello de Gaia uma das fortalezas que se entregaram ao infante, tomadas por sorpreza: então tiveram por algum tempo a voz do revoltoso — Coimbra, Montemor velho, castello da Feira, e castello de Gaia. Feita a paz por intercessão da rainha Santa Isabel, tornou Gaia á obediencia d'el-rei. Nas outras guerras civis que se seguiram á morte d'el-rei D. Fernando, e elevação do mestre d'Aviz a regedor e defensor do reino, teve o castello de Gaia uma bem triste celebridade, e apoz ella a sua morte, com a qual acabou para sempre, deixando apenas o seu nome no morro altissimo que ainda hoje vemos no alto de Gaia, designado com o antigo nome castello. Eis-aqui o successo, como o conta o chronista Fernam Lopes.

Depois que por diligencias, e grandes partidos que se offereceram pelo conselho e praça do Porto ao conde D. Gonçalo Tello, conde de Neiva e Faria irmão da rainha D. Leonor Telles se ganhou este para a causa do mestre d'Aviz com Coimbra, e demais terras que este fidalgo senhoreava desde o governo d'el-rei D. Fernando, marchou o dito conde para a cidade do Porto, onde recebeu forte somma de dinheiro, e na armada que d'alli sahiu a soccorrer Lisboa se foi para o mestre d'Aviz. Libertada esta capital do cêrco que lhe pozera el-rei de Castella, marchou com o mestre para sitiar Torres Novas, onde o enthusiasmo da época levára tambem Ayres Gonçalves de Figueiredo, um outro fidalgo que pelo mesmo conde tinha o castello de Gaia. Ayres Gonçalves deixou a fortaleza encommendada a sua mulher, a qual vendo se com o poder na mão entrou d'exigir, e logo extorquir toda a casta de vitualhas dos visinhos e habitantes do aro d'aquelle districto, mandando por seus escudeiros, e homens de guerra tomar-lhes generos, gados, roupas, e mais alfaias, até dinheiro, a titulo de provêr e municiar o castello contra castelhanos. Estas repetidas extorsões exasperaram o animo d'aquelles briosos moradores, cujos clamores chegaram aos ouvidos dos seus visinhos fronteiros, os do Porto. Uns e outros por um d'aquelles accôrdos e movimentos rapidos que por vezes temos visto excitar a paciencia dos povos se foram n'uma madrugada ao castello de Gaia, com tal valentia e dedicação, que apoderando-se de todo elle o demoliram inteiramente d'alto a baixo, reduzindo-o a um monte confuso de pedras soltas. Ou a razão, ou a politica dissimulou o arrojo: ninguem mais fallou no successo, e o castello pereceu alli. ••

* Conclusão de pag. 128.

ENIGMAS PITTORESCOS.

EXPLICAÇÃO DO ENIGMA DA FOLHA ANTECEDENTE.

O sol dá vida ás flôres.



O PASTOR ARTISTA.

Pelo meado do verão de 18—, um pegureiro de quinze a dezeseis annos de idade, mas tão apoquentado de corpo que parecia ter dôze, com aquelle modo meditativo e melancholico, particular das pessoas que passam na solidão grande parte da existencia, levava adiante de si um diminuto rebanho, que por certo se desgarraria se não fôra a vigilancia activa de um alentado rafeiro preto, que arrebanhava com algumas dentadas leves, mas applicadas a tempo, os tardios ou os caprichosos.

As novellas não tinham azoinado a cabeça de Pedrinho; — que assim se chamava o pegureiro, e não Lycidas, ou Menalca, á moda do idyllio antigo — não sabia ler. Comtudo era scismador; passava dias inteiros encostado a uma arvore, vagueando com a vista pelo horisonte n'uma especie de contemplação extatica. Em que pensava então?.... Nem elle proprio o sabia; e, cousa rara em camponez, observava o nascer e o pôr do sol, os brincos da luz na ramagem, a mistura das côres nos longes, sem atinar porque o fazia; e até reputava fraqueza de espirito, quasi enfermidade, a influencia que sobre elle tinham as aguas, as florestas, o firmamento: dizia comsigo — «E todavia nada disto tem grande curiosidade; não são raridades. Para que heide eu gastar horas inteiras defronte de um carvalho, ou de um outeiro, esquecendo-me de comer, de beber, emfim de tudo? Se não fôra a vigilancia de *fiel*, já houvera perdido mais de uma cabeça do rebanho, e meu amo me teria despedido. Porque não sou eu como os outros, crescido e robusto, de cara sempre alegre, cantando desatinadamente, em vez de passar a minha vida a contemplar como brota a relva que pascem os meus cordeiros.» — Pedrinho queixava-se ingenuamente de não ser estupido; e quem sabe se teria razão?....



DURON. DEL. — ANDREW. BEST. LELOIR.

Não ha duvida que o leitor tem imaginado que Pedrinho andava namorado: hade vir a sê-lo, mas por ora não: o nosso pegureiro ainda nesse ponto é um innocente. — Havendo passado uma encosta forrada de mimosa relva, e matizada de alguns formosos maciços d'arvores, abrochadas ao terreno pelas raizes nodosas e de aspecto singular e picturesco, parou e sentou-se n'um fragmento de penedo, com a barba encostada ao cajado, curvo em cima como os bordões dos pastores da Arcadia, entregando-se á propensão habitual de meditar. O cão, certo pela sagacidade instinctiva de que as ovelhas senão afastariam d'uma paragem onde o pascigo era tão basto e tenro, deitou-se aos pés do pastor, estendida a cabeça sobre os pés dianteiros, e a vista absorta no olhar de seu dono, com aquella attenção affectuosa que faz do cão uma creatura quasi humana: as ovelhas andavam em grupos engraçadamente dispersos: um raio de luz, deslizando-se por entre a folhagem, fazia resplandecer nas hervas algumas gotas de orvalho, diamantes cahidos do cofre da aurora, e que ainda o sol não apanhára.

Era um quadro completo, com a firma — *Deus* —, melhor pintor que todas as academias. Tal foi a reflexão que fez uma senhora ainda joven que entrava n'esta occasião pela opposta extremidade do valle. — «Que lindo paiz para copiar!» — Disse, tomando um album das mãos da camareira que vinha em sua companhia. Sentou-se n'uma pedra musgosa, a risco de manchar de verde o aceiado vestido, do que, segundo parecia, pouco se lhe dava; abriu o livrete sobre os joelhos e começou a delinear o esboço francamente e com presteza: dourava-lhe as feições delicadas e puras a transparente sombra de um grande chapéu de palha, como no mimoso bosquejo da joven de Rubens; os cabellos, de esplendida côr loura, lhe formavam uma trança abundante sobre o pescoço da alvura do leite, e mosqueado, como por galanteria, por tres ou quatro pequeninos signaes ruivos. Era uma formosura feiticeira e rara.

Pedrinho, absorvido na contemplação d'um contorno de ramagens de castanheiro, não percebêra logo a entrada de novo actor na tranquilla scena do valle; *fiel* erguêra o focinho, mas não vendo motivos d'inquietação, recobrou a sua postura de esphinge melancholica. O aspecto d'aquella figura esbelta e branca perturbou singularmente o moço pastor, que sentiu um certo apêrto de coração inexplicavel, e para subtrahir-se a tal commoção, assobiou para *fiel* pondo-se em ordem de retirada. — Era precisamente o que não queria a joven senhora, que estava a ponto de desenhar o pastorinho e seu rebanho, accessorio indispensavel da paizagem; pôz de parte album e lapis, e em dois pulos ou tres, como de côrça perseguida, alcançou Pedrinho, que trouxe por auctoridade para o fragmento de rocha em que d'antes estava sentado. — Tu, (lhe disse alegremente) hasde permanecer aqui, até que te eu peça para te retirares; e com o braço um pouco mais para a frente, e a cabeça mais inclinada á esquerda.» — E fallando, com sua mão delicada e alva, empuxava a face crestada de Pedrinho para lhe fazer cobrar a conveniente postura. — «Que bellos olhos que tem, Lucia, para olhos de camponez.» — Disse ella rindo para a sua camareira.

Posto em attitude o seu modêlo, a jovial senhora, correu ao sitio primeiro, e tomou de novo o desenho, que concluiu brevemente. — «Agora podes levantar-te e partir, se quizeres; mas é justo que te recompense do aborrecimento que te causei fazendo-te estar ahi como um santo de páu. Vem cá.» — O pastor chegou-se vagarosamente; a senhora com vivacidade lhe metteu uma peça d'ouro na mão. — «Será para comprares veste nova com que vás á dança aos domingos.»

O pastor, que deitára um olhar furtivo para o album meio aberto, ficou accommettido de assombro sem cuidar em fechar a mão onde brilhava a peça de vinte francos novasinha; cahiu-lhe a venda dos olhos, uma revelação subita lhe apparecêra: e dizia com voz cortada seguindo com a vista as differentes partes do desenho: — «As arvores, a pedra, o cão, eu..... tudo lá está..... e as ovelhas tambem..... na folha de papel!....» — A senhora divertia-se com esta admiração e assombro ingenuos, e mostrou-lhe differentes paizagens esboçadas, de lagos, castellos, rochedos; porém, como se avisinhava a noite, tomou e a sua companheira o atalho para a casa de campo que habitava.

(Continúa).

DA EDUCAÇÃO.

Ninguem ignora de que preço e importancia é a educação: d'ella dependem os destinos, o credito, e a honra das nações, porque estas vantagens se compõem das qualidades dos individuos que formam a sua maioria. Nunca se fallou tanto d'escólas, de mestres, e de methodos d'ensino publico, e nunca se desmaselou mais a educação

domestica do que nos nossos dias. Sem esta será sempre insufficiente, e ás vezes prejudicial aquella; obvias razões o demonstram, a experiencia de nossa época o comprova.

A *Illustração* não devia ficar estranha a um objecto que tão bem se ajusta com o seu titulo, e com suas vistas patrioticas: e pensa fazer um grande serviço publico em transcrever aqui, postas em linguagem, as luminosas idéas sobre educação de Mr. *Rathier*, um dos chefes directores da Instituição de Pont-Levoy em França, proclamadas com uma solidez de raciocinio, e superioridade de tacto admiravel, em o encerramento do curso lectivo d'aquella casa em o anno corrente.

A sorte dos imperios depende do estado em que se acham os costumes, e os costumes formam-se na familia. Montesquieu disse muito bem que os costumes fazem sempre melhores cidadãos do que as leis. As leis regem sómente os actos exteriores. Os costumes regem os affectos, e os pensamentos. As leis regulam as relações materiaes dos homens entre si, deixando intactos o antagonismo dos sentimentos, e das crenças; os costumes estabelecem a harmonia das vontades com os deveres no sanctuario da consciencia, no asylo secreto do coração. De modo que regular e dirigir as familias é o mesmo que regular a sociedade. Fazer reinar a ordem n'aquellas é o mesmo que assegurar a venturosa estabilidade d'esta. Por conseguinte ordenar a juventude com relação ás familias, é ordena-la com relação ao Estado. E ás avessas, semear no meio d'ellas a desunião, o egoismo, a indifferença, a ingratidão, romper todos os laços de amor e subordinação que constituem sua força e sua vida, é introduzir infallivelmente a anarchia no Estado, é transtornar todas as bases da constituição social.

O primeiro sentimento, portanto, que nos propomos desenvolver em nossos alumnos é e será sempre o espirito de familia; queremos dizer, o respeito ás tradições do pundonor domestico, o culto ás recordações da casa paterna, a fidelidade aos exemplos de seus antepassados, em tudo quanto tiverem d'honroso e de louvavel, a adhesão inviolavel a este tabernaculo inviolavel onde se conserva como em deposito sagrado o amor da religião, e da patria. Todo o que despréza a sabedoria antiga, a auctoridade de seus antepassados, as crenças de seus progenitores, jámais será bom cidadão. Em cada familia ha uma certa herança de virtudes, de bons exemplos, e de boa nomeada que o menino deve procurar recolher como um dos primeiros titulos á estima publica, ora elle pertença a essas raças nobres e illustres, cujos annaes se ligam aos da historia nacional, ora pertença a essas familias mais modestas, em que florecem n'uma classe menos elevada, e mais immediata com o povo, essas virtudes ingenuas, e costumes patriarchaes, cujos exemplos não exercem menos saudavel influencia. O sentimento de familia é a iniciação mais segura para o espirito da sociedade «quando aquelle falta (disse um sabio estadista de nossos dias) o espirito de cidade, de provincia, e mesmo o nacional não são senão quimeras: e quando parece despertar-se é porque o espirito de partido usurpa suas côres para mais facilmente chegar ao fim que se propõem.»

Montesquieu demonstra que não é nos collegios e casas publicas d'ensino (em que de ordinario se instrue a infancia) que se recebe a principal educação nas monarchias. Segundo elle, é ao entrar no mundo que ella começa. É ahi que está a escóla do que chamamos honra, este movel universal que deve guiar-nos sempre. Alli é onde os homens nascidos para viver juntos, e para mutuamente se amarem, aprendem a conhecer e observar essas contemplações e reservas, sem as quaes se tornariam incapazes de praticar o bem. Mas esta honra que produz a honestidade e franqueza dos costumes, e a urbanidade, e cortezania nas maneiras, onde é que se aprende senão na familia? E se o collegio não fôr a continuação das tradições d'aquella, em vão se esforçará o mundo em inspirar os sentimentos e as praticas cujo germen não se haja recebido na educação da infancia e juventude.

As lições do mundo são mais favoraveis ao desenvolvimento do mal que do bem. O mundo póde ensinar a cohonestar o vicio, e a disfarçar sob amaveis apparencias os extravios do espirito e do coração; porém não ensina honra. Esta (a que merece este nome) bebe-se nas lições e doutrinas d'uma familia christã, nos exemplos de virtude que desde a infancia se tiverem habitualmente á vista; n'uma palavra, nos principios d'uma educação francamente religiosa. No seio da familia, quando resguardado com a salvaguarda d'estes principios, é que um menino aprende a respeitar o que é santo, a sentir o que é louvavel e justo, a comprehender o que é bello e justo. — Existe, diz Mr. *Laurens*, uma linguagem domestica de maravilhosa pureza, e cuja formosa claridade jámais se turba. A lingua da familia não expressa senão cousas nobres, sentimentos puros e verdadeiros, pensamentos delicados e sinceros, affeições innocentes. O menino instruido n'este idioma não sabe senão o que é bom, e todas as vezes que fóra de casa encontra alguma cousa que se affasta d'este modêlo, logo se offende. Sua propria inclinação se turba, e só apparece e se ostenta aquelle amavel pudor, sentimento terno, especie de misterio na innocencia, do qual Deus fez o mais formoso ornamento da virtude, ainda mesmo depois de se haver perdido a innocencia. — Tal é a linguagem que os mestres e instituidores devem cuidadosamente ensinar a conservar a seus alumnos: façam-lhes sentir que tudo é santo nas relações da familia, que todos os laços que n'ella fórma a natureza estão dentro da ordem da Providencia, e que o sentimento de decóro que se desenvolve com affectos mesmo a que preside, não se perde senão com a corrupção que lhe vem de fóra. Nós todos sabemos que entre as familias que se dirigem por este espirito christão, existe, para assim dizer, uma atmosfera de castidade que envolve a vida e a purifica, e que ainda n'aquellas familias onde os principios religiosos e moraes se acham esquecidos, jámais diante do pae ou da mãe, do irmão ou irmã, se ultraja o pudor: tão profundamente ha gravado a natureza no coração do homem o respeito a relações tão veneraveis! Mas se a innocencia de ordinario nada tem a temer dentro da familia, tem tudo a recear das influencias exteriores; e é aqui que a vigilancia dos mestres percisa ser auxiliada pela vigilancia dos paes: e mui poucas esperanças teriam aquelles de firmar a boa educação moral de seus discipulos, se as lições e exemplos externos fossem surdamente minando a obra entabolada.

Assim que, como o primeiro sentimento que os mestres se hão de propôr em firmar e estender nos seus alumnos é o amor de familia, a primeira auctoridade que se lhe proponha para respeitar depois de Deus é a dos pais; porque a submissão á vontade paterna é a mais segura garantia da submissão legitima. E não se considere sómente a obediencia filial com respeito á religião, que nos mostra os paes representantes de Deus na familia; senão tambem se deve considerar em ordem á sociedade, tão profundamente interessada na manutenção do poder paternal. «Signal de muita sabedoria no legislador (diz o citado A. do Espirito das Leis) é conceder aos paes grande auctoridade sobre seus filhos. Nada consola mais os magistrados, nada desoccupa mais os tribunaes, nada derrama mais tranquillidade nos Estados.»

Eis-aqui porque os primeiros affectos que se devem desenvolver nos meninos, confiados aos collegios, serão a ternura e agradecimento para com os auctores de seus dias, piedade filial, amor fraternal, amizade generosa e desinteressada para com aquelles a quem nos prende a natureza por laços do sangue: taes são os sentimentos pelos quaes a familia se converterá no que deve ser — uma escóla de honra, de virtude, e da lealdade.

O primeiro fructo, por conseguinte, que os meninos devem colher d'uma educação similhante, serão aprender a adorar a Deus, e a honrar seu pae e sua mãe. Aquelle que conhece e observa seus deveres como filho, comprehenderá e observará seus deveres como homem, e como cidadão.

D'aqui facilmente se deduzem salutares consequencias: a emulação, por exemplo, que os mestres devem inspirar-lhes, e dar-lhes por movel de suas tarefas, é o desejo de dar satisfação a seus paes, e corresponder á sua solicitude, indemnisando-os de seus sacrificios por meio de sua applicação ao estudo, pelo apreço e louvores de seus mestres, e pelos premios e corôas que depositarão a seus pés todos os annos com seus progressos constantes na sciencia, e na virtude: santa e nobre emulação, que tendo sua origem no coração, e o seu apoio na consciencia, não produzirá senão fructos saudaveis, e differentes dos da outra emulação, ou antes rivalidade envejosa e mesquinha, que só serve d'inspirar orgulho, vangloria, e ambição de suplantar os outros, mananciaes impuros, que corrompem os triumphos, e envenenam os gozos que os acompanham. **

A POESIA E A HISTORIA.

IV.

Compulsae os tomos do passado, transportae-vos a esses tempos em que tudo era solido, e robusto, — as crenças como os homens, os homens como as coisas — atravessae os seculos, caminhae por essas terras grandes do grande patrimonio dos mortos, e ide admirar as feituras magnificas de suas mãos valentes. Parae aonde encontrardes um templo de gigantescas paredes e finos lavores — o templo é um livro — cada parede uma pagina — cada lavor uma letra. Entrae no templo; folheae o livro. Dois echos acordareis no primeiro, apenas entrardes. — Duas palavras lereis no segundo, mal o abrirdes. Dirão as palavras = Historia; Poesia = Historia; Poesia = repetirão os echos. Nem vos espante o aspecto severo do templo. Nem vos dê pasmo a dura phrase do livro. É a Poesia, é a Historia dos homens de ferro, e do bronze, rija e valente como elles, e como elles invariavel e firme.

Comvosco fallarei só agora, portuguezes. Deixemos a Europa reformada seguir o caminho marcado pelo novo impulso. Limitemo-nos ao que é nosso. — Portuguezes, de proposito reservamos para aqui o largo campo de nossos feitos.

Que espirito quasi inspirado levou os fortes de D. Affonso Henriques aos campos de Ourique, a Evora, a Lisboa e Santarem?

Admiravel exemplo de fé e confiança! Não é uma nação poderosa que inunda o solo de outra nação, que pouco a pouco lhe mina e consome os alicerces. Não é um reino que devora outro reino, um povo que suffoca outro povo. É um punhado de poucos valentes que sahindo do humilde ninho, encravado entre inimigos tremendos, se vae contra esses a pulularem-lhes de todos os

lados, derrubando, conquistando, e substituindo aonde quer que as suas armas retumbam uma lei a outra lei, uma crença a outra crença, uma historia a outra historia. — Far-se-hia isto sem que o fogo d'um poetico e immenso crer aquecesse phantasia e coração? — Edificar-se-hia esta nova historia — tamanha e tão formosa — sem que a poesia da imaginação, e da religião a tivesse feito rebentar, crescer, e avigorar?

Deixae correr os annos, vêde Portugal, victima d'um rei fraco e d'uma rainha dissoluta, entregue aos caprichos d'um cortesão, e ainda mais entregue ás ambições de Castella, a ponto de cahir em mãos d'estrangeiros que o olham já como prêsa sua — vêde-o e admirae como só de si — tão enfraquecido e desgastado — tira forças para refrear e domar os esperançados e ávidos conquistadores que já estendem sobre elle as mãos sequiosas de ouro e de particulares vinganças. Não será assim o amor da patria uma poesia e essa poesia uma grande e formosa historia! Mas aonde existe essa poesia e essa historia. Nem os campeadores do fundador da monarchia, nem os leaes cavalleiros do seu reformador, deviam de ficar sem uma pagina para os seus nomes, sem um cantico para os seus feitos. Tiveram-nos — tiveram, a pagina e o cantico. A voz possante de cada seculo que vae passando pergunta ao mosteiro d'Alcobaça qual foi a mão que alli o poz como um padrão erguido no meio d'aquella era de grandes trances e grandes esforços, e o vulto venerando do mosteiro responde apontando caladamente para as gloriosas acções d'onde elle surgiu, — o pacifico monumento.

Ao convento da Batalha pedem contas as successivas gerações do que o gigante de marmore viu n'aquelles bons tempos das boas cavallarias, e o gigante responde indicando = Aljubarrota, Trancoso, Valverde e Penafiel. Soldados de Ourique, não, não dormireis nas vossas mortalhas de ferro o somno do esquecimento de que não ha despertar. — Valentes de D. João 1.º não, não regastes inutilmente com o vosso sangue a terra da patria, que n'ella florirão os vossos nomes em flôres immurchaveis.

Quem poderá passar por esses dois marcos assentados em duas épocas igualmente grandes e igualmente admiraveis sem que lhe cresça o desejo de saber que homens foram os que os alevantaram. Convento da Batalha, mosteiro d'Alcobaça, vós sois a chronica e o hymno de pedra d'esses homens quasi que tambem de pedra. Debaixo de vossas venerandas arcadas corre o perenal sussurro de tantos nomes d'heroes. A cada passada sobre esses marmores sonoros responde um echo do passado bradando — gloria. O templo de Deus é o verdadeiro templo da victoria; louros de triumpho são os festões rendados de suas columnas; nos seus, hoje indecifraveis caracteres, está estampada a historia dos tempos, que são idos — honra pois ao dedo que os indica e ao pensamento que os interpreta!

Precisaremos nós porém de allegar mais exemplos? Precisaremos repetir: «Aonde achareis maior poesia do que esta poesia de acção tão largamente vivida e tão sobranceira aos seculos? Aonde achareis historia maior do que esta historia grande que se alevanta da terra com vulto desmesurado, e canta um cantico de marmore?»

Mas que vemos agora? — Lá vem surgindo do seio d'Allemanha outra arte que mudará esta arte, outra poesia e outra historia que alterarão a fórma sem comtudo alterar a essencia d'esta poesia e d'esta historia. O invento de Guttemberg influindo poderosamente na civilisação do mundo, cunhando por ventura uma época nova na grande chronica da humanidade deu azas e liberdade á historia e á poesia que se haviam enraizado no solo. — Uma e outra, sacudindo o mystico involtorio primitivo, deram a andar por esse mundo com pequeno vulto para os olhos mas com desmesurado poder para o pensamento. — Eis por tanto mudada a historia e a poesia escripta; examinemos a par d'ella a historia e a poesia vivida.

São irmãs — grandes de mais para caberem nos limites que lhes tinham sido postos, sahem do lar antigo e vam-se para longes mares e longes terras com os santos nomes de Deus e da patria em labios e corações fazer conhecido e respeitado este formoso nome de portuguezes, que para soar á larga precisou de um mundo.

Ondeam nas terras d'Africa as bentas quinas de D. Affonso. — Mas a Africa é pouco ainda; vão mais longe. — As vedadas portas do maravilhoso Oriente são abertas em fim pelos argonautas do Téjo. A face da Europa modifica-se de novo. — A soberba rainha do Adriatico vê raivando de indignação roubarem-lhe das mãos a chave d'aquelle commercio immenso. Já o leão de S. Marcos não é só o soberano dos mares. As nações imitando o grande exemplo que lhe é dado fazem-se navegadoras, alarga-se a vida d'esta sociedade, que vê de repente desenrolar-se-lhe diante dos olhos um horisonte sem fim. O trafico particular faz-se extensissimo e geral, e assim o commercio, tornado elemento da existencia social, dá nova apparencia e novo ser aos povos e aos reinos. — E quem fez toda esta infinita e pasmosa mudança? — Alguns homens rijos do coração e fortes de vontade, que viram mares aparcellados, ventos furiosos, e tormentas desesperadas, venceram mares, ventos, e tormentas, com a sua fé e a sua crença: passaram, poucos, em terras distantes, por meio de inimigos sem conto, e onde tudo lhes era inimigo, e venceram manhas, pestes, e ciladas, com a só força do seu animo e do seu espirito. — Oh! mas que poesia, que fervente e profunda poesia nutririam em suas almas os fortes companheiros do fortissimo Gama, para tal feito acabarem? Como seus corações e suas mentes deviam de trasbordar d'esse ardente sentir, que mais do que tudo é poesia, quando sós, entre o céu e o mar, e com Deus por testemunha, seguissem seu rumo para essa nova terra da promissão. — Que dias e que noites de vivo imaginar, que horas — horas longas! — passadas a lêr no firmamento azul o fado que lá em cima estava escripto. Que receios e que esperanças quando o bulcão de Deus varresse a face dos mares!

Não continuaremos. Se fôra nosso intento de todos os feitos gloriosos deduzir uma consequencia para o nosso fim, o breve esboço que projectamos tornar-se-hia um livro. — Tal livro não é para nós. — Tomando unicamente alguns pontos que mais avultam e sobresahem, tentámos applicar ao nosso particular o que já em geral haviamos adiantado.

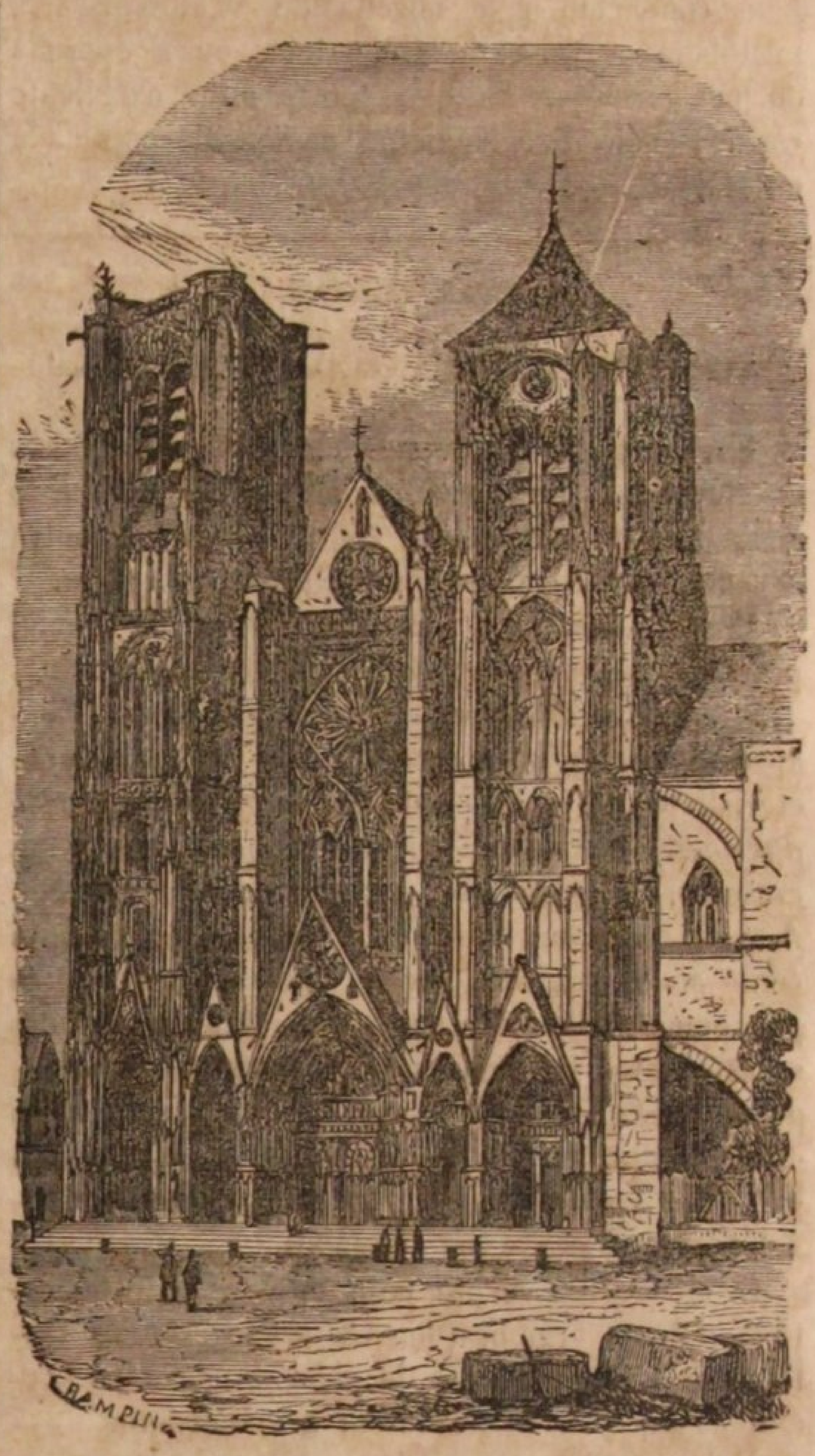
Os homens de ferro e de bronze — já o dissemos — tiveram a sua historia e a sua poesia escriptas para sempre nos livros de marmore. — Força era que os arrojados descubridores, que tão longe foram, tivessem tambem a sua poesia e a sua historia, que rodeasse o mundo, como elles.

O mosteiro de Belem perpetuará o que se passou nas margens do Indo. Mas o espirito da arte não reina já sómente nas paginas de pedra. — O monumento inamovivel não podia senão contar aos seus; era força que outro monumento se erguesse para percorrer as nações da terra, e ir-lhes annunciar o que era feito.

Esse monumento, mais rijo e duradouro do que o marmore, appareceu, cresceu, vingou — domina!

A historia da civilisação moderna canta-a a poesia dos Lusiadas!

MENDES LEAL J.r



TEMPLO DE NOSSA SENHORA EM BRUGES.

Bruges, cidade da Belgica, capital da Flandres occidental, está situada a quatro leguas distante do mar, na juncção de canaes, que facilitam grande commercio: encontra-se no formoso canal que vae de Gand a Ostende, por onde sobem navios do porte de quasi 300 toneladas. — No seculo 18.º foi importante o seu giro mercantil; e em tempos mais remotos gosou de muito maior importancia, quando ahi residiam os condes de Flandres, senhores de grande poder. Hoje tem descido a bastante decadencia o seu trafico commercial, comtudo ainda não está abatido de todo pelos ramos de industria que conserva, de varios tecidos, como pannos de lã, fustões, camelões, e algumas obras em algodão; negoceia além d'isso pela facilidade de exportar para varias provincias de França e de Alemanha. As fabricas e os estaleiros conservam em seus habitantes aquella actividade que se nota em todas as provincias do reino dos Paizes-Baixos (hoje dividido em duas soberanias) e que data desde a sua independencia da corôa hespanhola, e da sua origem como estado federativo. Ainda em 1820 se estabeleceram, uma doca para ancoradouro, outra para construcção naval e reparo d'embarcações, e reconstruiram-se armazens para deposito de fazendas por baldeação, ou qualquer motivo.

Dos edificios de Bruges, é notavel a torre de rebate, que se divisa de qualquer parte da cidade; a sua altura extraordinaria, a elegancia da sua construcção, combinada com os accessorios da architectura da idade média a tornam famosa. O templo de que apresentâmos a fachada é obra do seculo 12.º; não tem cousa digna de grande attenção, além das particularidades proprias dos edificios d'essa época, mais que uma estatua de Nossa Senhora com o Menino, composição em marmore do celeberrimo Miguel Angelo; e dois tumulos sumptuosos; de Maria de Borgonha; e de Carlos, o temerario, famoso na historia do seu tempo, e para os menos lidos na historia hoje

bem conhecido pela novella de Walter Scott, intitulada — Anna de Geierstein, ou a donzella do nevoeiro —, de que temos uma excellente versão, pelo Sr. Ramalho e Sousa, publicada em 1843.

PASSEIOS

AO JARDIM BOTANICO DA AJUDA. *

Estamos finalmente no meio das nossas flôres — chegámos um pouco mais tarde, porque o nosso bote teve de luctar contra a maré e contra o vento, que o açoitavam rijamente pela proa.

Dar-vos-hei hoje em desempenho da minha promessa algumas noções da economia vegetal.

As plantas são seres organisados e vivos. Ellas apresentam os phenomenos mais geraes e caracteristicos da vida — isto é *nutrem-se e reproduzem-se*. Como os animaes as plantas nascem, crescem, propagam-se, envelhecem, e morrem. A vida dos vegetaes não é porém tão perfeita como a dos animaes, porque não comprehende os phenomenos do sentimento e de locomoção; mas se as plantas são privadas dos gosos e das vantagens da sensibilidade e da intelligencia tambem em recompensa não é perturbada a sua existencia pelos cuidados e pela dôr, que são o infallivel apanagio dos seres animados.

O estudo dos corpos vivos cifra-se todo no estudo da sua organisação. Os orgãos são os instrumentos physiologicos da vida, e os meios porque as funcções se produzem e manifestam.

Como porém a vida dos vegetaes não se compõem senão de duas ordens de funcções — das funcções nutritivas e reproductoras; tambem a sua fabrica organica não se compõem senão de dois systemas de orgãos — dos systemas de nutrição e reproducção. A vida de relação era tão inutil ás plantas como indispensavel aos animaes. Estes tendo de fugir aos seus inimigos e de atacar a sua prêsa, tendo de se aproximar dos seres da sua especie para satisfazer algumas das suas necessidades instinctivas, careciam de um aparelho sensitivo e locomotor, de orgãos de expressão e de intelligencia, e ultimamente de um tubo digestivo onde em grande parte se elaborassem as substancias nutritivas e reparadoras, e onde se depositassem durante algum tempo os materiaes da assimilação para nas suas excursões serem elles mesmos, como diz o celebre *Cuvier*, os portadores das suas proprias provisões — mas as plantas prêsas pelo seu systema radicular ao seu berço natal, e cercadas de tudo quanto lhes é necessario para a vida individual e da especie, não precisavam de nenhum d'aquelles orgãos, visto que não tinham de exercer os actos vitaes a que elles presidem. Banhadas por esse oceano de luz que periodicamente as excita, e pelo ar que de continuo as nutre, apoiadas na terra que as adopta como filhas não lhes falta como muitas vezes ao homem nem o sustento, nem a claridade do sol, nem o domicilio — e mais ditosas do que elle sempre lhes cabe em partilha um pequeno torrão a que possam chamar seu, e que as nutra com a sua substancia! Deus foi providente e benefico com ellas! Tambem as vemos sempre, como que *agradecidas*, elevarem-se para o céu, a estenderem os seus braços para o sol, orgão principal dos beneficios da providencia.

Se tivessemos de seguir a ordem natural do desenvolvimento dos vegetaes teria de fallar-vos em primeiro logar da semente que é o elo primordial na cadêa organogenica das evoluções da planta, o ponto de partida da vida vegetal, e o nucleo de toda a organisação; em seguida deveria descrever-vos a raiz, depois o tronco, as folhas, as gemmas, a flôr e ultimamente o fructo, que é a terminação dos desenvolvimentos floraes e o ultimo elo da cadêa phitogenica — onde acaba a vida individual, e onde começa a da especie — termo que separa o presente do futuro, e que representa ao mesmo tempo a mortalidade do individuo e a eternidade da raça, orgão onde se guarda no seio da semente a sorte das gerações por vir.

Esta marcha teria sido a mais methodica, mas tambem seria um pouco prolixa e enfadonha, e eu desejo não sómente instruir mas deleitar o vosso espirito — desejo sobretudo tornar-vos a sciencia amavel, a fim de que a ameis — desejo apenas iniciar-vos em alguns dos seus segredos, fazer-vos sómente algumas revelações que excitando a vossa curiosidade, vos obriguem um dia a penetrar nos mais reconditos mysterios da organisação e da vida vegetal.

Comecemos pois a estudar a flôr, esta parte brilhante do vegetal, onde a poesia e o luxo das fórmas só é igualada pelo mimo e encanto das côres, onde a delicadeza e a frescura dos tecidos corre parelhas com os voluptuosos aromas que se desprendem do seu seio virginal.

A flôr é a terminação organica do caule — n'ella se encerra e se acolhe o aparelho da reproducção vegetal. A flôr é a esperança e o porvir da planta, assim como o filho é a esperança e o porvir do pae. No seu seio está depositado o germen e a successão das familias vegetaes, a descendencia e a perpetuidade das especies. A natureza abrigou-a e protegeu-a como a mãe abriga e protege o infante no seu seio maternal. Cercou-a de resguardos e de involucros protectores para a preservar dos rigores e das vicissitudes das estações, é para a defender dos accidentes que podessem maltrata-la — dir-se-hia que os vegetaes não vivem senão para florecer e fructificar, e que toda a seiva e vida das plantas são convertidas durante a floração no desenvolvimento dos orgãos floraes.

Colhamos pois ao acaso uma flôr das muitas que nos embalsamam o ar e estudemos a sua organisação.

Ahi tendes o *goiveiro amarello*: cortae um ramo que contenha algumas flôres, e examinemos as diversas partes que as compõem.

O primeiro orgão que exteriormente se nos apresenta é formado por quatro foliolos de côr avinhada escura dispostos circularmente em torno da flôr — este orgão tem o nome de *calix*, e as pequenas folhas que o formam o de *sepalas:* logo depois d'este involucro encontra-se um outro mais mimoso e delicado que o primeiro, composto como elle de outros quatro foliolos odoriferos, e de uma côr amarella dourada: este orgão recebeu o nome de *corolla*, e os foliolos o de *petalas*.

Se em seguida despojardes a vossa flôr d'estas duplices vestiduras, vereis no centro uma pequena columna recta e achatada, que nasce inferiormente de uma dilatação do *pedunculo* da flôr, que tem o nome de *receptaculo*, e que se termina superiormente n'um corpo glanduloso de fórma arredondada, que os botanicos denominam *stigma*.

Se com um canivete cortardes agora longitudinalmente esta columna acha-la-heis ôca, e contendo corpusculos arredondados similhantes a ovos: esta cavidade recebeu o nome de *ovario*, e a columna de que elle faz parte o de *pistillo*.

Elevam-se depois em torno d'este orgão seis prolongamentos delicados, dois dos quaes são um pouco mais curtos que os outros quatro: estes ultimos abraçam e rodeam a columna central que acabámos de examinar. Estes prolongamentos chamados *estames* são superiormente terminados por duas pequenas bolsas, que contém um pó amarellado muito fino, que facilmente descubrireis fendendo-as pelas suas suturas lateraes. Estas bolsas denominam-se *antheras*, o pó n'ellas contido *pollen*, e os prolongamentos filiformes que as sustentam *filetes*.

Agora que vos são conhecidas as partes da flôr, e que tendes ouvido com exemplar paciencia os termos scientificos porque são designadas, quero indemnisar-vos fazendo-vos conhecer as funcções maravilhosas que são exercidas no aparelho floral.

O involucro mais exterior a que chamámos calix é sem contradicção um orgão de protecção: era necessario que a structura delicada das partes centraes da flôr fosse cuidadosamente resguardada de qualquer accidente desorganisador. O involucro corado e odorifero que se encontra depois d'este além de ser tambem um orgão de defeza exerce funcções admiraveis, que depressa vos indicarei.

É quasi desnecessario fazer-vos observar que os ovulos encerrados no ovario são os rudimentos da semente, destinada a reproduzir o typo da especie, e que só esperam pelo impulso vital da fecundação para sahirem do quietismo aparente em que existem; e então já podeis inferir qual seja a funcção que o pistillo tem a desempenhar.

Mas qual será o destino dos estames! Não vos será difficil a resolução d'esta questão.

Se examinardes o stigma quando a flôr se manifesta completamente aberta ahi descobrireis alguns grãos de pollen adherindo ao seu tecido espongioso — vereis além d'isto que aquelle orgão se torna humido e glutinoso na época em que o pollen sahe das antheras — que os estames se aproximam dos pistillos n'esta mesma época umas vezes debruçando-se sobre elles, outras vezes alongando-se para os tocar.

Se depois d'isto privardes os estames das suas antheras antes do desabrochamento da flôr, vereis que os ovulos não se desenvolvem, e que a flôr fica infecunda, porque tivesteis a impiedade de a castrar.

Se n'uma outra flôr envernisardes cuidadosamente os stigmas com uma dissolução de gomma, embora não tenhaes, como na experiencia precedente, mutilado as antheras, a flôr continuará a ser infecunda, e os ovulos jámais se transformarão em sementes.

Todas estas experiencias e outras muitas que ommitto vos manifestam que os pistillos são os orgãos sexuaes femeninos da flôr, e os estames os orgãos masculinos — que o pollen das antheras é a materia fecundante, e os ovulos os germens fecundaveis — que a anthera é o orgão que segrega esta materia, o stigma o que a recebe, para a transmittir ao ovario onde os ovulos fecundados se transformam em sementes que são os ovos vegetaes.

G.

(*Continúa*).

* Continuado de pag. 115.

ENIGMAS PITTORESCOS.

EXPLICAÇÃO DO ENIGMA DA FOLHA ANTECEDENTE.

A fortuna faz aparecer a inveja.



O PASTOR ARTISTA.*

Pedrinho seguiu com os olhos a joven senhora até que o contorno do outeiro lhe occultou a derradeira prêga do vestido; e ainda continuava a olhar; debalde *fiel* lhe impurrava a mão com o focinho humido e verrugoso, como uma batata remolhada, não alcançava tira-lo de sua meditação. O humilde pastor começava a comprehender confusamente para que servia contemplar as arvores, as desigualdades do terreno, e as fórmas apparentes das nuvens. Tinham pois um intuito aquellas agitações e impulsos do coração, que elle sentia perante uma formosa paizagem; não era portanto imbecil, nem louco. — De figuras representadas em papel ou em panno tinha elle visto muitas pelas paredes dos casaes e vendas na proximidade do seu domicilio, mas, ou eram imagens ao divino, ou bonecos bruteseos, tudo imperfeitissimo, e mais que tosco, de mistura com algumas estampas, de igual jaez, serapintadas de côres discordes, que lhe não podiam suggerir idéa alguma da arte. Os desenhos do album, com o traço distincto a lapis, e a exactidão das fórmas, era tudo obra inteiramente nova para Pedrinho. — Veio o descahir da tarde, chegou as ovelhas ao redil; e depois sentou-se á entrada da choça movediça sobre um jogo de rodas grosseiras, que lhe servia de casa no verão. O firmamento estava azul ferrete, e luzia o sete-estrêllo como prégos d'ouro; os astros nocturnos, mais apparentes n'aquella estação, scintillavam com viveza. — O pegureiro, agachado ao pé do cão, repassava-se da impressão do magnifico espectaculo que sósinho alli contemplava, d'essa pompa que a natureza mostra, indifferente para os humanos preguiçosos e descuidados.

Pensava tambem na joven senhora, e lembrando-se da mão mimosa que lhe roçara pela face crestada, estremecia. — Custou-lhe a conciliar o somno, e revolvia-se na cama de feno, como troço de reptil mutilado, sem poder cerrar as palpebras. — Dormiu em fim e sonhou; afigurava-se-lhe estar sentado n'um pedaço de rocha, tendo perante si um formoso paiz; o alfeneiro abanava as candidas flôres; a relva das campinas suava perolas; o outeiro parecia revestido de azul prateado. — Passados instantes Pedrinho viu encaminhar-se para elle a bella senhora do valle, que se approximava risonha e lhe dizia — «Não basta contemplar, é necessario executar!» e que pronunciadas estas palavras lhe entregava um desenho para exemplar, uma folha de papel conveniente á cópia, um lapis aparado, e se conservava em pé diante d'elle. Assim impellido, principiou a traçar alguns lineamentos; tremia-lhe a mão como o papel, e uns traços se confundiam com outros: o desejo de desempenhar-se bem, a agitação e pejo de sahir-se tão mal, lhe faziam escorrer gôtas de suor pela testa: daria dez annos de vida para não se mostrar assim mal geitoso na presença de tão agradavel pessoa: contrahiam-se-lhe os nervos, e os contornos que ensaiara degeneravam-lhe em zigzagues irregulares e ridiculos; era tamanha a sua agonia que esteve quasi a acordar. A senhora conhecendo aquella angustia, entregou-lhe um porta-lapis d'ouro, cuja extremidade brilhava como a chamma: e logo Pedrinho não achou difficuldade; dir-se-hia que as fórmas por si mesmas se dispunham e agrupavam no papel; alçava-se o tronco das arvores com arrojo ousado e franco, separavam-se as ramadas, as plantas desenhavam-se com suas folhas, caule, e todas as circumstancias. — A senhora, olhando por cima do hombro do alumno, dizia de quando em quando, satisfactoriamente — «Bem, muito bem..... é assim mesmo..... continúa.» — Um annel de seus cabellos, cuja espiral distendida fluctuava com o vento, roçou pelo semblante do pastor, e d'esse toque sahiram milhares de centelhas, como de machina electrica; um dos atomos de fogo lhe cahiu sobre o peito, e o coração se lhe incendiou luminoso como a pedra carbunculo. — Bem o percebeu a senhora e disse — «Ahi tendes a centelha, a luz do genio; adeus!» — A visão desappareceu; e este sonho produziu extraordinario effeito no animo de Pedrinho: e deveras o seu coração estava inflammado; a datar d'este dia sahíra do cahos das multidões; entre o seu nascimento e a sua morte devia por tanto dar-se algum acontecimento extraordinario.



Tomou um carvão de um brazido apagado na vespera, e quiz logo encetar os seus estudos picturescos; as tabuas externas da choça lhe serviam de papel e de tela. — Por onde começou elle?.... — Pelo retrato do seu melhor, ou, para exactamente dizermos, do seu unico amigo, *fiel*: porque era elle orphão, e cifrava-se no cão toda a sua companhia. Os primeiros traços, forçoso é confessa-lo, pareciam-se tanto com um hippopotamo como com um cão; mas a poder de apagar e riscar de novo, conseguiu, porque *fiel* era o mais paciente modêlo que podia haver, passa-lo de cavallo-marinho a uma apparencia de crocodilo, depois a uma cousa que parecia um porquinho, e a final a uma figura que só as más linguas diriam que se não assemelhava a individuo da raça canina.

Dizer a satisfação que sentiu Pedrinho, acabado o seu desenho, seria cousa difficil. Miguel Angelo, depois de haver dado o ultimo toque de pincel á capella Sixtina, contemplando, com os braços cruzados sobre o peito, a sua obra immortal, talvez não experimentasse mais intimo e profundo contentamento.

«Ah! se a formosa e joven senhora visse o retrato de *fiel*!» — dizia para comsigo o nascente artista. — Mas cumpre fazer-lhe justiça; este enlevo durou pouco; depressa conheceu que o seu bosquejo era informe, e bem differente do verdadeiro *fiel*: apagou-o, e determinou-se a pintar um carneiro; e sahiu-se um pouco melhor que do primeiro ensaio, porque já tinha por si a experiencia; e comtudo isso o carvão se esborrachava com os dedos, e a tabua mal acepilhada desmentia a sua diligencia.

— «Se eu tivera papel e lapis, talvez me sahíra melhor; mas como poderei alcança-los?» — Pedrinho não se lembrava que era capitalista; mas recordou-se, e n'um dia, confiando seu rebanho a um companheiro, foi-se á villa, e procurou os objectos de que para desenhar carecia. No maior auge de satisfação por haver levado a cabo esta heroica e difficil tarefa, de haver comprado tantas cousas extraordinarias, ao que lhe parecia, voltou a cuidar de suas ovelhas, que não desprezou, dedicando porém ao desenho aquelle tempo que os outros pastores gastam em tocar a campesina avena, em lavrar obras de páu á ponta de navalha, ou em armar aboizes aos passaros, e ciladas ás genettas.

Sem muito cuidar do caminho que seguia, guiava frequentes vezes o rebanho para o sitio onde servira de modêlo; porém longos dias se passaram sem que tornasse a vêr a joven senhora. — Estaria Pedrinho enamorado d'ella?.... Não, no sentido que de ordinario se liga a esta

* Continuado de pag. 133.

phrase. Era demasiadamente impossivel esse amor; e o coração, ainda o mais humilde e timido, carece de um vislumbre de esperança. — Simples e rustico, como era, Pedrinho bem avaliava que existiam abysmos entre elle, pobre ovelheiro esfarrapado, rude e inculto, e uma senhora na flôr da idade, bonita e rica. A não estar louco, quem do vulgo amará seriamente uma rainha?.... E será realmente infeliz, a não ser poeta, quem não podér abraçar as estrellas?.... Pedrinho não pensava em extravagancias absurdas. — A joven senhora, como elle lá para comsigo a designava, apparecia-lhe candida e radiante, com um lapis dourado na mão; e elle, logo depois da Virgem Santa, tutelar da sua aldêa, era a quem reverenciava; era a sua musa!

N'um dia, pastoreando, ouviu o tropear desenvolto de um cavallo a galope pelas pedras soltas do valle; *fiel* latiu longamente; d'ahi a minutos viu a dama dos seus pensamentos arrebatada por um ginete fogoso, que ella debalde ás soffreadas queria tornar ao caminho; o animal indocil, impellido por algum medo, não dava pela redea, freio, ou espora, e antes que chegasse Pedrinho, que se arremeçava de rocha em rocha desde o pino do cêrro, sacudiu de um galão a cavalleira, que bateu de testa no chão com violencia: a força da pancada lhe fez perder os sentidos; e Pedrinho ainda mais pallido do que ella, correu ao sulco de uma rodeira, onde havia agua das chuvas, e espargiu algumas gotas sobre o rosto descorado da senhora. Com grande terror seu, divisou fios vermelhos que se misturavam com a sombra azul das pequeninas veias; estava ferida. — O pastor puxou de um lenço reles de quadradinhos para estancar o raro sangue que ressumbrava por entre os anneis dos cabellos. — Assim que a joven senhora entrou em si e abriu os olhos, deitou a Pedrinho um olhar vago de reconhecimento, que penetrou até o fundo da alma do ingenuo pastor.

Avisinhava-se o arruido dos passos, e chegou em fim a comitiva que procurava a cavalleira; erguendo-a a metteram em liteira, e tudo desappareceu. O pastor guardou cuidadosamente no seio o lenço impregnado de tão puro sangue, e á noite foi á casa de campo saber noticias da senhora. O ferimento nada tinha de perigoso; tão boa nova socegou um tanto Pedrinho, para quem era nada o mundo depois que vira transportar a joven do valle quasi sem sentidos, e tão desmaiada como se fôra morta.

(Continúa).

LORENZINO.

I.

IMITAÇÃO HISTORICA.

Em uma das mais amenas tardes do entrudo de 1536, acabavam os raios do sol de refulgir sobre o zimborio de Florença, e a alluvião dos mascaras folgazões atravessava em todas as direcções as povoadas ruas da cidade, quando pela porta do jardim do palacio Soderini sahia disfarçado um mancebo, que prestes, para se esquivar de ser conhecido, se misturára com os grupos que, em busca de novos prazeres, atravessavam a ponte sobre o rio Arno. Contrastava singularmente a agitação e a anciedade do seu ademan com as scenas de folguedo que elle parecia não poder partilhar, um sorriso desdenhoso via-se pintado em seus labios, e indicava o desprêzo com que o desconhecido encarava os pueris e frivolos divertimentos a que seus compatriotas se entregavam; todavia conscio do perigo que corria, se taes sentimentos manifestasse, guardava-os em silencio e mostrava deleitar-se nas scenas variadas que o cercavam. A multidão dispersou-se, e o mancebo desconhecido, embuçando-se na sua capa, encostou-se a um dos parapeitos da ponte, como quem esperava por alguem que ajustára encontrar n'aquelle logar. Absorto em suas reflexões, fitava os olhos sobre as espelhadas aguas do rio, quando de repente delle se aproxima um vulto, que trajava um *dominó* preto, e o qual, depois de ter cautelosamente examinado que ninguem os observava, ao ouvido lhe disse esta palavra — *Libertas* [1].

O mancebo estremeceu ao ouvir o estrangeiro, e em voz baixa lhe disse: — «Se por ventura não soubera que a pessoa a quem pertence a exclamação de que vos servis geme em honroso exilio, eu vos saudaria pelo nome do meu primeiro, e do meu mais estimado amigo. Dize pois quem és, tu que quizeste aqui encontrar este infeliz, que pouco terá que viver n'este mundo de enganos, e menos ainda que esperar no outro?»

— «Será pois a distancia barreira tão insuperavel, redarguiu o estrangeiro, que possa fazer esquecer o insulto e a oppressão, e deixe de estimular as nossas mais nobres sensações para nos concitar á vingança dos aggravos que não podemos evitar?»

— «És sem duvida a pessoa que eu suspeitava, disse o mancebo, apertando a mão do seu amigo; que nunca o temor do perigo, ou o do proprio interesse, poderam couseguir que o illustre Filippo Strozzi abandonasse o posto da honra!»

— «Não te enganaste, amigo, exclamou o mascara, abraçando-o affectuosamente: folgo encontrar-te ainda qual eras outr'ora. Dize porém, se além dos attentados feitos contra as liberdades de Florença, que chegaram aos meus ouvidos, é verdade que tu te has tornado o valido e confidente do tyranno, e que partilhas suas devassidões, incitando-o aos vicios e á licenciosidade? Lorenzino! Amei-te sempre como meu filho; educado por tua mãe nos principios os mais liberaes, e confiado desde teus mais verdes annos ao meu cuidado — dize, se acaso o que ambos te ensinámos incutiu em teu animo um só pensamento indigno do teu nome, e da tua reputação? Falla, Lorenzino, responde, que bastará uma só palavra tua, para eu te acreditar!»

No meio da maior agitação ia o mancebo responder, quando fôram vistos diversos mascaras approximarem-se á ponte *Trinitá*, trazendo quantidade de brandões accesos, que allumiavam toda a extensão da ponte, e lançavam escaça luz sobre os dois vultos, que se haviam um tanto affastado dos mascaras. Já pouco distantes vinham os brandões, quando de repente Lorenzino reconhece os do sequito na aproximação da claridade, e brada para o amigo:

— «Foge Strozzi, e salva-te! Em nome do céu acautela-te, e faz-me constar aonde te poderei fallar.»

— «Mais breve do que pensas, vêr-me-has; respondeu Strozzi.

Ao proferir estas palavras sahiu da ponte, e voltando a esquina da *Piazza Trinitá*, prestes desappareceu.

Aproximava-se o grupo, e no meio vinham soberbamente montados com completa armadura diversos cavalleiros. — Então Salviati, que significa este prestito apparatoso? Por ventura não és tu de sobejo temivel para o bello sexo, sem que tomasses por alliados a cavallaria e o romantismo? — A pessoa a quem se dirigia o mancebo, era Giuliano Salviati, um dos mais devassos validos do duque Alexandre: elle e os seus companheiros vinham magnificamente vestidos á usança antiga, trajando roupas que representavam os caracteres principaes do Orlando furioso do Ariosto, producção esta que acabava de vêr a luz do dia, e era por isso o assumpto mais mimoso da época. Lisongeado com o cumprimento, Salviati respondeu no mesmo tom: — Eu e os nobres cavalleiros que me acompanham, vamos para o palacio real de teu illustre parente, que excede quanto a côrte de Carlos Magno podéra offerecer á nossa imaginação, e muito nos dariamos por ditosos, se o nobre Lorenzino de Medici nos quizesse honrar com a sua companhia.

Mui satisfeito por ter tão boa occasião de poder voltar para o palacio evitando ulteriores perguntas, Lorenzino acceitou gostoso o convite, e fazendo parte do prestito começou a gracejar com os seus novos companheiros, já fallando-lhes em seus enredos, e já alludindo aos amores que cada um d'elles tinha. Ninguem possuia melhor a arte de agradar do que Lorenzino de Medici; a sua conversa era animada e cheia de atticismo; seus companheiros o escutavam com toda a attenção, á medida que se iam aproximando ao palacio do duque Alexandre, que n'essa noute dava um esplendido baile á nobreza de Florença, para festejar a chegada da sua joven noiva Margarida d'Austria, que de Napoles acabava de chegar.

O palacio de Medici estava magnificamente illuminado, segundo o costume d'aquellas eras; e na fronteira da casa viam-se em linhas parallelas lampiões com vidros, que dentro continham vélas accêsas, as quaes pela sua multiplicidade deixavam gozar a architectura da fachada, e a sua grandiosa cornija, que era tida por primôr da arte. Nas janellas de sacada havia duas ordens de tochas accêsas postas em encaxes de luzente metal, e estas reflectiam a luz para os arcos ellipticos formados sobre leves columnas da ordem composita. Na varanda central se achavam collocados os estandartes da casa dos Medicis e os de seus alliados, que vaidosamente tremulavam sobre as cabeças do vulgo apinhado.

Atravessando o pateo d'esta magnifica residencia, cheio de guardas e de criados, subiram por entre alas de alabardeiros ás salas aonde os esperavam os pagens e os moços da camara ricamente vestidos, sendo d'esta vez o seu numero maior do que a occasião exigia. Estas cautelas porém não escapavam ao duque Alexandre, que sabia de sobejo porque preço possuia as redeas do governo de Florença, e assim cauteloso provia á sua propria segurança. No seio dos prazeres o temor do veneno ou do punhal azedavam-lhe continuamente a existencia; e por baixo da sua rica vestidura, bem á similhança do seu rosto risonho que encobria o seu animo depravado, usava constantemente uma cota de malha. À medida que atravessavam as sumptuosas salas, os hospedes convenciam-se que os Medicis pouco haviam perdido de suas riquezas e poder durante o seu exilio, com quanto já não gozassem a estima dos seus concidadãos. Cada quarto parecia um museu, contendo as maiores raridades de todas as partes do mundo; ao passo que os mais ricos tecidos dos teares florentinos adornavam os muros, e em ricos cortinados de telas de ouro e sêda, guarneciam as janellas e portas. Na parede da frente da sala d'estado sobre um estrado de tres degráus coberto com os mais ricos tapetes da Asia, estavam collocadas duas cadeiras douradas, por baixo de um docel de veludo carmezim com franjas e borlas de ouro. Todas as demais salas e quartos eram de igual magnificencia. Os convidados iam affluindo, uns trazendo mascaras, outros trajando fatos segundo os usos das mais remotas épocas. As salas de musica e de dança tinham maior numero de pessoas, que todas vagueavam pelos

[1] Era a palavra do motto nas armas da familia Soderini.

diversos quartos, com excepção sómente d'aquellas que estavam de serviço ou faziam parede á joven princeza, a qual estava assentada em uma cadeira d'estado, recebendo os cumprimentos dos diversos convidados á medida que iam chegando. O duque mostrava-se mui alegre, e estava conversando com alguns dos seus validos quando Salviati e os companheiros se aproximaram da princeza para a cumprimentar: o duque adiantou-se para Lorenzino, e batendo-lhe no hombro lhe disse em tom familiar: — « Então, Lorenzino, és dos nossos? Como condescendeu a tua filosofia em abandonar a simplicidade dos teus antigos trajes? Por acaso estás cortezão? »

— « Sêlo-ia se isso fosse do agrado de vossa alteza, replicou Lorenzino, mas julguei que os parabens de um parente seriam mal acceitos por uma joven princeza, quando offerecidos com quaesquer mostras de tristeza no ademan ou no vestuario. »

— « Mal vejo motivos que possam tornar-te desalegre, Lorenzino. Não gozas tu a confiança do teu principe, que te distingue entre todos os teus validos? Não és tu um Medicis? »

— « Sim, replicou com desabrimento Lorenzino; observando porém que a resposta pelo modo com que a deu fizera impressão no duque, com presteza accrescentou — vossa alteza conhece o aborrecimento e o enfado que me avexam; se por ventura não o lisongeio como servil cortezão, é pelo amor que lhe consagro como sincero amigo e parente. »

— « Estamos convencidos do vosso amor e lealdade; redarguiu o duque, travando do braço do seu parente, e conduzindo-o para um canto da sala, aonde podiam conversar sem sujeição e sem serem interrompidos.

O contraste entre os dois que se affastaram do resto da companhia, para com mais liberdade poderem fallar, tornava-se singular. Era o duque homem alto, robusto, e um tanto corpulento: tinha a fisionomia carrancuda e desagradavel; e sua compleição trigueira, com beiços grossos, e cabello crespo, o assimilhavam a um africano. Lorenzino, com quanto bem feito de corpo, era de baixa estatura, e magro, seu rosto indicava intelligencia, e muita energia de animo, o que lhe dava tão conhecida superioridade moral sobre o duque, quanto este nas forças physicas se lhe avantajava.

Depois de ter fallado largamente sobre a prospera situação politica dos seus estados, ao que o seu ouvinte prestava attenção com o mais vivo interesse, Alexandre, dando o braço ao seu parente, encaminhou-se para o logar aonde a duqueza se achava sentada. Os circumstantes affastaram-se á sua chegada, em quanto o duque, com maneiras agradaveis apresentou seu primo á duqueza sua esposa, que o recebeu com aquella affabilidade e cortezania devidas a um parente tão proximo.

Em quanto o duque fôra reunir-se aos grupos dos convidados, Lorenzino conservava-se por detraz da cadeira da duqueza, mostrando em seu semblante certo ar de melancholia, que mal casava com as scenas de folgança, que se presenciavam no palacio. Soberbo por condição, e de animo elevado, sentia a indignidade do fingimento que assumira; e nem toda a sua estudada filosofia podia impôr silencio á voz da sua consciencia, e menos ainda reconcilia-lo com a traição que despiedoso partilhava. Absorto em pungentes reflexões, corroia-lhe o remorso a alma, quando por ventura obteve lenitivo a seus pezares, vendo a duqueza retirar-se para os quartos interiores do palacio. Sem despedir-se de ninguem sahiu; e para casa se encaminhou a sepultar na solidão o amargo das suas lugubres reflexões.

Livre do aviltamento que o levára, impellido pela necessidade, a sustentar o fingimento, Lorenzino procurou evitar que o interrompessem, para que a sós podesse reflectir sobre a sua situação, e adoptar um arbitrio tocante ao seu futuro procedimento. A scena que acabava de presenciar havia consideravelmente abrandado o seu coração, levando-o a aborrecer a sua negra traição, e com quanto a amisade e a céga confiança com que fôra tractado pelo duque, despertára o remorso, não o considerava todavia senão como o tyranno da sua patria, como o seu inimigo politico, e como o usurpador dos seus direitos. Suffocou no peito todos os sentimentos de parentesco, e chegou a ponto de illudir-se — que o duque era filho bastardo, procurando dest'arte desculpa para o seu negro proceder. Membro juramentado do partido dos exules *(fuorusciti)* que tinha por um dos seus chefes Filippo Strozzi, o seu amigo intimo desde a infancia, a quem reverenciáva como mestre, fazia callar em seu peito todo e qualquer sentimento, que podesse entibiar-lhe o desejo da vingança.

Poucos são os homens que por mais propensos ao mal, deixem de possuir alguma boa qualidade, e Lorenzino de Medici entrava no numero d'esses. A sua educação e circumstancias particulares tornavam-o o que elle era: o republicanismo tinha quasi sido hereditario na sua familia: o seu odio para com o ramo mais velho da casa de Medicis, herdára elle de seus pais e avós, e como os herdeiros directos eram filhos naturaes, considerava-se o herdeiro legitimo da corôa ducal de Florença, na qualidade de descendente em linha recta do seu illustre antepassado Giovanni de Bicci.

Havendo perdido seu pae em verdes annos, foi educado por sua mãe, senhora pertencente á familia Soderini, que incutiu no animo do mancebo os mais exaltados sentimentos republicanos, e que com o auxilio de Messer Filippo Strozzi, o levou a despresar o systema monarchico absoluto. As suas opiniões tiveram por modêlos os antigos: julgava licito o suicidio, acreditava na predestinação, e parecia-lhe que tudo podia justificar-se pelos especiosos pretextos de conveniencia, ou da apparente necessidade. Era zeloso admirador da litteratura e das bellas artes, amor este que adequiriu residindo por algum tempo na côrte do seu parente o papa Clemente VII, que o estimava. Porém uma travessura de rapaz o fez banir de Roma, indiciado como havendo tomado parte na mutilação das estatuas collocadas sobre o arco de Constantino. Este desaire poz em acção a sua dormente ambição: respirando só vingança voltou para Florença, resolvido a ser o libertador da sua patria, sem curar dos meios, ainda os mais vis, para levar a cabo sua supposta gloriosa empreza. Novo Proteu no systema de decepção, podia assumir qualquer caracter que lhe aprouvesse; e assim se havia tornado o intimo amigo, o conselheiro privado, e o socio devasso do homem contra quem com animo deliberado e frio conspirava.

(Continúa).

O mestre d'escripta. Pouco tempo havia que Napoleão assumira o titulo de imperador, um homem idoso chegou a St Cloud, e pediu e obteve audiencia particular — « Quem sois e que pretendeis? » — « Senhor, eu tive a dita de dar lições d'escripta a V. M. por quinze mezes na escóla de Brienne. » — Deitastes excellente discipulo, tenho que dar agradecimento! — Napoleão escrevia de um modo inintelligivel. — Mas d'ahi a dias o mestre recebia uma pensão de 1:200 francos.



O DUQUE DE DALMACIA.

Napoleão é tão singular na historia moderna, um instrumento da Providencia tão claramente distincto, que nenhuma inveja ou antipathia póde anniquilar a sua fama: é como Alexandre e Cesar nos tempos antigos; e nós podêmos oppôr-lhe pela vastidão das concepções o immortal Affonso de Albuquerque.

Napoleão, segundo alguem affirma, pensára em crear companhias de *guardas da pessoa;* projecto que muito bem casava com as suas tendencias monarchicas, que salvaram a França e prepararam a restauração: porém reflectindo que, pela instituição d'esse corpo privilegiado, offenderia gravemente o melindre e brio da guarda imperial, de mais antiga data, que era a flôr do exercito, desistiu d'aquelle pensamento, e sacrificou ao interesse politico o capricho pessoal. — Passados alguns tempos quiz organisar *gendarmes de ordenança*, onde as familias nobres e os cidadãos opulentos alistassem seus filhos; mas tambem abandonou este designio por consideração á guarda imperial, seus camaradas na victoria.

Dos differentes corpos que compunham a guarda tinham o commando quatro coroneis-generaes: o marechal Davoust, dos granadeiros; o marechal Soult, dos caçadores; Bessiéres commandava toda a cavallaria, e Mortier a artilheria e batalhão maritimo. — De Soult, que tem tido grande parte nos destinos modernos da Europa, como ministro da França, damos hoje o retrato em sua adiantada idade. ***

MABILIA, OU AMAVEL.*

ROMANCE HISTORICO.

Dezembro de 1120—1124.

A FLORESTA.

O desconhecido, vendo que os dois se preparavam para defender-se, disse para elles:

« Para amigos, senhores, se julgaes que o sou vosso, escusam-se armas: para defender-vos aqui de inimigos, se por tal me reputaes, não sois bastantes. Capitanêo n'esta floresta um bando de homens resolutos; e, — posto que sois normandos, não obstante terdes conversado em saxonio

* Continuado de pag. 131.

— como entendi da vossa pratica que ereis inimigos do meu inimigo, el-rei Henrique, tenho-vos por meus amigos, e podeis contar-me em o numero dos vossos. »

A estas palavras de confiança, Gaultier e o seu companheiro embainharam as espadas; aproximaram-se do homem da floresta; e, maravilhados, lhe pediram referisse mais miudamente essas boas novas que acabava de annunciar-lhes.

Elle contou-lhes então o naufragio da *Branca nave*, e elles escutaram-no com exclamações e gestos entre de pasmo e alegria.

« Mensageiro de boas novas sois, senhor; mas que fiança nos daes da veracidade d'ellas? » perguntou-lhe Gaultier ainda incredulo.

« A fiança que vos dou é o testemunho de dois cavalleiros normandos, aprisionados ha pouco pela gente do meu bando, os quaes me referiram o naufragio pelo terem ouvido da bocca do unico passageiro que se salvou d'elle. »

Aquelles dois cavalleiros eram, effectivamente, os proprios que tinham partido da cabana dos pescadores onde se achava Beraldo, e que deixámos junto de Berkhamstead. Foram apanhados pelos *reis da floresta no seu campo de refugio*, como chamavam os bardos e menestreis áquelles dos indigenas que recusando someter-se ao dominio dos conquistadores se retiraram armados para os sitios escusos ou inaccessiveis, d'onde sahiam, como os tigres da sua cóva, a prear normandos.

« Sois saxonio; que bem o declara esse protesto contra a conquista, que trazeis escripto na barba comprida e pendente » disse Gaultier para o rei da floresta.

« Enganaes-vos: saxonio não sou; mas nem quero que estas arvores o oiçam, que se o ouvissem..... — lhe disse este em tom mais baixo, pondo o index na bocca como quem ia revelar um segredo, e olhando com gesto de receio para todos os lados — pois não me conheceis, Gaultier de Poix?

« Mas o vosso trajo, as vossas armas, o sitio em que vos encontro, essa barba comprida que trazeis....

« A minha barba mentiu-vos: o meu trajo é uma mascara, como o vosso: cingis espada de cavalleiro debaixo d'essas vestes de romagem, e sois tanto romeiro como eu sou saxonio..... Reparae bem nas minhas feições. »

Gaultier fitou-o attentamente; levou a mão á testa como quem procurava excitar uma reminiscencia apagada; e tornando-o a encarar, exclamou repentinamente « Ah! Guilherme de Breteuil, meu amigo! »

Era, de feito, o proprio. E os dois amigos lançando-se nos braços um do outro, ficaram mudos por alguns minutos. Havia vinte annos que se tinham separado no dia do desastre acontecido ao rei defuncto, Guilherme o *ruivo*, desastre cruel para ambos; e tornavam a encontrar-se por aquelle modo estranho e inopinado.

« Ha vinte annos que nos não vemos, e a nossa amizade é inalteravel! » disse Gaultier.

« Inalteravel » lhe tornou Guilherme de Breteuil.

« E a nossa lealdade ao defuncto monarcha é a mesma! » continuou Gaultier.

« Sempre o será. »

« Mas porque volta da fortuna veio o nobre cavalleiro Guilherme de Breteuil a arvorar-se em cabeça de bandidos, e alliado de inimigos? » Gaultier abaixou a voz ao fazer esta pergunta.

« Pela mesma volta que conduziu o nobre cavalleiro Gaultier de Poix a este sitio, e em trajos disfarçados. »

« O nosso pensamento é, então, o mesmo. »

« O mesmo. Ambos buscámos traça de vingar o assassinio de Guilherme; vós sob a esclavina de romeiro; eu sob a mascara de cabo saxonio. »

De Breteuil tirou da aljava uma frecha em que ainda se decifravam algumas manchas de sangue, mas quasi apagadas; e mostrando-a a Gaultier:

« Vêdes esta frecha? É a propria com que Henrique varou o peito de seu irmão. »

« E intentaes emprega-la? » perguntou Gaultier, alimpando uma lagrima.

« No peito do assassino. »

« Amigo leal!.... E quando?

« Quando se me offerecer occasião opportuna. Ir entretendo n'este ponto a resistencia dos naturaes até que a occasião chegue, é o meu plano. E o vosso? »

« O meu é ir com este amigo que aqui está, que é o senhor mais poderoso de Glocester, sondar e preparar n'aquelle condado os elementos de reacção contra o tyranno. »

« Ser-me-ha relevada a ousadia de perguntar-vos o nome d'este cavalleiro, vosso amigo? » lhe tornou de Breteuil.

« Roberto de Aymon » respondeu o proprio.

« Folgo muito — continuou de Breteuil — de conhecer o dono de um nome que os combates fizeram illustre no valle de Glamorgan. »

« Senhor de tres villas gaulezas, e das terras que convisinham com a fronteira normanda; conde de quantos dominios a sua espada conquistou aos cambrios; potentado em Glocester » amplificou Gaultier.

« Um poderoso alliado, por certo! » disse de Breteuil.

« Um amigo fiel ao infortunio, dizei antes, senhor » atalhou Roberto de Aymon, alludindo á prisão de um principe, de quem era parcial — o duque Roberto, irmão mais velho de Henrique, e que este conservava em ferros.

« E o pae de uma belleza — accrescentou de Breteuil, procurando desviar a conversação para assumpto menos triste — que a fama pregoa pela Venus de Glocester. »

E virou-se para Gaultier, perguntando:

« Lograstes já a fortuna de vêr a formosa Mabilia? »

« Ainda não tive essa dita » lhe tornou Gaultier.

« O nosso amigo — continuou de Breteuil para Roberto de Aymon — não é devoto da formosura, conde; mas no mais é cavalleiro completo — cortez com as damas, sem duvida; ainda que *não ha nenhuma por quem perdesse, sequer, um lanço de muro desmantelado* » accrescentou elle, accentuando com ironia estas ultimas palavras, que Gaultier proferira, havia pouco.

« Tendes o ouvido agudo, e a memoria tenaz — lhe tornou Gaultier — apage comvosco, que nem ainda no meio dos trabalhos e perigos vos desampara o vosso humor jovial! »

Guilherme de Breteuil, e Roberto de Aymon sorriam; o primeiro, do silencio de Gaultier, e do rubor que lhe tingiu as faces quando foi tachado de lhe faltar uma das melhores prendas de cavalleiro — a galantaria; o segundo sorriu d'aquelle prazer de pae, que se enleva todo nos louvores de uma filha formosa.

« O sol vae alto — notou então Gaultier — apenas nos restam tres horas de dia: ponhamo-nos a caminho. »

O sol tocava, com effeito, no ponto do meio dia. Era no mez de dezembro: n'aquella estação, e no grâu de longitude em que se achavam, apenas teriam até o anoitecer tres horas de luz para a sua jornada.

A este tempo ouviu se na floresta um apupo agudo, penetrante, e prolongado, correspondido por outros, proximos, — e mais distantes.

« É o signal do jantar — disse de Breteuil para os dois — e eu tenho de assistir como capitão a esta ceremonia do meu bando reunido. — Adeus, Gaultier, na vida e na morte, como ha vinte annos! » e os dois amigos abraçaram-se. « Adeus, conde Roberto de Aymon! que a fortuna vos acompanhe, e a vossa formosa Mabilia tenha um noivo digno d'ella e de vós! »

Gaultier mettia já o pé no estribo, e de Breteuil caminhava de passo apressado pela floresta, quando o ultimo voltou de repente atraz, gritando:

« Detende-vos um momento, Gaultier. »

Gaultier parou; e de Breteuil chegando ao pé d'elle perguntou-lhe por noticias de um cavalleiro normando, que na batalha de Brenneville (1115) déra sobre Henrique dois botes de espada com que lhe fendêra o capacete, e lhe abrira na cabeça uma ferida grave?

« Esse cavalleiro — respondeu Gaultier — era Guilherme Crispim, meu bom amigo; já morreu. »

« Morreu! »

« Morreu; mas o bico de obra, que tão gentilmente começára em Brenneville, encarregou-me a mim de o acabar: legou-me a sua espada. »

« Venturoso legatario!.... Daria eu tudo pela posse d'essa espada. Lembra-me propôr-vos uma troca que talvez acceiteis. »

« E qual?

« A frecha de Henrique pela espada do cavalleiro que o feriu. »

« A frecha com que Henrique matou ao meu amigo, e meu senhor? »

« A propria. »

« Acceito. »

Trocaram então as duas armas. Gaultier de Poix, em memoria da affeição que votára sempre ao seu rei assassinado, beijou a frecha com que Henrique de Inglaterra atravessou a Guilherme, o *ruivo*; e de Breteuil, em odio de Henrique, o assassino, e em testemunho de saudade pela morte do cavalleiro que o feriu em Brenneville, beijou a espada.

« A espada de Guilherme Crispim, — disse Gaultier de Poix para de Breteuil — para que acabeis a sua obra! »

« A frecha de Henrique, o fratricida, — disse de Breteuil para o seu amigo — para que vingueis o irmão assassinado! »

Gaultier levantou ao ar a frecha. De Breteuil levantou a espada.

« Mabilia! » gritou, a este tempo, de traz dos tres cavalleiros, uma voz agra e enrouquecida, e acompanhou o grito de uma gargalhada singular. Viraram-se todos tres para vêr quem era; mas já não viram ninguem.

Separaram-se então, preoccupados de suspeitas e receios, de Breteuil para a parte da floresta onde se fazia o rancho; Gaultier, e Roberto de Aymon, caminho de Glocester.

(Continúa). A. DE O. MARRECA.

ENIGMAS PITTORESCOS.

EXPLICAÇÃO DO ENIGMA DA FOLHA ANTECEDENTE.

Picão de esporas, largão redeas logo,
Abachão lanças, fere a terra fogo.

Camões — Cant. VI. Est. 63.



A ILLUSTRAÇÃO
JORNAL UNIVERSAL.



Cada anno da publicação d'este jornal será dividido em 12 n.os mensaes, distribuidos porem ás folhas semanalmente.
ASSIGNATURA: Um anno, 1$440 r.s — Semestre, 720 r.s — Trimestre, 360 r.s — Folha avulsa 50 r.s

N.º 9 — VOL. I — DEZEMBRO, 1845.
ESCRIPTORIO, RUA DA PRATA N.º 7 — 1.º ANDAR.

As assignaturas só se recebem no Escriptorio da ILLUSTRAÇÃO. A correspondencia — *franca* — aos Directores da ILLUSTRAÇÃO. Vende-se: r. Augusta, n.º 1 — do Oiro, 113 — do Arsenal, 30 — Larga de S. Roque, 24 — da Esperança, 130 — e em Alcantara.

SUMMARIO.

LORENZINO. *

II.

A grande similhança de opiniões, e a identidade de circumstancias unia as duas familias dos Strozzis e Soderinis, e Lorenzino, falto de irmãos, e sem ter irmãs em quem podesse collocar o seu affecto, olhava para os laços politicos como se fossem vinculos de sangue. Nem é para admirar, que tendo estado constantemente na sociedade dos Strozzis, e havendo sido tratado por Filippo como filho, nelles collocasse todas as esperanças de sua sonhada ventura.

Estas ligações eram augmentadas pelo amor que tinha a Luiza, filha de Filippo. Haviam sido educados juntos desde crianças, na juventude tinham sido companheiros inseparaveis, e com a idade cresceu tambem o mutuo amor que nascêra com elles. Este amor era o unico laço que o prendia ao mundo; era o titulo unico pelo qual possuia a existencia; era a scintilla de sua vida, que ao apagar-se o precipitaria no abysmo do infortunio. Aborrecia o genero humano, porém amava Luiza; e á medida que o seu odio se augmentava para com aquelle, crescia o seu amor para com esta. Grande anxiedade de espirito, e cópia de remorsos, o opprimiam, ao pensar que a formosa Luiza Strozzi o tomaria por socio do duque em suas devassidões e licenciosas praticas: e todavia fazia-se necessario para o bom resultado dos seus projectos, que elle fosse julgado como tal. Era força occultar da amada os seus segredos politicos, porque estes não lhe pertenciam sómente, porém sim a diversos colligados, cuja segurança ficaria, uma vez divulgados, á mercê de qualquer casualidade. Nem só estas considerações lhe pesavam n'alma, conhecia de sobejo Luiza, e com quanto não duvidava que ella partilhasse os sentimentos de odio ao tyranno, communs a todos os da sua familia, sabia tambem que seu coração nobre e generoso lhe não perdoaria a traçoeira dissimulação de seu proceder. O amor que lhe professava era a unica peia que o prendia no commettimento do crime que meditava; antevia a impossibilidade de poder a mão ensaguentada do assassino que attentára contra os dias de um parente ser acceita pela innocente e candida donzella, que lhe entregára alma e coração.

Estas pungentes reflexões opprimiam o malfadado mancebo, quando dellas fôra accordado como de lethargo, pelo subito apparecimento dò seu companheiro, que havia pouco encontrára na ponte sobre o rio Arno, e o qual por precaução vinha embuçado na sua negra capa.

Não te disse, Lorenzino, bradou elle, que breve me verias, quando menos o esperasses? Mas tú não me pareces o mesmo; que te avexa? dize, falla.

— Ah Filippo, respondeu o mancebo; facil é entrar na senda escura do crime, mas ha instantes em que muito custa largar a estrada trilhada da virtude! A idéa de ser tido por assassino anniquilla-me, esmaga-me debaixo do seu horrivel peso. E se acaso falharem os nossos planos? Se por ventura os nossos concidadãos forem surdos ao chamamento da liberdade, se engolfados nos prazeres que os tem abastardeado, recusarem correr ás armas? Que nos resta, Filippo? A execração e o desprezo dos nossos! As imprecações dos proprios que foram nossos complices! Os insultos d'aquelles que mais interesse pareciam tomar em nossos planos conspiradores! Foragidos, seremos obrigados a deixar a patria, e com o ferrete da traição impresso na fronte, vaguearemos em deshonroso exilio, arrastando uma existencia de dôr e de remorsos!

— Falta-te o animo, Lorenzino; ou por ventura queres abandonar os teus amigos?

— Enganas-te, Filippo, nem uma nem outra coisa: já é tarde para recuar: o meu intento não muda, é filho da minha convicção. Mas com quanto de bom grado sacrificaria a vida para libertar a minha patria, mais cara que a existencia me é a honra. Se as idades futuras me fizerem justiça, a mão da verdade alevantando o véu do passado, descobrirá o motivo que me fez vacillar.

Ao proferir estas ultimas palavras era visivel a perturbação de Lorenzino: fez pausa por alguns momentos, em quanto Filippo fixava com espirito escrutinador os olhos no mancebo, como quem desejava ler no fundo da sua alma.

— Não o duvides, Filippo, proseguiu Lorenzino, como quem respondia ao olhar indagador do amigo; sou innocente. Em meu peito não cabe traição; accurvado ao peso de outras considerações, estas me opprimem, e me envenenam os dias. Tú que fostes o meu mestre, tú que guiastes os passos da minha mocidade inexperiente, tú que sabes o mais recondito da minha alma, ouve. O amor que consagro a tua filha, esse amor por ti approvado, é para mim mais caro do que a vida, do que a honra, do que a propria liberdade. Dize pois, Filippo, e dize-o sem rebuço — consentirá tua filha em dar a mão d'esposa a um assassino?....

— Dize antes, poderá por ventura a filha de Filippo Strozzi duvidar um só instante em dar a mão de esposa ao libertador da sua patria? Tu sabes, Lorenzino, continuou Strozzi com muito socego, que em tempos mais felizes approvei o teu amor: julga pois qual será a minha alegria, quando meus braços estreitarem o filho da minha escolha, o heroe que soube restituir a Florença a sua tão desejada liberdade.

Filippo Strozzi sentia-se como alliviado de grave anxiedade quando descobrira que o amor, e só o amor, fôra a causa do descorçoamento que Lorenzino mostrava, e desde logo procurou restituir-lhe o antigo socego e a placidez perdida. Conseguiu trazê-lo gradualmente a seus intentos; contou-lhe a misera condição e os pesares dos exules, e quaes eram os diversos planos em que haviam assentado para consumarem a projectada revolução em Florença. Ainda que Strozzi não era exule, havia-se todavia tornado mui suspeito ao duque, o qual receoso de o perseguir abertamente, porque temia as suas riquezas e influencia, procurára affasta-lo mandando-o para França na qualidade de seu embaixador junto a sua magestade christianissima. Strozzi porém informado do incremento que ganhava o seu partido, sahiu de Paris a occultas, e achava-se em Florença escondido, querendo de persi conhecer qual era o verdadeiro estado politico do partido republicano.

* Continuado de pag. 139.

Em quanto Filippo entrava miudamente no exame destes pormenores, tinha a satisfação de observar que o seu joven ouvinte recobrava a perdida equanimidade. Soprou-lhe pois no animo o destro partidario a ambição, que estava dormente, mas que logo adquiriu nova vida, e aproveitando o ensejo, arteiramente alentou as esperanças do mancebo, fazendo-lhe antever a possibilidade de ser o chefe da republica Florentina, se por suas mãos fosse restituida a paz, e a publica prosperidade. — Então, Lorenzino, proseguiu Strozzi, obterás a recompensa devida ao teu patriotismo. Vence pois essa fraqueza que te deshonra, e sê homem: olha para ti, como na verdade és, considera-te o descendente de Cosimo, pae da patria; e lembra-te que só a morte do usurpador te póde franquear a estrada para o teu engrandecimento. Dize, não foi Bruto o amigo de Cesar, e quando aquella alma romana tratou de salvar a patria, poude similhante laço suspender-lhe o braço?

— Dizes bem, Filippo, e Bruto vingou Roma..... A vida do tyranno pende de um só fio, e esse deve cortar-se: feito isto.....

— Teremos liberdade, interrompeu Strozzi, e Florença hade ser grata a quem lh'a outorgou. Devo porém retirar-me; tua mãe é a unica pessoa que sabe da minha vinda a estes logares. Suffoquei os sentimentos de pai; não ousei entrar no meu palacio, nem ver meus filhos; mal pensam que seu pae está tão perto delles, e que os não quiz abraçar! Luiza porém saberá breve, que tú és ainda o filho da minha escolha.

A lembrança de seus filhos fez entrar por alguns instantes o desalento no animo de Strozzi; e o orgulho do patriota, a rigidez do filosofo, e a politica do ambicioso, deliram-se nos sentimentos do pae, e nos do homem. Depois de ficar por algum tempo absorto em suas reflexões, accrescentou:

— Vês, Lorenzino, que tambem eu soffro como tu soffres; que tambem tenho momentos de arrependimento, que nem sempre posso subjugar. Mas não é este o momento opportuno para nos entregarmos a taes considerações, que ao albor da madrugada devo achar-me em Muzello; alli tudo ficará disposto para tua segurança, se tiveres que recorrer á fuga. Adeus, meu filho; tende animo, e nada receies.

Lorenzino abraçou o amigo, que reconduziu á porta do seu aposento, aonde ficou até lhe não ouvir as passadas, e obter a certeza que já estava a salvo fóra do vestibulo do palacio.

De grande allivio e conforto fôra para Lorenzino a conversa que tivera com o seu futuro sôgro, e assim poude mais tranquillo de animo retirar-se ao seu aposento. Desde este ultimo encontro já não era possivel recuar, pertencia todo a Strozzi e ao seu partido; mas consolava-o ao menos a certeza que o amor que consagrava a Luiza merecia ainda a approvação de seu pae. A fantazia lhe pintava dias de ventura que esperava passar na companhia da mulher de sua escolha, em quanto a ambição lhe dourava o sonho de poder um dia governar Florença, para despido de interesses pessoaes dedicar-se ao bem geral. Por este modo fazia callar os remorsos da sua consciencia, e persuadia-se que uma vez obtido um resultado feliz, os meios que empregava eram filhos do mais puro patriotismo. Eis como muitas vezes se nos torna facil acharmos desculpas para cohonestar as más acções que desejamos praticar; o entendimento familiarisa-se naturalmente com as proprias imperfeições, ou céga-se completamente sobre os nossos defeitos.

Em quanto o infeliz mancebo saboreava as prasenteiras chimeras do seu afortunado amor e de sua adulada ambição, o innocente objecto das suas affeições soffria por sua causa a mais cruel anciedade. Luiza Strozzi via com magoa desde muito estreitarem-se os vinculos de amizade que existiam entre Lorenzino e o duque. Sciente da devassidão d'este ultimo, mal podia tolerar que a pessoa que ella amava se aviltasse a ponto de se associar a taes vilezas. Na sua volta a Roma muito a penalisára vê-lo engolfado na vida politica, quando antes quizera encontra-lo entregue aos pacificos gôsos da vida domestica. Seu nobre coração sentia, que não havia sacrificio por mais penoso que não fizesse, restando-lhe um só pezar e esse era o não poder o seu amor ter força bastante para destruir no animo do seu amante essa mesquinha ambição que lhe corroia a existencia, e o perdia. E não obstante nem um só queixume soltava a mesquinha, nem uma só pergunta que tivesse visos de querer oppôr-se aos seus desejos. Pintavam-lhe o amante irascivel para com todos, mas ella nunca tal lhe parecêra, senhora dos seus affectos contentava-se em não lhe descobrir os defeitos, e com quanto suas visitas fossem menos frequentes, comtudo não via mudança em suas maneiras. Mas no meio d'esta quasi certeza que Luiza tinha de ser amada, descobria todavia que existiam grandes pezares que opprimiam o coração do seu amante. Mais de uma vez observou que as lagrimas lhe borbulhavam nos olhos, e por muito que inquirisse a causa, não conseguiu sabê-la. Resolveu pois procurar descobri-la, e este desejo a levára ao baile da noite anterior. Mas em toda essa noite não poude conseguir fallar com Lorenzino, porque tendo o infortunio de agradar ao duque, este pouco se afastára do logar que ella tomava na sala. Receando porém a rasteira conversa do duque, retirou-se cêdo do baile, e voltando a casa, passou a noite em desasocego e insomnia.

Se por ventura o concurso de circumstancias externas podesse servir de compensação para o estado de interna anciedade em que se achava Luiza Strozzi, ella por certo poderia ser tida por mulher feliz. Filha querida, valida de seus irmãos, não tinha um desejo, um pensamento sequer que deixasse de ser logo satisfeito. Fôra tambem a natureza generosa para com ella: de estatura mais que regular, com figura engraçada e nobre, sobre branca tez realçavam dois olhos azevichados cheios de expressão e de doçura. Desde a infancia manifestára grande agudeza de engenho, junta a uma candura que lhe grangeava o affecto de todos os que a conheciam. Sua alma sem refolhos estava desenhada na placidez de seu rosto. Não conhecia o mundo nem seus cuidados, e por isso prestes a sua ventura murchou mal começava a abotoar no germen da vida.

Entregue toda a mil reflexões estava recostada em um canapé, tendo junto a si o seu estimado Melampo, que debalde com suas costumadas caricias procurava distrahi-la, quando á porta do quarto ouve bater uma leve pancada. Cheia de sobresalto abre a porta, sem se atrever a perguntar quem é, quando a seus pés ajoelha o objecto querido de todos os seus pensamentos e cuidados. Balbuciante por tão inesperada visita pergunta Luiza ao amante o que o traz alli a taes deshoras, e elle beijando-lhe a nivea mão a tranquillisa:

— Sou teu esposo, teu pae consente na nossa união, e desde hoje te posso chamar minha.

— Sim! exclama a timida donzella que mal póde encobrir o pejo com a alegria que sente: mas a horas tão insolitas como ousastes chegar até aqui?

— Nada temas, lhe diz Lorenzino, que ia proseguir quando no aposento vê entrar accêso em ira o irmão de Luiza.

— Defende-te, brada Pedro Strozzi, vil seductor! A tua ou a minha vida!

— Pedro, meu irmão, que loucura se apossou de ti? Sabe que Luiza é minha mulher? Sabe que teu pae consentiu na nossa união?

— Não fallaste verdade: o duque o nega. N'este momento venho da feira de S. Miniato, onde de Salviati recebi os parabens, de estar o duque louco de amores por Luiza, que deve occupar o thalamo da princeza de Napoles, sejam quaes forem as consequencias de tal passo.

Lorenzino pareceu como ferido de um raio ao ouvir as palavras que Pedro proferíra, e ainda que procurava tranquillisar a amante longe estava de gosar o socego que queria incutir no animo d'esta. Despediu-se appressurado, e travando do braço de Pedro Strozzi, e levou para o quarto contiguo aonde lhe communicou tudo quanto tivera logar entre elle e Filippo Strozzi, concluindo por assegurar-lhe, que a honra de Luiza não correria o menor risco.

(Continúa).



CASA NATAL DE O'CONNELL.

EXISTE hoje na Irlanda um homem, que não sendo rei, ministro, nem general, governa uma população de seis milhões de almas; promulga leis que são executadas sem as discutirem; e dirige só pela força da sua vontade exercitos de partidistas seus, dispostos a combater os maiores perigos, se elle assim o ordenar. — Todos os dias a multidão impaciente deseja saber para onde elle se encaminha, a fim de correr a encontra-lo, contemplar as suas feições, e ouvir suas eloquentes phrases, depositando muitas vezes em suas mãos contribuições voluntarias que devem ser applicadas ás despezas da cruzada pacifica de que esse homem é propagador e chefe. — Para dirigir este grande movimento da emancipação irlandesa, o tão nomeado O'Connell não só governa as paixões politicas, de modo que dá ás tempestades populares uma direcção intelligente, mas tambem emprega com muito cuidado e vantagens todas as quotas voluntarias que fortalecem o thesouro nacional; para este fim estabeleceu uma administração de fazenda com a maior clareza e regularidade. Para nada faltar á organisação da causa publica, e para que todas as refórmas fossem completas substituiu a jerarchia judiciaria por uma instituição de arbitros, chamados para terminarem com promptidão quaesquer altercações que possam suscitar-se entre os cidadãos. A este homem tão poderoso chamavam não ha muito tempo o *grande agitador*, hoje o povo agradecido o appellida — libertador.

Daniel O'Connell nasceu em 1768 na parte da Irlanda chamada Kerry, em a casa representada na gravura precedente. Ha mais de cincoenta annos que este homem celebre trabalha perseverante para a emancipação da patria.

O PASTOR ARTISTA. *

A estação invernosa estava bastante adiantada; retiraram-se á côrte os temporarios habitantes da casa de campo; e Pedrinho sentiu absoluta solidão, porque até alli ainda podéra vêr por intervallos a sua musa inspiradora, do chapéu de palha e candido vestido: o lenço embebido no sangue precioso era a fonte das suas recordações e a sua consolação na ausencia. — Desenhava com fervor, e quasi havia esgotado o seu provimento de papel; e eram rapidos os seus progressos, porque não tinha mestre; nenhum systema se interpunha entre elle e a natureza, trasladava o que via: — todavia ainda eram toscos os seus desenhos, se bem que cheios de singeleza e natural sentimento; trabalhava na solidão, sómente á vista de Deus, sem conselhos e sem mais guia que o seu coração e instincto melancholico.

N'um dia tinha esboçado uma choça bastante velha, toda musgosa, pela chaminé da qual respirava uma rosca de fumaça azulada por entre os cimos das nogueiras então quasi despojadas das folhas; á entrada estava em pé um carvoeiro que, finda a sua tarefa, atochava o cachimbo para as delicias do fumar, e no recinto da choupana, visto pela porta patente, divisava-se indistinctamente um vulto de mulher que dava impulso á roda em que fiava. Era a obra prima de Pedrinho, e estava mui pago de si com este desenho; quando de subito descobriu no papel uma sombra de um chapéu triangular, que não podia ser senão do padre cura.



Com effeito era o cura, que observava silencioso o trabalho de Pedrinho; ao pastor até as orelhas se tingiram d'escarlate por se vêr assim colhido em *flagrante desenho*. O respeitavel ecclesiastico, postoque não fosse d'esses padres espertos gabados por Beranger, era homem de bondade, probo e intelligente; vivêra em moço nas cidades, não era destituido de bom-gosto e tinha suas luzes das bellas-artes: a obra de Pedrinho pareceu-lhe o que na realidade era, já em si bastante notavel, e auspicio de brilhante futuro. Ao bom do padre tocou na alma esta vocação solitaria de um talento incognito que espargia seus aromas só na presença da Divindade, reproduzindo com amor, dedicação e consciencia, alguns fragmentos da obra infinita do Creador eterno.

— «Meu amigo, ainda que a modestia é um sentimento louvavel, não ha motivo para córares assim; não tens de que envergonhar-te. Será talvez movimento de secreto orgulho. Quando se faz qualquer cousa com sinceridade do coração, e com toda a diligencia de que uma pessoa é capaz, não ha receio de a mostrar. Nenhum mal se faz em desenhar, sobretudo quando se não desprezam outras obrigações. O tempo que gastas com o lapis, o consummirias na ociosidade, e esta é perniciosa na solidão; no que tens ahi feito, meu rapaz, ha tal ou qual merecimento; n'essas arvores ha verdade na cópia, e essas plantas tem as folhas que lhes convém. Tens de ha muito, e bem se conhece, contemplado as obras do Mestre superior a todos, pelo qual te deves sentir penetrado de intensa admiração; porque se é já tão difficil tirar um traslado imperfeito e tosco, o que seria crear e extrahir tudo do nada!»

Assim é que o bom cura incitava o talento do pobre pegureiro; teve elle a primeira confidencia do raro engenho, que depois devia elevar-se tanto.

— «Trabalhae (lhe dizia) e vireis a ser talvez outro Giotto. — O Giotto era, como vós um miseravel guardador de cabras, e acabou por adquirir tanto saber que um de seus paineis, que representava a adoravel Mãe do divino Salvador, foi levado em procissão pelas ruas de Florença pelo povo enthusiasmado com obra de tão subido merecimento.»

(Continúa).

* Continuado de pag. 138.

IV.

TACITO PORTUGUEZ *

Vida e morte, dictos e feitos de el-rei D. João, o 4.º, de Portugal, dividido em 7 livros, compostos por D. Francisco Manuel de Mello.

Capitulo 7.º

Em quanto estes assim variavam, outros mais maduros fizeram memoria a el-rei da sufficiencia dos papelistas, que pelos tribunaes o serviam com sufficiente satisfação: mas elle dando credito, e ouvida á proposição de Antonio Paes Viegas, que no estado particular de Bragança o serviu de secretario muitos annos, e agora por grandes males que padecia, poderia só de sua lingua valer-se, como de oraculo, — acceitou a inculca de Pedro Vieira, doutor em leis, procurador que então era da fazenda real.

Interveio grande abonação do marquez de Gouvêa, que serviu de confiar a el-rei mais do que persuadi-lo. Era Pedro Vieira entre os ministros de sua ordem um dos mais modestos, e já por algum negocio tocante á liberdade do reino padecêra no governo castelhano trabalho, e espolio.

Aos mais approvavam. E não satisfez a eleição, mas deu-se-lhe a entender não era firme, e que sómente em quanto el-rei se não deliberava, mandava entregar os papeis ao novo secretario. Aqui tornaram a temer, persuadidos que sem duvida o antigo tornaria a tempos. Com que tambem tornaram a fulminar contra este desvio, porque vendo-se faltos dos justificados documentos de que necessitavam para provar as importunas calumnias que haviam articulado, cada qual julgava já sobre o pêso da ruina.

Quando o arteficioso Tiberio renovou em Roma a dura lei da magestade lesa que os tempos e inconvenientes tinham sepultada, não se fulminava em Roma com maior ancia que então em Lisboa; nem eram mais iniquos aquelles decretos, e ficções com que compravam os escravos para testemunharem contra seus senhores, que cá as torpes diligencias com que se sobornavam ao mesmo fim creados, e dependentes. Ao sangue, e amizade se atreveu o coração. Tão solto andava o veneno.

Ainda assim os juizes da inconfidencia publicamente nomeados, sendo os mais a este caso suspeitosos e impuros, não davam mostras de se poder conseguir aquelle fim, que as partes e os mesmos juizes desejavam; de que el-rei se mostrava interiormente satisfeito, como confusos os interessados. Todos procuravam achar modo, de que lhes assegurasse el-rei não tornar á sua graça aquelle ministro, porque se davam de seus erros com essa segurança por contentes.

Porém el-rei não só do Lucena fazia escudo, mas espada, de cujo temor aprazia; dando-se por mal seguros os queixosos, desejando vencê-los com a força alheia.

Esta materia de estado fôra mais conveniente, quando alguma innocencia não corrêra perigo, sendo costume das batalhas, padecer primeiro os que vão diante antecipando-se a receber os golpes dos inimigos, d'onde procedeu, como veremos, que el-rei não ficou vingado, nem a razão satisfeita.

Achando-se as cousas n'estes termos desconformes, aconteceu, por estranho e fatal modo, um accidente que a todos trouxe ao ultimo damno.

Servia no exercito de Alem-téjo com o posto de ajudante tenente, que já foi logar inferior do que este se reputa, um mancebo generoso, dito D. Pedro Bonete, cujo pae foi João Baptista, catalão de nação. Tivera uma das companhias no presidio do castello de Lisboa, patria de D. Pedro.

Era de atrevido natural, de agudo engenho, pratico nos estylos militares, cujo exercicio seguira em armadas e exercitos castelhanos; mas a parte em que mais se estremava, era singular escrivão, por cujo meio viera a cahir em tantas infamias contrafazendo signaes, como podéra sobir a honras, seguindo justamente aquelle exercicio.

A. DE O. MARRECA.

(Continúa).

* Continuado de pag. 120.

PASSEIOS

AO JARDIM BOTANICO DA AJUDA. *

E se quereis surprehender a natureza n'este seu mysterioso processo espreitae o que se passa na flôr da *arruda* na hora das suas nupcias.

Vereis primeiramente os seus estames todos tranquillamente recostados sobre as suas petalas — mas logo que chega o momento da fecundação, vereis um d'elles, como se fosse animado de um subito impulso, prolongar-se e unir-se estreitamente ao pistillo, inclinando-se sobre elle como se quizesse corteja-lo e beija-lo — abre-se então a sua anthera, o pollen cahe sobre o stigma, e consummado este acto prodigioso, torna a recostar-se de novo sobre o seu leito, onde vem cahir desfallecido e quasi mortal: um outro estame se levanta então para o ir substituir, e concluida a sua missão, vem tambem reclinar-se e morrer no seu *lençol* — estas evoluções succedem-se umas ás outras até que todos os estames tenham pago o seu tributo ao pistillo, que durante este cortejo se acha evidentemente excitado e intumecido. Concluido porém o acto da fecundação o orgão sexual femenino morre como os masculinos no seu thalamo nupcial; e apenas uma parte d'elle, o ovario, continua a desenvolver-se, transformando-se em fructo. É um bello espectaculo que nos denuncia as relações intimas d'estes orgãos, e as chamadas nupcias e amores das plantas, tão brilhantemente celebradas por Linneu, o poeta da sciencia.

A idéa de que estes formosos seres podem ter as mesmas necessidades e prazeres simillhantes aos nossos é tão propria a excitar as imaginações ardentes, que em todos os tempos e entre todos os povos as flôres tem sido consideradas como o emblema do amor, e de todos os sentimentos que d'elle nascem.

Otez la jalousie et les autres chagrins
On aime chez les fleurs comme chez les humains.

Resta-nos ainda saber qual é o destino da corolla, d'essa parte da flôr a que ella deve a sua principal gala e formosura.

O homem tem a ridicula vaidade de suppôr que toda a natureza foi creada para elle. Este despota da creação presume loucamente que todas as maravilhas do universo foram destinadas á sua utilidade e prazer. As côres brilhantes da corolla, o seu voluptuoso perfume, e as suas fórmas simetricas e lindamente variadas não foram porém creadas para lisongear a sua vista ou o seu olfacto; este orgão tem fins mais importantes e philosophicos, e se existe na flôr é para utilidade da planta.

Os insectos são chamados á vida pelos raios do mesmo sol, que expande e desabrocha as flôres. A luz e o calor vivificante da bella estação arrancou uns e outros do somno lethargico em que jaziam: sahidos da vida embrionaria começaram a percorrer juntos todas as phases da vida exterior. Estes seres pois, os insectos e as flôres, fê-los a natureza contemporaneos, porque os quiz ligar com o harmonico laço de uma mutua dependencia — e são em verdade bastantemente curiosas e instructivas as analogias que existem entre elles. Servem-lhes de adôrno as mais lindas e matizadas vestiduras — nada tão parecido como as petalas das flôres e as azas dos insectos! As metamorphoses das primeiras são uma fiel imitação das metamorphoses dos segundos. A vida ephemera das flôres brilhante e fugitiva como a dos insectos quasi que acaba como a d'elles no seio do amor, e no acto da geração. Umas e outros vivem para perpetuar a sua prole, e o mesmo sol alumia muitas vezes os seus prazeres, e o seu funeral.

Agora vereis pois que as corollas, que são involucros protectores da flôr, e o seu invariavel uniforme, são ao mesmo tempo a insignia vistosa e elegante que faz conhecer aos insectos a presença do alvergue hospitaleiro onde se lhes liberalisa um nectar saboroso e nutritivo.

Attrahidos por este engodo aquelles viajantes alados penetram até ao fundo da flôr, e sacudindo as antheras com o movimento das suas azas, facilitam a quéda do polen sobre o stigma — e senão examinae uma flôr depois que o insecto esvoaçou dentro do seu ambito, e vereis ainda o pó fecundante recentemente cahido sobre o orgão feminino!

Quando as flôres são hermaphroditas a fecundação sempre se faz com uma certa facilidade, não só porque os pistillos se acham n'um plano quasi sempre inferior ao dos estames, mas mesmo porque quando isto não acontece estes orgãos desenvolvendo-se no mesmo recinto, e tendo um ponto de inserção quasi sempre commum attrahem-se e inclinam-se uns para os outros como se fossem animados de uma simpatica attracção.

Mas quando as flôres são unisexuaes esta funcção experimenta mais alguns embaraços, porque é então necessario que o pollen seja transportado de uma flôr para outra, isto é da masculina para a feminina para ter logar a fecundação. Estes embaraços redobram ainda quando as flôres masculinas e femininas não se acham no mesmo individuo, mas sim em individuos diversos como acontece na palmeira — é n'estes casos pois que os insectos são poderosos auxiliares da fecundação transportando nas villosidades dos seus vestidos e principalmente nas das suas azas o pollen de umas para outras flôres, quer nascidas na mesma arvore, quer em arvores distinctas. Os ventos que tambem facilitam esta funcção nem sempre podiam ser mensageiros fieis do osculo nupcial de esposos que a natureza condemnou a viver sempre ausentes, e ás vezes em domicilios diversos e mui distantes entre si. Os insectos vem pois coadjuva-los, e as corollas são o signal que os convida e que os attrahe até ao centro da flôr. Ahi são pois mimosamente hospedados, pagando finalmente a hospitalidade com levar ás flôres solitarias o principio de fecundacão e de vida porque tanto anhelavam. Foi o celebre alemão *Conrado Sprengel* quem nos fez conhecer por um grande numero de observações dirigidas e feitas com germanica paciencia este papel phisiologico da corolla e dos seus nectarios. Foi elle quem nos patenteou mais esta curiosa harmonia entre os dois reinos que a natureza parece haver creado um para o outro.

A corolla torna-se em certos casos para a flôr um enfeite pernicioso, quando ella se desenvolve á custa dos estames. A cultura faz muitas vezes que os estames se transformem em petalas, e esta metamorphose torna as flôres *viçadas* e estereis.

É nas flôres que tem estames numerosos, como são as rosas, as anemones, e as peonias, que isto acontece mais frequentemente. Este desenvolvimento monstruoso é provocado pelos processos de jardinagem que tem especialmente em vista a belleza das fórmas; mas estas flôres são para o botanico seres degradados e anomalos, em que o luxo das fórmas destruiu as proporções dos orgãos e a harmonia das funcções.

Já conheceis o uso phisiologico dos orgãos reproductores, e a maneira porque concorrem para a funcção da fecundação as diversas partes da flôr; agora pois que é sol posto convirá que ponhamos termo ao nosso passeio e que deixemos as flôres, algumas das quaes já começam de cerrar-se, entregues a esse estado de quietação e de somno que nem a ambição nem os cuidados podem perturbar — e que hade durar tranquillo e innocente até que a luz nascente do sol — essa *electricidade radiante* — as venha chamar novamente á vida. G.

(Continúa).

* Continuado de pag. 136.

DOIS BELLOS EXEMPLOS

DO PREÇO DA GENTILEZA.

TODOS reconhecem que aquelles 150 annos da dynastia d'Aviz desde o 1.º inclito João, o da boa memoria, até el-rei D. João 3.º, fôra a nossa época brilhante, que rivalisou senão excedeu as mais famosas da historia antiga e moderna. Ordinariamente porém os gabos que a generalidade de nossos escriptores lhe consagram fundam-se na valentia militar, na heroicidade das emprezas commettidas, na constancia e primor de sua execução. Maravilhosas em verdade foram ellas, mas poucos, ou nenhuns escriptores nos apontam donde nasceu tanta superioridade: vêmos os effeitos, e pouco nos occupamos em descubrir as causas. Estas as queremos nós consignar aqui, tomando como argumento de demonstração os dois successos que logo diremos.

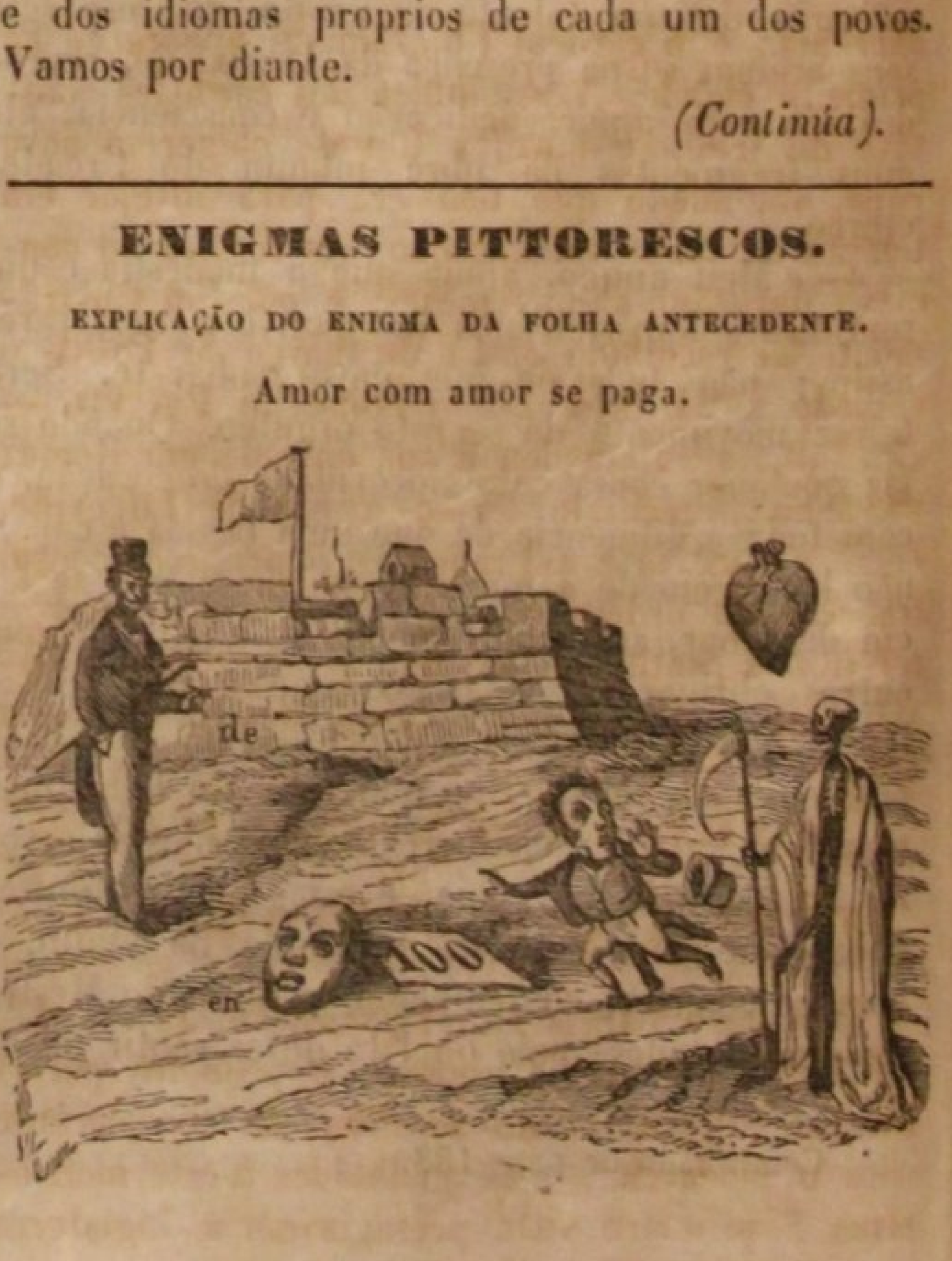
Nos nossos dias tem ganhado grande vóga o genero *romantico;* pois bem; *romanticos* são os taes dois successos, se é que bem comprehendemos a significação da palavra, que portugueza não é. Entendemos que romantico ou romanesco é um acontecimento, ou um conto delicado e fóra dos successos communs, ou porque foi concebido e preparado na febre do enthusiasmo, e das paixões nobres, ou porque na sua marcha a variedade ou singularidade e capricho dos episodios e circumstancias o revestem d'uma côr que mais parece facticia e composta do que natural. Os antigos trobadores, e *trouveres* foram os que na meia idade inventaram este genero de composições; e andavam pelas côrtes dos reis, e pelos solares feudaes recitando ou cantando historias, e contos; uns méros partos de sua imaginação, outros embellezados por esta, e por sua filha natural a poesia. Uns e outros porém agudos, exquisitos, amorosos e galantes, interessando não tanto o espirito como o coração, e como hoje se diz, *sentimentaes.* Nós não queremos agora aqui fazer alarde d'erudições que nada tem de *romanticas:* aliás diriamos o que já outros tem aventado antes de nós; e é que romantico vem de romance; e romance se dizia aquelle *patois* ou mixta linguagem formada da lingua romã, ou dos romanos, e dos idiomas proprios de cada um dos povos. Vamos por diante.

(Continúa).

ENIGMAS PITTORESCOS.

EXPLICAÇÃO DO ENIGMA DA FOLHA ANTECEDENTE.

Amor com amor se paga.



SUMMARIO.

PIO VII.

É notavel na historia contemporanea o caracter nobre e resignado, firme e ao mesmo tempo benevolo d'este pontifice, a que as perseguições tambem deram celebridade: — chamava-se Gregorio Barnabé Chiaramonti; nasceu em 1742 de uma nobre familia de Cesena; de idade de 16 annos entrou na ordem benedictina onde leu philosophia e theologia. Pio VI o nomeou bispo de Tivoli, e depois cardeal e bispo de Imola. Quando Buonaparte tomou posse das legações pontificias e as annexou á republica cisalpina, o cardeal Chiaramonti exhortou em uma homilia o seu rebanho a obedecer ás novas instituições e a ser fiel ao estado de que formava parte: este procedimento lhe adquiriu o bom conceito de Buonaparte. — Chegando á Italia a noticia do fallecimento de Pio VI (em seu desterro em Valence, no mez de Agosto de 1799) foi avisado o conclave para reunir-se em Veneza, onde ainda dominava a Austria, estando Roma em estado de



anarchia; e o cardeal Chiaramonti appareceu na primeira cidade. A assembléa dos cardeaes constava de trinta e nove, a fim de elegerem novo papa, dignidade que não era para invejar em tempos de tanta perturbação. As sessões do conclave duraram alguns mezes, e por fim Chiaramonti foi escolhido a 14 de março de 1800, e coroado a 21 dito, sob o nome de Pio VII. — Em julho seguinte deu a sua entrada em Roma; no anno immediato fez-se a paz de Luneville, entre a Austria e a França; e o primeiro consul francez deu ordem que as tropas evacuassem os territorios pontificios, excepto as legações que haviam sido formalmente encorporadas na chamada republica italiana. Por este tempo os negocios ecclesiasticos na França achavam-se no auge da confusão; o reino ainda era nominalmente catholico romano, mas o clero não estava em communicação com a sé de Roma, e se dividíra em dois bandos; um consistia dos que tinham jurado a constituição republicana, e eram chamados padres ajuramentados ou constitucionaes; outro era composto dos que protestaram contra as mudanças introduzidas na administração da igreja depois da revolução, e os alcunhavam de não-ajuramentados ou refractarios; cada partido tinha seus bispos, e reputava scismatico o contrario.

(Continúa).

PARECERES HISTORICOS

SOBRE A REVOLUÇÃO DE 1688.

Subindo ao throno sem opposição, Jayme 2.°, de Inglaterra, tinha reunido o primeiro parlamento; o parlamento mostrava-se complacente com o monarcha, e as qualidades d'este inoffensivas á primeira vista presagiavam á Inglaterra tempos tranquillos senão felizes, quando o duque de Monmouth, filho natural de Carlos 2.° e de Lucia Walters, e desde o reinado antecedente idolo ou instrumento do partido whig, desembarcou no condado de Dorset. O duque de Argyle de combinação com elle era já desembarcado na Escocia, onde contava numerosos vassallos e partidistas. Ambos fizeram o seu manifesto contra Jayme, allegando que se armavam para defender a religião, e a liberdade ameaçadas, e para exclui-lo do throno.

Argyle foi batido em Dumbarton, ferido junto ao Clyde, feito prisioneiro, e conduzido a Edimburgo, onde o decapitaram.

Monmouth, a principio mais feliz, reuniu um pequeno exercito e tomou de assalto a Bridport; entrou em Tauton onde foi recebido com os braços abertos como defensor e amigo: mas arvoando-se-lhe o juizo com estes faceis triunfos proclamou-se rei, e poz a preço a cabeça de Jayme em desforço da resolução do parlamento, que pozéra em almoeda a sua propria.

Era cedo de mais. Foi batido em Sedgmoor, feito prisioneiro, e levado a Londres, onde expiou em um cadafalso o seu arrojo imprudente.

Era moço, amavel, e generoso: diz-se que o povo o chorou, e que o golpe que lhe abateu a cabeça abalou o throno de Jayme.

O monarcha em vez de parar n'estas medidas de severidade, recrudeceu de rigor contra os complices na insurreição, e armou do cutello das leis a Kirke e Jefferies, dois carniceiros sedentos de sangue, que com o nome do principe fizeram da Inglaterra um açougue judicial.

As victimas — que foram muitas — d'estes dois homens de horrivel memoria provocaram sentimentos de vingança nas familias, de compaixão na maioria do povo, de antipathia contra um poder abusivo e desapiedado, em toda a nação.

Demais, Jayme 2.° era catholico, e a sua crença ardente: a nação era protestante. Todos os planos d'este rei tendiam a fazer prevalecer o culto da sua predilecção; e se é certo que por influxo do catholicismo aspirava a alcançar o poder arbitrario, ainda era mais certo que aspirava a abrir caminho para o dominio exclusivo do culto catholico por meio da auctoridade arbitraria.

O segundo parlamento, que Jayme convocou, oppoz-se com moderação, mas com firmeza, ás tendencias anti-liberaes do rei. Foi prorogado.

Tres homens fechavam em volta de Jayme uma barreira onde não podia penetrar a voz da nação, — Sunderland, Peters, e Jefferies.

«Lord Sunderland (diz Ancillon) tinha sido tão destro que chegou a ganhar imperio n'um principe, a quem havia desservido no reinado precedente, e não empregou esse imperio senão em trahi-lo. Tão ávido quanto prodigo de ouro, estava a soldo do principe de Orange, informava-o de todos os segredos de estado, e suggeria a Jayme quantos passos podiam perdê-lo. Tratavel, inflexivel, insinuante, fecundo em expedientes e artificios, Sunderland não tinha principios nem consciencia que podessem embargar a actividade das suas paixões, e indifferente ao principe e á patria, não amava ninguem; servia, sim, e enganava a todo o mundo. A sua ambição era ardente, a sua indole malefica, a sua marcha sempre tortuosa e obliqua, e nada era tão repugnante ao caracter perfido d'este homem como a franqueza e atrevimento no crime. A cegueira de Jayme para com o proceder d'este artifice da sua ruina não póde ser comparada senão á impudencia sustentada com que Sunderland a aproveitava. O valido indigno devia em grande parte á sua conversão simulada o favor de que gosava: tinha-se feito catholico, e affectava para o seu novo culto um zelo tanto mais escandaloso que no intimo do coração desprezava a todos os cultos religiosos.

«Sunderland apoiava com todo o seu valimento ao do confessor de el-rei, o jesuita Peters; muito agradado de conserva-lo n'esse posto formidavel, porque exercitava n'elle todo o ascendente que um espirito superior tem naturalmente n'outro que é mediocre. Peters não era destituido de

instrucção, mas não conhecia o mundo nem os homens, e a loquacidade era o seu defeito dominante. Muita vez o arrebatava fóra de todos os limites o seu caracter fogoso, porque via o interesse do estado no da religião catholica, o interesse da sua religião no da sua ordem, e o interesse da sua ordem na medida do valimento proprio.

«Por ardente que fosse Peters, os seus conselhos ainda eram menos violentos que os de Jefferies. Despachado chanceller, este carrasco dos seus concidadãos occupava assento n'um tribunal, perante o qual deveria ser citado como criminoso. Prestes para todas as emprezas, agradava a Jayme pela audacia; o rei podia esperar tudo d'elle, porque estava sempre disposto a fazer das leis e da justiça instrumento de todas as injustiças.»

Dominado pelo fanatismo proprio, cercado d'estes tres homens que lh'o alimentavam cada um por sua razão differente, empenhou-se Jayme n'uma serie de actos attentatorios da crença e da liberdade nacional. Instituiu uma commissão secreta composta toda de catholicos; afastou os protestantes de todos os cargos de maior importancia, e até dos de menor; castigou o clero e as universidades que resistiam ás invasões do poder monarchico; pelo mesmo motivo dissolveu o parlamento; a pretexto de tolerancia de cultos proclamou, indirectamente, o catholicismo; os padres catholicos apresentaram-se em publico nas suas vestes clericaes; e chegou um nuncio da côrte de Roma.

Que haviam de fazer os bispos protestantes? Representaram a el-rei.

Que havia de fazer este? Mandou, cégo de colera, encerra-los na torre de Londres.

Que havia de fazer o povo? Foi em chusmatropel espera-los ás margens do Tamisa, pedir-lhes a bençam, dar-lhes salvas de elogios, e manifestar-lhes o sentimento proprio.

Levados á presença do tribunal regio, foram os bispos absolvidos.

A absolvição exaltou as esperanças do partido protestante, exaltou o furor do monarcha despeitado.

Os descontentes que conservavam esperança na fraca saude de Jayme, e na sua falta de descendencia masculina, e que por morte d'elle a corôa se devolveria á sua filha Maria e ao principe de Orange, perderam de todo a paciencia ao saberem que estava pejada a rainha, e deram-se a urdir com maior celeridade os fios da trama, mais ou menos continuada desde a tentativa de Monmouth e Argyle.

Guilherme, — que como a aranha no centro da teia sentia todos estes movimentos, que espreitava os successos, e os combinava ou dirigia, que dentro e fóra da Inglaterra era a alma da conspiração contra o throno de Jayme, e que fomentava os receios e os projectos do partido protestante ainda no tempo que esperava subir ao throno de Inglaterra pela ordem da successão, — agora que pela gravidez primeiro e logo depois pelo parto da rainha, mulher de Jayme, que deu á luz um filho varão, viu mallograr-se, por esse lado, o seu plano de engrandecimento, determinou-se a todo o trance a usurpar a corôa a seu sogro e tio.

Largou de Helvoetsluis a frota hollandeza, destinada a este fim: Guilherme ia embarcado n'uma fragata, onde tremulava o pavilhão inglez com a legenda: *heide manter a religião protestante e as liberdades de Inglaterra.* Livrou-o o vento de um encontro com a esquadra ingleza que poderia ser funesto aos invasores. Livraram-no de um combate com o exercito de Jayme as irresoluções do monarcha; livraram-no ainda a tempo que aquelle exercito se conservava, pela maior parte, firme e unido.

Depois, á imitação do principe, a tropa de Jayme foi perdendo os brios; multiplicaram-se as deserções; a propria Anna, filha de el-rei, e Jorge de Dinamarca, genro d'este, desertaram para o campo inimigo; e, em fim, Guilherme entrou em Londres quasi sem desembainhar a espada.

Em Londres ao acceitar a corôa da mão da camara dos representantes, — ou a fingir que a acceitava, porque de facto elle já a esse tempo era rei, os seus officiaes tomavam posse das praças de guerra em nome d'elle, o exercito real que havia debandado reunia-se de novo á sua ordem, os officiaes civis e militares que não pertenciam á communhão catholica eram confirmados nos seus cargos por auctoridade d'elle, o embaixador francez era intimado á sua ordem para que sahisse de Inglaterra, os condados e os burgos tinham recebido circulares suas para a eleição dos proprios deputados que lhe adjudicaram o throno, e a cidade de Londres tinha-lhe emprestado uma somma consideravel — mas, em fim, ao fazer a ceremonia da acceitação da corôa, Guilherme acceitou tambem a celebre carta ou *declaração de direitos*, a qual dispunha que o rei não poderia dispensar as leis; que nenhum imposto seria legal sem approvação do parlamento; que para levantar, em tempo de paz, um exercito permanente seria mister o consentimento dos representantes do povo; que se reuniriam parlamentos frequentes; que as eleições seriam livres; que reinaria a maior independencia nos debates parlamentares; e que todos os inglezes teriam direito de petição.

Pouco mais ou menos é este, muito em resumo, o modo como os historiadores contam os factos.

No modo, porém, de avaliar os successos que deram origem á revolução de 1688, de apreciar a revolução e os seus resultados é que o progresso dos estudos historicos introduziu differenças essenciaes.

Ancillon, o historiador que acima citámos, culpa sobre todos a Jayme. Foi Jayme, a seu parecer, o primeiro que tentou abertamente derribar as leis do estado, e reinar sem parlamentos. Eram estes que podiam conter a vontade real nos justos limites; mas não sendo convocados pela corôa, tocava á nação empregar outros meios de conservar a existencia propria. Guilherme offereceu-se a proteger as necessidades e votos nacionaes; e conseguiu-o, porque procedeu de accôrdo com a opinião publica. Os inglezes pediam parlamento: quem havia de convoca-lo, se o rei a quem incumbia a convocação tinha fugido? Restavam as duas camaras, outros dois elementos ou ramos do poder soberano; e as camaras reuniram-se e obraram para que não perecesse o estado. Ficára, pela fuga do rei, vacante o throno; e a nação ou a convenção em seu nome escolheu a Guilherme para o logar que Jayme abandonára. Mas escolhendo-o, ao passo que respeitou a prerogativa real, estipulou a favor do povo na carta ou *declaração dos direitos.*» A convenção, conforme se exprime Ancillon, viu o bem, qui-lo, executou-o, e não sonhou um optimismo ideal e quimerico; collocou-se, fiel ao systema das contra-forças e manteve-se, com admiravel força de suspensão, na linha que separa a monarchia limitada da republica. Inglaterra esclarecida da experiencia propria, e por tristes mas uteis recordações, aperfeiçoou a sua constituição, e depoz n'ella o germen feliz de desenvolvimentos ulteriores, que se devem reputar por outras tantas consequencias da revolução.

«Esta revolução foi o ponto de partida bem como o principio e a origem da prosperidade de Inglaterra. Desde essa época despregou esta o vôo para todos os generos de gloria, e se fez correr perigos ao equilibrio politico da Europa, não deve esquecer que mais de uma vez a salvou.»

Thierry escrevendo em 1819 fórma juizo inteiramente opposto assim dos successos que precederam como das consequencias que teve a revolução de 1688.

Em quanto Ancillon a inculca desejada e applaudida de toda a nação ingleza; Thierry pinta-nos a attitude morna e fria d'essas multidões que assistiam ao destronamento de Jayme e á coroação de Guilherme, attitude contrastada, unicamente, dos hymnos e vivas dos cortezãos, e caçadores de empregos. O primeiro extasia-se na presença do patriotismo dos communs que pensaram na posteridade e nos direitos do povo, redigindo a carta ou *declaração de direitos;* o segundo chama a essa carta uma exposição de principios sem nenhuma garantia, um apontoado de maximas vagas tão faceis de illudir como de proclamar, e a cuja sombra se fazia veniaga das villas representadas, e duravam os parlamentos sete annos. Em quanto um descreve o novo reinado como inaugural de uma época de gloria e liberdade; o outro recorda-nos que o primeiro acto do governo de Guilherme fôra prohibir, por simples edito, toda a casta de discussão ácêrca dos negocios publicos; que mais tarde esse governo mantivera, com obstinação insolente, a lei dos Stuarts relativa á censura dos livros e á escravidão das imprensas; e que vinte annos depois da revolução já o povo inglez clamava *abaixo os wighs!* como tinha clamado *abaixo os Stuarts!* E ao passo que, segundo Ancillon, as idéas de Russel e Sidney não morreram com elles no cadafalso, fructificando seis annos depois em 1688; na opinião de Thierry, a causa de Sidney pereceu com Sidney, e a outra causa — a de 1688 — triunfou no dia em que se realisou a alliança estranha dos altos empregos, dos grossos lucros, e de todo o apparato do poder excessivo com as palavras de liberdade e de patria.

Se não parecêra temerario em nós, interpozeramos aqui o juizo de uma intelligencia humilde entre duas intelligencias tão elevadas. Ao auctor do = *Quadro das revoluções do systema politico da Europa* = disseramos que a simpathia, pouca ou muita, que mostrou á empreza de Guilherme essa parte da nação ingleza desinteressada nas tramas de ambiciosos, nasceu das crenças religiosas, que Jayme atacava, porque não ha violencia mais intoleravel ao povo que a que lhe fere a religião ou a consciencia, nem serviço mais bemquisto que o que lhas defende a ambas. E accrescentaramos que não foi seis annos mas quasi seculo e meio depois da morte de Sidney que triunfou, com a reforma da camara dos communs, a causa d'este homem celebre. A Thierry observaramos quão difficil fôra obter de um parlamento e de um monarcha, que ainda tinham diante dos olhos o cadaver ensanguentado de Carlos 1.º, uma carta popular mais lata que a *declaração dos direitos.*

A. DE O. MARRECA.

O PASTOR ARTISTA.*

O cura, durante os longos serões do inverno que deixavam muito tempo livre a Pedrinho, ensinou-lhe a ler e escrever, dando-lhe assim as duas chaves do saber; e o pastor fazia progressos rapidos, porque era tanto o coração como o espirito que anhelava por instrucção. O digno sacer-

* Conclusão de pag. 143.

dote, pezando-lhe de algum modo dar a seu alumno uma educação que elevando-o acima de sua humilde condição talvez o viesse a prejudicar, comprazia-se ao vêr desabrochar as faculdades d'aquella alma noviça; para tão attento cultor era um espectaculo mui interessante aquella florescencia interior e occulta de que só elle sabia o segredo.

Derretiam-se os gêlos e despontavam timidamente as pervincas e primaveras, e o pegureiro voltava de novo a guiar o seu rebanho; já não era o rapaz enfezado, que achámos, ao começar esta narração; crescêra e cobrára vigor, avultára em fórmas, e a sua vista, d'antes frouxa e vaga, era segura e clara. Como em todas as cabeças habitadas por um pensamento fixo, descobria-se-lhe no semblante o reflexo de uma chamma interior; não que fosse devorado pelos ardores febrís de uma ambição precoce; porque, felizmente, Pedrinho não tinha *publico;* e as arvores e rochedos não são aduladores; a immensidade da natureza, com quem sempre estava em relação, o reconduzia ao sentimento da pessoal pequenez. Fornecido pelo cura abundantemente de papel e lapis, fez grande quantidade de estudos; e algumas vezes sobresaltado lhe parecia ter na mão o porta-lapis d'ouro da senhora do valle, que detraz d'elle o animava dizendo « — Assim mesmo é que deve ser; ainda bem que não deixaste apagar a centêlha que larguei em teu coração: perseverae, e obtereis a recompensa. » — Com a mesma sinceridade com que anteriormente haviamos confessado que Pedrinho ainda não era amante, devemos agora concordar em que já o vae parecendo: — aquella imagem adorada não o desampara; e excitado pelo novo e caloroso affecto faz immensos progressos.

Um acontecimento muito simples na apparencia, e ao qual, não obstante nada ter de dramatico, haveis de attender resignadamente, porque logo do principio dissemos que a nossa historia não seria muito complicada, veio decidir absolutamente da vocação de Pedrinho, e mudar de todo a sua vida. — Um deputado pela provincia obteve do ministerio do reino um quadro de valor para a igreja de **; o pintor, que era homem de talento, e zeloso das suas obras, acompanhou o painel e quiz assistir á collocação. Naturalmente veio ao presbyterio, e o cura não se esqueceu de fallar no pastor, que tinha propensão para o desenho, e fazia esboços que annunciavam maravilhosas disposições; em fim a pasta de Pedrinho, apesar da sua muita timidez e pejo, teve de ser despejada em presença do pintor. O humilde pastor, confuso e envergonhado, esperava em silencio a condemnação dos seus estudos, porque não podia imaginar que um homem bem trajado, com uma fita vermelha na casa do vestido, auctor de um painel com moldura dourada, achasse o minimo merecimento n'aquellas rabiscas em papel ordinario. — O pintor folheou e examinou calado alguns desenhos, e depois soltou algumas exclamações, em linguagem technica, assás lisongeiras para o nascente artista, terminando por apertar cordialmente a mão de Pedrinho, e fazer-lhe a par de um elogio esta proposta — « Na verdade, que ainda que isso não faça muita honra a nós os professores, devo confessar, meu estimavel rapaz, que sabeis mais que os meus discipulos! Quereis vir a París comigo? Em seis mezes eu vos darei o que se chama o fio da profissão, que vos guiará no labyrintho da arte, e aposto que vos não perdereis, e depois caminhareis sem guia, e posso vaticinar que ireis bem longe. »

Com effeito, o cura com satisfação fez acceitar a proposta; e Pedrinho, bem admoestado e prevenido contra os perigos da moderna Babylonia, partiu com o pintor, levando comsigo *fiel*, de que nunca se quiz separar, o que o artista lhe permittiu com a delicadeza e bondade que acompanham sempre o verdadeiro talento.

Não seguiremos os progressos e estudos de Pedrinho á vista dos modêlos, primores da arte, que lhe serviram de comparação e estimulo, porque seria mui diffusa a nossa narração. Ao cabo de dois annos de aturado trabalho, Pedrinho concorreu á exposição no Louvre com um quadro que foi admittido, e mereceu a attenção do publico. Pedrinho por mais que indagasse não podéra descobrir a sua musa inspiradora; lembrou-lhe que, tão amante da pintura, não deixaria de frequentar as salas, onde os peritos mestres e os candidatos expunham o resultado das suas diligencias artisticas. — Com effeito se não enganava, e a paizagem que elle apresentára era um traslado exactissimo da scena que se passára no valle, quando a formosa senhora o copiára em seu album com as ovelhinhas e o rafeiro. Facil é de comprehender a expressão de verdade nas localidades e nas attitudes; paizagem em si grandemente picturesca, e interessantes as attitudes d'elle e do seu fiel rafeiro.

Pedrinho, que então era Mr. **, disfarçado passeava, como se fôra simples espectador, nas extensas galerias da exposição, e de quando em quando parava na proximidade do seu quadro para ouvir os reparos e censuras, e aproveitar o que fosse judicioso. Parece que um presentimento secreto lhe dizia: — A bella senhora, tão perfeita no esboço da paizagem, hade aqui vir; ou não existe, ou vive longe, ou hade contemplar estes exemplares do progresso da arte. — N'este pressupposto diariamente passeava pelo Louvre não tanto levado do amor da profissão, como de outro amor, que elle ainda não definia bem.



Passados alguns dias, ainda a exposição não estava fechada, Mr. **, que era havia poucos annos o pastor Pedrinho recebeu um bilhete de convite para tractar da venda do seu quadro. Entrou em casa magnifica, que denotava as commodidades e o fausto da riqueza..... e d'ahi a pouco tempo, Pedrinho..... forte engano!..... Mr. de ** era esposo de ** — Mais um exemplo de que a vocação acompanhada da perseverança tem dado ao mundo mais talentos do que as diligencias estudadas a que os calculos da ambição se applicam [1].

***

LORENZINO.*

III.

APPLACADA a ira de Pedro, os dois amigos separaram-se, este para acalmar o susto de sua irmã, e Lorenzino para voltar a casa, onde encontrou um recado do duque que queria fallar-lhe sem demora, e a sós, para o que o aguardava no seu gabinete privado. Quando o mancebo Medicis se resolveu a ganhar a confiança do duque Alexandre, viu que o caminho mais seguro para a obter seria favonear as suas propensões sensuaes; assim assumiu o character de cortezão sycophanta, que lhe era estranho, e prestou-se a servir de vil instrumento a todos os indignos enredos e amores illicitos do duque, para afastar toda a suspeita, e poder mais a salvo perpetrar o crime que meditava.

O duque esperava ancioso a chegada do seu valído, e depois de se queixar com brandura que elle tivesse sahido do saráu tão cêdo na noute antecedente, assim lhe falla:

— Sabes, Lorenzino, que Luiza Strozzi excede em belleza todas as mulheres de Florença? Não foi possivel vê-la, sem que um sentimento diverso d'aquelle que sinto pelo geral do sexo se apossasse de mim.

— Mas, senhor, que dirá a duqueza se a seus ouvidos chegar a noticia d'esses novos amores? Noiva apenas.....

— Eu o sei, conheço-lhe os perigos, mas o meu coração é mais forte do que eu.

— E acaso não temeis a vingança de Strozzi? Esquecestes que essa familia poderosa, é vossa figadal inimiga, e que saberia lavar a affronta, concitando o povo florentino contra vós?

— Tudo ponderei antes de dar largas a uma paixão, que me não é dado vencer, Luiza hade ser minha, e de seu primo e meu amigo espero toda a cooperação para que eu consiga vê-la a sós.

Lorenzino ao ouvir estas palavras empallideceu, embargou-se-lhe a voz, a raiva e o ciume se lhe

* Continuado de pag. 142.

[1] O nome de Pedrinho é supposto: esta é a historia de um artista francez: testemunha seja o auctor da narração T. Gautier.

debuxavam no semblante, mas temendo que o duque lêsse o que se passava em sua alma, assumiu um ar tranquillo, e disse:

— Como, senhor, esperaes de mim, de um parente, similhante infamia? Esqueceis acaso que a mãe da linda donzella foi a illustre Clarice de Medicis, filha de Lorenço de Medicis appellidado o grande, perante quem a curia inclinou o altivo collo, e cujo renome soou até nos confins do imperio turco onde Bajazetho o acata e venera?

— Justas são as tuas ponderações, Lorenzino, mas que pêso tem razões para quem as não póde executar. O amor que tenho por Luiza cala-me no fundo d'alma, ou heide possui-la, ou cessarei de existir.

O mancebo viu que eram baldados quaesquer esforços para dissuadir o sensual Alexandre de seu proposito, e então fingiu annuir aos desejos d'este, promettendo-lhe que pela noute lhe daria uma resposta que esperava fosse favoravel. Separaram-se ambos, e Lorenzino receando que a sua perturbação o atraiçoasse, deu-se pressa em voltar para o seu aposento.

Absorto nas mais negras reflexões, dominava-o ardente ciume, a sêde da vingança lhe sôa prasenteira aos ouvidos; julga que é chegado o momento de livrar a sua patria de um tyranno; a ambição e o amor na idéa de punir o imbebem todo.

A passos lentos sahe a occultas, e na visinhança procura antigo criado, com cuja fidelidade conta. O nome d'este criado era Scoroncolo; homem de estatura gigantesca, dotado de forças athleticas, e malvado por condição, lembrava-se que seu joven amo o salvára do patibulo a que por crimes fôra condemnado. — Pouco foi necessario para o induzir a ser cumplice no crime premeditado: sob juramento prometteu segredo e fidelidade, e ajustou achar-se antes de meia noute no palacio, completamente armado, e no maior disfarce a fim de não ser conhecido.

Os quartos que occupava Lorenzino de Medicis eram separados do palacio do duque por uma travessa mui estreita, aonde moravam os guardas e criados. Um passadiço formado sobre um arco dava communicação, de uns para outros quartos, por maneira que qualquer pessoa, sem receio de ser vista ou conhecida, podia passar pelo comprido corredor de serventia a toda a hora do dia e da noute[1]. Esta communicação foi mandada construir por ordem do duque, para furtivamente introduzir no palacio as victimas de seu desregramento e libertinagem. Foi por aqui que Lorenzino resolveu assegurar-se da sua victima, não duvidando que o infeliz duque livre de suspeitas o aguardava a toda a hora da noute como portador de boas novas tocante a seus novos amores.

Na vespera do dia da Epiphania, festa que então se celebrava com grande pompa em commemoração da apparição da estrella aos Reis Magos, que vieram, guiados por ella, adorar ao Redemptor nascido em Bethleem, o duque havia voltado da procissão da *Befana*, que por essa occasião se fazia. Estava assentado á mesa com diversos validos, engolfado segundo o costume nos prazeres da mesa, quando lhe foi entregue uma carta de Lorenzino. N'ella lhe promettia este, que pela meia noute fallaria com o objecto do seu amor, mas que não era possivel obter que a senhora de seus enleios accedesse em querer ir ao palacio pelo receio de ser descoberta, e então convinha que elle duque se achasse á hora indicada nos quartos que occupava Lorenzino. Não teve o duque a menor suspeita no convite, porque não fôra esta a vez primeira que nos quartos de seu primo tivera encontros amorosos, e então como alta ia a noute despediu os validos, e deu-se pressa em partir para o logar assignalado.

Ainda não havia soado a meia noute, quando á porta de Lorenzino batia Alexandre uma branda argolada. Prestes lhe abre este, e o recebe no aposento aonde costumava dormir. Escaça luz allumiava o quarto, e no fogão ardiam restos de lenha, que reflectiam claridade no vidro do espelho do lado opposto. Cançado com os prazeres e volupia do dia, o duque tinha posto de lado a sua cota de malha, e o traje que costumava usar; um roupão solto e forrado de pelles de arminho lhe servia de adorno, não trazendo comsigo mais armas do que a espada. Ao aproximar-se a Lorenzino alegre perguntou aonde estava a sua amada?

— Breve a vereis, respondeu este, e eu passo a conduzi-la com todas as cautellas necessarias para que a não conheçam. Está escondida em uma casa que não dista da nossa, e não tardarei aqui dez minutos.

— Bem! Reclinar-me-hei entretanto sobre a vossa cama, que sinto-me por extremo fatigado, e aguardarei até que volteis.

Lorenzino ajudou-o a deitar, e poz-lhe a espada á cabeceira da cama, tendo tido o cuidado de enlear o punho e a bainha com o boldrié, por maneira que não fosse facil o desembainha-la. Feito isto sahiu appressurado, deixando o duque livre de suspeitas, em pleno socego á borda do abysmo para aonde o attrahíra.

(Continúa).

[1] Esta travessa existe ainda hoje em Florença, e chama-se — *la via del traditore* — a travessa do traidor.

DOIS BELLOS EXEMPLOS

DO PREÇO DA GENTILEZA. *

Como de tudo se abusa, aconteceu que do verdadeiro romantico, isto é do amoroso, cavalheiroso, e sentimental, doce e terno, que sempre fôra o fundo d'estas composições, passou-se a outro genero detestavelmente *romantico*, guindado, exagerado, violento, e horrido mesmo, que é tristemente o cunho de muitos dos romances da época. Ahi não ha torpezas ou horrores que façam tremer a mão de quem os escreve, e os leitores passam sobre isso socegadamente como quem bebe um copo d'agua. As heroinas d'estas repugnantes composições não são já timidas e amaveis como algum dia, são entes ou aereos, ou monstruosamente masculinos, anjos ou demonios. Deus afaste de nós similhante contagião.

O bom d'algum dia, e o máu d'agora provém dos costumes, e os costumes fá-los a educação. A auctoridade paterna, os documentos e exemplos da familia, os principios religiosos, o brio individual, e o amor da patria: eis o segredo d'aquillo que já fômos; a falta de tudo isso, eis a causa do que deixamos de ser.

Se aquella base d'educação domestica formulava o caracter da sociedade em geral, obrava ella com maior valentia e brilho nas classes elevadas. O edificio avultava, e ornava-se magestosamente na razão directa da sua elevação. D'ahi essa brilhante galeria de reis e principes filhos e netos oriundos de D. João 1.º o fundador da arvore d'Aviz; cercados dos grandes homens formados á sua sombra, guerreiros, navegadores, estadistas, litteratos, e santos (que alguns o foram). D'ahi aquella fidalguia e bizarria de proceder, e a fama illustre que ao perto e ao longe acompanhava seus nomes, e os fazia queridos e venerados. E as damas de seus *romanticos* não eram nem loucas desatinadas que se precipitam, nem Medeas, ou Megeras que attestam seus amores por meio de crimes e attentados que fazem estremecer a natureza. Sensiveis, mas honestas, pudibundas mas instruidas, formosas mas recatadas, sua sensibilidade, illustração, e ambição feminil quando postas em acção no theatro da sociabilidade, apresentavam a cada passo assumpto ao verdadeiro romantico. D'isso temos milhares d'exemplos nas nossas historias, tão dramaticas e ainda mais do que qualquer outra estrangeira. Ha pouco reconheceu esta vantagem o nosso Conservatorio real: ainda bem.

* Continuado de pag. 144.

PRIMEIRO EXEMPLO.

Na preclara descendencia de Martim Affonso Chichorro, filho bastardo d'el-rei D. Affonso 3.º chamado o conde de Bolonha, floresceu em tempos d'el-rei D. Pedro 1.º e D. Fernando, *D. Affonso Vasques de Sousa*, dito, o *cavalleiro*, do qual nasceu D. Branca de Sousa, dama da infanta D. Isabel d'Aragão, mulher do infante D. Pedro, o d'Alfarrobeira, a qual casou com o morgado da *Palameira* Fernão Gonçalves de Miranda, rico homem do conselho d'el-rei D. Affonso 5.º o africano. D'esta união de *Sousa-Miranda* nasceram duas personagens famosas o bispo de Vizeu D. Fernando de Miranda, criado, e capellão mór d'aquelle soberano[1], e D. Filippa de Miranda, casada com Gabriel de Brito, alcaide mór de Aldêa Gallega da Merceana, dama illustrissima pelos dotes de corpo e espirito, sendo uma das poetisas, ornamento da côrte erudita e galante d'aquella idade. E d'esta alliança em que figurava triplice nobreza de Sousas-Chichorro, Miranda Henriques, e Britos nasceu entre outros filhos o portento de belleza, de cultura d'espirito, e honestidade *D. Filippa Henriques*, *duqueza d'Arcos*, em Castella. Eis o caso.

(Continúa).

ENIGMAS PITTORESCOS.

EXPLICAÇÃO DO ENIGMA DA FOLHA ANTECEDENTE.

O homem de forte coração encara sem susto a morte.



[1] Praz-nos consignar aqui uma noticia summaria d'este grande prelado, tirada da inscripção sepulchral de suas reliquias na igreja de S. Christovão de Lisboa, a qual diz assim = O muito magnifico reverendo senhor D. Fernando de Miranda, bispo de Vizeu que aqui jaz, foi criado e capellão mór d'el-rei D. Affonso 5.º, o qual serviu com tanta lealdade, que mereceu ser muito acceito a elle; e foi com elle na tomada de Arzilla, e na batalha de Touro, acompanhando-o sempre em todos os perigos em que se viu, de maneira, que dos cinco que com elle ficaram, foi um d'elles, e serviu no auto militar muitos annos, seguindo bem os passos dos que descende. E por sua virtuosa vida quiz, que se mudasse ao estado ecclesiastico, e por seu fallecimento foi capellão mór d'el-rei D. João 2.º Finou-se no fim d'abril de 1505 annos.

☞ *Os Srs. assignantes que subscreveram até o 9.º n.º d'este Jornal, e que pertendem continuar, queiram renovar a assignatura no decurso do presente mez, para não soffrerem interrupção na entrega das folhas.*

SUMMARIO.

TOULON.

O segundo porto da marinha de guerra franceza é Toulon, irregularmente construida ao sopé de um monte, praça forte e em posição excellente nas costas do Mediterraneo. Multidão de navios enche o seu porto, em que se nota a força e movimento de uma cidade, que, para assim dizermos, une hoje a França com as suas possessões em Argel, desde que d'este mesmo porto deu vélas ao vento a esquadra assombrosa que foi plantar na terra africana o estandarte dos successores de S. Luiz, mais afortunados em suas armas que este pio monarcha.



Os famosos estabelecimentos de marinha militar dão nome a Toulon; o ancoradouro divide-se em dois que por um canal se communicam, destinado um á marinha mercante, outro á de guerra; sendo grande a sua capacidade, muito seguro e bem fortificado: notam-se principalmente a caldeira para as querenas, a cordoaria, os estaleiros, a fundição e o arsenal.

Toulon é reputada inexpugnavel pelo lado do mar; o porto mui estreito só permitte entrada a um navio por cada vez. — Os inglezes, em a noite de 24 para 25 d'agosto de 1793, mediante communicações que mantinham na praça, entraram a cidade, mas a 18 de dezembro do mesmo anno foram expulsos, depois de um cêrco bastante pertinaz, e ao sahirem incendiaram o arsenal e os navios francezes que não poderam levar.

MABILIA, OU AMAVEL.*

ROMANCE HISTORICO.

Dezembro de 1120—1124.

A JORNADA.

Em quanto caminhavam para Glocester, os dois amigos iam fazendo conjecturas differentes ácêrca do grito singular que ouviram na floresta. Gaultier teimava que era algum espia normando disfarçado em saxonio, que girava por aquelle sitio, e, acaso tal, que estava alistado no proprio bando de Guilherme de Breteuil, por ser ardil frequentemente empregado dos conquistadores disfarçarem-se no trajo dos indigenas para mais a coberto espiarem a estes. Roberto de Aymon julgava, pelo contrario, que era alguma travessura de Adelina, famosa feiticeira normanda, que, segundo refere a historia, figurára como quinhoeira no rol de partilha da provincia de Hantz no anno da conquista 1066, na qualidade de cliente de Rugerio, um dos condes normandos, do qual recebia feudo e salario. Variavam muito as opiniões tocante a esta creatura mysteriosa, porque uns diziam que Adelina, já velha ao tempo da conquista, morrêra velhissima havia já annos, sendo a que existia no de 1120 em que vamos, outra Adelina, filha da primeira, e a quem a mãe deixára os novêllos. E diziam outros que era ainda a mesma cliente do conde Rugerio em carne e osso, com a singularidade de ter mudado a pelle e reverdecido, ou de representar, — como a Alcina do Ariosto, — aos olhos vendados dos que a viam, uma formosura confeitada por arte infernal.

O certo era que a Alcina normanda escolhia os mancebos mais bellos para lhes pregar as mesmas peças que a do poeta lombardo pregou ao outro Rugerio, com infinitas delicias dos logrados e da logradeira, visto que elles não tinham annel de Bradamante que viesse desengana-los. E não era menos certo ser ella dotada da boa condição de não fazer monopolio dos seus feitiços em proveito proprio, empregando-os tambem em terçar pelas paixões de damas formosas.

Uma particularidade havia, porém, n'aquelle caso estranho, da qual nenhum d'elles atinava com a explicação; e vinha ser o nome de Mabilia proferido na floresta. A Roberto de Aymon assaltavam certas apprehensões vagas por sua filha. Gualtier, pelo contrario, sentia um desejo ardente de conhecer essa mulher, cuja belleza encarecida pelo seu amigo de Breteuil, era agora realçada de circumstancias mysteriosas, e na imaginação propria revestida, naturalmente, de novos encantos.

Perdidos n'um labyrinto de pensamentos, foram ambos ora conversando um com outro, ora cada um a sós comsigo. Sentiam tambem de ora em quando resfriar o ardor, — Gualtier de vingar a morte de Guilherme, o *ruivo;* Roberto de Aymon, de procurar a liberdade do irmão de Henrique.

Sentiam..... Mas qual era o enigma de mudança tão repentina? Nem elles o entendiam nem diligenciavam acha-lo.

Retinia-lhes ainda nos ouvidos o grito inexplicavel da floresta; parecia-lhes, a tempos, ouvi-lo de novo; chegavam a escutar, virando-se até para vêr se descobriam o ser humano ou infernal que o soltava. Mas era debalde, porque nada viam.

As cavalgaduras em que montavam não eram mansas como a mula de um litterato dos nossos dias, nem da qualidade dos soberbos cavallos inglezes regenerados pela raça arabe, que os cruzados, ao voltarem das suas guerras religiosas, introduziram na Europa: eram duas facas da terra, pequenas de estatura, silvestres como as florestas onde nasceram, mas por isso mesmo praticas n'aquellas sendas e atalhos, verdadeira parodia das estradas e caminhos da Inglaterra moderna.

Assim iam pensativos os dois viandantes. Viam os vastos palacios dos senhores normandos, os castellos feudaes, murados e ameiados, e pendendo d'estes, na parte mais alta, os capacetes que, segundo o estylo da época, eram um signal de hospitalidade ou convite aos cavalleiros que passavam; aos cavalleiros sómente, porque outros hospedes mais somenos eram reputados indignos de ser recebidos n'aquellas mansões aristocraticas.

Viam..... Mas afastando-se d'essas moradas sumptuosas, caminhavam pelas sendas, onde encontravam unicamente pardieiros degradados, e cabanas ou casas de um só andar, com o tecto de colmo. Os mesquinhos que as habitavam por muita mercê e misericordia dos conquistadores, não se atreviam a sair á visinhança; fechados e fortificados como praça em sitio, as portas munidas de ferrolhos e defesas exteriores, o interior pejado de arcos, frechas, machados, maças, punhaes, e forcados de ferro. E quem passava por alli á hora de dormir, ouvia os anciões das familias recitar de dentro as preces, que n'essa época costumavam dizer os navegantes ao approximar-se um temporal: «O Senhor nos abençoe e nos ajude!» Ao que os assistentes respondiam todos: «Amen!»

Os dois viandantes viam de quando em quando apontar ás frestas e gelosias, e sumir-se logo, as cabeças dos saxonios, que ás vezes se detinham a observa-los, provavelmente quando entendiam do trajo que eram romeiros. Os desgraçados indigenas precatavam-se dos normandos a quem tinham prestado submissão, e dos proprios naturaes, que com o nome de *outlaws* vagavam armados, occupando-se em fazer surpresas tanto aos conquistadores como áquelles dos saxonios que julgavam desleaes á patria por se haverem bandeado com a conquista.

Teriam andado tres leguas os nossos passageiros, quando sentiram uma estrupida de cavallos, e voltando-se avistaram oito cavalleiros, que vinham da banda do nascente: tomaram o expediente de arredar-se alguns passos da estrada, encaminhando-se para um sitio sombreado de um arvoredo espesso: encobriram-se com elle e pararam. Em breves momentos chegaram os cavalleiros a todo o galope, na frente dos quaes vinha correndo uma matilha de galgos. Ao perpassar d'aquelles conheceram que o da dianteira era o joven Roberto, bastardo de el-rei Henrique, e o unico filho varão que lhe restava depois do naufragio da *Branca nave*. Levava o falcão no punho esquerdo, e trajava vestidos de monte.

«É o bastardo de Henrique, que vae a alguma caçada — disse Roberto de Aymon para o companheiro.»

* Continuado de pag. 140.

«Não creio — lhe tornou Gaultier — que elle venha buscar caça tão longe de Londres; salvo se fareja alguma a que o instigue a sua mocidade e bom parecer.»

«Mabilia!» — gritou de traz dos dois viandantes a mesma voz agra e enrouquecida da floresta de Barkhamstead.

Viraram-se para vêr quem era, e viram sómente o semblante prosaico e taciturno, mas um tanto sinistro, do conductor que os guiava, que era um creado antigo de Roberto de Aymon.

Tornaram-se mais pensativos; caminharam em silencio; e assim os surprendeu a noite. O céo, que já ao pôr do sol começava a ennevoar-se, toldou-se todo de nuvens; o vento frio que soprava do sul açoitava-lhes o rosto; e cahiam sobre elles torrentes de chuva. Os castellos normandos, morada de felizes e ociosos, de homens de guerra e côrte, de nobres e cavalleiros, começavam a povoar-se de luzes; mas não vertiam os sons festivos da harpa e da doçaina, os gritos dos convivas semi-ebrios, as sombras fugidias de alegres coréas e danças, as gargalhadas estrondosas dos que celebravam os chistes e jogralidades dos bobos, nem as altercações e pragas dos jogadores, talvez porque o brado lugubre do desastre de *Ras de Catte* já lá tinha soado.

A. DE O. MARRECA.

(Continúa).

ALGUMAS REFLEXÕES

SOBRE A DECLAMAÇÃO THEATRAL.

Quando acaba de edificar-se em Lisboa um soberbo theatro, destinado para a representação de dramas nacionaes, parece ser occasião mui propria para se aventarem algumas reflexões sobre a declamação, e arte dramatica, que talvez não sejam perdidas para os novos alumnos de Thalia, que alli devem fazer prova dos seus talentos e de sua applicação.

Quem escreve este artigo, além de ter lido com attenção as melhores obras que entre os estrangeiros se tem escripto sobre esta materia, de haver frequentado o theatro desde a sua infancia, de ter visto representar italianos, hespanhoes, francezes, e inglezes, conheceu todos os nossos grandes actores, porque houve uma época em que os tivemos capazes de rivalisar com os das outras nações, bem que depois o tempo fizesse esquecer as tradições e a doutrina d'esses artistas, e que a arte chegasse nos ultimos tempos a um miseravel estado de corrupção, e decadencia.

A declamação é o resultado da prosodia de qualquer lingua, pois toda ella consiste em dar mais força e energia á sua ordinaria pronunciação. E como não ha duas linguas, por mais parentas, que sejam, que tenham a mesma prosodia, é evidente, que a declamação de uma não póde convir a outra, pelo menos sem grave prejuizo da intelligencia para quem ouve.

Postos estes principios, segue-se que os nossos actores adoptando a declamação franceza, tem commettido um grande erro, e desconhecido o genio e a prosodia da linguagem patria, e appellâmos para o testemunho dos costumados a frequentar os theatros, a fim de que declarem se muitas vezes lhe não acontece não perceberem o que se diz na scena. A rapidez da pronuncia póde ser uma belleza em um idioma como o francez, composto de palavras curtas, cheio de syllabas agudas, e surdas; mas uma lingua como a portugueza cheia de palavras longas, de dicções dactilicas, e de syllabas claramente accentuadas, exige uma pronuncia mais musical e clara, a fim de fazer sentir a melodia e graça, que d'ella são proprias, e que tanto lisongeam o ouvido. Esperâmos que os futuros actores devidamente instruidos nas regras da recta pronuncia e da declamação pelos professores do Conservatorio dramatico saberão evitar este defeito, e conhecer melhor o genio e harmonia mechanica do idioma lusitano.

O cultivo da arte dramatica exige não só conhecimentos preliminares, mas proporções physicas, e disposições moraes, sem as quaes serão baldados o estudo, o trabalho, o exercicio, e bons desejos, porque nunca poderão passar de uma triste mediania.

Quanto a conhecimentos preliminares collocaremos em primeiro logar o estudo da lingua patria, porque nada ha mais desagradavel e vergonhoso que uma pronunciação barbara e incorrecta sobre a scena; ella estropia as palavras, offende os ouvidos delicados, desfaz a illusão, e lança o ridiculo sobre a personagem que falla. É tambem absolutamente necessario, que o actor conheça os costumes, usos, ceremonias religiosas, e sobre tudo os trajes das nações antigas, e modernas. É esta uma falta que ainda nos melhores periodos d'elle se tem feito sentir no theatro portuguez, aonde o traje romano servia para egypcios, gregos, chaldeus, israelitas, e assyrios; e o traje turco, ou mouro servia igualmente para indios, abexins, chinas, e todas as nações modernas fóra da Europa. Havia de mais d'isto em todas as guardaroupas um vestido chamado sebastianista, ou de capa e espada, que era outro nariz de cêra para portuguezes, hespanhoes, allemães, francezes, flamengos, e inglezes, posto que todas estas nações na idade média tivessem differenças mui notaveis na fórma de seu vestuario, e de seus gorros: para cumulo de extravagancia o actor José Joaquim de Arcejas, artista aliás de muito merito, persuadido de que lhe ficava mui bem a farda, com ella vestia todos os actores das comedias, em que entrava, e não faltará quem ainda se lembre de vêr representar o Conde de Essex com as personagens vestidas de fardas escarlates, e de vêr com o mesmo traje o Rico-Homem de Alcalá, drama de Moreto, Filippe 2.°, e Henrique 4.°; e como não havia de ser assim se os actores não entendiam mais, e os emprezarios não queriam fazer despezas! Esquecia-nos notar que nos nossos theatros não se conhecia senão o traje militar dos romanos, e por isso consules, edis, pretores, senadores, escravos, homens da plebe não se apresentavam em scena sem arnez, e capacete, e até as proprias mulheres vestiam a sua cota d'armas! É pois necessario que se extingua este abuso ridiculo, e que haja á testa das companhias um director intelligente, e com força bastante para resistir aos caprichos dos actores, e ainda mais das actrizes.

É além d'estes conhecimentos necessario que o actor seja dotado de uma figura bem proporcionada, semblante agradavel e mobil, predicado que o famoso Theodorico possuia no mais alto grâu no genero comico, e no serio o inimitavel José Felix da Costa; porque ha ahi pessoas, que parecem privadas de musculos faciaes, e que se de qualquer paixão se sentem agitados, nunca essa paixão lhes reverbera no rosto; taes homens terão disposição para santos, ou para diplomaticos, mas para actores de certo que não. O actor francez Juelier, a quem de certo não faltava merito, tinha este grave defeito, e com a mesma phisionomia, e tom de voz com que dizia a uma dama *«eu te amo;»* dizia a um viandante *«a bolsa, ou a vida.»* Creio desnecessario advertir que n'isto me refiro á scena, porque nunca me constou que o pobre homem fosse ladino de estrada.

O actor deve ser antes mais alto que mais baixo, porque as pessoas baixas são antipaticas com o theatro, já porque sendo vistas de longe ainda mais pequenas parecem, já porque a idéa que fazemos dos heroes da antiguidade, que só conhecemos pela narração dos seus grandes feitos, e pela representação grandiosa que d'elles nos tem feito a poesia, a esculptura, e a pintura, fica desmentida pela vista de um homunculo, ¿que parece que ainda anda na escóla. O celebre Girardon dizia que quando lia Homero lhe parecia que os homens tinham quatorze pés de altura, e como poderá um leitor de Homero persuadir-se que vê Achilles, ou Agamenon, ou Menelau, ou Heitor em uma pessoa de estatura menos que meã? Embora nos digam que os homens se não medem a palmos, que o afamado Tracagnara era corcunda, e apesar d'isso mui bem recebido do publico, a isto respondo: 1.° que se não deve argumentar da excepção para a regra; 2.° que os italianos fecharam os olhos sobre aquelle defeito, considerando aquelle tenor como para machina de cantar, e elle desempenhava esse officio por uma maneira assombrosa; 3.° que os espectadores italianos, que disfarçavam isso em uma opera, em attenção á perfeição do canto, talvez fossem menos indulgentes em uma tragedia; e que mesmo na opera não foi essa indulgencia tão geral como a querem fazer, vista a horrorosa pateada, que lhe deram ao apparecer em scena no dia de seu debute em Roma.

É necessario que o actor se acostume a mover-se com garbo, e a caracterisar-se com graça, e para isso tirará grande auxilio do conhecimento da dança: que aprenda a manejar as armas, para evitar o que acontece sempre em nossos theatros, isto é que os espectadores se riam quando os actores se batem.

Importa que o actor tenha um peito forte, a pronunciação facil e solta, e a bocca nem muito sêcca, nem muito humida, porque o contrario d'estas prendas é grande estorvo para a declamação.

A sua voz deve ser mui extensa, encorpada, firme, e cheia de modulação, e harmonia: vozes debeis, tremulas, roucas, ou asperas são mortaes inimigos da scena, cançam debalde o actor, e martyrisam os nossos ouvidos. Quando tinhamos actores, passava entre elles por axioma, que sendo necessarias cem cousas para representar bem, quem tinha boa voz, tinha noventa e nove. Eu approvo plenamente este modo de pensar: o grande Victorino não tinha sido dotado com uma figura elegante, era pobre de gestos, mas tinha um coração mui sensivel, e uma voz de mera melodia, e por isso quando se inflammava arrebatava os espectadores, e fazia borbulhar as lagrimas. Aquelles pois a quem a natureza concedeu o dom de uma boa voz cuidem muito em conserva-la, e exercita-la, como o principal instrumento da sua arte.

Deve o actor pôr grande esmero em estudar as inflexões proprias da lingua, e as pausas da pontuação para evitar a monotonia, grave defeito da declamação: alguns cuidam dar-lhe movimento, pronunciando rapidamente; o que fazem é parecer rapazes de escóla, que repetem a lição decorada; outros separam as palavras com grandes pausas, e parece que não sabem o que hãode dizer: são dois vicios oppostos, mas igualmente sensiveis. A rapidez, ou a lentidez do discurso deve ser regulada pelos affectos que n'elle dominam; em conhecê-los, em exprimi-los bem, é que deve existir o estudo do actor, que aspira a ser amado, e applaudido do publico.

A declamação em verso, que é mais propria da tragedia, deve além dos mais requisitos observar as leis do metro: um actor, que erra um verso é como o cantor, que desafina: sei que n'estes ultimos tempos se tem estabelecido como doutrina que os actores traduzam em prosa os

versos da tragedia; dizem para abonar este absurdo que os homens não fallam em verso, e que por isso fazer sentir a harmonia metrica é sahir da imitação da natureza: este argumento é erroneo, os homens não na vida commum, mas na poesia não fallam senão em verso, e na opera senão cantando; imitar a natureza não é o mesmo que copia-la, ou arremeda-la; todas as artes a imitam, não na sua marcha commum, mas como se exprime Saint Lambert no que ella tem de grande, no momento em que é sublime, e cada arte tem seu meio peculiar de imitar. A musica imita com os sons e o canto, a pintura com o desenho e as côres, a dança com os gestos e os passos, a poesia com o verso e a voz: tirar á poesia o verso, é destruir a arte: não ha poemas em prosa, visto que nem o Telemacho conseguiu ser considerado como tal: se os versos da tragedia devem ser pelos actores traduzidos em prosa extemporanea e ruim, então melhor seria que fosse logo escripta em prosa, porque então o auctor teria o cuidado de lhe procurar o rythmo proprio, tornando-a assim magestosa. Quem declama em verso deve fazê-lo sentir, modulando-o porém de uma maneira natural, e variada, evitando assim a monotonia: bem sei que isto é muito difficil, mas n'essa difficuldade vencida é que consiste a arte.

Quando se recitam os versos como prosa, que differença ha entre os de Racine, e de Chapelain? Nenhuma, absolutamente nenhuma. A vontade de encobrir defeitos é que fez inventar este methodo de recitação. Alfieri, grande poeta tragico, mas duro, e forçado versificador, não podendo responder ás censuras que a este respeito lhe fizeram Cesarotti, e Calzabiggi, estabeleceu o principio de que os versos da tragedia devam recitar-se como prosa, e dar-se aos actores copiados nas partes sem divisão: isto era mui conveniente para elle, mas que diria o apurado versificador Racine, se ouvisse declamar Iphygenia, ou Phedra como hoje se declamam em França? Que faria Voltaire se assim lhe recitassem Mahomet, ou Zaira? Clamaria como clamou a um actor que estropiou alguns versos *«ah bourreau, tu m'ecorches!* Não pertendemos negar os grandes talentos artisticos de Talma, que introduziu esta moda em Paris, mas estamos certos de que não sabendo recitar bem versos, achou mais facil aprosa-los do que adquirir aquelle talento difficil; e que a perguiça dos outros os resolveu a imita-lo.

Finalmente para ser bom actor precisa-se imaginação ardente, sensibilidade mui viva, sentimento das bellezas poeticas, muita intelligencia, e desejo de gloria. O homem que só vê na representação o meio de enriquecer-se, nunca será considerado como grande actor.

O N.º 5.

Em todos os tempos tem havido quem attribua aos numeros grande influencia nos destinos dos homens; e parece que esta superstição existiu sempre mais arreigada nos povos orientaes, que acreditam no fatalismo. — Como simples objecto de curiosidade mas notavel pela coincidencia dos numeros com os successos, daremos alguns exemplos extrahidos de um livro moderno.

Os antigos veneraram muito o numero cinco, e citavam em seu abono muitos factos celebres na historia; accrescente-se pois um do nosso tempo. — Napoleão já em 1799 dava notorias mostras de querer subjugar ao seu dominio a França; em cinco annos tinha preenchido a sua cubiça n'este anno, por quanto em 1804 estava coroado imperador dos francezes. Cinco annos depois foi proclamado vencedor em Austerlitz, Iena e Wagram, e parecendo exceder a quanto podêr havia na terra, até foi o esposo da filha do imperador d'Austria. Em 1809 não só era imperador dos francezes mas via as corôas dos reis brilharem nas cabeças da sua familia. Mais cinco annos depois em 1814 perdeu tudo ainda mais depressa do que o tinha adquirido. — A época mais brilhante da sua vida constou de tres lustros (tres vezes cinco) quinze annos.



O PADRE LACORDAIRE.

BIOGRAPHIA CONTEMPORANEA.

O seculo actual parece que não póde ser o seculo dos grandes homens, porque são tão complicados e diversos os acontecimentos de todos os dias que no meio da geral confusão d'esta época transitoria, os caracteres mais elevados, e as intelligencias e imaginações mais brilhantes, apenas conseguem ser admirados por instantes. — O nome que porventura se profere hoje entre louvores, não tardará muito que nem sobre a lousa sepulchral seja visto: os echos dos tumulos serão silenciosos, porque uma geração que só cuida dos seus interesses não os desperta recordando-se dos antepassados que lhe legaram uma herança de gloria, nem dos contemporaneos que a illustram. — Quando d'este modo o véu do esquecimento esconde tantas frontes cercadas da aureola resplandecente do saber e do genio, quando até mesmo o desprezo faz acurvar tantos que deviamos vêr sobranceiros á multidão — a imprensa e a arte exercitam seu nobre e puro sacerdocio, pondo ante os olhos do publico os objectos que deve respeitar ou considerar como exemplos de perenne recordação. — A typographia e a gravura ligaram-se para cumprir esta religiosa missão por meio dos jornaes populares, que, estando por seu modico preço ao alcance de todas as classes, são proveitosos brados e constantes a favor da civilisação e da moralidade. — A estampa precedente é o retrato de um homem, conhecido hoje em quasi toda a Europa, cremos, porém, que muito pouco em a nossa terra, e que porventura virá a ser esquecido logo que a sua voz se não ouça nos recintos dos templos, onde hoje congrega tanto os sabios como os ignorantes, os fieis e os descrentes, todos assombrados do vigor da sua eloquencia e da sublimidade do seu engenho. — A vida do padre Lacordaire seria assumpto para um livro, se fosse considerada em relação á influencia que a religião póde ter no homem e á influencia que o homem religioso póde ter na sociedade; talvez que ainda, a penna que traça estas linhas venha a completar um trabalho extenso e n'este sentido: agora só deve e só póde resumir em breves phrases o muito que ácêrca de tão extraordinario homem se podéra dizer.

(Continúa).

LORENZINO.*

IV.

Lorenzino encontrou o seu cumplice disposto a coadjuva-lo em tudo; mas temeroso que Scoroncolo recuasse quando visse contra quem lhe armavam o braço, resolveu preveni-lo, e então assim lhe dirigiu a palavra:

— Não nos escapará a victima, Scoroncolo: mas previno-te que a pessoa que hoje deve morrer occupa alto emprego no estado. Se receias ajudar-me neste empenho, dize-o?

— Estou prompto, basta que me insinueis no que devo fazer.

— Ferir sem medo e sem piedade, sem que te acobardem nem os arminhos nem a purpura.

— Nada receeis, meu amo, redarguiu Scoroncolo; ainda quando o meu braço devesse cortar os fios da vida do proprio duque, nem assim me faltaria o animo.

— Tu o dissestes, é contra elle que deves vibrar o teu ferro.

— Pois bem, ou duque ou o demo que fosse, vamos: se fôr o duque, creio que nem por isso deixará de ser homem?[1]

Esta conversa passava-se em voz baixa, e já quasi á porta do quarto, aonde os confederados entraram nos bicos dos pés para não serem ouvidos, e alli encontraram a victima dormindo a somno solto. Disfarçados com mascaras pretas, aproximam-se da cama e desapiedados apunhalam o malfadado principe, que debalde quiz servir-se da espada presa á bainha. Nas agonias da morte poude o duque ainda segurar o seu assassino, e trincar-lhe o dedo da mão esquerda, fazendo com que no meio do conflicto lhe cahisse a mascara. Ao encarar o principe moribundo com o seu traidor valido, não poude deixar de exclamar — és tú quem me assassinas, Lorenzino?! — Pouco depois expirou, tendo-lhe Scoroncolo varado o coração com um golpe de punhal.[2]

Horrorisados pelo commettimento do crime os dois confederados olhavam um para outro com assombro, sem proferirem palavra, conscios porém do perigo que correriam se fossem descobertos, deram-se pressa em procurar na fuga a segurança. Sahindo do palacio sem serem vistos montaram dois dos melhores cavallos, e valendo-se da senha particular que o duque confiára a Lorenzino passaram as portas da cidade, e chegaram a Muzello na madrugada. Alli estavam juntos os conspiradores, que os receberam com as maiores e as mais vivas demonstrações de jubilo, acclamando Lorenzino como se fôra o moderno Bruto, o salvador da sua patria.

Em quanto isto se passava em Muzello, reinava o terror em Florença; o povo se apinhava em torno do palacio ducal, e os cidadãos mais influentes reuniam-se nas casas da camara para

* Conclusão de pag. 148.

[1] Veja-se Varchi, na sua Historia de Florença.

[2] Veja-se a vida de Alexandre de Medicis, escripta em Florença no anno de 1720. A morte tragica de Alexandre de Medicis teve logar no dia 6 de janeiro de 1563. Alexandre tinha apenas a idade de 26 annos quando foi assassinado, e a sua morte não restituiu a liberdade aos florentinos, havendo-se tornado inutil o crime que perpetrára Lorenzo ou Lorenzino de Medicis, de que faz menção a Historia da Toscana. Lorenzino contava só 22 annos de idade na época do assassinato, e morreu tendo 33; isto é onze annos depois de haver morto seu primo.

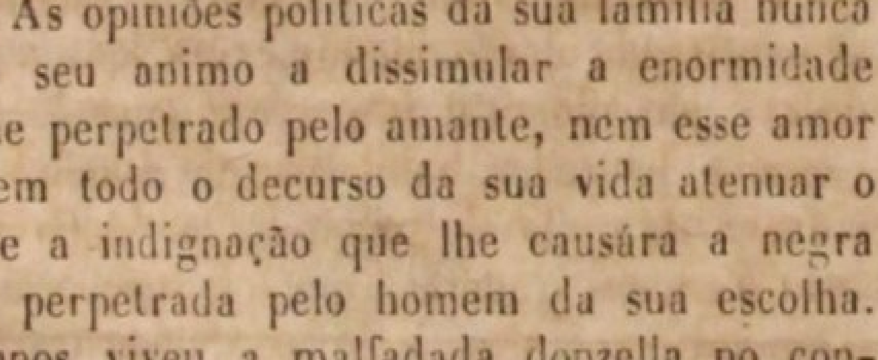
deliberarem sobre o que convinha fazer. Cançados os florentinos de continuas guerras, e de improficuas revoluções, resolveram eleger um principe que reunisse as duas qualidades de eleição popular, e de descendencia da casa de Medicis. Escolheram pois Cosimo, filho de João de Medicis, conhecido como chefe do partido appellidado — *os negros* —, e que era primo dos dois principes, do assassino, e do assassinado. Cosimo, ou Cosme 1.º foi proclamado no mesmo dia grãduque da Toscana, e durante o seu reinado protegeu as artes e as sciencias, tendo sido o fundador da universidade de Pisa, e soube restituir a ordem e a tranquillidade publica.

Filippo Strozzi entrava na cidade seguido por alguns dos seus, quando o repique dos sinos, e os alaridos do povo, o levaram a inquirir o que significava aquelle regosijo. Não tardou que fosse informado do que acabava de acontecer, e que se convencesse que frustradas estavam as esperanças d'elevar ao throno ducal o seu futuro genro. Appressado esporeou o cavallo para se dirigir ás casas da camara, quando um magote de povo acompanhado por alguns alabardeiros lhe ordenou fizesse alto, dando-lhé um official a voz de preso. D'alli foi conduzido a uma fortaleza á ordem de Cosme, onde não podendo sobreviver á quêda e mina do seu partido, poz termo á existencia envenenando-se.

Lorenzino sabedor da sorte de Strozzi julgou que deveria pôr-se a salvo, e passou para Veneza, aonde se conservou por algum tempo, porém, não se julgando seguro, fugiu para Constantinopola; alli, cheio de remorsos, arrastou uma pezada existencia, vivendo mui retirado. Passados alguns annos voltou para Italia, e fixou a sua residencia em Veneza, onde esteve pelo espaço de alguns mezes, até que uma noite ao entrar para sua casa, um dos antigos servidores do duque Alexandre lhe varou o peito com uma estocada, jactando-se n'esse acto de haver vingado a morte de seu amo.[3]

As duas familias dos Strozzis e Soderinis foram desterradas de Florença, a fim de evitar novos disturbios, e a gentil Luiza não podendo viver no meio de uma cidade que fôra testemunha da infamia do seu amante e do suicidio de seu pae, retirou-se a um convento nos confins da Toscana. Ainda que amára com grande affecto, soube resistir ás importunidades da sua familia a favor de Lorenzino. A sua religião e a sua moral eram em demazia austeras para a levarem a consentir que désse a mão de esposa a um assassino. As opiniões politicas da sua familia nunca levaram seu animo a dissimular a enormidade do crime perpetrado pelo amante, nem esse amor poude em todo o decurso da sua vida atenuar o horror e a indignação que lhe causára a negra traição perpetrada pelo homem da sua escolha. Seis annos viveu a malfadada donzella no convento que escolhera como azylo para seus amargurados dias, e em 12 de março do anno de 1569 entregou sua alma innocente e pura ao Creador, e foi gosar na bemaventurança o premio de suas virtudes.

P. MIDOSI.



[3] Veja-se a Historia da Toscana, escripta por Pignotti.

DESIGUALDADE, E EQUILIBRIO DAS FACULDADES INTELLECTUAES.

É para admittir como incontestavel que todos os homens nascem com igual numero de faculdades, porém de diversa capacidade para o desenvolvimento. Todos têem attenção, memoria e imaginação, mas, uns, mais que outros possuem em grâu mais subido alguma d'estas faculdades.

Importa muito para a educação, — conhecer a tempo a desigualdade que se dá entre as faculdades de cada individuo, a fim de saber quaes são as que por sua muita inferioridade demandam ser fortalecidas, para evitar que o predominio exclusivo das outras não quebre o equilibrio que assegura a cada uma a influencia que deve ter no exercicio do espirito.

A intelligencia precisa da attenção para examinar, da memoria para reter, e da imaginação para expôr. Ora, — se a attenção predomina, fórma immensidade de juisos que suffocam as operações das outras duas faculdades. Quando a memoria prevalece, as recordações multiplicam-se por tal modo que não permittem examinar e expôr com acerto. Se a imaginação é por extremo vigorosa, não dá aso a que o homem considere sufficientemente o que examina, para bem o conhecer, e bem o recordar depois. É por tanto evidente que é indispensavel o equilibrio das faculdades intellectuaes.

Facilmente se concebe que, se uma faculdade chega a ter tanto poder, que embaraça e por vezes suspende as funcções das outras faculdades, escravisa o espirito, que para ser recto e desenvolvido, carece de ser livre.

Cabe á educação evitar os graves e infalliveis inconvenientes que derivam de chegar a ter o espirito dominado exclusivamente por alguma das faculdades: este é um dos pontos de subida conta que tem a considerar. —Vale muito o equilibrio das faculdades, vale tanto para a intelligencia humana como para o mundo physico o equilibrio das forças; — importa a conservação da ordem, sem alteração no movimento.

As faculdades intellectuaes differem unicamente em força e extensões; todas se dão no mesmo individuo, e todas são boas e proveitosas: só cumpre alimentar, fortalecer e elevar as que, mais ou menos, tendem a ficar no estado primitivo de infancia.

Que se dá a possibilidade de desenvolver na juventude as faculdades debeis e preguiçosas, reconhecemos, ao vêr que isto mesmo se consegue, quando se tenta em referencia a individuos de idades avançadas.

Temos por cousa averiguada, porque a miudo se verifica pela experiencia, que as faculdades intellectuaes quanto mais se usam mais se desenvolvem.

D'aqui, — e da facilidade com que na primeira época da vida, ou na juventude se póde fazer contrahir um ou outro habito a qualquer individuo, e infundir-lhe maior empenho para realisar uma ou outra operação do entendimento — concluimos que a educação tem meios faceis, e amplo poder para regular o desenvolvimento do espirito.

Aos paes, aos parentes, ou ás pessoas incumbidas da educação de qualquer menino cabe a missão de cuidar essencialmente no equilibrio de suas faculdades intellectuaes. Se procederem reflectindo e perseverando na sua obra, hãode sempre acaba-la bem satisfeitos do resultado.

Nunca convém para equilibrar as faculdades intellectuaes do individuo cuja educação se dirige, combater directamente qualquer faculdade que predomina. Aniquilar uma faculdade é tirar ao espirito o seu vigor e originalidade, e algumas vezes póde acontecer que ainda seja peior, e se verifique alguma violenta reacção da faculdade combatida. De modo que este meio não aproveita, e pela quebra que traz ao espirito, póde em muitos casos occasionar a perda do genio — o mais precioso dos dons conferidos pelo Eterno. Vê-se pois bem claramente ser máu e funesto similhante recurso, para esta parte da educação.

Comprehende e executa devidamente a sua obra o preceptor que estuda a indole do seu discipulo, avalia a sua inclinação ou tendencia, e tomando como ponto essencial de educação encaminhar com bons preceitos, e conselhos proveitosos a faculdade de maior vigor em vez de a combater, assim pratica, e vae ao mesmo tempo cultivando e desenvolvendo aquellas faculdades que podem concorrer para tornar menos parcial e mais vantajosa a faculdade superior. — Isto é o que se deve considerar necessario e utilissimo.

Póde-se pois ter por certo que o methodo a seguir n'esta parte da educação, — em que é forçoso obter quanto é possivel o equilibrio das faculdades intellectuaes — consiste em reconhecer positivamente qual é a faculdade que se extrema pela sua superioridade, conceder-lhe que se desenvolva, e fazer com que os estudos, e as condições d'aptidão que promove esse desenvolvimento, tendam a occasionar o avanço nas outras faculdades, de maneira que estas, para o futuro, sem ficarem escravisadas pelo poder d'essa faculdade superior, recebam o seu impulso.

As faculdades equilibradas por esta fórma conservam sua tendencia como lh'a conferiu a natureza, e ficam aptas para as mais subidas operações do espirito.

O homem de alma elevada, a quem a educação equilibra as faculdades intellectuaes como ahi deixamos ponderado, conserva inteira como lh'a prestou o Eterno a dadiva sublime do genio; e póde subir com as combinações do espirito até onde é dado chegar com o pensamento.

Muito boa e santa é a sciencia da educação! Concede-lhe o Ente Supremo acabar a sua melhor obra — completar o homem pela intelligencia!

V. M.

ENIGMAS PITTORESCOS.

EXPLICAÇÃO DO ENIGMA DA FOLHA ANTECEDENTE.

Passarinhos e meninos nas janellas dos visinhos.



☞ *Os Srs. assignantes que subscreveram até o 9.º n.º d'este Jornal, e que pertendem continuar, queiram renovar a assignatura no decurso do presente mez, para não soffrerem interrupção na entrega das folhas.*

SUMMARIO.

FESTAS DO NATAL.

Todas as nações christãs festejam a solemnidade do Natal com usos e praticas mais ou menos singulares, segundo seus habitos e tradicções; porém na maior parte d'esses festejos não entra de ordinario um só pensamento religioso, limitando-se a comidas, cantos, e danças, e outros divertimentos profanos: e póde isto dizer-se quasi tanto das meias noites dos catholicos como dos *christmas* ou *carol-parties* de Londres.



A festa do Natal offerece uma particularidade nos povos do norte, analoga de algum modo á pratica que desde tempo immemorial seguem os rapazes de algumas villas nossas, visitando as portas dos visinhos com descantes e sainetes, e pedindo a golosina da consoada. Na Allemanha os rapazes pobres de certas povoações ajuntam-se sob a guia de um mestre de canto, e ás noites durante a quinzena precedente ao Natal passeiam as ruas cantando em côro hymnos affectuosos; o mais moço do rancho vae de porta em porta pedindo a offerta que raras vezes é recusada. Este costume se acha tambem em varias partes da Italia: em Roma os *pifferari*, ou gaiteiros montanhezes dos Abbruzos e da Calabria, (vid. estampa), vem annualmente pelo Natal sollicitar as esmollas dos fieis, entoando defronte dos nichos de imagens *della Madona* (Nossa Senhora) villancetes, que acompanham com seus rusticos instrumentos, alguns pela fórma similhantes ao oboé. — Na Allemanha tambem os meninos ricos tem a sua festa do Natal, em que os paes tomam parte, e a creançada representa o papel principal; para esta se inaugura em quarto separado e cheio de luzes o *Christbaum*, arvore do Natal, carregada de bolos e bonitos: os presentes que recebem variam de qualidade e valor, segundo a abastança das familias; mas todos com este folguedo experimentam a mesma surpreza e alegria.

Na Suecia, principalmente, é esta solemnidade uma verdadeira festa de familia; eis-aqui a descripção que faz o Sr. Marmier, viajante distincto por talento de observação e veracidade: (tom. 1.º da Viagem á Escandinavia). — «É para vêr uma das habitações de camponez quando chega a festa de Natal, a maior da Suecia. N'esta época solemne os parentes e amigos costumam reunir-se, por grande que seja a distancia em que morem uns dos outros. Com muitos dias d'antecipação a dona da casa tem preparado a cerveja especial para a funcção, amassado os bolos de cevada e trigo, e temperado habilmente os leitões, que por uso tradicional são indispensaveis n'essa conjunctura: aceia-se a casa cuidadosamente e adorna-se com rustica simplicidade, esfregados, e luzidios todos os trastes, juncado o pavimento de verdes ramos de abeto, e posta a grande mesa caseira com sua toalha grossa, porém muito lavada: nos vãos entre os dois caixilhos de janellas, que poucas moradas deixam de ter, collocam-se sobre rôlos de lã branca flôres artificiaes, como para associar as aprazíveis côres da primavera ao descorado aspecto do inverno; em torno das portas e ao comprido das paredes penduram-se com symetria grinaldas de ramos viçosos. — É chegado o dia da recenção; logo pela manhã a barreira do Gard está apinhada de gente; as campainhas dos cavallos soam ao longe; os trenós que se esperam resvalam e parece que voam sobre a neve scintillante: avisinham-se da habitação, entram no pateo; mas antes se ouviu bradar uma voz amiga, e encobertos com um felpudo barrete de pelles, entre o amplo rebuço de um capote de pelle de ursos, e distinguem olhos e feições bem conhecidas. — Correm uns para os outros, abraçam-se: — é um irmão casado, que reside d'alli vinte leguas e vem com elle toda a sua familia môça: — é um filho estimado que chega do lyceu ou da universidade com honroso attestado de seus mestres e alguns dias de férias: — é porventura um amigo que se não encontrára havia muito tempo e vem celebrar na companhia dos amigos a jucunda festa do Natal. O dono da casa encaminha cordealmente os seus hospedes para junto do enorme fogão onde faisca grande brazeiro de troncos de bétula: a dona da casa os vae cumprimentando, curiosa de saber noticias, porém ainda mais desejosa de prevenir as commodidades de que careçam as suas amigas e mais pessoas da comitiva; corre no entanto a roda o frasco da agua-ardente, inimigo do frio; e d'ahi a pouco o jantar começa, simples mas farto, e animado por ditos joviaes, e canções populares, cuja letra e musica se transmittem de geração em geração. — A festa dura muitos dias; os convidados se vão retirando gradualmente, com lentidão e saudosos; passado este brevissimo periodo os laboriosos e honrados habitantes do Gard tornam a entrar na sua habitual vida solitaria, de quasi todo o anno.

***

HISTORIA DO NATAL.

Contaremos aqui a historia do nascimento do Menino Deus, valerá para explicação da origem da festa que de pouco celebrou a nossa igreja.

Dos Apostolos sabemos tudo que vamos referir, portanto, é de boa razão acredita-lo.

Por uma noite muito fria, como sempre são as de 25 de dezembro, chegaram a Bethlem, cidade da Judéa, José e Maria, ambos da linhagem real de David.

Ahi tinham vindo para cumprir o disposto em certo edicto que mandava que todos fossem dar o seu nome a rol na cidade ou villa em que houvessem nascido, ou d'onde fosse originaria sua familia. Assim o exigia por toda a parte o Cesar Augusto, para d'esse modo contar os homens, a fim de saber quantos eram os seus escravos. Era forçoso obedecer porque em tempo de tanta depravação não havia para onde appellar.

José e Maria porque chegaram a Bethlem muito tarde, não depararam casa em que os podessem hospedar, e tiveram de buscar abrigo n'um presepio, onde ficaram junto de algum gado, para repousarem até o outro dia.

A companheira de José que os homens erradamente consideravam sua esposa, era a Virgem Maria, a quem o Archanjo Gabriel havia saudado cheia de graça.

Estando os dois recolhidos no vil e indigno aposento que lhes havia tocado, aconteceu pelo meio da noite nascer da Virgem um menino formosissimo, que involveram em algumas mantilhas e reclinaram sobre uma mangedoura.

Ao tempo que isto acontecia em Bethlem, nos arrabaldes uns pastores que ficavam pelo campo em guarda de seus rebanhos, notaram com espanto certa aureola, na qual divisaram a apparição de um anjo que lhes disse:

«Não temaes; venho dar-vos uma nova que a «todo o povo deve alegrar: sabei que hoje na «cidade de David vos nasceu o Salvador, que é «o Christo ou o Senhor. Eis os signaes porque o «podeis conhecer: — haveis de vêr um menino «embrulhado nas faixas, e reclinado n'uma man«gedoura.»

Contaram os pastores que após d'isto, viram juntar a esse anjo mais anjos, e louvarem todos ao Eterno, com as vozes suavissimas: Gloria a Deus nas alturas, e paz aos homens sobre a terra.

Os bons zagaes correram logo para Bethlem,

e junto de José e da Virgem Maria toparam com o menino indicado pelo anjo. Porque viram realisar a divina profecia, reconheceram no menino o Salvador do povo de Israel, e oraram e glorificaram ao Salvador.

Era com effeito Christo o menino que nascêra da Virgem Maria, no mesquinho alvergue onde havia buscado abrigo. Aquelle menino enfaixado humildemente, e reclinado nas palhinhas de uma mangedoura, era o que vinha para salvar o homem, e havia de suavisar-lhe os pesares da existencia com seu exemplo e doutrina.

José e a Virgem Maria viram realisar n'este successo, o que em profecias lhe fallára o Senhor; e era que Maria havia de gerar um filho que era obra do Espirito Santo, o qual havia de salvar dos peccados o povo.

Tambem pela mesma noite em que tudo isso aconteceu, brilhou no oriente para os Reis Magos uma nova estrella, que os avisou de que nascêra o Rei dos hebreus, e para logo deixaram elles suas terras, para vir adora-lo.

Eram tres os Reis Magos, e na sua jornada visitaram em Jerusalem a Herodes que lhes fez bom gasalhado, e que depois de se informar onde iam, lhes rogou de voltarem e que na volta lhe dessem novas do novo Rei.

A nova estrella havia guiado até alli os Magos, e quando elles se apartaram de Herodes, e sahiram de Jerusalem, bem a seu contento, lhes tornou a apparecer, e os guiou a Bethlem.

Ahi parou de sobre o presepio onde estava o Christo, e dizem que se sumiu no firmamento, por tal modo que nunca mais ninguem soube d'ella.

Os Reis Magos adoraram o Menino Deus no elevado throno dos braços da Virgem, e a seus pés depositaram suas offertas de ouro, incenso, e myrrha.

Voltaram os Magos para suas terras, sem tornarem por casa de Herodes, porque um anjo lhes advertiu da parte de Deus que tomassem outro caminho.

Herodes era na Judéa um rei estrangeiro, cruel e tyranno. Receiou do nascimento do verdadeiro Rei, e do desejado Salvador, e secretamente procurava modos de o buscar para o matar. Deus soube do seu máu designio e assentou de o frustrar, desviando os Reis Magos de irem de novo praticar com elle.

Não ha mais successos que cumpra mencionar na historia do nascimento de Jesus Christo.

Pelo que referimos se vê que no presepio se começou a effectuar a remissão do genero humano pela vontade e poder infinito do Eterno.

Releva n'esta historia, e merece que especialmente se pondere que o Homem Deus logo nos insinua, pela extrema humildade em que nasce, que vem para salvar a todos os homens, e prégar doutrina de consolação. O desabrigo do presepio, o rigor do inverno, a companhia dos animaes, a dureza da mangedoura que lhe serviu de berço, o aspero das palhas que lhe foram cama, é de crer que os buscou para depois suavisar ao homem todos os soffrimentos da vida, dizendo-lhe com o exemplo e com a palavra «Bemaventurados os pobres» Bemaventurados os que choram» Bemaventurados os pacificos:» D'elles é o reino do céu.»

Nota-se pois, attentando devidamente no nascimento de Jesus Christo, que desde o berço nos prégou sua doutrina de amor e caridade, que seus discipulos nos consignaram depois nos evangelhos.

A nossa igreja commemora todos os annos o Natal ou o nascimento do Menino Deus na solemnidade da noite de 25 de dezembro. Bem singela, verdadeira e popular como toda a nossa creança, é esta festa da adoração do presepio no acto da missa que o nosso povo chama do gallo, — que ha pouco celebrámos nos nossos templos.

Os fieis por essa occasião em vez de ouro, incenso, e myrrha que offertaram os Reis Magos, offertam votos fervorosos d'alma ao Rei cujo reino não tem fim, ao filho do Altissimo.

V. M.

ALGUMAS IDÉAS

SOBRE A INSTRUCÇÃO PUBLICA.

Não é nossa intenção censurar ninguem particularmente, porque sabemos bem que a critica individual irrita, e não corrige: correndo os olhos pelo caminho que leva entre nós a instrucção publica, se alguma cousa desapprovarmos será sómente pelo desejo de que os discipulos se aproveitem e de que os mestres ponham os meios de se conseguir esse fim; respeitâmos muito a classe pedagogica, e compadecemo-nos muito da sua sorte já pelos pequenos interesses que tiram de um serviço tão relevante que fazem á sociedade, já porque calculâmos a grande somma de paciencia que é necessaria para (digâmo-lo assim) domesticar creanças indoceis, e fazer-lhe adquirir o habito, e o que é mola mais difficil, o gosto do estudo.

Nada diremos da instrucção superior, que está nas mãos da universidade de Coimbra, e de outros estabelecimentos, como a escóla medico-cirurgica, a escóla polytechnica, a aula do commercio, regidas por optimos lentes, e estatutos mui judiciosos, como prova o aproveitamento de tantos alumnos que d'ellas vemos sahir todos os annos; n'esta parte temos para nós, que pouco havemos que invejar ás nações mais polidas, graças ao governo que tanto se tem em todo o tempo desvelado por este ramo importante da felicidade nacional.

O mesmo quasi podemos dizer do ensino secundario, só quizeramos que o ensaio sobre o entendimento humano de Locke fosse lido na aula de phylosophia racional e moral; e que nas aulas de rhetorica houvesse todas as tardes analyse dos nossos melhores prosadores e poetas, e com especialidade de Sousa, Barros, Antonio Diniz, e Francisco Manoel, esta analyse feita por professores habeis seria quanto a nós muito proveitosa para os estudantes, que não só grangeariam o bom gosto da poesia e eloquencia patria, mas aprenderiam a estimar, e conhecer a pureza e a louçania do idioma nacional.

Tambem julgâmos de grande necessidade uma cadeira de historia, geographia, e antiguidades; porque mandar estudar estas disciplinas na aula de rhetorica como se fez haverá trinta annos nos parece tempo perdido, muito mais sem globos, sem mappas, e cartas geographicas, sem as quaes todo o estudo d'este genero se reduz a decorar nomes e datas.

O impulso que n'este seculo se tem dado ao estudo das linguas orientaes, e á litteratura da Asia nos parece tornar indispensaveis ao menos as cadeiras de arabe, e sanscrito; e nos seminarios ecclesiasticos nos parece indispensavel, se queremos ter bons theologos, que ninguem sáia sem o conhecimento do hebreu, do caldeu, do syriaco, e samaritano.

Não estamos porém tão satisfeitos com o actual methodo de instrucção primaria. Parece-nos que a primeira reforma que ahi deveria fazer-se, seria eleger um caracter de letra claro, elegante, e de facil execução, e que este se ensinasse em todas as aulas: n'este objecto reina nas aulas uma perfeita anarchia; em umas ensina-se a letra franceza, em outras a ingleza, em outras a hespanhola, de modo que cada individuo escreve de seu modo, e se as cousas assim continuam, d'aqui a dois seculos todo o conhecimento da paleographia não será bastante para decifrar os documentos de que se vão enchendo os cartorios.

Como estamos persuadidos de que a primeira base da instrucção publica é o conhecimento da lingua materna quizeramos que os manuaes encyclopedicos, os thesouros de meninos, e outras obras que hoje estão em moda, e que de certo não estão escriptas em estylo classico, fossem substituidas pelas cartas de Vieira, as obras de Francisco Rodrigues Lobo, e os nossos historiadores de estylo mais singelo como Castanheda, Francisco de Moraes, e Jacintho Freire de Andrade.

Parece-nos pouco conveniente que nas escólas de primeiras letras esteja ainda em uso a magra cartilha do padre Ignacio, com as estampinhas de *B Bésta*, e *Z pandeiro*: sendo indispensavel que algum parocho ou bispo se dê ao trabalho de compôr um tractado breve e claro da doutrina christã para uso dos principiantes, e accommodado á sua capacidade. Este trabalho será um grande serviço feito á igreja e ao estado.

Sem querermos depreciar a grammatica de Lobato, aconselhariamos para as aulas de ensino primario a do habil professor que foi de rethorica no collegio de Santarem, e socio da academia das sciencias, Pedro José de Figueiredo, por ser mais breve e mais clara, tendo nós por grave inconveniente o entregar a creanças para estudo um livro mais volumoso e mais complicado: aprendida a regra geral, o melhor modo de aprender a grammatica é com a analyse de bons escriptores feita de viva voz pelo professor.

Recommendamos muito aos mestres de primeiras letras que ensinem a seus discipulos a ler com pausa, regulando-se pela pontuação, sendo esta falta de cuidado nos mestres a causa de haver tão poucas pessoas que leam bem, e o homem que lê mal dá muito má idéa de sua educação.

Consta-nos finalmente que n'algumas aulas de primeiras letras se tem introduzido os castigos rigorosos que haviam sido banidos d'ellas pela civilisação, e as leis do marquez de Pombal. Com a venia dos dignos professores, que seguem differente methodo, e que felizmente formam a pluralidade d'esta respeitavel e utilissima corporação, lembraremos aos que assim se esquecem do tempo em que vivem, do progresso das luzes, e do respeito devido á humanidade, que similhantes rigores e castigos aviltantes não servem senão de os fazerem odiosos aos seus alumnos, fazendo-lhe aborrecer o estudo. As letras não entram com sangue, como diz o nosso proverbio; a doçura, a emulação, podem mais que palmatoadas dadas ás duzias, corrêas, e o que é mais açoutes!!! açoutes em homens livres!.... açoutes nas aulas em Portugal! em 1845!.... deixemos esse castigo infame, prejudicial ao pejo dos discipulos e á continencia dos mestres, aos jesuitas que o inventaram, e que só por isso deve ser detestado de todo aquelle em cujo peito palpita um coração portuguez. Se para as letras reviverem entre nós se julgou necessario banir das aulas os livros elementares, e os methodos de ensino d'esses solipsos inimigos da illustração dos povos, será justo que n'ellas resuscitem os seus castigos vergonhosos e a sua policia de escólas? Pensem-no bem os senhores encarregados da instrucção da infancia, e considerem que a sua nobre missão é de serem paes e protectores, e não verdugos dos seus discipulos. Tornâmos a repeti-lo, fallâmos de um erro de mui poucos, e esperâmos que o exemplo da pluralidade o faça em breve desapparecer.

CEMITERIO DOS INGLEZES NO RIO DE JANEIRO.

A presente gravura é copiada de uma serie de pequenas estampas que acompanham um calendario, ou como dizemos folhinha, do imperio. Herdeiros de nossos costumes, os brazileiros, sob a influencia da temperatura do seu clima, que os devia levar a melhor conselho, não deixaram de seguir a nociva pratica de enterrar os mortos nos recintos dos templos. — As precauções sanitarias, e considerações moraes deviam desterrar este abuso, adoptando-se os cemiterios em campo aberto; porém a mal entendida piedade instigada por interesses claustraes seguiu e conservou o máu costume. As providencias legislativas e o exemplo das nações cultas tem produzido na Europa ha poucos annos a reacção contraria. — Se precede a ceremonia que o culto religioso estabelece, e que a nossa fé deve abraçar, tão bento fica o recinto abobadado como o campo santo, que não póde ter melhor telhado que o firmamento, onde resplandecem as obras eternas de Deus: e se ha povos na terra que necessitem de adoptar o exemplo que o cemiterio dos inglezes lhes offerece, por certo é um d'elles o brazileiro, que tem de considerar as consequencias de um clima humido e quente. Parece que começou na Suissa a pratica de escolher terreno independente e descoberto para receber os finados; e é para notar que as nações do norte foram as que adoptaram primeiro este modo de enterramentos. Mais d'espaço trataremos em outro dia esta importante materia.



DOMESTICIDADE DOS ANIMAES.

O reino animal não nos apresenta classe alguma tão interessante á humanidade como a classe dos mamiferos. É n'esta classe que encontramos os animaes mais uteis e prestadios tanto ao homem social como ao selvagem — é nella que encontramos esses animaes que o homem tem associado aos seus trabalhos ruraes, ás suas lides guerreiras, ás suas viagens, e aos seus prazeres — esses animaes que lhe prestam a força que elle não tem, o vestido de que carece, grande parte das substancias que o nutrem, os adubos com que fertilisa a terra, e um grande numero de materias primas, que são o principal alimento de muitas artes industriaes. Com effeito é a esta classe que pertencem o boi, o camello, o elefante, o carneiro, o cão, e o cavallo, que são sem contradicção as mais bellas conquistas que o homem tem feito n'aquelle reino da natureza.

Se de repente roubassemos ao homem social estes grandes sustentaculos da sua força, estes poderosos agentes da sua riqueza, e melhor disseramos, estes *Cyreneus* da sua fraqueza, ve-lo-hiamos logo descahido do fastigio do seu poder para rojar uma mesquinha e laboriosa existencia no meio das miserias e dos trabalhos physicos da vida. O homem só é grande pela sua intelligencia — é fraca e debil a sua organisação; e se acaso, sem o aniquilar completamente, podessemos destruir a fabrica admiravel do seu cerebro, e estancar d'este modo os recursos portentosos da sua razão, ve-lo-hiamos reduzido a uma deploravel dependencia, e á mais despresivel nullidade. É na faculdade de generalisar as idéas simplices, no dom de as poder transmittir, e na grande mobilidade das suas mãos, que se encerra todo o segredo da sua força.

A sua dominação sobre os animaes domesticos estendeu immensamente o circulo do seu poder e das suas commodidades.

O pensamento, concebido pelo homem, no primeiro estado social, de reduzir á domesticidade animaes valentes pela sua força, e temiveis pela sua fereza — de os trazer do centro das selvas para as nossas cidades — de os tornar mansos e obedientes á sua voz, reconhecidos e gratos aos seus beneficios, foi um pensamento grande e civilisador, que honra e acredita a sua coragem.

O instincto d'estes seres e de todos os que temos domesticado, leva-os naturalmente a fugir de tudo o que lhes inspira desconfiança, ou a accommetter furiosamente tudo o que suppõem ser-lhes hostil. Ora como todos os animaes consideram o homem como o seu maior e mais terrivel inimigo, elles deviam necessariamente ou evita-lo, ou accommette-lo sempre que d'elles se approximasse; e não era certamente por meio da força e da violencia que podiam ser destruidos aquelles sentimentos naturaes de desconfiança ou de hostilidade. Para domesticar por tanto os animaes era necessario empregar o atractivo do prazer — os beneficios eram a unica cadêa com que podiam manietar-se seres tão suspicazes e independentes: e para reduzi-los á obediencia era preciso começar por destruir todo o sentimento de temor, e acabar por inspirar-lhes um profundo sentimento de gratidão. Só assim deixariam de fugir-nos quando livres — ou deixariam de odiar-nos quando captivos.

Satisfazer as suas necessidades era um dos primeiros e mais poderosos meios a empregar. Todos os animaes se affeiçoam áquelles que lhe subministram alimentos ou lhe fazem caricias. Não teve nem podia ter outra origem a affeição filial que seus paes lhe inspiraram.

O habito de receber o seu nutrimento da mão do homem devia começar por familiarisa-los com elle, e terminar por lhes tornar agradavel a sua presença. A fome não podia deixar de ser uma das mais poderosas alavancas para reduzir ao captiveiro seres em quem a paixão instinctiva da liberdade e da independencia actua com a mais poderosa intensidade. A fome extenua as forças physicas, e leva-nos a reconhecer a nossa fraqueza e dependencia; a mão que offerecer meios de applacar e destruir a insuportavel sensação da fome não póde deixar de ser cara áquelles que a experimentam; e como o beneficio se mede sempre pela violencia da necessidade ou da dor que nos atormenta, o reconhecimento será tanto maior quanto mais pungente e imperiosa tiver sido a percisão dos alimentos.

Tambem se observardes os animaes no acto de lhes prestardes este beneficio, vereis como vos manifestam com a mais viva expressão o seu agradecimento, dando-vos claras demonstrações dos sentimentos affectuosos de que estão penetrados.

Se á influencia da fome se ajunctar ainda a de uma boa escolha de alimentos, e principalmente a de alimentos que a natureza lhes não póde offerecer, por tal modo lisongearemos o gosto dos animaes que não só os tornaremos por extremo doceis e agradecidos, mas sobre modo attentos e obedientes ás nossas menores indicações e vontades.

É satisfazendo principalmente a sua golodice, e offerecendo-lhes substancias assucaradas, que conseguimos adestrar os cavallos n'esses extraordinarios exercicios, que nos *circos* excitam a admiração de todos os espectadores.

A vigilia forçada é ainda um outro meio para domar a fereza dos animaes que queremos domesticar: a acção porém d'este meio alquebra por tal modo as forças, fatiga por tal arte a excitabilidade nervosa, que só nos casos extremos deve ser empregada.

As caricias e os afagos são tambem um grande recurso de alliciação para quasi todos os animaes. O elefante, o boi, o cão, e o cavallo, são sobre maneira sensiveis a este genero de demonstrações affectuosas. O cão prefere as festas de seu amo ás mais saborosas iguarias. Este escravo do homem dá-lhe a cada momento provas de uma lealdade inexcedivel, e d'essa singular dedicação que póde servir de modêlo á especie a que pertencemos.

O cavallo, este animal nobre e generoso, recebe com singular reconhecimento as caricias de seu dono. Como que o enchem de orgulho estas caricias! Os seus brios recrescem com ellas! Excitado por tractos e expressões affectuosas este bello e pundonoroso bruto morre para não desobedecer á voz do seu cavalleiro, que é a alma do seu corpo, e o senhor da sua vontade — e se fôr necessario arranca-lo do meio de algum grande e eminente perigo hade primeiro rebentar na rapidez de uma longa carreira do que deixa-lo nas mãos dos seus inimigos.

Uma vez alcançada a confiança dos animaes, e o seu reconhecimento para com o homem — uma vez habituados á vida domestica e familiar, já se podem então empregar as correcções, com tanto que sejam moderadas e justas. As correcções quando justas e moderadas não são mal recebidas dos animaes, mas se são immerecidas provocam contra quem as emprega um sentimento de odio quasi inextinguivel. Dir-se-hia que até no coração dos brutos existe esse innato sentimento de justiça, influido pelo sopro do Creador no acto de animar a mais perfeita das suas creaturas!

É por estes meios, e pela influencia poderosa do habito, que chegâmos a domar um grande numero de animaes: mas d'este estado de sugeição individual ao estado de domesticidade completa ha ainda uma grande distancia. No primeiro caso só foram vencidos os habitos e as tendencias instinctivas; no segundo já se obtiveram, por meio de gerações successivas, certas transformações organicas; e já muitos orgãos adquiriram á custa de outros uma mais elevada structura. As raças vão experimentando debaixo do imperio da domesticidade (para a qual as predispõe poderosamente o instincto de sociabilidade) constantes, posto que lentas modificações. Um grande numero de influencias perturbadoras as vão successivamente affastando dos seus typos naturaes. Os cruzamentos das variedades da mesma especie são um dos principaes modificadores do typo especifico. É dahi, e de uma boa educação physica, que principalmente deriva o aperfeiçoamento e a belleza dos nossos animaes domesticos e a espantosa e sempre progressiva variedade das raças.

G.

DO DESTINO DAS CIDADES.

CONSTANTINOPOLA, ALEXANDRIA, VENEZA E CORINTHO.

As cidades tem tambem o seu destino; a maior parte d'ellas nascem, vivem, e acabam ao mesmo tempo que os povos que as fundaram. Algumas ha porém que parece tem uma vida propria, isto é, que existem por si mesmas, independentes da duração das nações que as formaram; porque sobrevivendo a esses imperios que ahi se estabeleceram servem successivamente de habitação a povos os mais differentes. D'onde lhes vem este privilegio?.... É curioso e interessante indagar o como ellas o possuem, e o como algumas vezes o perdem.

As cidades que dependem do destino dos imperios são aquellas que em sua situação ou localidade nada se observa que as faça viver, ou as sustente; aquellas para a existencia das quaes só e unicamente concorren a mão do homem, sem a ajuda das proporções da natureza. N'este numero podemos contar na antiguidade Babylonia, Ninive, e Persepolis. Em quanto floreceram os assyrios, e os persas, estas cidades gosaram de grande poder; mas apenas elles cahiram, as suas capitaes ao mesmo tempo desappareceram; porque o logar em que foram edificadas não era um d'esses que pela natureza parece designado e escolhido para a fundação de uma cidade. Londres, Paris, Vienna, e S. Petersburgo, que hoje existem, são d'este genero. Viverão estas grandes capitaes só em quanto existiram os imperios de que ellas são o centro: o destino d'ellas dependeu só d'essas nações. Desappareça do mundo a França, como tem desapparecido tantos outros estados, e já não haverá motivo para que París seja uma famosa cidade, uma vez que ella se não torne tal qual Jerusalem, e Roma, uma cidade religiosa; n'este caso ella existirá, porque a religião faz viver as cidades, independentemente da sua localidade.

Examinemos na carta geographica a posição que occupa Paris, e conheceremos que não é uma d'essas que servem necessariamente de passagem ou de encontro ao commercio dos climas oppostos, nem uma das derrotas, ou caminhos naturaes do mundo. Notaremos mais que Paris não está mesmo no centro da França; é uma capital que podia existir, para assim dizer, aqui ou alli por casualidade. A antiga Lutecia de certo não previu seu destino para capital, como é hoje, d'um poderoso imperio: não porque o acaso que fez de París o centro politico da França não tenha elle mesmo suas causas na historia, e nem mesmo porque a sua posição não tenha seus effeitos politicos. Sabemos como París se tornou gradualmente a capital da França; sabemos tambem como sendo esta capital visinha das fronteiras do norte, isto tenha concorrido para que sempre tenha sido d'este lado que os francezes sustentem as maiores guerras, esforçando-se igualmente em mais se estenderem d'esta parte. Póde dizer-se mais que muito tem contribuido para a França ser um grande imperio o achar-se a sua capital situada proximo das fronteiras do norte. Lancemos a vista sobre a configuração da França, e veremos os seus limites bem defendidos, ao oeste pelo mar, ao sul pelos Pirineos, e a léste pelos Alpes e o Jura, mas ao norte não existem barreiras; a França está aberta, nenhum obstaculo natural, apenas alguns pequenos rios. Pelo norte a França podia ser limitada pelo Sena assim como pelo Pise, por este assim como pelo Somme; mas supponhamos por um momento que a capital não é proxima da fronteira, mas em Orleans ou em Tours, é provavel então que a França teria recuado até ás margens do Sena, ou do Loire. Pelo contrario succede que sendo París o centro do governo, é do lado mais aberto que ha a maior vigilancia. D'esta parte o maior perigo, é para lá que se fazem os maiores exforços, e as conquistas. Não é de certo um mal para uma nação ter a sua capital perto dos seus inimigos, e ser mais forte no ponto mais ameaçado. Não é um mal, dizemos, em quanto um povo conserva a sua força e energia; pois que aquella mesma circumstancia tem a vantagem de o conservar em exercicio, e de entreter o espirito militar e nacional. A visinhança do inimigo só é um mal para um povo fraco, e corrompido; porque quando fallecem as forças para bater o inimigo, evidentemente o melhor é estar longe d'elle.

O que se diz de París póde dizer-se de Londres, Vienna, e S. Petersburgo: a natureza não designou d'antemão estes logares para a existencia de grandes capitaes; os homens as podiam formar aqui ou acolá: a capital da Austria podia ser em Linz, ou em Presburgo, mais acima, ou mais abaixo do Danubio. A capital da Inglaterra podia ser em Plymouth em logar de ser em Londres. Nisto nada encontramos de *necessario*. Porém estas capitaes existindo aonde existem, tem isto sido de importantes consequencias para a Austria, para a Inglaterra, e para a Russia. Com effeito, a capital da Russia transferida de Moscou para S. Petersburgo, tornou este imperio uma potencia europea em logar de a deixar meio europea, meio asiatica; e, graças a esta consideração devida ao vasto genio de Pedro o grande, a Russia conquista o Oriente, e domina a Europa, e apoiando-se n'esta invade a Asia.

É pois curioso estudar a historia das cidades que devem a sua existencia só aos homens; mas mais curioso é observar o destino d'aquellas que devem a sua fortuna á natureza mesma dos seus locaes. Estas tem um caracter como inteiramente separado, e particular, creadas pela mesma natureza, para assim dizer, pertencem á geographia physica mais do que á historia, porque em todos os tempos ellas se encontram no seu logar, como os estreitos e isthmos sobre que são fundadas ordinariamente. A sua fortuna não depende d'aquella dos imperios que n'ellas vão estabelecer-se. Servem alternativamente de capitaes a povos diversos; e seus conquistadores, barbaros ou civilisados, nem as destroem, nem as abandonam; conhecem que taes cidades são grande fonte de riqueza e poder, e d'ellas se aproveitam. D'esta sorte, ao abrigo da destruição, parece que durarão vida eterna; mesmo não tendo nacionalidade, sem historia que lhes seja propria, e parecendo como formadas para servir de vivenda ás diversas nações que por turno n'ellas vão alojar-se.

O que convem notar, quando se estuda o destino d'essas cidades, que bem podem chamar-se *necessarias* e *naturaes*, é que a sua duração é maior ou menor segundo é maior ou menor a propriedade do seu local. Algumas palavras explicarão o que isto quer dizer. A força e o poder d'estas cidades nasce do local que ellas occupam; mas umas vezes este local não dá á cidade todas as vantagens, que encerra em si; outras vezes a cidade não acha logo n'este local de predilecção aquelle que melhor lhe convem; outras vezes ainda, e segundo os tempos, elle se torna mais ou menos prospero; e tambem póde succeder a perda de fortuna para a cidade, perdendo-a igualmente o local em consequencia de mudanças que se façam na navegação e no commercio. Constantinopola, Alexandria, Veneza, e Corintho, podem servir de exemplos a estas reflexões. Vejamos se comparando os destinos d'estas quatro cidades, conseguimos formar uma idéa exacta do que devemos chamar uma cidade *natural e necessaria*.

Não se pertende dizer com isto que o homem em nada se veja ligado ao destino d'estas cidades, ao contrario concorre muito para isso; pois é elle que examina e escolhe o local. Nem todos porém gosam do mesmo golpe de vista perspicaz; nem todos comprehendem as tacitas advertencias da natureza. Seja a prova os balcedonios que tiveram diante de si o porto de Bysancio, a famosa ponta de oiro, e que não comprehenderam que era esse o logar predestinado para uma grande cidade.

(Continúa).

USOS FUNERAES DOS TUPINAMBAS.

Quando morre algum d'elles, é levado a enterrar na mesma rêde em que dormia; para o que abrem com ridiculas ceremonias uma cova no campo. No acompanhamento do cadaver, é extremado o choro e carpideira de mulher, e dos filhos; porém na morte da mulher não é costume chorar o marido. A viuva do tupinamba é obrigada a casar com o irmão do defunto, que é seu cunhado; faltando este, passa de parente ao parente mais chegado: as filhas se casam com os tios, por ordem de idade. Se o morto é o maioral da aldêa (chefe entre elles), lhe ungem com mel todo o corpo, que empenam, e adornam muito: depois fazem na mesma casa em que vivia uma profunda cova, aonde armam a sua rêde, que rodeam de armas, e de comestiveis; accendem fogo, para que as iguarias se possam aquentar; collocam alli todos os instrumentos da diversão do defunto, e depois de varias ceremonias, e da relação da sua vida, entulham a cova. Sobre esta sepultura arma sua rêde a primeira mulher, para alli viver. Quando morre algum filho do maioral, praticam o mesmo ceremonial que a respeito do pae: se é pequeno, curvam-lhe todo o corpo, e bem ligado o introduzem em um vaso novo, e enterram na mesma cova.

O luto das viuvas tupinambas consiste em cortarem o cabello, e tingir todo o corpo com tinta de genipapo, que as torna mui pretas. Passado o tempo do luto, ha grandes festins, e apparece a viuva lavada, e enfeitada como se fosse casar.

ENIGMAS PITTORESCOS.

EXPLICAÇÃO DO ENIGMA DA FOLHA ANTECEDENTE.

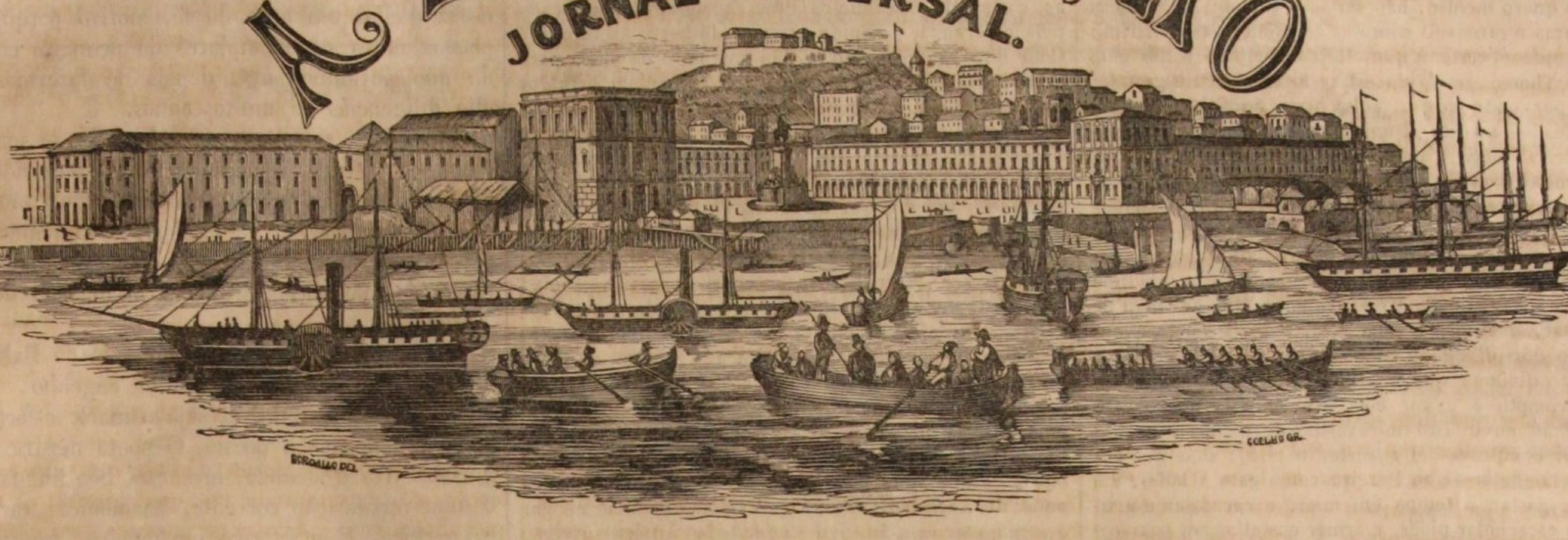
A vida sem amor é sonho, é nada.



☞ *Os Srs. assignantes que subscreveram até o 9.º n.º d'este Jornal, e que pertendem continuar, queiram renovar a assignatura no decurso do presente mez, para não soffrerem interrupção na entrega das folhas.*

A ILLUSTRAÇÃO

JORNAL UNIVERSAL.



Cada anno da publicação d'este jornal será dividido em 12 n.os mensaes, distribuidos porem ás folhas semanalmente.
ASSIGNATURA: Um anno, 1$440 r.s — Semestre, 720 r.s — Trimestre, 360 r.s — Folha avulsa 30 r.s

N.º 10 — VOL. I — JANEIRO, 1846.

ESCRIPTORIO, RUA DA PRATA N.º 7 — 1.º ANDAR.

As assignaturas só se recebem no Escriptorio da ILLUSTRAÇÃO. A correspondencia — *franca* — aos Directores da ILLUSTRAÇÃO. Vende-se: r. Augusta, n.º 1 — do Oiro, 113 — do Arsenal, 30 — Larga de S. Roque, 24 — da Esperança, 150 — e em Alcantara.

SUMMARIO.

TYPOS PORTUGUEZES.

O GALLEGO.

III.

VIDA, DICTOS E FEITOS DE LAZARO THOMÉ.

Valha sem titulo ex causa. Capitulo 2. *

LAZARO Thomé estava na sua terra: é por onde póde começar a historia, ha tanto tempo promettida, d'este ente de origem não menos mysteriosa que a das duas creaturinhas acocoradas a namorarem-se no estreito de Behring, com que o immortal Sue abre as scenas da sua profunda novella, destinada a chacinar essa maldita relé dos padrecas, symbolisada por aquelle santo varão nos antropophagos dos jesuitas.

A terra do meu Lazaro era uma terra como todas as outras terras á direita e ás direitas. Ao chegar ahi, via-se uma igreja, um campanario, um adro com dois sobreiros, um cruzeiro, uma rua comprida de casas terreas, mulheres á porta fiando na roca, a familia suina fossando nos atoleiros, gatos estirados ao sol, cães em postura de sphynges, rosnando e escalpelando com os colmilhos algum osso esburgado, cabras incarapitadas no espigão das choupanas colmadas, demonstrando a conveniencia das gramineas para prados artificiaes, rapazes nus a engatinharem e a berrarem por entre os pés dos viandantes, gallos a jogarem as cristas, uma cruz negra sobre um morouço de pedras ao cabo da aldêa em memoria d'um assassinio: em fim todos os caracteres da civilisação brilhante de uma remota aldêa das provincias septentrionaes.

Lazaro Thomé engatinhara, berrara, víra as mulheres fiarem, os cães estudarem osteologia, as cabras demonstrarem theoremas agricolas, os gatos estirarem-se ao sol, os porcos espojarem-se no atoleiro; n'uma palavra conhecia praticamente o mundo e as cousas. Chegado aos quinze annos, época da sua vida em que esta historia começa, era um profundo observador da natureza: era um prodigio! Miava, uivava, barregava, grunhia que nem o mais pintado. Jogar as cristas com os outros rapazes? — Não fallemos n'isso!

A sua vocação era incontestavelmente a de prestigiador, saltimbanco, palhasso. — Por mal de peccados o cura do logar era seu tio, e em vez de o mandar formar a París no circo de Franconi, poz-se a ensinar-lhe latim.

Hoje é moda ralhar do latim facilitado e aconselhado ao povo. Perfeita semrazão. — Eu não conheço nada igual ao latim entre todas as instituições destinadas a minorar a larga herança de trabalho e miseria, que a admiravel indole das sociedades modernas lega de geração em geração ao povo miudo. Não podem, não sabem, nem querem os politicos, economistas, e alvitristas remediar o mal: mas lá está o latim para o suavisar, e para diminuir o numero dos infelizes. O ganhapão, que tem tanto direito a amar seus filhos, como o duque ou o agiota, como o marquez ou o accionista, como o conde ou o portador de bonds, como o barão ou o usurario sobre penhores, achando ao pé da porta a loja do pedante, que estafa afincadamente o bello idioma de Cicero e de Virgilio, deixa um dia de comer a açorda, e vae comprar ao cégo dos reportorios, livreiro ambulante das aldêas, uma arte sebenta do Pereira, e atira o seu rapaz, com ella debaixo do braço, para o sanctuario da *Hora, Horae.* Depois é entrega-lo a si. Passam tres, passam quatro, passam seis annos. Durante elles a miseria redobrou, triplicou lá na choupana do ganhapão. Falhou muitas vezes a açorda: tiritou de frio e fome a familia, coberta, ou antes descoberta de farrapos: vendeu-se, até, um conchouso ou cercado que creava o *caldo (scilicet* couve gallega) para os almoços nas manhãs de janeiro, e o *binho berde (sciliet* vinagre de sete ladrões) para refrescar a garganta nos calores estivos. Foi-se tudo para as despezas do estudante; mas ficou um grammatico, um rhetorico, um homem de corpo direito, que será o amparo da velhice paterna. Mas como? — Conventos? *volaverunt, gramantiatique fuerunt:* frade não hade elle ser. Clerigo? — Isso, mais vale ir botar-se a affogar. Um sacrista do Senhor de Matosinhos, ou da Senhora do Cabo tinha d'antes no farèlo mais do que dez bispos d'hoje na farinha; e ainda esses restos da cainçalha sacerdotal hãode ser espatifados pela escóla do immortal Sue. Não, que ella jurou-lhe pela pelle, por causa d'aquelle maldito Rodin, diabo incarnado, que tem feito eriçar o cabello á congregação virtudenta ou virtudeira dos rebatedores e vendilhões de bilhetes da santa casa. Empregado publico? — Justamente. Marcha para Lisboa, filho do ganhapão! Tu podias, porque és robusto e agil, sustentar teus paes na decrepidez, com o suor do rosto, arrotear um pedaço de mato para augmentar o eido familiar, sem que teus irmãos tivessem passado tantas más noites, tantos máus dias, para tu vires a ficar um tolo erudito; podias arar e cavar com alma, ser mais abastado que os teus progenitores; mas havias de curtir os frios e as saraivadas do inverno, tisnares-te ao sol da canicula, comer o pão duro e negro, untado na sardinha espalmada d'Aveiro, ou no bacalhau fetido da Terra-nova: havias de padecer e callar-te! — Nada! Monta na tua selecta latina, filho do ganhapão, e marcha para Lisboa, levando na algibeira o preço do contador e do bofete, herdados de avós a netos na tua obscura ascendencia desde o tempo de D. Sebastião, e vendidos a algum inglez piegas para se te arranjar o fardel. Chega á côrte: requer, faze memoriaes, firma-te no teu latim; estuda o Paul de Kock e o Eugenio Sue; nunca tires o chapéu ao Santissimo; arrosta com o perigo de dizer mal dos frades, mudos debaixo da campa do monachismo, e dos padres, que silenciosos só te responderão com uma lagrima furtiva. Se o inglez piegas pagou com mão larga o contador e o bofete, frequenta os botequins, o theatro, as casas d'educação; faze arte, magnetisa, ralha do governo que achares, e sobretudo sê inexoravel nos capitulos do orçamento, da instrucção e da moral publica; mas calcula sempre pelo seguro o tempo que poderá aguentar-se o gabinete contra o vaivem do teu patriotismo. Se o inglez foi apertado dos nós, e o fardel chegou tysico, e o ministerio tem vitalidade, o que logo se conhece pelo cheiro, põe-te ao serviço da policia; delata, mette empenhos, não largues os ministros de dôr d'ilharga; allega os teus serviços, a tua probidade, a tua sciencia; mostra-lhes as tuas attestações de latim e eloquencia; que elles as vejam como a inscripção de Balthasar irrecusavel e fatal; que as vejam de dia e de noite, ao sol e ao luar, no oriente e no occidente. Se os logares estão cheios, que os vasem; se as repartições estão atulhadas, que as façam macissas; se não ha cargo para te dar, que o engenhem. Amigo da ordem ou da não-ordem; debaixo ou de cima, o teu titulo é sagrado; não deves perder o teu latim.

Supponhamos, porém, que foram injustos com o nosso estudante; e que nem os que eram, nem os que queriam ser governo lhe deram nem prometteram nada. Ainda o latim continua a exercer sobre elle o seu influxo bemfazejo. Volta aos lares domesticos a comer o pão do trabalho. Mas de qual trabalho? Do de seus irmãos illiteratos, do de seu velho pae illiteratissimo. As mãos delicadas do doutor da aldêa ensanguentar-se — iam na rabiça do arado, ou no cabo da enchada: a sua fronte altiva não deve curvar-se para a terra. É máu o passadio; dura a enxerga; mas ainda assim, aquelle é o melhor da casa; esta a mais fofa. O prestigio do latim acompanha-lo-ha como um anjo tutelar até o leito da morte. Ao lado do conchouso lá está o mato virgem, que elle podéra ter desbravado. Mas isso, que parece um mal, é um bem. Que seria hoje essa courella? um milharal? — um batatal? Olhem que perda! — Onde está a fragancia do milho? Onde a poesia das batatas? Reclinado entre o rosmaninho e o alecrim; no meio de effluvios voluptuosos, elle esquecerá a triste existencia do homem do povo para ler ou soletrar na sua antiga selecta os trechos harmoniosos de Ovidio e de Virgilio.

Eis como a latinidade, sem pau nem pedra, sem associações nem sermões, sem sansimonianismo nem phalansterianismo, minora a miseria popular, senão em intensidade, ao menos em extensão. A troco de algumas duzias de palmatoadas, um pariá da Europa passou na terra, e nunca soube quaes são as duras condições d'existencia que a sociedade impõe aos da

* Vid. pag. 10.

sua casta. E não se diga que foi um animal inutil. Pelo contrario. Alumiou a opinião publica, ou serviu policialmente a tranquillidade do paiz: ajudou a metter a arte no são; e sobre tudo repellindo a tyrannia dos padrécas, poz as uvas em pisa áquelles cães dos jesuitas.

Não quero mentir: não sei se o tio cura tinha idéas tão claras e razoaveis sobre as conveniencias do latim; mas o que é certo é que elle começou ás voltas com Lazaro Thomé, resolvido a faze-lo um homem grande, désse por onde désse. Volta para aqui; volta para alli. Zás! — no fim d'um anno Lazaro tinha as declinações sabidas, e apenas confundia ás vezes os casos da primeira com os da quarta, e os da segunda com os da terceira, ou, o que era muito raro, os nominativos com os ablativos. Emfim pelo que respeita aos nomes substantivos já podia redigir qualquer documento latino com tanta pureza como um tabellião da Maia no seculo XII. O padre cura, que era mau de contentar, desadorava com isto, e dizia-lhe frequentemente que d'aquelle modo nunca havia de dar bom burro ao dizimo; que queria faze-lo gente, e que estava prompto a gastar com elle os cabellos (Lazaro Thomé ao ouvir isto mirava-lhe de socapa a cabeça deserta, e custava-lhe a suster o riso); mas que era necessario botar-se ao Pereira como gato a bofes, em vez de gastar o tempo em miar, e cacarejar e grunhir, e escacholar piões, e armar costellas aos passaros com os outros garotos, para acabar jogando as punhadas com elles; e que no seu tempo não eram assim os rapazes; e que os moços obedeciam aos velhos e tinham temor de Deus. E por aqui ia enfiando um sermão, que Lazaro Thomé ouvia de orelha baixa e sem pestanejar. Mas apenas o cura voltava costas, e elle o via montar na burra e partir caminho de umas bouças que tinha ao cabo da aldêa, para regar os milhos, ou para os recolher e po-los nos caniços, ou para podar as videiras d'embarrado pelas carvalheiras e castanheiros, ou em fim para outro qualquer trabalho em que estava seguro delle, Lazaro atirava com o Pereira para ao pé de uma imagem de Santo Ignacio de Loyola, a que seu tio consagrava grande veneração (chamava-se padre Ignacio, e desconfio por isto que era jesuita disfarçado) e começava os seus exercicios gymnasticos saltando ás paredes a apanhar moscas, fazendo-se cambado das pernas, e passeando pela casa com o barrete do padre Ignacio enterrado na cabeça até os olhos, chegando depois á janella e deitando gravemente a benção á rapaziada que jogava a conca no adro, e que apenas o lobrigava punha-se a gritar em chusma:

Oh Lazero, oh diabo! Psxiu! Salta cá p'ra baixo. Anda! Tê tio tá na réga. — Nan vem estas duas horas. Anda, diabo, salta d'ahi.

E Lazaro Thomé, obediente como um borrego, atirava pelos ares o barrete, que mais de uma vez foi encaixar-se na cabeça de Santo Ignacio, e galgando a escada da residencia n'um pulo, mergulhava naquelle pelago de rapazio como a náu lançada do estaleiro attufa o bojo possante nas aguas que redemoinham e fervem em volta d'ella. Faziam todos praça, e Lazaro começava as suas buffonerias, que ordinariamente se pagavam no fim por contribuições voluntarias dos espectadores em castanhas, pinhões, ou fructa meia verde, furtada ás vezes no proprio cercado do passal, mas que sabia muito melhor a Lazaro, vinda da mão do rapinante, do que se espontaneamente seu tio lh'a désse bem sazonada. Signal evidente de genio superior, ao qual repugna o chegar aos fins por meios faceis e suaves, e que só acha deleite em obter o que ambiciona á custa de trabalhos e riscos.

Riscos; oh se os corria! — e grandes. — Não foi só uma a tarde aziaga em que succedeu, quando mais accesas lhe agitavam os membros as inspirações de saltimbanco; quando as risadas corriam mais destemperadas, parar subito aquelle ruido n'um silencio de terror ao silvo de chibatada dirigida com alma pelo padre Ignacio, que voltando da bouça ao cair do sol se approximara do grupo sem ser pressentido. Ao silvo da longa videira, ou do reforçado ladrão de marmeleiro, e ao grito doloroso de Lazaro Thomé, chamado assim do mundo ideal á triste realidade da vida, era um verdadeiro desbarato de Alcacer-quibir. Pés para que vos quero: fugia tudo; e o pobre gracioso achava-se nas unhas do Molei-Ahmed de seu tio, que sem piedade o conduzia captivo ao presbyterio, e, barbaro vencedor, ia servindo o vencido de cachações e pontapés contra todo o direito das gentes. A idéa fixa de fazer do sobrinho um grave ecclesiastico tornava o bondoso padre Ignacio n'uma especie de Genghis-Kan; tanto que se o sacristão n'aquella conjunctura viesse implorar misericordia para com a misera victima, elle responderia, como o conquistador tartaro aos seus generaes, que lhe pediam a vida de cem mil prisioneiros, com aquelle *não!* sublime de atrocidade, de que resam historias não menos verdadeiras que esta.

Ai, quão bellos correm os dias da juventude ainda quando o rastão de cepa valente, ou a galocha de marmeleiro de tres annos assignalam de vez em quando com palpitantes e contundentes impressões de viagem, as costas do caminheiro que enceton, deslumbrado pela esperança, a rapida carreira do berço ao tumulo! Com que saudoso enleio não volvemos os olhos para essa época da vida, embora lhe embaciem o fulgor os phantasmas carrancudos do novo methodo, do pedante e semsabor Quintiliano, do santo homem de Genovesi, esquecido em todo o mundo, e immortalisado n'esta philosophica terra de Portugal! Lazaro Thomé foi um dos que mais vezes na sua tão desaventurada e trabalhosa vida se devia lembrar dos annos juvenis. Apesar do Pereira e do Eutropio, além dos quaes o seu espirito recusou constantemente galgar; não obstante as coleras do tio, que se dava a perros vendo a indole anti-latina de seu sobrinho, Lazaro achou-se homem feito, e collocado n'uma situação critica. A lucta travada entre elle e o padre Ignacio, em que o pobre rapaz oppunha ao seu destino clerical uma inercia incommensuravel, e uma tendencia palhassa invencivel, tinha-se convertido em um duello de morte. Cada anno o marmelleiro, cortado na bouça pelo cura, era mais grosso: se Lazaro podesse chegar a arremetter com Juvenal ou Tacito, era quasi successo infallivel ficar o vergel sem uma arvore. A morte, porém, como tantas vezes acontece, deu outro rumo ao desfecho do drama. Um dia que o padre Ignacio ceára tarde e muito, e dormira mal, indo pela manhã tomar a lição a Lazaro, este a primeira cousa que fez foi atirar-lhe tres syllabadas atrozes nas tres palavras por onde começou a leitura; tres syllabadas capazes d'estourar um boi, quanto mais o cura, velho e gordo. Embaçou. A fronte tingiu-se-lhe de roxo-terra, os olhos injectaram-se-lhe de sangue, a voz espalmou-se-lhe nas fauces; torceu a bocca, escumou, e cahiu. O rapaz, vendo isto, deu um grito, e atirou comsigo pela janella fóra, provando bem n'aquelle acto irreflexivo que a natureza o impellia invencivelmente para a gymnastica. Por felicidade sua sahia de casa para o rio n'aquelle momento a ama do cura com um enorme cargo de roupa á cabeça. Foi um d'esses embates entre um cometa e a terra, com que nos andam ha tanto tempo a ameaçar os astronomos. Lazaro Thomé que justamente chegava então pelo ar, levou o cargo debaixo de si: em quanto a ama cahia de bruços bradando: «Senhor Deus, misericordia! — Tinha o pescoço torcido. Entretanto o bolantim escorregára pela periferia da grande trouxa, e sem olhar para traz, deitára a correr. Chegou n'um santiamen á loja de mestre Serafim: contou-lhe o caso; e passado um credo o barbeiro, que cumulava tambem o cargo de facultativo, estava ao pé da poltrona do cura moribundo. Tomou o pulso ao enfermo, cofiando a barba com a mão esquerda, e com os olhos cravados n'uma teia-d'aranha que bamboleava no tecto com a viração da manhã. Franziu a testa, bufou lentamente, sacou d'algibeira uma lanceta, e murmurou em tom solemne:

É uma perplecia!..»

Mas o santo do cura estava curado, e a sangria tornou-se inutil. Antes que chegassem as ataduras, o padre Ignacio dera o ultimo suspiro.

A. HERCULANO.

OS EPICOS BRAZILEIROS.

Com este titulo acaba o Sr. Varnhagen de publicar em um elegante tomo, nitidamente impresso na officina nacional, uma nova edição do Uraguay de José Basilio da Gama, e do Caramurú do padre Frey José de Santa Rita Durão ajuntando-lhe algumas notas, e uma pequena biographia d'aquelles dois poetas brazileiros.

O primeiro d'estes poemas é um quadro mui vivo da rebellião dos jesuitas no novo mundo, das suas intrigas, e usurpações, e da guerra aberta que fizeram a Portugal e Hespanha, com indios regimentados e disciplinados por elles. A poesia é sempre graciosa e verdadeiramente americana os seus quadros, e a versificação inda que ás vezes desleixada é quasi sempre harmoniosa e pictoresca. Pena é que o auctor não concebesse o seu plano em maior escala como o merecia a importancia do assumpto.

O Uraguay chegou a ser a obra mais rara da nossa litteratura moderna, porque o auctor no fim de seus dias lembrando-se de que havia sido jesuita, começou a sentir escrupulos de consciencia por haver assim desacreditado a seus antigos socios, e para supprimir a sua obra comprou todos os exemplares que poude achar de venda, e fez d'elles um auto de fé, motivo porque tão poucos eram os exemplares da primeira edição, de que possuimos um, depois de fazermos por elle diligencias de muitos annos.

Em 1822, se bem nos lembra, fez-se segunda edição no Brazil, e é essa a mais conhecida dos apaixonados das musas lusitanas, mas tambem difficultosa de achar na Europa, e com mâu papel, e excessivamente cara; sendo esta mais uma razão de muito louvarmos a publicação do Sr. Varnhagen.

O Caramurú, ou o descobrimento da Bahia, é obra de um homem de muito engenho, e de muita erudição, e talvez seja o maior esforço do genio brazileiro em poesia. O poeta mostra imaginação viva e fecunda, invenção, boa linguagem, e uma versificação corrente, harmonica, variada, e energica. É mais rico em quadros americanos do que José Basilio, mas tem menos tacto do que elle para os escolher, porque tinha menos bom gosto do que elle. O maior defeito d'este poema são os episodios fradescos, a pintura de alguns costumes sordidos, a demasiada particularisação de objectos triviaes, como póde vêr-se d'aquella ridicula estança, em que referindo a fecundidade dos mares do Brazil, depois de nomear muitos outros peixes conclue dizendo que tambem tem em abundancia

As tainhas,
Carapáos, caranguejos, e sardinhas!

e finalmente o abuso que faz dos seus conhecimentos theologicos, fazendo que até os indios no meio da sua barbarez dissertem larga e subtilmente em materias religiosas como o poderiam fazer os lentes de prima de Alcalá, ou de Sorbona; mas estes defeitos não tiram o grande merecimento poetico d'esta composição verdadeiramente original.

O auctor no seu prologo se desculpa da estranheza dos nomes de alguns dos seus heroes, dizendo que os nomes dos allemães e dos inglezes não são menos barbaros. Confessâmos que a este respeito não podemos conformar-nos com a sua opinião. Os nomes brazileiros abundam de vogaes, fazem parte de uma lingua harmoniosa e doce, não são portanto barbaros, mas são ridiculos, circumstancia que senão dá nos nomes allemães e inglezes de consoantes, difficeis de pronunciar, barbaros portanto mas que tem a vantagem de não fazerem rir, como nos acontece quando lêmos vocabulos como *Paraguaçú*, *Caeté*, *Imboaba*, *Jacarandá*, e outros de igual jaez.

Seja-nos pois permittido de em nome dos amadores da poesia portugueza, darmos publicos agradecimentos ao Sr. Varnhagen pela publicação, que emprehendeu, de duas obras de merito, e já tão difficeis de encontrar; pena é que não desempenhe bem o titulo, pois lhe falta o *Desertor* poema heroe-comico do doutor Alvarenga, pois o poema heroe-comico tambem pertence á classe da epopeia.

É tamanha a inercia e incuria dos livreiros e impressores entre nós, que as novas edições dos nossos bons auctores, se devem pela maior parte, não a elles, como acontece em Italia, França, Inglaterra, e Allemanha, mas sim a alguns litteratos, que o zelo e amor das letras levou a tomar essas emprezas; e é por isso que tantas obras dos nossos classicos estão quasi perdidas.

Rogâmos por isso ao Sr. Varnhagen, que se sirva de proseguir na carreira encetada, dando á

luz com igual formato algumas epopeias nacionaes, que tem desapparecido com o tempo, devendo merecer-lhe a preferencia o *primeiro Cêrco de Diu*, que dos nossos poemas antigos é o que pelo estylo se aproxima mais a Camões, o *Ulyssipo* de Antonio de Sousa Macedo, o *Templo da Memoria* de Manoel de Galhegos, recommendavel pela belleza do metro, e louçania da linguagem, a *Conquista de Goa* de Francisco de Pina e Mello, o Viriato Tragico de Braz Garcia Mascarenhas, a Insulana de Manoel Thomaz, a Philis de Antonio da Fonseca Soares, e outras muitas, que ou jazem sepultadas em antigas livrarias, ou se conservam manuscriptas em mão dos curiosos. Cremos que o Sr. Varnhagen além de fazer n'isto um grande serviço á litteratura patria, ganharia os applausos de todos os que honram e cultivam a lingua lusitana.

PRAÇA DE SANTO ISAAC,

S. PETERSBURGO.

A capital moderna do imperio russiano situada na confluencia do Neva e extremidade oriental do golpho de Finlandia, é uma florecente cidade fundada em 1703 por Pedro o Grande; no mesmo anno pela primeira vez foram as aguas do Neva cortadas pela quilha de um navio; era este procedente da Hollanda, e o czar, para manifestação do apreço em que tinha estas visitas commerciaes, acolheu o capitão e equipagem com a maior benevolencia, e lhes fez muitos presentes. Em 1714 viu a recemfundada S. Petersburgo chegarem ao seu porto dezeseis navios estrangeiros; em 1730 já o numero subia a 180, e de então para cá os progressos do commercio e da civilisação foram tão rapidos na Russia que o movimento annual d'este porto é hoje de 1:200 a 1:500 navios.



Por mui favoravel que seja para o commercio a situação de S. Petersburgo, está longe de ser vantajosa a outro respeito. O terreno em que assenta a cidade é baixo e alagadiço, e em differentes épocas as inundações, principalmente em 1824, lhe tem causado grandes prejuizos: o paiz circumjacente em geral não apresenta senão mattas e paúes, de maneira que é necessario mandar vir de muito longe tudo o que é preciso para a subsistencia dos numerosos habitantes de uma cidade tão vasta que encerra 480:000 almas incluindo os militares da guarnição. Nenhum principe menos ousado que Pedro o Grande imaginaria escolher um local d'estes para fundar uma capital; e era mister um energico e perseverante caracter como o d'elle para vencer os quasi insuperaveis obstaculos que a natureza oppunha á execução de seu colossal projecto.

O commercio de S. Petersburgo com os paizes estrangeiros é mais amplo que o de outra qualquer cidade do norte da Europa, o que procede de ser o unico porto de exportação em grande escala que a Russia possue no dilatado golpho de Finlandia, e tambem por ser o ponto onde vem parar as principaes ramificações de uma navegação interior tal como não tem nenhum outro paiz. Por meio de rios e canaes S. Petersburg está em communicação com o Mar Caspio: as fazendas são transportadas d'este mar até a capital, distancia de 1:434 milhas geographicas, sem uma só vez se descarregarem de bordo. O ferro e as pelles da Siberia e o chá da China chegam por este modo a S. Petersburgo; porém, em razão da grande distancia a percorrer e da pouca duração da estação em que são navegaveis os rios e canaes, gastam tres annos n'este trajecto. De inverno é transportada em trenós uma quantidade immensa de fazendas, quer para os portos de mar, quer para os *pristans*, isto é, paragens do interior onde se construem as barcas destinadas á navegação dos rios e canaes. Embarcam-se com antecipação n'essas barcas para obviar á demora n'esta operação e podêr aproveitar o primeiro momento da ruptura e derretimento dos gêlos. O transporte é geralmente mais prompto nos trenós do que pelas barcas, mas ou de um ou de outro modo é modico o custo.

S. Petersburgo corresponde á época de sua edificação e á magnificencia do monarcha que a erigiu; é cheia de edificios sumptuosos e no gosto classico, de que poderá ser amostra o desenho precedente.

***

DOIS BELLOS EXEMPLOS

DO PREÇO DA GENTILEZA. *

Seus paes, aliàs pouco abastados de bens da fortuna, segundo o estylo d'aquelle tempo dedicaram ao serviço do rei os seus dois filhos varões Jorge de Brito, e Damião de Brito; e a filha metteram em menina, para ser freira, no mosteiro d'Odivellas. Commummente se assenta com leviana ignorancia que os conventos de freiras só eram então proprios para educarem religiosas, e que ahi havia tanta devoção como idiotismo: isto não é verdade. Os conventos eram escólas d'educação; e se fizermos o catalogo das mulheres illustres portuguezas vêr-se-ha que a maior parte d'ellas sahiu, ou viveu nos claustros. D'ahi doutrinadas já, e costumadas ao recato, e obediencia vinham ser no mundo boas esposas, excellentes mães de familia, e matronas respeitaveis. Então um cavalheiro que queria casar não andava pelos cartorios a pesquizar o dote pecuniario da noiva, nem ia ao theatro, e aos clubs procurar introducção; inquiria a limpeza do sangue, a honestidade e mais prendas da pessoa pertendida á portaria do convento, ou defronte do seu mirante.

D. Filippa medrou tanto nas excellencias de sua pessoa, era tão extraordinaria sua formosura do rosto, gentileza de corpo, graça, amabilidade, agudeza de talento, e cultura d'espirito, que a fama d'este venturoso composto encheu a côrte, atravessou o reino, e lá foi até Castella excitar as ambições de possui-lo aos maiores homens d'aquella então poderosissima monarchia. Já então se havia um tanto amortecido aquelle espirito cavalleiroso e romanesco da meia idade que fazia abalar d'um reino a outro, da Europa até ao Egypto e á Syria, os cavalleiros amadores semi-platonicos dedicados a servir uma dama illustre e *de prez* que lá fulgurava como estrella brilhante; porém ainda nos fidalgos e cavalheiros havia certa tendencia para estas aventuras. O certo é que n'esta época que já não era em Portugal o das galanterias palacianas (era no reinado sisudo d'el-rei D. João 3.º) se viu chegar a Lisboa uma personagem desconhecida por seu rigoroso incognito, procurar uma audiencia mysteriosa do soberano, e rondar depois curiosamente disfarçado em torno do convento d'Odivellas, com os olhos pregados nas estreitas frestas e gelosias de seu mirante, e outras vezes assistir distrahido e preoccupado aos officios, e resas religiosas de sua igreja.

Bem descuidada estaria a sisuda (sagez) e precatada dama D. Filippa Henriques de que um novo Tancredo alli andava devorando com vistas ambiciosas aquellas muralhas, apostado a conquistar a praça, e que esta fosse de tanta valia. Mas não eram passados muitos dias sem que o disvelado incognito se não apresentasse munido de provisão real para a madre abbadessa do mosteiro, e que esta por virtude da recommendação soberana lhe não recebesse na grade principal com a torvada e mimosa D. Filippa ao lado, a sua primeira visita, e com ella o desenlace do mysterioso enygma. Quem seria o desconhecido?

A personagem era nem mais nem menos do

* Continuado de pag. 148.

que D. Rodrigo Ponce de Leon, 3.° duque d'Arcos em Hespanha, mancebo brioso, um dos primeiros senhores em fidalguia, representação, e casa da côrte do imperador Carlos 5.°, 1.° rei do seu nome em Castella. Expôz o duque em curtos periodos sua pertenção; disse que attrahido pela tradição da formosura, e mais excellencias daquella joven recolhida, que alli via vencedora das vozes da fama, viera desde o seu solar no reino visinho pedi-la para casar. A historia nos não diz, nem as impressões, nem as phrases com que D. Filippa contestou a inesperada proposta: estános parecendo que a gentil pudibunda donzella diria = se resignava ás ordens e disposições de el-rei, a quem seus parentes e superiores não ousariam, nem ella, refusar esta honra.

Seguiram-se apressadamente contracto antenupcial, preparativos de noivado, e casamento que foi feito na capella real dos paços da ribeira; e rapidamente a partida para Castella dos dois felicissimos esposos, os duques d'Arcos. A duqueza depois de muitos annos de casada em que abrilhantou e edificou por sua virtude a côrte de Madrid, sobreviveu a seu marido, e já idosa voltou com saudades da patria a Portugal onde se achava no anno de 1582 quando el-rei Filippe o prudente veio cá, e a levou camareira da imperatriz D. Maria outra vez para Castella. Se os annos lhe apagavam já então a belleza do corpo, resplandecia n'ella sempre viva e fresca a formosura da sua alma: beneficente, e exemplarissima em todo o genero de virtudes entrou nos ultimos annos de sua vida no mosteiro da Assumpção em Sevilha, onde foi religiosa das Mercês, e de cuja casa foi larga bemfeitora; e ahi acabou santamente sua brilhante carreira em 7 de março de 1590 com 70 annos de idade.

O nosso Garcia de Rezende no seu pequeno cancioneiro que intitulou *miscelania, e variedade d'historias*, junto no fim da chronica d'el-rei D. João 2.°, celebrou este successo romantico entre os acontecimentos notaveis do seu tempo em as trovas seguintes:

E vimõs de que maneira
Ho Duque Darcos cazou
Com môça pobre estrangeira,
Estando já quasi Freira
De Odivellas ha tirou.
Sem a ver, nem conhecer,
Nem fallar nem escrever
Veo por ella a Lisboa,
Sem ella mesmo o saber.

Tomou a si esta empresa
Por vontade, ou devaçam
De modo que em conclusão
Foi assim feita Duqueza
Sem sabermos a rezam.
Elle a Elrei a mão beijou
E com elle só fallou,
Foi d'Elrei bem recebido
Com grande honra despedido
Ricas joyas lhe mandou.

(Continúa).





ARTIFICE FRANCEZ E SUA MULHER

AO CABO DE UM DIA DE TRABALHO.

O operario sempre ao cabo de cada dia de trabalho termina um periodo de soffrimento, porque pelo espaço de doze horas que então se completam supportou infallivelmente a fadiga e monotonia do seu officio, que as mais das vezes não segue por vocação.

O artifice francez não obstante viver n'um paiz eminentemente industrioso, pouco menos soffre que os artifices das outras nações.

Pela scena representada na gravura junta ao presente artigo, se vê que as familias laboriosas da França, tambem acabam seus dias de trabalho, por extremo cançadas e tristes.

Um artifice francez ao cabo de um dia de jornal, prostrado pelo trabalho que supportou, e possuido de grande tristura; e sua esposa, tão estafada, que dorme com a cabeça arrimada ao peito do artifice — é o que copiou o desenhador, para nos descrever como deixa diariamente o trabalho uma familia laboriosa.

Reconhece-se facilmente que esta descripção é verdadeira, pois verificamos a meudo que o jornaleiro só larga o trabalho quando absolutamente carece de recuperar forças, e que após d'isto fica triste, porque de toda a sua immensa fadiga apenas tira os meios de buscar uma subsistencia miseravel.

Certo é pois que os operarios actualmente em todos os paizes exercem uma profissão desgraçada.

E assim acontece, porque até hoje a sociedade em vez de garantir e facilitar ao homem o uso amplo do seu braço e da sua intelligencia, tem deixado que ambiciosos o inclinem á industria, para desapiedadamente lhe anniquilarem as forças destinando-lhe trabalho desregrado e violento, e lhe annullarem as faculdades pelos pesares provenientes d'esse trabalho.

Por toda a parte se tolera que o emprehendedor industrioso considere o operario como uma machina que póde expôr ao maior trabalho que fôr possivel executar, porque embora se arruine precipitadamente, não occasiona diminuição nem damno no seu capital.

Os governos não attenderam ainda á precisão que ha de vedar pela lei, que os *emprehendedores de industria* realisem seus calculos falsissimos de avidez.

Em todos os paizes, — mesmo na França, onde julgamos mais subida a civilisação, os emprehendedores barateiam a seu bom grado os salarios, e abusam atrozmente das forças dos jornaleiros. E quando lhe attribuem a miseria da classe laboriosa, defendem-se com summa hypocrisia, objectando com a necessidade de procederem d'esse modo, para que os artigos produzidos saiam tão baratos como os requer o consummidor.

Os *emprehendedores* teimam em seguir seu máu systema; porque de contrario notariam, que o operario quando o trabalho lhe é bem distribuido e bem pago, trabalha mais e com maior primor, — e haviam de conceber que os salarios elevados convenientemente avantajam a producção.

Em quanto estas cousas succedem, — ao passo que uns, commettem, e outros deixam commetter abusos e erros damnosos, — o pobre do operario soffre, e os socialistas trabalham para o felicitar com o verdadeiro methodo de organisação do trabalho. **

CASAMENTOS

ENTRE OS INDIOS DO PARAGUAY.

Quando um dos habitantes da margem oriental do Paraguay, assim como de outros povos visinhos da America septentrional, tem adquirido a reputação de valeroso guerreiro, signalando-se em acções heroicas contra os seus inimigos, toma então o accôrdo de se casar; para o que faz um contracto por certo numero de annos, pois que a convenção vitalicia seria para elles um verdadeiro supplicio, ou ao menos um captiveiro insoportavel. O selvagem elege a rapariga que lhe agrada, e todos os parentes se ajuntam na cabana do mais velho, cantando, e dançando em honra do casamento. Depois d'este festim, os paes da futura se retiram, ficando quatro dos mais velhos parentes do esposo; e então a noiva se apresenta em uma das portas da cabana, acompanhada de outros quatro velhos seus parentes: para logo o mais anciào dos do esposo a vem receber, e a conduz junto do marido; sentam-se ambos sobre uma esteira, e cada um segura a extremidade de uma varinha, que lhes é apresentada. Conseguintemente os velhos tomam outras varinhas, que por ultimo cortam em pequenos pedaços, de que dão porções ás testemunhas. Depois d'esta ceremonia, a casada sahe da cabana, e outras raparigas e mulheres que se acham á porta, a conduzem á habitação de seu pae, aonde o esposo tem obrigação de a ir visitar até que seja mãe: então ella renuncía a casa paternal, e se recolhe á de seu marido, com quem vive todo o tempo que dura o matrimonio.

Entre outros d'estes povos, depois que o selvagem se tem assegurado do coração da sua amada, se dirige ao pae, ou ao menos a um dos parentes mais proximos, que acceita a commissão de ir com elle a casa da pertendida esposa. Accendem então o caximbo, e o apresentam ao sogro, pedindo-lhe sua filha.

ENIGMAS PITTORESCOS.

EXPLICAÇÃO DO ENIGMA DA FOLHA ANTECEDENTE.

Deve esperar ser castigado
O que em si o mal encerra:
É no céu só premiado
O bem feito cá na terra.



SUMMARIO.

FARCICO.

Entregar-se uma pessoa ás suas propensões e caracter é uma vantagem ou um prejuizo, conforme a indole natural é boa ou má; porém, do que sempre convém livrar sem exame o caracter facticio que vos attribuem no mundo em consequencia de algumas acções, de alguns principios inspirados pela febre juvenil, que muitas vezes leva a extravagancias ainda os mais serios genios.

Quantas pessoas nascidas para se distinguirem nas sciencias ou nas artes foram arredadas da sua vocação para outra que lhe suppunham! Quantos meninos preguiçosos tem sido condemnados por seus paes e preceptores á insipidez d'uma existencia inutil, e isto porque persuadiram á creança negligente que a sua inclinação ao descanço e recreações o fariam para sempre incapaz de qualquer trabalho aturado! Quantos alumnos broncos, pedantes e sem engenho, mas applicados, tem sido antecipadamente destinados a mui importantes empregos, como se a docilidade fosse sempre a garantia de capacidade superior, e a gravidade o indicio de uma razão infallivel! Quantos estouvados dotados de talento tem sido excluidos das aulas de ensino profundo, sob pretexto de superficiaes e incapazes de se interessarem em similhantes estudos! E todavia esta maneira de julgar e classificar as creanças tem de ordinario grande influencia na sua sorte: logo suscita a seu respeito prevenções lisongeiras ou desfavoraveis que a final se tomam por oraculos, e se arreigam tanto no animo dos indifferentes que é necessario justifica-las a despeito do verdadeiro caracter. Por ultimo acreditam-se os defeitos arguidos, defeitos que seriam corrigidos facilmente, se não se houvesse decretado a incorrigibilidade; assim vê qualquer a sua vida inteira submettida ás consequencias de uma reputação que não merece, e de que não póde isentar-se. — Milhares de exemplos se poderiam citar; bastará porém apresentar o caso de um mancebo digno de sympathias.



DUMENIL, SUA MULHER, E FILHO.

Fernando Dumenil era filho unico de um negociante opulento, cuja ambição, segundo a moda, era crear o filho no despreso da profissão paterna, e na cubiça de alcançar uma condição brilhante.

— Graças ao céu, tenho riqueza para pagar o logar que elle preferir, quer na magistratura quer na diplomacia; porquanto a respeito d'exercito não ambiciono sacrificar ás armas o unico filho que me será consolação na velhice. — Assim fallava Mr. Dumenil a sua esposa acariciando o pequeno Fernando; e proseguia — Se não quero expo-lo a morte gloriosa que nos abysmaria em desesperação eterna, não pertendo que fique por ahi um fumante ocioso e turbulento. Quero que venha a ser um bom prefeito, um distincto embaixador, e talvez um ministro habil. Felizmente já lá vão distincções de nobreza; quem quer titulos procura-os; e a quem está nos cargos não faltam condecorações. O essencial é filar-se a um d'esses empregos que são caminho para tudo; e para isso é mister seguir estudos; é preciso poder citar latim ou n'um arrasoado ou n'uma arenga, habituar-se á discussão, saber sustentar uma causa quer boa quer má, industriar-se em achar epigrammas para responder a argumentos sem resposta e sobretudo em illudir a questão quando se não póde resolver: esta arte não se aprende na casa paterna, nem se obtem esse talento da tribuna que enche depois as bochechas da fama. Eu vou pôr Fernando no collegio.

Reclamou vivamente Madame Dumenil contra esta determinação: separa-la do filho era vota-la a continua inquietação pela sorte d'aquella creatura adorada, que habituada a todas as delicias de uma casa farta, e a toda a indolente creação de mãe louca pelo menino, teria muito que soffrer nas suppostas austeridades da vida escholastica.

— Ora: hade sahir-se bem como os outros! É farçola, amigo de rir; hade ser estimado dos camaradas.

— Mas não attendeis á pouca idade; que por isso será o ultimo da sua classe; todos zombarão d'elle, e é capaz de adoecer de pena.

— Fernando doente de pena? E que taes são as vossas idéas? Socegae; em quanto tiver camaradas para brincar, mestres para chasquear d'elles, não succumbirá á tristeza; mais temo eu que se não possa domar-lhe a esperteza, e seja preciso recorrer a correcções para o fazer mais sisudo; porém eu prevenirei o reitor que é homem de caco e bem sabe como se hade triumphar d'aquella tendencia á brincadeira; e espero que conseguirá inspirar-lhe amor ao estudo.

Consequentemente, Fernando Dumenil foi apresentado no collegio na qualidade de *farçante-nato*, e portanto incapaz de trabalho assiduo, e dos triumphos de classe que só se alcançam mediante a attenção e desejo ardente de instrucção. — Tal qualificação lhe produziu bom acolhimento dos condiscipulos; e Fernando, vanglorioso com a reputação de palhaço, fez proposito de a manter para não correr o risco de não poder adquirir outra mais honrosa; tornou-se o heroe do collegio, e ninguem fazia momos, peloticas, ou inventava trêtas de mais graciosidade; mestres, alumnos, e regentes, andava tudo n'um redemoinho com as peças do diabrete, por tal fórma que os rapazes unanimemente o proclamaram imperador da sua classe sob o titulo de *Farcico*, ou palhaço, o primeiro do nome. — Por fim cresceu a turbulencia no collegio, até que severas correcções intimidaram por algum tempo os mais atrevidos; e Fernando, ameaçado de ser despedido, cessou do exercicio de farçola, e tentou alcançar boas notas de suas lições. Applicava-se já com prazer aos trabalhos da classe, quando dois condiscipulos, pedantes e invejosos, como ha por toda a parte, o motejaram de hypocrita, dizendo-lhe que os não embaçava nem enganava os superiores; que bem sabiam que o fazia para illudir os mestres e não ficar detido nas proximas férias; mas que nada faria porque sempre havia ficar ruim estudante e mal conceituado; e que acabasse de crer que só prestava para farçola e que n'este genero era um caturra completo.

A suspeita de sentimentos vís é o que mais indigna as almas nobres: Fernando, accusado de hypocrisia, não póde resolver-se a arrostar a opinião dos seus dois camaradas, postoque intimamente não fizesse estimação d'elles. É tal a fraqueza do espirito humano que muitas vezes se deixa influir pela mediocridade invejosa, postoque bem a conheça. Fernando, pressuroso de justificar-se de uma inculpação que deveria desprezar, tornou a divertir a rapaziada como d'antes á custa de seus estudos, e a fazer enraivecer os mestres a pontos que deliberaram despedi-lo.

TRADIÇÕES
ÁCÊRCA DO COMEÇO DA ARTE CHRISTÃ.

Nos primeiros seculos da igreja houve larga discussão sobre varios pontos, em referencia ao modo porque os personagens da hierarchia christã deviam ser concebidos e representados nas obras da arte.

Os santos padres vacillavam muitas vezes, e muitas mais discordavam sobre a fórma e feições apropriadas para esses retratos religiosos.

Consideravam isto assumpto de subida ponderação. Temiam tanto errar o que por esse tempo assentassem, que nenhum ousou mesmo affirmar positivamente, que a Virgem era bella. E comtudo, a retratou a traços divinos Santo Ambrosio, quando disse, que o seu rosto expressava toda a pureza da sua alma.

Em varios livros da litteratura sagrada se encontram transcriptos factos e opiniões que provam que os santos padres estudaram e debateram profundamente a questão da maneira de retratar o Salvador. A belleza de que havia sido revestido Jesus Christo, — que importava averiguar para fixar a fórma verdadeira do retrato, — era ponto assás controverso pelo correr do segundo seculo. Uns, sustentavam que o Redemptor era de admiravel belleza, outros, affirmavam que era privado de nobreza e formosura. Alguns pagãos entraram tambem n'esta discussão, que ainda durava muito para cá do quarto seculo.

Declarou ao principio S. Justino com muito acêrto, que estava persuadido que Jesus Christo havendo de se mostrar aos homens possuido de summa humildade, havia tomado fórmas abjectas, e que o mysterio da redempção ficava por isto mesmo mais eloquente e sublime.

Os idolatras torceram o sentido d'esta opinião, e a fizeram valer para desabonar o christianismo. — Os defensores das antigas divindades disseram impando de orgulho e impiedade: não era bello Jesus; logo não era elle Deus.

Acudiram pelo voto de S. Justino, S. Clemente de Alexandria, e Origenes, seu discipulo: este deu-lhe de barato que faltasse alguma cousa nas feições do Salvador do que aformosea perfeitamente, mas sustentou victoriosamente que se descobria summa belleza na nobre e celeste expressão do seu rosto.

No quarto e no quinto seculos os santos padres continuavam a discordar sobre esta materia. S. Jeronymo, Santo Ambrosio, Santo Agostinho, S. João Chrysostomo e outros mais, ensinavam pelo que diziam inferir dos livros santos, — que Jesus Christo attrahia tanto os homens pela belleza e magestade do seu aspecto, como os arrebatava pela santidade da sua doutrina. S. Basilio e S. Cyrillo, porque professavam e seguiam a opinião de S. Justino, doutrinavam que Jesus por humildade havia tomado as fórmas de um escravo, e que se havia apresentado sempre sem o ornamento da belleza que lhe attribuiam.

A igreja abstia-se de pronunciar seu voto ácêrca do ponto debatido. O povo apenas se mostrava mais inclinado pela doutrina de S. Basilio e S. Cyrillo, que lh'a expunha com prodigiosa eloquencia. E n'este estado pendia indecisa a questão.

Um e outro ponto não menos grave era averiguado pelo mesmo tempo. Tractavam de examinar se convinha admittir e auctorisar a exposição do mysterio da paixão. Succedia ser assumpto de irrisão para os idolatras a morte ignominiosa do Salvador. Como se désse esta circumstancia, houveram os padres como cousa de bom acêrto evitar que a imagem de Christo crucificado fosse por tal maneira exposta que repellisse, como motivo de escandalo, aos homens de apoucado espirito.

Aconteceu como elles entenderam e regraram. A imagem do Salvador raras vezes se expoz nos templos da Grecia, antes do fim do setimo seculo, e nas da Italia, antes do começo do oitavo.

Em quanto estas cousas se verificavam, a arte executava por meio da allegoria todas as suas obras. A fórma symbolica havia sido admittida porque não quebrava o atavio e dignidade indispensaveis a esse tempo para os mysterios do christianismo, e lhes obtinha maior veneração. A pintura comprehendeu que lhe cumpria adoptar essa fórma que podia cooperar muito para a instituição da crença; — e para logo representou a Jesus Christo como Deus.

O genio dos gregos ainda brilhou por sua concepção poetica e subida dignidade nas allegorias simples do meado do 4.º, 5.º, e 6.º seculos.

Essas allegorias, conforme no-las descreveram os antigos, eram summamente engenhosas. Apontaremos para exemplo duas d'ellas concebidas para honrar a missão do Christo. N'uma é representado como pastor ainda moço, bem afeiçoado, e de figura esbelta, que conduz sobre os hombros a ovelha que topára transviada. — Na outra é exposto, sentado na assomada de uma montanha, empunhando um instrumento harmonico, rodeado de animaes ferozes que attrahe e encanta com suas vibrações.

A arte que restava como vimos, moldada sómente pela fórma grega — só apta para os affectos sensuaes e voluptuosos, falhava, e descahia para a imitação dos typos da mythologia, quando a submettiam á execução de obras que se podiam considerar historicas.

Regrada para a expressão de sensações quasi sempre agradaveis, a arte grega não concebia nem podia exprimir as sensações de soffrimento. D'aqui resultava perder o que ha de mais esthetico no christianismo — os factos de poesia muito intima e sentida.

Não podendo a arte grega, pela razão ponderada, tomar da religião christã a poesia contida nos seus typos, e reproduzi-la quanto era possivel nas suas exposições; escaceando das condições indispensaveis para se conservar, foi decahindo consideravelmente.

Parecia que a arte assim concebida ia acabar como de pouco tinha acabado a civilisação antiga — pela falta do amparo que lhe prestava o paganismo, que a havia produzido. E assim era. A arte grega era filha d'esse culto, que abandonado e descrido lhe prophetisára infallivel a morte, que em breve soffreu.

Todas as cousas d'arte que os santos padres tratavam, permaneciam no mesmo ponto em que as deixámos, ao correr da segunda metade do setimo seculo. Os pontos principaes estavam ainda por fixar.

Entre o fim do referido seculo e o começo do oitavo, occorreram dois factos de summa importancia para a arte. — Pelos annos de 692 um concilio celebrado em Constantinopola, e denominado *Quinixesto* ou *in Trullo*, lavrou um decreto no qual mandou preferir a pintura historica aos emblemas, e abandonar de todo a allegoria nas exposições da crucificação de Jesus Christo. No anno 726 Leão o Isauriano proscreveu as imagens religiosas, acto que não obstante occasionar a perseguição que soffreram os pintores gregos pelo enorme espaço de cento e vinte annos, trouxe grande melhoria á arte, porque a adaptou mais para a expressão correcta e verdadeira da poesia da crença, que se póde considerar a sua missão essencial.

A igreja reprovou ao principio o citado concilio, que veio depois a approvar tacitamente. Nós attribuimos a esta circumstancia, o não haver sido para logo fielmente cumprido o decreto, — pois é certo como consta de varios livros de letras sagradas, que ainda depois de lavrada a deliberação do referido concilio, se executavam obras allegoricas.

É inegavel que a mencionada ordenação do concilio de Constantinopola veio acabar com o abuso que faziam da fórma symbolica, — de sobra ridiculo, e damnoso para a arte e para a crença. Os pintores gregos transviavam — e no usar da allegoria, — só concebiam e expunham o pensamento do christianismo como um enigma. Tinham, elles, ou os ecclesiasticos sob cujo dominio sempre trabalhavam, difficultado por tal modo a comprehensão do culto, que era indispensavel, para o poder continuar a derramar pelos homens, abolir para o futuro a fórma symbolica, — que, como já ponderamos, era assás necessaria ao principio para realisar a instituição da crença. — Sirva para avaliarmos onde chegaram os pintores gregos com o abuso da fórma allegorica, saber que representavam os quatro evangelhos por quatro rios que percorriam toda a terra regando-a com as suas aguas.

Felizmente, em virtude das duas resoluções veio a cessar tão prejudicial abuso, e a arte tomar melhor estylo.

Attentando pois no que resultou de se darem os dois factos que ha pouco apontámos, concluimos que a fórma historica prevaleceu. Cumprenos agora, em seguimento, apreciar a alteração que houve nas obras d'arte executadas n'essa época, para depois inferir o que d'ahi nos occorrer para a historia da arte.

Conforme nos referem escriptores antigos de boa auctoridade, e confirmam os modernos A. G. Schlegel e Émeric-David, — as primeiras obras d'arte moldadas essencialmente pela fórma historica, foram imagens do Salvador e da Virgem. Nota-se pelo que descrevem os primeiros que dão noticia d'estas imagens, — que tinham as fórmas tractadas com desleixo, e as cabeças acabadas a primor, ou para mais apropiadamente o dizer, — com expressão adequada e vigorosa.

Sabendo que a arte antiga punha todo o seu primor na pureza das fórmas, e vendo agora que essas primeiras producções d'arte aferidas pela fórma historica, se extremam pelo vigor e rectidão de expressão moral; que podemos concluir senão que, se operou uma grande reforma nos elementos da arte.

Para conhecer a obra d'essa reforma abunda reparar que o pensamento expressado nessas obras recentes da arte é identico ao pensamento que vinga na instituição da crença do evangelho — é a elevação da alma. Feito este reparo, concebe-se facilmente, que a reforma indicada importa o começo de uma nova arte, harmonisada com a crença, — regrada pelas fórmas espirituaes e poeticas do christianismo. E, para logo, concluimos para a historia, que a arte que cifra seu primor em copiar a verdade da expressão moral, — que é esta arte que hoje admittimos e denominamos christã, — nasceu pelo começo do seculo oitavo, e derivou sua origem de um acto de doutrina religiosa.

Não se póde colher outra cousa da consideração das tradições sobre o começo da arte christã. Todas são religiosas como acabâmos de vêr, e todas provam que da instituição do evangelho deriva a origem da nossa arte.

Foi nosso empenho designar as circumstancias que se deram para o nascimento da arte christã. Registamos para aqui uns apontamentos para o estudo do primeiro periodo da sua historia.

V. M.

O TRAPEIRO.

Os portuguezes antigos chamavam trapeiro ao vendedor de pannos em retalho, ou cortados. Desde que a nossa boa e riquissima lingua começou a andar mais polida, foi designado o mesmo vendedor por mercador.

Presentemente, como todos hãode saber, designa-se por trapeiro o homem que percorre as ruas da cidade, buscando e pedindo por toda a parte os trapos e bocados de papel que os habitantes despresam, e que no fim d'essa lida junta tudo, e o vae vender a algum armazem de compra de materia prima para as fabricas de papel, e do producto colhe sua subsistencia.

O trapeiro é um ente summamente desgraçado, de dia executa, como a meudo vêmos, um trabalho vil, immundo e penoso, de noite busca abrigo em alguns dos peiores casebres da cidade, onde fica muitas vezes a tiritar com frio e com fome; que nem sempre lhe basta boa diligencia para obter o sustento, porque ainda para seu maior mal o producto da sua fadiga provém do caso.

Em tudo, e por tudo, é infeliz o trapeiro. pelo fato, que sempre é velho e esfarrapado, pelo modo de o conchegar ao corpo, e tambem por alguma cousa de terrivel que tudo isto infunde na sua figura: desafia de continuo os cães a tentarem atassalhar-lhe as pernas, e enoja por tal fórma aos outros homens, que d'elle todos desviam seus relances de vistas.

Divisa-se no trapeiro um individuo da especie humana — submettido na vida a grandes padecimentos, e abandonado de todos os mais homens, que vive, cuidando sómente em existir, e sem attentar devéras na sua miseravel sorte.

E por toda a parte se encontra o trapeiro pela mesma fórma. As feições fisicas do trapeiro de uma cidade, ainda mesmo seu trajo, quando se comparam com as do trapeiro de outra, pouco differem; e as feições moraes, essas então são quasi sempre identicas. Prova isto, até certo ponto, a gravura estampada em seguimento: ahi se vê desenhado um trapeiro de Paris, que se assemelha por extremo ao trapeiro que encontramos a vaguear por essas ruas de Lisboa.



Em todas as cidades tem o trapeiro inegavelmente a mesma existencia; soffre muito, pensa pouco, e nem ao menos inspira aos homens, sodo aos que o poderiam soccorrer, aquella compaixão que nas grandes crises d'elles se póde esperar.

Logo que buscamos inquirir a causa verdadeira do estado miseravel a que vemos reduzidos os trapeiros, reconhecemos immediatamente que pela maior parte são individuos que tiveram pessimo comportamento, e agora padecem para expiação de gravissimas culpas que commetteram.

Vêmos pois, que o trapeiro, que é seguramente dos membros mais desgraçados da sociedade moderna, deve a faltas e erros todos os seus immensos soffrimentos.

Ha uma boa lição para a vida no que se infere da apreciação da existencia miseravel do trapeiro, e é, que nos cumpre pôr todo o cuidado em não peccar, a fim de não soffrer e de sermos felizes.

**

DO DESTINO DAS CIDADES.*

CONSTANTINOPOLA, ALEXANDRIA, VENEZA E CORINTHO.

Ha poucos annos se leu na *Gazeta d'Ausgburgo* o extracto d'um relatorio sobre o projecto d'um canal no isthmo de Panamá. Existe no meio d'este isthmo, no estado de Nicaragua, um lago de cento e vinte milhas de comprido sobre quarenta a sessenta de largo. O rio S. João serve de escoadouro a este grande lago no golpho do Mexico, com um bom porto na sua foz. Do lago Nicaragua ao oceano pacifico apenas se contam nove milhas inglezas; mas ha uma montanha a penetrar. Supponhamos a existencia d'um canal atravez do isthmo: entre o oceano atlantico, e o pacifico, haveria necessariamente na foz do rio S. João, ou no lago Nicaragua uma cidade que serviria de armazem, ou deposito entre os dois mares. Esta seria uma cidade *necessaria;* mas a sua prosperidade estaria dependente do ponto que ella occupasse sobre o lago, ou sobre o rio; por que necessariamente sobre um ou outro haveria locaes mais ou menos prosperos, mais ou menos fortes. Aquelle que descobrisse o melhor ponto, pertencer-lhe-ia a gloria de ter fundado a capital do novo mundo. Lá existe o logar, mas preciso é que o homem o encontre.

O mesmo genio do homem reconheceu que devia haver uma cidade sobre o Bosphoro; mas foi-lhe preciso tempo para descobrir o local proprio d'essa cidade, e achado elle, muito mais tempo lhe foi ainda preciso para conceber que em certo estado do mundo devia alli ser a capital. Foi por esta razão que diversas colonias de gregos se estabeleceram aquem e além de Bysancio, antes da fundação d'esta cidade. Da mesma fórma, nos tempos do imperio romano, quando o mundo estava reunido sob o mando da mesma lei, Augusto e seus successores sentiram que convinha áquelle imperio uma outra capital além de Roma, que sim podia servir de centro á Italia, mas que o não podia ser do mundo romano; e suas vistas naturalmente se voltaram para o estreito que une o mar negro e o mediterraneo. Augusto lembrou-se de Troia: este local tinha comsigo tradicções e recordações que tinham sobre tudo o merito de pertencerem á familia dos Julios; mas não se atreveu a tentar esta grande transplantação do imperio romano. Foi mais tarde, no tempo de Diocleciano, que o imperio romano, procurou, para assim dizer, uma capital. Lembrou Antiochia, depois Nicomedia, que tem o merito de possuir um golpho no mar de Marmara, na desembocadura do Bosphoro; e tornou a lembrar Troia, situada juncto ao Hellesponto. Finalmente, Constantino designou Bysancio; o destino d'esta cidade foi completo, e Constantino teve a gloria de fundar, sobre as ruinas do velho imperio romano, outro que tem durado onze seculos e mais, e isto unicamente pela acertada escolha da sua capital.

A historia da fundação de Alexandria não é menos curiosa. Era preciso para o commercio da India um armazem ou deposito nas costas do mediterraneo: em outro tempo havia nas costas da Syria, Tyro, e Sidon; e mais longe, no isthmo de Suez, na foz do Nilo, havia Pelus, Tanis, e Naucratis, fundadas pelos Gregos. Mas estas tres cidades pela sua posição estavam sujeitas a se obstruirem pela arêa. Alexandre quiz fundar uma cidade digna de servir de armazem, ou deposito, e de capital a esse mundo formado do oriente e do occidente que as suas victorias iam crear, e fundou Alexandria, não na foz do Nilo, mas proxima e podendo com elle communicar por meio d'um canal que não seria obstruido pelas arêas. Um sonho maravilhoso, segundo Plutarcho, consagrou a fundação d'esta nova metropole do genio grego. Porém a que fez durar a fortuna de Alexandria, e o que testimunha a admiravel sagacidade do seu fundador, é que esta cidade representa e resume, para assim dizer, a posição geographica do Egypto, o qual estando situado entre o mediterraneo e o mar roxo, é destinado para servir como de laço ao commercio do oriente e do occidente, sendo Alexandria o armazem ou deposito necessario d'este commercio. Depois de taes considerações, quando se pensa que foi durante os intervallos do sitio de Tyro que Alexandre fundou Alexandria, não é possivel deixar de perceber que este grande rei com a fundação da nova cidade queria acabar a destruição de Tyro. Nem as suas vistas de homem d'estado, nem seu genio guerreiro, o enganaram: Alexandria destruiu Tyro, substituindo-a.

A fortuna de Constantinopola desinvolveu-se a pouco e pouco e com o tempo; a de Alexandria foi creada d'um golpe pelo genio de Alexandre; a de Veneza é devida ao acaso. No tempo das invasões d'Attila, alguns habitantes do Friul foram refugiar-se nos bancos de arêa que existem na foz do Adige, e de outros rios que vão dar ao mar. Bem depressa n'estas ilhas na superficie das aguas appareceu uma cidade. A sua segurança causou a sua prosperidade n'um tempo em que o mundo estava entregue aos horrores da guerra. A idade média é a época dos castellos fortes; e Veneza tornou-se tal, cercada de pequenas lagôas. Refugiando-se n'estes bancos de arêa, os venezianos só tinham tractado de sua segurança. Em breve elles reconheceram as vantagens da sua posição no extremo do golpho do adriatico, que é a derrota aberta entre a Alemanha e o Levante. N'este caminho precisava o commercio de um deposito, e por sua situação Veneza devia necessariamente sêl-o; tinha para isso dois titulos: o primeiro, sua posição no extremo do golpho ao alcance da Italia septentrional e da Alemanha. É exacto que tal posição a podiam ter outras cidades: tinha-a Trieste, que mesmo estava mais proxima da Alemanha; mas carecia do que na idade média faltava a todas as cidades do continente, segurança; e esta tão preciosa condição para o commercio da-va-se em Veneza. Esta era a causa do seu poder commercial na idade média. Em quanto só houve segurança á sombra de impenetraveis abrigos, Veneza conservou o seu poder; mas já quando antiga e vencida não poude guardar as chaves do adriatico, e conservar pela força o privilegio de ser o seu unico porto; quando a Austria, senhora de Trieste, se tornou um imperio poderoso ao lado de Veneza, que nada mais era do que uma republica impotente; então ella viu Trieste, sua rival, tomar pouco a pouco o ascendente; porque esta rival tinha a seu favor tambem a vantagem da

* Continuado de pag. 156.

posição, e em quanto á segurança era tanta ou mais do que em Veneza. O que convem ao adriatico é um porto que, no extremo do golpho, receba o seu commercio; pouco importa de resto que esse porto tenha o nome de Veneza, ou Trieste: o commercio chega ao porto que offerece melhor ancoradouro, aonde o desembarque é mais facil, os transportes menos custosos, e abandona sem escrupulo os marmoreos palacios de Veneza pelos menos sumptuosos edificios de Trieste.

D'esta sorte pois estas cidades necessarias e que devem tanto ao local perdem tambem algumas vezes o seu privilegio, quando este póde dividir-se.

(Continúa).

THEATROS.

I.

S. CARLOS.

HA bastante tempo já, que não damos a nossos leitores algumas novas do que se passa pelo mundo theatral, apesar de reconhecermos o quanto são importantes, e a notavel influencia que o palco exerce sobre a sociedade: — podiamos allegar para esta falta muitas e variadas desculpas; mas ainda mais estimamos confessa-la, e pedir perdão aos *dilletanti*, que na sua grande maioria têem bom coração, ou o suavizam com os deliciosos prazeres que nos offerece o theatro. — *Le plaisir a l'ame si bonne!....* — Quem o disse foi *Beranger;* e o grande poeta do povo não era nenhum..... nenhum..... hypocrita, ou impostor.

E aonde me eu ia inredar agora?! — Que tem o theatro com *Beranger*, e com as hypocrisias e imposturas? — É, pelo contrario, no theatro onde ellas se callam, ou se despedaçam. — Quem ha ahi que escutando melodias suavissimas, que fazem pensar no céu, nos anjos, e no amor, se lembre da terra com as suas paixões odiosas, e com os seus demonios? — És bom: ouve musica, e ficarás melhor. És máu: ouve musica, e prepararás a alma para o bem.

Diz por ahi muita gente que o theatro lyrico é util porque occupa bastantes pessoas, e entretem o povo, que necessita de divertimentos, e distracções para não recorrer a outros meios que lhe dêem pasto á imaginação. — Tudo isto assim será; mas, em nossa opinião, uma das maiores vantagens da scena lyrica é fazer bem á alma, imprimindo-lhe sentimentos brandos, e piedosos.

A *Illustração*, cujo primeiro alvo, e mais vivos desejos, é ser popular; e concorrer quanto esteja ao seu alcance para o deleite não só, mas tambem para a moralisação do maior numero; — a *Illustração* já por vezes tem fallado dos theatros, e hade continuar sempre de tempos a tempos com essa tarefa que tem por agradavel e necessaria. — A scena lyrica terá hoje a preferencia, por isso que ainda não fizemos menção alguma da nova época da empreza *Coradini*, e da companhia que então se estreou no theatro de S. Carlos.

Linda de Chamounix foi a opera escolhida para a abertura do theatro, e estrêa dos actores, *Ranzi, Miró, Salandri*, e *Catallano*. — A *Linda* é uma opera que sem ser das melhores de *Donizetti*, havia tido grande vóga nos primeiros theatros da Europa; e por consequencia não se póde dizer, senão que a empreza procurou captar a benevolencia publica, dando-lhe uma peça tão preconisada. — A execução podia ser mais perfeita; todavia o sr. *Salandri* mereceu applausos dos entendedores, e as sympathias geraes dos dilletanti; e a sr.ª *Ranzi* foi applaudida com justiça em alguns trechos, com quanto a sua voz seja um pouco desigual, trépida, e mesmo alguma cousa cançada. — Uma maneira delicada e sentimental, algumas peças bem concebidas e acabadas, como são o *final* do 1.º acto, o dueto da *Linda* com o pae, e a *preguiera* ultima, compensam as muitas reminiscencias de outras operas do proprio maestro.

Á *Linda* seguiu-se *Maria de Rudens*, que com razão não agradou; e a esta a já por nós conhecida *Sapho*, de Pacini. Estreou-se nesta opera a *prima dona Grimoldi*, que com uma pequena voz de *mezzo supprano* soube agradar, obtendo sympathias de um publico difficil. Phisionomia expressiva, porte senhoril, gesticulação e attitudes dramaticas, com sobriedade e correcção, revelaram, senão uma excellente cantora, ao menos uma actriz de esperanças; e o publico gostou, e applaudiu. O rondó final da *Sapho* foi cantado com mimo, expressão, e ás vezes até com *bravura*.

Appareceu o tão decantado *D. Paschoal.* — O auctor da *Lucia*, da *Favorita*, e dos *Martyres*, não ficou áquem da merecida fama, que lhe tinham dado aquellas excellentes composições. O *D. Paschoal* é uma opera consciencîosa e forte. Com toda a graça do *Elixir*, rivalisando com o *Barbeiro de Sevilha*, a peça de Donizetti é, segundo o nosso entender, uma das suas melhores composições. — Partilhando das duas escólas allemã e italiana os seus melhores dons — originalidade, espirito, riqueza de instrumentação, e um esmero a que as muitas encommendas do maestro nos não têem acostumado, tornam o *D. Paschoal* uma opera para ser admirada e ouvida muitas vezes, sempre com gosto infinito. — Em quanto á execução, confessamos que podia ser melhor; mas o sr. Salandri que já na *Sapho* havia mostrado que era uma optima acquisição da empreza, acabou de convencer-nos, no *D. Paschoal*, de que era actor e cantor excellente. — Não appareciam tão lisongeiras as esperanças ácêrca do sr. Catallano; mas é de rigorosa justiça confessar que desempenhou cabalmente o papel de protogonista; deixando os espectadores agradavelmente maravilhados.

Veio finalmente á scena a nova opera *Maria Padilla*. — Não nos atrevemos a julga-la, nem de passagem, com uma só vez que a ouvimos; mas parece-nos que Donizetti não estava nos seus tão frequentes momentos d'inspiração, quando a compoz. Talvez o *libreto* concorresse para isto; mas não julgamos que alguns trechos agradaveis e que se prendem ao ouvido, como os da cavatina d'Inez Padilla na introducção, os da aria do tenor, e o excellente dueto d'este com Maria no 3.º acto, possam supprir a falta de sentimentalismo e sublimidade, que geralmente parece reinar em toda a peça. — Entretanto não deixaremos de fazer honrosa menção do dueto das duas irmãs, e com especialidade da deliciosa *streta* — *Di pace a noi bel iride.* As sr.as Ranzi e Grimoldi executaram-na com grande perfeição, e foram geral e estrepitosamente applaudidas, merecendo as honras da *chiamate al proscenio.*

Cinco operas, das quaes são tres inteiramente novas, no espaço de pouco mais de dois mezes, abonam sobre maneira a sollicitude da empreza para agradar ao publico, e preencher os seus compromissos. — Entre tanto no que ella tem sido verdadeiramente feliz é em tudo o que diz respeito á parte choreographica. Póde-se dizer sem exaggeração, nem parcialidade, que nunca desde 1834 tivemos uma cópia de dançarinos tão completa em tudo, e um corpo de baile que satisfizesse, como este, a todas as exigencias de um publico illustrado. O sr. Martin foi uma acquisição inappreciavel, pois que tem mostrado com maravilha que sabe unir a um dançar forte, delicado, e puro, muitos conhecimentos das diversas partes da sua arte, e que possue um gosto e tacto extraordinarios. — Nos bailados e passos ha o publico admirado uma tal novidade, e delineamentos tão graciosos, que os seus applausos tem ido todos os dias a mais. — Mas é principalmente na dança *Palmina*, que o sr. Martin ostentou todos os recursos com que a natureza e a arte o prendou.

M.me Zimman Martin é em tudo condigna consorte do optimo bailarino. — Rival das Esselers e Taglionis, não é muito o que lhe falta para as egualar; e a aérea nympha do Orbe alardêa todos os thesouros da dança, e alternativamente nos faz romper em unanimes applausos a sua firmeza, a sua agilidade admiravel, e a seu voar encantador. A dança *Palmina* tem merecido, e hade continuar a obter grande concorrencia e applausos: para nada lhe faltar — a riqueza e gosto das decorações, e a optima e appropriada musica do sr. Pinto, a tornam digna do melhor theatro, e dos mais escolhidos espectadores, que já podem ver danças sem patadas, e um bailado suisso que leva palmas consecutivas. — As segundas partes dançam agora mais n'uma noite do que d'antes em seis mezes, e é de justiça confessar que têem feito grandes progressos.

Á sr. Moreno, com muito gosto a especialisamos; porque em verdade o seu adiantamento tem sido rapido; e pela delicadesa, correcção, e esmero do seu dançar promette dar honra á sua patria, e colher bem merecidos louros.

Finalmente o theatro de S. Carlos, sem estar excellente, offerece ainda assim o melhor passatempo de Lisboa; e a empreza, com quanto não haja sido muito feliz com algumas partes, tem com outras, e com a sua sollicitude e intelligencia, procurado compensar o que tenha havido de menos bom nos espectaculos. — O 1.º tenor Landi, que se estreou na ultima opera, não deixou de agradar pelo methodo e expressão do seu canto, apesar de ter a voz muito pouco extensa, e de não cantar bem os *allegros*. — Consta-nos que em breve teremos uma nova *prima dona assoluta*; e que a companhia se hade ir reformando e melhorando progressivamente.

X.

O N.º 7.

Não para alimento da credulidade, mas por simples commemoração curiosa, como dissemos a pag. 151 a respeito do n.º 5, apontaremos a singularidade dos periodos de sete annos na vida do mesmo contemporaneo celebre alli citado.

Em 1779 entrou Napoleão na escóla de Brienne, em 1786 foi nomeado tenente de artilheria, em 1793 distinguiu-se em Toulon, em 1800 foi primeiro consul, em 1807 era imperador, em 1814 abdicou, e em 1821 morreu.

ENIGMAS PITTORESCOS.

EXPLICAÇÃO DO ENIGMA DA FOLHA ANTECEDENTE.

Eva por ter violado o pomo vedado originou o peccado.



PORTO DE MARSELHA.

Ha poucas praças de commercio que offereçam hoje um estudo tão interessante e instructivo como a praça de Marselha. Quanto é triste percorrer as ruinas de uma prosperidade decahida e verificar os desanimadores resultados de uma decadencia prematura, tanto é fructifero e attractivo seguir o incremento de uma cidade nos seus vôos de riqueza ascendente, vêr como avulta debaixo da influencia de uma seve de vida superabundante, e admira-la no seu crescimento vigoroso e espontaneo.

Marselha, no golpho de Lyão, é o porto commercial mais consideravel e a cidade mais populosa que a França possue no Mediterraneo. Pelo que respeita ao fôro de antiguidade, nenhuma praça no mundo commercial rivalisa com Marselha. — Houve mercadores (diz Plutarcho) que foram fundadores de opulentas cidades, como Proto que fundou Marselha (Massilia) tendo adquirido a amizade dos Gallos das margens do Rhodano. » — A sua gloria e prosperidade, outr'ora como ao presente, é devida ao grande movimento da navegação do seu porto: com a Italia á esquerda, á direita a Iberia, defronte a Numidia, e nas costas as Gallias, tal era a posição favorecida d'este porto, que ainda deve a sua fortuna ás mesmas vantagens topographicas. — De Constantino até Carlos Magno enfraqueceu o negocio de Marselha, reviveu momentaneamente no tempo d'este ultimo imperador, e decahiu de novo para



só levantar cabeça na época das cruzadas, época de verdadeiro renascimento mercantil, que deu origem a uma nova fonte de permutações, que se tem perpetuado até os nossos dias por um modo assombroso, e é o denominado *commercio de Levante*. Não seguiremos as posteriores vicissitudes de Marselha; e sómente daremos a seguinte nota para se poder avaliar o commercio d'esta praça. Em 1836 entraram no seu porto 7:260 navios, e sahiram 7:239: o termo médio das entradas no decennio decorrido de 1826 a 1835 foi de 6:220 e o das sahidas de 5:484. — Comparado este movimento com o total dos portos do mesmo reino é o decimo quinto da navegação geral da França, quanto a numero de navios, e o setimo quanto a tonelagem. O movimento do Havre de Grace dá em resultado o 26.° dos navios e o 10.° da tonelagem: Bordéus só figura no movimento total com uma vigessima oitava parte quanto a navios e uma decima quinta quanto a tonelagem. A progressão é sempre favoravel para Marselha; ao passo que o Havre diminue em quantidade de embarcações augmentando na tonelagem; e Bordéus diminue n'uma e n'outra progressivamente.

TYPOS PORTUGUEZES.

O GALLEGO.

IV.

VIDA, DICTOS E FEITOS DE LAZARO THOMÉ.

Capitulo 2.° (continuação).

Lazaro Thomé era o unico herdeiro e representante de seu tio. O ser estouvado e duro da orelha latina não impedia que tivesse bom coração. Apenas mestre Serafim sahiu do aposento para acudir á ama que gritava como uma endiabrada, com o pescoço torcido, o pobre rapaz, que ficára com um nó na garganta, saltou em berreiro perdido e atirou-se de joelhos aos pés do cadaver, que jazia reclinado na poltrona onde a morte trepára ao cerebro do velho clerigo armada com as tres fataes syllabadas e encarapitada nos fumos de cêa indigesta. Com a cara sumida nas prégas da abbatina do tio, os gemidos e soluços de Lazaro, tanto mais amargos quanto elle sentia uma especie de suspeita de que não estava de todo innocente n'aquelle impensado e lastimoso caso; a sua afflicção profunda, que se revelava no tremor dos membros, e no menear rapido da cabeça; o espectaculo, emfim, da morte e da saudade produziam um quadro severo e solemne, como o é sempre o das grandes angustias humanas. Mas quando o bom do rapaz, já quasi asphyxiado, alçou a cara para respirar, a comedia veio associar-se á tragedia, como succede sempre n'este valle de ridiculo e de lagrimas, embora os caturras da immobilidade litteraria nos assegurem que os dois generos se hão-de separar cuidadosamente para que nunca se corra o perigo, creio eu, de nos encontrarmos com a verdade e com a natureza. Seja o que fôr, é certo que, descendo das respectivas proeminencias do craneo, a malicia e a parvoice vinham juxtapôr-se ou antes compenetrar-se no rosto lacrimoso de Lazaro, e sobretudo nas rugas concentricas que lhe rodeavam a bocca aberta e os olhos tumidos e meio cerrados. Como uma creança n'um accesso de perraria, ora se punha a bater com o pé no chão; ora puxava pelos cabellos; ora se rolava pelo soalho, até que, exhaustas as forças, se foi aninhar a um canto, onde, depois de grunhir mais de uma hora, adormeceu, emfim, de cançado.

Não ha bem que sempre dure,
Nem mal que se não acabe:

diz o adagio; e o mais é que diz bem. A prova d'isso foi o nosso Lazaro Thomé. Fazia vinte cinco annos n'aquelle mesmo mez em que falleceu o padre Ignacio. Estava emancipado e livre do latim! Era o que lhe enxugava as lagrimas quando o tio lhe vinha á lembrança. Queria-o vivo com a videira, com o marmelleiro, com os bicos agudos e reforçados dos sapatos; mas com o Pereira á latere, isso!.... Não ousava completar a idéa. Tambem nós não completaremos a phrase. Á força d'economia, e sobretudo de bons costumes (porque os bons costumes são o meio mais seguro de ajuntar dinheiro para quem tem pouco) o defuncto cura deixára no fundo de uma arca de milho, onde havia certo falso, um saquitel de bastante vulto, e não menor valia, posto só contivesse prata, porque o ouro amoedado ha muito que é uma simples tradição nas aldêas remotas do norte, tradição de cuja veracidade os melhores criticos de soalheiro e bodega começam a duvidar. D'esta somma, de algumas bouças, soutos, courellas e cerrados que o padre Ignacio adquiríra e cultivára, e dos trastes e roupas do presbyterio se compunha a herança jacente que Lazaro levantou. Achava-se moço, endinheirado, e proprietario. Parecia natural que se entregasse ás propensões ingenitas de volantinismo e truanice, que lhe haviam grangeado immensa popularidade entre o rapazio da terra. Não succedeu assim. Por um d'estes phenomenos que não têem completa explicação, mas que nem por isso deixam de ser frequentes, a proeminencia, cocuruto, ou *bossa* da mobilidade saltimbanca deprimiu-se-lhe, engelhou, e quasi desappareceu. Ficou-lhe a da parvoice maliciosa, a qual começava a produzir mais sensiveis effeitos desde que a outra, que a disfarçava, se achatára e sumíra. Toda a gente attribuia a mudança quasi repentina do seu genio galhofeiro a mágua entranhavel pela morte do tio. Porém, como quasi sempre acontece com a opinião publica, havia mentira e havia verdade na opinião da aldêa; porque se Lazaro quando se recordava de que o padre Ignacio o creára, e de que só mourejára para elle, chorava do olho direito; quando pensava no latim, e que por morte do bom do cura se víra livre e quasi rico — digamo-lo aqui á puridade — ria do olho esquerdo.

Independente e homem feito, Lazaro Thomé poz-se a scismar certa vez no rumo que lhe convinha seguir. Depois de pensar muito no caso disse lá com os seus botões: « Nada: Meu tio — Deus lhe falle n'alma — como ajuntou a chelpa que está no fundo d'aquella arca? No principio com a estola e pé d'altar. Sim, senhor: não o nego: é verdade. — Mas depois? — Depois foi com as videiras d'embarrado, e mais estragou muito bacello famoso comigo. Forte genio tinha aquelle meu tio! Aquillo? Aquillo era uma peste! — Foi com o milho e com o feijão; com as aboboras e com os lameiros; com os soutos e com as córtes. As córtes engordaram-no. Não, que não ha creação como a dos bácoros. — Sou dono de tudo isto. Não é assim? É. Pois então que mais quero eu do que tratar das minhas fazendas, e augmenta-las, e vir ás duas palhe-

tadas a ser vereador do concelho, mordomo da Senhora das Angustias e um dos da mesa da irmandade do Santissimo? Deixemo-nos d'historias. — Bem sei que podia ser escrivão da terra, ou ter o estanco do tabaco, ou outra qualquer cousa de truz; mas não quero. Não quero, e escusam de me cá vir com isso: não quero, já disse.» E zangado batia o pé na casa com aquella independencia de caracter, que costuma desenvolver-se de subito no animo do requerente, a quem, apoz alguns mezes d'importunações, o ministro poz no alto do requerimento um brutal *escusado*. Firme no seu proposito de não servir a patria, o herdeiro do padre Ignacio ceou, (o precedente monologo fôra proferido ás sete e trinta e cinco minutos da tarde na residencia parochial) resou, deitou-se, apagou o candieiro, e adormeceu. Mas quem diz lá que se aquietou ou callou toda a noite? — Ora trepava, em sonhos, a uma carvalheira com a podoa nos dentes; ora emparava com um fueiro uma pipa quasi a ponto de rolar do carro; ora cozia a pontapés um porco que lhe entrára no nabal; ora atirava pedradas aos merlos que lhe andavam a desenroupar as maçarocas nos caniços; ora agarrava n'um demonio para dar com elle na cara ao mestre Serafim, que lhe fôra cortar a agua do seu milharal meia hora mais cedo do que lhe tocava. Passou n'isto a noite, fallando, gritando, bracejando; até que espertou ao entrar-lhe a luz da alvorada pelo oculo da janella. Tinha a cabeça para os pés da cama e a roupa toda enrolada ao pescoço. Saltou ao chão; vestiu-se a fallar só; abriu um armario onde estava metade de uma boroa de meio alqueire, um cangirão com vinho verde, uma grossa roda de paio, e meia duzia de pipos (em lingua do sul, *peros*) e poz-se a almoçar como se não houvera ceado. Quando, porém, o sol, rompendo traz da serra, veio estampar no chão do aposento as sombras das arvores do adro recortadas sobre o fundo avermelhado dos seus primeiros raios, que alli batiam de soslaio, já o nosso Lazaro ia trotando por uma azinhaga fóra na velha mula que sobrevivera ao tio para aturar o sobrinho. Correu naquella manhã tudo: ralhou, deu ordens, suou, cahiu duas vezes da mula abaixo, e voltando ao meio dia para jantar, ninguem que o tivesse conhecido, não digo cinco ou seis annos, mas cinco ou seis mezes antes, acreditaria que este era o mesmissimo Lazaro, cuja vida, tim tim por tintim, tenho relatado ao leitor.

Agora retrocedendo alguns annos atraz da época d'esta historia, me vou eu metter n'uma alhada de que não sei como sahirei. Deus queira que a faça limpa. É por estas e por outras que o mister d'historiador tem dente de coelho, quando uma pessoa quer apparecer diante da posteridade com a sua cara descuberta. Precisa-se de não pôr nem tirar: o que deu, deu. É o caso: Micaela Ramos, a ex-ama do padre Ignacio, via-se estatelada n'uma cama com o pescoço á banda e inchado como um pote. Fallecido de morte repentina, não podéra o cura fazer as suas disposições testamentarias, e a boa da velha estava bem certa de que se as tivesse feito se havia de lembrar d'ella. O que não tem remedio remediado está. No meio das dôres pungentes que a atormentavam, e apesar das judiarias que mestre Serafim lhe fizera para o pescoço lhe não ficar absolutamente tão torto como lh'o havia posto o desattento Lazaro, Micaela Ramos parafusava no modo como segraria uma fatia de pão para os ultimos dias de vida em casa do doudo de seu novo amo. Verdade é que ella o ajudára a crear e o trouxera ao collo; mas estes serviços são faceis d'esquecer aos homens, e tanto mais a elle que era um estavanado. Se as dôres não davam tempo a Micaela para dormir, davam-lhe de sobejo para pensar, e por isso tanto barafustou comsigo mesma, que o plano dos reductos e baterias com que devia render Lazaro Thomé, sahiu-lhe em fim da cabeça armado e prompto como Minerva da cachimonia omnipotente de Jupiter. Não fazia, porém, justiça a Lazaro: elle sentia bem que o estado da ama era devido á sua imprudencia e déra ordem a mestre Serafim para pôr em pratica todos os recursos da sciencia a fim de que a pobre velha não ficasse como um recruta a quem mandam perfilar pela direita, e que não ouve depois a voz de olhos frente. Além de que, nos seus designios de ordem domestica, Lazaro fazia figurar sempre a ama de cuja fidelidade, arranjo, e economia elle guardava na lembrança as provas pelos muitos puxões d'orelhas que apanhára do padre Ignacio em consequencia das queixas que ella fazia contra as suas travessuras, golosices, e desmazelos de rapaz.

Micaela Ramos era viuva e tinha uma filha (é n'este ponto que começam as minhas ancias) a qual trouxera ainda mui pequena para casa do cura. Bem que me custe, é preciso dizer que sobre esta circumstancia a maledicencia dos mandriões e mandrionas da aldêa armára muitos cas'ellos no ar. Quaes elles eram facilmente o adivinha o leitor. Pura calumnia. O padre Ignacio chamára esta mulher para sua casa por boas informações que d'ella lhe déra o andador da irmandade da Senhora das Angustias. Antes d'essa conjunctura não sabia se era branca ou preta. Para que, pois, andava aquella canzoada a bisbilhotar sempre, segredinho para aqui segredinho para acolá, por toda a freguezia, quando Micaela passava com a sua Joaquina um pouco mais secias? Lá isso é que eu não sei; mas sei que murmuravam e mordiam no innocente padre Ignacio, que era um santo homem, dada a hypothese de não ser algum jesuita disfarçado, que então, abrenuncio!, torno com a palavra ao bucho. Similhantes a dois cedros creados na solidão, que misturando as raizes debaixo da terra, se aquecem no inverno ao mesmo raio do sol oriental, repartem no estio as gôtas do mesmo orvalho, com que pela madrugada os sacia o Senhor, e pendem amorosamente um para outro os ramos sempre verdes, como buscando amparar-se reciprocamente contra as lufadas do norte, ou abrigar-se com mutua sombra dos ardores da canicula, assim Lazaro e Joaquina tinham crescido um junto do outro, affagados pelas bençãos do cura, e pelos carinhos de Micaela, repartindo entre si penas e gosos, e affinando as harmonias intimas pela alma um do outro, mais palmo menos pollegada, como Paulo e Virginia nas brenhas da America. «Bom! — dizia ás vezes para a ama o padre Ignacio, cujo coração era segundo Deus, e não pensava em que os rapazes e raparigas crescem com a idade: — Bom! O Lazaro é amigo de sua filha, e ha-de olhar por ella em sendo homem como se fôra sua irmã. Certo é que, por minha morte, eu não a hei-de deixar a você á matróca; mas você não é creança — nem eu — e a elle fica-lhe de que viver porque hade tomar ordens a seu tempo, e tenho esperanças de que seja meu successor n'este curato, que não é dos melhores, nem dos peiores, graças a Deus. Assim temo-la a ella amparada e a você tambem, e escusa de me andar aqui sempre a chorar o lambas por seu marido, que deixou orphã a sua Joaquina e a você sem arrimo, sujeita a andar por casas alheias, porque Deus é arrimo de todos, e orpham é o diabo, que perdeu a graça de Nosso Senhor Jesu-Christo, e n'esta casa não lhe tem ido tão mal como isso; que não sei que lhe falte nada, e se falta diga, e acabou-se. Oh Lazaro! — oh lé, vem á lição. Dize lá: *Servus, Servi*, nominativo do plural?»

E Lazaro, soltando-se dos braços da sua querida como irmã, com quem andava engalfinhado ao murro, por causa de mais duas sopas que ella molhára no melaço que lhe tinham dado no mesmo pires para merendarem, dirigia-se á poltrona do tio, que puzera os oculos e deixára cahir a viseira, e respondia, arregalando os olhos para Joaquina, que ficára triumphante no campo de batalha:

«Nominativo do plural, *arborum*.»

Subitamente uma das orelhas, enredada entre os gadanhos do padre, levava-lhe apoz si a cabeça para a poltrona. Lazaro via então, em logar de Joaquininha, tres estrellas a dançarem no ar, que o chamavam á realidade da situação, e emendando a asneira acudia meio suffocado:

«Nominativo do plural: *arboribus*.»

Palavras não eram ditas, o nariz batia-lhe de chofre sobre os joelhos do padre Ignacio, e começava a repinicar sobre elles, como o badalo do sino grande do campanario ao romper o repique no dia de Santa Senhorinha de Basto, que era o orago da freguezia.

N'aquella afflicção, e desesperança de escapar ás unhas implacaveis do tio, era ao menos um alivio para o pobre Lazaro o ouvir que se misturava com o seu choro o soluçar de Joaquininha: o saber que havia alli bem perto quem sympathisasse com a sua profunda agonia.

A. HERCULANO.

(Continuar-se-ha).

VISTA DE OLHOS

SOBRE

A HISTORIA DO THEATRO PORTUGUEZ.

PORTUGAL foi uma das primeiras nações em que depois da restauração das letras tiveram logar as representações dramaticas. Ainda hoje não está bem averiguado se á Sophonisba de Trissino, ou á Castro de Ferreira, compete a honra de ser a primeira tragedia moderna. O theatro hespanhol não é mais antigo do que o nosso, ainda que teve a vantagem de ser constantemente cultivado por homens de genio transcendente, como Cervantes, Lope de Vega, Moreto, Alarcon, Roxas, Thirso de Molinas, e o inimitavel Calderon.

Duas cousas me parece que cooperaram para este atrazamento do theatro entre nós; 1.° a falta de um theatro publico, pois as nossas primeiras peças ou foram representadas no paço pelos moços da camara, ou nos palacios dos grandes pelos auctores, e pelas familias d'aquelles, ou nas igrejas dos conventos pelos coristas, depois da missa do dia; isto consta, além de outras testemunhas, das rubricas das comedias de Gil Vicente; 2.° o espirito aventureiro que se apoderou da nação com as conquistas e navegações do oriente, que enchendo os nossos poetas, quasi todos militares, de sentimentos heroicos, os levou a cultivar de preferencia a epopeia, em que ficavam tão superiores aos hespanhoes, quanto os hespanhoes a nós na poesia dramatica.

A Castro do doutor Antonio Ferreira, ainda que nos faça muita honra pela época em que foi escripta, não deixa por isso de ser um frio arremedo da tragedia grega, sem acção, sem energia nem caracteres, toda composta de dialogos interminaveis, e em versificação summamente dura, e escabrosa; os seus córos passam pelos melhores trechos da poesia lyrica do auctor, mas se tentassem agora representar a tragedia, ainda pondo-os na melhor musica, a sua longura é tal que não deixariam de apurar a paciencia dos espectadores.

Não deixa com tudo de haver na Castro alguns rasgos sublimes, alguns trechos patheticos, alguns versos excellentes, mas isto não basta para fazer uma tragedia.

Parece-me que Ferreira foi mais feliz nas comedias, em que ha alguns caracteres bem desenhados, especialmente o do *Cioso* na comedia d'este nome, que concertado e corrigido, como se lê entre as obras de Manuel de Figueiredo, talvez com bons actores podesse ainda hoje merecer a representação, e produzir seu effeito em scena. Ferreira escrevia sem nenhum conhecimento do theatro, e este conhecimento é indispensavel em quem tem a tentação diabolica de escrever para elle, o que é não pequena penitencia para qualquer poeta pagar os seus peccados. Lia Plauto e Terencio, e á imitação das suas comedias em verso, escrevia comedias em prosa, e por isso perde-se em monologos eternos, em dialogos interminaveis, multiplicando personagens a ponto de fazerem confusão, e apezar de não lhe faltar a graça e a veia comica, todas as bellezas que acha não podem brilhar soffocadas por um diluvio de palavras inuteis, e n'um dialogo, que não corre, mas que penosamente se arrasta. E não é de certo por este modo que se prende a attenção dos espectadores, e que se conseguem os seus applausos.

Da mesma enfermidade adoeceu nas comedias o seu contemporaneo e amigo o doutor Francisco de Sá e Miranda, muito menos poeta que Ferreira, mas que no dialogo é um tanto mais conciso e vigoroso; mostrou tambem muita afoutesa e arrojo na critica, por isso a inquisição lhe fez a honra de retalhar as suas composições dramaticas, e tornando-se cada vez mais rigorosa, acabou pelas prohibir de todo, razão porque não apparecem na maior parte das edições, não poucas, que se fizeram das suas obras.

No meio d'esta barbaridade, d'esta nevoa de sensaboria classica, que só lisongeava e recreava a pedantaria de litteratos do tempo; appareceu finalmente um homem dotado do verdadeiro talento comico, e que soube abrir nova estrada, conhecendo que a comedia é para o povo, que o seu primeiro predicado é ser popular, e que para se distinguir n'este genero é melhor ser Aristophanes que ser Terencio. Este homem foi Gil

Vicente, cujas comedias, autos, e farças, escriptas em redondilhas, recheadas de sal, e ás vezes bem apimentadas, nos representam bem ao vivo o espirito do pae da comedia grega.

Os escriptos de Gil Vicente fizeram as delicias da côrte de D. Manuel, e D. João 3.°, que muitas vezes representou n'ellas com o auctor, sua filha Paula Vicente, então dama do paço, seu filho Luiz Vicente, e outros fidalgos.

Nada mais elegante, original, e chistoso que o estylo e os versos de Gil Vicente; mais vivo que os seus enredos. O famoso latinista Erasmo fazia tamanho apreço de suas obras, que aprendeu portuguez para intende-las, e não fallava no auctor sem denomina-lo o Plauto lusitano.

O dialogo de Gil Vicente é vivo, conciso, bem cortado, cheio de movimento e força comica: abunda de graça, de bons dictos, de caracteres engenhosos, e a sua satyra não poupa condição nem classe, mas parece preferir para alvo principal dos seus tiros todos os vicios da aristocracia, e do clero, não perdoando mesmo á côrte de Roma. Faz assombro vêr como o nosso Aristophanes generalisa a sua critica escrevendo do paço, e para o paço; assim a inquisição, logo que por desgraça se estabeleceu no reino, mutilou horrivelmente as suas peças, quando lhe deu licença para a segunda edição, e nem mesmo assim permittiu que se fizesse terceira, conseguindo por este modo não só que Gil Vicente desapparecesse das mãos dos leitores, mas que mesmo nas grandes bibliothecas só apparecessem raros exemplares, e esses todos da segunda edição.

N'este estado estavam as cousas quando dois emigrados litteratos, divagando pela Allemanha, depararam na universidade de Gottinga com um exemplar da primeira edição, que copiaram, e deram á luz as suas obras inteiras, e quaes sahiram das mãos de seu auctor. Esta edição é a mais correcta e elegante de todas.

Gil Vicente preferia á prosa insulsa e cançada de Sá de Miranda, e Ferreira, as redondilhas rimadas, que os hespanhoes adoptaram, e com razão, porque o verso octosyllabo é na lingua da peninsula o mais proprio para o dialogo familiar, e de que póde dizer-se como Horacio dizia do iambo « *Vicentem strepitus, et natum rebus agendis.*

Foram da escóla d'este grande homem o infante D. Luiz na sua comedia dos Turcos, Prestes, e outros, cujas obras se perderam, e ultimamente Camões, que nos tres dramas que nos deixou mostrou o quanto poderia produzir n'este genero o seu talento proprio para tudo, se uma vida mais feliz e tranquilla lhe deixasse continuar na carreira dramatica, e se a musa da epopeia o não roubasse a Thalia, e Melpomene.

Então o theatro se dividiu em dois partidos; o popular, que seguia o trilho de Gil Vicente, e Camões; e o dos litteratos, que se modelava por Miranda, e Ferreira; o primeiro chamava o povo ás igrejas, que preferia e applaudia a quem o fazia rir; o outro chamava aos salões os litteratos, que folgavam de vêr na scena as imitações friamente classicas dos dramas latinos, que faziam parte dos seus estudos.

Não sei a qual d'estas escólas pertence Simão Machado, porque nunca li a sua comedia do Cêrco de Diu; ainda que não posso intender como o cêrco de Diu possa ser assumpto de comedia; mas á escóla classica pertence sem duvida Jorge Ferreira de Vasconcellos, escriptor de grande fama no seu tempo pela sua historia dos cavalleiros da tabola redonda, livro que hoje tem desapparecido inteiramente.

Este auctor deixou tres comedias, ou para melhor dizer tres novellas em cinco actos, e em prosa, cujos titulos são Euphrosina, Aulographia, e Olyssipo. Estas comedias foram ultimamente dadas á luz pelo professor Farinha, homem de mais erudição que gosto, e grande apaixonado da linguagem antiga. Cada uma d'ellas occupa um volume de mais de seiscentas paginas, e seria necessario uma noite para a representação de cada acto; formam estes dramas a mais completa collecção dos proverbios, anexins, e dictados da lingua portugueza, a linguagem é mui pura e elegante, e aconselhâmos o estudo d'estas obras a todos os que se applicam a escrever comedias, que tem muito que aproveitar com esta leitura. Seria muito para desejar que se fizesse uma edição das obras d'este auctor, incluindo a sua historia da tavola redonda, que seria um thesouro inestimavel da pura e castiça lingua portugueza.

Á escóla popular pertencem dois poetas, que desgraçadamente escreveram em castelhano, o primeiro é João de Mattos Fragoso, que os nossos visinhos contam como classico, e digno rival de Moreto, a quem se aproxima muito pelo estylo, e versificação; e temos que muitas das suas comedias bem traduzidas seriam hoje bem recebidas no theatro portuguez.

O segundo é Antonio Henriques Gomes, auctor de um poema epico tambem em hespanhol, em que ha bellos trechos de poesia, mas o seu estylo é o de Gongora, ou de Montalban: este poema intitula-se *Sansão Nazareno.* As suas comedias são mui numerosas, e seriam excellentes senão as não desfeiasse a affectação do estylo.

No reinado de D. João 5.° floresceu outro poeta popular, homem de grande engenho; era um judeu portuguez, que a inquisição fez queimar no campo da lã, isto é, no logar onde hoje existe o haver do pêso, e o terreiro publico.

Os seus dramas formam tres volumes de oitavo; todos de grande espectaculo, adornados de musica, uns de invenção sua, outros imitados de Metastasio; nada mais precioso do que o seu estylo, mais rapido que o seu dialogo, e mais vivo que as suas acções. Descahe ás vezes, é verdade, na baixa bufonaria, mas prende e arrebata os espectadores com o chistoso dos incidentes, a graça dos caracteres, e uma pompa até então desconhecida: ainda não ha muitos annos que se representaram algumas comedias suas, que muito agradaram, apesar de lhe haverem diminuido a pompa. As suas melhores peças são o *Labyrinto de Creta*, as *Variedades de Protheo*, e sobre tudo as *Guerras do alecrim e da mangerona.*

O conde da Ericeira, D. Francisco Xavier de Menezes, auctor de uma epopeia intitulada a Henriqueida, grande erudito, ainda que mediocre poeta, estimava muito este comico hebreu, e foi sempre seu declarado protector, e se o conde o não precedesse na morte, é mui provavel que o pobre Antonio José tivesse um fim menos desgraçado.

(Continúa).

CONVERSAÇÃO

Á SOMBRA DE ARVORES.

Como a esperança sempre suavisa e consola na vida, convém muito advertir no que temos a esperar de bom no futuro. Por esta consideração trazemos a publico, no inverno, um artigo mui conciso ácêrca do recreio de conversar á sombra das arvores, que é de certo uma das muitas cousas deliciosas de que gosamos pelas estações da primavera e do estio.



Não é nosso intento tratar aqui a fundo o assumpto indicado: só queremos registar o que basta para que se note que a todos é a gradavel e conveniente a conversação á sombra das arvores.

Em todas as principaes cidades da Europa ha passeios publicos adornados de arvoredo, e sempre são estes os mais frequentados pelos habitantes. Nota-se por todos os paizes d'esta parte da terra, que ao homem apraz summamente espairecer junto das arvores.

Os francezes, porém, excedem a todos, não só na frequencia dos passeios e logares em que encontram arvoredo, mas tambem na familiaridade que usam n'essas recreações. Presam elles por extremo passarem algumas horas a conversar, sentados á sombra de alguma arvore.

Por muitas cidades e villas da França, nos logares em que vecejam arvores, se ajuntam a meudo immensas pessoas, que muitas vezes ahi travam conhecimentos umas com as outras, e convivem em quanto por alli se demoram, quasi com a mesma franqueza que usariam em uma reunião de familia.

De um d'esses ajuntamentos — que na França e por todos os mais paizes onde se verificam são triviaes pelo decurso do verão — podemos ajuizar pelo que nos expõe a estampa junta ao presente artigo.

É inegavel que é bem entendida, e muito para louvar, a predilecção que tem os francezes pelo recreio da conversação á sombra das arvores. No aspecto da vegetação de qualquer arvoredo, — nas fórmas e côres que ahi se divisam, naturalmente variadas e bellas, — ha o quer que é que nos remoça a vida, e que mostrando-nos claramente que Deus é omnipotente em todas as cousas, nos inclina a purificar a alma.

Demais, a frescura de que se gosa a qualquer hora de um dia calmoso, sentado ao abrigo da rama de uma arvore, é puramente uma delicia.

Ainda bem que á similhança dos francezes, vamos tendo em grande apreço a conversação á sombra das arvores. Em Lisboa já se encontram muitas pessoas que consideram uma distracção preciosa repousarem por algum tempo a conversar, nas cadeiras que a favor do azylo da mendicidade se alugam por aquellas bonitas ruas do passeio publico. E pelo campo, nas proximidades da cidade, vemos que todos que passeiam levam suas familias, ou buscam algum amigo para conversarem, e procuram sempre seu desenfado nos sitios onde vegetam algumas arvores.

De sobra estimamos que assim aconteça, e desejamos muito que o uso da conversação á sombra das arvores se adopte como moda por todo o reino, porque d'essa recreação provém grande alegria e consolação para o povo.

Correm-nos a todos tão ledas as horas da vida que passamos junto dos arvoredos; apraz-nos tanto a frescura e graças naturaes d'esses logares, que toda a conversação que ahi travamos, nos vale por um bom e suavissimo passatempo, ao qual nos convém sermos affeiçoados. • •

DOIS BELLOS EXEMPLOS DO PREÇO DA GENTILEZA. *

SEGUNDO EXEMPLO.

Aquella nobreza d'alma, cultura e galhardia d'espirito e d'acções, tão notavel e tão commum nos dourados tempos de nossa gloria, foram fructos d'uma educação esmerada. Era então moda o saber e o merecer: ninguem pertendia alcançar empregos ou honras que não podesse lançar no seu memorial prestimo, e serviços provados. As escólas e habilitações consistiam, n'aquelle tempo, mais nos exemplos, e no galardão conferido pelos reis do que nas lições especulativas de mestres e livros: não que faltassem estes, que muitos era preciso folheassem os infantes filhos de João 1.º, os Pedros Nunes, os Joões de Castro, os Galvões, Teives, Barros, Gouveas, e Rezendes com mil outros que nos collocaram á testa da litteratura da Europa; mas como sempre os documentos praticos tem mais força e obram em nós mais vigorosamente do que a leitura, aquelle viver no meio dos grandes homens creava vontade de os imitar. El-rei D. Manuel, diz o seu chronista, jámais se punha á mesa de jantar que não tivesse por companheiros sabios, e guerreiros com os quaes se entretinha, e os quaes estimulavam outros que aspiravam a o ser. As festas e saráus do paço real eram modêlos de honesta liberdade, d'alegria prasenteira, de galanteria cortezã: as prendas de corpo, e d'espirito, a musica, a poesia, os jogos e exercicios d'utilidade pratica, ahi andavam em toda sua valia. D'aquella grande escóla sahiu no reinado seguinte sua filha a princeza D. Maria, portento de belleza, de virtude, e de sabedoria, tendo a seu lado a famosa Luiza Sigea, a cujas lições devia uma erudição sem igual no seu sexo, em aquelle seculo venturoso, fertil de outros bellos exemplos.

Onde porém se gravaram retratadas todas as virtudes, todas as grandes qualidades do felicissimo reinado d'el-rei D. Manuel foi no infante D. Luiz, 4.º filho do mesmo soberano, nascido da rainha D. Maria, filha dos reis catholicos Fernando e Isabel, o qual veio á luz em a Villa de Abrantes em 10 de maio de 1507, e foi depois creado duque de Béja no ultimo anno do reinado d'el-rei seu pae em 1520.

N'este grande principe competiram o merecimento com a fortuna sobre qual o havia de cumular mais abundantemente de seus dons. Discipulo do famoso Pedro Nunes e do grande bispo do Algarve D. Jeronymo Osorio, companheiro d'estudos mathematicos de D. João de Castro, e de Martim Affonso de Sousa, avisado, cavalleiroso, discreto, sisudo, honesto, instruido, prendado, e galante, reunia elle na sua pessoa as qualidades d'um mancebo perfeito. Quanto á fortuna, era elle, duque de Béja, — fronteiro mór d'entre Téjo e Odiana, — 9.º condestavel de Portugal, — senhor de Salvaterra, Covilhã, Serpa e Almada, e da cidade de Ceuta em Africa, — administrador do priorado do Crato, cabeça e baliado da ordem de Malta em Portugal. Mas este ultimo grande emprego, fructo da profunda e reservada politica d'el-rei D. João 3.º seu irmão, foi a cadêa dourada que atou invencivelmente a liberdade, e os destinos do grande principe, e cujo pesado constrangimento talvez minasse seus dias, e lhe abreviasse a existencia. Todos os testemunhos dos chronistas e escriptores contemporaneos, ou visinhos d'aquella idade, estão concordes em acreditar que el-rei D. João estorvára sempre as diligencias repetidas que seu dito irmão fizera na curia romana, a fim de alcançar dispensação do papa para casar. O padre Sousa na historia genealogica, querendo dar explicação d'esta politica d'el-rei, diz, que com isso queria obstar a que tão consideraveis bens e senhorios passassem a seus filhos, e descendentes, e se alienassem assim da coroa com visos de perpetuidade.

Mas nós considerando que esta mesma repugnancia real se estendeu a não consentir que o infante se estabelecesse fóra do reino, casando com princezas que muitas foram filhas e irmãs de reis que se lhe propozeram; não menos do que a impedir que fosse militar em Africa para onde esteve de partida, e nem mesmo se acharia na expedição de Tunes com o imperador Carlos 5.º, se não tomasse a resolução de se escapar sem licença; concluimos que mais do que a politica era o ciume, e o receio, ordinario achaque dos reis, quem sacrificou a alta esphera do infante, forçando a representar em pequeno theatro um joven principe destinado a representar no mundo um grande papel.

Eis-aqui a lista dos partidos que se offereceram ao infante, os quaes como rapidos clarões, brilhantes, mas efemeros de lumes fatuos passaram, e desappareceram de seus olhos, deixando-lhe sómente as sombras e as trévas de sua fallacidade: = Maria, rainha d'Escocia — as princezas Heduviges, filha de Sigismundo, rei de Polonia; e Barbara, irmã do rei de Hungria — Christina, filha de Christiano 2.º rei de Dinamarca, sobrinha do imperador Carlos 5.º a quem este dava em dote a investidura do ducado de Milão, — uma princeza de França, filha de Francisco 1.º; — infanta D. Maria, sua sobrinha, filha d'el-rei D. João, seu irmão, — a princeza Maria, filha de Henrique 8.º de Inglaterra, accrescentando a este partido o mesmo imperador aquelle já dito ducado de Milão, ou o de Florença, — ultimamente se tratou o seu casamento com a senhora D. Maria, filha do infante D. Duarte, que depois foi princeza de Parma.

Desvanecidas todas estas seductoras proposições e esperanças, concentrado o infante D. Luiz no seu retiro de Salvaterra em forçado ocio, teve amores com uma rapariga formosissima a que pozeram o nome da *pelicana* pela alvura extraordinaria de sua côr, chamada Violante Gomes, de quem nasceu o sr. D. Antonio, prior do Crato. A esta quiz o infante como principe religioso que era desposar secretamente, pedindo para isso faculdade ao papa, o que jámais conseguiu, atravessado sempre n'esta pertenção pelos embaixadores portuguezes, de ordem d'el-rei seu irmão.

De todos os partidos porém offerecidos, e lesapparecidos ao infante D. Luiz pela fama de seu extraordinario merito, e excellencia de sua pessoa, nenhum, quanto a nós, foi mais notavel e caracteristico de suas altas e raras qualidades do que o que escolhemos para segundo exemplo do preço da gentileza que é o objecto d'este artigo. É elle verdadeiramente um conto *romantico* que não seria crivel por suas circumstancias, se o não referisse testemunha presencial, tão veridica, quanto interessada em que não existisse pelas repugnancias naturaes de vêr esta paixão musulmana para com um principe christão. Esta testemunha é o auctor da historia dos xarifes cap. 77, d'onde tirou a noticia o nosso Pedro de Mariz no dialogo 4.º, historia d'el-rei D. Manuel.

Foi o caso: tinha atravessado o Estreito, retumbado na Africa e imperio de Marrocos, e penetrado mesmo no paço do imperador a fama da grande gentileza, perfeição, galanteria, e animo cavalleiroso do infante D. Luiz: nas longas horas da ociosidade feminina nos estylos musulmanos, costumam as princezas, as sultanas, e mais imperiaes escravas d'aquellas prisões orientaes entreter o tempo, referindo historias e contos interessantes áquellas imaginações escaldadas pelo ardente clima, e a isso dispostas pelo reservado constrangimento de sua propria situação. Aquelles corações ávidos d'occupações, aquelles espiritos que procuram transpôr os ferrolhos do serralho, e vir tomar parte na fruição do mundo que Deus fez para os viventes, desforram-se em prescrutar e informar-se dos typos que a tradição lhes offerece mais capazes d'encher sua remontada imaginativa. Os contos das *mil e uma noites* são uma composta pintura d'este emprego commum nos palacios musulmanos.

(Continúa).

* Continuado de pag. 160·

O TUNNEL SUSPENSO.

Uma das emprezas mais ousadas que se tem imaginado a respeito de caminhos de ferro é a que no meado do anno foi proposta em Inglaterra por M. Stephensou, afamado engenheiro d'aquella casta de obras; a qual consiste em um tunnel suspenso, destinado a estabelecer uma communicação com a Irlanda prolongando atravez do estreito de Menai em Holyhead o caminho de ferro denominado do norte de Galles. Sendo mui fraca a ponte actual para supportar os trens das locomotivas, e reputando-se impossivel a construcção de uma ponte de pedra, M. Stephensou propoem fazer passar um tubo de ferro ou uma galeria atravez d'este braço de mar, que da altura da ribanceira de uma praia até a outra apresenta o espaço de 900 pés inglezes (125 braças), existindo um rochedo no meio que divide este espaço em duas porções; portanto o tubo será composto tambem de duas porções de igual extensão, construidas de fortes folhas de ferro pregadas com cravos de ponta revirada e atracadas com barras longitudinaes. Crê-se que esta galeria se manterá pela sua rijeza em posição quasi horisontal, e em altura sufficiente para dar passagem aos navios á véla, não obstante poder supportar a carga de um trem que pése 60 a 80 toneladas.

ENIGMAS PITTORESCOS.

EXPLICAÇÃO DO ENIGMA DA FOLHA ANTECEDENTE.

Aquelle que conserva o socego entre os grandes riscos é valente.



SUMMARIO.

FARCICO.*

Despedido do collegio, estava assentada a incorrigibilidade de Fernando. Tomaram um mestre para o educar; mas nem o pedagogo nem o pae conheciam a tendencia d'aquelle espirito. O mestre applaudia, é verdade, os progressos do discipulo nas materias que estudava com decidida preferencia; mas não conhecia que um impulso secreto encaminhava o seu alumno para aquelle ramo dos conhecimentos humanos, que antigamente chamavam *humanidades* e hoje denominam *bellas-lettras*. O pae insistia pela applicação ao que elle reputava conhecimentos positivos; em summa queria o filho ou jurisconsulto, ou economista; para o que muita gente crê que só basta fallar de tudo e não dizer cousa que preste. — O pedagogo conhecia applicação em Fernando, mas de modo algum queria desgostar o pae; e tambem, é forçoso confessa-lo, pouco podia ensinar um pedante. — Fernando não teve mestre; cultivou a litteratura, porque era do seu gosto; e parecendo entregue ás distracções da mocidade, sempre no silencio do seu gabinete achou tempo para o seu estudo predilecto. Das muitas relações de familia e de sociedade, que lhe proporcionava a casa de um negociante opulento, como era seu pae, aproveitou para maior frequencia o trato das pessoas que podiam instrui-lo; e este mancebo jovial era por todos bem acolhido. A leitura e a frequencia da conversação com os sabios e litteratos parece que mudaram o modo de viver de Fernando; era sempre alegre e folgasão, porém attento aos assumptos serios, e indagador de quanto podesse esclarecer-lhe o entendimento. Mas não fazendo alarde do saber, continuava a gosar da unica reputação de rapaz esperto, agradavel por sua gentil presença e ditos agudos.

Accidentes imprevistos decidem muitas vezes da condição e da ventura do homem na sociedade. O pae de Fernando, certo de que lhe deixava copioso rendimento para viver, deixou-se de o querer fazer embaixador ou ministro d'estado. Fernando occupava o seu tempo como queria, e estudava por que era o seu gosto. — Aconteceu que n'um saráu esplendido o piano parecia tocado por mãos angelicas: Fernando arrebatou-se; e Valentina excedia os mestres afamados. — Mas quem era Valentina?.... Uma donzella desvalida, que aperfeiçoando os elementos de educação que recebêra na prosperidade de sua familia cultivou a arte que lhe era mais familiar, a musica; e na decadencia de sua fortuna era o fructo d'este estudo o esteio da sua existencia, ensinando agora o que para recreio lhe fôra ensinado.



Por mais que digam os philosophos scepticos, existem sympathias entre os individuos. Fernando, em situação muitissimo feliz, sympathisou com as circumstancias penosas de Valentina, não tanto pela commiseração natural ás almas compassivas, não a esse momento por inclinação amorosa, mas sim porque lhe narraram a esmerada applicação de Valentina a fim de valer-se da sua propensão para a musica, como instrumento de subsistencia decentissima na sua infelicidade. Se Fernando até alli estudava por gosto, o estudo converteu-se para elle em paixão; não queria consentir que uma fragil mulher o vencesse em assiduidade. — Mas d'aqui naturalmente nasceu o desejo de vêr mais a miudo Valentina; logo depois as honestas relações familiares; em seguimento um caso que não é tão raro como alguem suppoem, Fernando feito poeta compondo lettras para o canto de Valentina. — Esta creatura, amavel por todas as considerações que podem fazer respeitar o sexo feminino, teve um ascendente notavel sobre Fernando, que frequentava o pobre domicilio da sua musa, aguardando o momento em que recolhia fatigada das lições a numerosas discipulas que a excellencia da sua prenda na arte da musica lhe havia grangeado. O sentimento que ao principio fôra pura sympathia converteu-se em inclinação amorosa; e as poesias de Fernando, denunciando esta nova e mais vehemente inspiração, eram cada vez mais apaixonadas e primorosas. *(Continúa).*

VISTA DE OLHOS
SOBRE
A HISTORIA DO THEATRO PORTUGUEZ.**

Já n'este tempo havia cessado o abuso de representar comedias nas igrejas; mas não havia ainda theatro fixo. As companhias de actores vagueavam de terra em terra representando as peças do seu repertorio, e demorando-se em cada uma d'ellas, mais ou menos, segundo os interesses que faziam. Algumas d'estas companhias eram hespanholas, e representavam na sua lingua, mas a maior parte era composta de portuguezes, e representavam peças nacionaes, ou traduzidas principalmente de Calderon, e de Moreto.

É porém menos exacto o que o sr. Schlegel affirmou em nossos dias no seu curso de litteratura dramatica a respeito do nosso theatro «Os portuguezes (diz elle) tem mostrado grande aptidão para a poesia lyrica e epica, mas tão pouca para o theatro, que *ainda agora* se contentam com as companhias hespanholas, que de tempos a tempos vem a Lisboa, representar-lhe comedias em lingua estranha »

Já se vê pelo que temos dito, que muito antes da época, a que o auctor allude, tinhamos theatro nacional, e que aquelle douto professor, e optimo critico cahiu em um erro grosso escrevendo tal cousa dos portuguezes seus contemporaneos, pois a fundação do nosso theatro como estabelecimento estavel data do reinado d'el-rei D. José. Este monarcha, grande apaixonado da musica, mandou edificar theatro em todos os palacios reaes; um no sitio onde está hoje a ribeira das náus, que pereceu em um incendio, outro na Ajuda, outro em Villa-Viçosa. N'estes theatros representava uma optima companhia de canto, paga pelo seu bolsinho, e que o acompanhava para toda a parte. Alli se executaram as operas de Metastasio, com musica de David Peres, que era seu mestre de capella, e de Ismeli, a quem dava uma pensão para lhe mandar cópia de todas as operas que compunha.

Foi n'este tempo que uma sociedade de fidalgos edificou o theatro, e praça dos touros do salitre; que uma companhia portugueza edificou o theatro chamado do Bairro-alto, no pateo do conde de Soure; houve mais um theatro á Graça, e outro á Mouraria, mas estes eram para figuras innanimadas, ou *buratins*.

Foi n'este theatro do Bairro-alto que por muitos annos um poeta mui celebre então, e hoje inteiramente desconhecido, desempenhou por muito tempo os logares de ensaiador, e de compositor, e do bom desempenho d'estas duas funcções podem ser boas testemunhas os excellentes actores, que foram seus discipulos, como José Felix da Costa, Filippe Manuel, Victorino, Antonio Manuel Cardoso Nobre, José Arsenio, João da Cunha, o famoso Pedrinho, e Diogo, e muitos outros que é desnecessario referir, e a immensidade de comedias suas, cuja impressão enriqueceu outr'ora os livreiros depois de haverem feito a fortuna do theatro.

Nicoláu Luiz era dotado de um grande talento poetico, e de muito bom gosto para o tempo em que escreveu, o seu estylo é affectuoso, cheio de imaginação, de pensamentos delicados, e ás vezes sublimes, e a sua versificação summamente harmoniosa e energica — se tivesse abraçado outro genero gosaria hoje de grande reputação.

* Continuado de pag. 161.
** Continuado de pag. 167.

As suas comedias, pela maior parte imitadas dos poetas hespanhoes, não são meramente traduzidas, mas melhoradas com grande engenho e conhecimento da scena; o seu dialogo é ordinariamente rapido, natural e engraçado, e não perde occasião de tornar os seus quadros apparatosos. Entre as suas composições se destinguem os dramas intitulados *Amor, e obrigação, Cordova restaurada, A ilha deshabitada, Irene perseguida, e triumphante, Os tributos da mocidade, e Belizario.*

Nicoláu Luiz teve muitos imitadores, mas muito inferiores a elle em talento; não contentes de imitar os dramas hespanhoes, não duvidaram de applicar a sua fórma romantica aos dramas de Metastasio, que então eram o feitiço da Europa: *pôr um drama de Metastasio ao gosto do theatro portuguez*, era na phrase d'elles dissolve-lo em uma alluvião de versos octosyllabos, transtornar as suas idéas tão simples, e tão poeticas, em concertos alambicados e dignos de Gongora, e sobretudo inxertar-lhe dois ou tres graciosos que interrompessem os trechos mais patheticos, com ditos, e apudadouras sordidas, e semsaboronas, e por isso mesmo muito do gosto do publico, que então frequentava o theatro como hoje frequenta as hortas e as tabernas. Em tão bello traje figuravam no bairro-alto, o Cyro, o Artaxerxes, o Adriano, o Orphão da China, Demetrio e Cleonice, Dido abandonada, e a immortal Olympiada.

N'este mesmo theatro tentou Manuel de Figueiredo uma empreza muito superior ás suas forças, a saber: crear a tragedia e a comedia portugueza, segundo as regras dos francezes. Manuel de Figueiredo era um official da secretaria d'estado dos negocios estrangeiros, homem de mais erudição que talento, mais rico de bons desejos que de meios de os pôr em pratica. Era socio da arcadia com o nome de Lycidas Cinthio, e tinha-se feito conhecer como mediocre poeta anacreontico, satyrico, e pastoril, mas sendo talvez o peior versificador de todos os arcades.

Compoz innumeraveis tragedias sobre assumptos nacionaes, mas todas ruins por estylo e versificação; se exceptuarmos a sua Castro, que se alguma pessoa habil quizesse tomar a si o trabalho de a versificar de novo ficaria a melhor Castro que se tem escripto dentro e fóra do reino.

As suas comedias, não menos numerosas, tem mais merecimento, especialmente as em prosa, porque as que são em verso tornam-se insoportaveis. Vê-se que o auctor tomou por modêlo a Moliere, a quem excede quasi sempre nos desenvolvimentos, a quem se aproxima muito na pintura dos caracteres, mas de quem fica a immensa distancia na graça, na vivacidade do dialogo, no movimento da scena, e na propriedade do estylo. As suas melhores comedias são o *Acredor, João Fernandes feito homem, Poeta em annos de prosa*, etc., tambem nos deixou a *Mãi garrida*, e o *Jogador*, excellentes comedias de Quinault, e de Regnard, traduzidas em versos martilianos, que elle julgava serem alexandrinos, e na mesma desgraçada metrificação o *Cid*, o *Cina*, tragedia de Corneille, e em verso endecasylabo o *Catão* de Addisson, e algumas peças, mais tanto italianas como francezas.

Os dramas de Manuel de Figueiredo foram no seu tempo muito applaudidos e criticados, o que prova que lhes não faltava merito. Depois da sua morte a irmã do auctor os deu á luz em muitos volumes, e são hoje mui pouco lidos. Cumpre com tudo confessar que os mancebos que se applicam a escrever para o theatro, tirariam grande proveito da sua leitura.

O impulso classico dado ao theatro por Manuel de Figueiredo, foi coadjuvado por outros socios da arcadia, ainda que com menos affinco, e perseverança, tanto no theatro do bairro alto, como no da rua dos condes, edificado para o substituir pelo ferrageiro Paulino, que foi muito tempo seu empresario.

O celebre lyrico, e restaurador da poesia portugueza Pedro Antonio Corrêa Garção, compoz duas tragedias, uma intitulada Sophonisba, a outra Bruto. Theotonio Gomes de Carvalho, deputado da junta do commercio, compoz outra tragedia, Cesar, que foi mui mal recebida no theatro do Cabo, e é na verdade para notar que o auctor tivesse tão pouca perspicacia, que consentisse em que tal representação se desse em um cyrio! Como estas tragedias se não imprimiram, não podemos sobre ellas assentar juizo, posto que conheçamos seus auctores por homens de grande saber, e engenho.

Miguel Tiberio Pedegache Brandão Ivo, coronel de um regimento suisso, aquartelado em Setubal, auctor de um diccionario francez, e elegante traductor, e commentador de um mediocre poema de Frederico rei da Prussia intitulado a Arte da guerra, se ajustou com Domingos dos Reis Quita, tambem arcade, para a composição da tragedia Megara, imitada do Hercules furioso, de Euripides, e de Seneca. Aquelles dois homens eram o perfeito contraponto um do outro. Pedagache tinha muita erudição, e quasi nenhum genio, Quita muito genio, e quasi nenhuma erudição, e foi talvez por isso que se houveram tambem: Pedegache architectava a fabula, e Quita poetisava a poesia. Um delineava, o outro coloria.

Megara ainda que moldada pelo theatro grego, sobre um assumpto mythologico, e carregada de córos, que são antipaticos com o theatro moderno, é sem duvida a melhor tragedia que nos ficou d'aquella época: bom estylo, boa versificação, acção verosimil quanto o permitte a natureza do assumpto, caracteres, e dialogo simples, e pathetico, são as suas principaes bellezas. Em algumas edições é acompanhada de uma dissertação de Pedegache sobre a tragedia, que é boa prova da erudição e conhecimentos da arte que possuia aquelle militar erudito.

Quita não foi tão feliz em outras tragedias que escreveu sem o auxilio do seu amigo; como Herminia, D. Ignez de Castro; é na verdade d'um estylo encantador, e do suave metro do sublime auctor dos idylios, mas falta-lhe a força tragica, e o colorido vigoroso dos pinceis de Melpomene.

Porém Quita colheu outra laurea theatral, que ninguem ainda lhe disputou entre nós. O seu drama pastoril de *Lycore*, é uma obra prima de sentimento, de poesia pastoril, de pureza de estylo, e de simplicidade magestosa, superior ao *Amintas* do Tasso, que lhe serviu de modêlo, na contestura dramatica, e no desenvolvimento; não teve *Pastor fiel*, que lhe disputasse a primazia, nem tem as argucias, *os conceitos*, e *falsos brilhantes*, que mancham a formosa composição de Guarini.

A *Lycore* de Quita foi recebida com applausos enthusiasticos no theatro, e tem conservado até hoje a estima dos amadores da poesia portugueza.

O padre Joaquim de Foios, da congregação do oratorio de Lisboa, traduziu em versos portuguezes o Hyppolito coroado, de Euripides, e o muito zeloso e laborioso padre Francisco José Freire, mais conhecido pelo nome de Candido Lusitano, tambem como o padre Foios, congregado e socio da arcadia, deixou uma traducção de quasi todas as tragedias gregas, e da Merope de Maffei, trabalhos estes que existem manuscritos na bibliotheca de Evora, e na de alguns curiosos, assim como a traducção da Eneida, das Methamorphoses de Ovidio, até que haja algum zeloso da honra da litteratura patria, que se lembre de publica-las, assim como se publicou a sua traducção da Athalia de Racine, e da poetica de Horacio.

A musa comica tambem n'esta época achou quem se lembrasse de cultiva-la, auxiliando os esforços de Figueiredo. O nosso pindaro Antonio Diniz da Cruz e Silva, que tambem traduziu a *Iphigenia em Tauride*, de Guimond de la Touche, compoz uma comedia original, que anda impressa com as suas obras, e mostra quanto aquelle raro engenho poderia produzir n'este genero, se continuasse a dar-se a elle.

Garção nos deixou igualmente duas comedias em um acto, igualmente impressas entre as suas obras, e que tem por titulo o *Theatro Novo*, e a *Assembléa*. São optimos modêlos de versificação, de dialogo comico, de graça, de chistes, e de gracejo urbano. É em um d'elles que se encontra a *Cantata de Dido*, a melhor composição d'este genero, que até agora tem produzido a poesia lusitana. *(Continúa).*

DO DESTINO DAS CIDADES. *

CONSTANTINOPOLA, ALEXANDRIA, VENEZA E CORINTHO.

Vejamos agora como Corintho que, por sua posição, podia dizer-se uma cidade *necessaria*, o não foi entretanto senão em certo estado do mundo, e por um certo tempo.

Corintho é situada entre dois mares, e sua posição parece não poder substituir-se, nem mudar-se. Isto não obstante não se vê porque Corintho se possa tornar uma cidade poderosa e rica. Com effeito, o isthmo de Corintho não separa senão duas partes d'um mesmo mar, duas porções d'um mesmo paiz, e não, como o isthmo de Suez ou o do Panamá, dois mares, e dois mundos differentes. O commercio das Indias devia necessariamente passar pelo isthmo de Suez, uma vez que senão quizesse fazer a volta da Africa; e devemos notar que, depois da descoberta do Cabo da Boa-Esperança, o commercio faz esta volta não se embaraçando com a distancia, e muito menos ainda com a volta da Moréa. A passagem do isthmo de Corintho, seja por terra, seja por meio d'um canal, se se abrisse, abbreviaria, ao muito, o trajecto uns cinco ou seis dias. A passagem pelo isthmo de Suez abbrevia a viagem das Indias muitos mezes.

Comtudo n'outro tempo foi rica e poderosa, e os poetas cantaram o esplendor d'esta cidade assentada sobre dois mares: *Bimarisve Corinthi mœnia*. A riqueza de Corintho provinha da imperfeição da marinha entre os antigos. Era uma difficuldade para as embarcações que seguiam ordinariamente as costas, e evitavam o alto mar o dobrar o Peloponeso; bem conhecida é a fatal tradição dos promontorios do Tenaro e Moléo. O commercio em outro tempo atravessando o isthmo de Corintho, evitava muitas perdas e difficuldades; além d'isto, e foi esta nos tempos antigos a principal causa do seu poder, Corintho era a porta do Peloponeso, unico privilegio que lhe resta nos nossos dias.

A riqueza das cidades, que mais bem situadas parecem, depende da ousadia ou timidez do commercio e navegação. Quando o commercio se fazia a pequenas distancias, o isthmo de Corintho tinha a importancia do de Suez, e do de Panamá; mas actualmente que se faz em grandes distancias e d'um a outro polo, que é para elle a volta da Moréa de mais ou de menos.

* Conclusão de pag. 164.

O estudo do destino das quatro cidades citadas mostra o que a natureza dá ás cidades mais favorecidas, e o que o homem lhes accrescenta. Corintho durante longo tempo parece uma d'essas cidades predestinadas, á qual a sua posição entre dois mares procura uma fortuna que se lhe não póde tirar; mas o commercio e a marinha avançam um passo, e Corintho perde essa fortuna. Veneza florecia sobre o adriatico, mas a sua força dependia do estado da Europa na idade média; mas este estado muda, e Veneza perde o seu poder. E Alexandria, emfim, que representa o Egypto, póde igualmente perder o destino que lhe deu o seu fundador. — Alexandria não é sobre o mediterraneo o ponto mais proximo de Suez no mar roxo, e se um caminho de ferro devesse um dia atravessar o isthmo, quem sabe se os homens escolheriam sobre o mediterraneo outro ponto mais visinho para ahi fundar a cidade destinada para deposito? Só Constantinopola parece estar ao abrigo de todas as mudanças. Póde ella florecer mais ou menos segundo o genio do povo que a habitar, segundo o gráu de civilisação dos paizes que une o seu estreito; mas não póde deixar de ser um grande deposito do commercio; porque o Bosphoro é um local unico na Europa, e Constantinopola unico local proprio sobre o Bosphoro.

O Bosphoro, com effeito, é a derrota necessaria e inevitavel do commercio entre o mar negro e o mediterraneo; não ha meio, mesmo inda mais longe, de evitar o Bosphoro. Dobrando a Moréa póde deixar de se atravessar o isthmo de Corintho, e dobrando a Africa, o isthmo de Suez; porém para entrar no mar negro é preciso atravessar o Bosphoro; é este o só e unico caminho.

Constantinopola ao mesmo tempo é um local unico sobre o Bosphoro: mudae-a um pouco mais para cima ou para baixo, e perderá logo algumas de suas vantagens. Fundada sobre o Bosphoro, entre os dois castellos da Europa e da Asia, ou sobre o Hellesponto nos Dardanellos, será ainda senhora da passagem que conduz ao mar negro, mas não possuirá mais esse porto vasto e commodo que lhe fórma o golpho da ponta de oiro, esse porto que o mar com sua corrente lava todos os dias. Se a transportardes para o mar de Marmara, já não possuirá as chaves do Bosphoro, e mais não será a entrada dos dois mares, como diz Ovidio:

Hic locus est gemini janua vasta maris.

É pois por estas razões que Constantinopola, graças á especialidade e favor dos locaes, não póde chegar a ser inutil como Corintho, nem ser substituida como Veneza, ou Alexandria. A sua posição não póde nem ser destruida nem supplantada, e é de todas as cidades a que dá a idéa mais completa do que se póde chamar cidades *necessarias* e *naturaes*.

NOTAVEL COMPORTAMENTO DO CAPITÃO DE UM NAVIO.

(Um caso de que se póde duvidar).

Um bom velho que nos fallava muito das cousas extraordinarias que aconteceram por occasião do ultimo terremoto que houve em Lisboa, nos contou certo dia, um caso — que por ser de assumpto interessante e de algum modo agradavel — vamos aqui fielmente referir.

«Poucos dias depois do 1.° de novembro de 1755, em que succedeu aquelle fatalissimo acontecimento do terremoto (nos disse elle), como constava que muitos dos objectos roubados por varias casas da cidade, haviam sido escondidos a bordo de alguns navios mercantes estrangeiros fundeados no Téjo, a auctoridade competente, além de outras providencias que deu, mandou que todos os navios estrangeiros quando estivessem para sahir fossem visitados pela gente dos escaleres da ribeira das náus.»

«Estava carregado e prompto para sahir do porto um pequeno brigue; e para cumprimento do que tinha sido disposto, e com todos os mais navios era praticado, atracou a bordo do dito brigue um escaler com gente da ribeira das náus, incumbida da visita daquelle navio.»

«O capitão do brigue prometteu algum dinheiro aos homens que hiam no escaler, para que se fossem sem effectuar a visita; estes recusaram, e lhe declararam que por cousa alguma deixariam de cumprir o seu dever.»

«Desesperou com isso o capitão, e os advertiu asperamente para que não tentassem entrar a bordo, porque estava resolvido a oppôr-se, e tinha meios de vedar que realisassem esse intento.»

«Os homens do escaler riram de uma tal advertencia, e não mudaram de tenção, antes pelo contrario cuidaram immediatamente de entrar a bordo. O capitão, o piloto, e os marinheiros tomaram algumas espadas e espingardas que possuiam. Travou-se entre uns e outros um grande conflicto, no qual não obstante terem prostrado com golpes tres marinheiros, iam hesitando os homens do escaler.»



«Chegou então a bordo do dito brigue o inspector das diligencias do mar, e ordenou aos homens da guarnição do escaler de visita que suspendessem de accommetter os que lhe resistiam. Depois dirigiu algumas palavras em francez ao capitão. Disse-lhe que reparasse na gente que trouxera no seu escaler para assim reconhecer a sua temeridade, e apreciar devidamente a generosidade de bom portuguez que usava com elle e com a sua gente.»

«Logo, por ordem do capitão, todos de bordo do brigue depozeram as armas. Após d'isto o capitão respondeu ao inspector: — que não duvidava que havia sido temerario, mas que assim lhe cumpria proceder por circumstancias que lhe indicaria, dignando-se ouvi-lo em particular. Annuiu a isto o inspector, e ambos desceram para a camara.»

«Dentro em pouco ambos d'ahi voltaram, acompanhando uma senhora lindissima, e que segundo parecia, estava summamente envergonhada.»

«O inspector disse para os homens dos escaleres: acabo de verificar que o capitão só resistiu para evitar todo o desaire que poderia provir a esta senhora, a quem salvou a vida no dia do terremoto, e agora guardava a bordo do seu navio com o devido recato, porque enamorado d'ella, e sabedor de que o seu amor era correspondido, a pretendia conduzir para a sua terra para alli a desposar, o que não se tinha decidido a praticar em Lisboa, porque esta senhora lhe dissera que seus paes lh'o não consentiriam. Saibam pois que o capitão é homem honrado, e merece que se lhe perdôe a resistencia que nos oppoz. Agora póde largar d'este navio o escaler da visita.»

«Dito isto se embarcou o inspector no seu escaler, onde recebeu o capitão e a dita senhora, que levou para terra; e logo que ahi chegaram começou o dito inspector a usar tal empenho sobre o negocio do casamento do capitão com aquella senhora, que obteve que muito a contento dos paes d'ella, e com brevidade se verificasse: — o que os noivos lhe agradeceram muito.»

«Bem mereceu este capitão a boa fortuna que teve (concluiu o velho), pois eram puras as suas intenções, porque no mesmo tempo em que outros só cuidavam em roubar objectos de grande valor, cuidou elle unicamente em salvar a vida, e manter illesa a honra de uma mulher.»

Declaramos com sinceridade que não ousamos abonar inteiramente ao leitor a veracidade do caso referido, — que póde muito bem ser toda essa relação um dos muitos contos que o bom do velho, a quem nós ouvimos, imaginava, para d'esse modo entreter as pessoas da sua amizade, e dar-lhe alguma boa lição de moral.

**

LISBOA. *

III.

O desconhecido era um observador d'este microcosmo aonde a sonda, por mais funda que a lancem, nunca logrará descobrir completamente os segredos, — os segredos do homem. Nunca elle se occupára muito em menear o microscopio de Spallanzani para devassar o mundo dos infinitamente pequenos, nem tão pouco em assestar o instrumento de Herschel para surprender nos espaços celestes os seres infinitamente grandes.

Não, senhores. Se lhe dissessem — como nos acaba de dizer o celebre Humboldt, ou não sei que outro astronomo — que o nosso globo e todo o nosso systema planetario vão marchando, ou voando para Orion com a velocidade prodigiosa de milhões de leguas por dias, horas, minutos ou segundos — valha a verdade —; se lhe dissessem que se nota, de data recente, uma enorme fenda na lua, e que este planeta ameaça desabar sobre alguma porção consideravel dos habitantes da terra; o nosso desconhecido faria ouvidos de mercador. Era noticia essa que lhe não roubaria um quarto de hora de somno; que lh'o não roubaria nem por espertina nascida do medo, nem para dar á meditação o tempo que a natureza destina ao repouso.

Quando o desconhecido voltava da Praça da Figueira, sem bem saber ainda em que empregaria o resto da manhã, sentiu um toque nas costas: virou-se: era um amigo.

«Novidade! — lhe disse este.

«Então que temos?

«Grande novidade!

«Mas que novidade?

«A maior das novidades.

«Sim, sim — lhe tornou o desconhecido, sorrindo — a mais pasmosa, a mais surprendente, a mais maravilhosa..... Fazei de conta que eu sei de cór o esquadrão de adjectivos da carta de madame de Sevigné a mr. de Coulanges, dando-

* Continuado de pag. 75.

lhe noticia do casamento da neta de Henrique IV com o duque de Lauzun.

Dispenso-vos da repetição; e sem mais preambulo dizei-me a novidade, se poder ser, com o mesmo laconismo com que Sieyes votou pela morte de Luiz XVI. O Senhor nos guarde de pleonasmos e epithetos parasitas.

«Impossivel! — lhe tornou o amigo — tão impossivel como metter o oceano na concha da mão, metter o mundo em uma casca de noz, ou.....

«Basta, basta — atalhou o desconhecido — venha a novidade com a condição unica de ter algum fio que a prenda á cidade de Lisboa, porque não quero distrahir para outro assumpto o curso das minhas investigações.

«Basta — repetiu o outro — Ahi vae a novidade. Volume 66.

«Mas de que livro?

«Da Revista de Paris.

«Mas em que capitulo?

«No de uma viagem a Lisboa.

«Mas por quem?

«Por mr. Rosseuw S. Hilaire.

«E que diz o viajante?

«Muita cousa.

«Mas entre essas onde está a novidade?

«Respondei-me primeiro a uma pergunta, que vos vou fazer — lhe tornou o amigo.

«Responder-vos-hei a duas, se souber.

«De que é feito o elephante da memoria do Terreiro do Paço?

«Zombaes comigo!

«Quereis illudir a questão com figuras de rethorica? Ora respondei.

«É de pedra.

«De pedra dizeis vós que é, digo-o eu, e dizem-no todos; mas mr. Rosseuw de S. Hilaire diz que não.

«Diz que não! É isso possivel? A mim sempre me pareceu que o elephante era de pedra..... Mas talvez que eu esteja enganado..... Mr. S. Hilaire é um escriptor tão distincto..... Não é elle o auctor de uma historia de Hespanha?

«Não affirmarei que seja o proprio; mas talvez que sim.

«Então o engano hade ser nosso: o Terreiro do Paço é perto; demos um passeio até lá, e tiremo-nos de duvidas.

«Ah! Ah! Disparate fôra o passeio que propondes. É tal a myopia dos vossos olhos, dos meus, e dos de todos que sejam necessarios oculos augmentativos para averiguar a materia de que é esculptado o elephante? Mas voltemos ao que serve: o elephante é de bronze: assim o affirma o viajante francez.

«De bronze não é, de certo: agora cahi eu no engano de mr. Rosseuw S. Hilaire.

«E não só affirma que o elephante é de bronze, mas que é do mesmo metal o cavallo, que ladea a estatua.

«O homem estava a sonhar.

«Tanto estava a sonhar, ou tresvariar que reputa a estatua equestre como obra de *gosto assás triste*; e, pelo contrario, as tres linhas de edificios, que rodeiam o terreiro, — verdadeiramente tres montanhas de pedra amontoadas á hollandeza, de architectura monotona e mercantil, — considera-as elle de architectura *simples e grandiosa!*

«E que mais?

«O mais é do mesmo jaez. Disse da lingua portugueza o que Mafoma não disse do toicinho; e declarou que por muito favor chamava lingua ao que não é mais que uma algaravia, um dialecto corrompido do hespanhol, uma filha depravada que renega sua mãe, de accento pesado e nasal até na bocca das classes altas; e que custa a crer como o immortal auctor dos Lusiadas pôde encarcerar o seu genio em similhante lingua. Gostou da lua, do sol, do céu, do Téjo, das laranjas, das saloias da Praça da Figueira a quem chama provocantes (*agaçantes*). Gostou de vêr representada a França por um exercito de modistas, cabelleireiros, alfaiates, dentistas, e restauradores *francezes, sempre francezes, e cruelmente francezes*. Gostou de S. Carlos, menos da mimica dos comparsas. Informou-se com um mestre barbeiro do estado dos partidos. E, muito ancho, embarcou, tendo-se demorado em terra apenas algumas horas. Ainda depois de embarcado, não cessaram as doutas investigações do incomparavel viajante, porque ao dar á véla, do convez do brigue que fugia com a rapidez de uma frecha viu a summidade dos arcos das aguas livres, viu Belem, o palacio d'Ajuda, a igreja magnifica dos Jeronymos, a torre velha, edificio do stylo gothico o mais bello; viu depois o zimborio da Estrella, e depois ainda as galerias da Cordoaria. E para nada lhe escapar, á proporção que Lisboa recuava diante d'elle, á medida que o seu formigueiro de casas se ia confundindo n'um longe vago e vaporoso, ia divisando os valles risonhos de Cintra; por um oculo de vêr ao longe — o mesmo, provavelmente, com que viu o elephante de bronze — poz-se, com todo o descanço, a estudar as particularidades e accidentes d'essa fresca e verde paizagem cantada por Lord Byron; percorreu pelo espaço de seis leguas aquelles montesinhos dentados da serra; descortinou — tudo pelo oculo — que não havia ponto que não estivesse alcatifado de um tapete macio de verdura; avistou o vapôr humido a exhalar-se, com a brisa da tarde, das quebradas sombrias e verdejantes, agrupando-se depois com brandas ondulações em volta dos picos mais levantados; e — cousa estupenda! — pareceu-lhe ouvir o ruido dos cachões e quédas de agua precipitando-se debaixo dos arvoredos espessos; e — cousa ainda mais rara! — de tantas maravilhas que deixou em Lisboa sem tê-las visitado, nenhuma lhe gravou na alma tão vivas saudades como Cintra!

«*Et voila comme on ecrit l'histoire!* Que desmarcado charlatão não é o tal viajante! Tinha-o eu por escriptor de conta. E sê-lo-ha. Mas, no que toca a Lisboa, sou um seu criado!

Apartaram-se então os dois amigos, levando o desconhecido bem registada na memoria a viagem de mr. S.r Hilaire.

A. DE O. MARRECA.

DOIS BELLOS EXEMPLOS

DO PREÇO DA GENTILEZA. *

SEGUNDO EXEMPLO.

O typo da perfeição cavalleirosa do tempo era o infante D. Luiz, contribuindo talvez para isso o ser elle senhor de Ceuta, e haver procurado especialmente dar na Africa provas de sua galhardia militar. Á força d'ouvir contar as maravilhas das perfeições do infante, uma princeza marroquina se lhe afeiçoou de maneira que propostas todas as impossibilidades queria ella ganha-lo, captiva-lo, e unir á sua a sorte d'ella. Ouçâmos a singela, curta narração do escriptor dos xarifes, transcripta por Mariz, que diz assim:

Estando eu em uma horta do xarife, rei de Marrocos, sahiu a folgar por ella uma sua filha donzella, môça, e muito formosa, acompanhada de outras muitas mouras e christãs: e chegando-me eu a lhe beijar a mão, como costumava, ella me mandou fizesse uma capella, ou corôa de flôres, ao modo que usavam os reis christãos: e fazendo-a eu com a maior perfeição que pude, lh'a apresentei, e ella a pôz em a cabeça muito contente, dizendo-me que nunca Deus quizesse que ella morresse sem se vêr casada com o infante D. Luiz, sendo rei de Marrocos. E que me não espantasse eu d'esta vontade porque sómente para este fim sabia muito bem fallar a lingua portugueza, e trazia sempre comsigo o retrato do infante.» E ainda chegam a mais algumas pessoas, continúa o mesmo auctor, dignas de credito dizendo que estes dois infantes se escreviam, e tratavam d'amores; o fim dos quaes vendo ella tão impossibilitado por el-rei D. João não deixar passar o infante a Africa, dizem que lhe mandou dizer não deixasse de o fazer por falta de dinheiro porque ella lhe mandaria tanto que se podesse fazer uma ponte de ouro e prata desde Lisboa até Marrocos.

E tudo, diz Pedro de Mariz, parecia pouco para as excellencias e grandeza d'este infante; pois a presença de sua pessoa, e auctoridade, e a vista de suas heroicas obras, e o conhecimento de suas grandezas tambem serviam de grande estimulo a todo o generoso animo, para que em grandes, e altas cousas sempre as exercitasse, com que alcançasse e merecesse as monarchias que elle mereceu, e não alcançou. Era homem de meã estatura, louro, e de bom parecer, bem disposto, alegre em fallar, galante em vestir, e bom cortezão. Amparo de religiosos, orphãos, e viuvas; amava muito os seus criados, e segundo lh'o mereciam lhes fazia mercê.

Parece que as contrariedades de sua estrella lhe trocaram o natural de prasenteiro, e communicativo que era em melancolico, e retirado nos ultimos annos da sua curta vida, pois falleceu de 53 annos na quinta de Marvilla. O padre Telles na chronica da companhia de Jesus escreveu que o infante D. Luiz tivera lembrança de entrar n'aquella religião, mas que prevendo que ainda n'isto o estorvaria el-rei seu irmão, fizera voto de viver e morrer como se fosse religioso professo convertendo seus habitos e sua casa n'uma verdadeira e muito reformada clausura.

O seu testamento é um modêlo de disposições christãs: depois de muitos legados pios, e de recommendações de grande edificação, manda sepultar-se na igreja de Belem sem pompa, em sepultura rasa aos pés d'el-rei D. Manuel seu pae, e que sobre uma campa de pedra branca lhe gravassem o seguinte letreiro: = Esta sepultura é do infante D. Luiz, filho 2.º d'el-rei D. Manoel o 1.º, e da rainha D. Maria sua mulher.

* Conclusão de pag 168.

ENIGMAS PITTORESCOS.

EXPLICAÇÃO DO ENIGMA DA FOLHA ANTECEDENTE.

Quem poupa seus inimigos nas mãos lhes morre.



O DESCANÇO

(SEGUNDO UMA GRAVURA DE BERVIC).

O verdadeiro nome de familia de Bervic era Balvay: como os seus parentes figuravam distinctamente na magistratura, este celebre artista, por uma preoccupação muito arreigada no meado do seculo passado, julgou que não devia inscrever o seu appellido nas obras de gravura, que são hoje as que o salvaram do commum esquecimento.

João Guilherme Balvay, denominado Bervic, nasceu em París em maio de 1756. Mui cedo se manifestou a sua vocação, e não obstante as instancias de seu pae renunciou a carreira do fôro para consagrar-se exclusivamente ao estudo da gravura e desenho. O seu primeiro mestre foi o afamado Leprince, a casa do qual ia Balvay trabalhar ás escondidas da sua familia: vencido emfim por tanta perseverança, seu pae deixou de contrariar-lhe a inclinação, e o submetteu á direcção de Jorge Ville, gravador que na franqueza do traço excedia Leprince, que já estava velho e usava de um methodo mais acanhado; Ville fazia-se notavel pela energia do buril e procurava regenerar a gravura: Bervic comprehendeu o pensamento do mestre e associou-se áquelle projecto, chegando em breve a iguala-lo com a publicação da gravura *o descanço*, quadro de Lépicié. Esta gravura, que appareceu em 1783, alcançou uma fama sem exemplo, não desmentida antes bem sustentada pelas obras subsequentes.



Em 1784 foi admittido na Academia real de pintura. Durante a revolução trabalhou em retiro nas gravuras *a educação de Achilles*, do pincel de Renault, e o *rapto de Dejanira*, que passa pela obra prima do Guido: estas estampas publicaram-se no principio do nosso seculo; e mereceram mais tarde o premio decenal que foi decretado em 1810 pelo imperador. A segunda é o mais primoroso dos trabalhos artisticos de Bervic.

Em 1815 foi condecorado com o habito da Legião de Honra; e por uma excepção mui honrosa e sem precedente, o decreto que lhe conferiu esta recompensa era motivado com um fundamento que deve transcrever-se — «Attendendo a que a gravura a buril, elevada no reinado do nosso illustre avô ao auge de perfeição a que nenhuma nação tinha chegado, retrogradou depois até á época em que a superioridade das obras do sr. Bervic, reanimando o gosto pelo estudo da gravura, favoreceu o desenvolvimento dos talentos que honram a época actual; e querendo recompensar condignamente os felizes esforços d'este habil artista, o temos nomeado cavalleiro da Legião de Honra.»

Bervic já em mil oitocentos e tres tinha recebido o habito da ordem da Reunião. — Falleceu a vinte e tres de maio de mil oitocentos vinte e dois, sem poder acabar a famosa estampa — o testamento de Eudamidas, — trabalho que confiou a Toschi, um dos seus melhores discipulos. Bervic tinha então a vista cançada a ponto de não poder seguir o traço, e consta-nos que chorando entregára ao sobredito alumno uma das suas melhores obras que elle estimava. Á vista d'isto podemos affiançar, que deve ser bastante penoso para o homem de talento vêr-se forçado á inacção.

A POESIA E A HISTORIA.

V.

LONGAMENTE haviamos imaginado — contemplando esses dois tão bellos e tão grandiosos vultos — o traçar amplo quadro para as apresentarmos perante todos como ás nossas intimas vistas se apresentavam. Enganou-nos a esperança. Tomamos a magnificencia e vastidão do objecto por alentos e grandeza de concepção. Relendo, porém, agora o que escrevemos magoa-nos n'alma o vêr para quam pouco somos que nem fizemos valer o que de si tanto val; magoa-nos o achar tão despidas, tão crúas e tão pobres essas duas maximas representantes da humanidade, tão altas, tão ricas, e tão nobres. Temos fé que este nosso pensamento não passará desentendido, mas pêsa-nos — e bem nos pêsa — o não haver elle acertado em taes mãos que aos olhos e aos ouvidos o fizessem avultar como em nosso coração nos avulta.

Duas são as vidas que no mundo se vivem. Material e espiritual. — Têem ambas seus gosos e suas dôres, ambas affagos do prazer e visitas do pesar. — Essas duas vidas vivem-nas igualmente os homens, as nações, e os seculos. Os factos são a expressão da primeira; traduz-se a segunda pelas idéas. Certos habitos, certas tendencias e propensões caracterisam uma; o sentimento, a imaginação e a phantasia fazem distinguir a outra. — Ao mesmo passo archivo e illustração dos factos, a historia pede e tira dos fachos da poesia a luz de que precisa para se guiar em seu caminho muitas vezes obstruso de ruinas — quasi sempre difficil de vencer. Filha da idéa, a poesia alarga-as, altea-as, sobe, eleva-se; e lá no alto fulgura como brilhante clarão de um astro de Deus, incognito aos homens. Na philosophia das sociedades a historia é a base do edificio; a poesia, a coróa e o remate. Se a primeira vos mostra a semente do mal medrando na terra volcanica, no revolvido sollo das eras revolucionarias; a segunda debruçada para os povos chora sobre elles e por elles os seus prantos mais d'alma. — Se vos aponta a primeira para os restos grandes d'uma nação cahida, alastrando com os despojos do orgulho o proprio chão, que opprimíra com elle, lá vem a segunda com dolorosa, mas profunda e melancholica recordação, apossar-se de vossa mente e do vosso espirito. — Se a historia vos indica um monumento saudoso, quando com o pensamento lá chegardes achareis encostada a elle a poesia, ou mole e suave, ou magestosa e singella, fazendo vibrar na harpa ou murmurar no alaúde as puras notas do coração com os segredos do sentimento.

A poesia está portanto para a vida espiritual, como a historia para a material. A historia, verdadeira poesia do real, com a poesia, historia do ideal, são as cifras que representam essas duas vidas que vivem os homens, as nações e os seculos.

Quando o pensamento repousava, adormecia, e se depositava nas immensas paginas de pedra, eram os monumentos a phrase d'uma e outra: — Já o vimos. Quando o predominio das letras se estabeleceu, uma e outra acharam e tiveram phrase nova. — Representava-as um livro, representava-as um homem — quando o livro pequeno era tão grande como o acontecimento que enchia o seculo; quando o homem morredoiro era tão immortal como os resultados d'esse acontecimento: — Já o vimos tambem.

O poema de Camões bastaria assim para o perpetuar á memoria do descobrimento do oriente, ainda mesmo que o facto não fosse já de si tão dado á perpetuidade.

Apoz a conquista da India diversos foram os periodos, diversas as épocas e ainda assim diversos os modos de vêr e de viver d'este povo portuguez. Seria talvez enfadoso narrar-vos por miudo a dolorida morte dos nossos brios nacionaes nas perfidas arêas do infiel — os infelizes reinados d'um rei moço, cavalleiro, e valente; mas desgraçado e improprio do seu tempo; e d'outro rei ancião e irresoluto, tão molesto de corpo como fraco de espirito — e, finalmente, o lastimoso espectaculo d'uma cavilosa invasão estrangeira, e d'um povo generoso atado sessenta annos ao cêpo da escravidão, vexado, flagellado, e conculcado pelo visinho invejoso que o queria exangue por que só sobre o cadaver desfeito d'esse povo poderia chamar sua á nobre patria do nobre vencido — á terra da sua ambição. Mereceria essoutra mais alegre e mais gloriosa scena d'esse mesmo esmagado povo, que desperta um dia do longo satorpecimento, e accorda, como sempre accorda um povo, ao som da ruidosa quéda dos odiosos dominadores, fazendo armas de seus grilhões partidos, e alçando os pulsos roxos do continuo apertar das algemas, para affogar os ultimos restos de vida á bastarda hydra estrangeira — mereceriam, dizemos, essas porfiadas luctas do querer estranho e do querer nacional mais demorada e attenta contemplação se esse trecho e essa pagina não andassem ahi tão escriptos, tão gravados em todo o coração portuguez. Tambem não lançaremos, como por ventura quizeramos, longas vistas de dó e compaixão á triste vida do herdeiro de D. João IV, metade de erros, metade de crua penitencia — meio passada nos desregrados folguedos de livres e dissolutas companhias; meio passada no cançado captiveiro do estreito quarto de Cintra. — Desde que a historia e a poesia, sahindo da infancia, se emanciparam, começando a dispensar-se da interpretração, e a correr por seu pé todos os recantos da intelligencia, as observações para o quadro comparativo saltam dos proprios factos sem carecerem de commentario; affluem por si sem que seja necessario ir busca-las pela mão. E como não será assim? Até certo tempo precisavamos de ir procurar uma e outra lá aonde ellas se aninhavam. Agora são as proprias que nos procuram. — Bem nos pêsa não nos demorarmos aqui a suspirar um pouco pelas fragosidades de Cintra com o namorado Bernardim Ribeiro; não calçar o cothurno com Ferreira, e o sóco tambem com Gil Vicente. Folgáramos se parassemos a ouvir a lyra melodiosa de Rodrigues Lobo. Não se nos déra igualmente de escutar a sonora, a grave e discreta arcadia. Prender-nos-iam talvez ainda a attenção os chistes e conceitos do Gongorismo. — Mas o tempo escacêa e, por essa poesia escripta tão correspondente á historia de cada era, tão estranha tambem, tão caracteristica e diversa, só passâmos para lembrarmos de que modo a mudança do ser historico trouxe a mudança do ser poetico — como se harmonisavam bem Mafra, a arcadia e D. João V; como Bocage, o poeta despotico da transição, se parece no seu poetar, com o marquez de Pombal, o politico reformador, no seu reformar; como emfim as duas companheiras, as duas socias, as duas irmãs, atravessaram os seculos e as gerações e as revoluções tão emparelhadas como no principio.

Agora vejamo-las junto de nós.

Esta correspondencia das cousas muitas e boas pennas a tem provado, e a quotidiana experiencia a demonstra de sobra, para que mais insistamos.

Filtrada por assim dizer em successivas revoluções, a sociedade europea, pouco a pouco disposta para um grande fim, passou n'estes ultimos tempos por uma nova e geral reconstrucção. A medida das antigas idéas estava cheia, a trasbordar. As tradicções herdadas que tinham força de lei passaram a não serem mais que apontamentos para a chronica passada. Pensou-se de differente modo. — Os habitos, os costumes, e até os modos, foram differentes. Das novas idéas veio por tanto a nova poesia dos novos factos — a nova historia. As fórmas graves e senhoris, orgulhosas e cortesãas, do poema antigo, diziam bem com a aristocracia altiva e independente. — Com peitos de aço e elmos de ferro casavam singularmente chacaras e villancetes guerreiros. No reinado da formosura justo era que se presassem os rimances d'amor. — Hoje? — A preponderancia aristocratica já não faz rodar os seus carros sobre o povo. Ou se affasta e foge, ou se curva para elle, porque o povo é já um vulto temeroso, posto diante de todas as ambições. — Já a guerra e a morte não se embatem no chão. Percorrem os ares, e devoram os espaços. Já o amor não é aquella palavra feiticeira, mote de toda a nobreza, toda a lisura, e toda a lealdade; é um nome sonoro, ou mascara sem rosto, ou brinco travesso, ou fogo fatuo — ás vezes tudo isto — raramente uma verdade.

Ligeira, buliçosa, inquieta, a sociedade moderna tem pois o caracter de todas as cousas novas — como já n'outro logar disse — a curiosidade. Vê-se que não é o tronco robusto, que resiste firme aos impulsos de ventos furibundos, mas o arbusto, ha pouco plantado, que dobra os flexiveis raminhos á mais leve aragem. Profundaram pouco as raizes, e a arvore novinha seguindo as differentes direcções que lhe dão as tormentas revolucionarias pende-se, inclina-se para todas as cousas. Diz-lhe o seu generoso instincto que d'esses elementos, que vê dispersos, se hade formar a sua pura e nobre seiva. A sociedade além d'isto tem, como todas as cousas novas, o desejo de parecer adulta e feita. Já que lhe falta a idade quer supprir com mostras de grave profundidade, e com o serio aspecto que mal sabe conservar, o que lhe falta na madureza dos annos. D'aqui lhe vem o pretender entrar no amago de tudo, quando talvez ainda a si mesma se não conhece.

Ir contra as tendencias d'um seculo é querer ser esmagado por elle, porque o seculo é *grande e forte*, e passará por cima de quem se oppozer á sua marcha. Assim, para encaminha-lo, para dirigi-lo, para leva-lo ao que, na singelleza do nosso coração, imaginamos seu bem, é preciso lisongear-lhe os gostos, seguir-lhe as inclinações. — Para este nosso seculo o aturado cança, o doutoral e sentencioso parece ridiculo ou pelo menos vaidoso, o rude e singelo enjoa. Quer-se a arte, quer-se a sciencia, formosa, polida, elegante, como as mobilias, como os livros, como os edificios, como tudo. Seja assim a historia e a poesia, porque a poesia deve ser agora, mais que nunca, a socia, a companheira, a irmã da historia; visto que a sociedade e o seculo, só soffrerão as asperas e severas lições dos factos, amenisadas e doiradas por essa luz do céu chamada poesia, fervente, exaltada, e buliçosa, como o seculo e como a sociedade. D'esta poesia e d'esta historia são as fórmas principaes o drama e o romance. O theatro é pois o seu throno, e a imprensa o seu templo.

Desfolhemos do templo e do throno quanto fôr possivel as flôres da instrucção sobre o povo que no-la pede, e o povo saberá melhor conhecer-se, e será feliz.

MENDES LEAL.

VISTA DE OLHOS

SOBRE

A HISTORIA DO THEATRO PORTUGUEZ. *

Mas todos estes esforços de homens, aliás eruditos, e de grande engenho, pouca ou nenhuma influencia obtiveram no gosto do publico, e assim devia de ser. Os reformadores eram demasiado litteratos, demasiado affeiçoados ao systema grego, e não podiam capacitar-se de que as tragedias gregas, e as comedias gregas eram boas para os gregos, mas não para os modernos, que tinham outros costumes, outras idéas, e outro gosto; que um acto composto de uma scena, e de um côro, não podia agradar na nossa scena; que era necessario conservar sim a fórma classica, mas dar mais movimento á fabula, torna-la mais complexa, dar mais força aos caracteres, e sobre tudo não prescindir da pompa e do espectaculo visual.

Não admira pois que o povo, que concorria ao theatro para se divertir, preferisse a liberdade dos dramas hespanhoes que o interessavam, que o faziam successivamente chorar, e rir, que lhe prendiam a attenção com a habilidade rara de enredar e desenredar que em todos havia, e com uma sequencia de espectaculos, e machinas, onde a pintura e a musica alardeavam todos os seus primores. É por isto que as imitações ibericas de Nicoláu Luiz, e dos poetas da sua escóla ficaram em breve de posse do theatro da rua dos condes, que se accomodava perfeitamente ao gosto popular, assim como a declamação dos seus actores, tão propria para os dramas romanticos, como avêssa com os dramas classicos.

Ia emtanto progredindo o theatro do salitre, aonde a côrte concorria de preferencia; e aonde alguns homens menos letrados, porém de mais gosto, tentaram uma revolução, reformando ao mesmo tempo os actores, e o systema dramatico.

Estavam á testa d'esta obra José Caetano de Figueiredo, poeta de grande merecimento, e official maior da secretaria da junta do commercio, José Frederico Ludovice, official maior do desembargo do paço, Joaquim Pedro Junot, seu collega, Domingos Pires Monteiro Bandeira, secretario, e deputado da meza da consciencia, e ordens, e alguns outros, que havendo-se dado ao estudo da lingua franceza, tomaram a si a empresa de propagar entre nós as doutrinas e os exemplos dos seus escriptores dramaticos.

Ludovice, e Junot, eram dotados de grande talento para a representação, em que muito se haviam exercitado em um theatro particular, que havia em casa do primeiro; estes tomaram a si a instrucção dos actores, que sendo quasi todos novos facilmente se accomodavam ao novo methodo de representação, e fizeram progressos admiraveis; os outros deram-se a traducções das melhores tragedias ou comedias francezas.

Reinaram então na scena portugueza Voltaire, Racine, Corneille, Moliere, Destouches, e Regnard. *Zaira*, e *Mahomet* receberam amplo tributo de lagrimas e applausos no theatro do salitre; O *Cid* ahi mostrou a sua magestosa cabeça, tão bem desenhada pelo grande Corneille; *Rhadamisto* e *Atrêo* encheram os animos de terror e de susto; o desembargador Camara brindou aquelle theatro com as suas traducções de *Orestes*, *Bruto*, *Sophonisba*, *Mariamne*, do *Cinna*, e da *Castro* de La Motte; representou-se alli o *Tartufo* de Moliere, traduzido por Francisco Manoel do Nascimento, a quem os tartufos de cá iam fazendo pagar bem caro este arrojo, o *Jogador* de Regnard, a *Vinda inopinada* de Destouches, e final-

* Continuado de pag. 170.

mente todas ou quasi todas as comedias de Goldoni, o mais gracioso de todos os poetas comicos. Não faltou tambem quem n'este tempo brindasse o theatro portuguez com composições originaes, pois foi então que sahiram á luz o *Viajante*, a *Beata fingida*, os *Peraltas mascarados em Almada*, os *Acertos de um disparate*, os *Disparates de um acerto*, e muitas outras, cujos auctores se ignoram, mas que não desabonam o talento portuguez.

Então o salitre, e a rua dos condes foram a Roma, e Genebra dos amadores da scena. Formaram-se dois partidos, e oxalá, que nunca conhecessemos outros! Uns se denominavam salitristas, e outros condistas, que continuamente se faziam guerra, com censuras e com sonetos, mas por fim a superioridade dos dramas e dos actores do salitre conseguiu estabelecer em Lisboa o gosto e o systema francez, com a tragedia e comedia regular.

Foi esta a quadra mais gloriosa do nosso theatro; a côrte e o povo tinham tomado paixão por esta casta de espectaculos, e os frequentavam assiduamente. Os actores haviam-se aperfeiçoado a ponto de competirem com os melhores da Europa, segundo a confissão de muitos estrangeiros doutos. Se tinhamos raras peças nacionaes, ao menos alli se representavam traduzidas as melhores, de que então se ufanava o theatro moderno, e isso já não era pouco. Mas esta prosperidade do theatro, que durou todo o reinado d'el-rei D. José, começou a diminuir no reinado da sua successora.

Muitas foram as causas que para isso concorreram: 1.ª o espirito reaccionario da administração que se seguiu á do marquez de Pombal, e que negligenciou o theatro por isso mesmo que elle o tinha protegido: 2.ª a revolução franceza, que tornou o governo desconfiado e suspeitoso, de que proveio darem-se apertadas instrucções aos censores, e ao tribunal do desembargo do paço, para não consentirem a representação de dramas francezes, e com especialidade de tragedias, cujos assumptos mais ordinarios são mortes de reis, e conjurações; 3.ª a grande influencia dos frades no espirito demasiado piedoso da rainha, chegando a mette-la em escrupulos de assistir ás representações dramaticas, valendo-se para isso de todos os argumentos de que contra o theatro se havia servido Santo Agostinho, e outros padres, como se houvesse alguma cousa de commum entre o theatro moderno, que é um puro recreio, e o theatro antigo, que fazia parte do culto pagão; 4.ª o queixume de algumas altas personagens de que seus maridos as despresavam pelas actrizes, e com ellas gastavam sommas exorbitantes; em consequencia d'estas queixas matrimoniaes, que em França apenas produziriam riso e algumas cantigas populares, foram as mulheres prohibidas de apparecerem em scena, passando os papeis de damas a serem desempenhados por mancebos imberbes, de bom parecer, e alguns de grande talento; mas o remedio foi peior do que o mal, porque não faltou gente a quem a illusão parecesse completa, e sobraram Gallos, e Virgilios que alli achassem Alexis e Ligurinos, de modo que aos antigos inconvenientes se ajuntou de mais a mais o escandalo, e esta tempestade acabou com o fechamento do theatro.

Golpe de morte foi isto para o theatro portuguez; já porque a longa interrupção do espectaculo fez com que o povo lhe perdesse a paixão, e buscasse outros entretenimentos, e este affecto amortecido nunca mais reviveu; já porque prohibida a representação de tragedias, e com especialidade as de Voltaire, quando o theatro tornou a abrir-se, sempre com a prohibição de representarem mulheres, foi necessario recorrer á escóla de Nicoláu Luiz, aos dramas magicos, e outras sensaborias, que principiaram a estragar o gosto do publico.

Para maior desgraça tomou a direcção da companhia portugueza, e a qualidade de emprezario, Antonio José de Paula, optimo actor, com suas presumpções de poeta, e grande admirador de Cosnella de prosaica memoria, que traduziu os seus Fredericos, e outros dramas em linguagem moura, e versos detestaveis. Estes dramas tinham grande concorrencia por causa do espectaculo de batalhas, de incendios, de esquadrões de cavallaria, de bombardeamentos, aggregando-se a isto as chocarrices, e scenas de graciosos. Não se fallava senão em Colombo, em José 2.º, Christina, Catharina 2.ª, e outros quejandos dramas hespanhoes traduzidos por escriptores que nem a sua lingua escreviam com acerto, e correcção.

A pouco e pouco foram admittidas algumas actrizes, e entre ellas algumas de grande merecimento, como Leocadia Maria da Serra, Josefa Thereza Soares, Maria Ignacia da Luz, e outras muitas que é desnecessario nomear.

Houve então alguns poetas que pertenderam resuscitar o bom gosto; Sebastião José Xavier Botelho, mui polido poeta, deu algumas traducções em verso, e excellentes, de dramas de Metastasio, Bocage traduziu a Vestal, e o Ralhador, Miguel Antonio de Barros compoz a sua Elaire, grandemente applaudida, Thomaz Antonio dos Santos e Silva o seu D. Sebastião, mas apesar d'isso, e dos applausos com que foi recebido o Fayel de Arnaud, o gosto da tragedia nunca mais pôde restabelecer-se.

Veio então a alluvião dos dramas francezes, uns traduzidos, e outros imitados mais ou menos livremente, com mais ou menos engenho, e então appareceram na scena portugueza o Pae de familias, e o Filho natural de Diderot, a Escoceza de Voltaire, os Dois amigos, e a Eugenia de Beaumarchais, os Tumulos de Verona, e o Estremoso de Frederici, e quasi todas peças as de La Chaussée, de Lessing, e de Kotzebue, traduzidas, já se sabe, sobre traducções francezes.

Já isto era descer muito do ponto de perfeição a que tinha subido o nosso theatro, pois era passar da tragedia, e da comedia regular, a um genero de composição bastarda, irregular, sem caracter decisivo, e triste filho da impossibilidade de produzir melhor composição; em que o tragico e o comico se confundiam perdendo com a mistura a maior parte da belleza, e força propria de cada um d'elles; composição sem regras determinadas, de que o bom gosto se escandalisava, e os criticos com justiça escarneciam.

Apesar d'isso havia n'estes dramas, e com especialidade nos de Kotzebue, sem duvida o maior homem de quantos se empregaram no cultivo d'este genero secundario, muitas intenções dramaticas, caracteres bem desenhados, paixões vivas, e muitas vezes um grande interesse theatral, posto que a moral, e os bons costumes não fossem sempre respeitados como deviam, mas em fim sempre o theatro conservava uma certa dignidade que a boa moral não podia sem demasiado escrupulo regeitar.

Entre os escriptores que se deram a fazer traducções e imitações d'estes dramas merece particular menção Thomaz Antonio dos Santos e Silva, que depois se tornou celebre pela sua Braziliada, e tanto mais que traduzindo não pouco deu ao theatro dramas nacionaes de sua propria composição, como Egas Moniz, o Condestavel, a Conquista de Ceuta, Vasco da Gama, a Restauração de Pernambuco, e outras que seria ocioso enumerar.

O segundo escriptor de merito n'este genero foi o padre José Manoel de Abreu e Lima, optimo prégador, e que por muitos annos dirigiu com grande acerto a companhia da rua dos condes, cuja prosperidade começou a decahir logo que elle a abandonou. É certo que elle não produziu um unico drama original, mas tambem não traduziu nenhum; o seu modo de trabalhar consistiu em imitar em boa linguagem dramas francezes, hespanhoes, ou italianos, refundindo-os, e tirando-lhe scenas, accrescentando outras scenas, alterando caracteres, e formando assim um todo, que nem era traducção nem original, mas que abonava seu grande talento, e captava o sufragio do povo a cujo gosto ninguem sabia accomodar-se como elle. Podemos affoitos dizer que não houve escriptor que mais dinheiro fizesse ganhar aos actores, nem director que tanto se fizesse respeitar e obedecer d'aquella caterva indocil e insubordinada. *(Continúa).*



ESPECULAÇÃO DE CASAMENTO FRUSTRADA.

N'UMA das principaes cidades do nosso reino, residia, haverá uns dez annos, uma senhora ainda muito moça, a qual tinha em sua companhia a uma sua tia, mulher já bastante idosa, e de bom conselho.

Essa senhora chamava-se D. Joanna, vivia uma vida exemplarissima, e tinha muito tino. Trazia ella uma demanda com alguns de seus parentes sobre certa herança importante, que por boa justiça lhe devia caber.

Sustentava o seu pleito um advogado, homem de pouca idade mas (segundo era fama) de muito saber. Alguem, que tanto a D. Joanna, como a sua tia, merecia bom credito, lh'o recommendára como capacissimo para vencer aquella demanda.

De qualquer avanço que havia no andamento da causa, vinha esse homem logo informar a D. Joanna, e a sua tia. — Ao fim de algum tempo ambas conheceram que o advogado mostrava grande affeição á sua cliente.

Como todos a quem se perguntava por elle o gabavam muito; e a tia de D. Joanna desejava que ella casasse, assentou esta em votar áquelle homem certo agrado, que lhe désse a conceber a esperança de a esposar.

Foi-se demorando a decisão da causa; e como o advogado era tão ambicioso, que dizia varias vezes aos seus amigos que só buscava casar, com o intento de enriquecer: entendeu que lhe não convinha perder tempo, e sollicitou em segredo a mão de uma outra senhora, que por este tempo herdára uma boa fortuna, a qual lh'a recusou.

E desculpou-se com umas pessoas que sabendo de tudo que com elle acontecia, lhe estranharam esta resolução, — que a tomára, por julgar esta

senhora mais propria para sua mulher, por ser mais rica e formosa.

Soube tudo D. Joanna por um parente seu, que lhe merecia grande conceito; e não só se não mostrou ressentida para com o letrado, mas até mesmo continuou a trata-lo com o mesmo bom modo que até alli tivera.

Certo dia veio elle participar-lhe que havia ganho a sua demanda; e lhe deu parabens por já poder contar com a fortuna que lhe havia sido legada.

D. Joanna disse-lhe: agradeço muito a boa nova que me trouxe, e a muita diligencia que usou para conseguir o bom acabamento d'esse meu negocio, e sinto deveras não o poder recompensar dignamente.

Mal acabava de proferir estas palavras, se lhe prostrou aos pés o advogado, e lhe tornou «a mão de esposa, que creio, me não recusará, não só me recompensa, senão ainda, me torna eternamente seu escravo, no que haverei summo prazer.»

Não lh'a posso conceder lhe tornou a boa e discreta D. Joanna, deixando perceber nos labios o sorriso que expressa o desprezo. Sei bem, disse ella, que sou feia, e ainda pobre para merecer completamente a honra de me tornar sua esposa; e não o quero privar da muito maior felicidade que lhe póde provir do matrimonio, contrahindo-o com alguma senhora mais rica e formosa.

Ficou por tal modo desapontado o ambicioso advogado, que nem deparou em suas muitas letras e tretas cousa que em similhante caso lhe podesse valer, e só teve por melhor despedir-se immediatamete de D. Joanna.

Pouco depois recebeu D. Joanna em sua casa varias amigas que a vieram felicitar pela boa e favoravel decisão da sua causa, e com ellas conversou muito sobre o modo porque castigára a desvairada ambição do advogado; e riu por estremo, recordando-se de como elle se apartára corrido e envergonhado.

Em breve por toda a cidade, onde isto aconteceu, se sabia tudo, e todos louvavam a prudencia e discrição de D. Joanna, e riam a matar do que ao advogado succedêra.

Deu aquella senhora um exemplo, que se fosse seguido, havia de pezar a muitos que por ahi cuidam em casar, sómente para enriquecer.

* *

FARCICO. *

Das conferencias em casa de Valentina resultou a Fernando um grande bem, apreciar verdadeiramente o seu caracter, e aproveitar as suas tendencias litterarias. Fernando tinha referido circumstanciada e ingenuamente as difficuldades que se lhe oppunham para destruir a opinião geralmente formada a seu respeito, e o parecer de Valentina foi que occultasse elle por algum tempo as suas composições litterarias. — Ainda não é tempo (lhe dizia) de arrazar de um só golpe prevenções inveteradas, que pouco faltou que não suffocassem os vossos mais distinctos talentos; acabae a obra dramatica que com tanta felicidade tendes começado, e veremos pelo effeito que produzir apresentada ao publico se deveis ou não revelar o vosso merecimento real a quantos o negam.

— Na verdade (replicou Fernando) são tão poderosas essas preoccupações que não vejo meio de vencê-las; desanima-me quasi de todo o que hoje se passou comigo.

Estas palavras naturalmente excitaram a curiosidade da tia e da sobrinha; e Fernando contou-lhe como seu pae, havendo perdido as esperanças de lhe dar emprego brilhante na sociedade, imaginára reparar esta desgraça arranjando-lhe um bom casamento, na accepção em que a gente rica toma este importante facto da vida.

— Ai! (disse Valentina com sorriso forçado) Procura casar-vos..... a idéa não é..... má..... é meio de chegar a grande opulencia sem trabalho..... Mas essa ventura tem por desconto muitas vezes casar com mulher feia ou ruim de soffrer.

— No meu caso tudo ia bem; a futura era bonita, bem educada, e a inculcavam muito indulgente quanto aos defeitos e distracções que me notam; porém na occasião em que fui apresentado á familia da noiva, sem que eu me importasse com o papel que fazia n'esta ceremonia, no passo em que eu cumprimentava a dona da casa com a maior gravidade, veio a mim um mancebo dos presentes, apertando-me a mão com muita hilaridade, e gritando — Ora viva! Viva o nosso estimavel Farcico, o diabrete do collegio; felicito-vos, senhoras, pela acquisição d'este engraçado traquinas: Thereza que é amiga de galhofar achou homem de molde: cá é a cousa ás avessas do collegio, em vez de pôr no andar da rua os brincalhões, recebem-os de braços abertos. — Era Eduardo de Charville, filho da casa, que me fazia este acolhimento, sem pensar que me deitava a perder na opinião de seu pae, recordando os motivos que me baniram do collegio.

Finda a visita, sube depois que muito se fallára a meu respeito em casa de mr. de Charville; e que das satyras dos meus inimigos e dos elogios dos meus amigos resultára tão má impressão que fui julgado incapaz de ser esposo de Thereza.

— É uma insigne injustiça (clamou Valentina) e é chegada a occasião de provar aos que vos menosprezam que lhes sois muito e muito superior; é necessario mostrar-lhe que o Farcico, que obstinados tem na conta de caturra de salas, é o auctor de.....

— Ainda não (interrompeu Fernando) e que faço eu caso de seus parvos juizos, se os não mereço.

— Sim, mas a elles deveis não casar com uma menina bonita e rica.

— E quem vos diz que d'isso me pêsa?....

Esta phrase, acompanhada de um olhar que em palavras se não exprime, perturbou visivelmente a interlocutora, que depois de algum silencio, querendo mudar de conversação, pediu a Fernando que lhe recitasse a ultima scena da sua tragedia romana. Os versos tinham um cunho da boa antiguidade e ao mesmo tempo da independencia moderna, que unia o merito da escóla antiga ao da escóla recente. Valentina instou para que o drama fosse revisto e completado, e incumbiu-se de a fazer apresentar no segundo theatro francez por intervenção de um parente, litterato de estimação mas pobre. — Lido em commissão o drama, foi recebido e votado á scena por acclamação. Custou muito a Valentina obter do auctor o não se intrometter no ensaio, porque o amor proprio paterno soffria o martyrio de não poder ouvir e guiar os actores; e repetia-lhe com razão que o bom resultado dependia inteiramente do segredo e que o publico sempre acolhia bem obra de incognito. — Felizmente Fernando cedeu a raciocinios fundados na experiencia. Representou-se a peça com grande applauso, e quando o principal actor do theatro veio declarar o nome de Fernando Dumenil aos espectadores, viu-se da platea um velho desmaiar e cahir sobre o balcão do camarote. — Era o pae do auctor.

Figure-se a alegria da familia, quando depois de agradecer aos actores os seus esforços, ao litterato velho e a Valentina as suas diligencias e conselhos, Fernando veio receber as felicitações mais ou menos sinceras da gente prompta a exaltar todos os triumphos, e que acudia em chusma a dar parabens a mr. Dumenil pela ventura de ter um filho tão excellente poeta.

(Continúa).

* Continuado de pag. 169.

PONTE PENSIL NA HUNGRIA.

No anno que acaba de findar concluiu-se sobre o Danubio, em Pesth na Hungria, uma ponte suspensa, que merece ser mencionada como uma das bellas tentativas d'engenharia civil que n'estes ultimos tempos se tem feito na Europa.

Para se fazer idéa das difficuldades que existem para construir qualquer ponte sobre aquelle rio profundo e arrebatado, difficuldades por muito tempo consideradas insuperaveis, convém saber que o Danubio junto a Pesth tem na maior baixa das aguas 6 metros de fundo, e que em março de 1838 subiu até a altura de 11 metros acima d'aquella marca: o metro anda por $4\frac{1}{2}$ palmos. As fluctuações continuas d'este rio, e no inverno a descongelação que offerece ás vezes massas de gêlo de 1:500 metros de extensão com a grossura de 3 a 4 metros, bastarão para se presumirem as difficuldades contra as quaes se hade luctar na construcção das pontes. — O engenheiro, Tierney-Clark, inglez, para vencer esses obstaculos, viu-se obrigado a construir os mais fortes e maciços pegões e talha-gêlos mais gigantes que se tem visto. Para formar idéa da grandeza de um d'estes pegões basta saber que n'aquelle em que assentou a primeira pedra da ponte o archiduque Carlos em 1842, assistiram á ceremonia cinco mil pessoas, o maçame teve capacidade para receber a todas.

Esta é a primeira ponte permanente sobre o Danubio entre Ratisbona e o Mar-Negro, depois da que Trajano mandou construir nos confins da Hungria e da Servia no anno 103 da nossa era, e cujos alicerces ainda hoje subsistem. — O comprimento total da ponte, entrando as avenidas, é de 350 metros, e a distancia entre os pontos de suspensão 200 metros.

TELEGRAPHO ELECTRICO.

O telegrapho electrico de Londres a Portsmouth, 88 milhas de distancia, concluiu-se e começou a trabalhar no anno passado. Muitas experiencias, emprehendidas como ensaio, deram perfeito resultado: por exemplo, na abertura do parlamento em fevereiro o discurso da rainha foi publicado quasi ao mesmo tempo em Portsmouth e em Londres. O discurso continha 3:600 lettras, e era impresso á medida que chegava: levou duas horas a transmissão, que vem a ser de 30 lettras por cada minuto.

ENIGMAS PITTORESCOS.

EXPLICAÇÃO DO ENIGMA DA FOLHA ANTECEDENTE.

Donde o padre canta dahi janta.



A ILLUSTRAÇÃO

JORNAL UNIVERSAL.



Cada anno da publicação d'este jornal será dividido em 12 n.os mensaes, distribuidos porem ás folhas semanalmente.
ASSIGNATURA: Um anno, 1$440 r.s — Semestre, 720 r.s — Trimestre, 360 r.s — Folha avulsa 30 r.s

N.º 11 — VOL. I — FEVEREIRO, 1846.
ESCRIPTORIO, RUA DA PRATA N.º 7 — 1.º ANDAR.

As assignaturas só se recebem no Escriptorio da ILLUSTRAÇÃO. A correspondencia — *franca* — aos Directores da ILLUSTRAÇÃO. Vende-se: r. Augusta, n.º 1 — do Oiro, 113 — do Arsenal, 30 — Largo de S. Roque, 24 — da Esperança, 150 — e em Alcantara.

VISTA DE OLHOS

SOBRE

A HISTORIA DO THEATRO PORTUGUEZ. *

Em terceiro logar cumpre nomear Antonio Soares de Azevedo, bacharel em leis, bom poeta lyrico, que empregou a maior parte da sua vida dirigindo o theatro do Porto, de cuja cidade era natural. Este escriptor seguia um methodo differente do adoptado pelo padre José Manuel. Traduzia litteral e fielmente o drama que tinha escolhido em linguagem portugueza pura, correcta, mas não elegante, e assim o entregava á scena. Os seus escriptos foram em geral muito applaudidos não só no Porto, mas no theatro de Lisboa onde a maior parte d'elles foram representados, e não se representaram todos porque a censura na côrte era mais escrupulosa do que no Porto. O drama *Remorsos e libertinagem*, ou *As primeiras proezas do duque de Richelieu*, que no nosso tempo se tem representado tantas vezes, nunca pôde ser aqui licenciado, bem que no Porto nunca encontrasse obstaculo; é natural que a acção da policia não tivesse lá tanta força como aqui. O doutor Soares era um optimo ensaiador, fez ganhar muito dinheiro ao theatro do Porto, e o que abona bastante a limpeza da sua administração, morreu pobre, e talvez indigente. Depois d'estes escriptores não vale a pena nomear outros, que então deram obras ao theatro, como o prégador Frey Filippe Travassos, os professores de rhetorica Maximiano de Araujo Ribeiro, Manuel Pedro de Aragão, o professor de latinidade Manuel Rodrigues Maia, e outros muitos conformes no merecimento aos tres que primeiro nomeamos.

Tambem n'este tempo houve algumas tentativas tragicas: o doutor Franco publicou a tragedia de D. Maria Telles, e Franco de Araujo o seu Sesostris, Manuel Pedro de Aragão a sua Lucrecia, o seu Socrates, e o seu Alexandre; o doutor Maximiano de Araujo compoz outra intitulada Catania; mas estas miseraveis composições não poderiam produzir uma revolução no gosto do publico, ainda que fossem representadas. Só Miguel Antonio de Barros com a sua Elaire, tragedia de invenção sua, e João Baptista Gomes com a sua Castro conseguiram ser muito applaudidos como poetas tragicos, bem que a Castro de Gomes esteja cheia de declamações, não apresente novidade alguma no enredo, seja prosaicamente versificada, e deva os seus melhores trechos á Castro de mr. de Lamotte.

Chegamos á época da total decadencia do theatro portuguez; ella foi precipitada por duas causas: a falta dos emprezarios, e a invasão dos melodramas.

Até alli a profissão de actor tinha sido um modo de vida, senão honroso, porque a isso se oppunham as preoccupações religiosas, ao menos capaz de fornecer meios sufficientes, mesmo aos que a exerciam com talento mediocre; mas os actores sempre insaciaveis cada quaresma pediam maior ordenado, nenhuma primeira parte se contentava só com dois beneficios livres de diaria, e extraordinaria, e os mais á proporção, de modo que elles absorviam quasi todo o rendimento das entradas, e os emprezarios, ou perdiam, ou ganhavam tão pouco, que se desgostavam da negociação. O exemplo de Manuel José Fernandes, de cuja generosidade elles abusaram, e que perdeu em um anno trinta mil cruzados, e no seguinte vinte e cinco mil, acabou de os afugentar do theatro.

Não sei se o governo republicano tem algum prestimo para reger um povo no estado actual da sociedade: sou absolutamente leigo em politica, e por isso não devo entrar n'essa questão, mas do que estou certo é de que elle não presta para nada para reger um theatro. É alli necessario um homem cuja vontade obrigue a de todos, que tenha a força de fazer-se obedecer, e constranja os comicos a desempenhar as suas obrigações, o que na verdade não é muito facil, e que este homem tenha interesse directo no bom exito e boa escolha dos espectaculos. Este homem é o emprezario, que ainda que não tenha para isso os conhecimentos necessarios, senão fôr absolutamente estupido, saberá buscar quem os tenha, e lhe ajude a levar a cruz.

Mas uma companhia de actores constituida em sociedade é uma verdadeira torre de Babel. Todos querem mandar, e ninguem quer obedecer; falta-se impunemente aos ensaios, e ao estudo, porque ninguem soffre ser reprehendido pelos seus iguaes; os papeis repartem-se a capricho, e não segundo as forças de cada um. Cada actriz quer vestir-se não como deve, mas como lhe fica melhor, todas querem ser amorosas, e nenhuma quer ser mãe ainda que seja velha como a serpe; no meio d'estas contestações, a representação deteriora-se, os espectaculos vão mal, e o publico deserta.

Passemos aos melodramas. Os espectadores enfastiaram-se de dialogos prolixos, de conversações philosophicas, de trivialidades banaes, de intrigas caseiras, que entravam umas nas outras, e que eram o fundamento de todos os dramas, e começaram a abandonar o theatro.

Lembrou-se então alguem de recorrer ás traducções, e imitações dos melodramas, para os chamar de novo. O melodrama, composição ainda mais hybrida e irregular que o drama, tem sobre elle a vantagem do espectaculo, e da variedade, posto que os assumptos sejam de ordinario inverosimeis e extravagantes, mas isto mesmo tem grande influencia sobre a classe menos culta da sociedade; o peior foi que a miseria dos actores reduziu a metade o salario das peças, e além d'isso era necessario partilhar com o introductor esse mesquinho salario aliàs não havia admissão possivel. Isto fez que todos os escriptores de algum talento, e que tinham algum sentimento da sua dignidade receiassem o escrever para a scena: e então os unicos escriptores dramaticos foram os actores, e alguns borradores de papel tão ignorantes como elles. Examinem-se todas as composições d'esse desgraçado tempo, raras serão não só as que revelem algum talento dramatico, mas que possam dizer-se escriptas em lingua portugueza. Para maior desgraça foram morrendo, ou passaram ao Brazil todos os bons actores, e os que se lhe seguiram ficaram d'elles a distancia incalculavel.

* Conclusão de pag. 175.

De todos os homens que se applicaram a este genero de escripta, dois sómente em nosso entender merecem uma menção especial, por serem os unicos que deram provas de talento bem que lhes faltasse a educação litteraria. O primeiro foi Antonio Xavier de Azevedo, empregado no santo officio, occupação de certo a mais antipatica com o mister do poeta dramatico. Nenhum homem mostrou ainda mais aptidão e facilidade em construir um drama sobre as idéas de outro aproveitando as suas melhores scenas, mudando-lhe os caracteres, e ou introduzindo-lhe outros novos, e como diz o proverbio cirzindo tudo com linhas caseiras; a esta grande invenção juntava elle muito conhecimento, e tacto da scena, muita graça, e facilidade de dialogo; é certo que muitas vezes os seus lances, e mais novos effeitos eram á custa da verosimilhança, e da boa razão, mas elle deslumbrou os espectadores, de que foi por muitos annos o idolo, e ainda hoje os seus dramas são bem recebidos na scena. A Sensibilidade no crime; Achmet e Bakima; a Inimiga do seu sexo; Zulima; o Máu amigo; a Esposa renunciada; o Bom amigo; Addi; e o Marido mandrião devem contar-se no numero das suas melhores peças, bem que em todas ellas não faltem exemplos de incorrecção, e falta de pureza de lingua.

Estas faltas são ainda mais amiudadas nas peças de Fernando José de Queiroz, um dos nossos melhores actores, e por muitos annos director do theatro da rua dos condes, e muito menos instruido do que Antonio Xavier, a quem não cede no conhecimento da scena, e gosto theatral.

Como tinha menos invenção do que o seu rival, tambem se affasta menos que elle do texto dos melodramas que se propunha para imitação. O publico o tractou sempre com muita indulgencia, posto que ás vezes se mostrasse mais severo com elle que com Antonio Xavier. A qualidade de actor é geralmente fallando uma posição mui pouco vantajosa em face do publico para com um auctor, e de bom grado aconselhariamos aos que representam dramas que não entrassem na empreza de os compôr, porque estas duas entidades são ás vezes punidas uma pelos peccados de outras. Antonio José de Paula, e João Ignacio Henriques o experimentaram muitas vezes, e Fernando tambem algumas. A Orphã da Pensilvania; a Pega ladra; a Cisterna arruinada; o Annel de ferro; Mathilde; Carlos o temerario; Em ellas querendo ninguem lhe dá volta; merecem especial apreço entre as suas innumeraveis composições.

De quanto havemos dicto resulta contra a opinião de Schelegel, que a existencia do theatro em Portugal tem sido desde seculos permanente; que tem tido épocas mais ou menos felizes, e que não tem carecido de genio nem nos actores, nem nos auctores. É certo que nunca tivemos o que se chama um theatro nacional, nem poetas, que exclusivamente se occupassem em compor tragedias e comedias de assumptos portuguezes, mas isso não proveio de carencia de genio; mas de circumstancias peculiares. Em primeiro logar o povo portuguez parece pouco affeiçoado aos espectaculos theatraes: em segundo logar uma censura rigida não permittiu que apparecessem em scena os reis, cujas paixões e ciumes são de ordinario o assumpto da tragedia, e esta prohibição era ainda maior relativamente aos reis e aristocracia de Portugal; depois os ecclesiasticos não queriam apparecer em scena nem como criminosos nem como santos. Henrique José de Castro conseguiu é certo fazer imprimir a sua tragedia de Laura e Lidia: mas nunca lhe foi possivel alcançar licença nem para fazer representar o seu Duque de Coimbra. Santos e Silva fez altas e baldadas diligencias para levar á scena o seu D. Sebastião, e a traducção do Catão de Adisson; e á vista d'isto quem teria a coragem de compor tragedias?

Para a comedia nacional não havia menores difficuldades. Os costumes portuguezes são pouco theatraes, ha pouca communicação entre as differentes classes da sociedade, e dahi carencia de intrigas; não temos os salões communs das casas inglezas e francezas, nem os porteiros, nem os passeios, em que se reune toda a casta de gente, e estas difficuldades eram ainda maiores ha cincoenta annos; mas ainda não eram estes os maiores inconvenientes, o peior de tudo era a susceptibilidade portugueza. Os marquezes, e outros fidalgos francezes riam dos marquezes ridiculos das comedias de Molière, mas se entre nós um poeta comico pozesse em scena um magistrado, ou um tabellião ridiculo ou velhaco, ambas as classes gritariam por ceus e terra, haveriam queixas á intendencia, a comedia seria logo prohibida, e o auctor seria tratado como libelista e mettido na cadêa, pelo menos em certas épocas. Os comicos francezes procuram de preferencia para logar de seus dramas as casas publicas mais conhecidas de París, que apparecem em scena exactamente copiadas, fallam livremente os seus interlocutores ora modistas de mais fama, ora artistas mais conhecidos; nada disto nos é permittido. O doutor Carvalho fez representar uma comedia intitulada o Café e Bilhar, e pelo simples feito de se fallar na praça visinha, mas sem lhe dar o nome de rocio, e pelos espectadores no fim de um acto sahirem dizendo que iam vêr a parada, logo todos affirmaram que se tractava de ridiculisar a loja do Nicola, e tirou-se de scena a comedia. *Insere nunc Melibœc piros.* Vão lá ser poeta comico em terra de gente tão desconfiada. Foi por isso sem dúvida que Ferreira, e Sá de Miranda só introduziram em suas comedias costumes estrangeiros.

É certo que na actualidade tem mudado muito este estado de cousas: que a edificação de um theatro magnifico e elegante, o estabelecimento do conservatorio, em que se acham reunidas todas as nossas illustrações, e o favor que o governo tem dado a estes espectaculos justificam as esperanças de termos um theatro nacional, e que a concorrencia publica augmente, porque se augmenta o gôsto do publico; mas estamos ainda longe de possuirmos um theatro nacional. É certo que muitos moços de grande talento se tem dado a escrever para a scena; louvamos muito a sua applicação, e as obras de alguns d'elles são dignas de todo o apreço, mas todas ellas se reduzem a dramas, mas ninguem ignora que só se diz que uma nação tem um theatro nacional, quando possue um certo numero de tragedias e comedias, cujos assumptos são tirados da historia, e dos costumes da patria. Temos nós já alguma tragedia nacional moderna? Não por certo.

Um theatro nacional só póde nascer das diligencias do conservatorio. Mas é necessario: primeiro, que elle forneça alguns actores bons, porque os que actualmente temos costumados a conversar dramas, nem se quer fazem idéa do que é declamar uma tragedia: segundo, que os sabios membros do conservatorio consultando os nossos costumes e gostos, discutam e decidam se a nossa tragedia deve ser classica, mixta, ou romantica, isto é, se ella tem de parecer-se com a de Racine, e Alfieri, ou com as de Voltaire, e Pendemente, ou as de Shakespear, ou Schiller; decidida esta questão essencial não premiar nem admittir ás provas publicas uma só composição que não seja conforme ao genero escolhido pelo conservatorio. Tambem quizeramos que por ora a comedia fosse escripta em redondilhas rimadas, ou não rimadas, conforme usam os nossos visinhos, e já usara Gil Vicente. Assim se acostumariam os poetas a exprimir-se com força e concisão em dialogos rapidos como o requer a comedia, e os espectadores forrariam de ouvir tanto palavriado chocho, como de ordinario se escuta no theatro, além de que o verso octosylabo é o mais mavioso de todos, o mais proprio para a conversação, mas no caso da comedia ser escripta em verso endecasylabo, é preciso que não seja prosaico como os endecasylabos de Figueiredo, mas facil e corrente, e para isso os dramas de Garção podem servir de modêlo. A prosa deve deixar-se para os sainetes, farças, entremezes, e tonadilhas.

Não somos nós tão presumpçosos que presumamos dar conselhos ao conservatorio, respeitamos o saber dos seus membros, e julgamos não lhe fazer offensa expondo o nosso parecer sobre um objecto de interesse publico, e da arte. É o conservatorio n'esta materia o tribunal supremo, e elle deve resolver qual seja o systema dramatico que nos convém, e temos que nada mais prejudicial que um trabalho de capricho, sem ligação, nem unidade de objectos.

NOTICIAS

DA CASA E IGREJA DE LEÇA DO BALÍO

ANTIGO MOSTEIRO E HOSPITAL DA ORDEM MILITAR DE S. JOÃO DE JERUSALEM, E POR MUITO TEMPO CABEÇA DA MESMA ORDEM EM PORTUGAL.

Entre as ordens militares de cavallaria que entraram n'este reino logo no comêço da monarchia, resultado das cruzadas, e d'aquelle espirito guerreiro e religioso, dimanado da Palestina depois de resgatado o santo sepulchro, e levantado o novo reino de Jerusalem, foi uma das famosas a dos hospitalarios de S. João, chamados depois cavalleiros de Rhodes, e por fim de Malta, por haverem estabelecido n'aquellas ilhas a séde d'um imperio soberano que por muitos seculos exerceram com grande lustre e gloriosa reputação.

Os principios d'esta milicia sagrada foram puramente devotos e caritativos. Uns poucos de fidalgos illustres de varias nações da christandade, cavalleiros, residentes em Jerusalem depois da sua conquista ahi pelos fins do seculo 11.°, vendo que de todas as partes da Europa catholica concorriam alli milhares de peregrinos, levados por espirito de religião a visitar os logares santos, que chegavam extenuados de fadiga, de penuria, e das avanças dos arabes, e adoeciam alli de varias enfermidades, privados dos recursos ordinarios das terras de longo tempo constituidas, formaram um pequeno hospital n'umas casas junto ao templo de Salomão, e se constituiram elles mesmos os administradores e *hospitaleiros dos pobres*. D'esta feliz, relevantissima instituição veio o presarem-se elles em todos os paizes, onde depois fundaram casa, de se chamarem servos dos pobres = *servi pauperum*.

Quasi sempre são obscuros os comêços das obras humanas: a entrada tambem d'esta milicia em Portugal não consta ao certo. O laborioso auctor da Nova Malta inclina-se a suppôr que ou ella, ou a sua primeira noticia viera da Palestina com o conde D. Henrique no anno de 1105. O certo é que no governo de sua mulher a rainha D. Thereza já existiam hospitalarios em Portugal, derramados então igualmente por Hespanha, Italia, França e outras partes, sujeitos ao seu grão-mestre de Jerusalem no espiritual, porém vassallos, e uteis vassallos dos reis respectivos de seus novos estabelecimentos.

Onde primeiro residissem na nossa terra, se

ainda isolados ou associados, se em vida militar, ou religiosa e caridosa, é o que não sabemos, porque não ha d'isso noticias; assim como as não ha da vida primeira que passaram seus irmãos os templarios admittidos igualmente então, ou pouco depois. Sabemos porém que a rainha D. Thereza lhes fez doação da casa, igreja e mosteiro de Leça, que então se dizia de S. Salvador, e depois se disse de Santa Maria. O local era vantajoso, excellentemente collocado no centro do rico territorio da Maia, banhados os muros e cerca do mosteiro pelo placido rio que lhe deu o nome, avisinhando com a antiga, classica e briosa povoação de todo aquelle contorno, onde tinham seus solares muitos dos ricos homens, muitos dos generosos guerreiros, companheiros d'armas do fundador da monarchia; tudo em fim concorria para que aquella primeira casa da milicia hospitalaria progredisse e prosperasse, fazendo-se cabeça d'uma das mais opulentas ordens militares de Portugal. D'aquelle ponto, quaes se distendem os circulos d'um lago ferido no centro, se foi dilatando, ramificada e arraigada em todas as provincias do reino, senhora de tantas casas, igrejas, mosteiros, e herdades, que de futuro se converteram nas muitas e pingues commendas, que costumavamos chamar de Malta.

Os reis que achavam promptos e destemidos a seu lado estes nobres cavalleiros na tarefa da expulsão dos mouros, nas guerras de Castella, e nas demais occasiões memoraveis, se apressaram em fazer-lhes doações de muitas terras conquistadas: os fidalgos, os devotos em geral, os bispos mesmo não deixaram de conferir a estes guerreiros religiosos e caritativos, donativos de todo o genero. Como não escrevemos a historia, passamos rapidamente sobre estas cousas, e só diremos quanto baste para bem assentar o edificio que vamos descrever, e ainda isso com traços de bosquejo sómente.

Com effeito os curiosos de nossos annaes não poderiam escolher um monumento mais respeitavel e venerando para suas investigações do que a igreja e casa de Santa Maria de Leça. Não são uma e outra actuaes as da primitiva; isto é, as da doação da rainha D. Thereza, que seriam acanhadas e mesquinhas como costumavam ser as fundações d'essa idade: mas com o andar dos tempos, com a residencia do prior provincial, prelado geral da ordem n'este reino, com sua communidade regular, numerosa e brilhante, logo desde o meado do seculo 12.º se foi tornando celebre a casa de Leça. Então o papa Eugenio 3.º lhes deu a regra de Santo Agostinho; com o que prosperou, alargou-se, e ennobreceu-se aquelle mosteiro e igreja a ponto d'apresentar-se como vasta cathedral a sua igreja, reedificada e accrestada varias vezes até ao estado em que chegou aos nossos dias, posto que já privada de seu antigo esplendor e preponderancia, depois de convertida em baliado, disfructado por quem preferia os commodos e vaidades da capital ao fresco mas silencioso sitio das ribeiras do Leça.

Nós convidamos os amadores das artes, os curiosos d'antiguidades patrias, os amigos das tradições e memorias de nossa vida passada, a irem alli contemplar e meditar na construcção gothica de sua architectura, nos florões e arabescos de suas janellas e cornijas, nos vidros córados, e admiraveis de suas frestas, nos moimentos, emblemas e inscripções dos seus priores mores, nas cadeiras abandonadas de seu côro: e encontrarão alli muito de que enriquecer sua louvavel generosa ambição historica e artistica.

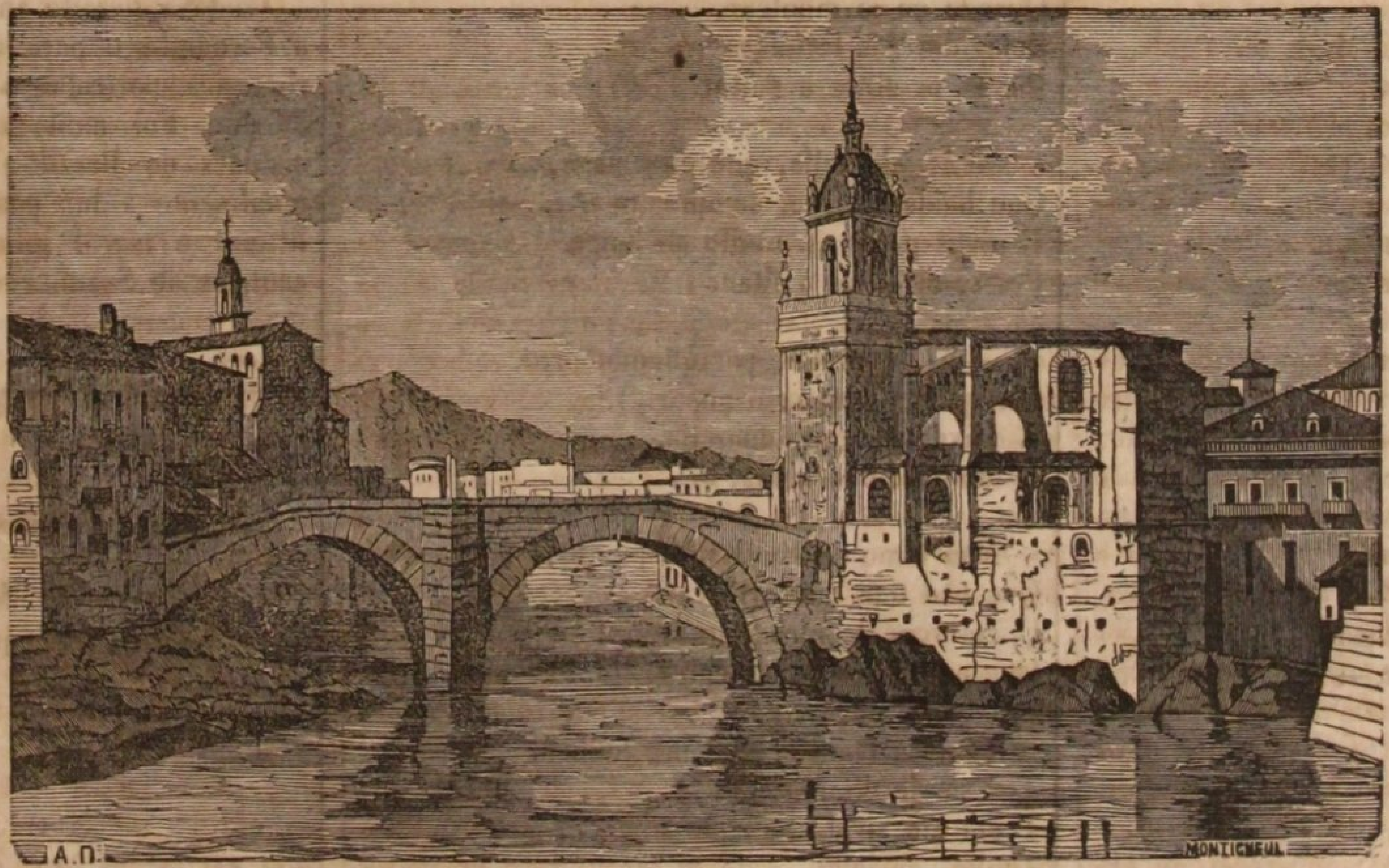
Aqui limitar-nos-hemos a consignar noticias dispersas, e recolhidas com muito tempo e vagar, porém certas e averiguadas; com as quaes, como se fosse um guia de viajantes, possam os curiosos visitar aquelle famoso monumento de glorias e serviços passados. D'ahi poderão igualmente colher alguma instrucção de mais, e alguma preoccupação de menos, visto que chegámos a tempos d'orgulhosa leviandade, olhando para as corporações d'outra era com odio ou desfavor; como se instituições queridas, abraçadas em todas as nações, protegidas e amparadas por ellas, não estivessem d'accôrdo com os costumes, e em si mesmas attestando a sua relevancia. Sim, estas ordens de milicia sagrada nasceram de boa fonte, acreditaram-se por serviços, estabeleceram-se pelo seu merito reconhecido, cresceram pela valentia, e sisudeza religiosa, foram os amigos da independencia nacional, exemplos de boas acções, e por isso honradas e estimadas dos povos. Se pelo andar dos tempos descahiu esta de sua importancia, regularidade, e bom exemplo, culpem-se sómente as vicissitudes humanas, que não consentem obras de homens com perpetuidade. Mudam-se as idéas, os usos, os costumes, e as necessidades moraes dos povos, ressentem-se logo as instituições que representam o passado; e os idiotas ou levianos que presenceam a decadencia e depreciamento progressivo d'estas outr'ora famosas creações, acham mais expedito imputar á relaxação dos homens o que só é obra do tempo, e da instabilidade humana.

C. P.

(Continúa).

BILBAU.

Bilbau é um porto d'Hespanha na Biscaia, sobre o rio Ybai-Cabal, a perto de tres leguas de Portugalete, villa situada quasi na foz do rio, onde ha uma barra que na baixa-mar não tem mais de quatro pés d'agua: nas marés grandes sobem a treze pés, de que se aproveitam os navios de mediana grandeza para chegar a Bilbau, mas em geral carregam e descarregam ou em Portugalete, ou em Olaviaga a pouco mais de legua abaixo de Bilbau.



Esta cidade está vantajosamente situada para o commercio, e tem de população 14:500 almas. Os biscainhos não são menos afamados por sua industria e actividade que pelo ardor e coragem com que sempre defenderam os seus privilegios particulares. Bilbau e Santander são os principaes portos por onde a vasta provincia de Castella a Velha, e uma grande parte das de Leão e Navarra, communicam com os paizes estrangeiros, por isso o commercio d'estes dois portos, principalmente do primeiro, é mui consideravel. As lãs continuam a ser um dos principaes generos d'exportação, posto que este ramo mercantil de Hespanha tem declinado bastante depois que os merinós foram introduzidos e aclimatados na Allemanha, onde tem multiplicado extraordinariamente. Desde 1820 que se aboliram todas as restricções na exportação de cereaes e farinhas, as carregações de trigo em Bilbau são muito importantes n'alguns annos; este genero é extrahido das provincias de Palencia, Valladolid, e Çamora, que o produzem em quantidade prodigiosa. A distancia de quarenta a cincoenta leguas entre estas cidades e Bilbau, o máu estado das estradas, e a carencia de meios de transporte augmentam enormemente o preço dos cereaes, quando de fóra se procuram muito. Se se executasse o projecto, ha muito tempo delineado, de um canal para communicar o Douro com Reynosa, Bilbau, e Santander, grande movimento haveria n'este ramo de commercio. As ferrarias da Biscaia trabalham com grande actividade, e exportam bastante quantidade de seus muitos productos.

BARCOS DE VAPOR.

Os lagos do sertão dos Estados-Unidos e mais regiões da America do Norte são comparaveis a mares por sua vastidão, e communicam-se por muitos rios caudalosos; antigamente era difficilima e rara a sua navegação, frequente agora mediante os barcos movidos por vapôr. Estes tornam-se notaveis pelas seguintes particularidades: — o camarote é construido sobre a coberta, ficando livre para as fazendas toda a capacidade interior da embarcação; a manobra do leme effectua-se da prôa por meio de umas varas que communicam o movimento; tem para cada roda uma caldeira distincta e uma machina particular; finalmente o emprego da alta pressão que se eleva a 7 e até a 10 kilogramos ($15\frac{1}{4}$ a $21\frac{3}{4}$ arrateis) por centimetro ($\frac{41}{11}$ linhas) quadrado.

Uma das mais assombrosas viagens feitas por estes barcos é a do denominado F. M. White em 1844. Esta embarcação, montando uma corrente cuja velocidade média é de 3 a 4 milhas por hora, foi de Nova-Orléans a S. Luiz, distancia de 1:200 milhas, em quatro dias; demorando-se só dia e meio para descarregar e carregar voltou á Nova-Orléans tendo corrido 2:400 milhas em menos de nove dias.

OS CHAPÉUS DE SOL.

Os povos da zona torrida em todo o tempo sentiram a necessidade de se resguardarem dos ardores do sol: e uma grande folha de palmeira sustentada por uma vara foi a origem do pára-sol. Nos climas temperados só quando o desenvolvimento da industria fez conhecer o preço do tempo, e sendo necessario andar na rua quer chovesse quer não, é que se inventou o pára-chuva, como lhe chamam os francezes, ou chapéu de sol como nós lhe chamâmos, porque para muita gente serve em todo o tempo, salvo por certo em temporaes do sudoeste e de léste, ou outras travessias, que todos os invernos não deixam de visitar esta muito nobre e leal cidade. O desenhador, na caricatura que precede, teve a intenção de metter a ridiculo o emprego dos taes pára-chuvas contra estas surriadas do tempo; se o fez bem ou mal lá se avenha com os leitores, que eu só respondo por esta meia duzia de linhas, declarando alto e bom som que em materia de desenho só me lembra de ter feito riscos na escóla.



Em París não é de pequena monta o fabrico dos chapéus de sol; em Lyão tambem se fazem muitos; e tem-se observado que ha trinta annos se fabricam n'estas duas cidades dez vezes mais do que em tempos anteriores: París produz annualmente mais de 640:000 armações de chapéus de sol, muitas das quaes se vendem com o panno, outras se exportam mesmo por cubrir. Na capital da França, antes da revolução, havia uma singularidade notavel quanto a estes trastes: — o fabrico e a venda eram privativos do officio dos que faziam as bolsas que os homens usavam para os cabellos, e que por outra singularidade ainda mais notavel faziam e vendiam tambem todos os utensilios de caça e de pesca.

VASCONCELLOS.

I.

— Já lá vem o sol nos montes
Os penhascos a doirar;
Já lá oiço os passarinhos
Pelos ramos a cantar.

Alerta, alerta, que é dia!
Meus pagens, alevantar!
Trazei-me a fina armadura,
Trazei-me a lança..... aviar.

Correi, moços, que sam horas
Os cavallos a apromptar;
Sélla, sélla, e mette os freios,
Sem mais deter, nem parar.

Meu alcaide Affonso-Mendo,
Ide a gente aparelhar,
Que vou combater com moiros,
Que os moiros vou derrotar. —

— Tendes tudo aparelhado,
Meu senhor..... é cavalgar. —
— Aguarda-me, Affonso-Mendo,
Que volto aqui, sem tardar. —

Onde vae o cavalleiro
As escadas a trepar?
Vae á torre de seus paços,
E vae triste..... mal-pesar!

Triste vae..... quem tal dissera!....
Como tal se hade contar!....
Ao partir para a peleja
Um mancebo não folgar!....

Subiu, subiu apressado.....
Vê-lo agora a soluçar
N'uma estreita gelozia
Do seu castello solar.

Contra os recortes da pedra
Roça as faces a queimar.....
Pelos recortes da pedra
Solta palavras ao ar:

— Ai, terra da minha terra,
Lindos valles d'incantar..... —
Pelos campos de verdura
Poz-se os olhos a alongar.

— Ai, vida da minha vida,
Quando eu ia montear..... —
Pelas devezas fechadas
Poz-se os olhos a deitar.

— Ai, donzella, que eu amava.....
Que heide sempre, sempre amar..... —
E n'uns paços..... muito ao longe
Poz-se os olhos a fitar.

— Ai, donzella, por quem morro,
Por quem trago este penar.....
E deixar-te aqui, donzella.....
E ter eu de te deixar!....

Não temo as lanças dos moiros,
Que não tem que arrecear,
Quem vem de raça tam nobre,
Que os moiros fez descorar.

Temo á traição, que me roubem
Teu surrir d'infeitiçar;
Temo um rival, tu bem sabes.....
Tenho uns zelos..... de matar.

Oh! se tu me fôras falsa.....
Oh! se quando aqui voltar.....
Nos fossos do teu castello
Morto me havias de achar.

Adeus valles, adeus montes,
Manda-me el-rei apartar.
Adeus!.... — Quando umas bozinas
Lá vem já perto, a tocar.

— Descei, cavalleiro, as salas,
(Corre o alcaide a bradar)
Que entra el-rei nos vossos paços,
Que vos pertende fallar. —

PEREIRA DA CUNHA.

(Continúa).

O PADRE ANTONIO VIEIRA.

Um dos mais famosos varões que produziu Portugal foi sem duvida o padre Antonio Vieira. Aos 6 de fevereiro de 1608 nasceu este ornamento do claustro e das letras portuguezas, na cidade de Lisboa. Foi seu pae Christovão Vieira Ravasco, fidalgo da casa real, de nobres ascendentes, e sua mãe D. Maria de Azevedo.

Logo na puericia deu mostras de grande perspicacia e sublimidade de talento. Ainda não contava oito annos, quando passou com seus paes á Bahia, correndo risco de perder-se o navio nos baixos da Paraiba na noite de 20 de janeiro de 1616, por erro do piloto que se julgama muito ao mar da America brazileira. Tomado porto na Bahia, seu pae o mandou estudar no collegio da companhia de Jesus, aonde nos primeiros annos, pareceu dar mostras de rudeza de engenho. Prestes porém a sua constante applicação, e o desenvolvimento dos seus talentos fez conceber a seus mestres as mais bem fundadas esperanças, que o joven Vieira estava destinado a ser um dos mais distinctos luminares do claustro.

Contava quinze annos de idade quando fugiu da casa paterna, para se alistar na companhia de Jesus, occultando o designio de seus paes, ou porque conhecesse opposição a seus intentos, ou porque a temesse. Foi na noite de 5 de maio de 1623, quando elle se apresentou ás portas do collegio, aonde os padres o receberam com o maior alvoroço, sendo logo depois admittido ao noviciado. Acabado o noviciado professou no anno de 1625, distinguindo-se pelos seus estudos e progressos, a ponto que se venerava n'elle em idade tão verde a excellencia do sabio, junta á madureza do varão.

Contava dezoito annos de idade quando passou a Pernambuco para reger a primeira cadeira de rhetorica no collegio da nova Olinda, outr'ora Márim. Foi então que compoz as suas cartas annuaes do Brazil em a lingua latina, dando igualmente á luz pouco depois um commentario litteral e moral sobre Josué, e outro sobre os canticos de Salomão.

(Continúa).

ENIGMAS PITTORESCOS.

EXPLICAÇÃO DO ENIGMA DA FOLHA ANTECEDENTE.

Entre gente remota edificaram
Novo reino que tanto sublimaram.

Camões.



SUMMARIO.

O NOIVADO D'ALDEA.

Esta gravura é o transumpto de um grande quadro de Topffer, o celebrado pintor suisso. E a gravura nos obriga a dizer alguma cousa sobre as circumstancias, que dão um caracter particular á escóla suissa, que em Genebra tem excellentes alumnos. — Ha poucas cidades que na Europa tenham sido mais diffamadas, pelo que toca ás artes de imaginação, do que Genebra: o numero de seus abalisados escriptores não a isenta dos motejos dos que superficialmente visitam a Suissa; quasi todos elles concordam em que esta cidade é fabril, e commerciante; e que esta industria e negocio, habituando os naturaes desde a meninice, os tolhe de se dedicarem á cultura do espirito. Um homem só não faz um seculo; um homem só não é sobeja prova para abono de um clima, para credito de uma localidade — mas o nome de Rousseau será bastante titulo de gloria para Genebra; e depois Decandolle, o botanico illustre; e uma serie de naturalistas tão distinctos, como Saussure, De Luc, Bonnet, Trembley; o economista Say, Mme de Stael, Sismondi; e outros muitos em differentes generos do saber humano. — É sempre uma tolice questionar que em tal ou tal região ha maior ou menor numero de sabios e litteratos; appareceram onde a sciencia e a litteratura forem protegidas, e o ensino elementar e superior estiver aperfeiçoado em todos os seus ramos. — Mas supponhamos a cidade dos relojoeiros sábia em sufficiente gráu; ainda assim ateimavam os *toristas*, ou passeadores, em que para nada prestavam os seus naturaes no tocante ás Bellas-Artes. — Topffer e a sua escóla desmentiram-os; não sendo bastante para desfazer a preoccupação alguns talentos que em épocas apartadas tinham adquirido nome. — Hoje, Pradier e Chaponniére tem merecido credito de esculptores; e Calame, Diday, Hornung, e Lugardon são pintores de grande estimação. — De 1839 para cá alcançou reputação a escóla genebrense; e os jornaes de Paris nos informam da attenção publica com que foram recebidos e applaudidos os quadros dos mestres d'esta nova progenie de artistas = Calame (diz um escriptor entendido na materia) revelou um genio original como a natureza que reproduzia em suas paizagens, muito superior a quantos tinham feito sua aprendizagem nos laboratorios artisticos da famigerada capital, — e allude á França; — porque (continúa) a sua aula eram os magestosos Alpes. — Chegou acompanhado das impressões grandiosas das selvas e das torrentes, dos arrogantes pincaros das montanhas, como rei da solidão em toda a sua magestade. Os sectarios da antiga escóla classica tiveram que ceder em presença do novo conquistador; o publico applaudiu, e elle ganhou as palmas do triumpho. — Mas como não havia de succeder assim?.... Genebra, capital de pequeno estado, a Roma dos calvinistas, dada a controversias religiosas, e applicada a especulações mercantis, parecia na verdade pouco propria para suscitar as elevadas inspirações do artista summo, que se dedica inteiramente á arte; que é a vestal só occupada da conservação do fogo sagrado; mas por outro lado reunia todas as condições requeridas para ser berço de uma escóla de paizagistas. Situada a pequena distancia das neves eternas, e ao descer d'ellas observando todas as gradações da vegetação com seus variados accidentes até uma campina deliciosa, faltava só o olho indagador do talento para aproveitar tamanhas vantagens. — A paizagem alpestre era o fructo natural do territorio genebrense, como a estatuária classica o producto indigena do formoso e aprazivel clima da Grecia.



Hoje os pintores de paizagem suissos fazem escóla á parte, que não se parece com a flamenga, nem com outra das antigas; a verdade é o seu typo, a natureza a sua inspiração; e d'aqui procede o enthusiasmo com que as suas composições são universalmente recebidas. — Calame é o mestre d'esta famigerada serie de artistas; porém Topffers, pae e filho, lhe deram o primeiro impulso. — Não é possivel que o muito reduzido desenho precedente possa fornecer idéa de um quadro de Topffer pae, abalisado por muitos de igual especie, mas sempre se formará algum juizo quanto á disposição e condemnação da scena, visto que não póde reproduzir-se as graças e os toques dos accessorios.

TYPOS PORTUGUEZES.

O GALLEGO.

V.

VIDA, DICTOS E FEITOS DE LAZARO THOMÉ.

Capitulo 2.° (continuação).

No meio d'estes graves acontecimentos foram passando as semanas, os mezes, e os annos. A filha da ama chegava emfim aos seus dezesete e o sobrinho do cura aos dezoito. Uma grande mudança se operava entretanto nas harmonias dos dois: eram outras cordas as que soavam; outros ares os que corriam; e isto viera sem que o dia de hoje se distinguisse do de hontem; sem que se podesse dizer: «até aqui foi a infancia, desde aqui a juventude; o passado terminou acolá, o presente é desde este ponto.» Nada d'isso. E todavia, visto o negocio por grosso, sancto Deus, que differença entre o que fôra e o que era! Lazaro continuava a doudejar aos dezoito como aos dôze ou quatorze; mas Joaquina era outra: os murros e arrepelões fraternos tinham acabado para ella. Sentava-se n'um poial de pedra que havia n'uma janella, a cozer as meias de lã preta do padre Ignacio, ou a deitar-lhe uns fundilhos nos calções de belbute, ou a franzir os punhos e collarinho de uma camisa de Micaela Ramos, segundo o uso da terra, ou finalmente a fazer outro qualquer lavor acompanhado de uma cantarola que restrugia por cima da dos pintasilgos berrando á compita nas gaiolas pendentes do tecto. Se Lazaro, porém, entrava de subito com os seus modos de doudo, alagado em suor por ter andado no monte ás cacetadas atraz dos coelhos, ou trepado ás arvores das balsas a desaninhar os merlos, as cantigas acabavam e os pintasilgos ganhavam a batalha. Via-se uma nuvem de vermelhidão que tornava mais carregada a côr rosea das faces de Joaquininha; e posto parecesse que ella redobrava de attenção, não despregando os olhos da costura, os pontos, até alli tão certos e compassados, começavam a fazer uma serie de desigualdades e corcovas similhante ás arestas dos queixos de uma velha desdentada. Se Lazaro, porém, lhe tocava no hombro, ou com a intenção de lhe offerecer o fructo das suas correrias venatorias, ou de lhe pedir uma linha para fazer uma enfiada de bolotas ou de pinhões, Joaquina estremecia toda e erguia para o travesso rapaz um olhar!.... um olhar dos que eu e tu leitor conhecemos por experiencia, se não és a mais languinhenta, aborrecida, e engoiada creaturinha que Deus botou a este mundo, e para quem nunca mulher volveu um d'esses olhares que vão, vem, sobem, descem por todos os cantos e refolhos da alma de um pobre peccador. Lazaro então embatucava com aquella vista d'olhos; as palavras morriam-lhe na garganta, o riso congelava-se-lhe na bocca, e pela espinha dorsal corria-lhe um formigueiro, ao mesmo tempo aprazivel e doloroso, que o fazia estremecer visivelmente. O que isto era não sabia elle; nem o padre Ignacio, que não deixou de reparar no caso mais de uma vez; mas adivinhou-o Micaela Ramos, que bem conhecia o que são rapazes e raparigas juntos. Teve ácêrca d'isto muitos dares e tomares com o cura, até que certa noite depois de cêa, recolhidos já Lazaro e Joaquina aos respectivos cubiculos, os dois ficaram á mesa por largo tempo: ora fallavam passinho; ora altercavam, mas de modo que não se percebiam mais que palavras truncadas; ora riam de um rir de pouca vontade; ora ficavam callados e como absorvidos em cogitações. Emfim, lá por essa alta noite (seriam mais de dez horas) Lazaro, que, sem perceber porque, não podéra pregar olho, sentiu-os erguer da mesa, e a ama encaminhar-se para o quarto de Joaquininha com

quem dormia, emquanto o tio passeava pela casa de fóra resando em tom monotono o breviario, ao que d'ahi a pouco servia de acompanhamento o resonar e assobiar magnifico da tia Micaela.

O resultado d'aquelle congresso de Laybach, que interrompêra as usanças nocturnas da residencia parochial, foi que no dia seguinte, ao pôr do sol, Joaquininha encostada ás grades da janella regral de um mosteiro de benedictinas, que ficava a duas leguas da freguezia de S. Senhorinha, e onde era rodeira sor Escholastica prima do padre Ignacio, contemplava immovel e sem pestanejar a corrente de um riacho tortuoso, que se ia deslisando por entre as carvalheiras, milharaes e linhares ao longo do valle sobre o qual campeava o mosteiro. As lagrimas rolavam lhe mansamente pelas faces, e a sua alma como que tentava escoar-se envolta n'essas lagrimas e fugir no curso do saudoso regato, que depois de variados meandros, ia passar apertado entre umas poldras, as quaes serviam de ponte na entrada da pobre aldêa protegida por S. Senhorinha.

N'esse dia Lazaro Thomé andando pela manhã cedo a armar um ramo enviscado, e com o Pereira debaixo do braço, como quem estudava á maneira dos peripateticos, víra na verdade passar o padre Ignacio com a ama e Joaquininha, todos acavallo em mulas. Mas seu tio não costumava dar-lhe satisfações do que fazia ou tinha tenção de fazer, e a primeira idéa do rapaz foi que iam ao Portello do Lobo, logar visinho, onde então era a romaria de S. Liborio advogado da dôr de pedra. Salteou-o unicamente o receio de que o visse o cura n'aquella obra pia do ramo enviscado, e escondendo o chamariz, agachou-se entre uns balseiros, ignorando que n'aquella fatal viagem se lhe iam o olhar da sua querida como irmã, e o formigueiro da espinha dorsal, e o estremecer e o embatucar, e a metade do prazer da sua vida.

Ao jantar é que foram ellas. — Lazaro ficou passado quando a ama e o cura chegaram sós. Não sei o que lhe roía na consciencia, que não se atreveu a perguntar nem sequer a Micaela Ramos o que era feito de Joaquininha. Sentou-se á mesa cabisbaixo: os bocados atravessavam-lhe nas goellas: não podia comer, nem comeu. À noite deitou-se; mas não adormeceu: tinha um aperto de coração que lhe dava vontade de chorar: cubriu a cabeça com a roupa e chorou. Pela manhã tinha febre. Veio mestre Serafim: capitulou o caso de uma biliosa: poz a mente em Deus, fechou os olhos, e atirou-lhe á ventura com dois grãos de tartaro emetico pela bocca abaixo. O remedio fez effeito. Com as ancias do vomito melhoraram as ancias da alma. A paixão deu algumas treguas ao pobre Lazaro, que dormiu a manhã inteira, e quando acordou estava damnado com fome. Deram-lhe um caldo verde (couve gallega crua, unto e agua a ferver). Nas provincias do norte é o caldo verde dieta e até panacêa universal; nas do sul matava um touro. Cada terra com seu uso; cada roca com seu fuso. Restou ao doente uma tristeza profunda, que mestre Serafim ainda attribuia a vicio do estomago; e estava resolvido a arrumar-lhe outra dóze, porque mestre Serafim não era um d'estes medicosinhos de París, que estudam por livrecos d'oitavo. Era um facultativo de folio, que tinha o Curvo na cabeça, e conhecia as naturezas. Felizmente o phantasma ruivo do grammatico Pereira, que se misturava em todos os sonhos de Lazaro, era para elle uma distracção de terror; ao passo que o tracto com os outros tamanhões do logar, entre os quaes não queria perder a sua solida reputação de palhaço, e o amor de andar aos passaros gradualmente lhe restituiram por outro lado a alegria. Um furão, obra prima, que lhe deram, e com que se habilitou para fazer guerra cruel aos coelhos da visinhança, acabou de o restituir ao antigo estado, e a triste Joaquininha, captiva nas unhas de sor Escholastica e das outras velhas esposas do Senhor, foi pouco a pouco esquecendo n'aquella alma romba, que a boa da rapariga conhecêra tão mal, porque a víra atravez do prisma da sua imaginação de mulher; imaginação pura, sancta, ideal, que nós homens temos tanto cuidado em trazer bem depressa a chafurdar no nosso lameiro de sensualidade.

Era sobre este passado que a torti-cachaço e estatelada Micaela Ramos delineara o edificio do futuro. Restava o reduzi-lo á pratica. Pouco tardou a offerecer-se para isso ensejo.

Todos os dias ao voltar das suas bouças, Lazaro Thomé fazia uma visita á ama. Era cousa que não lhe esquecia: devemos-lhe esta justiça. Se mestre Serafim deixava conta pequena de emplastros, banhos, garrafadas; porque mestre Serafim cumulava a sciencia pharmacopola com a medica, e além disso tinha remedios particulares para molestias incuraveis, tão bastos, que lhe não punham pé adiante metade das casas de fidalgos d'estes reinos e senhorios; se a conta, digo eu, era pequena pagava sem hesitar, e sem hesitar pagava se era grande, grandissima. Tinha capricho n'isto. Certa occasião, seriam trindades, Lazaro entrou, e segundo o costume volveu logo os olhos para cima do bofete, a vêr se a bateria de pucaros e tigellas, d'onde devia sair a rectificação do pescoço da ama, tinha augmentado desde a vespera; mas o facultativo não tentara nada de novo contra a sua bolça. O inimigo avançava n'aquelle dia d'outro lado. Apenas o sentira subir Micaela Ramos começara a gemer de um modo que cortava os fios da alma, mas assim que o viu poz-se a caretear, a torcer, e a bufar, como quem tentava supprimir os gemidos. Aquelle soffrimento da ama; aquelle esforço que fazia para não despertar os remorsos de Lazaro, eram na verdade sublimes de abnegação, e com as lagrimas nos olhos o bom do rapaz não se póde conter que não exclamasse:

«Ai, Jesus! — coitadinha! Gema, tia Micaela; gema á sua vontade. O que me a mim custa é ter sido a causa da sua aquélla; mas bem sabe que não foi por querer. Deixe estar que já prometti a S. Braz um pescoço de cêra e duas missas no altar da Senhora das Augustias pelas suas melhoras. E a Senhora não me hade fazer isto? Hade, hade. Ora diga lá, falta-lhe alguma cousa?»

A velha estava á espreita com os olhos meio cerrados e orelha fita: era n'esta arriosca onde elle o esperava.

«Ai! nada, meu rico filho! — nada, pela muita caridade que tem tido comigo..... Deus é que lh'o hade pagar..... Ai, meu pescoço!.... Mas a dizer a verdade o que me afflige é vêr a desordem da sua casa depois que falleceu quem Deus tem. Tudo anda n'um reduzio. A Vicencia, que vocemecê mandou chamar para arranjar os balhestros n'estes entrementes, é uma desmazelada. Está alli um sacco de roupa rôta que não quero contos. Ás vezes estou aqui horas e horas á espera do remedio ou do caldo. À noite senta-se ahi a um canto e em vez de fiar na róca põe-se a dormir, que parece uma estátula. Isto assim não póde ser, senhor Lazero; não póde ser! — Ai, ai, ui!

E debaixo dos cobertores ondeantes viu-se revolver lenta e magestosamente para o lado direito o vulto alentado de Micaela.

«E que lhe havemos nós de fazer — replicou Lazaro — em quanto Nossa Senhora lhe não dá a vocemecê a sua saude? É preciso paciencia. Vão-se os anneis e fiquem os dedos. A seu tempo faz-se-lhe a conta, e rua.»

«Olhe — interrompeu a ama — sabe o que me tem estado a lembrar? É mandar vir a minha Joaquina para tractar de mim e da casa, em quanto Deus me tem n'esta cama: depois procuramos-lhe um commodo para servir. Coitada, tambem ficou desemparadinha com a morte do senhor padre Ignacio. Deus lhe falle na alma. Um homem de tanta caridade!.... Quando me lembro d'isso parece-me que arrebento.....»

E desatou a chorar.

O nome de Joaquina proferido n'aquella situação foi como uma faisca electrica para o bom de Lazaro, a quem se representaram de subito todas as saudosas imagens de outro tempo, imagens que (diga-se a verdade — ainda que seja em seu desabono) lhe tinham completamente esquecido. Estremeceu; e com a voz um pouco balbuciante replicou:

«Para mim é indifferente. Se vocemecê acha que assim se remedêa tudo, eu não me opponho. Mas agora por isso, não me dirá onde está sua filha, que ha tantos annos saiu d'aqui, e nunca mais ouvi fallar d'ella?»

Micaela não engoliu a simulada indifferença de Lazaro. No mudar de côr, no tremulo da voz do amo, bem percebera que o seu plano não falhara, e que o amor nascente a que ella torcera o caule, ainda podia reflorir. Entre lagrimas, suspiros, e gemidos, relatou as circumstancias da partida de Joaquina, e declarou o logar onde se achava, não se esquecendo de pôr tudo ás costas do defuncto cura; mas attribuindo aquella resolução unicamente á caridade do padre Ignacio, e ao desejo de promover a educação de Joaquininha. Assim alcançava desculpar-se no fóro intimo de Lazaro Thomé, sem dar o menor indicio de que era esse o seu fito, e de que percebera a chamma que principiava a atear-se de novo no coração do bom do rapaz. O negocio caminhava ás mil maravilhas.

«Pois ahi está o caso: — concluiu Micaela Ramos. — Agora a mesada acabou, e a minha Joaquina tem de sair; porque as madres não podem te-la de graça. Não a heide deixar á sua vontade, e a ir para outra parte, venha para mim. Verá como d'aqui d'esta cama eu a faço andar n'um corropio. Ai, ai, meu pescoço!.... Virgem Santissima das Angustias, valei-me!

E deu outra volta na cama, fazendo uma feia e dolorosa visagem.

«Como quizer — acudiu Lazaro: — para mim é o mesmo. Se quer que ella fique estou prompto a continuar a mezada: se quer que venha, venha. O que eu desejo é as melhoras de vocemecê. Bem vejo a desordem que vae n'esta casa; mas tracte da sua saude, que o resto hade arranjar-se.»

O pobre diabo empenhado n'uma lucta de hypocrisia pensava enganar a boa da velha, e não fazia senão enredar-se na esparrella que a ama lhe estendera. Estava pagando as que armara por tantos annos aos passaros.

Emfim os dois vieram ao accórdo final de mandarem buscar Joaquininha. Lazaro sentiu pular-lhe o coração. Sonhou toda a noite sonhos deliciosos. No outro dia ao serão já a filha da ama contava á cabeceira da doente mil anecdotas do convento, que Lazaro escutava encostado aos pés da cama de Micaela, em quanto a visinha Vicencia sentada de róca á cinta n'um banquinho ao canto do quarto, com os olhos fechados e o indice da mão esquerda sobre a ponta da lingua, dormia de bocca aberta, ao passo que um gato pequeno se divertia em rolar de uma para outra parte o fuzo caido no chão, e em converter a maçaroca n'uma embrulhada mais inextricavel do que o estylo da poesia a la moda.

A. HERCULANO.

(Continuar-se-ha).

VASCONCELLOS.

II.

— Não pensava, senhor rei,
Que agora me vinheis vêr;
Que vinheis de manhãsinha
Quem no podéra saber!

Inda o sol n'aquellas serras
Quasi que vem a romper..... —
— E tu, moço e cavalleiro,
Sáis da cama de te erguer! —

— Da cama não, senhor rei;
Era caso de se crer?
Ergui-me cedo, aprompteí-me,
Que os moiros vou combater.

Levo comigo cem lanças,
Levo todo o meu podêr,
Cem lanças, que não recuam
No ponto de arremetter. —

— Pois inda bem, cavalleiro,
Que sabes obedecer;
Cem cabeças de cem moiros
Hasde nas lanças trazer.

Cavalga no teu cavallo,
No mais ligeiro hade ser,
Cavalga..... não te dilates,
Parte, corre a bom correr.

Cavalleiro! tu descoras!....
Tu descoras a tremer!....
Não cuidava que teus brios
Houvessem de arrefecer. —

— Meus brios sam..... d'um fidalgo,
Não receio de morrer;
Meus avós, se combatiam,
Nunca souberam temer.

Cem cabeças de cem moiros
Heide nas lanças trazer. —
— Parte, parte, cavalleiro,
Não te estejas a deter.

Tu não partes!.... não cavalgas!....
Ficas parado, a gemer!....
Tu que tens, meu cavalleiro?....
Não te acanhes de dizer. —

— Rei..... senhor..... o meu segredo
Já vae da bocca romper.
Ouvi-me, ó rei, por quem sois,
Que a vossos pés hade ser. —

— Falla, falla, cavalleiro,
Não te estejas a deter.
Careces de mais cem lanças,
Que te vam a soccorrer? —

— Eu não quero as vossas lanças,
Que me vam a soccorrer:
A gente das minhas terras
Tem costume de vencer. —

— Falla, falla, cavalleiro,
Não te estejas a deter.
Precisas d'outro castello?....
Outro castello hasde ter. —

— Não quero os vossos castellos
Que bem me fica viver
Nas minhas torres solares.
Que mais honras heide haver? —

— Falla, falla, cavalleiro,
Não te estejas a deter.
Minha espada d'oiro e joias
Ata-a no cinto a pender. —

— Eu não quero a vossa offerta,
Não me podéra valer;
Que, o ferro da minha espada
Não é ferro de torcer.

Quero, ó rei, que não me apartes.....
Que me devo defender
D'um rival, que a minha dama
Tambem anda a pertender. —

— *Vas com zellos?* vae seguro,
Vae seguro, sem temer,
Que o peito da tua dama
A ninguem se hade render.

Vas com zellos? vae-te embora,
Vae-te embora a combater,
Que heide guardar essa dama.
Que te faz inlouquecer.

Vas com zellos? vae; na sala
Das infantas heide ter
A dama, que tu cobiças.
Parte! — — Parto a combater. —

PEREIRA DA CUNHA.

(Continúa).

BATALHA DE NAVARINO.

Navarino, Neo-castron em grego moderno, é uma cidade da Elida na Grecia, na costa occidental a 7 leguas de Coron e a 6 de Modon. O seu porto é espaçoso e seguro, e n'elle foi destruida a frota turco-egypcia, n'um combate de menos de tres horas, em 1827, pelas esquadras combinadas de França, Inglaterra, e Russia. Nas visinhanças d'esta cidade se tinha dado uma batalha mui sanguinolenta entre os gregos independentes, e os turcos que commandava o filho do bachá do Egypto. Está hoje quasi de todo arruinada em consequencia da espantosa explosão do paiol da polvora, a que deu causa um raio em 1829.



Perto fica a Navarino velha ou Zouchio, para a banda do noroeste, no assento da Pylos da antiga Grecia, onde, segundo as tradicções homericas, reinou Nestor, que, na frase do patriarcha da poesia, viveu tres idades d'homem; tornando-se proverbial a sua ancianidade, apesar de o não ser menos a idade de Mathusalem, á vista do qual são meninos todos os macrobios aventados em os nossos dias.

A estampa que precede representa a explosão da náu almirante da esquadra turca, na referida batalha, dada a 20 de outubro de 1827: os turcos entraram em acção contando 92 embarcações, das quaes foram totalmente destruidas perto de 50. Os almirantes europeus foram, Codrington, mr. de Rigny, e o conde de Heyden.

O PADRE ANTONIO VIEIRA.*

Desejoso de se dedicar todo á conversão e civilisação dos gentios, applicou-se e soube com excellencia as duas linguas do Brazil e d'Angola, e com quanto os seus superiores o chamassem para exercer cargos eminentes da sociedade recusou constantemente acceitallos, preferindo viver nas incultas aldêas do Brazil, aonde se dedicava todo á doutrina dos indios. Alli se conservava quando em 1640 foi acclamado pelo nobre esforço de portuguezes leaes rei de Portugal D. João IV, então duque de Bragança. Era vice-rei do Brazil D. Jorge Mascaranhas, marquez de Montalvão, o qual desejando felicitar o novo monarcha pela sua ascenção ao throno, mandou seu filho D. Fernando Mascaranhas no anno de 1641 a Lisboa a esse effeito, nomeando para o acompanhar o padre Antonio Vieira.

No dia 27 de fevereiro de 1641 partiu Vieira com D. Fernando, e junto á costa de Portugal soffreu a embarcação tão desfeito temporal, que teve de tomar terra no porto de Peniche. Aqui aonde esperava seguro asylo, veio encontrar grandes trabalhos, porquanto sabedores os habitantes que entre os seus novos hospedes se achava D. Fernando Mascaranhas, cujos irmãos se haviam passado a Castella, julgaram que este era tambem suspeitoso, e amotinando-se o feriram na cabeça, e o teriam sem duvida sacrificado, se por ventura não acudisse o conde de Atouguia então governador da praça, que conseguiu salvallo. N'esta sublevação popular Vieira soffrêra tambem por haver sido prêso como suspeito e companheiro de D. Fernando, e d'isso fez menção no seu laconico diario, aonde de seu proprio punho escrevêra o seguinte: — *Aos 28 de 641 chegamos a Peniche, onde quizeram matar ao Marechal. Aos 29 de 641 me quizeram matar, e me prenderam; e parti para Lisboa aos 30 de 641; cheguei a Lisboa, e vi Sua Magestade.*

Chegado á côrte foi recebido pelo novo monarcha com singulares demonstrações de affecto, e havendo reconhecido os seus talentos o nomeou seu prégador regio. Não omittiremos aqui uma circumstancia, que se acha mencionada no diario do mesmo padre Vieira, e é a seguinte. Dirigia-se á sé aonde ia prégar quando ao passar junto á igreja desabou de um andaime uma pedra de cantaria que o ia matando. A este acontecimento allude elle pelo modo seguinte: — *Aos 26 de Março de 1644 me livrou Deos do perigo de uma pedra que cahio de umas casas junto á Sé, e me havia de matar, se milagrosamente me não desviaram.* — Continuava no pulpito a merecer todas as demonstrações da regia benevolencia, e a adquirir celebridade de nome e applauso, o que não tardou a suscitar-lhe emulos e invejosos, que vendo quanto el-rei privava com elle, chegando até a consultallo nos mais occultos e arduos negocios, accusaram-o de intentar com o soberano a reforma da companhia de Jesus.

Ouviu el-rei esta calumnia, e querendo desaffrontar o virtuoso valido de tal imputação, mandou-lhe offerecer pelo secretario d'estado Pedro Vieira da Silva uma mitra, com promessa de o elevar a outra mais opulenta que cedo se esperava vagasse. A esta generosa offerta respondeu Vieira com nobre desinteresse e notavel abnegação: — «Que não tinha sua magestade tantas «mitras em toda a sua monarchia, pelas quaes «elle houvesse de trocar a pobre roupeta da com«panhia de Jesus; e que se chegasse a ser tão «grande a sua desgraça, que a companhia o des«pedisse, da parte de fóra de suas portas se não «apartaria jámais, perseverando em pedir ser «outra vez admittido n'ella, senão para religioso, «ao menos para servo dos que o eram.» — Não se contentou ainda o seu coração com termos tão expressivos, e concluiu: «Que se nem para servo «o quizessem admittir, alli estaria sem mais ali«mento que o seu pranto, até acabar a vida junto «d'aquellas amadas portas, dentro das quaes lhe «tinha ficado a alma toda.»

Serenou a tempestade dos invejosos e abrandaram os tiros dos emulos, mas o illustre Vieira não lhe póde ser de todo sobranceiro, porquanto em março de 1645 o accommetteu uma terrivel febre, com que adoeceu gravemente em Lisboa, durando-lhe a enfermidade perto de quatro mezes, e soffrendo-a com valor e exemplar resignação.

Achava-se por essas épocas o reino de Portugal exhausto de forças, e as guerras com Castella e Hollanda ameaçavam renovarem-se, demandando para se lhe opporem alentos vigorosos. Corria pois o tempo, e socegado aquelle animoso orgulho do nosso valor, começavamos a ver com sobresalto as difficuldades da propria conservação. Buscavam-se os meios para ella; e assim como para a primeira empreza de sacodir o jugo de de Castella conspiravam os corações, assim agora o faziam os entendimentos, desvelando-se os mais elevados em investigar os meios com que o reino restaurado fosse prosperando nos braços da ventura.

Um dos que mais se distinguiu por essas épocas foi o padre Antonio Vieira, raro sempre na comprehensão vasta de negocios arduos. Suggeriu primeiro que todos, e aconselhou o estabeleci-

* Continuado de pag. 180.

mento da junta do commercio, e a instituição de uma companhia oriental e outra occidental. Levou-se a effeito esta segunda, do que resultou a restauração de Pernambuco e Angola, adquirindo o reino com o commercio novas riquezas. Não chegou porém a executar-se a primeira, com sentimento universal dos mais intelligentes e zelosos, por quanto teria sido sem duvida o instrumento glorioso de restaurarmos a India, ou quando menos de fixarmos um cravo na roda da fortuna, impedindo o precipitado curso de nossas perdas no oriente.

Mas não só ao lado do principe concorreu Vieira para as glorias de Portugal. Por mandado d'elrei sahiu do reino, e passou á França e á Hollanda, para assistir á composição da paz, e principalmente para informar do verdadeiro estado em que se achavam os negocios de Portugal commettidos aos dois embaixadores n'aquellas côrtes. Eram d'alli os seus avisos e resoluções tão acertados, que no labyrintho de desencontradas opiniões, quasi sempre prevaleceu no juizo d'el-rei o parecer do padre Vieira.

Aos 8 de Março de 1746 chegou por entre mil perigos á Rochella, d'onde partiu veloz para París. Empregado alli na commissão que levára, passou aos 2 de abril para Ruão, e depois para Calais, d'onde no dia 15, pelas onze horas da noite, partiu em um pequeno barco de pesca, e correndo risco de ser tomado pelos dunquerquenses, conseguiu dar fundo ao meio dia em Flessinga. Aos 18 finalmente chegou a Haya, côrte da Hollanda, aonde foi recebido com todas as honrarias que merecia, já de per si, e já pela alta missão de que ia encarregado.

Informado em França e Hollanda do estado dos negocios de Portugal, explorados os intentos d'aquelles governos, pezando tudo com madureza, e procurando alcançar o mais recondito da politica das duas nações, para abrir caminho ás conveniencias da patria, voltou a Lisboa a dar verdadeira noticia a el-rei do que alcançára. Não parou porém muito tempo na côrte, e de novo recebeu ordens para partir novamente para Inglaterra, França, e Hollanda.

(Continúa).

THEATROS.

RUA DOS CONDES.

É tempo de dizer alguma cousa do nosso theatro nacional; e vamos cumprir gostosos a promessa feita quando tractamos da scena lyrica. — Verdade é que a rua dos condes não ha sido muito frequentada; nem os seus espectaculos têem offerecido grande variedade e interesse: — entretanto não seria para maravilhar similhante acontecimento, attendendo ao estado de oscillação e crise em que de ha um certo tempo se acha parte da companhia e actual empreza do theatro normal, se a mingoa de bons dramas e variados espectaculos fosse unicamente prejudicial á arte; mas tambem o é, e não pouco, aos interesses materiaes da propria companhia.

Dirige a nossa penna a mais inteira imparcialidade: — nem odio, nem amor têem a menor cabida em nossas reflexões; e tanto no que fica observado, como no que continuaremos a notar, não tem a *Illustração* em vista senão interpetrar o sentimento do publico, e ser chronista verdadeiro do que se passa pelo mundo theatral. — Já a respeito de S. Carlos aconteceu o mesmo.

A arte ha soffrido bastante com a actual administração do nosso theatro; ainda que não se póde negar, que nos ultimos dois annos tem a actual empreza procurado combinar um pouco as exigencias artisticas com o seu interesse particular. — Mas está muito longe de ser isto sufficiente; nem cumpre que o acolhimento e protecção ás verdadeiras obras da arte, ou o seu menoscabo, fiquem ao arbitrio de quem geralmente só tem em vista especular com os gostos momentaneos do publico, ou com as suas sem-razões e parcialidades. — A arte é nobre e pura: ha uma obrigação moral de a livrar dos que a querem prostituir, traficando com ella e olhando sómente para o preço da venda.

Estavamos todos com os olhos fitos no theatro de D. Maria II, e na sua organisação; e é de justiça confessar, que o regulamento ultimamente publicado pelo governo é um grande passo para o aperfeiçoamento da arte dramatica, e satisfaz em muita parte os nossos desejos. — Esperamos que o jury para o apuramento dos artistas, que teem de representar no nosso theatro normal, cumprirá o seu mistér com toda a consciencia e imparcialidade: — os nomes dos membros que o compõe é penhor bastante para as nossas esperanças; e consta-nos além d'isto que teem sido consultadas pessoas competentes e zelosas.

Mas voltemos ao theatro da rua dos condes: — Chegámos ao inverno, e é sem duvida esta por toda a parte a estação em que todos os divertimentos são frequentados com maior ardor, e concorridos com mais léda actividade. Entretanto não tem acontecido isto com o nosso theatro nacional desde os fins d'outubro: — em vez de nos offerecer espectaculos de inverno, foi elle que parece se poz a hybernar, ou a forçar os amantes da nossa scena a tomarem-se d'aquelle estado de somnolencia..... Seja o que fôr, o certo é que o theatro nacional voltou outra vez a essa especie de turpôr, que havia sacudido com geral applauso por mais de um anno, offerecendo ao publico dramas que attrahiam merecidamente grande concorrencia.

Nos dois ultimos mezes do anno findo subiram á scena no theatro normal os dramas — *Lady Seymours, e Justiça de Deus*, e a comedia *D. Pantaleão do Mato Grosso.* — A primeira é um romance dialogado com todos os inconvenientes, incoherencias, atropelamentos, inverosimilhanças, e complicações, que resultam de tal origem; e de quem n'um pequeno quadro tenta incerrar multiplices aventuras, e personagens. Entretanto *Lady Seymour* não deixa de ter algum interesse, e o ultimo acto uma situação profundamente dramatica, e que é aproveitada com muita habilidade pelo sr. Epiphanio.

A *Justiça de Deus* é um melodrama — *puro sangue;* nem o somnambulismo lhe falta: todavia algumas situações felizes, e scenas bem delineadas compensariam muitos dos seus defeitos, se em vez de um 5.º acto que nada nos diz de novo, e que é uma verdadeira excrecencia sem nenhum motivo que a justifique, a peça acabasse com o 4.º acto, aonde se desenlaça completamente.

O *D. Pantaleão* é uma comedia que os actores tornam farça, e que sendo boa, não foi assim com razão julgada pelo publico.

Emquanto subiam á scena estas novidades, que só n'este sentido podiam attrahir expectadores; repetia-se o *Dóte de Suzana*, o *Retrato-Vivo*, as *Pruezas*, e outras peças muito vistas mas que o raro talento da sr.ª Emilia tem tornado de voga, e que são sempre devidamente applaudidas. Nas duas primeiras os srs. Epiphanio, Sargedas, e Tasso desempenham cabalmente; e póde dizer-se sem receio, que nada deixam a desejar.

O anno de 1846 começou mais esperançoso. Duas peças originaes — a farcêta em musica — *Um bom homem d'outro tempo* — e o drama — *D. Maria Telles* — prometteram dar vida ao theatro nacional, e torna-lo aos seus bons tempos de concorrencia e applauso. Ambas ellas tinham merecimento, e entretanto nenhuma poude conseguir o suffragio publico como era de esperar, e o precisava a honra da arte, e o interesse da companhia.

Um bom homem d'outro tempo aproveitando uma tradicção cheia de interesse, e uma anecdota com muito chiste e sabor, nem por isso conseguiu muitas sympathias publicas. Em quanto ao enrêdo faz-lhe perder grande interesse um intempestivo pedido, que torna patente logo do principio o desenlace da peça: — em quanto á musica desejava-se alguma cousa que ao menos não desdissesse do *Beijo* em popularidade, quando não fosse mais original do que aquelle não é. Nem uma cousa nem outra, apezar de ser bonitinha e apropriada.

Em quanto ao drama *D. Maria Telles*, o publico não o applaudiu, apesar de ter não poucas bellezas, especialmente na parte litteraria. O assumpto mata a peça: e nem os instinctos do nosso povo podem sympathisar com a ferocidade alardeada horrivelmente, e com o palco tornado açougue; nem um drama em que tudo sejam sombras, e nunca a minima luz de sentimentos nobres, suaves, generosos, ou ternos, é para a nossa indole e costumes, para os nossos gostos e propensões. A peça cahiu, com quanto o auctor mostrasse talento e habilidade para a carreira dramatica.

Na ultima semana deu-nos o theatro normal uma imitação do sr. Felner, e a repetição da linda comedia — *o Camões do Rocio.* — Em quanto á primeira cujo titulo é — *Innocencia e calumnia* — é de justiça dizer que parece original pela propriedade da linguagem, idiotismos, proverbios, e usos portuguezes: — pena é que alguns characteres da comedia franceza não possam ter entre nós toda a verdade que era para desejar, e apresentaremos para exemplo o do veterinario, que de certo com uma casa, como a vêmos na peça, os não ha agora em Portugal, e muito menos no tempo do marquez de Pombal.

Os dois primeiros actos da *Innocencia e calumnia* tem chiste e novidade, com quanto atirem algum tanto para farça; o ultimo acto não corresponde, e dir-se-hia ser de outra penna: — a imitação do sr. Felner é muito propria para o entrudo. — A sr.ª Emilia e os srs. Sarzedas e Theodorico representaram com muita intelligencia e graça.

O *Camões do Rocio* foi recebido com uma frieza que não era de esperar, mórmente quando lembram os grandes e merecidos applausos que n'outro tempo obteve: — entretanto é força confessar que a nossa primeira comedia original não foi representada com a egualdade e perfeição que outr'ora a tinham feito tão bem acceita.

Ensaia-se presentemente uma comedia de que esperamos dar melhores informações. x.

ENIGMAS PITTORESCOS.

EXPLICAÇÃO DO ENIGMA DA FOLHA ANTECEDENTE.

São os grandes, os reis e imperadores
Iguaes na tumba a miseros pastores.



SUMMARIO.

FILIPPE O BOM.

O archiduque d'Austria, Maximiliano, entrou a governar os seus estados hereditarios em 1492; era filho do imperador Frederico 4.º e da imperatriz D. Leonor, filha d'el-rei de Portugal, D. Duarte. Casou com Maria de Borgonha, condessa de Flandres, unica filha e herdeira de Filippe o bom, duque de Borgonha, e conde de Flandres, principe de grandes creditos em sabedoria de governo e qualidades pessoaes, e que se fizera estimado dos subditos e respeitado dos estranhos. — Filippe o bom tinha casado com uma filha do nosso rei cavalleiro, a infanta D. Isabel, que nasceu em Evora a 21 de fevereiro de 1397; e querendo celebrar o feliz consorcio, instituiu por essa occasião a celebre ordem do tosão d'ouro, a mais restricta em concessões de quantas ainda hoje se facultam na Europa, sem exceptuar a ordem da liga, garrotea, ou jarreteira, de que a Inglaterra se ufana, e que teve talvez origem menos nobre do que a do tosão; porquanto esta foi creada na occasião solemne de uma alliança matrimonial entre familias de principes que a Europa respeitava; e a allusão da sua insignia é significativa da prosperidade sem competencia, em que então se achavam na Flandres as manufacturas de tecidos de lã; outra cousa não denota o velocino, ou cordeirinho pendente do collar. Raro exemplo de principe que por motivo de festejo de familia attende á origem da abastança e da industria do povo!

Na sua installação a ordem do tosão d'ouro não passava de vinte e quatro membros, mas pouco depois este numero subiu a trinta e um: o imperador Carlos 5.º é que elevou o numero a cincoenta. — Vivendo ainda Filippe foi approvada pelo pontifice Eugenio 4.º em 1433; confirmou-a Leão 10.º em 1516. — A insignia é um collar de fusis com pederneiras entrelaçadas, e que centelham; tem pendente o cordeirinho; quando se concede a graça a algum cavalleiro, o collar é dado com o diploma, e se o cavalleiro fallece, os herdeiros tem de restituir a insignia, porque é propriedade da ordem.

A Borgonha foi um estado creado pelos povos ao norte das Gallias em principios do seculo 5.º; as cohortes que a invadiram e ahi se estabeleceram lhe deram o nome; e os principes francos que conquistaram a Gondomar esse territorio em 880, o disputaram em alternadas contendas até 1032. Foi governada depois por duques chamados *beneficiarios*, até vir a ser ducado hereditario, por fim em 1477 as manhas e ambição desmedida, mas bem calculada, de Luiz XI a reuniram á corôa franceza.



Maximiliano já não tinha, portanto, esta herança da Borgonha; mas subindo ao imperio e certo do poder, receou a quéda da nobre ordem do tosão d'ouro, porque muitos dos seus cavalleiros eram mortos, e outros estavam prisioneiros em França; e sabia além d'isto que o ambicioso monarcha d'este poderoso reino nutria intenções de fazer-se grão-mestre da ordem. Resolveu por isso convocar capitulo, e convidar a elle todos os arautos, e todos os cavalleiros, até mesmo os prisioneiros em França.

N'uma residencia temporaria que o archiduque Maximiliano fez na Hollanda, tractou-se de todos os preparativos necessarios para tornar a festa o mais brilhante que fosse possivel, e condizer com a pompa requerida pelos estatutos. Esta ceremonia teve logar na igreja do Salvador, em Bruges, aos trinta de abril de 1478.

Houve depois vinte e tres capitulos da ordem, e n'elles eram eleitos os cavalleiros por maioria dos votos. Filippe 2.º de Hespanha, a quem por successão na linha austriaca pertencia o grão-mestrado, convocou o ultimo em Gand no anno de 1559, onde poucas se observaram das regras prescriptas; e o mesmo monarcha alcançou depois do papa a attribuição de nomear os cavalleiros: o ultimo cavalleiro que foi eleito por votos da corporação, foi o conde Mansfield, governador da Belgica, que falleceu com mais de cem annos em 1604. Desde então aos reis de Hespanha pertence a investidura da ordem.

SERVIÇOS

PRESTADOS PELA ARCADIA

Á LITTERATURA E POESIA PORTUGUEZA.

No seculo passado eram as academias a mania dominante. Em cada rua se installava uma d'estas associações litterarias, designadas por nomes a qual d'elles mais phantastico e ridiculo: havia a academia dos ardentes, dos humildes, dos soberbos, dos occultos, dos ousados, dos ignotos, dos freneticos, dos intrepidos, e mil outras que é desnecessario referir, e que eram imitações de outras simillhantes que existiam na Italia, onde a celebre da *Crusco* ou do *Farello* tinha a primazia sobre todas. Os presidentes d'estas corporações tomavam os titulos pomposos de consules, de prefeitos, de archontes, e juizes, porque quaesquer outros lhes pareciam muito simplices, e muito inferiores ás suas altas dignidades.

É certo que os nomes e os titulos d'estas mascaradas litterarias nos parecem hoje estrambolicos e grutescos, mas no tempo da sua existencia pareciam serem mui serios e muito honorificos, e por isso não havia padre mestre de ordem religiosa, magistrado, medico, ou fidalgo presumido de litterato, que não escrevesse seu nome no livro da matricula de uma, ou mais d'estas academias, para, intitulando-se o pastor Fabio, o pastor Lycidas, o pastor Silvando, ter o direito de papaguear em verso e prosa uma noite, ou um dia inteiro, e assistir ao banquete com que de ordinario se fechavam as sessões.

Talvez alguem julgue que taes associações fossem mais proprias para polir o engenho e o gosto, mas desgraçadamente das obras que seus alumnos imprimiram, ou das actas que se conservam de algumas d'ellas se prova evidentemente que só serviam para perverter os engenhos, e estragar o gosto na eloquencia e na poesia. Vejam-se os sermonarios dos mais afamados oradores d'essa época, veja-se a curiosa collecção da Fenix renascida, onde se encontra o melhor que então houve entre nós em poesia, e veja-se a que lamentavel ponto de miseria e desvarios chegaram homens a quem de certo não faltava talento nem erudição; e como não havia de ser se os assumptos dados para discorrer em taes sessões academicas eram como estes que se encontram nas poesias de João Cardoso da Costa e outras — a Phyllis que lendo uma carta ao luar, passou uma nuvem e lhe tirou a luz — a Phyllis que depenando um frango vivo atirou com elle para entre os outros — a Natucia que recebendo um espelho das mãos de sua criada o deixou cahir, e quebrou-se — a um coração de azeviche dado por Lilia ao seu amante — a Armania que desmaiou a uma sangria — a uma mosca impertinente que se não afastava — Jonia dá a Inalia um cupido de cêra que ella arroja ao fogo — Que bellos assumptos academicos! Que objectos para discorrer! Que podiam elles produzir senão frioleiras, affectações, e insipidez! E é d'essa fazenda que estão abarrotadas todas as composições academicas!

Que resta pois dos trabalhos d'essas academias que possa merecer a nossa attenção? A Arte de conceitos de Leitão Ferreira, onde se encontram algumas cousas boas no meio de sua geringonça aristotelica, e as Poesias jocoserias do cégo José de Sousa.

Comtudo no ministerio do marquez de Pombal, época destinada para o melhoramento material e intellectual do reino, estabeleceu-se em Lisboa uma academia que mereceu verdadeiramente este nome, e que fez os maiores serviços á lingua e litteratura portugueza. Esta academia foi a arcadia, e para seus membros concorreram os maiores engenhos que então existiam entre nós. Taes foram Pedro Antonio Corrêa Garção, empregado no almirantado, o desembargador Antonio Diniz da Cruz e Silva, Domingos dos Reis Quita, discipulo de Garção, Manuel Nicoláu Esteves Negrão, depois chanceller mór do reino, o magistrado Feliciano Alves, Theotonio Gomes de Carvalho, deputado da junta do commercio, Miguel Tiberio Pedegache Brandão Ivo, coronel dos suissos, aquartelados em Setubal, Domingos Pires Monteiro Bandeira, deputado e secretario da Mesa da Consciencia e Ordens, o bacharel Domingos Maximiano Torres, empregado na casa da India, Manuel de Figueiredo, official da secretaria d'es-

tado dos negocios estrangeiros, o erudito e infatigavel escriptor o padre Francisco José Freire, mais conhecido pelo nome de Candido Lusitano, da congregação do oratorio, os padres Manuel Alvares, e Joaquim de Foios da mesma congregação, o doutor Tara medico, Manuel Pereira de Faria, official de marinha, José Gonçalves de Moraes, o beneficiado José Dias Pereira, o professor de rhetorica Francisco de Salles, o doutor João Evangelista, prégador de grande nome, o grande botanico Felix de Avellar Brotero, o bacharel João Xavier de Mattos, José Basilio da Gama, e alguns outros cujos nomes não chegaram ao nosso conhecimento.

Infelizmente não podêmos hoje fazer juizo seguro do talento poetico de grande parte dos arcades porque falleceram sem ter publicado as suas obras, ou os seus parentes e herdeiros que n'isso tiveram mui culpavel descuido. Apenas nas obras de Antonio Diniz se encontram alguns versos de Feliciano Alves, do doutor Negrão, que podem figurar sem pejo na companhia em que se acharam: o mesmo dizemos de um dithyrambo dirigido a Antonio Diniz por Theotonio Gomes de Carvalho, que tambem escreve algumas partes em dithyrambos e idilios de Diniz, segundo consta das notas do editor; e fallando a verdade se taes notas o não advertissem, nenhum leitor desconfiaria de que aquella parte das obras do Pindaro elvense fosse de mão estranha, tanta é a sua conformidade de estylo e gosto de versificação.

Seja como fôr fazendo idéa do que se perdeu, pelo que se conserva, não póde duvidar-se que homens que trabalharam com Diniz e Garção, e que elles elogiam tanto não fossem dotados do genio e erudição necessaria e para emparelhar com elles e ajudalos na grande empreza que havia tomado sobre si.

Agora para melhor conhecermos a benefica influencia que os trabalhos dos arcades tiveram no gosto e litteratura portugueza, será necessario que contemplemos o estado em que se achava essa litteratura no tempo em que aquelles homens doutos se associavam para a sua reforma.

Portugal foi reunido á Hespanha na época em que D. Luiz de Gongora, poeta de grande engenho, mas desprovido da necessaria erudição, descontente, e com razão, do estylo em geral humilde, e prosaica versificação dos seus antecessores, resolveu reformar o estylo poetico dos seus compatriotas, fundando uma escóla nova de poesia, e tinha sahido com o seu intento sem embargo da opposição que lhe fizeram Lope de Vega, Hauregur, e outros bons engenhos, que depois se deixaram arrastar pela torrente, e abraçaram o estylo de que tanto haviam motejado.

D. Luiz de Gongora era na verdade um poeta de pouco juizo, mas tinha razão pelo fundo das cousas. É certo que a poesia hespanhola carecia de refórma: que os poetas então mais gabados como Buscan, Garcillasso, Castillejo, o mesmo Francisco de la Torre, quasi que não tinham passado do estylo erotico, e pastoril; que o seu estylo era em geral máu e debil, a versificação prosaica, e que de mais a mais tinha sido accondicionado de uma boa dóze de semsaboria por alguns escriptores mui doutos, e mui graves, que se persuadem que para ser poeta basta quere-lo. Tinha finalmente os mesmos defeitos e bellezas que a nossa quando Camões lhe deu vida, creou o dialecto poetico, e aperfeiçoou a versificação.

Gongora não era Camões, e por isso foi longe de mais, e para dar vida á moribunda poesia a tornou delirante e frenetica.

Para levantar a versificação recorreu aos hyperbatons violentos, pondo os adjectivos em divorcio com os substantivos, amontoou as palavras alatinadas, e prodigalisou os parenthesis, o que fez dizer a Lope de Vega *«todo el secreto de esto nuevo arte es transpozer.»*

Para animar o estylo com um colorido florido e brilhante, perdeu-se no vago de conceitos, de idéas alambicadas, e á força de procurar o novo e o sublime, foi dar no insolito e no extravagante. Com tudo nós julgamos, como bem advertiu Quintana, grande poeta, e critico mui severo mas imparcial, que D. Luiz de Gongora está mui longe de merecer o desprezo e o vituperio que D. Ignacio de Luzan lhe prodigalisa na sua Poetica, obra que em seu apparecimento alcançou um applauso que está bem longe de merecer, porque nada mais contém que uma recopilação de preceitos mendigados nos commentarios dos francezes á Poetica de Aristoteles; e apesar dos desvarios do poeta cordovez uma boa parte de suas obras, e com especialidade os seus romances e letrillas, serão sempre contadas no numero das melhores producções do antigo parnaso hespanhol.

A escóla de Gongora era uma novidade, e uma novidade em harmonia com o espirito do tempo, e que devia ter grande cabida com homens que levavam a vida estudando nas aulas dos jesuitas a philosophia peripatetica, e que resolviam noite e dia as argucias theologicas do subtil Escoto, e de outros oraculos da ordem seraphica, e dominicana, sendo mui de notar que os oradores sagrados, e os poetas que eram magistrados ou frades, foram os mais notaveis entre os discipulos da nova escóla, cujos principios foram consignados na *Arte de agudeza y ingenio*, do jesuita Balthasar Grazian, e para unir o preceito ao exemplo no seu poema *Selvas del año*, digna conclusão de tão bons principios.

É fado dos imitadores o exaggerar os defeitos dos seus modêlos, sem conseguirem igualar as suas bellezas, e tal foi em poucas palavras a historia do gongorismo; avultados os defeitos do mestre, não igualadas as suas bellezas. Gongora é um portento de clareza se compararmos as suas obras com as de Gerardo Lobo, e com as do conde de Villamediana; e no hyperbolico e gigantesco fica a duzentas leguas de Montalban. Gongora que tinha denominado a rainha Isabel de Inglaterra

Muger de muchos, y de muchos nuera,

nunca se lembrou para elogiar um principe de lhe chamar *pensamiento com pelle*, como fez Anaya no panegirico a el-rei D. Pedro, nem diria como o doutor Juan Peres de Montalban, fallando do marichal de Binn

Aquel de cujo coraçon valiente
El sol es coronista solamente,
I assi el cielo que sabe
Que en solo su papel su nombre cabe,
Deve ya de tener sin duda alguna
Desumbrado la esphera de la luna,
Pera que en su distancia
Vais escribiendo sus annales.

Nem como o mesmo em outra comedia «que a terra se assustou tanto de vêr Sansão matar tantos mil philisteus com uma queixada asinina, que desencaixando-se dos seus eixos, fugíra pelo espaço

Si el mismo con los piés non lo sustiera.

O Polyphemo de Gongora nunca disse que enfadado com dois homens atirava com elles pelos ares,

E ha dos años que subieran
E hasta aora non baxaran.

Mas debalde procuraremos nas obras d'estes poetas, que tanto excederam a Gongora no disparatado, os deliciosos versos que tanto a miudo se encontram em seu mestre, versos como, v. g., os seguintes

Dormid, que el Dios alado
De vuestras almas dueno,
Con el dedo en el labio os guarde el sueno.

(Continúa).

VASCONCELLOS.

III.

Pela ponte levadiça
Que tropel se não fazia!....
A trotar, se bem trotára
Vae grande cavallaria.

Como parte alegre o moço!
Como o rosto lhe surria!
Já não tem que arrecear-se
Das ciladas, que temia.

Atravessa montes, valles,
Passos d'armas..... á porfia;
E seu corpo não repoisa
Nem de noite, nem de dia.

Corre agora pela relva,
Ao som das aguas corria
D'um ribeiro, que entre choupos
Pelos seixinhos fugia.

Pelas praias corre agora
Que o mar bramindo batia.....
E seu corpo não repoisa
Nem de noite, nem de dia!

Até que avista de longe
N'uma calva serrania
As muralhas d'um castello,
Castello de moiraria.

Bandeira de meias-luas
Ao vento sôlta pendia.....
Pelas crestadas ameias
A cimittarra luzia.

— Arriba, arriba, meus homens! —
O cavalleiro dizia
Pensando na sua dama,
Que o esforço lhe accendia.

— Arriba, arriba, meus homens!
Aos tópes da serrania!
Cem cabeças de cem moiros
Heide cortar n'este dia.

— Arriba, arriba, meus homens!
Áquella vil moiraria!
O primeiro, que alli chega
Tem um premio de valia. —

Já lá vam á desfillada
Pela agreste penedia.
Pelos muros do castello
Oh! que rumor d'agonia!....

Chega primeiro o mancebo.
Contra a porta, que rangia,
Bate, bate..... a porta estala.....
De par em par se fendia.

Ai, que negra mortandade
N'aquelles cães se fazia!
Das armas dos leonezes
Que negro sangue escorria!....

Na ponta de cada lança
Uma cabeça já fria!....
Cem cabeças nas cem lanças!....
Ai, que medo não fazia!

Vencêra o moço. Em memoria
Que despojo levaria?
Á cauda do seu cavallo
As meias-luas prendia.

IV.

— Abram-se lá essas portas
Do palacio de Leão,
Que vem a fallar ao rei
Um seu leal capitão. —

Que mancebo tam bem-posto
Brada com voz de trovão
Pelas ruas principaes
Da cidade de Leão!

Airoso no seu cavallo,
Tam firme no seu arção!
Bandeira de meias-luas
Arrastada pelo chão!....

— Abram-se lá essas portas,
Sem detença ou dilação;
Que venho trazer ao rei
Cem cabeças e um pendão. —

— Sobe, sobe ás minhas salas,
Meu valente capitão,
Quero dar-te de teus feitos
O premio por minha mão. —

— Cumpri-vos meu juramento,
Cumpri-vos, meu rei, ou não?
Cem cabeças de cem moiros
A vossos pés aqui estão.

Á cauda do meu cavallo
Em desprezo o seu pendão.....
Cumpri-vos meu juramento,
Que sou nobre de nação. —

— De seis castellos roqueiros
Dou-te, ó moço, a defensão:
Poem-lhes caldeira nas portas,
Bandeira no torreão.

Dou-te agora dez coutadas
Para a caça do falcão.
Dou-te o meu cavallo branco,
Dou-te espada e morrião.

E recebe agora a dama
Que te mata o coração:
Guardei-ta com minhas filhas,
Guardei-ta por minha mão. —

— Aqui..... deixai-me prostrado
Ó senhor..... rei de Leão..... —
— Ergue-te, moço, e recebe
Mais um real galardão.

Quero dar-te um lindo móte
Para o teu novo pendão:
O nome de VASCOMZELLOS.
Não tenhas outro brazão.

O nome de VASCOMZELLOS
Em lembrança d'esta acção
Passará de paes a filhos
Pela tua geração. —

E o nome de VASCOMZELLOS
Dos tempos na corrupção
Se mudou em VASCONCELLOS,
Muito illustre com razão.

PEREIRA DA CUNHA.

O ENTRUDO.

ORA estamos chegados ao *sancto* entrudo, tempo dos bailes e das festas, dos brincos, travessuras, e folias..... — E digam lá o que quizerem os praguentos, que é este um bello tempo, e que passa mais breve do que muitos desejariam.

Ainda não vae longe a época em que nuvens de pós, perigosas laranjadas, e jorros de agua eram o divertimento geral de quasi todas as classes da nossa sociedade portugueza: as fartas comesainas completavam a celebração do entrudo, cujos dias rematavam sempre — nas melhores casas — com as danças de roda, e jogos de prendas.

Não é intenção nossa decidir quem deve ser julgado com melhor gosto; se nossos passados com os divertimentos que apontámos, se nós com os que agora se usam: para isso seria necessario evocar os seus manes para que viessem a juizo; e longe de nós tal idéa: nem de sortilegios sabemos nada; nem temos a *bossa* romantica tão desenvolvida que nos seja agradavel similhante espectaculo.

O caso é que o entrudo tem soffrido, como tudo o mais, uma grande revolução: os pós e agua fugiram para as ultimas classes, e apenas das janellas os tremoços inoffensivos, ou alguma laranja de cêra, desafia os passeantes, e como que os convida a descobrir algum surrizo disfarçado, ou admirar alguma mão de neve que se esconde, mas *cupit se ante videri.* [1]

O que presentemente mais distingue o *carnaval* são os bailes. — A *viuvinha, as cobrinhas d'agua, e a salsinha,* e outras danças de roda cederam o logar ás estiradissimas contradanças inglezas; e depois ao *pantalon, poule,* e mais figuras complicadas e numerosas, que nos vieram de París, e que estavam reduzidas a cinco, salvo em alguma partida da classe média, em que as meninas pediam que a contradança se demorasse o mais possivel.

O que porém hoje tem a maxima voga é a polka. — A masurka já é sua rival em França e Inglaterra, mas entre nós é a polka a dança valída das nossas bellas; e não podemos senão dar-lhes muita razão, porque lhes avantaja sobremaneira a graça e elegancia que as mais vaidosas podem alardear com ufania.



A MASURKA.

Como dissemos, os bailes são o divertimento mais seguido n'esta época; e os nossos dandys não têem razão de estar descontentes nem do seu numero, nem da affluencia e animação que n'elles se ha notado. Os bailes das assembléas hão tido este anno uma affluencia e incentivo, como de certo n'outros annos não era de uso.

Antes de concluir, não deve a *Illustração* deixar de declarar que approva completamente tão civilisadores passatempos; e se é necessario, o que não julga em sua consciencia, aconselha-los com o exemplo e auctoridade de grandes homens, e respeitavel antiguidade, dirá — pedindo desculpa de *fazer* um bocado de erudição — que o uso dos bailes é dos tempos mais remotos, o que até o proprio termo denuncia, provindo do verbo grego — *ballizo* — dançar. — Socrates, *rei da razão,* foi louvado pelos philosophos gregos por ter dançado nos bailes solemnes de Athenas. — Platão foi censurado por ter regeitado o convite de um baile dado pelo rei de Syracusa. — Catão, o antigo, viu-se obrigado a aprender a dança na idade de 59 annos.

Os bailes de mascaras vieram dos romanos, mas os publicos são de instituição moderna e franceza.

Com tão bellos exemplos a seguir, e com os prazeres variados que se colhem n'um baile, já n'esta semana tivemos dois qual d'elles mais brilhante — o magnifico e aristocratico serão da sociedade — Thalia; e o que teve logar na terça-feira (17) nos salões da embaixada hespanhola. — Hoje (20) temos um baile de beneficencia no hotel da peninsula; amanhã na assembléa philarmonica; domingo na lusitana e lisbonense, e segunda-feira no club. Para todos estes bailes têem sido disputados os convites.

Os bailes de mascaras em S. Carlos facultarão ao resto do publico da formosa Ulissea um passatempo agradavel, mormente na terça-feira; e completarão o entrudo.

Z.

[1] Porém tu querias
Assim fugindo,
Que eu sempre visse
Teu rosto lindo.

PASSEIOS

AO JARDIM BOTANICO DA AJUDA. *

Continuemos os nossos passeios, que o desabrimento da estação nos obrigou a interromper. Vamos visitar outra vez as nossas flôres no seu vistoso e pacifico arraial: vamos vêr se poderam atravessar incolumes os rigores do inverno.

Esta quadra não se apresenta entre nós nem tão diuturna nem tão melancholica como no vosso paiz. O inverno passa em Lisboa como um dia de tempestade. Á violencia impetuosa dos ventos, á cerração cinzenta-escura da atmosphera, á quêda precipitosa das chuvas, e ás torrentes que se despenham pelas gargantas das montanhas, succede, como por encanto um tempo claro e sereno, um céu puro e esplendido, e um ambiente diafano que se aspira com um prazer e com uma avidez indizivel. Á uma noite borrascosa e medonha vemos succeder frequentemente os luzeiros festivos do sol, que se derramam em torrentes, e penetram por toda a parte como os *beneficios da providencia*.

Esses bellos dias de inverno, que nos annunciam a proxima chegada da primavera são os nossos melhores dias. Parece que cahiram mesmo do céu, que são um surrir da face de Deus, e uma manifestação do seu amor e da sua bondade. A vida do mancebo dilata-se e expande-se debaixo da sua influencia, e a existencia alquebrada do ancião reanima-se debaixo do foco da sua actividade.

As nossas plantas como vêdes tambem não são insensiveis a esta universal excitação da natureza. A vida começa a circular-lhes com a seiva no interior dos seus orgãos. O entorpecimento lethargico em que estavam sepultadas vae depressa desapparecer, e mesmo já tem desapparecido em algumas especies oriundas dos paizes frios. Esse estado de hibernação tão similhante á hibernação dos animaes parece ser uma suspensão periodica dos phenomenos vitaes: e em verdade nenhum simptoma apparente nos revella desde logo a menor differença entre a planta que hiberna e a planta que perdeu a existencia. Mas se observarmos mais attentamente chegaremos a determinar as differenças entre estes dois estados. Durante a hibernação a seiva nunca existe n'um estado inteiramente estacionario — é lenta a sua marcha, é intestino e latente o seu movimento, mas nunca cessa de existir. A vida só se revella por manifestações muito obscuras; mas alguns dos seus phenomenos não podem escapar aos olhos do observador. O desenvolvimento quasi imperceptivel das gemmas é um dos actos vitaes que attesta o trabalho mollecular e phisiologico da nutrição durante o periodo da hibernação. O endurecimento e lenhificação das camadas corticaes e lenhosas, assim como a evolução das ramescencias radiculares são ainda simptomas evidentes d'aquelle trabalho organico.

Os animaes ficam durante a hibernação sepultados n'uma especie de somno. Os centros nervosos da vida de relação deixam de actuar sobre os orgãos, que lhe estão subordinados, o seu estado é um estado de torpôr comatoso. As plantas soffrem alguma cousa de analogo. Os movimentos, embora automaticos, que se manifestam em alguns dos seus orgãos, desapparecem. As funcções reproductoras cessaram de existir. A respiração é quasi nulla como nos animaes. A propria circulação da seiva é tão lenta e tão obscura como a circulação do sangue nos seres sensiveis e animados. A vida é tão latente que apenas se distingue da morte, ou antes d'esse estado embrionario que é a transição evidente da textura bruta para as fórmas organisadas.

E todos estes effeitos tão variados e diversos dependem de uma unica causa, *o abatimento da temperatura*. Apenas ella se eleva, apenas um calor doce e vivificante vem substituir os rigores do inverno, a vegetação logo se desperta e reanima; as plantas começam de ornar-se com suas ricas e variadas vestiduras; cobrem-se de verdura e toucam-se de flôres, ostentando á luz do sol suas multimodas galas cheias de fausto e de magnificencia.

G.

(Continúa).

* Continuado de pag. 144.

O PADRE ANTONIO VIEIRA. *

No dia 22 de setembro de 1647 chegou a Londres, e apezar d'aquelle paiz se achar infeccionado com a peste, desprezando o contagio metteu-se á terra, demorando-se o tempo necessario para desempenho da sua commissão. Dirigiu-se em seguimento a Douvres, e atravessando o canal para Calais, levando passaportes seguros para lhe não impedirem as entradas, por ir de logar infecto, chegou finalmente a Paris. N'essa côrte, escóla de grandes estadistas, se houve nos negocios com grande perspicacia. Era o principal intento entrar Portugal em liga com a França, e para este fim não havia meios conducentes que lhe podessem escapar, como tambem nenhuns ommittia Castella para impedir esta união.

Em Paris teve que contender com o famoso cardeal Mazarini, primeiro ministro d'aquelle governo, e alli conseguiu o grande Vieira impedir a vinda do principe de Condé a Portugal. No fervor d'aquella gravissima negociação, como se dividiram os pareceres, taxaram-se por exorbitantes as promessas que fizera ao cardeal o padre Vieira. Assim o vêmos escripto com elegante penna; mas não se dizem quaes fossem.

Obrando com tanto acerto em tão difficil negociação foi nomeado por companheiro de D. Luiz de Portugal, para ir á embaixada de Munster, mas com a paz geral não teve effeito a commissão, recebendo logo ordem de partir novamente para a Haya. Incomparavel no seu zelo em servir a patria, não perdia instante nem lhe fugia dos olhos cousa que podesse contribuir para a conservação e gloria d'ella. Estando na Hollanda, vendo como se achava Portugal destituido do preciso para a guerra, mandou, com violação do direito das gentes, e não lhe pezando incorrer na responsabilidade, cincoenta mil cruzados de munições de guerra, em uma das tres fragatas que por sua ordem se fabricaram em Hamburgo e Amsterdão. Entre essas munições vinha aquella famosa e feliz artilheria que defendeu depois o reino no sempre memoravel cerco e victoria das linhas d'Elvas.

Quanto ao demais da commissão que levava, elle a tratou com tão sublime comprehensão e conveniencia, que el-rei lhe mandou carta de crença, para ficar no logar de Francisco de Sousa Coutinho, o que Vieira não acceitou escusando-se de tão alta honra, e dando por causa ser uma tal occupação cousa muito alhêia da humildade que professava.

Entre tão diversas nações por onde discorreu deu claros testemunhos do seu muito saber adquirido com a lição dos livros mais raros, que revolveu nas melhores bibliothecas; e com o commercio familiar dos professores de todo o genero de sciencias obteve tanta cópia de noticias, que era respeitado como oraculo da sabedoria christã e politica.

Com gloria sua e credito da sua profunda sciencia, convenceu em Amsterdão a Manassés Ben Israel, o mais insigne rabino d'aquelle seculo, disputando por vezes em publico com os mais illustrados e distinctos herejes, que por aquellas épocas floresciam, mórmente na Hollanda.

No anno de 1649 voltou da Hollanda a Portugal, e foi recebido por el-rei com mostras do maior agrado, dando-se por tão satisfeito com o desempenho das missões que lhe confiara, que prestes o mandou passar a Roma com novo designio. Era este o casamento do principe D. Theodosio com a princeza D. Maria Thereza de Austria.

Aos 10 de janeiro de 1650 partiu Vieira para Roma, e tocando em Barcelona, chegou a Liorne no dia 3 de fevereiro, d'onde partiu por terra para o seu desejado destino, e alli chegou aos 16 do mesmo mez. Era embaixador hespanhol na côrte de Roma o duque do infantado, o qual recebendo instrucções da sua côrte para fazer sahir dos estados pontificios o padre Vieira, empregou todo o seu valimento para o conseguir, chegando a ameaçar o padre geral da companhia de Jesus, que se elle geral não mandasse logo sahir Vieira de Roma, elle o havia de mandar matar. Não quiz o illustre Vieira desobedecer ao seu prelado, e voluntariamente partiu de Roma para Napoles. Chegado alli tratou de saber o que se passava, e investigando tudo deu aviso a el-rei.

Mandado recolher para Lisboa chegou no mesmo anno de 1650, depois de tão arduas emprezas. Collocado no mais alto da estimação e do valimento, mostrou ao mundo seu coração, mais sublime que as torres de palacio. No meio de tantos applausos, começou a lidar o pensamento com o desejo de lhes fugir, deixando a côrte e Portugal, para ir cumprir o voto que fizera aos vinte e sete annos de idade, de se dedicar á civilisação e conversão dos gentios da America.

Recolhido o padre Vieira ao collegio de Santo Antão de Lisboa, e resoluto á empreza, entrou n'um labyrintho de cuidados sobre o modo de a executar. Prevía a opposição que encontraria por parte d'el-rei, da rainha, e do principe D. Theodosio, e mal sabia atinar com o meio de satisfazer ás magestades, e o de cumprir o seu voto; e por fim resolveu partir dando conta de suas intenções em uma extensa carta que escreveu ao padre provincial da sua ordem, e a qual não transcrevemos por se achar transcripta no livro intitulado, *Vozes Saudosas*, do padre Antonio Vieira.

(Continúa).

* Continuado de pag. 184.

ENIGMAS PITTORESCOS.

EXPLICAÇÃO DO ENIGMA DA FOLHA ANTECEDENTE.

A mulher e amor são seres inseparaveis.



SUMMARIO.

RUINAS

DA ABBADIA DE BAUME.

A abbadia de Baume, situada entre asperas fragosidades, tem por accesso uma estreita garganta apertada por enormes rochedos, por entre os quaes segue com muitas voltas o primeiro e mais tristonho dos valles do Jura; para além d'este collo abrem-se as fieiras de montanhas coroadas de penedia, e avista-se ao longe o campanario, na quebrada esteril, núa e solitaria, guarnecida por todos os lados de rochas acinsentadas, agudas e duras, testemunhos duradouros do diluvio e da ira celeste; por onde só crescem ruins plantas, e pouco e rasteiro matto: mais além densas florestas encobrem os outeiros proximos, e Ronnay, o mais pobre dos logares do Jura, que se diz ser a terra natal de Ravaillac, o assassino de Henrique 4.°

É famoso este mosteiro por causa de um seu abbade, D. João de Watteville, verdadeiro demonio em figura humana, cuja vida cheia de crimes e lances aventureiros, ainda que pouco sabida ao presente, é digna de compôr com as vidas de D. Juan de Maraña e D. Juan Tenorio uma trilogia romantica; e comtudo foi homem astuto, pratico nos enredos do mundo; e morreu opulento e na posse de honras e distincções. Como personagem historica tem importancia real, tendo sido o principal instrumento da conquista do Franche-Comté por Luiz 14.° de França. — João de Watteville, descendente de familia nobre, não tinha dezeseis annos de idade quando foi na comitiva da rainha em sua jornada a Milão, e ahi por causa de namôros matou um gentil-homem; o credito de sua familia abafou o negocio, e João entrou por noviço no mosteiro cartuxo de Besançon, onde toda a gente o suppunha emendado e esquecido do mundo: sendo porém de indole má e turbulenta, que occultava sob apparencias agradaveis, ainda mais favorecidas com os dotes de bem parecido e gentil, de nenhum modo era sua intenção enterrar no claustro qualidades tão bem acolhidas do mundo; preparou a fuga, mas interceptado pelo prior matou o prior: não o quiz vêr a familia, e ao escondrijo a que se acoutára lhe enviou recursos com que se expatriasse. Na época d'esta façanha, 1663, João contava vinte annos. — Passado algum tempo, um dos cavalleiros completos que brilhavam, na aurora do reinado de Filippe 4.°, na capital de Hespanha, era o cavalleiro de Hautecourt: ignorava-se a sua patria e familia, mas por seus modos e educação o julgavam todos de illustre progenie, e geralmente era bemquisto e festejado. Quasi a pontos de obter um emprego, frustrou-se-lhe o designio por uma das suas usadas malfeitorias; fallava de noite a uma dama, pessoa de jerarchia, e o irmão d'esta querendo desfazer qualquer imputação que infamasse a honra de sua casa, provocou-o a desafio; D. João teve a infelicidade de o matar: o caso era grave, e sem remissão: lembrou-se n'este apuro de que tinha uma parenta superiora de um recolhimento em Madrid, a quem foi declarar-se, e fazendo-se conhecido obteve refugio; pagou o asylo ingratamente, segundo o seu costume, seduzindo uma freira com quem fugiu para Lisboa, vestindo-a em trages de homem, e inculcando-se ambos por negociantes. — D'aqui partiram embarcados para Smyrna, e por tal modo souberam adquirir o affecto do capitão do navio, que os afiançou e estabeleceu n'aquella praça: em curto prazo João de Hautecourt, como então se denominava, teve a fortuna de ajuntar cabedal com que resgatar seus empenhos, e negociar sobre si: nada faltava áquelles amantes senão o favor do céu, sem o qual não ha felicidade duravel. Sobreveio á joven hespanhola uma enfermidade de que falleceu; foi este golpe terrivel para Watteville, que aborrecendo Smyrna deu-se a viajar, gastando sem ganhar até consummir a ultima piastra em Constantinopla, onde achando-se em pobreza resolveu renegar e fazer-se turco. *(Continúa)*.



ROMANCE.

O ALCAIDE DE SANTAREM. *

III.

950.

AS REVELAÇÕES.

Kalifa! — começou El-Muulin — tu és grande: tu és poderoso. Não sabes o que é a affronta ou a injustiça cruel que esmaga o coração nobre e energico, se este não póde repelli-la, e sem demora com o mal ou com a affronta vinga-la á luz do sol! Tu não sabes o que então se passa na alma d'esse homem, que por todo desaggravo deixa fugir alguma lagrima furtiva, e até, ás vezes, é obrigado a beijar a mão que o feriu nos seus mais sanctos affectos. Não sabes o que isto é; porque todos os teus inimigos tem cahido diante do alfange do almogaure ou deixado tombar a cabeça de cima do cêpo do algoz. Ignoras por isso o que é o odio; o que são essas solidões tenebrosas, por onde o resentimento, que não póde vir ao gesto, se dilata e vive á espera do dia da vingança. Dir-to-hei eu. N'essa noite immensa em que se involve o coração ulcerado ha uma luz sanguinolenta que vem do inferno, e que allumia o vagabundo. Ha ahi terriveis sonhos em que o mais rude e ignorante descobre sempre um meio de desaggravo. Imagina como será facil aos altos entendimentos o encontra-lo! É por isso que a vingança que parecia morta e esquecida, apparece ás vezes inesperada, tremenda, irresistivel, e mordenos surgindo debaixo dos pés como a vibora, ou despedaça-nos como o leão pulando d'entre os juncaes. Que lhe importa a ella a magestade do throno, a sanctidade do templo, a paz domestica, o ouro do rico, o ferro do guerreiro? Mediu as distancias, calculou as difficuldades, meditou no silencio, e riu-se de tudo isso!

E El-Gafir o triste desatou a rir ferozmente. Abderrahman olhava para elle espantado.

Oh, — proseguiu o fakih — mas ás vezes Deus suscita um dos seus servos, um dos seus servos de animo tenaz e forte, possuido tambem de alguma idéa occulta e profunda, que se alevante, e rompa a trama urdida nas trévas. Este homem no caso presente sou eu. Para bem? Para mal? — Não sei; mas sou! sou eu que venho revelar-te como se prepára a ruina do teu throno, e a destruição da tua dynastia.

A ruina do meu throno? — gritou Abderrahman pondo se em pé e levando a mão ao punho da espada. Quem, a não ser algum louco, imagina que o throno dos Ommyadas póde, não digo quebrar-se, mas apenas vacillar debaixo dos pés de Abderrahman? Quando, porém, fallarás em fim claro, El-Muulin?»

E a colera e o despeito faiscavam-lhe nos olhos. Com a sua habitual impassibilidade o fakih proseguiu:

«Esqueces-te, kalifa, da tua reputação de prudencia e longanimidade. Pelo propheta! — deixa divagar um velho tonto como eu..... Não!.... Tens razão..... Basta! O raio que fulmina o cedro, desce rapido do céu. Quero ser como elle..... Ámanhã a estas horas teu filho Abdallah ter-te-ha já privado da corôa para a cingir na propria fronte, e o teu successor El-Hakem terá perecido sob um punhal d'assassino. Ainda te encolerisas? Foi acaso demasiado extensa a minha narrativa?

«Infame! — exclamou Abderrahman — Hypocrita que me tens enganado! Tu ousas calumniar o meu

* Continuado de pag. 14.

Abdallah? Sangue! ? Sangue hade correr, mas é o teu. Crias que com essas visagens d'inspirado, com esses trajos de penitencia, com essa linguagem dos sanctos, poderias quebrar a affeição mais pura, a de um pae? Enganaste-te, El-Gafir! A minha reputação de prudente, verás que era bem merecida.

Dizendo isto o kalifa ergueu as mãos como quem ia a bater as palmas. El-Muulin interrompeu-o rapidamente, mas sem mostrar o menor indicio de perturbação ou terror.

Não chames ainda os eunuchos; porque assim é que dás provas de que não a merecias. Conheces que me seria impossivel fugir. Parte, matar ou morrer sempre é tempo. Escuta pois o infame, o hypocrita até o fim. Acreditarias tu na palavra do teu nobre e altivo Abdallah? Bem sabes que elle é incapaz de mentir a seu amado pae, a quem deseja longa vida e todas as prosperidades possiveis.»

O fakih desatára de novo n'um rir tremulo e hediondo. Metteu a mão no peitilho da aljarabia e tirou uma a uma muitas tiras de pergaminho: pô-las sobre a cabeça e entregou-as ao kalifa, que começou a ler com avidez. A pouco e pouco foi empallidecendo, as pernas vergaram-lhe, e por fim deixou-se cahir sobre os coxins do throno, e cubrindo a cara com as mãos, murmurou: Meu Deus! — meu Deus! porque te mereci eu isto?

El-Muulin fitára n'elle um olhar de girifalte, e nos labios vagueava-lhe um riso sardonico e quasi imperceptivel.

Os pergaminhos eram varias cartas dirigidas por Abdallah aos rebeldes das fronteiras do oriente, os Beni-Hafsuns, e a diversos skeiks berebéres, dos que se haviam domiciliado na Hespanha, conhecidos pelo seu pouco affecto aos Ommyadas. O mais importante, porém, de tudo era uma extensa correspondencia com Ommyah-Ibn-Ishak, guerreiro celebre e antigo alcaide de Santarem, que por graves offensas passára ao serviço dos christãos de Oviedo e Asturias com muitos cavalleiros illustres da sua clientella. Esta correspondencia era completa de parte a parte. Por ella se via que Abdallah contava não só com os recursos dos musulmanos seus parciaes, mas tambem com importantes soccorros dos infieis por intervenção de Ommyah. A revolução devia rebentar em Cordova pela morte de El-Hakem e pela deposição de Abderrahman. Uma parte da guarda do alcaçar de Azzahrat estava comprada. El-Barr, que figurava muito n'estas cartas, seria o hadjeb ou primeiro ministro do novo kalifa. Alli se liam, em fim, os nomes dos principaes personagens implicadas na revolta, e todas as circumstancias d'esta eram explicadas ao antigo alcaide de Santarem com aquella individuação que nas suas cartas elle constantemente exigia. El-Muulin fallára verdade; Abderrahman via desdobrar diante de si a longa têa da conspiração, escripta com letras de sangue pela mão de seu proprio filho.

Durante algum tempo o kalifa se conservou, como a estatua da dôr, na postura que tomára. O faquih olhava fito para elle com uma especie de cruel complacencia. El-Muulin foi o primeiro que rompeu o silencio: o principe ommyada parecia ter perdido o sentimento da vida.

«É tarde — disse elle. Chegará em breve a manhã. Chama os eunuchos. Ao romper do sol a minha cabeça pregada nas portas de Azzahrat deve dar testemunho da promptidão da tua justiça. Elevei ao throno de Deus a ultima oração; e estou aparelhado para morrer, eu o hypocrita, eu o infame, que pretendia lançar sementes de odio entre ti e teu virtuoso filho. Kalifa, quando a justiça espera não são boas horas para meditar ou dormir.

El-Gafir retomava a sua habitual linguagem sempre ironica e insolente, e ao redor dos labios vagueava-lhe de novo o riso mal reprimido.

A voz do fakih despertou Abderrahman das suas tenebrosas cogitações. Poz-se em pé. As lagrimas haviam corrido por aquellas faces; mas estavam enxutas: a procella de paixões encontradas tumultuava lá dentro; mas o gesto do principe dos crentes recobrára apparente serenidade. Descendo do throno pegou na mão mirrada de El-Muulin, e apertando-a entre as suas disse-lhe:

Homem que guias teus passos pelos caminhos do céu; homem acceito ao propheta, perdoa as injurias de um insensato! Cria ser superior á fraqueza humana: enganava-me. — Foi um momento que passou. Possas tu esquece-lo! Agora estou tranquillo..... bem tranquillo..... Abdallah, o traidor que era meu filho, não concebeu tão atroz designio. Alguem lh'o inspirou: alguem verteu n'aquelle animo soberbo as vans e criminosas esperanças de subir ao throno por cima do meu cadaver e do de El-Hakem. Não desejo sabe-lo para o absolver; porque elle já não póde evitar o destino fatal que o aguarda. Morrerá; que antes de ser pae fui kalifa, e Deus confiou-me na Hespanha a espada da suprema justiça. Morrerá; mas hão-de acompanha-lo todos os que o precipitaram no abysmo.»

«Ainda ha pouco te disse — replicou El-Gafir — o que póde inventar o odio que é obrigado a esconder-se debaixo do manto da indifferença, e até da submissão. El-Barr, o orgulhoso El-Barr, que tu offendeste no seu amor proprio de poeta, e que expulsaste de Azzahrat como um homem sem engenho nem saber, quiz provar-te que ao menos possuia o talento de conspirador. Foi elle que preparou este terrivel successo. Has-de confessar que se houve com destreza. Só n'uma cousa não: em pretender associar-me aos seus designios. Associar-me?.... não digo bem..... fazer-me seu instrumento..... A mim!.... Queria que eu te apontasse ao povo como um impio pelas tuas allianças com os emires infieis do Frandjat. Fingi estar por tudo; e chegou a confiar plenamente na minha lealdade. Tomei a meu cargo as mensagens aos rebeldes do oriente e a Ommyah-Ibn-Ishak, o alliado dos christãos, o antigo caid de Schantaryn. Foi assim que pude colligir estas provas da conspiração. Loucos! — as suas esperanças eram a miragem do deserto..... Dos seus alliados apenas os de Zarkosta e das montanhas de Al-kibla não foram um sonho. As cartas de Ommyah, as promessas do emir nazareno de Djalikia[1] tudo era feito por mim. Como eu enganei El-Barr, que bem conhece a letra de Ommyah, esse é um segredo que depois de tantas revelações, tu deixarás, kalifa, que eu guarde para mim..... Oh, os insensatos! os insensatos!»

E desatou a rir.

A noite tinha-se aproximado do seu fim. A revolução que ameaçava trazer á Hespanha mussulmana todos os horrores da guerra civil, devia rebentar dentro de poucas horas, talvez. Era necessario afoga-la em sangue. O longo habito de reinar, junto ao caracter energico de Abderrahman, fazia com que n'estas crises elle desenvolvesse de um modo admiravel todos os recursos que o genio amestrado pela experiencia lhe suggeria. Recalcando no fundo do coração a cruel lembrança de que era um filho que ia sacrificar á paz e segurança do imperio, o kalifa despediu El-Muulin, e mandando immediatamente reunir o diwan deu largas instrucções ao chefe da guarda dos slavos. Ao romper da manhã todos os conspiradores que residiam em Cordova estavam presos, e numerosos mensageiros tinham partido levando as ordens de Abderrahman aos walis das provincias e aos generaes das fronteiras. Apesar das lagrimas e rogos do generoso El-Hakem, que luctou tenazmente por salvar a vida de seu irmão, o kalifa mostrou-se inflexivel. A cabeça de Abdallah cahiu aos pés do algoz na propria camara do principe no palacio Merwan. El-Barr suicidando-se na masmorra em que o tinham lançado evitou assim o supplicio.

O dia immediato á noite em que se passou a scena entre Abderrahman e El-Gafir que tentámos descrever, foi um dia de sangue para Cordova, e de lucto para muitas das mais illustres familias.

A. HERCULANO.

(Concluir-se-ha).

[1] Os arabes designavam os reis de Oviedo e Leão pelo titulo de reis de Galliza.

SERVIÇOS

PRESTADOS PELA ARCADIA

Á LITTERATURA E POESIA PORTUGUEZA.*

La dulce boca que a gustar convida,
Amantes, nó toqueis, si quereis vida,
Que entre uno, y el otro labio colorado
Amor está de ser veneno armado,
Qual entre flor y flor sierpe escondida.

Mas estas mesmas bellesas, em que abundavam as obras é que deram maior pêso aos seus exemplos, e tornaram mais contagiosa a sua doutrina. Foi uma especie de epidemia moral, que estragou os melhores engenhos d'aquella época, e os absurdos e extravagancias dos discipulos redundaram em descredito do mestre, e de alguns alumnos, que tiveram o bom senso de procurar o meio termo entre o estylo antigo e moderno; mas Luzan, e outros humanistas, sem fazer-se cargo d'estas differenças, envolveram todos em uma proscripção geral.

Ninguem ignora que quando uma nação tem a desventura de ficar sujeita a outra, se entre ellas não existe a mesma disparidade de cultos, e odio religioso que, por exemplo, entre os gregos e os turcos, os preconceitos, e as modas da Nação dominadora ganham uma grande influencia sobre os costumes e modos de pensar da conquistada, ou por qualquer outro modo dominada. Não admira pois que a communicação de sessenta annos com os hespanhoes, a continuada leitura dos seus livros, o uso e estudo de sua lingua, levasse os portuguezes, naturalmente imitadores, e amigos de tudo que é estranho, ainda que não valha o que é seu, a escrever n'ella, e a imitar o seu estylo na eloquencia, e na poesia: assim se corrompeu entre nós o gosto, e findou a bella escóla fundada por Ferreira, e levada á perfeição pelo sublime engenho de Luiz de Camões.

Com a revolução de 1640 recobramos a patria, fomos nação independente, mas a litteratura continuou a ser hespanhola; a influencia de Gongora poude mais que as armas de Filippe 3.°, e ficou dominante o seu estylo. N'este estylo poetavam o doutor Antonio Barbosa Bacellar, e Simão Torrezão: n'este estylo o conde de Tarouca, e D. Thomaz de Noronha: n'este estylo os epicos Barbuda, e Manoel Thomaz; soror Violante do Ceu, e frei Jeronymo Vahia; Manoel Tavares Cavalleiro, e João Cardoso da Costa, e finalmente o suavissimo e engenhoso Antonio da Fonseca Soares, o maior poeta d'esses tempos: n'esse estylo prégavam os oradores mais afamados, e o padre Antonio Vieira, o primeiro de todos elles, que em suas cartas, e outros escriptos, deixou tantos modêlos de perfeita eloquencia. O mal tinha lançado fundas raizes, e a collecção de poesias intitulada — *a Fenix renascida* — é mais que sufficiente prova do que levamos dito.

No reinado de D. João 5.° houve dois homens, que tendo viajado, e passsado em França uma parte da sua vida, sentiram os defeitos da poesia portugueza, e tiveram o louvavel desejo de reforma-la, mas não acertaram com o caminho, porque assentaram que para conseguirem o seu fim bastava trabalhar por introduzir o estylo francez, e só conseguiram substituir o prosaismo á inchação, e á affectação o desleixo, misturando ás vezes estes dois defeitos, que tanto repugnam entre si.

O primeiro d'estes homens foi D. Francisco Xavier de Menezes, conde da Ericeira, socio da academia da historia, embaixador em França, e general, que nos deu uma bella traducção em oitavas da Arte Poetica do seu amigo Boileau. A este fidalgo não faltava erudição, cousa bem rara em um homem da sua casta, faltava-lhe porém o genio, e sem genio ninguem funda escólas, nem opera refórmas. A sua Henriqueida é uma epopeia muito regular, mas tem o maior de todos os defeitos, a carencia de bellezas, e a ausencia da poesia. Ninguem a lê hoje: deixamo-la dormir nas estantes dos livreiros.

O segundo foi Francisco de Pina e Mello, homem, não diremos que mais erudito que o conde da Ericeira, mas pelo menos muito maior poeta. D'elle temos um volume de rimas, obra de sua mocidade, onde apparece bastante gongorismo, mas esse raras vezes se mostra em seu poema da Conquista de Goa, em que trabalhou por imitar não só o estylo da poesia franceza, mas até a sua fórma externa, pois é escripto em rimas apareadas, que elle já tinha usado em o seu outro poema da Religião, e na sua Arte Poetica. Talvez esta novidade prejudicasse a reputação dos dois poemas, visto estarem os leitores costumados á oitava rima nas obras de mais extensão. Seja como fôr, o que não padece duvida, é que a

* Continuado de pag. 186.

Conquista de Goa deve ser contada entre as nossas melhores epopeias de segunda ordem, e merece ser mais conhecida.

Começára n'este tempo a vulgarisar-se entre nós o estudo da lingua franceza, e a leitura dos seus livros, e com elles veio á litteratura portugueza um flagello maior que a imitação dos hespanhoes, pois se levantou então a seita que o padre Francisco Manuel chamava dos *tarelos*, que elle combateu toda a sua vida com zelo e constancia infatigaveis.

A mania d'estes pedantes era ter em desprezo tudo que não era francez, corrompendo vergonhosamente a lingua materna, desfazendo-se das suas mais bellas phrases, e idiotismos, para substitui-los com termos e vocabulos francezes, a que davam a desinencia portugueza, apodando de barbaros e incultos os nossos classicos, tanto prosadores como poetas. As muitas traducções francezas, obra d'estes doutores, são prova evidente do estado de depravação, a que tinham levado a lingua tão harmoniosa de frei Luiz de Sousa, e de Camões.

Os socios da arcadia tomaram por alvo de suas fadigas litterarias o fazer guerra de exterminação ao gongorismo e ao francezismo, duas partes que haviam infeccionado todos os engenhos lusitanos, e vingar a bella lingua patria dos aleives que lhe haviam levantado, e das injurias que lhe tinham feito esses filhos degeneres e ignorantes; ignorantes (dizemos) da peior especie d'elles, que é a dos que blasonam de saber muito: mostrando elles arcades em suas composições o para quanto era essa lingua tão calumniada, mas que não cedendo em graça, em vigor, e harmonia ás mais bellas da Europa, ainda a muitas d'ellas leva reconhecida vantagem.

O seu primeiro cuidado foi chamar a eloquencia e a poesia á imitação da bella antiguidade, e áquelle colorido simples e magestoso que tanto nos encanta nas obras primas dos gregos e romanos. Em suas sessões explicaram larga e eloquentemente a poetica e a rhetorica de Aristoteles, o tractado do sublime por Longino, os livros de Cicero sobre a eloquencia, a poetica de Horacio, e a de Luzan, e as melhores obras elementares que então se conheciam; analysaram além d'isso os melhores poemas gregos, latinos, e portuguezes, combinando os preceitos com os exemplos nas poesias, que cada um dos socios recitava, e cujas bellezas e defeitos eram attentamente examinados, e logo corrigidos.

Outra cousa que ainda produziu mais effeito, era o fazer-se publica leitura das obras mais em voga, anatomisando-se com a mais escrupulosa e rigida censura os defeitos do seu estylo, os absurdos de seus concertos rebuscados, pensamentos affectados ou falsos, metaphoras de metaphoras, hyberpoles exaggeradas, impureza de linguagem, e incorrecções grammaticaes: assim se foram pouco a pouco abrindo os olhos do publico, e introduzindo-se o gosto da leitura dos classicos; então foram tiradas do pó das livrarias, e lidas e estudadas as obras de Barros, frey Luiz de Sousa, Damião de Goes, Lucena, frey Amador Arraes, Ferreira, Bernardes, Camões, e outros, que tanta honra fizeram á litteratura portugueza; os mancebos que principiavam a poetar trabalhavam por fallar como elles, por imitar as suas phrases elegantes, e suas expressões pictorescas, preferindo a solidez do estylo maduro ao oropel, e sabor com que leriam os escriptos gongoristicos. Os seus devotos, e os francezistas levantaram clamores despeitados, mas a opinião publica lhe impoz silencio, e cobertos do ridiculo tiveram prestes de ceder ao bom gosto, e á razão que começavam a raiar, adornados com a brilhante luz do raciocinio e da poesia.

A arcadia levou ao maior ponto de perfeição a poesia lyrica, e pastoril, deu exemplos da comedia regular, e da tragedia: expediu as regras da arte na traducção e commentario da arte poetica de Horacio por Francisco José Freire, e na propria arte poetica que o mesmo erudito padre deu á luz, obra cheia de clareza, de saber e de critica luminosa e imparcial: uma só cousa faltou á gloria da arcadia; a saber, uma epopeia digna da patria de Camões, e dos arcades.

Existiu ao mesmo tempo um homem que não sendo arcade era maior poeta que todos os arcades juntos, que sobreviveu a todos, e ajudou, e completou a sua obra. Este homem foi Francisco Manuel do Nascimento, o maior genio que Portugal produziu depois de Camões, e um dos primeiros lyricos da Europa. Este poeta empregou uma vida de 80 annos em combater os francelhos e corrompidores da lingua, e do bom gosto, em aconselhar os novos engenhos, o estudo dos classicos do idioma portuguez, que ninguem conheceu tanto a fundo como elle, nem manejou com tanto primor, assim no verso como na prosa. Um caminhar tão poderoso não podia deixar de cooperar muito para o triumpho e divulgação dos principios da arcadia.

Esta academia posto que não fosse creada por diploma regio, e só fosse filha do patriotismo e amor das letras de alguns eruditos, foi não obstante a mais util de todas as que se tem estabelecido na Europa. Ella além de ter mudado inteiramente o gosto do publico creando uma escóla nova de poesia e eloquencia, de nos ter tornado familiar a leitura dos gregos e latinos, ensinando-nos a admira-los e a imita-los, sem depreciar a nossa antiga poesia, soube crear outra com outro estylo, outro colorido, outras bellezas, outra versificação, e até diremos com outros modêlos.

O SOVINA.

CONTO.

O sogeito que a nossa gravura representa sentado sobre uns saccos de tremoços, é cégo de um olho e logo diremos porque; vive n'um logarejo de provincia, onde herdou algumas courellas de terra de semeadura, e é tido pela visinhança e por quantos o tem conhecido por um d'aquelles impertinentes individuos que vem ao mundo para zanga do genero humano, uma especie de raça de mosquitos, pulgas ou percevejos, que são o cogúlo da médida dos males d'esta vida. — Os pobres detestam-no porque é avarento, os abastados aborrecem-no porque é invejoso. Mas que está elle scismando ao que parece?.... — Eu o digo: está excogitando o modo de se vêr livre da saccaria de tremoços, abundancia que lhe proveio da sua especulação: — na retirada aldêa, onde fez sua vivenda, o trigo e outros grãos tem preço tão baixo que mal pagam a cultura; *o sovina* (alcunha que lhe pozeram os rapazes do sitio) não tem familia que consumma estes generos, e o que pertende unicamente é reduzir a pecunia os poucos productos de suas terras; ouviu dizer que em Lisboa por tempo d'entrudo se gastavam disparatadamente milhões de moios de tremoços; ora a semente era barata, a planta não requer amanho, poupança por todos os lados; e por tanto toca a semear as courellas de tremoços; a especulação não lhe parecia má; mas n'uma aldêa a trinta leguas da capital pela terra dentro, como e por que preço podia o sovina pôr em Lisboa os seus tremoços. O entrudo passou; deixemno agora scismar o que fará de toda aquella tremoçaria: tem bom pão até á colheita, não ha duvida! — A vida d'este sovina, antes de aposentado foi aventureira, e encheria um auto com mais partes que o de Cosme manhoso; para amostra contaremos a razão porque elle é cégo.



No vigor da sua idade, o sovina foi um ladrão cadimo, e para as suas emprezas associou-se com um primo corcunda, que era da mesma laia, igualmente invejoso, em summa com as mesmas prendas; de fórma que no repartir das gatunices quasi sempre tinham birras, e mais de uma vez o cajado do sovina apalpou a alforjada do corcunda, ao que este se sujeitava porque por si só nada podia. — Aconteceu saberem que por certo sitio ermo tinha de passar um almocreve velho com carga de algum valor e não pouco dinheiro: resolveram sahir-lhe ao encontro, o corcunda para lhe dar conversa e entretê-lo até logar asado para a façanha, e o outro para saltea-lo. — Partiram de noite, porém desgarraram-se na charneca, e só depois de andar muito divisaram umas luzinhas; guiados pela claridade, a foram procurando até ouvirem vozes indistinctas no meio de retumbantes gargalhadas. — Serão ladrões que estarão comendo e bebendo (disse o corcunda): se tal é, temos companheiros: mas foram presentidos, e cahiram em poder de um conciliabulo de bruxas (olhem que ainda ha quem creia em bruxas!); a sua redempção foi conhecê-los a bruxa-mór, o que lhes salvou a vida, depois de bem servidos de puchões de orelhas com acompanhamento de bordoadas na mala do alforreca vivente, que era sempre o que melhor quinhão levava nas emprezas infelizes. — As feiticeiras têem seus caprichos; e a bruxa-mór, que como dissemos conhecia as duas rêzes, quiz ainda mais castiga-los proferindo em tom solemne estas palavras: — Vossês tambem são dos praguentos que fallam mal de nós, mas quero agora mostrar-lhes que lhes podêmos fazer bem. Um de vós fórme e manifeste um desejo, peça um o que quizer que no mesmo instante será satisfeito, com tanto que aquelle que nada pedir hade ter o dobro do que o outro desejar. — Este remate não foi do gosto nem de um nem d'outro. — «Pois eu, dizia com seus botões o sovina invejoso, pois eu heide manifestar um desejo, cujo effeito será em dobro mais vantajoso para o desavergonhado corcunda? Isso me faria arrebentar de paixão d'alma. — O corcunda fazia em silencio o mesmo soliloquio, depois de haver debalde querido persuadir o seu camarada que desejasse alguma cousa; e vendo que por fim nada alcançava, não se sabe por que arte sacou uma faca da alforjada posterior, e engalfinhando-se no sovina desprevenido declarou que lh'a enterraria no bandulho se logo alli não manifestasse o seu desejo. — «Sim senhor, senhor corcunda, eu vou fazer-lhe a vontade; mas

para o fazer com mais desafogo, tenha sua mercê a bondade de dar acolá para aquella parte da fogueira dez passos com essas pernas d'aranhiço, porque ainda quero reflectir na cousa com madureza.» Estou por isso lhe tornou o corcunda, sempre de faca na mão; mas se vossê se demora creia que lhe vae ás tripas — e com grande folgança das bruxas caminhou para o lado opposto. — «Senhora fada, ou quem quer que é (clamou então o sovina invejoso) digne-se de escutar a minha voz e cumprir desde já o meu desejo; fazei, senhora fada, que ainda que eu fique torto, cégue já e já de um olho.» — Palavras não eram ditas, n'um relance, com os tições da fogueira as bruxas cumpriram o voto do sovina, que ficou privado da vista de um olho, mas teve a consolação de vêr cégo, igualmente berrando com dôres, o seu camarada corcunda. — E ninguem se compadeça do acontecido a qualquer d'estes homens, porque ambos elles eram dois ladrões que queriam saltear o pobre e indefezo almocreve.

O PADRE ANTONIO VIEIRA.*

Impetrada a licença d'el-rei, e obtida por decreto regio de 12 de outubro de 1652, não tardou muito que demorada a monção el-rei mandasse cassar a licença, que déra sómente por annuir aos rogos e sollicitude de Vieira. Obedeceu o illustre varão á expressa e declarada vontade soberana, e determinou sujeitar-se, e dar tempo ao tempo. Finalmente resolveu-se el-rei revogar a ordem que passára para não se ausentar o padre Vieira, e a 22 de novembro de 1652 sahiu elle a barra de Lisboa, e na altura da Madeira se avistaram duas caravellas piratas, a que póde o navio escapar favorecendo-o a noute. Como se a este se devessem juntar outros contratempos, soffreu o navio grande borrasca e ventos contrarios, que o obrigaram a arribar a Cabo Verde, aonde foi recebido com mostras de respeito e amor. No dia 26 de dezembro deu de novo vélas ao vento, e aportou em o dia 16 de janeiro de 1653 no porto do Maranhão, aonde lhe coube então socegar os animos dos senhores e aquietar as revoltas dos escravos. Pelo seu zelo conseguiu estabelecer um hospital, restabelecer a paz entre os indios, e livra-los momentaneamente da oppressão das auctoridades, entre as quaes se distinguia o capitão mór.

Julgaram porém os missionarios que o remedio por temporario carecia de meios mais efficazes, e a commissão de os vir pedir ao reino foi confiada ao padre Vieira, que em junho de 1654 partiu a esse effeito. Depois de aprisionado e roubado por um navio pirata hollandez foi lançado na ilha Graciosa, d'onde conseguiu voltar a Portugal em o mez de novembro de 1654. Apezar das novas intrigas que se lhe suscitam, e da molestia d'el-rei D. João IV, não desmaia no intento de obter a liberdade dos indios, que representa como necessaria, e por fim vencidos os obstaculos volta para o Maranhão em companhia do novo governador, André Vidal de Negreiros.

Para converter gentios, doutrinar cathecumenos, e conservar neophitos visitou, dizem os historiadores, onze vezes as residencias da missão, navegou vinte e duas vezes os extensos rios daquella provincia, e discorreu a pé quatorze mil leguas por logares incultos, fragosos, e solitarios, tolerando excessivos calores, e horrorosas tempestades. Em beneficio dos novos convertidos compoz seis cathecismos em diversas linguas. Levantou dezeseis igrejas, para cujo ornato despendeu mais de cincoenta mil cruzados. Converteu á fé catholica multidão de gentios inheigaras, tupinambas, e paquiguarás, habitadores do Seará, Maranhão, Pará, rio das Amazonas, e nheengaybas.

Em 17 de janeiro de 1688 foi nomeado visitador da provincia do Brazil, e superior de todas as missões, logar que acceitou com repugnancia. Os ultimos annos da vida do padre Vieira passou-os na Bahia, para onde partira no anno de 1681. Retirado em uma fazenda nos arrabaldes da mesma cidade dedicou-se a preparar as suas obras para a impressão, o que executou por expressa ordem do seu geral, que lhe ordenou acabasse o livro intitulado *Clavis prophetarum*. Posto estivesse quasi cégo, se valia de outrem para lhe lerem os livros, cujas paginas apontava de memoria. Como religioso observante praticou todas as virtudes proprias d'aquelle estado. Levantava-se muito cedo para a oração, cortando pelo descanço necessario á sua idade para ficar expedito para o estudo. Teve um animo imperturbavel, soffrendo com heroica constancia o odio, dissimulado em zelo, de muitos emulos, que armados contra o seu merito lhe deram vasta materia para exercer e mostrar a sua paciencia e abnegação. Retribuiu sempre beneficios por aggravos, satisfazendo-se dos seus offensores com tão nobre vingança. Nunca no seu semblante se descobriu o menor signal de alteração, ainda quando se sentiu infamado com satyras, accusado em diversos tribunaes, e perseguido d'aquelles que lhe eram mais obrigados. Foi exactissimo e rigido observador da pobreza religiosa, usando sempre dos vestidos mais remendados, conservando uma capa pelo longo espaço de quatorze annos, que largou violentado. Igual era no amor á pobreza e no odio das riquezas, pois rejeitou heroicamente vinte e cinco mil cruzados, que lhe mandou a París D. João IV para comprar livros, e quarenta mil cruzados que a ilha Terceira lhe offereceu em premio de patrocinar com a sua auctoridade negocio grave. Como sempre foi superior á mais alta fortuna, fugiu das maiores estimações que do seu talento fizeram os summos pontifices, Innocencio X e Clemente X, bem como os soberanos Luiz XIV de França, D. João IV, D. Pedro II de Portugal, e o duque de Florença.

Na sua ultima enfermidade padeceu tão acerbas dôres que o privavam do descanço, mas tão resignado as soffria que nem um queixume soltava, e só quando eram mais rigorosas rompia a sua afflicção dizendo em latim — *Senhor, o que fôr bom a teus olhos faça-se conforme a tua divina vontade.* — Recebeu com ternissima piedade os sacramentos, e expirou pela uma hora da madrugada do dia 18 de julho de 1697, em idade de 89 annos e 5 mezes, tendo 74 de profissão religiosa. Os biographos dão-lhe estatura mais que mediana, o rosto grave, a testa dilatada, o nariz aquilino, os olhos vivos, a côr algum tanto morena, o cabello negro, e a barba povoada. Foi nas acções circumspecto, no trato affavel, na conversação erudito, no discurso subtil, solido e prompto, por cujos dotes conciliou o universal affecto de naturaes e estranhos.

Sua morte causou extraordinario sentimento em todos os animos, não havendo pessoa de qualquer qualidade que deixasse de testemunhar com lagrimas tão grande perda. O cabido da cathedral da Bahia lhe officiou o funeral no collegio da companhia, assistindo toda a nobreza e clero a esta solemnidade. Logo que a noticia do seu fallecimento chegou á côrte, o conde da Ericeira, D. Francisco Xavier de Menezes, illustre litterato e Mecenas dos estudiosos, mandou celebrar sumptuosas exequias á memoria d'este principe dos oradores evangelicos na casa professa de S. Roque, que segundo o chronista de Vieira, o padre André de Barros, fôra estabelecida pelas diligencias do mesmo padre Antonio Vieira, como junta das missões, ou de propaganda da fé. No mesmo chronista se lê que o primeiro preposito d'aquella casa fôra o illustre padre Gonçalo da Silveira, descendente da casa dos condes da Sortelha.

O retrato do illustre Vieira sahiu aberto com todo o primor em Bruxellas, e subsequentemente em Roma, Veneza, e Barcelona.

Entre as obras d'este nosso incansavel escriptor notam-se — os seus sermões; as suas cartas sobre diversos assumptos religiosos e politicos; um poema latino, e varias outras obras, que não carecemos enumerar. Diversos manuscriptos deixou tambem o padre Vieira, e entre estes menciona Barbosa um que a companhia de Jesus offerecêra ao marquez das Fontes, quando embaixador em Roma, e que fôra depois marquez de Abrantes, o primeiro d'este titulo. Este manuscripto estava por acabar e intitulava-se — *Clavis prophetarum, sive de regno Christi in terris consumato.* — Dos outros manuscriptos dá miuda relação o citado Barbosa, que póde ser consultado pelos que desejarem conhecer as muitas obras que sahiram da penna do illustre padre Antonio Vieira, escriptor tão abalisado quanto fôra eloquente orador sagrado.

* Conclusão de pag. 188.

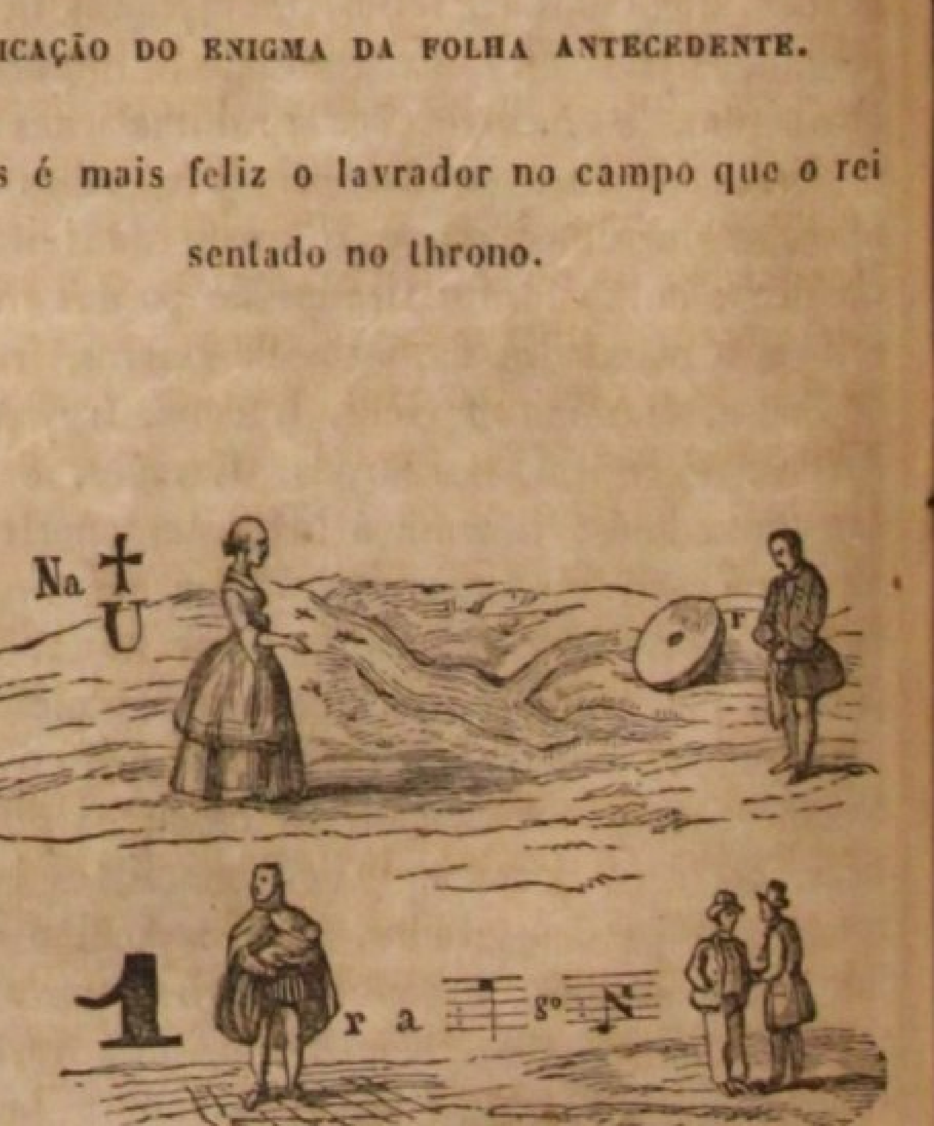
SUPERSTIÇÕES.

Os povos do norte são tanto ou mais supersticiosos que as nações do sul da Europa. Mr. Marmier conta um sem numero de crenças ridiculas dos camponezes da Finlandia. — Pensam elles que os mortos podem em certas épocas visitar as suas moradas; é a mesma origem das visões de nossos antepassados, e mais notavel ainda em França por um sem numero de factos, de que se aproveitaram cavalheiros de industria á custa da credulidade das almas fracas e timidas. — Os finlandezes, recceosos d'aquellas visitas que não são muito para desejar, praticam o seguinte: como as suas moradas nos campos estão a grandes distancias da parochia, usam transportar os cadaveres para o seu jazigo no cemiterio commum em carros; escolhem porém os carros mais pesados, o gado mais indocil, e em vez de seguirem o trilho mais curto, levam a comitiva pelos atalhos mais escabrosos, a fim de que (suspeitam elles) o defunto, zangado de tantos boléos, não tenha vontade de apparecer na sua antiga pousada.

ENIGMAS PITTORESCOS.

EXPLICAÇÃO DO ENIGMA DA FOLHA ANTECEDENTE.

Ás vezes é mais feliz o lavrador no campo que o rei sentado no throno.





Cada anno da publicação d'este jornal será dividido em 12 n.os mensaes, distribuidos porem ás folhas semanalmente.
Assignatura: Um anno, 1$440 r.s — Semestre, 720 r.s — Trimestre, 360 r.s — Folha avulsa 30 r.s

N.º 12 — VOL. I — MARÇO, 1846.
ESCRIPTORIO, RUA DA PRATA N.º 7 — 1.º ANDAR.

As assignaturas só se recebem no Escriptorio da Illustração. A correspondencia — *franca* — aos Directores da Illustração. Vende-se: r. Augusta, n.º 1 — do Oiro, 113 — do Arsenal, 30 — Larga de S. Roque, 24 — da Esperança, 150 — e em Alcantara.

SUMMARIO.

O PARNASO LUSITANO.

Em todos os tempos, e em todos os paizes cultos tem havido particular cuidado em publicar collecções dos melhores poetas nacionaes, havendo sempre buscado os editores que a impressão fosse elegante, e commoda em preço para facilitarem assim a leitura, e o conhecimento das obras que fazem honra ao espirito humano, e á litteratura de cada nação.

Os gregos tinham a sua pleiada, esta é uma collecção dos poemas dos sete dos seus melhores poetas antigos, posto que não estivessem tão habilitados para estas emprezas como nós que temos o grande soccorro da arte typographica; quando os antigos se viam obrigados a copiar á mão cada obra, o que exigia muito tempo, muita despeza, tornando ao mesmo tempo impossivel a exacta correcção, ao passo que com os typos, além de mais facil o emendar, se gasta só o tempo em escrever um exemplar, e n'um dia se imprimem milhares de volumes.

Os francezes tambem tiveram a sua pleiada composta das obras de Ronsard, de Baif, de Dubartas, de Jodelle, de Garnier, de Desportes, e de Charpentier, que em geral ninguem hoje lê, porque tendo escripto quando a lingua ainda não estava formada, o seu estylo se tem tornado aspero, duro, e quasi inintelligivel; mas desde então não tem cessado de publicar-se em França collecções de poetas, merecendo grande attenção a dos poetas de segunda ordem, porque nos nove volumes de que é composta se podem notar todas as variações que tem feito a lingua franceza desde o principio da monarchia até ao seculo de Luiz 15.º

Os inglezes e allemães não se tem descuidado de publicar similhantes collecções dos seus poetas, com especialidade dramaticos; e muito menos os italianos em cuja lingua ha innumeraveis *Racolte*, umas trazendo as obras por inteiro, outras só inteiras as de mais voga, e as outras por escolha, outras só as obras dos poetas antigos, outras só as dos modernos. Entre estas merece particular attenção a que tem por titulo — *Colezione dei migliori poeti italiani antichi e moderni* — e outra que se diz feita em Londres, mas que verdadeiramente é de Milão.

Mesmo entre os hespanhoes não faltavam homens zelosos da litteratura patria que emprehendessem a publicação de obras de similhante qualidade, do que são boas testemunhas *el Cancionero general, el Cancionero de romances, el Romancero general, el Romancero del Cid*, a grande collecção conhecida pelo nome de *Parnaso español*, e a outra que foi coordenada por D. Ramon Fernandes, e acompanhada de excellentes prologos, e modernamente os tres tomos de *Poesias selectas castellanas* por Quintana, e as ricas collecções de poetas epicos, e dramaticos hespanhoes por Ochoa.

Entre nós tem corrido as cousas por mui diverso caminho, e por isso é tão difficil encontrar um exemplar dos nossos poetas tanto antigos como modernos, porque os nossos livreiros preferem vender um livro de anno a anno pelo quadruplo do seu valor aos lucros que podiam tirar de uma nova edição d'elle.

Grande serviço fez á nossa litteratura o douto Resende com a publicação do seu Cancioneiro, quasi unica fonte a que póde recorrer quem haja de dar-se ao trabalho de escrever a historia critica da nossa poesia; mas esse livro se tem tornado tão raro que apenas haverá algum exemplar d'elle nas livrarias mais antigas, e mais bem conservadas do reino; e se por milagre algum fôr parar ás mãos de um livreiro, que enorme somma não pedirá por elle? Ousâmos por tanto rogar á academia das sciencias de Lisboa, que por zelo e credito nacional, queira juntar a tantos outros serviços d'este genero, que tem feito ás nossas boas letras, a publicação d'este Cancioneiro em uma edição cujo preço esteja em harmonia com os fracos meios de que podem dispôr os litteratos entre nós. Esta empreza será digna dos illustres membros que compõem aquella erudita associação, que tanta honra tem feito aos bons estudos portuguezes. Lembre-se que talvez perecesse entre as chammas do incendio que devorou o collegio dos nobres um rico Cancioneiro que alli existia manuscripto, e não soffra que o tempo devore este precioso monumento litterario, como o fogo devorou aquelle com perda irreparavel para a historia das nossas letras.

O mercador de livros Rolland, suppomos nós que pae do actual dono d'aquella casa, e a quem se deve um bom numero de importantes publicações, concebeu o projecto de publicar com o titulo de Parnaso lusitano uma collecção de todas as epopeias portuguezas em que houvesse algum merecimento, este projecto era tão util como grandioso, e honorifico para quem o emprehendia, mas não sabemos porque fado máu, que acompanha todas as nossas cousas, elle parou na publicação do Naufragio de Sepulveda, de Côrte-real, e da Ulyssea, de Gabriel Pereira de Castro, que já estava mui rara mesmo na terceira edição.

Esquecia-nos fallar de outra collecção, que com o titulo de *Fenix renascida* publicou Mathias da Silva, e em que recopilou grande numero de poesias dos poetas de melhor nota que floresceram desde o reinado de el-rei D. João 4.º até ao reinado de el-rei D. João 5.º, de muitos dos quaes apenas temos as poucas composições que foram alli inseridas. Não duvidâmos de que muitos leitores se riam, ouvindo fallar na *Fenix renascida*, mas nós lhe perguntaremos: «lêstes já essa collecção? Sabeis que ella representa uma época da nossa litteratura? Que ella tem de servir de grande soccorro a quem escrever a nossa historia litteraria? Que Bouterweek, e Sismondi, dois criticos de tanto saber fizeram muito uso d'ella?» Pois fiquem na certeza de que analysar o seiscentismo, extremar as suas bellezas dos seus defeitos, investigar a origem d'aquelle estylo, os motores da sua propagação, mostrar em cada um dos poetas d'aquelle tempo os vicios que são inherentes á escóla de Gongora, e os que nascem da tempera do engenho do auctor ou de sua depravação de gosto, é muito mais difficil do que desprezar sem exame todas as composições daquella época. Esperamos que ainda virá tempo, em que um philologo erudito e desapaixonado ponha em sua verdadeira luz o merito e o demerito d'esta época da nossa poesia.

Mas a *Fenix renascida* não contém senão poemas lyricos, pastoris, e jocoserios, e não as

obras de mais extensão, que hoje são mui difficeis de achar, e que em breve desapparecerão inteiramente da circulação litteraria.

O mesmo caracter tem as poesias ineditas publicadas pelo impressor Campos, collecção mui interessante, no tempo em que foi feita, pelo grande numero que continha de poesias de Antonio Diniz, e de José Anastacio da Cunha, e que ainda hoje que estão impressas as obras d'estes dois poetas, senão torna inutil, por alli se acharem algumas de Alvarenga, de José Basilio da Gama, do marechal Mathias José Dias Azedo, que se não encontram em outra parte.

Os quatro tomos do Almanack das musas contém as poesias dos socios da nova arcadia, que não ficaram ineditas, como as do suavissimo lyrico Francisco Joaquim Bingre, ultimo alumno que hoje resta da escóla de Bocage, e a quem compete o logar mais proximo a este; e as do muito fecundo poeta Jeronymo Martins da Costa, official maior da secretaria do senado da camara, que com grande perda do parnaso portuguez pereceram no auto de fé que a plebe de Lisboa fez dos trastes e mobilia de seu filho, Manuel Cypriano da Costa, no dia em que o governo do usurpador desertou da capital.

A mais importante porém de todas as collecções de poesias portuguezas que possuimos, e a ultima em data, é a conhecida pela denominação de — *Parnaso lusitano* — e que o livreiro mr. Aillaud publicou em França, tendo incumbido da escolha das peças uma pessoa de optimo gosto, e muito visto em objectos de litteratura amena. Esta collecção é feita em optimo papel, e typos elegantes, e precedida de um resumo historico-critico da nossa poesia, soberbamente escripto, e em que se acham juizos lançados com toda a imparcialidade e justiça: taes são os das obras de Francisco Rodrigues Lobo, de Camões, de Diniz, de Nicolau Tolentino, e de Quita, em que parece impossivel que nem uma palavra diga do seu drama pastoril de Lycore, a mais importante de suas composições, e que até agora não teve rival entre nós.

Tambem não podemos conformar-nos com o parecer alli emittido de que a Malaca conquistada é o ultimo titulo da nossa boa época litteraria, quando aquella epopeia é a mais perfeita que temos quanto a regularidade de architectura epica, variedade de caracteres, e boa escolha de episodios, sendo o seu maior defeito, o que lhe tira o primeiro logar, a fraqueza de estylo poetico, e dureza de versificação; estes mesmos defeitos não vão tão longe na Malaca como no Condestabre de Francisco Rodrigues Lobo, ou na Elegiada de Luiz Pereira, ou no Cêrco de Diu, de Jeronymo Côrtereal, a que alli se tecem não pequenos elogios.

Não negâmos que Gabriel Pereira de Castro se demasia ás vezes em seus conceitos e hyperboles, mas dizer que o seu estylo *é a quinta essencia da Fenix renascida*, nos parece exaggerar muito a censura, e ser injusto com um dos nossos melhores epicos, a que alguns, e entre elles o desembargador Antonio Ribeiro dos Santos, não tem duvidado preferir a Camões, opinião que não adoptamos.

Quanto á collecção em si, nós a desejaramos mais copiosa. Temos para nós que na parte epica deviam apparecer alli alguns extractos da Ulyssipo de Antonio de Sousa Macedo, do Templo da memoria de Manuel de Galhegos, do Viriato tragico de Braz Garcia Mascarenhas, do primeiro Cêrco de Diu de Francisco de Paiva de Andrade, da Insulana de Manoel Thomaz, e de outros epicos de que alli se não faz menção.

Julgamos tambem que em obra tal é grande deficiencia o não se apresentarem alguns trechos dos seiscentistas, e mais nos confirmamos n'esta opinião vendo que um grande poeta, e judicioso critico, D. Manuel José Quintana, tanto no seu resumo historico da poesia castelhana, como nas poesias selectas não deixou de mencionar com os necessarios reparos as obras de Gongora, e dos seus discipulos, ou de encorporar obras suas na collecção. E o *Parnaso lusitano*, não ficaria menos auctorisado se n'elle apparecessem algumas obras de Bacelar, de Antonio da Fonseca Soares, do conde de Tarouca, de soror Violante do Ceu, de frei Jeronymo Vahia, de Barbuda, ou de Porto Brandão, cujos escriptos jocoserios não são inferiores aos do cégo José de Sousa.

Não podemos igualmente atinar porque capricho alli apparece impressa uma mediocre poesia de Francisco Manuel da Silveira Malhão, ao passo que deixam em esquecimento as suas odes anacreonticas, genero este em que lhe conhecemos poucos competidores.

Citam-se com tom de desdem alguns trechos, mas não os melhores, da Brasiliada, de Thomaz Antonio dos Santos e Silva, um dos nossos maiores e mais originaes poetas modernos; mas nem um terceto da sua *Sepultura de Lesbia*, nem da *Apparição*, de Nuno Alvares Pereira Pato Moniz, que passam pelos nossos melhores poemas elegiacos.

No mesmo esquecimento ficaram os dithyrambos de Luiz Raphael Soyé, as poesias de Manuel Mathias Fialho de Mendonça, e as de Joaquim Severino Ferrer de Campos.

Tornamos a repetir que o *Parnaso lusitano* nos parece a melhor compilação poetica que possuimos, mas parece-nos mui dificiente, e pouco propria para dar aos leitores uma idéa completa da poesia portugueza nas suas differentes épocas, e que o editor deve, no caso de fazer segunda edição, supprir todas estas ommissões, que na verdade são consideraveis.

FARCICO. *

Em meio dos estrepitosos applausos que alcançára Fernando pelo feliz successo da sua composição dramatica, não se esquecêra elle da mentora, que em seu desalento o aconselhára, e a quem devia por certo todo aquelle feliz successo; porque o seu talento obscuro e condemnado ao silencio nunca ousaria apparecer em publico e manifestar-se por uma obra completa, se não fosse o estimulo das advertencias amigaveis e das suasorias irresistiveis com que a suave eloquencia de Valentina o persuadíra. Procurou o velho Gerbourg, o que o introduzíra no theatro, mas teve a infelicidade de o não encontrar; e revolvia na mente estranhos pensamentos, lembrando-se talvez de que o suppozessem esquecido e ensoberbecido pela sua gloria aquelles que para ella tanto haviam contribuido. Este pesar, grave para uma consciencia delicada e pura, o amargurava. Mal cuidavam então Valentina e o seu parente Gerbourg os martyrios que soffria a alma ingenua e candida de Fernando; persuadiam-se do que toda a gente se persuade n'este mundo; que os amigos que protegemos ou auxiliamos, ou com quem convivemos na desventura, esquecem-se de seus antigos companheiros quando chegam á prosperidade e ás honras.

Passados poucos dias o repudiado Farcico, nome burlesco de que ninguem se lembrava, citando todos o auctor novo mr. Dumenil, era procurado por toda a parentela, que d'antes o não queriam vêr; e o futuro sogro, arrependido do primeiro repudio, era o mais obsequioso entre a cohorte dos cumprimenteiros. Muitas foram as diligencias para que o auctor dramatico acceitasse a mão de Thereza, a quem já pareciam brincadeiras innocentes as rapaziadas de Fernando.

Mas, n'este curto intervallo, o que era feito de Valentina.

A grave molestia de uma sua parenta a chamára a uma cidade de provincia; esta dôr, e a penuria, e sobretudo o esquecimento que ella suppunha em Fernando, a reduziram á quasi desesperação da vida.

Já designámos Gerbourg, homem honesto e parco, litterato mediocre mas util preceptor da mocidade, como uma d'aquellas pessoas que vivem do preço bem entendido do seu trabalho. Ainda que elle muito contribuisse para Farcico ser agora o auctor mr. Dumenil, tanto bastava para não procurar o amigo Fernando, que tinha aquelles dois appellidos.

N'uma situação feliz passam-se dias aborrecidos, e não se sente mais que um pesadêlo, que qualquer distracção allivia; nenhum mal os aggrava. Pelo contrario, para o desditoso a menor circumstancia peiora a sua condição; de dia para dia se lhe augmentam as difficuldades, e lhe escaceiam os recursos. — Valentina, dotada de alma generosa, foi acudir a seus parentes na afflicção, e o resultado parecia ser a completa miseria, porque se privára dos honestos meios de sua subsistencia, o ensino da musica n'uma capital populosa, onde por seus merecimentos era procurada e recebida das mais conspicuas familias. Parecia que a casa, que ella ia habitar n'um districto provincial, era mais que minguada para acudir ás urgentes precisões da vida; e assim lhe appareceu quando foi exercitar o seu mister de caridade, mais recommendado pelas relações de parentesco.

O amor sincero de Fernando não consentia dilações, e só contratempos, importunidades inevitaveis o retardaram; possuidor de *um nome* que ninguem lhe adquirira d'entre a sua familia, podia dizer a esta *quero*. Voou, apenas a soube, á residencia de Valentina. Não ha prazer sem desconto; ahi encontra a todos lastimados pela mui proxima perda da tia de Valentina; e esta inconsolavel, suppondo-se inteiramente esquecida de Fernando. — É n'esta horrivel situação que o nome de mr. Dumenil é annunciado á porta: Gerbourg, que era o anjo de consolação n'estes transes dolorosos, o reconhece, e apressa-se em apresenta-lo, como se fôra o santelmo da bonança em crise tormentosa.



A molestia era gravissima; e a doente adiantada em annos succumbiu. — Guardada a decencia posterior ás exequias, já se tratava do casamento de mr. Dumenil com a herdeira do Ger-

* Conclusão de pag. 176.

bourg velho; e o Gerbourg litterato cedia de todas as suas pertenções, só pelo gosto de vêr consummada tão feliz alliança: nunca no meio de suas lucubrações litterarias lhe veio á cabeça fazer um romance, mas fez um casamento romantico com um feliz desenlace como poucos tem. E este feliz desenlace consiste em que o pae do nosso Fernando, o auctor Dumenil, d'antes o burlesco Farcico, approvou muito o casamento porque o avarento irmão de Gerbourg litterato, descerrou os cofres, e apresentou uma fortuna capaz de espantar os banqueiros da capital.

Fernando, Dumenil, ou como lhe queiram chamar, viveu feliz com a sua esposa, porque era da sua escolha; e educou seus filhos de modo que lhe encaminhou mas não contrariou a vocação, lembrado de que uma alcunha dos rapazes do collegio ia sendo a ruina de toda a sua vida.

***

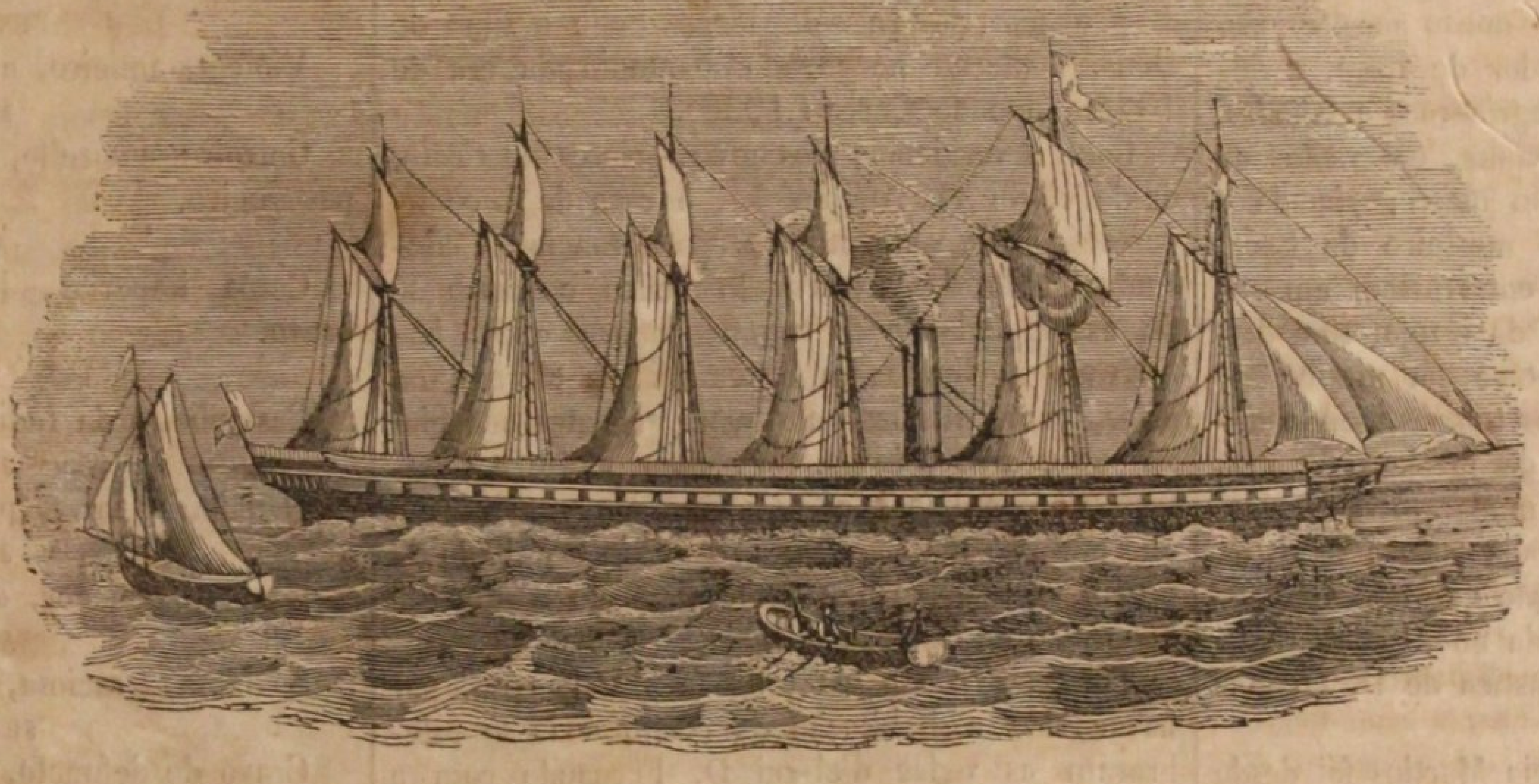
O VAPOR INGLEZ

GREAT-BRITAIN.

O barco de vapôr *Gran'Bretanha* (Great-Britain) é o navio de dimensões mais colossaes que se conhece. N'esta época em que a celeridade é a idéa dominante de todas as cousas, e a que mais occupa o espirito dos homens, não podem inglezes e americanos conformar-se com a necessidade de subjeitar as communicações entre os dois paizes, Inglaterra e Estados-Unidos, ás delongas e irregularidades dos navios de vélas, e por isso em ambos elles ha os grandes desejos, e se têem feito os maiores esforços para submetter a *travessa* do grande oceano atlantico ao dominio do vapôr. Com este fim se construiu o infeliz e formidavel vapôr *Presidente*, que n'essa viagem se perdeu com todos seus passageiros e tripulação, sem que até hoje ainda se saiba como.

A Inglaterra é uma nação activa e emprehendedora, que deve a maior parte da sua grandeza á pertinacia e diligencia que emprega sempre para conseguir os seus fins. A idéa da construcção do vapôr Gran'Bretanha é oriunda d'este systema de louvavel tenacidade n'um grande pensamento: mas não se póde desconhecer tambem que n'essa construcção entrou muito do orgulho nacional, e foi mais depressa o complemento de um capricho industrial do que a satisfação de uma verdadeira necessidade.

Tudo o que a arte sabia de melhor, tudo o que o engenho tinha descuberto de mais moderno, foi applicado para inteira perfeição d'este barco admiravel. A sua força é de 1:000 cavallos, todo construido de ferro, sem rodas, movido pelo recente systema propulsor do parafuso adaptado á quilha: foi feito em Bristol á custa de uma companhia ingleza.



Este gigante dos mares fez no anno passado a sua primeira viagem d'Inglaterra á Nova-Yorck. Mas os resultados não foram tão satisfactorios como se esperava. O commando d'elle foi confiado a um dos mais habeis officiaes da marinha ingleza, expressamente escolhido para esta commissão importante.

Apezar de todas as circumstancias favoraveis, ou seja porque realmente haja para isso motivo pelo riscos de uma navegação tão perigosa, ou seja ainda por uns restos de panico causado pelo proximo desastre do *Presidente*, o que é certo é que o *Gran'Bretanha* não inspirou confiança nos Estados-Unidos, e em Inglaterra mesmo custou a achar certo numero de passageiros. Assim que o vapôr ancorou em Nova-Yorck, uma grande parte da sua tripulação desertou-lhe. De volta, grossos mares, e temporaes, demoraram lhe a viagem, o barco correu risco, e na Inglaterra receiou-se a sua perda.

Bem se vê que apesar da enormidade do seu tamanho, do desvelo com que fôra construido, o Gran'Bretanha está longe de desempenhar, como se deseja, a importante missão para que foi destinado.

A primeira viagem foi de treze dias, deitando o barco apenas 8 ½ milhas por hora. A vibração que nos vapôres de rodas se sente muito a bordo, é n'este levemente presentida á pôpa, e absolutamente nada á prôa. Apezar da sua machina ser, como dissemos, da força de 1:000 cavallos, parece que n'esta viagem a força da propulsão nunca foi maior de 600 cavallos, porque as suas caldeiras são insufficientes. No relatorio que o seu commandante fez sobre as qualidades do barco, e todas as mais observações por elle feitas n'esta viagem, cita-se esse inconveniente e outros como carecendo de prompto remedio. Por outro lado a construcção do barco é excellente. Nenhuma peça deu de si a menor cousa; não houve um prégo que saltasse, nem uma cavilha que cahisse.

O barco, como se vê na nossa estampa, tem seis mastros. O seu comprimento é de 322 pés inglezes, e a largura de 50 pés. O ferro empregado na sua construcção pesou 1:500 toneladas.

NOTICIAS

DA CASA E IGREJA DE LEÇA DO BALÍO

ANTIGO MOSTEIRO E HOSPITAL DA ORDEM MILITAR DE S. JOÃO DE JERUSALEM, E POR MUITO TEMPO CABEÇA DA MESMA ORDEM EM PORTUGAL. *

DISSEMOS que á rainha D. Thereza, mulher do conde D. Henrique, se deveu o estabelecimento dos cavalleiros da ordem de S. João de Jerusalem no mosteiro de Leça. Este mosteiro havia sido provavelmente de benedictinos que muitos possuiram na provincia do Minho, ainda antes da monarchia, em tempos dos reis de Leão. João Pedro Ribeiro achou no chamado *Livro preto* lançada uma escriptura de doação que fizera *Alamiro*, filho d'*Alderedo*, ao mosteiro de Leça, e ao seu abbade *Tudeildo*, na era de 1079, reinando Affonso Magno de Leão. É tudo quanto sabemos de sua origem.

D. Affonso Henriques tomando o governo do reino em 1128, e precisando fortalecer o seu partido apressou-se em confirmar as duas ordens de milicia religiosa e guerreira, tanto dos templarios, como hospitalarios, estabelecidos de pouco tempo no nosso paiz. Com quanto estes novos religiosos se intitulassem *servos dos pobres*, e desempenhassem este titulo curando os enfermos, e defendendo os peregrinos, não eram por isso menos aristocratas e cavalleiros, segundo sua constituição mesma, dada pelo grão-mestre *Raymundo de Podio*, e approvada pelo papa *Gelasio* 2.°, em 1120.

No anno de 1122 apparece com effeito já estabelecida com seu couto, possessões, e propriedades a casa de Leça, concertando-se com o primeiro bispo do Porto, restaurado, D. Ugo, sendo seu primeiro prior D. Martinho, sobre certas prestações episcopaes.

Em 1128 com effeito confirmou o principe D. Affonso Henriques os privilegios da ordem, sendo prior de Leça o segundo prior D. Ayres: e passados annos, quando o papa, segundo a jurisprudencia do tempo, expediu bulla isentando os templarios, e seus cazeiros e propriedades, de todas as imposições, serviços, e portagens, a que obedeceu o mesmo soberano (não sem uma especie de protesto expresso, dizendo *sum coactus*) julgou de igualdade de justiça estender aos hospitalarios as mesmas isenções.

Na verdade que as proezas e serviços d'estas duas ordens, famosas na Palestina, á christandade em geral, lhes haviam criado uma tal celebridade e admiração, que o primeiro rei d'Aragão, D. Affonso, o que morreu diante de Praga em 1134 combatendo contra mouros, não tendo herdeiros necessarios, deixou a corôa e seus estados á ordem de S. João de Jerusalem. Bem de vêr é que o voto não foi cumprido na sua integra; mas serve para mostrar que o guerreiro monarcha não via em torno de si mãos mais valentes para conservarem sua conquista.

Por morte do fundador da monarchia subiu ao throno D. Sancho 1.°, que tambem confirmou as regalias da ordem, assim como seus successores. A casa de Leça foi medrando em acquisições; e como as doações e deixas eram em todas as provincias do reino, d'ahi surgiram tantas casas e igrejas que por ultimo compunham as vinte e quatro commendas de Malta.

A rainha de Castella D. Mafalda separada de seu marido, e recolhida em Arouca, dotada magnificamente por seu pai el-rei D. Sancho 1.°, reformou e ampliou a casa de Leça em 1212. Mas a fabrica actual denota época mais moderna; parece do seculo 15. É indubitavel que na igreja do mosteiro de Leça tiveram seu jazigo os priores móres da ordem, em quanto se não alteraram as dignidades e denominações d'ellas; e depois d'elles os commendadores, e balios, a quem a morte surprendeu n'aquella residencia; pois que segundo as necessidades, e mais occurrencias, já da ordem em Acre, Rhodes, e Malta, já do estado portuguez, a quem igualmente serviram em muitas occasiões, a varios coube o fallecer em desvairadas localidades.

A incuria e o tempo gastaram muitas d'estas memorias sepulchraes; duram todavia ainda algumas, e entre ellas a do commendador, chanceller mór da ordem (cargo immediato ao grão-

* Conclusão de pag. 179.

mestre) frei Christovão de Cernache, cavalleiro illustre portuguez, que se achou no cêrco de Malta em 1538 com o grão-mestre João Omedes, hespanhol. A sepultura d'este honrado hospitalalario é uma longa caixa de marmore sem ornatos de esculptura, e n'ella ao comprido está gravada a seguinte inscripção:

Esta sepultura é de Fr. Christovão de Cernache filho que foi de Alvreeanes de Cernache e de Briolanja Pinta Pereira sua mulher, Preminente ao Priorado do Crato, e Grão chanceller da Religião de S. João Bautista, Comendador d'este Mosteiro e das Comendas de Poiares e Freixiel: Nosso Senhor o receba em sua gloria.

Outro notavel moimento da igreja de Leça é o do venerando fr. D. Garcia Martins, grão-commendador da ordem de S. João em toda a Hespanha, que era como um delegado do grão-mestre. Este varão excellente em todo o genero de virtudes floresceu durante o longo reinado de el-rei D. Diniz, a quem foi muito acceito. Foi por muitos annos commendador de Leça, e depois de muitas viagens e peregrinações a Rhodes, e aos diversos reinos d'Hespanha, em visitas do seu cargo, abdicou-o, e veiu morrer placida e santamente no seu querido mosteiro de Leça. Havia elle ordenado que o enterrassem em sepultura rasa, posta no meio da igreja, sem distincção alguma; e assim esteve por muitos annos. Porém com o andar dos tempos, sendo necessario altear o pavimento da igreja onde chegavam as inundações do rio, mudaram seu jazigo, e o encostaram junto á entrada para a sacristia, pondo-se-lhe então a inscripção que aqui não copiamos por andar já publicada no Agiologio Lusitano, e na Historia Ecclesiastica de D. Thomaz da Encarnação.

O jazigo de frei D. Garcia Martins foi desde logo venerado como d'um santo; que tal era a fama de sua virtude. Na sua campa esculpiram aquelle caso notavel d'uma pobre camponeza da Maia, que sendo accusada falsamente d'adulterio, e achando-se em audiencia de julgamento, não tendo outra prova para defender sua innocencia, lembrou-se, no meio de sua consternação e desamparo, da intercessão do santo commendador, e offereceu a seus juizes tomar nas mãos o ferro em brasa d'um arado, e leva-lo assim até á sepultura do santo. Esta prova que então ainda não estava totalmente em desuso foi acceita por acclamação de todos; e a boa mulher cumpriu sua promessa, e foi reconhecida pelo facto sua innocencia.

Outro mui curioso e notavel monumento da igreja de Leça é o jazigo do commendador frei *D. Estevão Vasques Pimentel*, successor que foi do antecedente. Além da fidalguia de sua linhagem, por ser filho de D. Vasco Martins Pimentel, e de sua segunda mulher D. Maria Gonçalves de Portocarreiro, dos quaes falla o conde D. Pedro em suas linhagens; foi elle cavalleiro valente, e diplomata famoso n'aquella idade. Elrei D. Diniz o empregou em varias negociações, sendo a principal a d'Avinhão, onde então residia a curia pontificia: foi nomeado pelo mesmo soberano um de seus testamenteiros. A elle se attribue o registo e tombamento das grandes possessões do mosteiro de Leça, e a ordem do seu antigo archivo. Fundou para seu jazigo a capella de Nossa Senhora do Rosario, uma das mais bellas d'aquella igreja, a que vulgarmente chamam do ferro, por estar defendida com grades d'aquelle metal. N'ella tem seu moimento com uma das mais notaveis inscripções de que temos noticia. É ella em latim, que traduzido diz d'esta maneira:

Aqui jaz frei D. Estevão Vasques Pimentel (filho dos já nomeados), que foi casado com D. Nonia Pires d'Elvas, filha de Domingos Pires de Chelas; e viuvo d'esta mulher foi prior do hospital. Escolheu e fez construir esta capella da Senhora do Rosario, a que chamam do ferro na igreja de Santa Maria de Leça, por elle fundada. Foi dignissimo prior da ordem do Baptista, e seus feitos foram memoraveis na vida; e depois da morte com difficuldade nasceria outro que fosse melhor do que elle. Entre os seus era bemdito, e reputado excellente em vida e costumes. Ninguem tão jovial e engraçado *(facetus)*; forte, formoso, constante, generoso, e magnanimo, fazendo á sua custa muitas jornadas por terra, e por mar. Além do priorado teve cinco balivias ou commendas que a ordem lhe deu, e o papa confirmou, a saber — *Certã, Leça, Crato, Riomeão*, e *Fayt*. Foi prior da ordem por trinta annos, tendo já doze de bom freire d'ella. Dotou magnificamente aquella capella por sua sepultura. Em quanto viveu fez muitas obras de misericordia; e por isso se compadece d'elle o filho de Deus. Falleceu no meado de maio da era de 1374 (anno de Christo 1336).

Com a residencia dos grãos-priores no Crato, desde el-rei D. Affonso 4.°, a casa de Leça foi descahindo da sua antiga preponderancia. A conventualidade dos freires alli pouco e pouco se foi extinguindo; e os commendadores que a habitavam se limitavam a ter alli um clerigo, ou prior, para satisfazer aos mais urgentes negocios do culto, e parochiaes. Conservou porém a reputação proporcional a suas grandes rendas, até que por isso mereceu ser promovida a baliado da ordem, unico em Portugal, além do nominal e honorifico de S. João d'Acre.

Tornou-se ainda notavel esta grande casa, por haver sido a habitação da côrte, onde se celebraram as vodas d'el-rei D. Fernando com a rainha D. Leonor Telles: os quaes sahindo de Lisboa quasi escapados ás energicas demonstrações do povo, que se oppunha áquelle casamento, e indo, como diz a chronica, a *folgar* pelo reino, fizeram assento em Leça, e ahi se apresentaram casados á côrte que os acompanhava. Ahi foi nessa mesma occasião que o infante D. Diniz, o mais velho filho de D. Pedro 1.°, e de D. Ignez de Castro, se recusou beijar a mão a D. Leonor, e preferiu expatriar-se, pondonor que talvez lhe custou o throno portuguez, e que abriu caminho á felicissima exaltação do mestre d'Aviz D. João 1.°, o da *boa memoria*. C. P.

PASSEIOS

AO JARDIM BOTANICO DA AJUDA. *

Estamos nos fins do inverno, e já vêdes por todo esse plano, que se estende diante de nós, um grande numero de plantas em flôr. — Os vossos jardins são n'esta época tristes e melancholicos — são pezados como a atmosphera nebulosa que gravita sobre elles. O nosso sol é mais creador do que o vosso: a sua luz é mais viva, os seus raios mais excitantes.

Todas as estações tem porém a sua florescencia favorita. Não são sómente as duas primaveras as quadras que recebem os dons mimosos de Flora. O inverno tambem tem entre as plantas o seu cortejo, ainda que pobre e pouco numeroso. Nunca o sol se levanta no nosso paiz sem fazer desabrochar algumas flôres. Mas uma singularidade ha sempre n'isto mui digna de commemorar-se. Existem muitas plantas cuja florescencia tem no decurso do anno uma época quasi fixa e invariavel. Foi fundado n'esta lei inalteravel, que Linneu estabeleceu o seu *calendario de Flora*. Este philosopho, que se aprazia em amenisar a aridez da sciencia com as poeticas e graciosas ficções da poesia, e que tão engenhoso se mostrou sempre em aproveitar todas as relações interessantes debaixo das quaes podiam ser consideradas as flôres; este naturalista profundo pôde organisar depois de longas observações o seu calendario em que os mezes e até algumas das semanas do anno são indigitadas pelas épocas da floração de diversas plantas. O calendario de Linneu só regulava para os paizes mais septentrionaes da Europa. Lamark organisou depois um outro para o clima de Paris; faltam-lhe porém os ultimos dois mezes do anno, porque a floração é nulla n'estes mezes nos arredores d'esta capital. O calendario de Lamark em o qual fôra grande imprudencia confiar tão plenamente como no calendario civil, é o seguinte

JANEIRO.

Helleboro negro.

FEVEREIRO.

Violeta, amieiro, avelleira.

MARÇO.

Goiveiro amarello, damasqueiro, amendoeira, pecegueiro.

ABRIL.

Corôa imperial, hera terrestre, abrunheiro bravo.

MAIO.

Castanheiro da India, lilaz branco, lirio, olaia.

JUNHO.

Dedaleira, salva, papoila ordinaria.

JULHO.

Centaurea menor, ouregão, lupulo.

AGOSTO.

Scabiosa, graciosa, euphrasia.

SETEMBRO.

Cravo de defuncto, acafrão, gilbarbeira.

OUTUBRO.

Girasol batateiro, margaça do inverno.

Mas não é sómente a época da florescencia annual que é mais ou menos invariavel em certas plantas — ha tambem algumas cujas flôres abrem e fecham a certas e determinadas horas do dia e da noite. Esta singularissima circumstancia não escapou tambem ao genio observador de Linneu que coordenou um quadro em que ás diversas horas do dia correspondem as épocas do desabrochamento diurno das flôres; a este quadro deu Linneu o nome de *relogio de Flora*; e os amigos dos jardins poderão consulta-lo sem lhes ser necessario algum outro indicador da marcha do tempo. Os amantes porém — se quizerem seguir o nosso conselho — não devem guiar-se pelo relogio de Flora quando tiverem prazos das suas bellas: em taes circumstancias é mais seguro consultar um bom chronometro ou um relogio de sol do que o da deusa das flôres! G.

* Continuado de pag. 188.

ENIGMAS PITTORESCOS.

EXPLICAÇÃO DO ENIGMA DA FOLHA ANTECEDENTE.

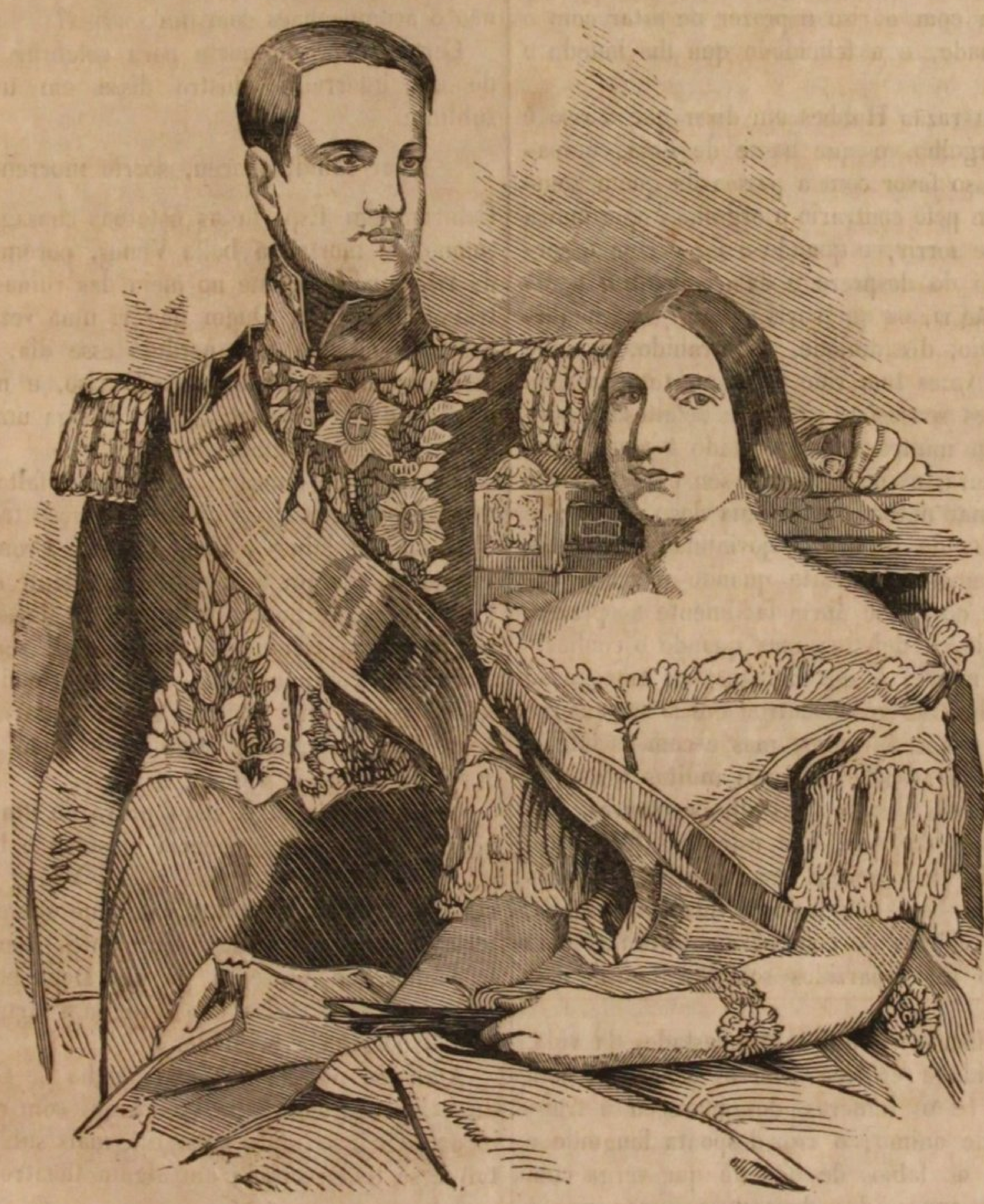
Na cruz, sobre o Calvario, morreu o maior amigo dos homens.



SUMMARIO.

COMMERCIO DO BRAZIL.

O imperio do Brazil é uma das mais vastas regiões do Novo-Mundo, e comprehende quasi duas quintas partes da America Meridional: a sua superficie total avalia-se em 7.992:000 kilometros quadrados, isto é quinze vezes mais extensa do que a França, que só tem 527:000 kilometros. Comtudo a sua população, segundo os dados que temos presentes, e que se referem a 1834, não passava de 5.230:000 habitantes de todas as côres; é por tanto oitenta vezes menos povoado proporcionalmente que a França. É muito provavel que a população augmente muito de futuro á sombra de boas instituições, e conservando-se a liberdade e a tranquillidade publica; sobretudo resolvendo-se favoravelmente as questões difficeis que procedem da escravidão dos pretos. Entre cinco milhões de habitantes dois milhões, segundo a estatistica apresentada por mr. Horacio Say, são escravos; a proporção eleva-se mais ao longo da costa, sobretudo na cidade: no interior a população livre é mais numerosa; compõem-se de brancos, mestiços, e mulatos; esta população achará na cultura do seu rico terreno os meios de se desenvolver e crescer, talvez como a dos Estados-Unidos, que duplica de dez em dez annos. A agricultura dos variados productos d'esta região fertil e opulenta dará empregos aos braços; e por isso o Brazil por longo tracto de annos tirará da Europa os objectos da industria fabril, e n'isso abre-se um brilhante futuro ao commercio maritimo das nações que souberem aproveitar-se.



D. PEDRO 2.°, IMPERADOR DO BRAZIL, E SUA ESPOSA.

Por um mappa da repartição da população livre do Brazil, em que está quotada a porção com que cada provincia contribue para a renda nacional, vê-se que o total rendimento do estado subiu a 12.690:000$000 réis, de cuja somma os $\frac{7}{12}$ são fornecidos pelas provincias do sul. Daremos o quadro das exportações, que foi organisado em 1833; — de então para cá tem havido grande augmento.

8.000:000 arrobas de assucar a 1$800 rs.	contos	14:400
3.100:000 arrobas de café a 4$300 rs.	»	13:333
	»	27:733
Transporte. . .	contos	27:733
1.000:000 arrobas de couros do Rio Grande do Sul a 6$000 rs.	»	6:000
1.265:000 arrobas de algodão a 4$500 rs.	»	6:000
Generos diversos.	»	6 000
	»	45.733

O assucar entrou na seguinte proporção:

1.800:000 arrobas procedente do Rio de Janeiro e Santos.
3.400:000 arrobas procedente da Bahia, Sergipe e Alagôas.
2.800:000 arrobas procedente de Pernambuco e Parahiba.

Os generos diversos, cuja exportação se avalia em seis mil contos são, chifres, cebo, mate ou herva do Paraguay, arroz, tabaco, madeiras, drogas de tinturaria, drogas medicinaes principalmente ipecacuanha e salsaparrilha, aguardente de canna, farinha de páu e tapioca, carne sêcca, couros, gomma elastica, cacáu, ouro, diamantes, e outras pedras finas. Para dar alguma idéa do commercio brasiliense, offerecemos a seguinte tabella do movimento do porto do Rio de Janeiro em 1836.

Navegação com os portos nacionaes.

Embarcações entradas 1:976 com 121:788 toneladas.
Embarcações sahidas 2:008 com 132:358 toneladas.

Navegação com os portos estrangeiros, não comprehendendo embarcações de cabotagem, navios de guerra, e correios.

Navios entrados 660 com 146:398 toneladas.
Navios sahidos 639 com 140:214 toneladas.
Producto da alfandega R.ˢ 4.240:032$757.

DIALOGOS MORAES.

I.

O SUICIDIO.

Era de manhã — uma linda manhã de verão toda luminosa e perfumada. Convidado pela frescura e amenidade tinham-me crescido desejos de sahir ao campo: o campo é um bom remedio para os que vivem sempre enterrados n'este sepulchro das cidades, cuja atmosphera vos suffoca. Procurei um amigo e sahimos junctos. Não tinhamos destino: fomos insensivelmente encaminhando os passos até o bonito sitio das Amoreiras e d'ahi já com determinada tenção endireitámos para os Arcos; que mui aprazivel seria vêr a manhã nos prados e nas encostas e pela ampla vista, que se descobre, do alto d'aquella notavel obra, que só por si bastará a perpetuar o seculo em que nasceu. Apenas tinhamos entrado n'uma das compridas alas que servem de passagem aos viandantes vimos adiante de nós um homem que ia seu caminho mui placido e socegado. Levava o chapéu na mão: de vez em quando encostava-se ao parapeito, olhava um momento para baixo e continuava a andar com indifferença.

— É algum madrugador que bem como nós vem gozar do fresco da manhã e da aprazivel scena que diante de nós se desenrola — disse eu parando tambem e estendendo os olhos por aquella magnifica paizagem, conhecida de vós todos, que de um e de outro lado da ribeira de Alcantara tão gentilmente se estende sempre variada e sempre formosa.

O madrugador tinha-nos no entanto levado grande dianteira. Quando dobrámos um cotovêllo que nol-o escondia, vimol-o já mui longe e notamos-lhe então um certo ar preoccupado pelo qual ao principio lhe não deramos. Caminhava mais depressa e olhava mais frequentemente. Assustados, dobrámos o passo mas elle como se nos tivesse pressentido deu a andar velozmente. N'isto chegou ao meio, áquelle grande arco erguido sobre um abysmo. Deitou os olhos para baixo e recuou. Nós voavamos. Suffocava-nos a ancia do que viamos. Sentindo-nos já perto o infeliz olhou para nós com um certo ar de feroz zombaria, como se dissesse — Já não podeis sal-

var-me —, que me fez chegar o frio ao coração. Poz depois o seu chapéu na borda do parapeito e subiu.

No momento em que, meio-mortos de afflicção, de anciedade e de terror lhe chegavamos ao pé, o desgraçado precipitou-se. Nenhum soccorro humano podia valer-lhe. Vimo-lo remoinhar e despedaçar-se sobre as lágeas.

É impossivel dizer-vos o estado em que ficámos com simillhante espectaculo. Longo tempo a dôr e a afflicção nos tolheu a falla — a voz prêsa na garganta não nos permittia soltar uma palavra.

A final rompi o silencio.

— Saiamos d'aqui — disse eu para o meu companheiro — saiamos.

— Já — tornou elle — Este cruel espectaculo deve de affugentar para bem longe não só a nós mas a quantas criminosas tentações houverem de transtornar o siso e a razão.

Caminhámos ainda algum espaço em silencio, debaixo d'aquella fatal impressão. Só quando sahimos dos Arcos é que eu respirei mais á vontade. — Sentindo-me já em melhor disposição de espirito voltei á conversação respondendo ás ultimas palavras do meu amigo.

— Tens razão. Se ha crime no mundo que mereça a reprovação geral, a abominação de todos é este covarde crime do suicidio.

— Covarde lhe chamas e com boa razão. Aqui não ha nem o incentivo do perigo que tanta e tanta vez seduz uma alma forte, acenando-lhe com certa especie de gloria que ao menos dá mostras d'aquella altiveza de coração, igualmente productora do muito bom e do muito máu; nem as desculpas do interesse ou da ambição, por más que sejam. — Aqui não ha senão pequenez d'animo, baixeza e loucura. — Um crime para que não póde haver lei, nem penalidade!

— Enganas-te: ha lei.

— A da razão?

— A da consciencia, a da religião. A lei que nasceu com o homem — aquella sancta e justa lei que lhe diz: «essa vida que tu vives não é tua: deu-ta Deus para a guardares como um deposito: conserva-a que é teu dever conserval-a.»

— E não a conservam — loucos! Mas de que procede isso? D'esse abandono de crenças. Quem principia por não crer em Deus acaba por não crer em si. A invasão d'essas falsas e perdidas idéas ácêrca das cousas do mundo e da vida são a fonte de tantos crimes que nos horrorisam — do suicidio, o maior crime de todos. Covardes! e não vêem que desprezivel fraqueza é essa de não ter animo nem para resistir a um soffrimento. Por um revéz, por um desgosto d'amor, por uma simples causa — ás vezes bem simples e insignificante — pêga-se de uma vida, que não é nossa, — e nossa que fosse — e atira-se com ella ao abysmo, zombando, com a fronte erguida, como se fôra uma boa e meritoria acção. Não ha loucuras, não ha na vida males que tal possam desculpar.

— Assim é: valente d'alma é aquelle que frente a frente com a dôr, e os tormentos, e as penurias, e quanto no mundo é padecer, segue affoito por elle, sobranceiro aos desastres, e ás miserias, e aos desprezos, e ás injustiças. Valente só é esse.

— Um exemplo dirá mais. A quem chamaremos nós mais valoroso e soffredor ao homem que por meio de uma só dôr busca livrar-se de muitas, ou ao que tem animo de soffrêl-as todas, sem procurar remedios que o ponham em risco?

— E n'este caso o remedio põe em risco a alma.

— Não a põe em risco: perde-a.

N'isto chegavamos.

— A conversação prendeu-nos de modo que nem sentimos o caminho — disse eu.

— Não é materia de gosto mas é assumpto de interesse — acudiu o meu amigo.

— Voltaremos a elle outra vez que nos vejamos. No entanto ajuda tu quanto poderes a regeitar essas romanticas scenas de suicidios e desesperos tanto em moda por livros e theatros. Mostra o lado ridiculo e ao mesmo passo feroz e abominando de taes resoluções. Que se não engodem inexpertos com quatro phrases de ouropel, falsas palhetas de brilho falsissimo. A palavra não póde disfarçar a cousa. — Esses quadros, que se penduram diariamente no galeria da sociedade, têem na superficie a seducção, no fundo têem o remorso. Condemna-os. — Fulmina-os.

— Farei como dizes. — Adeus.

O RISO.

Buffon observa que o riso é a qualidade que distingue o homem. É elle o unico dos animaes que mostra com o riso o prazer de estar com o objecto amado, e a felicidade que lhe inunda o coração.

Não tem razão Hobbes em dizer que o riso é filho do orgulho, e que nasce de uma comparação a nosso favor com a pessoa de quem zombamos. Bem pelo contrario o orgulho é que nunca se digna de sorrir, e quando o faz é com o sorriso amargo do desprezo e da ironia: um mancebo que não ri, ou que surri apenas, será infallivelmente frio, dissimulado, e retrahido. Aquelle que muitas vezes tem rido é porque tem provado muitas vezes sensações gratas e deleitosas, porque se tem muitas vezes prestado á alegria social, á ternura, e ao amor, e o seu caracter deve por isso tomar naturalmente uma doce tintura de benevolencia, de doçura, e jovialidade. Ah! nós tambem riamos facilmente quando o nosso coração ainda noviço se abria facilmente ao prazer, á confidencia, e deleite; mas quando o conhecimento do mundo e dos homens nos amargurou tanto, a alma se reconcentrou em si mesma; é certo que rimos ás vezes, mas é com os labios, e não com o coração. Riamos muitas vezes nos dias de amavel loucura, das illusões suaves, naquella aurora da vida, que ostenta a frescura e perfumes de uma serena madrugada, n'aquella formosa idade em que tudo é vida e felicidade, quando os reflexos do contentamento eram como os raios do sol esparzidos sobre a familia das flôres.

Porém quando vieram as tempestades da vida, quando a idade cresceu com os achaques, com as queixas, e os temores, desappareceu a tranquillidade de animo; o riso desponta languido e raro sobre os labios do homem que verga com o pêso dos annos, dos desgostos; o seu riso é um triste e debil raio do sol, que atravessa por entre escuras nuvens.

O riso é o mais bello ornamento da formosura: Homero dá a Venus o epitheto de *amiga do riso;* o semblante risonho é indicio de bondade, inspira alegria e confiança: dois bellos olhos risonhos fulguram com luz mais viva; uma bocca de rosas é mais bella quando desprende um sorriso.

Adão (diz Milton) encantado da belleza e submissa graça de Eva, surriu-se de superior amor. Tal é o sorriso que o céu pela primavera deixa cahir sobre a terra, impregnando de vida as nuvens cheias de semente das flôres. Adão depois libou um osculo puro nos labios da mãe do genero humano.

Tudo quanto é grato, suave, e engraçado, tem um aspecto risonho, e foi pelos poetas pintado com risonhas côres. Ri o céu quando está sereno, riem os prados quando estão cobertos de flôres, ri a primavera, ri a fortuna, ri a mocidade, sorri a esperança, são risonhos os olhos do homem feliz, é risonho o rosto do que pratica uma acção boa, é doce o sorriso da benevolencia, da ternura, da consolação; é fino e delicado o sorriso de applauso, de louvor, e de approvação, o sorriso que acompanha as saudações amigaveis, os brandos discursos, e as maneiras elegantes. Não ha melhor comprimento para acompanhar o proposito e elegante fallar alheio do que um sorriso cortez. Dirigir a falla a outrem com um sorriso nos labios, é annunciar o desejo de agradar, e o deleite que desperta em nós a pessoa que amâmos. Um rei que concede um sorriso lança a esperança nos corações: o sorriso de uma bella recompensa cem suspiros; e o sorriso da patria premeia cem fadigas áquelle cujo coração nobre se não leva sómente por sordido interesse. Estaes satisfeito com um vosso subdito? Porque lhe não dirigis um sorriso? — Recebeis um homem que supplica? Porque não lhe mostraes um semblante risonho? — Fazeis um beneficio? Porque não o acompanhaes com um sorriso?

Certo poeta do norte para celebrar a morte de um guerreiro illustre disse em um verso sublime

Agar cahiu, venceu, sorriu morrendo.

Cahiram em Esparta as estatuas consagradas ao somno, á morte, á bella Venus, porém o altar do riso ainda subsiste no meio das ruinas da patria de Lycurgo. Quem não ri uma vez ao menos em um dia tem perdido esse dia, segundo diz um philosopho illustre. O riso, e mesmo o sorriso (diz o sensivel Jorich) alonga um dedo a medida da nossa existencia.

Um tyranno nunca ri, porque lhe falta aquella satisfação interna, que dilata o coração tranquillo, e manda aos labios o riso. Tiberio, Cromwell, e Filippe 2.°, eram homens de semblante sombrio, e severo, e de humor taciturno. O assassino não ri, porque a consciencia pungida de remorsos o atormenta continuamente, e se pertende rir, o seu sorriso é uma contracção involuntaria, e penosa, um arreganho como o do leão irritado, que inspira pavor a quem o vê.

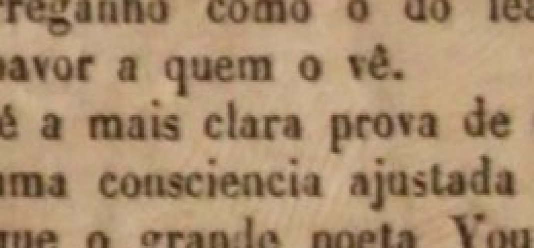
O sorriso é a mais clara prova de um coração bom, e de uma consciencia ajustada e benefica; é por isso que o grande poeta Young exclama em uma de suas noites «de que servem essas testas enrugadas, esses semblantes sombrios e tristonhos, na presença de um Deus benefico e misericordioso? Ellas não designam virtude, porém hypocrisia e maldade.»

Addisson na sua famosa tragedia de Catão faz dizer ao seu heroe no monologo, com que abre o acto 5.°, o mais bello e o mais sublime que talvez se tem recitado em algum theatro,

The soul, secur'd in her existence, smiles
At the drawn dagger, and defies its point.

E certa a alma da existencia sua,
Firme sorri para a despida adaga,
Desafia o seu gume.

Feliz! feliz tres vezes o homem que póde sorrir no meio dos trabalhos e calamidades da vida, porque já n'este mundo antegusta as doçuras da felicidade eterna, merecida por suas virtudes, constancia, e resignação sem limites, com a vontade do Creador.



MOEDAS PORTUGUEZAS.

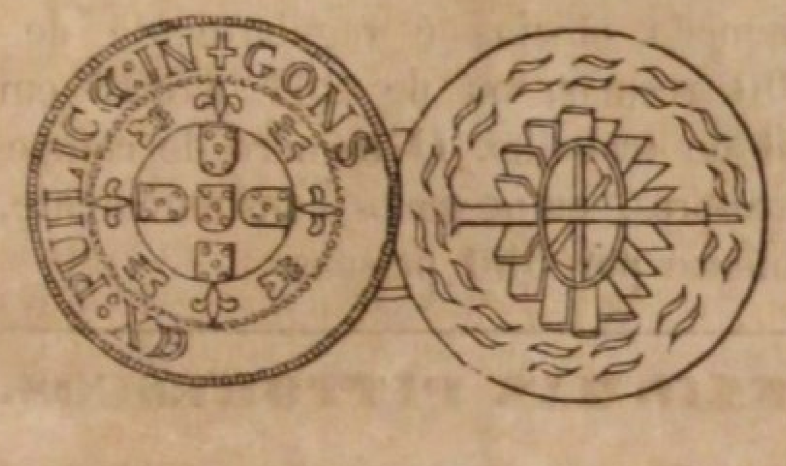
Sendo rarissimas muitas das moedas cunhadas nos primeiros tempos da monarchia portugueza; e ainda as de épocas muito posteriores, como se experimenta na procura que fazem os curiosos, dando preço por alguns specimens dos dois ultimos seculos, resolvemos estampar soltamente transumptos de algumas.



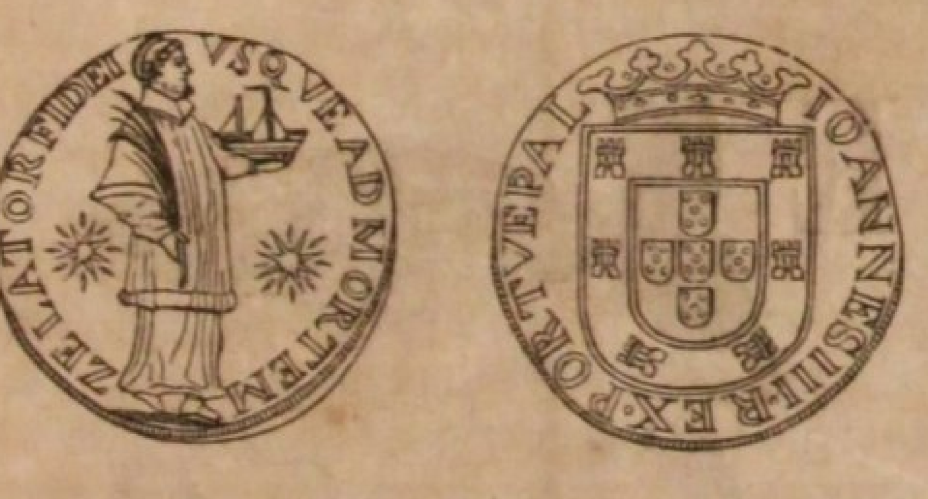
É moeda de prata de D. Affonso 4.º — Lê-se o nome *Alphonsus*, mas nas que existem está de tal modo gasto o restante, que não póde distinguir-se. Da parte onde estão as armas lê-se — *Adjutorium nostrum qui fecit.*



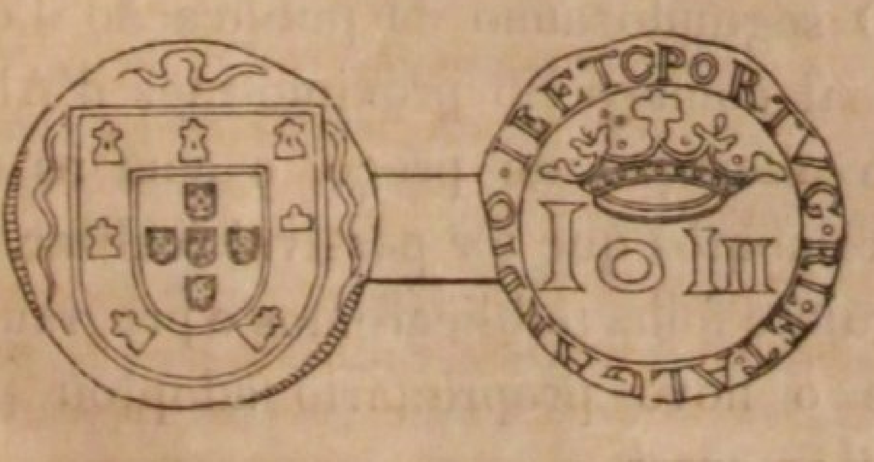
É uma moeda de prata de D. Fernando, nome que em latim escreviam então *Hernandus.*



Moeda de cobre de D. Affonso 5.º



É uma moeda cunhada em ouro, do reinado de D. João 3.º — Da parte onde está representado o martyr S. Vicente a letra latina significa — *até á morte zelador da fé.* — Da parte das armas lê-se o nome do monarcha.



É uma moeda de cobre do reinado do nosso soberano D. João 3.º

(Continúa).



DA CREAÇÃO.

Uma das grandes differenças que ha entre a theologia natural dos antigos e dos modernos consiste no modo de encarar o facto da creação. — A materia se manifesta á nossa sensibilidade modificada de mil maneiras diversas: a harmonia d'essas modificações, e o sentimento de causalidade, nos tem levado a considera-las como dependentes umas das outras, e dimanadas todas de certos factos primordiaes que a sciencia tende a reduzir ao menor numero possivel. Esses factos d'onde se deduzem todos os outros chamam-se leis organicas, constitutivas, ou primarias do universo. Mas pretender que a materia foi primitivamente dotada d'essas propriedades por uma operação directa da Divindade, e que d'ellas se geraram necessariamente todos os outros phenomenos sem mais intervenção do influxo divino, é ter uma idéa bem mesquinha do Creador. — Deus disse: Fiat; ao sopro fecundo da palavra divina appareceu resplandescente de existencia o mundo desde o primeiro desenvolvimento do châos até ao derradeiro cataclysma na consummação dos seculos, e isto n'um só instante da existencia suprema, por um acto simples de sua divina vontade, de que a duração completa do universo deve ser considerada como a realisação contemporanea.

A creação póde-se estudar relativamente a nós, ou relativamente a Deus. O mundo para Deus não deve ter duração, pois para Deus não ha tempo; para nós deve-a ter, pois deve estar no tempo tudo quanto fere a nossa sensibilidade. — Mas a causa da harmonia do mundo demanda mais ampla explicação. Estando gravado em nossos corações o sentimento da belleza e da harmonia, as condições de sua realisação são leis da faculdade esthetica que nossa alma possue, caracter que lhe foi impresso por Deus: concluir d'aqui que a Divindade se nos deve manifestar debaixo da fórma da belleza e da harmonia seria logico mas escuro. Aclara-se a marcha do raciocinio pela consideração que contemplando nessas faculdades nos podemos elevar ás perfeições divinas; e então se nos revela a suprema natureza dotada de nossas proprias faculdades; donde se conclue não que essas faculdades pertencem taes quaes á natureza absoluta de Deus, mas que são suas qualidades relativas ou a relação do Creador para com a creatura consciente, ou mais claramente, o modo de revelação da Divindade ás intelligencias finitas. Ora o mundo exterior, não sendo senão a manifestação de Deus a nós, deve ser bello e harmonico. No intimo da contemplação quando apparece Deos á alma, é quando ella pela força da abstracção se tem despido de todo o sentimento de individualidade para se lançar nos espaços do absoluto. — Por outro lado a causa chronologicamente primeira de nossa individualidade é a sensação que recebemos do mundo exterior. Os antigos só consideravam a creação da materia relativamente a Deus. Dando-se no mundo todas as propriedades de ser contingente, admittiam uma causa, Deus, d'onde elle tirou sua origem. Mas entre Deus e a materia havia um intervallo immenso que só era preenchido por uma palavra, a creação, que nem mesmo tentavam explicar. E como o haviam de conseguir se, para perceber a relação de Deus para com a materia, seria mister considerar, não as qualidades da materia, mas sua essencia absoluta, por ser independente de nós a creação?

A materia considerada em sua essencia absoluta é uma cousa que não cabe no dominio da sciencia de que nós podemos ter a minima idéa. Se pois o mundo exterior é uma revelação de Deus a nós, perguntar como póde Deus crear a materia é perguntar como se póde revelar exteriormente a nós, ou como se póde determinar nossa individualidade, ou mais laconicamente, como eu sou eu. Á questão, traduzida assim em linguagem transcendental, a philosofia actual não sabe responder; nem parece ser problema que em tempo algum seja do alcance do homem resolvê-lo. — Pois desde o instante da desapparição da individualidade, mesmo nas almas mais aptas para a abstracção, as noções adquiridas tomam o cunho particular das idéas da razão e por isso são pouco proprias a serem ligadas logicamente entre si.

O que fez pois a sciencia moderna? — Perguntarão de certo os espiritos não iniciados no segredo da missão que se ha imposto ao philosofo. — Nada: se se pretender que a verdadeira sciencia consiste em dar a razão de todos os phenomenos de que temos consciencia. — Muito: se nos não singirmos a esta definição, mal julgarmos que o mais importante cargo do sabio é o de classificar os factos segundo um systema que realce quanto possivel fôr a harmonia do universo; e então será progresso real determinar o estado d'uma questão formulando-a de modo que se introduza na ordem de factos a que effectivamente deve pertencer. É d'este modo que entendemos se os verdadeiros sabios nos auxiliam, os progressos das sciencias naturaes, que explicam os factos quanto podem, pertencendo o systema do universo á Divindade.

E. P.

PROGRESSO E DECADENCIA
DA PINTURA EM HESPANHA.

ARTIGO I.

Considerações geraes.

Não ha certamente no globo um povo mais altivo do que o hespanhol, toda a historia é testemunha d'esta verdade; mas o que sobre modo admira é o pouco de amor proprio que se lhe divisa no meio de sua tão grande altivez!

O verdadeiro hespanhol, o hespanhol da velha monarchia, apresenta-se immovel e silencioso, como que confiando em si mesmo, apoiado na consciencia da sua propria força, nas suas virtudes, e no seu proverbial valor. Com um caracter altivo e imperioso, e votado não poucas vezes a uma idéa fixa, apparece até grande nos seus proprios defeitos; em consequencia, mais do que muito se illudem os que pretenderem regenerar um povo tal, destruindo o seu genio e inclinações de seculos, por quanto o que convém é regenerar esse mesmo genio.

No drama, na poesia, e na pintura, assim como na historia, o hespanhol tem o quer que é de heroico, que melhor se attinge por meio de factos e de exemplos, do que se discrimina com longas dissertações da critica, ou com o apparato de estudados termos.

Os italianos, pelo contrario, dotados d'um espirito fecundo, penetrador, e flexivel, dados porém, um pouco, á charlatanaria, não só possuiram talento e facilidade para as producções artisticas, mas tambem, e em elevado grâu, o dom de se inculcarem. Esta nação, tão interessante pela sua viveza, propensão para as artes, e conhecimento da natureza, considerada, principalmente, sob as relações physicas, apenas realisava alguma de suas obras primas, para logo a apresentava como modêlo a toda a Europa: um artista eminente era acatado como um triumphador, como um *valente uomo!* Dedicavam-se-lhe corôas e flôres; cunhavam-se-lhe medalhas; levantavam-se em

honra sua arcos de triumpho! O dia em que se divinisaram, ainda durante a vida, Rafael e Miguel Angelo, foi um dia verdadeiramente nacional; e d'aqui procede recolherem-se n'aquelle paiz, com o maior cuidado, ainda os menores factos relativos aos gravadores, a todos os artistas, e até mesmo aos mediocres poetas. No XVI seculo a Italia, foco então de todas as luzes, foi o assombro e admiração da Europa: enviava historiadores aos paizes conhecidos; possuia poetas para cantar todos as conquistas; criava pintores e esculptores para todos os principes; e se suas pretenções eram elevadas, o variado talento de seus filhos justificava essas mesmas pretenções: adereçava-se com suas recordações, com suas ruinas; evocava os manes de seus heroes; colligia em magnificos museus os mais bellos productos da arte; e como metropole do catholicismo, convidava para as suas festas, nos brilhantes dias de suas solemnidades, os estrangeiros, que absortos iam alli admirar as pompas de suas ceremonias; em summa, apresentava a gostosa contemplação de suas artes a toda a Europa civilisada.

A Hespanha, pelo contrario, circumscrevendo-se ás suas proprias raias; a Hespanha d'um caracter mais firme e inteiro, desdenhava offerecer-se como modêlo ao enthusiasmo dos povos: o seu maior monumento litterario, D. Quichote, de Cervantes, é uma continuada zombaria dos proprios defeitos do caracter hespanhol: sem aspirar, como os italianos, á honra de restaurar a arte dramatica, de resuscitar Sophocles e Menandro, dando regras aos demais povos, ministrou com incrivel fecundidade, por meio de Lope de Vega e Calderon, intrigas e assumptos a todos os dramaturgos francezes, inglezes, allemães, e até mesmo aos italianos, que se hão succedido com o andar dos tempos.

Em pintura trilhou a Hespanha o mesmo caminho, ostentando-se tão grande, bella e fecunda com a escóla italiana: os hespanhoes cultivaram as artes, não para ostentar seus talentos, não para satisfazer essa necessidade intima, que consiste na reproducção da belleza das fórmas, mas sim para decorarem seus templos com imagens que fielmente copiassem com a maior elevação toda a força do sentimento religioso; para ornarem seus palacios com quadros que transmittissem á posteridade as recordações dos grandes feitos nacionaes; e d'aqui procede, no sentir dos entendidos, que o sentimento religioso e heroico é mais patente, mais vivamente caracterisado nos quadros hespanhoes do que nas pinturas italianas.

Os italianos, cujo genio para as artes é tanto para admirar, aberraram, algumas vezes, impellidos por esse mesmo genio, da verdadeira inspiração christã: no de Miguel Angelo, assim como no do Dante divisa-se o quer que é, que faz recordar o genio gigantesco do antigo paganismo. A nueza das figuras, a expressão quasi voluptuosa das cabeças, o brilhantismo caprichoso e fantastico dos accessorios, empregado pelos mestres da escóla venesiana, com quanto desperte admiração e enthusiasmo pela nimia perfeição da arte, dista comtudo muito do espiritualismo christão. Na Hespanha, apresentam-se com caracteres do ideal todas as cabeças de virgem, porque o espiritualismo catholico alli domina exclusivamente, por isso impossivel se torna poderem contemplar-se certas pinturas de Velasquez, Murillo e seus rivaes, sem que o coração ainda o menos ascetico deixe de sentir-se, a seu pesar, commovido por um sentimento de devoção.

Em litteratura distinguem-se igualmente os hespanhoes por dois ramos de talento que tocam os limites extremos e oppostos das producções do espirito, a saber, a poesia lyrica e a pintura dos costumes vulgares: aquella revela o verdadeiro e ardente enthusiasmo dos poetas lyricos, esta o picante, o caprichoso d'essas composições burlescas essencialmente hespanholas; composições que serviram de modêlo ao Gusmão d'Alfarache, ao Gil Blas. Quem não vê a pouca affinidade que se dá entre os louvores do Eterno e as aventuras da baixa plebe? Quem não vê o quanto é estranho encontrar-se apar da exaltação romanesca e religiosa a baixeza das inclinações e a intriga desfaçada? Isto mesmo, porém, se explica admiravelmente pelo proprio caracter e costumes da nação hespanhola: o genio mais eminente daquelle paiz obteve a sua tão grande celebridade, só pelo talento com que fundiu e combinou estes dois oppostos caracteres, porque D. Quichote é cavalleiroso, Sancho é burlesco.

O que levâmos dito observa-se igualmente nas obras primas dos pintores hespanhoes, que sobresahem tanto no sublime como no burlesco: apar de figuras de virgens verdadeiramente celestes, sahidas do pincel dos grandes mestres, vereis debuxadas scenas de embriaguez; ciganos e ciganas; mendigos cobertos de andrajos; velhas lendo *la buena dicha;* emfim, quadros da vida vulgar, bem diversos dos da escóla flamenga, e que são d'uma originalidade singular; quadros que, apesar d'esse aggregado de cousas oppostas, offerecem uma animação, uma vida, uma força que captiva e subjuga o animo. A luz, o sol d'estes quadros parece abraza-los; o admiravel relevo das figuras, a magia do colorido, os rasgos do pincel exaltam, e como que ennobrecem as scenas vulgares alli debuxadas: todavia estes paineis não são, como os flamengos, uma minuciosa imitação da vida domestica, nos quaes se vê um bule que levou a pintar um mez, ou um cabaz de cenouras a que se sacrificou um anno de trabalho; pelo contrario são o colorido venesiano levado ao mais subido gráu de calor e derramando um verniz poetico em objectos aliás mesquinhos.

(Continúa).

PASSEIOS

AO JARDIM BOTANICO DA AJUDA.*

POSTO que as flôres amem a claridade do dia, e esperem quasi todas para se abrir pela presença do sol, e as mais matinaes pela apparição da aurora, ha todavia algumas, como a *bella da noite* (nictago hortensis) que não se abrem senão quando o sol se esconde debaixo do horisonte. Estas flôres chamam-se *nocturnas* e tem em geral um aspecto triste e luctuoso, como todas aquellas plantas que se desenvolvem n'uma meia obscuridade e que *Raspail* denominou por essa razão nocturnas.

Alguns meteoros atmosphericos tem uma influencia singular sobre as flôres de certos vegetaes, que receberam por isto o nome de *meteoricas.* A *calendula pluvialis* fecha as suas flôres quando o céu se cobre de nuvens, ou quando se prepara alguma tempestade. O *sonchus sibiricus* expande-as quando o tempo é nebuloso, e quando a atmosphera se carrega de nuvens.

As flôres de muitas plantas experimentam tambem uma especie de somno e pelo theor do que experimentam as folhas de muitas leguminosas. Durante a noite umas como por exemplo a *ipomœa* cerram-se e murcham, outras cahem e debruçam-se para a terra apresentando a flacidez que precede a sua decomposição. Mas apenas a luz do sol as illumina e aquece, logo se expandem de novo, adquirindo o seu antigo vigor e frescura.

Mr. Bory de Saint-Vincent demonstrou por experiencias bastante engenhosas que a acção da luz era a principal causa da anthese das flôres. Elle fez florecer certas especies de *oxalis* que nunca tinham florecido naturalmente (no clima de França) illuminando-as vivamente durante a noite, e fazendo convergir sobre ellas os raios luminosos reflectidos por meio de uma lente. Segundo as recentes experiencias de Gardner e Payer não são todos os raios do prisma solar que influem mais directamente sobre a vegetação, mas sómente os raios chamados chimicos, que são o *azul* o *anil* e o *violeta.*

G.

* Conclusão de pag. 196.

A IMPRENSA REAL DE PARÍS.

A imprensa real de París possue typos de 56 alphabetos orientaes, em os quaes se comprehendem todos os caracteres conhecidos das linguas da Asia, assim antigas, como modernas, e 16 alphabetos das nações europeas, que não empregam a letra de molde, chamada romana: d'estes ultimos tem a imprensa real 46 fundições completas de varias fórmas, e de differentes tamanhos. O pêso do metal de todos estes alphabetos orça por 750:000 libras; como o typo que entra em uma pagina de 8.° pésa umas 6 libras, pódem-se compôr simultaneamente n'aquella officina 7:812 folhas de impressão, formando quasi 260 tomos de 8.°, ou, o que vem a ser o mesmo, 125:000 paginas. O numero de prensas empregadas podem tirar 278:000 folhas por dia, ou 556 resmas de papel, equivalentes a 9:266 tomos de 8.° de 30 folhas de impressão, ou de 480 paginas cada um. O consumo annual de papel n'aquella officina é regularmente de 80 a 100:000 resmas, ou de 261 a 326 em cada dia util de trabalho. O numero de compositores e impressores, empregados constantemente, anda de ordinario por 350 pessoas.

ENIGMAS PITTORESCOS.

EXPLICAÇÃO DO ENIGMA DA FOLHA ANTECEDENTE.

A serração da velha é no meio da quaresma.



O segundo anno da publicação d'este Jornal começa no proximo mez d'Abril, sem alteração de preço, e com os melhoramentos que fôr possivel realisar. Na seguinte folha publicaremos o programma que o novo proprietario adoptou para esta empresa.

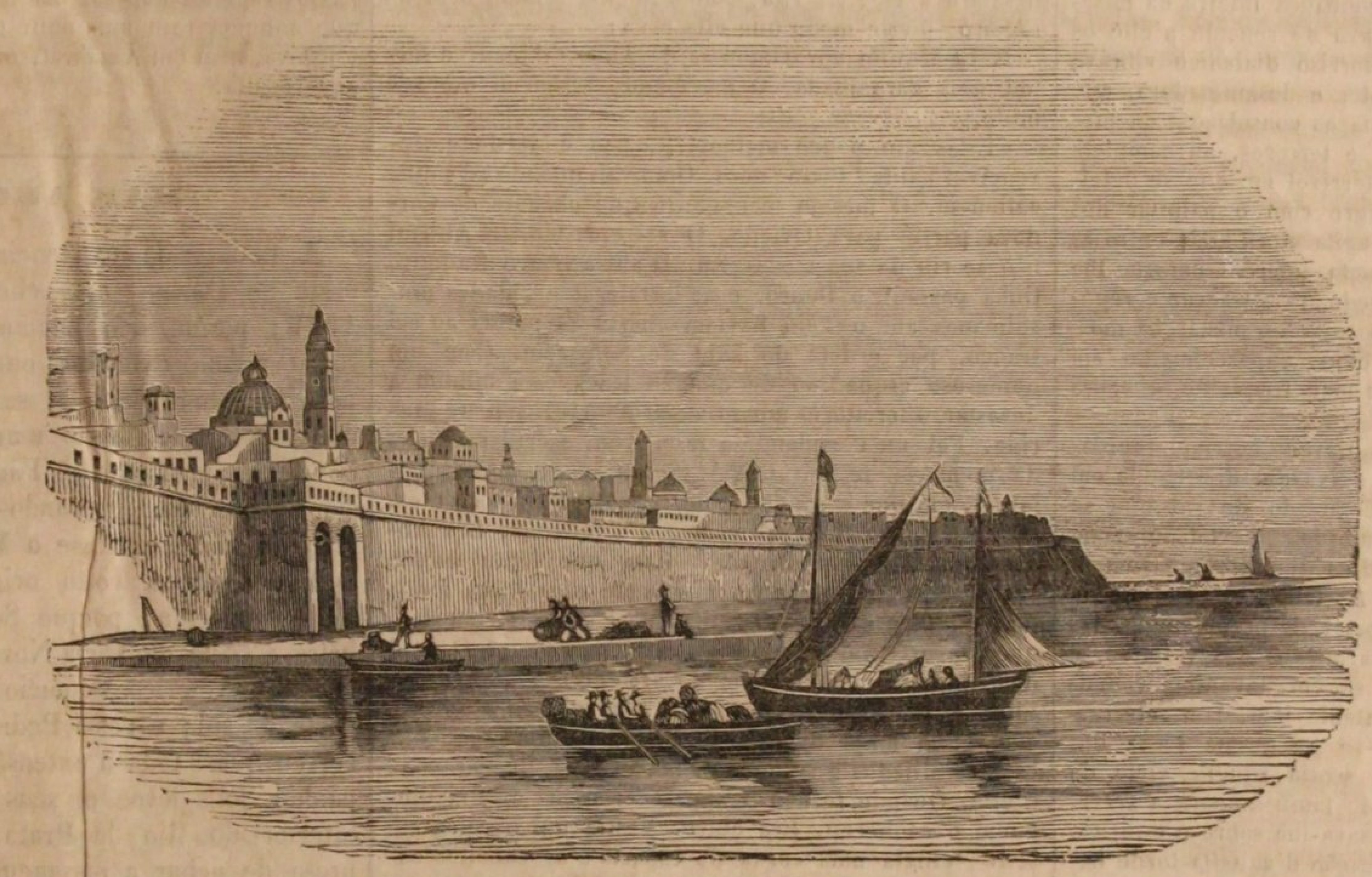
☞ *Todos os srs. assignantes que quizerem continuar, deverão renovar as suas assignaturas com brevidade, para não soffrerem interrupção no recebimento do Jornal. A correspondencia, franca de porte, será dirigida ao Editor, no escriptorio, rua da Prata n.° 7, 1.° andar.*

SUMMARIO.

VERA-CRUZ DO MEXICO.

Vera-Cruz, cidade e porto da costa oriental do Mexico, no golpho d'este nome, tem dezeseis mil habitantes pouco mais ou menos. Defronte da cidade, a menos de 400 toesas, está um ilheo no qual tem assento a fortaleza de S. João de Ulloa, bombardeada pela esquadra dos francezes nas suas recentes desavenças com a republica: o porto fica entre este castello e a cidade, porém o ancoradouro é tão ruim que os navios tem necessidade de se amarrarem aos argolões chumbados para esse effeito nas muralhas do castello; e nem isto os abriga sempre da furia das nortadas, que sopram n'algumas occasiões com tremenda violencia. — A insalubridade de Vera-Cruz é mais grave inconveniente que o defeito de seu porto. Reputase esta terra como o primitivo foco da febre amarella, d'onde se derramou tanto pela America como pela Europa, aos sitios mais favoraveis ao seu desenvolvimento; — e comtudo a cidade é bem arejada, e as ruas são largas e limpas; mas é cercada de paúes encharcados, que expostos ao ardor do sol dos tropicos, não deixam de exhalar miasmas putridos e mortiferos. As pessoas naturaes do paiz ou aclimatadas estão isentas d'aquella terrivel molestia; porém todos os estrangeiros, mesmo os creoulos das Antilhas, estão sujeitos a ser accommettidos; nem ha precaução que os resguarde, e muitas pessoas que apenas atravessaram Vera-Cruz para irem á capital, Mexico, falleceram da molestia na jornada.

As informações que se tem podido obter sobre o commercio do Mexico, de que Vera-Cruz é a principal praça, são todas incertas; primeiramente, porque, em quanto esta região, como as demais colonias hespanholas, esteve fechada ao commercio estrangeiro, o governo da metropole fazia mysterio dos recursos d'esta rica possessão e das relações que mantinha com ella. Depois da independencia, as discordias civis, que tem constantemente devastado o paiz, embaraçam o desenvolvimento commercial, e os navios estrangeiros, não afiluem, como poderiam, aos portos mexicanos, ora abertos ora fechados, por motivo da lucta intestina. Além d'isso, se as auctoridades publicassem em certas épocas quadros estatisticos do movimento commercial, mesmo assim poder-se-ia duvidar da exactidão de taes documentos; porquanto incompletas serão as noções, postoque officiaes, sobre o commercio de uma região, onde se faz um contrabando immenso, tanto na importação como na exportação.



Os principaes generos que se navegam para a costa oriental do Mexico, na qual é Vera-Cruz o porto quasi exclusivamente frequentado pelos estrangeiros, são pannos e outros tecidos de toda a qualidade, fato já prompto, chapéus finos, objectos de modas, quinquelharias, relojos, papel, vinhos e licores, azeite, fructas sêccas, ferro e aço, azougue, e poucos mais. — Os metaes preciosos sempre foram o fundamento da exportação do Mexico, que todavia fornece tambem cereaes, fructas do paiz, assucar, algodão, cochonilha, anil, baunilha, salsaparrilha, pimenta, jalapa, lenhos para tinturaria, tabaco, e outros artigos insignificantes.

Vera-Cruz está mal situada para o commercio: o anno divide-se alli em dois periodos igualmente desfavoraveis; o das febres, e o dos temporaes do noroeste; n'este segundo é que se fazem os negocios, isto é, desde o fim de outubro até o começo d'abril, por ser a estação durante a qual os habitantes do sertão, não temendo as febres, se resolvem a vir ao litoral fazer seu provimento.

Ha, sem duvida, muito que descontar em as narrações que os antigos viajantes nos transmittiram ácêrca da immensa opulencia das cidades principaes da America hespanhola, taes como Carthagena e Vera-Cruz; esta ultima foi, na verdade, mui rica, sem todavia chegar á exaggeração que se disse; mas a guerra e as alternativas politicas a tem arruinado. Como porém é forçosamente o ponto em que devem concentrar-se as relações commerciaes entre o Mexico e a Europa, alguns annos de paz a repararão de seus ultimos desastres, principalmente nos dois annos de bloqueio e mais successos que acompanharam a tomada da fortaleza de S. João de Ulloa pela esquadra franceza ás ordens do almirante Baudin; e esta praça, que hoje se acha em má situação mercantil, poderá elevar-se a um gráu de prosperidade que talvez realise o esplendor que fabulosamente lhe attribuiram.

ROMANCE.

O ALCAIDE DE SANTAREM.

IV.

961.

CONCLUSÃO

Era pelo fim da tarde. N'uma alcova do palacio de Azzahrat via-se reclinado um velho sobre as almofadas persianas de um vasto almatrah, ou ottomana. Os seus ricos trajos, orlados de pelles alvissimas, faziam sobre-sahir as feições enrugadas, a palidez do rosto, o encovado dos olhos que lhe davam ao gesto todas as caracteristicas do de um cadaver. Pela immobilidade dir-se-hia que era uma d'estas momias que se encontram pelas catacumbas do Egypto, apertadas entre as cem voltas das suas faixas mortuarias, e inteiriçadas dentro dos sarcophagos de pedra. Um unico signal revelava a vida n'essa grande ruina de um homem grande; era o movimento da barba longa e ponteaguda que se lhe estendia como um cone de neve tombado sobre o peitilho da tunica bordada. Abderrahman, o illustre kalifa dos mussulmanos do occidente, jazia ahi e fallava com outro velho que em pé defronte d'elle o escutava attentamente; mas a sua voz sahia tão fraca e lenta, que apesar do silencio que reinava no aposento, só na curta distancia a que estava o outro velho se poderiam perceber as palavras do kalifa.

O seu interlocutor é uma personagem que o leitor conhecerá apenas reparar no modo de que está trajado. A sua vestidura é uma aljarabia de burel cingida de uma corda de esparto. Ha muitos annos que n'isto cifrou todos os commodos que acceita á civilisação. Está descalço, e a grenha hirsuta e já grisalha cahe-lhe sobre os hombros em madeixas revoltas e emmaranhadas. A sua tez não é pallida, os seus olhos não perderam o brilho, como a tez e como os olhos de Abderrahman. N'aquella, coriacea e crestada, domina a côr mixta de verdenegro e amarelado do ventre de um crocodilo; n'estes cada vez que os volve fulgura a centelha de paixões ardentes que lhe sussurram dentro d'alma como a lava prestes a jorrar do volcão que ainda parece dormir. É El-Muulin, o sancto fakih, que vimos salvar onze annos antes o kalifa e o imperio da intentada revolução de Abdallah.

Desde os terriveis successos acontecidos n'aquella noite fatal em que El-Muulin descubríra a conspiração que se urdia, nunca mais se víra Abderrahman sorrir. O sangue de tantos mussulmanos vertido pelo ferro do algoz, e sobretudo o sangue de seu proprio filho descêra como a maldição do propheta sobre a cabeça do principe dos crentes. Entregue a melancholia profunda, nem as novas de victorias nem a certeza do estado florescente do imperio o podiam distrahir d'ella senão momentaneamente. Encerrado, durante os ultimos tempos da vida no palacio de Azzahrat, a maravilha d'Hespanha, abandonára os cuidados do governo ao seu successor El-Hakem. Os gracejos da escrava Nuirat-eddia, a conversação instructiva da bella Ayecha, e as poesias de Mozna e de Sofyia eram o unico alivio que adoçava a existencia aborrida do velho leão do islamismo. Mas apenas El-Gafir o triste se apresentava perante o kalifa elle fazia retirar todos, e ficava encerrado horas e horas com este homem tão temido quanto venerado do povo pela austeridade das suas doutrinas, prégadas com a palavra, mas ainda mais com o exemplo. Abderrahman parecia inteiramente dominado pelo rude fakih, e ao vê-lo qualquer poderia ler no gesto do velho principe os sentimentos oppostos do terror e do affecto, como se metade da sua alma o arrastasse irresistivelmente para aquelle homem, e a outra metade o repellisse com repugnancia invencivel. O mysterio que havia entre ambos ninguem o podia entender.

E todavia a explicação era bem simples: estava no caracter extremamente religioso do kalifa, na sua velhice, e no seu passado de principe absoluto, situação em que são faceis grandes virtudes e grandes crimes. Habituado á lisonja, a linguagem aspera e altivamente sincera de El-Muulin tivera a principio o attractivo de ser para elle inaudita; depois a reputação de virtude de El-Gafir, a crença de que era um propheta,

a maneira porque, para o salvar e ao imperio arrostára com a sua colera, e provára desprezar completamente a vida, tudo isto fizera com que Abderrahman visse n'elle, como o mais credulo dos seus subditos, um homem predestinado, um verdadeiro sancto. Sentindo avisinhar a morte Abderrahman tinha sempre diante dos olhos que esse fakih era como o anjo que devia conduzi-lo pelos caminhos da salvação até o throno de Deus. Cifrava-se n'elle a esperança de um futuro incerto que não podia tardar, e assim o espirito do monarcha, enfraquecido pelos annos, estudava anciosamente a minima palavra, o menor gesto de El-Muulin; prendia-se ao monge mussulmano como a hera antiga ao carvalho, em cujo tronco se alimenta, se ampara, e vae trepando para o céu. Mas ás vezes El-Gafir repugnava-lhe. No meio das expansões mais sinceras, dos mais ardentes vôos de uma piedade profunda, de uma confiança inteira na misericordia divina, o fakih fictava de repente n'elle os olhos scintillantes e com sorriso diabolico vibrava uma phrase ironica, insolente, e desanimadora, que ia gelar no coração do kalifa as consolações da piedade e despertar remorsos, e terrores, ou completa desesperação. Era um jogo terrivel em que se deleitava El-Muulin, como o tigre com o palpitar dos membros da rez que se lhe agita moribunda entre as garras sanguentas. N'esta lucta infernal em que lhe trazia a alma estava o segredo da attracção e repugnancia que ao mesmo tempo o velho monarcha mostrava para com o fakih cujo apparecimento em Azzahrat cada vez se tornava mais frequente, e agora se renovava todos os dias.

A noite descia triste: as nuvens corriam rapidamente do lado do oeste, e deixavam de quando em quando passar um raio affogueado do sol que se punha. O vento tepido, humido, e violento fazia ramalhar as arvores dos jardins que circumdavam os aposentos de Abderrahman. As folhas retinctas já de um verde amarellado e mortal desprendiam-se das frauças das romeiras, dos sarmentos das videiras, e dos choupos em que estas se enredavam, e remoinhando nas correntes da ventania iam, iam, até rastejar pelo chão e enredar-se na grama sêcca dos prados. O kalifa, exhausto, sentia aquelle cicio da vegetação moribunda chama-lo tambem para a terra, e a melancholia da morte pesava-lhe sobre o espirito. El-Muulin durante a conversação d'aquella tarde havia-se mostrado contra o seu costume severamente grave, e nas suas palavras havia o que quer que era accorde com a tristeza.

«Conheço que se aproxima a hora fatal — dizia o kalifa. N'estas veias em breve se gelará o sangue; mas, sancto fakih, não me será licito confiar na misericordia de Deus? Derramei o bem entre os mussulmanos, o mal entre os infieis: fiz emmudecer o livro de Jesus perante o de Mohammed; e deixo a meu filho um throno firmado no amor dos subditos e na veneração e temor dos inimigos da dynastia dos Ommyadas: e fiz quanto a um homem era dado fazer pela gloria do Islam. Que mais pretendes? — Porque não tem nos labios para o pobre moribundo senão palavras de terror? — Porque ha tantos annos me fazes beber gole a gole a taça da desesperação?

Os olhos do fakih ao ouvir estas perguntas brilharam com desusado fulgor, e um d'aquelles sorrisos diabolicos com que costumava fazer gelar todas as ardentes idéas mysticas do principe lhe assomou ao rosto enrugado e carrancudo. Contemplou por um momento o do velho monarcha onde de feito já vagueavam as sombras da morte: depois dirigiu-se á porta da camara, assegurou-se bem de que não era possivel abri-la exteriormente, e voltando para ao pé do almatrah tirou do peitilho um rolo de pergaminho, e começou a ler em tom d'indizivel escarneo.

«Resposta de El-Gafir o humilde e triste ás ultimas perguntas do poderoso Abderrahman, oitavo kalifa de Cordova, o sempre vencedor, justiceiro, e bemaventurado entre todos os principes da raça dos Ommyadas. Capitulo avulso da sua historia.»

Um rir prolongado seguiu a leitura do titulo do manuscripto. El-Muulin proseguiu:

«No tempo d'este celebre, virtuoso, illustrado, e justiceiro monarcha, havia no seu diwan um wasir, homem sincero, zeloso da lei do propheta, e que não sabia torcer por humanos respeitos a voz da sua consciencia. Chamava-se Mohammed-Ibn-Ishak e era irmão de Ommyah-Ibn-Ishak, kaid de Santarem, um dos guerreiros mais illustres do Islam, segundo diziam.»

«Ora esse wasir cahiu no desagrado de Abderrahman, porque lhe fallava verdade, e rebatia as adulações dos seus lisongeiros. Como o kalifa era generoso, o desagrado para com Mohammed converteu-se em odio; e como era justo, o odio breve se traduziu n'uma sentença de morte. A cabeça do ministro cahiu no cadafalso, e a sua memoria passou á posteridade pela calumnia. Todavia o principe dos fieis sabia bem que tinha assassinado um innocente.»

As feições transtornadas de Abderrahman tomaram uma expressão horrivel de angustia: quiz fallar mas apenas póde fazer um signal com que pedia ao faquih que se callasse. Este proseguiu:

«Parece-me que o ouvir a leitura dos annaes do teu illustre reinado te allivia e revoca á vida. Continuarei. Podesse eu prolongar *assim* os teus dias, clementissimo kalifa!»

«Ommyah, quando soube da morte ignominiosa de seu querido irmão, ficou como insensato. Á saudade ajunctava-se o horror do ferrete posto sobre o nome, sempre immaculado, da sua familia. Dirigiu as supplicas mais vehementes ao principe dos fieis para que ao menos rehabilitasse a memoria da pobre victima: mas soube que ao lêr a sua carta o virtuoso principe desatara a rir;...! Era, conforme lhe relatou o mensageiro, d'este modo que elle ria»:

E El-Muulin aproximou-se de Abderrahman, e soltou uma gargalhada. O moribundo arrancou um gemido.

«Estás um pouco melhor..... não é verdade, invencivel kalifa? Prosigamos. Ommyah quando tal soube callou-se. O mesmo mensageiro que chegara de Cordova partiu para Oviedo. O rei christão de Al-djuf não se riu da sua mensagem. D'ahi a pouco Radmiro tinha passado o Douro, e as fortalezas e cidades mussulmanas até o Téjo haviam aberto as portas ao rei franco, por ordem do kaid de Santarem. Com um numeroso esquadrão de amigos leaes este ajudou a devastar o territorio mussulmano de Al-Gharb até Merida. Foi uma esplendida festa; um sacrificio digno da memoria de seu irmão. Seguiram-se muitas batalhas, em que o sangue humano correu em torrentes. Pouco a pouco Ommyah começou a reflectir. Era Abderrahman que o offendêra. Para que tanto sangue vertido? A sua vingança fôra a de uma besta fera; fôra estupida e van. Ao califa quasi sempre victorioso que importavam os que por elle pereciam? O kaid de Santarem mudou então de systema. A guerra publica e inutil converteu-a em perseguição occulta e efficaz: á força oppoz a destreza. Fingiu abandonar os seus alliados e sumiu-se nas trevas. Esqueceram-se d'elle. Quando tornou a apparecer á luz do dia ninguem o conheceu. Era outro. Vestia um burel grosseiro; cingia uma corda de esparto; os cabellos cahiam-lhe desordenados sobre os hombros e velavam-lhe metade do rosto: as faces tinha-lh'as tisnado o sol dos desertos. Corrêra a Hespanha e a Africa; espalhára por toda a parte os thesouros da sua familia e os proprios thesouros até o ultimo dinar, e em toda a parte deixára agentes e amigos fieis. Depois veio viver nos cimiterios de Cordova juncto dos porticos soberbos do seu inimigo mortal; espiar todos os momentos em que podesse offerecer-lhe a amargura, as angustias em troca do sangue de Mohammed-Ibn-Is'hak. O guerreiro chamou-se desde esse tempo El-Gafir, e o povo denominava-o El-Muulin, o sancto faquih....»

Como sacudido por uma corrente electrica, Abderrahman dera um pulo no almatrah ao ouvir estas ultimas palavras, e ficára sentado, hirto, e com as mãos estendidas. Queria bradar, mas o sangue escumou-lhe nos labios, e só póde murmurar já quasi ininteligivelmente:

Maldicto!

«Boa cousa é a historia, — proseguiu o seu algoz sem mudar de postura — quando nos recordâmos do nosso passado e não achâmos lá para colher um unico espinho de remorso. É o teu, caro, virtuoso principe! Mas sigamos ávante. O sancto faquih El-Muulin foi quem instigou El-Barr a conspirar contra Abderrahman; quem perdeu Abdallah; quem delatou a conspiração; quem se apoderou do teu animo credulo; quem te puniu com os terrores de tantos annos; quem te acompanha no trance derradeiro para te lembrar juncto ás portas do inferno que se foste o assassino de seu irmão tambem o foste do proprio filho; para te dizer que se cubriste o seu nome de ignominia, tambem ao teu se ajunctará o de tyranno. Ouve, pela ultima vez o rir que responde ao teu riso de ha dez annos. Ouve, ouve, kalifa!»

El-Gafir, ou antes Ommyah, levantára gradualmente a voz, e estendia os punhos cerrados para Abderrahman, cravando nelle os olhos reluzentes e desvairados. O velho monarcha tinha os seus abertos e parecia tambem olhar para elle; mas perfeitamente tranquillo. A quem houvesse presenciado aquella tremenda scena não seria facil dizer qual dos dois tinha um aspecto mais horrivel.

Era um cadaver o que estava diante de Ommyah: o que estava diante do cadaver era a expressão mais energica da atrocidade do coração vingativo.

«Oh, se não ouviria as minhas derradeiras palavras!.... murmurou o faquih depois de ter conhecido que o kalifa estava morto. Poz-se depois a scismar largo espaço: as lagrimas rolavam-lhe a quatro e quatro pelas faces rugosas. Um anno mais de tormentos, e ficava satisfeito! — exclamou por fim. — Podêra eu dilatar-lhe a vida!»

Dirigiu-se então para a porta abriu-a de par em par e bateu as palmas. Os eunuchos, as mulheres, e o proprio El-Hakem, inquieto pelo estado de seu pae, precipitaram-se no aposento. El-Muulin parou no limiar da porta, voltou-se para traz e com voz lenta e grave disse

«Orae ao propheta pelo repouso do kalifa.»

Houve quem o visse sahir, quem á luz baça do crepusculo o visse tomar para o lado de Cordova com passos vagarosos apesar das lufadas violentas do oeste que annunciavam uma noite procellosa. Mas nem em Cordova, nem em Azzahrat, ninguem mais o viu desde aquelle dia.

A. HERCULANO.

MAR ARCTICO.

A noticia da existencia de outro oceano ao oeste do Darien tinha chegado a Hespanha em 1515; porém não podiam fazer-se conjecturas sobre a sua extensão, em consequencia do imperfeito estado em que se achava a geographia do globo. A costa do mar pacifico, á excepção das terras proximas ao Panamá, ainda não havia sido explorada, ignorando-se portanto que pelo lado do norte existisse o Mexico, e o Chili pelo lado do sul. A costa oriental da America era mais conhecida; porque Sebastião Cabot descobrira a costa da Terra Nova, da banda do norte; Ojeda e Americo Vespucio a de S. Salvador, da parte do sul; o nosso Pedro Alvares Cabral percorreu quasi toda a extensão do Brazil; e o hespanhol Solis levou os seus descobrimentos até o interior do Rio da Prata. Para a grande empresa de achar a passagem do mar de oeste era mister um homem de prudencia, resolução, e respeito; e estas qualidades, juntas á de um nascimento illustre, possuia em gráu eminente o almirante Fernando de Magalhães. Este grande homem, que nascêra portuguez, e que depois de prestar grandes serviços á sua patria militando sob as ordens d'Affonso d'Albuquerque, entrou no serviço de Castella reinando alli o imperador Carlos 5.º, partiu de Hespanha com uma frota de cinco embarcações no anno de 1518, em direcção ao mar do sul. Chegando alli, percorreu a costa d'America até á ultima extremidade, e encontrando um estreito navegou por elle, no meio de muitos perigos e fadigas, até dar fundo na costa do mar pacifico. Tão arrojada empresa, olhada agora com indifferença, deve ser considerada como uma das mais arduas e felizes, de quantas até alli se haviam intentado. — Um canal dilatado, summamente perigoso, e que no estado em que actualmente se acha, ainda os navegantes não ousam entrar, é o mesmo que foi explorado e atravessado por Magalhães, no momento em que ignorava qual seria o termo das suas aventuras. Outro qualquer individuo, menos ambicioso de gloria, ficava satisfeito com tão afortunado successo, e se limitaria ao exame da costa occidental do sul d'America, esperando assim o bem merecido premio do seu descobrimento; mas este distincto portuguez, não se contentando com o mar d'America, por estarem associados ao seu descobrimento os nomes de outros navegantes, quiz arrojar-se a empresa que lhe deixasse um nome na posteridade.

Magalhães, tomou, portanto, o rumo de oeste, e navegando, sem saber por onde, no espaço de quatro mil leguas descobriu finalmente a ilha de Luzon, e outras ao oriente, conhecidas depois pelo nome de Filippinas. — Este descobrimento em relação a vantagens pecuniarias era indiffe-

rente; mas considerado a outro aspecto tinha summa importancia, e com elle grangeou Magalhães a immarcessivel gloria de ser o primeiro homem que mostrou aos outros a figura do globo que habitavam, e as partes de que este se compunha. Magalhães pereceu desgraçadamente n'uma d'aquellas ilhas com o sentimento de não poder voltar ao ponto de Hespanha d'onde partira, e completar pessoalmente o primeiro giro dado á volta da terra; — circumstancia que depois se verificou na pessoa do seu immediato na expedição, o qual voltou a Sevilha no navio Victoria em que sahira.

Começada assim a carreira da navegação pelos esforços de Magalhães, e dominadas as costas occidentaes da America pelos conquistadores do Peru, principiaram os hespanhoes a sulcar, em todas as direcções, a immensa superficie do mar pacifico. — Saavedra, Mendaña, Quirós, e muitos outros marinheiros atrevidos descobriram os archipelagos do Espirito Santo, dos Amigos, das Marquezas, de Salomão, Otahiti, Nova Guiné, e quasi todas as ilhas d'aquelle mar, agora conhecidas por outros nomes. — A justiça pede que se dê a cada um o louvor que merece, e que n'esta distribuição se attenda ás suas peculiares circumstancias. — Os primeiros navegadores hespanhoes, homens verdadeiramente intrepidos, descobriram quasi todos aquelles pontos, já marcados na geografia actual, navegando n'uns debeis barcos de cincoenta a oitenta toneladas, com instrumentos imperfeitos, e sem cartas maritimas pelas quaes se guiassem. Quem poderá lançar em rosto áquelles commandantes o não haverem dado ao publico uma noticia circumstanciada de cada uma das ilhas descobertas, sabendo que n'esses tempos só dominava em todos elles o desejo de descobrir novas terras? Que mais poderiam ter feito ha 400 annos os inglezes, francezes, e hollandezes, do que fizeram os portuguezes e hespanhoes, em favor da geografia do globo? Le Maire, Dampier, Watts, Cook, e outros grandes navegadores prestaram o serviço de examinar e medir as ilhas já descobertas, com uma exactidão e prolixidade que não podia ter logar quando foram descobertas.

A memoria das viagens e descobrimentos de Quirós foi dada á estampa em Sevilha no anno de 1610, traduzida em latim, e publicada em Amsterdão no de 1613; traduzida em francez e impressa em París em 1617; e vertida em inglez por Puzchas e estampada em Londres no anno de 1625. N'este mesmo livro se acham descriptas as ilhas que os modernos navegadores designaram nas cartas pelos nomes de New Hebrides, New Britain, New Ireland, e outras na mesma latitude e com pequena differença de longitude, proveniente da maior ou menor perfeição dos instrumentos nauticos. Deve acaso suppôr-se que os activos navegadores Cook, Dampier, Bougainville, não tivessem noticia do livro de Quirós, vertido nas linguas da Europa, mais conhecidas nos annaes da nautica? O capitão Torres declarou que navegando em 1606 do Mexico para as Filippinas, costeiu 800 leguas de uma ilha mui grande ao sul da Nova Guiné, a qual se chama agora Nova Hollanda; denominando-se de — Torres — o estreito por onde elle passou, é conhecido nas cartas inglezas pelo de Endeavour's. — Deixando, porém, as ilhas do oceano pacifico, os seus nomes, e a historia do seu descobrimento, subamos agora ás altas latitudes do mar arctico.

Apenas Fernando Cortez levou a cabo a conquista do Mexico, preparou um navio com o fim de descobrir novas terras ao norte do mar pacifico, encontrando na sua derrota a grande peninsula de California. Se este homem illustre houvesse continuado no governo d'aquelle imperio, muitos outros descobrimentos teria feito naquelles mares. O capitão portuguez Chaque ao serviço de Hespanha, partiu em 1555 da costa do Mexico, e avançou até o estreito, hoje conhecido pelo nome de Behring; porém não estando preparado para mais se internar em tão inhospita região, voltou ao Mexico, e d'alli a Hespanha persuadido da existencia de uma passagem para o atlantico pelo norte da America. O conselho das Indias, posto não duvidasse da existencia de tal passagem, considerou, todavia que descobri-la, bem longe de ser util á Hespanha, iria abrir caminho a outras nações da Europa para incommodarem as suas colonias do mar pacifico; e por isso determinou que tal empresa se não tentasse. O capitão inglez Forbisher descobriu no fim de tres expedições, a extensa bahia de Hudson; e o capitão Davis explorando aquella bahia, encontrou varios canaes e braços de mar em tão altas latitudes, que concebeu esperanças de achar a desejada passagem. Em 1616, descobriu o capitão inglez Baffin a bahia que conserva o seu nome, e cuja costa interior se estende tanto ao norte, que se duvidou da latitude que lhe haviam dado, em quanto a não confirmou o capitão Ross. O capitão Fusca, italiano, descobriu pouco tempo depois na costa do mar pacifico uma bahia mui extensa na latitude 48° N. julgando os hespanhoes que poderiam achar uma passagem para a bahia de Hudson por algum canal interno. Esta idéa suscitou-se de novo no fim do seculo passado, esquipando-se em 1792 duas embarcações por ordem do vice-rei do Mexico, as quaes foram confiadas a dois officiaes de actividade e experiencia, que tentaram fazer aquella descoberta. Porém em breve abandonaram elles similhante tentativa, sahindo depois do mar pacifico pela latitude de 55 gráus, convencidos de que não havia communicação alguma com as aguas do Hudson.

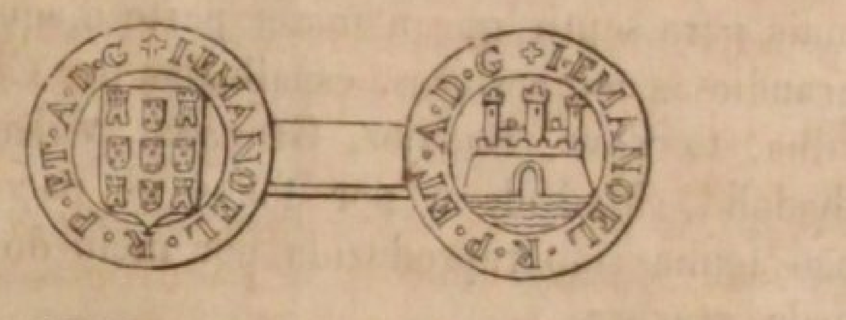
O capitão Kotzebue partiu da Russia em 1814, com o duplicado fim de fazer um giro á roda do globo, e tentar o descobrimento da referida passagem pelo mar arctico; mas este official tinha a desvantagem de navegar n'um pequeno barco pobremente esquipado, pois que a empresa era privativa de dois patriotas russianos que ardiam em desejos de verem figurar a sua patria nos annaes da nautica. — Kotzebue chegou comtudo ao estreito de Behring em 1815, internando-se na região glacial. Ao cabo de alguns dias encontrou elle mar aberto em latitude 66° 35′, e longitude 162° 19′; e todas as apparencias de uma navegação favoravel nutria nelle as esperanças de um resultado feliz, e a da gloria de voltar á Russia pelo norte da America. Poucos dias bastaram para que elle conhecesse por experiencia que a natureza pozera uma barreira invencivel a todos os esforços humanos. Aquelle mar prolongava-se até á latitude 67° 45′ em que se acha o cabo Mulgrave, já notado pelos antecedentes navegadores; e não podendo Kotzebue abrir caminho por entre as montanhas de neve que fluctuavam em toda a parte tornou a passar o estreito e voltou ao centro dos seus compatricios, os habitantes de Kamschatka. A descripção que Kotzebue fez dos indios das ilhas d'aquelles mares é mui interessante, e digna de ler-se.

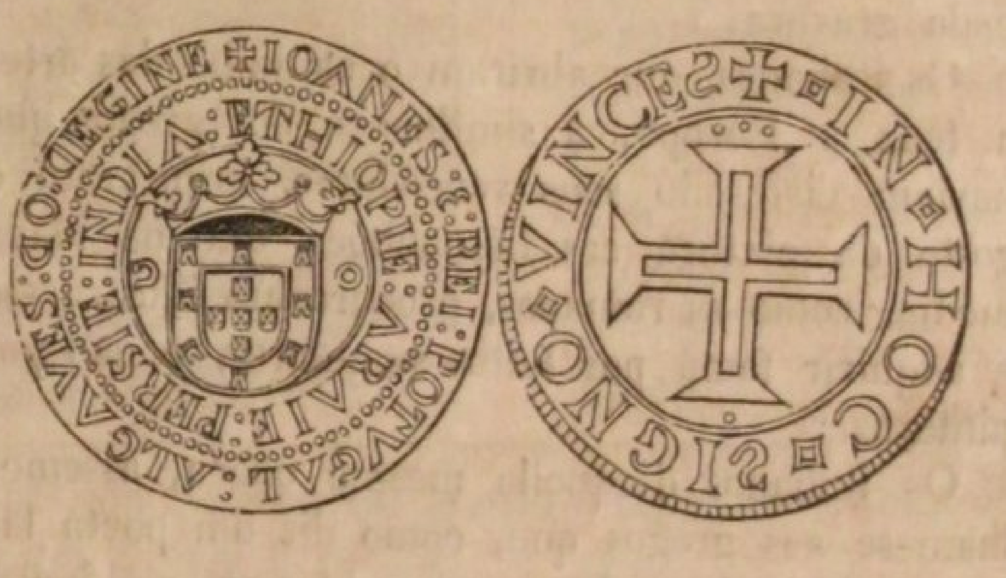
O máu resultado de tantas expedições com o fim de averiguar a grande questão geografica, sobre se ha ou não passagem para o mar arctico, attribuiu-se á falta de precauções necessarias n'uma empresa de tal magnitude; pelo que resolveu o governo inglez tentar nova expedição composta de barcos esquipados do melhor modo possivel para a conservação da saude, e commodidades da tripulação. — O commando d'esta frota foi confiado aos capitães Parry, e Ross, officiaes de grande experiencia e resolução; partindo ao mesmo tempo da feitoria ingleza na costa da bahia d'Hudson outra expedição por terra, levando á sua frente o capitão Franklin.

MOEDAS PORTUGUEZAS.*

A primeira das medalhas aqui estampadas representa uma moeda de prata mandada cunhar por el-rei D. Manuel, e tanto do lado do escudo como do lado do castello se lê *Primus* (em algarismo romano) Emanuel R. P. Et A. D. G. — D'estas moedas antigas é difficillimo, ou para melhor dizer, impossivel marcar o valor verdadeiro e a exacta correspondencia com as actuaes, por ter variado muito o typo e subdivisões da moeda, e até pelas differenças do preço attribuido ao metal em certas épocas; por isso é que tanto discrepam as tabellas de valores, que até o presente se tem redigido.

A que segue é uma moeda de ouro d'el-rei D. João 3.°, de cunho já muito aperfeiçoado; do lado das armas traz os titulos que tomára o monarcha, e da outra banda vemos a cruz com a mesma legenda que tem hoje os cruzados novos.





As seguintes são moedas d'el-rei D. João 4.°; uma d'ellas foi cunhada no 18.° anno do seu reinado. Foi este rei o que mandou cunhar os cruzados de prata, meios cruzados, tostões e meios tostões, de que hoje subsistem poucos que se possam reputar do valor da prata miuda que actualmente corre.





(Continúa).



* Continuado de pag. 199.

PROGRESSO E DECADENCIA DA PINTURA EM HESPANHA. *

É fóra de duvida que os hespanhoes cultivaram a arte só para seu proprio goso; e o que o prova incontestavelmente são os poucos documentos que existem ácêrca da vida de seus pintores, e o pequeno numero de quadros hespanhoes, que se encontram no estrangeiro: a collecção do marechal Soult é unica na Europa; porque, com quanto a Inglaterra possua algumas boas pinturas, o seu numero era assás diminuto até 1834, e o proprio museu de Paris apenas contava uma meia duzia, por ter sido impossivel despojar os templos das obras primas com que se decoravam.

As pinturas mais insignes dos Riberas e Murillos estão dispersas por todas as cidades da Hespanha; vêem-se indistinctamente nas igrejas, nas cathedraes, e nos conventos, e por isso, só correndo todo aquelle paiz se poderá bem avaliar o merecimento e grandeza da escóla hespanhola: cada uma d'aquellas pinturas, d'aquellas estatuas, identificadas com os proprios altares, vieram a ser objecto da publica adoração; por consequencia fôra impossivel muda-las d'alli sem sacrilegio. É muito para lamentar que os artistas estrangeiros tenham visitado pouco a Hespanha, e ainda é mais para sentir que a maior parte d'aquellas tão grandiosas composições, espalhadas por Cadiz, Sevilha, Cordova, Badajoz, Granada, Valença, Valhadolid, Madrid, e por todos os paços reaes, não tenha sido reproduzida por meio do desenho e da gravura.

Os italianos, que abriram o caminho das artes a toda a Europa, á similhança dos gregos que haviam civilisado seus vencedores, inspiraram o gosto da pintura aos hespanhoes, que na idade média, como os romanos, procuravam illustrar-se e adquirir fama por feitos singulares, e não por pinturas.

Os italianos d'aquella mesma época, assemelham-se aos gregos que, como diz um poeta latino, subjugados pelos romanos, foram, em bellas artes, mestres dos mesmos romanos; em consequencia a hespanha, apesar de vencedora na Italia, foi vencida pela civilisação d'aquelle paiz, porque alli bebeu nos mananciaes das artes o gosto pela pintura e esculptura.

Viram-se homens, taes como Diogo Furtado de Mendouça, embaixadores na Italia, ou governadores das cidades conquistadas, empregarem a maior solicitude no estudo do genio litterario da nação vencida.

As bibliothecas da Italia educaram esta nação guerreira, que se havia asenhoreado de Napoles, e da Sicilia, ameaçando toda a peninsula italica, e desde logo um avultado numero de manuscriptos preciosos vieram enriquecer os conventos hespanhoes; e os homens, que até alli apenas sabiam embraçar o escudo e manejar a espada, aprenderam de Petrarca a arte de compôr versos amorosos.

O genio poetico dos hespanhoes, originariamente energico e devoto, ainda que falho de finura e elegancia, mudou inteiramente quando um joven soldado, Garcilaso de la Vega, trouxe para a patria a dolorosa melancolia e a doçura elegiaca dos vates italianos; e eis-aqui um triunfo egual ao que a Grecia, outr'ora, havia alcançado sobre Roma victoriosa.

Assim como o genio poetico dos romanos, de que ainda se encontram vestigios em Lucrecio, genio religioso, agricola, rustico e guerreiro, cedeu á influencia superior da litteratura grega, dulcificando-se, polindo-se e formando-se para vir a ser o que foi nas producções de Virgilio e Ovidio; da mesma sorte o espirito hespanhol, essencialmente profundo e severo, houve egual transformação pelo contacto dos costumes italianos: em troca do vigor e originalidade que o distinguiam, e de que perdeu parte, ganhou graça, elegancia, e delicadesa de gosto.

Os hespanhoes distinguem-se dos romanos por um caracter mais oriental, mais meditativo, e ao mesmo tempo vehemente.

Os romanos, dados á politica, nascidos para os arraiaes e para o senado, desdenhavam e repelliam as artes que a republica primitiva contava no numero dos divertimentos improprios do homem; o catholicismo hespanhol, pelo contrario, devia, mais cedo ou mais tarde, cooperar para o desenvolvimento das mesmas artes.

Os romanos, sem o soccorro dos gregos, teriam, sem duvida, produzido obras grandes de utilidade publica, taes como os aqueductos, as pontes, os amfitheatros, e as suas estradas, ainda hoje admiradas; não se teriam dado a fundir o bronze, a desbastar o marmore, e a ornar seus edificios com figuras magnificas, porque a arte propriamente dita não era de utilidade publica; e ao util, sobretudo, é que os romanos consagravam um culto; em Hespanha, pelo contrario, prescindindo mesmo da influencia da Italia, cedo ou tarde tinham de vir a germinar as boas artes. Navarrette, Zurbaran, e Murillo, não foram só meros imitadores de Ticiano ou de Rubens; não alcançaram produzir suas obras mais insignes, á força de trabalho, e copiando servilmente os modêlos, como outr'ora haviam praticado os romanos.

Aquelles artistas distinguiram-se por um caracter particular, e esse caracter é o céu da Hespanha, é o sol da Hespanha, são os costumes hespanhoes; os italianos foram, não ha duvida, seus mestres; receberam da Italia lições muito uteis e proficuas no que diz respeito á parte technica e material da arte; como que animados pelo bafo dos Rafaeis e Ticianos, fizeram mais rapidos progressos na pintura do que os teriam feito se aquelles grandes homens fossem seus unicos e verdadeiros mestres; acharam na Italia exemplos e preceitos, mas o seu eminente genio só o deveram a si e ao caracter nacional.

(Continúa).

* Continuado de pag. 200.

PROSPECTO.

A Illustração vae começar em abril o segundo anno da sua publicação. As pessoas que até agora dirigiram este jornal empenharam-se vivamente em que elle fosse digno do nosso paiz, e dos homens distinctos que coadjuvaram por vezes a redacção com os seus escriptos, e em que fosse tambem proporcionalmente igual aos jornaes estrangeiros do mesmo genero; porém as muito grandes difficuldades de qualquer empresa litteraria em Portugal, e outras muitas circumstancias, que fôra inutil referir, não lhes consentiram se cumprisse esta honrosa determinação sua tão avantajadamente como elles desejavam.

Entretanto A Illustração mereceu do publico portuguez muito bom acolhimento, e tem no Brazil um numero consideravel de subscriptores, se bem que muito inferior ao necessario para que possa competir com os estrangeiros.

Na occasião de acceitarmos com a propriedade da Illustração o encargo de redigi-la, não podêmos prometter muito aos nossos assignantes, porém não hesitâmos em assegurar-lhes que porêmos todo o nosso exforço no seu aperfeiçoamento, e no vencimento de todas as difficuldades que nos podem embaraçar.

A collaboração dos nossos principaes caracteres litterarios não podêmos promette-la. Ainda que nos honremos com a amizade de muitos d'elles, não poderemos lisongear-nos de que as suas horas de trabalho litterario nos sejam dedicadas, com quanto sobrando-lhes o amor das cousas patrias, capaz de excita-los a animar uma empresa nacional, devâmos crer que não faltarão a coadjuvar A Illustração, como até agora.

Gravuras nacionaes desejaramos nós fossem as unicas que publicassemos, e que sobre ser nosso o desenho e execução fosse tambem monumento, perspectiva, ou outra qualquer cousa portugueza, o que a estampa representasse. N'este ponto iremos até onde a prosperidade do jornal o permittir, e daremos maior numero de gravuras nacionaes do que foi possivel apresentar no 1.º anno.

De resto A Illustração tratará de tudo quanto se comprehende nos limites de um jornal litterario, continuando a ser, como até agora, estranha á politica.

Com os artigos de instrucção e recreio daremos sempre noticia abbreviada do movimento litterario proprio, e estranho, dos acontecimentos mais notaveis, e das publicações nacionaes dignas de mencionar-se, acompanhando esta noticia com o juizo ácêrca do merecimento da obra, e segundo o podêrmos conseguir publicaremos artigos biograficos dos nossos homens mais notaveis d'este seculo ainda vivos, ou já fallecidos, procurando dar tambem o seu retrato quando fôr possivel alcança-lo.

Só com o auxilio de todos os que amam as letras portuguezas é que este jornal póde ter o aperfeiçoamento que nós lhe desejâmos; e sobre a necessidade que temos d'esse soccorro, e sincera vontade com que o pedimos, offerecemos as columnas da Illustração a todos aquelles que se dignarem communicar-nos as noticias que merecerem publicação.

Antonio Augusto Teixeira de Vasconcellos.

Cada anno da publicação d'este jornal será dividido em 12 n.os mensaes, distribuidos porém ás folhas semanalmente, para que possam noticiar-se logo quaesquer occorrencias notaveis.

O preço da assignatura continua a ser — por tres mezes 360 reis — por seis mezes 720 — por anno 1$440 — avulso 30.

A correspondencia franca de porte ao redactor da Illustração — rua da Prata n.º 7, 1.º andar.

ENIGMAS PITTORESCOS.

EXPLICAÇÃO DO ENIGMA DA FOLHA ANTECEDENTE.

É fraqueza entre ovelhas ser leão.



☞ *Todos os srs. assignantes que quizerem continuar, deverão renovar as suas assignaturas com brevidade, para não soffrerem interrupção no recebimento do Jornal. A correspondencia, franca de porte, será dirigida ao Editor, no escriptorio, rua da Prata n.º 7, 1.º andar.*

BUENOS-AYRES.

Buenos-Ayres, cidade da America meridional, na margem do sul do Rio da Prata, está distante da foz d'este rio 57 leguas de 20 ao gráu pouco mais ou menos. A fórma da cidade é quadrada, e reparte-se em 360 quarteirões, divididos por 61 ruas, que se cortam em angulos rectos: cada face de um quarteirão apresenta uma extensão de 400 pés; e 16 quarteirões fazem um bairro: todas as ruas correspondem aos quatro ventos cardeaes, e são guarnecidas de passeios, resguardados por marcos de páu a distancias iguaes. A repartição das proporções de Buenos-Ayres é, como se vê, inteiramente mathematica: a sua planta é similhante a uma reunião de vastos taboleiros do jogo das damas: as casas todas são quadradas e tem em cima o seu eirado. Distinguem-se entre os principaes edificios o palacio da representação nacional e o tribunal do commercio. Differem muito as estimativas do numero dos habitantes que muitos elevam a 80:000 almas.

O La Plata é dos maiores rios do mundo: atravessa immensa extensão de paiz, a que serve de via unica para a expedição dos productos; mas desgraçadamente é difficil de navegar por causa dos baixos, bancos d'arêa e rochedos, e das rajadas de vento subitas e terriveis a que é exposto. Não ha portos em Buenos-Ayres, ou pelo menos que mereçam tal nome; os navios não podem chegar senão a uma legua e um quarto distante da cidade; ahi descarregam as fazendas em barcos para as levarem aos cáes, d'onde a final as conduzem em carros até Buenos-Ayres, que ainda fica muito mais a diante do desembarcadouro. Os navios que tem necessidade de fabricar aprromptam-se em Barrugon, especie de porto a sueste da cidade. Toda a madeira para as casas e para construcção naval vem do Paraguay descendo o rio em jangadas.

Os principaes objectos d'exportação são couros, pelles de cavallo, chifres, sebos, e carnes sêccas, além de outros menos importantes. O interior do paiz fornece a Buenos-Ayres excellente tabaco, assucar, cêra etc., assim como herva do Paraguay, que é muito procurada para chá em toda a America do sul. O commercio por terra que esta praça faz com o Perú e o Chili é muito consideravel, e o seu commercio maritimo de dia para dia augmenta, posto que muito o tenham estorvado as ultimas guerras. Poucos paizes ha com mais elementos de prosperidade; e Buenos-Ayres, hoje um tanto decahida, póde vir a ser o deposito geral, não só de todas as provincias da confederação, mas tambem do Paraguay, da Patagonia, e até de Bolivia se as provincias de la Plata e aquella republica fizerem um tractado de alliança e commercio.

O numero de navios estrangeiros, que annualmente frequentam Buenos-Ayres calcula-se em 300 a 400; d'este numero a maior quantidade é de embarcações inglezas.



O LER E O ESCREVER.

I.

Por vezes temos já fallado da sancta missão d'escriptor, dos deveres que por tão alto titulo lhe incumbem, e da responsabilidade — tremenda responsabilidade — que a seu cargo toma. Ergueremos hoje de novo um brado, mas este unica e exclusivamente dedicado a essa nobre missão de que tantos se encarregam, e tanto mais abusam. Perdoem-nos se formos severos. Quando a ferida é grave a cura deve de ser dolorosa.

Houve tempos em que o escriptor consciencioso carecia de sacrificar o seu trabalho, o mais caro fructo de longos dias e longas noutes passadas em tormento e meditação, ás proprias convicções; outros vieram em que junto com a obra era mister immolar a existencia. Vêde ahi o poeta dos Lusiadas, cahindo sobre a obra de toda a sua vida, no momento em que essa obra vae tomar corpo e correr pelo mundo. Vêde o reformador da lingua [1], peregrino em terra estrangeira, sacrificando aos sarcasmos, aos dicterios, ás zombarias, e não menos ás perseguições, as suas fadigas e o seu engenho. Havia então grandes luctas para sustentar. Havia tambem novas e agigantadas idéas para estabelecer e firmar. É já hoje porém menos rude e perigoso o cargo do escriptor: mas não é comtudo nem menos sagrado nem menos solemne. Não tem que sacrificar a obra, não tem que expôr a vida, mas tem que dedicar o pensamento! — Sim: que no eterno campo do pensamento é que se hade semear e colher o fructo da civilisação. Novos tempos impõem deveres tambem novos.

O continuo e incessante desinvolvimento da sociedade e de toda a sociabilidade, o educar, ensinar, dirigir, modificar e melhorar progressivamente o povo; o trabalhar no verdadeiro sentido do seculo — sem o impellir desregradamente sem o repellir inconsiderado — o confrontar o passado com o presente tirando d'ahi uteis consequencias para o futuro por meio das solemnes evocações da historia, já no theatro, livro da multidão, já no livro, theatro do poeta; o adoçar o aspero e escabroso do caminho, deixando que tomem folego os caminhantes ás saudaveis sombras do evangelho e da religião; o animar por meio de ajuisadas sympathias essas gerações, sepultadas ainda na escuridão, que ahi vêem bater ás portas da vida; e emfim o guiar, o dirigir e applicar a intelligencia infantil, d'uma sociedade recemnascida; taes são os deveres do escriptor actual, tal é o modo porque elle deve dedicar-se, inteiro, com o pensamento á possivel perfectibilidade do espirito e da razão nas questões humanas. Seguindo este trilho cingirá algumas vezes a sua fronte — e, por ventura, bem cedo — com a rude corôa d'espinhos em vez da de louros que em seus vagos sonhos de gloria e triumpho muitas vezes houver imaginado — algumas desejado. Lucrará porém as bençãos dos que successivamente fôr melhorando, e, ainda mais, as do futuro que a seu tempo evidentemente hade sentir e colher os fructos d'esse melhoramento. Mas se tal recompensa é destinada aos que bem usaram da sua missão, ai! qual será a pena, que o seculo e a posteridade applicarão ao que tiver esquecido ou desprezado essa immensa responsabilidade do seu dever?

Faremos agora uma pergunta: «têem sido por todos os que entre nós fazem gemer os prélos, sincera e verdadeiramente cumprido esse nobre e sancto encargo?» Consultae-vos, leitores; examinae-vos, multidões — respondei depois. Quem se não doerá de vêr esta formosa lingua portugueza — tão pura e donosa lingua — invadida e assolada por affectadas estrangeirices? Quem se não lastimará vendo-a pobre e esfarrapada arrastar-se pelo pó dos caminhos, como se já não tivera um recanto proprio em que se aninhasse. Quem não sentirá corarem-lhe as faces e chegarem-lhe aos olhos lagrimas de pejo ao vê-la mendiga pedir esmola a estranhos como se do seu já tudo tivera gasto? E é assim, por máu fado, é assim que a achareis nas salas e nas ruas, na mesa e no balcão. Não faremos citações, troaremos, porém, severamente contra o geral d'essas publicações que lentamente minam e arruinam a lingua e a moral. — Uma e outra devem de ser o amor e o desvelo do legislador e do escriptor — da balança e da pena. Uma e outra serão para nós emprego de todas as affeições.

É a lingua a base de toda a nacionalidade: é a moral o alicerce de toda a civilisação. Nem haverá fraternidade, costumes amenos, e generoso sentir ahi aonde a immoralidade se arreigar. Nem haverá amor ás cousas da patria ahi aonde não fôr presada a lingua que fallavam nossos paes e em que se acha estampada a memoria dos antigos feitos. Não faltarão animos indolentes que digam aqui, disfarçando a preguiça com a in-

[1] Quanto a nós, Francisco Manuel do Nascimento.

differença — «que importam as palavras para o destino d'uma nação?» A palavra é traducção do pensamento. Quando este se desvaira, adoptando por seu o que lhe vem de longe, é então que as galas da nacional linguagem são preferidas por arrebiques estrangeiros. Não terá, por tanto, nacionalidade nas idéas, não a terá tambem no coração quem na lingua a não tiver. — Assim mesmo a moral. Habitua-se a alma ao hediondo do vicio e do crime, como os olhos ao feio e até ao disforme. Por entre as fortes situações que prendem a attenção, e os effeitos que alucinam o espirito, escoam-se os exemplos por modo que nem quasi os sentem os mesmos reflectidos e prevenidos; quanto mais as almas novas, apenas desabrochadas na vida, que se abrem, como as rosas pela madrugada, facil e amorosamente, a todas as impressões.

Como a força era o sangue das sociedades antigas, assim hoje o é das modernas o pensamento. Communica-se este para todos os pontos d'esses immensos corpos por meio dos livros, veias em que elle circula. São por tanto os livros os vehiculos que levam a seiva, a força e a vida ás differentes partes do corpo social. Eis-ahi por consequencia a leitura empunhando o sceptro das mais poderosas influencias, eis o pequeno corpo dos escriptores sendo para o grande corpo da sociedade o que o coração é para a organisação humana. — E, de feito, é a imprensa o poder que hoje communica — ninguem o ignora — por intimas relações, com todas as classes, com todas as ordens, e com todas as turbas. Aos espiritos vagos fallam as philosophias; aos positivos as mathematicas; aos praticos a historia; aos velhos a erudição; aos moços a poesia; ao povo a lingua; e a todos as paixões, os exemplos, e a moral. Resumi agora. Que será um livro quando é impura, mesclada, e bastarda a lingua que falla ao povo, quando os erros da razão e as fraquezas do coração, os crimes e os vicios, são os exemplos que dá á sociedade? — A praga peior, o mais tremendo flagello.

Infelizmente, em nosso mal, e em mal das novas gerações, são d'esses os mais que ahi andam espalhadas. Não censuramos que do estrangeiro se aproveite o que ha bom, unicamente estranhamos que lá se vá buscar quanto têem máu, tornando-o peior e muito peior com a serapintada algaravia em que nol-os dão. A respeito das palavras, quando uma nova idéa pedir um vocabulo novo, saudalo-hemos com gosto, e adoptalo-hemos com satisfação; que nos vem esse trazer augmento de riqueza: quando porém do nosso possuimos bastante e por ventura sobejo, ridiculo é sem duvida pedi-lo a quem no-lo não póde dar melhorado. O fim da arte e da sciencia não é sómente fazer effeito á imaginação ou aos sentidos; se assim fôra teria Deus errado em lhes assignar o alto logar em que estão postas. Esses retalhos de manto d'arlequim todos os dias sahidos da imprensa, todos os dias entrados no povo — doe-nos o dize-lo mas é forçoso — são triste documento do nosso atraso e cegueira. «Desconhecedores e ignorantes das necessidades d'uma sociedade ainda na infancia, ides por um lado aguando-lhe o bom leite da sua ama natural, com misturas que lho alteram e lho enfraquecem; pelo outro ministrando-lhe alimentos que mesmo adultos mal poderão digerir.» Isto dirão lá por fóra os serios e entendidos, e dirão bem vendo o modo porque os nossos prélos se enchem, a mais não poder, de versões innumeraveis, umas illegitimas, outras insoffriveis — a maior parte perniciosas. Algumas ha de que fariamos honrosas excepções, e que mencionariamos com interesse — calamo-las porém para não faltar a este nosso bom systema de não citar. Acautele-se o povo na leitura, que d'ella lhe vem e lhe hade vir muito bem e muito mal, segundo escolher; saiba discriminar o util do damnoso, e muito mais o que lhe fôr de proveito do que lhe servir de ruina; conheça em fim o verdadeiro sentido do seu progresso, e progredirá sem embaraços pela verdade e pela razão. Cumpram tambem os escriptores a sua missão, como alguns, raros, entre nós a entendem; e o bem das sãs doutrinas, e muito mais o bem da sociedade e da civilisação, isto é, da humanidade, será o resultado e tambem a corôa e o premio — unico e digno premio — de suas lidas e trabalhos.

RUINAS
DA ABBADIA DE BAUME. *

No meado do seculo 17.º a Austria andava em guerra com a Sublime Porta. Estava-se na primavera, e tinha-se aberto a campanha sob ruins auspicios: em resultado de tres batalhas, os austriacos desbaratados tinham perdido tres praças importantes, e temporisavam nas fronteiras esperando soccorros que não chegavam. O instrumento de taes derrotas era um general turco mui temido no paiz, e que precedentemente ganhára importantes vantagens sobre as armas da republica veneziana. Baxá de primeira classe, ou de tres caudas, como então se dizia na Europa, Hussem-Pachá era o terror dos inimigos do grão-senhor.

N'uma tarde estavam acampados os austriacos na proximidade do arraial turco, e quando o general meditava os meios de evitar um encontro com os ottomanos, participaram-lhe que um derviche mahometano porfiava por lhe fallar a sós; consentiu na conferencia o general, e viu-se com um homem, trajado com o grosseiro vestido de religioso da seita do alcorão, de estatura alta e magestosa, de feições admiravelmente regulares, bocca engraçada, olhos d'expressão viva e intelligente, e que figurava ter quarenta annos.

Para não referirmos o dialogo, diremos sómente que o derviche, obtida a palavra do general austriaco de que por nenhum caso lhe faria mal, declarou abertamente que podia dispôr da vida de Hussem-Pachá, cuja pessoa era tão temerosa para os exercitos imperiaes.

«E como póde um mendigo (exclamou indignado o general) a não ser por alguma infame traição, dispor da existencia de tão poderoso chefe? E sabe que nós allemães odiamos os traidores. Eu jurei não te fazer mal, porém não te prometti que não escreveria a Hussem-Pachá.....»

Então o derviche sorriu-se, e mettendo as mãos no habito esfarrapado, sacou duas pistolas e apontou para o general, dizendo — «eu sou Hussem-Pachá. Silencio ou morreremos ambos.» — Em seguida passou a mostrar a identidade de pessoa e concluiu assim — «eu sou Hussem e não o sou: nasci christão como vós, filho como vós de paes allemães e cavalheiro; tambem servi a Hespanha, de que sois alliados; meu irmão acha-se embaixador junto á pessoa do vosso monarcha; em summa, chamo-me D. João de Watteville.»

A conferencia passou a tomar o caracter de diplomatica; D. João inculcou o seu arrependimento, e o desejo de voltar ao gremio da igreja; em penhor d'isso promettia fazer taes operações militares, que os austriacos recobrassem a seu salvo as praças perdidas, e a final desbaratassem o exercito dos turcos. Escrevia para obter o perdão ao embaixador e ao mesmo tempo ao papa. Encarregou-se o austriaco d'estas mensagens, e, com melhor vontade, do desenvolvimento da campanha ajustada, que devia durar até que se ultimasse a negociação da remissão dos peccados de Watteville.

N'esta conferencia D. João occultou cuidadosamente o imperioso motivo da sua ousada deliberação: diremos agora a verdadeira razão de tão estranho proceder. Em Constantinopola soube o cavalleiro D. João, depois de renegado, merecer a confiança do visir dominante, fazendo-se necessario pelo prestimo no manejo dos enredos, pelas demonstrações de uma vontade paciente e pertinaz, e por outras qualidades uteis a um ministro, n'uma côrte de manhas, enredos, e dissimulações. Como era valoroso, prestou-se á carreira das armas, e por seus serviços realçados pelo favor do visir subiu aos primeiros cargos da milicia. — Ora, na occasião de que tratâmos, em que andava empenhado na campanha das fronteiras austriacas, aconteceu morrer o seu protector, que foi substituido pelo adversario do defunto; claro estava que D. João, habituado ás perfidias da politica ottomana, devia contar com a demissão e o presente do cordão fatal. Era exactamente o que elle procurava prevenir; e foi esse o movel do passo que deu. Com effeito a resposta do papa e d'el-rei d'Hespanha ás suas propostas chegou a tempo; mesmo nas vesperas da intimação do desagrado do sultão. Hussem-Pachá, prestes a reverter á situação de D. João de Watteville, conduziu as tropas turcas a uma embuscada, onde foram miseravelmente desbaratados pelos imperiaes, e deixou-se tomar prisioneiro.

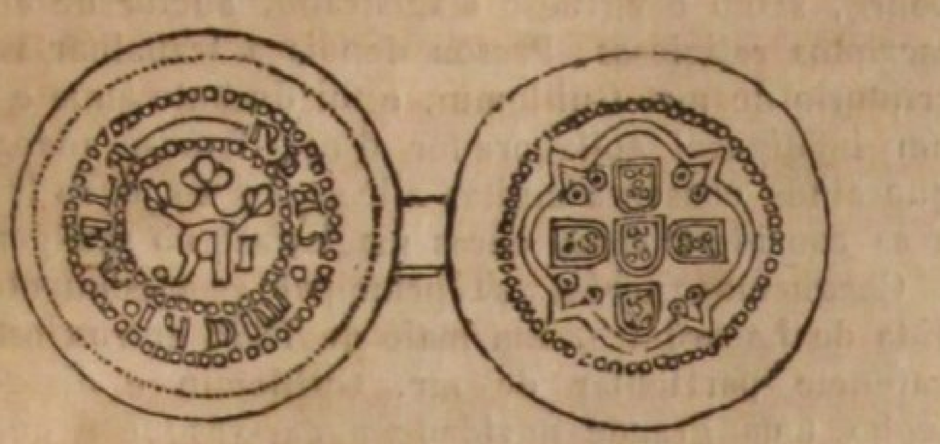
Absolvido em Roma em 1659, recebeu D. João pouco depois a investidura da abbadia de Baume na Borgonha, que era o segundo dos pingues beneficios da provincia, e obteve, além d'esta, outra na Picardia; mais para o diante o nomearam arcebispo de Besançon, porém o cabido constrangeu-o a renunciar esta dignidade. — Acatado porque era poderoso, procurado em razão de seus talentos politicos, o novo abbade empunhou o baculo como havia meneado a espada; e viveu com magnificencia na solidão do Jura. — Em breve o chamaram aos negocios mundanos as pertenções de Luiz 14.º á posse do Franche-Comté. O parlamento do paiz mandou-o sollicitar a Berne o auxilio dos cantões suissos; D. João, com a sua ordinaria perspicacia, comprehendeu a impossibilidade da defeza, e a insufficiencia da protecção de Hespanha; dirigiu por tanto a negociação de modo que abortou. A esse tempo accumulava elle outros muitos beneficios e cargos temporaes e ecclesiasticos, e era um despota nos seus dominios abbadiaes, onde a tradicção lhe conserva odiosa memoria. Foi n'essa época que o ministro Louvois lhe propoz negociar a venda da provincia ao rei christianissimo, não poupando para isso o *nervo da intriga*, o dinheiro: e tão destramente se portou o abbade que o parlamento, até alli unido contra a França, se dividiu; os guerreiros corromperam-se, os mais leaes esfriaram no enthusiasmo, e o espirito de resistencia fraqueou. N'esta conjuncção apresentou-se Luiz 14.º á frente de suas tropas, com o aparato de vencedor, tendo porém que combater só moinhos de vento.

Como depois o tratado de Aix-la-Chapelle restituiu a Borgonha ao rei catholico, teve D. João que refugiar-se em Paris, onde publicou com todo o despejo a sua apologia e a remetteu para a côrte de Madrid. Quatro annos depois (1674), foi o condado de Borgonha definitivamente reconquistado e encorporado na corôa de França. Voltou então á patria o abbade, e fixou residencia em Baume, onde procurou todos os prazeres, todas as distracções que podem fazer agra-

* Conclusão de pag. 189.

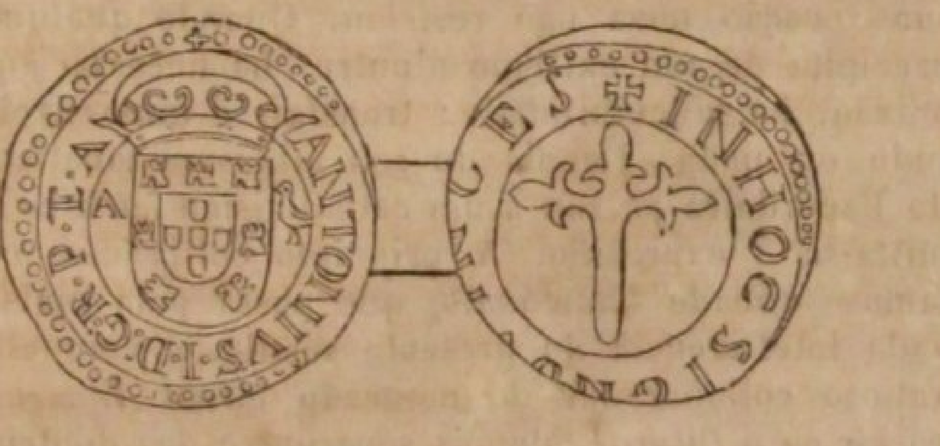
davel a vida tanto de um christão como de um turco; porque assentou de não alterar os habitos que tomára em suas viagens, e fazer reviver os costumes do Oriente na sua abbadia de Baume. Aqui falleceu na idade de noventa annos, em 4 de janeiro de 1702, isento de enfermidades, e em perfeito uso das faculdades intellectuaes. Ainda hoje se vê na arruinada igreja de Baume o seu tumulo de marmore preto, com epitaphio latino.

MOEDAS PORTUGUEZAS. *



É esta uma das nossas moedas de prata mais antigas, cujo conhecimento chegou aos nossos tempos. Foi mandada cunhar por D. Affonso 4.º O nome do monarcha está indicado pelas letras *Al* e a legenda diz — *Non veniant mihi mala.*





A primeira é moeda de ouro, cunhada por el-rei D. Sebastião: tem esculpida a imagem do martyr S. Vicente, como em outras mandára fazer el-rei D. João 3.º, do que resultou chamarem-lhes *Vicentes.*

A segunda é uma moeda de cobre de D. Antonio, prior do Crato, que foi como todos sabem pertendente á corôa portugueza, e n'esta moeda se intitula *Antonio* 1.º A outra legenda é a mesma dos cruzados novos d'hoje.

VIRIATO TRAGICO.

Tendo o philosopho Aristoteles, entre muitas tarefas litterarias, em que empenhava a sua sutilissima dialetica, composto um tratado sobre a rhetorica, em que nada falta se não a eloquencia, pois que o estylo do estagerita é o mais antipathico com esta grande faculdade do espirito humano; passou a compôr uma poetica, de que apenas nos resta um fragmento sobre a epopea, e tragedia, e este fragmento traduzido, paraphraseado, commentado, e explicado em todas as linguas, e em diversos tempos por todos aquelles que presumiam de mestres do que se não ensina, tem produzido tantos volumes, que não ha livraria que os contenha todos, nem paciencia que os possa lêr.

Mas quem tiver lido e analysado todos os poemas epicos, que nos ficaram dos gregos, e dos romanos, força será que se convença que seus auctores escreveram todos sem observar as regras de Aristoteles; e então uma de duas, ou esses auctores não conheceram essa poetica aristotelica, ou a desprezaram, desprezando o seu genio livre um jugo, que muitos dos modernos tão servilmente acceitaram.

É tambem muito de notar que os poemas mais famosos dos modernos são os que mais se affastam da observancia das regras do preceptor de Alexandre; n'este caso estão a *Divina comedia*, de Dante; o *Orlando furioso*, de Ariosto; o *Orlando innamorato*, de Boiardo; o *Paraizo perdido*, de Milton; a *Messiada*, de Klopstock; o *Noé*, de Bodmer; e os *Lusiadas*, de Luiz de Camões.

Igualmente seria impossivel verificar na Iliada, e na Odyssea, de Homero, essas regras, que Aristoteles pertende ter extrahido d'elles, mas se tal cousa se désse, os poemas d'aquelle Adão dos poetas teriam uma fórma absolutamente diversa d'aquella que n'elles observamos. Temos o *Godofredo*, de Torquato Tasso, pelo poema heroico mais perfeito, mais interessante, e mais grandioso, que tem produzido o espirito dos homens; mas temos para nós que n'elle influiu mais a leitura da Iliada, e da Eneida, que a meditação das regras da Poetica de Aristoteles.

Não seria pois temeridade affirmar, á vista da construcção de todos os poemas epicos antigos, e da maior parte dos modernos, que seus auctores entenderam por esta denominação a narração de um facto extraordinario, e grandioso, ou da vida de um heroe em verso, em estylo sublime, adornada com os prestigios do maravilhoso, e o mais vivo colorido da poesia; mas isto mesmo prova que a Poetica de Aristoteles, ou não fôra conhecida, ou não fôra reconhecida a sua auctoridade pelos antigos, nem pela maior parte dos modernos, e que só quando a sua philosophia se apoderou das escólas da Europa, dominando até nos estudos theologicos, é que os eruditos se lembraram de o fazer chefe de uma igreja poetica, fóra da qual não ha salvação. Finalmente é necessario suppôr de tres cousas uma; ou que tão grandes poetas, e tão eruditos como Apollonio, Quinto de Smyrna, Nono, Estacio, Lucano, Valerio Flacco, Ariosto, Bernardo Tasso, e Camões, não conheceram a Poetica de Aristoteles, ou que não souberam desempenhar os seus preceitos, ou que os julgaram desnecessarios; e este ultimo supposto me parece o mais verosimil.

A maior parte dos nossos epicos não curaram das regras aristotelicas, e entre estes tem mui distincto logar Braz Garcia Mascarenhas, auctor do *Viriato tragico*, que nos parece a nossa melhor epopea de segunda ordem.

Este poeta, distincto pelo seu nascimento, pela sua erudição, e por um valor quasi cavalheiresco, que lhe occasionou não poucos trabalhos e aventuras, soube grupar engenhosamente as acções e campanhas do grande inimigo dos romanos, e defensor da peninsula hespanhola, acommodando-lhe brilhantes episodios, com que derramou no seu assumpto aquella variedade e marcha dramatica indispensaveis em obras de similhante natureza, e em que brilha a rica imaginação de que o poeta era dotado.

O seu estylo florido se contém ordinariamente nos justos limites, sem descahir nas extravagancias engenhosas dos discipulos de Gongora, nem nos concertos puerilmente subtis de Gerardo Lobo, a que os criticos francezes denominam com razão *brilhantes falsos;* pinta com exactidão os costumes da época, conserva bem o caracter dos seus heroes, e o de Viriato é perfeito no seu genero.

As suas comparações são frizantes, e amiudadas, as suas descripções vivas, e cheias de força, sobresahindo entre ellas a do monte Herminio, que vulgarmente chamamos *serra da Estrella.*

Um dos cantos do seu poema é consagrado á tactica antiga, e ao uso das armas d'esses tempos remotos, que dá não pouca luz para a intelligencia do poema, e é muito para notar que muitos annos depois o desembargador do senado, André da Silva Mascarenhas, no seu insipido poema a *Destruição de Hespanha*, lhe usurpasse este trecho inteiro copiando-o palavra por palavra. Não conhecemos em toda a litteratura portugueza um exemplo igual de descarado e nojoso plagiato. E para haver um homem que a tanto se atreva é necessario de duas cousas uma, ou que seja manifestamente falto de juizo, ou que a obra plagiada estivesse tão rara, que elle podesse rasoavelmente acreditar que similhante usurpação não poderia ser conhecida dos leitores, e creio que assim fosse porque até ao presente apenas temos visto tres exemplares do *Viriato tragico;* um que estava, e cremos que ainda estará, na bibliotheca publica de Lisboa, outro, cuja posse alcançámos depois de vinte annos de diligencias, e outro na do convento de S. Francisco, uma das mais ricas em poesia; mas não havia nenhuns na do mosteiro de Jesus, nem na de Xabregas, nem na de S. Domingos, raridade esta que prova que o poema tinha sido mui bem acceito, e que por isso todos os exemplares haviam sido consumidos.

Não conhecemos outro poema, em que a parte militar esteja tão bem tractada, conhece-se que o auctor era um official general, que não só sabia a theoria da sua arte, mas que praticára muitos annos em diversos paizes da Europa. N'este ponto póde comparar-se com Camões, que falla de objectos maritimos com a perfeição de um navegador consummado.

A versificação do *Viriato tragico* é em geral harmoniosa, correcta, variada; prendas que, diga-se a verdade, acompanham todos esses tão calumniados escriptores do seculo de seiscentos, que quando não tenham outro merito, tem o de haver aperfeiçoado a metrificação, dando-lhe mais movimento e harmonia, e uma collocação de palavras mais artificiosa do que a que se observa nos escriptores quinhentistas, em geral rudes e asperos nos versos, á excepção do grande Camões, unico que soube leva-los a uma perfeição, que ainda não foi igualada.

É pois o *Viriato tragico* um dos mais attendiveis monumentos da gloria e do engenho nacional, uma pintura viva dos nossos antigos costumes, e dos feitos dos primeiros possuidores do terreno lusitano, de quem em grande parte descendem os actuaes portuguezes, e sobra isto para o tornar grato aos leitores nacionaes.

Mas este poema, como alguns de igual merecimento estava inteiramente esquecido, e não foi sem grande prazer que lêmos em um dos numeros da *Revolução de Setembro* que no escriptorio do mesmo jornal estava aberta subscripção para uma nova edição em dois volumes do *Viriato tragico*. Não conhecemos o editor, nem sabemos se é especulação da direcção do jornal, ou da imprensa, mas estavamos certos de que tal edição é um grande beneficio feito ás letras portuguezas, o que só por isso é mui digno da gratidão publica quem concebeu aquella idéa, e rogamos muito a todos os amadores da nossa bella lingua, e da nossa poesia que concorrendo com a sua assignatura para se levar a effeito este projecto, animem outras pessoas a emprehender a edição de outras muitas das nossas obras antigas, que se tem tornado mui raras: taes são a *Historia da Abyssinia* pelo padre Alvares, a *Phylis* de Antonio da Fonseca Soares, que hoje já se não encontram senão manuscriptas; o *Ulyssipo* de Antonio de Sousa Macedo, o primeiro *Cêrco de Diu* de Francisco de Paiva de Andrade, os innumeraveis escriptos do padre Francisco José Freire (Candido Lusitano) e com especialidade a sua

* Continuado de pag. 203.

traducção das Methamorphoses de Ovidio, a da Eneida, e das tragedias gregas, o que tudo existe manuscripto na bibliotheca de Evora, e nas mãos de alguns curiosos, e que tanta falta nos fazem em uma época em que parece que os melhores engenhos trabalham com empenho em fundar entre nós um theatro regular, para que deve entrar como elemento necessario a imitação judiciosa da bella antiguidade.

PROGRESSO E DECADENCIA DA PINTURA EM HESPANHA. *

A época em que os hespanhoes se relacionaram mais intimamente com os italianos foi, sem duvida, uma época grande e fecunda em acontecimentos notaveis: aquelle pequeno povo de guerreiros, conseguiu entrar, em consequencia da união da Castella e do Aragão, e pela conquista de Granada, na classe das primeiras nações independentes; e a mesma época que o viu, com pasmo, arvorar a cruz sobre os soberbos muros d'Alhambra, o admirou tambem, quando, no mesmo anno, o viu atravessar o Atlantico para ir conquistar um mundo novo; de sorte que, ao mesmo tempo que os thesouros do Mexico se lhe franqueavam, suas conquistas na Italia lhe abriam e aplanavam o caminho das artes.

É opinião emittida por muitos filosofos e politicos, que a maior parte das riquezas, obtidas pelos hespanhoes a expensas de tantas fadigas, entraram para os cofres do clero: avançaram os mesmos, que o espirito, exclusivamente catholico e monacal d'aquelle paiz, devia restringir necessariamente a esphera, limitar os esforços e extinguir o enthusiasmo dos artistas hespanhoes; e nós admittimos que, com effeito, os objectos sagrados invadiram a quasi totalidade dos trabalhos executados em pintura, em architectura, e em esculptura; admittimos mais, na presença da economia politica e até, talvez, da moral, como perniciosa aquella influencia, contra a qual se levantaram os filosofos do seculo passado; mas o que não admittiremos é que o predominio das idéas religiosas exercesse sobre as artes uma influencia destruidora.

A pintura por excellencia, isto é, a pintura historica, viu-se sempre, que só prospéra debaixo da protecção das corporações assás opulentas para recompensar, e poderosas para poderem honrar dignamente os artistas; é á sombra d'essas corporações senhoras de palacios, e de templos, aonde, quasi exclusivamente, se ostentam estas obras primas com todo o esplendor; e d'aqui vem que, na edade média, fôra o clero e só o clero que pelas suas riquezas e importancia social, edificou as cathedraes gothicas, e deu o maior impulso á pintura historica, a essa pintura que a Inglaterra, apesar da grande riqueza de seus particulares e dos immensos thesouros da sua tão poderosa aristocracia, não pôde jámais elevar ao gráu de conveniente desenvolvimento; e a arte não se desenvolveu porque os artistas tendo de comprazer com as inclinações e gosos individuaes, apenas se exercitaram nos retratos e paizagens, dando a estas obras a fórma, dimensão e importancia porporcionadas á estimação que a pintura alli partilhava: as pinturas a fresco do Vaticano, pelo contrario, e ainda as maravilhas pintorescas em que abunda toda a Italia, as d'outra ordem e d'um merecimento elevado e superior que ornam as cathedraes da Hespanha, nasceram, progrediram e se desenvolveram sob a influencia protectora d'esse alto clero, cujo predominio ainda hoje aterra e faz sossobrar os espiritos pensadores.

* Continuado de pag. 204.

PIO VII. *

No estado de dissidencia e contestação em que se achava a igreja franceza entre padres ajuramentados, segundo dissemos em o artigo precedente, aggravava-se o mal e crescia o scisma em detrimento dos negocios ecclesiasticos, e com grande perturbação do estado. O pontifice pôz termo a esta desordem com a famosa concordata que celebrou com Buonaparte, então primeiro consul, e que é datada de 1801. As guerras tinham deixado em deploravel estado a administração dos dominios pontificios, e Pio VII applicou-se desveladamente a reorganisa-la, tomando providencias acertadas e prudentes, por modo que em pouco fez reflorecer quanto era possivel o commercio e a cultura, e facilitou a segurança e commodidade dos peregrinos e viajantes. O seu caracter era brando e benigno; e por isso mereceu geral estimação das pessoas de todas as communhões, o que especialmente se manifestou no respeito que lhe tributaram durante a sua residencia em París, quando por evitar novas desavenças sacrificou o orgulho da tiára, vindo pessoalmente sagrar na capital da França o imperador Napoleão; facto que se consummou em 1804, e que alguns inadvertidamente ou por malevolencia reprehenderam, mas que foi um passo politico, ao mesmo tempo que era um acto de resignação da parte do pontifice, embora se houvesse empregado meios de violencia e constrangimento. Todavia não bastou o sacrificio; porque é de todos sabida a desmesurada ambição de Buonaparte, e notorios são os acontecimentos que procederam d'ella: a sé pontificia não podia portanto evadir-se ao flagello que assolou os outros estados do continente. O papa foi aprisionado em Roma pelo general Miollis, conduzido para Savona, e d'ahi transportado para Fontainebleau, onde supportou duro captiveiro por ter recusado annuir a todas as pesadas exigencias do imperador: o territorio romano foi retalhado, parte encorporado no imperio, e parte no chamado novo reino d'Italia. Só na restauração geral de 1814 foi livre o pontifice,' e entrou novamente na posse dos seus dominios, de que a usurpação conquistadora o havia esbulhado. Pio VII, não obstante tanta injustiça e tão duro e iniquo tratamento, teve a generosidade de dar asylo em Roma á familia expatriada do seu perseguidor. — Mr. de Chateaubriand, com seu vigoroso estylo, traçou em breves linhas o quadro das violencias praticadas pelo soldado aventureiro e feliz contra o inerme e pacifico successor do principe dos apostolos. Beauchamp escreveu uma historia dos infortunios e perseguição de Pio VII, da qual se fez uma traducção portugueza. Ha tambem a historia de Pio VII, por Artaud, publicada em 1837.

O PADRE LACORDAIRE.

BIOGRAPHIA CONTEMPORANEA. *

Dissemos que a influencia moral do padre Lacordaire podia ser objecto de um livro, e o estudo da sua vida um exemplo notavel. Já se vê que não podendo alargar-nos em considerações de superior esphera, nos devemos limitar á breve noticia do prégador inspirado, que é hoje o brazão do pulpito francez aliàs tão illustrado por oradores insignes quanto o nosso vae sendo, de dia para dia, abandonado.

Mr. Lacordaire recebeu na pia, o nome de Henrique, e quando entrou na religião dominicana é que tomou o nome do fundador d'esta ordem: seu irmão mais velho é o elegante escriptor da *Revista dos dois mundos*, o sr. Theodoro Lacordaire. Muito creança deu mostras de penetração e vivacidade, a ponto de carecer refreada: manifestou tambem muito cedo ardente amor á leitura, só restava fazer boa escolha dos livros que devia ler; e d'este cuidado felizmente se encarregou sua mãe, senhora de talento e apurado gosto litterario. Seguiu os primeiros estudos no collegio de Dijon, e quando chegou á philosophia, embrenhando-se nas questões mais arduas da metaphysica cahiu na incredulidade, como elle proprio confessou: com as deploraveis preoccupações do sceptiscismo, afastado da educação materna, encetou e concluiu o seu curso de direito, distinguindo-se sempre por saber e applicação. É para notar a sua muita propensão para a arte dramatica no meio de estudos serios e positivos.

Acabado o curso juridico veio a París em 1821 praticar a advocacia sob a direcção de mr. de Riambourg, sabio e virtuoso magistrado, auctor de alguns escriptos religiosos. Passou depois a trabalhar no escriptorio de mr. Guillemin, e foi durante anno e meio um infatigavel collaborador d'este famoso advogado, que ainda conserva muitas allegações do joven letrado e as considera como obras magistraes no seu genero.

Cheguemos porém ao principal acontecimento da vida de Lacordaire. Em maio de 1823 entrou este no gabinete particular de mr. Guillemin e disse-lhe: tenho uma grande novidade a dar-vos; e é que vos deixo. — Como, se fazemos tão boa união! — Mas não vos deixo por outra pessoa: devo entrar n'um seminario; quero ser padre. — Padre, meu amigo!.... — Sim, sim..... eu que ainda ha poucos mezes não admittia confessor!... Tenho soffrido immensamente... ha seis mezes sobretudo!.... A final chegou a luz e a fé tambem..... estou decidido a ser sacerdote. — Declarou então ao seu digno amigo o como projectára passar-se á America a vêr se achava allivio ao pêso e desconsolo que lhe atenuava o espirito: que este designio se desvanecêra; e que emfim a lição da Biblia o convencêra depois de tantas leituras tenebrosas e futeis.

Mr. Guillemin não pôde dissimular a sua alegria e o abraçou com affecto como se fôra seu filho. — Feitos os necessarios preparativos Lacordaire entrou no seminario como alumno do curso theologico, e o ardor da sua vocação nova não resfriou. Quando qualquer se precipita de um extremo n'outro, ha necessariamente paixão, ha inflexibilidade; transigir é impossivel: ou tudo ou nada. Depois do seu atheismo fanatico mr. de Lacordaire passou a um catholicismo fanatico, permitta-se a expressão. A principio colligou-se com o famoso abbade Lamennais, que passa pela mais elevada intelligencia do presente seculo, e com elle foi valioso collaborador do nomeado jornal *L'avenir (o porvir ou o futuro)*, depois separou-se das doutrinas e frequencia d'aquelle, e declarou-se zeloso catholico romano, completamente obediente á auctoridade pontificia, começando este apartamento na viagem que ambos fizeram a Roma em companhia do conde de Montalembert, a qual foi motivada pelas opiniões emittidas no citado jornal. Não obstante isto mr. Lacordaire tem sido maltratado por alguns apologistas religiosos, de nimio zelo, como Madrolle e outros, que acham nas idéas que apresenta exagerações e tendencias (dizem elles) para um espiritualismo que não casa com a forte crença da igreja de Roma; e que além d'isso pertendem encontrar na sua locução obscuridade e por ventura esmiuçamento de argucias metaphysicas.

* Conclusão de pag. 151.

ENIGMAS PITTORESCOS.

EXPLICAÇÃO DO ENIGMA DA FOLHA ANTECEDENTE.

Para todos sermos felizes é preciso primeiro pensar que o somos.



☞ *Todos os srs. assignantes que quizerem continuar, deverão renovar as suas assignaturas com brevidade, para não soffrerem interrupção no recebimento do Jornal. A correspondencia, franca de porte, será dirigida ao Editor, no escriptorio, rua da Prata n.° 7, 1.° andar.*

MABILIA, OU AMÁVEL. *

ROMANCE HISTORICO.

Dezembro de 1120—1124.

A JORNADA.

Vêdes aquella cidade antiga assentada á margem direita do Saverno? É Glocester. A salubridade do ar que alli se respira conserva aos moradores as rosas da mocidade, e a belleza parece ser privilegio das mulheres. Gaultier de Poix e Roberto de Aymon seguiam a sua jornada já a poucas milhas da cidade. A noute ía alta. A lua derramava torrentes da sua luz argentada por uma vasta planicie, desenhando no chão as figuras agigantadas dos dois cavalleiros. A brisa fresca agitava os sarçaes espessos, e as arvores seculares que bordavam o caminho; os regatos murmuravam ao longo das suas margens; e as vozes da solidão prolongavam-se como suspiros de orgão no labyrinto das florestas. O rincho repetido dos cavallos veio despertar seus donos do scismar em que os enlevavam a magnificencia daquella scena nocturna, e as preoccupações proprias. Não era que o olfato denunciasse aos dois animaes a proximidade de alguma féra, erradia por alli áquellas horas escusas: de lobos não havia receio: tinham sido exterminados de toda a Inglaterra pelo rei Edgar desde o anno 966. Era simplesmente que os dois cavallos tinham avistado outros; e, desinquietos, sem embargo de bastantes sofreadas, tendiam, invencivelmente, para aquelle pólo sympathico.

Os cavalleiros cederam mais á fadiga da jornada e á fadiga do pensamento, que á reluctancia de *Durham* e *Durwell*, nomes dos dois irracionaes, deixando-se conduzir por estes ao pé de uma choupana. Mas apenas descobriram que a comitiva do joven Roberto se tinha alli apeado, saltaram a terra em um momento, levaram, como por instincto, a mão ás armas, e retrocederam precipitadamente bastantes passos desviando-se daquelle caminho. Era que a noute lhes dobrava as aprehensões, nascidas, naturalmente, da sua situação e dos seus projectos.

D'ahi a pouco voltava o guia com as duas cavalgaduras a communicar-lhes que a comitiva já tinha partido. Continuaram então, mais desassombrados, a sua jornada; e Roberto de Aymon para se distrahir, foi puxando pela lingua ao conductor, famoso genealogista das raças cavallinas da ilha, que desenrolou perante elles a linhagem das duas racas com o escrupulo minucioso de um archeologo, e a mesma gravidade imperturbavel com que um charlatão de feira descreve as virtudes dos seus especificos ao povo embasbacado.

Gaultier de Poix não attendia á conversação do guia, e sem comprehender o motivo, pensava em Mabilia. Afigurava-se-lhe a donzella de um talhe esbelto e flexivel como a haste de um lyrio branco; os cabellos louros ondeavam-lhe em tranças sobre o côllo de cysne; o rosto perfilava-se em uma oval perfeita; as faces eram um matiz de rosas e de alfenas; os olhos azues como o azul do firmamento, mysteriosos e melancolicos; a bocca era um paraiso, e as palavras meigas e suaves como as da virgem do primeiro amor. Trazia desalçada uma das luvas, e Gaultier beijava-lhe a mão, e Mabilia não se agastava. Todos estes pensamentos impediam o mancebo de reparar no caminho que seguia, na situação em que se achava. A sua alma parecia estar ausente de si mesma. Ia outra vez beijar a mão nivea da donzella, e beijava, na realidade, com toda a ternura que se póde imaginar, o pescoço do cavallo!

Deixaremos os dois cavalleiros, e acompanharemos a Glocester o joven Roberto.

A MULHER AMBICIOSA.

«E será preciso muito para que Henrique, o maldito, empregue a sua affeição no bastardo desprezado — diziam uma para a outra dando volta ao fuso, duas creadas inglezas que faziam serão, fiando a sua tarefa de linho n'um quarto do palacio de Roberto de Aymon, em Glocester. Alludiam aos amores do joven Roberto com Mabilia, e enumeravam as difficuldades que encontraria o consorcio dos dois, tanto por parte de el-rei como do pae de Mabilia. As creadas apesar de estarem sosinhas, e de fallarem em saxonio que era a sua lingua, completamente inintelligivel para os normandos, conversavam quasi em segredo, e não julgando por bastante esta cautela, de vez em quando voltavam com receio a cabeça para vêr se alguem as escutava.

«Que dizes a isto, Edithe?» perguntavam ellas para outra creada da mesma nação, que alli se achava, e que tendo ricas mãos de bordar, estava de feito, bordando á agulha em fio de ouro; habilidade muito presada das mulheres saxonias.

Edithe sorria sem responder, e continuava a bordar.

«Olhem lá! — diziam as outras — olhem lá, como se calla! Não fôra ella a confidente, a menina dos olhos da senhora Mabilia....»

As creadas davam a Edithe em tom ironico este remoque, quando se ouviu o som, ainda distante, de uma bosina, e o latido de cães. A este som Edithe largou o bordado, e sahiu a toda a pressa do quarto em que fazia serão com as companheiras.

Deixa-las-hemos proseguir em seus mexericos, e juizos temerarios, e seguiremos os passos a Edithe.

Edithe acudia ao som da bosina, som que, por um repique particular conhecido della só, annunciava a chegada do amante de Mabilia, aquelle mesmo Roberto, bastardo de el-rei que os dois viajantes encontraram na estrada, e era assumpto da conversação das outras creadas. A confidente zelosa ía guiar o mancebo ao aposento de Mabilia. Depois de o introduzir, retirou-se com aquella louvavel descripção, tão agradecida dos amantes como motejada dos profanos.

«Roberto, quem te trouxe aqui?

«Saudades.

«Os teus sentimentos, Roberto, são bem aceitos ao meu coração; mas......

«Não és sincera, Mabilia.

«Roberto! Que prova queres que te eu dê?

«Que não dilates mais....

«Bem sabes que preciso do consentimento de meu pae: não desejo offende-lo. É meu pae....

«Teu pae que é vassallo duvidará ser sogro do filho do rei?

«Por certo não duvidará. Mas o rei ainda não reconheceu a Roberto por seu filho.

«E quem é Roberto de Aymon para que sua filha ponha tão alta a mira do orgulho?» (replicou o mancebo um tanto resentido).

«É conde, é senhor de tres villas poderosas: ganhou-as no valle de Glamorgan, á frente de um bando de valentes: deve o que é á sua espada, ao seu sangue, que derramou muito delle pelos campos de batalha (lhe respondeu Mabilia, ainda mais despeitada).

«Mabilia! (tornou-lhe o mancebo em tom melancolico), porque havemos nós de envenenar os breves momentos que nos é dado, estar juntos? porque ha de sempre a tua ambição insaciavel vir-se entrepôr no meio da nossa affeição? Mulher! Tu não amas a Roberto; amas o filho do rei.

«Que mal me conheces, Roberto! Amo, e tanto que quero vêr engrandecido o homem do meu coração.

«Nem te cinge os hombros o manto de cavalleiro, nem te ennobrece a fronte a corôa de barão ou de conde como eu quizera. Quizera mais; quizera vêr-te sentado n'um throno! Roberto, Roberto! é esta a minha ambição, e a minha ambição confunde-se com o meu amor. Gira-te nas veias o sangue real; mas ainda que fôras filho de pobre servo saxonio, nenhum outro homem te preferira. Não Roberto! Este voto que aqui fórmo, o ceo mo tem escutado muitas vezes. Muitas vezes a esta hora, a esta mesma janella, á luz deste astro da noute que vai passando no firmamento, aos murmurios do Saverno que alli em baixo está correndo, a minha alma anciosa do futuro tem voado para ti....» Um raio da lua alumiava o rosto desta mulher encantadora: os seus olhos fitos no joven Roberto, pareciam exprimir a paixão mais viva e mais sincera. Arrebatado de tanta formosura, inebriado da felicidade que lhe promettiam aquellas palavras ardentes, aquelle gesto apaixonado, possuido como de um delirio, Roberto apoderou-se-lhe da mão, ajoelhou-lhe aos pés, conjurou-a com as expressões mais ternas que não resistisse por mais tempo aos votos delle.

Mabilia parecia rendida: parecia que o amor tinha, em fim, triunfado daquella mulher altiva.

Não era assim.

Os seus olhos não exprimiam o socego languido, precursor do rendimento: os seus labios arqueavam-se imperceptivelmente para um sorriso: era um sorriso de orgulho por vêr prostrada ante si aquella victima. Mabilia ía para fallar; mas a voz suspendeu-se-lhe ao ouvir o som da bosina indicativo de alguem que demandava o castello. A bosina tornou a tocar, e agora de modo que bem se entendia ser o senhor da mansão. Os vigias bradaram; as portas de ferro rangeram sobre os gonzos; as vozes e estrepito de passos annunciaram que já tinha entrado no castello; e uma aldravada á porta do quarto de Mabilia significava o afan da pessoa que batia.

«Roberto, levanta-te: é tempo de nos separarmos.»

O mancebo, todo embebido no seu extase, não ouvia.

Segunda aldravada, e depois um empurrão a que hoje resistiriam poucas portas: mas as portas do seculo 13.° não cediam facilmente.

Quando o mancebo despertou, e ao momento da despedida, Mabilia deu-lhe um lenço bordado a ouro com uma corôa no meio, que se não distinguia bem se era de conde ou de rei, como para recordar-lhe qual era o preço da mão da donzella. Roberto deu a Mabilia um ramo de perpetuas, como para supplicar-lhe que fôsse sempre fiel ao culto do seu amor.

Quando Roberto de Aymon entrou no quarto de sua filha, o mancebo ía a meio caminho do subterraneo, que começava junto ao quarto de Mabilia, e sahia a alguns passos de distancia do castello.

ADELINA, A FEITICEIRA.

Logo que Gaultier de Poix viu a extremada belleza de Mabilia, e que os desenhos da fantasia eram um esboço pallido de tão perfeito original, sentiu coar pelas veias o veneno secreto do amor; esqueceram-lhe os antigos projectos; extinguiu-se-lhe o ardor da vingança; a frecha adoptiva de Guilherme de Breteuil perdeu a virtude, que tinha até alli, de o pungir com lembranças do passado; e, agora, o que elle mais anciava era

* Conclusão de pag. 150.

inspirar a Roberto de Aymon as disposições pacificas que reinavam na sua alma. Roberto de Aymon acabava de receber uma carta de el-rei, lisongeira de expressões, e, ainda mais lisongeira, por mercês e honras que lhe concedia. A ambição satisfeita com a carta tinha obrado no animo de Roberto de Aymon o mesmo milagre, que os olhos de Mabilia obraram no coração de Gaultier.

Gaultier mudou de proposito, mas não mudou de fortuna. Tão infeliz nos amores como na vida politica, passaram os dias e os mezes sem adiantar um passo na affeição de Mabilia. Quantas vezes lhe não lembrou como um presagio funesto o grito mysterioso, soltado na floresta de Barkmstead! Quantas vezes passeando inconsolavel pelas margens do Saverno, não esteve a ponto de precipitar-se nas suas aguas! Quantas vezes contemplando a frecha vingadora com que, havia pouco, jurára varar o peito ao rei de Inglaterra, não esteve quasi a vira-la contra o seu proprio! Mas nestas crises de desesperação parecia que uma força mysteriosa vinha sempre mediar entre elle e o seu fado.

Um dia que tinha ido sentar-se em uma gruta do monte que estava sobranceiro ao rio: «Gaultier! pobre Gaultier!» gritou muito perto delle uma voz feminina com accento compadecido. Gaultier ergueu a cabeça, e viu á entrada da gruta a figura de uma mulher: os olhos ainda turvos de lagrimas não lhe deixavam discriminar as feições daquella visitadora inesperada; mas ao passo que ella vinha chegando, e ao sentar-se junto delle, pôde Gaultier vêr a mais formosa mulher que é dado imaginar.

Ainda elle se não tinha recobrado do espanto em que o puzera aquella apparição inopinada, quando a desconhecida lhe disse: «Gauthier! pobre Gaultier! Que esperas tu de Mabilia? Se te ornára uma corôa de rei ou de conde, os teus votos teriam sido acceitos. Mas assim são votos que o vento arroja. Murchas a flôr da vida, perdes o esmalte da mocidade, e caminhas para o sepulchro! Gaultier! Gaultier! Mancebo interessante porque não empregas o teu amor em quem melhor to compense?» E, dizendo isto, ameigava-se, enternecia-se-lhe a voz.» Se tu quizesses, se essa paixão louca e sem esperanças te desamparasse, poderias ser tão feliz!» E, ao proferir estas palavras, apertava-lhe a mão com um ardor convulsivo, ennevoavam-se-lhe os olhos de uma doce languidez, arrastava apressadamente Gaultier attonito, insensivel para o interior da gruta.

A mulher tinha emmudecido; mas caminhava sempre. Gaulthier sempre no mesmo estado de entorpecimento deixava-se levar. Paravam algumas vezes, ella empregando sempre as mesmas seducções, elle a mesma frieza. Desenganada, correu então desatinadamente com a sua victima pelo chão da gruta que agora começava a aclarar-se mais. Viam-se stalactites meio-transparentes nas fendas da gruta; avistava-se o panorama de uma parte dos campos, e no fim dos campos o Saverno.

Sahiram em fim da gruta. O ar da montanha reanimou um tanto o espirito abatido do mancebo, que pareceu acordar de um sonho, de uma allucinação inexplicavel. «Mancebo! — lhe disse então a desconhecida — esqueceste que eras homem na presença de uma mulher. Agora guerreiro, lembra-te da tua espada. Vês alli o valle de Glamorgan — e apontou-lhe para um ponto escuro do horisonte — os gallezes avançam contra os dominios do teu amigo Roberto de Aymon. Vae; vence; cobre-te de louros; volta: talvez que Mabilia então não seja insensivel, e que a gloria se torne propicia ao teu amor!»

E, dizendo assim, assomava-lhe aos labios um sorriso sinistro, pouco compativel com tantas seducções de formosura.

E accrescentava logo: «O teu amigo Guilherme de Breteuil....»

«Que sabes tu delle? — interrompeu Gaultier com alguma anciedade.»

«Uma denuncia lhe arrancou a mascara de saxonio que o cobria; assassinaram-no os homens da floresta que elle capitaneava.»

Quando Gaultier sem poder crêr o que ouvia, ía perguntar-lhe donde lhe viera esta nova infausta, em lugar da mulher formosa viu uma velha horrivel, que dando uma gargalhada infernal: *hi! hi! hi! hi! hi!* — desappareceu como se a terra a tragára. Era Adelina, a feiticeira. Gaultier desceu então com passos incertos, cheio de melancolia, para a planicie: e apenas chegou á planicie, avistou Roberto de Aymon que vinha para elle, dizendo: «Gaultier, os gallezes invadem as minhas terras; vamos cantar-lhes a missa das lanças.»

No outro dia partiram; e uma semana depois jaziam sepultados no mesmo tumulo os dous amigos; um com as lembranças do seu amor desaventurado, e outro com os trofeos — agora convertidos em ciprestes — que tinha alcançado nas suas primeiras campanhas, naquelle mesmo valle de Glamorgan, cuja terra cobria agora os seus despojos mortaes.

Mabilia chorou lagrimas amargas, pela morte de seu pae, e algumas sagrou, tambem, á memoria de Gaultier. Não havia agora para ella amante mais rendido, mais submisso, mais delicado, mais constante do que Gaultier tinha sido. Roberto, o filho de el-rei, que lhe ouvia a ella o elogio do fallecido, concebeu ciumes, parecendo-lhe que o mesquinho fôra mais ditoso em vida do que na realidade o tinha sido, e que a saudade de Mabilia não nascêra no tumulo de Gaultier, nem brotára da vaidade mulheril.

O CASAMENTO.

Henrique que tinha visto desfazer em fim a conspiração contra elle armada; que conservava preso em uma masmorra a seu irmão o duque Guilherme de Normandia, verdadeiro proprietario do throno de Inglaterra; que tinha levado ao cabo as suas vinganças, e contemplava jazendo-lhe aos pés os seus maiores inimigos, nem por isso podia apagar da lembrança o desastre de Ras de Catte. Passava do seu palacio da primavera, que era a cidadella real de Winchester para o seu palacio do estio, que era a torre de Londres, ou o mosteiro de Westminster; e do seu palacio do estio para o seu palacio de iuverno que era a cidadella de Glocester. Mas em parte nenhuma encontrava lenitivo á sua dor.

Este homem astucioso e cruel, que andou sempre em divorcio com a virtude, possuia uma em gráo eminente — o amor paterno. Por esta porta que a natureza lhe abrira, como em compensação providencial de tantos crimes tinham entrada áquella alma de ferro as inspirações sympathicas, os sentimentos affectuosos, e todos esses sentimentos se empregavam agora, com a maior intensidade, na pessoa do joven Roberto, seu filho bastardo. Sabendo da morte de Roberto de Aymon, e da consideravel herança que tocava a Mabilia, sua filha, lembrou-se de que a mão da herdeira seria um bom partido para o joven Roberto, e achando-se em Glocester, no seu palacio de inverno, resolveu-se a vencer a resistencia, já antiga, da donzella.

Ter dois nomes, ou um só não era coisa indifferente em Inglaterra no seculo 13, e ainda muitos seculos depois. Com um só nome arriscava-se qualquer a passar por saxonio: era um ferrete de vencido, de servo, e de proscripto. Dois nomes denotavam ou boa linhagem, ou a posse de uma terra ou o exercicio de um emprego; sinaes com que a raça normanda se estremava em Inglaterra da raça vencida.

A vaidade mulheril e a previdencia de Mabilia não lhe consentiam desposar-se com um homem desornado de um titulo, que não era frivolo, porque a falta d'elle equivalia a uma afronta; que não era nullo, porque significava que o dono desfructava bens e gosos sociaes. Achando-se agora rosto a rosto com o rei — porque este foi procura-la — vendo-se sollicitada por elle, sollicitada pela ambição propria, resolveu aproveitar-se da conjunctura, dictar condições e não annuir ao desejo de Henrique, sem que este lhas acceitasse.

«Sei, senhor, disse-lhe a joven normanda — que os vossos olhos se fitaram em mim, muito menos por mim propria, que pela minha herança; mas tendo eu tão bella herança, não seria grande desdoiro desposar-me com um marido que não tivesse dois nomes? Em vida, meu pae chamava-se *sire* Roberto, filho de Aymon: não quero ser senão de um homem, cujo nome mostre, tambem, qual é a sua linhagem.

«Bem fallado, donzella, — rsepondeu-lhe o rei Henrique — sire Roberto filho de Aymon era o nome de teu pae, sire Roberto, *filho de rei*, será o nome de teu marido.

«Convenho que é um bello nome para honra-lo em quanto elle viver; mas depois de fallecido como se hão de chamar os seus filhos, e os filhos dos seus filhos?»

O Rei que percebeu o alcance d'esta pergunta, respondeu immediatamente:

«Donzella, teu marido terá um nome sem opprobrio: ha de chamar-se Roberto de Glocester, porque é nossa vontade que elle seja conde de Glocester, elle, e todos os que d'elle vierem.

«Agrada-me isso, senhor, e por esta forma tudo o que é meu, é d'elle.»

O rei estendeu-lhe a mão, e a donzella beijou-lha de joelhos, agradecendo-lhe a mercê.

Depois levantou-se, e o monarcha deu-lhe um beijo na face, sellando assim o contracto. Despediu-se então della, chamando-lhe filha, e ella chamou-lhe pae.

Henrique, antes de celebrar-se o matrimonio, quiz armar cavalleiro a seu filho. Foi o padrinho deste sacramento militar, e fez á sua custa a ceremonia da recepção do iniciando. Depois do banho, onde segundo o estylo, se mergulhou o cavalleiro noviço, Henrique deu a Roberto, como a seu filho em armas, um cavallo hespanhol, uma cóta e bragas de malha á prova de lança e frecha, esporas de ouro, um escudo ornado com figuras de leões de ouro, um elmo enriquecido de pedraria, uma lança de freixo com a ponta de ferro de Poitiers, e uma espada, cuja folha era de tempera tão perfeita que passava por ser obra de Waland, o artista fabuloso das velhas tradições do norte.

As nupcias celebraram-se no anno de 1124. As festas duraram tres semanas continuas, e em todos os dias que ellas duraram, correram as ruas de Glocester arautos vestidos em rica libré, deitando ás bocas das encrusilhadas este bando estravagante: «Da parte de «el-rei Henrique: que nenhum homem dos presentes, «habitante ou estrangeiro, rico ou pobre, nobre ou «villão, seja ousado a esquivar-se aos regosijos e fes«tas reaes, porque todo que não tomar parte nelles, será culpado de offensão para com seu senhor, el-rei.»

Houve justas e torneios mui lustrosos, e das divisas que appareceram, a mais singular de todas foi uma que dizia: *Rainha talvez que não!* Mabilia viu a divisa, e empallideceu. Era quasi um sarcasmo ás suas pretenções ambiciosas, lançado alli no meio daquelle campo.

O cavalleiro que trazia aquella tenção de máo agouro para a noiva, e que venceu no combate a todos os adversarios que a sorte lhe deparou naquelles dias, era o profeta do futuro, e do seu destino proprio. Era Estevão de Blois, sobrinho de Henrique, e depois, successor de seu tio no throno de Inglaterra.

A. DE O. MARRECA.

Satisfazendo, em parte, a justa exigencia de muitos dos Srs. assignantes deste primeiro volume, que pediram a conclusão do romance — Mabilia, e da historia — Lazaro Thomé; damos sómente a do romance, em consequencia de não termos obtido do Sr. A. Herculano a que falta; e se anteriormente affirmamos a alguns dos nossos correspondentes, que o mesmo Artigo concluiria, antes de findo o mez de Março foi confiando na promessa que nos havia feito o seu author.

FIM DO VOLUME I.

Segundo Volume

A ILLUSTRAÇÃO

JORNAL UNIVERSAL.



Cada anno da publicação d'este jornal será dividido em 12 n.os mensaes, distribuidos porem ás folhas semanalmente.
Assignatura: Um anno, 1$440 r.s — Semestre, 720 r.s — Trimestre, 360 r.s — Folha avulsa 30 r.s

N.º 1 — VOL. II — ABRIL, 1846.

ESCRIPTORIO, RUA DA PRATA N.º 7 — 1.º ANDAR.

As assignaturas só se recebem no Escriptorio da Illustração. A correspondencia — *franca* — ao Redactor da Illustração. Vende-se: r. Augusta, n.º 1 — do Oiro, 115 — do Arsenal, 30 — Larga de S. Roque, 24 — da Esperança, 150 — e em Alcantara.

SUMMARIO.

LISBOA, 3 DE ABRIL.

Não fazemos prologo — falta-nos espaço para elle, e ainda nos falta mais a paciencia. Diremos só aos amadores dos enigmas, que tivemos de ceder ao pedido de muita gente, e nas seguintes folhas daremos os melhores que podermos conseguir. — É uma tolice forçada, que nos obrigam fazer todas as semanas: paciencia: vá.

Por esta occasião agradecemos a todos os nossos amigos a cooperação com que já no começo d'esta empresa se dignaram coadjuvar-nos.

ROBERTO VALENÇA.

ROMANCE.

ADVERTENCIA PRELIMINAR E UNICA

a qual se conta como os frades capuchos tinham boas orelhas de porco, mas não faziam romances, e como este é obra de um frade, e a maneira pelo qual veio á mão do editor.

Um romance todo composto e escripto por um frade capucho é uma cousa nova, inteiramente nova na republica litteraria. Não que Santo Antonio deixasse de contar entre os seus filhos muito bons doutores, bispos exemplares, e sabios, e grandes prégadores, e não conservasse até ao eclipse final das ordens religiosas cachaços muito gordos, e nas salgadeiras grandes depositos de presuntos, e de orelhas de porco; mas romancistas, que nos perdoem os filhos do padre Santo Antonio, não consta em verdade que os tivesse.

Entretanto não é menos real e positivo, que o romance que vamos publicar é obra de um frade capucho, ou antes egresso para fallarmos com mais precisão e legalidade, porque frades não os ha já no nosso Portugal senão pintados na galeria das ordens religiosas, a não serem uns taes jesuitas, que dizem, que apparecem por ahi a horas mortas, quasi como *lobis-mens, ou cousas más*, que andam sem roupeta, o que ainda é muito peior, mas que são endiabrados; bichos que ainda ninguem viu, mas que todos juram, e nós tambem, se é preciso, que estão ahi em carne e osso, e mais damnados que os antigos, que o marquez de Pombal mandou para a Italia em um barquinho por causa de certos dares e tomares, que não são da nossa conta. O que é certo é que das mãos do tal egresso passou para as nossas este romance pela maneira singela e facil que vamos contar aos nossos leitores.

Foi ó caso, que pelo verão do anno passado de 1845 indo visitar com um nosso hospede e amigo um antigo convento de benedictinos da provincia do Minho, que nos ficava proximo, e que attrahira a attenção do nosso companheiro pela côr negra das paredes, e perspectiva magestosa, que offerece para o lado de um valle a que fica sobranceiro — encontrámos já perto do mosteiro um caçador, que se dirigia para o nosso lado. Trajava quasi todo de saragoça, parecia ter de 40 a 45 annos, moreno, olhos vivos, e pretos, nariz aquilino, e na fisionomia certo cunho de intelligencia e de vivesa, que produzia não sabemos bem que especie de prevenção favoravel ao homem.

Quando nos aproximámos mais, saudámo-nos reciprocamente, e perguntámos-lhe, se nos seria facil encontrar áquellas horas, que eram tres para quatro da tarde, quem nos abrisse a igreja, e mostrasse o convento, que o nosso amigo, fanatico adorador de paredes negras e velhas, desejava examinar meudamente, analisar, commentar, etc., etc., etc., tudo para proveito das artes, e dissipação de certas duvidas ácêrca da exactidão e verdade de fr. Leão de S. Thomaz, negocio que o trazia atrapalhado, e quasi melancholico, havia muito tempo.

Meus senhores, nos respondeu o caçador, a respeito do convento é facil, porque o brazileiro, que o comprou, ou está em casa, ou tem lá creados, mas as chaves da igreja essas estão em casa do cura, que não é perto: eu moro a muito pouca distancia, se querem descançar em minha casa, mandarei buscar as chaves, e depois eu proprio lhes servirei de *cicerone*. — Nem a minha habitação, nem a minha intelligencia, e conhecimentos archeologicos, podem desdizer muito d'estes trajos; mas se fôr do seu agrado acceitar, a boa vontade supprirá alguma falta.

Apesar da contradição apparente que havia entre o trajo montanhez do homem, e a sua fisionomia, não esperavamos esta linguagem, e tanta polidez; acceitámos o convite: o homem chamou por um podengo, que o acompanhava, e que se tinha desviado a farejar quantas moitas de matto nos cercavam, e tomou por um atalho estreito, por onde em espaço mui curto nos levou a um portal de pedra tosca, resguardado por uma armação coberta de colmo, e fechado por duas portas de castanheiro pintadas de vermelhão.

O caçador correu o fecho de páu, que unia, e fechava as duas portas, abriu uma d'ellas, intimou com as vozes conhecidas a dois grandes cães de fila a obrigação de respeitar os novos hospedes, e deu-nos entrada para um largo pateo, ou antes *quinteiro* em linguagem mais propria, coberto de mato, que já em algumas partes o tempo, e o trilho dos homens, e dos animaes fizera apodrecer, e quasi reduzira a pó. — Seguimo-lo até a casa, que era um edificio pequeno todo de alvenaria, mas que indicava riqueza, e abundancia de lavrador abastado.

Subimos com elle as escadas, e entrámos em uma sala guarnecida com cadeiras de couro com chapas cujo amarello o tempo fizerá negro: dois contadores antigos de páu santo ornados em todo o plano da parte superior de lindas maçãs, e pelo soalho espigas de milho, algumas batatas, e dois saccos cheios de centeio perto de um montão do mesmo cereal, foi tudo quanto ao primeiro olhar divisámos n'aquella sala, onde tambem pertendia as honras de espelho um vidro encaixilhado em quadro ou moldura preta, no qual não era possivel vêr senão que o aço desapparecêra pouco e pouco fazendo com que fosse aquelle movel o mais inutil de toda a casa.

O nosso homem entrou, foi direito a um canto da casa, poisou a espingarda, e chamou com voz forte — Custodia, ó Custodia.

Se o leitor souber, que ao tirar do chapéu nós vimos uma corôa ecclesiastica na cabeça do nosso hospede, poderá fazer uma idéa aproximada da verdade a respeito da sr.ª Custodia: era a ama, ou creada principal senão unica da casa, sem tirar nem pôr como são todas as outras, só com uma differença muito favoravel á boa reputação de seu amo, e era que a sr.ª Custodia representava ter pelo menos os seus 55 annos.

Custodia, lhe disse o padre, apenas ella appareceu á porta da sala; traga-nos alguma cousa que se coma, e vá tirar vinho á adega para vir fresco, porque tanto eu, como estes senhores estâmos cheios de calma, e cá pela minha parte o exercicio da caça abriu-me a vontade de comer, e mande o José a casa do cura pedir-lhe as chaves da igreja.

Ora o nosso caçador podia tambem sem receio de mentir affirmar, que o appetite dos seus hospedes não era inferior ao seu: razão pela qual não impugnámos a idéa d'esta collação ou em fraze provinciana merenda, que a sr.ª Custodia nos ia preparar.

Pois meus senhores, continuou o padre, voltando-se para nós, dou parabens á minha fortuna pelos ter encontrado: é tão raro vêr gente civilisada por estes matos, que se por acaso alguem extraviado ou curioso se lembra de penetrar aqui, é um dia de festa para mim se posso sahir-lhe ao encontro, e trazê-lo para esta casa ainda que seja por pouco tempo.

Isso é natural, lhe respondemos, em quem de certo não foi educado á sombra d'estes castanheiros, nem talvez destinado para passar a vida n'este retiro. Aqui deve passar uma vida tristissima.

Pois não é tanto assim: supposto que ainda não tenha 46 annos, já vivi bastante nas cidades, e já participei dos seus encantos, e semsaborias, quanto me bastou para acreditar no *Beatus ille, qui procul a negotiis* do velho Horacio; n'este retiro consummo o tempo na inspecção da cultura dos meus campos, nas minhas obrigações de christão, e de sacerdote, e na caça, a que sou mais inclinado pela necessidade do exercicio para o corpo do que por vicio, ou golodice.

Mas parece-nos, que os livros, que d'aqui vejo n'aquelle quarto não ficarão ociosos, e que algum tempo haverá, que lhes seja consagrado.

Já os folheei muito, mas agora para lhe fallar a verdade até d'isso me cancei, e a não ser um ou dois

pelos quaes sempre tive decidida affeição, os outros vivem em tamanha solidão como eu proprio.

Dizendo isto dirigiu-se para o quarto convidandonos a acompanha-lo. — Em um lançar de olhos examinámos a pequena estante, que sustentava os livros do reverendo. Gilbert, e outras obras theologicas e moraes, algumas chronicas portuguezas, e classicos latinos, foi tudo quanto vimos, e em uma mesa perto do leito os apologos dialogaes de Francisco Manuel, Tacito, Camões, Horacio, a imitação de Christo, um breviario, e as cem empresas politicas de Diogo Saavedra Fajardo.

Quem vive n'este retiro, disse o nosso companheiro folheando o livro dos apologos, e em companhia d'estes livros deve pensar muito, e naturalmente reduzir a escripto as suas cogitações.

Já o fiz uma vez, mas foi por necessidade. Chamado a ouvir de confissão um desgraçado, prometti-lhe cumprir quanto elle me pedisse para que a sua alma fizesse mais tranquillamente a sua passagem d'este mundo: contou-me toda a sua vida, e pediu-me que a reduzisse a escripto, e que a publicasse para perpetuo exemplo dos que como elle caminhassem á perdição. Cumpri religiosamente a primeira parte da promessa, mas a segunda exige despezas, e sacrificios, que eu não posso fazer; não recebo prestação porque a dei a uma sobrinha que tenho pobresinha; e vivo do producto d'estes campos, que foram de meus paes, e que por morte de meu irmão me tocaram por disposição testamentaria, mas isto apenas dá para comer: se encontrasse alguem que se incumbisse da publicação, de boa vontade lhe entregaria o manuscripto, mas quem quererá publicar um romance escripto por um frade capucho?

Qualquer de nós, lhe respondêmos ambos, quasi simultaneamente.

Pois meus senhores, se os não assusta a minha qualidade de egresso, ahi lhes entrego o manuscripto.

N'este instante chamou-nos a sr.ª Custodia, e voltámos á sala a tomar a refeição promettida; depois fomos vêr o mosteiro, e a igreja, fallámos mais largamente com o frade a respeito do manuscripto, e combinado o meio de lhe escrevermos quando occorresse qualquer duvida ácêrca da leitura ou intelligencia de algum periodo deixámo-lo não sem promessa de voltarmos a vê-lo mais tarde.

Dizia o frontespicio da obra:

Historia verdadeira e singela da vida e feitos admiraveis do muito insigne e astucioso Roberto Valença, desde o seu nascimento até á sua morte: obra que para exemplo dos contemporaneos

escreveu

Fr. Abilio Affonso Themudo de Vargas, ex-frade franciscano, que lhe assistiu na sua ultima hora.

O titulo excitou-nos curiosidade, e pela leitura da obra pareceu-nos merecia publicar-se.

Com quanto seja obra de frade, é de um frade que havia pouco entrára a pisar os santos ladrilhos, quando a revolução de 1834 os poz a todos no meio da rua: isso faz com que haja em toda a obra certo sabor profano, que parece não estar em analogia com a profissão do auctor. Depois o nosso companheiro, quando a leu, cortou aqui, accrescentou acolá, e até fallou de cousas, que nem o pobre do frade saberá que existem, em fim o leitor lerá tudo, e se tiver empenho n'isso separará como lhe parecer esses remendos para poder dar ao frade o que é do frade, e ao secular o que é do secular. A.

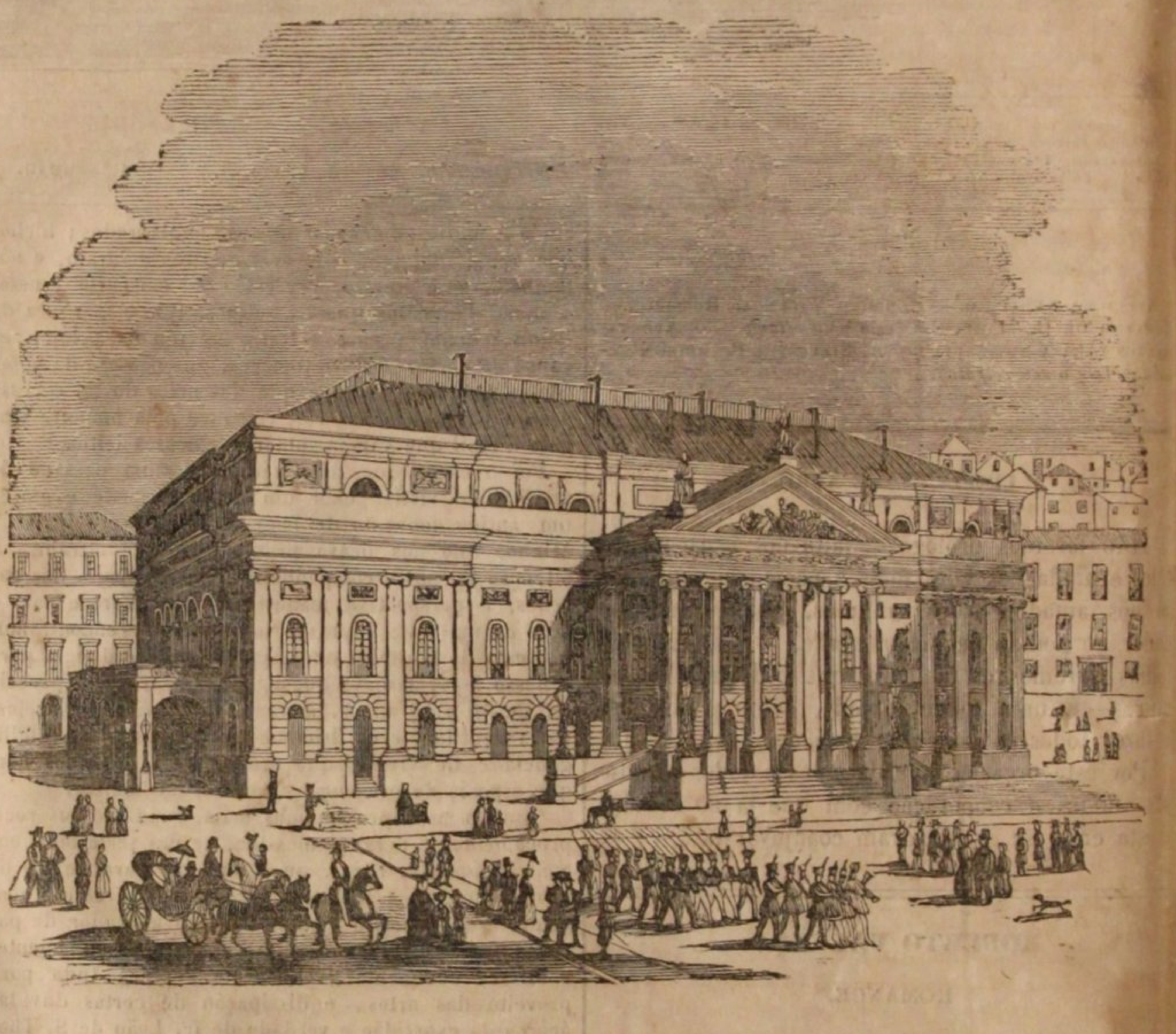
THEATRO DE D. MARIA 2.ª

A arte dramatica carecia muito entre nós, e principalmente na côrte, de uma casa decente em que habitasse. Depois de a terem restituido aos seus antigos fôros de senhora, e de lhe darem casa, e estado, como d'antes se dizia, deixa-la continuar a viver nas duas classicas capoeiras da rua dos condes, e do salitre, e quererem que alli a fossem todos cumprimentar ainda mesmo com o perigo de estragar o chapéu por falta de altura nos tectos, e de sujar o fato de cal n'aquelles estreitos, e nojentissimos corredores, eram exigencias injustas, e contradicções, que cumpria remediar.

E com effeito remediaram-se. Ahi está feito, e acabado o theatro de D. Maria 2.ª na formosa praça de D. Pedro, d'esta capital, e já não está longe o dia de começarem alli as representações dos actores nacionaes, que para esse fim se designaram. No nosso estado de pobreza construir tamanho edificio, e adereça-lo tão ricamente parecerá menos acertado a algumas pessoas, porém devem considerar, que a respeito de economia são mui diversos os principios pelos quaes se rege, e administra a fortuna publica, e a dos particulares, e o que muitas vezes seria rematada loucura n'estes, póde ser um beneficio em relação áquella.

A historia da sua fundação é limitada. A idéa primitiva foi do sr. Joaquim Larcher quando em 1836 era governador civil de Lisboa, e o governo encarregou ao sr. Garrett a organisação do plano: d'aqui nasceu o real conservatorio, cuja instituição, se quizessem, poderia ter sido ainda mais util. Até os fins de 1838 pouco ou nada se fez, e desde então tambem pouco até 6 de novembro de 1840 em que se promulgou a lei que especificadamente determinou o modo da sua fundação. O sr. Larcher, que por esses tempos substituiu o sr. Garrett na inspecção geral dos theatros, contribuiu quanto póde para adiantar a obra que com effeito se principiou em 7 de julho de 1842 no local onde antigamente existia o edificio da inquisição, e terminou no anno proximo passado, devendo dizer-se, que o sr. ministro do reino cooperou efficazmente para o seu adiantamento, e conclusão.

A superficie da área total do theatro é pouco mais ou menos de 36:300 palmos craveiros. Na estampa, que apresentâmos, vê-se o vestibulo principal ornado com seis bellas columnas da ordem



jonica de $14\frac{1}{2}$ palmos de diametro, e 40 de altura. O que dá para a praça de Camões, e que tambem se vê na estampa, serve de entrada geral, e tem 14 palmos de largura e $77\frac{1}{2}$ de cumprimento, correspondendo-lhe outro exactamente similhante para o lado de S. Domingos. Como os incendios são uma das principaes catastrofes, a que estes edificios estão sujeitos, construiram-se dois poços cuja agua não desce na quadra mais calmosa a menos de 14 palmos, e dois reservatorios com tanques sufficientes para receber de 80 a 100 pipas de agua.

O exterior do edificio é magnifico: tem alguns defeitos, e com pouca difficuldade poderiam ter-se corrigido alguns de máu gosto, que se lhe notam, entretanto se ha alguma cousa póde ser applicavel o *ubi plura nitent in carmine etc.*, e seguramente a esta obra. A respeito da boa disposição interior, aceio, e riqueza, fallaremos especialmente em outro artigo.

Na edificação d'este theatro houve uma cousa singular, e foi que, sendo a idéa tão portugueza, a execução d'ella foi quasi toda confiada a estrangeiros, muito entendedores é verdade, muito primorosos no bem acabado de quanto fazem, mas no fim de tudo estrangeiros. — Custa-nos, que assim acontecesse, se bem que não sabemos se este nosso sentimento de brio, e amor nacional teria de curvar-se perante a imperiosa necessidade de aproveitar o serviço dos estrangeiros, ou ainda desapparecer perante a consideração não menos nobre, e elevada de que não ha estrangeiros no reino das artes, e das sciencias.

A importantissima questão — *se o theatro já se abriu, ou se aquillo foi a fingir, e agora é que hade ser de veras* — não podêmos trata-la: faltanos tempo, espaço no jornal, e habilitações.

APONTAMENTOS PARA A BIOGRAFIA DO SR. SILVESTRE PINHEIRO FERREIRA.

O sr. Silvestre Pinheiro Ferreira nasceu na cidade de Lisboa em 31 de dezembro de 1769. Qual fosse a jerarchia social dos seus progenitores importa pouco conhecer, quando tamanho é o cabedal de virtudes proprias, que o illustra, e quando temos diante de nós quasi 77 annos de assignalados, e nunca interrompidos serviços, á sua patria, e ás letras, e civilisação de todo o mundo.

Aos quatorze annos de idade entrou o sr. Silvestre Pinheiro para a congregação do oratorio, que então florescia com varões eruditos, e virtuosos, destinado a seguir o estado ecclesiastico. Os padres mais graves

d'aquella casa foram desde logo os seus principaes amigos, e entre elles o padre Foyos, principal director dos seus primeiros estudos filosoficos; e sobre qualidades naturaes tão excellentes assentou a boa educação alli recebida, e o trato com aquelles padres tão cultivadores das sciencias, que logo desde os primeiros annos appareceram dois testemunhos valiosos do seu talento, estudo, e aproveitamento.

Daremos mais circumstanciada noticia d'elles quando fallarmos dos seus escriptos; por agora basta saber-se, que um d'elles lhe mereceu o singular apreço em que começou a tê-lo o principal Castro, reitor da universidade de Coimbra, e tambem o desagrado de alguns dos seus collegas demasiadamente zelosos da reputação litteraria do seu padre Theodoro de Almeida, a quem o sr. Silvestre Pinheiro ousára fazer alguns reparos.

Ou porque este successo o desgostasse, ou porque não conhecesse em si vocação para o estado ecclesiastico, e os padres recusassem consentir, que permanecesse entre elles como minorista entregue unicamente aos seus trabalhos litterarios, o sr. Silvestre Pinheiro abandonou a congregação do oratorio, e dedicou-se ao magisterio dando lições publicas em Lisboa em 1792.

Pouco tempo depois alcançou em concurso a substituição da cadeira de logica no collegio das artes de Coimbra, e no cumprimento das novas obrigações, que contrahia, houve-se como podia esperar-se do seu esmero, e applicação aos estudos filosoficos, supprindo a deficiencia, e incorrecção do velho Genuense com as idéas mais modernas dos melhores escriptores francezes, e inglezes. Entretanto este ponderoso serviço feito ás nossas letras excitou odios, e inimisades de invejosos, que o alcunharam de jacobino, espirito forte, e até de conspirador.

Circumscripto por necessidade e vocação ao retiro da vida estudiosa não podia o sr. Silvestre Pinheiro nem se quer suspeitar o trama, que d'este seu aperfeiçoamento litterario viria a urdir-se não para perdê-o, como talvez poderam crer os inventores, mas para dar-lhe occasião a resplandecer com maior brilho dentro e fóra de Portugal.

Tinham vindo por esse tempo a Coimbra commissarios de algumas sociedades secretas a procurar adeptos entre os estudantes, e mestres mais distinctos, e como é bem de crer não deixou de ser logo convidado a alistar-se no seu gremio o sr. Silvestre Pinheiro. O seu respeito ás leis, que prohibiam essas sociedades, foi o fundamento da sua recusa, não lhe consentindo o seu espirito de justiça, e de moralidade, violar as leis da sua patria, embora os mesmos sentimentos de rectidão lhe deixassem vêr com clareza a pouca verdade das accusações exaggeradas, que se faziam a taes associações.

Não lhe valeu porém a reconcentração domestica a que se votára, e estando em férias em Lisboa por meados de julho foi avisado, por um estudante de medicina, de que em Coimbra se déra rigorosa busca nos seus papeis, e que muitos dos seus amigos estavam prêsos, tendo o portador de taes novas podido escapar-se com muita difficuldade.

Achava-se tambem na côrte o seu protector e amigo o principal Castro, a quem o sr. Silvestre Pinheiro foi logo participar aquelle estranhissimo successo. Maravilhou-se o prelado de que sem seu conhecimento, como reitor que era da universidade, se procedesse por tal fórma, e aconselhando-o a que por algum tempo se acolhesse a refugio seguro, indicou-lhe a pessoa do seu secretario Assis para que por elle se communicassem.

O sr. Silvestre Pinheiro, a quem no começo da sua carreira não faltaram as injustiças, e perseguições, que são quasi infallivel apanagio da virtude, e do verdadeiro merecimento, aproveitou o conselho, e partiu para Setubal na companhia do sr. Annes de Carvalho, de cuja amizade ia receber os mais estremados testemunhos. Demoraram-se, e por espaço de tres semanas não vieram os promettidos avisos do prelado, começou de espalhar-se o boato de uma prisão importante, que a auctoridade policial recem-chegada de Lisboa vinha incumbida de fazer.

Havia no porto um navio hollandez prompto a levantar ferro, e o consul d'aquella nação offerecia-se a facilitar a evasão sem passaporte: o sr. Annes de Carvalho persuadiu o sr. Silvestre Pinheiro a que aproveitasse a occasião, e facilitou-lhe briosamente os meios para o executar; com effeito em 31 de julho de 1797 deixava o digno professor a sua patria com intento de passar a França; porém quiz a providencia, que o navio aportasse a Dower, e prohibindo o governo inglez aos passageiros sahirem para Calais, teve o sr. Silvestre Pinheiro de ir para Londres onde illustres portuguezes, e entre elles o nosso respeitavel varão José Corrêa da Serra, lhe prestaram valiosos serviços, e todos os auxilios necessarios para passar a Hollanda.



Era então nosso ministro alli Antonio de Araujo e Azevedo, depois conde da Barca, cavalheiro muito dado aos bons estudos, e constante protector dos cultivadores das letras, porém nesse tempo estava em Paris tratando de negocios importantes do estado: todavia o acolhimento, e estima, que já então era devida ao merecimento do sr. Silvestre Pinheiro, só a sua patria poderia negar-lh'o por desgraçado habito de fereza para com os seus melhores. O interprete da nossa legação prestou-lhe na sua chegada a Hollanda valiosos serviços. Mr. Noel, ministro francez na Haia, e amigo de Antonio de Araujo, deu ao nosso exilado cartas de recommendação para Paris, e os meios necessarios para a jornada, de que mais tarde delicada, e generosamente recusou acceitar a restituição.

Nos fins de setembro de 1797 pouco depois do 18 fructidor já o sr. Silvestre Pinheiro estava em Paris, onde encontrára em Antonio de Araujo o que um homem como elle podia, e devia esperar d'aquelle amavel cavalheiro. O primeiro cuidado do sr. Silvestre Pinheiro foi o cumprimento dos deveres sagrados de subdito portuguez, e de homem honrado: escreveu de Paris ao nosso governo narrando os successos que alli o tinham trazido, e pedindo ser julgado legalmente para sujeitar-se ao castigo em que segundo as leis podesse ter incorrido. Antonio de Araujo acompanhou esta exposição com a efficacia de seu valimento para com o ministerio portuguez, e José de Seabra respondeu encarregando o sr. Silvestre Pinheiro das funcções de secretario da embaixada na ausencia do secretario Brito, declarando que nenhuma accusação especial existia contra elle, e que as pessoas que foram prêsas por causa igual havia muito que tinham sido postas em liberdade.

Mas esta resposta tão agradavel chegou a Paris quando Antonio d'Araujo estava prêso no *templo*, e o sr. Silvestre Pinheiro ficou outra vez como que desamparado, e entregue aos insondaveis caprichos da fortuna; bem diversamente se teriam composto talvez os differentes successos de sua vida se quando hesitava entre o famoso estabelecimento chimico de mr. Pelletier, e a expedição do Egypto, para que o convidavam, não fosse solto Antonio de Araujo, que o levou comsigo para Hollanda na qualidade de secretario de legação.

Alli conjunctamente com o mui conhecido morgado de Mattheus trabalharam ambos durante o verão de 1798 em uma obra cujo fim era desaffrontar a nação portugueza dos ultrages com que atrozmente a tinham offendido *Carrere, no quadro de Lisboa, a segunda edição da obra de Dumourier a respeito de Portugal, a Viagem de Murphy*, e a do pseudonimo *Marquez du Chatelet*; cuja publicação por delicadesa cortesã de Antonio de Araujo não chegou a verificar-se. Com aquelles cavalheiros fez o sr. Silvestre Pinheiro, desde o outubro de 1798 até dezembro de 1799, a viagem do norte da Allemanha, demorando-se mais em Hamburgo, Berlim e Dresde, aprendendo por essa occasião a lingua allemã, e procurando adquirir grande cópia de conhecimentos botanicos.

As negociações com o governo francez eram por esse tempo a occupação mais importante da nossa diplomacia, e a posição politica de Portugal a todos os respeitos extremamente critica e melindrosa. Antonio de Araujo foi escolhido pelo duque de Lafões para ir tratar com o 1.º consul, e foi acolhido pelo monarcha com expressões que raras vezes descem do throno, porém infelizmente não tendo accesso junto de Buonaparte teve de regressar a Lisboa, onde veio encontrar o duque no desagrado, e no valimento pessoas que lhe eram pouco affeiçoadas; assim foram baldados os seus exforços para que o governo consentisse em que o sr. Silvestre Pinheiro o acompanhasse para Hollanda, para onde o mandavam voltar. Tiveram pois de separar-se os dois amigos; um para continuar a carreira dos seus serviços diplomaticos, o outro para ficar exercendo o logar de official da secretaria d'estado dos negocios estrangeiros, que lhe tinha sido conferido na sua vinda para Lisboa com Antonio d'Araujo, e que serviu até 1802.

A perspicacia do entendimento, cultivada com o trato dos homens eminentes e conspicuos, e com o uso dos negocios mais importantes, deu desde a sua entrada na carreira diplomatica uma grande importancia aos conselhos e avisos do sr. Silvestre Pinheiro, e Antonio de Araujo teve de arrepender-se de os não ter escutado a respeito de D. Lourenço de Lima, e do marquez de Nisa, quando nomeados para as embaixadas de Londres, e de S. Petersbourg. Sentimos que a estreiteza forçada d'este trabalho nos não permitta publicar as reflexões de s. ex.ª a este respeito.

Ainda que lhe sobejava merecimento para o despacho de encarregado de negocios em Berlim, para onde foi mandado em 1802, comtudo talvez n'esta nomeação, que se attribue a remuneração, e munificencia real, tivesse parte a inveja de emulos, que o desejavam affastar para longe do throno, perto do qual os cargos mais subidos lhe caberiam de direito. Durante os sete annos da sua residencia em Berlim consagrou todos os momentos que dos trabalhos officiaes

lhe ficavam livres, ao estudo da mineralogia com Karsten e Werner, applicando-se tambem á chimica, e frequentando a sociedade dos investigadores da natureza, que então contava no seu gremio os mais celebres caracteres litterarios de Berlim. Foi o sr. Silvestre Pinheiro quem em 1804 foi a Freyberg comprar para a universidade o famoso gabinete mineralogico de Polst de Oheim, que hoje existe no Brazil, muito augmentado com riquezas naturaes d'aquelle paiz.

Casado na Allemanha com uma senhora da familia de Leidholdt, vieram novos desgostos perturba-lo na carreira dos seus serviços á patria, nas suas lucubrações scientificas, e até no remanso da vida domestica. Á morte de suas filhas juntava-se a exigencia injusta do imperador dos francezes de que o ministerio portuguez o riscasse do quadro da diplomacia. Era o seu crime ter podido descobrir os planos ambiciosos de Napoleão a respeito da Peninsula, e leva-los ao conhecimento do governo portuguez.

Apesar d'isto Antonio d'Araujo aproveitou os serviços do sr. Silvestre Pinheiro encarregando-o de organisar uma companhia de espingardeiros allemães para o estabelecimento de uma fabrica de espingardas em Lisboa: infelizmente só nos fins de 1807 nas vesporas da partida da côrte para o Rio de Janeiro é que estes homens chegaram a Lisboa tornando-se pela natureza, e gravidade da occasião muito difficil o embolso dos dinheiros que o sr. Silvestre Pinheiro adiantára para a conclusão d'este negocio. Não podendo soffrer o desembolso d'estas quantias embarcou para o Rio de Janeiro a requerer o pagamento. A occasião ainda era desgraçada: apenas póde receber uma parte.

Em 1811 foi nomeado deputado da junta do commercio conservando-se-lhe o logar da secretaria: despacho, no qual ainda será possivel encontrar a mão occulta, que de dentro da sua propria repartição procurava arreda-lo d'aquelle logar aonde a emulação mais céga e pertenciosa tinha de confessar-se vencida.

Não medeou muito tempo sem que novas contingencias viessem provar seu animo justo, e severo, e a constancia da sua resignação. Os estados do Brazil eram governados por tal fórma que o governo do Rio de Janeiro chegára a carecer de pedir uma suspenção de hostilidades á republica de Buenos-Ayres! Uma convenção pouco honrosa tinha sido concluida, e assignada pelo enviado do Brazil Rademaker, e para remediar este desaire foi escolhido o sr. Silvestre Pinheiro para que sem caracter ostensivo diplomatico, e evitando reconhecer a existencia legal da republica para não irritar o governo hespanhol, alcançasse uma convenção mais vantajosa. O sr. Silvestre Pinheiro recusou nobremente o encargo de offender um collega, que obrára segundo as instrucções do governo, e não póde comprehender como sem caracter diplomatico se assignavam tratados a não ser com a espada na mão! A demissão de todos os cargos publicos, que exercia, e o degredo para a Madeira foram o castigo do seu nobre procedimento! Não póde porém executar-se tamanha injustiça, e quando já estava a bordo do navio que devia conduzi-lo ao desterro, revoga-se a ordem, fica na côrte, e volta ás funcções dos seus empregos.

Alli mesmo, e atravez d'estas contradicções não se esquecia de pagar á republica litteraria o feudo de que lhe era tributario, e a seu tempo veremos quaes foram então os fructos da sua estremada penna.

Em 1820 José Corrêa da Serra, enviado nosso nos Estados-unidos, pediu a sua exoneração, e o sr. Silvestre Pinheiro foi nomeado para o substituir. A revolução de fevereiro de 1821 ainda impediu d'esta vez, que elle deixasse a côrte onde era chamado a representar um papel importante, e perigoso, tendo-o já a benevolencia real distinguido com a commenda de Christo, e com o cargo de director da imprensa regia, e nomeado membro da commissão mixta Anglo-Lusitana para decidir as questões do trafico da escravatura.

Com a revolução de 1820 começa o mais bello traço da vida do sr. Silvestre Pinheiro; já em 1814 elle aconselhára o rei a que concedesse espontaneamente o que depois seria forçado a acceitar, senão quizesse expôr os seus estados a uma conflagração geral, e collocar o proprio throno em grave perigo. Os que o trataram então de visionario poderiam depois apreciar bem a exactidão dos seus vaticinios.

Feita a revolução, foi s. ex.ª chamado para as pastas dos estrangeiros e guerra; e por occasião das prisões de Targini, e de outros, fez quanto póde para suavisar-lhes os soffrimentos, e para restitui-los á liberdade, de cuja privação elle estava inteiramente innocente. Debalde pedia ao sr. D. João 6.º que lhe acceitasse a demissão da pasta da guerra: não lhe foi possivel obter esta graça, e não pequeno foi o trabalho que teve para conciliar o seu desejo de acertar com a estranheza dos negocios militares.

Dois negocios muito importantes occupavam então os nossos estadistas; era o primeiro a organisação da regencia, que havia ficar governando o Brazil, e o segundo o modo que devia guardar-se com as côrtes de Lisboa na occasião da chegada do rei. Negocios ambos importantissimos, e cujas variadas faces a historia examinará algum dia detidamente. Em ambos foi ouvido o sr. Silvestre Pinheiro, e em nenhum d'elles a verdade recuou na sua bocca perante quaesquer considerações de interesse, receio, ou adulação. Depois do acontecimento desastroso da morte de um eleitor pela tropa, quando elles acabavam de estar reunidos para tratar do negocio da regencia, o sr. Silvestre Pinheiro aconselhou ao rei que na sua passagem para a Europa desembarcasse na Bahia, e regulasse d'alli os negocios do Brazil, e que depois parando na Ilha Terceira mandasse por um dos seus ministros significar ao congresso de Lisboa as suas intenções ácêrca do veto absoluto, que o nosso insigne publicista julgava indispensavel na nova organisação constitucional. Nenhum dos arbitrios porém foi adoptado.

Chegados a Lisboa, e n'aquellas circumstancias melindrosas em que a titulo dos preparativos para mais sumptuoso desembarque de sua magestade o retinham a bordo, outra vez o consultou o sr. D. João 6.º ácêrca do que lhe cumpria fazer n'aquelle extremo. O sr. Silvestre Pinheiro ainda não tinha mudado de opinião ácêrca de que convinha á boa organisação da monarchia representativa, e á dignidade real, e pessoal do soberano cujo ministro era, porém as côrtes não admittiram que os ministros lá fossem significar a vontade do rei!

Antes de entrar no salão do congresso chamou ainda outra vez os ministros a conselho. O sr. Silvestre Pinheiro é de voto, que o rei falle com lisura, e verdade, e que se a sua linguagem excitar tumulto, ou descontentamento declare, que abandonará Portugal, e peça um navio do estado para o transportar, e á sua familia, protestando não promover, nem procurar o auxilio estrangeiro, nem fomentar as diligencias dos que o procurem. Os outros ministros receiam, que a verdade toda comprometta em demazia o rei, e excite logo alli tumultos desastrosos: votam por meios brandos, e conciliadores. Finalmente resolvem que sua magestade lêa o discurso feito pelo sr. silvestre Pinheiro, e que se lhe supprima o periodo do veto. Este parecer senão era tão real, tão heroico como o outro, era pelo menos mais prudente, e sobre tudo mui conforme com o caracter pessoal do sr. D. João 6.º

Apesar d'esta resolução o rei não leu o discurso, e Agostinho José Freire veio referir ao sr. Silvestre Pinheiro a sensação desagradavel, que causára no congresso esta omissão. O rei desculpou-se com a falta de aviso proprio d'aquellas funcções em que é costume ir notando a cada um o que deve executar, e resolveu mandar o ministro dos estrangeiros para o ler ás côrtes. Havia no discurso o seguinte periodo — *Que se depois da reunião das côrtes seria por parte do monarcha um acto de despotismo querer legislar sem o concurso dos representantes de povo, haveria da mesma sorte uma ochlocracia se as côrtes fizessem leis sem o concurso, e consentimento do rei.* Ao acabar de proferir estas palavras o congresso rompeu em vociferações. O sr. Silvestre Pinheiro, que julgou não devia continuar a ser ministro da corôa quando a força dos successos lhe desvirtuava o poder, pediu a sua demissão, e declarando irrevogavel esta resolução sahiu deixando o rei ainda em conselho com o ministro da marinha, e do reino.

Pouco depois a pedido de el-rei, e lembrando-se de ouvir ao conde da Barca elogiar o de Barbacena indicou-o para seu successor não se lembrando da situação em que o conde se collocára para com a revolução desde o seu comêço. Que fosse esquecimento ou mesmo ignorancia dos factos era disculpavel em quem sahíra de Portugal em 1797.

Entretanto continuava nas côrtes o sentimento desfavoravel, que o periodo do discurso excitára, e como ao lembrarem-se de accusar o sr. Silvestre Pinheiro soubessem que elle tinha deixado de ser ministro, pediram explicações á corôa da contradicção entre a acquiescencia completa de el-rei, e aquelle periodo do discurso pronunciado em seu nome pelo ministro. O sr. D. João 6.º ratificou a sujeição absoluta!

O conde de Barbacena não tinha podido, durante tres mezes, ganhar a affeição do congresso, no qual se divisavam cada vez maiores indicios de aversão e desconfiança contra elle. O sr. D. João 6.º, obrigado a escolher novo ministro, mandou chamar o sr. Silvestre Pinheiro. D'esta vez não lhe valeram excusas, nem el-rei quiz nomear o barão de Mossamedes (depois conde da Lapa), ou o visconde de Santarem, que elle lhe propunha. A todas as considerações que o sr. Silvestre Pinheiro soube fazer valer para se eximir d'este cargo respondeu el-rei: *que a maioria do congresso o queria, que elle não nomeava outro, e que o tornava responsavel pelas consequencias, etc.* Esta obsequiosa insistencia do rei, e a segurança que alguns membros do congresso lhe deram de que a maioria se prestava a alterar as bases da constituição, determinou o sr. Silvestre Pinheiro, e por espaço de vinte mezes conservou a pasta dos negocios estrangeiros.

Durante este periodo o sr. Silvestre Pinheiro teve de combater as exigencias e reclamações dos diplomaticos estrangeiros, agentes pela maior parte de governos que aborreciam a revolução, e que começavam a combate-la com todo o vigor, aproveitando pequenas circumstancias para complicar a situação dos negocios ou para mortificar os ministros. Em todos os casos d'esta especie com o ministro da Russia, com o encarregado de negocios de Austria, com mr. Word, ministro inglez, e com os outros todos, o sr. Silvestre Pinheiro zelou affincadamente a dignidade da corôa, e da nação, e por mais do que uma vez a sua energia e seriedade mereceu do espirito justo do ministerio inglez, que o seu ministro fosse reprehendido pela maneira pela qual procedera para com o governo portuguez. Reduziu o corpo diplomatico á economia indispensavel, e decente para um estado pobre como o nosso, e quanto os tempos lh'o consentiram procurou tratar a todos com justiça, e sempre segundo as leis.

Um dos seus pensamentos mais queridos foi sempre um tratado de alliança com Hespanha, tomando por base principal que os subditos das duas nações fossem considerados como nacionaes em qualquer d'ellas. Este pensamento, fecundissimo em resultados, offerecendo quasi todas as vantagens da confusão das duas nações em uma só, sem nenhum dos inconvenientes, não póde executar-se pela pouca estabilidade do ministerio constitucional de Madrid, pelas pertenções exaggeradas do governo hespanhol, e pelo patriotismo tambem exaggerado das nossas côrtes de não querer ceder Montevideu. Tambem o receio do contrabando inglez pelas nossas fronteiras impediu a realisação d'esta idéa, sustentada perante tres ministerios consecutivos em Hespanha. A final sempre se fez um pequeno tratado a respeito de desertores, porém mui distante do que o sr. Silvestre Pinheiro imaginára.

Entrado o exercito francez em Hespanha o sr. Silvestre Pinheiro ainda fez os ultimos exforços para com os gabinetes da Europa em favor da causa constitucional, mas a força dos acontecimentos obrigou-o a offerecer a sua demissão de secretario d'estado, de que se lhe conservaram as honras.

Depois da restauração de 1823 concedeu-se-lhe uma pensão de um conto de réis, para que contribuiu o duque de Palmella, o qual durante a perseguição que soffreu no primeiro periodo constitucional lhe deveu toda a consideração e favor, e mais tarde, em 1825, quiz ainda o rei confiar-lhe a pasta dos negocios estrangeiros: o sr. Silvestre Pinheiro recusou, e a sua conversação com el-rei seria muito curiosa para ser lida se este jornal não fosse unicamente litterario, e estes negocios não estivessem ainda tão tão vivos na lembrança de todos, como as pessoas a quem coube figurar n'esse drama.

Pouco depois a titulo de ir examinar as relações commerciaes de Portugal com a Inglaterra, França, e Paizes baixos, foi mandado para Inglaterra esperar as ordens de el-rei. Cumpriu a ordem de sahir, mas não acceitou a commissão por lhe parecer offensiva da posição e intelligencia dos diversos empregados do corpo diplomatico.

Nomeado deputado em 1826, ainda estava em París em 1828 por occasião da passagem de D. Miguel.

No meio de laboriosas tarefas litterarias veio encontra-lo a chegada do imperador á Europa; chamado uma ou duas vezes ao seu conselho disse alli a verdade francamente, e depois, por motivos justificados, publicou, de accôrdo com o sr. Filippe Ferreira *a sua opinião*. Em 1838 fizeram-no deputado, e em 1842 o ministerio actual tambem o fez eleger pelo Minho quando s. ex.ª regressou a Portugal.

D'esta ultima vez o sr. Silvestre Pinheiro foi ás camaras, e apresentou uma serie de projectos, que eram um longo e pausado trabalho seu, que todavia apesar de recebido com as attenções, e respeito devido a tamanho nome, não chegou a discutir-se.

Affavel para com todos, bondoso, modestissimo, cheio de espirito de justiça e de brio, e pundonor nacional, possue a estima de quantos o tratam, e a admiração e respeito dos que só o conhecem pelas suas obras ou pela fama do seu nome. É um portuguez que todo o mundo civilisado respita como sabio, como politico, como escriptor, com publicista, e como homem honrado.

Na folha seguinte fallaremos dos seus escriptos.

SUMMARIO.

CORRESPONDENCIAS.

Ao sr. J. I. da C. e L. — Este jornal publica-se aos sabbados, mas ordinariamente sahe á sexta feira. — N'estas duas semanas causas extraordinarias impediram que assim acontecesse.

Ao sr. C. e S. — Os seus excellentes artigos terão cabimento nas proximas folhas.

LISBOA, 9 DE ABRIL.

Esta semana tem sido inteiramente dedicada aos preparativos para as solemnidades que a igreja celebra em commemoração da paixão e morte do Redemptor. Esperâmos, que n'este anno não serão menores que nos anteriores os testemunhos de devoção, e de piedade. — O espirito religioso desenvolve-se cada vez mais entre nós, e nem podia deixar de ser assim em um povo cuja educação foi sempre baseada sobre o temor de Deus, e cujas victorias, e feitos mais memoraveis se começaram, e concluiram em nome da fé, pelejando sob a sua bandeira, e levando a religião do Crucificado aos confins da terra.

SANT'IAGO DE CACEM.

A villa de Sant'Iago de Cacem, uma das da antiga, e dilatada comarca d'Ourique, está assentada tres leguas distante do mar oceano, quasi sobre as ruinas da antiga — *Merobriga* — oppido romano da lusitania, pertencente aos povos *gallos celtas* que habitavam a melhor parte da provincia transtagana. Ptolomeu, e os de mais geografos da antiguidade a mencionam; e as inscripções encontradas desde longas eras até ao começo d'este seculo, por diligencias do venerando, e eruditissimo arcebispo D. Manuel do Cenaculo, attestam a celebridade dos *merobrigenses* em tempos do imperio romano. O mestre André de Resende, e seu commentador Diogo Mendes de Vasconcellos, consagraram um capitulo da sua obra das antiguidades eborenses a esta memoravel povoação, e copiaram algumas memorias que se haviam recolhido até ao seu tempo: porém as excavações d'aquelle illustre prelado produziram mais abundante colheita. No sitio da ermida de S. Braz, distante da villa actual um tiro de bésta, se acharam cippos, e lapides sepulchraes com letreiros romanos, as quaes foram collocadas em torno do chafariz de Nossa Senhora do Monte, como enfeitando-o com sua ordem e disposição symetrica; correndo então com essa diligencia o juiz de fóra de Sant'Iago de Cacem, Francisco Onofre de Faria. Os vestigios achados com profusão em varias épocas, e outros ainda apparentes mostram que a povoação romana era mais para o lado da serra, ahi junto á já referida capella de S. Braz.

Dos tempos gothicos nenhuma noticia temos ácêrca d'este ponto: provavelmente cahiu *Merobriga* em poder d'estes povos no reinado de *Sezibuto*, quando conquistou *Evora*; encurralados então os romanos no que hoje chamâmos *Algarve* strictamente.

Assim permaneceria *Merobriga* debaixo do imperio wisigothico até á invasão sarracena no 1.° quartel do 8.° seculo. Então com a extincção d'aquelle imperio, todos os nomes foram trocados segundo o estylo dos arabes; e provavelmente o alcaide, ou senhor mourisco que dominou esta povoação e lhe levantou castello ou fortaleza, lhe daria o nome *Kassan*, ou *Kassen*, donde veio o *Cacem* na pronuncia dos christãos, tão estropeadores de nomes, como o haviam sido seus conquistadores, os mouros.

Os arabes, sarracenos, ou mouros, que tudo é o mesmo, foram senhores pacificos do Alemtejo e Algarve até D. Affonso Henriques, e seu filho D. Sancho 1.° Mas d'estes o primeiro os expulsou do Alemtejo, e o segundo lhes tomou Sylves. Porém no anno 1190 o Miralmuminin chefe dos almuhades retomou Sylves; e todo o litoral até Alcacer do Sal cahiu em poder de mouros [1]. Portanto se o castello *Kassen*, ou *Cacem* houvesse sido tomado a mouros no tempo dos primeiros dois reis, perdeu-se provavelmente (até á tomada definitiva d'Alcacer por D. Sueiro, 2.° bispo de Lisboa, auxiliado das ordens militares do reino, e dos cruzados aportados em Setubal no anno de 1219.

El-rei D. Affonso 2.° penhorado dos serviços feitos pelos cavalleiros de Sant'Iago fez doação á ordem da villa e praça d'Alcacer em 1220; e ahi residia o commendador mór que era o maior prelado da ordem em Portugal. O primeiro foi Lourenço Eannes.

O que então era ou foi feito de Sant'Iago de Cacem não consta: provavelmente era terra arruinada pelas guerras entre mouros e christãos, á excepção do seu forte castello, que a tradicção constante diz ser obra dos arabes: e assim o cremos, porque na lista das edificações e reedificações d'el-rei D. Diniz, que fortificou o reino quasi todo, não é mencionado Sant'Iago de Cacem.

Quando é pois que este castello foi tomado por christãos portuguezes? Quem foi o cabo que dirigiu a conquista? As historias não apontam isto; mas a tradicção dos povos é a seguinte: — um cavalleiro da ordem de Sant'Iago, chamado Galim Pires Pantoja, juntando os vassallos da ordem, que já então era mui poderosa n'aquelle territorio, cahiu d'improviso sobre os dominios do wazir ou alcaide do castello, chamado *Kassan (Cacem)*, e pondo duro cêrco á fortaleza a tomou: e como as terras conquistadas por uma ordem militar, em particular, sobre os infieis, eram de ordinario encorporadas nos dominios do conquistador, ficou desde logo o castello, e suas dependencias, pertencendo á ordem de Sant'Iago. Esta tradicção é conforme com os successos, porque os *Pantojas* formaram familia notavel em Sant'Iago de Cacem, foram por longo tempo alcaides-móres, e ao sul da villa, em distancia de meia legua, annos depois, uma matrona D. Catharina Paes *Pantoja*, mulher de Pero *Pantoja*, alcaide-mór da villa, fundou em sitio delicioso o lindissimo convento de Nossa Senhora do Lorecto de padres xabreganos.

El-rei D. Diniz fez doação á ordem de Sant'Iago da villa de *Ourique*, que naturalmente comprehendia o territorio adjacente, de que mais tarde foi cabeça de comarca; e então pelo menos a villa de Sant'Iago de Cacem ficou sendo definitivamente da ordem. Fixado seu destino, a povoação formou-se.

N'este tempo provavelmente foi edificada a igreja matriz, templo magnifico com a invocação de Sant'Iago. Uma personagem femenina da côrte, dama da rainha Santa Isabel, a celebre D. Bataca, que vinha do oriente, ahi depositou a preciosa reliquia do Santo Lenho, de que fez presente áquelle templo, e que ahi se venera ainda com particular devoção, guardada em sacrario especial debaixo de tres chaves.

Esta igreja está fundada dentro do recinto do castello, que se reputa construcção arabica, e devia ser fortaleza de grande importancia: atravez de ruinas se vê que tinha doze baluartes, e uma contra muralha em torno de seu circuito de setecentos passos.

A villa e seu castello, e territorio, continuou a andar nas possessões da ordem de Sant'Iago até ao grão mestrado do sr. D. Jorge, filho natural d'el-rei D. João 2.°: então se separou para a mesa mestral; secularisou-se, e foi encorporada na casa d'Aveiro de que aquelle foi fundador. Confiscada esta casa, em tempos d'el-rei D. José, entrou na corôa onde se acha, isto é, na nação.



Resta-nos fallar da curiosa lapide, e seu interessante relevo que damos hoje n'esta folha. Esta antigoalha foi achada n'uma escavação de uma horta e pomar de laranja no sitio chamado — as terras da ordem — junto á villa; e depositada depois dentro da matriz ao entrar da porta. Verosimilmente deu-lhe entrada em sagrado a relevancia do seu desenho, que representa o Apostolo Sant'Iago a cavallo, d'espada n'uma mão, e o escudo da ordem na outra, levando diante de si mouros derrotados, deixando já outros cavalleiros mouriscos prostrados por terra. Este symbolo traz em si mesmo a explicação do seu representado: indica simultaneamente o orago da villa, cujo patrão é Sant'Iago, e haver pertencido esta e seu territorio á ordem militar do seu nome; que por isso no escudo está figurando a divisa da ordem, que é uma espada formando cruz, sendo a hastea principal a folha com a ponta para baixo.

O logar em que foi achada mostra que alli havia em tempos antigos, (talvez anteriores mesmo a el-rei D. Diniz) casa, portal, ou capella de quinta, ou hospicio dos cavalleiros, a cuja frente estava collocada a lapide. Pelo decurso do tempo, passando a outro donatario a villa, cahiu esse edificio em abandono, até que se sumiu e desappareceu. Felizmente que com o apparecimento da lapide ressurgiu d'alguma maneira a memoria da sua existencia já até certo ponto indicada na denominação do local — terras da ordem —; não podendo nós applicar-lhe já a triste e desolada sentença — *etiam periêre ruinæ*.

Deixâmos aos homens competentes a apreciação do merecimento artistico d'este monumento: ainda que mui distante da perfeição, e mesmo regularidade das fórmas, representa claramente o seu objecto, e é menos tôsco do que o da jornada d'Egas Moniz, indicando portanto época de mais adiantamento, talvez entre o seculo 13 e 14.

BOM EXEMPLO PARA CÁ.

Ainda todos se lembram em París do apparatoso casamento de m. André J..., um dos banqueiros mais ricos da calçada d'Antin, com m.^{lle} de V..., filha unica do marquez de V..., ex-embaixador e par de França; matrimonio celebrado no inverno ultimo com estrondosa pompa na capella do paço de Luxemburgo, e festejado na casa magnifica de m. J... — Porém o que nem todos sabem é o singular e bonito episodio que assignalou a funcção d'este hymineu aristocratico, e que alcançou para o marido, nas salas do banco, uma reputação de originalidade sem par.

Era na manhã do casamento; o trem de m. André J... esperava-o no pateo, e elle tambem esperava pelos padrinhos em uma sala dourada de alto a baixo; eis que um creado annuncia — *os alfaiates*. Com effeito entraram dez alfaiates, cada um com seu volumoso embrulho debaixo do braço, todos com vontade de rir, olhando-se reciprocamente. Os dez alfaiates traziam cincoenta trajos de limpa-chaminés saboyanos, para as differentes estaturas de oito até quatorze annos, e estenderam-nos sobre os espaldares das custosas cadeiras da sala. M. J... examinou como entendedor aquella collecção de coletes, vestias, e calções de burel, mostrou-se satisfeito, e distribuiu dois mil francos pelos alfaiates, que se retiraram pasmados.

Atraz d'estes vieram os carapuceiros com cincoenta

[1] Todo este trato de terra entrava nos direitos da reacção musulmana; por quanto a provincia ou governo dos Algarves, segundo a demarcação dos mouros, comprehendia no waliado de Sylves o litoral até ao Tejo. De modo que *Alcacer*, *Sant'Iago de Cacem*, e *Sines*, eram povoações do Algarve mourisco.

barretes, e os tamanqueiros com cincoenta soccos, e por fim os violeiros com cincoenta sanfonas. Partiram todos liberalmente pagos, uns mais, outros menos maravilhados, e perguntando mutuamente o que seria aquillo, se aposta, se logração.

M. J... mandou então chamar todos os seus caixeiros, e fallou-lhes assim — *correreis, cada um por sua parte, todos os bairros de París; e convidareis para jantar comigo quantos limpa-chaminés encontrardes; promettereis um luiz d'ouro aos que acceitarem, e tendo cincoenta trazeimos aqui. No meu quarto do banho achareis com que os limpar do bico dos pés á cabeça. Acabada esta operação fareis vesti-los com estes fatos, conforme a estatura de cada um, e os poreis á mesa n'esta sala quando os outros convidados estiverem jantando n'aquel'outra.* — Os caixeiros ficaram embasbacados, escutaram segunda vez a ordem para não se persuadirem que era sonho, e deram-se pressa em executa-la, sem a comprehenderem.

Era n'uma das mais rigorosas manhãs d'inverno; a geada succedêra á neve, e o sol descorado allumiava o caramelo sem o desfazer. Fazia um tempo mesmo de accender quantos fogões e chaminés houvesse, tempo verdadeiramente de basculhadores de chaminés. Os mensageiros de m. J... não tiveram muito trabalho em procurar os saboyanos, uns dos quaes percorriam as ruas entoando com toda a força a sua usual cantilena, outros cantavam em cima dos telhados as trovas da cosinheira, outros varriam a neve, clamando a quantos passavam, ainda aos mais mesquinhos *«um soldosinho, meu coronel, meu general, meu principe, etc.*, até que o minguado soldo os fizesse calar, porque ninguem possue nem exercita melhor que o saboyano a faculdade da importunação. Julgai do assombro d'estes garotos, quando em logar de lhes darem um soldo lhes promettiam um luiz só com a condição de assistir a um jantar de bodas!.... A boa nova correu de chaminé em chaminé, como um aviso telegraphico: todas as chaminés que contavam com elles n'esse dia ficaram ameçadas de incendio. Não tendo outro embaraço senão escolher, os emissarios de m. J... lançaram mão denodadamente dos mais morenos, mais porcos e esfarrapados: e quando deram entrada no bello palacio do banqueiro, dir-se-ia que o alcaçar de Jove era tomado de assalto por Vulcano: mais notavel ainda foi o contraste, porque os taes homunculos se encontraram exactamente com os trens esplendidos que reconduziam de Luxemburgo o acompanhamento nupcial: d'um lado as librés agaloadas de ouro e prata, os vestidos de seda e veludo, as rendas e joias, os tafues mais elegantes, e as mais lindas mulheres de París; de outra parte as caras enlabuzadas de graxa e fumo, os cabellos como brenhas, e farrapos postos em corpos meio despidos.

Quando a lustrosa comitiva desviava os olhos perguntando o que significava aquillo, m. J... olhando para os saboyanos melancholica e attentamente, parecia querer dizer: — *de que parte estará a ventura, n'estes ou n'aquelles?.... — Está aqui!....* e esta phrase se lhe escoou dos labios, chegando-os á mão da bella esposa. — Introduziu-a, como uma rainha, em seu palacio, e comtudo não se descuidou de fazer signal aos seus familiares para que tractassem dos limpa-chaminés. Dahi a uma hora, uma regueira, negra como tinta de escrever, atravessava o pateo, indo despejar-se no cano da rua. Era a ensaboadura dos cincoenta saboyanos, que n'aquelle instante sahiam do banho, louros e alvos, rechonchudos e frescos, por isso que appareciam litteralmente com pelle nova, que pela vez primeira luzia ao ar e ao sol. Dir-se-ia que era um bando de feios demonios transformados em amorinhos.

Chegára a hora do banquete: centos de luzes, que espadanavam d'entre o ouro e o bronze, allumiavam a casa. Depois de haverem atravessado as camaras dos noivos, enriquecidas com todos os objectos que poderia excogitar o gosto de um millionario, os convidados foram sentar-se a uma lauta mesa, servida por Chevet, e tinham-se esquecido inteiramente da apparição dos limpa-chaminés.

De subito, abriu-se de par em par uma grande porta, e ficou patente uma sala espaçosa, illuminada como a primeira, e na qual tambem serviam um banquete sumptuoso a grande numero de convidados..... Parecêra uma vista de theatro, ou obra da varinha de condão. — Ao dar com os olhos n'este duplicado festejo de bôdas, soltaram todos uma expressão de admirados, excepto m. André J... e sua esposa, que por um sorriso mutuo se entenderam. Com uma das mãos m. André apertou a mão de sua mulher, e com a outra tapou os olhos humedecidos de lagrimas.

— Meus amigos (disse para os seus convidados opulentos) desculpae-me este capricho. Achando-me hoje o mais ditoso homem, quiz que na minha ventura tomassem parte os infelizes.

Foi por todos applaudida esta nobre explicação; suspeitaram porém que m. André só levantára uma ponta do véu, e aguardando o desfecho da scena pequenos e grandes jantaram a qual melhor: sobretudo os pequenos indemnisaram-se n'uma hora de todos os jejuns que já tinham assignalado sua vida ainda tão curta..... Viandas succulentas, caça mimosa, guisados exquisitos, fructas exoticas, vinhos de toda a parte, nada escapou. Vigiados comtudo pelos serventes, nenhum abusou da fartura; e todos conservaram pouco mais ou menos o uso da razão.

Então foi que m. André J... se ergueu, reinando absoluto silencio. — Com que, meus filhos, (perguntou aos limpa-chaminés) logrei eu o meu intento?.... Estaes contentes?.... — Os rapazes responderam com tal sapateada e clamores de alegria que não deixavam a questão em duvida.

— Estamos todos divertidos..... por toda a nossa vida! — bradou um dos mais crescidos.

— Não; por toda a vossa vida, não; (replicou o banqueiro) porque podeis tambem ser felizes por vossa diligencia, e fazer da vossa parte a felicidade, se é que a felicidade consiste na riqueza. Eu vo-lo provarei contando-vos uma historia, que vos ensinará como os limpa-chaminés vem a ser millionarios.

A esta palavra electrica, todo aquelle centenar de orelhas noviças se empertigaram como as dos poldros já ensinados ao entrar em combate.

— Sim, meus amigos, (proseguiu m. André J...) em vossa mão está possuir tambem grandes palacios, salas douradas, criadagem esperta, e ter diariamente um jantar como o de agora..... Ouvi a historia de um saboyano que eu conheci mais miseravel que vós todos juntos. Esta lição vale bem um regosijo de bôdas.

«Era uma vez um alimpa-chaminés, pequeno, da vossa idade. Chamavam-lhe *Sem-eira-nem-beira*, porque não tinha nem pae nem mãe, nem pousada. A gente do seu logar deu-lhe um raspador e umas joelheiras, e uma gaiola com um gavião; metteram-lhe um pão caseiro debaixo do braço e um bordão na mão, e apontando-lhe para o horisonte do lado de França disseram-lhe: — caminha, com a graça de Deus.

Sem-eira-nem-beira partiu muito alegre; perdeu de vista o campanario da aldêa..... foi poupando o pão, repartindo-o com a sua ave, mas em breve lhe deu fim. — Viveu então de logarejo em logarejo, cantando por um soldo, dançando por dois, limpando chaminés por uma tigella de sôpas, dormindo com os bois, ou á bella claridade do firmamento..... Caminhára assim mais de cem leguas; eis que a neve lhe atalhou o passo no mais cerrado de uma grande matta. Andou, andou, em quanto as pernas poderam..... mas sem chegar a povoado. Amontoava-se a neve adiante d'elle; e a fome ajuntou-se ao cançaço; havia tres dias que só comia algumas raizes cruas..... Por fim de contas, assentou que Deus o largára da sua mão, pousou no chão a gaiola, e cahiu prostrado ao pé d'uma arvore; metteu no seio as mãos geladas, e desfalleceu de fraqueza. Adeus Sem-eira-nem-beira! Continuava a cahir neve com força e já o ia sotterrando..... eis que uma dôr aguda o acorda de repente: era o seu gavião que lhe trincava uma orelha! Cuida que a ave o quer devorar, este susto lhe dá vigor..... mas que admiração a sua reparando que o gavião sustinha no bico um quarto de lebre assado, fumegante ainda e bem acerejado! — O passaro, esfaimado, tinha aberto a gaiola, e fôra pilhar aquella prêsa ao brodio de alguns carvoeiros. Julgae qual seria o regalo do rapaz e da ave.

Sem-eira-nem-beira conheceu que nunca se deve desesperar da Providencia, deu graças posto de joelhos, e protestou de fazer da sua parte para que Deus o ajudasse, e levar tudo com paciencia. — Chegou primeiro a uma villa que ficava proxima, e ahi trabalhou de modo que adquiriu para comprar uma sanfona: com esta sanfona ganhou para um vestido novo, e deu entrada alegremente na cidade de Lyão. Achou um mestre que não lhe fez gastar muito do pequeno mealheiro que fizera para aprender a ler, escrever e contar. Ora, um dia que elle exercitava o seu mister de limpa-chaminés em casa de um ricaço da cidade, viu um rapaz de dezeseis annos que chorava a bom chorar porque não atinava com uma conta complicada que o pae lhe mandára fazer; o limpa-chaminés, larga a raspadeira, faz o calculo em cinco minutos, e volta a cantar para o telhado; porém ao descer, acabado o trabalho, acha o dono da casa que já sabia tudo. Examina-o este desde os pés até á cabeça e pergunta-lhe: — Quanto ganhas tu por mez? — Conforme..... de dez a trinta francos, sem contar o ganho da sanfona..... — Pois bem, ganharás cem francos, se quizeres ficar em minha casa.

E no dia seguinte Sem-eira-nem-beira tinha um bom vestido, e um quarto aceado: entrára de caixeiro em casa d'aquelle bom patrão, que era de mais habil maquinista. Chegado aos dezoito annos, dobraram-lhe o ordenado. D'ahi a pouco aperfeiçou um maquinismo inventado pelo patrão, o qual o brindou com o privilegio pelo novo invento: lucrou com este cincoenta mil francos. Depois, por morte do patrão, associou-se com o filho, e ambos ganharam cem mil escudos. — Aposto, meus amigos, que o tal limpa-chaminés já vos faz cobiça?.... Pois bem; a quebra de um consocio o arruinou, e voltou a ser Sem-eira-nem-beira.... Sabeis o que então fez?.... Remontou á origem da sua fortuna: trabalhou por official mechanico, sem d'isso envergonhar-se; e tão bom artista que veio a ser mestre, e que em logar de quinhentos mil francos ganhou um milhão. Foi com este cabedal que passou a París, onde em vez da mechanica se applicou ás rendas publicas. Tinha reflectido que tantas maquinas arruinavam milhares de operarios, e jurára não construir mais, lembrando-se do seu primeiro estado..... Deus o recompensou por tão honesto escrupulo. Ao presente tem augmentado dez vezes mais o seu milhão, e é um dos principaes banqueiros de París..... mas ainda não se esqueceu da sua origem nem das suas desgraças.. .. e a prova, meus filhos, é que vos convidou ao seu casamento para vos contar a sua historia; porque Sem-eira-nem-beira chama-se hoje m. André J.... e acaba de chegar ao auge da ventura desposando-se com a filha do marquez de V...

Esta confidencia publica, que não era nova para a noiva, nem para os amigos intimos de m. André, fôra por elle feita com tanta dignidade e bom gosto que os seus convidados mais orgulhosos se vangloriaram de abraçar o antigo limpa-chaminés, e a voz de alguns pares de França se confundiu com a dos saboyanos na commum acclamação.

— E agora, meus amigos (tornou o banqueiro), devo mostrar-vos, antes de vos despedir, os instrumentos da minha fortuna; julgareis pelos proprios olhos que estão ao alcance de qualquer de vós.

Todos os circumstantes seguiram o dono da casa ao seu gabinete, onde elle abriu o cofre forte, que era dividido em dois repartimentos.

— Eis-aqui o meu dinheiro; e eis-aqui o que o produziu. —

Via-se em cima quantidade de carteiras cheias de notas de banco — e por baixo um pobre vestido de limpa-chaminés, um gavião empalhado, uma sanfona, um par de tamancos; depois instrumentos de mechanica, limas, martellos, compassos, reguladores, etc., tudo arranjado e conservado cuidadosamente pelo proprio m. André.

— Ajuntai a tudo isto, meus amigos, outros dois instrumentos admiraveis, a *perseverança* e a *economia*, e augmentareis como eu a vossa fortuna, de que vêdes aqui a primeira pedra.

Deu a cada rapaz o promettido luiz d'ouro, e além d'isso uma quaderneta de quinhentos francos da caixa economica: e depois de novo desempenho das danças ao estylo da sua terra os cincoenta saboyanos se retiraram gritando — viva m. André J...

D'então para cá todos se mostraram dignos de prospera fortuna; uns dedicaram-se ao commercio, outros ao officio mais de seu gosto, e muitos são caixeiros no escriptorio do banqueiro para de mais perto aprenderem o como os limpa-chaminés vem a ser millionarios: o mais habil acaba de ganhar cinco mil francos, negociando acções do caminho de ferro do norte.

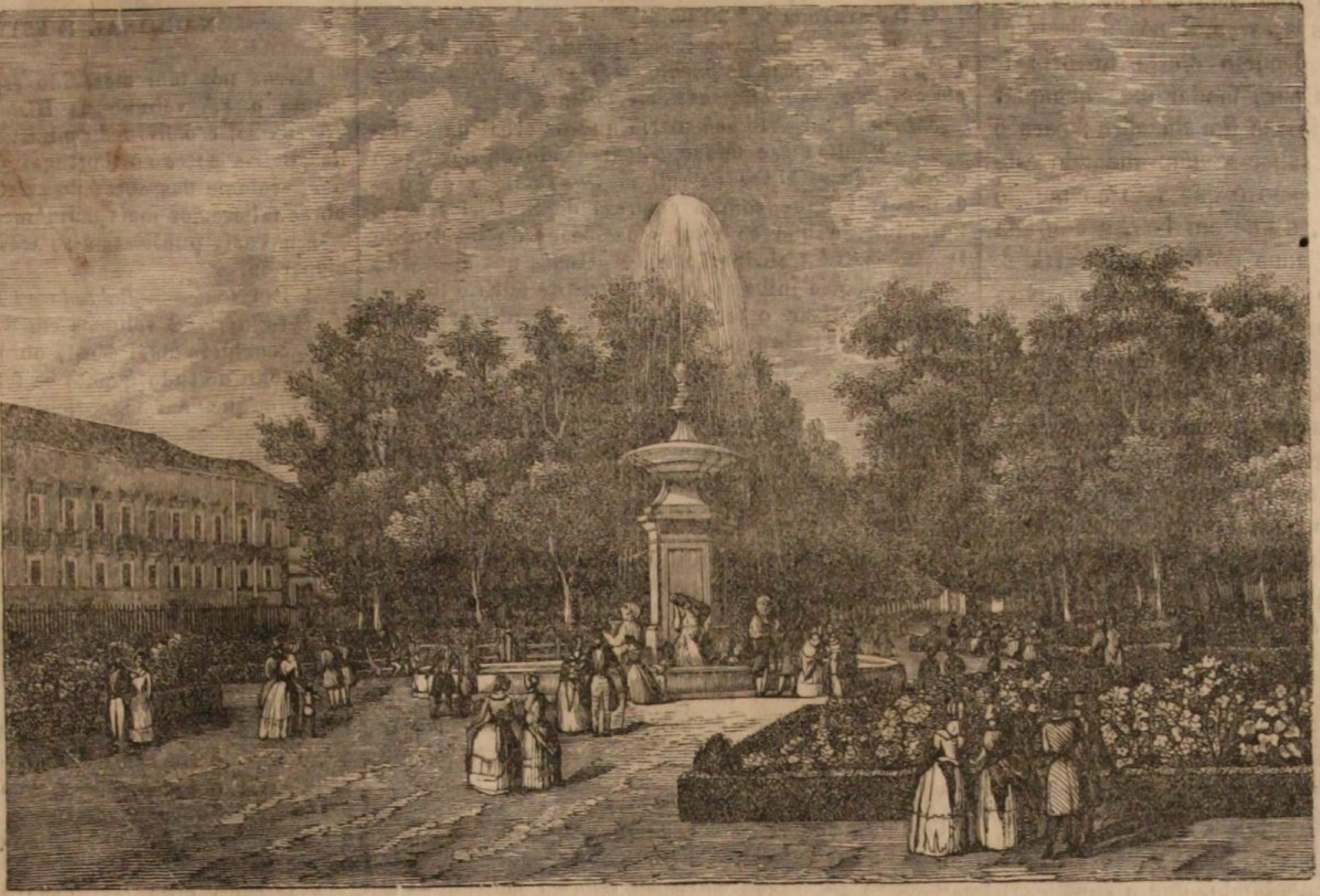
Que o fizesse alguem hoje?

O PASSEIO PUBLICO.

Nas principaes cidades do mundo os passeios publicos são considerados não só como um aformoseamento para a cidade, mas tambem, e especialmente, como uma necessidade. — Os passeios publicos são para as cidades o que o jardim ou quintal é para as casas dos particulares, e tal é para o povo a necessidade de ter um logar de desenfado onde se reuna, que se a auctoridade, a quem incumbe escolher o local, e prepara-lo, se esquece d'esta obrigação, escolhe-o o proprio povo, e as mais das vezes mui acertadamente.

Assim será difficil encontrar já não dizemos uma cidade, mas uma villa, ou aldêa de provincia, a cuja municipalidade faria horror a idéa de consummir um real em construir e preparar um passeio publico, que não tenha um logar onde grande parte de seus habitantes se reunam ou de inverno para se aquecerem ao sol, ou de verão para gosarem da frescura da tarde.

Lisboa possue dois passeios; um em S. Pedro de Alcantara, pequenissimo, e irregular, mas collocado em um ponto, cuja perspectiva é deliciosa; e outro geralmente conhecido com o nome de passeio publico, cuja vista entrando o portico principal apresentâmos aqui.



Começa por um pequeno jardim, e segue com uma ameda em verdade muito formosa, mas este pedaço terreno, destinado ao publico recreio, está por tal -ma arrebicado com ornatos de máu gosto, que desdiz uito do estado de cultura em que realmente nós es- mos.

Desde o pessimo gosto do risco dos portões, até á cascata, que parece feita de barro por dois pequenitos, que alli o estiveram amassando e moldando assim para seu desenfado, não ha cousa que não seja muito e muito caturra. Aquelles rios que estão despejando agua sêcca sobre hervas, que só se humedecem com a chuva, esses não tem rivaes em nenhum passeio da Europa!

Lisboa tem alguns sitios muito aproveitaveis para um passeio publico, mas nenhum talvez tão proprio, e tão rico de ar puro e de perspectiva agradavel, como o largo da patriarchal queimada.

ROBERTO VALENÇA.

ROMANCE.

CAPITULO I.

e como Roberto Valença era minhoto, e filho sacrilego de um clerigo patusco. Sahe-nos o padre judeu. Considerações moraes a esse respeito.

Na provincia do Minho, e perto da cidade do orto, teve o seu nascimento o muito insigne e tucioso Roberto Valença, cujo singelo chronista, verdadeiro historiador, nos coube agora a honra ser.

Não quiz a Providencia, que desde a sua enada n'este mundo, ou ainda mesmo antes d'ella, desacompanhassem os indicios, e signaes do muito ra que havia de ser, e de como por elle o me de Valença se tornaria mais celebre, e de emoria muito e muito duradoira. Seus paes, etano Valença, e Thereza Fagundes, não tiam recebido á face da igreja o sacramento do atrimonio, nem mais tarde poderiam legitimar r esse meio o estimado fructo dos seus amores.

O sr. Caetano Valença era conego da sé do Porto a sr.ª Fagundes uma rexonxunda, e bem apesada moçoila, a mais formosa da sua aldêa, e r isso tambem a mais requestada e pertendida quantos Manoeis de *viola*, *rebeca*, *páu de oupa*, e *foice rossadoira* andavam pelas *esfoadas*, *serões*, *espadeladas*, *romarias*, e mais stanças d'aquellas immediações.

O sr. Valença era conego, como já dissemos, as o sacramento da ordem, que o prendêra ao tar, e a murça, que desde os seus mais verdes nos lhe cubria, e ornava os hombros, não conguira domar completamente o espirito profano, e o dominava, e menos ainda os jejuns, e vilias da igreja lhe tinham macerado o corpo, ou terado o donaire, e o regular e bem composto s feições.

Pelo que pertence ao espirito, não era a escóla ecclesiastica para embrutecer quem de si nascêra muito sagaz, e astuto, e o sr. conego Valença tinha, pela combinação do talento natural com o uso da sociedade, adquirido ardileza para seduzir quantas Fagundes de aldêa, e mesmo de cidade, lhe appetecesse requestar; e para que nada faltasse ao complemento do seu poder, e força insinuante e motriz, possuia um avultado rendimento, por successão de seu irmão mais velho, que lhe pregou a peça de passar d'esta para melhor vida, deixando-lhe apenas uns quinze mil cruzados de renda. Finalmente o sr. Caetano Valença era com todas estas circumstancias o mais bonito e bem pintado conego de todo o reino unido, que assim se chamava então, de Portugal, Brazil, e Algarves, e não menos convencido, que o bispo do Arco de Sant'Anna, de que a igreja actual é a triumfante, e não a militante.

Não resam com effeito as historias d'esse tempo de quem mais exemplarmente jogasse o wisth, nem ha memoria de que outro conego, ou ainda secular, fosse tão devotamente assiduo junto das damas, que o tinham no mais singular, e decedido apreço, como era de razão. Bailes, theatros, e jantares, e outros passatempos modestos e innocentos, lhe consumiam o tempo e os rendimentos, e a sua generosidade era proverbial entre a gente toda que o conhecia e tratava. Verdadeiro principe secular, que cubrira com a singela murça ecclesiastica aquellas carnes onde fervia sangue mais proprio para as tempestades da vida profana, do que para as estreitezas da profissão ecclesiastica.

Ora o povo, que é invejoso, e murmurador, que gostaria muito de andar em carruagem puchada por dois bellos cavallos inglezes, mas que zangava de vêr o nosso conego dentro de uma boa traquitana, movida por dois orelhudos e possantes machos, e ralhava, e dizia cousas do arco da velha, começou de levantar certos rumores ácêrca da pureza de sangue do sr. Valença, e não sabemos em que tribu de Israel lhe foi descobrir os ascendentes! Não entraremos na questão aliás importantissima do judaismo dos Valenças; se nos não falha a memoria já por ahi andou a inquisição a fazer das suas, mas judeu, ou christão velho, o nosso conego sempre fica o mesmo conego, e nem por isso as damas lhe voltarão as costas com desdem, ou deixará de ser convidado para todas as casas de boa, e aristocratica sociedade onde haja jogo, comesaina, ou contradanças.

Já lá vae o tempo em que se tratava de pureza de sangue, e de pureza de costumes, que é o essencial, para dar introducção em uma casa seria a qualquer desconhecido: hoje a civilisação tem simplificado todos os methodos, e o sogeito nunca visto nem tratado a quem outro conduz a uma casa, e apresenta graciosamente aos donos d'ella como seu amigo, fica competentemente auctorisado para entrar, e sahir n'aquella casa quando muito bem lhe parecer, para participar dos seus dias solemnes, e como que habilitado para vir quasi que a pertencer á familia. Uma filha, ou uma irmã seduzida, os segredos domesticos divulgados, etc., são os pequenissimos inconvenientes d'este novo methodo! Por isso os nossos avoengos eram mais cautelosos n'essas cousas: pobres parvos!

Repartia o nosso conego os annos em tres porções, uma das quaes passava em Lisboa, outra no Porto, e a ultima na aldêa onde vivia a sr.ª Thereza Fagundes. Habilidade, e astucia de conego, verdôr da mocidade, riqueza despendida largamente, e já que assim o querem, finura, e *ladinice* de judeu triunfaram da virtude da sr.ª Fagundes, — crêmos que não sem trabalho, e grande porfia, ainda que de certo sem promessa de casamento, — e deram origem atravessada, e bastarda, ao sr. Roberto Valença, cuja vida intentâmos escrever.

Se o nosso heroe podia ou não podia nascer de gente casada, e bem procedida, ou se a provi-

dencia quiz annunciar alguma cousa na maneira pela qual o fez nascer filho sacrilego de um clerigo patusco, não nos atrevemos nós a decidir; o leitor poderá pelo decurso d'esta historia ir reunindo os elementos para fundar uma qualquer convicção a esse respeito no fim da obra; para o seu seguimento basta saber-se que andando este seculo já no seu 12.° anno é que veio ao mundo o sr. Roberto Valença, o que em boa, e apurada chronologia significa o anno do Senhor de 1812.

Dos primeiros annos do nosso Valença não existem tradicções averiguadas com quanto nos esteja dizendo a consciencia, que alguma cousa haveria n'esses primeiros tempos, que denunciasse o destino futuro d'este cavalheiro, mas o leitor para não deixar lacuna n'esta historia poderá muito bem supprir essa falta, se quizer imaginar as caricias do conego ao mimoso fructo dos seus amores, e o amor verdadeiro da mãe, que via no rapaz as esperanças do futuro, que tão inconsideradamente confiára á leviandade, e inconstancia de um homem.

Se o leitor é casado, e tem filhos, escusâmos avivar-lhe mais o quadro com os berreiros, e impertinencias da creança; se é celibatario não queremos augmentar-lhe a quesilia ao matrimonio, e por isso deixâmos á sua imaginação toda a liberdade para compôr esse traço d'esta historia como lhe approuver, lamentando, que a singeleza, e verdade da nossa narração nos não consinta fazer-lhe esse serviço.

REVISTA DOS JORNAES.

PORTUGUEZES.

Revista economica n.° 8. — Contém os seguintes artigos:

Caminhos de ferro: estadistica dos desastres. — Industria e commercio: exportação de cereaes; caudelarias; melhoramento da sorte das classes operarias. — Fabricas: das marcas; modélos e desenhos de fabricas.

Recommendamos muito a leitura dos artigos acêrca das classes operarias, e das marcas das fabricas. Em um paiz onde o governo tenha credito, e seja exacto cumpridor dos contractos, a idéa do primeiro artigo terá optimos resultados: é uma concepção brilhante e nova, mas extremamente simples: o segundo é egualmente rasoavel, e digno de adoptar-se em toda a parte.

Na estadistica dos desastres dos caminhos de ferro lê-se que no periodo de seis annos e oito mezes o termo medio dos desastres occorridos nos caminhos de ferro belgas é de 1 para 403:704 viajantes. Carecemos de lêr muitas d'estas estadisticas, e convencernos bem da sua exactidão para destruir o effeito que naturalmente produzem as relações dos desastres occorridos em França, que aqui nos chegam acompanhados da competente estampa, que é de fazer arripiar os cabellos.

Revista universal n.° 41 e 42 —

Conselhos de agricultura, manufacturas, e commercio. — Irrigações. — Moinhos fluctuantes. — A poesia popular em Portugal. — Historia de Portugal do sr. Herculano. — Bernardim Ribeiro. — Bibliografia. — Gremio litterario. — Desenho. — Branca de Maulion. — Variedades e noticias.

Agricultura. — Caixas filiaes do banco de Lisboa nas provincias. — Assucar, e papel de milho. — Novo systema de carruagens. — Machinas de vapór. — Medicina. — Institutos de beneficencia. — Viagens na minha terra. — Do pariato. — Bibliografia. — Osmia. — Poesia. — Monumentos de Coimbra; Santo Antonio dos Olivaes. — Variedades; Polonia, e Noticias.

Recommendamos muito o artigo Bernardim Ribeiro: é uma linda composição do insigne poeta dramatico, e particular amigo nosso, o sr. José Freire de Serpa Pimentel, com o nome de soláu. N'este genero, que o sr. Serpa fez nascer, e estreou com o soláo — *Cindazunda, ou o brasão de Coimbra*, não desdiz do merecimento dos já publicados. — Nós temos uma composição já antiga, mas excellente, ácêrca do mesmo assumpto, pelo sr. Ayres Pinto de Sousa. — Por falta de espaço é que a não temos publicado.

A respeito da Historia, do sr. Herculano, e do excellente artigo do sr. D. Sancho de Vilhena, fallaremos ainda.

A idéa de crear nas provincias caixas filiaes do banco de Lisboa parece-nos acertada, e que facilitaria muito as transações commerciaes.

O Illustrador n.° 30 —

A religião e os homens. — Charada. — Dos bois. — Os segredos do jogo de parar. — O carnaval. — Montepio agricola. — Bibliografia. — Noticias.

Sabemos por este semanario que o Jornal da sociedade catholica vae findar, apparecendo de novo com o nome de — A voz da religião. — Tambem diz que é provavel fique com a empresa de S. Carlos o sr. Corradini, e que os actores nacionaes do theatro de D. Maria 2.ª trabalharão em S. Carlos nos mezes de maio, junho, e julho, para se cobrir de telha o theatro novo, e abaixar o tecto inutilisando a ultima ordem de camarotes; obra cuja despeza dizem orçar por quarenta contos. Parece que se construe um theatro no local do gymnasio.

Correio das damas n.° 3 —

Continuação do romance — *Um emprego, e um casamento.* — *Modas*, com quinze differentes toilletes e dois figurinos, um de homem, outro de senhora. — *Duas charadas.*

As modas ainda são restos do inverno, e só depois da paschoa é que as de primavera começarão a apparecer.

Até n'isso estamos em secatura.

Jornal militar n.° 11 —

Idéas geraes sobre tactica. — Do golpe de vista. — Da organisação geral de um exercito em campanha, e serviço ao estado-maior. — Synopsis das ordens do dia de 1809. — Parte official.

Jornal de utilidade publica —

Continua o romance — *O carrasco d'el-rei.*

Gazeta dos tribunaes n.° 698 —

Segunda edição da novissima reforma judicial. — O procurador regio da relação de Lisboa J. M. de C. Neto L. e Vasconcellos.

Como temos de fallar mais de espaço a respeito d'esta obra, e do seu annotador, por isso não publicâmos o excellente artigo que se lê com aquella epigrafe.

Restauração da carta —

Continua o romance — *A estatua de Nabuco* — pelo sr. M. Leal.

Coallisão —

Continua o romance — *Rodrigo Calderon.*

Cosmopolita n.° 8 —

Noticia ácêrca das vinte e cinco prisões do sr. Castilho.

Os outros jornaes politicos não tem publicado artigos litterarios.

Quando recebermos os jornaes litterarios portuguezes, que nos faltam, daremos noticias d'elles.

INGLEZES E FRANCEZES.

Lê-se em um jornal inglez, que o hymno — *God save the King* — composto pelo d.or Bull fôra cantado pela primeira vez em uma grande funcção dada pela companhia dos alfaiates ao rei James 1.° em 1607 para commemorar a fortuna de ter escapado este monarcha á conspiração da polvora (powder plot).

Em Berlim publicou-se no dia 2 de março uma ordem exquisita com o fim de prevenir a diminuição dos rouxinoes, mandando que toda a pessoa residente na Prussia, que tiver d'estes passaros engaiolados pague por cada um o imposto annual de 10 thalers (cêrca de 30 shillings — 6$000 réis pouco mais ou menos), e que todo aquelle, que de futuro engaiolar rouxinoes pague por cabeça 30 thalers no caso de o não participar á policia. Esta determinação tem um caracter bucolico muito especial. Feliz a nação em que o governo póde attender até á liberdade dos passarinhos!

O chamado Titão dos contrapontistas Raimondi acaba de compôr um novo *Stabat Mater* segundo affirmam de Palermo.

A opera — Attila, do maestro Verdi, que se considera como a sua obra prima está-se ensaiando em Veneza onde foi muito bem recebida a opera do Principe José Poniatowski — a Noiva d'Abydos — assumpto de Byron.

Os Estados-unidos tinham hospedarias e theatro fluctuante: pois agora já tem uma fabrica de vidro em uma embarcação do rio Ohio. Trabalha de noute, e de dia vae pelas margens do rio vender os productos.

M. Doussault, pintor francez, foi condecorado com o Nishan Iftihar por ter tirado o retrato do sultão, e o 1.° drogman da embaixada, que serviu de interprete para esta operação teve um presente de uma caixa guarnecida de diamantes. Parece que a Sublime Porta está barateando por tal fórma as suas condecorações, que dentro em breve hade custar a vêr na Europa uma cruz sem ter ao lado o crescente. Notavel catturrice d'estes ultimos tempos, em que os turcos tem querido arremedar os christãos, ao passo que os christãos sej vão fazendo turcos!!

BIBLIOGRAFIA.

NACIONAL E ESTRANGEIRA.

Entre nós tem merecido especial attenção ultimamente o 1.° volume da *Historia de Portugal do sr. Herculano*, e o livro do ministro da Prussia a respeito das Bellas Artes em Portugal. — Tambem se publicou o 7.° volume das obras do sr. Garrett. De todas estas obras fallaremos mais detidamente.

Em París publicaram-se tres obras dignas de mencionar-se.

A Renascença — Rolando ou a cavallaria por m. E. J. Delécluse — 2 volumes em 8.°

A conclusão final d'esta obra é que a cavallaria foi a respeito de tudo quanto se fez na Europa ha oito seculos o que um ingrediente mal escolhido, e cegamente empregado é para todos os guisados de um banquete aliàs delicado, e esplendido. Gôsto estranho, que altera, e estraga tudo, que em tudo se encontra, e que parece pegar-se até aos proprios vestidos.

Hade ser por certo laborioso, e notavel o trabalho do qual logicamente se possa deduzir esta consequencia tão absoluta.

A segunda obra é uma traducção do romance inglez — *Coningsby* — de m. B. Disraeli; m.lle de Sobry traduziu-o com o titulo de *Joven Inglaterra.* — Este romance tem um merecimento de actualidade. — M. Disraelli é um membro do parlamento inglez adverso á politica de sir Robert Peel, e desejoso de celebridade. — O seu romance é uma satyra fortissima das pessoas mais notaveis da época, e na traducção houve a lembrança de pôr ao alcance dos leitores as allusões do romance.

A terceira obra tem por titulo — *Bibliotheca das memorias relativas á historia de França durante o seculo* 18 por m. Fs. Barriere.

Publicou-se o 1.° volume contendo memorias de m.me de Stael, do marquez d'Argenson, de madame, mãe do regente, e extractos das do duque de S.t Simon a respeito da regencia. M. Barriere, do jornal dos Debates, incumbiu-se d'esta obra, cujo pensamento historico é esclarecer a passagem da monarchia de Luiz 14 para a revolução com que se fechou o seculo passado.

Deve ser interessantissima.

Fallava-se tambem das *Memorias do barão Portal*, 1 volume em 8.°, como de um curioso supplemento ás publicações relativas á restauração.

M. Real tinha tambem publicado um folheto interessante com o titulo de — *Martyrio das religiosas polacas* — contendo a historia da sua perseguição em estylo de legenda.

Por falta de espaço para se publicar inteiro fica para a proxima folha o artigo ácêrca dos escriptos do sr. Silvestre Pinheiro Ferreira. Custa em verdade a accommodar em tão pequeno espaço como o d'esta folha tudo quanto deve ter logar em uma folha semanal, porém não está na nossa mão fazer com que o amor da leitura entre nós seja tal, que permitta a publicação de um semanario de tres ou quatro folhas de impressão como as Illustrações franceza, e ingleza.

ENIGMAS PITTORESCOS.

EXPLICAÇÃO DO ULTIMO ENIGMA.

Tudo no mundo é imperfeito.



☞ *Roga-se a todas as pessoas que tenham tido transações, e se julguem crédoras aos proprietarios do primeiro anno d'este jornal, hajam de comparecer no escriptorio da rua da prata n.° 7, 1.° andar, até ao dia 20 do corrente mez, para lhes serem liquidadas as suas contas.*

SUMMARIO.

LISBOA, 16 DE ABRIL.

Não nos enganavamos quando suppunhamos, que n'este anno não seriam menores os testemunhos de devoção, e de piedade, manifestados pelos habitantes de Lisboa, por occasião da semana santa. Com effeito assim no conveniente aceio dos templos, e na sumptuosidade, e ordem das funcções, como no concurso de gente, este anno levou vantagem aos anteriores, vendo-se as principaes pessoas, e familias da capital, visitando as igrejas, e quasi todas a pé, posto de parte n'estes dias o fausto, e commodidade das ricas equipagens, como era antigo, e muito louvavel uso portuguez, cujo abandono no Porto com muita razão censura um jornal d'aquella cidade.

Á funcção da ressurreição do Salvador seguiu-se o festejo dos annos de sua magestade com o beijamão, jantar no paço aos ministros, á côrte, e ao corpo diplomatico, como é do estylo, e terminando á noute pela representação do drama historico original o — Magriço — escolhido pelo conservatorio para a solemnidade da abertura *official* do theatro de D. Maria 2.ª

O theatro estava ornado convenientemente, e o concurso foi numeroso, assistindo suas magestades, os ministros, alguns grandes do reino, e parte do corpo diplomatico. Não fallaremos hoje das bellezas interiores da casa, reservamos isso para quando dermos aos nossos leitores a vista d'aquella formosissima sala, porém não podemos deixar de louvar o acerto da escolha do vestuario, a que nada faltou para ser proprio da época, e das situações do drama. Os actores tambem merecem louvores; estavam perfeitamente ensaiados, e todos comprehenderam bem os seus papeis.

A respeito do drama fallaremos ainda: falta-nos agora espaço para fazê-lo tão detidamente como é nosso dever, e desejo, e mesmo queremos confirmar ou alterar com a leitura d'elle a primeira sensação que nos causou: custar-nos-ha de certo muito, se pondo de parte o amor das cousas patrias, e os sentimentos de estima, que nos merece o auctor, tivermos de dissentir do parecer do conservatorio.

No mesmo dia 13 se deu em S. Carlos a Leonor, de Mercadante, que foi bem acceita do publico, não só pelo seu merecimento como pelo bom desempenho. Ora a fallarmos com verdade a empresa de S. Carlos estava para com o publico em divida de uma peça em que todos andassem com acêrto!

No dia seguinte repetiu-se o — Magriço —: appareceram simptomas de pateada, mas o publico abafou-os com applausos, e o auctor foi chamado fóra, homenagem, que hontem se renovou.

N'esta semana tivemos tambem um baile em casa do sr. visconde de Veiros por occasião dos annos de sua filha primogenita. Concorreu alli grande parte da melhor sociedade de Lisboa, principalmente da antiga nobreza, e passou-se o tempo agradavelmente até ás 5 horas da manhã.

Publicâmos n'esta folha uma descripção da cidade do Maranhão, e uma vista da barra daquella bahia: ambas nos foram remettidas d'alli pelo sr. M. J. Pereira; apressamo-nos em publica-las como testemunho da nossa gratidão ao singular favor com que esta folha tem sido acolhida pelos nossos irmãos do Brazil.



José Corrêa da Serra

(O ABBADE.)

Damos hoje o retrato d'este insigne, e respeitavel portuguez, a quem se faltassem outros titulos para a nossa estima e veneração, bastaria a qualidade de verdadeiro fundador da academia real das sciencias, para obter a gratidão de todos os cultivadores das letras portuguezas, assim como mereceu no velho, e novo mundo, a amizade, e louvores dos sabios mais distinctos. A sua biografia irá na proxima folha.

ROBERTO VALENÇA.

ROMANCE.

CAPITULO II.

Apparece um novo actor em scena. — Projecto de partida; extremos de amor maternal, e como o nosso heroe é superior a essas pieguices.

Amava o bom do conego o seu menino como é mui natural, que um pae ame seu filho, e queria-lhe — segundo vulgarmente se diz — como ás meninas dos seus olhos: cada dia, cada mez, cada anno, que corria, augmentava os encantos da creança, e fazia perder a cabeça do pae, de amores pelo pequeno.

Ia entretanto chegando a idade de lhe dar educação proporcionada á sua fortuna, e desejos; porém a mãe, que não era menos extremosa pelo filho, oppunha sempre mil obstaculos: o rapaz ainda era muito creança para entrar em um collegio, depois era doente, e depois, isto, e depois aquillo..... emfim não havia acabar com ella que se separasse do pequeno.

Assim iam passando os dias, e os mezes, o impedimento da idade caducando todos os dias, as boas côres, e travessuras do rapaz desmentindo todas as molestias, que a ternura da mãe sabia fingir, e ella adorando-o cada vez mais, não o deixando nunca de dia, e sentando-se á noute perto d'elle a vê-lo dormir com aquelle disvéllo, e extremoso affinco, que só as mães sabem comprehender bem, mas que todos devemos saber admirar, e respeitar muito.

Ia o conego visita-la amiudadas vezes, mas sempre de noute, e acautelladamente, porque ainda então o padre mais profano, e gaiato, guardava certas exterioridades de decencia, e compostura, com as quaes muito ganhavam elles, e os outros todos: uso, que tambem estes nossos tempos simplificaram, e reformaram negregadamente com escandalo, e máu exemplo para todos, e sem proveito de pessoa alguma!

Era o signal convencionado, para que aquellas portas se abrissem só a quem de direito se devia, uma pancada forte, e unica. Pois de cada vez que este som já tão conhecido chegava aos ouvidos da pobre Thereza, batia-lhe o coração com violencia desusada, e um estremecimento lhe corria o corpo todo. Era que um dia o homem embuçado, que fazia abrir a porta com aquelle signal, e que entrava acompanhado de um criado tambem encapotado, devia sahir levando comsigo uma terceira pessoa, e essa terceira pessoa era o filho da sr.ª Thereza, o nosso Roberto Valença. Mas nem por isso a porta deixava de abrir-se, e os homens rebuçados de entrarem n'aquella casa; sómente ella, que esperava um d'elles no alto das escadas, empallidecia quando o avistava, e como que procurava ler no semblante rubicundo do conego, se era aquella a hora maldita da temerosa separação.

Em uma noute em que o estava esperando, segundo o costume, sentada junto do leito, onde já havia duas boas horas, que o pequeno dormia profundamente, sentiu ella o rodar de uma carruagem, que se aproximava, depois conheceu, que parára á sua porta, ouviu o signal conhecido, mandou abrir a porta, e veio ao alto das escadas receber a costumada visita.

IMPRENSA NACIONAL.

D'esta vez porém não era o conego quem subia as escadas, e se dirigia para ella, mas sim o criado favorito, o sr. João, Mercurio, Ganimedes, e não sabemos que outras cousas mais de seu amo, pessoa com a qual os leitores terão de encontrar-se varias vezes no decurso d'esta historia.

Então o sr. Valença está doente? exclamou a pobre Thereza entre assustada, e curiosa, ainda o homem não tinha subido os degráus todos da escada.

Ora, menina, não se inquiete com o sr. conego; deixe-me subir esta maldita escada, que de mais a mais está molhada, e escorregadia, e lá fallaremos em cima a respeito do sr. conego, e de todos os conegos da sé, e até do sr. bispo se fôr seu gosto.

Mas valha-me Deus: então elle porque não veio? Está doente?.... Hoje não ha theatro, nem..... e até elle tinha dito que hoje havia de vir mais cedo!

Pois não veio, respondeu imperturbavelmente o sr. João, já a este tempo no alto das escadas; veio este seu criado, que com sua permissão vae entrando por aqui dentro, e sentando-se.—Apre, que maldita escada!

Olhe, João, você não vem cá para cousa boa, e então de carruagem!.... Hoje houve grande empresa, senão lá andava você a divertir-se de berlinda pelas ruas do Porto! Mas seu amo? Onde deixou você seu amo? Ande só alma damnada, que por você, e por outros, e outras assim é que elle anda sempre perdido.....

E por vm.ce muito aproveitado, murmurou o sr. Mercurio por entre os dentes.

Mas diga, diga, a que veio cá? O sr. conego já se não importa que saibam das suas visitas a esta casa? Desembuche, alma de satanaz. Olha que não é para cousa boa: ora verás, disse a boa Thereza em meia voz para a criada, que ainda estava de castiçal na mão em pé no meio da casa com anciedade igual á da pobre Thereza se bem que por differentes razões: o receio, e a curiosidade produziam n'aquelles dois seres effeitos inteiramente similhantes.

O sr. Mercurio, muito acostumado a ser portador de bons começos, e de máus fins, habituado ás pragas dos amantes de seu amo, e sem fibra no coração, que podesse ser movida por piedade ou compaixão dos soffrimentos d'esta especie, estava sentado em um canapé da sala, onde entrára; tinha acabado de tomar uma pitada sorvida com toda a escrupulosa rigidez de um criado velho, e limpando o nariz com um lenço de tabaco olhava sardonicamente para a criada, e para a sr.ª Thereza, que ambas em pé defronte d'elle aguardavam a fatal resposta.

Não se assuste, sr.ª Thereza; nem que fosse o diabo, que entrasse n'esta casa! Sente-se, e escute o que lhe manda dizer meu amo o sr. conego, e tu, rapariga, põe o castiçal em cima d'essa mesa, e pódes-te ir embora.

Com esta apostrofe á criada, estremeceu toda a pobre mulher, e a rapariga sahiu resmungando não sabemos quantas pragas contra o sr. João, que assim lhe baldava a curiosidade feminil, mas protestando escutar quanto podesse, e saber da ama o resto do negocio apenas o sr. Mercurio descesse o primeiro degráu da escada.

A sr.ª Thereza Fagundes sentou-se perto do homem, e elle voltando-se para ella começou:

Pois sr.ª Thereza, não se afflija com o que lhe vou dizer.....

O homem de Deus, ou do diabo, acabe com isso, e não me esteja a moer aos bocadinhos. Aconteceu alguma cousa ao sr. conego?

Nada, nada d'isso, replicou sorrindo o nosso homem, o sr. conego está de saude perfeita, e vae para Lisboa ámanhã de madrugada.....

Vae para Lisboa, e não me vem dizer adeus, nem despedir-se de seu filho? Isso é que não póde ser! Ahi anda misterio; João, pelo amor de Deus diga-me a verdade, seja o que fôr.

Ó mulher deixe-me fallar, senão fico aqui até ámanhã, e o sr. Conego está-me a esperar em casa. Tudo quanto lhe digo é verdade: o sr. Valença vae para Lisboa ámanhã; não veio despedir-se de vm.ce porque não teve animo para lhe dizer o que eu lhe venho annunciar, e vem a ser que elle leva o menino comsigo, e para o conduzir é que este seu servo veio de carruagem quebrando as calçadas: agora, que sabe tudo, vista o pequeno, e guarde este embrulho, que o sr. conego me mandou entregar-lhe.

A pobre Thereza já não ouviu estas ultimas palavras, e o embrulho, que o sr. Mercurio lhe pôz nas mãos escorregou-lhe para o regaço, e d'ahi para o chão, sem que ella nem ao menos attentasse pelo som fino, e metalico, que produziu a quéda do objecto embrulhado. O golpe, ha tanto tempo esperado, o dia, que devia chegar, mas que ainda se não cuidava fosse aquelle, nem o seguinte, nem o outro, nem o immediato, finalmente a separação sentida, e chorada com tanta antecedencia, chegava agora de chôfre, inesperada, violenta, e forçosa, annunciada por aquelle infernal Mercurio, correio dos amores, e das ingratidões, e semsaborias de seu amo.

A sr.ª Thereza Fagundes ficou extatica diante do homem, que não comprehendia um apice d'aquelles extremos de mãe, e de repente por uma d'aquellas reacções tão naturaes, quando o coração é levado pelos acontecimentos a uma crise violenta, e exacerbada, levantou-se, pegou no braço do sr. João, obrigou-o a levantar-se do canapé, quasi, que o arrastou até á porta da alcôva onde o pequeno dormia muito socegadamente, e com uma decisão, e firmeza pasmosa exclamou:

Vê-o alli? Pois diga ao sr. conego, que eu sem s. s.ª poderei passar: trabalharei para fóra, e comerei do producto do meu trabalho, mas que sem o meu filho é que não posso viver nem quinze dias; que lh'o não mando, nem lh'o entregaria a elle proprio, que ahi viesse, e acabou. E dizendo isto, largou o braço do sr. João, entrou na alcôva, e beijou o pequeno muitas vezes dizendo em ternissimo, e affectuoso soliloquio—meu rico filho, querem-m'o tirar; pois não tiram; coitadinho.....

Sr.ª Thereza, disse então o sr. Mercurio aproximando-se do leito, veja bem o que faz com essas cousas: já não digo para si, porque emfim cada um póde dispôr dos seus interesses como quizer, mas lembre-se do seu proprio filho, e não perca esta occasião de lhe dar boa educação. Ainda que vm.ce me descompoem, quasi sempre, que eu aqui venho, nem por isso lhe quero mal, e a prova está n'este conselho que lhe dou: deixe ir o rapaz; se seu pae o quer fazer gente que mais deseja vm.ce? Quer fazer d'elle um gaiato, que ande por ahi ás pedradas aos outros garotos?....

Com estas palavras do sr. João, pronunciadas com alguma força, e com a impressão dos beijos, e caricias da boa Thereza o pequeno acordou, esfregou os olhos, e sentou-se na cama, olhou em derredor de si, viu a mãe debulhada em lagrimas, o sr. João á cabeceira do leito, e disse ainda mal acordado: então que foi isso minha mãe?

Que hade ser, meu rico filho? respondeu ella abraçando-o, e beijando-o muitas vezes. Querem levar-te para Lisboa, e que tua mãe fique sosinha!

Então eu vou para Lisboa, para aquella terra onde ha muitas carruagens, e regimentos de soldados, e muitos meninos para brincar, e tudo o mais que o padrinho disse outro dia?

O menino vae com o padrinho na carruagem, respondeu o João sorrindo-se maliciosamente do que elle já esperava vêr, e ouvir.

O pequeno desenlaçou-se mansamente dos braços da mãe, que ainda o apertavam, e voltando-se inteiramente para o sr. João accrescentou: e então quando vamos nós? É já? Então é necessario vestir-me, não é assim? Ó minha mãe, bem me póde arranjar para eu ir com o sr. João. Como hade ser bonito estar em Lisboa, e andar na carruagem com o padrinho, e com o João! Você tambem vae, João? E a mãe não vae para Lisboa, e eu vou, e a mãe fica cá, e não anda em carruagem, nem tem meninos para brincar, nem papagaios com rabo muito comprido, nem regimentos de soldados, e eu sim!

E dizendo isto saltava na cama com tamanho contentamento, e com tal ar de pirraça á pobre mãe, que até o mesmo Mercurio consentiu, que a sua celestial, e durissima natureza se apiedasse um pouco da pobre mulher.

A triste mãe não podia crer o que via, e ouvia; pallida, os olhos esgaseados, e já sem o menor vestigio de lagrimas, que lh'as seccára a força da desesperação, procurava persuadir-se de que era falsa, impossivel, um sonho, aquella scena de ingratidão, e de desamor, que alli se passava entre o filho querido das suas entranhas, e a mãe mais extremosa, e desvelada.

A voz do sr. João veio acorda-la d'este lethargo.

Sr.ª Thereza, vista o menino, que são horas, e deixe-se de estar a scismar n'isso: elle hade voltar para lhe dar muito gosto, e ser o amparo da sua velhice.

Amparo da minha velhice este rapaz? Sempre assim o cuidei, sr. João, mas agora..... ó meu Deus, pois será meu filho esta creança assim desalmada, que dos proprios bens que vae gosar, faz pirraças a sua mãe?.... E eu, pobre tôlla, a mirrar-me por elle, a consumir-me, a chorar..... És filho do peccado, Roberto, hasde sempre ser assim.

Então agora não me vista; depois, se o padrinho ralhar, diga que fui eu, que me não quiz vestir, e....

Basta, Roberto, basta; não ralhes comigo, que póde Deus castigar-te..... Ai Jesus, perdoae-me os meus peccados..... uma creança assim..... ainda me parece sonho..... Joanna, ó Joanna?

Senhora, respondeu a criada com a demora do tempo necessario para ir do corredor onde estava escutando para a cosinha d'onde respondeu.

Venha vestir este menino, que vae para Lisboa com o sr. conego, e vm.ce, sr. João, leve-o, que eu não me posso despedir d'elle.

A pobre mãe ferida no melhor da alma pelo que ella chamava descomedimento, e ingratidão precoce de nosso Roberto Valença, ainda era mãe; olhou para elle com um semblante, que não póde descrever-se, que Rafael, e Miguel Angelo não saberiam copiar, e fugiu da alcôva soluçando, e debulhada em lagrimas.

O pequeno vestiu-se, e passados poucos minutos, a carruagem que trouxera o sr. João, conduzia tambem o nosso heroe pulando de contente, e deixando a pobre mãe asós com a sua saudade, e com a certeza da ingratidão.

Já se vê que não era o espirito da muito sensivel, e maternal Thereza Fagundes feito para comprehender a prematura insensibilidade de seu filho, por isso ella chamava ingratidão, e descomedimento, o que só era o genio emprehendedor, e altivo, que em tão verdes annos já sabia desprender-se dos affagos maternaes para tomar mais subido emprego; que é muito acanhado o lar

domestico, e as delicias, que lhe andam annexas, para prender um espirito generoso, e grande, que tem por patria o mundo, e por futuro a immortalidade.

Disculpemos a singela ignorancia da boa Thereza Fagundes, e acompanhemos o nosso heroe na nova carreira, que vae abrir-se diante dos seus passos.

CIDADE DE S. LUIZ DO MARANHÃO.

O viajante que já cançado de visitar as bellas e ricas cidades da Europa, passar á America do sul para desfructar a belleza do clima, e admirar as riquezas, e raridades dos sertões, irá por certo parar ao imperio do Brazil, e provavelmente á sua capital. Não é porém da bella, rica, e populosa cidade do Rio de Janeiro, que vamos agora dar noticia, mas sim de outra, que apesar de não ser tão bella e populosa como aquella, não deixa comtudo de merecer, que o viajante procure visitala, e conhecêla. Vamos pois tratar da cidade de S. Luiz do Maranhão, capital da provincia do mesmo nome.

Jaz situada na margem esquerda de uma pequena bahia, formada pela de S. Marcos, e defendem a sua entrada do lado do nascente as duas pequenas fortalezas, que apparecem na estampa, a primeira denominada de S. Marcos, construida em um alto, e que serve unicamente de reconhecer os navios a grande distancia antes de entrarem no porto, e de prestar-lhes o auxilio de um pequeno pharol; a segunda denominada de Santo Antonio na embocadura da barra, edificada sobre um banco chamado — *ponta d'aréa* — fortaleza de alguma importancia, por isso que os navios, que entrarem, ou sahirem, tem de passar mui proximos della.

Do lado do poente tem a ilha do *Medo*, fronteira á *ponta d'aréa*, e que com esta formam a barra em largura de pouco menos de uma legua. Do mesmo lado do poente acaba a ilha do Maranhão com uma ponta de terra chamada — *guia* — tirando o nome do governo que dá aos navios para entrarem a barra. Entre esta ponta de terra e a ilha do *Medo* ha um estreito de mar chamado o *boqueirão* pelo qual se faz toda a communicação com o interior da provincia. Do lado do norte tem a terra firme (que rodêa toda a ilha) e nella situada a cidade de Alcantara fronteira á do Maranhão.



Logo que o viajante fôr para terra no bote passará por um largo *igarapé*, olhará por elle acima, e verá lá no fim uma pequena ermida — perguntareis sem duvida a sua invocação, e vos dirão que é a de Nossa Senhora dos Remedios, aonde todos os annos se faz uma festa ou romaria ao uso da terra; remando mais ávante passareis junto a um cáes guarnecido de artilheria, a que chamam o *forte de S. Luiz*, — obra dos francezes no curto praso da sua dominação — e chegando ao logar do desembarque na rampa, vereis uma longa tulha de saccas d'algodão, o que vos fará crer que é grande ramo de commercio d'este paiz. Se em logar de tomardes á direita do desembarque subirdes pela rampa, estaes no largo do palacio, assim chamado por n'elle estarem edificados os palacios da camara, do bispo, e do presidente; para este ainda olhareis com gosto; é extenso e de architectura moderna; ao lado d'elle está a casa da camara, e cadêa, e no palacio estão as repartições publicas, e o correio, sendo o largo guarnecido de um e outro lado de bons edificios particulares.

Agora sem duvida perguntareis pelo palacio do bispo, que vos disse era aqui, e ainda não vos mostrei: — olhae pelo largo adiante; no fim vereis uma igreja, e á ilharga d'ella do lado esquerdo uma pequena casa baixa; é pois ahi o paço episcopal: a igreja que lhe está contigua é a sé, bom edificio de duas naves, e com um campanario bastante alto. Do lado direito da sé em uma pequena casa é aonde se reune a assembléa dos deputados provinciaes, ficando-lhe em frente o largo de João do Valle. Agora proseguindo o vosso caminho tomareis á direita, e depois caminhando em frente entraes na rua do sol, passando pelo largo do Carmo, que tira o nome do mosteiro n'elle edificado pertencente aos carmelitas calçados da ordem terceira; o edificio é de architectura simples e pequena. Na cabeceira do largo vereis o pelourinho, obra delicada de uma só pedra, á imitação do de Lisboa; o largo é guarnecido de algumas arvores de sombra, e d'alguns bons edificios particulares.

Caminhando pela mesma rua do sol passareis junto ao theatro, que apesar de não ser embellesado com pedras de cantaria no exterior, comtudo no interior está bem ornado, e o seu tamanho é regular. Seguireis pela rua acima, e quando chegardes ao fim estareis no campo d'ourique, e vereis o magestoso edificio do quartel com uma boa praça em frente guarnecida de arvoredo; o quartel póde acommodar perto de dois mil homens; foi mandado construir pelo capitão general Bernardo da Silveira Pinto depois visconde da Varzea, porém não conseguiu levalo ao seu primitivo risco, com o que viria então a ser igual ao de Santo Ovidio no Porto. Do lado do nascente do quartel está no meio da praça um monumento simples, consagrado á coroação de D. Pedro 2.º; termina em ponta aguda, e é de quatro faces, em uma das quaes (a que olha para o quartel) tem uma inscripção allegorica, e por cima as armas imperiaes lavradas com primor.

D'aqui, se quizerdes, podereis ir vêr os arrabaldes da cidade, e os sitios e quintas, todas com communicação de *igarapés* d'agua salgada; vereis em uma tão pequena ilha um rio d'agua doce chamado *Anil*, as villas do *Paço do Lumiar, Vinhaes, e Bacanga*, e os logares do *Cururu, Araçaji, e S. José*, na ponta mais oriental da ilha; vereis por todos os sitios immensidade de fructas, o delicioso ananaz, a bella banana de muitas qualidades, a jaca, a áta, a doce saputi, o fresco cajú, as estimadas laranjas da China, e de Tanger, o bom melão e melancia, o côco, e algumas fructas e plantas da Europa, e finalmente a abundancia de cristalinas aguas por todas as partes.

Agora porém voltareis, e tendes a escolher o lado direito ou esquerdo da cidade; preferiremos o esquerdo como ainda não visto, e vindo pela rua grande, a melhor da cidade, ao passar pela igreja da Conceição, deveis encaminhar-vos pela rua de *S. Pantaleão*, e proseguindo por ella adiante ireis ter á igreja do mesmo nome; do lado de traz da igreja está o cemiterio com muito aceio e decencia. A pouca distancia d'aqui está a casa da misericordia, em um bom e vasto edificio; mais distante está o hospital tambem pertencente á misericordia; e fronteiro ao cemiterio dos catholicos, o cemiterio dos protestantes em um pequeno terreno. Caminhando sempre pela mesma rua ides ter a outro hospital denominado da Madre de Deus, o qual serve para os militares, e marinheiros, e está edificado em um alto aonde corre bom ar: a pouca distancia d'aqui, na beira-mar, está o matadouro do gado para consummo da cidade.

Se não quizerdes voltar pela mesma rua, tendes de descer uma pequena calçada, até á beira-mar, e dareis em uma fabrica movida por vapôr propria para descascar arróz; agora indo sempre pela praia, e depois de terdes andado assim uma distancia de 50 a 60 passos, entrareis no largo de Sant'Iago, tirando o nome de uma pequena ermida n'elle edificada com a invocação do Santo Apostolo; gostareis do largo, e como naturalmente vindes cansado, sentar-vos-eis debaixo d'alguma das muitas arvores que o guarnecem, e d'aqui gosareis uma aprazivel vista; vereis a outra margem do rio, e n'ella construidos bons edificios, todos fabricas de descascar arróz, sobresahindo por cima a terra alta toda coberta de verdura. Olhareis para a vossa direita, e vereis uma grande praia onde se construem e concertam as embarcações, e por cima a igreja de S. José do Desterro, já um tanto arruinada; finalmente vereis d'aqui todo o lado esquerdo da cidade, e sobresahir acima da casaria os campanarios de Sant'Anna, S. João, Carmo, Sé, e Mercês.

Agora para não voltardes á rua de S. Pantaleão caminhareis em frente, e passareis por uma rua estreita, suja, e com casas cobertas de palha, e no fim d'ella entrareis em uma grande praça denominada da fonte das pedras, aonde se vendem as madeiras, tirando o nome de uma fonte publica que alli tem; d'aqui subindo por uma pequena calçada ireis ter á rua de Sant'Anna assim chamada por estar alli situada a igreja do mesmo nome; descereis por ella, e ireis ter á rua da *estrella*, e dobrando para a vossa direita, ireis parar na *praça do commercio*, aonde está a casa da alfandega. Nada aqui ha que mereça attenção; umas pequenas barracas muito velhas em quadrado formam esta praça, a essencial de todas as cidades maritimas!

Agora tendo visto a cidade, e quando vos preparaes para embarcar passareis por varios armazens de guardar e preparar o algodão para embarque, e chegareis á rampa aonde desembarcastes, alli entrando no vosso escaller tendes occasião de observar o porto, o qual com a maré cheia é mui bonito, porém na baixa-mar apenas fica reduzido a um estreito canal, o qual póde conter 40 a 50 navios, de lote até 800 tonelladas, e tornando a passar pelo *igarapé* que já vistes, observareis de novo o lado direito da cidade; boa casaria, as igrejas do Rosario, Annunciação, e quasi no fim o mosteiro de Santo Antonio com a sua cêrca e altissimos coqueiros, Nossa Senhora dos Remedios que já vistes, e finalmente toda a mais terra até á ponta d'arêa na bocca da barra coberta de espessa verdura, que muito a aformosea.

Pelo que pertence á importancia commercial da cidade, podêmos dizer que a provincia do Maranhão é uma das mais ferteis do imperio brazilico, e antigamente foi o seu commercio de grande valia; porém hoje acha-se em decadencia. Frequentam ainda o seu porto, os navios inglezes, portuguezes, e hespanhoes; os primeiros levam para alli as suas mercadorias, ferro, aço, farinha de trigo, manteiga, e outros generos, e trazem em troco, o algodão, e alguns couros; os portuguezes importam-lhe vinhos, vinagre, ferragens, e alguns generos da India, cêra, lonas, e outras miudezas; e exportam-lhe arróz, couros, gomma, algodão, e outros generos insignificantes; os hespanhoes

levam-lhe vinho, azeite, e chumbo, e trazem-lhe de retorno, algodão, e couros.

Tambem alli vão alguns navios americanos, com fazendas d'algodão, farinha de trigo, cabos, chá, e polvora etc., e exportam alguns generos que esta provincia importa do Pará. Os francezes com farinha de trigo, vinho, e fazendas; alguns carregam algodão, porém a maior parte das vezes sahem em lastro. Apparece tambem ás vezes algum navio hamburguez e belga, porém estes nada exportam.

Importa tambem esta provincia, assucar, café, e agua-ardente de cana, que recebe da provincia de Pernambuco, e remette para lá em algumas occasiões farinha de mandióca, e arróz, porém quasi sempre paga em moeda os generos que recebe.

O commercio costeiro é ainda d'alguma importancia; pelo contrario o estrangeiro é mui fraco, e apenas em um mez entram cinco ou seis navios estrangeiros, sendo d'estes o maior numero inglezes.

M. J. PEREIRA.

BREVE NOTICIA

ÁCERCA DOS ESCRIPTOS PUBLICADOS

PELO

SR. SILVESTRE PINHEIRO FERREIRA.

A carreira litteraria do sr. Silvestre Pinheiro começou nos seus primeiros annos: já de quando estava na congregação do oratorio sabemos que compozera uma memoria para o concurso da academia de inscripções, e bellas letras de Paris, ácerca da origem, progresso, decadencia, e effeitos da pantomima entre os antigos, e uma dissertação a respeito das forças vivas, examinando, e refutando a theoria do padre Theodoro d'Almeida.

O primeiro d'estes trabalhos alcançou-lhe logo creditos de espirito curioso, e indagador, e o segundo, como já dissemos, excitou odios, que os engenhos fracos não podem fazer brotar contra si.

Depois em Hollanda, no Rio de Janeiro, em Lisboa, e em París, não desprezou uma unica occasião de se applicar ás letras como já observamos, e quando pelo receio de que D. Miguel lhe tirasse a pensão, que aliás foi sempre paga n'esse tempo, contractou com o director de um collegio abrir um curso de direito publico, e de economia politica, teve de compôr os livros elementares, de que lhe era mister usar no seu novo emprego.

Faremos algumas brevissimas considerações a respeito das suas obras impressas.

Prelecções philosophicas. Rio de Janeiro 1813 *e seg.* 1 v. 4.°

Não é obra elementar; porque desce a especialidades de philosophia geral, e applicada ás sciencias moraes e politicas, mas póde considerar-se como elementar, em quanto vae apontando successivamente os principios da sciencia. Para melhor fazer comprehender como o fim d'este trabalho era desenvolver e ampliar as doctrinas da escóla de philosophia dioristica fundada por Aristoteles, e pervertida pelos escolasticos, ajunta o auctor uma traducção das categorias do philosopho grego, seguindo um novo plano, e faz d'ellas objecto das suas prelecções. Os deveres dos cargos publicos a que foi chamado, e logo depois a necessidade de emprehender trabalhos mais urgentes, obstaram ao proseguimento d'esta obra.

Essai sur la psychologie. París 1826, 1 v. 8.°

Esta obra originariamente destinada para concorrer a um programma da academia das sciencias de Copenhague, além de ser até certo ponto um desenvolvimento das *prelecções*, contém um grande numero de observações criticas a respeito da philosophia e theogonia dos gregos e romanos; e particularmente ácerca de Platão, cujo systema alli se apresenta debaixo de um novo ponto de vista, bem diverso do que geralmente se cuida.

Synopse do codigo de processo civil. París 1826, 1 v. 12.°

N'este pequeno volume se acha encerrada toda a legislação que em 1826 regulava o processo civil; e que o auctor coordenou em fórma de artigos concisos pelo estylo dos codigos de França, desejando que pela comparação deste trabalho com o codigo do processo civil francez, se visse quanto era falsa a opinião que então reinava e ainda hoje se conserva de que a legislação do nosso processo civil não só era incompleta, mas que era um verdadeiro cahos.

Observações sobre a Constituição do imperio do Brazil, e a Carta constitucional do reino de Portugal 1829, 1 v. 8.°

Merece ler-se com particular attenção.

Projectos de ordenações. París 1830, 1 v. 8.°

Esta obra era destinada a mostrar como se poderiam emendar os defeitos mais notaveis da Carta constitucional, e dar-lhe as leis organicas.

Cours de droit public interne et externe. París 1830, 3 v. 8.°

Précis d'un cours de droit public interne et externe. París 1830, 1 v. 8.°

Dois são os fins d'este curso de direito publico: o primeiro, satisfazer a uma lacuna que não sem pasmo se reflecte, que existia na sciencia que mais se cultivava em ambos os mundos desde a guerra da independencia dos Estados-unidos, a jurisprudencia constitucional. Não ha questão alguma d'esta sciencia que n'aquelle longo intervallo não fosse tratada magistralmente, mas sem nexo com o resto das outras questões sociaes: de modo que em vez de aclarar as questões, a leitura de tantos e tão bellos trabalhos acabava por deixar o espirito em densas trévas.

Ninguem tinha emprehendido coordenar um corpo de jurisprudencia constitucional. M. Fritot parecia ter tudo isso em vista na sua obra — *Science du publiciste*; mas além de não ser uma obra elementar pois fórma 11 volumes em 8.°, tem os dois grandes defeitos de lhe faltar um grande numero de questões vitaes, e elementares da sciencia, sobretudo em pontos de direito internacional: e quanto ao direito interno, aquelle habilissimo escriptor, em vez de assentar os principios geraes da sciencia, tomou por base o direito publico da França contentando-se de corrigi-lo aqui e alli, segundo lhe pareceu mais conforme aos principios que deveriam ser a materia do seu trabalho.

Mais tarde, em 1835, appareceram os *elementos de direito politico* de M. Macarel. É obra que muita honra faz a seu auctor; mas que labora nos mesmos defeitos que a de M. Fritot, posto que lhe seja mui superior em redacção e doctrina. Mas é direito publico francez, e incompleto.

As obras de Benjamin Constant, e d'alguns outros, são meros fragmentos da sciencia, mais vagos e imperfeitos que aquelles dois. O tractado de m. Rottesk pertence ás constellações nebulosas da philosophia d'além do Rheno.

O outro fim do *cours de droit public* era servir de commentario perpetuo aos *projectos de ordenações*: pelo que o auctor se limitou a expôr alli unicamente os principios constitucionaes que se acham em harmonia com os que servem de base aos *projectos de ordenações*.

Principes de droit public constitutionel, administratif et des gens. París 1834, 3 v. 12.°

Manual do cidadão ou principios de direito constitucional administrativo e das gentes. París 1834, 3 v. 8.°

O auctor julgou dever dar maior desenvolvimento ás doctrinas expendidas no *curso de direito publico*, e sobretudo na parte administrativa que alli apenas se tocava mui perfunctoriamente: e por isso publicou estes *principios* ajuntando-lhe um *projecto de codigo politico* destinado a exemplificar as doctrinas da obra, e a servir de termo de comparação tanto da nossa carta como da de França, cuja analyse critica fez assumpto de outra obra.

Observations sur la Charte constitutionelle de la France. París 1834, 1 v. 12.°

Parecer sobre os meios de restaurar o governo representativo, e a corôa em Portugal. Por dois conselheiros da corôa. París 1832, 1 v. 8.°

Mémoire sur les moyens de mettre un terme á la guerre civile en Portugal. París 1833, 1 v. 8.°

Projecto de um systema de providencias para a convocação das côrtes e restabelecimento do governo constitucional. París 1833, 1 v. 8.°

Estes tres ultimos escriptos foram collaborados pelo sr. Filippe Ferreira de Araujo e Castro, grande amigo do auctor, e como elle conselheiro da corôa.

Declaração dos direitos e deveres do homem e do cidadão. París 1836, 1 v. 8.°

Breves observações sobre a Constituição de 1822. *París* 1836, 1 v. 8.°

Breves observações sobre a Constituição de 1838. *Lisboa* 1845.

Observations sur la Constitution du Royaume de Saxe. París 1838, 1 v. 8.°

Observations sur la Constitution de la Belgique. París 1838, 1 v. 8.°

Estas obras foram publicadas com especial intento de se mostrar pela refutação dos principios que servem de base áquellas constituições, quanto ellas estão longe do systema representativo: e fazer assim comprehender melhor o valor dos verdadeiros principios d'esta sciencia.

Observations sur le manuel psychologique du baron Charles de Martens. París 1826, 1 v. 8.°

Observations sur le guide diplomatique du baron Charles de Martens. París 1835, 1 v. 8.°

Notes ou précis de droit des gens du conseiller de Martens. París 1831, 1 v. 8.°

Notes du traité du droit de la nature et des gens pour Vattel. París 1838, 1 v. 8.°

As obras dos tres publicistas que fazem objecto das observações do auctor passam por classicas entre as pessoas que cultivam a diplomacia: e comtudo encerram doctrinas as mais falsas e perigosas que corriam como axiomas. Foi para atalhar a este mal que o auctor emprehendeu a tarefa de as commentar.

Projecto de codigo politico. París 1839, 1 v. 8.°

O grande progresso que os discursos da tribuna parlamentar manifestavam, e as publicações que d'aqui chegaram ao conhecimento do auctor, fizeram-lhe comprehender que era tempo de offerecer aos seus compatriotas em maior latitude o alcance dos principios do systema representativo, em fórma pratica, como nos principios de direito publico os havia deduzido em fórma didactiva. Tal é o objecto d'esta obra.

Principles of political economy by Macculloch abridjed. París 1839, 1 v. 12.°

Précis d'un cours d'economie politique. París 1840, 1 v. 12.°

Précis d'un cours de philosophie elementaire. París 1840, 1 v. 12.°

Noções elementares de philosophia. 1840, 1 v. 8.°

O auctor depois de ter redigido o resumo do curso d'economia politica aqui assentado em primeiro logar para uso das prelecções que fez em París no anno de 1829 e seguintes, concebeu o plano de coordenar um *curso de estudos ou systema de compendios* das diversas sciencias por elle cultivadas: em desempenho do qual projecto publicou em París os compendios que acabamos de mencionar.

Cours de droit public, administratif et des gens. Lisbonne 1845, 2 v. 12.°

Este curso posto que aponta talvez os mesmos principios que as outras obras do auctor em taes assumptos, tem a superioridade de completar, quanto o permittem as condições da monarchia hereditaria que elle toma como base, a organisação d'um governo verdadeiramente representativo.

Tableaux systematiques des terminaisons et etc. de la langue allemande. París 1842, uma folha em 8.°

Estes mappas tem por objecto facilitar o estudo da lingua allemã, dispensando os estudantes do tirocinio da grammatica: sendo mais facil aprender-se a grammatica d'uma lingua que se entenda.

O mesmo teve o auctor em vista publicando os seguintes mappas:

Tableaux des terminaisons de la langue française. París 1842, uma folha em 8.°

Além d'estas obras o sr. Silvestre Pinheiro tem honrado quasi todos os jornaes portuguezes assim litterarios como politicos com publicações suas de muito interesse, e nenhuma empresa litteraria tem deixado de receber a sua protecção, e o valioso auxilio dos seus escriptos.

ENIGMAS PITTORESCOS.

EXPLICAÇÃO DO ULTIMO ENIGMA.

O rosto é o espelho da alma.



SUMMARIO.

CORRESPONDENCIAS.

Ao sr. Eduardo de Faria. — A redacção precisa fallar com s. s.ª

Ao sr. Miguel Queriol. — O offerecimento, que nos fez, tem graves difficuldades de execução, entretanto não dispensâmos o nosso estimavel correspondente de nos enriquecer com cousas d'aquella especie.

Ao sr. * * * — A sua chistosa, e erudita carta, não nos obrigou a mudar de opinião. Os enigmas são excellentes, como divertimento dos outros, mas para nós, que não crêmos na facilidade da nossa lingua para isso, parecia-nos dura a obrigação de ter sempre em *disponibilidade* um enigma cada semana, e julgavamos impossivel, que em alguma, e em muitas, não apparecesse tolice. Entretanto sujeitamo-nos a esse sacrificio para satisfazer os nossos assignantes. Pelo que respeita ao seu bom senso, que o nosso correspondente pede se lhe restitua, hade permittir, que lhe digamos, que pede o que se lhe não deve, e pede-o de má fé! Quem escreve cartas como aquella tem consciencia do seu bom senso, e da sua erudição.

LISBOA, 23 DE ABRIL.

Esta semana não tem offerecido cousa notavel, que mereça referir-se. Nos theatros tem-se repetido as mesmas peças, sendo em uma das ultimas representações coroado o auctor do — Magriço. — Congratulamo-nos com elle pelo bom acolhimento da sua producção, e estimamos muito que assim acontecesse; quaesquer que possam ser os defeitos d'aquella obra, o publico devia-lhe a animação com que o engenho se incita mais, e que póde, e deve leva-lo a compôr obra mais acabada, e completa.

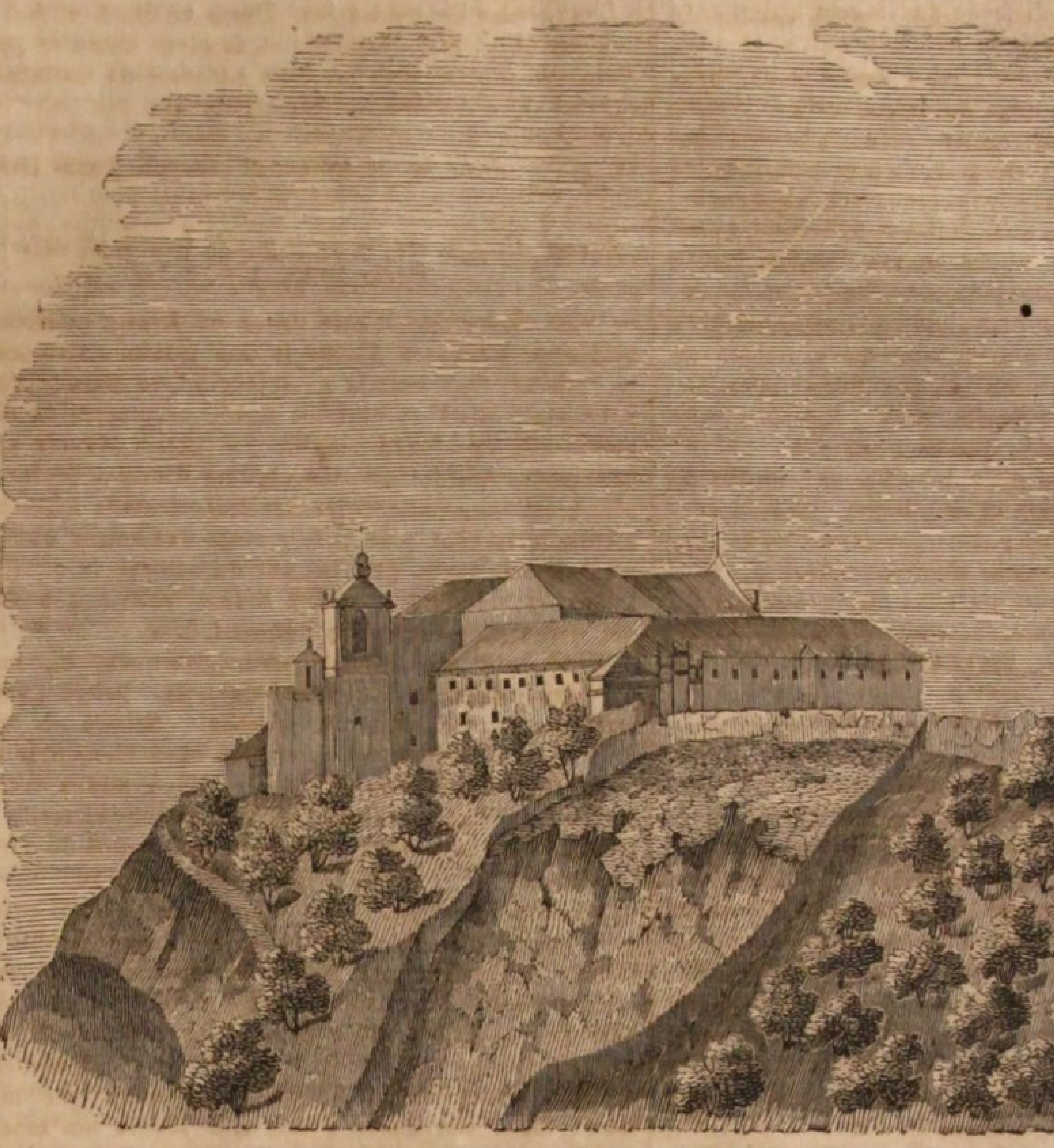
O sr. Silvestre Pinheiro Ferreira tem estado n'estes ultimos dias em perigo de vida, merecendo a sua saude os maiores cuidados aos numerosos amigos de sua ex.ª, e a todo o publico da capital, que o venera, e respeita muito. Mais dois homens muito distinctos estiveram ha pouco perigosamente enfermos, o sr. José Joaquim Rodrigues de Bastos, auctor das Meditações religiosas, livro que já conta tres edições, e tem no prélo a quarta, e o sr. Luiz Martins Bastos, excellente advogado n'esta côrte.

A imprensa d'esta capital não tem produzido ultimamente obras, que nos sejam conhecidas, e que mereçam mencionar-se; da Novissima refórma, impressa na imprensa nacional, e annotada pelo sr. conselheiro Neto, ainda fallaremos, assim como da traducção da obra do padre Ravignan, ácêrca dos jesuitas, que nos foi remettida pelo traductor. Recebemos a Osmia do sr. Osorio: nós não podemos accrescentar nada ao muito que em louvor d'este livro tem dito todos os jornaes: parece-nos bem escripto, e naturaes, e faceis algumas das poesias que terminam o folheto.

Das provincias nos annunciam a publicação do — *Cantaro de agua* — romance do nosso amigo o sr. Ignacio Pizarro, que devia começar no 1.° de maio proximo nos folhetins da Coallisão, e que deverá agora demorar-se mais por causa da suspensão dos periodicos politicos: brevemente teremos o — *Engeitado* — tambem do sr. Pizarro, que de certo merecerá do publico o acolhimento com que tem sido recebidas todas as obras d'aquelle cavalheiro, especialmente os dois volumes do Romanceiro. Nós esperâmos dever-lhe o favor de um excellente trabalho para esta folha.

Do sr. D. João de Azevedo, veremos dentro em pouco um lindo romance — *As jarras de porcelana* — escripto na provincia, onde este cavalheiro tem residido depois que deixou o parlamento. Talvez se publique tambem n'esta folha.

Esta semana fechar-se-ha com o baile da sociedade Thalia, que deve ser tão excellente como todos os d'aquella casa.



PENHA DE FRANÇA.

Na corôa do monte mais alto entre a serie de eminencias, que corre ao nordeste de Lisboa, está situada a casa, e o templo da invocação da Senhora da Penha de França, que pertenceu aos eremitas de Santo Agostinho. A estampa representa o lado do poente do edificio, visto da opposta eminencia do campo de Santa Anna.

É sitio d'onde se descobre mui extenso e variado panorama, limitado ao occidente pela nebulosa vista da serra de Cintra e pelo azul escuro das aguas do oceano, da parte septentrional pela serra de Monte-Junto, e ao sul pelas planicies do Alemtejo, e serra da Arrabida. O mirante é talvez o ponto culminante de Lisboa e seus suburbios, d'onde se avista, em tempo sereno e descoberto, a mais ampla, e mais variada extensão de terreno: campos cultivados, accidentadas ondulações de outeiros, cristas e flancos de montanhas, aldeias, palacios, casinhas soltas dispersas entre vinhas e olivaes, o magnifico espectaculo da populosa cidade, costeada pelo Tejo, compoem tudo um quadro amplo em dimensões, magestoso a um tempo e aprazivel no aspecto geral. É localidade que frades tomaram para habitação, e de raro desacertavam elles na escolha: só tem dois descontos, a grande distancia do centro da capital, e a exposição desabrida á impetuosidade dos ventos.

A igreja, posto que desataviada de seus melhores ornatos e alfaias, conserva comtudo a fonte do seu esplendor, e frequencia de romarias, a imagem da Senhora da Penha, com quem o povo tem grande devoção, principalmente os mareantes, do que são testemunha os paineis votivos que pendem do templo e sachristia.

Do enorme lagarto, documento milagroso que alli admiram os curiosos, nada diremos; parece-nos que por ser da mesma classe dos quadrupedes oviparos, que Lacepede descreveu, tem em tudo muita semelhança com a osga espantosa e gigante, que não sabemos se ainda existe no hospicio que foi dos padres trinos a Alcantara, denominado da Senhora do Livramento.

N'este monte da Penha de França, que assim se denominou em razão da invocação da imagem da Senhora, e chamado antigamente *cabeço d'Alperche*, houve primeiro uma ermida, erecta nos ultimos annos do seculo 16.°, que pouco depois se converteu em cenobio augustiniano, acabando-se a fundação em 1625, por beneficio de Antonio Cavide, que foi secretario d'elrei D. Affonso 6.° Este padroeiro e sua mulher tem na sachristia um tumulo de marmore, que repousa sobre tres leões. Foi de espirito tão nacional e anti-castelhano, que entre as missas quotidianas, que deixou, instituiu duas por alma do monarcha da restauração, D. João 4.°, e uma por todos os que fallassem á lingua portugueza.

APONTAMENTOS PARA A BIOGRAFIA DO CONSELHEIRO JOSÉ CORREA DA SERRA.

José Francisco Corrêa da Serra, clerigo do habito de S. Pedro, do conselho de sua magestade, fidalgo cavalleiro da sua real casa, conselheiro da legação, e agente diplomatico em Londres, ministro plenipotenciario junto ao governo dos Estados-unidos, cavalleiro da ordem de Christo, e commendador da Concéição, conselheiro da fazenda, deputado ás côrtes de 1823, socio da sociedade real de Londres, das academias de Turim, Florença, Bordeus, Lião, Marselha, Liege, Sena, Mantua, e Cortona, das sociedades reaes de agricultura do Piemonte, da Toscana, e da Linneana de Inglaterra, dos antiquarios de Londres, e da sociedade real, e economica de Valença, nasceu no dia 6 de junho de 1750 na villa de Serpa, na provincia do Alemtéjo, filho legitimo de Luiz Dias Corrêa, bacharel formado em medicina pela universidade de Coimbra, e de D. Francisca Luiza da Serra.

Desde os seus primeiros annos manifestou tamanhos indicios de engenho, e de agudeza, que seus paes determinaram empregar todos os exforços para que a sua educação litteraria fosse proporcionada a tão precoce, e espantosa capacidade. Com effeito em 1756 passou seu pae a Roma levando comsigo toda a sua familia, deixando apenas o filho mais moço, talvez em companhia do avô, que sabemos era ainda vivo por esses tempos.

Alli começou José Corrêa da Serra os seus estudos, e foram taes os progressos, que n'elles fez, que contando apenas 14 annos de idade imprimiu a sua primeira obra consagrada a S. José em óbsequio dos sete gósos, e tristezas do mesmo Santo, e dedicada a seu irmão mais moço, que, como dissemos, ficára em Portugal.

A botanica, as antiguidades, e as linguas, foram então o principal objecto das suas lucubrações litterarias, vindo a ser tão insigne no conhecimento das linguas, que lhe eram familiares, a franceza, ingleza, allemã, arabe, grega, latina, italiana, hespanhola, e portugueza; nem podia acontecer por outra fórma com um mancebo, que á avantajada aptidão, de que o enriquecêra a providencia, juntava a maior assiduidade, e perseverança no estudo, sendo necessario, que muitas vezes seu proprio pae o obrigasse a interromper os seus trabalhos pelo receio de que tamanha applicação viesse por fim a deteriorar-lhe a saude!

Viajava por esses tempos na Italia o duque de La-

fões, encobrindo com o disfarce da viagem a desharmonia com a côrte de Lisboa, e foi encontrar-se alli com o doutor Luiz Dias Corrêa, com quem na universidade de Coimbra contrahira estreita amizade. Viu o duque o nosso José Corrêa da Serra, e assim descobriu n'elle raras qualidades, e disposições litterarias, que pediu a seu pae a faculdade de o levar comsigo n'aquella viagem, que durou um anno, no qual começaram entre o duque, e aquelle insigne portoguez as estreitas relações de amizade que nunca se interromperam, e que tão grande influencia tiveram nos successos da vida de José Corrêa da Serra.

Negocios domesticos obrigaram o doutor Luiz Dias Corrêa a regressar a Portugal em 1771 deixando a familia ainda na Italia, onde seu filho destinado á profissão ecclesiastica se ordenou de sacerdote, dizendo a primeira missa na basilica de S. Pedro em Roma em 1775.

No anno seguinte recebeu aviso de seu pae para que voltasse a Lisboa onde o sr. rei D. José lhe destinava emprego digno do seu engenho, e merecimento; pelo que procurou partir logo, desprezando grandes partidos, que se lhe offereciam na Italia, e preferindo a tudo o serviço da sua patria; porém tendo de vir por Hespanha, por não encontrar navio, que fizesse viagem direita para Portugal, só em 29 de março de 1777 póde chegar a Mertola acompanhado da sua familia, quando já seu pae fallecêra havia pouco mais de um mez, e o marquez de Pombal largára o governo pela morte do sr. rei D. José.

Este primeiro revéz, que apenas era um ensaio dos muito grandes com que a variedade de fortuna havia de experimentar a sua coragem, causou profunda sensação em José Corrêa da Serra, e alterou-lhe gravemente a saude produzindo-lhe um ataque de sangue pela bôcca, com o qual esteve por muito tempo em perigo de vida, sem que o consolassem os estremados testemunhos de estima, e consideração, que já então lhe davam os nossos principaes homens de letras, sendo um dos que mais o acatavam, o erudito e exemplar bispo de Béja, D. Fr. Manuel do Cenaculo Villasboas.

Entretanto com o novo anno de 1778 chegou a Lisboa o duque de Lafões, e o nosso Corrêa da Serra, dispostos alguns negocios de familia, que o obrigaram a voltar a Serpa, foi viver na companhia d'aquelle principe, tão generoso protector das letras portuguezas. Em dezembro do anno seguinte começaram de lançar-se os fundamentos da creação da academia real das sciencias, da qual José Corrêa da Serra foi nomeado secretario perpetuo, como era de razão se fizesse ao homem, que podia dizer-se o seu verdadeiro fundador; e se lhe concedeu o singular privilegio de poder imprimir, e publicar as *Memorias da academia* sem dependencia de censura prévia.

Merecimento tão elevado, tamanha estima de estranhos e naturaes, e até a propria attenção, e amisade com que o distinguia o duque de Lafões, deviam grangear-lhe muitos odios, e excitar contra elle invejas muito rancorosas; e para que em tudo fosse o seu destino igual ao dos nossos mais assignalados caracteres, devia a propria patria, a cuja gloria e engrandecimento se votára exclusivamente, mostrar-se-lhe madrasta cruel e desagradecida.

O seu animo bondoso e filantropico offereceu logo uma occasião opportuna, que os seus inimigos aproveitaram immediatamente... O celebre naturalista Broussonet chegou a Lisboa das costas da Barbaria, tendo fugido de França onde o imperio do terror não poupava a vida de um homem de principios moderados, e envolvido na feroz perseguição dos girondinos. José Corrêa da Serra, que o conhecêra e tractára em França, recommendou-o ao duque, e sob sua protecção poude conserva-lo escondido em um quarto da academia, onde um pequeno numero de homens de letras era admittido a visita-lo.

Soube-o o governo, e o visconde de Villa Nova da Cerveira, por occasião de fallarem em negocios de outra natureza, disse-lhe que elrei não estava satisfeito com os seus serviços: quer fosse, que estas expressões bastassem para lhe causar desgosto e receios, ou que realmente o intendente Manique, desejoso de mostrar a sua pouca affeição ao duque, fizesse passar ordens de prisão contra José Corrêa da Serra, e o seu protegido, é certo que elle sahiu de Lisboa para o Algarve, e d'ahi para Gibraltar, d'onde, acompanhado por Broussonet, se embarcou para Inglaterra, sem passaporte nem licença do governo, e sem que bastassem a dissuadi-lo da sua resolução de deixar Portugal, e de se conservar exilado, nem as satisfações que ainda cá lhe deu o visconde de Villa Nova da Cerveira, nem as que depois lhe enviaram para Londres.

Em 18 de abril de 1801 foi nomeado conselheiro da legação portugueza em Londres, e encarregado de negocios naquella côrte, onde era então embaixador D. Lourenço de Lima; e taes foram os dissabores que este ministro soube suscitar-lhe, procurando fazer crer á côrte de Lisboa coisas contra a probidade e limpeza de mãos de José Corrêa da Serra, que elle teve de deixar Londres como deixára Portugal, e de passar a Paris. Ouvimos, que a recusa de negociar com a fazenda real dada a D. Lourenço de Lima pelo nosso illustre botanico, dera origem a estas desavenças, cujos desvarios chegaram á pretenção de o accusar de ter comprado polvora por um preço, e dado outro maior em conta ao governo portuguez, o que logo se verificou ser uma falsidade inventada pelo embaixador.

Durante a sua estada em Londres foi nomeado membro da sociedade real d'aquella cidade, como depois em Paris o instituto o recebeu no numero dos seus correspondentes, não recebendo do governo portuguez senão o habito de Christo em 6 de agosto de 1807.

Em 1813 deixou Paris para passar aos Estados-unidos, onde a falta de meios, que já o perseguira em França pela interrupção das communicações, e descuido dos administradores dos seus bens, o obrigou a abrir uma aula de botanica, com o que poude grangear alguns lucros, e mais que tudo a geral acceitação, até que em 31 de janeiro de 1816 a côrte do Rio de Janeiro o nomeou seu ministro plenipotenciario junto d'aquelle governo, logar difficil n'aquella conjunctura, no qual poude fazer serviços extraordinarios, que o rei e os ministros louvaram e agradeceram muito, sendo em 28 de maio de 1819 condecorado com a commenda da Conceição.

Convidavam-o já então os annos, e as vecissitudes da sua vida a vir descançar das fadigas litterarias e diplomaticas entre os seus naturaes, e no exercicio do cargo de conselheiro da fazenda, que lhe tinha sido conferido; por isso em 1820 sahiu para Londres, tentando voltar ao Rio de Janeiro; porém sabendo alli da vinda d'elrei para a Europa, quando já o seu espolio ía caminho do Brazil, embarcou para Lisboa, onde chegou em agosto de 1821.

Apenas saltou em terra dirigiu-se ao paço, onde o senhor D. João 6.° o recebeu com singulares mostras de apreço, e estimação, e d'alli foi a S. José de Ribamar pagar sobre o tumulo do duque de Lafões o tributo de saudade e de gratidão, que uma alma como a de José Corrêa da Serra não podia negar ao seu generoso protector, e amigo constante.

Ao testemunho de apreço dado pelo monarcha juntou-se depois o dos seus comprovincianos, que o elegeram deputado ás côrtes de 1823, onde nem os successos d'aquelle tempo, nem outras muitas circumstancias lhe podiam offerecer conjunctura de prestar valiosos serviços.

Por occasião dos successos da restauração, e tendo-se exacerbado os seus padecimentos, partiu para as Caldas da Rainha, onde falleceu em 11 de setembro de 1823, quasi ignorado e esquecido pelos seus naturaes, cujos periodicos nem se dignaram fazer commemoração da sua morte, sobrevivendo-lhe uma irmã, D. Maria José Corrêa da Serra, que com elle estivera na Italia, a qual falleceu em Belem em 22 de fevereiro d'este anno.

Devemos ao sr. Manoel Bernardo Lopes Fernandes a leitura de uns apontamentos biograficos de José Corrêa da Serra, escriptos por aquella senhora, dos quaes extrahimos tudo quanto não tinha sido já publicado no Archivo Popular de 14 de julho de 1838.

Não é possivel agora fallar dos muitos e notaveis escriptos d'este illustre portuguez, assim a respeito da botanica, cujo estudo seguiu, e cultivou com cuidadosa applicação, como ácerca de historia e de antiguidades, os quaes elle publicou em differentes linguas, e em diversos jornaes scientificos, ou em obras separados, e que são em verdade pouco conhecidos.

A academia das sciencias, na falta de outro tributo á memoria do seu respeitavel e verdadeiro fundador, poderia talvez ter colligido todas as suas obras, e fazer d'ellas uma edição completa. Seria um monumento de gloria para ella e para o paiz, e um desaggravo de tão longo silencio ácerca do seu homem mais eminente. A respeito do seu elogio academico diremos *só* que o fez Manoel Maria da Costa e Sá, e que nos consta o lêra na academia.

ROBERTO VALENÇA.

ROMANCE.

CAPITULO III.

No qual se conta como Roberto Valença descobriu, que havia um modo de adquirir, desconhecido no direito romano, canonico, e patrio.

Iremos encontrar agora o nosso Valença já na casa de seu muito honrado pae, a quem por habitual modestia ecclesiastica dava ainda o nome de padrinho, segundo o bom estylo d'aquelles tempos, sentado sobre os seus joelhos, e recebendo por junto as caricias retardadas de dois dias, que o conego faltára a visitar a casa da sua carissima metade.

Affagos, como aquelles, meiguices tão do coração, desejo tão vivo de contentar o pequeno, não houve ainda pae, que o manifestasse com tal viveza, desde o nosso primeiro Adão até este anno do Senhor de 1845: e o rapaz a interromper os carinhos paternaes com aquellas interessadas perguntas com que em casa da sr.ª Thereza, e depois em todo o transito na carruagem moêra a paciencia ao pobre João, a quem já faltava o talento necessario para variar a narração dos divertimentos e delicias da vida nova do nosso estimavel Valença.

Uma circumstancia nos tinha esquecido, que aliàs fôra necessario commemorar para melhor apreciação do nosso heroe.

Costumava o bom do conego pelas quatro festas do anno depois que o rapaz completára os seus 10 annos dar-lhe sempre uma peça de ouro de 7$500 com a condição de receber outra, quando na occasião competente lhe fosse apresentada aquella, ou o seu consummo devidamente justificado; meio não sabemos se bom, se máu, usado geralmente pelos nossos antigos, para habituar os pequenos ao uso, e trato do dinheiro, e á economia, e conservação d'elle.

Tinha a esse tempo o pequeno quatro peças, e por mais que a sr.ª Thereza lh'as tinha querido guardar em diversas occasiões, ou para herdar do filho em vida, ou para que os outros rapazes, com quem elle ia á escóla, lh'as não tirassem, ou qualquer outra pessoa o enganasse trocando-lh'as por alguns cruzados novos muito branquinhos, e em muito maior quantidade como aconteceu ao auctor d'esta historia, não havia forças humanas, que tirassem as peças ao pequeno; tal foi de uma vez a resistencia, que chegou a ameaçar a mãe de accusa-la ao padrinho, de que lhe queria tirar as peças, e a pobre mãe callou-se, e perdoou, que assim fazem todas ellas, as pobres mães!

Mostradas as quatro peças ao bom do conego n'este dia tão solemne, abriu elle uma gaveta, e tirando d'ella outras quatro deu-as ao nosso Valença, que n'este intervallo subira a uma cadeira, e olhára com avidez, e curiosidade, para dentro da gaveta, onde estava uma grande porção de ouro, e prata, como era de razão em vespora de jornada, e jornada longa feita por terra com carruagem, e criados, isto é, com grande incommodo, e muita despeza.

Se n'aquella occasião alguem podesse espreitar a fisionomia do pequeno, a sensação que lhe fez a vista de todo aquelle ouro, e prata, as côres rosada, e pallida, que se lhe succederam no rosto, e como aquelles olhos vivos, e pequenos, se contrahiram ainda mais, e vaguearam entre o ouro, e o pae, como o amante vigia que lhe não percebam o olhar de ternura, que deitou a sua namorada, teria advinhado o pensamento de cubiça, que d'aquella vista se originou na cabeça do rapaz, e nós vamos vêr como não se enganaria.

Com effeito o rapaz murmurou um *muito obrigado*, que mesmo as creanças pronunciam por entre os dentes, e guardou as quatro peças: infelizmente as peças agora recebidas faziam com as outras uma conta a que o rapaz não estava habituado: eram oito, e oito não era a sua conta favorita. O pequeno não sabia contar bem senão por duzias: acostumára-o a isso o habito da sua propria educação. Na escóla era uma duzia de bollos a menor correcção, que o mestre adminis-

trava: em casa, apesar do muito amor da sr.ª Thereza Fagundes, pelo seu querido filho, a duzia dos açoites se não era dada a miudo, era pelo menos muitas vezes promettida, e até a criada Joanna, quando ia fazer compras, trazia para casa ovos por duzia, botões por duzia, e etc. — finalmente a duzia era a primeira escalla da contabilidade do sr. Roberto Valença.

Já se vê que ter oito, e desejar ter uma duzia equivalle a faltarem-lhe quatro, e o nosso heroe, feita esta operação arithmetica, disse lá comsigo mesmo — se eu pilhasse uma duzia! — e com este pensamento foi para a mesa cear, e se metteu na cama que, junto da sua em um canapé, que se abria em leito commodo, e pequeno, lhe mandára fazer o papá.

Dormiria qualquer de nós n'aquella idade, ou ainda em outra mais avançada, um somno delicioso em uma tão regallada cama como devia ser aquella mandada fazer por um conego rico, moço, e fastoso, para o seu filho varão mais velho, mas o nosso heroesinho não póde pegar no somno; a idéa de completar a sua conta favorita não o deixava socegar: a maldita duzia não lhe sahia da cabeça.

Era meia noute, quando o sr. João se despediu dando as boas noutes, e deixando na cama o conego, e o menino: deu uma hora, e o pequeno acordado; deram duas, e elle sem dormir, deram tres, e o somno sem vir procura-lo. A esse tempo já o bom do conego resonava de dentro das cortinas brancas do seu leito como..... como um bom conego, que não ha resonar mais melodioso, e sonoro.

A insomnia consummára a tentação do pequeno: levantou-se, foi direito á commoda onde estava a feiticeira, bruxa, ou lamparina, que allumiava o quarto, abriu mui de mansinho a gaveta, e quando todo tremendo, e pondo-se em bicos de pés lhe ia a metter a mão, deu o pae uma volta na cama, e um ai profundissimo, e sentido, que soou por todo o quarto. Por um movimento espontaneo, e rapido, o nosso mancebo encolheu-se todo, e agachou-se junto da commoda para que a sua interposição entre a luz, e a cama do pae, não denunciasse o sitio em que elle estava, e o motivo que alli o trouxera.

Um pensamento de medo, e de raiva, por aquelle acordar do pae, lhe esvoaçou pela cabeça, mas a continuação do resonar paterno fez desapparecer este sentimento para voltar ao antigo preposito e cubiça de completar a duzia.

Não queremos ser supersticiosos, e mais os successos do mundo, e os nossos, forcejam por nos fazer assim, mas em verdade, custa a não vêr n'aquelle acordar do pae, n'aquella expressão de dôr aguda, intima, e profunda, que lhe escapou entre o somno, um não sei que de providencial; um d'aquelles mysterios, que não se sabem decifrar bem, mas que tem influencia poderosa na vida do homem, e nas suas acções.

Se aquelle acordar, foi um aviso do céu á innocencia, que se ia macular, se aquelle ai foi o desafogo de um pesadêlo horrivel, que n'aquella hora em que seu filho se manchava com uma falta torpe lhe pesava sobre o coração, não queremos nós assevera-lo, mas fosse ou não expressão da luta do bom com o máu espirito, este venceu, e o rapaz completou a duzia das peças, por um meio d'adquirir, que nem a Instituta, nem o Digesto, nem as Decretaes ou ainda a velha ordenação se dignaram enumerar entre os legitimos, com quanto já n'esse tempo fosse muito e muito conhecido.

Entretanto este primeiro passo não se dá sem hesitação; uma creança de 11 ou 12 annos, que se deixa tentar pela cubiça do ouro, e que se arroja a furta-lo a seu pae, não o faz sem hesitar, e sem sentir uma oppressão interna, que só o habito do crime póde apagar, ou antes amortecer. Ainda assim o nosso Valença não teve uma grande luta comsigo proprio: uma dilemma subtil, que sem ter aprendido logica elle soube crear para sua salvaguarda, lhe dissipou todos os escrupulos.

Este dinheiro é de meu pae, disse o pequeno junto da gaveta, e já com a mão sobre as cubiçadas moedas, se elle é meu amigo, dá-m'o de boa vontade, e se não é, por isso mesmo: e depois elle não o sabe, que aqui está muito dinheiro, e não é facil dar pela falta.

E voltou para a cama andando muito de mansinho, e mettendo as quatro peças debaixo da propria commoda d'onde as tirára, e onde era de crer ninguem as fosse procurar.

Ora em abono da verdade as quatro horas bateram sem que o pequeno adormecesse: por um lado considerava, que se o pae o vinha a saber, sobre o castigo corporal, de que mal poderia livra-lo a cegueira do amor paterno corria muito risco de não vêr Lisboa, e voltar para casa da sr.ª Thereza, para aquella maldita rua da bainharia, escura como a noite, e aturdida de dia e noute com as martelladas dos latoeiros, funileiros, e caldeireiros, que são a principal parte dos seus muito honrados moradores, por outro lado ficaram-lhe os olhos em uma bolsasinha de prata cheia de peças, de dentro da qual ellas reluziam tão lindas, e loirasinhas, que estavam mesmo convidando a tirar d'aquella escura gaveta bolsa, e peças, para nunca mais lá voltarem.

N'estas cogitações venceu o desfallecimento das forças pela insomnia, e pela anciedade do primeiro crime, e o nosso Valença adormeceu.



MODAS.

Extrahimos dos differentes jornaes de modas, chegados pelo ultimo paquete, as noticias e estampa que damos hoje: como depois da Paschoa não tem havido bailes, mal poderiamos notar a differença entre estas modas, e as que se usam na capital, e tambem até ao meio da semana antecedente o tempo não consentiu, que as nossas elegantes apparecessem com os seus vestidos de passeio, que nós acreditâmos seriam muito lindos, mas que a chuva não tem permittido que se vejam.

Os vestidos com que as nossas damas vão ao theatro não podem aproveitar-se para regular a moda, porque em Lisboa o theatro, ainda mesmo o italiano, não gosa das honras que na França e Inglaterra lhe concedem; senhoras e homens vão como podem, e como querem.

A respeito das modas dos homens ha pouco que dizer; continuam a usar-se as calças sem perzilhas, cintas muito compridas, e sobrecasacas larguissimas, com o competente chapéu pequenino, e com as abas reviradas, da fabrica do Loreto, cuja moda ainda não passou. As casacas soffreram alguma alteração para mais curtas nas abas.

Vestido de baile — Vestido de setim branco sombreado de côr de palha, guarnecido em volta da saia com uma renda muito larga, presa ao lado esquerdo com quatro laços de fita branca, e de oiro: em volta da saia laços da mesma fita no pregado da renda; corpo liso de espartilho com prégas de *areophane*: mangas curtas com duas prégas da mesma areophane, e um laço da fita do vestido.

Penteado — Um turbante de veludo verde claro posto no alto da cabeça, preso no lado esquerdo com um fecho d'oiro, do qual pendem rollos do mesmo veludo combinado com oiro.

Vestido de passeio — Saia de seda côr de ganga ornada com cinco folhos da mesma seda, recortados, pregados em igual distancia, ficando o ultimo logo abaixo da cintura: o corpo afogado e liso, mas um pouco aberto pela frente com duas ordens de botões em alamares: golla de renda: manga justa lisa um pouco mais curta, deixando ver outra de caça branca guarnecida da mesma renda: chapéu de setim branco franzido; ao lado esquerdo dois *marabouts*, e por dentro da aba tufos de filó ou de fita.

Vestido de manhã — Vestido de cambraia branca guarnecido com uma renda na extremidade da saia: corpo afogado franzido, mangas largas franzidas no pulso com renda igual á da golla: por cima um roupão de cachemira côr de chocolate com bandas de setim bordadas com applicados de veludo: corpo aberto com bandas voltadas, mangas soltas com os mesmos bordados nos canhões; em volta da cintura um grosso cordão de seda com borlas, tudo da mesma côr. Uma touca de renda branca com uma roseta de cada lado, e fita de setim azul.

Usam-se muito os manteletes, e *vizites* de seda de côr clara, de renda preta, ou branca, e de *tarlatana* forrados de setim azul ou côr de rosa, sendo mais preferidos os pretos, ou da côr do vestido que se traz.

Em Paris fez-se notar como mais elegante um vestido azul celeste, com tres saias brancas em cima, sendo as duas primeiras guarnecidas em volta de tres rollos de setim azul celeste, e a terceira aberta pelos lados á grega, e tambem guarnecida em volta com rollos do mesmo setim: corpo liso, de espartilho com uma *aberte*, mangas muito curtas, e abertas á grega guarnecidas com os rollos.

Tambem se usam, e não são menos elegantes pela sua simplicidade, os vestidos de *tarlatana* bordados, ou enfeitados com flôres, especialmente *catos, lilases, magnolias*, e *rosas do japão*.

Nos penteados usa-se a maior simplicidade; flôres, ou uma renda de prata ou oiro presa aos lados por uma pequena flôr, devendo cahir sobre as orelhas; tambem se usam muito as toucas com a renda em volta collocada de maneira, que venha a cahir sobre o pescoço occultando as orelhas, e enfeitadas de flôres ou fitas.

Em geral as consideradas como mais da moda são para baile côr de rosa, azul, ou branco; para passeio lilás, verde, amarello torrado, e sobre tudo preto, mesmo para as pessoas que não trazem luto.

NECROLOGIA.

Sexta-feira 10 do corrente, morreu a sr.ª marqueza de Ponte de Lima, D. Helena José de Assís Mascarenhas. — Tinha nascido a 21 de fevereiro de 1784, filha de D. José de Assís Mascarenhas Castello-Branco da Costa Lencastre, 4.º conde, e 9.º alcaide-mór de Obidos, e de Selir, senhor das casas de Palma e Sabugal, e 10.º meirinho-mór do reino, e da condeça D. Helena Maria Josefa Xavier de Lima, e foi casada com D. Thomaz José Xavier de Lima Vasconcellos Brito Nogueira Telles da Silva, 2.º marquez de Ponte de Lima, 16.º visconde de Villa-nova da Cerveira, 1.º visconde de Portugal, 20.º senhor do morgado de Soalhães, 19.º do de S. Lourenço, gentil-homem da camara da rainha D. Maria 1.ª, commendador da ordem de Christo, capitão do exercito, e coronel em França.

REVISTA DOS JORNAES.

PORTUGUEZES.

Revista academica n.º 22 —

Contém um resumo das sessões do instituto dramatico de Coimbra neste anno, nas quaes, entre outras coisas, se approvaram duas peças imitadas uma do hespanhol, outra do francez pelo sr. Paulo Midosi Junior, que não se esquece de consagrar ás letras o tempo que lhe sobra dos estudos juridicos em que tem sido estudante distincto: tambem o instituto votou agradecimentos pelos serviços que lhe prestára o sr. Manoel Maria da Silva Bruschy, notabilissimo estudante da faculdade de direito, que fechou a sua brilhante carreira academica publicando um excellente commentario do Waldeck em tres volumes. O instituto approvou o drama historico = D. Sancho 2.º = do sr. José Freire de Serpa Pimentel, que não merecêra as boas graças do real conservatorio.

Tambem se lê n'aquelle jornal *um parecer do sr. José Freire a respeito do Chatterton de Vigny; a continuação de uma memoria historica a respeito da instrucção primaria entre nós; uma carta do sr. Silvestre Pinheiro Ferreira ácerca do systema penitenciario, acompanhada de judiciosas reflexões da redacção; a artilheria em Portugal e Hespanha; o Fidalgo e o Poeta, romance continuado, do sr. Pereira da Cunha; as Trevas, poesia de Byron, traduzido pelo sr. Lima; a Historia de Portugal, pelo sr. Herculano: Noções de philosophia; Cadêa academica.*

Revista medica n.ᵒˢ 25, 26 e 27 —

Contém, entre outras coisas interessantes, *o resultado das experiencias feitas para extrahir das papoilas a verdadeira morfina*. O primeiro resultado foi muito satisfatorio, alcançando-se igualdade com o opio de Smirna, reputado por mais excellente. *Extractos dos jornaes relativos a sciencia, e Chronica, e Legislação medica, e um Boletim bibliografico.*

Revista universal n.º 43 —

Agricultura — cevada preta; Caminhos vicinaes; Liberdade de commercio; Caminhos de ferro; Estatistica necrologica; Viagens na minha terra; Carta do sr. Herculano ácerca da sua Historia, e respondendo ao sr. D. Sancho Manoel de Vilhena; Bibliografia; Theatros; Variedades; Noticias.

A carta do sr. Herculano merece ler-se. Pareceu-nos que s. s.ª, respondendo ao senhor D. Sancho, quiz fallar com alguem mais: em alguns pontos responde cabalmente, em outros o objecto de uma e outra parte funda-se em conjecturas, e nunca póde ter uma decisão cabal.

Revista economica n.ᵒˢ 9 e 10 —

Caudelarias; Estradas — systema de construcção das estradas ordinarias — estradas na provincia da Estremadura — estrada ao sul do Douro — estradas do Minho; Empreitadas; Canalisação do Tejo; Fabricas — modelos, e desenhos de fabrica.

Caixas economicas; Estradas — estrada ao norte de Coimbra — estrada ao sul do Douro — estradas do Minho; Empreitadas; Correspondencias; Fabricas — modelos, e desenhos de fabrica (conclusão); *Caminhos de ferro — locomoção por meio do ar comprimido — experiencias dos caminhos de ferro atmosfericos — ultimas noticias dos caminhos de ferro; Industria — companhia dos moinhos fluctuantes sobre o Tejo e affluentes — obrigações e estatutos da mesma.*

O artigo a respeito das caixas economicas é excellente, e rico de dados estatisticos.

O Illustrador n.º 31 —

O novo Diogenes (continuação); *Distancias entre algumas capitaes; Agricultura; Segredos do jogo de parar* (continuação); *Maximas, e conceitos do padre fr. Antonio das Chagas; População dos principaes estados da Europa; Barcos a vapor; Profecia arabe do seculo* 17.º *annunciando a quéda de Carlos* 10; *As eras; Noticias.*

Jornal militar n.º 12 —

Ordem de batalha dos exercitos modernos; Fortificação de campanha; Administração — castigos — promoções — e instrucção do exercito do Egypto; Synopses das ordens do dia do marechal Beresfford — e extracto das actuaes.

Jornal dos facultativos militares n.º 39 —

Entre muitas coisas interessantes e peculiares da sciencia traz um meio de promover a transpiração que é facilimo, e sem causar incommodo algum: consiste no uso de dois pedaços de cal virgem embrulhados em um panno molhado, e cobertos com outro enxuto, e applicados depois aos lados do tronco dentro da roupa. O folhetim ácerca do mesmerismo é tambem interessante.

Jardim das damas n.ᵒˢ 20 e 21 —

É um jornal muito interessante e variado, e estes dois numeros vem enriquecidos com tres pequenas poesias dos srs. D. João d'Azevedo, Valdez, e Evaristo Basto, que são lindissimas. Tambem deu com o n.º 21 um figurino de homem, e de mulher com dezeseis differentes fórmas de vestidos.

Restauração da carta —

Continúa o romance = *A Estatua de Nabuco* = e no n.º 83 um artigo do sr. Silvestre Pinheiro ácerca do codigo criminal, e do codigo civil.

Gazeta dos tribunaes n.º 701 —

Traz um artigo do sr. A. de Oliveira Amaral Machado, da ilha de S. Miguel, ácerca do sr. Vicente José Ferreira Cardoso, e do seu prospecto do codigo civil, em relação ao decreto de 10 de dezembro de 1845, que merece ler-se. A apreciação do caracter d'aquelle illustre jurisconsulto é em verdade curiosa.

Revolução de setembro, *supplemento* —

Folhetim ácerca da Leonor, de Mercadante.

Patriota até n.º 831 —

Tem continuado a publicação dos folhetins maritimos com = *Um feito portuguez na China* = e alguns artigos a respeito dos jesuitas: o ultimo folhetim é um juizo minucioso ácerca do = Magriço = escripto com critica apurada e judiciosa, mas severa. O n.º 831 traz um artigo provando como nós os portuguezes fomos os primeiros que na Europa tivemos jornaes.

Recebemos tambem o Jornal da Sociedade Catholica, e por esta occasião declarâmos aos seus rr., que a noticia da mudança de nome foi por nós publicada como do *Illustrador*, segundo se vê da folha, e que nenhuma indicação nos veio a esse respeito da redacção da = Voz da Religião. = Este jornal não troca ainda com o nosso, todavia já vimos o 1.º numero, e em verdade peza-nos que, sob o nome do evangelho, se comece tão virulentamente o exercicio da missão de paz e de caridade que Christo instituiu.

ESTRANGEIROS.

Troca de um throno por um logar no asylo. — Vai desapparecendo de Inglaterra a classe das gipsias ou bohemias. Os jornaes noticiaram no mez passado a morte de Dove Burton, rainha dos bohemios, que morreu de 95 annos perto de Salisbury. Esta rainha, abdicando a sua coróa nomada e vagabunda, veio acabar os seus dias em um asylo de mendicidade! Facto digno de registar-se como importante consequencia da civilisação.

Escholas esfarrapadas. — Em Inglaterra tem-se creado ultimamente escholas de ensino primario para os rapazes das classes mais infimas da sociedade, com o nome de *ragged schools* ou escholas esfarrapadas, não poupando esforços para os attrahir alli. Ha pouco se deu uma funcção a uma d'estas escholas, á qual assistiu o bispo de Norwich, e lord Ashley. A provocação ao trabalho pelo exemplo até da propria fortuna de sir Roberto Peel, foi a base principal do excellente discurso d'este lord.

Periodico-mania. — Nos Estados-unidos ha 1:555 folhas periodicas, e apenas 1:801 em todas as outras partes do mundo.

Hade ser um ceo aberto! — Tapton (pequena villa perto de Chesterfield) apresenta actualmente as seguintes circumstancias notaveis — não tem igreja, nem capella, nem parocho, nem letrado, nem medico, nem cafés, nem pobre algum!!!

Esta só inglezes! — Guilherme Hubbard foi enforcado em Inglaterra por ter assassinado sua mulher. Na vespera da execução seu pae esteve presenceando o levantamento da forca, e no dia seguinte assistiu com outro filho á execução, procurando uma posição eminente defronte da forca, ao mesmo tempo que um seu neto, filho do condemnado, estava de uma janella assistindo ao lastimoso termo da vida de seu pai. Estes inglezes são uns ratões exquisitos!

Mais um drama de Dumas, e um vaudeville de Scribe. — Dumas deu ultimamente para o theatro um novo drama = *A filha do Regente* =, e Scribe um vaudeville = *Genoveva*. = Segundo o Courrier français Dumas não quiz brilhar, e quando elle não quer não ha ninguem mais semsabor; pelo contrario Scribe quiz, e conseguiu fazer rir os espectadores.

Exposição das bellas artes em Paris. — Foram apresentadas ao jury 4:753 obras, das quaes foram approvadas 2:412, sendo 2:107 pinturas, aguarellas, e miniaturas; 135 de esculptura; 39 de architectura; 16 de gravura; e 131 de lythografia. A exposição das bellas artes fundou-se em 1699, no reinado de Luiz 14, com 210 obras; e na segunda vez, no mesmo reinado am 1704, concorreram 384. No de Luiz 15 houveram 24, nas quaes não appareceram mais de 321 obras. Durante o governo de Luiz 16 tiveram logar 9. Entre as 9 exposições do tempo da republica a maior, que foi em 1803, constou de 1:050. A de 1814 foi de 1:321, e no reinado de Luiz 18 nenhuma das 4, que então se fizeram, excedeu a 2:320. Em 1827 constou a exposição de 1:536 obras, e foi a unica do tempo de Carlos 10. No reinado de Luiz Philippe tem havido 15. N'esta o voto geral dá a primazia ao quadro da batalha de Isly, de Horacio Vernet. É um quadro immenso!

Propriedade litteraria na Russia. — O imperador da Russia publicou um decreto c ncedendo o direito de propriedade litteraria, a respeito das producções de bellas artes, aos artistas durante a sua vida, e á sua familia ou herdeiros ainda 25 annos depois da sua morte.

ENIGMAS PITTORESCOS.

EXPLICAÇÃO DO ULTIMO ENIGMA.

Um coração cheio de virtudes é superior a uma cabeça cheia de sciencias.



A ILLUSTRAÇÃO

JORNAL UNIVERSAL.



Cada anno da publicação d'este jornal será dividido em 12 n.os mensaes, distribuidos porém ás folhas semanalmente.
Assignatura: Um anno, 1$440 r.s — Semestre, 720 r.s — Trimestre, 360 r.s — Folha avulsa 30 r.s

N.º 2 — VOL. II — MAIO, 1846.
ESCRIPTORIO, RUA DA PRATA N.º 7 — 1.º ANDAR.

As assignaturas só se recebem no Escriptorio da Illustração. A correspondencia — *franca* — ao Redactor da Illustração. Vende-se: r. Augusta, n.º 1 — do Oiro, 115 — do Arsenal, 50 — Larga de S. Roque, 24 — da Esperança, 130 — e em Alcantara.

LISBOA, 30 DE ABRIL.

A semana antecedente fechou-se com a funcção da sociedade Thalia, que foi excellente, e a concorrencia muito numerosa. No domingo houve representação nas Larangeiras, agradavel divertimento, de que temos sempre ouvido fallar com louvor.

No theatro novo continuou o *Magriço*, apenas hontem substituido pela Cigana de Paris. Publicâmos hoje um artigo do sr. Serpa a respeito d'aquelle drama. Parece-nos que o Magriço tem pouco interesse dramatico, talvez mais por causa do assumpto, que por deficiencia do auctor, que julgâmos com optimas disposições para esta especie de trabalhos: tambem a linguagem nos pareceu excessivamente exaggerada ás vezes, o que é facil corrigir. De resto, sem adoptar inteiramente todas as opiniões do sr. Serpa, deixâmos o campo livre para a critica como é nossa obrigação. A farça — *Quem tudo quer, tudo perde* — agradou muito.

Em S. Carlos appareceu de novo o sr. Paganini na Lucia, mas não satisfez ao muito que, não sabemos porque, esperavam d'elle. O sr. Doux voltou ao theatro do Salitre, onde debutaram duas novas actrizes.

Agradecemos a remessa do — *Hercules preto* — romance original do sr. Augusto Aragão. Este mancebo se procurar corrigir um pouco o estylo, e escrever com mais vagar hade ganhar muito. Tem descripções lindas, e alguns bocadinhos escriptos com graça, e facilidade. Atrevemo-nos a fazer estes pequenos reparos apesar da declaração formal do auctor de que só admitte censuras de quem tiver feito melhor. Hade permittir que lhe digamos, que se quando o auctor corrigiu as provas da impressão do seu romance o compositor lhe não admittisse as emendas por igual motivo, havia ficar pasmado, e conhecer a injustiça do silencio que pertendeu impôr á critica.

Ao traductor da obra do padre Ravignan pedimos, que releve a demora do juizo ácêrca da sua obra. Podêmos já asseverar que está muito bem traduzida.

Temos em nosso poder os seis volumes das obras da sr.ª marqueza d'Alorna, com que obsequiosamente nos distinguiu a sr.ª D. Frederica, condeça de Oeynhausen, sua filha. Com quanto aquella illustre fidalga portugueza tenha uma reputação litteraria universalmente conhecida, nós não faltaremos a fallar mais detidamente d'aquellas obras, e desde já promettemos aos nossos leitores o retrato, e noticias biograficas da sr.ª marqueza de Alorna, agradecendo muito á estremada delicadeza de sua filha o donativo com que s. ex.ª enriqueceu a nossa bibliotheca.

ROBERTO VALENÇA.

ROMANCE.

CAPITULO IV.

Descreve-se o quarto do sr. João, no qual elle em conversação com os seus botões diz algumas cousas notaveis, e sonha com um habito de Christo.

Deixemos dormir o nosso heroe com o socego, que lhe concede este primeiro ensaio de apropriação irregular, e occulta, e entremos de mansinho no quarto do nosso conhecido, João Mercurio, ou Ganimedes, se este caracter lhe vae melhor junto de um conego, ou mais agrada aos nossos leitores.

O quarto do sr. João não póde merecer-nos uma grande descripção; nem a singela, e escura commoda de nogueira, que lhe serve de guarda-roupa, nem as tres velhas cadeiras de coiro lavrado, com as armas dos Valenças nas costas entre dois leões, e com as indispensaveis tachas amarellas ao redor, valem a pena de descrever-se.

Importa pouco ao leitor, que d'estas respeitaveis cadeiras uma esteja junto da cama para receber o fato do sr. João, quando elle se vae metter entre os lençoes, que outra sustente uma bacia de fabrica nacional, tendo no chão perto de si o competente jarro, de cuja aza não existia ha muitos annos tradicção n'aquella casa, e que finalmente a terceira espere junto de uma mesa cheia de papeis, que o habitador ordinario d'aquelle aposento se aproveite do seu prestimo para accrescentar mais uma lauda ao caderno das despezas do sr. conego, cujo mordomo tambem era o nosso João por economica accumulação, que seria hoje muito escandalosa, e anti-constitucional.

Entretanto se accrescentarmos a estes moveis uma cama de páu preto construida em delicado, e trabalhoso spiral, que hoje se venderia por muito boas moedas a qualquer *amateur de la renaissance;* se nos não esquecermos de notar, que na janella, por cujos vidros amarellados, e sujos, entra a luz com difficuldade, está um estojo de coiro com navalhas de barba, um pedaço de sabonete, um paninho de barba, meio pente, tres quartos de uma escôva, e um espelho de meio tostão pregado no caixilho; e se finalmente dissermos, que em um dos cantos do quarto repousa da guerra contra as codornizes uma espingarda muito negra, de coronha inteira, fechos de unha, e braçadeiras de prata, poderemos sahir d'alli perfeitamente instruidos ácêrca dos adornos d'aquelle pequeno recinto, seguro, e imperturbavel asylo das aranhas, e ratos de toda a casa; que não deixavam as occupações do sr. João aberta para que se lhe varresse o quarto, ou ao menos lhe fizessem a cama, e sem estar presente o sr. João não entrava alma viva n'aquelle aposento.

Estes habitos de sujissima, e repugnante precaução, combinados com a visinhança de um saguão pouco aceiado para onde deitava a janella do quarto do nosso mordomo, produziam um certo vapôr mephitico, e máu cheiro, capaz, segundo o systema do doutor Bondin, de curar quantas ptysicas tuberculosas tivesse o Porto, e as suas immediações.

Pois dadas as boas noites ao sr. conego, e ao seu querido primogenito, veio o nosso Mercurio para esta pocilga, fechou-se por dentro, sentou-se á mesa, abriu um livro pequeno com capa de pergaminho, e fechado por uma fita tambem de pergaminho, que se enrolava á volta do livro, voltou umas poucas de folhas até chegar á ultima que estava escripta, e tomando uma pitada com o socego, e descanço de quem n'aquella noute já não tinha cousa alguma, que exigisse o seu trabalho, disse lá comsigo mesmo:

Ora vamos, sr. João, isto não vae mal! Duas peças — que tempo aquelle! — só pelo trabalho de ir de sege buscar o menino, e de conseguir arranca-lo dos braços da mãe, não é paga de conego, é de bispo, se não é ainda de mais! Realmente este meu amo é um principe! Boa mesa, boa cama, soldada bem paga, roupa usada lá de vez em quando, affabilidade, e mãos gene-

rosas como estas..... custam a encontrar! Juizo, sr. João, e muito juizo.

E dizendo isto notava no seu diario a hora, e o dia em que da mão do sr. conego passaram para a d'elle aquelles abençoados quinze mil réis! Depois fechou, e atou cuidadosamente o livrinho, abriu outro maior, procurou tambem a ultima folha, e exclamou:

Que despeza, que lhe vae custar esta jornada! E o meu pobre amo, que me não quer levar comsigo! Hade ir por essas estradas com criados de cavallariça, sosito, e com o menino de mais a mais! E o menino, é verdade? Este menino..... este menino..... mas que tem vm.ce com o menino, sr. João? Ora não metta o nariz aonde não é chamado, oiça, veja, e calle-se, que é a sua obrigação, e o seu interesse..... e assim farei.

Eu bem sei que de conego a bispo não ia muito, e então para quem é tão rico, tão generoso, e tamanhos amigos tem na côrte como o sr. Valença, porém agora com esta creança de portas a dentro..... e toda a gente a perguntar d'onde veio..... e de quem é..... e com quem se parece, e todos a murmurarem, e o paço episcopal a fugir para longe de nós com a sua grande escadaria, e salões espaçosos, e muitos famulos, e uma grande sé com muitos conegos, e meninos do côro, e um celeiro..... oh! que celeiro! e tudo para meu amo gosar, e eu morrer com esta alma consolada de o vêr como elle merece!!....

Esta creança não vale tamanha perda..... mas vão lá dizer isto ao sr. conego? Nada, nada, sr. João, mais sabe o tolo no seu que o avisado no alheio; se meu amo assim o quer, é porque assim lhe faz conta, e quem paga como elle, não é para que lhe andem a querer advinhar as suas razões. Elle bem hade saber como se pilham as mitras, e quem sabe se será assim? Temos visto tanta cousa!

E dizendo isto a sós com os seus botões, como vulgarmente se diz, caminhou para a cama, aonde meia hora depois dormia profundamente não sem tornar a vêr em deliciosos sonhos o sr. Caetano Valença celebrando pontifical, e o seu modesto cargo de escudeiro, e procurador de um conego elevado á nobre, e elevada cathegoria de mordomo de s. ex.a, com senhoria permanente, um sobrinho vigario, e um habito de Christo no fim da vida!



O PRINCIPE PRETO.

Todos sabem, que nos ultimos tempos do anno de 1845 chegou a esta côrte o filho do rei do Congo, D. Nicoláu Agua rosada. A vinda d'este principe deu muito que fallar, e a imaginação dos habitantes d'esta nossa Lisboa achou largo campo para se espraiar em conjecturas, descripções, anecdotas, etc.

Uns diziam, que o principe vinha frequentar os nossos estudos na côrte, outros, que ia para Coimbra, outros, que andaria nú pelas ruas da capital, outros, que vinha casar na Europa, e até houve sogeitinho, que espalhou, que o governo lhe daria as Berlengas com o titulo de duque soberano d'aquellas ilhas!!!

Afóra isto poucas pessoas o visitaram, que não trouxessem de lá sua anecdota, que de bocca em bocca se tornou variada, e curiosa, até que de exaggeração em exaggeração se perdeu em um insondavel pégo de mentiras.

O caso é, que o sr. D. Nicoláu foi mandado pelo rei do Congo, seu pae, a cumprimentar a rainha, e a protestar-lhe as suas intenções de continuar a boa paz, e correspondencia, entre os seus vassallos, e os subditos de sua magestade fidelissima. Conduziu-o o sr. Amaral na fragata Dianna, e a rainha recebeu-o, e tratou-o com a affabilidade, e grandeza, que sempre foi usada pela côrte portugueza. O sr. D. Nicoláu tem-se demorado bastante tempo entre nós, e volta em um navio de guerra, que brevemente partirá para aquellas paragens.

O principe africano poderia ter adquirido durante a sua permanencia entre nós alguns conhecimentos, com que mais tarde aproveitassem os seus estados, e se estreitassem mais e com maior vantagem reciproca as relações entre os portuguezes, e os seus vassallos. Infelizmente a sua pouca idade não dá occasião a esperar grandes resultados d'esta sua viagem á Europa.

Na folha seguinte daremos algumas noticias ácêrca do reino do Congo, muito resumidas para não abusarmos da paciencia dos nossos leitores, obrigando-os a viajar comnosco por aquella cidade de S. Salvador, pallido reflexo do que foi em outros tempos. Estas noticias serão tiradas dos Annaes maritimos, e coloniaes, onde a este respeito publicou duas memorias o sr. Lopes Lima, o qual bem nos póde agora prestar este serviço em paga da perseguição injustissima, que por engano proprio, ou suggestão alheia, nos moveu quando governador civil de Coimbra.

O MAGRIÇO.

Abriu-se pela segunda vez o theatro de D. Maria 2.a com a peça, para esse fim premiada pelo conservatorio, *Alvaro Gonçalves Magriço, e os doze de Inglaterra.*

O drama é mediocre e não tem grandes defeitos: não tem grandes defeitos, porque os não póde ter, porque não tem grandes bellezas, nem grandes paixões, nem grandes pensamentos, nem grandes caracteres, nem grande acção, porque nada tem grande, porque é um drama mediocre em toda a extensão da palavra. Se este drama não fôra premiado, coroado de louros e de encomios pelos seus censores, se não fôra por elles proclamado como uma cousa grande e sublime, como um *non plus ultra*, como a *palmeira no deserto*, de certo ninguem se atreveria a criticá-lo, por isso mesmo que é mediocre, e não tem grandes defeitos, porque d'ahi não resultaria gloria para o censor, nem utilidade para a arte, porque o drama está abaixo de uma critica *em fórma*.

Dissemos que o Magriço não tem grandes defeitos; e alguem todavia lh'os tem já encontrado. O drama, em quanto a nós, não tem grandes defeitos, porque não falta ás regras *essenciaes* da arte, ás regras de todos os tempos e de todas as escólas, ás regras da verdade das paixões e dos caracteres, da verosimilhança da acção, da linguagem e dos costumes da época. As outras regras são *secundarias*, são o caracteristico da escóla, mas não do mérito do drama, tem por fim fazer com que o drama *agrade;* mas se o drama agradar, sem satisfazer a ellas, não se póde chamar defeituoso. Dizem que o drama do Magriço não é drama porque não tem *acção*: esta proposição não é verdadeira na generalidade; mas ainda quando o fosse na accepção particular, que querem dar á palavra *acção*, se o drama apesar d'isso agradasse, e tivesse grandes bellezas, parece-nos não seria muito sensato dizer que não era drama, e que tinha grandes defeitos.

Mas passemos á sua analyse.

A acção, além do seu pouco interesse, nem mesmo tem o mérito da novidade, é um arremedo da historia de Bernardim Ribeiro, e de seus decantados amores com a filha de D. Manuel, e é ainda a historia dos amores de D. João de Menezes, filho do alcaide-mór de Campo-maior com a filha de D. Duarte, que casou

com o imperador Frederico III [1]. Mas o sr. Garrett no seu *Auto de Gil Vicente* apresenta-nos com os amores do *poeta*, e da *infante* a historia e costumes da côrte de el-rei D. Manuel; orna este facto de episodios, e ainda assim resume toda a acção em tres actos, que para ella já são de sobejo. O auctor do Magriço prolonga a acção por cinco actos, e os episodios, em vez de a favorecerem, são-lhe completamente extranhos. A acção principal, o drama propriamente dito, reduz-se a tres scenas, são as scenas dos dois amantes no segundo, terceiro e quinto acto; tudo o mais são accessorios, pela maior parte deslocados e insulsos. A parte sentimental, o motor das paixões, o interesse, é fundado n'um ponto falso, que destroe tudo quanto no drama podia haver de bom: a distancia que separa os dois amantes, o principio a que são sacrificadas aquellas duas almas, é uma quimera, que só existe na imaginação do auctor: D. João I podia dar uma sua filha *bastarda* a um nobre de Portugal, como a deu a um nobre de Inglaterra, como casou seu filho Affonso com a filha de D. Nuno Alvares Pereira. A mesma Beatriz no terceiro acto diz que não deve corresponder á paixão de Alvaro, porque todos os cavalheiros da côrte de seu pae tem *igual* merecimento, e que o rei não quereria mostrar preferencia por nenhum, dando-lhe sua filha: isto na bocca de uma mulher apaixonada é uma *parodia!* E não haveria uma razão de preferencia, para Alvaro, em cuja casa havia sido educada, como uma pobre orfã, a filha de D. João I?!

Se a acção em si é destituida de interesse, como se vê, a maneira porque é desenvolvida não a torna mais interessante. O dialogo é frio, as scenas estiradas e sem animação, nos tres melhores dialogos do drama, os dos dois amantes, não dizem estes mais do que o que tem dito todos os amantes, que ha seis seculos pisam o palco scenico. O delirio do Magriço no quinto acto é uma das molas mais gastas do theatro moderno: quando elle volta contra si a espada, involuntariamente se apodera da alma do espectador a terrivel idéa de *scena de novella*, de triste e ridicula memoria, e quando *arremette* contra o pae, mais *ridiculo* e mais *novella*. O quarto acto nada tem de commum com a acção do drama; é um episodio, que muito bem podia illiminar-se sem que dessem por isso os leitores ou espectadores: se o auctor faltasse á *unidade de acção*, mas com isso introduzisse uma belleza, preparando o espectador para a continuação da acção do drama, suspendendo de proposito a curiosidade, para melhor excitar o interesse, ou tendo em vista outro qualquer fim, seriamos o primeiro a applaudir esse defeito, se é que é um defeito; mas nada, aquella extranha digressão á ilha dos nossos antigos alliados mais nos faz perder o pouco interesse, que tomamos na acção principal. Todo aquelle acto e o fim do terceiro, em que se reune a côrte depois das *evoluções*, que vem fazer á scena a guarda do rei são ratoeiras (perdoem-nos a expressão) para *armar ao effeito:* mas são cousas tão desligadas da acção e do interesse do drama, que não podem agradar alli á gente sensata, ainda que talvez servissem muito bem para *thema* de uma *dança* de mr. Martin, ou de uma farça magica do Salitre. Os caracteres são vulgares á excepção do de Simão Antão, que é o melhor do drama; mas é pena que falle tanta vez no seu *ferrinho* e que commande a sua gente como ha quarenta annos o mais ridiculo capitão de ordenanças: isto no fim da época da cavallaria, meio seculo depois da batalha do Salado, e no tempo de D. João I, é de um *ridiculo* enorme. O estylo é natural, e a linguagem, pela maior parte, correcta e não affectada.

Em resumo pois:

O drama não tem grandes defeitos, nem pecca contra os preceitos essenciaes da arte; mas é um drama mediocre, e tem defeitos em relação ás regras secundarias mais vulgares, que o tornam sem interesse dramatico, nem effeito scenico.

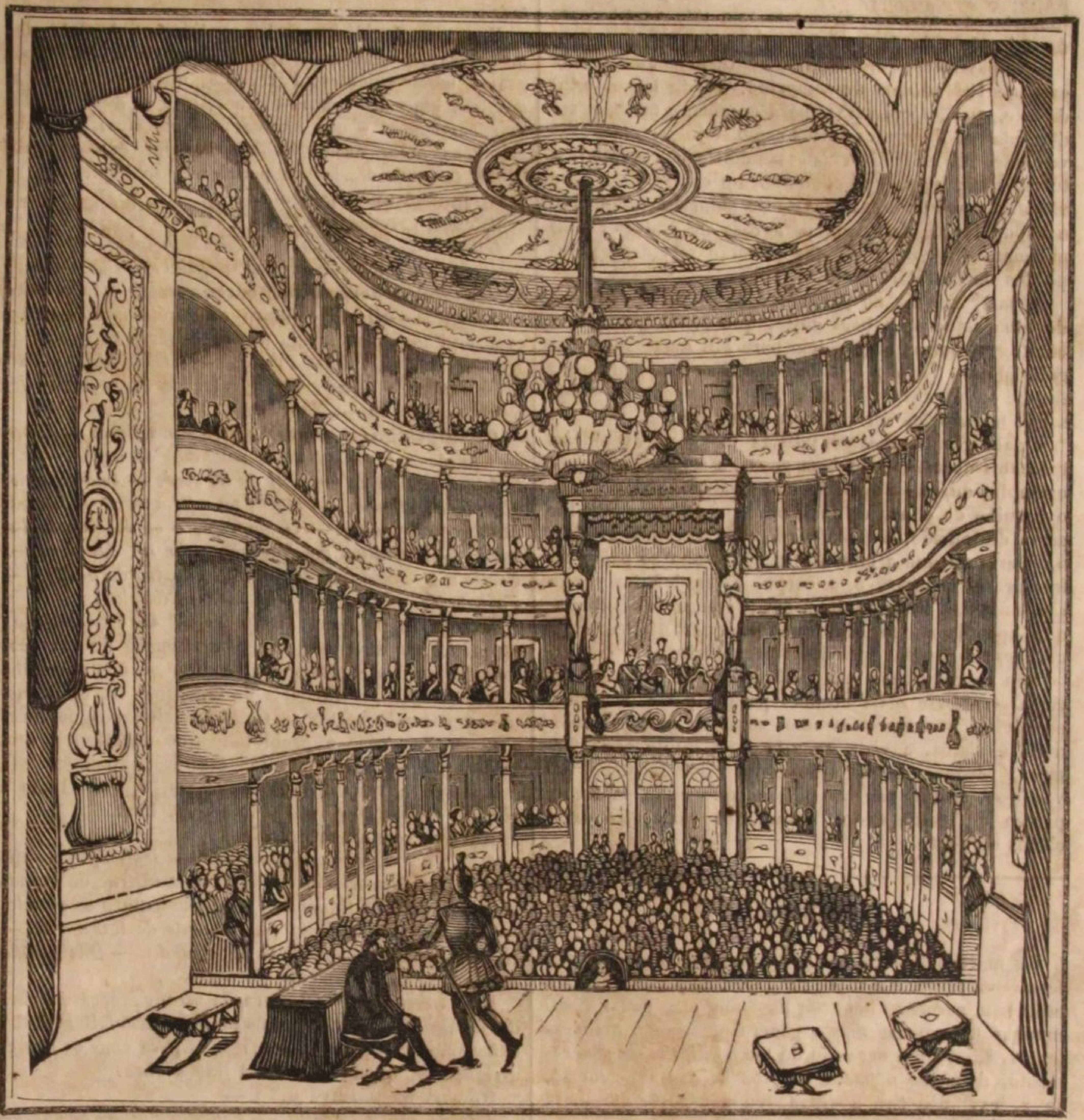
A. DE SERPA.

THEATRO DE D. MARIA 2.ª

Voltâmos hoje a tratar do novo theatro do rocio. — Que lhe chamem — *enguiço* —, ou — *agrião* —, que lhe notem muitos defeitos imaginarios, ou que exaggerem outros, que realmente tem, e que não careciam ser accrescentados, não deixará aquella casa de ser uma novidade de primeira ordem no nosso paiz, e de produzir uma sensação muito, e muito agradavel em quem pela primeira vez entrar n'ella.

Pela nossa parte, — força é dizê-lo — entrámos alli com fortissimas prevenções contra o theatro, mas cahiram todas perante a riqueza, e chistosa simplicidade que notámos em tudo quanto vimos.

Aos nossos assignantes das provincias a quem não podêmos convidar a ir vê-lo, e admira-lo, offerecemos na estampa a perspectiva da sala do theatro tomada do palco por occasião da primeira representação do — *Magriço* —, e para que se não queixem de que nos esqueceu dar-lhes uma descripção do interior d'aquelle edificio com todas as miudezas dos palmos de largura, e de comprimento, reproduziremos aqui parte do que a esse respeito se publicou na Revista Universal Lisbonense de 21 d'agosto do anno passado. Comecemos pela entrada geral para o salão ou atrio, a qual dá para o largo chamado de Camões.



«O vestibulo da praça de Camões tem tres grandes portas por onde se entra n'um salão, ou antes atrio, de 45 palmos de largura e 73 $\frac{1}{2}$ no seu maior comprimento, ornado de columnas doricas. Da parte direita estão as casas para a venda de bilhetes e camarotes, o botequim com todas as suas officinas, e uma escada para seu serviço, que conduz ás differentes ordens de camarotes; da parte esquerda está a entrada particular de suas magestades para a tribuna, com porta independente debaixo da arcada do vestibulo, e uma escada de 8 palmos de largura; debaixo d'esta escada está a casa para guardar as bengalas, etc. Na frente d'este salão, ou atrio, ha 5 portas por onde se entra para uma especie de corredor de 16 palmos de largura e 78 $\frac{1}{2}$ de comprimento. Ha n'este corredor 7 portas, 5 que correspondem ás do salão, por onde se entra para a platéa e corredores lateraes, e 2 nas extremidades para duas casas, uma destinada para a guarda, e outra para os criados dos espectadores; ambas estas casas ficam debaixo das escadas que conduzem aos differentes pavimentos do edificio, collocadas nas duas extremidades d'este corredor.»

«A platéa tem 70 palmos de comprimento e 60 de largura, as galerias e camarotes 10 palmos de fundo, e os camarotes 7 palmos de parapeito; em todas as ordens os camarotes de bocca tem 9 palmos de frente, com uma sala e um retrete juntos. O camarote particular de suas magestades tem uma entrada privativa pelo vestibulo da praça de D. Pedro. Este camarote tem junto uma sala de 27 palmos de comprimento e 17 de largura, um gabinete de 17 $\frac{1}{2}$ palmos de comprimento e 12 de largura, uma cópa, um retrete, e um corredor de passagem de 25 palmos de comprido e 9 de largo.»

«O palco tem 102 $\frac{1}{2}$ palmos de fundo e 88 de largo, e a bocca d'ópera 52 palmos de largo e 49 de alto. Junto á bocca d'ópera, no interior do palco e de ambos os lados, ha duas passagens de communicação para a caixa, uma entre a sala destinada para o director do theatro, que tem um gabinete junto do logar onde terminam as galerias, e immediato á casa de reunião dos artistas *(foyer)*; e a outra que fica ao lado do *pateo do regedor*, para entrada particular dos artistas. Ao pé da bocca d'ópera ha tambem 2 camarins para os actores mudarem de vestuario; e dentro do vão da bocca d'ópera ha escadas para serviço dos machinistas.»

«Em volta do palco fizeram-se casas para a illuminação, e para arrecadação dos bastidores, 18 ou 20 camarins para a companhia, gabinete para a direcção, galerias para se vestirem os comparsas de ambos os sexos, escada para serviço de adereços e vestuario, e latrinas separadas para os dois sexos, em todos os pavimentos.»

«Todos os corredores tem 11 palmos de largura; os do primeiro pavimento têem 15 $\frac{1}{2}$ palmos de altura, os dos outros pavimentos, e ultima ordem de galerias 11 $\frac{1}{2}$. Nos flancos de ambos os lados destes corredores, em todas as ordens de camarotes e galerias, ha uma casa para passeio *(foyer)* de figura exagona, e um retrete para senhoras, e dois para homens. Estes corredores todos vão dar a salas de 30 palmos de comprido e 16 de largo, no meio do edificio para a praça de D. Pedro.»

«O segundo pavimento tem um salão por cima do atrio de 73 $\frac{1}{2}$ palmos de comprido e 45 de largo, ornado de duas ordens de columnetas, que formam duas grandes galerias que deitam para as differentes ordens de camarotes, ficando assim este salão sendo uma parte integrante da sala do theatro e dos corredores, por ser indispensavel voltea-lo no transito d'elles.»

«A tribuna real tem 21 palmos de frente e 13 $\frac{1}{2}$ de fundo, e tem junto uma sala de respeito de 46 palmos de comprido e 16 de largo, outra sala de 28 palmos de comprido e 21 de largo, um vestibulo, uma cópa, e um retrete.»

[1] Castro — Mappa de Portugal. Nunes — Descripção de Portugal.

«A sala do theatro tem tres ordens de camarotes, com 20 nas duas primeiras ordens, e 23 na terceira, e mais duas galerias, uma debaixo da primeira ordem de camarotes, com quatro frizas de cada lado, outra sobre a terceira ordem de camarotes. Os camarotes são divididos por columnetas de madeira, e a sala na maior altura, do piso da orchestra até ao tecto da bocca d'ópera, tem 72 palmos de alto, fechando o seu tecto no fundo das galerias superiores, e não junto ás columnetas de divisão. Esta sala tem oito ventiladores de 1 ½ palmo de diametro.»

«No pavimento geral de todo o edificio ha uma grande casa de 120 palmos de comprido, 45 de largo, e 20 de alto, que poderá servir para ensaios, e tambem ser dividida em differentes partes como se julgar mais conveniente. Ha mais diversas casas destinadas para o vestuario e adereços, que communicam com o palco; no vão das asnas ha outra casa de 80 palmos de comprido e 70 de largo, destinada para casa de pintura; e finalmente diversos vãos, que poderão servir para depositos de bastidores, etc.»

A sala, que ha no pavimento da primeira ordem é de uma riqueza, e bom gosto, que produz o melhor effeito. As outras ordens tem para alli uma especie de galeria mui linda com tubos acusticos nas paredes a fim de serem chamados os criados facilmente, quando sejam necessarios em qualquer camarote.

Finalmente o theatro satisfaz todas as exigencias rasoaveis da arte, e do bom gosto, e é pena, que, por exemplo, quando chove, se não oiça uma palavra com o barulho da chuva cahindo na capa de zinco que lhe serve de telhado, e mesmo que os actores não estejam a coberto de que a chuva lhes não venha ao palco refrescar as cabeças, e o corpo. Estes defeitos porém são sanaveis, e não avultam em presença das bellezas, que apontâmos, se bem que qualquer d'elles exija grandes, e penosos sacrificios pecuniarios.

Não concluiremos sem lembrar que se o soalho dos camarotes fosse mais elevado para a parte posterior, ou n'elles houvessem assentos como na galeria immediata á platéa, a vista da sala seria muito mais formosa, porque, assim como agora está, acontece que vendo-se unicamente as pessoas que estão na frente parece o theatro vasio, quando os camarotes estão cheios de gente.

ANECDOTA.

Um marechal de campo portuguez acabando de confessar-se, foi para a mesa da communhão de espada á cinta: o parocho lembrou lhe que não podia commungar de espada, mas o general despresou a advertencia. Chegada a occasião de lhe administrar o Sacramento, disse-lhe o padre em voz baixa: sr. general, se v. ex.ª não tira a espada eu não posso dar-lhe a communhão.

Ha dois mil annos, replicou o marechal, que os meus antepassados sempre commungaram de espada á cinta.

Ha dois mil annos, sr. general, perdoe v. ex.ª, só se commungassem..... um escaravelho!

REVISTA DOS JORNAES.

PORTUGUEZES.

Gazeta dos tribunaes n.º 704 —

Parte official. — Jurisprudencia; morte subita de uma noiva quando acabava de casar-se: effeitos juridicos d'este casamento. — Projecto da nova casa pia dos rapazes vagabundos. — Questão de fóros. — Exposição do systema de mr. Bondin ácêrca dos pthysicos.

Este systema consiste em expôr á acção dos miasmas paludosos, e putridos a pessoa atacada pela pthysica. Funda-se principalmente na observação de que enxutos os pantanos cessam as intermittentes, e typhos, e começam as pthysicas, bem como de que o ar muito puro é extremamente nocivo aos que soffrem esta molestia.

Revista economica n.º 11 —

População; salarios; preço do trigo; fabríco e protecção do algodão. — Vias de communicação; noticias. — Proposta de sir Robert Peel julgada na camara dos deputados em França pelo ministro do commercio. — Abaco, ou contador universal. — Caminhos de ferro; da largura das vias ferreas; ultimas noticias dos caminhos de ferro.

O primeiro artigo é mui digno de ler-se pela importancia das questões que trata, e da sua applicação pratica entre nós. A depreciação dos cereaes, a escacez do numerario nas provincias pela sua affluencia ao Porto, e Lisboa, e que sem as confrarias, e misericordias, seria ainda muito maior, a falta de braços, e a conveniencia ou desconveniencia do emprego das maquinas são questões de primeira ordem, que alli se tocam ligeiramente, mas com atilado discernimento. Esperâmos que cada uma d'aquellas materias mereça á Revista um trabalho especial não só em beneficio da sciencia, como para illustração do povo na apreciação d'essas circumstancias, que por falta de instrucção elle attribuiu d'antes aos cometas, e a outras causas similhantes, e hoje a outras talvez não menos disparatadas.

Não nos decidimos pela applicação absoluta das maquinas, e receiamos que isso produza entre nós graves inconvenientes. Parece-nos que a falta de braços tem algumas causas moraes, que se deveriam tomar em conta, e que se desenvolvessemos, e procurassemos crear certos habitos de trabalho, que não temos, se remediaria um pouco esse mal que hoje se está sentindo tão vivamente.

Revista universal n.ºs 44 e 45 —

Cultura de betterrabas. — Eclipse do sol. — Melhoramentos agrarios. — Venturina artificial. — Conselhos de agricultura, manufactura, e commercio. — Estatistica necrologica. — Horto botanico da escóla medico cirurgica. — Viagens na minha terra. — Obras completas do sr. Garrett, tom. 6.º — Poesia. — A despedida. — Edificios fundados pelas sr.as infantas de Portugal. — Cemiterio de Belém. — Noticias.

Obras publicas: emprego para os mendigos. — Sciencias naturaes: calor lunar: machinas de vapôr. — Estatistica clinica no hospital de S. José. — Amoreiras na ilha de S. Miguel. — Viagens na minha terra. — Do pariato (continuação). — *O Magriço, e os doze de Inglaterra. — A estatua de Nabucho pelo sr. M. Leal. — Poesia: a canção do pirata. — Theatro do Salitre. — Variedades. — Oregon. — Modas. — Noticias.*

A idéa do primeiro artigo do n.º 45 é excellente; os mendigos devem merecer a attenção do governo, como sempre mereceram entre nós. Se nos não falha a memoria ha providencias do tempo do sr. D. Sebastião destinando certos serviços aos aleijados dos braços, ou dos pés, e prohibindo que mendiguem sem licença da respectiva camara etc. É tambem curioso um artigo a respeito das amoreiras, e muito linda a poesia, *canção do pirata* pelo sr. M. Leal.

Revista academica n.º 23 —

Influencia do christianismo sobre a legislação (continuação). — *Memoria historica sobre a instrucção primaria entre nós* (continuação). — *A quadratura do circulo. — Les arts en Portugal par le conte de Raczynski. — O romanceiro portuguez, parte segunda. — Bibliografia abbreviada da historia de Portugal.*

Recommendâmos a leitura do artigo ácêrca da obra do senhor de Raczynski. Nós promettemos fallar d'ella, e havemos cumprir esta obrigação para com os nossos assignantes, quando tivermos lido a obra.

Revista recreativa n.º 1 —

Introducção. — Poesia. — Espectaculos. — Modas. — Papisa, romance original.

Do romance fallaremos quando fôr mais adiantado, se merecer, que d'elle se falle.

Jornal de utilidade publica —

Continúa o romance — *O Carrasco d'el-rei* — e alguns pequenos artigos de recreio, e instrucção.

Jardim das damas n.º 22 —

Othello (continuação). — *Effeitos do carvão sobre a vegetação. — Linguagem das flôres. — O bom homem de Ballengucich* (conclusão). — *Quantas horas são? — O poder de uma lagrima. — Um ministro. — Poesias. — Charadas. — Anecdotas. — Debuxos.*

As poesias são do sr. D. João de Azevedo, Costa, e J. F. de Serpa.

Jornal da sociedade catholica n.º 8 —

Jesus Christo. — Duas palavras sobre a sociedade catholica. — Pastoral do bispo do Porto. — Continuação de outra do bispo do Algarve. — Actos do consistorio pontificio de 19 de janeiro d'este anno. — Noticias religiosas portuguezas, e estrangeiras.

A Voz da religião n.º 2 —

Traz uns versos ácêrca dos sete passos da paixão de Christo, e artigos, e noticias religiosas.

O Religioso n.º 15 —

Authenticidade, verdade, e divindade dos livros do novo testamento. — Pastoral do bispo do Porto. — Exercicios de devoção. — Necessidades de educação religiosa do povo (continuação). — *Pensamentos do abbade Boileau.*

Annaes maritimos, e coloniaes n.º 7 —

Este jornal é interessantissimo pela natureza do seu objecto, pelos conhecimentos dos que o redigem, e pelos artigos que publica. N'este numero além da parte official apparecem — *Esclarecimentos sobre o plano dos portos de Goa e Mormogão. — Explorações dos portuguezes no sertão da Africa meridional. — Regulamento dado ao chefe de uma das primeiras armadas que foram á India depois de Pedro Alvares Cabral e etc.*

ESTRANGEIROS.

O direito de comer nas côrtes reconhecido officialmente. — Mr. Sawyed é ferreiro, mas não é ahi qualquer Vulcano reles, de forja á porta da rua; é um ferreiro, que os seus concidadãos nomearam deputado por Ohio, terra das fabricas, theatro, e hospedarias fluctuantes. Um periodico de Nova York censurou o *nobre* ferreiro de comer no salão das côrtes collocando-se para esse fim no vão de uma janella por detraz da cadeira do presidente.

Ora, apurado o negocio, como o diabo nunca é tão feio como o pintam, a cousa veio a dar em quasi nada. Mr. Sawyed apenas costumava, logo que davam duas horas, ir para traz da cadeira do presidente, e alli tirava da algibeira um pedaço de papel gordurento, onde trazia pão, e toicinho: depois — que lhe havia o homem de fazer? — comia-o, e limpando os dedos ao papel lançava-o pela janella.

Se os dedos ainda ficavam untaditos, ou os lambia, ou então cabeça com elles, e o cabello ficava mais lusidio, do que se lhe pozesse a pomada do inexgotavel urso de mr. Guichard, e, quando Deus queria, as mangas da sobrecasaca serviam de guardanapo, e um canivete de palito! Mr. Sawyed conscio de que o toicinho era propriedade sua, e os dedos, e o papel, e a cabeça, e a sobrecasaca, queixou-se á camara de que o censurassem por usar livremente da sua propriedade, e a camara poz no andar da rua os taes redactores inimigos do toicinho, reconhecendo assim o direito de comer no salão dos legisladores!

Reconciliação de novella. — Um hespanhol atravessava de noite uma rua de Madrid. Engolfado em cogitações importantes andava com passo vagaroso, e que poderia parecer incerto a quem o observasse. Uma senhora chegou perto d'elle, e lhe perguntou se era estrangeiro; respondeu que não: pois se sois hespanhol, replicou a dama, valereis a uma desgraçada, que fugiu a seus paes, porque a queriam casar contra sua vontade.

Mas que quereis, que eu vos faça, senhora?

Que me acompanheis, se não tendes receio.

O hespanhol surriu-se, como surri um hespanhol quando lhe perguntam se tem medo, e dispoz-se a seguila sem ter podido ainda vêr-lhe a cara: atravessaram algumas ruas até que chegaram a uma casa a cuja porta estava um menino; aproximam-se, e este novo reparador de aggravos reconheceu n'aquella creança um seu filho, e na dama, que implorava o seu auxilio, a propria esposa, que elle havia pouco abandonára!

A ternura de uma esposa afflicta, e desventurada, suggerira esta idéa, que foi seguida de uma reconciliação formal entre os dois conjuges. Não obrigâmos os nossos assignantes, nem mesmo os que o não são, a acreditar este caso, basta-nos que não duvidem que o extrahimos dos jornaes hespanhoes.

Calamidade espantosa. — Em Almeria (Hespanha) os campos não apresentam uma espiga; os gados, e animaes de lavoura morrem todos; e as fontes seccam, não restando áquelle povo senão o recurso de uma emigração geral!

Exposição das bellas-artes em Madrid. — Espera-se que a exposição madrilenga seja mui abundante, e notavel, e falla-se com grande louvor de dois quadros que alli devem concorrer — *A origem da casa dos Girões* pintado por D. N. Rivera para o duque de Ossuna, e as *tres Marias* por Frederico Madrazo. Differiu-se para maio a exposição para que fosse mais brilhante.

O alcaide de Pamplona com honras de chantre. — O alcaide de Pamplona descobriu no archivo um documento no qual se lhe concedia o privilegio de ter logar no côro entre os conegos nas festividades ecclesiasticas. O alcaide deu parte ao cabido, o qual depois de verificar o fundamento da pertenção do magistrado decidiu que era justa, e legal, e que o logar, que lhe pertencia, era a cadeira do chantre.

ENIGMAS PITTORESCOS.

EXPLICAÇÃO DO ULTIMO ENIGMA.

Os desastres humilham o covarde o valoroso com elles não se aterra.



SUMMARIO.

LISBOA, 7 DE MAIO.

TEMOS hoje muito pouco que dizer aos nossos leitores. O theatro de S. Carlos fechou-se, e nos outros tem continuado os mesmos espectaculos com pouca concorrencia. Hoje dá-se no de D. Maria 2.ª o novo drama — O poder dos remorsos — veremos como o respeitavel publico se digna recebê-lo; naturalmente com corôas, que é já molho de pastelleiro sem o qual não póde servir-se nenhum dos pratos da nossa mesa dramatica. Mas isto não é só condão nosso: lá por fóra é o mesmo; louvor, e vituperio dão-se tambem sabe Deus com que justiça! Cá e lá más fadas ha. Com isto não queremos dizer que o drama seja máu: veremos.

Damos hoje uma unica estampa, e com quanto seja como as antecedentes, maior do que as que se costumavam publicar n'este jornal, não nos julgâmos dispensados de dizer que fizemos quanto em nós coube para que assim não acontecesse, mas o muito digno artista, que nos auxilia, não póde concluir n'esta semana as duas estampas. Esperâmos que este inconveniente não hade repetir-se. Tal é a mingua de gravadores de madeira entre nós, que a falta de um a custo póde remediar-se, e ás vezes de modo algum.

ROBERTO VALENÇA.

ROMANCE.

CAPITULO V.

No qual entra o sr. João, um rendeiro, o nosso heroe, um cão, uma velha, e algumas cousitas mais.

No dia seguinte pelas cinco horas da manhã batiam á porta do quarto do sr. João: era o rendeiro do conego, que em muito boas moedas portuguezas lhe vinha contar 960$000 réis, conforme exigíra o sr. Mercurio na sua ultima, e muito respeitavel circúlar aos caseiros de seu amo.

Ora talvez que o viesse incommodar, disse o rendeiro ao pisar o limiar da porta do mordomo; o sr. conego deita-se sempre tão tarde.....

Essa é boa, sr. Manuel Lopes, interrompeu o João, vm.ce não faz visitas incommodas; d'estas muitas! Agora quem hade ter pressa é vm.ce, que ainda hoje tem de ir para casa, e o sr. conego deitou-se tão tarde, que antes das onze de certo se não levantará.

Isso é o mesmo: eu deixo ahi o dinheiro, e como vm.ce cá fica, para a semana, se eu vier á cidade, levarei o recibo.

O sr. João saltou da cama abaixo, vestiu-se apressadamente, e foi sentar-se na cadeira curul de mordomo perante a qual tantas vezes se contorcêra e humilhára o caseiro atrazado nos pagamentos, e o foreiro devedor sem descobrir na fisionomia severa do nosso João signal, que não lembrasse execução, penhora, arrematação, ou adjudicação!

Começou de contar-se o dinheiro, que vinha em bons cruzados novos em dois saccos pequenos de panno de linho, e perfeita a conta de 900$000 réis disse o rendeiro com certo ar d'amizade, e ao mesmo tempo de segurança de bom pagador:

Sr. João, faltavam-me 60$000 réis; não os tinha em prata, e não quiz pedi-los emprestados: trouxe esses cinco dobrões de 15$000 réis cada um; vm.ce faz-me favor de os guardar, e quando eu voltar trago-lhe a prata, e levo os dobrões. Está por isto, amigo?

Ora o sr. Manuel Lopes tem cousas! Eu cá por mim, disse o nosso João lançando aos dobrões um olhar de amizade, e devoção de fazer abrandar as pedras, não me importa com isso: o peior é se o sr. conego os quer.....

Está bom, amigo, está bom; não me irei embora, e pedirei esse favor ao sr. conego: lá me custa fallar a estes senhores em similhantes cousas, mas paciencia, esperarei que se levante.....

O João, que se viu pilhado no innocente desejo de reunir os dobrões com as duas peças do dia antecedente, e receioso de que o rendeiro lhe percebesse as intenções, e puzesse ponto nos bons presentes que lhe mandava em todos os semestres, interrompeu-o logo dizendo:

Ó sr. Manuel, isso é cousa que se diga?! Pois é necessario fallar ao sr. conego? Isto é um modo de dizer: bem lhe importam a meu amo os dobrões: póde até leva-los, que para o abonar não se hade ir a casa do visinho, graças a Deus.

Obrigado, sr. João, obrigado; eu sei que é amigo, e por isso é que me envergonhei com vm.ce; bem sabe, que nem todas as occasiões são iguaes, e a gente ás vezes tem muito dinheiro, e n'outros dias nem chavo. Agora adeus até á semana que vem.

Adeus, sr. Manuel Lopes até outra vez.

E separaram-se, o rendeiro descendo as escadas para montar na egoa gallisiana, e viva, que a furta passo o conduzíra á cidade, e o sr. João ficando a admirar a solidez, o pêso, e a suave aspereza de tacto dos cinco estimaveis dobrões; terrena, mas natural contemplação em que o encontraram as nove e dez horas da manhã.

A essa hora pouco mais ou menos, e quando o sr. João começava a desistir da idéa de fazer seus aquelles dobrões com alguma razão especiosa, com que illudisse o bom homem Manuel Lopes, sentiu que se abria a porta do seu quarto, e viu passar pela abertura a cabeça e metade do corpo do nosso respeitavel heroe.

Pois o sr. conego já se levantou, exclamou logo o João cuidando ter por aquella vez faltado ás obrigações matutinas para com seu amo?

Nada; quem está a pé sou eu: o padrinho ainda dorme, e ressôna, que não deixa pregar olho; é peior que os latoeiros da Bainharia.

Cêdo começa o menino a incommodar-se com seu padrinho, respondeu o João com ar severo, e serio, ora ande lá!.... Olhe, que se gostar mais da Bainharia, eu levo-o lá n'um instante.

Deus me livre, João, não fallemos mais nisso; eu heide ser muito seu amigo, mas vm.ce não me hade levar para a Bainharia, não?

Pois o menino não quer ir para sua mãe; que é tão sua amiga, e chorou tanto quando o menino veio embora; que o não queria deixar ir para Lisboa.....

E quando vamos nós para Lisboa, interrompeu o pequeno? Quem me dera lá já?

Descance, descance, que já tardou mais; mas diga-me cá, para que se levantou tão cêdo?

Olhe, eu não podia dormir, e tenho tanta vontade de comer; se vm.ce me mandasse dar alguma cousa.....

O João não desconfiou d'este appetite tão matinal, e chamou por uma criada velha, dispenseira da casa, e n'ella pessoa muito auctorisada, mas a sr.ª Quiteria, que assim se chamava a dona, não respondeu.

O sr. Mercurio pelo natural desejo de fazer a vontade ao pequeno, e pela curiosidade tambem muito natural de saber aonde se tinha ido metter aquella veneravel matrona, levantou-se da cadeira, sahiu do quarto, atravessou um salão, que lhe ficava contiguo, foi á sala do jantar, e á dispensa, chegou a uma janella, e viu a sr.ª Quiteria no quintal estendendo sobre uma canna suspensa dois lenços vermelhos de tabaco para enxugarem ao sol.

Certificado de que ella estava dentro dos dominios de seu amo, como a idade, e natural prudencia lhe pediam, tomou da dispensa dôce, e pão, pôz sobre a mesa os aprestes necessarios para esta pequena collação, e veio ao corredor chamar o rapaz, que já a esse tempo passeava no salão.

Notou o sr. João, que o nosso Valença estava com as faces muito rosadas, e que olhava em derredor de si com fisionomia de assustado, mas como ao abrir a porta do corredor entrára no salão o *maluco*, lindissimo cão da terra-nova, de que uma dama de Lisboa fizera presente ao sr. conego no inverno antecedente, e andava seguindo e farejando o rapaz, não se lembrou de que outra, e mui diversa, podia ser a causa d'aquelle rubor, e como que sobresalto do pequeno. Com um — *passa fóra, maluco* — julgou ter socegado os receios do rapaz, e obrigado o animal a conter-se nos seus justos limites.

Assistiu o nosso Mercurio á collação do sr. Roberto Valença, a quem o cão de vez em quando avisava de que não estava alli — como vulgarmente se diz — para fazer officio de corpo presente: o rapaz comia atrapalhadamente, e olho no João, olho na comida, e olho no cão, mal sabia o que fazia. O João continuava a attribuir a medo do cão o desasocego do pequeno, tentando admoestar o maluco com as vozes do estylo para que estivesse socegado.

Entretanto acabou o sr. Roberto de comer, poz-se em pé, foi á janella, viu a Quiteria no quintal, voltou-se para o mordomo, e disse-lhe:

Ó João, de quem é este quintal onde está aquella mulher?

É cá de casa, e se o menino quer ir para lá brincar em quanto o padrinho não acorda, eu vou ensinar-lhe o caminho.

Dito, e feito: sahiram da sala, seguiram ao longo do corredor, desceram uma escada interna, e atravessaram um pequeno pateo, que dava para o quintal. Chegados á porta, o sr. João, a quem a lembrança dos dobrões, e do quarto aberto acudíra desde que se lhe desvanecêra o receio de algum desacato do *maluco*, olhou para onde estava a dispenseira, e com voz, que ella podesse ouvir bem, gritou-lhe:

Ahi vae esse menino, sr.ª Quiteria, tome conta nelle, não o deixe chegar para perto da nora.

E fez-se de volta para o quarto com tanta rapidez que não ouviu a sr.ª Quiteria que lhe respondia:

Boa estou eu já para guardar creanças! E então um rapazote travesso, como isto hade ser!

O menino quiz justificar a exclamação da velha, e poz-se a correr por todo o quintal com o olho sempre na Quiteria, e ella — *menino, menino, ó menino, para ahi não* — e o pequeno a correr até que se escondeu por detraz das murtas que cercavam a nora.

Este rapaz, bem o dizia eu, é o diabo: ei-lo lá vae para a nora direito como uma linha!

E a velha arrastando os pés de mais protuberantes joanetes, de que se conserva memoria na cidade eterna, foi dar com o menino de joelhos a esgravatar a terra junto das murtas.

Ó sr. Roberto, saia d'ahi, que se suja todo. Jesus, santo nome de Jesus, clamava a pobre mulher levantando-o por um braço, e sacudindo-lhe com a outra mão a terra dos joelhos, como está todo porco; venha, venha lavar as mãos. Se o sr. conego o via assim! Valha-me Nossa Senhora da Soledade!

IMPRENSA NACIONAL.

O pequeno com os olhos baixos, e pizando com os pés a terra onde estivera a bulir, teve de voltar com a velha, e deixar aquelle sitio a que por instantanea e inexplicavel sympathia se affeiçoara de repente, mas taes foram os rogos e caricias do rapaz, tão solemnes as promessas de não bulir na terra, de se não sujar, nem ir para a nora, que a boa Quiteria não pôde resistir-lhe, e o sr. Roberto Valença teve licença e occasião de brincar e saltar muito á sua vontade, esconder-se, tornar a apparecer, e até mesmo sujar um pouco as mãos e a roupa, não sem ouvir de vez em quando a voz da cuidadosa velha que o chamava, ou reprehendia.

Por volta do meio dia appareceu o conego á janella, e chamou o pequeno. O rapaz fez-se pallido, olhou para a velha com um semblante, que ella não soube traduzir, mas que lhe fez sensação, e tomou o caminho da casa adiante da dispenseira, mas dizendo-lhe sempre:

Então vm.^ce fica hoje no quintal? Vamos, vamos, não ouviu chamar o padrinho?

Lá vou, lá vou, menino; se eu tivesse as suas pernas, e a sua idade, já lá estava ha muito.

Pois sim, Quiteria, pois sim, mas venha comigo, que eu tenho medo do maluco.

E não houveram forças que o separassem da muito respeitavel Quiteria, até que em sua companhia deu entrada na sala de jantar, que agora ia ser do succulento e bem provído almoço do sr. conego Caetano Valença e do seu querido primogenito.

BREVISSIMA NOTICIA

DO

REINO DO CONGO.

Deixamos os nossos leitores a observar as feições do sr. D. Nicoláu Agua rosada, e aquelle seu exquisito mas elegante vestuario de saia verde, colete, faxa, barrete, e çapatos encarnados, e jaqueta azul, promettendo-lhes extrahir das memorias do sr. Lopes Lima uma noticia a respeito do reino do Congo. Vamos hoje cumprir a promessa. Não tema o leitor que o levemos pelo rio Zaire acima até á cidade de S. Salvador, e alli o demoremos muito entre aquella pretaria a moer-lhe a paciencia com tudo quanto a respeito d'aquellas terras, e seus habitadores, se tem escripto ou póde vir a escrever-se. Não acontecerá assim.

Corria o anno do Senhor de 1485 quando Diogo Cam, cavalleiro da casa de el-rei D. João 2.° descobriu o rio *Zaire* em cuja embocadura plantou o padrão de S. Jorge, que ainda hoje se conserva, e entrando pelo rio acima foi ter a um grande reino chamado Congo, d'onde trouxe alguns naturaes por amostra a este reino. Tratou-os el-rei muito bem, e em 1486 os conduziu o mesmo Diogo Cam á sua patria, ficando o rei do Congo tão captivado das attenções do monarcha portuguez, que lhe mandou um embaixador, presentes, e alguns moços das melhores familias do Congo para se instruirem na fé, pedindo-lhe sacerdotes, e officiaes mecanicos para ensinarem o povo.

Com effeito em dezembro de 1490 partiu a primeira missão, e chegando lá em 1491 baptisou-se o rei, a rainha, o principe herdeiro, muitos fidalgos, e povo, construindo-se logo na cidade de *Ambasse*, depois *S. Salvador*, a igreja de Santa Cruz, e uma fortaleza com feitor, alcaide, e guarnição na foz do *Zaire*. El-rei D. Manuel continuou esta boa correspondencia com os reis do Congo, aos quaes deu armas, em que parece entravam parte das portuguezas, e lhe conferiu o tratamento de *senhoria*, e alçada para ter um ouvidor da sua nomeação para despachar com elle os negocios dos seus vassallos segundo a legislação portugueza, fundando-se então alli um convento de franciscanos, e residindo em S. Salvador muitos dos nossos.

Já por esse tempo tinham havido no Congo graves alterações entre a familia real por causa da successão da coróa e da nova religião, as quaes duraram por muito tempo, compondo-se, segundo ellas o permittiam, os negocios e interesses dos portuguezes naquelles estados, de maneira que no comêço do seculo 17 tinhamos na foz do *Zaire* uma povoação, e feitoria tão importante como a de Loanda, e em S. Salvador um bairro separado com um muro com ouvidor portuguez sujeito ao governador de Angola, e entre este cêrco, e os paços de el-rei — tambem cercados — a sé cathedral com bispo, creado a instancias de D. João 3.° em 1534 e em 1597 separado de S. Thomé, e cabido com nove conegos, havendo no reino doze igrejas, e sendo o rei vassallo, e tributario da coróa portugueza com tributo determinado por um contracto registado no livro grande da feitoria de Angola.

Depois os hollandezes invadiram o Congo, e se apossaram da nossa feitoria de Pinda na foz do *Zaire* em 1641, construindo alli uma fortaleza arrasada em 1648 por Salvador Corrêa de Sá, que d'alli os expulsou, e castigou o rei do Congo pelo muito que os protegeu, ficando d'ahi por diante aquelle reino entregue a si proprio, e abandonado até de ministros do evangelho, como em 1814 se queixava o rei D. Garcia 5.° em uma carta ao soberano portuguez pedindo-lhe sacerdotes, e recordando-lhe o antigo costume de serem despachados pelos reis de Portugal com a *coróa, sinete, annel real, sceptro, e tudo o mais como cadeira de encosto, rêde, etc.....* e tambem *chapéu de sol.* ... como já o sr. D. Sebastião creára duques, marquezes, e condes aos principaes dembos, e sovas, parentes do rei do Congo D. Alvaro 1.°, quando este prestou homenagem á coróa de Portugal.

Fôra D. Garcia 2.° aquelle a quem Salvador Corrêa castigára asperamente tendo de comprar a paz pela cedencia da ilha de Loanda a troco das pareas que devia. Morreu em 1663 deixando a seu filho D. Antonio um legado de vingança.

Tomou D. Antonio a peito o cumprimento do legado, e depois de praticar feitos crudellissimos contra seu proprio irmão, que fez assassinar, determinou atacar os portuguezes entrando com um exercito de cem mil homens pelas nossas possessões em 1665. Sahiu-lhe ao encontro o famoso Luiz Lopes de Sequeira com quatrocentos portuguezes, e seis mil negros, e nas terras de Ambuilla perdeu aquelle principe a batalha, e a vida, fazendo-lhe Luiz Lopes cortar logo a cabeça. Por morte d'este principe ficou vago o throno, e o reino em guerras civís por mais de 30 annos, até que a pedido dos principaes senhores do Congo o sr. D. Pedro 2.° de Portugal ordenou por carta regia de 17 de março de 1690 que o governador de Angola D. João de Lencastre interpuzesse a sua auctoridade na eleição do rei do Congo, ordem que foi repetida nas cartas regias de 29 de abril de 1691, e de 24 de janeiro de 1693.

Recahiu a eleição em D. Pedro Agua rosada, pessoa de sangue real, da muito nobre descendencia dos duques de Batta, mas suscitando-se novas questões determinou o soberano portuguez por carta regia de 5 de março de 1700, que o conde do Sonho, o duque de Bamba, e o marquez de Pemba se unissem para a eleição do rei do Congo, e foi encarregado d'este negocio o padre Fr. Francisco de Pavia, prefeito da missão dos capuchos italianos.

Desde então, ou mais propriamente desde 1702, ficou definitivamente assentada no throno do Congo a dynastia Agua rosada, a qual tem sido sempre fiel á coróa portugueza.

UM QUARTO D'HORA.

Conheceis Elvira, a minha Elvira? É uma mulher... ou para fallar com mais acerto é um anjo. Vinde comigo, e vêde-a acolá mollemente recostada toucando-se de flóres e rosas para ir ao baile..... Pallida como agora a vêdes, quando qualquer sentimento a impressiona e lhe entra no fundo d'alma, as faces d'aquella Niobé d'alabastro tingem-se do tenue escarlate da tulipa de Benguella; aquelles olhos amortecidos agora lançam então uma como irradiação magnetica, uma aureola de luz e esperança tão bemfazeja, que qualquer homem por mais acossado que ande pela tormenta da desgraça sente renascer-lhe a vida cheia de felicidades e ventura. . . ..

....

Oh! Elvira, uma pouca de compaixão e piedade... deixa-me beijar esta tua linda mão! Para ti só é que eu vivo; tu és o meu mundo, a minha unica gloria, a minha unica ambição, o meu primeiro e ultimo amor!.... Uma caricia tua afastaria a morte! Dá-me a tua linda mão, encosta a tua bonita cabeça sobre o meu peito, volta esse teu mimoso rosto para mim, e sorri.....

Elvira uniu as mãos como a Magdalena de Canova, pendeu sobre os hombros de Carlos a cabeça que enfeitára para o baile.....

Carlos! exclamou ella!

Quem a visse assim com um sorrir de candura nos labios, as palpebras meio cerradas mas expressivas... de certo, oh! de certo diria «aquella mulher é o sonho do poeta, a theologia do amor.»...........

....

«És tão bella, Elvira, que nem a minha adoração por ti o sabe dizer; pois adoro-te como um bemaventurado deve adorar a Deus, amo-te como nunca amei minha mãe! Ah! se tu soubesses quanto és bella, quanto teu olhar me fascina, de que seducção te cercas quando me sorris..... e quanto mais bella ainda quando meiga e perturbada consentes que eu te falle da felicidade que espero! quando teu seio se agita, quando teu rosto se cora, quando teus olhos languidamente se abaixam!.... Ah! se o soubesses!................

....

Sê pois feliz e encantadora n'esse baile, onde todos te desejam..... mostra-lhe esse teu rosto, essa tua graciosa figura, essa tua grinalda de rosas..... Parte Elvira, mas deixa-me uma saudade, um beijo por mil lagrimas..... não te acompanhará o meu negro ciume, mas dá-me uma saudade, um sorriso mais encantador que todos os teus sorrisos, um olhar de compaixão que me deixe alguma vida.

Elvira concede um beijo ligeiro como a esperança... Uma lagrima de fogo lhe humedeceu os labios desbotados como a açucena..... Atira para o chão a grinalda de rosas. ...

Carlos! diz ella...........................

....

E não a viram no baile!

A. C.

APONTAMENTOS PARA A BIOGRAFIA

DO

Sr. D. JOÃO DE BRAGANÇA

2.° DUQUE DE LAFÕES.

O sr. D. João Carlos de Bragança, 2.° duque de Lafões, 4.° marquez de Arronches, 6.° conde de Miranda, 32.° senhor da casa de Sousa, grão cruz alferes da ordem de Christo, grão cruz da da Legião de Honra em França, conselheiro de estado, e de guerra, marechal general junto á real pessoa da sr.ª rainha D. Maria 1.ª, ministro assistente ao despacho, mordomo mór da mesma senhora, e presidente perpetuo da academia real das sciencias de Lisboa, nasceu n'esta côrte no dia 6 de março de 1719.

Escusado é referir o lustre, e grandeza da sua casa, e a nobreza de seus antepassados, quando a respeito do merecimento proprio d'este principe tantas cousas temos a narrar, e em espaço tão limitado. Todos sabem que por seu pae o sr. infante D. Miguel, filho natural legitimado do sr. rei D. Pedro 2.°, era o sr. D. João um distincto membro da augusta familia de Bragança, e que por sua mãe a sr.ª D. Luiza Casimira de Sousa, 1.ª duqueza de Lafões com o tratamento de alteza, 2.ª marqueza de Arronches, e 4.ª condeça de Miranda, era o 32.° senhor da esclarecida casa de Sousa, que por espaço de mais de 9 seculos andava na sua familia.

Foi o sr. D. João educado como convinha á qualidade da sua pessoa, e á elevada cathegoria de seus paes, que empregaram na sua educação iguaes disvellos áquelles com que se empenhavam na de seu filho primogenito o duque D. Pedro Henriques de Bragança; chegado o tempo proprio passou a Coimbra a frequentar na universidade os estudos maiores como porcionista do collegio de S. Pedro, abrindo assim um virtuosissimo exemplo, muito necessario n'estes reinos, onde a profissão das letras, com quanto protegida, honrada, e até exercida pelos nossos reis, e então pelos mais esclarecidos fidalgos da côrte, era todavia menos estimada, que a das armas; preconceito injustamente adoptado de França, e fortalecido pelos habitos da nossa existencia politica durante muitos seculos.

Não atinou o reitor, e corpo cathedratico da universidade com o formulario, que deveria guardar-se nos actos do principe, e consultou a esse respeito o monarcha, o qual lhes respondeu com a originalissima carta regia de 4 de abril de 1742, ordenando ao sr. D. João por aviso de Alexandre de Gusmão, que se recolhesse logo á côrte, onde a esperavam as muitas honras, e mercês com que o animo generoso do sr. rei D. João 5.° soube engrandecê-lo.

Pouco tempo depois do fallecimento d'este soberano occorrido na tarde de 31 de julho de 1750 teve o sr. D. João de retirar-se de Portugal por determinação do sr. rei D. José, fundada, segundo alguns, no desejo de fazer acabar pela ausencia uma paixão amorosa, que elle desapprovava.

Soube o principe vingar-se nobremente d'esta penosa contrariedade do destino, entregando-se cuidadosa, e constantemente aos estudos, e discorrendo por quasi toda a Europa, e por algumas partes da Asia, não lhe esquecendo o Egypto, berço da portentosa

civilisação antiga, a Turquia, e a propria Laponia, á busca de leis, costumes, litteratura, e monumentos que examinasse, e estudasse profundamente, e dos homens mais celebres daquelle tempo com quem praticasse, e enriquecesse, e cultivasse mais o seu espirito.

Nos intervallos d'estas custosas, e longas digressões residia em Allemanha, onde serviu dignamente como voluntario ao serviço austriaco durante aguerra dos sete annos, distinguindo-se na batalha de *Maxen*, e ganhando a singular estima, e affeição do rei da Prussia, de todos os homens insignes da Europa, e especialmente do imperador José 2.°, que com elle se ficou correspondendo até á morte.

Occupado com os seus estudos, e viagens, e cultivando a amizade dos homens mais notaveis da Europa, permaneceu fóra de Portugal, até que morrendo o sr. rei D. José na madrugada de 24 de fevereiro de 1777, e tendo já o sr. D. João Carlos succedido na casa de Lafões pelo fallecimento de seu irmão o sr. D. Pedro em 26 de junho de 1761, voltou a estes reinos, onde de envolta com as grandes mercês, com que a munificencia da sr.ª rainha D. Maria 1.ª procurou distingui-lo, devia a paciencia, e resignação do duque soffrer extraordinarias, e multiplicadas provações.



Chegou tambem pouco depois a esta côrte o nosso insigne botanico José Corrêa da Serra, que viajára na Italia com o duque, e que soubera conservar para si, e augmentar muito a amizade do principe, que já herdára de seu pae, contemporaneo do sr. D. João Carlos na universidade de Coimbra. Chamou-o o duque para junto da sua pessoa, hospedando-o no seu palacio, e tratando-o sempre com a mais estremada, e nunca desmentida amizade.

Esta determinação tão honrosa para ambos não foi inutil para o progresso da cultura das sciencias, e das letras portuguezas, porque d'ella brotou a fundação da academia real das sciencias de Lisboa, cujos estatutos foram approvados por aviso de 24 de dezembro de 1779 poucos mezes depois da chegada do duque a Lisboa, e quando a academia real da historia portugueza, que o sr. rei D. João 5.° creára por decreto de 20 de dezembro de 1720, se achava no ultimo gráu de decadencia. A esta sociedade soube o duque attrahir os melhores engenhos d'aquelle tempo, de cujos appreciaveis trabalhos nos não cabe agora tratar, bastando só referir, que lhe conferiram, como era de razão, o cargo de presidente perpetuo, fazendo elevar na sala das conferencias o seu busto em marmore, esculpido pelo insigne artista Joaquim Machado de Castro, socio pa mesma academia.

A este cuidado com que protegia, e animava as letras portuguezas, seguiram-se os trabalhos da vida publica na grande, e elevada escalla, a que o chamava a qualidade da sua pessoa, e o seu notavel merecimento.

A revolução franceza tinha produzido um echo espantoso em toda a Europa, e o exemplo de um povo, que assim julgava, e assassinava com irrisorias apparencias de legalidade um rei, a quem a posteridade, e ainda os contemporaneos, só culparam de irresoluto, e timido, tinha sido observado com desusado espanto por todos os governos. N'estas difficeis circumstancias cada estado examinava cuidadosamente a posição politica em que os successos extraordinarios, que deviam seguir-se áquella catastrofe, poderiam colloca-lo. Aproveitou o duque toda a influencia, que exercia no animo da rainha para lhe persuadir, quanto nos seria vantajosa a mais stricta neutralidade, principio, que durante o reinado da sr.ª D. Maria 1.ª, elle soube sustentar a toda a força assim nos conselhos da rainha como em resposta ás exigencias dos outros governos.

Com a regencia do principe D. João adoptou-se outra politica, e reunindo o nosso exercito ao hespanhol tomámos parte em uma contenda, de que só colhemos durante sete annos grandes desvantagens, e perdas no nosso commercio.

Acabada a guerra ainda foi o duque quem resolveu o principe a mandar Antonio de Araujo, depois conde da Barca a Paris para ajustar um tratado de paz com aquella republica em 1797, já que a nossa visinha e alliada Hespanha se esquecêra de nós no que celebrára em Bale; missão em que Antonio de Araujo se houve com a singular habilidade, que tanto o distinguiu entre o corpo diplomatico, e cujo resultado os ministros do principe regente não quizeram ratificar!

O desgosto que estas contrariedades deviam produzir-lhe, não abateram o animo do duque, nem a inveja, e malicia dos seus inimigos, — que os teve, e muito grandes, como homem de valia que era, — poderam com o principe que o malquistassem com elle.

Corriam entretanto os successos tão variados, e extraordinarios, como era proprio d'aquella estranha conjunctura; e em 1801 nos vimos a braços com o reino visinho, e quasi sem exercito pelo deploravel estado a que se achava reduzido. N'esta occasião aconselhou o duque a ida do ministro do reino Luiz Pinto de Sousa Coutinho, depois visconde de Balsamão a Badajoz com plenos poderes para ajustar a paz, e elle foi collocar-se nas immediações de Abrantes á frente do simulacro de exercito, que alli tinhamos reunido; deliberação a que o forçaram as ordens do regente, provocadas pelos inimigos do duque para que á custa de um revez perdesse elle pelo desar da derrota a influencia nos negocios do estado.

Não recusou o duque a missão para que traiçoeiramente o escolhiam, e apesar dos achaques que padecia, e de contar mais de 80 annos, partiu para o exercito, porém não impedindo Luiz Pinto a entrada dos hespanhoes, perdemos logo as praças de Jeromenha, Olivença, e Campomaior, dispersando-se o nosso exercito depois de alguns pequenos combates, e obrigando-nos as circumstancias a fazer o lamentavel tratado de Badajoz de triste, e infaustissima recordação.

Aproveitaram os emulos do duque a occasião para o detrahir perante o regente, attribuindo-lhe a culpa de todos os revezes, e até pondo em duvida a sua lealdade! Não o acreditou o principe, mas faltou-lhe o animo, e necessaria firmeza para se oppôr áquellas maquinações, fraqueza mui natural no principe regente, que depois elevado ao throno nunca soube vencer, como devia, este defeito, de que por vezes talvez procurou servir-se com vantagem.

Sacrificado ao odio dos seus adversarios, privado dos seus cargos, e reduzido á vida privada, voltou ainda aos cuidados litterarios dos seus primeiros annos, até que falleceu em 10 de novembro de 1806 com 87 annos de idade, sendo o seu corpo levado com todas as honras, que lhe eram devidas, a Santa Catharina de Riba-mar, e depositado no jazigo da sua familia, que mais tarde o nosso José Corrêa da Serra devia vir humedecer com as lagrimas da mais justa saudade e gratidão.

Foi um verdadeiro principe assim na grandeza e lustre da sua casa, como no emprego dos seus cabedaes e valimento em favor das nossas letras, e dos seus cultivadores. Por tal fórma sabia dividir o tempo, que ainda na occasião das suas mais laboriosas fadigas politicas se communicava com muitos principes, e sabios da Europa, reunia os nossos mais notaveis engenhos no seu palacio, e com elles sustentava conversações eruditas, lia, e meditava, inspecionava as muitas obras que trazia nas suas quintas, que eram refugio certo de quantos procuravam trabalho, e finalmente colligiu uma copiosa livraria rica de edições, e manuscriptos raros, e a galeria de pinturas que existe no seu palacio ao Grilo.

Tinha casado com a sr. D. Henriqueta Maria Julia de Lorena e Menezes, filha dos 5.°° marquezes de Marialva, de quem teve além do duque de Miranda do Corvo, que morreu de seis annos, a sr. D. Anna Maria José Domingas Francisca Julia Senhorinha Matheus Joanna Carlota de Bragança, actual duqueza de Lafões, casada com seu primo D. Segismundo, irmão do duque de Cadaval, e a sr.ª D. Maria Domingas Francisca Clara Maxima Senhorinha Rafaella Gonsaga Joaquina de Bragança, duqueza viuva de Cadaval, virtuosissimas senhoras, que as nossas procellas civis arrojaram para fóra de Portugal, onde a providencia destinava para a duqueza de Cadaval o lastimoso transe da perda de seu marido.

Carta regia para Francisco Carneiro de Figueiroa, Reitor da Universidade de Coimbra.

Reitor e lentes da universidade de Coimbra: eu el-rei vos envio muito saudar. Vi a consulta que me

fizestes sobre o formulario dos actos de meu sobrinho D. João Carlos; e como seja certo que as regras estabelecidas para se guardarem entre os meus vassallos não comprehendem as pessoas reaes, nem as que lhe são immediatas: vos estranho muito as mesmas duvidas, assim por este respeito, que não deveis perder de vista, como porque déstes a conhecer a fraqueza d'essa universidade, na ignorancia que tendes para poder tratar com pessoas de alta qualidade. Fazei tambem estudo politico, que é preciso aos homens, que desejam ser sabios, se quereis merecer a minha protecção. Lisboa a 4 de abril de 1742. — *Rei.*

Aviso de Alexandre de Gusmão ao sr. D. João.

Illmo e Exmo Sr.

El-rei viu a consulta da universidade, pela qual se certificou das duvidas que tinham o reitor, e lentes della sobre o formulario dos actos de v. ex.ª, e dando-se por mal servido os reprehende por carta d'este correio. Viu tambem a carta de v. ex.ª, e ponderando os seus escrupulos o quer eximir delles, mandando que v. ex.ª se recolha á côrte sem despedir-se de pessoa alguma empregada no ministerio da universidade. A pessoa de v. ex.ª guarde Deus muitos annos. — Lisboa a 4 de abril de 1742.

Beija as mãos de v. ex.ª com affecto e respeito

Alexandre de Gusmão.

Sobscripto

Ao sr. D. João Carlos de Bragança,
Principe do sangue da real familia de Portugal.
Coimbra.

MEMORIA DESCRIPTIVA

DA

PROVINCIA DE TRAZ-OS-MONTES.

Traz-os-montes é situada entre 41° — e 41° 55′ de latitude norte, e 51° 2′ e 53″ de longitude oriental meridiano de Lisboa. Confina esta provincia a norte e léste com a Hespanha, a sul com a Beira, e a oeste com o Minho; tem na sua maior extensão de poente a nascente, isto é, de Miranda do Gerez 27 leguas [1] e 16 ditas do norte a sul, ou do Douro a Montesinho da raia.

O solo transmontano é geralmente montanhoso, e cortado por alguns rios, e muitas ribeiras. Ha n'esta provincia alguns terrenos de formação primaria, taes como o Gerez, Alturas, e outras serras no districto de Villa Real, e bem assim as serras da fronteira, como Freira, Tuxeira, Soutello, a de Nogueira, e outras no districto de Bragança. Abundam os terrenos de formação secundaria, e stratiformes, offerecendo a Veiga de Chaves, e os valles riquissimos de Mirandella, e Villariça, terrenos d'alluvião. O clima transmontano é summamente variado, o que em concorrencia com a modificação dos diversos terrenos dá á agricultura uma extrema variedade de producções. A falta porém de observações meteorologicas nos priva do conhecimento das temperaturas dos differentes logares, e não só das temperaturas, mas de todos os diversos phenomenos meteorologicos que interessam á sciencia.

Graças aos importantes trabalhos, e observações do illustrado doutor Macedo, sabemos que as temperaturas médias na cidade de Bragança foram

No anno de	1839—56,3	Escalla de Farnheit.
»	1840—57,6	
»	1841—55,6	
»	1842—55,7	

Sendo nos ditos quatro annos a temperatura mais baixa de 16 (que corresponde a 7, proximamente abaixo de zero na escalla de Reamur) e a temperatura mais alta de 94. O termo médio das alturas barometricas apparentes foi nos ditos annos, de 708,5 n'um barometro de Siphad.

Não podemos designar ao certo o espaço de terreno cultivado na provincia de Traz-os-montes, porque não ha uma topographia exacta d'este paiz, mas póde, crêmos, assegurar-se que boa parte da terra transmontana é cultivada, e n'essa parte, com a devida venia ao Minho, póde ella disputar preeminencia a todas as provincias do reino.

As povoações se succedem, quando muito, a legua de distancia, e toda a zona de terreno que em torno das mesmas povoações se presta a algum genero de cultura é aproveitada. Todavia a agricultura é rotineira, e pouco partido tiram os transmontanos dos progressos que tem n'estes ultimos tempos feito a arte de agricultar, não sabendo, nem querendo alterar, ou modificar as praticas da lavoura por mais imperfeitas, e abusivas que sejam.

Os cereaes se colhem em quantidade talvez sufficiente ao consummo, e se bem que uma immensa porção d'elles entra por contrabando, boa parte d'esse contrabando é destinado a um commercio de exportação para o Porto, e Minho.

Tem Traz-os-montes uma espantosa colheita de vinho, e, sem mesmo fallar do vinho do Douro bem conhecido em todas as latitudes do globo, é esta especie de cultura muito trivial em quasi todos os pontos da provincia, sendo em alguns d'elles objecto de riqueza. O azeite é tambem um dos elementos de riqueza d'esta provincia, nos concelhos de Mirandella, Villa-Flôr, Moncorvo, Chacim, Villarinho, e Freixo de Espada á Cinta. Além de todos estes productos, ha muitos, e bons pastos, e uma quantidade prodigiosa d'outros fructos; que podiam alimentar um commercio activissimo, se fossem menos difficeis os meios de transportes, como são a castanha, a amendoa, sumagre, etc.

Para em tudo ser abençoada, e querida da natureza esta terra transmontana, não são menos ricas as suas entranhas, do que a camada vegetal da sua superficie.

Nas povoações de Quintanilha, Avelleda (e em outros muitos pontos, segundo nos consta) se encontra o sulphureto de chumbo, gallena, e algum d'este mineral contendo porções de prata. Ha a pedra de estanho, oxido de estanho, junto á aldêa de Brunhosinho, concelho de Mogadouro [2].

O ferro se apresenta em muitos dos concelhos, e na aldêa de Guadramil, e immediações das de Móz, e Carviçaes, em tal possança que fórma montanhas!

Apparecem indicios de cobre em tres pontos do districto de Bragança [3]. Acham-se a cada passo as pirites-marciaes, bem como as ocras, e algumas d'estas ultimas tão puras, que com bom resultado se tem empregado na pintura. Além d'estes mineraes, apparecem os graphitos, a plombagina, quasi todas as especies de argilas, a steatite, as serpentinas, o amianto, os calcareos, e alguns d'elles susceptiveis de polimento como o statuario, o sinzento, etc.

Encontra-se em abundancia o silex, varios scheitos, ardosias, etc.

E força é confessar quão mesquinhas são as noticias que temos do reino-mineral, sendo que as observações se acham por em quanto reduzidas a um restricto espaço da provincia.

Não se pense julgâmos nós este paiz mergulhado em metaes preciosos, antes é nosso parecer, que sómente o progresso d'esta industria, combinado com a boa, e economica direcção dos trabalhos poderá fazer tirar algum partido vantajoso áquellas pessoas que a esta industria se dediquem.

Na folha seguinte fallaremos das serras e rios, que dividem e cortam esta provincia.

1 Leguas do paiz, isto é, segundo a contagem dos habitantes. Inda ha poucos mezes se decidiu que a legua portugueza seja de 2525,35 braças ou de 20 ao gráu.

2 As minas de Quintanilha, Guadramil, e Brunhosinho, são actualmente exploradas: é objecto da especulação de companhias que se tem formado para a respectiva lavra.

3 Nós não devemos designar os locaes aonde apparecem alguns d'estes mineraes para não prejudicar interesses que muito importa respeitar, sobretudo quando a exploração das minas é uma industria nascente entre nós, e que póde elevar este paiz a um subido gráu de prosperidade.

REVISTA DOS JORNAES.

A Aurora n.º 3 —

É uma publicação mensal scientifica, e litteraria, redigida pelo sr. F. P. d'Almeida. Traz muito bons artigos, sobresahindo a continuação da noticia ácêrca do Cecioso de Evora escripta pelo bem conhecido litterato o sr. Rivara. Se a Aurora comprehender bem a missão de um periodico mensal, poderá occupar um logar muito elevado na imprensa litteraria.

O Trovador —

Recebemos nove cadernos d'esta composição poetica, que em Coimbra publicam alguns dos nossos amigos, e contemporaneos, mancebos dos mais notaveis pelo seu engenho, e applicação aos bons estudos. *A minha estrella, o sino da minha terra, a sepultura de Nero, etc.* do sr. João de Lemos Real Agrado, são trechos de poesia de um tal sabor, e tão cheios de sentimento e facilidade, que será pequeno todo o louvor que se lhes dér. Os outros collaboradores são o sr. José Freire de Serpa, bem conhecido poeta dramatico e lyrico, A. X. R. Cordeiro, A. Lima, Evaristo Basto, etc. — Pedimos-lhes licença para de cada caderno extrahir alguma cousa com que provemos aos nossos leitores, que não foi a amizade de companheiro de estudos que dictou estes elogios.

Os outros jornaes não offerecem cousa notavel.

AO ROUXINOL.

Lá descanta na estancia sombria
O mavioso cantor da soidão:
Oh! que balsamo agora me envia
Na plangente sonora canção!

Rouxinol que tão meigo suspiras
Como adoças meu calix de fel!
Como abrandas as improbas iras
Do meu fado tão duro e cruel!

Sinto já meus tormentos em calma
Só com tuas endeixas ouvir;
Ao passado revôa minha alma
Esquecendo presente e porvir.

Teus accentos de maga harmonia
Da voz d'ella me fazem lembrar:
Ai! ás vezes Eugenia sohia
Como tu solitaria cantar.

Quam gostoso a escutei modulando
Com ternura sem par, versos meus,
Umas vezes o amante chamando,
Outras dando-me ainda um adeus!

A voz d'ella, que tudo amenisa,
Mais suave que a tua talvez,
Afagava minha alma qual brisa
Que cicia das flôres no mez.

E tão meiga era a sua tristura!
E tão meigo o surrir virginal!
E era toda tão casta e tão pura!
E o amôr que me tinha era tal!....

Porém hoje, que horror! não me é dado
Escuta-la nem vê-la sequer;
E da amante gentil separado
Na tristeza só acho prazer.

Fugidio dos sitios mais ledos
Onde a dôr se exarceba inda mais,
Solitario por entre fraguedos
Esses echos accordo com ais.

Como espectro vagando sem tino;
Por Eugenia a chamar mas em vão,
Aos rochedos e troncos ensino
Este nome que sempre ouvirão.

Canta, canta mimosa avesinha
Adormenta esta dôr, meu algoz
Que este peito que triste definha
Me lacera qual tigre feroz.

Por accentos de tal suavidade
Quero o pobre alaúde afinar,
Para vêr se mitigo a saudade
Que me segue por todo o logar.

A. CABRAL COUCEIRO.

EPIGRAMMA

Ao filho de um lacaio que depois de enriquecer trazia criado de libré.

Quem é aquelle fidalgo
Que tão galhardo alli vae?
É um que deu ao criado
A farda que trouxe o pae.

ENIGMAS PITTORESCOS.

EXPLICAÇÃO DO ULTIMO ENIGMA.

Mais vale ter uma boa cabeça que cem braços.



SUMMARIO.

LISBOA, 14 DE MAIO.

ENGANAMO-NOS: *O poder dos remorsos* subiu á scena no theatro de D. Maria 2.ª, e não foi coroado: os expectadores prestaram por vezes testemunhos claros de que apreciavam o talento dramatico do auctor, e as diligencias dos artistas para que a execução fosse primorosa, mas o genero não agradou, porque já não está em moda: a escóla que enchia o theatro de horrores, e que fazia do palco um desatinado açougue de carne humana passou entre nós rapidamente, e se tem alguns apaixonados são por certo em numero mui diminuto. Apesar d'isto, se o auctor quizesse mandar deitar a si proprio meia duzia de corôas, acharia facilmente quem lhe fizesse esse serviço, o publico apenas se riria, os jornaes relatariam o caso, e o drama ficaria valendo o mesmo, que é o que acontece sempre.

O theatro de S. Carlos abriu as suas portas de novo para que fossemos vêr alli os *surprehendentes* prestigios de m.elle Benita Anguinet, que com exemplar modestia se intitula *primeira physica de França*. Apesar da novidade não se esquivou a alguns signaes de desagrado do publico por entre outros de approvação. O juizo dos expectadores foi tão variado como a representação.

Muito maior numero de noticias assim de theatro como de outras muitas cousas dariamos hoje aos nossos assignantes se durante toda esta semana nos não vissemos nos maiores apertos de consciencia em que se póde achar um triste descendente de Adão e Eva. É caso para contar aos nossos leitores, e perante elles fazer publica penitencia do crime que commettemos.

Foi o caso que no dia 13 de abril representou-se no theatro de D. Maria 2.ª um drama com o nome de *Magriço*, o qual tinha sido *officialmente* approvado, e preferido a muitos outros: assistimos a esse expectaculo, e causou-nos somno: duvidámos d'esta primeira impressão; assistimos a outra representação, lêmos o drama, e dissemos a esse respeito o que entendiamos segundo a nossa limitada capacidade, admittindo nas columnas da Illustração um artigo do sr. A. de Serpa ácêrca do merecimento do drama, o qual apesar de discordar em alguns pontos da nossa opinião nos pareceu escripto com a decencia, e urbanidade, que convém guardar perante o publico, unica exigencia que tinhamos a fazer a quem briosamente assignou o artigo, deixando ás opiniões toda a liberdade de que precisam para que em proveito da arte se apure a verdade, e dizendo nós ao auctor do drama o que nos pareceu conveniente, e que não podia, ou antes não *devia* desagradar-lhe muito.

E não sabem o que aconteceu? O sr. Jacintho Heliodoro de Faria Aguiar de Loureiro declarou no Diario do governo de 9 do corrente, que se achava cercado de uma *aureola de gloria* formada pelos *constantes, e repetidos applausos, pelas corôas do dia 21 de abril unidas ao seu coração agradecido, pela geral opinião dos homens illustrados e sisudos corroborando o voto unanime das notabilidades escolhidas para decidirem sobre a materia*, e que era malhar em ferro frio estar a querer apagar este luzeiro com *os tiros da inexperiencia, da inveja, e da ignorancia, que até hoje só tem apparecido em campo.*

Se o caso ficasse aqui, bagatella. Cada um póde dizer de si o que lhe parecer, e feliz de quem se julga em esfera tão superior. Mas não aconteceu assim. Em seguida dirigiu-se aos criticos do drama, e depois de lhes fazer alguns *muito cortezes* reparos ácêrca da *parcialidade, inexperiencia, leviandade, fraqueza de entendimento, capacidade derivada de uma boça de novo genero* com que o criticaram, termina por nos dedicar a sua 19.ª reticencia declarando-nos *parcial, e deslustrador da Illustração.*

Ora nós não podemos aggravar de uma sentença auctorisada por tamanha *aureola de gloria*, e de mais a mais com certo *caracter official*, que lhe fica a matar, e que em litteratura tem pelo menos força de portaria, e por tanto aqui nos apresentamos hoje descalços, de tocha na mão, fazendo publica penitencia da nossa parcialidade, e de termos deslustrado a Illustração.

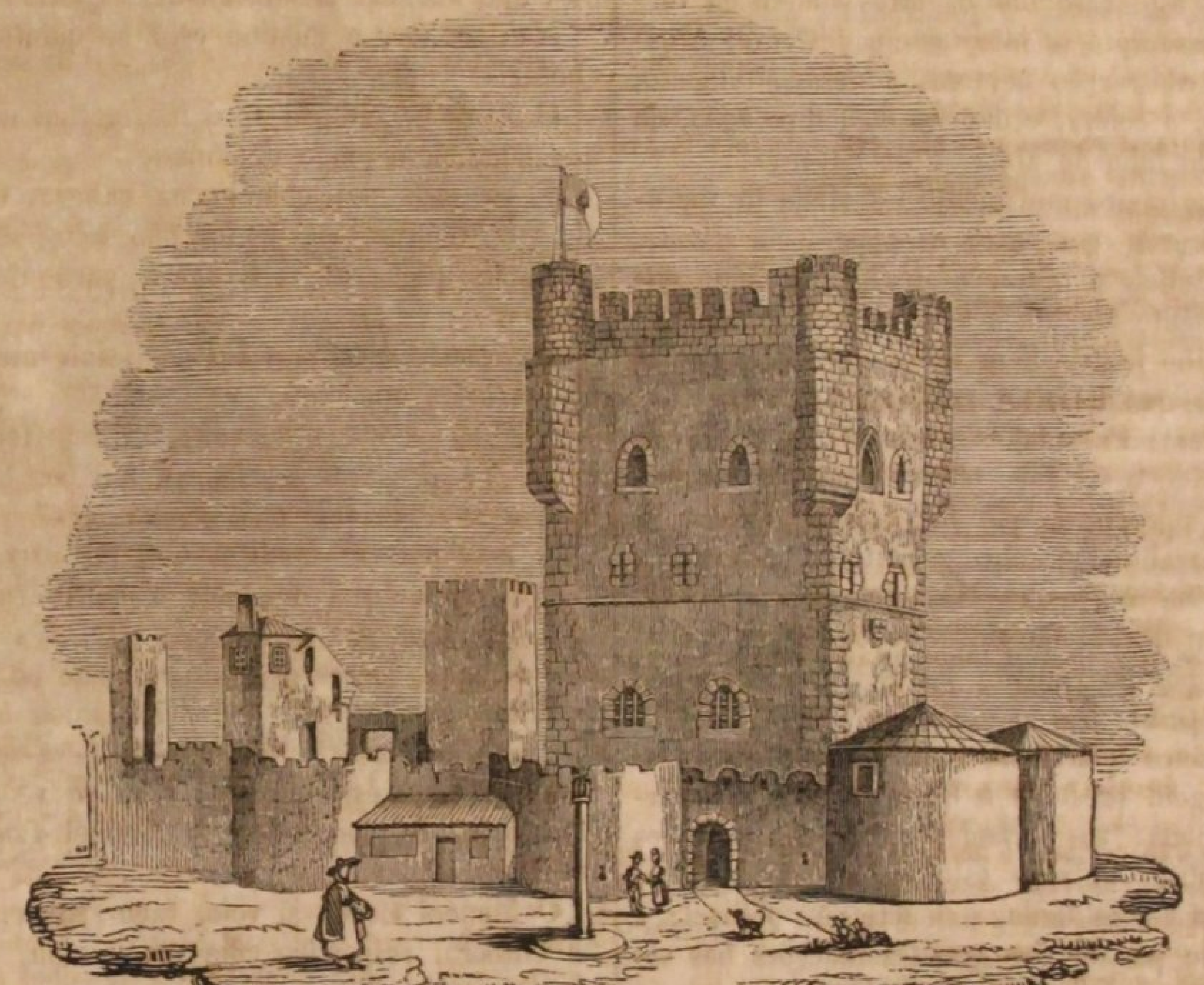
Embora o sr. Silvestre Pinheiro, e o sr. Garrett, cuja aureola de gloria pouco menor é que a do auctor do Magriço, tenham acceitado de muito bom grado os reparos que a imprensa tem por vezes feito ás suas producções, embora no conceito dos homens de letras de todo o mundo, cuja aureola tambem pouco menor será que a do nosso auctor, se estime a critica litteraria, e se responda a argumentos com outros, e não com injurias; tudo isto não vale um cominho diante da declaração solemne, e *quasi official*, do sr. Loureiro.

Elle diz que deslustrámos a Illustração, e elle que o diz é porque o sabe.

Basta de *Magriço*. Se em tal objecto nos é permittido fallar serio, lastimaremos sempre a fatuidade com que, só porque não louvámos exaggeradamente a sua obra, se arroga o direito de nos dizer uma semsaboria tão descortez. De resto, ao sr. Serpa sobeja talento para defender a sua opinião com a mesma energia e graça com que o fez o sr. J. M. C. em desaggravo do sr. Palmeirim na Revista Universal n.º 47.

Por falta de espaço não publicamos uma carta que nos dirigiu o sr. Augusto Aragão, auctor do romance — *O Hercules preto* — a qual contrasta singularmente com a resposta do sr. Loureiro. A carta do sr. Aragão é um modêlo de urbanidade, e de modestia, com a qual este mancebo pertende destruir a impressão que poderia causar o periodo em que fallou dos que criticassem o seu romance. O sr. Aragão declara que lhe é muito agradavel a critica, que notando-lhe os defeitos da sua obra lhe faz vêr, que ella mereceu a pena d'esse trabalho, e assim o anima para maiores emprezas, unica desforra do verdadeiro genio.

No dia 12 entrou no Téjo o vapôr de guerra inglez *Phenix*, conduzindo a bórdo sua alteza real o duque reinante de Saxe-Coburgo-Gotha, sua esposa, dois primos, e outras pessoas da sua comitiva. Tendo sido cumprimentado por el-rei a bórdo, desembarcou em Belem, sendo recebido com as costumadas honras.



O CASTELLO DE BRAGANÇA.

O castello de Bragança, cuja prespectiva apresentâmos, situado na freguezia da villa, e em uma pequena elevação, e distancia d'esta cidade, pouca, ou nenhuma consideração merece, não só relativamente á defeza, e apoio que poderia prestar á povoação, como tambem pelas suas antigas recordações.

Hoje estão as suas muralhas em completo estado de ruina, e sem uma unica peça d'artilheria, e ainda bem, para que nunca mais possa comprometter a sorte dos pacificos habitantes da cidade, como ainda ha poucos annos, em 1826, aconteceu, quando achando-se os emigrados realistas do commando do general Silveira, marquez de Chaves, na Hespanha, entraram n'esta cidade, e porque o Valdez, hoje conde de Bomfim, se refugiára no dito castello com pequena porção de tropa, foi isto origem de uma chamada defeza, que comprometteu até ao ultimo ponto a sorte dos habitantes, de maneira que soffreram muito, e o mesmo Bomfim teve de capitular dentro de tres dias, sendo a guarnição prisioneira.

Desde esta época data a decadencia dos habitantes da cidade, que infelizmente soffreram todo o rigor da guerra, e ficaram pela maior parte reduzidos á miseria.

O castello nenhuma cousa notavel apresenta. Casas demolidas, uma pequena cisterna, e o aquartelamento do batalhão de caçadores n.º 3, que não é dos melhores, são os unicos objectos de consideração.

ROBERTO VALENÇA.

ROMANCE.

CAPITULO VI.

Aproximação de crise ministerial.

PARA que o leitor se não espante de vêr o sr. João, o ministro universal do sr. conego em pé defronte da mesa do almoço, cabisbaixo, com os braços cahidos ao longo do corpo, ora pallido, ora muito afogueado, contemplando com uma attenção indecifravel a fisionomia, e todos os gestos do pequeno, é necessario voltar um pouco atraz, e acompanha-lo no seu regresso da porta do quintal áquella cova-tristefeia a que a zoupeira da Quiteria, e os outros criados, davam talvez por consideração aristocratica o nome de quarto do mordomo.

O sr. João subiu as escadas correndo como quem pela primeira vez da sua vida deixára o quarto aberto, e ou fosse pela precipitação com que subíra, ou porque realmente algum vago presentimento o agitasse, o nosso Mercurio na força da sua idade, homem robusto, caçador de codornizes, e de perdizes, sentiu fraquearem-lhe as pernas no alto das escadas, e bater-lhe o coração como se tivesse uma aneurisma.

Caminhou para o quarto, e as suas primeiras vistas cahiram sobre os 900$000 réis em prata; não que lhe tivessem esquecido os alentados dobrões do rendeiro Manuel Lopes, mas porque adiante d'elles, e para o lado da porta é que em bem formados castellos de dez moedas cada um tinha o rendeiro collocado aquella quantia.

Chegado ao meio do quarto, e caminhando para a mesa, mas já em sitio d'onde podia, e devia avistar as formosas peças d'ouro, olhou,

IMPRENSA NACIONAL.

poz-se em bicos de pés como que com receio de avançar mais, mas ou o diabo lhe turbava a vista, ou os dobrões tinham desapparecido.

D'alli á mesa foi um salto: com effeito lá estavam os dobrões: uma pequena differença porém alterava a natureza do caso: é que o rendeiro Manuel Lopes tinha-lhe deixado cinco, e sobre a mesa, e junto da prata,,sobre aquellas taboas negras, e esburacadas da traça, e de golpes de navalha, canivete, ou não sabemos que outro instrumento, estavam agora só tres peças, de 15$000 réis é verdade cada uma, muito lindas, muito amarellinhas, e formosas, mas só tres!!!

A força, e energia de Victor Hugo, a facilidade de Dumas, a escrupulosa minuciosidade de Balsac, o talento descriptivo de Soulié, e todos os recursos do prodigioso auctor do Judeu errante, ficariam n'este caso muitos furos abaixo da verdade do assumpto se intentassem descrever o espasmo, a contracção nervosa, o desapontamento, o despeito, a colera, e o susto do pobre João, do improvisado filho de Maia, e de Saturno!!!

O seu primeiro movimento foi ainda de incredulo. Procurou por entre os papeis, na gaveta, lançou os olhos á prata, e ao chão, e como que machinalmente basculhou os seus proprios bolsos! Era trabalho inutil! Bem sabia o sr. João que os dois dobrões que lhe faltavam tinham ficado alli sobre aquella mesa. Passado este ultimo vislumbre de incredulidade o sr. João não se assentou, atirou-se sobre a cadeira, que lhe estava proxima, a cabeça descahiu-lhe sobre o peito, os olhos cravaram-se-lhe n'aquelles tres dobrões, que alli ficaram em negregada viuvez, e os braços encruzaram-se por movimento instinctivo e maquinal diante do peito.

O primeiro quarto de hora passado assim foi a homenagem prestada á fraqueza da nossa condição humana: nas grandes afflicções ainda nos espiritos mais atilados este quarto de hora de reconcentração estupida, e inerte, é infallivel; é o ponto de partida das grandes reacções nas almas de tempera forte; nas almas fracas o primeiro torpôr é igual, o seguimento é que é muito e muito differente.

N'este meio tempo o sr. conego tocou a campainha: o sr. João ouviu o som, mas nem deu signal de movimento: ao segundo toque, levantou-se da cadeira, e exclamou:

Ai, meu Deus, valei-me, valei-me, que estou perdido.

E correu para o quarto do sr. conego, saudando com uma profunda, e realmente devota genuflexão o oratorio, que ha pouco se erigira no salão. Tanto é certo, que nos momentos de angustia o espirito procura no céu o auxilio, que lhe parece já não póde achar na terra.

E não se riam d'isto as creanças incredulas do nosso seculo, que tambem na hora do perigo, e da mortificação o pensamento se lhes hade desprender da terra para subir ao céu, e o coração, e a consciencia hãode prestar testemunho, do que a bocca desmente por affectada soberba, senão antes com mais verdade por descarada tolice.

Chegado ao aposento do conego começou o sr. João o exercicio costumado de o ajudar a vestir, mas ahi começou tambem logo a manifestar-se o estado de confusão, e de transtorno em que estava aquella pobre cabeça. Em vez das meias começou por dar-lhe uns botins: advertido do engano, e pedindo-lhe o amo um barrete, trouxe-lhe o chapéu, e a bengalla.

O João, que é isso? Você não está bom, ou não vê o que faz: e com que cara você está! Agora é que eu reparo! Que lhe aconteceu João?

Não foi nada, senhor; passei mal a noute, e doe-me a cabeça alguma cousa. E dizendo isto o pobre João dava cada ai, fazia cada gesto, torcia os dedos das mãos enlaçando-as uma na outra, e olhava para o tecto da casa por tal maneira, que commoveria n'aquella occasião a alma mais desapiedada da redondeza, talvez mesmo um agiota!

Não o via o conego, porque em quanto elle se vestia, escondêra-se o sr. João por detraz das cortinas brancas do espaçoso leito do sr. Valença.

Mas que tem você, João? Não falla, e mette-se ahi para o canto, você tão conversador, e tão palrista. Aposto que teve alguma tolice com a Quiteria? Mas é verdade, onde está o menino? Elle já se levantou ha muito?

Ah! O menino..... sim o menino..... mil diabos o levassem para o inferno em corpo, e alma, que nunca mais cá voltasse, murmurou o sr. João.

Sim, sim, o menino, onde está elle, interrompeu o extremado conego, saltando ainda meio nú da cama abaixo: aconteceu-lhe alguma cousa?

Não senhor, o menino está no quintal com a Quiteria.

Ó homem, sempre você me metteu um susto, que fiquei sem pinga de sangue.

E eu sem um cabello na cabeça, e com a alma no inferno, que já me não salvo, se não.....

Então que está você agora para ahi a resmungar.

Sr. conego, acudiu o João, eu sinto-me doente, e nem sei o que digo.

Isso não hade ser nada; é d'este tempo humido. Vá preparar o almoço, que eu lá vou já para a sala. Já veio o Manuel Lopes?

A esta palavra magica, que lhe avivava toda a extensão da sua desgraça o pobre criado embiceu em uma das costuras da esteira, sentiu faltarem-lhe as forças, e cahiu redondo no chão.

Então que é isso, João, exclamou o conego ajudando o criado a levantar-se — vá-se deitar. homem: você está pallido; bem se vê que não está bom, e quando vier o Manuel Lopes, que me venha fallar.

O Manuel Lopes já veio, meu senhor, e já se foi embora, respondeu com voz sumida, e sepulchral, o triste João.

E o dinheiro?

O dinheiro esse..... esse lá está dentro: eu vou busca-lo.

Logo logo: agora quero almoçar.

O João sahiu, voltou ao quarto, foi outra vez á mesa vêr se com effeito lhe faltavam os dois dobrões, e sentou-se depois em cima da cama no mesmo abatimento em que já tinha estado. Dois dobrões, dizia elle lá comsigo mesmo, são 30$000 réis. — Lá se me vae embora um anno de soldadas! E eu que ainda hontem sonhava fortunas! Mas isto hade ficar assim? Eu..... porém vamos cuidar do almoço do sr. conego; talvez seja o ultimo a que lhe assisto; e de certo é o ultimo; eu não duro 24 horas!

Não se admiraria o leitor de vêr o sr. João atrapalhado para pôr aquella mesa, que elle sabia compôr tanto á vontade, e feição do sr. conego, e menos poderá estranhar o abatimento em que lh'o apresentamos no começo d'este capitulo. É necessario porém agora para melhor intelligencia das angustias do sr. João, que deixemos almoçar o conego, e seu filho muito pacificamente, e que procuremos um Asmodeu, que em vez de levantar os tectos de todas essas casas que por ahi vemos para nos mostrar muita cousa boa, e má, muita angustia, muitas miserias, e alguma virtude, e felicidade, nos destape a cabeça do sr. João para assistirmos ás interessantes cogitações, pelas quaes durante o almoço elle esteve profundamente submergido, e ao curioso soliloquio, que o não deixava attender aos serviços que o andamento, e progresso do almoço, deviam exigir da sua pessoa.

Ouçâmos o sr. João: é elle proprio quem falla.

Ora, sr. João, está vm.ᶜᵉ roubado na insignificante quantia de dois dobrões! Mas quem o roubou? Não podia ser senão..... senão quem? Nada, é impossivel! Pois uma creança d'aquelle tamanho..... e para que queria elle o dinheiro? Aqui anda bruxaria! Mas se ninguem entrou no meu quarto senão o pequeno?.... E aquella vermelhidão do rosto? E o medo com que elle olhava para mim? E eu pedaço d'asno a cuidar que era susto de que lhe mordesse o cão! Havia de lhe elle morder no coração.

Então que tal está a creança? Dois dobrões logo de uma assentada! Nada, não póde ser! Porém se fosse, que lhe hade fazer o pobre João? Dizê-lo ao sr. conego, vou para o meio da rua talvez com as costellas quebradas, pago os 30$000 réis, e não fico lá com os melhores creditos, se lh'o não digo perco os 30$000 réis, e acabou-se tudo. E depois envilecer o filho de meu amo, do meu bemfeitor, oh! isso nunca. Sublime pensamento de um homem do povo! Se elle os tivesse ainda no bolso....?

Esta lembrança foi um raio de luz para o nosso João. Acabou-se o almoço; o João chegou-se para o pequeno, limpou-lhe algumas migalhas que lhe tinham cahido na roupa, e foi pouco e pouco com o pretexto de o limpar apalpando-lhe o corpo todo.

Você faz-me cocegas, João, dizia o pequeno rindo-se, e penetrando finamente as intenções do criado, mas deixando-se apalpar com uma singeleza, e innocencia pasmosa.

Não póde ser elle, dizia outra vez o João lá comsigo, mas tambem não póde ser outro.

O som da campainha do sr. conego veio interromper esta scena. O sr. Valença tinha-se retirado da sala, e chamava o João ao seu quarto.

APONTAMENTOS PARA A BIOGRAFIA

DA

SR.ª D. LEONOR D'ALMEIDA

MARQUEZA D'ALORNA.

A sr.ª D. Leonor d'Almeida Portugal de Lorena e Lencastre, 4.ª marqueza d'Alorna, 7.ª condeça de Assumar, condeça de Oeynhausen por seu marido, dama da ordem da cruz estrellada em Allemanha, dona de honor, e dama da real ordem portugueza de Santa Izabel, nasceu em Lisboa no dia 31 de outubro de 1750, filha primogenita de D. João d'Almeida Portugal, 2.º marquez d'Alorna, 4.º conde de Assumar, vedor da casa real, commendador da ordem de Christo, e capitão de cavallaria da côrte, e da marqueza D. Leonor de Lorena, 4.ª filha dos 3.ᵒˢ marquezes de Tavora.

Os illustres appellidos de Almeida, e de Tavora, não carecem de que procuremos mostrar como por elles era a sr.ª marqueza da nobreza mais distincta de Portugal, assim pela seguida, e brilhante grandeza da sua casa como pelas elevadas acções, que a historia teve de referir de seus illustres ascendentes; nem o consente tambem a concisão forçada, que nos prescreve a natureza, e destino d'este trabalho.

Com quanto o nosso animo nos estivesse pedindo a exposição minuciosa de quantas noticias podémos alcançar ácêrca da sr.ª marqueza d'Alorna, seremos obrigados a resumir em quadro brevissimo a longa serie de acções generosas, e illustres, com que esta senhora soube mostrar-se digna de seus generosos predecessores, honra do seu paiz, e luminoso exemplo de saber, e de virtudes, assim para os seus, como para os estranhos, que em tamanha conta a tiveram, e lhes mereceu sempre subida, e affectuosa estimação.

Cêdo começaram para a sr.ª D. Leonor d'Almeida as tribulações, e os golpes do infortunio; na idade de oito annos já a vamos encontrar encerrada como prêsa de estado com sua mãe, e irmã, no convento de Chellas, ao mesmo tempo que seu pae, pela injusta suspeita de ter conhecimento do attentado contra a vida de el-rei D. José, entrava nos carceres da Junqueira, onde devia em dezoito annos de duro, e penosissimo martirio passar a melhor quadra da vida, e perder a saude e forças, de que a patria, e o monarcha podiam esperar tantos serviços.

Apesar da desgraça da sua casa, e da apertada reclusão a que se via condemnada, soube a sr.ª D. Leonor d'Almeida tirar vantagem d'essas circumstancias calamitosas para se entregar inteiramente aos estudos a que a convidava a mais decidida vocação, cultivando as linguas, a filosofia, a musica, a poesia, sem que como diz um seu biografo, lhe fossem estranhas as outras prendas do seu sexo.

Alli passou a sr.ª D. Leonor a primeira quadra da sua vida, ora entregue aos seus estudos, e á composição das melodiosas poesias que com o titulo de *Poesias de Chelas* formam o 1.º volume das suas obras, ora edificando a communidade pela devoção, e boa vontade com que se prestava a servir de enfermeira, de refeitoreira, e de organista, e finalmente empregando todos os seus disvellos e carinho nos cuidados devidos á saude de sua mãe a quem na idade de 11 annos substituiu no encargo de responder áquellas tão preciosas cartas, que muito acautelladamente lhes chegavam da Junqueira escriptas com o sangue do proprio marquez D. João!!

A perda de uma d'estas cartas causou-lhe tão desmedida afflicção, que resolveu roubar-se perpetuamente ao mundo tomando o habito de freira, porém já no fim dos *exercicios espirituaes* póde o padre fr. Alexandre da Silva, depois bispo de Malaca, ecclesiastico de muito saber religioso, e profano, demovê-la d'esta resolução empregando para isso o salutar principio da obediencia filial, a que ella soube virtuosamente sujeitar-se.



Condessa d'Oeynhausen

A fama da cultura do seu engenho, e da belleza das suas composições poeticas não podia ficar encerrada entre os muros do convento de Chelas. Foi logo conhecida dos melhores poetas d'esse tempo, que com o nome de Alcipe a celebraram espalhando mais a reputação do seu merecimento, e concorrendo alli para ouvi-la, e admira-la, distinguindo-se entre elles o nosso Filinto Elysio.

A visita quasi furtiva de seu irmão D. Pedro, depois marquez d'Alorna, custou-lhe dois annos de rigorosa reclusão na sua cella por ordem do arcebispo de Lacedemonia, que obstinando-se em obriga-la a cortar os cabellos, e ameaçando-a de participar ao marquez de Pombal a sua desobediencia deu occasião á admiravel resposta

Le cœur d'Eleonore est trop noble et trop franc
Pour craindre, ou respecter le bourreau de son sang,

ousadia, a que por esta occasião serviram de desculpa os seus poucos annos.

Chegava finalmente depois de dezoito annos de padecimentos o termo d'aquella desastrada perseguição com a morte do sr. rei D. José, e em uma noute apparece em Chelas o marquez D. João seu pae já solto do dilatado captiveiro de que elle proprio nos deixou preciosa noticia, que ainda não foi impressa, mas que tentâmos brevemente fazer conhecida do publico.

Passado pouco tempo de residencia em Almeirim, voltaram a Lisboa, onde se reunia em sua casa a melhor sociedade de portuguezes e estrangeiros, sendo dos que mais a frequentavam o conde de Oeyenhausen, vindo a Portugal com seu primo o conde reinante de Schaumbourg Lippe, e que vindo a ser um dos pertendentes á mão da sr.ª D. Leonor d'Almeida, alcançou o consentimento de seus paes, e abraçou a religião catholica recebendo n'este acto as maiores distincções dos soberanos portuguezes, armando-o el-rei cavalleiro da ordem de Christo, e nomeando-o o governo para commandar o 1.º regimento do Porto, para onde partiu logo com sua esposa.

A designação do conde de Oeyenhausen para a enviatura de Vienna de Austria obrigou a sr.ª condeça a deixar a sua patria intentando a viagem por terra durante a qual recebeu de Carlos 3.º em Madrid, e de Luiz 16 em França o distincto acolhimento, que apenas era preludio das honras que a esperavam em Vienna, onde da imperatriz Maria Thereza herdou o imperador José 2.º seu filho a estima e consideração com que sempre a distinguiu enviando-lhe a insignia e diploma da ordem da cruz estrellada d'aquelle imperio acompanhada de uma honrosissima carta do proprio punho do imperador.

Alli encontrou ella o celebre Pedro Metastasio, com o qual, como era natural entre tão elevados engenhos, contrahiu logo relações de amizade, iguaes áquellas em que vivia com todas as pessoas de mais subido merecimento da Allemanha, e tambem verificando-se então a ida do summo pontifice Pio 6.º áquella côrte foi essa circumstancia occasião de novas honras, com que o supremo pastor da christandade distinguiu a sr. condeça, e seu marido.

Entre os cuidados da sua posição, e a aureola de gloria, e de engrandecimento, que a cercava, não se esqueceu nunca da cultura do espirito; são d'esse tempo o quadro da soledade, que a sr.ª condeça pintou para que por este meio engenhoso obrigasse seu pae a escrever-lhe; o seu proprio retrato que se perdeu; o do amor conjugal, que mandou á sr.ª D. Maria Benedicta, princeza do Brazil, e que se perdeu no incendio da Ajuda; uma cópia da Sybilla de Guido Reni, e outros cujo destino se ignora.

A natureza do clima, e os negocios de seu marido obrigaram a sr.ª condeça a voltar a Portugal já com duas filhas as sr.ªs D. Frederica, e D. Juliana, que foi condeça da Ega, e hoje de Stroganoff, nascidas em Allemanha, com o sr. Carlos d'Oeyenhausen nascido em Avinhão, e com a sr.ª D. Henriqueta nascida em Marselha; viagem em que o seu animo varonil por mais do que uma vez a salvou de transes perigosissimos.

Recebeu-a a soberana com especial agrado, e arranjados os negocios de seu marido, voltou este de Marselha a Portugal, onde serviu de inspector geral da infanteria na patente de tenente general achando-se nomeado para o governo do Algarve, quando falleceu a 3 de março de 1793 aos 54 annos de idade, deixando mais dois filhos além dos que já referimos, a sr.ª D. Luiza, e o sr. João Ulrico nascido quatorze mezes antes da morte de seu pae.

Nos cuidados devidos á educação dos seus filhos, na poesia, e na pintura, procurou a sr.ª condeça consolação de tamanha perda, passando a maior parte do anno em Almeirim favorecendo os pobres d'aquelles contornos assim com soccorros pecuniarios, como dando-lhes trabalho, e pagando a uma mestra, que ensinasse as raparigas de Almeirim a ler, a cozer, e ao exercicio das outras prendas das proprias do seu sexo.

Tinha a sr.ª condeça composto a epistola a respeito da morte do chorado principe D. José, que vem no tomo 2.º das suas poesias a folhas 7, e a imitação livre, e primorosa do poema das estações de Thompson, a pedido da sr.ª infanta D. Marianna, mas prestado este testemunho á dôr da familia real portugueza offereceu-se-lhe occasião de mostrar que a nossa lingua patria podia vantajosamente comparar-se á allemã: seguia o parecer contrario o d.or Muller, porém a sr.ª condeça incumbiu-se de lhe apresentar na traducção do Oberon de Wieland a prova da riqueza da lingua patria.

Alguns desenhos esboçados em casa da sr. condeça pelo pintor Foschini, e a fama dos conhecimentos especiaes d'ella nesta arte determinaram o principe D. João a encarregar a sr.ª condeça do plano para a decoração do palacio d'Ajuda, por fórma que ficasse sendo um monumento da gloria portugueza por meio das bellas artes. Era difficil o encargo, mas varonil, e sobejo para elle o animo da sr.ª condeça; acceitou-o, mas não permittiram as intrigas da côrte, que se levasse ao cabo este pensamento, apesar de que não furam tão poderosas que impedissem a sua nomeação para dona de honor da sr.ª D. Carlota Joaquina.

Com a morte de seu pae, e pelos acontecimentos da revolução franceza, deixou outra vez a sua patria, e mudando de direcção em Madrid, foi para Inglaterra, aonde se conservou até 1809, tendo mandado seu filho para a côrte do Rio de Janeiro.

Alli, por entre desgostos quasi successivos, que a natureza dos tempos lhe preparava, escreveu o poema das *Recreações botanicas*, a traducção da Poetica de Horacio, e do Ensaio critico de Pope.

Na sua chegada a Portugal não pararam os dissabores a que parecia estar votada a sua vida, e recebendo uma insinuação dos governadores do reino para deixar este paiz, teve de voltar a Inglaterra, onde a convivencia com m.me de Stael, com o actual duque de Palmella, etc., deviam minorar-lhe os soffrimentos.

Fallecido o marquez d'Alorna, seu irmão, em Konigsberg a 2 de janeiro de 1813, pediu a sr.ª condeça licença á côrte do Rio de Janeiro para voltar a Lisboa, e sendo-lhe concedida veio residir pare Bemfica em casa de seu neto o actual marquez de Fronteira.

Ainda então os governadores do reino lhe destinavam acêrca da educação de seus netos novas contrariedades e desgostos, que não abateram o animo brioso e elevado de quem vinha do sangue dos Tavoras, e Almeidas. Cumprindo com as obrigações do sangue e do nome, e casa que representava, entregou-se inteiramente á justificação da memoria de seu irmão, conseguindo no fim de dez annos de trabalho que fosse reformada a sentença, e confirmados na sua pessoa os titulos da sua casa, de que ella ficára successora por morte do marquez seu irmão, não impedindo estes cuidados o acabamento da versão do poema de Claudiano, *o roubo de Proserpina*, e do Ensaio de Lamenais ácêrca da indifferença em materias de religião.

Entre as traducções emprehendidas pela sr.ª marqueza d'Alorna sobresahia muito a dos sete psalmos penitenciaes feita em outro tempo a instancias de fr. Manuel da Trindade, homem devoto e pio; porém não se contentando com esta obra tão primorosa destinou verter, e em parte parafrazear, todo o psalterio, obra

unica em verso portuguez, e a não ser na lingua italiana não existe na Europa outra completa que possa comparar-se com a sua.

Em 14 de Agosto de 1822 quiz Deus provar ainda a sua paciencia e resignação, roubando-lhe o sr. conde de Oeyenhausen João Ulrico, seu filho, tenente coronel de cavallaria 4, e que apenas contava 25 annos, successor immediato do titulo e casa d'Alorna!

Desde então a sr.ª marqueza d'Alorna apenas appareceu na sessão real d'abertura das côrtes em 1826, servindo de camareira mór, e em 1828 como dona de honor n'aquella em que sua alteza entregou a seu irmão o governo d'estes reinos, mas para voltar logo á absoluta reconcentração domestica a que se condemnára, completando por esse tempo, a pedido de suas filhas, o 5.º e 6.º canto do Oberon.

Por occasião do segundo casamento da rainha, a que a sua avançada idade lhe não permittiu assistir, mereceu aos soberanos a lembrança de lhe enviarem a insignia da ordem de Santa Izabel, visitando-a depois el-rei, e honrando-a tambem com a visita dos principes seus filhos, acompanhados pela sua dama; singular mercê, que a sr.ª marqueza soube avaliar devidamente.

No quebrantamento de forças produzido por quasi 89 annos começados em uma prisão de estado, e tão combatidos de pezares e dissabores, veio acha-la a morte no dia 11 de outubro de 1839, dando ainda n'essa occasião mais um testemunho da sua piedade e religião, em cujos sentimentos, e na ultima palavra da *saudação angelica*, entregou a alma ao Creador.

Foi uma illustre portugueza, ornamento da sua familia, honra da sua patria, e proveitoso exemplo a todos.

A estas noticias, que extrahimos da biografia que anda nas suas obras, só accrescentaremos, que as suas poesias se publicaram n'esta capital em seis volumes de curiosa e variada lição, podendo no ultimo, pela confrontação do texto latino com o portuguez, apreciar-se a belleza e facilidade d'aquella versão e parafrase. Do 1.º volume fizemos copiar o retrato, que acompanha esta noticia.

MEMORIA DESCRIPTIVA

DA

PROVINCIA DE TRAZ OS MONTES.

Tratarémos agora da descripção das principaes montanhas, e rios de Traz-os-montes, descripção curta, e abreviada, pois d'outra sorte, sómente ella de per si poderia dar assumpto a um volume, se houvessem precedido as observações indispensaveis para bem as descrever. Da maior parte das mesmas serras não sabemos a altura sobre o nivel do mar.

Gerez. — É uma das serras mais notaveis da provincia, que a separa do Minho, e Galliza: esta serra tem no sollo transmontano a extensão de 5 leguas proximamente na direcção de NE a SO está (segundo alguns) a 550 toezas sobre o nivel do mar — faz parte de uma extensa cordilheira que se desprende dos Pyreneus, e atravessa a peninsula em busca do oceano portuguez. É de formação primaria, e assás notavel pelas suas florestas, e animaes silvestres, tem uma mina de magnete junto á aldêa de Pitões, e inculca-se como rica em metaes; não nos consta porém ao menos em tempos modernos, que se tenham alli feito explorações, ou pesquizas mineraes. As aguas mineraes que se encontram no Gerez são bem conhecidas, e tem sido analysadas, e descriptas por pessoas doutas. Ha nas faldas d'esta serra differentes aldêas como Sisbusello, Capella, Xestello, Cobril, Pinções, Fafião.

Marão. — Serra mui notavel de 3 leguas de extensão entre o Douro, e Tamega, na direcção de NE a SO que separa Traz-os-montes do Minho.

Nogueira. — Esta serra faz parte de uma grande cordilheira de montanhas, que debaixo de denominações varias atravessa a peninsula: tem 4 leguas de extensão na direcção de NE a SO, desde a aldêa de Nogueira a uma legua de Bragança, até á aldêa de Bouzende: ha differentes povoações de um, e outro lado da serra, como são Pombares, Pereiro, Martim, Larção, Biduedo, Rebordãos, etc — A serra de Lagomar é ramificação da de Nogueira, e se prolongam até á fronteira na extensão de 3 leguas, e na direcção N S.

Bornes. — Esta serra póde ser reputada a continuação da antecedente, com a qual faz juncção por meio de algumas pequenas serras entre ambas, comprehendendo 3 leguas de extensão na direcção de NNE a SSO; separa o concelho de Chacim do dos Cortiços: é uma das serras mais altas do districto de Bragança, e de um dos seus pontos culminantes, chamado = o Miradouro = descobre-se a maior parte da provincia, e ainda para além Douro. Da serra de Bornes até ao Douro se prolongam um encadeamento de montanhas, entre as quaes se fórma o magnifico valle denominado da Villariça, que tem um quarto de legua de largura, e 4 leguas de extensão: é n'este valle que serpêa a ribeira da Villariça.

Reboredo. — Serra de 2 leguas de extensão na direcção de NE a SO, desde o Douro até uma legua da aldêa de Moz; é junto a esta serra que é situada a villa de Moncorvo.

Crestellos. — Cadêa de montes na margem esquerda do Sabor, que tem uma e meia legua de extensão na direcção NNE a SSO.

Serra de Santa Comba. — Serra de 3 leguas de extensão na direcção de NE a SO entre o Tua, e a ribeira do Franco: esta serra separa o concelho de Lamas, do de Carragedo de Monte-Negro.

Esarão. — Serra de uma e meia legua de extensão na direcção de NNE a SSO, e collocada entre o rio Tinhella, e Pinhão: separa o concelho de Murça do de Alfamelle.

Serra do Cabreiro. — Tem 1 legua de extensão na direcção de N a NE entre os rios Pinhão e Corgo no concelho de Villa Real.

Serra de Meirelles. — É situada no concelho de Villa-Flôr; tem 2 leguas na direcção de N a SO: é ramificação da serra de Senabria.

Serra de Soutello. — É proxima á raia a 3 leguas de Bragança; tem 2 leguas de extensão na direcção de NE a SO.

Serra de Teixeira. — Na raia da provincia tem 2 leguas na direcção de E O.

Serra de Frieira — Idem, idem.

Serra de Monte-Negro. — Na raia tem 3 leguas na direcção de NNE a SSO, desde a raia até ás immediações do rio Terva.

Serras de Brunheiro, e Monforte. — Tem duas e meia leguas em uma direcção parallela á antecedente, entre estas serras, e a de Bustello corre o rio Tamega na veiga de Chaves.

Serra das Alturas. — Tem 2 leguas na direcção de NE a SO entre os rios Beça, e Regavão: estas serras tem muitas ramificações.

Serra do Larouco. — Na fronteira a uma legua de Monte-alegre: esta serra é ramificação da do Gerez; tem 2 leguas proximamente na direcçã de E O.

Serra do Leiranco. — Tem 2 leguas na direcção de N a S entre o rio Terva, e Beça.

Serra da Cabreira. — Tem 2 leguas na direcção de E O. Separa o Minho de Traz-os-montes.

Serra do Omizes. — Tem uma e meia leguas na direcção de NE a SO: é situada no concelho de Villa-Pouca.

Além das serras supra indicadas uma multidão de serras de menos vultos, e importancia, conhecidas por diversas denominações se encontram na provincia de Traz-os-montes, sem mesmo fallar d'aquellas entre as quaes correm os differentes rios, e ribeiras, cujos leitos são profundos, e excavados entre serranias de maior, ou menor elevação.

Douro. — Este rio abraça Traz-os-montes pelo nascente, e sul, e recebe as aguas de todos os rios (á excepção do Cávado) transmontanos.

Sabor. — Tem origem nas immediações de Calahorra na Hespanha — atravessa a fronteira, passa a um quarto de legua de Bragança, e depois de um curso de perto de 22 leguas entra no Douro a uma legua de Moncorvo pelo valle da Villariça.

Antes de entrar no Douro recebe o Sabor as aguas das ribeiras de Trevença, Alfaião, Maçãs, Angineira de Izeda, Azimbo, Sendim, Villariça, e muitas outras de menor importancia.

Tua. — Este rio toma origem na serra da Teixeira na raia; passa por Mirandella, e depois de um curso de 21 leguas entra no Douro no sitio de Foz-Tua.

Antes de se confundir com o Douro, recebe o Tua as aguas do rio Baceiro, das ribeiras das Fructas, Nuzellos, rio Rabaçal (este rio é formado pelos dois rios Rabal, e Balteiro) ribeiras de Carvalhaes, Cedães, rio Tinhella, e uma immensidade de outras mais pequenas ribeiras.

Pinhão. — Este rio tem origem no concelho de Alfarella, passa perto das villas de Sabroza, e Provezende, e se reune ao Douro depois de 6 leguas de curso.

Corgo. — Este rio nasce perto de Villa-Pouca, passa por Villa Real, e entra no Douro proximo da grande villa da Regoa, depois de 8 leguas de curso: recebe as aguas do pequeno rio Tenha, e de outras ribeiras mais insignificantes.

Tamega. — Tem origem a quasi 3 leguas de Monte-Rei na Galliza, proximo á pequena aldêa de Tamiulas, freguezia de S. Pedro de Castro: a um quarto de legua recebe as pequenas ribeiras de Carraso, e Villameam; passa junto á pequena villa de Lara proximo á qual se junta ao Tamega o pequeno rio das Cabras: entra no valle de Monte-Rei, e atravessa a villa de Verim (fundada pelo capitão Romano Verino), junto á aldêa de Queirás se lhe reune um outro rio não menos caudaloso que parte da serra de Larouco, e immediações da aldêa de Villar de Perdizes, entra em Traz-os-montes pela freguezia de Lama d'arcos, e vae passar debaixo da magnifica ponte que Trajano (ou Galba, segundo outros) fez edificar na formosa villa de Chaves, d'onde progride seu curso pelo solo transmontano até Ribeira de Pena, desde onde este rio começa a ser linha divisoria entre Minho, e Traz-os-montes, entrando no Douro no sitio chamado = Entre ambos os rios = depois de 24 leguas de curso: recebe em seu transito as aguas de muitas ribeiras.

Cávado. — Tem origem na raia a 1 legua de Monte-alegre, e recebendo as aguas de algumas ribeiras, tem o seu leito junto á serra do Gerez, e se affasta do solo transmontano em busca do litoral do Minho, depois de um curso de 7 leguas n'esta provincia.

Bragança, 23 de Abril de 1845.

Esta curiosa memoria foi-nos remettida de Bragança, acompanhando um primoroso desenho do castello com as poucas linhas, que com elle publicamos hoje. Repetimos aqui os nossos agradecimentos, e esperamos que não seja este o ultimo favor de que sejamos devedores ao illustrado auctor d'esta composição.

BIBLIOGRAFIA.

Memoria sobre o corpo de engenharia em Portugal etc. por João Luiz Lopes, tenente de engenheiros.

Contém um projecto de nova organisação do corpo de engenheiros, ao qual a memoria serve de relatorio. Ao sr. general Folque pareceu, que este trabalho merecia ser meditado pelos engenheiros portuguezes, e levado ao conhecimento do governo. Nada podemos accrescentar ao voto tão competente do illustre general.

Louvaremos sempre muito o espirito patriotico com que o sr. Lopes procura desaggravar-nos da maliciosa injustiça d'aquelles que nos consideram inhabeis para tudo, e obrigados a admirar qualquer homem, que não tiver nascido portuguez. A historia, e o exame reflectido dos nossos homens, e das nossas cousas mostra que somos para tudo, quando nos alentam, e auxiliam convenientemente. N'esse ponto a memoria do sr. Lopes é digna de ser lida por todos os portuguezes.

Reforma judicial novissima: segunda edição enriquecida de notas.

A Gazeta dos Tribunaes já fallou largamente a respeito d'este trabalho do sr. José Maximo de Castro Neto Leite de Vasconcellos, do conselho de sua magestade, presidente honorario da relação de Goa, juiz na de Lisboa, e procurador regio perante a mesma.

Com quanto as razões de sangue, e de singular amizade, e o proprio desejo do auctor nos imponham a obrigação de ser parcos no louvor, e de desconfiar do nosso juizo, todavia não podemos deixar de notar a estremada paciencia, a grande somma de conhecimentos juridicos, e o curto espaço de tempo, que o sr. Neto empregou em preparar uma obra de tamanha consequencia com tantos avaliadores competentes para desde logo lhe notarem desapiedadamente os descuidos, que em materia de tanta gravidade, e de tão continuada applicação se descobririam immediatamente com incalculavel responsabilidade do auctor. Quem, tão moço ainda, assim conhece familiarmente a nossa legislação, e tanto ama o trabalho, virá no futuro a ser um dos nossos melhores jurisconsultos.

ENIGMAS PITTORESCOS.

EXPLICAÇÃO DO ULTIMO ENIGMA.

A vida do homem é um ponto entre duas eternidades.



SUMMARIO.

LISBOA, 21 DE MAIO.

Os ultimos acontecimentos da capital tendo feito cessar os expectaculos não consentiram que os amadores do theatro de S. Carlos ouvissem os novos actores vindos do Porto, que são artistas de muito merecimento. Já se vê que todos os outros expectaculos cessaram tambem, e que a attenção geral convergiu para o já ensanguentado campo das nossas contendas civís.

Recebemos uma carta muito attenciosa do sr. Aguiar de Loureiro, auctor do Magriço, em que explica a causa que fez com que erradamente nos julgasse parcial contra elle, e que motivou o periodo da sua resposta, que nos era dirigido. Se, como o sr. Loureiro acreditou por equivoco, fosse verdadeira a causa, a accusação contra nós teria sido justa.

De resto o auctor do Magriço vae defender o seu drama, e temos já em nosso poder uma carta sua a esse respeito, a qual esperamos publicar fieis ao nosso pensamento de deixar livre o campo a todos os combatentes sem que todavia fiquemos por isso a fallar do Magriço eternamente.



VISTA DE LISBOA DO LADO DA JUNQUEIRA.

Lemos ha tempos em um jornal estrangeiro que os portuguezes residentes em Lisboa, quando enriqueciam por meio do commercio, e de não sei que mais cousas de que fallava o tal jornal, compravam ou mandavam fazer uma casa na Junqueira sitio muito agradavel, e de ares puros.

Esta noticia de costumes portuguezes é como todos vemos um pouco exaggerada, mas quando fosse verdadeira, o que seria raro em cousa escripta por estrangeiros a nosso respeito, os homens tinham razão, porque tudo está convidando a ir viver alli. Uma parte da agradavel, e dilatada perspectiva que se gosa da Junqueira é representada pela estampa, que damos hoje.

OS DESAFIOS.

Por mais que se percorram os historiadores antigos com a maior attenção e esmero, não se encontra n'elles a prova de que esta loucura, ou enfermidade moral fosse conhecida das grandes nações, que povoaram o mundo antigo, e que d'elle desappareceram depois de haverem resplandecido com uma luz que inda hoje nos deslumbra.

É certo que na Biblia se lê que o gigante Goliath sahindo do campo dos philisteus, viera apresentar-se diante do arraial de Saul, chamando ao combate os mais valentes dos hebreus, que em Homero vemos a proposta de decidir a guerra por meio de um combate singular entre Paris, e Menelau; e que depois ha ahi segunda monomachia entre Aiax e Heitor, e que lemos na historia romana, que os albanos, e os romanos confiaram a sua sorte a tres campeões por cada parte: mas estes factos eram acções publicas, e não particulares; eram meios de abreviar as campanhas, e poupar o derramamento de sangue, ou alarde do brio militar, não eram o que os francezes chamam *affaires d'honneur*, porque nem assirios, nem chaldeus, nem phenicios, nem gregos, nem romanos cahiram nunca no absurdo de julgarem que um homem de bem era obrigado sob pena de ser considerado infame, e deshonrado, a matar-se com outro, por uma palavra menos cortez, por um gesto, por uma rivalidade, ou outra ridicularia similhante. A China que é um verdadeiro retalho do mundo antigo conservado no mundo moderno, tambem ignora essa barbaridade, que se chama duelo.

Haverá 30 annos que um chanceller do thesouro dirigiu no parlamento inglez a um deputado dos communs algumas palavras de que elle se offendeu, e ao sahirem do templo da legislação, estas duas personagens se bateram á pistola, ficando o chanceller com um braço atravessado de uma balla. Este acontecimento não escandalisou ninguem, e foi referido em todas as gazetas mesmo na de Lisboa, como coisa mui natural.

Entre os gregos, e os romanos corriam as cousas differente caminho. No senado, no fóro, nos tribunaes, dois oradores se atacavam sem piedade, se injuriavam, e se lançavam em rosto, não só a sua ruim logica, a fraqueza dos seus argumentos, mas os factos da sua vida publica, e particular, e até os seus defeitos physicos, e nada disto parecia nem estranho, nem deshonroso para elles. Veja-se como Demosthenes, e Eschines se tractam um ao outro, como Cicero tratou a Claudio, á Antonio, e a Verres, e como Antonio tratou a Cicero em pleno senado em um discurso, que nos foi conservado por Dion Cassio famigerado historiador grego.

Em uma assembléa dos estados da Grecia propunha Themistocles uma cousa, que julgava de utilidade geral, porém um deputado de Lacedemonia, a quem desagradava a proposta levantou o pau que tinha na mão contra o general atheniense; se isto acontecesse em um conselho de guerra de europeos estamos certos, que o ameaçado desafiaria immediatamente o ameaçador inda que este fosse o seu general em chefe, e aquelle o mais insignificante official do exercito; porém Themistocles, o general, e o heroe de Athenas, contentou-se de responder mui socegado ao espartano: — dá, porém ouve o que eu digo.

Quando Mario sahio ao encontro dos cimbros, acampou em frente dos barbaros, havendo de permeio um regato, cuja passagem o romano vedava, e até o uso livre da agua. O general dos barbaros cançado da inacção forçada, a que se via reduzido, mandou por um arauto desafiar a Mario, e este bravo guerreiro, que tinha vencido tantas batalhas, e dado tantas provas de valentia, em vez de acceitar o duelo, respondeu ao arauto: dize ao teu general se tem pressa de morrer que se enforque.

Dirá alguem que estes homens praticaram assim por cobardia? Pois os vencedores de Salamina, de Marathona, os heroes que morreram nos Thermopylas; os conquistadores de todo o mundo então conhecido, podem ser suspeitos de cobardia? Não, porém tinham mais juizo, e mais philosophia do que os povos modernos, e costumes menos ferozes do que elles: elles repeliam as injurias com as injurias, e a força com força, mas não admittiam que um assassinato sarasse as feridas da honra.

As cabildas barbaras, que do norte invadiram o sul da Europa, esses selvagens sem letras, sem artes, sem civilisação, e que não conheciam mais merito, ou virtude que um valor brutal, trouxeram á Europa o frenesi dos duelos, e dos torneios, e justas. Abraçando o christianismo como os negros das colonias, isto é, sem entenderem nem a letra, nem o espirito d'elle, conservaram entre outros restos da sua barbaria este que desgraçadamente se propagou nas nações modernas, fundadas por elles, chegando até a decidirem-se os pleitos por meio de duelos, que chamavam combate judicial, ou juizo de Deus, como se Deus podesse explicar-se por meio do homicidio.

O duelo é um absurdo contra a razão, porque ella não pode conceder que um homem a quem outro deshonrára dando-lhe um bofetão, possa recobrar a honra, quando o offensor lhe dá uma estocada, ou lhe mette uma bala no corpo, isto é quando á primeira offensa accrescenta outra maior.

É um crime contra Deus, porque é um homicidio voluntario commettido com premeditação, com apparato, com formalidades, e testemunhas, constituindo-se assim indigno de toda a desculpa.

É um crime contra a justiça, porque lhe rouba o direito de castigar os delictos dos cidadãos, e de julgar as suas desavenças.

É um crime contra a sociedade porque perturba a sua tranquillidade, e lhe rouba membros, de que talvez podesse esperar grandes serviços.

É um crime contra a humanidade, porque além de fazer com que o homem derrame o sangue de seus irmãos, ás vezes, e a maior parte dellas por motivos bem frivolos, e ridiculos, reduz com muita frequencia á desesperação, e á mendicidade familias honestas, privando-as de um bom pae, de um bom filho, ou de um bom irmão que as amparava, e sustentava.

É por isto que tantos homens de bom senso religiosos, e humanos tem em todos os tempos levantado a voz contra esta atrocidade anti-christã, pois que o christianismo faz uma obrigação do esquecimento das injurias, e do perdão aos erros do proximo, e não é pequena prova da relaxação da moral dos jesuitas a teima com que alguns dos seus theologos pretendem á força de evasivas cohonestar, e justificar este abominavel delicto.

O grande ministro Richelieu prohibiu debaixo de pena de morte os desafios, fosse qual fosse a pessoa que comettesse tal crime: a primeira infracção desta lei foi perpetrada pelo herdeiro de uma das familias mais nobres da Bretanha, e apesar de todos os empenhos com que a côrte de França procurou salvar o réo, senhor de quatro baronias, o ministro foi inflexivel, e lhe fez cortar a cabeça por mão do algoz em publico cadafalso.

O mesmo rigor contra os desafios ostentou Cromwell, durante o seu protectorado, e nem a qualidade de irmão do embaixador de uma corte alliada absolveu um nobre cavalheiro de ser decapitado em uma praça de Londres por haver entrado em um desafio.

Nada prova tão sobejamente que a severidade dos castigos, e a cruesa das penas tem pouca força para desarreigar os crimes d'entre os homens, como o que se tem passado a respeito dos desafios. A antiga nobreza, descendente dos barões suevos, godos, vandalos, e longobardos, que conquistaram a Europa, tem conservado religiosamente este furor quixotico, como o melhor commentario dos seus pergaminhos, e como d'antes só os nobres tinham o direito de pegar em armas, o estado militar herdou delles esta mania, que

de certo nenhuma honra lhe faz, e comtudo não ha crime contra o qual ha mil e quinhentos annos se tenha fulminado tanto como contra os duelos.

Não contentes os legisladores com declara-lo crime de morte, empregaram contra elle o confisco, a infamia, a privação aos duelistas de transmittirem sua herança aos filhos, e successores, a privação de sepultura ecclesiastica, a prohibição de recitar o officio divino pelos que morrem nos desafios, ou de feridas nelles recebidas.

Estas penas foram exacerbadas em epochas posteriores, publicando-se outras ainda mais graves contra as pessoas, que directa, ou indirectamente ajudassem, ou favorecessem desafios. O concilio de Trento declarou *ipso facto* excomungados os imperadores, reis, duques, condes, marquezes, e quaesquer outros senhores temporaes, que nos seus estados, e nas suas terras concedessem campo para se verificarem desafios entre christãos, privando-os desde logo da jurisdicção, e dominio daquellas terras, e ameaçando-os com todo o rigor dos sagrados canones.

As constituições dos summos pontifices tentaram com tal empenho a repressão desta desordem, que para demostrarem o odio, que lhe professavam, chegaram a condemnar algumas doutrinas que são certas á luz da razão, mas que sem duvida convinha, que se considerassem então como falsas, para evitar maiores males.

Os reis catholicos declararam odiosos, e traidores não só os que provocassem, e admittissem, ou coadjuvassem de qualquer modo duelos, mas aquelles que tendo noticia d'elles não os denunciassem ás authoridades para os embaraçarem, porém sobre todos quem mostrou maior odio a este costume barbaro, foi Filippe 5.º em sua pragmatica de 1716, que mais parece uma dissertação moral, ou uma recapitulação de todas as penas, que se podem infligir a um delinquente, que uma lei expressa, clara, e concisa para um certo, e determinado delicto.

Não foi menos extraordinaria a declaração, que fez no anno de 1723, pelo qual pensando tirar com um só rasgo de penna todo o pretexto para desafios, declara que toma sobre si, e a seu cargo todas as offensas, que os homens se fizessem nos seus estados para castiga-las com penas mais severas, que as em direito estabelecidas, com tanto que ninguem exigisse por si mesmo a satisfação da sua injuria.

Era na verdade digna de toda a gratidão, e respeito esta vigilancia paternal em um soberano, que havia aprendido estas lições na côrte de Luiz 14.º, que procurara com inutil empenho reprimir em França a mania dos desafios, que chegava a ponto de muitos passarem á fronteira para se baterem em paiz estrangeiro, com receio do castigo, porém Filippe 5.º esperava demasiado da phleugma dos hespanhoes, especialmente ao terminar uma guerra de partidos, quando estavam ainda em seu auge a animosidade, e odios reciprocos das familias, e dos individuos.

De todos os povos da Europa nenhum enfermou menos deste frenesi do que Portugal; ou isto nascesse dos principios religiosos, ou da sua pouca sociabilidade, ou da pouca disposição, que ha nos portuguezes para incommodar-se por cousas, que não sejam de interesse. O certo é que os desafios sempre foram entre nós raros, ainda mesmo entre os militares, que apesar disso, se batiam com os inimigos no campo com a coragem, e sangue frio que todos sabem: tão certo é que para ser valente não é necessario ser espadachim.

Como porém os máus costumes se aprendem depressa, alguns mancebos, que voltaram á patria depois da guerra da successão trouxeram de Inglaterra a balda dos desafios, que se tem amiudado nestes ultimos tempos, havendo até quem os justificasse pela imprensa, com argumentos mui plausiveis e engenhosos, que seriam melhor empregados em outro assumpto. Tem pois havido desafios de pistola, de espada, de florete, de sabre, e até já houve um de cabeçadas, porém esta moda brazileira não fez fortuna; aconselhamos porém aos amadores deste genero de proezas, que ensaem os de sôco, que como é costumeira ingleza é natural, que pegue.

No meio destes não tem faltado alguns como farças, que nos theatros se destinam para espairecer os espectadores das impressões funebres dos dramas diabolico-sentimentaes a *la mode*, e que não custaram pinga de sangue. Tal foi o de um frade, que redundou em o reverendo passear debaixo dos arcos, em uma manhã de frio desde as cinco até ás oito horas esperando o seu contrario, que muito quente e agasalhado dormia na sua cama; o de um medico, e um cirurgião sobre as preeminencias das suas artes, e que não teve resultado por se metter no meio a Senhora da Paz, o que prova que nelles a vontade de brigar não era grande.

É pois tempo que a mocidade se descarte dessas opiniões vandalas, e suevas, que a razão prevaleça aos costumes barbaros, que as armas sirvam para defender o estado, e não para assassinar methodicamente os cidadãos; uma injuria, se é merecida, não se lava com sangue, se não é, recae sómente no calumniador. É falso que um homem de bem deixe de o ser, porque um mal-creado, ou um malevolo, ou um louco o desattendeu, ou insultou: pouco valeriaa virtude se dependesse da opinião, ou da insolencia de um bandalho, ou de um discolo: capacitem-se os mancebos de que o andar sempre com a espada na mão lhes não grangea gloria nem credito, lembrem-se do que com tanta razão escreveu um dos nossos melhores poetas modernos, e talvez o primeiro d'elles;

Mas uma espada
Ou na batalha em mãos de cavalleiros,
Ou fóra d'ella a rufiões só cabe.
Camões. Canto 1.

ROBERTO VALENÇA.

ROMANCE.

CAPITULO VII.

De como o sr. João se viu em uma grande crise ministerial, e deu a sua demissão sem pedir as honras do mesmo cargo. Descobrem-se as habilidades do menino, justifica-se o mordomo, e o nosso heroe toma as de Villa Diogo.

Acudiu o contristado mordomo a saber as ordens de seu amo, e foi encontra-lo em pé junto de um elegante guarda-roupa de mogno, com uma gaveta aberta, e contando dinheiro que ia pondo em castellos sobre a mesa que lhe ficava proxima.

Acabou o conego a contagem, começou de novo, correu a mão pela testa duas vezes, desceu-a depois pelo rosto abaixo até á barba, pegou com o dedo polegar, e com o index no beiço inferior, e ficou por breve espaço olhando para os castellos do dinheiro, e dilatando um pouco o beiço que tinha entre os dedos como quem procura descobrir a solução de algum difficil problema.

Não ha duvida, exclamou finalmente o sr. Caetano Valença, faltam-me quatro peças!

O criado ouviu estas palavras, surriu-se despeitosamente, e ficou calado.

Então que diz a isto, João? Faltam-me quatro peças!

O mesmo silencio.

Você não ouve, João?

Ouço sim, meu senhor, mas que posso eu ter com isso?

Que tem você com isso?!! Essa não está má! Pois você é a unica pessoa, que entra no meu quarto, e que nelle fica quando eu cá não estou, e nem ao menos sente a necessidade de indagar quem commetteu este crime, que lhe poderia ser imputado. Ó João, você parece que perdeu o juizo!

O sr. João obrigado a calar-se, e lutando com as ponderosas considerações de que já instruimos o leitor, conheceu que era chegado o momento supremo em que, atravez, e a despeito de todas as prescripções da razão, e da prudencia, as circumstancias levam o homem até onde de sangue frio por certo que nunca chegaria.

Aquellas frases do conego, que mais eram um castigo da apparente e inexplicavel indifferença, e desamor do criado, do que suspeita da sua fidelidade, feriram-lhe a alma como um raio. O receio de envilecer o filho desapparecêra naquelle instante em que seu amo o desligára de todos os vinculos de gratidão soltando a indiscreta suspeita de que o roubo podesse ser praticado por um servo tão fiel, e experimentado.

Sr. Valença, disse o nosso mordomo com certo ar de dignidade que a probidade offendida sabe apresentar em todas as classes, ha mais de 18 annos, que sirvo a v. s.ª, e ainda até hoje, louvado Deus, nem v. s.ª, nem pessoa alguma suspeitou da minha honra. Algum dia havia de ser..... mas de v. s.ª nunca eu julguei, que me viesse esse disgosto..... e as lagrimas lhe assomaram aos olhos ao mesmo tempo que a voz se lhe alterava convulsiva, e suffocadamente.

João, interrompeu o conego pezaroso de ter offendido tão vivamente o pobre criado, e lembrando-se do estado de perturbação em que o víra antes do almoço, eu sempre fui seu amigo, e.....

Eu bem sei o que v. s.ª tem sido para mim, e o que é, e o muito que lhe devo — oxalá não fosse tanto — mas agora dê-me licença de fallar. Em primeiro logar despeço-me desde este momento do serviço de v. s.ª, e ponho á sua disposição 960$000 réis que recebi esta manhã do rendeiro Manuel Lopes, o livro da receita, e despeza desta casa, o meu livro de assentos, e as quatro peças que lhe faltam nesta gaveta. Isto não admitte alteração, e nem que v. s.ª me pedisse de joelhos ficaria mais um dia nesta casa; agora peço-lhe o favor de chamar o menino que lhe quero dizer adeus.

Estas palavras foram pronunciadas com taes mostras de firmeza, de convicção, e de dignidade, que o conego estava pasmado da repentina, e energica resolução do seu mordomo, e ministro universal, que assim dava a sua demissão só pela suspeita indirecta da sua fidelidade, e limpeza de mãos sem nem ao menos pedir as honras do mesmo cargo, e a declaração de o ter servido muito a contento do senhor seu amo! Forte parvo!

Ora o conego era em verdade amigo do João; amizade que se fortalecêra com o habito da convivencia constante, mais poderosa ainda nos celibatarios a quem a necessidade faz considerar os criados como pessoas intimas, e da familia, porém a audacia da resposta de João com quanto provocada era uma cousa tão nova para o sr. Valença, feria tanto o seu amor proprio; a idéa de lhe pedir de joelhos era tão humilhante lançada assim á cara quasi como um insulto, que neste combate entre a affeição, e o orgulho, venceu este ultimo sentimento.

João, disse o conego com altivez, sinto, que perdesse a cabeça, e annúo a que se vá embora: de hoje por diante póde considerar-se despedido. Não desconfio da sua probidade, e desses 960$000 réis que lá tem dou-lhe 160$000 réis para procurar estabelecer-se. Adeus, João; e voltou-lhe as costas um pouco commovido.

Sr. conego, perdoe-me v. s.ª, mas eu não acceito os 160$000 réis: para *restituição* é de mais, e para me lavar a nodoa da sua suspeita não chegavam muitos centos.

Á palavra *restituição*, que o João pronunciára com certa insistencia intencional, o conego voltou-se rapidamente, e como que com colera retrucou: que é isso de *restituição?* Falle claro, ou deixe-me.

Neste instante entrava o menino pelo quarto dentro brincando, e saltando muito alegremente; vio os semblantes alterados dos dois, deu-lhe um baque no coração, tomou-o o susto do quer que fosse, e quiz sahir: o sr. João poz-se entre elle, e a porta, e com gesto severo, e carregado, disse-lhe:

Menino, não saia agora; eu, e seu pae temos que lhe fallar.

Deixe-me sahir, João, deixe-me sahir, gritava já com voz meio chorosa o malicioso pequeno.

Não deixo, não senhor; seu pae é que o manda ficar.

O bom do conego não comprehendia a razão da porfiosa teima do mordomo, entretanto como

que tinha um presentimento de que alguma cousa muito extraordinaria e desagradavel ia acontecer alli diante dos seus olhos. A expressão da fisionomia do sr. João era tão sinistra que o sr. Valença esteve para intervir na pendencia, e obrigar o criado a respeitar no filho o sangue de seu amo, mas a pallidez do sr. Mercurio, e o sobrenatural de todo este negocio tinham-o absorto, e privado da faculdade de tomar uma deliberação rapida, e decisiva: ao vêr a teima do pequeno, e o exforço do criado para lhe tomar a porta, veio collocar-se entre os dois dizendo:

João, ou eu, ou você estamos doidos! Deixe sahir esse menino: quer que elle oiça o que nós dizemos?

Quero, sim senhor, e quero mais alguma cousa, ou antes v. s.ª é que assim o quiz, e Deus me perdoe se o faço por minha vontade. Menino, accrescentou o mordomo voltando-se para o sr. Roberto Valença, roubaram-me dois dobrões de ouro.

E então que quer você que eu lhe faça? Respondeu o pequeno balbuciando.

Que quero eu?! Essa não está má!! Pois v. s.ª é a unica pessoa, que entrou hoje no meu quarto, e que nelle ficou quando eu lá não estava, e então nem ao menos sente a necessidade de indagar quem commetteu esse crime, que lhe podia ser imputado?

O conego fez-se pallido, roxo, encarnado, e branco de vergonha, de colera, e de desesperação, e pegando de uma bengalla de canna da India, que lhe estava proxima, gritou apertando-a na mão direita:

João, João, você é um malvado! Accusar esta creança, querer infamar meu filho na minha presença! Onde tinha você os dobrões d'ouro? Agora acredito que foi você quem me roubou as quatro peças: miseravel!!!

E o conego ameaçava o criado de lhe descarregar um golpe com a bengalla, mas o sr. João com o pequeno agarrado por um braço como que se preparava para o offerecer á primeira pancada, que o pae no furor da sua colera ousasse descarregar-lhe. O conego conheceu a intenção diabolica do seu ex-ministro, e abaixou a bengalla: o João continuou:

Menino, eu tinha no meu quarto cinco dobrões, que lá deixou o rendeiro, faltam-me dois, e foi v. s.ª quem os tirou.

Ó padrinho, acudiu o pequeno soluçando, e espreitando a fisionomia do pae, e do criado, eu não tenho senão aquellas oito peças, que o padrinho me deu!

Esta scena com quanto se passasse no quarto do conego foi escutada pelos outros criados, e pela velha Quiteria: esta breve, mas animada discussão explicou-lhe a excavação da terra pelo rapaz, o desejo de estar só no quintal, a alteração da fisionomia do pequeno, quando o pae o chamou, e as diligencias para que ella o acompanhasse na volta para casa. Ora a Quiteria tinha ás vezes seus dares, e tomares com o João, mas a final criados daquella casa havia muitos annos eram tambem já amigos velhos, e pelo contrario o sr. Roberto Valença, desde que pela primeira vez entrára em casa, tinha logo desagradado á antiga criada de seu pae.

A velha dispenseira veio á porta do quarto; chamou o sr. conego; disse-lhe duas palavras em voz baixa; o conego mordeu os beiços, olhou espavorido para o filho, e para o criado, voltou até ao meio do quarto, e deixou-se cahir em uma excellente cadeira de braços, ainda não baptisada então com o nome de *volteriana*, *renaissance*, *Luiz 14*, ou *divan*; depois tornando a lançar ao pequeno um olhar de ira, e despeito temeroso, accrescentou com voz que tinha pretenções de tranquilla, mas que revelava bem quanto soffria o coração:

Deixem-me todos: João, vá para o seu quarto, e aguarde lá as minhas ordens: menino, vá para esse salão, e não saia dahi, e você, Quiteria, desça ao quintal, e espere-me lá.

Todos cumpriram as ordens do sr. conego, e elle depois de descançar por um pequeno espaço de tempo da sensação dolorosa desta scena foi encontrar-se com a velha dispenseira no pateo do quintal.

Um quarto de hora depois o conego entrava no quarto do criado, e atirava-lhe para cima da mesa os malfadados dobrões desenterrados do quintal, e outro quarto de hora depois ainda o João estava de joelhos aos pés do sr. Caetano Valença abraçando-o pelas pernas, e pedindo-lhe perdão de ter para salvar a sua honra vibrado similhante golpe ao coração de seu amo.

Durante esta meia hora outro criado, que no impedimento do João, e estranho á perturbação destes acontecimentos ousára varrer o quarto do sr. conego, tinha encontrado as quatro peças no logar onde as escondêra o menino, e fôra leva-las á Quiteria.

O conego pois sabia tudo. Naquella hora em que o coração paternal soffria quanto se póde soffrer, em que a infamia do ente que mais amava, lhe estava completamente provada, e com o vergonhoso testemunho dos seus proprios criados, naquelle estado de convulsão, e de espasmo, que nem lhe deixava força para pôr termo ás sentidas desculpas do João, ignorava ainda uma cousa!

Era que durante as indagações necessarias para a formação do corpo de delicto, o réo se tinha posto a salvamento. O menino Valença pôde abrir as portas, e desappareceu!



ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS DE LISBOA.

Já mais do que uma vez tivemos occasião de dizer aos nossos leitores como, já quasi moribunda a academia de historia portugueza, se fundára a das sciencias pelo exforço do abbade Corrêa, e do duque de Lafões, sendo os seus estatutos approvados em 24 de dezembro de 1779. Com effeito, em 17 de janeiro do anno seguinte se installou a academia, celebrando depois aquelle dia com uma sessão publica para todos, igual á de 13 de maio, dia da acclamação da rainha protectora D. Maria 1.ª, e á de 4 de julho, dia de Santa Izabel, que a academia reconhece como padroeira. A academia desejando prestar outro testemunho do seu agradecimento á liberalidade com que a rainha a dotára e engrandecera, fez cunhar em obsequio da soberana a medalha, cuja estampa offerecemos aos nossos leitores.

BREVE NOTICIA

ÁCERCA DA VIDA E ESCRIPTOS

DO

PADRE JOÃO DE LOUREIRO.

Vamos hoje dar noticia aos nossos leitores da vida e escriptos do padre João de Loureiro, portuguez, que se mostrou sempre digno da reputação que o nosso nome tinha adquirido nos ultimos confins da terra; varão a quem as contrariedades da vida não poderam impedir que se dedicasse inteiramente ao serviço da religião, e da sua patria, e que merecesse ser contado pelos avaliadores como o primeiro botanico portuguez depois de Brotero, e do abbade Corrêa.

O padre João de Loureiro, da companhia de Jesus, missionario apostolico na Cochinchina, e alli encarregado da direcção dos estudos fisicos e mathematicos no palacio do rei, socio da sociedade real de Londres, e da academia real das sciencias de Lisboa, nasceu nesta capital, talvez segundo a melhor opinião, em 1710. Seu pae, cujo nome nos não foi possivel descobrir com exactidão, era letrado nesta côrte, e procurou dar-lhe boa educação, fazendo-o entrar no collegio de Santo Antão, pertencente á companhia de Jesus, cuja roupeta o padre João de Loureiro vestiu em 1732 tendo dado as maiores provas de bons costumes, e de vida exemplarissima.

Poucas noticias temos dos seus primeiros annos: apenas consta que tendo no principio uma voz tão ingrata e dissonante, que causava estranhesa a quem a ouvia, se achou de repente com voz clara e suave, não faltando quem attribuisse a favor particular do céo por um voto que fizera, o que, embora procedido de causas naturaes, foi em verdade singular beneficio da Providencia.

Destinou o padre João de Loureiro consagrar-se inteiramente á vida religiosa que professava, e alcançada licença dos seus superiores, partiu para a China em 1735, segundo elle proprio diz em carta de 13 de agosto de 1775. Alli o esperavam grandes trabalhos, sendo-lhe necessaria toda a prudencia, constancia, e caridade christã para colher algum fructo da preciosa tarefa que emprehendera.

Não podia o padre João de Loureiro exercitar livremente a religião catholica entre aquelles povos, mas não desistindo por isso dos seus intentos, fingiu-se medico, para alcançar licença de residir alli, o que era vedado aos europeus, e entrar sem suspeita nas casas dos christãos a administrar-lhe os sacramentos, porém como poderia ser chamado pelos gentios no exercicio da sciencia, que fingia praticar, resolveu applicar-se aos estudos de botanica, correndo para isso grandes riscos e incommodos, para obter as plantas cujas virtudes medicinaes lhe era necessario estudar profundamente, e vendo-se nesta empreza inteiramente desajudado de livros que o dirigisssem em carreira tão difficil como estranha para elle.

Ajudou-o Deus nesta empreza, porque não só de toda a parte correram os naturaes a procura-lo, como tambem o rei lhe consentiu que residisse na Cochinchina, e o nomeou director dos estudos fisicos e mathematicos da côrte, e com quanto lhe não désse permissão de fazer missões publicas para a propagação do evangelho, comtudo tolerava que occulta e acauteladamente se fizessem.

Ia o padre fazendo larga provisão das plantas que serviam ao seu intento, e despresando as outras, porém lembrando-se do muito, que a botanica poderia lucrar se elle as colligisse todas, e reduzisse esses

trabalhos a um systema regular e scientifico, resolveu empregar-se tambem nesses cuidados, e prestar ás sciencias serviço igual ao que naquellas paragens estava fazendo á religião.

Faltavam-lhe os livros; mas finalmente póde alcançar que o capitão de navio Thomaz Riddel lhe mandasse de Cantão um — *Genera plantarum* — e outras obras de Linneu, que lhe serviram de valiosissimo auxilio.

Por espaço de trinta e seis annos viveu o padre João de Loureiro na Cochinchina, estando quatro annos em Macáu, até que sahiu cerca de 1779 para Cantão, onde se demorou tres annos colhendo grande abundancia de noticias botanicas, e conseguindo que um natural do paiz lhe levasse as plantas, visto que era vedado aos europeus a sahida do povoado. De volta para Portugal esteve tres mezes em Moçambique, tambem entregue aos estudos botanicos, e á comparação reciproca das diversas plantas, que colligia e estudava.

Durante estas custosas peregrinações preparou o padre João de Loureiro a sua *Flora cochinchinensis*, que offereceu á academia real das sciencias, e que se imprimiu á custa della em 1790, e a Historia natural e civil da Cochinchina, com a carta geografica daquelle paiz, que estava em Londres em poder de José Bancks, distincto cultivador das sciencias, e protector decidido dos sabios, que tanto honrára com a sua amisade o nosso Corrêa da Serra, e que se correspondia com o padre João de Loureiro para a Cochinchina, convidando-o repetidas vezes para que fosse viver na sua companhia em Inglaterra, e honrando-o com grandes e repetidos louvores.

Chegou da Asia a Lisboa em janeiro de 1782, tendo-o já a academia nomeado seu socio em 4 de abril de 1781, distincção a que elle correspondeu dignamente com a publicação da sua Flora cochincinense, reimpressa muitas vezes em Allemanha, e annotada por Wildenow, com as seis memorias, que andam nas da academia, e que são todas de grande merecimento, e com outros trabalhos seus, que se guardam no archivo daquella sociedade, sendo alguns na lingua chineza, que elle sabia perfeitamente. A sociedade real de Londres, cujo socio era, tambem se aproveitou dos trabalhos deste illustre botanico publicando nas suas memorias alguns delles.

Já em idade avançada, e exhaustas as forças por tamanhas perigrinações, e tão aturados e trabalhosos estudos, falleceu em Lisboa a 18 de outubro de 1791, na rua do sol da freguezia de Santa Engracia. Constanos que o abbade Corrêa escrevêra o seu elogio historico, porém não foi impresso, nem sabemos aonde está.

O padre João de Loureiro foi mais um portuguez de cujos trabalhos se aproveitou todo o mundo scientifico, e cuja memoria está ainda hoje protestando contra o labeo de ignorancia com que os estrangeiros nos enxovalham.

OS CHAPÉUS DE SOL.

Poucas pessoas haverá hoje, que não tenham um guarda sol ou de excellente sêda, muito leve, e commodo, ou de paninho azul, hastea de páu armado de grandes peças de metal amarello, e com a competente argolla do mesmo metal na parte inferior. E vão lá dizer ao mais piutado elegante de Lisboa, e ao mais rude saloio das suas immediações, que abandone aquelle traste improprio de um homem, e de uma effeminação repugnante com o caracter, e virilidade da gente masculina..... pois não! Eram capazes de se pronunciarem contra nós como se fossemos a contribuição de repartição, ou a lei da saude.

Pois saibam que a primeira pessoa, que se aventurou a apparecer nas ruas de Londres resguardando-se dos raios do sol com o tal instrumento, que nos parece tão commodo, e util, foi o sr. Jonas Hanway, pessoa mui conhecida, e respeitada naquella capital; sahiu de sua casa, e passou com o seu guarda sol pelos logares mais publicos de Londres, mas cuidam, que lhe agradeceram a invenção? Bem pelo contrario; foi tal a matinada, e açougaria com que o apuparam, e injuriaram de effeminado, ridiculo, insupportavel etc., que o pobre homem teve de valer-se das pernas, refugiar-se no terreno neutro da casa de um cutileiro, e dahi por uma sahida occulta recolher-se a sua casa deixando em poder do seu protector o fatal corpo de delicto.

Passados tempos o povo de Londres deu-lhe carta de *excentrico*, nome com que já temos ouvido chrismar cá na nossa boa terra a muito homem singularmente honrado, e sisudo, e o sr. Jonas Hanway póde andar livremente a coberto dos raios do sol.

Pouco a pouco foi parecendo, que o guarda sol era commodo, e a vista foi-se acostumando a contemplar aquellas maquinas movediças sobresahindo acima das cabeças. Pegou a moda, e até pareceu bonita a variedade de côres que no começo se adoptou para elles. Hoje são entre a gente civilisada quasi todos pretos, o que é um pouco monotono, e semsaborão como a maior parte de tudo quanto fazemos, e apenas nos das senhoras se conserva a agradavel variedade de côres, com que tanto se deleita a vista.

O SINO DA MINHA TERRA.

Dans le clocher de mon village
Il est un sonore instrument,
Que j'ecoutais dans mon jeune age
Comme une voix du firmament.

Tange, tange, augusto bronze,
Teu som alegre e festivo,
Despertando échos do peito,
Faz-me ficar pensativo!

Era assim que tu cantavas
Quando nasceu minha mãe,
Quando a viste ser esposa,
E apoz ter filhos tambem.

Choraste-a quando ao sepulchro.....
Longe idéa tão funesta!
Era assim que te alegravas
Todos os dias de festa.

Era assim que tu folgaste
Quando fui, debil menino,
Mergulhar nas santas aguas
O meu corpo pequenino.

Era assim que ao céu dizias,
Acompanhando a oração,
— Mais um roubo a Satanaz,
Para Deus mais um christão. —

Tange, tange, augusto bronze,
Teu som alegre e festivo,
A cada nova pancada
Me torna mais pensativo.

Quantas vezes me chamaste
Em meio de meus folguedos,
A louvar c'o povo todo
Da igreja lindos segredos!

Ora á missa convidando,
Ora ao solemne sermão,
Ora a invejar os anjinhos
Que levava a procissão.

Eu era doido no templo
C'os sons do orgão sagrado,
Canto, insenso, ramalhetes,
E c'o throno illuminado.

Minhas preces mal sabidas
Eram todas d'innocencia,
Inda os labios recusavam
As preces da penitencia.

Oh! como tu me recordas
N'essa voz enternecida,
Doce viver d'essas horas
Da aurora doce da vida!

Tange, tange, augusto bronze,
Teu som, casado comigo,
A cada nova pancada
Me torna mais teu amigo.

Ás vezes nas horas quentes
Quando eu brincava e sorria,
Vinhas tu bradar-me — reza
Que é chegado o meio dia!

Ás vezes n'hora da sesta
Acordava ao teu clamor,
Era um christão que pedia
A visita do Senhor.

Ás vezes junto da noute
Tristinho amando um retiro,
Tu me afagaste enlaçando
Teu suspiro ao meu suspiro.

Ás vezes tambem vieste
Dizer-me, com voz de ferro,
— Caminha p'ra aqui agora
Do teu amigo o enterro! —

Eu chorava..... eras forçado,
Era a mão do atroz sineiro,
Não eras tu, que buscavas
Ser da morte o pregoeiro.

Tange, tange, augusto bronze,
Teu som, casado comigo,
A cada nova pancada
Me torna mais teu amigo.

Com que esp'ranças vi saudar-te
Lavrador, que a lida insana
Deixava, para c'os filhos
Ir demandar a cabana!

Com que ledice t'esp'ravam
Ternos amantes d'aldeia!
Tu lhes dizias a hora
Em que inda é morta a candeia.

Em que a voz tem mais doçura,
Tem o peito mais desejos,
São os risos mais mimosos,
São mais suaves os beijos.

Nada d'isso eu conhecia,
Mas tua voz feiticeira,
Não me era nunca indiff'rente,
Nunca me foi estrangeira.

Hei vivido de ti longe,
Desde a infancia não te ouvi,
De novo agora te escuto,
De novo a infancia senti.

Vou partir..... talvez p'ra sempre,
Levem-me os echos da serra,
Estes sons, que heide amar sempre
O sino da minha terra!

Se inda aqui vier morrer,
Chora no meu funeral,
E se fôr em terra alheia,
Repete o alheio signal.

Tange, tange, augusto bronze,
Teu som, casado comigo,
Inda na morte me agrada,
Inda alli sou teu amigo.

Peso da Regua 15 de julho de 1843.

J. DE LEMOS.

O artigo — Os desafios — foi mais uma honra feita a esta redacção por um dos nossos mais distinctos litteratos; estava composto na imprensa ha quatro semanas, mas circumstancias, que não podémos evitar, privaram até agora a redacção do prazer de o publicar. D'ora ávante os artigos que de tão excellente penna houvermos leva.ão o seguinte signal ⁝. Suum cuique.

ENIGMAS PITTORESCOS.

EXPLICAÇÃO DO ULTIMO ENIGMA.

É de espinhos o leito do perverso.



ERRATA.

A explicação do enigma da folha de 9 de maio appareceu errada: deve ler-se — A vida do homem é apenas um ponto entre duas eternidades.

SUMMARIO.

LISBOA, 28 DE MAIO.

NESTA semana tem continuado fechados os theatros, e pouco frequentados os passeios: as noticias mais importantes, e que absorvem a attenção geral não são proprias deste jornal, e a unica que podemos fazer saber aos nossos leitores é o fallecimento do sr. visconde de Tilheiras, do conselho de sua magestade, official maior da secretaria do reino, e inspector geral dos theatros.

Sob o titulo de *Considerações economicas* começâmos hoje a publicar um trabalho de pessoa muito habilitada nesta especialidade scientifica, e nosso especial amigo, de cujo aturado estudo, e inquestionavel aproveitamento, fomos testemunha durante muito tempo.

As questões economicas estudam-se hoje com avidez, e a attenção publica olha com viva curiosidade e interesse para as reformas deste genero, que se observam na Europa, e começam de applicar-se ao nosso paiz. O acolhimento com que foi recebida a *Revista economica* é uma prova desta verdade, e nós faltariamos ao nosso dever, se não consagrassemos a este ramo dos conhecimentos humanos alguma parte da ILLUSTRAÇÃO.

MODAS.

VAMOS dar conta ás nossas amaveis leitoras das noticias de modas que nos foi possivel obter-lhes. Desejáramos poder satisfazer completamente a sua curiosidade, mas não o permitte o tamanho, natureza, e fim deste jornal. Ainda desta vez as noticias serão estrangeiras, porque neste mez não tem havido bailes na capital, e nos ultimos dias a concorrencia das senhoras nos passeios, onde se podem ir estudar os caprichos da moda, tem sido deminutissima, como a gravidade dos acontecimentos exigia.

Entretanto a respeito de vestidos de baile pouco poderemos dizer-lhes, porque mesmo em París os ultimos de que démos noticia continuam a usar-se, considerando-se como mais elegante a guarnição de duas ou tres saias com franjas de ouro ou prata, ou torçal em matiz, segundo a qualidade do vestido. Tambem tem agradado geralmente os vestidos transparentes com as saias guarnecidas por folhos ou rendas até á cintura, e os de filó ou renda preta com forro cór de lilaz.

Das differentes e variadissimas especies de vestidos de passeio, ou de visita, escolhemos aquelles que a estampa representa, porque nos pareceram ter alguma originalidade.

1.°—Vestido de *bareje* em riscas azues e brancas; na saia tres bainhas largas, ficando as riscas atravessadas, postas em igual distancia, e guarnecidas por uma franja azul, e branca, o corpo afogado, e liso; uma pequena murça em bico até á cintura, guarnecida por franja igual á da saia: mangas lisas um pouco abaixo do cotovèlo, igualmente guarnecidas com franja, e por dentro mangas brancas de caça, um pouco largas, com intermeios em igual distancia até ao punho, acabando com uma renda larga, cahindo sobre a mão. *Capote* de escomilha cór de palha, com enfeites muito simples de *tulle*, ou filó branco, e escomilha da cór do chapéu, e no interior da aba ramos de rosas brancas, e cór de rosa; chapéu de sol de setim branco.

2.°—Vestido de sèda furtacóres todo liso, e afogado; cintura um pouco de espartilho; mangas justas e lisas, tendo nos punhos uma renda larga, a saia com muita róda, e bastante comprida. *Mantila* de renda, pela frente em fórma de chale, guarnecida com duas ordens de renda, e no pregado de cada renda, enfiada em um intermeio, uma fita cór de rosa. Na cintura prende a *mantila* um laço de fita cór de rosa; nm cabeção em volta da gola, cahindo pelas costas até a cintura, com a renda e fita correspondente á da gola; chapeu branco com folhagem verde em volta da cópa, prendendo um véu de renda branca.



Ora como é possivel que as nossas elegantes não encontrem grande novidade no 1.°, e lhes cause estranheza a talvez demasiada *garridice* da *mantila* do 2.°; submettemos á sua illustrada escolha mais duas especies de vestidos, que á nossa humilde opinião pareceram dignos de subirem á sua presença.

Vestido de setim preto inteiramente liso, e muito afogado; a cintura um pouco de espartilho, mangas justas e lisas, com punhos de renda sobre a mão; saia muito comprida, com bastante roda, bordada com cercadura de requife em volta, vindo a acabar na cintura em fórma de roupão; *mantila* de sèda adamascada, um pouco comprida, cortadas as pontas em redondo; dois cabeções grandes, o primeiro cahindo sobre o braço quasi até ao cotovèlo, e o segundo até quasi á cintura, guarnecido tudo com rendas pretas, e um requife pelo pregado: chapéu de palha arrendado.

Vestido de sèda ondeada cór de rosa, em fórma de roupão, com umas bainhas ao comprimento da saia: o corpo liso, e afogado, e por elle, e pela saia, de espaço a espaço, fivelas de prata de differentes tamanhos, diminuindo gradualmente, segundo se vão approximando da cintura; pelos lados do corpo, em fórma de *pelerine*, duas bainhas, e fivelas iguaes: mangas justas e lisas; punhos de renda: chale de renda preta: chapéu de escomilha branca; no exterior, ao lado direito, uma pluma branca, e do lado esquerdo uma rosèta de fita da mesma cór; pelo interior da aba laços de fita verde.

Usam-se geralmente chales, mantas de *bareje*, *mantilas*, e uma especie de *camail* com o nome de — *surtout comtesse*. — Usa-se de todas as córes e fazendas, mas os mais notaveis são guarnecidos de renda preta: é redondo como a *camail*, quadrado adiante, fechado na gola por um laço de fita cór de rosa, e as mangas pequenas, e abertas á grega. É muito elegante sendo feito de renda, e forrado de sèda chineza. Tambem estão em moda os chapéus de escomilha de todas as córes; cór de rosa com *marabouts*, e pennas do paraiso, e branca com ramos de junquilho, e rosas brancas. Os vestidos *dentelle* são a principal novidade do mundo elegante de Londres e París; a fazenda assim chamada tem a apparencia de renda sobre sêda.

CONSIDERAÇÕES ECONOMICAS.

I.

O systema de protecção, antes oppressão, commercial, geralmente adoptado pela Europa, é uma pratica viciosa que a sciencia incompleta sanccionou por algum tempo; mas que ella propria já de ha muito persegue, e tem pertendido debellar.

Quando a economia politica nascia apenas; quando a analyse ainda imperfeita, e a inducção pouco vigorosa iam formando as primeiras noções, e lançando as bases da sciencia, é natural que grandes erros passassem como principios evidentes: não é possivel alcançar a verdade logo, e do primeiro esforço: havemos desvairar muitas vezes: tal é a condição do progresso para o espirito humano.

Assim aconteceu com a economia politica: os factos economicos começavam a despertar a attenção, e a provocar o estudo n'uma época em que causas meramente politicas tinham dado ao trabalho uma organisação artificial. Estudaram-se as leis porque a industria crescia, quando ella despontava ao abrigo dos privilegios e favores dos governos; estes privilegios, e favores eram a fórma sob a qual os povos alcançavam liberdade e segurança; a industria carecia delles como d'uma condição destes sagrados direitos sem os quaes o trabalho do homem não póde fructificar.

É mui vulgar o sophisma que toma como origem d'um facto as circumstancias que simplesmente o precederam; e que identifica com as causas os elementos estranhos que accidentalmente as euvolveram. Nas sciencias moraes mais natural é ainda este sophisma: tudo nellas é complexo; não ha ahi aquella rigorosa precisão das sciencias exactas; cada phenomeno se apresenta composto de elementos differentes mas inteiramente ligados, e é mister extrema sagacidade e uma analyse mui prudente para concluir com segurança qual delles é causa do effeito que se pretende explicar.

IMPRENSA NACIONAL.

Sem um methodo severo, e aperfeiçoado, não é possivel isentar-nos destes erros quasi instinctivos, e não é por um methodo tal que as sciencias podem formar os seus primeiros systemas, que sempre por consequencia nos mostram uma imagem incompleta e desfigurada de verdade. Ahi está em abono desta opinião a historia de todos os seculos, de todas as sciencias, e de todas as sociedades.

Foi pois como obedecendo a uma lei fatal que os primeiros economistas levados de uma logica pouco severa, attribuindo aos privilegios a proponderancia da industria, crearam o systema protector. Até aqui é a sciencia responsavel por esta pratica absurda: foi ella que estabeleceu como dogma uma inducção mal tirada, e inaugurou como um principio uma conclusão pouco logica. Uma vez arreigado tal systema era difficil destrui-lo, porque o desapiedado amor da coherencia systematica desfigurava todos os factos, que contra elle protestavam, procurando dar-lhes uma interpretação analoga áquelle systema.

Em fim os trabalhos profundos de homens eminentes esclareceram as idéas. Nestes ultimos tempos abriu-se um vasto campo ás observações economicas: os factos foram mais frequentes; e estes factos analysados uma e outra vez, e estudados com mais rigoroso methodo, fizeram em fim descobrir a verdade.

Os mais illustres economistas desde Smith até aos nossos dias tem demonstrado, que a liberdade para todas as industrias é o systema mais natural, mais rasoavel, e mais conforme aos verdadeiros interesses das nações; e esta verdade é hoje tão commum, e tão vulgar na sciencia, que professar sinceramente o contrario é retrogradar 70 annos.

Como é pois que a pratica das nações desobedece ainda hoje a esta verdade trivial? Porque razão escriptores de reconhecido merito continuam defendendo com calor um systema ha tanto tempo pulverisado?

A protecção creou á sua sombra muitos interesses, que hoje se julgam com direito a existir, que pertendem conservar-se, e para isso comba'em rijamente: eis-aqui o primeiro, e grandissimo obstaculo, que se oppõe ás reformas, que as bases e a civilisação pretendessem introduzir. Por outro lado não ha erro, por estranho e absurdo, que não tenha sectarios; muito luminosas podem ser as verdades sem que alcancem ganhar os animos obcecados pelos interesses e pelas preoccupações. Para que uma verdade prevaleça, e ganhe o geral assentimento é sempre necessario vencer as resistencias que nunca faltam da parte do amor proprio dos que professam as doctrinas oppostas; e se os interesses se erguem tambem para combater, sempre a lucta se torna prolongada e cruel. Os sophismas não faltam nunca, de boa ou de má fé uns defendem o que crêem, outros o que desejam.

Esta resistencia, estas luctas, são inevitaveis; só atravez dellas póde a verdade em fim alcançar o triumpho a que definitivamente é destinada: e ainda outra vez recommendamos a historia como testemunho a favor desta opinião. Porém tal é a força de verdade, e a sua poderosa influencia, que a despeito de resistencias tão tenazes até a pratica começa a modificar-se pelas verdadeiras idéas.

A Inglaterra, onde sob o pêso das mais pesadas restricções a industria tinha chegado a um gráu de nunca vista grandeza, prepara-se para dar ao mundo um exemplo de aproveitar: a Inglaterra que fornecia um poderoso argumento pratico de que tão habilmente lançavam mão os sectarios do systema restrictivo vae em breve claramente desmenti-los. Os trabalhos assiduos da Liga depois de esclarecerem as opiniões vão constranger o governo a substituir as restricções pelo rasoavel systema de liberdade, a sacrificar os interesses da parcialidade ás conveniencias de todos; em fim a consummar de uma vez na pratica o que a theoria de ha muito déra como incontroverso. A Inglaterra dotada de um juizo pratico sem exemplo caminha incessante, mas lentamente, nesta importante reforma, quando porém chegue a conclui-la será sem duvida para durar. E as outras nações em presença de tamanho exemplo hesitarão ainda em ceder?

Em todas as sciencias os erros são nocivos mas em algumas, sem duvida, mais funestos que em outras. Um erro economico não é o desconhecimento de uma verdade abstracta: a economia publica toca tão de perto no interesse intimo das nações que uma idéa falsa não póde aqui deixar de vir acompanhada de grande copia de inconvenientes praticos: é por isso que nesta sciencia principalmente convém combater os sophismas que obscureçam a verdade, e induzam a uma pratica nociva. Porém os que combatem de má fé, os que sacrificam a verdade ás proprias conveniencias melhor é deixá-los porque os interesses proprios sophismam tão habilmente que não é facil leva-los a dar-se por convencidos.

ROBERTO VALENÇA.

ROMANCE.

CAPITULO VIII.

No qual se verá quem era o cirurgião Aniceto, e como o pequeno sem querer lhe foi cahir nas mãos.

Deixemos o sr. conego Valença todo entregue aos pesares, e amarguras destes acontecimentos; não nos cansemos a narrar a natural reconciliação do amo com o criado, e a honesta vergonha com que o sr. Mercurio ouvia fallar ao sr. conego deste amargurado successo; passemos em claro os sarcasticos commentarios da boa Quiteria, e as vezes que se benzeu, e renegou do diabo, e das suas más obras, para attendermos só ao nosso heroe, que deixámos no salão sob ordem de prisão de seu pae, e já instruido da accusação a respeito da qual se lhe ia alli logo fazer processo.

A grandeza do caso produziu o seu costumado, e fecundissimo effeito, e o nosso heroe achou-se com animo igual, senão talvez ainda sobranceiro áquellas maravilhosas occasiões: no animo juvenil do pequeno desenvolveu-se á vista do perigo toda a energia passiva dos que temem o castigo a par da cobardia das almas torpes, e envilecidas. A cobardia, que lhe baldava as forças para soffrer a vista de seu pae, os interrogatorios do João, o testemunho da Quiteria, e a acariação com todos elles, soprou-lhe a idéa da fuga, o medo do castigo deu-lhe energia sobeja para executa-la. A porta do salão, que dava para a escada não estava fechada: dalli á rua era um pulo, e dado este pulo, o sr. Roberto Valença viu-se nas ruas do Porto livre como os ares, é verdade, mas errante como o Ashevero da lenda de Scubarth.

Já tinham dado duas horas da tarde, e ainda o sr. Roberto não sabia onde havia ir jantar, nem se a cama, que naquella noute tinha de o receber, seria tão molle, e regaladamente commoda como a da noute antecedente. O nosso heroe começava já de arrepender-se de ter fugido da casa paternal, porque naquelle Porto tão populoso, tão cheio de movimento, e de vida, não havia uma só pessoa, que lhe fallasse, que lhe fizesse um carinho, ou que o convidasse a entrar em sua casa: apenas um, ou outro sogeito, que passava, lhe lançava algum olhar rapido, e sem interesse, e nesse mesmo olhar parecia ao nosso desertor ler o conhecimento dos effeitos da fatal cubiça, que o fizera emigrar da casa paterna. Primeiro simptoma dos remorsos, e simptoma salutar em qualquer outra organisação em que a bossa do roubo não fosse tão protuberante.

Por duas vezes a lembrança de se ir refugiar nos braços da boa Thereza Fagundes passára pela cabeça do rapaz: por duas vezes esteve quasi a pedir a um gallego, que da praça nova onde estava, o guiasse para a Bainharia, onde tão crua, e desapiedadamente deixára havia pouco a sua extremosa mãe.

Esta recordação das pessoas que nos amam, e a que temos correspondido mal, é infallivel, e penosa na hora do infortunio, e no nosso heroe as grandes paixões, e todos os seus violentos accessorios appareciam forte, e prematuramente!

Indulgente, extremosa como poucas, e louca por este filho era com effeito a sr.ª Thereza Fagundes: bem o sabia elle, mas não ousava ir lá refugiar-se, porque meia hora depois appareceria aquelle inflexivel João, cujo semblante carregado, cuja força muscular ao apertar-lhe o braço para que não sahisse do quarto, e cuja accusação violenta, e descarnada, lhe não sahíra ainda da cabeça, e lhe entranhára no coração um rancor, que não devia mais apagar-se.

Entretanto a proximidade da noute começava a complicar estranhamente a situação do nosso heroe: a humidade da athmosfera manifestando-se mais claramente por meio de uma cacimbasita, ou chuva, vulgarmente chamada de *molha tolos*, penetrava até aos ossos do rapaz mal cubertos por uma simples bem que aceiada jaqueta azul, que sendo feita com o intento de deixar vêr a camisa, e os lindos suspensorios bordados a matiz, com que o extremoso papá o presenteára no dia antecedente, não era propria para resistir ás invasões da chuva, e do vento frio, e humido, que a acompanhava.

Sobre isto vinha o medo de ficar alli sosinho naquelle largo passeio dos loios, já então local de numeroso, e variado pasmatorio diurno, mas que depois das trindades ficava tão triste, e solitario, como a sua visinha *Natividade*, indecente barracão, que nós ainda conhecemos a deturpar á praça nova as hoaras de praça regular, e formosa, e que estes tempos destruiram com acertada providencia, porque em fim nem tudo haviam ser disparates!

Com effeito o movimento da cidade, que é hoje eterna, e que então era como qualquer outra, começava de desapparecer, e já naquella larga garganta de communicação entre a antiga cidade episcopal, e seus novos, e lindos bairros suburbanos apenas passava de quando em quando um ou outro cidadão, algum soldado, poucos operarios, e essas mulheres, que a nossa civilisação ainda consente a testemunhar pelas ruas contra o melhoramento dos costumes, que assoalhamos na imprensa, e na tribuna.

A chuva, que apertava cada vez mais, obrigou o menino Valença a refugiar-se em uma loja, que alli estava aberta: encostado á umbreira da porta, e apertado das exigencias do estomago, e dos cuidados da poisada, principiou de chorar primeiro de mansinho, e sem rumor, e logo depois com soluços mui sentidos, que excitaram a attenção dos caixeiros que estavam dentro do balcão, e do dono da loja, que do lado de fóra, e a um canto della conversava com outro sogeito em voz baixa, e muito seguidamente.

Um dos caixeiros saltou fóra do balcão, aproximou-se do rapaz, viu pelo trajo, que devia pertencer a alguem da classe abastada da sociedade, e pondo-lhe a mão esquerda sobre o hombro direito, e abaixando algum tanto a cabeça para lhe descobrir o rosto, que o rapaz procurava esconder voltando-se para a umbreira da porta, disse-lhe com voz carinhosa:

O menino tem alguma cousa? De quem é? Talvez se perdesse da sua familia?

Deixe-me, replicou o pequeno sacudindo o corpo para se desprender do caixeiro, e continuando a soluçar.

Ninguem lhe faz mal, meu menino, diga quem é, e vae alguem leva-lo á sua familia.

A estas palavras o pequeno quiz sahir para o passeio, e livrar-se da curiosidade, e obsequiosa impertinencia do caixeiro, mas já era tarde; o patrão, e o sogeito com quem elle conversava, despertados pelos soluços do rapaz, e pelas ultimas palavras do caixeiro pronunciadas com interesse, e com alguma vivacidade, estavam no limiar da porta, e por fortuna, ou desdita do nosso Valença o amigo do dono da loja tinha-o reconhecido, e segurava-o já por um braço! Era necessario pois capitular!

(O resto do capitulo no numero seguinte).

APONTAMENTOS PARA A BIOGRAFIA DO Sr. CONDE DAS ANTAS.



O sr. Francisco Xavier da Silva Pereira, 1.° conde das Antas, visconde, e barão do mesmo titulo, par do reino, tenente general do exercito portuguez, membro do supremo tribunal de justiça militar, gram cruz da ordem da torre espada, e das hespanholas de Izabel a catholica, e de S. Fernando, commendador de S. Bento de Aviz, cavalleiro de Nossa Senhora da Conceição de Villa-viçosa, condecorado com a cruz d'ouro n.° 1 da guerra peninsular, e com as medalhas de Albuera, e de Victoria, nasceu na praça de Valença do Minho em 14 de março de 1793.

Seus paes Francisco Xavier da Silva Pereira, que foi coronel do exercito, e D. Antonia Josefa de Abreu, fizeram que entrasse em um collegio na cidade do Porto, donde sahiu em junho de 1808 para se alistar como voluntario no batalhão, cuja formação fôra incumbida a seu pae, então ainda major de infanteria n.° 21, começando assim a carreira militar na defeza da causa mais justa, e nacional, como era a revolução geral de todo o reino contra os francezes.

Este batalhão, organisado como por encanto, serviu de base para a formação da *leal legião lusitana* do commando de sir Robert Wilson, e quando em 14 de dezembro marchou para Ciudad Rodrigo já o sr. Xavier estava despachado alferes desde 16 de setembro desse anno.

Não nos cabe escrever agora a historia dos feitos generosos daquella legião; para o nosso intento bastanos dizer que durante os sete annos da guerra peninsular serviu o sr. Xavier no 3.° batalhão deste corpo, que depois tomou o nome de caçadores 7, sendo por vezes recommendado, e entrando em nove batalhas geraes, dois assaltos de praça, cinco sitios, e muitas acções e combates, nos quaes o sr. Xavier começou de adquirir a reputação de bravura, que nunca depois desmentiu. Em 3 de novembro de 1809 foi despachado tenente, e capitão em 11 de novembro de 1811.

Aos trabalhos da expulsão dos francezes seguiu-se a revolução de 24 de agosto de 1820, primeiro ponto das nossas desgraçadas contendas civis, mas esforço generoso, e grande, em que a nação inteira tomou parte. O sr. Xavier não hesitou em unir-se ao movimento do Porto, serviu até á abertura das primeiras côrtes ás ordens do general Sepulveda, depois em 1823 combateu contra as forças do conde de Amarante, e finalmente por occasião da quéda do governo constitucional foi desligado.

O governo installado depois da morte do sr. D. João 6.° chamou em 1826 o sr. Xavier ao serviço no batalhão de caçadores n.° 1, e nesse mesmo anno o empregou contra as tropas do marquez de Chaves, sendo em 1827 despachado major, e commandante de caçadores 12.

No anno seguinte desembarcou o sr. D. Miguel, e levantado no Porto o grito de 16 de maio, o sr. Xavier foi com o seu batalhão coadjuvar os esforços da junta provisoria, combatendo na Cruz dos Morouços, e no Vouga até que em julho de 1828 emigrou para Inglaterra.

Chegado a Londres o sr. Xavier offereceu-se logo para partir para a ilha da Madeira onde apenas se demorou 36 horas por causa do desembarque das forças realistas, voltando depois com o general Saldanha na expedição á ilha Terceira, impedida pelos cruzeiros inglezes. Inutilisada esta tentativa voltou á Europa demorando-se em França até setembro de 1829.

Por esse tempo nomearam-o para reunir todas as praças de pret, e partir com ellas para os Açôres: o sr. Xavier partiu para Ostende, e organisou o batalhão de caçadores 12, com o qual passando atravez do bloqueio desembarcou na ilha Terceira em 20 de janeiro de 1830.

Em agosto foi escolhido para commandar caçadores 5, com o qual concorreu para a tomada dos Açôres, e especialmente da ilha de S. Miguel, dando repetidas provas do muito que da sua bravura, e decisão podia esperar a causa que defendia.

Organisado o exercito, que devia desembarcar no Mindêlo, o sr. Xavier acompanhou a expedição com o batalhão de caçadores 5, que commandava, e logo no começo daquella porfiosa, e sanguinolenta lucta recebeu duas feridas no reconhecimento de Vallongo, merecendo nessa occasião o seu batalhão a singular honra de ser condecorado com a gram cruz da torre espada ornando-lhe o imperador a bandeira com a propria fita que trazia, e intitulando-se desde então seu coronel. Não esqueceu ao imperador remunerar o commandante, o qual em 6 de agosto desse anno foi elevado ao posto de tenente coronel, nomeado em 7 de outubro official da torre espada, e em 22 de novembro coronel, continuando a prestar no seguinte anno os valiosos serviços, que lhe grangearam as condecorações de Conceição, e torre espada, e a commenda d'Aviz.

Durante esta lucta o sr. Xavier distinguiu-se por singular bravura, e coragem, merecendo a estima, e consideração de todo o exercito. Acabada a guerra o sr. Xavier foi mandado governar a praça d'Elvas, e logo depois nomeado commandante de uma brigada do exercito formado em Traz-os-montes, e destinado a entrar em Hespanha; era já então o sr. Xavier brigadeiro do exercito desde 24 de julho de 1834.

Por decreto de 27 de setembro de 1835 foi sua magestade servida crea-lo barão das Antas em testemunho do seu proceder no campo da batalha, e em 24 de outubro do mesmo anno, entrou no reino visinho commandando a columna da vanguarda do exercito auxiliar, que foi coadjuvar a rainha de Hespanha contra o exercito carlista.

Em fevereiro do anno seguinte partiu para as Merindades de Castella commandando uma columna de tres mil homens de todas as armas com os quaes concorreu para a retomada de Valmaceda em 12 de março, e tomando parte na acção de 16 do mesmo mez.

Os successos da guerra fizeram chamar a Victoria a divisão, e alli se conservou por muito tempo, prestando valiosos serviços ao throno de Izabel 2.ª Foi durante este periodo, que por tres vezes lhe coube salvar a mal fortificada praça de Peña serrada, batendo-se quasi todos os dias com vantagem, e principalmente em Zambrana a 21 de julho de 1837, commandando já toda a divisão desde o meado de outubro de 1836, tempo em que o governo portuguez julgou dever remunerar os seus serviços em Hespanha elevando-o ao titulo de visconde, não se esquecendo tambem o governo hespanhol de lhe conceder as mais subidas distincções, como áquelle de quem confiára o commando geral das Merindades de Castella, o commando em chefe do exercito de reserva, e o das forças de Alava, o vice-reinado de Navarra, e o commando geral das provincias vascongadas.

Chamada a divisão a Portugal ainda coube ao sr. visconde das Antas acabar na convenção de Chaves com a revolta, que se suscitára no paiz. Em novembro de 1837 sendo já marechal de campo foi nomeado commandante em chefe das forças da observação nas provincias do norte, e em abril do anno seguinte commandante da 3.ª divisão militar, cargo em que se houve com singular moderação, e lealdade.

Já elevado á grandeza com o titulo de conde foi encarregado em dezembro de 1840 da inspecção geral da infanteria, e caçadores, nomeação aconselhada pelas tendencias politicas do governo daquelle tempo.

Em janeiro de 1842 fez-se na cidade do Porto a restauração da carta, e em fevereiro foi o sr. conde das Antas nomeado para commandar a divisão, que se dizia dever partir contra aquelle movimento, sendo-lhe depois entregue o commando da força armada, e guarda nacional de Lisboa. Nestas difficeis circumstancias soube o sr. conde das Antas sacrificar todos os sentimentos do coração, todas as considerações de parcialidade politica, toda a ambição de popularidade aos deveres da sua condição de soldado.

Em julho de 1842 foi escolhido por sua magestade para o governo geral dos estados da India elevando-o ao posto de tenente general, e de que no exercicio daquelle importantissimo logar não podesse fazer quantos serviços desejava, foi culpa a sua saude, que o obrigou a voltar á Europa dentro em pouco tempo, sendo nomeado em julho de 1844 para o supremo tribunal de justiça militar.

Durante a guerra peninsular recebeu duas graves contusões, e no sitio do Porto foi ferido tres vezes, tendo um cavallo morto, e outro na sahida das linhas de Lisboa em 10 de outubro de 1833.

Se na longa carreira de tantos, e tão distinctos serviços, a corôa não faltou a remunerar dignamente a sua bravura, e lealdade, tambem o povo lhe não recusou o testemunho do seu apreço, e consideração, elegendo-o deputado em 1836 por differentes circulos, e senador em 1839: nestas diversas legislaturas assim como naquellas em que tomou parte depois da sua elevação ao pariato em junho de 1842, votou sempre com independencia, fazendo parte da opposição ao ministerio Costa Cabral.

Casou em 22 de julho de 1845 com a sr.ª D. Maria Theotonia da Guerra e Sousa, filha do sr. Gaudino José da Guerra, chefe de divisão graduado, e membro do supremo tribunal de justiça militar, e da sr.ª D. Maria Bernarda de Ravago S.ᵗᵒ Estevan.

O sr. conde das Antas é geralmente estimado nas provincias do norte, onde todos o conheceram soldado valente, vencedor generoso, e amigo leal. Apesar disso limitamos estes apontamentos á mais simples narração dos successos, e deliberadamente procuramos desacompanha-los de reflexões, que as paixões contemporaneas nem sempre deixam avaliar com justiça.

MOVIMENTO

DA

IMPRENSA DA UNIVERSIDADE

EM 1845.

OBRAS PUBLICADAS.

1.° Annotações ao compendio de direito romano de Waldeck, por Manuel Maria da Silva Bruschy — 3 volumes (é geralmente elogiada).

2.° Manual dos juizes eleitos — 1 folheto.

3.° Addições á doctrina das acções, por Corrêa Telles — 1 volume (passa por adiantar pouco, e ser a menos util das suas publicações).

4.° Codigo de direito publico de Pascoal, e notas — 2 volumes (de grande merito juridico, mas que só póde servir para apontamentos para quem quizer fazer um codigo, segundo as reformas modernas).

5.° Elementos de economia politica, e statistica, de Forjaz.

6.° Ephemerides do observatorio de Coimbra para 1848.

7.° Compendio de geografia.

8.° Selecta classica portugueza (para uso das escólas).

9.° Additamento ás notas de Francoeur.

10.° Curso de direito civil portuguez, de Liz Teixeira — 3 volumes (é obra indigesta, impropria para o ensino, concitadora de paixões baixas, e que parece revelar um tal, ou qual desarranjo mental do auctor).

11.° Direito civil, por Manuel Antonio Coelho da Rocha — 2 volumes (passa por obra acabada, e methodica, porém com pertenções a projecto de codigo, por seguir opiniões não sanccionadas por lei, e algumas contra leis vigentes).

12.° Lições de filosophia (é um compendio de logica ordinario).

O resto são theses, dissertações, regulamentos, folhinhas, e pequenos folhetos, ou folhas de pouco interesse.

Por portaria do ministerio do reino foi chamado o administrador da imprensa a Lisboa com dois officiaes, para se instruirem no uso dos novos engenhos, e prensas de ferro, etc. etc. por isso que se deseja reformar aquella imprensa conforme com a nacional de Lisboa para o que já tem grande collecção de novos typos, engenhos de ferro, e uma prensa hydraulica.

Na imprensa de Trovão a não ser a Revista academica, não ha publicação importante.

VARIEDADES.

Publicação dos almanacks pela academia real das sciencias.

A academia começou esta publicação em 1782, e á excepção de 1784 continuou sem interrupção até 1800; depois até 1820 só publicou os de 1802, 3, 5, 7, 12, 14, e 17. Em 23 apenas imprimiu as primeiras duas folhas, e o resto foi impresso na officina de Joaquim Francisco Monteiro de Campos. Em 25, e 26 na impressão regia; d'ahi até 1837 deixaram de haver almanacks, e os posteriores não correspondem bem ao seu fim.

Estatistica da marinha franceza desde Luiz 14.

Luiz 14	— 100 vasos de linha	— 66:000 homens de mar.	
Cardeal Fleury	— um unico e velho navio.		
Luiz 16 . . . . (1780)	— 81 vasos	— 100:000 homens.	
Napoleão. . . (1814)	— 108 »	— 120:000	»
Luiz 18. . . . (1824)	— 53 »	— 65:000	»
Luiz Filippe (1836)	— 53 »	— 90:000	»
» (1846)	— 36 »	— 113:000	»

Esta curiosa estatistica é extrahida das observações aos sr.ª deputados ácêrca do numero de náus, e fragatas, que a França deve ter, pelo barão Carlos Dupin, membro do conselho do almirantado.

A LAPA DOS ESTEIOS.

SOLÃO.

Rico de nobre atavio,
Outrora no alto do monte
Um castello campeava
Por esse largo orisonte.
Orfanzinha a castellan
De seu pae dom Ferramonte
De carpir, chorar por elle
Nos olhos tinha uma fonte.

E do tumulo defronte
Pela cinza paternal
Deu nas ancias do transporte
Um juramento fatal:
Prometteu morrer donzella,
E ser á jura leal,
Nunca amar, quem quer que fosse,
Ou cavalleiro, ou zagal.

E no rosto angelical
Tal belleza fulgurava
Que, má sina, quem a via,
Quem a via logo a amava. —
Este de pena morria,
De raiva aquelle finava;
Isenta sempre a donzella
Rendimentos despresava.

Dona Laida se chamava
A castellan sem amor,
Triste vida, que vivia,
Triste vida sem sabor
Consolava-se dizendo:
Ao menos vivo sem dôr.
Té que bate ás ferreas portas
Cavalleiro trovador.

— Não entres, nobre senhor;
Não vejas o rosto meu:
Quem me viu idolatrou-me,
Quem me idolatrou morreu.
Meu amor não posso dar-to,
Meu amor jurei-o ao céo. —
Assim disse; e o rosto lindo
Occultou em negro véo.

E logo transpareceu
Ao olhar o cavalleiro
Pelo rosto da donzella
O signal do captiveiro.
Os corações se entenderam
N'aquelle encontro primeiro;
Os seus olhos se fallaram
N'um relance derradeiro.

Um dia d'esse parceiro,
Fôra o da jura cruel;
E ora ao cabo de tres annos
Foi á promessa infiel.
Oh! que choro n'essas faces!
Oh! n'esse peito que fel!
Dona Laida venda os olhos,
E abandona o seu castel.

E com palavras de mel
O trovador a seguia,
Na pista dos seus encantos
Caminhando noite, e dia;
Aqui lhe deixa um suspiro,
Alli solta uma armonia;
Sempre após ella no bosque,
No vergel, na penedia.

Topa a dama alfim um dia
Com gentil gruta formosa,
Toda vestida de musgo,
Coberta d'hera viçosa,
Recamada, perfumada,
De jasmim, de myrto, e rosa,
Á sombra de verdes freixos,
Á sombra tão amorosa.

Banham-lhe a planta mimosa
Serenas ondas do rio,
Imprimindo-lhe mil beijos
Com suave murmurio.
É a gruta solitaria,
O sitio doce, e sombrio.
— Quer fugir: ondas o vedam,
Correm lagrimas em fio.

Se consulta o alvedrio,
O alvedrio diz-lhe — amor —
— Amor — lhe dizem as aves,
O Mondego, a penha, a flôr;
— Amor — lhe diz assentado
A seus pés o trovador.
— Dona Laida tira a venda:
— Oh! sou vossa, meu senhor. —

O moço cheio de ardor
Namorado estende a mão;
Abraçou rijo penedo,
A gentil donzella em vão.
Tambem a misera, quando
O cingia ao coração,
Cingia o tronco lascado
D'um freixo, que d'elle não.

E transformados lá jazem
Os dois mancebos reaes
Sobre a Lapa dos Esteios
A amar-se, a vêr-se, e não mais.
— Oh! quem entrar nesta gruta
Não faça juras fatais:
Aqui té os freixos amam,
Até as penhas dão ais.

J. F. DE SERPA.

Trov. n.° 2.

PORQUE CHORAS?

A ELINA.

Quando junto de ti, só pensativo
As tuas mãos nas minhas apertando
Eu vou prêso d'amor, d'amor captivo
Longas horas, e tempo assim gastando.

Quando lá no silencio da floresta
Comtigo, pelos echos respondidos
Mais encantam na doce, e branda sesta
Ternos suspiros teus os meus ouvidos.

Quando juras d'amor terna fazendo
Minha alma prendes, prendes meus sentidos;
N'activo fogo o peito meu ardendo
Novos protestos faz já tão sabidos.

E quando no meu collo repousada
Tua face encostaste aos hombros meus
Suspensa como a abelha á flôr rosada
Minha vista fixei nos olhos teus.

Subito vês o peito meu rendido
Qual raio penetrar vago terror
Tu me viste tremer empallecido
Feliz chorar o pranto do temor.

Em sustos com affagos pertendeste
Saber do pranto a causa desgraçada
Lagrimas de teus olhos desprendeste
Com sentida dôr queixa maguada.

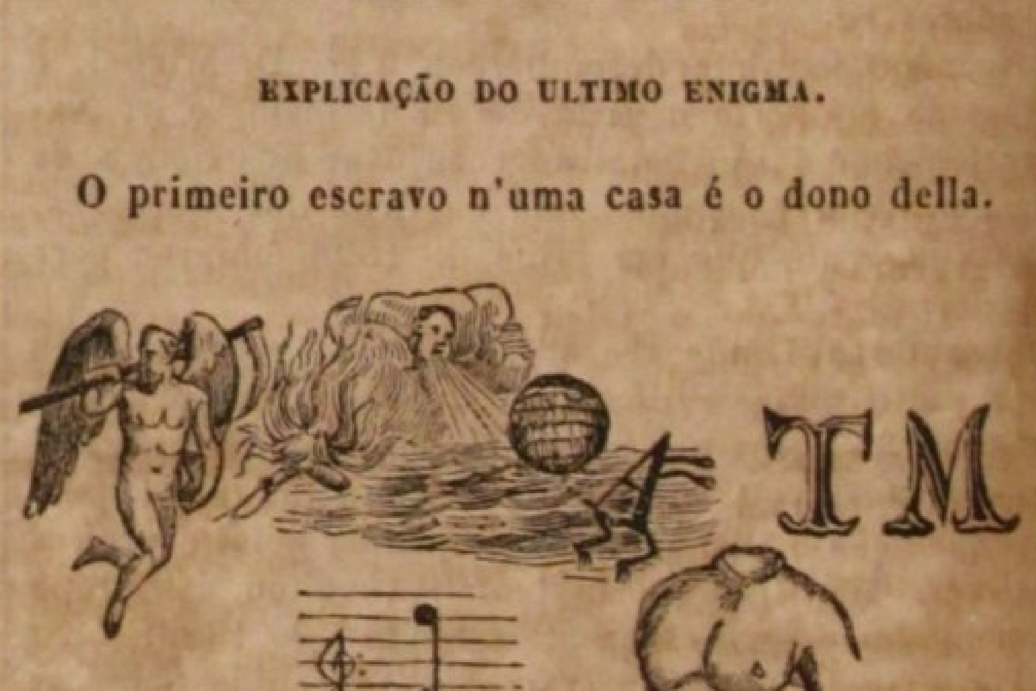
Não sabes? E a razão aborrecida
Queres saber Elina carinhosa?
É conhecer quão pouco dura a vida
P'ra gozar minha sorte deleitosa.

A. PINTO DE SOUSA.

ENIGMAS PITTORESCOS.

EXPLICAÇÃO DO ULTIMO ENIGMA.

O primeiro escravo n'uma casa é o dono della.



A ILLUSTRAÇÃO
JORNAL UNIVERSAL.



Cada anno da publicação d'este jornal será dividido em 12 n.os mensaes, distribuidos porém ás folhas semanalmente.
Assignatura: Um anno, 1$440 r.s — Semestre, 720 r.s — Trimestre, 360 r.s — Folha avulsa 30 r.s

N.º 3 — VOL. II — JUNHO, 1846.
ESCRIPTORIO, RUA DA PRATA N.º 7 — 1.º ANDAR.

As assignaturas só se recebem no Escriptorio da Illustração. A correspondencia — *franca* — ao Redactor da Illustração. Vende-se: r. Augusta, n.º 1 — do Oiro, 113 — do Arsenal, 30 — Larga de S. Roque, 24 — da Esperança, 150 — e em Alcantara.

SUMMARIO.

LISBOA, 4 DE JUNHO.

Nesta semana tem continuado fechados os theatros, e para que não falhasse a verdade do proverbio — dá Deus as nozes a quem não tem dentes — entrou-nos pela porta dentro o tenor Moriani, nesta occasião em que é duvidoso se o poderemos ouvir. As occorrencias politicas, e a crise financeira, que as acompanha, mal deixam logar a sentir a falta de divertimentos publicos; a attenção está voltada para regiões muito diversas.

Publicamos hoje a 1.ª carta do sr. Loureiro em defeza do Magriço, fieis ao nosso preposito de manter o campo do combate, do qual só vedaremos a entrada ás injurias pessoaes, e á falta de urbanidade, qualidade indispensavel nas polemicas litterarias.

Recebemos de Madrid o — *Siglo pintoresco*. — É um periodico mensal muito interessante, e barato, cheio de gravuras, em cujos desenhos sobresahe o sabor do estylo hespanhol.

Em geral na gravura parece que os artistas hespanhoes procuram imitar o estylo francez, ainda que, quando se apartam delle, nos parece ganham mais, e deixam apparecer o cunho de originalidade, que tanto distingue a escóla do seu paiz.

As scenas do baile fantastico — *Fafarela* — estão desenhadas com muita graça, e bom effeito de luz.

Quanto á impressão das estampas parece-nos superior á nossa, mas ainda inferior á ingleza, e franceza, entretanto é facil vêr que as artes tem progredido consideravelmente em Hespanha, e que tudo alli trabalha para acompanhar o grande movimento litterario, e artistico da Europa.

Do Brazil nos enviaram as obras de que no logar competente damos noticia.

Na semana passada esqueceu-nos mencionar a chegada do gram-duque Constantino, filho 2.º de sua magestade o imperador da Russia. Este principe viaja incognito, e sendo almirante das esquadras russas faz a bordo o serviço de tenente. Ao partir destes reinos mandou entregar um conto de réis para ser distribuido pelos estabelecimentos pios, quantia, que por ordem do ministerio competente foi posta á disposição do eminentissimo cardeal patriarcha de Lisboa.

Este bello exemplo de generosidade na occasião em que o flagello das desordens civis assolava as nossas melhores provincias merece a maior gratidão do publico portuguez.

Registamos com muito prazer este facto, e damos hoje o retrato do principe que de tão verdes annos deixa nas praias occidentaes as mais gratas recordações.



ROBERTO VALENÇA.
ROMANCE.

(Conclusão do capitulo 8.º)

Ora esta sentinella perdida em cujo poder fôra sem o cuidar cahir o nosso heroesinho era nem mais nem menos, que o sr. Aniceto, honrado cirurgião de casa da sr.ª Thereza Fagundes, e pessoa de muita valia, e respeito externo, e grande quesilia ou inveja interna no bairro da Bainharia: homem abastado pelos muitos doentes, que da sua experiencia, e saber, se confiavam, ou segundo alguns, pelos exorbitantes juros, que levava de alguns dinheiros emprestados sobre penhores pela mão do respeitavel negociante com quem o fomos encontrar conversando: especie de negocio que á simplicidade, e louca ignorancia daquelles tempos mais parecia propria de judeus, que de christãos, e que se castigava com singular desprêso, e ainda mais singular quebrantamento dos principios da economia politica.

Ainda nesse tempo a usura, os contractos ruinosos, a riqueza adquirida com o sangue, e oppressão de milhares de desgraçados, e outras virtudes sociaes deste jaez não tinham sido devidamente avaliadas como qualidade quasi indispensavel para ser conselheiro, commendador, barão, deputado, e etc., etc., etc.!

Fosse como fosse a verdade é, que por sua indicação, ou talvez defferencia para com os cuidados da boa Thereza Fagundes tinha o nosso Valença tomado grande copia de rhuibarbo contra as bichas, e posto por milhares de vezes o emplastro da espinhela, não fallando n'um vomitorio de tartaro-emetico, que ia alliviando o rapaz de todos os seus padecimentos, e privando os nossos leitores desta curiosa, e muito veridica historia.

O sr. Aniceto ficou pasmado de vêr alli o pequeno, e a sua primeira pergunta foi destinada a saber como áquellas horas, e naquelle trajo tão leve tinha alli vindo parar o menino tão querido, e guardado de sua mãe, e tão amado, e estremecido pelo sr. conego. O pequeno não sabia o que havia de responder: ainda olhou duas vezes para a porta a vêr se podia escapar-se, mas lá estava o maldito caixeiro, que lhe frustrára a primeira tentativa; finalmente não via meio de sahir daquelle embaraço.

Está bom, tenho entendido, disse o cirurgião, o menino fugiu de casa de sua mãe por causa de alguma diabrura, que fez: pois bem, eu vou leva-lo a casa, e por esta vez a sr.ª Thereza hade perdoar-lhe, e não se fallará mais em tal.

Ditas estas palavras, despediu-se do dono da loja, deu umas sumidas boas noutes ao caixeiro, e tomando a mão esquerda do rapaz sahiu com elle pela porta fóra, tomou á direita para o largo das freiras bentas, e começou a subir muito vagarosamente pela ingreme calçada do corpo da guarda. O nosso heroe acompanhava-o em silencio, e como que com repugnancia, porém quando

chegaram ao principio da calçada o cirurgião abaixando a cabeça disse em voz baixa:

Então vamos lá, só creanço, porque fugiu a sua mãe? Diabrura grande fizeste tu, mas qual ella foi, isso é que nós logo havemos de saber.

Eu não fugi de casa de minha mãe; eu já lá não estou desde hontem, respondeu o rapaz choremingando.

Pois onde é que tu estás, meu diabrete!

Estou em casa do sr. conego, do meu padrinho, que me mandou buscar hontem para eu ir com elle para Lisboa hoje.

Um..... está bom..... e tu deixaste-o ir para Lisboa, e tomaste as de Villa Diogo para vir gaiatar com os garotos?

Não senhor, sr. Aniceto, eu fugi com medo do cão grande que lá ha, que veio atraz de mim pela rua fóra, e depois perdi-me, e não sabia o caminho para casa.

Isso então é outro caso, eu te vou levar ao padrinho, meu rapazote.

Ó sr. Aniceto, isso não, para casa do padrinho não, que eu tenho muito medo do cão; olhe leve-me para sua casa, e ámanhã iremos a casa do padrinho.

O cirurgião conheceu logo, que aquelle receio do cão era uma refinada mentira do rapaz, e que o negocio era mais entrincado do que parecia. Naquella conjunctura para não se vêr em maiores embaraços cedeu á vontade do pequeno, e resolveu dar-lhe poisada por aquella noute na sua casa escolastica, e sob a vigilancia da senhora Maria Custodia, verdadeira Leonarda desta caverna domestica do nosso Galeno.

Com isto chegou ao largo do corpo da guarda defronte do palacio irregular e antigo dos duques de Lafões, já depois habitação dos esclarecidos senhores da casa da Silva, e agora propriedade, habitação, e armazem de loiças dos patrioticos donos da fabrica da Vista alegre, triplice destino, que tem o quer que seja de affinidade com a historia dos ultimos annos deste paiz, e ainda mais talvez com o futuro, que forçosamente lhe hade trazer o tempo, e as idéas, a despeito das tentativas de retrocesso tolo dos nossos peões fidalgos, e de outras muitas cousas, que a politica ensina por preço alto, e subido; mas deixemos esta rabugenta velha, que até aqui entre o agiotico cirurgião Aniceto, e o nosso Valença se soube introduzir a querer que o duque que vende, o nobre, que adquire, e tem de vender tambem pouco depois, e o commerciante, que compra, signifiquem um pensamento politico filosofico de grande extensão! Cousas deste mundo!

Alli defronte pois morava o sr. Aniceto: caminharam para lá: o cirurgião abriu a porta com uma gazua que trazia; chamou pela sr.ª Maria Custodia, e entregou-lhe aquelle lindo pequenote para que o guardasse á vista, lhe désse de cear, e o accommodasse em uma cama onde podesse descançar commodamente.

Mas onde vae meu amo, que parece está dando ordens com tenção de não voltar para casa esta noute?

Vou alli vêr um doente, e venho já; porém esse menino hade ter vontade de comer, e hade querer dormir cedo, e não póde estar á minha espera: não o deixe fugir, accrescentou o cirurgião em voz baixa só para ser ouvido da velha, veja lá. E fechou a porta da rua sobre si, e foi-se embora.

O pequeno a sós com a velha, correu logo a casa toda, remecheu tudo, perguntou quanto lhe lembrou a respeito de cada uma das cousas que ia observando, e por fim depois de ter comido mui regaladamente, á força de muito rogar, e de algum máu gesto da sr.ª Maria Custodia, que não era para graças, veio sentar-se ao pé della, em um quarto onde costumava passar as noutes resando, e cozendo, ou fiando, segundo a ordem dos trabalhos, e necessidades da casa lh'o exigiam.

O sr. Aniceto recolheu-se tarde, quando já o nosso Valença estava dormindo em uma cama, que a velha lhe improvisára no quarto do trabalho: entrou cabisbaixo, e carrancudo, perguntou pelo pequeno, foi á porta do quarto, e fechou-a por fóra, levou a chave comsigo, despediu a velha, e retirou-se para o seu quarto sem dar palavra.

Morreu-lhe algum doente rico, murmurou a velha, coitado! Pela sua alma para que Deus a tenha em bom logar, e a livre das penas do inferno *padre nosso.....*, e resmungando a oração dominical se foi tambem ao appetecido descanço dos seus regalados somnos.

CONSIDERAÇÕES ECONOMICAS.

II.

Effeitos da restricção em relação á agricultura.



É mui vulgar ouvir entre nós os homens mais notaveis invocarem o systema restrictivo não só como meio de levantar a industria manufactora, abrigando-a da concorrencia estrangeira, mas ainda por ser este o unico modo de assegurar o mercado aos productos da nossa agricultura.

Não ha muito, que eu ouvi louvar o systema protector em nome dos interesses agricolas; e o individuo, que assim fallava, é distincto não só pelo seu talento, mas até pela sua longa pratica de negocios economicos. Sem a protecção, dizia elle, não teremos fabricas, e sem fabricas não haverá consumidores para os productos d'agricultura, pois que os estrangeiros só consomem uma porção minima destes productos, e deste modo á mingua de consumidores a producção definhará. Eis-aqui em poucas palavras todo o raciocinio dos que em nome da agricultura pedem protecção para as fabricas; e eis aqui em poucas palavras tambem as reflexões, que se me apresentam em contrario.

Se as manufacturas nacionaes carecem de protecção é porque nos proprios mercados ellas não podem soffrer a concorrencia estrangeira; mas esta concorrencia nos mercados nacionaes prova bem que os estrangeiros vem trocar os seus pelos nossos productos; pois que nenhuma nação importa sem exportar; como todos facilmente comprehendem, e nós em outro logar mais amplamente desenvolveremos.

Neste caso quando mesmo as nossas manufacturas fossem todas substituidas pelas estrangeiras; quando as nossas fabricas ficassem completamente inuteis; quando os nossos lavradores não consumissem cousa que não fosse estrangeira, nem por isso a agricultura soffreria: não haveria para os productos diminuição de consumo, haveria tão sómente uma substituição dos consumidores nacionaes pelos estrangeiros, e nesta substituição os lavradores ganhavam, vendendo por melhor preço os seus generos: assim o indica terem elles no mercado preferido os productos estrangeiros.

Figurei até aqui a hypothese extrema, e por ella concluí o contrario do que pretendem os sectarios da protecção: suppuz completa liberdade de concurrencia; suppuz que por uma preferencia rasoavel, e decidida em favor dos productos estrangeiros os nacionaes jazessem nos mercados sem procura; suppuz em fim as nossas fabricas condemnadas a perpetuo repouso; e nós todos providos pelas fabricas estrangeiras, e ainda a despeito desta hypothese extrema concluí, que a agricultura não tinha que lastimar-se.

Mas, dir-nos-hão, essa hypothese differe da realidade; os estrangeiros só consomem uma parte minima da nossa producção, e se a sua procura não basta para nos consumir os productos, e alentar a agricultura, é todavia bastante para nos matar as fabricas, que ficam expostas a uma temivel concurrencia.

Este argumento, que na verdade muita gente emprega mais ou menos disfarçado, é por si tão sophistico que quasi degenera em absurdo. Na verdade se os estrangeiros não consomem senão uma centesima parte da nossa producção não é claro que só nessa parte tem os nossos que temer a concurrencia? Não é certo, que no resto a industria nacional fica desafrontada? Não é evidente que a natureza das cousas obra aqui como a protecção? Parece-me isto uma verdade trivial, mas que prova evidentemente que ainda nesta supposição são inconsequentes as queixas que se levantam contra os suppostos males da liberdade das trocas.

Em virtude destas poucas reflexões parece-me licito concluir, que os interesses bem entendidos da agricultura podem soffrer, mas nunca prosperar com o systema restrictivo, com que alguem entende poder favorece-los.

III.

Effeitos da restricção em relação ás manufacturas.



Vejamos agora a protecção nos seus effeitos com relação ás manufacturas: é por este lado que os seus sectarios julgam poder argumentar sem controversia. Os governos, dizem elles, devem proteger todas as applicações productivas do trabalho; devem desvelar-se igualmente em que todas as industrias fructifiquem, e prosperem, e ninguem desconhecerá que para a industria manufactora o systema restrictivo é absolutamente necessario; sem elle industrias que hoje florescem morreriam suffocadas pela producção estrangeira: é pois necessario equilibrar com o favor da lei as vantagens naturaes, ou adquiridas que os estrangeiros possuem. Com a liberdade de commercio os estrangeiros apoderar-se-hão dos mercados, e affastarão delles todos os nossos productos; ao contrario protegei a nossa industria, e obstae nos mercados nacionaes á concurrencia estrangeira, e vereis como ella se desenvolve e prospera.

Com effeito quando a lei assim se esforça para naturalisar uma industria não é raro consegui-lo; mas as consequencias inevitaveis deste louco esforço são: 1.ª sacrificar injustamente os consumidores aos interesses do productor; 2.ª uma annullação de forças productivas que as boas idéas economicas devem altamente reprovar. É um injusto sacrificio dos consumidores, porque tal nome merece a necessidade de se abastecerem dos productos nacionaes, quando os estrangeiros lh'os forneceriam por preços muito mais baixos: é

uma annullação de forças productivas porque provocando industrias para que um povo não póde ser, ou não é apto, vão-se ahi consumir capitaes e trabalho que em outras industrias mais proprias seriam melhor utilisados.

A liberdade de commercio é o meio de fugir a estes funestos resultados, e esta liberdade não exclue a possibilidade que nós suppomos para todas as nações de exercerem sem temor de concurrencia a industria manufactora. Com effeito cada paiz gosa de certos privilegios nacionaes, como são a influencia do clima, a sua posição geografica, a indole do seu povo, etc., que o habilitam para cultivar, não só com igual, mas ainda com melhor successo que os outros, certas artes e manufacturas, nas quaes por conseguinte não tem que temer a concurrencia, nem a liberdade de commercio.

Além destas vantagens naturaes podem as nações tambem tê-las, adquiridas pela pratica e estudo especial de um ramo de industria, e neste caso tambem nada podem recear da liberdade de concurrencia; em fim cada povo tem nos seus proprios mercados uma grande vantagem sobre as industrias dos outros, porque estes não podem vir á concurrencia, senão vencendo a difficuldade das distancias; e deste modo naquellas industrias para que todos tenham igual aptidão nenhum tem que temer a concurrencia dos outros. Se quizessemos porém figurar uma nação fóra destas tres hypotheses, fóra mesmo das duas primeiras, seria essa a que menos devia temer a liberdade da concurrencia. Com effeito se essa nação não se avantaja em producção nenhuma, qual seria o povo que quizesse os seus productos? E se ella não exportasse, as importações nunca teriam logar.

Quando porém assim combatemos o systema protector não deixamos de conhecer quantos males agora traria a sua repentina quéda: convém respeitar os vastos interesses, que legitimamente nasceram, e se crearam ao abrigo deste systema; convém não atacar de frente as desculpaveis resistencias que se oppõem, mas não podemos querer com isto dizer que a pratica será eternamente contraria á theoria que defendemos Será a liberdade de commercio um daquelles principios que se dizem abstractos como para inculcar a impossibilidade de os trazer á pratica? Não por certo: nunca a pratica é justa, nunca póde levar á civilisação, e felicidade dos povos, se as theorias, isto é, se a verdade a não justificar; é por isso que a liberdade de commercio, justa, verdadeira, e rasoavel em these é tambem util, sensata, e civilisadora na pratica; é todavia prudente attender ás consequencias dos antigos erros; mas este sacrificio que devemos fazer resignados não póde occultar o fim a que devemos tender incessantemente.

Convém não conservar na sua posição o pèso enorme das restricções; mas é rasoavel que na sua quéda o vamos amparando receosos de que cahindo precipitadamente esmague os muitos interesses que á sua sombra tem crescido.

A PONTE PENSIL DO PORTO.

(Fragmento do romance inedito — O emigrado — *pelo auctor de* — Roberto Valença —).

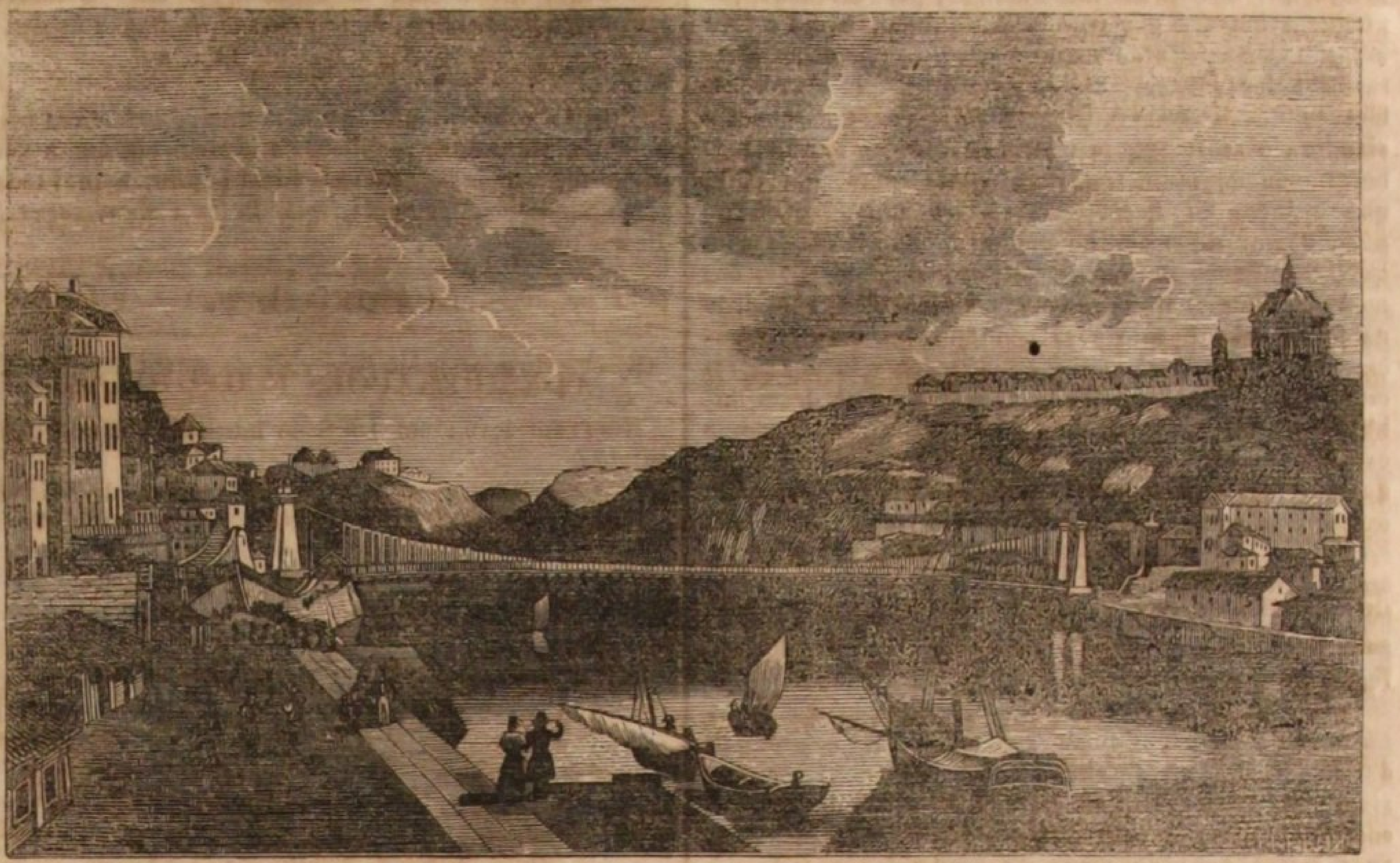
....

....

Era magnifica, verdadeiramente sumptuosa a quinta da Prelada de D. Manuel de Noronha, mas não conduziremos lá o nosso leitor; não teriamos animo de lhe contar como aquelles seculares arvoredos cahiram victimas das nossas loucuras civís, como o palacio foi interiormente devastado, e exteriormente esbofeteado pelas ballas, como o labyrintho se encheu de silvas, e de arbustos silvestres, como o lago seccou, e aquella ilha, e formoso castello, que nella assentava como senhor das aguas que o cercavam, quasi se converteu em lastimosa ruina. Estiveram lá os belgas, e onde estes meninos puzeram o pé, deixaram largos vestigios de civilisação!

Tambem não iremos vèr o jardim, e quinta do Figueiroa, que virá a trocar o seu respeitavel nome de casa de Pamplonas pelo da nova varonia, que lhe foi levar o estimavel conde de Resende; é uma propriedade muito linda, muito grandiosa, mas o ar ainda alli é muito cidadão, muito burguez do Porto, e não foi isso que nós promettemos aos nossos leitores.

Pois bem deixemos a quinta do visconde de Beire, tomemos pela rua da sovella, hoje rua de tantos não sabemos de que mez, — em que os portuguezes se mataram gloriosamente uns aos outros para o que nenhuns delles cuidavam que seria — entremos na travessa do Pinheiro, descâmos as escadas, e vamos seguindo a rua nova do Almada até aonde foi antigamente o convento dos loios.



Não cuide o leitor, que o demoramos para lhe exagerar a formosura daquella estiradissima rua nova do Almada, ou para lhe dizer quanto o Porto deve á familia dos senhores de Souto de El-Rei por lhe crear, e educar o sr. Francisco de Almada e Mendonça, que com a simples, e muito humilde varinha de corregedor da comarca do Porto soube fazer nascer theatro, casa-pia, quarteis militares, ruas, e etc.

Para evitar esta massada fuja o leitor já pela travessa dos caldeireiros para a rua das flôres, ao passar em S. Domingos deite um olhar de compaixão ao banco, coitado, e pela rua Ferreira Borges dê comsigo no postigo dos banhos onde lhe não faltaremos para o acompanhar, concentrando exemplarmente tudo quanto a nossa invencivel mania de ciceroni nos estava pedindo lhe dissessemos a respeito da formosa rua de S. João, da dos inglezes, do monumental convento de S. Francisco arrancado por um cabelleiro á geral e barbarica devastação, da casa das argollas da Reboleira, e do proprio postigo de negra, e granitica ogiva por onde sahiremos para o barco.

Agora vê o leitor que vae embarcar; já se sabe em um barco coberto de madeira, com janellas lateraes ornadas de cortinas de couro, e não envidraçadas, e com boas portas como tem a alfandega, e algum particular rico, porque homem de letras em Portugal nunca teve á sua disposição os meios necessarios para tamanha confortabilidade.

Embarquemos pois em um dos taes barcos ordinarios, servidos por dois robustos remadores, um á pôpa, outro á próa, e sem quilha, nem leme, como são a maior parte dos que para commodo, e recreio dos habitantes do Porto navegam rio acima, e rio abaixo todos os dias, e desta vez dando costas á antiga fortaleza de Reimiro, que ainda guarda o nome de castello de Gaia, iremos cortando as aguas em direitura a....

....

....

Estamos em frente da ponte pensil, tendo da direita o convento da Serra, hoje convertido de cenobio de conegos regulares de Santo Agostinho em fortaleza com o nome da Serra do Pilar, e da esquerda o paço episcopal disputando á fortaleza o dominio daquelle formoso horisonte, e as antigas muralhas, e torriões da velha cidade fechando hortas, e pomares, e guarnecidas — quem o dissera em outros tempos! — pelas devotas filhas de Santa Clara, que do seu convento de Santa Clara do Torrão em Entre ambos os rios vieram apossar-se das negras torres do Porto! E defendem-as ás mil maravilhas........................

....

Talvez o leitor quizesse uma descripção scientifica da ponte pensil, feita por nós, ou pedida, copiada, imitada, ou emfim de qualquer modo? Não é possivel fazer-lhe a vontade. Sempre quesilamos com a tal ponte pensil: não está mais na nossa mão.

Tinhamos antigamente a nossa ponte de barcas, que rendia uns contos de réis ao estado, e servia perfeitamente para o transito; de inverno vinha a cheia, tirava-se a ponte, ou ia pelo rio abaixo, e acabada a cheia voltava tudo ao seu estado normal.

Agora com a ponte pensil o estado não recebe os taes contos de réis; quando ha cheia, a ponte lá fica, mas não se passa por ella senão por atalhos, e a pé, porque as aguas invadem os sitios da passagem; se passa muita gente, abana como varas verdes, e chega a provocar vomitos, emfim o estado perdeu, a cidade não melhorou, e só lucraria quem bem escusado seria que lucrasse.

Bonita é ella; linda mesmo; muito bem construida; com o nome de todos os que concorreram para a obra, — que é um dos apanagios da modestia portugueza — mas em relação á sua utilidade, que nos perdoem os que metteram a mão, ou *parte della* nesse negocio — a gloria de a ter feito, ou mandado fazer é, segundo a regra de Cicero, — *stulta* — *stultissima*.

E então como isso devia ser, e como foi? Nada, nada de fallar nisso, que faz perder a paciencia; ó lá barqueiro, ávante, rema para o Freixo............

....

O MAGRIÇO.

CARTA 1.ª

Nunc satis est dixisse: Ego mira Poemata pango:
Occupet extremum scabies: mihi turpe relinqui est,
Et, quod non didici, sane nescire fateri.

Hor. A. P. 37.

« E vejo muitos, que ainda as pennas novas,
« Com que sahem do ninho, não mudaram,
« E querem de poetas fazer provas,

« Por isso nas emprezas que tomaram,
« Tão fraca, e friamente procederam,
« Que em vez de houra ganhar, se deshonraram.

Bern. Cart. 27.

Pou um só verso de Horacio devolvo tres, (já se vê que não sou máu pagador) e tanto elles como a parafrase do nosso Bernardes tão bem desenham o typo da maior parte dos meus criticos, que não poderei, nem deveria, talvez, dar-lhes mais completa resposta. Os que mais de frente me atacaram, nada mais em suas criticas tem provado senão que de geração em geração se tem reproduzido o pernicioso vicio, que os citados poetas, ha tanto, já lamentavam, e satyricamente corrigiram: é esta uma verdade, que provarei ao mundo sensato com tanta evidencia, como é sincera a franqueza com que declaro o muito que respeito sua capacidade para quaesquer outras materias; mas como nem todos os homens são para tudo, e cada um só póde ser grande na sua especialidade, segue-se que eu não offendo o bom jurista, o optimo mathematico, o corajoso militar em duvidar que seja bom poeta, ou bom critico, quando não tenham dado decisivas provas em seu abono, ou só as veja em contrario, como se deprehende do simples exame das censuras até hoje feitas ao Magriço.

Entre estas avulta o estirado artigo do sr. J. M. C., cuja doutrina primeiro analisaremos, porque a enfase com que se annuncia destemido campeão, mais desafia o desejo de o derrotar, e tantas vezes, quantas voltar á carga com armas já çafadas, ou de tão má tempera como as que ostenta.

Nem a *Revista universal* precisa buscar frivolos pretextos para lhe franquear o campo, aquelle mesmo

campo que fechou aos meus amigos, procedimento que ninguem louvará por ser tão mesquinho, como é futil a razão — *da falta de outros jornaes* — quando os litterarios todos existem, e é só para estes que taes questões se devem reservar, oxalá fossem tratadas com a sizudeza e acerto que a materia requer, e não da maneira pela qual me trataram: nesta conta, por certo que o juizo da *Revista* não foi *enfeixado;* mas não póde deixar de o ser no mólho da *parcialidade* com que, á imitação de outros, negou campo ao apoio dos meus amigos, noticia que só me obrigou a pedi-lo na folha official, que para não ter a minha preferencia, basta ser o da politica, tão contrario e aborrecivel para as musas e para as letras; nem desta minha justa queixa a *Revista* póde desculpar-se com a evasiva de sér — *defensa de um escriptor ausente* — quando muito bem sabe, que a propria morte não exime qualquer auctor de lhe serem refutados os seus escriptos, ainda mesmo que não sejam a critica de outros. Seria sufficiente só esta razão; mas para que não fique o menor escrupulo accrescentarei outras para desfazer este *paladio* com que julgaram descarregar-me o mais athletico golpe.

O sr. Palmeirim, como disse, offereceu-me a sua *Chronica theatral*, lia em sua presença, e prometti dar-lhe a conveniente resposta logo que me fosse possivel; pouco depois o sr. Palmeirim sahiu de Lisboa: continuei a ser censurado, e deixei juntar os meus aggressores para de uma vez responder a todos, e mais deixaria juntar se não viesse o sr. A. de Serpa provocar-me com a sua não acerba, mas acerbissima celeuma, á qual, bem como ao *anonymo* H., respondi no tom que me pareceu mereciam.

Ora o sr. Palmeirim estava ausente, e se a sua ausencia fosse eterna, eterno devia ser o meu silencio!... Por este systema todo o homem póde atacar a mais inquestionavel doutrina, e contra ella expender os maiores absurdos, que para ficarem incolumes e sancionados pelo silencio, basta que se ausente do logar onde os tiver publicado: na verdade, bem prova que não tem um só ponto de mais forte refugio, quem se acolhe a tão frageis trincheiras, que se desmoronam pelo seu mesmo artefício.

Conheça pois a *Revista* que a censura de *deslealdade* que respira na sua reflexão, não é mais que uma transparente mascara, com que pretendeu cohonestar a sua parcialidade: seja franca, dê campo aos meus adversarios, desejo a lucta, desafio-os para ella, e em successivos combates o Magriço cantará a victoria, que já lhe não póde ser duvidosa sobre os campeões, que até hoje o tem provocado; pelo contrario, tão mal armados se apresentam elles, tão vulneraveis, que os seus tiros irão de recoxete feri-los mortalmente, e bem pequeno será o meu triumfo aos olhos dos espectadores intelligentes: cumpre porém advertir que não insisto em responder-lhes por minha propria defeza, que essa justificada está no incurial processo das suas accusações, já demonstrado com aquella precisão logica, tacto de mestre, e bellezas rethoricas, que tanto distinguem o meu illustre defensor e bom amigo o sr. Francisco Luduvino de Sousa Freitas e S. Paio, o qual me tem prevenido e desafrontado de tal modo, que longe de o poder imitar, só me tornaria fastidioso; mas por certo não o serei defendendo a gloria nacional, a sensatez de Camões, e o credito de nossas chronicas, testificando um facto que, como simples episodio, ou inda mesmo como acção principal do meu drama, não lhe diminuiria o merito, quando só pertencesse aos dominios da poesia; comtudo a patria exige mais, e se eu poder desafronta-la de seus depredadores, julgarei ter-lhe feito um serviço mais importante, que os applausos de mil perfeitos dramas, sentimento a que não póde ser estranho o digno redactor da Illustração concedendo-me espaço no seu acreditado jornal.

A. DE LOUREIRO.

BIBLIOGRAFIA.

Diccionario musical de Raphael Coelho Machado. Rio de Janeiro 1842.

Esta obra foi elogiada pelo Philo-harmonico, pelo Jornal do commercio, pelo Diario do Rio de Janeiro, pelo Brazil, e pela Sentinella, e o seu auctor é já conhecido pelos seus — *Principios de musica pratica* — e pelo Ramalhete das damas de que é redactor.

Parece-nos obra curiosa, e util aos cultivadores da musica; pelo menos é a unica que existe em lingua portugueza.

Vende-se em casa do sr. Rolland, rua dos martyres n.° 13.

Traducção da Eneida de Virgilio por João Gualberto Ferreira Santos Reis, lente jubilado de lingua latina, e natural da Bahia. Tom. 1.°

Este 1.° tomo comprehende os quatro primeiros cantos: tem alguns trechos bons, e logares em que a versão parece copiada da do sr. Lima Leitão, a qual todavia o auctor não conhecia, quando fez a obra, segundo diz no prologo.

VARIEDADES.

Objectos tirados pelos francezes do museu de Lisboa.

Geoffroi levou em 1808 do museu da Ajuda o seguinte:

	Especies	Individuos
Mammaes	65	76
Aves	238	784
Reptis	25	32
Peixes	89	100
Insectos	290	508
Conchas	272	468
		1:968
Mineraes		59
Plantas		2:855
Outros productos		25
		4:907

Morelet escrevendo a respeito do museu de Lisboa diz que não ficaria bem a um francez dizer mal delle, esquecendo-se de que a sua patria se enriqueceu com os nossos despojos, e termina declarando que *a universidade de Coimbra, penetrada do sentimento de veneração ao pae da historia natural, repelle como pouco respeitosas as idéas novas que procurem modificar o seu systema. As sciencias naturaes em Portugal estão,* segundo mr. Morelet, *em um estado proximo da infancia.*

Convidâmos a faculdade de filosophia da universidade de Coimbra a lêr este periodo na *Description des mollusques terrestres, et fluviatils du Portugal, par Arthur Morelet — Pariz:* 1845 — e desaggravar-se se póde, ou isso lhe importa.

Os cavalleiros de Carlos 3.°

O capitulo da ordem de Carlos 3.°, que estava para celebrar-se ficou transferido para mais tarde.

Em Hespanha, como entre nós, o lustre e grandesa das ordens militares tem decahido muito, e as solemnidades da profissão dos cavalleiros desde certo tempo que se faziam não em publico, como era de lei, mas sabe Deus como: ainda assim faziam-se, o que não acontece entre nós, e com razão, porque seria impossivel fazer uma profissão solemne, e publica aos mil, e um cavalleiros das nossas ordens, que todos os mezes apparecem de novo: já até lembrou a alguem condecorar a nação como o imperador fez ao batalhão 5.°, e armar cavalleiros os deputados com commissão para fazerem o mesmo aos seus constituintes.

Ultimamente em Hespanha determinou-se, que os agraciados professem em capitulo publico, e que no que deve celebrar-se em junho se guarde todo o ceremonial da ordem, sendo os cavalleiros novos apresentados pelo secretario ao grão mestre, para que prestando nas suas mãos o juramento recebam alli as insignias de cavalleiros.

Parece-nos adoptavel tudo quanto realçar o lustre, e valor das recompensas publicas, mas entre nós se houver de celebrar-se capitulo geral da ordem de Christo, não conhecemos praça onde caibam os cavalleiros.

O pae a pagar pelo filho.

O chefe politico de Madrid desejando reprimir as desordens praticadas pelos estudantes de Santo Izidoro, mandou que os turbulentos seriam presos, até que averiguados os nomes de seus paes se possa impôr a estes o castigo que merecem pelo seu reprehensivel descuido na educação de seus filhos.

Esta disposição é censurada com muita rasão pelo *Espanhol*, porque se oppõe a todos os principios de justiça em que se funda o direito criminal. Nós accrescentaremos, que ella mais parece propria da infancia da civilisação do que do seculo 19. Adoptado este principio, e applicado analogamente na sociedade teriam os governos de castigar os officiaes militares pelos erros dos soldados, e todos os chefes pelos desvios dos seus subditos, o que, com perdão do sr. chefe politico, seria um desatinado disparate.

A RECORDAÇÃO.

Lembram-me cousas passadas
E quantas passadas dei
Horas bem aventuradas
Por quem choro, e chorarei
Em quanto forem lembradas.

Bernardim Ribeiro, Egl. 3.ª

Pensamento cruel, p'ra que me trazes
Á memoria momentos já passados,
Se d'elles... — ai triste! — só me restam
Da saudade suspiros magoados.

Já morta para mim toda a esperança,
Choro a sós minha dôr, minha paixão;
Foi um sonho veloz minha ventura,
Que n'alma só deixou funda impressão.

Amei uma mulher, anjo da terra,
Seus encantos gosei ebrio d'amor,
Em seu collo por vezes contemplei
Seu rosto divinal, raro primor!

Em mudez consoladora, muitas vezes
Ternas juras amorosas lh'escutei.
Outras tantas d'amor enlouquecido
Viva fé, puro amor lhe protestei.

E assim extasiado... louca idéa!
Minha ventura julguei nunca ter fim,
Que na terra não havia força humana,
Que a podesse desunir de junto a mim.

Mas o tempo o véu rasgou desta illusão
E eu vi abysmar-se o meu porvir,
Quebrantados os mais firmes juramentos,
E todo o seu amor de mim fugir.

Oh! quem se não fiára em vans promessas
De feminil coração enganador!...
Oh! quem primeiro ao vê-la antes cegasse
Do que soffresse agora o seu rigor!

Mas já que assim o quiz atroz destino,
Resignado cumprirei a minha sorte,
Pelo mundo vaguearei, qual peregrino,
Até descanço achar na fria morte.

A. X. P. DE CAMPOS.

Maio de 1846.

O BARCO.

Imitação de A. de Vigny.

Vem, donzella, vem comigo,
Sulquemos ambos o mar,
Sosinha vem, não te assustes,
Irei eu mesmo remar.

Olha o meu barco; é formoso,
Fragil concha, bem o sei,
Mas que importa, alli sou livre,
Mais que livre, alli sou rei.

Deixa a terra, estreito asylo
De quem escravo nasceu;
Vem comigo; Deus aos livres
A immensidade só deu.

Ah! vem que as ondas intendem
Mysterios do coração;
Dizem seus ais liberdade,
Dizem amor, solidão.

A. LIMA.

Trov. n.° 9.

ENIGMAS PITTORESCOS.

EXPLICAÇÃO DO ULTIMO ENIGMA.

O tempo e os elementos a nada tem respeito.



SUMMARIO.

LISBOA, 11 DE JUNHO.

Abriram-se finalmente os theatros, e o de D. Maria 2.ª com uma composição nova — Os tres beijos — de que por falta de espaço não podemos agora fallar. S. Carlos continua fechado, e o Gymnasio e Salitre funccionando normalmente.

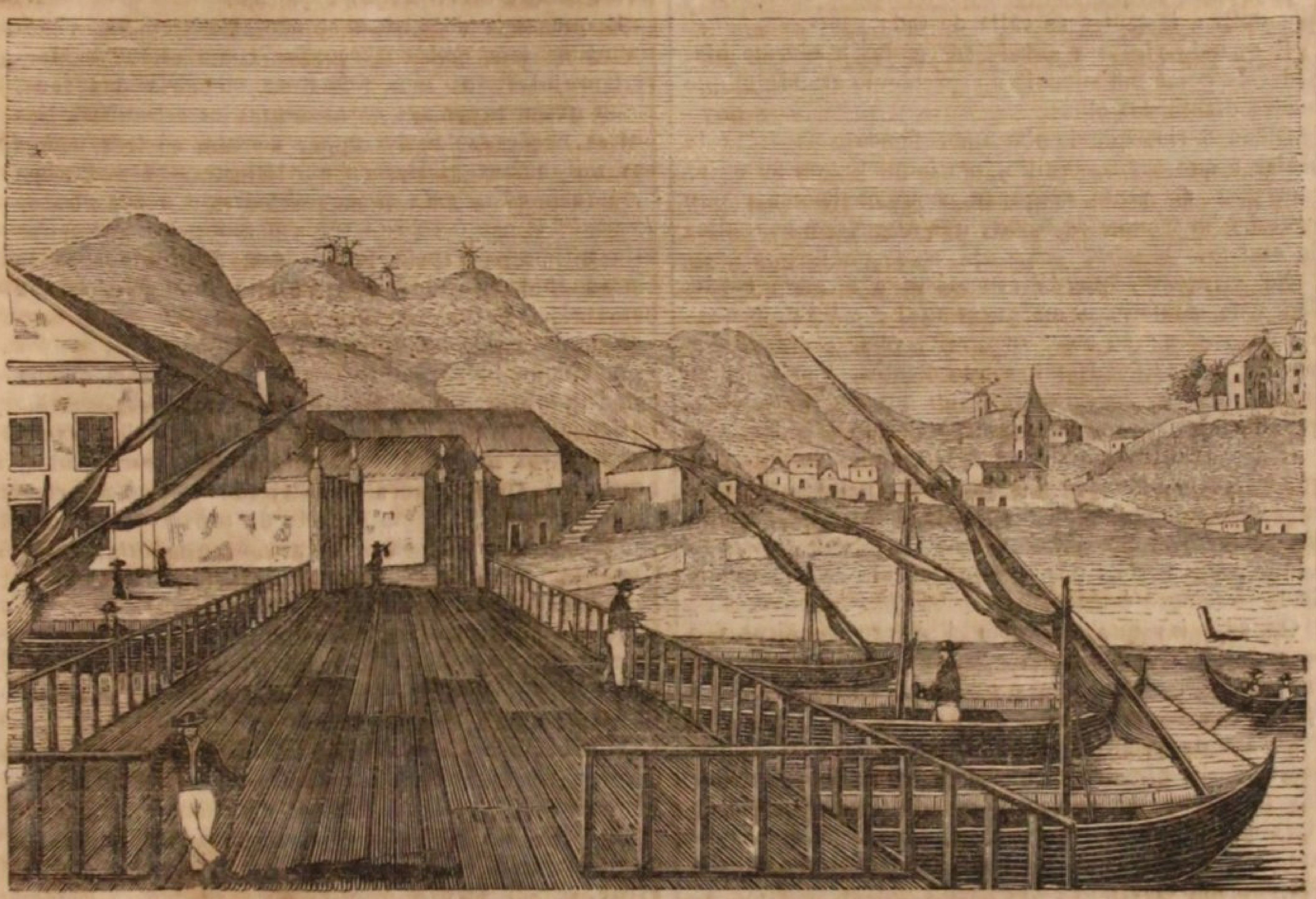
Uma das maiores novidades da semana tem sido o novo café immediato ao theatro novo, que pelo seu aceio, e proporções grandiosas, é digno desta bella capital. A concorrencia alli tem sido immensa. Ainda neste ponto Madrid nos leva vantagem; alli se está preparando agora um *café monstro*, em cujo centro tocará todas as noites uma orchestra regular. Pianno, violão, e harpa, já por cá nos quebravam os ouvidos, mas orchestra, com effeito, é de deitar os tampos dentro!

Na seguinte folha apparecerá a segunda carta acêrca do Magriço, que não foi possivel publicar nesta.

Estamos auctorisados para declarar que a Memoria descriptiva de Traz os Montes, que publicámos, é producção do sr. Carlos Maria Seguiér, paofessor em Bragança, e o desenho do castello foi um dos primorosos trabalhos do sr. Paulo Candido Ferreira de Sousa e Castro, empregado no governo civil daquella cidade.

Com as mudanças politicas porque temos passado appareceram dois novos jornaes — *A Revolução do Minho* — que se publica em Lisboa, e a *Estrella do Norte*, que substituiu o Cosmopolita, do Porto, mas, ao que parece, em differente sentido politico.

A *Estrella do Norte* devemos logo no começo pretecção muito decidida, e elogios, que desejavamos merecer, e que muito agradecemos.



ALHANDRA.

As viagens pela minha terra do sr. Almeida Garrett deixaram na lembrança de todos a carreira dos vapóres que daqui vão todas as manhãs aportar a Villanova da Rainha, e voltam pela tarde a Lisboa.

A ninguem esqueceu ainda a questão dos singelos *bordas d'agua*, que estes nossos tempos converteram agora em lanceiros, infantes, e mil outras fórmas de apparato belicoso, e aquelle lamaçal quesilentissimo, que serve de cáes, ou antes de escorregadoiro, e que fóra desta nossa boa terra portugueza não serviria para cousa alguma.

Pois entre esses dois pontos tão differentes chamados Lisboa, e Villa-nova está assentada a muito notavel Villa da Alhandra, cuja vista representa a estampa. Os vapóres tambem vão alli largar, e receber gente, e pelo S. João quantos rapazes folgasãos tem Lisboa acodem a vêr as festas do Santo, e a toirada, que alli tem havido todos os annos.

A estampa representa o logar do desembarque, e a perspectiva da villa, e montes visinhos vistos daquelle sitio.

ROBERTO VALENÇA.

ROMANCE.

CAPITULO IX.

Do muito que o sr. conego se magoou com estes successos, e como depois do João ter sahido em busca do menino, veio o cirurgião Aniceto trazer noticias delle.

Voltemos agora a casa do sr. conego, que deixamos quasi succumbido ao espantoso successo, que ainda lhe parecia inacreditavel, e sem fôrças para sahir do quarto do sr. João, de cujas consolações poderia naquella hora aproveitar-se, se a presença do criado o não humilhasse, e confundisse profundamente.

O sr. João era com effeito o seu criado favorito, possuidor de quasi todos os segredos de seu amo, e o unico habilitado a dar-nos uma chronica completa dos amaveis defeitos, e profanos caprichos desta exemplar columna da igreja, mas naquella occasião os serviços de tantos annos, o bom exito de tantas empresas, a fidelidade sem quebra, a affeição continuada seguidamente, e sem exemplo em todas as hipotheses possiveis da sociedade heril desappareciam perante considerações mais fortes, e vehementes.

Esse homem era o accusador de seu filho, e auctor da sua infamia, e infelizmente esse homem tinha razão, que em certas occasiões é realmente a peior cousa que se póde ter.

Castiga-lo porque foi sensivel a um ataque feito á sua honra com immerecida dureza, voltar-lhe as costas porque não acceitou a deshonra ignobil, e injusta, despresa-lo emfim, porque se conduziu com verdade e firmeza, não era possivel: todo o amor paternal, toda a cegueira desse affecto era insufficiente para tamanha injustiça, porém entre elle, e o filho, cuja ausencia já o sr. conego não podia supportar, estava aquelle homem com a sua accusação verificada, e provada pelas diligencias do proprio pae!

Nesta inexplicavel contrariedade de idéas foi pouco, e pouco sahindo o sr. conego do quarto do nosso Mercurio para o salão, e alli sobre um antigo canapé, ou marqueza de palhinha, que os novos usos, e a sua idade avançada arrancaram de logar mais intimo e honrado onde vivêra largos annos, ficou absorto por estes pensamentos crueis, e dolorosos.

O sr. conego não queria admittir a verdade de qne elle mesmo descobríra o testemunho: reconhecida esta, era forçoso castigar exemplarmente o pequeno, e harmonisar a vida domestica entre o joven Valença, e o sr. João, porque emfim naquellas proprias circumstancias o sr. conego sem o nosso Mercurio ficava como que só no mundo, e transtornados todos os habitos do seu viver ordinario.

Os passos do criado, que silencioso, triste, e respeitando a dôr profunda de seu amo, mas saboreando a vingança da sua honra offendida, atravessava o salão, despertaram o nosso conego, e offereceram-lhe a primeira occasião de dar sahida áquelle volcão de sentimentos encontrados que lhe atormentavam o coração.

Então você João, exclamou o conego levantando-se, e caminhando para o criado, ainda anda por ahi muito de vagar, e o menino sabe Deus por onde, por essas ruas do Porto, perdido, e sósinho! Todos vocês me querem metter no inferno! Vou eu, vou eu procura-lo, contar esta vergonhosa historia a toda a gente, e deshonrar meu filho, e a mim! Ó meu Deus, meu filho, o meu herdeiro, o successor desta casa.....: isto é um sonho diabolico! Jesus, meu Deus; e dizendo isto tapava a cara com ambas as mãos, e voltava-se para as janellas maquinalmente pelo natural impulso da vergonha, e do despeito.

O sr. Mercurio parou, olhou para o conego com ar enternecido, voltou ao seu quarto, e quando o sr. Valença tornando a si da nova serie de cogitações em que se engolfára, chamou por elle para continuar a expansão da sua colera, de que á falta de outra teria de ser victima o sr. João, foi a criada Quiteria quem arrastando os pés, a que andava prêso o pesadissimo trambolho de 78 annos, lhe veio annunciar, que elle sahíra dizendo, que ia buscar o menino.

Buscar o menino, gritou o conego batendo o pé na casa com violencia? E quem lhe deu licença para me trazer esse bregeiro para casa? Não quero vê-lo mais: entendeu-me Quiteria?

Entendi, sim senhor, respondeu a Quiteria com voz tremida, que ao conego pareceu de enternecimento.

E todavia nenhuma cousa podia fazer o João mais ao gosto e vontade de seu amo do que ir buscar para o rebanho aquella ovelha desgarrada, e perdida.

A Quiteria voltou costas, e começou no mesmo passo lento, e vagaroso, a caminhar para o interior da casa; no meio do salão parou, fez um gésto de quem escutava para o lado da escada, dirigiu-se para lá, abriu a porta, proferiu algumas palavras, e voltando para dentro disse para o sr. conego. Alli está o cirurgião Aniceto do Corpo da guarda que quer fallar com v. s.ª

Ó mulher dos diabos, eu não quero fallar com pessoa alguma, gritou o conego enfurecido, deixem-me, deixem-me pelo amor de Deus, e foi direito á porta do seu quarto, abriu-a, entrou, fechou-a com violencia, e deu volta á chave.

Entretanto o sr. Aniceto tinha acabado de subir as escadas, e apesar de todas as reflexões da ama zoupeira do reverendo dava entrada no salão com tal ar de superioridade, e de decisão, que fazia pasmar a pobre velha, e que em outra qual-

quer occasião não teria o mais pintado fidalgo daquella cidade, quer fosse historica, realenga, ou de principe a sua ennobrecida geração, que o nosso conego sabia fazer sentir á aristocracia provinciana toda a dureza do orgulho da aristocracia da fortuna, e do dinheiro! E mais eram outros, muitos outros, e diversos destes nossos, aquelles afortunados tempos!

Será facil ao amigo leitor advinhar que a habitual confiança, e familiaridade com a sua doente levára o cirurgião Aniceto primeiro á rua da Bainharia a casa da boa Thereza Fagundes.

Contra o costume, e estylo da casa, encontrou a porta da rua aberta, e a entrada, e communicação tão desempedida e franca, que sem ser presentido chegou á sala do segundo andar onde a sr.ª Thereza Fagundes pranteava com acompanhamento forçado de fingidos soluços da criada a fugida do pequeno.

Fôra o sr. Mercurio, como devia forçosamente acontecer, o portador da má nova, e certo de não encontrar alli o desertor deixára cahir por entre os dentes umas frases temerosas, ambiguas, mas crueis, que pozeram o coração da pobre mãe sem pinga de sangue.

Ainda o sr. Mercurio desta vez teve a complacencia de se esquecer das antigas descomposturas, e de lhe não dizer a verdade nua, e crua. Tanto respeito produz ainda nas almas menos affeiçoadas a sentimentos generosos o excesso do amor maternal!

O cirurgião fez perguntas, e responderam-lhe com lagrimas, e soluços, quiz dar consolações, e retrucaram-lhe com gritos, e novas lagrimas; finalmente comprehendeu que mais sabia elle do negocio, que lá o levára, do que qualquer daquellas duas almas, e deixando a pobre mãe a carpir-se debruçada sobre uma mesa, e escondendo o rosto, fez com o dedo indice no nariz um signal de silencio á criada, e sahiu nos bicos dos pés caminho da casa do sr. conego Valença.

Mas o bom do conego tinha realmente vergonha de apparecer a quem o procurava; parecia-lhe que cada pessoa lhe vinha ler no semblante a causa, e tristissimas circumstancias dos seus dissabores, e isso era para o sr. conego, orgulhoso, como a fortuna o fizera, e altivo por caracter natural, um supplicio crudelissimo.

Bem o conhecia o cirurgião Aniceto, mas o homem acostumado a presencear as scenas mais luctuosas da vida humana não era proprio para respeitar essa dôr paternal embora aguda, vehemente, e justificada.

Que valia o amor paterno do sr. Valença á vista de uma amputação, da operação da talha, ou da extracção de um calculo vesical?

Que importava esse sentimento de magoa, e pondonor, a quem era além de cirurgião tambem agiota, e cuja principal riqueza provinha das lagrimas do pobre, das desordens do moço, e da penuria do velho!

O cirurgião foi direito á porta, bateu; não lhe responderam; bateu segunda vez, e como tambem lhe não respondessem, gritou: sr. Valença, abra a porta; seu filho está em minha casa.

A porta abriu-se immediatamente, e o sr. Aniceto deu entrada no quarto do nosso conego, onde o deixaremos por em quanto.

AS PRIMEIRAS IMPRESSÕES

D'UM VIAJANTE.

(Fragmento d'um romance inedito).

Vou revelar-te sinceramente as minhas impressões. Se não fôras tu, o meu espirito jazeria em viuvez eterna. Se não fôras tu, diria como Zacharias Werner, quando dedicou a sua tragedia — *A mãe dos machabeus* — a sua mãe:

Les plaisir de l'amour, les roses de la vie
Tout c'est flétri sous ton cercueil!

Só tu simpathisas com a minha vida errante — com o meu coração enthusiasta. Só tu acreditas que posso — como André Chénier — bater na cabeça, e dizer: *j'ai quelque chose là!* Só tu me consolas da agonia do infortunio, e da indigencia — apontando-me um futuro, a que já perdi as esperanças!

Estou em Lisboa. E pude vê-la na magestade do seu céu puro, e brilhante — no prestigio das suas recordações — thesouro de gloria perdido para esta geração, que se revolve na pungente decepção d'uma esperança, sempre mentida pelos factos.

É uma embriaguez dos sentidos o contemplar Lisboa n'uma noute de verão, suave e estrellada; respirar o ar puro que corre em bafagens, arripiando levemente a superficie das aguas do formoso rio; ouvir o murmurio surdo, que ora se eleva, ora se abate, e que parece traduzir-nos o pensamento de tantas almas, a impressão alegre ou dolorosa de tantos corações, e que dalli a instantes se calla de todo.

E quando virdes a cidade socegada, e adormecida, podereis gosar em silencio o espectaculo grandioso que tendes diante dos olhos.

Olhae o rio, que lambe amorosamente as arêas da praia, e que ora tranquillo, ora inquieto, conforme os caprichos do vento, esquece como os homens, que sustinha ha seculos as frotas, que alargaram os limites do mundo.

Na margem esquerda estende-se a formosa cordilheira de montanhas, marcadas aqui e além de pequenas povoações; na margem direita vê-se a cidade das maravilhas, edificada sobre sete montes, que romana, arabe, e góda, conserva vestigios dos conquistadores, que lhe esculpiram na face a pagina do seu dominio.

Olhae a altiva cupula de seus templos, e palacios, que parecem offerecer um desafio perpetuo á tempestade; e a cidade rainha, coroada com o seu castello d'aspecto severo, e veneravel, olha sobranceira tudo o que está a seus pés, porque orgulhosa, ou humilhada — sempre é magestosa.

Os edificios que s'erguem á margem — airosos e brancos como uma virgem — parecem querer lançar-se no rio, para nadarem nas suas ondas voluptuosas, e apagar nas aguas os ardores do sol.

Contemplae a engraçada mastreação dos navios, que parecem dormir docemente embalados pelo embater das ondas; e de espaço a espaço ouve-se a voz da vigia que espira melancolica como o pio de ave agoureira, esvoaçando pelas ruinas, e acordando o echo dos descampados.

E se as vêlas se desenrolam e enfunam docemente ao sôpro do vento — não se dirão uma sombra, uma nuvem, que se levanta para se unir aos horisontes enfumados, e vaporosos, que ao longe se percebem!

Os olhos não se cansam de vêr esta perspectiva deliciosa; nem a alma de s'extasiar, recordando o que os seculos depozeram alli, naquella harmonia de pensamentos, expressos em diversas fórmas.

Todas as nações gloriosas da terra quizeram fadar esta cidade com as reliquias da sua grandeza — com as solemnes inspirações da sua arte.

Todas as existencias nacionaes quizeram depositar alli um penhor consagrado á posteridade — para dizer que viveram — que amaram essa terra — que morreram gloriosamente defendendo-a.

Roma passou por alli, com a sua aguia vencedora — desdobrando as azas, que cobriam o mundo conhecido; — e o *senatus populus que romanus* atravessou magestoso com os seus consules, e dictadores, com os seus senadores, e tribunos, — uns involvidos nas togas de purpura — outros vestidos d'armas — cravando os estandartes sobre os cadaveres do povo conquistado.

O arabe depois de afogar o sceptro dos gódos nas aguas do *Guadelete* adormeceu tambem alli, aos sons do bandolim do trovador, aos cantos mimosos de odalisca, e com as deliciosas visões do seu paraiso. — Com uma das mãos, destroe, abate, e conquista; com a outra, edifica, repara, civilisa; o alphange invencivel do filho do deserto dorme nas paredes da mesquita, e elle respira com embriaguez o ar embalsamado pelas emanações da sua Africa, e derrama as perolas da sua imaginação nessas creações aerias, e fantásticas que transmittem ás gerações o poema de seus feitos.

Descançou; de guerreiro tornou-se poeta; em vez de cingir o alphange, tangeu o alaúde; mas o gódo ergueu-se armado do seio das Asturias — e depois — correu..... correu..... até lhe pousar o pé no coração, cravar-lhe o montante na garganta, e bradar-lhe na sua lingua barbara: *rende-te!* —

E o arabe resignou-se, curvou a cabeça á fatalidade, e deixou erguer a cruz nas torres das suas mesquitas, e o estandarte das quinas hastear-se nos eirados dos seus castellos.

O barbaro do norte — que balbuciava a custo a oração christã — venceu o arabe — que abandonou chorando a terra da sua adopção — tam formosa, e encantadora era ella!....

Depois Lisboa cresceu, elevou-se, engrandeceu; descobriu mundos, conquistou povos; mas quebrou a espada — queimou as frotas — cuspiu nos seus gloriosos brasões e não quiz dizer: *sou grande!* — Desejou que lhe dissessem: *foste grande!* E quando a espada de D. Sebastião se enterrou tinta de sangue nos areaes de *Alcacer-Quibir*, o anjo da nossa gloria escondeu a face, e voou para o céu!

Parte-se-me o coração quando o meu espirito desce das elevadas regiões do passado para olhar o prosaismo deste vegetar do presente. Este oceano de tradicções desencanta de todas estas mesquinhas rivalidades entre homens que absorvem o existir de uma nação que já sobresahiu ás outras; piloto da Europa, que apontava no firmamento a estrella que devia dirigir a civilisação moderna!

E que seria de Lisboa se não existissem esses monumentos tam mal conservados como estão? — Morreriam talvez os seus feitos na memoria dos seus, como quasi morreram na memoria dos estranhos. Nas outras nações sobrevivem por ventura só tres nomes aos mil nomes gloriosos, que illustraram a Europa moderna — *Vasco da Gama*, *Camões*, e o *marquez de Pombal!* E não é injusto vêr a par dos dois primeiros este ultimo — despota feliz — que soprou apenas as cinzas ainda quentes do incendio que consumiu a nossa gloria?

É muito egoista a memoria dos homens!....

A cidade baixa em Lisboa é prosaica e monotona como tudo o que quer arremedar a grandeza, sem intelligencia para a comprehender. São edificios levantados á voz do ministro omnipotente; achapados, grosseiros, simetricamente enfileirados — sem um contraste consolador. É um deserto de poesia — sem uma lembrança que nos suavise — a não ser a *estatua equestre* — que nos falla d'um grande artista, e do assalvajado jantar descripto na *Mnemosyne lusitana*.

Se não fôras meu amigo — o unico amigo — o unico homem que por mim s'interessa sepultaria no coração um segredo, que talvez decida da minha sorte. — Comtigo, nunca tive segredos.

Vou conduzir-te ao bairro da *mouraria*. E alli que floresce viçosa e pura a rosa das minhas esperanças. Floresce?.... Nas aguas lodosas do charco.

O bairro da *mouraria* é d'origem antiquissima; o nome assim o indica pelo menos. O arco ainda lá existe. Eram seguras construcções as que se faziam n'outros tempos; o camartello teve que fazer com ellas, e mais d'uma picareta cegou a escava-las.

Esses bairros onde os edificios mostram paredes descarnadas, e prestes a cahir, aonde as ruas apresentam lagos negros de lama, e immundicie são os vasos que encerram as fezes das grandes cidades.

Todas as miserias profundas, e sanguinolentas, todos os soffrimentos serios que podem murchar a vida; tudo o que existe de pungente e doloroso nas cidades está alli mostrando-se avidamente aos olhos. Mercado horrivel de pobreza, aonde se mostram as feridas sem disfarce; aonde a fome se revela com todos os seus crueis transidos; aonde a dôr para se destacar do centro de tantas dôres precisa quasi assummir a idealidade dos tormentos do inferno do *Dante*.

Para que uma ferida demore por instantes a compaixão é mister que seja bem funda, porque se verte sangue por muitas feridas. Para que uma lagrima commova o coração d'um homem, cumpre que seja bem ardente, porque se vertem muitas lagrimas.

Alli existe apenas uma especie de realesa — a da miseria. Os espinhos é que tecem a corôa. A civilisação derramou os seus fructos amargos nesse recinto; os saborosos devoram-se n'outra parte.

Se alguem, a não seres tu, lesse esta carta recostado em fôfa poltrona, em estufado *divan*, gosando das commodidades da vida accusar-me-hia d'exaggerado; porque nunca viu a miseria erguer-se no seio da sua vida, porque a não sentiu apertar-lhe o coração com as mãos descarnadas; porque não olhou as faces, e as viu pallidas, e macilentas ao seu sôpro empestado; porque se não encontrou de repente com a cabeça esvaida, o coração ossificado, dominado por esse Protheu, que assume todas as fórmas, que envenena todas as cousas, que nos rasga o véu, que esconde os abysmos do mundo moral!

A *mouraria* póde-se contemplar n'um bello dia de verão sem estremecer. Os raios do sol esclarecem por instantes as paredes negras, e sombrias; fazem sorrir

por instantes estes edificios que semelham cadaveres; porque a decomposição luta com a fórma, como a morte com a vida.

Mas d'inverno em dia tempestuoso o coração comprime-se a nosso despeito: as casas sombrias e silenciosas, os muros que caem a pedaços, parecem saúdar-nos com um bafejo de morte.

Em geral, uma noute d'inverno é feia nas cidades. Gabem-me muito embora uma noute de verão ou de primavera, até de outomno, de lindo luar, ou semeada d'estrellas. Mas uma noute tenebrosa e de chuva, incommoda ainda mesmo em appetitosa carruagem.

Na montanha, ou no mar, isso sim; a tempestade tem os seus attractivos para os homens de tempera rija. Ha poesia na luta dos elementos — nesta imagem d'uma desordem grandiosa. Ao vêr o relampago illuminar — de espaço a espaço — a scena de destruição; ao ouvir o choque tremendo das nuvens, fazendo luzir o raio; ao contemplar a agua despenhar-se impetuosa pelas fragas da montanha, ou o navio jogar em balanço desencontrado, erguendo-se de sobre as ondas, que ora se levantam como montanhas, ora se cavam como abysmo — a alma engrandece-se. Sente-se orgulho no pensamento de que se affronta a morte, e que não palpita mais prestes o coração.

Na cidade é tudo aborrecido. Desde a chuva que nos ensopa até ao ribombar do trovão que nos incommoda. Desde o vento que nos regela os membros até aos clarões do relampago, que nos deixam perceber as ruas alagadas, e quasi intransitaveis.

Levado pelos caprichos da minha organisação delirante, ousára arriscar-me n'uma tarde sombria por esse labyrintho de ruas. Anouteceu, e começou a cair uma chuva penetrante, acompanhada de fortes rajadas, e trovões.

Fiquei perplexo; não sabia aonde acolher-me. Vi uma luz. Encaminhei-me, e entrei n'uma casa terrea que ainda estava aberta. Pedi licença para me abrigar; uma donzella linda m'a concedeu graciosamente.

Sentei-me ao lar, e então tive occasião de observar essa familia, simples e patriarchal na miseria, resignada com a sua sorte, apezar de ser penosa, sabe Deus que muito penosa!

Como podia ter crescido aquella donzella — sem um raio de sol que a alegrasse, sem uma corrente d'ar livre que respirasse á vontade?

E formosa, e linda, a enfeitiçar todos os corações! Se a visses lançar um olhar com aquelles olhos azues, tam limpidos d'innocencia, tam modestos e suaves, ficarias como eu enlevado! — Pobre como eu, orgulhosa como eu, desse orgulho de pobreza que nem todos comprehendem, arrebatada de illusões, como já eu as vi sorrir n'outros tempos!

O anjo isolado no centro desse bairro triste e miseravel não nos dá idéa do diamante engastado na lava negra d'um volcão? Da estrella mostrando-se bella e radiante entre as nuvens carregadas d'um céu sombrio?

Filha d'um capitão veterano, consola-o das magoas, e enxuga-lhe as lagrimas, conforta-o no soffrimento, e quasi que lhe presta a sua vida para viver!

E o capitão? Esse perdeu de todo as esperanças n'um melhor futuro. Sabe apenas que só tem a esperar uns palmos de terra para dormir o somno da eternidade; um padre para lhe recitar um *requiescat in pace*, e uma descarga no seu funeral para escarnecer com o prestigio das vaidades humanas os duros transes da sua existencia na terra.

Que importa á patria que o braço que a defendeu, penda secco e mirrado do tronco? Que lhe vale saber que a alma que s'abrasava nos desejos da sua gloria, se partiu desesperada do mundo? É menos um mesquinho encargo para o thesouro: alguns reaes de mais para alimentar a ignorancia, e a preguiça!

E amo-a a ella — muito! — E não posso offertar-lhe senão o meu vaso de angustia para beber comigo! E a gloria? meu Deus! a gloria? A gloria de gemer — ás vezes com fome — sentindo na cabeça um vulcão, sentindo no peito uma esperança! — A gloria de me vêr no ultimo degráu da escada social, olhando sobranceira a mediocridade? . . . .

. . . .

E todavia, meu amigo — temo-a — temo-a muito! O scepticismo, a experiencia da sociedade, me dizem que estas organisações angelicas ou morrem para a vida, ou nascem para o mal! . . . .

. . . .

LOPES DE MENDONÇA.

ALFREDO DE ARNES

OU

A NOUTE DO DIABO.

O barão de Arnes era casado havia muitos annos com a formosa Clotilde, filha unica do senhor de Bac, tio paterno do barão, sem que durante todo esse tempo lhe fosse possivel ter successão.

Todos os esforços da sciencia, todos os rogos feitos á divindade tinham sido inuteis, e o barão recolheu-se ao seu castello feudal de Arnes da ultima peregrinação feita a S. Thiago de Compostella já quasi sem esperanças de descobrir na terra, ou receber do céu o objecto dos seus mais ardentes desejos.



Ora o barão era um grande caçador de altaneria, e em uma das suas excursões aconteceu que o falcão do seu irmão Henrique venceu manifestamente o do barão. Era crime imperdoavel; Henrique já não podia ser seu successor.

Nestes tempos o diabo fallava a quem o requeria com mais facilidade do que qualquer ministro de estado daquelles *que não fallam a ninguem porque ninguem quer fallar com elles*, como diz um malicioso engenho dos nossos dias, e por encurtar razões o sr. barão de Arnes cansado de importunar o creador, e as creaturas humanas evocou o espirito immundo, e pactuou com elle.

O diabo prometteu tudo, e pediu o pagamento ao praso aliàs pouco agiotico de trinta annos: o barão annuiu, e a sr.ª Clotilde de Arnes nove mezes depois deu á luz um lindo menino, a quem seus paes pozeram o nome de Alfredo.

O barão enlouquecia de gosto, a formosa castellã morria de amores pelo pequeno, que era um modêlo de belleza, e de graça, e até o proprio Henrique, a quem elle viera tirar uma rica successão, não desgostava da creança.

Com tudo isto, e com os cuidados da educação de Alfredo que foi esmerada, e exemplarmente christã, se passaram os annos quasi insensivelmente: Alfredo era já homem feito. Em uma noute em que o barão estava ouvindo ler a seu filho um livro de gentilezas de cavallarias em quanto a boa Clotilde bordava uma tapeçaria, sentiu-se ligeiro tremor nas velhas, mas seguras paredes do castello, e o som de uma bosina, que acordava os echos dos espaçosos salões daquella magnifica habitação.

O barão empallideceu, levantou-se da cadeira de braços em que repousava, e voltando-se para a esposa, e para o filho, disse-lhes:

Preciso de ficar aqui só: subam ao terraço da torre, que eu lá irei ter comvosco.

Clotilde, e Alfredo, olharam para o barão, e um para o outro, e não comprehenderam este desusado mysterio em familia onde nunca os houvera, mas obedeceram.

Subiram ao terraço, mudos, inquietos, e, como que possuidos de um susto, que elles proprios não sabiam explicar.

Foi Clotilde a que primeiro quebrou o silencio.

Alfredo, disse ella aproximando-se da cruz, que se levantava no angulo da torre, que dava para o norte, completam-se hoje trinta annos, desde que uma scena igual a esta se passou no castello, e eu achei consolação junto desta cruz, e depois Deus abençoou a nossa casa, concedendo-nos o beneficio, que ha tanto tempo lhe pediamos: ajoelhemos pois aqui, e oremos ao Senhor por teu pae, que deve estar em tribulação.

Ajoelharam, e mal começavam a oração dominical um estampido horroroso lhes tirou os sentidos, e os fez cahir no chão agarrados á hastea do precioso signal da redempção humana.

Quando volveram a si o castello tinha desapparecido, e no terreno calcinado em que estavam ajoelhados havia apenas a cruz da torre de Arnes, unico resto daquella veneranda habitação, e em torno os habitantes daquella aldêa duvidosos, se era sonho ou realidade tamanho prodigio, e se eram vivos aquelles dois seres com fórmas humanas, que alli viam ajoelhados.

Fóra aquella a noute do diabo, o praso fatal do contracto com o espirito immundo. Pouco depois as portas de um mosteiro se abriram para receber Clotilde, e Alfredo partiu para a terra santa d'onde nunca mais voltou.

NOTICIA

DOS ESCRIPTOS DO CONSELHEIRO

JOSÉ CORREA DA SERRA.

Nas memorias do museu de historia natural impressas em París em 1824 encontramos uma noticia ácêrca da vida, e trabalhos do nosso insigne botanico José Corrêa da Serra, lida na sociedade philomatica de París em 17 de abril do mesmo anno pelo sr. D. Francisco de Almeida, hoje conde de Lavradio, e ministro de estado dos negocios estrangeiros.

Della extrahimos o catalogo dos escriptos daquelle sabio, procurando resumir o juizo a respeito de cada um delles, segundo o exigia o fim para que destinavamos esse trabalho. De todas aquellas obras apenas conhecemos duas, que notámos como destinadas para se estamparem nesta folha, não fallando da primeira deste catalogo, que ahi anda nos ineditos da academia.

Pelo que pertence aos creditos deste escriptor como botanico, basta ler o que a seu respeito confessa Delandalle na sua *Theoria elementar da botanica*, attribuindo-lhe idéas novas, e profundissimas, de que declara haver-se aproveitado. Raras vezes os estrangeiros nos fazem esta justiça.

1.º *Vida do infante D. Duarte: ineditos da historia portugueza comprehendendo os reinados de D. João 1.º, D. Duarte, D. Affonso 5.º, e D. João 2.º*

Estes escriptos foram coordenados por ordem da academia real das sciencias, e por ella publicados.

2.º *On the fructification of the submersed Alge-Philosophical Transactions* 1796, *pag.* 494.

Esta obra tem hoje menor merecimento pelo desenvolvimento do estudo ácêrca das plantas maritimas, mas considerada em relação ao tempo em que foi escripta, é digna de louvor.

3.º *On a submarine forest on the east coast of England. — Philosophical Transactions* 1799, *pag.* 145.

É uma descripção minuciosa das florestas submergidas de Lincolnshire, procurando determinar por uma combinação de raciocinios, e factos, a historia da sua submersão.

4.º *On two genera of plants belonging to the natural family of the Aurantia. — Transactions of Linnean society, vol.* 5.º *pag.* 218.

É uma correcção de um engano de Linneu, e de Koenig na classificação de duas plantas.

5.º *On the Doryanthes a new genus of plants from New-Holland next akin to the Agave. — Transactions of Linnean society, vol.* 6.º *pag.* 218.

É uma pequena memoria ácêrca de uma especialidade botanica.

6.º *Observations sur la famille des orangers, et sur les limites qui la circonscrivent. — Annales du muséum, vol.* 6.º *pag.* 317.

Este trabalho póde servir de modêlo aos botanicos, que tratam das relações das plantas.

7.º *Memoire sur la germination du nelumbo. — Ann. du Mus. vol.* 14.º *pag.* 174.

A questão entre mr. Richard, e mr. Mirbel, ácêrca da classificação do *nelumbo*, deu origem a esta memoria na qual o auctor seguia uma opinião média, e se os botanicos não podem considerar a questão decidida, não deixaram por isso de admirar neste escripto a finura de observação, que era qualidade essencial de todos os trabalhos de José Corrêa da Serra.

8.° *Observations carpologiques.* — *Ann. du Mus. vol.* 8.°, 9.° *e* 10.°

Nesta serie de memorias se encontram os caracteres de um grande numero de fructos, sendo cada uma dellas precedida de considerações geraes de interesse muito subido.

9.° *Mémoire sur la valeur du périsperone, consideré comme caractère d'affinités des plantes.* — *Bulletin de la societé philomatique, vol.* 11.° *pag.* 350.

Este escripto tratando do estado do embrião vegetal desde o primeiro momento da sua creação adopta as idéas de Malpighi.

10.° *De l'état des sciences, et des lettres en Portugal á la fin du dix-huitième siècle.* — *Archives littéraires de l'Europe, vol.* 1.° *pag.* 63.

Esta memoria é dividida em duas partes. Na primeira mostra-se que durante meio seculo depois do renascimento das letras no occidente fomos a par das nações mais illustradas: que decahimos no fim do reinado de D. João 3.°, e as causas, que produziram essa decadencia, e conclue enumerando os beneficios feitos á civilisação pelas creações do tempo de el-rei D. José, dilatando-se mais nas noticias ácerca da universidade de Coimbra.

A segunda parte trata da academia real das sciencias, e ainda da universidade ao tempo em que este trabalho se concluia.

11.° *Sur l'agriculture des arabes en Espagne.* — *Arch. litt., tom.* 2.°, *pag.* 239 e 404.

Para provar a opinião de que nunca a agricultura em Hespanha foi tão florescente como no tempo dos arabes, analisou o auctor nos dois artigos, que compõem esta memoria, uma obra d'agricultura d'Ebra-el-Awan. Contamos fazer traduzi-la e publica-la neste jornal.

12.° *Sur les vrais successeurs des templiers, et sur leur état actuel.* — *Arch. litt., tom.* 7.° *pag.* 273.

Lê-se com curiosidade neste escripto a maneira, que el-rei D. Diniz guardou na abolição dos templarios, e como os fez substituir pelos cavalleiros de Christo. Tencionamos igualmente publica-la.

13.° *Observations and conjectures on the formation and nature of the soil of Kentucky.* — *Transactions of the American philosophical society. Philadelphia* 1811.

O auctor procura provar com uma serie de factos, e de raciocinios, que o terreno da parte de Kentucky, chamada *Elkoin-tract*, é formado por uma camada de vegetaes maritimos deixados alli pelo mar na occasião de se retirar.

14.° *Considerations generales sur l'etat passé et futur de l'Europe.*

A primeira parte foi publicada em um escripto periodico de Philadelphia — *the American review* — caderno de 1812. O auctor não concluiu a segunda parte, da qual appareceu um esboço em um folheto ácerca dos negocios da Russia publicado em 1813 por M. Harper. São dois artigos muito interessantes, e que mostram como elle conhecia bem a situação politica da Europa.

15.° A ultima obra de José Corrêa da Serra de que temos noticia é uma memoria ácerca da identidade ou differença do *rutabaga* ou nabo da Suecia, e da couve da Laponia, composta conjunctamente com mr. Cels.

Poucos homens obtiveram fóra de Portugal honras tão assignaladas como Corrêa da Serra, chegando até a sociedade philomatica de Paris a nomea-lo seu presidente, o que ainda não acontecêra com estrangeiro algum.

BIBLIOGRAFIA.

Jesus Christo ante o seculo, ou novos testemunhos das sciencias a favor do catholicismo — *auctor Roselly de Lorgues* — *traduzido da* 14.ª *edição franceza pelo doutor Manuel Pinto Cotta Coelho de Araujo.*

Este seculo tem-se distinguido pela reacção religiosa. No final do seculo passado era moda ser *espirito forte*, zombar de todas as crenças, e affectar uma incredulidade, que apesar dos protestos escriptos o coração estava a cada passo desmentindo. Hoje felizmente passou a moda, e o homem impio, e despresador do culto religioso é escutado com repugnancia ainda nas sociedades menos asceticas.

Muito, e muito se escreveu naquelle tempo contra os principios religiosos, mas esses livros são hoje pouco lidos, e então mesmo escriptores de grande merecimento lhes responderam com vantagem.

Este seculo começou a reacção a favor da crença, e do evangelho pela filosofia combinada com o sentimento, e após Chateaubriand famoso cabeça deste novo apostolado, appareceram muitos, e valentissimos defensores.

Mas era necessario responder tambem aos argumentos, e mostrar como a religião do Crucificado se combinava maravilhosamente com as verdades de todas as sciencias.

Esta obra de mr. de Lorgues foi escripta com esse pensamento, e as bellezas do estylo, que o traductor soube conservar, não permittem, que uma vez começada se abandone a sua leitura. Comtudo ás vezes o illustre escriptor francez é fogosamente apaixonado, e esse é um escolho a que leva a profunda convicção de que se combate em favor da verdade mas tambem prejudica alguma cousa a propria causa que se defende.

Este livro deve ser lido por todos, e o traductor fez um serviço ao paiz traduzindo-o.

Parece que breve apparecerá traduzida uma obra de mr. Madrolle com o titulo de — *Quadro da degeneração da França, e etc.* — desde já pedimos a todos que a leiam. É uma composição assombrosa, e de uma tal ousadia de idéas, e vigor de critica, que espanta. Nem sempre diz a verdade, mas na propria occasião em que abraça a nuvem por Juno é grande como é sempre o genio até nas suas aberrações.

VARIEDADES.

Associação para a descoberta, acquisição, e destruição dos livros obscenos e immoraes.

Com este titulo acaba de se organisar em Lião de França uma sociedade. Felizmente entre nós não se carece deste meio, porque a venda, e leitura desses livros é pouco vulgar. Já foi moda, mas passou, graças ao innegavel bom senso do povo portuguez.

Espargos monstros.

A rainha de Hespanha recebeu um presente de cincoenta espargos creados na terra de Añover do Téjo, os quaes pesavam quinze arrateis!! Diz o *Espanhol* que estiveram na praça de Aranjuez expostos á admiração do publico.

Gallo-mania em Madrid.

Installou-se na côrte de Hespanha uma especie de assembléa em que se não deve fallar a lingoa hespanhola, e em que até a conta da joia, que paga cada socio é feita em francos!

Asylo dos marinheiros em Liverpool.

Consta que a rainha de Inglaterra acompanhará o principe Alberto na sua jornada a Liverpool. O principe vae alli lançar a primeira pedra no edificio do asylo.

Nova maneira de assignar um camarote.

O intendente de Cadiz era assignante de um camarote no theatro; acabou-se a assignatura; esqueceu-se de a renovar, e o cidadão D. Bento Picardo tomou o camarote: tudo isto é regular, porém o chefe politico mandou pôr o sr. D. Benito no andar da rua, e entregar o camarote ao intendente. O sr. D. Benito recorreu aos tribunaes, que decidiram a seu favor, como era de justiça, e se lhe deu posse judicial do camarote, mas o chefe politico mandou lá a policia desfazer a obra da justiça, e pôr guardas ao camarote para que o sr. Picardo lá não puzesse os pés. Sempre ha cousas neste mundo!!

O duende de Calatayud.

Em casa de um pobre alfaiate se foi acoitar um duende ou lubishomem tão magano, que a certas horas da noite atormenta toda a familia com pancadas nos tabiques, portas, e janellas. É notavel que a auctoridade ainda não pôde descobrir este espirito maligno!

Paixão da familia real de Hespanha pela caça.

Parece que as pessoas reaes de Hespanha, principalmente nos mezes de primavera, se dão com muita frequencia ao exercicio da caça, com especialidade das perdizes, sendo notavel a certeza da pontaria da rainha mãe, que neste ponto póde competir com os melhores atiradores.

Monumento em memoria de Velasques.

Havia muito tempo que varios artistas hespanhoes cuidavam de erigir um monumento ao celebre pintor Velasques, porém ultimamente o distincto pintor D. Frederico Madrazzo, conjunctamente com o architecto D. N. Pascual Colomer conseguiram a realisação de projecto tão louvavel. Para coadjuvar as despeza desta obra o liceu de Madrid cede o producto da venda dos seus catalogos, abrindo-se alli uma subscripção para o mesmo fim. O nosso Camões não mereceria um monumento? Se em vez de viver no seculo 16, e escrever os Lusiadas, fosse contemporaneo nosso, e tivesse escripto titulos azues, verdes, pardos, ou amarellos, ainda valeria a pena!!!

A PARTIDA.

Asil ridente e caro
Dé gconi che passàro
Ti lascio, addio, meu vô,

Cara estancia aonde eu nasci,
Berço meu que me embalaste,
Puro céu que me cobriste,
Doce mãe que me creaste.

Teixo que a sombra me deste
Em dias de sol ardente,
Verdes prados que eu corria,
Que eu saltava alegremente.

Fontinha que tantas vezes
Me mataste a dura sêde,
As brancas pombas que eu tinha,
Que eu caçava em minha rêde.

Gorgeio das avesinhas,
Doce harmonia do céu,
O sino da minha terra,
Lindas margens, Douro meu.

Cara estancia, prados, rio,
Berço, céu, frondoso teixo,
Doce mãe, pombinhas, fonte,
Tudo alfim saudoso eu deixo!

EVARISTO BASTO.

Porto, setembro de 1843.

Trov. n.° 8.

UNS OLHOS.

Ils semblent avoir pris sos feux au diamant.
Théophile Gautier.

Eu não sei a côr que tinham
Uns certos olhos que eu vi,
O que eu sei é que eram lindos,
E que por elles morri!

Negros... negros... bem não eram,
Não tinham da noite a côr;
Como o crepusc'lo da tarde
Fallavam meigos d'amor.

Tambem não eram azues,
Não tinham tintas do céu;
Mas o brilho das estrellas
Não fulgura mais que o seu!...

Ah!... já sei... eram castanhos
Os bellos olhos qu' eu vi...
Quem por elles não morrera,
Como eu por elles morri!!...
6 de fevereiro.

E. BASTO.

Trov. n.° 9.

ENIGMAS PITTORESCOS.

EXPLICAÇÃO DO ULTIMO ENIGMA.

A existencia é um enigma capaz só a morte de decifrar.



SUMMARIO.

LISBOA, 19 DE JUNHO.

Não sabemos como seja possivel cultivar as artes, ou prestrar aos seus productos a attenção que elles merecem, quando as commoções politicas nos cercam por todos os lados, e o espirito se perde no baldado empenho de prever os accidentes, e direcção destes successos extraordinarios a que assistimos.

Com effeito, quem poderá avaliar socegadamente o merecimento litterario da *Madre Silva*, nova composição do sr. Mendes Leal, que subiu á scena no theatro do Rocio, quando ao ouvido lhe murmuram a noticia de uma sedição proxima a rebentar? Quem irá sentar-se na platéa do Gymnasio para vêr representar *Fernando ou o juramento*, e executar o *passo a quatro* das sr.as Maria Luiza, Maria da Gloria, etc., se o bater de uma porta lhe parece um tiro, e a cada movimento das pessoas que o cercam, imagina um tumulto?

Talvez por isto os theatros tem sido pouco frequentados, e nem a novidade do inglez, que fez peloticas hontem no theatro de D. Maria 2.º conseguiu attrahir alli grande concurrencia. Não podêmos dizer, se peloticou bem, ou mal, porque nos pareceu profanação daquella casa tão linda que lá se fosse metter o tal sogeito, e mais dizem-nos, que trabalhou com perfeição, e que foi muito applaudido.

No Salitre tem continuado as representações, e a todos estes divertimentos accrescem agora os Touros, e o Circo de mr. Laribeau, cuja excellencia na escolha, e perfeição dos seus exercicios não carece já dos nossos elogios. Mr. Laribeau voltou do Porto onde mereceu a benevolencia, e applauso de toda a gente.

Nesta semana chegou a noticia do fallecimento de sua santidade Gregorio XVI, que teve logar no 1.º do corrente junho: Donisetti tambem está a despedir-se deste mundo, e o principe Luiz Napoleão sahiu do castello de Ham sem se despedir, deliberando-se a despedaçar por suas proprias mãos uns ferros, que a generosidade dinastica já devia ter quebrado.

Tambem nesta semana chegaram a Lisboa os srs. José Estevão Coelho de Magalhães, conde do Bomfim, e Manuel José Mendes Leite, que estavam emigrados em França desde os acontecimentos de Torres Novas.



A QUINTA DAS LAPAS.

RECORDAÇÕES.

QUANDO a idade chamada da razão, á similhança da aurora dos poetas da arcadia, nos abre as douradas portas do mundo com seus dedos rosados, logo que acaba o primeiro prestigio da illusão, começa o soffrimento. — Esperavamos encontrar só prazeres, e a dôr, como a sombra da felicidade, acompanha de perto os mais ditosos momentos da vida.

As recordações, que formam a historia dos póvos, e alimentam o fogo da vida, são uma necessidade, quando fatigados de olharmos para o futuro precisamos, que as saudosas lembranças dos primeiros annos derramem um balsamo consolador sobre o coração, que padece.

Sem recordações o mundo seria mais horrivel do que o cahos de Ovidio, ou o inferno de Dante; e o homem, que é a parte mais brilhante da creação, nem era digno de ser a obra de Deus.

Da recordação nasce a esperança, e a saudade, como flôres desabrochadas na mesma hastea; e as côres resplandecentes de uma contrastam com as melancholicas, e lugubres côres da outra.

Não tentâmos escrever obra completa ácêrca de tão vasto assumpto, porque se o tentassemos não poderiamos passar além do desejo. — Estas linhas são apenas notas soltas, escriptas para descanço da imaginação, em uma dessas horas da existencia em que o homem se vê a sós com a fé, e com o passado.

Com o titulo modesto de solidão, avulta entre os magestosos monumentos do saber da Allemanha, a obra de Zirmeman, a qual foi admirada pela Europa, e respeitada pela critica. — Os quatro tomos dessa obra são a revelação de uma alma pura, e não um grito desesperado do homem, que depois de se haver perdido no labyrintho da vida vem prégar o viver dos bosques, e das cavernas.

Com o simples titulo de recordações, nos parece que se poderia tambem escrever um livro em que se estudasse a influencia benefica, que a lembrança do passado tem na vida do homem.

Mas em quanto deixâmos a quem tiver talento para tanto o desenvolvimento desta idéa, gozemos o suave prazer de nos recordarmos da parte agradavel da infancia, que passámos na quinta, a que pertence a capella representada na estampa.

O clero, e a aristocracia são duas cousas contra as quaes, nestes ultimos tempos, se tem clamado muito. Dizem que nada ha peor. Não sabemos nem queremos entrar nesta questão; mas o facto é que nessa quinta gosámos uma vida que a nobreza, e o clero nos fizeram encantadora. — O clero foi sempre para nós a abnegação das vaidades do mundo, e a contemplação da misericordia e do poder de Deus, — e a nobreza um titulo honroso concedido á virtude, e ao valor do povo.

Não podemos chamar religioso ao homem desmoralisado, embora o seu corpo profane o borel abençoado; nem nobre ao homem que se torne indigno do respeito da sociedade, embora o seu procedimento envergonhe o mais antigo brasão de um reino.

Respeitâmos muito o povo, e parece-nos que fallâmos a sua linguagem franca, quando tributamos a mais alta consideração ao verdadeiro clero, e á verdadeira nobreza.

Este tributo é desgraçadamente formado de saudades depositadas sobre os tumulos da maior parte das pessoas com quem então vivemos. — Alguns membros das illustres familias dos Lavradios, e Penalvas formavam a escolhida sociedade que ha dezeseis annos se juntou na quinta das Lapas. Ahi, á sombra de arvores seculares, e no recinto santo da capella, vimos a religião animar com as suas suaves inspirações os que hoje descançarão no seio do Eterno, recebendo o premio do seu amor de Deus, e da sua ardente caridade. — Ainda ha pouco que a sepultura se abriu para a primeira marqueza de Alegrete, virtuosa senhora, a quem a nossa rude penna traçaria um funebre elogio, se o sr. marquez de Penalva não tivesse dignamente desempenhado a missão de filho, e de homem, que presa a virtude e a religião, escrevendo em estylo elegante, e animado por um sentimento de verdadeira saudade, a vida da sr.ª marqueza de Alegrete. — Este opusculo offerecido pelo auctor ás illustres irmãs de sua mãe, foi distribuido pelos muitos amigos desta distincta familia.

Das recordações que nos ficaram da deliciosa quinta das Lapas empregámos parte em pagar este mesquinho tributo de gratidão á memoria respeitavel de pessoas que muito nos estimaram; e quanto ao que especialmente diz respeito á quinta, seriamos ousados se alterassemos os apontamentos que o sr. marquez de Penalva teve a bondade de nos remetter a pedido nosso. Bem sabemos que a modestia do nosso nobre amigo se hade offender com esta publicação, porque até nos pediu, que nem em particular mostrassemos esses apontamentos. Mas perdôe ao muito que o estimamos, e a toda a sua familia, esta indiscripção. Os apontamentos a que nos referimos são os seguintes:

«A quinta das Lapas, situada no termo de Torres Vedras, freguezia do Espirito Santo de Monte Redondo, pertence ao marquez de Penalva, como administrador dos morgados da casa de Alegrete, aos quaes está unida esta quinta.

Foi comprada com o dote da sr.ª condessa de Villar Maior D. Marianna de Mendonça, haverá dozentos annos, pouco mais ou menos. — Já nesse tempo era mui notavel e celebrada a grande mata desta quinta; e entre as annosas e respeitaveis arvores que ennobrecem a quinta das Lapas, merece especial menção uma, intitulada as quatro irmãs.

A capella, dedicada a Nossa Senhora do Rosario, foi mandada edificar por Nuno da Silva Telles (de quem se faz honrosa menção na Bibliotheca Lusitana, de Barbosa, tom. 3.º, pag. 506) filho de Fernando Telles da Silva, segundo marquez de Alegrete.

A serenissima princeza D. Maria Francisca Benedicta honrou muitas vezes esta quinta com a sua presença.

Sobre a porta ferrea que dá entrada para a quinta estão dois leões de pedra, com que o sr. rei D. João 5.º mimoseou um dos marquezes de Alegrete.

Os jardins, quinta, e bosque das Lapas, muitas vezes deram motivo aos nossos poetas, e nomeadamente a Nicoláu Tolentino, para que publicassem suas lyras.

A tosca mas devota — e no seu genero elegante — hermitagem de Santa Maria Magdalena, situada no meio do bosque, é uma das cousas notaveis que se admiram nesta quinta. — Sobre a porta da hermitagem está escripta esta breve, mas conceituosa, legenda

In solitudine, religio colitur
Pietate magis quam magnifitentia.

Grande abundancia de agua torna esta quinta duplicadamente agradavel.»

S. J. RIBEIRO DE SÁ.

AS LAGRIMAS.

APRAZ-ME uma alegria pura, gosto de um aspecto risonho, que annuncia uma alma serena, porém um coração terno costuma manifestar-se no pranto. O contentamento ri, porém a suave ternura tem por costume gemer: a mais deliciosa ficção dos poetas foi quando imaginaram a aurora nascente reanimando, e embellecendo a natureza com as lagrimas, que derrama: os prantos de uma formosa mulher são a sua amavel imagem

Parecem suas lagrimas nascentes
Perolas, e cristaes, do sol os raios.

Nunca ha tanta graça na formosa mulher como se uma terna lagrima lhe pende das palpebras: já houve um hespanhol, que achava tanto feitiço na sua quando chorava, que todos os dias lhe dava pancada para ter o gosto de desfructar tão suave espectaculo! Assim transflora estrella brilhante por entre o rocio de placida noute, e o peregrino que vaga solitario pelos desertos volve os olhos satisfeito para aquelle suave esplendor

> De pura, e perlea luz lagrima doce,
> Brilham em ti os raios da virtude
> Puros e claros, brandos e luzentes
> Mais do que a gemma que nas minas brilha.

Os cantos mais bellos dos poetas são aquelles que respiram dôr mais profunda e em que geme a belleza abandonada, e as amarguras do desterro

> Mais doces soam, são melhor ouvidas
> As cordas pelo pranto humedecidas.

O sublime poeta Eduardo Young fez soar as suas magoas, e as suas saudades na sua lyra nocturna, e apesar da tristeza que nelle reina, os seus versos tem mais admiradores que os de Parny que só tratam de objectos alegres, e voluptuosos.

O maior elogio que póde alcançar uma bella musica, uma bella tragedia, são as lagrimas, que ao ouvi-las derramam os corações sensiveis, a mais bella pagina de um livro é aquella sobre que cahe uma lagrima. Quando a vossa penna, (escrevia Elysa Draper ao abbade Raynal) quando a vossa penna fizer borbulhar minhas lagrimas, e soluçar o meu coração, aqui (direi) pranteou o meu Bramine, quando escreveu isto estava comovido o seu coração: oxalá que me alcance o contagio da sua eloquencia, e prantêe sobre a já humida folha.

As lagrimas são a voz do coração, as armas da magoa, e da desventura: a fraqueza, e os prantos compõem a eloquencia toda, e a força da innocencia, e da infancia. Homero esconde as lagrimas no ciston de Venus, como as serêas mais poderosas, e o philtro mais meigo da formosura. As lagrimas foram representadas como mensageiras dos deuses na terra. A maior desgraça do culpado é não poder chorar, a maior dôr de um coração oppresso é ter de reprimir as lagrimas; o grande Racine exprimiu bem esta verdade fazendo dizer a Phedra

> Cumpriu mil vezes refrear meu pranto.

A dôr profunda reconcentra-se na alma, e não implora piedade

> Tacito vou, porque as palavras mortas
> Fariam prantear a gente, e quero
> Que a sós as minhas lagrimas se vertam.

Uma dôr viva, e sem limite, faz seccar o veio do pranto

> Não chorei, não; pedra me fiz por dentro

Diz o misero conde Ugolino encerrado na horrivel torre da fome. Dante é o primeiro, e o maior de todos os poetas no que toca a força da expressão, e ao conhecimento do coração humano: a mais vehemente facundia de um coração afflicto são as lagrimas, e o silencio. Ovidio diz que Lucrecia interrogada pela familia, e obrigada a referir a sua affronta, vae expondo o funesto successo, e quando chega ao fim doloroso, accrescenta o poeta

> Quod potest loquitur; restabant ultima, flevit.
> Conta o que póde, resta o mais, e chora.

As lagrimas são a fonte em que uma alma bella se espalha gratamente, em que brilha o raio da virtude, tu serves de allivio á oppressão do coração, de desafogo á gratidão, ao amor, á pura alegria, e á suave piedade. Todas as suaves paixões, todas as meigas virtudes tem as suas doces lagrimas. A gratidão tem lagrimas bellas, a alegria lagrimas brilhantes, que correm sem violencia, e embellecem aquelles que as derramam; o prazer mais vivo expressa-se com lagrimas, que scintillam como lucidas perolas que brilham aos raios do sol, a dôr que se explica com pranto torna-se sagrada, e adquire mais força; o immortal Camões faz que Venus interceda com lagrimas a favor dos lusitanos

> E mostrando no angelico semblante
> Com riso uma tristeza misturada,
> Como dama que foi do incauto amante
> Em brincos amorosos maltratada,
> Que prantea, e se ri no mesmo instante,
> E se mostra entre alegre, e magoada,
> Desta arte a deusa, a quem nenhuma iguala,
> Mais mimosa que triste ao padre falla.

Por meio do pranto o arrependimento se torna tão bello como a virtude, a pobreza, que não tem mais que dar, dá uma lagrima.

As lagrimas não ficam mal ás almas fortes, e se ás vezes as occultam, é porque tambem ás vezes se occultam cousas que nos podem dar honra. A modestia esconde o merito, a beneficencia os seus dons, quando é delicada: tem as suas formosas lagrimas a nobre consolação, e o desejo excelso das honras. Sobre o cadaver do amigo chorou o mais forte dos gregos; Alexandre, contemplando o tumulo do heroe celebrado pelos cantos de Homero, soltou de seus olhos generosos torrentes de pranto magnanimo; Cezar chorou á vista da cabeça de seu illustre rival, e Scipião sobre as ruinas da inimiga Carthago. Os bardos de Caledonia derramavam canto de magoa sobre a cinza dos extinctos heroes, e entoavam a canção do pranto. Não é a dôr que faz chorar um animo forte; o homem grande (diz Rousseau) não chora se não de ternura, e de admiração, a piedade, e a generosidade são as cordas delicadas, que fazem vibrar o seu coração. Póde vêr com olhos enxutos as suas desventuras, mas chora lembrando-se da sua innocencia, e do premio de que era digno.

Aquelle que lê um poema sublime, que escuta uma musica verdadeiramente inspirada, ou a narração de um rasgo de humanidade, ou de patriotismo heroico, sem que a seus olhos assomem as lagrimas, sem que o coração palpite; que presencea sem indignação, e com indifferença um acto de grande injustiça, ou um crime contra a liberdade: esse homem apenas differe dos brutos na figura, não tem imaginação em seu cerebro, uma faisca de nobreza em seu coração, em suas veias não gira sangue; é lodo, ou menos que lodo, que nellas corre; dura, e não vive, vegeta, e não pensa, e se para alguma cousa serve é só para a vileza, e para o delicto.

Quaes são as lagrimas que fazem maior impressão? Necker escreveu a este respeito cousas cheias de delicadeza, e verdade. Vós sois commovidos (diz elle) os vossos olhos se banham em pranto quando fallaes de vós; quando lêdes as vossas composições; eu não me associarei a este amor tão terno, que mostraes pelos vossos filhos, e pela vossa propria pessoa. Não me interessaes quando choraes de furor, porque está offendido o vosso orgulho, e não podeis satisfazer o vosso resentimento. E vós que choraes como respiraes, que tendes as lagrimas promptas, e aviadas como qualquer creança, ou qualquer mulherinha, para toda a occasião, para todo o instante, com uma arte estudada, com uma fraqueza abjecta,... estou quasi para despresar-vos; desvio a vista de um rosto innundado de lagrimas frias.

Quaes são pois as lagrimas que podem callar em minha alma? São aquellas que escapam involuntarias ao desditoso, e de que elle se envergonharia de fazer uma arte; são as lagrimas compassivas derramadas sobre males alheios; são aquella torrente sagrada que borbulha de accêsos olhos quando o espirito se eleva a Deus na oração, e no arrependimento; são aquelles diluvios fugitivos, que rebentam em silencio de dois bellos olhos para alliviar um coração terno, e não para cicatrisar a ferida; são as vossas lagrimas, venerandos paes, quando trabalhaes por sustê-las no meio do mundo, para não denunciarem a ingratidão de um filho adorado; são as tuas, amavel menino, quando tua propria mãe te maltrata injustamente, quando és castigado sem saber porque, e quando pedes protecção, sem saberes ainda se existe alguma para ti; são as vossas lagrimas, ternas esposas, que nunca teriam corrido sem a notoria infidelidade de um esposo, que era todo o alvo, e objecto dos vossos castos amores; choraes, e elle está longe, não se lembra de vós, e vós não pensaes senão nelle, desappareceram todos os vossos sonhos de felicidade e tudo está mudado em vossa fortuna. São finalmente as lagrimas de cidadão generoso que vê a patria escrava, infeliz, e invadida, e escondido em sua choupana, prantêa, e não póde remedia-la.

«Se vires chorar um homem, não chores, estoico» eis uma dura maxima de Epicuro. Um coração afflicto implora consolo, as lagrimas enxugam-se misturando-se.

> Prantos que a amigos
> Piedade votou,
> Aos peitos infaustos,
> Que a dôr lacerou,
>
> São brandos orvalhos,
> Que o céu derramou,
> No languido calix
> Da flôr, que murchou.

Que restaria ao desgraçado, que não podesse chorar? De quem alcançaria soccorro, se não commovesse com as lagrimas?

> Nossa piedade n'alma os patrocina,
> E para os prantos a balança inclina.

Todos conhecem esta bella passagem de Sterne «o anjo fiscal apresentou no céu a accusação contra o bom homem Tobias, que em uma terna agitação de amizade jurou em nome de amigo não havia de morrer! O anjo registrador lavrou esta accusação no grande livro dos peccados; porém uma piedosa lagrima cahiu dos olhos do Espirito celeste, e apagou tudo que estava escripto.» Para apagar os erros dos homens carecem-se torrentes de sangue, para Deus basta uma só lagrima.

Que ha ahi mais nobre, e commovedor que um coração nobre, e compassivo, que se derrama em lagrimas doces, que enxuga os prantos dolorosos? Eu não amo o fausto da riqueza (dizia Elysa Draper), só a estimo quando derrama o superfluo na cabana do pobre, para ordenar á lagrima, que tremula nas pestanas da desventura, que se transforme em expressão de contentamento, e se debruce por uma face, que principia a sorrir de gratidão. Um excellente poeta inglez, Moore, disse lindissimas cousas a respeito de uma lagrima

> Deitada em leito de neve
> Palida a lua dormia,
> E tinha os ares gelado
> A invernosa estação fria.
>
> Junto do campo dos mortos
> A linda Helena chorava;
> E no seio esse sepulchro
> O seu Lindoro occultava.
>
> Uma lagrima fervente
> Dos olhos seus escapou,
> E gelando-se na quêda,
> Toda a noute alli ficou.
>
> Qual perola de rocio,
> Quando a manhã despontava,
> Aos vivos raios do sol
> Essa lagrima brilhava.
>
> Anjo, que errante passava,
> A joia lucida, e fria
> Da sua esphera de luz
> Por acaso descobria.
>
> Leva a lagrima á piedade
> Deosa de placido olhar,
> Para por melhor ornato
> Ao seu diadema a juntar.

Se os prantos, que se misturam com os prantos são a consolação dos afflictos, são para os corações piedosos um prazer que harmonisa com a virtude, são o desafogo da dôr como o vapôr que desfeito em chuva traz comsigo a serenidade. Homero diz que a tristeza chora sorrindo. O pranto, e o riso assombraram se de encontrar-se juntos no mesmo amavel semblante. Não deve pois admirar que depois dissessem «somos filhos da mesma mãe, e do mesmo pae, a ternura, e o amor. As lagrimas são o ultimo prazer dos infelizes, não se tem perdido tudo quando se póde chorar ainda. *A casa do pranto é melhor que a casa do riso; os que choram serão consolados.*

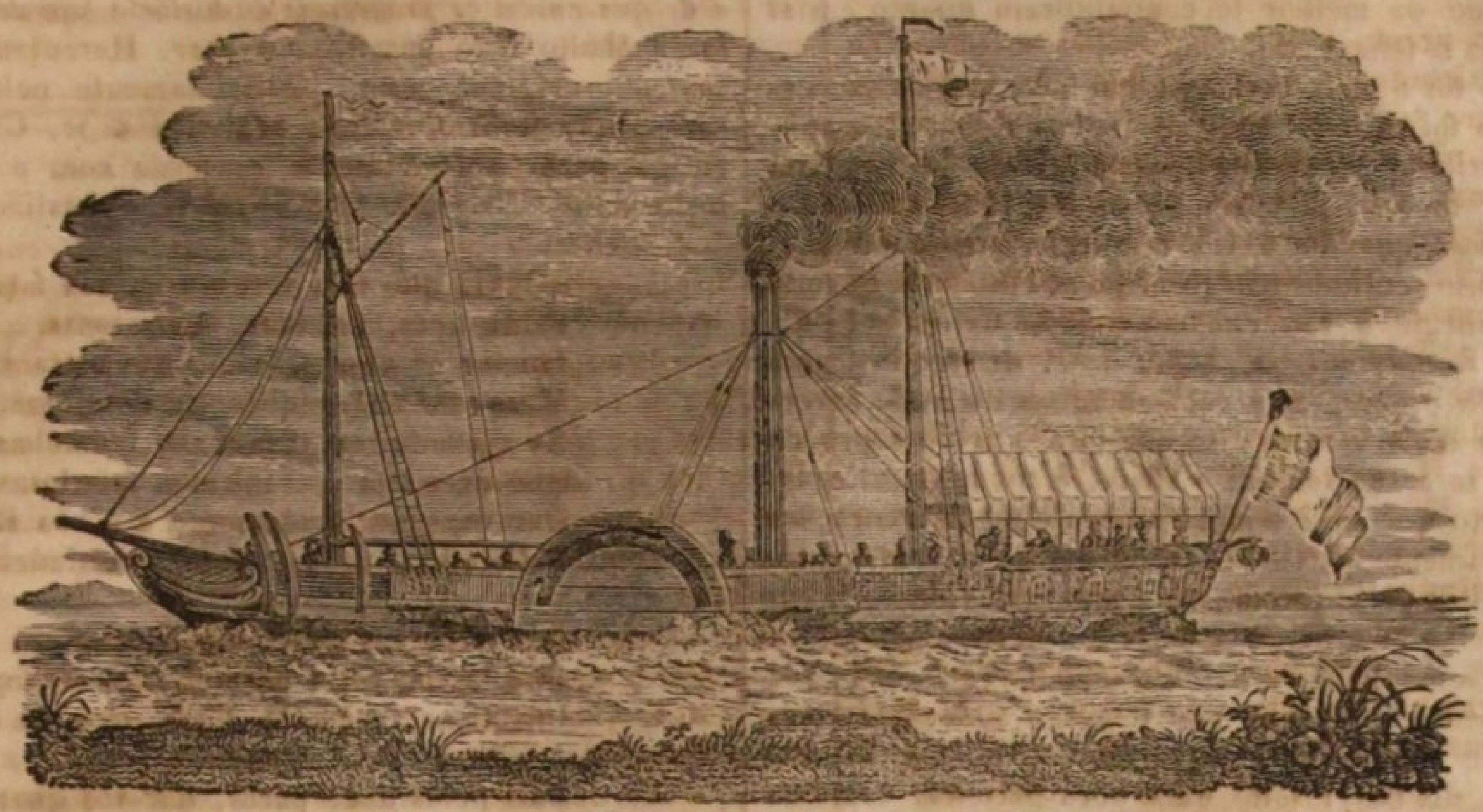
CEDO ACABA O MUNDO.

Lemos ha pouco em um jornal estrangeiro, que o mundo acabava cedo, porque sem isso não seria justificavel a pressa que todos tem em tudo.

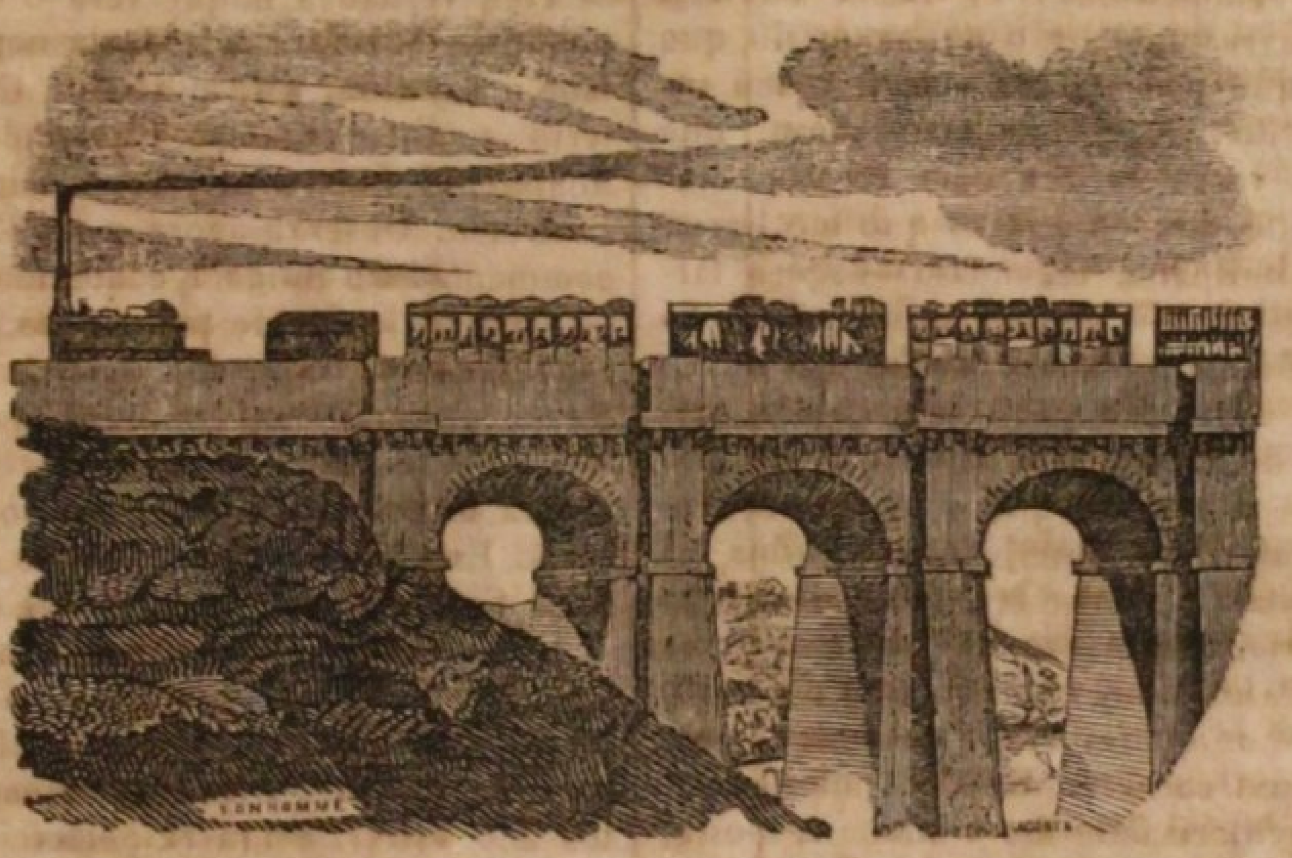
Com effeito a communicação entre os differentes povos pareceu tardia, e demorada pelos meios ordinarios, e appareceram as *diligencias*, e os *omnibus*.



Aqui se quebra um, acolá outro se desmancha, partem-se cabeças, e braços, mas o mundo continúa a correr com avidez. Entretanto isto era apenas meio caminho andado: cumpria harmonisar a rapidez maritima com a celeridade dos caminhos de terra: inventaram-se os vapôres;



no principio pareceu pêta; até Napoleão lhes torceu o nariz: mas a final adoptaram-se; rebentaram uns, arderam outros, alguns deram á costa, porém o desejo de andar de pressa venceu tudo, e a invenção vingou. E pensam que ficámos nisso? Pois não! Voltámos a terra, e sobre carriz de ferro



mandámos de um a outro paiz comboios de gente quasi com a velocidade do pensamento. Ora aqui é que foram pernas, e braços quebrados, gente esmagada, queimada, e estropeada etc., mas o mundo tinha pressa; quem morreu, morreu, e quem não morreu, correu, voou, e nada se oppoz á sua passagem.

E o ar havia ficar por devassar? Isso até era vergonha! Fizeram-se balões



quiz dar-se-lhes direcção, e até cá entre nós appareceu a lume a carruagem aerea, vulgo *passarola*, que o publico conhece por uma estampa da Revista universal, concepção, que tem feito rir meio mundo insensatamente sem se lembrarem, que ella vinha a ser nem mais nem menos, que a realisação daquelle grande pensamento, e imagem do nosso poeta minhoto

Desatar os calções, m..... no mundo.

E esta pressa apparece em tudo. Um bacharel quer saltar dos bancos da universidade para o ministerio: o padre mal acaba de dizer missa nova já quer um bispado, todos nós ainda escrevemos nas escólas o *cursivo*, *bastardo*, e *bastardinho*, e ás vezes nem isso, e já assentámos que nos anda usurpada uma cadeira em S. Bento! D'antes o homem de estado, o bom administrador, o habil financeiro, o homem letrado formavam-se pelo estudo; hoje converteram-se todos em poetas, já nascem promptos, e acabados! Grande quadra é esta em que todos são para tudo! Que mina!

Se não anda nisto a convicção profunda de que o mundo acaba cedo, e que é preciso não perder um minuto, então não sabemos explicar tamanha pressa.

ROBERTO VALENÇA.

ROMANCE.

CAPITULO X.

Esquece a hora do jantar: cuidados da velha; aclara-se o negocio para uns, e escurece para outros; a final janta-se.

O que se passou entre o cirurgião Aniceto, e o conego Caetano Valença dentro do quarto, cuja porta só á terceira pancada, e pela força do nome do menino se abriu para lhe dar entrada, não podemos nós referir aos nossos leitores, porque estes successos eram de tal gravidade, e o sr. conego andava tão alterado, e iracundo, que a propria Quiteria, mulher, e velha como era, mortificou todos os estimulos da curiosidade, e não foi encostar o ouvido á fechadura para escutar aquella conversação, que tão interessante devia de ser!

Entretanto facilmente o póde imaginar quem tiver, como nós, conhecimento tão cabal do caracter do conego, do motivo dos seus pesares, e do objecto, que obrigára o cirurgião a subir as escadas do sr. Caetano Valença.

A extraordinaria natureza destes successos transtornára a tal ponto a regularidade do governo, e direcção da casa do conego, que sendo já noute fechada quando a boa Quiteria annunciou a vinda do cirurgião, ainda nem o conego, nem o criado, nem a pobre velha se tinham recordado de que entre a manhã, e a noute havia todos os dias uma hora, chamada de jantar, que naquella casa não era realmente para se esquecer, e desprezar.

A provecta matrona vendo-se só, e pela ausencia do criado, e incommunicabilidade do conego, um pouco descançada da excitação nervosa, que aquelles successos produziam, começou de ouvir as vozes do estomago, que lhe pedia a tão retardada contribuição do costumado alimento: foi direita á dispensa, e depois de tomar uma tal ou qual refeição, que lhe tornasse supportavel a demora do jantar, que parece levava geitos de se trocar em cêa, entrou de lembrar-se como o sr. conego devia estar debilitado com tantas afflicções, e sem comer nada desde o almoço.

Aquelle pequeno, exclamava a pobre velha, dá cabo de nós! Pois agora o sr. conego a estas horas ainda sem jantar! E coitado, afflicto como elle está! Ora queira Deus, queira Deus, que lhe não dê por ahi alguma cousa! Estava capaz de lh'o ir lembrar....? Mas nada..... nada..... se eu lá ia agora ao quarto..... Deus nos livre! Vou para o salão, e quando o cirurgião sahir, verei se deparo modo de lhe lembrar o jantar! Pobre senhor! E tão bom é para toda a gente; realmente não merecia estes desastres!

E dizendo isto, ou antes murmurando-o limpava os olhos, que a força de antiga amizade humedecia com verdadeiras lagrimas.

A conferencia durou largo espaço: deram 9 horas, deram 10, deram 11, e o sr. Aniceto fechado no quarto do conego, e a velha passeando no salão, chegando ás vezes perto da porta como que a verificar se ainda lá estavam, mas retirando-se logo ao primeiro rumor, que escutava, e sem ouvir nem uma só palavra do que diziam os dois interlocutores.

Com effeito então já não era só a fome, a curiosidade feminil tambem a mortificava de véras, e por muitas vezes proxima da porta, ouvindo o rumor da conversação, mas sem pilhar senão uma ou outra palavra desligada, e sem sentido lhe escapou na linguagem patria aquella tão chistosa exclamação do importuno, e curioso fidalgo da opera Torquato Tasso — *Parlan fra denti. Che bruto vizio!*

Finalmente abriu-se a porta, e o sr. Aniceto sahiu saudando a Quiteria, e dirigindo-se para a escada. A velha aproveitou a occasião, e fingindo responder a outro criado, disse em voz alta: eu vou perguntar ao sr. conego se elle quer que se ponha o jantar na mesa.

Apesar de toda a força do amor paterno, a natureza tinha durante este intervallo cumprido outro dos seus importantes deveres, e o conego talvez mais socegado com a certeza da paragem do menino consentiu em que se pozesse termo áquella maldita abstinencia, que déra tratos á Quiteria, e a todos os outros criados.

A esse tempo voltava o sr. João para casa, cabisbaixo, e desconsolado como quem não trazia a seu amo a mais agradavel noticia, que em taes circumstancias elle julgava poder dar-lhe; e tal era o estado de concentração em que o pobre criado caminhava, que ao voltar o primeiro lanço da escada não viu o cirurgião Aniceto, que descia de fallar com o sr. conego.

Então que é isso, João?

Ó sr. Aniceto, perdoe, que não o via. Se eu trago esta cabeça..... nem eu sei como! Valha-me Deus!

Mas que tem você? Morreu-lhe algum parente, pregaram-lhe algum caurim, ou sahiu-lhe branco o bilhete da loteria?

Nada, nada disso. São cousas cá de casa..... mas diga-me que novidade o traz por aqui?

Pouca cousa: vim dar noticia do seu amiguinho pequeno, que eu pilhei na rua, e que tenho lá em casa sob a vigilancia da minha Custodia! Olhe que é um bom melro!

E dizendo isto olhava para o João com um

certo modo, e deixava perceber um tal sorriso mofador, que o bom do Mercurio nem sabia o que havia responder-lhe.

Vá, vá para cima; seu amo está-o esperando, e desta vez não ganha as alviçaras.

O João sem responder palavra subiu as escadas, e foi dispôr o serviço da mesa do sr. conego sem dar conta da sua missão, para não renovar em seu amo a impressão dolorosa destes acontecimentos.

Ora o João tinha corrido meio Porto para descobrir aquella desastrada creança: de casa da sr.ª Thereza Fagundes sahira a correr quantas praças, e ruas lhe lembraram, foi a casa dos mestres do pequeno, bateu á porta de todas as visitas do sr. conego, mas nada de novo; ninguem lhe dava noticias do nosso heroe.

Veio a noute, e o João não desanimou, porém foram sempre baldados os seus exforços até que desesperado do resultado das suas indagações se fez de volta para casa.

Ao jantar o conego comeu pouco; não disse uma palavra; o João servia-o com os olhos no chão, e a Quiteria espreitava da porta as alterações do semblante de seu amo, e enxugava de vez em quando os olhos, que uma vez pronunciados na estrada da lacrimação não havia estancar-lhe a corrente.

Ao levantar-se da mesa o sr. Caetano Valença voltando-se para o João disse: ámanhã parto para Lisboa; vá preparar tudo, e prepare-se você tambem, que me hade acompanhar; e retirou-se para o quarto dispensando o nosso Mercurio, ou antes prohibindo-o de lhe prestar os costumados serviços.

Esta declaração, a ignorancia do que se passára com o sr. Aniceto, e o desejo de saber o que se faria do menino naquellas circumstancias deixou o nosso Mercurio engolfado em mares de incertezas, e de curiosidade, nos quaes o deixaremos boiar pelo menos até ao capitulo seguinte.

O sr. conego pela sua parte voltou para o salão, onde já alta noute ainda o sentiram passeando, e dando cada suspiro que partia mesmo o coração.

O João affligia-se de vêr o amo em tamanha tribulação, e tão desorientado, que assim partia para Lisboa sem dar providencias a respeito dos mil e um negocios, que o mordomo tinha de offerecer á sua alta consideração! Mas que lhe havia elle fazer, o João? Nada. E foi o que fez. Dormiu a somno solto deixando ao futuro o que de direito lhe pertencia.

O MAGRIÇO.

CARTA 2.ª

Scribendi rectè sapere est et principium, et fons.
Horat. A. Poet.

Na minha primeira carta prometti analysar o artigo do sr. J. M. C., inserto na Revista Universal n.º 47, de 14 de maio proximo passado, em defeza do sr. Palmeirim; não sou homem que falte á minha palavra, e para o provar, sem mais preambulos entrarei na materia.

Queixa-se, e com razão, muita gente sisuda — *de não haver critica nesta nossa boa terra* — como diz o sr. C., e não devêra admirar-se, porque a causa está cifrada e contida no citado preceito de Horacio; e não podêmos admittir que a consciencia se intrometta senão em questões methafisicas, que o havê-la para estas já não é tão pouco, mas para o nosso caso inteiramente inutil.

Disse, e repito que o drama o Magriço fôra *officialmente* approvado e preferido, porque o governo attendeu ao voto unanime das notabilidades escolhidas para decidirem sobre a materia; seus nomes são o seu elogio, nem de outro precisam para serem conhecidos e respeitados por suas habilitações, obras, e longos annos de estudo, como litteratos consummados, e a sua opinião foi ainda sanccionada pelos constantes applausos do publico, juiz o mais imparcial e decisivo, e tão imparcial, que nem poderosas intrigas, nem outra alguma razão, foram bastantes para suplantar o drama. Cumpre-me aqui pagar um tributo de publica gratidão aos actores em geral, e em particular ás principaes partes, que da melhor fé contribuiram quanto em si cabia para o feliz exito.

Se este foi o mais brilhante em nove recitas successivas, não foi menor quando á decima ressuscitou apesar das criticas circumstancias politicas: já o tinham dado por morto: já o sr. Serpa lhe tinha cantado o *de profundis* quando o viu ressurgir igualmente glorioso: muito sentimos não gosar do seu espanto, quando visse ressurgir o seu encommendado defuncto! — *A palmeira seccou, mirrou, sumiu-se...* disse elle transportado de prazer, mas com as aguas de maio reverdesceu, e mais medrára se não fôra o arido sopro da politica; se a sua sombra o abafa, e aos seus collegas, esteja certo que será sempre amena e grata a corações verdadeiramente portuguezes, faceis de desculpar alguns defeitos pelos patrioticos e nunca duvidosos factos que nos recorda e incita a imita-los — appelámos para o amor nacional; é verdade, e appelaremos cada vez mais, e sempre, porque não temos o audacioso amor proprio de confiar no proprio merito, nem a ridicula pertenção de haver feito uma obra perfeita, como os meus criticos tem a de decidirem magistralmente contra o voto geral do publico, e não será isto um insulto ao bom senso?... Muito mais quando não se produz uma só razão, argumentos serios e justificativos que, em vista das regras e preceitos da arte, levem até a evidencia os erros commettidos?... Basta ouvir o sr. C., as suas palavras melhor o debuxam do que todas as côres com que podessemos colorir o seu retrato. «Arrojo inaudito! Attentado monstruoso, que faz tremilicar como varas verdes uma creatura temente a Deus! A elle dou eu graças que me livrou de contribuir para similhante escandalo — agora fallando serio — é um escandalo mesmo muito grande!»

Taes são as concludentes rasões com que o sr. C. justifica o seu amigo dos erros que commetteu na critica que fez ao meu drama; é sem duvida a isto que se chama — *ser peor a emenda que o soneto*, e bem pouco deve o sr. Palmeirim lisonjear-se de uma tal defeza, que sem refutar a minha resposta, ou divaga para o estylo *jocoserio*, ou insiste nos mesmos erros enunciados pelo sr. Palmeirim, que não terá por certo o ridiculo orgulho de os querer ainda sustentar, porque faço justiça ao seu caracter docil e franco, conceito que provei particularisando-lhe a minha resposta, attribuindo os seus erros á sua inexperiencia, sem comtudo lhe dirigir alguns dos epithetos, que só referi áquelles que o mereciam pela descortezia com que me haviam tractado.

Não desvirtuo a consideração que tenho pelo sr. Palmeirim, dizendo-lhe que errára, porque entre o erro e a verdade não é admissivel o podre meio termo da lisonja em questões scientificas e litterarias, e por isso o sr. C. para bem defender o seu amigo, só devia resumir-se a provar-me que eu havia commettido tantos erros, quantos notado o sr. Palmeirim: mas vejamos de que modo o fez.

Senti que o sr. Palmeirim, sem fazer uma affronta a Camões, podesse duvidar do torneio, e ás razões que expendi responde o sr. C. «o facto do torneio é — como se sabe — um facto duvidoso, porque completamente inverosimil.» Dixit magister!... Deste modo começa o sr. C. a sua contestação por uma proposição *completamente* destituida de todas as regras da boa logica, por isso que um facto *completamente* inverosimil não é *duvidoso*, deve necessariamente ser falso, equivale ao *humano capiti, etc.*, a essa chimera tão bem descripta por Horacio; existencia fisicamente impossivel, e só susceptivel de ser concebida pelos sonhos de uma imaginação enferma: já se vê que o sr. C. está em contradicção comsigo mesmo; vejamos se o está com todas as inducções da hermeneutica, com todas as noções historicas, com o espirito da época, e com todas as regras de uma boa critica, e o que lhe provarmos, provado fica para todo o grupo a cuja frente se collocou.

Como já disse, não insisto na veracidade do torneio porque a intenda necessaria ao merito ou demerito do meu drama, bastava qualquer auctoridade, ainda quando não fosse a de Camões, para me eximir desta celebre censura, que só póde ter derivado de um desejo de celebridade; nem eu posso comprehender esta celeuma erguida contra os vôos da poesia, cuja liberdade, com frenetico applauso tão ampla vae por esse mundo; mal podia eu esperar ser mordido por consignar n'um drama o que Camões introduziu n'um dos seus mais bellos episodios; incita-me porém o amor patrio, não para persuadir uma cousa *que o amor da verdade regeita*; mas pela mesma razão contida nas palavras do sr. Herculano, que o sr. C. transcreveu, e que muito lhe agradeço, porque nenhumas podiam vir mais a proposito para meu abono e sua confusão. «*Portugal não precisa attribuir ás gerações antepassadas façanhas que não praticaram, virtudes que não tiveram, porque possuiram outras que eram suas, e de que nunca os progressos da historia hão de esbulha-las.*» Muito bem parafraseou o sr. Herculano o pensamento original, que, justissimamente pela mesma razão, exprimiu Camões: ora oiça o sr. C. como o antigo poeta perfeitamente *concorda* com o moderno historiador, dirigindo-se a el-rei D. Sebastião.

«Ouvi, que não vereis com vãs façanhas
Fantasticas, fingidas, mentirosas,
Louvar os vossos, como nas estranhas,
Musas de engrandecer-se desejosas.
As verdadeiras vossas são tamanhas,
Que excedem as sonhadas fabulosas:
Que excedem Rodamonte e o vão Rugeyro,
E Orlando, inda que fôra verdadeiro.

Por estes vos darei um Nuno fero,
Que fez ao rei e ao reino tal serviço:
Um Egas, e um D. Fuas, que de Homero
A cithara para elles só cobiço.
Pois pelos doze pares, dar-vos quero
Os doze de Inglaterra e o seu Magriço,
Dou-vos tambem aquella illustre Gama
Que para si de Eneas toma a fama.
Cam. C. I. E. 11 e 12.

Tres verdades daqui verá o sr. C.; primeira, que nenhuma novidade nos deu nas palavras do sr. Herculano: segunda, que o atilado Camões tinha tanto criterio como o illustre historiador comtemporaneo, e finalmente que o sr. C. e comp.ª péca pelo defeito contrario. Observe agora o sr. C. o que nos diz o seu commentador, amigo e contemporaneo, Manoel Corrêa — «diz o poeta que pelos doze pares, de que Ariosto *fabulosamente* trata, lhe dará os doze portuguezes que foram a Inglaterra, pedidos a el-rei D. João o primeiro, que então reinava, por umas damas inglezas, contra uns naturaes seus, que soltaram palavras contra ellas. Esta historia trata o nosso poeta no canto sexto.» Lus. Comms. pag. 10, liv. 34 e seg.

Isto, sr. C., é positivo e não condicional, como igualmente lhe provarei que o não é a torcida allegação que nos fez do mesmo M. Corrêa, nem julgue que me atenho a este só patrono para o derrotar, tantos são elles, e tão respeitaveis e decisivos, que me tornam indispensavel uma terceira carta.

A. DE LOUREIRO.

A BRISA.

Pelas folhas de um rosal
Vi uma brisa a sorrir,
Fui-lhe logo as boas novas
Dos meus amores pedir.

Não respondeu; pendurou-se
Sobre o calix de uma rosa,
E desfolhou n'um bafejo
A florinha tão mimosa.

Quedei-me triste; este agoiro
É talvez dos meus amores;
Brisa da morte esfolhou-os,
Como esfolhou estas flôres.

Enganei-me, que eram vivos,
(Oh! antes fossem assim!)
Eram vivos para outrem,
Eram mortos para mim.

24, junho — 1843.

J. F. DE SERPA.

ENIGMAS PITTORESCOS.

EXPLICAÇÃO DO ULTIMO ENIGMA.

De pequenas economias resultam muitas vezes grandes fortunas.



SUMMARIO.

LISBOA, 26 DE JUNHO.

A noute de S. João foi sempre famosa entre nós: noute de regosijo nacional, de innocente folgança para mancebos, e donzellas, e recordada com saudade pelos velhos, que já não podem saltar contentes em torno da indispensavel fogueira, e para quem o tempo tornou inuteis todos os prestigios, e agouros daquella noute.

Com effeito de que serve ao velho que a alcachofra queimada lhe appareça vecejante, e florida? Que importa que a sua mão engelhada, e trémula, descubra no prado o suspirado trevo das quatro folhas? O ovo lançado em um copo, e que foi deixado ao relento da noute para que ao alvorecer do dia represente o emblema dos futuros destinos do homem, que póde revelar ao velho? Uma campa?

Para que hade elle metter debaixo do travesseiro as tres favas, uma com a casca, outra só com metade, e a terceira nua, para que, ao acordar, a primeira a que lançar a mão lhe revele se hade ser rico, de fortuna mediana, ou inteiramente pobre? Se vae de olhos vendados procurar a sua sorte na mesa onde lhe collocaram o lenço, que significa as tristezas do celibato, o livro, e as contas, que revelam a clausura monastica, a terra e cinza que presagiam a morte, e a preciosa chave agourando o casamento e a fortuna, que importa um acaso daquella noute prestigiosa ao homem que os annos curvaram para o tumulo?

Ao mancebo, oh! isso é cousa mui diversa: a esperança doura-lhe formosamente o horisonte, e o coração ainda não reduzido pelas contrariedades do mundo á negra desesperação do scepticismo abraça com ardor, quanto possa aviventar-lhe o fogo da vida que lhe está na alma!

Não ha talvez entre nós festa mais popular, que a do S. João, que para em tudo exercer influencia até dos proprios pedreiros livres é celebrada, e querida.

Neste anno os festejos não desdisseram dos annos anteriores, e por entre a anciedade geral, que estas occasiões de reconstrucção social trazem comsigo, o bom povo portuguez esqueceu todos os seus pesares, todas as suas necessidades, e folgou, dançou, e saltou alegremente atravez dessa multidão de fogueiras, que allumiavam Lisboa.

A politica ficou abafada no culto geral prestado ao Baptista, e apenas iria procurar pelos modos que apontámos o presagio de alguma pasta, ou do suspirado emprego, prestando mesmo neste desejo homenagem ás tradicções desta noute milagrosa.

A noticia official da morte de sua santidade fez fechar os theatros durante os dias de nojo: porém antes disso tivemos occasião de vêr os trabalhos da companhia de m. Laribeau, que cada vez se esmera mais em agradar ao publico lisbonense, e para a seguinte semana esperam-se em S. Carlos algumas representações em que entrará m.me Rocca no *Hernani*. O publico hade fazer justiça a esta excellente artista. Estas representações são em beneficio dos emigrados hespanhoes, quer dizer são em favor de desgraçados, titulo sagrado para os homens de bem, ainda mais para portuguezes, e sacratissimo para quem fôr christão.

O PRINCIPE LUIZ NAPOLEÃO.

A prolongação do captiveiro do principe Luiz Napoleão desagradava geralmente a todas as pessoas, a quem doía vêr pesar sobre um mancebo de tanto merecimento tamanho rigor, fundado em receios dynasticos realmente de pequena importancia.

A noticia da sua soltura, que por vezes se annunciou sob diversas condições, nunca se verificou até que elle proprio procurou pôr termo ao seu captiveiro a despeito da vontade do governo francez.

O motivo nobre, que o determinou, e o modo, que observou na execução desta empreza constam da correspondencia, que publicámos.

Ao editor do Journal de la Somme.

Meu caro m. Degeorge. — O desejo de vêr meu pae ainda uma vez neste mundo, levou-me a tentar a empreza mais arrojada de todas aquellas em que por ventura tomei parte. Exigia ella mais resolução e coragem da minha parte do que me fôra mister em Strasburgo e Bolonhe, por isso que estava determinado a não me sujeitar ao ridiculo em que incorre quem foge disfarçado quando vem a ser pilhado, nem teria sido supe-



rior a um desastre. Eis-aqui as particularidades da minha fuga.

Sabeis que o forte era guardado por 400 homens, dos quaes 60 diariamente eram espalhados em sentinellas no exterior das muralhas. Além disto, a porta principal da prisão estava vigiada por tres chaveiros, dois dos quaes o faziam constantemente. Era por tanto necessario, primeiro, que eu illudisse a sua vigilancia; segundo, atravessar o pateo interior, para onde tem janellas a casa do commandante; e finalmente, devia ser obrigado a passar por uma porta com sentinellas.

Não desejando communicar o meu intento a pessoa alguma, era preciso disfarçar-me. Como alguns dos quartos por mim occupados no edificio se estavam reparando, não era difficil vestir-me de operario. O meu bom e fiel criado, Carlos Thelin, arranjou-me uma *bluse* e um par de tamancos, e, depois de rapado o bigode, puz uma prancha ás costas.

Na segunda-feira, pelas oito horas e meia da manhã, vi entrar os operarios, Carlos deu-lhes de beber, a fim de que, ao passar, eu não encontrasse algum delles; e tratou tambem de distrahir um dos chaveiros em quanto o dr. Conneau entretinha os outros. Não obstante, ainda bem não tinha sahido do meu quarto, quando esbarrei com um dos operarios, que me tomou por algum dos seus companheiros, e no fundo da escada encontrei-me cara a cara com o carcereiro. Felizmente ageitei a prancha de modo que não podesse vêr-se-me o rosto, e consegui chegar até ao pateo: cada vez que tinha de passar por diante d'alguem punha a prancha do mesmo modo.

Ao passar pela primeira sentinella, deixei cahir a prancha, e parei a apanhar os pedaços della. Encontrei então o official de serviço; mas, como estivesse lendo uma carta, não deu fé de mim. Os soldados da guarda pareceram admirados do meu traje, chegando mesmo um tambor a andar de roda como quem queria mirar-me. Encontrei depois alguns operarios, que olhavam para mim com muita attenção. Inclinei a prancha para o rosto, mas tão curiosos me pareceram, que julguei não poder escapar-lhes, até que os ouvi dizer — oh! é Bernardo!

Apenas da parte de fóra, caminhei apressadamente para a estrada de S. Quintino. Carlos, que na vespera tinha alugado uma carruagem, metteu-se dentro della comigo, e chegámos a S. Quintino. Passei pela cidade a pé, depois de deitar fóra a *bluse*. Carlos procurou uma sege de posta, com o pretexto de ir para Cambrai. Chegámos a Valenciennes sem deparar obstaculo, e metti-me no caminho de ferro. Tinha-me prevenido de um passaporte belga, mas em parte nenhuma me perguntaram por elle.

Em quanto fugia, o dr. Conneau (cuja devoção foi sempre constante para comigo) permaneceu na prisão, dando assim logar a crer que eu estava doente, com o fim de dar-me tempo a chegar á fronteira. Era necessario ter-me convencido de que o governo jámais me daria a liberdade para que eu podesse resolver-me a deixar a França, a não querer consentir na minha propria deshonra. Era não menos de minha obrigação fazer todas as diligencias ao meu alcance para poder consolar meu pae na sua velhice.

Adeus meu caro m. Degeorge: ainda que livre sinto-me muito infeliz. Recebei a segurança da minha sincera amizade, e, se tanto poderdes, procurae ser util ao meu benevolo Conneau.

LUIZ NAPOLEÃO.

Ao conde de St. Aulaire, embaixador francez na côrte de Londres.

Londres 29 de maio de 1846.

Sr. conde. — Francamente venho declarar ao homem que foi o amigo de minha mãe, que, deixando a prisão, não fui influido por idéa alguma de renovar contra o governo francez, uma guerra que foi desastrosa para mim, mas unicamente procurei habilitar-me a ir para junto de meu velho pae.

Antes de dar um tal passo, fiz todos os esforços para obter do governo francez licença para ir a Florença, offerecendo-lhe todas as garantias que a minha honra consentia; achando porém infructiferas estas minhas diligencias, determinei-me a recorrer ao ultimo expediente, que o duque de Nemours assim como o duque de Guise adoptaram em similhantes circumstancias no tempo de Henrique IV.

Peço-vos, sr. conde, queiraes informar o governo francez das minhas pacificas intenções; e espero que tão expontanea protestação da minha parte incurtará o captiveiro dos meus amigos que ainda ficaram prêsos.

NAPOLEÃO LUIZ BONAPARTE.

Ao sr. conde de St. Aulaire.

A sua magestade o rei dos francezes.

Senhor. — É com a maior emoção que eu venho pedir a vossa magestade, como um grande favor, a permissão de sahir da França, embora seja por pouco tempo, eu que durante os ultimos cinco annos achei nos ares patrios ampla compensação nos tormentos do captiveiro. Mas meu pae velho e enfermo, carecendo dos cuidados de seu filho, tem recorrido a diversas pessoas conhecidas pela sua devoção a vossa magestade para obter a minha liberdade, e eu tenho por obrigação propria fazer alguma cousa que esteja ao meu alcance para attingir esse objecto.

Havendo o conselho de ministros julgado fóra da sua competencia annuir ao requerimento por mim feito para ir a Florença, obrigando-me a voltar á prisão logo que o governo fizesse constar-me que assim o desejava, venho, senhor, appellar confiadamente para os sentimentos de vossa magestade, e renovar a minha petição, que entrego á vossa alta, e generosa interferencia.

Confio que vossa magestade apreciará devidamente um passo ao qual antecipadamente se liga a minha gratidão; e que, sensivel á situação isolada, em terra estranha, de um homem que merecêra a estima de toda a Europa, quando no throno, accedereis aos desejos de meu pae e meus.

Peço a vossa magestade que aceite a expressão do meu profundo arrependimento.

NAPOLEÃO LUIZ BONAPARTE.

ROBERTO VALENÇA.

ROMANCE.

CAPITULO XI.

Pequeno traço de historia contemporanea no qual se vé como o sr. Caetano Valença se sentia com forças para ser bispo, o porque desse desejo, e o modo que começou de guardar para o conseguir.

Esqueçamo-nos agora por um pouco do cirurgião Aniceto, e do seu interessante prisioneiro, deixemos descançar o João de tão repetidas, e violentas agitações, e instruâmos o amigo leitor dos principaes motivos, que convidavam o conego Valença a partir para a capital destes nossos reinos de Portugal, e Algarves.

Não que esta viagem fosse uma novidade extraordinaria nos habitos do sr. conego, como já tivemos occasião de referir, mas porque naquella conjunctura ao desejo de gosar os prazeres, e divertimentos de uma grande cidade, juntavam-se considerações de interesse particular, que merecem referir-se.

Os acontecimentos, que acabâmos de narrar nos capitulos antecedentes passavam-se na ultima parte do anno de 1823, quando já o sr. D. João 6.º fizera aquella celebre jornada de Villa Franca.

O Porto não tinha querido ficar a dever nada á capital, e arranjára tambem um salvaterio acclamador, que sem despeza de polvora, ou bala, e apenas com algum vivorio, e uma resposta energica ao general restituiu a magestade de el-rei ao gôso dos seus inauferiveis direitos, segundo então se dizia, ficando os realistas muito contentes por não haver constituição, os liberaes confiados na real promessa de que a haveria, e os do meio termo esperando das pessoas, que então dirigiam os negocios do estado, que não fariam constituição, nem deixariam de a fazer, mas que preparariam o caminho para que ella fosse possivel a seu tempo, como mais tarde conheceram todos, e alguns já então mesmo percebiam.

Ora o conde de Amarante, que na provincia de Traz-os-montes gosava uma destas grandes popularidades, que em Portugal se associam facilmente a um nome, e raras vezes, — quasi nunca — a um principio, e que contava entre os officiaes superiores do exercito muitos parentes, e amigos seus de influencia, e de verdadeiro talento, fez o seu pronunciamento solemne, e formando um exercito declarou a guerra ao governo constitucional.

Não nos cabe ser historiador desses successos, basta-nos lembrar, que de Hespanha, aonde se acolhêra, voltou a Lisboa depois da quêda das instituições liberaes, aonde el-rei destribuiu por muitos dos emigrados as *legitimas consequencias*, que são o apanagio destes movimentos, mas que ainda então não tinham aquelle nome.

Todos sabem, que nestas occasiões revolucionarias não são só os que pegam em armas, que fazem grandes serviços, ás vezes o homem que alcança os segredos do inimigo, e os communica, ou que abre o seu cofre generosamente, vale mais que um batalhão de caçadores, ou um esquadrão de cavallaria.

Neste caso, nem mais, nem menos, estava o nosso conego: amigo especial de alguns dos chefes transmontanos avisava-os seguidamente de quantas cousas a sua posição, e relações lhe permittiam saber, e instado a final para lhes alcançar alguns fundos dispendêra com mão larga o seu dinheiro para coadjuvar o movimento realista.

Se o fazia por convicção dos principios monarchicos, se por despeito de vêr um seu antigo conhecido, tirado á humilde cella de religioso benedictino para ser proclamador, bispo, e tudo, — e tudo merecia o tal fradinho, que era vivo, estudioso, e homem de verdadeiro merecimento — se por outras considerações de familia não sabemos nós dizer com segurança, mas a verdade é que o fez, e que chegada esta occasião julgou, e julgou bem, que tambem devia competir-lhe alguma porção daquelle aprazivel orvalho das *legitimas consequencias*.

Conego já elle era, e senhor de avultados cabedaes, mas os creditos do habito de Christo, que lhe ornava a murça, ou a casaca, começavam já a declinar terrivelmente, desde que no Rio de Janeiro se inventou a chuva artificial de condecorações, continuada depois nestes reinos onde os mais rigidos republicanos se deixaram molhar por ella regaladamente, e appareceram todos fidalgos, commendadores, conselheiros etc., e mais não foi nada á vista do que tinha de ser!

Até o meirinho da relação do Porto, e barbeiro dos senhores desembargadores, teve a sua condecoração, é verdade que foi estrangeira, mas era mesmo o habito de Christo pintado, e escripto, e com fita quasi da mesma côr, cousa que deixou pasmada a boa cidade da virgem, e escandalisados todos os que de manto de filó acompanhavam devota, e *frigideiramente* a procissão de *Corpus Christi!*

Á vista disto o nosso conego queria ser..... não queria..... lembrava-lhe ser commendador, mas, verdade verdade, o que elle queria..... — para que havemos estar a disfarça-lo? — era ser bispo, porque apesar dos seus habitos profanos máu fôra fazê-lo conego, dahi para cima tudo, tudo o estava convidando.

E o pequeno? E então não havia bispos com bispas, e pequenos? E elle era algum reprobo, que não merecesse uma tal ou qual indulgencia para tão amaveis defeitos? E depois profano, e gaiato, como era o nosso conego, guardava sempre certa compostura no seu procedimento, que lhe não tolhia inteiramente estas esperanças, que o João alimentava havia muito tempo com quanto lhe fossem desconhecidos os merecimentos politicos do amo: por isso lhe custára tanto a vinda do nosso Roberto para casa de seu respeitavel padrinho!

Entretanto o sr. Caetano Valença não se deixava cegar pela ambição episcopal a ponto, que não visse quantos habitos de commodidade, e da sua vida regalada, e folgasã ia elle trocar por aquella appetecida mitra, baculo, e annel, mas no fim de tudo um bispo sempre era um bispo, o que depois se gosasse ás escondidas, e recatadamente, havia de saber muito melhor, e aquelle espinho do frade bento feito prelado da igreja era um aguilhão incessante no amor proprio do sr. conego.

Pelo que pertencia ao influxo, que a existencia do sr. Roberto seu filho havia de ter neste negocio, não se inquietava o conego com isso, antes mais, e mais desejava o bispado para a prosperidade, e accrescentamentos do seu menino. Não era a primeira vez, que tal cousa se via, nem — esperava elle — seria a ultima.

O attentado do pequeno não destruiu nenhuma destas considerações: o amor paterno perdoava, e acreditava na emenda, e a ambição episcopal descobria no máu caracter do rapaz maior razão para augmentar o valimento do pae, de fórma, que fosse bastante a encobrir, e dourar isso tudo, porque já nesse tempo, como em todos, eram dourados, e disculpaveis os vicios, e torpezas dos grandes, e horriveis, e asquerosas as mais pequenas fraquezas dos desvalidos.

Entretanto o conego, ou porque estes successos o desgostassem profundamente, ou porque desejasse castigar de alguma fórma o filho, ou finalmente porque assim lh'o pedisse a ordem, e methodo do seu plano para alcançar a suspirada mitra, mudou um pouco as disposições da jornada, e preparou-se a partir para Lisboa acompanhado unicamente pelo João.

Se bem o resolveu, melhor o fez, e dando de mão a quantos embaraços de disposições domesticas lhe pôde suscitar o mordomo, subiu á sua carruagem, e pôz-se em marcha para a capital.

Não o seguiremos na jornada: fôra uma dôr de coração contar aqui os saltos, que por aquellas estradas intransitaveis, dava a pobre carruagem, as saudades, que da sua boa cama de cortinado assaltaram o conego na estalagem de Souto-redondo, e na dos padres de Albergaria, já então grandes causticadores, e desafinados rabequistas, e emfim por todo esse caminho até Lisboa onde chegou mais cançado, e moído, do que póde imaginar-se, e dando ao démo o receio dos vapôres, que elle já preferia a tudo, e protestava lá com os seus botões mandar fazer um para seu uso quando fosse bispo, custasse o que custasse.

Não era atrevida a idéa naquelles tempos em que os bispos não andavam por essas ruas em nojentissima sege da praça, onde os vae perseguir, e incommodar o pó levantado pela rica traquitana do agiota, que á custa dos publicos suores se convertêra de humilde *troca tintas* em venerando, e temeroso poder de estado!!

Mas onde ficou o menino, o nosso heroe, o sr. Roberto Valença? Ó senhores, tenham paciencia; não é possivel contar duas historias a um tempo: agora que o sr. conego está em Lisboa descançando dos trabalhos da jornada, e o João horrorisado de que em Pombal lhe levassem seis mil réis por uma gallinha cozida com arrôz, e uns ovos, iremos satisfazer a justa curiosidade do leitor, mas hade ser no capitulo seguinte.

UM PRINCIPE ITALIANO.

Um mancebo de Orleans costumava encontrar-se nos passeios mais publicos de París com um sogeito com quem pela frequencia do trato foi travando amizade.

A reciprocidade das confidencias fez com que o desconhecido lhe revelasse que era um principe italiano, que viajava incognito, e que possuia na peninsula grandes possessões. Pouco depois o mancebo orleanez teve de ir á sua patria onde tinha ajustado um casamento vantajoso: o principe prometteu ir alli encontra-lo, e o mancebo partiu.

Passado algum tempo chegou sua ex.ª, mas a pé, e disfarçado em criado: maravilhou-se o amigo da inexperada mudança, mas muito confidencialmente lhe declarou logo o principe, que tendo favorecido a evasão de prisioneiro de Ham era perseguido activamente pela policia, e que todo o disfarce, e cautella, lhe eram indispensaveis.

O principe gostou de Orleans, gabou o clima, e encantou os habitantes pela sua affabilidade, e até ajustou a compra de uma quinta para alli passar alguns mezes do anno: era um verdadeiro principe cidadão. Desejando pagar ao seu hospede o bom acolhimento que lhe déra em casa do sogro, nomeou-o logo seu mordomo, e ancioso de partir para Hespanha a visitar as suas possessões só esperava que de París lhe chegassem as suas carruagens.

Como se demorassem, resolveu voltar a París, e o amigo que já o tinha vestido, e presenteado ricamente, deu-lhe o dinheiro necessario para a jornada porque sua ex.ª tinha deixado a capital com tanta precipitação que apenas trouxera o dinheiro que tinha no bolso.

Entretanto o diabo, que se mette sempre nestes negocios, suscitou desconfianças ácêrca do principe italiano, e certas maneiras pouco delicadas de sua ex.ª vieram confirmar esta suspeita. A familia correu a casa da auctoridade: o homem ainda não tinha partido.

Prêso, interrogado, e confrontado, teve de descer um pouco da altura a que se elevára, e confessar a sua verdadeira condição que realmente não era muito para se divulgar.

Sua ex.ª era apenas um forçado das gallés!

GREGORIO XVI.

Mauro Capellari nasceu em Beluno, territorio da antiga republica de Veneza, a 18 de setembro de 1765. Professou o instituto dos premostratenses, entre os quaes se distinguiu pelos seus conhecimentos theologicos.

No começo da revolução franceza escreveu uma obra em dois volumes contra as exagerações da incredulidade, e do espirito anti-religioso, que preparado pelos trabalhos dos encyclopedistas, devia procurar a sua propria condemnação nos feitos desatinados daquella temerosa reacção politica.

Não era o tempo accommodado ás discussões pacificas da theologia; o livro foi pouco lido, e quando pela volta de Pio VII a Roma, Mauro Capellari regressou ao mosteiro de S. Gregorio, e foi eleito prior, teve de fazer uma nova edição, dedicada ao imperador da Russia, que apesar de scismatico, dava nesse tempo grande protecção aos catholicos.



Recommendou-o o imperador ao papa Leão XII, o qual o mandou chamar, pediu-lhe a obra, leu-a, e poucos dias depois o humilde prior de S. Gregorio pertencia ao corpo cardinalicio.

Morto o pontifice Pio VIII, e excluido de lhe succeder o cardeal Justiniani pelo *vêto* da coróa de Castella, apresentado pelo cardeal Marco y Catalan em nome d'el-rei d'Hespanha, e desconfiando-se que a respeito do cardeal Albani, que a Austria favorecia, empregaria a França tambem o seu direito d'exclusão, vieram a recahir os votos no cardeal Capellari, em 2 de fevereiro de 1831, tomando logo o nome de Gregorio, em honra do fundador da ordem religiosa em que se creára.

Concorreram poderosamente para este inesperado successo as qualidades pessoaes do eleito, que todos tinham por homem affavel, e inoffensivo, estranho ás intrigas da politica, e pratico dos negocios espirituaes da igreja, na qual no espaço de cinco annos desempenhára como cardeal varios cargos eminentes. A sua avançada idade seria tambem, como acontece quando os partidos se fraccionam muito no conclave, mais uma razão em favor desta escolha.

Gregorio XVI não desmentiu no solio as esperanças do sacro collegio, e durante os quinze annos do seu reinado, por entre circumstancias politicas de extrema difficuldade, soube realisar o principio de que o *p. incipe reina, e não governa*, reservando toda a sua attenção para os negocios espirituaes e theologicos, nos quaes se mostrou sempre consummado doutor.

Foi benigno protector das artes, em favor das quaes continuou as obras de reparação e conservação dos monumentos antigos, começadas por Pio VII, imitando-o e aos seus predecessores Clemente XIII, e Pio VI, no empenho de engrandecer o museu do Vaticano, que pela esmerada collecção dos restos da civilisação etrusca, reunidos por sua ordem em diversos salões, se tornou mais rico; legando á posteridade com o nome de museu Gregoriano a memoria deste pontifice.

As anecdotas contrarias á reputação de Gregorio XVI, a respeito do seu antigo barbeiro, e favorito, Caetano, exigem uma explicação tanto mais cathegorica, quanto a maledicencia as vulgarisou em todo o orbe.

Nos annos da sua pobreza costumava o humilde religioso frei Mauro Capellari fazer a barba em casa deste barbeiro, aonde passava muitas horas de innocente conversação: elevado a cardeal chamou o barbeiro para seu mordômo; eleito papa, levou-o comsigo para o Vaticano, desejando pagar-lhe na occasião da fortuna os serviços, e acolhimento dos tempos da adversidade: pensamento nobre e justo, que as paixões humanas procuraram desvirtuar, e do qual é possivel que alguma vez, a despeito das virtudes do pontifice, abusasse o favorecido.

Falleceu ás nove horas e vinte minutos da manhã do dia 1.º de junho deste anno, depois de curta enfermidade, com oitenta e um annos de idade, e quinze de reinado.

Como pontifice, Gregorio XVI conservou fielmente o deposito da tradicção e da fé: como theologo foi doutor illustrado, e de sã doutrina; como christão e como homem deu provas de mansidão, de caridade, e de benevolencia, porém como principe nem fez o bem que teria podido fazer, nem evitou o mal que outros praticaram em seu nome.

As perseguições politicas ensanguentaram o seu reinado, e Roma obstou com resistencia pertinaz aos melhoramentos administrativos, e progressos materiaes, que o seculo, e as necessidades dos estados italianos sollicitavam; empenho em que a fraqueza politica de Gregorio XVI deu occasião a estranhos desatinos dos que em seu nome governavam.

O MAGRIÇO.

CARTA 3.ª E ULTIMA.

Verum ita risores, ita commendare dicaces,
Conveniet satyros, vertere seria ludo.
Horat. A. P.

Eis-aqui mais um preceito, cuja conveniencia ou conveniencia o sr. C. desconheceu na critica que n defeza do seu amigo me dirigiu, porque a materia n questão não admittia o facetico estylo para que ais de uma vez divagou; mal se póde, porém, se- iir as regras e preceitos da arte, quando fallecem ciocinios e provas convincentes: as que o sr. C. legou, ou são contraproducentes, como já fiz vêr s citadas palavras do sr. Herculano, que muito a oposito vieram para minha defeza, e de Camões, ou o contorcidas, como passarei a mostrar.

Já fiz vêr que o immortal poeta e o moderno historiador, com o mesmo criterio, concordam em que não precisâmos adornar-nos com as pennas do pavão; ora se a batalha de Ourique é deste numero, ou não, é questão assás melindrosa, mui digna de se tractar profundamente; mas que por alheia ao presente assumpto porei de parte, advertindo sómente, que essa pia e gloriosa crença é tão justificada, quanto seria ridiculo para Camões introduzir uma irrisoria quixotada entre as indubitaveis façanhas dos nossos incontestaveis heroes, com detrimento do brioso pundonor inglez; e não só seria ridiculo, mas digno de severa e geral censura querer-nos por força persuadir o facto com as razões com que nos previne, e o confirma no principio e fim da sua relação como se vê das seguintes oitavas

«. . . . .
«Contarei, disse, *sem que me reprehendam*
«*De contar cousa fabulosa, ou nova:*
«E porque os que me ouvirem daqui aprendam
«A fazer feitos grandes de alta prova,
«Dos nascidos direi na nossa terra,
«E estes sejam os doze de Inglaterra.

Grande feito, e para exemplo... por certo, era uma patranha, se toleravel na cabeça de um poeta, nunca neste logar, a custo alheio, e pelo modo com que a queria persuadir por verdade: mas bem certo estava elle de não ser desmentido nessa época em que tanto mais facil o fôra, quanto mais proxima do acontecimento, e que não o salvaria a licença poetica como adiante mostraremos.

No commento desta oitava diz Manoel Corrêa o seguinte: — Determina Veloso contar uma historia de doze portuguezes, os quaes *porque em Inglaterra venceram doze inglezes* se chamaram os doze de Inglaterra. Esta historia ainda que o poeta aqui a tracta de modo que baste para entendimento do livro, todavia para maior claridade farei um breve discurso sobre ella, etc. — Ora este modo positivo não convinha ao sr. C., e por isso não citou este commento, e o mais que segue, e só allegou a reflexão que o mesmo Corrêa fez sobre o ultimo verso da oitava 43, adulterando o periodo com a palavra — alguma — que alli senão lê, e só sim o seguinte: «A differença que ha entre esta relação e os versos de Camões é, que na sua relação se diz, que a briga foi a pé com maças de ferro no principio, e depois com espadas. Luiz de Camões diz que foi a cavallo *mas não temos certeza* por ser cousa sem memoria, em Inglaterra dizem que a ha, e Luiz de Camões faria esta differença para ornato da sua poesia.» Logo a duvida estava no *modo* e não na essencia do facto; e mesmo por esta reflexão mostra M. Corrêa accreditar que o torneio fosse a pé, como de positivo o diz no discurso ou relação em que minuciosamente o descreve, dizendo: foram no dia da batalha vêr as suas damas, e receberam de cada uma seu joel *que traziam nos elmos*, e com elles se foram todos armados *a pé* metter no campo, etc.» Eis o que não viu, ou não quiz vêr o sr. C., e por isso contorce o sentido de M. Corrêa que só duvida da differença entre a sua relação e a de Camões por não *haver memoria*, isto é, não do acontecimento, mas da exacta maneira porque passou; nem a palavra *memoria* aqui é *lembrança*, mas sim documento authentico e legal, que a natureza do facto não comportava, porque não sabemos que, não só de um torneio, mas ainda de maior batalha se mandasse lavrar instrumento com provas testemunhaes, que se depozessem nos archivos, nem a duvida sobre qualquer particular circumstancia de um facto depõe contra a sua existencia, aliàs boa defeza teriam os sebastianistas, porque, apesar de ser em tempos mais luminosos, e perante tantas testemunhas, ainda hoje se ignora que mão feriu, e porque modo acabou D. Sebastião, e nem por isso é menos certa a sua morte *(salvo meliore judicio)*. Não obstante diz M. Corrêa que o duque de Lancastre mandára lavrar memoria do acontecimento, e que em chronicas inglezas se acha consignado temos nós o vivo testemunho de quem lá o viu e leu; nem da sua veracidade os homens versados alli duvidam.

Em todos os commentos que M. Corrêa faz sobre este episodio falla de positivo; sem o contrariar o termo — conta-se — uso antigo, que á maneira dos latinos pelo *refertur*, *traditur*, *dicitur*, começavam as narrações mais certas; e Camões não contente do que já havia dito novamente o confirma na oitava 66, dizendo:

«Gastar palavras em contar estremos
«De golpes feros, cruas estocadas,
«É desses gastadores que sabemos
«Máus do tempo, com *fabulas sonhadas*.

Sobre o que accrescenta M. Corrêa: — Homens que gastam o tempo em escrever fabulas, e fingimentos, dos quaes ha abundancia na terra.» Aqui teriamos, por consequencia, Camões e Corrêa censurando o mesmo que acabavam de praticar!... Ora se isto não é uma verdadeira affronta para o criterio e bom senso destes dois homens, não sabemos o que possa ser; nem a licença poetica de um podia desculpar o outro, ainda quando esta tivesse logar no presente caso, pois que bem sabidas são as obrigações do poeta quando narra, mui differentes das faculdades que a arte lhe permitte quando inventa; e ainda assim, ouçâmos o mesmo Camões nos dois episodios de Adamastor, e da Ilha dos Amores:

«Eu sou aquelle occulto e grande cabo,
«A quem chamais vós outros tormentoso.
C. v. O. 50.

« Que as nynphas do oceano tão formosas,
« Thetis; e a ilha angelica pintada,
« Outra coisa não é, que as deleitosas
« Honras que a vida fazem sublimada.

C. IX. *O.* 89.

Deste modo o melindroso escrupulo do grande poeta nos desfaz a illusão, porque não pareça querer confundir a verdade com o que só era pura invenção; o que o seu amigo melhor elucida, e não cito por não ser prolixo.

(Concluir-se-ha).



MODAS.

Se entre nós os passeios se converteram em logares de discussão politica, que afugentando as damas, e continuando a obriga-las a uma penosa reconcentração domestica, nos priva de podermos admirar a elegancia dos seus vestidos, e as tendencias da moda na capital, lá por fóra, e especialmente em Londres, a inconstancia do tempo deixou em secatura os mais minuciosos registradores dos caprichos elegantes das senhoras inglezas. O — *the world of fashion* — queixa-se de falta de novidade nas modas, agourando todavia grandes cousas para o mez seguinte.

Daquelle jornal fizemos copiar os figurinos que apresentâmos hoje, e que nos pareceram mais originaes e graciosos.

Vestido de sêda côr de canna: sobre este um vestido de caça ou bareje branca; a saia com tres bainhas largas, guarnecidas por uma renda estreita: corpo afogado, liso nos hombros, e só franzido na cintura: uma renda na gola; mangas lisas abaixo do cotovêlo, e por dentro outras de caça em rufos, e intermeios até ao punho. *Capote* de escomilha côr de rosa, guarnecida a aba por fóra com renda ou rufos de *tulle* branca; de espaço em espaço, pela cópa, fitas côr de rosa e brancas.

Vestido de sêda forte azul; corpo meio afogado, não fechado de todo pela frente; tres alamares de requife, e botões de ouro; um pequeno cabeção redondo, bordado a requife: manga justa, aberta um pouco em baixo com tres alamares, e botões de ouro iguaes aos do corpo: cintura comprida, com a fórma de jaqueta em redondo, igualmente bordada em volta de requife, bem como a frente da saia em fórma de avental; manta de renda branca forrada de côr de palha. Chapéu de sêda de-cordão, ou *moirè* branco, de fórma pequena, com um *espric* ou pluma branca; fitas brancas; pelo interior da aba liso.

Os vestidos mais em uso são de sêda forte, em riscas, com folhos, ou bicos; as mangas e corpos lisos. Para *negligé* são de caça ou bareje bordados, com os corpos afogados; mangas lisas.

São muito usadas as *mantelots*, e *vizites* de sêda, ou fazendas transparentes, mas forradas, e não menos proferidas as de *moirè* branco, bordadas a requife. É immensa a variedade nos chales de caça bordados, e de renda branca ou preta, o que merece a geral preferencia, pela elegancia e simplicidade. No chapéu ha bastante variedade, sendo muito elegantes os de palha de arroz. São de ordinario com véus de renda prêsos por um simples ramo de fructos, ou folhagem, assim como outros só com uma rosêta de fita. Os chapéus usam-se franzidos, de escomilha côr de palha, côr de rosa, ou branca, com flôres, ou renda.

A respeito de modas para homens não temos cousa notavel para referir, parece que o vestido de *guarda nacional* será o mais favorito nos mezes seguintes. Já vimos um figurino francez, que consiste em sobrecasaca azul escura com dragonas e gola escarlates, e barretina direita: não sabemos o que se adoptará para a nossa.

A ALCACHOFRA.

AO MEU AMIGO MACEDO.

O que diz esta alcachofra
Queimada por intenção,
Da bella por quem suspiras
Em noite de San'João?

Bem queimada e requeimada
Cá por ti a queimei eu;
Oxalá que nos rebentos
Me revele o fado teu.

Alcachofra reverdece,
Cobra de novo vigor;
Vem ao menos por descuido
Ser mensageira de amor.

E queimei uma alcachofra
Só por tua intercessão;
As alcachofras não mentem
Em noite de San'João.

Tenho fé nesta fogueira
Accêsa por minha mão,
Com fadigas e trabalhos
Em honra de San'João.

Ahi vae essa alcachofra
No teu fogo arder... arder...
Antes que murche de todo
Que não chegue eu tal a vêr.

Que esta alcachofra que arde
Deve servir de signal,
Se um coração de donzella
Póde, ou não, ser desleal.

Tenho fé nesta fogueira
Accêsa por minha mão,
Que fallará a verdade
Em honra de San'João.

Não me deixeis mentiroso
Nesta minha devoção;
Dizei-me toda a verdade
San'João, meu San'João.

É consulta que vos faço
Por outrem... que não por mim.
Far-vos-hei uma fogueira
Toda de pés de alecrim.

Se esta alcachofra queimada
Inda chegar a brotar;
Pois é certo que a donzella
Póde inda chegar a amar.

Ahi vae essa alcachofra
De um amigo em devoção;
Fallae-me toda a verdade
San'João, meu San'João.

O que disse a alcachofra
Queimada por intenção,
Da bella por quem suspiras
Em noite de San'João?!

Oh! dizer-t'o eu não quizera
Que triste nova te dou.
Ao nascer do sol brilhante
A alcachofra murchou...

E ficou tam requeimada
Como eu não podia crer,
Que o amor de uma donzella
Assim podesse morrer.

Mas não creias na consulta;
Foi feita do coração
Mas os Santos tambem mentem
Em honra de San'João.

San'João de 1845.

L. A. PALMEIRIM.

ENIGMAS PITTORESCOS.

EXPLICAÇÃO DO ULTIMO ENIGMA.

Dos prêsos a grande pena é o remorso.



☞ *O escriptorio deste jornal transfere-se desde o 1.° de julho para a rua da emenda n.° 34.*

A ILLUSTRAÇÃO.

JORNAL UNIVERSAL.



Cada anno da publicação d'este jornal será dividido em 12 n.os mensaes, distribuidos porém ás folhas semanalmente.
ASSIGNATURA: Um anno, 1$440 r.s — Semestre, 720 r.s — Trimestre, 360 r.s — Folha avulsa 30 r.s

N.º 4 — VOL. II — JULHO, 1846.

ESCRIPTORIO, RUA DA EMENDA N.º 34.

As assignaturas só se recebem no Escriptorio da ILLUSTRAÇÃO. A correspondencia — *franca* — ao Redactor da ILLUSTRAÇÃO. Vende-se: r. Augusta, n.º 1 — do Oiro, 113 — do Arsenal, 30 — Largo de S. Roque, 24 — da Esperança, 180 — e em Alcantara.

SUMMARIO.

LISBOA, 3 DE JULHO.

TEMOS a deplorar um acontecimento funesto, que nos roubou um dos nossos caracteres litterarios mais eminentes. O sr. Silvestre Pinheiro Ferreira deu-se á sepultura hontem no cemiterio dos Prazeres. Honrou a sua patria como ministro, como deputado, e como homem de letras, foi exemplar na sua vida domestica, e morreu como verdadeiro christão. Amava com affecto de filho carinhoso esta terra portugueza, que por vezes o tratou senão com desamor, seguramente com immerecida indifferença de madrasta; desde os seus primeiros annos nunca perdeu de vista os interesses e melhoramentos de Portugal, e morreu pobre no paiz que enriquecêra com tão numerosos e esclarecidos trabalhos.

Durante a sua residencia em França escreveu as obras de direito publico, acolhidas com favor em todo o mundo conhecido; o povo concedeu-lhe mais do que uma vez a honra de o nomear seu representante: governo não o houve entre nós que lhe desse um pequeno signal de agradecimento e de veneração!

Hontem mesmo, ao passo que o sr. conde de Lavradio derramava sobre a sepultura do nosso publicista as lagrimas mais honrosas, que tem vertido olhos portuguezes, e que o sr. José Jorge de Loureiro assistia ao enterramento, negavam-se-lhe, ou antes — que não queremos crer fosse de proposito — não se lhe tributavam as honras militares, que lhe eram concedidas por lei!!!

Havemos indagar melhor este negocio, e seremos desabridamente severos contra o barbaro ou barbaros, que deram occasião a que alguem attribuisse á nação portugueza este acto de menos preço. Por vergonha nossa ouvimos a estrangeiros castigar com severidade este escandaloso procedimento.

Recebemos varias obras, das quaes iremos fallando nas folhas seguintes. O artigo ácêrca dos templarios é de José Corrêa da Serra; fizemos traduzi-lo, como haviamos promettido, dos Archivos litterarios da Europa, periodico parisiense de 1805.

O DUQUE DE PALMELLA.

Meu querido filho, escrevia o duque de Palmella na carta que precede o primeiro volume dos seus discursos parlamentares. *Entre as grandes, e notaveis épocas, não só da nossa historia portugueza, mas tambem da historia de todas as nações, poucas haverá, que excitem no futuro um mais vivo interesse do que o periodo que abrange os ultimos dez annos do seculo passado, e os quarenta primeiros do presente. É esta a época em que eu tenho vivido, e quiz a sorte que me achasse envolvido quasi sempre activamente nas agitações politicas da nossa patria, concorrendo as missões diplomaticas que desempenhei para que eu presenceasse os acontecimentos prodigiosos, de que a Europa foi theatro neste meio seculo,*



Duque de Palmella

e para habilitar-me a conhecer pessoalmente as principaes personagens que nelle figuraram.

Destas poucas palavras deduzem-se facilmente os motivos que nos obrigaram a renunciar por agora ao desejo de acompanhar o retrato do duque de Palmella de uma noticia biografica segundo o estylo deste jornal. Não queriamos, nem deviamos aproveitar inteiramente a que appareceu no Universo pittoresco, e não nos foi possivel preparar outro trabalho tão completo como desejavamos, e as circumstancias, e o caracter da pessoa nos estavam exigindo.

As acções do duque de Palmella prendem com grandes feitos deste paiz, e com importantes acontecimentos dos estranhos; pertender narra-las ao correr da penna, e fazer rapidamente a apreciação sincera e desapaixonada de cada uma dellas seria temeridade, e occasião de muitos erros, mais nocivos agora que o duque está presidindo aos destinos de Portugal. Entretanto esperámos poder fazê-lo brevemente, com verdade, e lisura, sem affeição, que não seja honesta, sem odio para que não temos fundamento, e impondo inteiro silencio a quaesquer paixões politicas, de que este jornal não póde nunca ser orgão.

O duque de Palmella como diplomatico, como politico, como orador, e como litterato pertence de direito á galleria dos contemporaneos notaveis, e nesta ultima quadra de turbulencias civís adquiriu grandes direitos á estima dos seus concidadãos pela honrosa deliberação com que sacrificou á causa publica o socego de uma vida cercada de commodidades, e de grandeza.

Ao duque sobejam honras, e do tempo em que se não barateavam, a sua casa é a primeira do paiz em cabedaes, a sua familia cada vez mais florescente e numerosa cerca-o de amor, e de respeito, o povo ama-o como poderoso bemfeitor, a rainha deve em grande parte aos seus esforços o throno em que está sentada, que podia elle pois ambicionar? Uma occasião de empregar todo o poder, de que estas circumstancias o investem, em favor da sua patria? Essa occasião solemne, e veneranda, rodeada de perigos, e de combates, chegou com os ultimos acontecimentos que abalaram tão vivamente a sociedade portugueza, e o duque soube comprehender a importancia dos successos, e a necessidade da sua interferencia. — A historia avaliará um dia o modo com que se houve em tão grave conjunctura.

ROBERTO VALENÇA.

ROMANCE.

CAPITULO XII.

De como o sr. Roberto Valença esteve em carcere privado, e dahi se embarcou para Lisboa em um hiate.

O cirurgião Aniceto era, como já dissemos, agiota, mas em pontos de moralidade a sua consciencia fôra sempre rigidamente severa: soccorria com o seu dinheiro as pessoas necessitadas — sabe Deus se ás vezes com bem poucas probabilidades de o tornar a haver tão cedo — e nunca levou de juro mais de 4 a 5 por cento ao mez, e pago adiantado, para não andar a affligir os devedores, cousa que repugnava inteiramente com a natural bondade do seu coração.

Para que o não censurassem de que contra o preceito do evangelho mostrava a mão com que soccorria os desgraçados, fazia todos esses contractos por intermedio daquelle negociante do passeio dos Loios, com quem o fomos encontrar conversando; raro exemplo de abnegação, e do desprêzo de popularidade!

Ainda não houve até hoje homem mais tolerante sobre a terra: o pae, que arruinára a fortuna dos filhos, o mancebo, que jogára parte da legitima, o proprietario que por desleixo deixou deteriorar as suas fazendas, todos achavam nelle um protector, e sem uma unica reprehensão!

A quantas razões cada um allegava para desculpar o atrazo dos seus negocios, ora com os máus tempos que corriam, ora com as muitas despezas daquelle anno, etc., respondia sempre o sr. Aniceto: pois não: essa é boa, diga-m'o a mim; bem sei tambem o que por cá vae; e a todos desviava de si muito contentes, accrescentando: eu sou um pobre cirurgião, que não tenho meios para fazer essas transacções, porém conheço um negociante meu amigo a quem escreverei duas linhas em seu favor, e não deixará de ser servido.

Ora ahi é que eram as durezas; o negociante fazia ouvidos de mercador ás mais lindas palinodias, e ás vezes não havia meio de lhe sacar vintem, porque dizia elle que não o tinha; porém se apparecia ouro, ou prata, então havia um terceiro, que talvez se prestasse a dar alguma cousa sobre estes objectos descontada a terça parte do seu valor real!

Mas toda esta caridade e tolerancia desapparecia perante o mais pequeno attentado contra a propriedade, e a raiva do cirurgião contra os ladrões era arreigada, e profunda; neste ponto, e para taes crimes todos os castigos eram pequenos, e a sociedade estava ainda muito longe da perfectibilidade, a que elle julgava deviamos chegar nesta parte do direito criminal.

Á vista desta rigorosa moralidade explica-se facilmente a razão pela qual o cirurgião entrou em casa de catadura tão severa, e fechou á chave o nosso heroe o sr. Roberto Valença, como já referimos.

No dia seguinte continuou ainda a reclusão do rapaz, e assim por muitos dias, sem que o sr. Aniceto lhe fosse fallar, sendo a velha ama quem a horas certas lhe levava a comida. O pequeno chorava, affligia-se, ralhava com a velha, depois pedia-lhe que o soltasse, perguntava-lhe o porque daquella rigorosa prisão, mas era trabalho perdido: a velha poderia ter sido carcereira no tempo da inquisição: não havia arrancar-lhe palavra.

Um dia pela manhã, quando o nosso Roberto Valença esperava com impaciencia o costumado almoço, abriu-se a porta do improvisado carcere privado, onde contra as mais claras disposições da ordenação do reino o tinham clausurado, e appareceu-lhe o cirurgião de rosto severo, e grave.

Menino, prepare-se para me acompanhar.

Pouco depois sahiram de casa, desceram a calçada do Corpo da guarda, passaram na rua das Flôres, do largo de S. Domingos desceram a S. Chrispim, admiravel patrono dos çapateiros, e pela rua das Congostas foram dar á rua nova dos inglezes d'onde sahiram para o postigo dos Banhos. Embarcaram alli, e o barco vogou para um pequeno hiate, que estava ancorado defronte de Santo Antonio do Valle de Piedade, onde os bons frades capuchos tinham uma quinta, que só nós, barbaros de casaca, eramos capazes de destruir.

Chegados alli subiram ao navio, e veio o mestre recebe-los; o cirurgião apartou-se com elle para o lado de ré, e disse-lhe poucas palavras ao ouvido: o mestre olhou para o pequeno que tinha ficado absorvido no exame de todas as partes daquella casa maritima, na qual tudo era novo para elle, e arregalou os olhos com uma expressão que só não perceberia, quem não tivesse lido com attenção os capitulos desta historia. Conversaram pouco; o mestre veio ter com o pequeno, e conduziu-o para a camara, e o cirurgião desceu ao barco, e voltou para a cidade da Virgem.

O nosso Valença estava pasmado de tudo quanto via, e com quanto conhecesse que os seus feitos generosos tinham dado causa áquelle novo systema de vida, que lhe impunham, ralava-se de não poder decifrar onde iria dar comsigo este negocio.

O mestre destinou-lhe um logar para dormir, e deu-lhe liberdade de passear por todo o navio, liberdade que, como será facil acreditar, o nosso heroe aproveitou largamente, não sem um tal ou qual receio de tudo, e de todos, e não menor pasmo e admiração daquella singular habitação. Ora é necessario advertir, que o mestre, ao marcar as condições do viver do sr. Roberto Valença, em quanto fosse seu hospede, não se esqueceu de accrescentar: — menino, quem se conduz bem nesta casa tem cumprido o seu dever, e quem se conduz mal tem o castigo certissimo.

O pequeno não comprehenderia bem este laconico modo de exprimir, porém pouco depois o castigo infligido a um rapaz do serviço do navio devia tirar-lhe todas as dúvidas ácerca da verdade com que fallava o mestre do hiate. Grandes teriam sido por certo os poderes dados pelo conego ao cirurgião Aniceto, para que já delegados em terceira pessoa ainda a sua manifestação fosse tão dura e severa!

O hiate levantou ferro logo no dia seguinte; e sahiu aquelle perigoso e estreito caminho maritimo, que tem o nome de barra do Porto, deixando á direita a pittoresca povoação de S. João da Foz, com a pequena torre da Cantareira, e o seu competente castello, e mais affastado o farol da Luz, e á esquerda a ponta do Cabedello, sitios que todos então conheciam pela agradavel reunião de familias portuenses e provincianas, que todos os annos alli concorrem a tomar o saudavel remedio dos banhos do mar, e onde mais tarde a guerra civil andou brava e destemida, a arrazar, e a queimar casas, e a fazer muitas outras das suas costumadas gentilezas.

O hiate sahiu a barra, e tomou para o sul, com um mar tão sereno e manso, como Deus dava aos deputados da passada maioria, que parece até com os elementos podiam, para que se applacassem, e mansamente os conduzissem a salvar a patria!

TORRES-VEDRAS.

A distancia de sete leguas de Lisboa, duas do oceano, e cinco do Téjo, está assentada a muito notavel villa de Torres-Vedras, em uma planicie a que fica superior o castello, e a parte da villa que se extende pelo monte, e banhada ao norte, na direcção de nascente ao poente, pelo rio Sizandro, o qual tira o seu nome de uma fonte por cima do logar da Sapataria, e é cortado pelas tres pontes do *rei*, da *mentira*, e de *S. Miguel*.

Aqui prégaria agora um estafador de chronicas, e velhos alfarrabios uma furiosa massada ao leitor só a respeito do nome de Torres-Vedras, explicando-lhe muito cathegoricamente como os barbaros lhe deram o de *Turres Veteres*, e querendo com Bluteau, Baudrand, Abrahão Hortelio, e os encyclopedistas, que seja Torres Vedras a antiga *Arandis*, ou seguindo a opinião do padre Luiz Cardoso, que dá este nome á villa das Alcaçovas no Alemtéjo, ou concordando com Gaspar Barreiros, que o attribue a Arrayolos. Não nos cançaremos com essas questões, de que aliàs conhecemos respeitosamente a importancia.

Pois é uma boa terra Torres-Vedras: saudavel, arejada dos ventos, com um horisonte de meia legua, que já é um horisonte muito decente, e com outras muitas cousas boas, que iremos dizendo como pudermos.

Começaremos pela fundação, porque em fim é a ordem natural das cousas, mas pela fundação de Torres-Vedras, e não pela creação do mundo, como faziam antigamente alguns historiadores. Já lemos uma historia de Hespanha da qual — se bem nos recordâmos — começava o primeiro capitulo por explicar como em seis dias creára Deus o céu, e a terra! Exemplar testemunho da inaudita paciencia *escrevinhadora e leitora* dos nossos avoengos! Ora a respeito da fundação de Torres-Vedras não assentaram os eruditos ainda cousa certa, e nem ao menos nomearam commissão para lhe verificar a data. Por lá estão umas lapides na quinta chamada da Rainha, na Carvoeira, boas para quebrar a cabeça a quem gostar de advinhar charadas, monumentos nos quaes até já houve quem descobrisse memoria da existencia de um convento, que nunca se edificou!

É certo que se julga ter sido conquistada em 1148, recebendo foral do sr. rei D. Affonso 3.º, dado em Evora a 15 de agosto da era 1228, e reformado pelo sr. D. Manuel em Santarem no 1.º de junho de 1510.

Foi cercada, segundo pediam os tempos, com muralhas fortes, e defensaveis, das quaes mal se descobrem hoje vestigios, mas de que ainda existia parte quando por alvará de 13 de julho de 1641 se mandou demolir para fazer uma praça.

El-rei D. João 1.º teve occasião de experimentar que sem artilheria não era empresa facil tomar o castello de Torres-Vedras: tem uma só porta, e dentro tinha casa para o alcaide mór, que se conservou até ao terremoto de 1755, e um caminho subterraneo para o rio.

Mas não fica o caso aqui: tambem teve paços reaes no bairro de Carcavellos, proximo do castello, mandados fazer por D. Beatriz, mulher de D. Affonso 3.º, que se conservaram até ao seculo 16.º; depois fizeram-se outros, dos quaes diz um illustre escriptor, que estavam no logar onde são hoje — ou eram quando elle escrevia — os açougues publicos.

Em 1557 começou a ter juiz de fóra com successão permanente, foi cabeça de comarca em 1533, e tinha assento em côrtes no banco 7.º n.º 65, chegando pelo decurso do tempo á rara felicidade de ter capitão mór com dezeseis companhias, regimento de milicias, superintendente das caudelarias, e guarda mór da saude para os portos da costa, e um especial para o porto da Escada na foz do Sizandro, que pelo modo antigo é natural esfollassem aquelle pobre povo, como o esfollam hoje, mas á moderna.

Os nossos reis tiveram sempre especial affeição a Torres-Vedras; muitos delles alli foram e se demoraram; D. João 1.º chamou alli o concelho ácerca da jornada de Ceuta; na minoridade do sr. rei D. Affonso 3.º celebraram-se em Torres-Vedras umas côrtes, cujo espirito constitucional ainda hoje causa admiração aos poucos que se importam com o que lá se passou; D. João 2.º recebeu em Torres-Vedras a embaixada do rei de Napoles, e D. Manuel a de Veneza, e finalmente o sr. D. João 5.º, D. José, D. Maria 1.ª, e D. João 6.º por lá andaram, ora hospedados pelos marquezes de Alegrete, que alli perto tem casa, ora por outras pessoas: até o prior teve em sua casa o sr. D. João 4.º, porque já lá não encontrou a sua em estado de o receber!

E sabem a que foi lá a magestade do sr. D. João 5.º? De passagem para o Varatojo a visitar frei Gaspar da

Encarnação, seu valido, no noviciado, e depois a assistir-lhe á profissão! Realmente valia a pena! E admiram-se dos casos de hoje?

Por muitas razões é Torres-Vedras notavel, e ainda mais o seria antes de pela invasão dos francezes lhe cortarem o lindo arvoredo que a guarnecia. Eram urmos, choupos, faias, freixos, e em muito grande quantidade. O bosque do jardim era todo de choupos em nove linhas parallelas, e tão lindo, que o sr. D. João 6.°, então principe regente, passando alli em agosto de 1806 resolveu jantar á sombra daquellas arvores: recreação bucolica, que não fica mal á magestade!

Ácêrca do aqueducto, e fonte dos canos, não cansaremos o leitor, já outros tomaram esse trabalho no primeiro anno deste jornal, e do asylo de Runa tambem não fallaremos porque nos hade merecer um artigo especial, acompanhado da competente estampa.

O sr. D. Affonso 5.° tinha alli perto uma quinta, que lhe custára 35$000 rs., e como andasse melancolico, e chegasse a lembrar-lhe o recolher-se a um claustro, mandou edificar um mosteiro, geralmente conhecido pelo nome de Varatojo, e não menos notoria a fama das virtudes, e vida exemplar dos seus padres. Ainda lá se conservava a cadeira de el-rei. Hoje o convento ou está na massa dos bens nacionaes improductivos, ou algum agiota trocou por elle um punhado de titulos azues. E a cadeira de el-rei? Talvez que ainda lá esteja, mas para não mentir, se era boa... apostâmos que já lá não está.



Para que nada faltasse a Torres-Vedras foi escolhida para se conferir o titulo de marquez ao duque de Welington, e fez parte da linha de defeza que começava na Alhandra, cujas despezas orçam os entendedores em cento e setenta e um contos.

Não é possivel no pequeno espaço, de que podêmos dispôr, especificar mais as noticias relativas a Torres-Vedras, desde a sua fundação, que ninguem sabe quando foi, até ao ultimo pronunciamento, de que todos sabem o motivo. Quem quizer indagar mais detidamente o que diz respeito a esta villa, satisfará facilmente a sua curiosidade lendo a Memoria que escreveu o dr. Madeira Torres, seu natural, e que foi publicada nas da Academia real das sciencias.

Encontrarão naquelle escripto muitas curiosidades, e cousas notaveis, não sendo das menores a certeza de que em 15 de setembro de 1527 havia na villa 3 fidalgos, 15 cavalleiros, e 23 escudeiros, e no termo 3 fidalgos, 19 cavalleiros, e 10 escudeiros: para aquelle tempo já era, hoje seria uma pobreza franciscana!

Torres-Vedras foi patria da sr.ª D. Leonor, infanta portugueza, e imperatriz de Allemanha, mulher de Frederico 3.°, a qual nasceu a 18 de setembro de 1434; mas se lhe faltassem outros titulos de grandeza bastaria para merecer a nossa veneração sabermos que eram seus naturaes e visinhos os senhores Trigosos, nome presado de quantos cultivam as letras.

OS VERDADEIROS SUCCESSORES

DOS TEMPLARIOS

E O SEU ESTADO EM 1805.

A attenção publica foi tão poderosamente excitada or m. Raynouard, ácêrca de tudo o que pertence a sta celebre ordem, que estamos certos de interessar rande numero de leitores, apresentando-lhe circumsncias, que apesar de serem talvez menos conhecidas, ão deixam por isso de offerecer curiosidade.

Geralmente suppõe-se os templarios totalmente aniilados. Houve sabios que lhe descubriram succesres nas sociedades secretas, que não tem a sancção igreja, nem são reconhecidas pelo estado. Não veria melhor prova em favor da justiça da sua tastrophe, do que mostrar que continuavam a sua sociação com fórmas, que, ainda mesmo dirigindo-se um alvo indifferente, apresentam apparencias facosas. Felizmente nada soffre com isto a sua meoria, porque os homens sensatos appreciam devidaente estas filiações chimericas.

Eu não vou fallar destes pseudo-successores. Aquel- de que vou tratar não formam uma associação clanstina; são o unico garfo do tronco dos templarios, e, por assim dizer, a carne da sua carne, o sangue de seu sangue; mas a sua existencia é legitima, honrosa, sanccionada pela igreja, e reconhecida pelo estado. Tudo nelles pertence aos templarios: o vestuario, a cruz, os estatutos, e até o nome. Não é uma sociedade obscura, porque são consideraveis as suas riquezas. Teve á sua frente um principe, que, do seu gabinete, mudou o aspecto do mundo, e os signaes, que a distinguem, foram adoptados por outro principe, cujo reinado não hade ter menor influencia nos seculos futuros.

Vou esboçar, em poucas palavras, a historia destes modernos templarios.

A introducção dos templarios em Portugal data do principio da sua existencia. Foram acolhidos com honra, segundo as idéas do tempo, e favorecidos com liberalidade, mas ao mesmo tempo com discernimento. Esta monarchia que acabava de ser fundada por um grande homem, e em circumstancias totalmente especiaes, era por ventura o unico governo regular que existia na Europa. Conservava apenas do feudalismo algumas fórmas inevitaveis neste seculo, porém o fundo pouco se aproximava desta maneira social de existir; porque se não compunha de povo servo, e de povo conquistador. O poder dos ricos-homens, e senhores, era extremamente limitado, e a auctoridade do principe estava em contacto com os peões que careciam de protecção, e que lhe obedeciam com lealdade exemplar. Esta unidade de poder, e d'auctoridade produzira admiraveis idéas de administração, e de governo, espantosas de certo naquelles seculos de anarchia. Na admissão dos templarios, os reis de Portugal lhe impozeram as seguintes condições:

1.ª Que o seu primeiro objecto seria combater com os sarracenos das fronteiras de Portugal.

2.ª Que não podiam mandar cousa alguma ao gram-mestre da Palestina, sem permissão expressa do rei.

3.ª Que não poderiam alienar nenhuma das suas possessões ou beneficios militares; mas que se o rei houvesse por bem concedê-las a outros cavalleiros que lhe fizessem maiores serviços, o poderia fazer.

4.ª Que acompanhariam o rei á guerra á sua custa.

5.ª Que o mestre nacional do templo não poderia ser escolhido senão com o beneplacito do rei; que este mestre não poderia sahir do reino para ir á Palestina, ou a outra parte, sem licença do rei; e que, dado este caso, o logar-tenente que preenchesse as suas funcções, seria d'escolha do soberano.

6.ª Que não poderiam formar capitulo senão em logar designado pelo rei, e na presença d'um commissario secular, que lhe devia mandar.

7.ª Que se por ventura viesse eleito da Palestina algum mestre para Portugal, não poderia exercer este cargo sem confirmação real.

8.ª Que os mestres eleitos prestariam homenagem por quanto possuiam, não só ao rei, mas tambem ao principe real, jurando reconhecê-lo por soberano pela morte de seu pae.

9.ª Que os mestres nacionaes do templo só admittiriam na ordem portuguezes.

Não se póde admirar de sobra a capacidade, e providencia destes principes. Em vez de quinhoarem a mania geral do seculo por Jerusalem, e pelos logares santos, constituiram esse enthusiasmo, como poderoso auxilio, para os seos estados. Preveram desde logo os perigos que poderiam haver nesta instituição, e calcularam antecipadamente os meios de poderem eximir-se aos seus inconvenientes. Pelo espaço de dois seculos, de certo s'empenharam com firmeza em fazer respeitar estes artigos, visto que nas finaes inquirições sobre o proceder dos templarios deste reino, não se menciona outra infracção, senão a admissão d'um cavalleiro estrangeiro, que era sobrinho do penultimo mestre. É provavel que além destes artigos, os reis de Portugal, exercessem outras prerogativas, que lhe servissem de desenvolvimento. Encontra-se, por exemplo, repetido o facto de tirarem o commando de fortalezas da ordem a templarios, que os descontentavam, para investir outros, em quem depositavam maior confiança.

A consequencia necessaria desta continua vigilancia sobre os templarios portuguezes, foi torna-los fieis, e submissos, em vez de refractarios, e turbulentos como eram por toda a parte. Nunca se desviaram da fidelidade em Portugal; e em Castella tiveram a ousadia de se revoltarem, e de combaterem com o seu soberano. A differença de educação entre os membros da mesma ordem, e em paizes tão visinhos, se torna mormente manifesta nos fins do seculo treze, no reinado de Affonso x em Castella. Os templarios dos reinos de Castella, e Leão, se revoltaram contra este principe, e lhe fizeram uma guerra encarniçada, unidos a outros rebeldes. O rei venceu-os, e competia-lhe de direito confiscar-lhe os bens; comtudo conservou-lh'os, por consideração aos templarios portuguezes, que haviam mostrado tanto zelo, e lealdade em servi-lo, quanto os seus haviam dado mostras de perfidia. Exigiu por tanto que um dos templarios portuguezes, que era visitador geral da ordem em Hespanha, se naturalisasse seu vassallo, e que fosse mestre dos templarios castelhanos, e leonezes, e que se tornasse responsavel pelos castellos, e possessões, que concedeu á ordem, com esta condição.

Taes eram os templarios em Portugal, quando em 1306, Clemente v ordenou aos bispos que se reunissem, e examinassem o procedimento destes cavalleiros. Reuniram-se com outros bispos, fizeram em Salamanca um concilio, e absolveram os cavalleiros das accusações que lhe faziam.

Dahi a um anno, o papa expediu de Poitiers uma bulla ao rei Diniz, para lhe noticiar a convocação d'um concilio geral em Vienna, para a decisão da causa dos templarios. Convidava-o a que assistisse pessoalmente a elle, denunciando-lhe os crimes dos cavalleiros francezes, e ordenava aos bispos que se apresentassem alli, para apresentarem os crimes dos cavalleiros da sua nação.

O rei não se prestou a deixar um paiz, que governava como pae, para ser testemunha d'um processo,

sobre que tinha assentada a sua opinião. Mandou alguns bispos; e quanto aos crimes dos templarios da sua nação, achou-os livres de toda a culpa.

Este rei Diniz era um principe extraordinario. Poucos soberanos foram, como elle, superiores ás idéas do seu seculo, e aos objectos que o rodeavam, pesando as cousas com a sua propria intelligencia, e dotado d'uma penetração, e firmeza admiraveis. Foi lavrador; e honrou os lavradores em tempos em que esta profissão, e os homens que se occupavam della, eram despresados, e opprimidos em toda a parte. Financeiro á maneira de Sully, foi sempre rico, sem sobrecarregar o povo, que lhe concedeu o titulo de pae. Feliz guerreiro, quando a isso o obrigavam; diplomata habil com lisura; e por estas duas circumstancias, arbitro das diversas monarchias, existentes então em Hespanha. Se a isto accrescentarmos que cultivou as letras; que fundou escólas que não havia nos seus estados; que mandou traduzir livros, mesmo do arabe, para instrucção de seus subditos; que foi um dos primeiros poetas da sua nação; custar-nos-ha acreditar viver este principe na ultima quadra do seculo XIII.

(Continúa).

O MAGRIÇO.

(Conclusão da carta 3.ª e ultima).

Vamos agora ao grande cavallo de batalha do sr. C. e dos seus sequazes, produzindo contra todos os auctores e chronistas, que referem o torneio, só Fernão Lopes, que o deixou no tinteiro: para desmoronar este palladio não precisâmos mais auxilio que o do tão respeitado como erudito conde da Ericeira, que fallando dos filhos d'el-rei D. João 1.°, sobre o projecto da conquista de Ceuta, diz o seguinte: — «Inflammaram-se mais os desejos da gloria com um successo que a deu grande ao nome portuguez.» — Conta depois minuciosamente o facto e accrescenta: — «E posto que as historias antiguas passam em silencio este successo, *como outros muitos dignos de memoria*, com auctoridade da tradicção, e de alguns auctores, nos pareceu referi-lo, para que não perdessem estes varões o louvor que lhes póde resultar de nossos escriptos.» Vida e acções de D. João 1.°, edição de 1677, a pag. 339. — Aqui temos um homem tal como o conde da Ericeira, de uma consideração e credito europeus, consignando este illustre feito como o principal incentivo da tomada de Ceuta, por mais que tudo haver despertado a nobre emulação dos infantes a irem igualmente praticar fóra da patria façanhas, que lhes désse nome e gloria: quanto, porém, de ridiculo caberia a este illustre sabio, se, entre tantos e tão grandes feitos daquella ditosa época, preferisse este, não sendo mais que uma imprudente ficção poetica, ou estravagante delirio de algum romancista? !... Não sei se ao sr. C. satisfará esta resposta, não só quanto á *completa inverosimilhança de um facto que o seu simples amor da verdade rejeita;* mas tambem quanto á *indubitavel prova* de não o referir Fernão Lopes, ou qualquer outro, que se o não relatam tambem o não negam, porque esta celebre erudição só estava reservada para o sr. C. e comp.ª, decidindo em sua alta sabedoria que, o que um ou dois homens calarem é falso, ainda que mil o digam e tudo deponha em seu abono.

Além dos auctores referidos, e os que elles citam, o judicioso Mariz citando a — *Chronica antiqua hujus temporis* — diz a pag. 231 do v. 1.° — «Em tempo deste rei aconteceu tambem aquelle grande feito em armas dos doze de Inglaterra, a que o nosso Camões deu igual gloria ao que mereciam.» — Refere o facto affirmando que o combate fôra primeiro com maças e depois á espada, logo foi *a pé* porque não sabemos se combatesse com maças a cavallo. Anno Historico, § 4.°, pag. 132, diz que passára do mesmo modo, Faria e Sousa na Europa portugueza, Vasconcellos na segunda Tabola redonda o confirmam. A Nobiliarchia portugueza, a pag. 265, sobre o appellido Côrte-real, diz: — «Procedem de Vasco Annes da Costa Côrte-real, o primeiro que teve este nome, que lhe deu el-rei D. João 1.°, pela facilidade com que se offereceu ao desafio dos doze de Inglaterra. Este foi o cavalleiro que em Inglaterra venceu um inglez em desafio, que trazia por armas a cruz simples vermelha, que elle para memoria do successo ajustou ás armas antigas dos Costas, etc.» A pag. 227, Abranches — «É ramo derivado dos Almadas, que teve principio em D. Alvaro Vaz de Almada, conde de Abranches em França, donde tomaram o appellido seus descendentes. Foi portuguez valente que alcançou os reis D. João 1.°, D. Duarte, e D. Affonso V, heroe daquella idade, e um dos doze de Inglaterra, cavalleiro da garrotêa, etc.» A pag. 268, Coutinho — «Fez mais celebre este appellido aquelle grande cavalleiro Alvaro Gonçalves Coutinho, por alcunha o Magriço, filho do marechal Gonçalo Vaz Coutinho, que foi um dos doze de Inglaterra, etc.» Froissart menciona o facto e o mal que o chanceler lêra o nome das damas, do que a côrte se riu; e Lingarel, posto que não o refira, noméa parte das damas que foram expulsas do paço pelas intrigas do duque de Glocester, e seus caudilhos.

Finalmente referirei o que dois cavalleiros de reconhecida illustração me certificaram com elles se passára em Inglaterra nos nossos dias, admirados de aqui se duvidar o que alli se não nega. O ill.^mo sr. Francisco Zacarias Ferreira de Araujo achava-se em Londres em casa de m. Willan, e por occasião de um *lanche*, este cavalleiro o destinou para servir as senhoras, dizendo-lhe que os portuguezes tinham para isso opinião de serem mui effectivos e obsequiosos; ao que o sr. Ferreira Araujo respondeu «e não só por essa razão, como pela antiga posse em que nós estâmos, não só de servir, mas de defender as senhoras inglezas, muito prêso a honra que me fazeis.» Como assim? perguntou m. Willan. — Desde quando o refere o nosso Camões. — Eu não sei se isso é certo, mas breve vô-lo direi — redarguiu mr. Willan: passados dois ou tres dias apresentou-lhe um livro em folio, de aspecto bastante antigo, cujo verdadeiro titulo lhe não occorre, mas que tractava de escriptores illustres, e abrindo-o na parte em que se referia ao nosso Camões, lhe disse «Tendes razão, aqui diz que o facto tivera logar nas margens do Tamisa, proximo da torre de Londres.» O ill.^mo sr. Albino Freire de Figueiredo Abranches estando em Londres, e achando-se um dia e mais os ill.^mos sr.^s Antonio Ribeiro Saraiva, Luiz Candido Tavares Osorio, e um inglez, letrado de profissão, versou a conversa sobre a coragem dos diversos povos, dizendo o cavalleiro inglez «Que no continente havia homens valentes, mas que em Inglaterra todos o eram» ao que respondeu o sr. Osorio «Mas não tanto que já aqui mesmo vos não vencessemos» «Quando?...» perguntou elle espantado. «Quando e como o diz Camões» lhe tornou o mesmo. «*Isso é verdade*, mas foi pela ultima vez» replicou o inglez, celebrando todos a sahida com que reparára o seu ferido orgulho; não podendo negar o que, como homem de letras, por certo não desconhecia.

Produzir mais testemunhas, allegar mais auctores, fazer mais citações, mais póde parecer ostentação de conhecimentos historicos do que necessidade de provas para verificar um facto de que a boa critica, o bom senso, o decoro nacional, e *ao amor da verdade* não permittem duvidar sem affronta de nossos illustres chronista, e do principe dos poetas modernos, vertido em quasi todas as linguas da Europa, e não desmentido, como bem o merecêra, se o contrario se provasse; sem repugnar a todos os principios da hermeneutica, sem se collocar em contradicção com uma opinião gravada nas paginas das historias proprias e estranhas, symbolisada nos brazões com que illustres familias justamente se honram, e até sem desconhecer completamente o espirito de uma época, em que bem longe de haver no facto a menor inverosimilhança, tudo se concitava para o tornar mui proprio, natural, e facilimo; pelas intimas relações em que se achavam as duas nações, pelo mutuo conhecimento dos seus melhores cavalleiros, pelas intrigas da côrte ingleza, consignadas em todos os seus historiadores, pelo melindre e deferencia com que então se tractava o bello sexo, para quem, não só um epitheto que mais fere a sua natural vaidade, mas ainda uma vista despeitosa, ou um riso mofador, obrigava a mortaes combates, ou estrondosas reparações. Então vimos um rei portuguez fazer reinar o cadaver da sua amante, então viu-se um rei de Inglaterra crear a mais nobre insignia de uma liga cahida á sua dama, e collocar em volta do seu brasão, como empresa, as palavras que proferira ao erguê-la; então instituiu um duque de Borgonha a mais nobre ordem de cavallaria, em obsequio da sua esposa, infanta rossa, e filha do mesmo D. João 1.°, durando por muitos dias iguaes torneios, que em todas as côrtes, e por toda a parte se repetiam, com o concurso dos mais afamados cavalleiros de todas as nações; onde o preço era sempre destinado á mais formosa, e qual seria então a injuria para aquella a quem se chamasse feia! Além dos doze de Inglaterra, muitos portuguezes illustres adquiriram gloriosa fama por iguaes feitos em toda a Europa. Gonçalo Rodrigues Ribeiro, Vasco Janhes, o Colaço, Fernão Martins de Santarem, Duarte Brandão, e outros, praticaram façanhas, adquiriram brasões, receberam honras, que referem proprias e alheias chronicas, testeficam escudos, e attestam epithafios: o titulo de conde de Abranches, e de tantos cavalleiros da garrotéa ou jarreteira, não foram dados por serviços nacionaes, mas lá por fóra adquiridos, para eterna gloria de quem os mereceu, e não menos censura de quem hoje lh'a quer roubar, depradando patrioticos trofeos.

Taes eram então os usos, costumes, e crenças de uma época, a quem chama de trévas o presente seculo ufanoso do seu scepticismo, fonte, causa, e origem de tanta superficialidade que vae por esse mundo, e sua consequencia esse *motim litterario*, ou antes labyrintho, entre o qual muito avultam os máus criticos. Daqui a razão porque um desconhece D. Beatriz, quando, além de todas as chronicas, podia ler a propria escriptura de seu casamento com Thomaz conde de Arundel na — Collecção de documentos para a historia de el-rei D. João 1.° a pag. 76, documento n.° 13, que lá se acha com todas as ceremonias e festanças do tempo; em latim, é verdade, mas essa *entrare* não é razão para que se duvide, quando se pretende ser critico. Daqui a razão porque se zomba de vêr maças em mãos de cavalleiros, quando se devêra primeiro indagar a origem do appellido — Macedo — e a causa porque no tymbre do seu brasão se vê um braço armado de maça; a Nobiliarchia portugueza a pag. 296 corrigiria o zombador, e seria mais prudente. Daqui finalmente todas as mais objecções, que todas tem igual resposta, fundada igualmente em auctores e documentos que abundam e não faltam para circumvalar o Magriço, como disse no meu prologo; mas para os litteratos sei que sou superfluo, prolixo, e mesmo talvez enfadonho; para os pseudo-criticos, se as precisam, não me obriguei, nem tenho o necessario tempo para dar-lhes prelecções do que tem facil e abundante em todas as livrarias.

JACINTO HELIODORO DE FARIA AGUIAR DE LOUREIRO.

UMA LAGRIMA.

Linda bonina do prado
Agora pódes murchar;
Tambem te pódes fanar
Fresca rosa do valado.

Linda rosa dos jardins
Pódes perder tua côr;
Podeis perder o frescor
Sucenas, cravos, jasmins.

Podeis murchar-vos ó flôres
Morreu de vós a mais bella!....
Chorae todas por perdê-la,
Como a pranteam amores.

17 de maio de 1846.

J. V. B. DA COSTA.

O MEU RAMO.

Heide um raminho offertar-te
Em paga do que me déste,
Só entram nelle saudades,
Chagas, martyrios, cypreste.

Diz a saudade saudades
Que sinto de ti ausente:
A chaga chaga profunda
Que o meu triste peito sente.

Diz o martyrio os que soffro
Por causa do meu amor:
Lagrimas diz o cypreste
Que faz verter minha dôr.

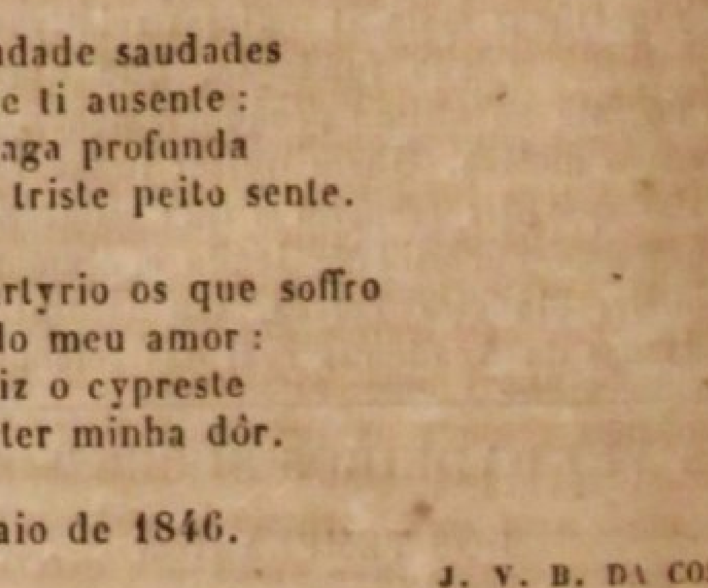
31 de maio de 1846.

J. V. B. DA COSTA.

ENIGMAS PITTORESCOS.

EXPLICAÇÃO DO ULTIMO ENIGMA.

A fortuna castiga ás vezes os egoistas ligando-os entre si.



SUMMARIO.

CORRESPONDENCIA.

Ao sr. P. de Campos. Seguimos invariavelmente o costume de não publicar a primeira parte de qualquer composição sem que as restantes estejam tambem em nosso poder.

LISBOA, 10 DE JULHO.

Nesta semana todos os theatros estiveram em movimento, até a capoeira normal da rua dos Condes, como lhe chamava o engraçado Braz Tisana, abriu os seus postigos para as habilidades da primeira fisica de França, cujo merecimento ainda nos não foi possivel ir observar, mas acreditámos que hade ser muito grande, porque cousa má não se deitava por esses mares de Christo a vir ter comnosco, e então de França!

No de S. Carlos cantaram pela ultima vez m.me Rocca, o tenor Barbieri, e Patriosi, e receberam os costumados testemunhos de apreço, e protecção, que o publico illustrado dá sempre aos bons artistas, salvos os direitos dos pateadores de encommenda, intrigas de bastidor, e paixonetas, que sem o menor conhecimento do merito artistico de um cantor lhe pregam com a reputação em vasa barrís.

O theatro do Gymnasio, dizem-nos, que continúa a funccionar regularmente. Ouvimos fallar com louvor de uma engraçada composição que alli se deu — o *Leque*. — Não será boa, mas a agradavel relação do nome com este maldito calor que nos afflige, ninguem póde disputar-lhe.

No theatro de D. Maria 2.ª deu-se o *Alfageme*. Os actores corresponderam ao que delles se esperava: a platéa estava cheia, e nos intervallos deram-se vivas aos emigrados portuguezes vindos de Hespanha, e a diversas personagens politicas.

O *Alfageme* é como todos sabem uma producção do sr. conselheiro Almeida Garrett, á qual a imprensa, e o publico fez já a devida justiça. Se o sr. Garrett não fosse conhecido em todo o mundo, se as suas obras não tivessem sido traduzidas em varias linguas da Europa, e da America, e se em uma, e outra parte não fossem lidas com avidez poderiamos dar de suspeitos os seus avaliadores da capital, receando que a habitual delicadeza, e amabilidade do seu trato, a singeleza com que acceita, e procura mesmo os reparos e observações dos criticos, a harmonia, e doçura da linguagem, a belleza dos pensamentos, e o amor patrio, que fulgura em todas as suas composições lhe comprasse os votos á força de simpathia, e de enthusiasmo.

O sr. Garrett é um grande poeta, excellente prosador, largamente versado nos negocios publicos, orador destinctissimo, magistrado probo, e um perfeito cavalheiro: teve porém a desgraça de nascer em Portugal, nesta terra onde, como diz um dos nossos mais esperançosos engenhos, é necessario para lhe dar de comer vestir-lhe a tunica desembargatoria, e submetter uns autos de má morte á penna singular, e preciosa, que escreveu a *D. Branca*, e o *Camões!* Realmente é quasi uma barbaridade ir buscar o genio ás sublimes regiões da poesia, vestir-lhe as roupas mais prosaicas, que ainda até hoje appareceram neste mundo, *uma beca*, arrasta-lo para junto de um maço de papeis chamado — autos — e dizer-lhe — *esquece os feitos mais gloriosos do teu paiz, apaga o fogo do enthusiasmo pela sua gloria, afugenta os pensamentos generosos, e grandes que te fervem na cabeça, estanca a fonte de doutrina, e de erudição, que vasas nos teus escriptos, e examina se nesses autos ha nullidades, se a fallencia julgada de boa ou má fé o foi segundo os principios do codigo commercial!*

Diga-se ao menos em abono dos seculos passados, que a Luiz de Camões se deu uma pensão: fizeram mal, deviam nomea-lo desembargador!

Esta semana tambem foi notavel por um acontecimento, que tem dado occasião a largos commentarios. Um mancebo de familia conhecida amava com muito extremo uma donzella desta capital, e resolveu-se a ir pedi-la á familia. Não sabemos o que lá se passou, nem que o soubessemos o diriamos, mas segundo parece, a resposta não foi conforme com os desejos do mancebo. Sahiu, e poucos instantes depois ouviu-se na escada da casa onde morava a pertendida o estrondo de um tiro: acudiram todos, e foram encontrar o mancebo banhado em sangue: tinha attentado contra a sua existencia dando na cabeça dois tiros de pistolla, que por feliz casualidade o não mataram ficando todavia gravemente ferido. Estes successos entre nós são raros, o que ninguem dirá seja prova de menor reflexão e juizo.

Chegou a esta côrte o sr. Gelati, tenor, que ha pouco cantou em varios theatros de Hespanha. Veio do Porto, onde foi muito applaudido na Philarmonica na aria final da Lucia. Dizem-nos que tem excellente voz, e que deseja ser ouvido pelos amadores de musica desta capital. Tambem chegou o sr. Marti, pianista.



VILLA FRANCA DE XIRA.

Ora ahi vamos nós outra vez na carreira do vapôr, que todos os dias parte desta capital para Villaª Nova da Rainha.

Ainda assim não cuidem que é uma cousa muito facil: a disposição dos nossos habitos sociaes, e a natural repartição do tempo, torna o caso alguma cousa incommodo. Com effeito, ter adormecido depois das duas, e quem sabe até se depois das tres, e levantar-se dahi a pouco tempo para estar a bordo antes das sete horas, é para um amador do somno da manhã um feito atrevido, um dispendio de commodidades, que não se restaura facilmente.

Digam lá o que quizerem os amadores das magnificas scenas da natureza, fallem muito os hygienicos dos bons effeitos do ar matutino, exaltem as bellezas da aurora, e do nascer do sol; tudo isso temos lido muito bem, oh! magnificamente descripto; vae a gente procura-los ás onze horas, estão na cama! *Bem o préga fr. Thomaz, se bem o diz, peior o faz!* E tudo é assim no mundo.

Mas em fim, é necessario interromper aquelle precioso somno da manhã: não ha remedio; vamos lá; já tocou a sineta do vapôr primeira e segunda vez: vae largar: entremos. Partiu.

Com effeito a perspectiva de Lisboa para o lado do Téjo, o rio, que alcançou as honras e o nome de mar pela força e abundancia das suas aguas, e pela magestosa grandeza do seu leito, constituem um expectaculo grandioso, mas que de certo modo magôa o coração.

Pois esta nossa Lisboa, tão grande, tão rica, tão formosa, com um porto como este, com um clima precioso, nunca hade chegar aonde chegam hoje as outras cidades da Europa? Havemos de ficar perpetuamente atulhados em lama e porcaria por essas ruas do Bairro alto, cobertos de pó se dâmos na baixa um passo fóra de casa, e de noute quasi ás escuras?!............

Mas em fim, vamos ao nosso proposito; não foi para isto que tomámos logar no vapôr de Villa Nova.

Não chegaremos ao termo da sua viagem costumada: ficâmos em Villa Franca, onde o vapôr larga e recebe gente, e cuja perspectiva o leitor póde vêr na estampa que lhe apresentámos.

Pouco lhe podêmos dizer de Villa Franca, com quanto o seu nome seja conhecido em todo o paiz, mas os factos que a tornaram famosa não tem a menor relação com a sua origem; com a natureza da sua existencia, ou com o tracto de seus habitadores. Villa Franca é notavel por ser o sitio para onde o sr. D. João 6.º se foi *pronunciar* em 1823 contra o systema que até ahi regia o paiz: successo denominado depois — jornada de Villa Franca —: a resistencia da camara daquella villa ao ministerio passado, o processo dos vereadores, e a felicitação que daqui lhes dirigiu a opposição, concorreram para lhe dar ainda maior celebridade.

El-rei D. João 6.º chrismou-a em Villa Franca da Restauração; depois voltou a ser Villa Franca de Xira, em que ficará até que alguem se lembre de lhe mudar o nome em Villa Franca de outra qualquer cousa.

ROBERTO VALENÇA.

ROMANCE.

CAPITULO XIII.

Dez annos.

O sr. Caetano Valença não se esqueceu, logo que chegou a Lisboa, da suspirada mitra, e depois de fallar com os ministros, e com quantas pessoas poderiam ter influencia no seu negocio, pediu, e obteve uma audiencia de el-rei.

O sr. D. João 6.º não desmentiu com o nosso conego o caracter de maliciosa bondade, e de disfarçada finura, que conservou durante o seu reinado. Conversou muito com o conego, fez-lhe diversas perguntas a respeito das provincias, fallou-lhe mesmo dos ministros, e de varias pessoas, mas quando a conversação ia cahindo naturalmente para o assumpto, que o conego interessava mais se tratasse, el-rei sabia com uma frase de confiança, e de carinho, desviar-se habilidosamente sem descontentá-lo com uma negativa, sem comprometter-se com uma promessa, e evitando até o seu ultimo recurso de — sim, sim, vá fallar com o ministro fulano.

O conego sahiu do paço encantado de tanta affabilidade, dos rogos de el-rei para que voltasse a vê-lo, e attribuindo a um inexplicavel acanhamento seu o empate do negocio, que o rei advinhára, e a cuja solução soubera arteiramente esquivar-se.

Da rainha, e do infante é que o conego veio magnetisado, sem o saber, porque ainda então o magnetismo não tinha vindo fazer as suas experiencias nas organisações portuguezas: as circumstancias do tempo reuniam á volta destas duas pessoas os descontentes, e desconfiados, de que o novo governo não fosse franca, e sinceramente absolutista, e os pertendentes infelizes eram naturalmente descontentes, e desconfiadissimos.

O conego pelo decurso do tempo veio a pertencer-lhes ainda mais do coração segundo a possibilidade da mitra se alongava mais, e mais, e no animo dos ministros iam diminuindo o credito dos serviços da divisão transmontana, serviços, que se premiaram ao começo, e que tempos depois como que se perdoavam.

Os successos de 30 de abril teriam compromettido gravemente o sr. Caetano, se no meio daquella difficilima conjunctura não soubesse ajudar-se da sua natural astucia, e das poderosas amizades que lhe preparára na côrte parte da sua familia, que apesar da quesilia aos filhos de Israel occupava no paço logares de muita consideração.

Ora é necessario dizer, que em tempo competente chegára a Lisboa o sr. Roberto seu filho, e de bordo do hiate passára para um collegio, sem que seu pae se dignasse manda-lo buscar, ou ir vê-lo para mitigar as saudades, que deveras o apertavam: entretanto ou porque as suas pertenções ambiciosas fizessem calar um pouco as vozes da natureza, ou porque realmente o procedimento do menino o envergonhasse, e affligisse, soube fingir que se esquecia delle, e apenas o João no principio de cada mez ia levar ao director do collegio a competente mesada, que era avultada e que o João não largava da mão sem um profundo suspiro!

O collegio era excellente, e a educação que nelle se dava aos rapazes completa segundo o estado daquelles estabelecimentos, a que ainda hoje falta muito para se dizerem perfeitos. Os rapazes, que reuniam ao talento o amor do estudo podiam sahir dalli sabendo alguma cousa. Estudavam o latim do padre Antonio Pereira, o grego da grammatica de Porto-real, o francez de Clamopin, o inglez do padre Very, o italiano de Veneroni, a logica de Genuense, a rethorica de Quintiliano, a poetica de Horacio, a historia de Bossuet, e de Soares Barboza, e a geometria de Euclides. Poucos destes livros, nenhum talvez, se exceptuarmos o ultimo, servia para o ensino, mas emfim eram os adoptados então, e por elles se tinham creado grandes engenhos, maiores, muito maiores, que as capacidades liliputianas dos nossos tempos.

O nosso pequeno israelita tinha bastante aptidão para as letras, e estudava regularmente; por isso as informações do director contentavam cada vez mais o sr. conego, e quasi lhe faziam crer chegada a occasião de dar por expiada a maldita culpa, que viera acorda-lo dos mais fagueiros sonhos de felicidade domestica, que um pae illegal póde ter neste mundo.

Assim foram passando annos, o conego foi, e veio ao Porto repetidas vezes: el-rei falleceu, e proclamou-se a carta: o conde de Amarante, então já marquez de Chaves tornou a pronunciar-se contra as novas idéas, mas o nosso conego desta vez fechou a burra, e não houve arrancar-lhe nem se quer resposta ás cartas com que do norte o acariciavam.

Com o desembarque, e acclamação do sr. D. Miguel o nosso conego voltou a Lisboa, porque finalmente era chegada a occasião de fazer valer os seus antigos serviços, porém ainda desta vez lhe não fizeram justiça. O cheiro israelita estragou-lhe as pertenções episcopaes, e o sr. D. Miguel apesar da amizade, que lhe tinha, e da influencia da familia Valença, não se atreveu a elevar ao episcopado este amabilissimo levita.

Ralhava o conego, e desadorava-se de que o não despachassem, punha péchas a todos os padres recentemente agraciados com varias mitras do reino, mas a fama de judeu matava tudo: não havia valer-lhe: o nosso conego não podia ser bispo! Se elle adoptasse a patriotica idéa de favorecer o consummo dos vinhos do Douro, ou mesmo dos do Termo, se em vez de uma Thereza Fagundes, tivesse duas, ou tres, mesmo que fosse pedreiro livre apesar da celebre bulla — vá — mas judeu! Nada, não era possivel despacha-lo.

Entretanto a esperança não o desamparava inteiramente, e á espreita de occasião, ou porque emfim a vida de Lisboa já nesse tempo fosse uma inexplicavel antithese do monotono, e insipidissimo viver das cidades de provincia, o conego ainda estava na capital em 1833, e o menino apesar de ter já 21 annos aguardava no collegio, que se abrisse a universidade, fechada então por causa da guerra, senão tambem um pouco pela tendencia, que certos governos tem para fechar, e tapar até hermeticamente todas as portas, e frestas por onde possa entrar a luz.

Por este tempo chegavam a Almada as tropas liberaes, e o duque de Cadaval retirava de Lisboa acompanhado da côrte, magistrados, empregados etc., a quem ainda parecia um sonho que dalli lhe surgisse o inimigo, a impôr-lhes a necessidade de incommodos, e embaraços de que algumas familias não tinham idéa desde o terremoto de 1755.

O conego tinha disposto a tempo todos os seus negocios, avisado como estava por um membro da sua familia, exaltado servidor do sr. D. Miguel, mas que sempre estivera em correspondencia para o Porto, e muito coadjuvára na capital os interesses do sr. D. Pedro: especie de contrabando politico de que então appareceram muitos traficadores, que o espirito elevado, e nobre do imperador despresou sempre, e com razão.

As circumstancias extraordinarias daquella retirada obrigaram o conego a ir ao collegio; mandou chamar o sr. Roberto, e ficou pasmado de vêr diante de si aquelle pequenito de casa da Thereza Fagundes convertido em um mancebo alto, magro, e de fisionomia agradavel supposto que um pouco torto dos olhos.

O sr. Caetano Valença teve forças para se arrancar da extatica contemplação do seu querido menino, e dadas as competentes ordens ao director do collegio partiu para o Campo grande acompanhado do seu fiel Mercurio, para dalli seguir jornada para onde aguardasse tranquillamente o desenlace daquelle sanguinolento drama.

OS VERDADEIROS SUCCESSORES

DOS TEMPLARIOS

E O SEU ESTADO EM 1805.

(Continuado de pag. 56).

Quem se der ao trabalho de estudar as acções dos quarenta e cinco annos do seu reinado, não me hade accusar de lisongeiro.

Tal era o soberano chamado ao concilio, e que convidavam a cevar a sua raiva nos templarios de Portugal. Apreciou as cousas, como sempre, segundo a sua convicção, sem se deixar seduzir por sollicitações, nem por interesses pessoaes. Achou que a ordem, como existia no reino, era não só innocente, mas util; penetrou os projectos d'avareza que se occultavam na perseguição, propôz-se por isso conserva-la, e conseguiu-o.

Era extrema a difficuldade. Como se podia conservar no principio do decimo quinto seculo uma ordem religiosa destruida pelo poder ecclesiastico? O clero seguia o impulso dos papas cegamente; os povos ainda mais cegamente seguiam o impulso do clero. Este poder era independente do soberano, e cioso da sua independencia. A desgraça era eminente, quando algum principe ousava resistir a uma auctoridade, que naquelles tempos abalava todas as outras.

O rei Diniz tomou cuidado em não resistir abertamente á tempestade; mas fingindo ser dominado, fez servi-la aos seus intentos.

Os procuradores do rei moveram processos civís contra os templarios pela mór parte dos seus bens, como indevidamente alienados da corôa: estes processos foram julgados contra os cavalleiros com uma precipitação inaudita neste reinado de justiça e de razão. O rei tornou-se possuidor de todos estes bens.

O povo estava insurreccionado contra os templarios; insultavam-nos em toda a parte, e prendiam-nos em muitos estados. Em Portugal desappareceram todos, sem que nenhum fosse prêso. Depois da sua emigração appareceram nos tribunaes prelados e ordens religiosas muito poderosas, exigindo, por pretextos differentes, o resto dos bens dos templarios. A opinião popular era adversa aos direitos destes, como acontece a todos os desgraçados, e estavam a ponto de conceder os bens aos seus adversarios. O rei promulgou uma ordem geral pela qual estes bens foram sequestrados, e postos em administração, porque, como elle dizia, os cavalleiros se haviam retirado para se apresentarem ao papa, e defenderem a sua causa; e não se podia pronunciar sentença contra elles antes da decisão final do pontifice.

Apenas possuidor dos bens dos templarios, negociou e concluiu um tratado com o rei Fernando de Castella, ao qual tambem foi convidado o rei d'Aragão. Pelo tratado, estes soberanos se obrigaram (caso que houvesse abolição total) a não permittir que o papa dispozesse dos bens dos templarios nos seus estados, sem um consentimento commum. Aquelle que primeiro faltasse ao contracto devia pagar uma quantia avultada, que o outro estava auctorisado a cobrar nos bens que pudesse haver á mão. Esta clausula conseguia ter seguro o rei de Castella, que o máu estado das finanças constrangeu nestes tempos a valer-se do rei Diniz, empenhando cidades, guardadas em penhor por guarnições portuguezas.

Em 1312, Clemente v procedeu á abolição dos templarios, e concedeu os seus bens aos hospitaleiros de S. João de Jerusalem.

Então se provou a prudencia do tractado de que démos noticia. A opposição reunida dos reis de Castella, Portugal e Aragão, abalou Clemente v; fez uma excepção á lei geral em favor dos tres soberanos, mas concedeu-lhe um termo peremptorio para concordar com a santa sé na applicação destes bens, e nomeou o bispo de Lisboa administrador dos existentes em Portugal. O rei Diniz livrou-se da intervenção deste prelado como homem suspeito, e segundo o parecer dos historiadores, esta asserção não era calumniosa. Partiram embaixadores para Avinhão, que chegaram pouco antes da morte de Clemente v.

Nesta época começaram a manifestar-se as intenções do rei. Antes de publicada a bulla de abolição, não podia legitimamente executar-se a sentença. Os cavalleiros haviam desapparecido, e os bens estavam nas mãos do rei, que havendo prescindido do bispo administrador, se oppunha a que os hospitaleiros se appossassem delles. Os templarios portuguezes tornaram então a apparecer; concederam-lhes mesadas do rendimento de seus bens sequestrados, e deixaram-lhes usar, nos actos publicos, do titulo de ex-cavalleiros do templo (*quondam milites templi*).

João xxii succedeu a Clemente v, e os embaixadores portuguezes encetaram com elle negociações que duraram seis annos; o que dá idéa das difficuldades e repugnancia extrema do papa, e da sua côrte, em dar o seu consentimento ás propostas do rei. Faltam os pormenores desta negociação; mas pelo que obteve o rei, é permittido acreditar que não pedia menos do que a restauração dos templarios pura e simples, nos seus estados. De feito, ao cabo de demorada negociação, a côrte d'Avinhão concedeu-lhe tudo, excepto a palavra *templario*, palavra que não era essencial, visto ser o nome que se havia dado a estes cavalleiros, pela sua residencia, como para ao diante o de Rhodes e Malta designava os hospitaleiros. A denominação religiosa dos templarios era outra, como vamos observar.

Expediu-se uma bulla em 1319, no fim desta espaçosa negociação, para que os bens dos templarios em Portugal servissem de dote a uma ordem militar, e que

1.° *Esta ordem se chamaria dos cavalleiros de Christo.*

Era o nome religioso dos templarios, que se lhe

dava n»s estatutos, e que tomavam nos seus actos indifferentemente como o outro.

2.° *Que estes cavalleiros seguiriam os estatutos da ordem de cister.*

Eram os estatutos que os templarios seguiam.

3.° *Que o abbade d'Alcobaça seria o visitador e corregedor espiritual da ordem.*

Era o visitador e corregedor espiritual dos templarios.

4.° *Que o seu vestuario seria um manto branco com uma cruz vermelha.*

Era o vestuario e a cruz dos templarios.

(Concluir-se-ha).

PORTA LATERAL DE S. JULIÃO

DE SETUBAL.

Antigamente escrevia-se em pedra; os povos anteriores á imprensa ahi nos deixaram nos monumentos de architectura paginas brilhantes das suas crenças, e dos sentimentos do coração, e ainda hoje apesar da grande invenção de João de Guttemberg a vida das nações escreve-se tambem em livros de pedra.

Esta idéa é velha: já Victor Hugo a gastou grandemente na *Notre Dame*, e depois delle não houve litterato que a não estafasse desatinadamente, mas no fim de tudo é verdadeira, e por verdadeira a seguimos nós no empenho de colleccionar os desenhos das nossas cousas mais importantes neste genero.

Ora o desejo é bom, e hade ser seguido por nós com perseverança, mas os meios, ninguem na Europa os possue mais acanhados. Por exemplo — ha no concelho de Penafiel o mosteiro de Cette, e o de Bustello, e na cidade o convento de Santo Antonio com o sepulchro do seu fundador, e padroeiro: ha dalli duas leguas a ponte de Canavezes, antiga, e digna de ser conhecida, ha a torre de Coreixas, e a de Barboza, emfim até ha os vestigios de uma cidade que suppomos arabe chamada — Vandoma — escreve-se, pede-se, implora-se mesmo, um desenho, encontra-se naquelles sitios nos homens menos dados ás nossas letras a melhor vontade, mas não ha quem saiba, não ha artistas, e não é possivel alcançar cousa alguma.

No resto de Portugal acontece o mesmo.

Mas em França, e em Inglaterra, diz logo um destes improvisados sabichões, que tudo resolvem em dois minutos, tambem não ha nas provincias quem saiba desenhar, porém as empresas dos jornaes mandam lá os seus artistas.

E tem razão, mas esses jornaes contam cincoenta e sessenta mil assignantes, e em Portugal nenhum periodico litterario chega a ter a decima parte! Realmente pedir aos assignantes 120 réis por mez, e querer mandar ás provincias copiar monumentos faria rir o maior sorumbatico da terra.

Mas então augmente-lhe o preço?

Nesse caso morre o jornal, porque em Portugal não ha artistas, mas dinheiro ainda menos.

E que tem tudo isso com a porta lateral da igreja de S. Julião de Setubal, que dá para a praça da villa junto da rua da Misericordia cuja vista damos hoje? Tem muito!

Se este jornal tivesse os meios de que podem dispôr os jornaes estrangeiros, em vez de adoptarmos a pequena gravura que ahi fica, haviamos dá-la em ponto maior, e como merece esse fragmento do estylo emanuelino se bem que já um pouco alterado, e haviamos colligir tudo quanto podesse fornecer auxilio a quem haja de escrever a historia da architectura portugueza.

Assim mesmo luctando com muitas difficuldades



iremos seguindo o nosso proposito, apesar do máu fado das letras portuguezas, que ainda nos hade merecer artigos especiaes.

Nunca pediremos aos governos, que auxiliem as empresas particulares, mas temos direito a exigir-lhe que as não embaracem, e que destruam as causas do estado estacionario da imprensa portugueza. Para isto não é necessario ter inventado a polvora; basta abrir os olhos, e olhar para a Europa, escutar, e ouvir o que a esse respeito se tem dito mesmo já entre nós.

FRAGMENTO DE UM LIVRO INEDITO.

Lasciate ogni speranza...
Dante.

Quando á noute, depois de trabalhosa lida, me encontro só no meu quarto, arredado deste continuo sussurrar das grandes cidades, quão grande é o meu prazer se deparo com um livro cuja leitura distraia passadas e presentes magoas.

E não sei que acho nos livros modernos! Apparece alli a sociedade tão descarnada, o Lasaro tão chagado em toda a sua horrivel nudez, que me afflige, e não poucas vezes, essa leitura.

Nos antigos romances apparecia sempre a virtude premiada, e o vicio castigado — era uma importante lição esta. Nos modernos não é assim: contemplâmos muitas vezes o homem honrado vestindo farrapos, e lutando arca por arca com a miseria; o hypocrita, o criminoso, o avarento, esse homem que regatea por um real com a victima que mais tarde ou mais cedo vae lançar no sepulchro, vivendo no seio da abundancia, e gosando de toda a consideração social — a moralidade vem no fim disfarçada; mas tão encolhida apparece ella, e de tão brilhantes e seductoras roupas recamam os vicios que estes senão agradam, deslumbram.

E no entretanto é verdade isto: a virtude corre perseguida na terra, e os coches do agiota, e do millionario levantando nuvens de poeira, fazem com que ella nem se veja; ella que vae seu caminho modesta e isolada, e deprimida no horisonte apestado destas nossas sociedades, que quasi nunca a conhecem.

Será isto uma prova contra a existencia ou misericordia de um Deus?

Não — que o mundo para aquellas almas puras é um crysol, que as lançará mais puras ainda na eternidade.

E por ventura não dá Deus sempre ao desgraçado resignação para soffrer, não é quasi sempre nos infelizes que se encontram almas nobres, consciencias integras, e fé viva nesse Ente que os creou?

E que desgraça seria para elles senão tivessem fé, e esperança?!

Então a pouca alegria que tem, similhante ao raio do sol de inverno que por um momento vae brilhar, passando pela fresta, na triste agua furtada, a vida do infeliz seria um supplicio mais cruel que todos aquelles que os homens podem inventar.

Em alguns desgostos que tenho tido, acho sempre mais allivio quando o que soffre me pertende consolar, do que qualquer outra pessoa, porque estando costumado ao infortunio, as suas reflexões, e os meios que procura para consolar, são mais agradaveis do que os daquelle que a isso não está habituado; ha homens que no meio da miseria em que vivem, no meio da cadêa de desgostos que os prende á vida, conservam um sangue frio admiravel, e uma nobreza d'alma que nada é capaz de humilhar: não se queixam, porque sabem que os seus queixumes a ninguem commovem; não se apresentam em publico, porque sabem que a sua vista causa tedio; e estes homens que senão póde deixar de admirar, lutam com a miseria á força de trabalho, os seus soffrimentos ninguem os sabe, as amarguras, que á noute lhes servem de leito, ninguem as imagina: sós, privados de tudo, vivem n'uma serie de desgostos, e de privações, e isto no meio d'uma cidade, onde tudo se vende a pêso de ouro, onde muitos folgam e riem, em quanto elles nem um só momento tem de repouso; e nem ousam queixar-se.

Desgraçados, não tem um amigo que os console, que partilhe os seus pesares, porque os amigos fogem delles como de um leproso, para elles basta-lhes vêr uma calça mais usada, um chapéu já velho, para que os enoje o homem com quem viviam. Os mysterios que esta cidade encerra: as scenas de miseria que nella se passam, são desconhecidas a muita gente; ninguem deseja ouvir narrações tristes, e algumas vezes horriveis; os infelizes bem os conhecem, esses homens que se dizem philantropicos, que derramam lagrimas ao vêr um drama, onde tudo é ideal, e não se animariam a dar um real para soccorrer o desgraçado, que não tem o mais pequeno recurso. Satisfazem a poder de dinheiro as suas abominaveis paixões, e recusam dar ao infeliz o mais pequeno soccorro. Eis os homens com quem nós vivemos: em uns miseria e desespero, em outros crimes, vicios, abundancia, e desprêso.

Se alguem negar que isto seja um quadro fiel, que estude os homens, que entre no mais rico salão, e que veja o mais torpe lupanar; que veja o homem nobre, e falle com o rasteiro plebeu: o que os livros nos mostram está muito além do real. O homem infeliz, o homem que sabe o que é passar sem as commodidades da vida, está mais apto para os conhecer. — Sim! As lisonjas nunca o desvanecem; offerecimentos nunca os ouve, soccorros raras vezes os recebe; insensivel a todas as paixões, com o pensar amadurecido pelo soffrimento, vê os homens como elles são, avalia-os como elles merecem . . . .

. . . .

CARLOS R. COUTINHO.

CONSIDERAÇÕES ECONOMICAS.

IV.

A importação implica exportação: nenhum povo importa productos estrangeiros, sem que exporte em retorno os da sua propria industria: assim tinhamos affirmado em outro logar, onde logo promettemos desenvolver mais este principio.

Nós cremos que esta verdade é de si evidente: todos entendem facilmente que se uma nação não determina entregar gratuitamente a outra os productos que lhe importa, hade est'outra necessariamente pagar-lh'os; hade retribuir-lh'os, e esta retribuição verifica-se pela reciproca exportação dos seus productos.

Esta operação todavia nem sempre é tão simples como agora aqui a figurámos; e é por isso natural que ella muitas vezes nos pareça diversa do que na realidade é. Nós queremos porém mostrar como em todas as hypotheses a transacção entre as nações se reduz a simples permutação de productos importados por outros exportados.

Imaginemos o caso mais complicado; figuremos a intervenção da moeda: se uma nação paga com metaes cunhados os productos que das outras recebeu: nesta supposição que mais parece contradizer os nossos principios, verifica-se ainda aquella simples permutação, a que, como dissemos, se reduzem todas as transacções entre as nações.

Com effeito para que uma nação possa fornecer ás outras em moeda, os retornos que ellas exijam, é necessario que ella augmente o seu numerario, em proporção das sommas que exportar: se assim não fosse, em breve tanto cresceria o preço da moeda que cessaria para os estrangeiros o desejo e o interesse que tinham de a receber.

E qual será o meio que uma nação, carecendo de numerario, póde usar para delle se abastecer?

Não conhecemos senão dois: ou extrahi-lo das minas quando as tenha; ou trazê-lo, se as não tem, das nações que as tiverem. Ora se um povo está no primeiro caso, se possue minas, se póde lavra-las, e deste modo abastecer-se da moeda necessaria, esta, em tal caso, é para esse povo a producção da sua propria industria: a transacção é por tanto aqui, como indicámos, a simples permutação de productos por productos.

Na segunda supposição porém é necessario que primeiro alcancemos das nações que têem minas a moeda com que depois havemos de pagar as importações estrangeiras: para isto havemos de dar em troco os proprios productos, havemos de começar por uma exportação.

Se attendermos ao que ainda aqui se passa, veremos que foi uma exportação que precedeu a importação, e para ella preparou: um acto implicou o outro, a transacção tambem aqui se reduziu a permutação de productos por productos.

Usando de credito, a operação é ainda a mesma; porque, quando o credito intervem, adia-se, retarda-se o pagamento, mas nem por isso se dispensa.

Se agora suppozermos a nação importadora exigindo retribuição, não em moeda, mas em productos, então a operação é tão simples e tão clara que nos dispensa de qualquer explicação.

Podemos por tanto concluir d'aqui não só ser verdadeiro o principio estabelecido, que importação e exportação se implicam, e suppõem reciprocamente, mas ainda outras considerações não menos importantes.

Na verdade tambem d'aqui se conclue que as importações nada lesam a industria nacional, porque os que importam, ou directa ou indirectamente hãode promover as exportações. Se por tanto diminue a producção nacional daquelles productos que de fóra se recebem, deve em compensação augmentar a producção dos que para fóra nos levam.

Quando assim acontece não ha perda de capital nem de trabalho; ha apenas uma applicação diversa destes agentes de producção. Cada povo dá nova direcção á sua industria; deixa de crear os productos que os outros lhe fornecem, para crear aquelles com que lh'os hade pagar.

E com esta substituição todos ganham; porque cada um applica por melhor modo as suas forças productivas.

Que razão devemos agora conceder aos que se queixam dos males que a liberdade de permutações traz sobre a industria nacional? Como attribuir a esta liberdade a pouca actividade da nossa industria?

Por estes principios tambem me parece que seria possivel mostrar quanto é chimerico o temor da exportação da moeda; porém esta materia merece ser tratada com mais larguesa; reservâmos por tanto fazê-lo em outro logar.

BIBLIOGRAFIA.

Quadros navaes, ou collecção dos folhetins maritimos, publicados no Patriota pelo sr. Joaquim Pedro Celestino Soares.

A nação portugueza, e a hespanhola, parecem talhadas de molde pela providencia para serem grandes por feitos maritimos. A disposição do nosso territorio, o numero dos seus portos de mar, e a particular excellencia do de Lisboa, a abundancia de madeiras de construcção, e finalmente o natural valor, e animo arrojado a empresas difficeis, que nos é proprio, deviam concorrer poderosamente para isso.

E com effeito fizemos muito; descobrimos novos mundos, derramámos sobre a Europa com mão larga os abundantes thesouros que nos vinham aportar ao Tejo, e fômos pela importancia das nossas colonias, e pelo valor dos nossos soldados, uma das primeiras nações da Europa.

Este estado de prosperidade não mudou de repente, e pelo que pertence á marinha ainda na occasião da partida do sr. D. João 6.º para o Brazil, a nossa esquadra era respeitavel. Tudo isso se perdeu, e até a memoria dos sogeitos mais insignes daquella arma, e das suas mais estremadas gentilesas, se ia tambem sumindo no ingrato esquecimento em que tudo fica entre nós.

O sr. Celestino com a sua obra pôz um obstaculo a este immerecido desprêso; não que elle tivesse a lembrança de escrever todos os feitos dos nossos mais celebres maritimos, mas porque tratando de alguns protestou contra o descuido geral, e abriu a porta a outros escriptores, senão a si proprio, como muito seria para desejar.

Este opusculo é com effeito precioso mesmo pelo seu merecimento litterario, e sem repetir os louvores ao muito grande amor das cousas patrias, que ressumbra em todo o escripto. As scenas navaes são descriptas com a propriedade de termos de quem se educára sobre as ondas, e com tal interesse, que não é possivel deixar de captivar toda a affeição do leitor.

Tem um defeito: é pequeno o escripto! Mas esse defeito póde e hade de certo remediar o auctor, dandonos maiores occasiões de o louvar, e continuando o serviço feito á marinha portugueza.

A redacção da Revista universal soube logo conhecer-lhe o avultado merecimento, desde a publicação anonima do primeiro folhetim, e tributou-lhe os devidos louvores.

VARIEDADES.

Quadro do Menino Jesus por um portuense.

Lemos no Nacional do 1.º do corrente que o sr. Manuel Nunes Godinho anda fazendo um quadro do Menino Jesus a traço de penna com tanto mimo, e subtileza, que ninguem hade dizer senão que é lithografado. Realça mais o valor e preciosidade deste quadro, accrescenta o mesmo jornal, a circumstancia do sr. Godinho nunca ter estudado os preceitos da arte.

Donizetti e Scribe.

Não ha esperanças de que o celebre *maestro* vença a parilysia de cerebro de que se acha enfermo. Algumas vezes senta-se ao piano, e produz alguns compassos, que ainda têem o cunho da inspiração, mas logo volta ao estado de incoherencia e esquecimento em que vive: então levanta-se, e battendo na testa exclama: *já vêdes que me approximo da sepultura.* Costuma tambem passear no jardim; colhe algumas flôres, e desfolhando-as diz: *pobres flôres, vão acabando como Donizetti!*

Ha pouco disse-se que Scribe fôra attacado da mesma molestia, porém as noticias da Italia não confirmam esta nova: parece que o illustre escriptor francez se vae restabelecendo do cansaço que o excesso do trabalho lhe produzira.

RECORDAÇÃO DA INFANCIA.

AO MEU AMIGO MACEDO.

No more, ô never more!!
Shelley.

Este som harmonioso
Foi-m'outr'ora conhecido;
Inda me resta a lembrança
Que me traz tão commovido.

Alegre, tangia o sino,
Em dias de baptisado:
Carpia triste e solemne
Apregoando um finado.

Estes sons oh! não me enganam!
São sinos da minha terra;
Ouvi-lhe as *Ave-Marias*
Nos tristes echos da serra.

Quando eu era inda pequeno,
Da pobre casa fugia;
Indo sentar-me sósinho
No adro da freguezia.

Todas as tardes, sol posto,
Repicava o bom do sino:
Pelo que já me não lembro
Que era ainda pequenino.

Oh! que invejas que eu não tinha
De não ser quem o tocasse!
Quem fizesse os casamentos
Quem os echos affinasse.

Se morria alguem na aldêa,
Eram os echos sentidos
Que choravam pelo morto
Da desgraça commovidos.

O sino grande da torre
Que dobra pelo natal,
Era tão bello, e suave,
Que não tinha outro igual.

As velhas da minha terra,
Diziam todas á uma,
«Que sino tão affinado
«Não havia em parte alguma.»

Que saudades que me ralam
De lhe ouvir os sons distante;
De não poder mais de perto
Ouvi-los a todo o instante.

Cada som que vem da serra
Me traz distincta saudade,
Ora falla em — Magdalena, —
Ora diz pura — amizade. —

Recordo-me então de tudo
Que passei na meninice;
Naquelles felizes tempos
De candura e de ledice!

Quando em fresca madrugada
Acordadas pelo sino,
As avesinhas do campo,
Entoavam sacro hymno.

Despertava toda a aldêa,
Começavam os trabalhos;
Os rouxinoes se acoitavam
Nos velhissimos carvalhos.

Eu então era creança,
A furto a meus paes fugia;
Indo sentar-me sósinho
No adro da freguezia.

Já lá vae tão bello tempo;
Magdalena já não vive!
Desses amigos da infancia,
Nunca mais noticias tive!

Só d'espaço, muito a espaço,
Os echos vindos da serra,
Me trazem na viração,
Saudades — da minha terra. —

Quem me déra vê-la ainda
Das olayas enfeitada;
Similhando alegre virgem
D'inda á pouco desposada.

Mas que iria eu lá fazer?
Ninguem me conheceria.....
E a mim, que chóro por elles,
Pousada ninguem daria!!

Morra pois..... distante della,
Mas não ouça echos da serra,
Trazer-me na viração,
Saudades da minha — *terra*. —

Santa Izabel: 1845.

L. A. PALMEIRIM.

OUTROS OLHOS.

Por uns olhos negros, negros
Trago eu negro o coração.
Garrett (Flôres sem fructo).

Eu bem sei a côr que tinham
Uns certos olhos que eu vi;
E tambem sei que eram lindos
E que por elles morri.

Não eram desses azues
Que tem as tintas do céu;
Mas o brilho das estrellas
Não fulgura mais que o seu.

Não eram tambem castanhos
Os bellos olhos que eu vi,
E se fossem, não morrera
Por elles como eu morri:

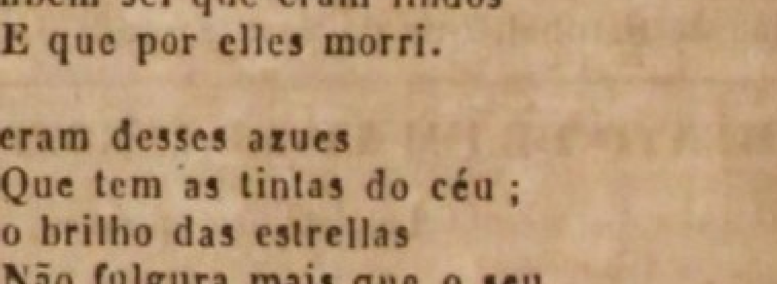
Negros, negros elles eram
E tinham da noite a côr;
Como o crepusc'lo da tarde
Fallavam meigos d'amor.

C. L.

ENIGMAS PITTORESCOS.

EXPLICAÇÃO DO ULTIMO ENIGMA.

As cruzes dos outros nos ensinam a levar a nossa.



SUMMARIO.

LISBOA, 17 DE JULHO.

As noticias theatraes desta semana são destituidas de interesse; tem-se repetido as mesmas peças: porém dizem-nos que no theatro de D. Maria 2.ª se está ensaiando um novo drama do sr. Cascaes — *Uma noute de Santo Antonio*. — Não conhecemos esta producção, mas é para nós de bom agoiro que seja obra do sr. Cascaes, e temos ouvido asseverar que tem cousas excellentes.

No domingo passado deu-se neste theatro um beneficio em favor de algumas familias dos emigrados portuguezes em Hespanha: representou-se o Alfageme, e nos intervallos cantou-se o hymno, e deram-se vivas a differentes objectos politicos. O theatro estava completamente cheio, e o divertimento acabou ás 2 horas da noute.

Nesse mesmo dia tinha-se dado um jantar politico no salão do mesmo theatro, ao qual assistiram mais de oitenta pessoas, estando as gallerias que deitam para o salão cheias de homens e senhoras, que sahiam dos camarotes a gosar daquelle espectaculo. Os brindes foram pronunciados pelos sr.ˢ visconde de Sá, Almeida Garrett, Passos (Manuel), Gervis d'Atouguia, Cezar de Vasconcellos, José Estevão, Aguiar, José Maria Grande, Antonio Cabral de Sá Nogueira, Julio Gomes, e Antonio Rodrigues Sampaio. Os generaes hespanhoes Infante e Iriarte, agradeceram os brindes que lhes foram dirigidos.

Os discursos que se pronunciaram nesta occasião foram a parte litteraria do jantar, mas para que nem venialmente pequemos contra a natureza e obrigações de jornalista litterario não diremos a esse respeito cousa alguma.

Tambem nessa tarde chegaram a Lisboa os emigrados, que tinham ficado em Torres Novas.

A necessidade de publicar alguns artigos, que desde longo tempo estavam em nosso poder, obriga-nos a dar hoje só uma estampa; todavia ella póde reputar-se como uma das obras mais bem executadas pelo sr. Coelho.

A arte da gravura em madeira, — parece incrivel, — quasi está dependente da existencia daquelle artista, cuja facilidade, e rapidez do trabalho é admiravel. Seria muito para desejar, que o governo ajudasse o desenvolvimento de uma arte tão util, concorrendo para que possâmos competir ao menos com os hespanhoes.

Consta-nos, que o — Panorama — vae outra vez publicar-se: será mais um incentivo para a arte, desejamo-lo anciosamente, assim como folgariamos de que a Revista universal procurasse tambem dar estampas, *illustrando* os artigos que publica.

Nesta quadra desappareceram alguns jornaes, entre estes — *o Illustrador* — que era um excellente jornal de litteratura popular, e — o *Jardim das Damas* — cujas publicações poeticas tivemos occasião de louvar.

O CASTELLO DE ALMOUROL.

Fui desde os meus primeiros annos destinado para a profissão litteraria, e todos os disvellos de meu honrado pae se empregaram em me arreigar profundamente o amor da leitura, e das artes: não sei se fez bem, ao menos fê-lo com boa, e desinteressada intenção, que bem sabia elle a terra que era este nosso Portugal.

Não sei já bem pelo que, mas sei que assim aconteceu: um dos primeiros livros que me cahiu nas mãos foi o Gil Braz, e logo depois o Palmeirim de Inglaterra. Roubei muitas horas ao somno para ler, e reler..... que digo eu?.... decorar tudo quanto diziam aquelles livrinhos, e fiquei-lhes sempre affeiçoado.

Mais tarde vieram outras leituras de estudo, ou de recreação, mas o meu querido Francisco de Moraes, e o seu Palmeirim, e D. Duardos, e toda aquella cavallaria nunca, nunca mais me esqueceu, e de vez em quando ia busca-lo entre outros muitos livros, e como que pedir-lhe conta daquelle prazer dos primeiros annos.

Mais tarde ainda veio a guerra civil do sr. D. Pedro com o sr. D. Miguel, e dos constitucionaes com os realistas, e a minha quinta de Coura onde eu residia então, e que é nas immediações de Penafiel, ficou exposta a todos os perigos de marchas, e contramarchas dos exercitos belligerantes. Era uma continua contradança: ahi vem tropa do Porto, vão para fóra de casa as cousas mais preciosas; vem tropa de outra parte, e de outra côr, tomem-se as mesmas precauções: uma roda viva, como se diz em frase vulgar.

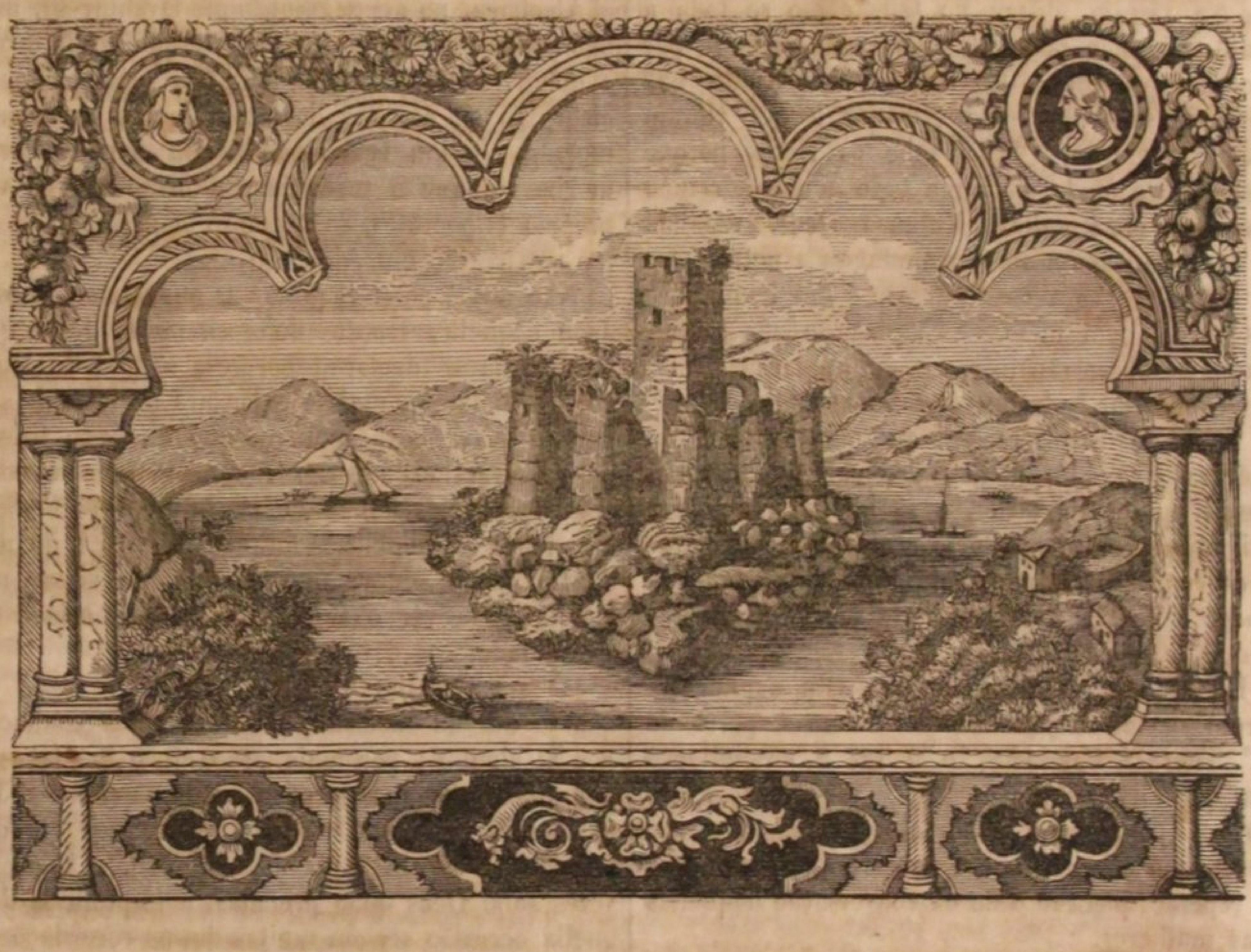
Ora a livraria era a primeira cousa, que se encaixotava, e punha em cautella, e assistia eu proprio a essa operação com o santo ardor dos 16 ou 17 annos que então contava. Em uma das taes mudanças houve curioso que empalmou os tres volumes de Francisco de Moraes, e lá se me foi o Palmeirim de Inglaterra, o Castello de Almourol, D. Duardos, e tudo!

O livro não é raro, mas o acaso fez, que eu não visse mais outro exemplar; fiquei saudoso do Castello, da bella Miraguarda, e do Gigante, e protestei de tornar a ler agora já homem a historia de todos aquelles feitos, e gentilezas, e assim fiquei pendente do meu respeitavel protesto, como os deputados de 1823, até este mez de julho de 1846.

Nelle pois aconteceu receber o jornal das Bellas Artes, excellente publicação emprehendida pelo sr. Bordallo, e Coelho, artistas de muito merito, e bem conhecidos nesta capital, e dirigida pelo sr. conselheiro Almeida Garrett, e ao abrir o n.° 5 ler no alto da pagina — O Castello de Almourol. — Sabem lá como eu fiquei? Todas as recordações dos primeiros annos, a saudade que lhe é propria, a lembrança de meu digno pae, e de uma familia numerosa, que eu vi reunida, alegre, feliz, e que desappareceu para mais não voltar, deixando-me neste mundo só, quasi inteiramente só..... tudo isso parece que resumia em si o nome do tal castello.

Li com avidez o escripto: era a historia tradiccional do castello: primeiro a que podia extrahir-se da obra de Francisco de Moraes, logo depois a que em chacara popular, e na tradicção dos velhos pudéra chegar até nós; curioso, e elegante trabalho do nosso estimavel amigo, e distincto collaborador, o sr. conde de Mello. Um maldito — *continúa* — nos deixou em meio! Quesilentissimo, e forçado defeito de todas as publicações periodicas!

Passaram poucos dias; appareceu o n.° 6, e nelle o resto do escripto, e o que é mais o desenho do castello feito pelo nobre conde, e preparado depois para gravura de madeira pelos dignos artistas de que já fallámos. Tencionámos logo convidar os nossos leitores a vêr aquelle notavel monumento feudal, cujas ruinas ainda hoje merecem contemplar-se.



O castello está a 18 leguas de Lisboa em frente da povoação de Tancos sobre uma pequena ilha no meio do Téjo formada de rochedos, arêa, e alguma terra, aonde, como diz aquelle escripto, cravam raizes seculares os salgueiros, os choupos, os chorões, e enormes pitteiras. É hoje ruinas, mas taes como a estampa as representa merecem muito ser conhecidas.

A sua historia se a houvessemos de tirar de Francisco de Moraes, seria de um gigante chamado Almourol, que o edificára, de D. Florendos que o vencêra, e libertára a bella Miraguarda, que o gigante guardava, e do combate com o esforçado Palmeirim sem se conhecerem sendo amigos e parentes! Dá uma linda chacara tão boa como a de Miragaia, sobretudo se tiver a fortuna de sahir dos bicos da mesma penna.

Mas a tradicção do povo, que não está nos livros, como a cantam moços, e velhos em cantigas, que se não puderam alcançar todas, a tradicção emfim tal qual o sr. conde de Mello a escutou a uma velha de Constança: esse conto singelo do tempo do sr. rei D. Affonso 5.°, e como a Virgem que se venera em Constança com o nome de *Santa Maria de Almourol* veio do castello parar alli é muito longo para um só artigo.

Por hoje fiquemos ahi, e seja a publicação dessa estampa um testemunho de saudade aos tempos, que são caros a todo o homem, que tem coração. O publico não m'o hade levar a mal, com quanto a um ou outro rabugento pareça grande *pieguice*, e a algum economista desperdicio do capital productivo — *tempo* — que era mais bem gasto a examinar a razão pela qual as notas do banco valem menos um pataco, e a estudar as variações da caixa economica!

Dos rabugentos me rio eu, agora dos economistas, confesso, tenho medo de me rir; são capazes de mandar arrasar o meu querido castello de Almourol para tornar productivas aquellas pedras, e arêa: são grandes homens, mas se tal fizessem, então ria-me, e sem medo!

ROBERTO VALENÇA.

ROMANCE.

CAPITULO XIV.

Conta-se o mais que succedeu ao sr. conego, e como o nosso heroe se fez soldado da liberdade, e os motivos dessa resolução.

Eu cá, sr.ª Thereza, assim o ouvi dizer, e vendo-lh'a pelo mesmo preço.

Tambem eu oiço dizer muita cousa, mas não faço caso: nestes tempos mente-se muito.

Isso é verdade, mas todos, todos á uma dizem o mesmo: se ouvisse um official meu conhecido...! ficava pasmada! O que elles fizeram! Roubaram, mataram, incendiaram, fizeram cousas dos demonios; os de Villa do Conde, e de mais não sei que terras estão desesperados. Olhe, sr.ª Thereza, digam lá o que disserem, a minha gente hade ser a que comeu o arroz cá dentro do Porto, mas dos outros..... destes meninos que vieram como lá se diz ao cheiro dos nabos, quando já tudo estava acabado..... *libera nos Domine!*

Este curto dialogo passava-se no Porto quasi um anno depois dos acontecimentos do capitulo antecedente entre a sr.ª Thereza Fagundes, muito nossa conhecida, e outra mulher sua visinha, e amiga, com a qual ás vezes ficava de conversação á janella até alta noute, e alli se cosia, e descosia a vida a meio mundo segundo o louvavel costume não do sexo femenino, mas de uma porção delle, que se destingue com o nome especial de — senhoras visinhas. —

Porém desta vez a conversação não tocava por ninguem da visinhança: as boas mulheres fallavam de uma expedição feita por certos soldados de um batalhão do Porto para as immediações de Villa do Conde, onde por acaso nessa occasião foi roubada uma casa, e se fez disso culpa aos taes militantes.

Pois eu, retrucava a sr.ª Thereza Fagundes, sem elles cá chegarem, e contarem tudo como foi, não acredito cousa alguma. Agora tambem tudo quanto acontecer hade ser por culpa dos que se vieram alistar no fim, como se toda a gente, que não póde vir mais cedo, seja só por isso mal procedida. Eu não sei o que elles haviam de fazer: os que estavam longe, vieram quando puderam, Deus sabe os riscos porque passaram, e ainda em cima tudo quanto fôr máu hade ser obra delles. Valha-a Deus, visinha!

Tudo isso assim será, resmungou a outra, mas eu quero-me com os do arroz, e das bombas, e dos outros nem meio. — Elles serão uns santos, porém as obras são más.

Ora o leitor hade querer saber, curioso como é, as muito plausiveis razões, que obrigavam a boa Thereza Fagundes a defender calorosamente as pessoas que mais tarde, e só no fim da guerra civil appareceram no Porto a alistar-se nos batalhões contra os inimigos da rainha que iam fugindo, e contra uma causa de sua natureza decahida, e quasi morta.

É verdade que lhe devemos esta explicação, porém neste mesmo instante batem á porta da sr.ª Thereza Fagundes, e é tal a precipitação com que ella desce a escada, e vae pessoalmente abrir a porta, que é forçoso acompanha-la, e irmos com ella receber a pessoa, que assim veio de repente quebrar o fio da conversação daquellas duas mulheres.

Com effeito a porta abriu-se; entrou por ella um soldado com a farda de um dos batalhões do Porto, e a boa Thereza Fagundes pendurou-se-lhe do pescoço com tal vivacidade, e com tamanho dispendio de abraços, e beijos, que causaria admiração ao homem menos espantadiço, e com mais razão ainda a quem se lembrasse de que não era a sr.ª Thereza pessoa acostumada a similhantes velleidades.

O soldado desprendeu-se como póde dos braços da Thereza, subiu as escadas apressadamente sentou-se na primeira cadeira, que encontrou, tirou o boné, limpou o suor, que lhe corria da testa, e deu um destes *ais* saboreadores do descanço depois de uma lide prolongada.

Mas quem era este soldado tão novo, e a quem a natureza ainda não concedêra o indispensavel appenso dos bigodes, ornamento militar, que a revolução conquistou para os paisanos, como elemento essencial para encobrir máus dentes, boccas disformes etc.? Pois deveras ainda não adivinharam?

O soldado era o nosso heroe o sr. Roberto Valença, bem que um pouco serodio comtudo brioso defensor da rainha, e da carta, que de Lisboa, onde o sr. conego o deixára, viera a alistar-se nas fileiras constitucionaes, tendo por quartel como era de razão, a casa da sua extremosa, e desvelada mãe a boa Thereza Fagundes na muito escura, e aporcalhada rua da Bainharia.

Na idade do sr. Roberto eram naturaes os sentimentos de amor vivo, e enthusiasta pela liberdade, mas o nosso heroe não era homem em quem essas pieguices produzissem o mais pequenino effeito: o caso era outro, muito outro, e verdade, verdade, é necessario dizê-lo ao leitor.

O sr. conego Caetano Valença sahiu de Lisboa em julho de 1833, e atravessando pelo exercito realista dirigiu-se a Alcobaça onde os frades bernardos o receberam, e hospedaram bisarramente como sempre foi o seu costume, mal pago por nós ingratos, e villãos ruins, que lhe iamos comer exemplarmente os guisados, e vinhamos depois declarar..... declarar....? Se fosse só isso! inventar até quantas asneiras nos lembrava que poderia dizer um frade, e dar-lhe livre curso por esse paiz com o titulo de Bernardices! Pobres filhos de S. Bernardo!

Toda esta urbanidade, e grandeza dos monges negros não impediu que se cumprissem os decretos da providencia. O sr. conego já chegou doente a Alcobaça, no dia seguinte quiz levantar-se, mas não póde, e passados dias um curandeiro da terra, a quem por civilidade aquella boa gente chamava cirurgião ou alveitar declarou, que o sr. conego morrêra de um typho combinado com a colera-morbus, e que a molestia era invencivel para o proprio Hipocrates, se mesmo em pessoa pudesse ter apparecido em Alcobaça.

Não nos é possivel pintar as angustias do nosso João naquelles transes dolorosissimos: desde que a molestia se declarou perigosa o bom do Mercurio não largou mais a cabeceira do leito de seu amo e não houve exforço, que elle não fizesse para salvar-lhe a vida. Por tres vezes mandou por aquellas visinhanças procurar um medico, mas todas as diligencias foram baldadas, e quando a final póde obter, que do exercito viesse um facultativo a vêr o sr. conego, já elle estava na Eternidade.

O sr. Caetano Valença perdeu a razão ao quarto dia da molestia, e nunca mais conheceu pessoa alguma; por mais que o João lhe fallava, por mais que lhe recordava tudo quanto podia excitar-lhe idéas do passado, e produzir alguma emoção forte era empenho baldado, e mais ás vezes sabe Deus quão profanas, e improprias daquella occasião seriam muitas dessas recordações!

Morto o conego; apresentou o sr. João um testamento regular, feito em Lisboa o qual foi logo alli aberto segundo todas as formalidades da lei, e já na presença do nosso heroe que o João fizera chamar a toda a pressa de Lisboa, a vêr se com a vista delle o pobre conego dava algum accôrdo de si.

O testamento era simples: nomeava herdeiro a seu irmão, e deixava ao filho uma pensão vitalicia igual a outra com que favorecia o João.

Quando se chegou a esta clausula do testamento o sr. Roberto lançou ao nosso Mercurio um olhar de colera, e de despeito, que uma pedra mesmo saberia traduzir, e o João abaixou os olhos, e deixou-se ficar absorvido na dôr de ter perdido o seu querido amo. O sr. Mercurio estava vingado daquella malaventurada historia dos dobrões!

Deste torpôr sentimental o fez acordar a voz do menino Roberto.

João, que dinheiro deixou meu pae?

Eu tenho alli cem moedas em prata, e algumas peças: v. s.ª póde dispôr dellas como lhe parecer ainda que eu talvez devesse entregar a seu tio esse dinheiro, mas emfim neste estado de guerra, aqui sósinho, e sujeito ás contingencias proprias destes tempos Deus me livre de conservar na minha mão esse deposito, e depois seu tio fica bem rico, e v. s.ª sempre é filho de meu amo; Deus lhe falle na alma.

O sr. Roberto recebeu o dinheiro, e mandou preparar o João para partir para o Minho aonde então se achavam seus tios fugidos do Porto desde a entrada de D. Pedro.

O conego enterrou-se como se enterra um conego em tempo de guerra, e pela mão de pessoa a quem elle privára da rica herança, que esperava receber, e neste ponto o amor filial do nosso Roberto Valença sem o auxilio do prelado Alcobacense talvez se esquecesse mesmo de tributar ás cinzas de seu pae os ultimos deveres.

Ralharam os padres mais graves de que apenas o João lhe mandasse dizer por um padre de requiem uma pobre missa de esmolla de 240 réis, mas ao cabo de alguns dias o conego estava esquecido, e o sr. Roberto caminho do Porto.

Chegado ás immediações da cidade, que então se estava a fazer eterna, hesitou o nosso mancebo ácêrca do seu destino, porém lembrando-se de que sendo os tios realistas poderia alcançar delles mais facilmente o cumprimento do legado fazendo-se constitucional resolveu entrar no Porto, tomar alli os bentinhos liberaes para depois apparecer á familia com a vigorosa apparencia de um perfeito conquistador.

Dito, e feito: o nosso homem alistou-se em um batalhão; fardou-se, e começou o seu tirocinio com o fervor, e caridade christã propria de um *parvenu* politico, que é a raça mais endiabrada de politicos, que se tem descoberto até hoje!

OS VERDADEIROS SUCCESSORES
DOS TEMPLARIOS
E O SEU ESTADO EM 1805.

(Conclusão de pag. 59).

É verdade que o papa exigiu que pozessem uma pequena cruz branca no meio da cruz do templo; mas este accrescentamento, de pouca consideração, demonstra o empenho do rei em restaurar a antiga ordem: porque d'outro modo, em vez da mesma cruz do templo, teriam podido tomar uma de qualquer outra fórma e côr. Nos tempos heraldicos, em que estes signães eram um symbolo, a pequena cruz branca, no meio da dos templarios, queria dizer por ventura que havia sido purificada a antiga ordem. Denotam estas circumstancias o apego do rei á sua conservação, e a repugnancia do papa em acceder a estas exigencias.

Era mistér formar a ordem, e pára este fim escolheram um cavalleiro d'Aviz, que havia por nome Gil Martins, que foi declarado mestre. Estes cavalleiros seguiam a religião de cister, como os templarios; eram, em linguagem religiosa, seus irmãos-germanos. Obrou-se nesta occasião, o que era costume nestes seculos; mandar vir um religioso d'outra casa, e do mesmo instituto para que o fizesse executar no convento que se queria restabelecer com esplendor.

Não se póde duvidar de que era este o pensamento das suas tentativas, quando se sabe pelos registros da ordem, que se conservavam nos archivos de Thomar, sua capital, que os primeiros cavalleiros recebidos na ordem pertenciam aos antigos templarios: e o que mais admira é que os cavalleiros que se consideraram livres, e não se apresentaram para ser acceitos, foram a isso obrigados por meio de censuras ecclesiasticas.

O decreto pelo qual o rei acceitou a bulla, revela a verdadeira intelligencia que lhe ligava; repete alli mais d'uma vez que esta nova ordem era apenas a da refórma do templo. Todos os bens que haviam pertencido a esta ordem lhe foram restituidos. As rendas que se haviam cobrado durante o sequestro foram pagas ao novo mestre; e o que ainda demonstra melhor as idéas que haviam dirigido o rei, é que declarou por um alvará, que todas as sentenças proferidas contra os templarios, e obtidas pela corôa, de que acima fallámos, eram nullas de direito, e que concedia á ordem reformada tudo o que lhe tivesse sido extorquido por aquelle meio, reconhecendo expressamente a justiça que lhe assistia na posse das antigas dotações.

Não se póde ter desconfianças de que o rei se houvesse nisto com outra intenção, porque João XXII não era um modêlo de incorruptibilidade. Tudo nos leva

a acreditar que teria quinhoado os despojos da ordem com o rei, se este se houvèra prestado a tal iniquidade. Durante as negociações para a nova ordem reformada, o papa ousou fazer doação dos bens que haviam pertencido á ordem em Portugal ao cardeal Bertrand, seu favorito. O rei conservou-se tranquillo, mas fez com que o principe real e os grandes do reino se oppozessem a este passo. O papa retirou a sua doação. Esta politica do rei Diniz é do mesmo genero que as suas outras acções. Nas disputas entre os reis e os papas, a côrte de Roma encontrava sempre favor nos grandes e ecclesiasticos. O rei, neste ponto, sem obrar, e compromelter-se, lhe fez entender, que não podia contar com apoio algum. Não se tratou mais da doação. Bem longe de cobiçar os bens dos templarios, este soberano, por occasião da refórma da ordem, lhe doou a villa de Castro Marim, que nunca haviam possuido os templarios.

Encontram-se ás vezes coincidencias extraordinarias nos acontecimentos. Este mesmo soberano, que com tanta sollicitude tratou de reconstruir a ordem, plantou vastas florestas de arvores, proprias para a construcção de navios, em terrenos incultos proximos do mar [1]. Estes cavalleiros, e estas florestas, se tornaram, um seculo depois da sua morte, os immediatos instrumentos da grandeza da nação, e d'uma das mais extraordinarias revoluções de que a historia faz menção. Dedicar-lhe-hemos algumas palavras.

No anno de 1420 o infante D. Henrique, duque de Vizeu, filho de D. João 1.°, foi collocado á frente da ordem de Christo. Todos reconhecem neste nome o auctor das descubertas e das colonias européas; o que menos se sabe fóra de Portugal, é que estas descubertas eram feitas á custa desta ordem, e em seu proveito. Os reis de Portugal, para animar estes cavalleiros, lhes concederam ao principio a propriedade dos paizes que poderiam adquirir, reservando para si a soberania. Foram tão rapidos os seus progressos, e tão consideraveis as suas acquisições, que, mesmo em vida do infante, a prudencia exigiu outros contractos. Em vez da propriedade dos paizes adquiridos, que volveu á corôa, concederam-lhe a jurisdicção civil, certa superioridade militar, os dizimos, e a jurisdicção ecclesiastica, com o consentimento dos papas. Annos depois, a boa politica pediu que a supremacia d'uma ordem, tão poderosa, e rica, fosse para sempre annexada á pessoa do rei, como de feito se conseguiu.

Desde o cabo Bojador, aonde tiveram principio estas descubertas, não era permittida a navegação a navio algum portuguez que não hasteasse a bandeira da ordem; além deste cabo os portuguezes não usavam outra.

Vasco da Gama descubriu a India com a bandeira destes templarios reformados; foi com ella que o grande Affonso d'Albuquerque, e D. João de Castro a conquistaram; e quando as empresas dos cavalleiros do rei Diniz exigiram uma grande marinha, as florestas que havia plantado lhe offereceram abundantes materiaes.

Seria facil estender-mo-nos neste ponto, e apresentar quadros vistosos; mas ninguem ignora as consequencias destas grandes empresas; nós só nos occupâmos dos successores dos templarios. É mistér confessar que a sua sorte foi lisongeira, e os seus destinos brilhantes.

O Monitor de 21 prairial do anno XIII nos noticía que o imperador dos francezes acaba de acceitar as condecorações desta ordem, e o soberano de Portugal as da legião d'honra [2].

J. CORREA DA SERRA.

[1] A floresta de Leiria, etc., etc.

[2] É mistér fundamentar os factos, quando se narram. Para não pejar as paginas de notas, eu recommendo aos curiosos que leam a historia d'el-rei D. Diniz por Brandão, 2 vol. in folio. Lisboa 1650—1672. Este annalista exacto e laborioso, não falla d'um facto sem provas, e submette estas provas a um exame consciencioso. Nesta obra se encontram, em differentes partes, os factos que citei neste meu trabalho.

MEDITAÇÃO.

FRAGMENTO.

> Que dôce não é fugir dos homens para
> viver com as plantas!
>
> *Garrett* (Flôres sem fructo).

Era n'uma noute linda, formosa, em que o céu se achava vestido de um azulado manto de brilhantes estrellas, em que um bello luar como que parecia entrar até a devassar os mysterios do coração — a prescrutar o intimo seio d'alma do que folga na solidão, do que medita no ermo, do que só vive quando se acha a sós no descampado!

E era tão lindo o estar a vêr bailar as estrellas, o vê-las apparecer, sumir, brilhar! Era tão sublime o estar a sós áquella hora tão melancholica da noute, revolvendo as paginas tristes e desbotadas do livro do coração! Era tão delicioso o pensar então no passado, como que acordar de um somno pesado e profundo para meditar no presente, como que tornar a adormecer para cuidar no futuro!..........................

....

Uma nuvem negra surgiu no céu — era o symbolo da maldade dos homens que entra até na morada da virtude! As estrellas como que fugiram amedrontadas á nuvem que as seguia. Era o demonio a querer reduzir os anjos do céu! Mas a nuvem desfez-se — as estrellas continuaram a fulgurar lá longe — lá muito ao longe!..

....

Um homem estava encostado a um rochedo ás bordas do mar. — Errava-lhe de vez em quando nos labios um sorriso desbotado como o alvo lyrio dos seus amores — pendido como a rosa branca de suas tão lindas esperanças ás bordas do abysmo! Era o sorriso do sepulchro — era o rir da campa quando abre os seus braços de marmore, e arroja para dentro de si a victima que a mão de Deus derrubou para o seio do nada!

Era o sorriso do poeta, tão melancholico, tão saudoso, quando vê quebrarem-se-lhe todas as cordas do alaúde — quando sente esvairem-se-lhe todos os seus sonhos — quando vê que não houve no mundo uma mulher que comprehendesse os seus canticos — que não houve um peito que comprehendesse os seus gemidos — que não houve na terra um coração que cresse nos sons melodiosos da sua lyra! quando finalmente a desesperança lhe entra n'alma — a crença lhe foge para o sepulchro, a vida se lhe quebra de encontro á fria lagea do tumulo — a rosa de seus deliciosos amores se torna em negro cypreste da morte!

O poeta ergueu-se, chegou-se ao pé d'um rosal que adornava e enfeitava aquelles logares, colheu uma rosa... olhou-a muitas vezes... sorriu-se... e beijou-a... imprimiu-lhe um daquelles beijos ardentes que só comprehendem corações que amam, que só apreciam peitos que ardem na chamma abrasadora de uma paixão!

A rosa era o symbolo dos seus amores: — o sorriso era o sorriso da campa, morno, triste, melancholico como o ultimo gemido do moribundo!... O beijo era o beijo do sepulchro, fatidico, mysterioso como a vida do homem; frouxo, desbotado como o coração do que vê sumir-se-lhe para o nada a mais bella e lisongeira esperança da sua vida — do que sente morrer-lhe a crença no intimo d'alma!

E os espinhos da rosa?..

Eram o symbolo da saudade enraizada no peito do poeta — saudade da mulher que pagára amor com indifferença — carinhos com desprêso — que déra em troco pelos cantos do trovador um daquelles sorrisos insultantes de escarneo e de ironia que desfolham mil vidas — que matam mil existencias com um só golpe! Era a tristura que vem sempre após o prazer — era o martyrio após a alegria — era o tumulo a destruir as illusões da terra — era a morte a cortar com foice terrivel os sonhos d'uma existencia — era a campa a receber o ultimo gemido d'um peito — era a lousa do sepulchro a baixar pela vez derradeira sobre a vida d'um homem!..

Aquelle sorriso foi o ultimo que assomou áquella bocca — aquelle beijo o derradeiro que pendeu daquelles labios!

O sorriso encerrava amargura — o beijo trazia morte!..

E o poeta morreu!..

E a rosa desfolhou-se... confundiu-se toda com o pó da campa!..

E ficaram os espinhos...

É que morrêra no coração o amor do poeta. — O indifferentismo ficára ainda n'alma da mulher!..

Coimbra — 1846. J. C. MASSA.

EPOPEIA ENTRE OS ANTIGOS.

I.

Se consultarmos o padre Le Bossu no seu Tratado do poema epico, e a turba multa dos commentadores, explicadores, anotadores, e embrulhadores da poetica de Aristoteles, como Minturno, Paulo Beni, Robertello, Nisieli, Dacier, etc. etc., todos nos provarão com muitos, e subtilissimos argumentos, que não póde haver epopeia sem sujeitar-se rigorosamente a todas as regras, e regrinhas, que elles mui largamente dão, e que fazem do poema epico uma especie de romance em verso, principiando pelo meio da acção, e fazendo narrar o principio della pelo heroe, reduzindo-a ao prefixo termo de um anno de duração, e fulminando o anathema contra todos os que se atreveram a quebrantar estes dois preceitos sacrosantos, posto que a sua observancia, ou não observancia, nunca fez que uma obra fosse boa, nem mesmo má; igual censura fazem ao poeta, que se contenta de narrar os factos, e não organisa em drama a maior parte do seu assumpto, tendo os ditos mestres grande cuidado em apoiar cada uma destas pertenções com a auctoridade do philosopho (assim chamam por excellencia a Aristoteles) e a pratica dos poetas gregos, e latinos.

É cousa na verdade notavel que Aristoteles adquirisse tamanha auctoridade entre os modernos, e que tão pouca influencia tivesse entre os antigos, que nem um só poeta epico grego, ou latino se regulasse pelos seus preceitos, e antes parece que de proposito se justaram todos para fazerem o contrario do que elle ensina.

Horacio em sua judiciosa Arte poetica aconselha os poetas que para a imitação dos costumes, e o desenho dos caracteres consultem as doutrinas dos philosophos da escóla de Socrates, mas para cousa nenhuma lhe manda consultar a auctoridade do Estagyrita. Dar-se-ha caso, que esse fragmento informe, que se chama Poetica de Aristoteles não seja verdadeiramente deste philosopho, mas obra de tempos mais recentes, e até muito recentes? Não vêmos nós attribuir a Museu o Poema dos amores de Leandro e Hero, e a Orpheu a Argonautica, quando a linguagem, o estylo, e o mesmo tom da composição claramente mostram a impossibilidade de serem dos antigos cantores a quem se attribuem? Não acontece o mesmo com os escriptos de Petronio, cuja supposição foi primeiro apontada por Voltaire, bem que contradissessem então muitos doutos esta opinião hoje plenamente recebida?

Dizem os preceitistas, que Aristoteles tirou de Homero todos os seus preceitos, mas a Iliada, e a Odyssea contradizem a cada passo esta assersão. Querem elles, e quer Aristoteles que a acção seja nobre e heroica, e não vejo que haja cousa menos nobre e heroica, que dois chefes por uma questão de mulher, e de mero capricho, exporem a perder-se uma expedição, e o seu exercito a ser exterminado!

O mesmo póde dizer-se da acção da Ulyssea; pois que heroismo ha em que um rei, que estava dez annos fóra do seu reino em uma guerra perigosa, faça todas as diligencias para voltar á sua patria, a descançar de tantas fadigas na companhia de seu pae, de sua esposa, e seu filho? Qual de nós não faria o mesmo em identicas circumstancias? Como pois tirou Aristoteles dos obras de Homero uma regra, que nella se não acha observada?

Quer Aristoteles, e querem os commentadores que a acção de um poema seja unica, mas na Iliada ha duas acções distinctas; a desavença de Achyles, e Agamenon, e a guerra de Troya. A primeira começa no momento, em que Briseida é arrancada da tenda de Achyles por ordem do rei de Mycenas, e acaba quando o Pelida se reconcilia com elle, e vinga Patroclo com a morte de Heitor, e lhe consagra as honras da sepultura. A vinda de Chryses ao campo dos gregos, a repulsa de Agamenon, o conselho dos reis no primeiro canto, a peste, a conducção da donzella a seu pae por Ulysses, e quanto se passa desde os funeraes de Patroclo até aos de Heitor tudo pertence á segunda acção que no poema se enlaça com a primeira.

Quer Aristoteles, e querem os expositores que o heroe principal seja um só, e na Iliada ha muitos heroes, que podem considerar-se principaes, como Ayax, Diomedes, Nestor, Ulysses, etc., que sustentam a marcha do poema, sem que o leitor se lembre de Achyles.

Querem que a acção principie pelo meio, e todos os poemas gregos escriptos antes, e depois de Aristoteles todos começam pelo principio della. A Iliada pela disputa de Achyles, e Agamenon, acabando com a sua reconciliação, a Odyssea, que tem por assumpto a volta de Ulysses a sua casa, principia com Ulysses na ilha de Calypso onde os deuses determinam que elle volte á patria. Cointo de Smyrna, nos seus Paralypomenos de Homero, ou pequena Iliada, principia a guerra de Troya no ponto em que Homero a deixou, e a conduz até ao fim.

Apollonio Rhodio começa os seus Argonautas com a resolução que toma Pelias de mandar Jason á conquista do Velocino com a intenção de que pereça naquella empresa arriscada, livrando-se assim de morrer ás mãos delle como lhe estava pronosticado pelo oraculo.

Orpheu, ou Onomacrito, segue a mesma ordem na sua Argonautica, assim como Caluthо no roubo de Helena, Triophidoro na guerra de Troya, e Museu nos amores de Leandro e Hero, nem podiam seguir outro methodo em poemas de tão pequena extenção.

Nouno no seu poema das Dionisiacas, ou acções de Bacho, mais longo que a Iliada, e a Odyssea jun-

tas, principia pelo roubo da Europa, e as viagens de Cadmo para procura-la, trata depois da guerra dos gigantes, e dos serviços prestados nessa occasião a Jupiter pelo filho de Agenor, do casamento de Cadmo com Harmonia, filha de Marte, e de Venus, da fundação de Thebas, do nascimento de Semele, dos amores de Jupiter com ella, e só depois de alguns cantos nos apresenta o nascimento de Bacho, que é o seu heroe, de modo, que póde dizer-se deste poeta; que não só principiou o seu poema *ab ovo* segundo a expressão de Horacio, mas *á gallina*.

O mesmo observaremos se dos poemas gregos passarmos a examinar os poemos latinos. A Eneida começa pelo principio da acção, pois Virgilio no primeiro canto apresenta Eneas navegando de Sicilia para a Italia, tendo naquella ilha sido avisado de que era alli que devia fundar a cidade, pois até então tinha vagado á toa sem saber para onde o chamavam os fados.

Lucano abre a sua Pharsalia expondo as causas da guerra civil, e a passagem do Robicon por Cezar, e neste e em Pompeu, cujo partido toma, apresenta dois heroes principaes.

Estacio na sua Thebaida apresenta muitos heroes, e tanto este poema, como a sua Achileida, que deixou imperfeita, ou de que se perdeu a maior parte, começam pelo principio da acção. Isto é a Thebaida pelas imprecações de Edipo contra seus filhos, e a Achyleida pela sahida de Achyles da ilha de Scyro, onde Ulysses vae busca-lo para o conduzir á guerra de Troya, tendo o poeta em vista cantar todas as proesas do filho de Peleo, como elle mesmo o affirma

nos ire per omnem

Heroa

e sendo assim, quem duvida que neste poema, que se existisse todo, ou se o auctor o tivesse acabado, seria sem duvida superior ao da guerra de Thebas não poderia deixar de haver tambem muitos heroes principaes, pois que nelle tinham de figurar todos os que na Iliada representam um papel mais saliente.

Silio Italico cantou a segunda guerra punica, e contra o preceito de Aristoteles, e dos seus acolytos, dá principio ao poema pelo juramento de odio eterno contra os romanos, prestado por Annibal ainda adolescente sobre os altares de Dido, narra depois a educação deste general, suas primeiras proesas, o cêrco de Sangunto, e sua destruição, que é a causa da nova guerra com os carthaginezes. Os seus heroes principaes são tantos quantos os consules, que commandaram as tropas da republica nesta campanha, que durou tantos annos.

Pelo principio começam todos os poemas de Claudiano, desde o *Roubo de Proserpina* até o de *Bello Gildonico*.

A Argonautica de Valerio Flacco, que é o mesmo assumpto de Apollonio de Rhodes, (a quem muitas vezes copía), mas tratado em escalla mais ampla, tambem se desvia das regras do philosopho quanto ao ponto em que começa a acção, pois principia o poema expondo os sustos que Pelias tinha de ser dethronado por Jason, e com a insidiosa proposta que lhe faz de emprehender a viagem de Cholchos para vingar a Phryxo assassinado por Eeta, rei daquella região.

Perguntaremos agora como é possivel que todos os epicos gregos, e latinos, cujos poemas se conservam, sendo todos elles homens de muito saber, e alguns delles de talento extraordinario, se afastassem todos da observancia das principaes regras de Aristoteles, como são a unidade de heroe, e de acção, o exordio della, a sua heroicidade, e justa grandeza, que na poetica se calcula em um anno de duração quando a da Iliada é de vinte e tantos dias, outras de alguns mezes, a de guerra punica de muitos annos, e a de Dionisiaca talvez de um seculo?

Não existiria por ventura a poetica de Aristoteles? Ou se os grammaticos a explicavam nas suas escólas, ter-se-ha perdido, e o fragmento que possuimos, em vez de fazer parte della, será como já dissemos uma supposição de tempos posteriores? Parece-nos que esta indagação valia a pena de occupar a critica dos Philologos.

Seja como fôr, o que parece verosimil á vista dos poemas gregos, e latinos, e da discordancia da pratica de Homero com os preceitos aristotelicos que se dizem tirados della, é que os antigos concebiam o poema epico de uma maneira muito differente daquella porque nós o concebemos, parece que o poema epico na opinião delles era um trecho de historia, uma historia inteira, a vida de um homem, adornada com as côres mais vivas da alta poesia, a intervenção dos deuses, e mais ou menos ficções segundo a maior ou menor invenção do auctor, em estylo eloquente, e escripta em verso para mais facilmente se decorar, e ser cantada nas solemnidades publicas. E quem sabe se a Iliada, e a Odyssea não serão mais que dois grandes trechos do immenso poema composto por diversas pessoas sobre a guerra de Troya, e cuja maior parte por sua mesma immensidade se perdêra? Quem sabe se Licurgo ou Aristarcho deram aos fragmentos escapados ao esquecimento a fórma desses dois todos, em que hoje o possuimos? Esta supposição não parece inteiramente destituida de razão, se considerarmos que a poesia epica foi a historia dos seculos primitivos, e o seu canto um dos principaes meios da conservação das tradicções dos homens nos seculos barbaros. Muitos auctores affimam que os povos da nossa peninsula, e com especialidade os turdulos, possuiam grande numero de narrações em verso, em que se conservavam os factos publicos, e as acções dos heroes; o mesmo affirma Cornelio Tacito dos bardos allemães, o mesmo consta dos bardos das Gallias, e da Escocia, e vestigios deste costume os depararam os nossos nas tabas do certão do Brazil.

Nem pareça estranho que muitos homens se occupassem em escrever a continuação da composição de outros, porque mesmo entre os modernos temos muitos exemplos disto. Ariosto continuou o poema de Baiardi. Um auctor hespanhol publicou um livro contendo as proesas de Palmeirim de Oliva; uma senhora continuou esta obra com o titulo de Primalião, que contém os fins do reinado de Palmeirim de Oliva, e as cavallarias de seu filho Primalião, o nosso Moraes continuou a chronica do Primalião, com as cavallarias de seu filho Palmeirim de Inglaterra, e Diogo Fernandes a continuou com o segundo D. Duardos, e a chronica deste foi continuada por Corrêa Pacheco com D. Clarisol de Bretanha, e esta seria seguida de outras continuações, se não passasse a moda de escrever livros de cavallarias.

O mesmo aconteceu com a Historia de D. Florisel de Niquea escripta em hespanhol por Feliciano da Silva, cujas continuações deitam a vinte volumes por diversos auctores, passando das acções de filhos a netos com tanta regularidade como as chronicas de um reino.

Ha ainda uma cousa que notar, e é que os primeiros historiadores da Grecia Herodoto, e Tucidedes apresentam muitos pontos de contacto com a Epopeia Homerica; observa-se em suas obras o mesmo cuidado em dramatizar os factos, em introduzir narrações por entrepostas pessoas, e referir acontecimentos maravilhosos, em compassar as phrases procurando uma harmonia de dicção quasi poetica, e é nisto que a historia antiga differe essencialmente da moderna; a historia antiga cuida mais dos factos publicos, a moderna dos particulares: a antiga pinta os acontecimentos e os caracteres, a moderna analysa os primeiros, e faz a autopsia dos segundos: o historiador antigo mostra os objectos, e é muitas vezes poeta: o moderno é raras vezes eloquente, e perde-se em investigações e discursos sobre antiguidades, governo, legislação, costumes, usos, historia natural, contos, sciencias, e artes; daqui vem que a historia antiga é cheia de viveza, e interesse, e a segunda enfadonha á força de raciocinio. A historia antiga preside a imaginação, á moderna a philosophia, e a critica.

Não dou a maior parte destas opiniões como factos provados, mas como idéas verosimeis, porém merecedoras de serem cuidadosamente aprofundadas pelos que se recream com investigações phylologicas, e de critica litteraria.

BIBLIOGRAFIA.

A Estatua de S. Jorge, por D. Carolina Mathilde Esmeralda: traducção. Vende-se na Viuva Henriques.

Parece-nos obra digna de se adoptar para uso dos meninos, quando aprendem a lêr: é uma historia singela, cheia de sentimentos honestos, e virtuosos, e sem as paixões violentas, cuja força ainda accrescentada pelas bellezas do estylo produz nas almas tenras sensações profundas, e de longa duração.

VARIEDADES.

A mãe de Pio 9.º

Quando começou o conclave a mãe do bispo de Imola, que vivia com elle, escreveu-lhe manifestando o desejo de assistir ás ceremonias da eleição do novo pontifice: veio com effeito a Roma, mas ao entrar na cidade, sabendo pelo toque dos sinos que se festejava já a eleição do papa, mandou marchar a carruagem para o palacio quirinal, a fim de cumprimenta-lo: era na occasião de ser proclamado o cardeal Mastai, e ella teve o gosto de vêr seu filho elevado á cadeira de S. Pedro. A provecta senhora perdeu os sentidos, e ficou gravemente doente.

Novo methodo de supplicio.

Haverá tres annos que se discutiu nos tribunaes austriacos o projecto de substituir a forca pela guilhotina: a decisão foi a favor do antigo methodo por não estar aquelle povo acostumado a vêr sangue: porém neste ultimo anno um cirurgião da universidade de Padua inventou um novo processo de estrangulação rapidissimo, que foi adoptado pelo governo lombardo-venesiano. O cirurgião inventor aceitou o officio de director das execuções com obrigação de assistir, e vigiar pela exacta applicação do seu invento!!

MALMEQUER.

Malmequer: que triste sorte,
Mal aceito á formusura!
Consultei, folha por folha,
Pobre flôr da desventura;
Não me quer pouco nem muito
Para mim foi-se a ventura!

Arranquei primeira folha
Vinha alegre e desdenhosa;
Não te canses em consultas
Que a tua dama formosa,
Inda tem n'alma esse — muito —
Que te dá vida gostosa.

Consultei segunda folha
Vinha triste e descahida:
Mensageira de más novas
Traz do rosto a côr perdida:
Quer-te-pouco a tua dama,
E cahiu no chão fendida.

Terceira palida folha
Foi com susto consultada;
De minhas iras temendo
Hesitou, ficou calada,
A mudez fallou de sobra
Percebi-lhe um triste — nada. —

Consultei outra vez inda
A florinha dos amantes,
E sempre de máu agoiro
Suas folhas inconstantes:
Desfolhou-se o malmequer
Em breves curtos instantes.

A que falla é sempre a folha
Que no fim foi arrancada:
Essa folha por desgraça
Foi um triste e pobre — nada!!

Abril de 1845.

L. A. PALMEIRIM.

ENIGMAS PITTORESCOS.

EXPLICAÇÃO DO ULTIMO ENIGMA.

É escravo do maior escravo o que sómente para si é util.



SUMMARIO.

CORRESPONDENCIA.

Ao sr. Antonio de Sousa e Alvim, de Alter do Chão. — A sua carta ácêrca do emprestimo aos lavradores hade ser tomada por nós na maior consideração, e já na proxima folha havemos tratar desse negocio, que em theoria nos parece bem, e que convém tornar praticavel. Nós sômos jornalistas por casualidade e divertimento, mas de profissão lavradores, e por isso temos de casa o exemplo de grande parte das nossas questões economicas.

LISBOA, 24 DE JULHO.

A chronica theatral desta semana é destituida de interesse; apenas no theatro de D. Maria 2.ª tivemos a admirar o joven artista Rossi, admiravel professor de rebeca, e admiravel mesmo entre os apreciadores dos srs. Masoni, e marquez de Chardonnays.

Neste mez não damos artigo de modas, nem figurinos, porque os que vimos vindos de Inglaterra no ultimo paquete não offereciam cousa notavel.

Hontem pelas 7 horas da tarde entrou o Téjo um vapôr de guerra inglez conduzindo Ibrahim Pachá, filho do vice-rei do Egypto. A náu ingleza saudou-o com uma salva de 21 tiros. Foi hospedar-se no hotel Bragança.

Entre as cousas mais notaveis desta semana póde contar-se o decreto pelo qual sua magestade a rainha houve por bem conceder á viuva do sr. Silvestre Pinheiro uma pensão vitalicia dependente, segundo dispõe a carta, da approvação das côrtes. Este acto foi um testemunho dado á Europa de que não somos barbaros. É notavel que sendo o duque de Palmella quem contribuiu para que se concedesse ao illustre publicista a pensão de que elle gosava, fosse tambem agora quem teve de assignar o decreto que a garantia á sua viuva e sobrinha.

Em um dos dias da semana proxima passada fomos a bordo da náu D. Vasco da Gama, e do vapôr de guerra Mindêlo com o ex.mo barão de Lazarim, major general d'armada, cuja bondade, e delicadeza, acompanhando-nos, e prestando-se a satisfazer em todos os pontos á nossa natural curiosidade, nos captivou extremamente. Na seguinte folha fallaremos desse objecto, por agora limitamo-nos a este publico testemunho de reconhecimento.

O sr. Passos (Manuel), que estava gravemente enfermo, tem experimentado consideraveis melhoras.

Proximamente haverá uma corrida de touros no campo de Santa Anna em beneficio dos emigrados hespanhoes. — Concorrer alli é um acto de beneficencia a que não podem faltar os homens de um paiz, onde a sorte dos emigrados é conhecida por experiencia.

ROBERTO VALENÇA.

ROMANCE.

CAPITULO XV.

De como o sr. Valença ía dando cabo de um seu antigo conhecido se lh'o não viessem tirar das mãos, e de como os feitiços se viraram contra o feiticeiro.

A sr.ª Thereza Fagundes era sempre a mãe desveladissima, que o leitor já conhece desde os primeiros annos do nosso heroe, e por isso facil será imaginar a alegria com que ella viu entrar em casa o seu querido filho, e o affectuoso cuidado com que lhe offereceu já este já aquelle refresco, indo logo escovar-lhe o boné, depois guardar o bornal, e lembrando-lhe um banho, comida, roupa lavada, finalmente tantas, e taes cousas, que ao proprio objecto destes carinhos iam parecendo massadoras.

Mas passado o pequeno espaço de tempo em que tudo isto é natural, a pobre mãe achava-se realmente confusa ácêrca do que ella tanto desejava, mas tambem muito e muito receava perguntar. Apertava-se-lhe o coração, confundiam-se-lhe as idéas na cabeça, agora ía a fallar, e emmudecia, pouco depois articulava uma ou outra palavra, mas disfarçava como se não fallasse com o filho.

A conversação com a visinha, e o receio de que fossem verdadeiras aquellas mal feitorias de Villa do Conde tinham posto a pobre Thereza Fagundes na lastimosa perplexidade a que se chama vulgarmente *falsa posição.*

Entretanto a boa da mulher, e o senhor seu filho não haviam ficar calados eternamente, e segundo o pedia a natureza, e condição do seu sexo foi ella quem começou.

Então, meu Roberto, estás um militar consummado; foste, e vieste com uma arma ás costas, e aposto que ainda estavas prompto para outra? Isso lá até hoje mesmo!

Pobre rapaz! E ralham dos que vieram mais tarde! Coitados: fazem quanto podem por servir a causa da rainha, e por fim só os do arroz, e das bombas é que são homens, como se o sr. D. Pedro tivesse mandado dizer quando vinha, e aonde desembarcava, e.....

Mas quem é o atrevido, interrompeu o sr. Roberto Valença, que lhe anda sempre a dizer essas maroteiras? É algum *caipira* de ordem superior; diga-me, diga-me quem é o tal *burrinho* que eu lhe cortarei as orelhas. Elles tem razão: como a nação vem agora reconhecer a rainha, e defendê-la unindo-se aos sete mil e quinhentos do Mindello, não lhes agrada a pillula: pois hãode enguli-la. Fortes marotos! Tomára eu pilhar algum a geito.....

Ó Roberto, pelo amor de Deus não sejas assim: não faças mal a ninguem; olha que vens a ganhar muitos inimigos; sempre ouvi dizer, que *a ovelhinha mansa nutre-se da sua mãe, e da alheia.* E depois para que estás tu com essas cousas? Tu tens bom coração, não fazes nada, mas andas a taramellar, e quem ouve fica a julgar mal de ti, e por isso é que andam por ahi a dizer que os rapazes alistados ha pouco são perseguidores, e desordeiros, e que pelo contrario os emigrados protegem os infelizes, e são humanos, porque em fim tambem comeram o pão que o diabo amassou.

Ainda hontem cá esteve um sogeito a gabar muito o capitão de cavallaria que mora nesta casa de cima por ter salvado um realista, que ía sendo morto na rua por uns farroupilhas, e o capitão passava perto, ouviu gritar, correu ao sitio, deu muita pancada nos taes assassinos, chamou-lhes covardes, e levou o pobre homem para casa.

Por essas, e outras é que isto hade sempre andar torto.

Ó rapaz, não digas isso; por esses, e outros ditos é que por ahi se espalhou, que nessas desordens lá de Villa do Conde se roubaram casas, e se matou gente, e por minha desgraça tive de ouvir fallar no teu nome; se tu visses como eu fiquei! Pobre de mim!

Ah! pois o tal sogeitinho fallou em mim, e nessas cousas de Villa do Conde? Está bom, está bom; eu já sei quem foi; são palinodias do sr. João, que lhe vem cá contar esses contos. Se aquelle diabo nunca me pôde vêr, e por amor delle, por ser um *burro* muito grande é que nós estamos neste estado, dependentes de uma mesada, que ninguem sabe quando se hade receber. Se vm.ce tivesse vergonha não o admittia mais em casa, mas deixe estar, deixe estar, que eu lhe quebrarei os ossos apenas o encontrar; fica por minha conta! Ora o patife...!!

Roberto, olha que não foi o João! Eu não lhe sou muito affeiçoada; basta o que tu dizes delle, que ficou com o dinheiro de teu pae — Deus o tenha em bom logar, — para lhe fazer o enterro, e que não lh'o fez, etc., mas nunca lhe ouvi uma palavra contra ti; e ouvisse, que não ouvisse, era um criado antigo, e fiel amigo de teu pae, nunca o deves offender!

Ora viva o amigo de meu pae! Tal pae, tal amigo! Pae que desherda o filho, e amigo que lhe aconselha maroteiras deste lote.....

Neste ponto de mui instructiva, e exemplar conversação moral o sr. Roberto, que estava sentado perto da janella olhou para a rua, fez-se pallido, levantou-se, deitou mão a uma espada, que tinha ao canto da casa e desceu precipitadamente pela escada abaixo sem que nem as vozes, nem os exforços da sr.ª Thereza Fagundes lhe pudessem embargar os passos.

A pobre mulher atonita com tão repentino successo voltou maquinalmente á janella a vêr se descobria o porquê de tão extraordinaria alteração. O sr. Roberto estava no meio da rua em mangas de camisa, com a cabeça descoberta tendo um homem agarrado com a mão esquerda pela sobrecasaca, e preparando-se a descarregar-lhe segundo golpe na cabeça, já ensanguentada do primeiro.

A sr.ª Thereza Fagundes deu um grito, correu para a escada, e quasi de um pullo appareceu no meio dos contendores a separa-los: porém infelizmente a ternura filial do sr. Roberto seu filho era naquelle transe muito inferior aos brios patrioticos que lhe queimavam as entranhas, e o nosso heroe, apesar das diligencias da mãe procurava acabar com a sua victima, gritando ao povo que se juntava de todos os lados — *mata que é burro.*

E o povo havia mata-lo: o povo não, que é sempre bom, generoso, e grande, mas os gaiatos que se arrogam o nome de povo, se uma terceira pessoa não viesse interpôr alli a sua auctoridade, que ninguem se atreveu a contestar.

Esta terceira pessoa acudiu aos gritos de *mata,* com que ora o nosso heroe, ora o seu povo estrugiam a rua, e ás vozes da boa Thereza Fagundes que com a vida do desgraçado queria salvar a reputação do filho.

Era um homem alto, moreno, bigodes negros, vestia uma fardeta de cavallaria, e trazia na mão a espada desembainhada: sahiu da casa proxima á do nosso heroe, dirigiu-se para o tumulto, destribuiu meia duzia de pranchadas aos garotos, que constituiam a maior força do barulho, e entrando até onde o sr. Roberto Valença procurava desprender-se da mãe para dar cabo da sua victima deitou a mão ao braço direito do nosso heroe, e ordenou-lhe com severidade que deixasse o homem.

Que deixe este homem, replicou o sr. Valença? E v. s.ª sabe quem é este homem? Um burro, espião do Miguel, que jurou nas devassas, e que me deu a mim mais de cem mil cruzados de prejuizo!

Não duvido, meu senhor, mas a liberdade não é para isso: os crimes castigam-se pelos meios legaes, e não por meio de outros crimes, que deshonram quem os faz, e o partido que os tolera. Veja como está esse homem ensanguentado, gostaria que lhe fizessem o mesmo? — Ora deixe-o já.

Sr. capitão quem lhe encommendou o sermão que lh'o pague. Com que então emigrou, e comeu arroz com assucar no tempo do cêrco para ser protector dos burros? Sabe que mais, sr. capitão? Parece-me que entre nós anda muita fazenda avariada.....

A estas palavras o capitão encostou os copos da espada ao peito do nosso heroe, e separou os contendores, depois voltando-se para o sr. Roberto disse-lhe — menino, se dos meus trabalhos da emigração, e do cêrco não tirasse outro resultado senão o de poder valer a algum desgraçado,

era-me já sobeja recompensa; tenho pena de sua mãe, que é uma boa mulher, senão havia de ensina-lo como merece.

Ensinar-me v. s.ª a mim? Está enganado, e hade dar-me satisfação do insulto, que acaba de fazer-me. Se eu fosse caipira protegia-me, como sou constitucional, havia de querer maltratar-me como já fez a este pobre povo.....

É verdade, é verdade, gritavam os gaiatos, fóra o capitão, mata o burro.

O capitão não fez caso dos gritos populares, que já começavam a converter-se em frisantes versões de calhâu, mas cedendo a um repentino impulso de colera correu para o sr. Roberto, desviou-lhe a espada, com que o nosso heroe confiado na presença do povo, e em que seria por elle, ousára defender-se, e lançando-lhe a mão disse para a sr.ª Thereza — leve esse homem para minha casa.

Sr. Roberto, eu não lhe dou satisfação alguma. Um militar honrado não se bate com caceteiros, e você foi caceteiro de D. Miguel em Lisboa, e quer agora vir sê-lo entre nós. Infame!

A estas palavras o sr. Roberto abaixou os olhos, e ficou transido; o povo parecia, que não ouvíra bem, e perguntavam uns aos outros — então o tal meliante foi caceteiro do Miguel, e agora vem contar-nos historias? Hein, que tal está a creancinha! — Seria o nosso heroe a victima infallivel de furor popular, se o capitão o não acompanhasse até casa, e não ficasse á porta, a persuadir a todos que deviam ir-se embora.

O sr. Roberto subiu para casa atordoado, e confuso, admirado como uma brincadeira de Lisboa tinha podido já saber-se no Porto, e despeitado de não ter podido vingar-se da historia das peças, e dos dobrôrs, e do testamento, na pessoa do sr. João, que era este antigo criado do sr. conego o infeliz que o capitão salvára se bem que já ferido com duas cutiladas na cabeça, uma das quaes parecia ser perigosa.

No dia seguinte houve revista do batalhão, e o sr. Roberto teve o desgosto de ouvir murmurar o nome de caceteiro em toda a linha por onde passou para ir tomar o seu logar na fileira.

UM DUELLO LEGAL.

Há dois annos que em todas as divisões do exercito prussiano se estabeleceram tribunaes chamados de honra, cujo objecto é prevenir os duellos obrigando os offensores á reparação da injuria. A queixa do offendido é bastante para fazer chamar o accusado perante o tribunal, onde se empregam todos os meios suasorios para reparar a offensa, e evitar o duello. Até agora os resultados tinham sido excellentes, porém ainda não tinha apparecido o caso de não ser possivel convencer o accusado da necessidade e justiça da reparação. Ignorava-se mesmo o que faria o tribunal nessa extremidade, sendo a sua acção puramente suasoria, com tudo ultimamente verificou-se essa hypothese. Um official levado perante o tribunal negou-se á satisfação que lhe aconselhavam, e o tribunal decidiu que se terminasse a contenda por meio das armas.

Designou-se com effeito o sitio, o dia, e a hora, e o tribunal assistiu como se fôra a um torneio. Os dois campeões foram mandados pôr em mangas de camisa, e com a cabeça descoberta, destinaram-se-lhes armas, e começou o duello. Quando já um e outro estavam maltratados, os juizes exhortaram-os a reconciliarem-se, e cheios de sangue que lhe sahia das feridas abraçaram-se, e ficaram amigos, indo dalli em carruagem para a cidade de Munster, perto da qual teve logar este successo. Esta instituição evita muitos desastres, faz com que os desafios, quando se verifiquem, sejam reaes, e põe termo ás farças com que entre nós se macaqueam aquelles lances chamados de honra.



O CASTELLO DE ALMOUROL.

A TRADIÇÃO.

Voltamos hoje ainda ao castello de Almourol, mas desta vez sem o nosso querido Francisco de Moraes, deixando em paz o gigante, e a bella Miraguarda, e sem nos importarmos com as feridas que D. Florendos faça ao seu parente Palmeirim de Inglaterra ou este áquelle.

Vamos com o nobre conde de Mello por esse Téjo acima a ouvir da propria bocca da velha, — e que velha! uma perfeita bruxa — a lenda do castello de Almourol, que a hade contar para alli toda *tim tim por tim tim* como se diz na minha terra, e como ella a contou áquelle fidalgo.

Mas a proposito de fidalgo sempre será bom que saibam os leitores de terras mais afastadas, que o nosso amigo, e collaborador é um conde que desenha, escreve romances, manda artigos litterarios para os jornaes, foi, e é militar de patente superior na arma de cavallaria, e finalmente amigo, e presador das letras, e artes, sem vaidade, que poderia ter, e sem inveja tôla, e arrogante, que vae muito mal a toda a gente, sobretudo a quem póde e deve acreditar que vale alguma cousa neste mundo.

Mas vamos á lenda, e com as estampas correspondentes, invenção, desenho, e gravura dos artistas deste jornal, e do das Bellas artes que se esmeraram em que sahissem bem acabadas, e perfeitas, segundo o consente o estado da arte entre nós. Não contaremos o caso pelas proprias palavras do sr. conde de Mello, que da narração da velha fez um lindo romance, o nosso conto hade ser mesmo o da velha tal e qual sem tirar nem pôr. Quem o quizer melhor compre o n.º 5.º e 6.º do Jornal das Bellas Artes.

No tempo de um rei muito antigo chamado D. Affonso, que andou peregriuando por terras estranhas, e depois voltou a tomar conta do reino que seu filho D. João lhe ficára governando, era senhor do castello de Almourol D. Ramiro, fidalgo muito poderoso, e muito cruel.

Era casado, e tinha uma filha, por nome Beatriz, e esposa, e filha, eram dous anjos, consolação de quantos desgraçados havia naquellas paragens.

D. Ramiro passou com o rei D. Affonso a Africa, e em uma das correrias feitas naquellas terras de infieis succedeu perder-se dos seus, e ir dar comsigo perto de uma casa, junto da qual uma mulher natural do paiz tirava agua de um poço para matar a sède a uma filha que tinha ao seu lado.

D. Ramiro ardia em sède, e o mesmo foi vêr a moura, que pedir-lhe agua para beber: a moura coitadita disse-lhe que primeiro havia soccorrer a filha, e que se sobejasse lhe daria tambem a elle. D. Ramiro não era homem para avaliar extremos maternaes; de pedir passou a ameaçar, e poz a lança aos peitos da pequenita para que a mãe de assustada trocasse a precedencia no matar da sède pela vida da filhinha. O negocio não era mal calculado para espantar, mas foi de mais: a moura assustou-se de veras, e largou da mão o balde de agua, que lá foi mergulhar no fundo do poço para mais não surgir.

D. Ramiro enraivecido, e vendo fugir-lhe toda a esperança fere a innocente creancinha que ainda ao



expirar como que supplica piedade ao seu desalmado matador. Aos gritos da moura acode o marido, e ao vêr o triste fructo dos seus amores lutando com a morte arremeça-se a D. Ramiro; mas que póde o mouro quasi desarmado contra o cavalleiro? Morrer no virtuoso empenho de castigar tamanho crime, e assim lhe aconteceu!

Havia de ser de pedra a mãe, e esposa, que a tal sobrevivesse: e sobre os dois cadaveres cahe tambem a que não podéra resistir a simillhante catastrofe, mas cahe pedindo vingança aos céus, e exclamando: se algum dia tiveres uma filha, por ella, sim por ella alcançaremos vingança.

Ainda alli havia mais outra personagem: era o joven Haamed, filho desta desventurada mulher! Vinga teu pae, lhe bradou a mãe antes de morrer, e o mancebo ficou extatico diante deste quadro pavoroso, desta scena de horror, que assim lhe roubava como que de um golpe, pae, mãe, e irmã!

Dalli o levaram a Arzilla, e depois ao castello de Almourol, onde viveu por muitos annos em lobrega tristeza, e sem querer renegar a sua crença, nem mesmo entreter-se com os outros escravos, e pagens de D. Ramiro: nas horas que lhe sobravam ia para sobre aquelles rochedos que cercam o castello lançar ás aguas o mysterioso olhar de saudade, e melancolia, que só comprehende bem, quem já em si o sentiu, e experimentou.

Ora a sr.ª D. Beatriz, que com o tal mourinho se creára, e lhe tinha muita affeição, foi de uma vez passear pela ilha, e deu com o pobre Haamed triste,

muito triste a olhar para a agua: o mouro viu-a, veio para ella, e taes palavras se disseram, tão profundos segredos se revelaram, como eram necessarios para que a estampa represente verdadeiramente as legitimas



consequencias de uma ternura, e amor promettidos alli para todo o sempre.

Sempre é necessario advertir que o sr. D. Ramiro estava para Africa, aliàs estas innocentes revelações seriam um pouco mais perigosas, e a mãe de Beatriz jazia no leito enferma de molestia, que em breve a levou deste mundo.

D. Ramiro voltou de Africa acompanhado de um fidalgo, destinado esposo de Beatriz, e se o destinára D. Ramiro, não havia dar-lhe volta, havia de cumprir-se a sua vontade.

Pois desta vez não se cumpriu: a linda Beatriz, e o seu lindo mouro desappareceram em uma bella manhã, e o noivo achou-se de repente sem noiva, e o pae sem filha. A imprecação da moura de Arzilla estava cumprida: o sangue dos innocentes subira ao céu, e o castigo descêra a procurar o criminoso.

Debalde os andaram buscando: ninguem deu noticia delles: D. Ramiro vestiu-se de peregrino, sahiu do castello, e não voltou mais. Os familiares, que eram numerosos, esperaram muitos dias, ainda mezes; mas como ninguem apparecesse abandonaram tambem o castello.

A historia divulgou-se, e o horror áquelles logares cresceu espantosamente; não havia quem ousasse aportar á ilha, e a respeito do castello cada pessoa contava uma historia a qual mais horrorosa.

Dizem que tempos depois a uma serva de Deus apparecêra a Virgem Maria, ordenando-lhe, que avisada a clerezia fossem buscar áquelle logar impuro a sua imagem que lá ficára. A serva de Deus executou o aviso, e clero, nobreza, e povo, foram ao castello, e trouxeram para a villa de Constancia a imagem de Santa Maria d'Almourol, que ainda hoje alli se venera.

Podem ficar certos de que a velha não disse mais do que isto ao nobre conde de Mello; elle é que depois parafraseou á vontade, escreveu cousas muito lindas, e descreveu com mão de mestre os affectos que por ahi apparecem em embrião. Nunca as mãos lhe doam, e a todos os condes, marquezes, duques, e até principes — D. Diniz era rei, e era tambem escriptor — que se entregarem ao amavel commercio das letras.

Ainda havemos consagrar um artigo especial aos fidalgos que sabem lêr, e aos muitos que dantes sabiam lêr, escrever, e ácêrca das mais importantes materias litterarias fallar, e dispôr com acerto igual ao valor guerreiro dos seus avoengos: mas isso hade ser para outra occasião.

UMA LENDA.

Dois momentos ha no dia, similhantes ambos, mas que despertam sensações bem diversas em corações sensiveis, — o crespusculo da manhã e o da tarde. A mocidade que só présa o que a semelha, vê no crescer do dia o seu retrato, no riso da natureza o original do seu riso, e disto procede esse sohido confuso que nas terras populosas cresce com o dia, e com elle vae declinando, até que juntamente com o dia acaba; para esses a cidade é tudo, essa hora solemne do dia passa desapercebida, porque ou esperam a hora dos espectaculos nos cafés, ou defronte do espelho, preparando-se para apparecerem em algum baile. Nem elles sabem ainda, nem as cidades são proprias para meditar no dia que foge: nesses momentos a escuridão invade os salões dourados, as pinturas confundem-se, as estatuas alvejam com fórmas indistinctas como se foram esqueletos encostados ás paredes! — não ha nada mais feio!

Cumpre fugir d'ahi para gosar de uma suave melancholia: só no campo esse instante é bello e magestoso. Que sublimes acasos da luz! — Lá órla de ouro a nuvem carregada de luto como signal da ultima despedida, a que lhe escapa pelos fundos como faisca de fogo por chão de forja denegrida — logo um raio de ouro e de purpura inflamma ainda por momentos esses confins ficticios do firmamento... mas esse raio da luz é já só um reflexo, é uma lembrança de um bem que passou — tem o cunho da decadencia! Esta agonia entre a luz e as trévas é solemne como a agonia entre a vida e a morte: ella se identifica com tudo que de mais affectuoso temos no coração: — então se ouve com ternura a magoada cantiga do trabalhador que volta para a sua pobre choupana, então abandona o filosopho a meditação para se engolfar em pensamentos de suave tristeza. Esta hora é o toque de corações sensiveis; porém uma idéa vaga de morte vos assalta de fugida, mas logo cessa e volve á ternura — dir-se-hia que a fraternidade geral se estabelece entre todos os homens, eu o creio, e antes quizera penetrar a essa hora em um bosque, conhecido covil de assassinos que ao ponto do meio dia, que persuadido estou eu que o malvado me déra morte nest'hora, e me poupára naquella.

Infeliz é o que observa o dia que morre sem sentir piedade, mil vezes mais infeliz que o que póde contemplar o dia que nasce sem sentir alegria!

Era n'um desses momentos, ao cahir de um bello dia de verão, quando os ultimos raios do ardente sol d'Italia se iam perdendo um a um no firmamento que começava de escurecer lá para o Oriente, quando já não era dia, e ainda não era noute, quando uma pequena sociedade de amigos intimos estava reunida em róda de uma toalha estendida sobre a relva do jardim de uma *villa*, e proximo a um pequeno bosque de roseiras e jasmineiros, com o fim innocentissimo de tomarem os exquisitos gelados de Napoles, depois de comerem os saborosissimos mariscos do seu golfo, e tudo naquella dôce paz, na suavissima indolencia que não é dado a profanos conhecer, e que os iniciados não trocariam pelos mais decantados prazeres das cidades.

Fôra impossivel escolher um theatro mais proprio para uma festa similhante. — As louçanias de uma natureza brilhante, que a todo o momento se reproduziam, harmonisavam-se maravilhosamente com os restos de um templo antigo de fórma circular consagrado em épocas remotas ás graças. — De um lado estava a civilisação moderna apresentando o seu luxo *confortavel*, a *villa* elegante, commoda, animada; do outro a antiguidade ostentando a sua architectura severa e magestosa; o paganismo com todas as suas galas, admiravel ainda nas suas ruinas, desoito seculos depois do nascimento de Christo; — e no fundo da paizagem, um bosque espesso estendendo a sua sombra pelas faldas de uma collina que dominava a *villa*: — e depois, lá bem longe, além da collina que deixa a um lado, e tocando as extremas do horisonte, uma vasta planicie, no centro da qual se divisava um lago immenso que parecia repetir a abobada celeste, cujas córes resplandecentes reflectiam as suas aguas azuladas.

Antes da refeição, os convivas, que não dispensavam prazer algum, e que a todos preferiam o da liberdade, tinham-se dispersado pelo parque, porém depois da comida haviam ficado recostados sobre a relva, entertendo-se por differentes modos; — qual narrava alguma aventura que lhe havia succedido, qual cantava cantigas que outro compozera em louvor da occiosidade, ou sobre as vantagens da ignorancia, e descuriosidade, qual finalmente entoava alguma aria da ultima peça que se déra no theatro de *San Carlo*, quando deram de olhos todos com um homem velho que a passos compassados descia a escadaria que das salas communicava com os jardins.

Apesar da affectada cordialidade com que o ancião foi recebido, facilmente se conhecia que a sua vinda fôra mal acceita, e que o novo personagem vinha transtornar os projectos que a alegre sociedade tinha para o resto da noute.

O ancião era um velho parente do dono da *villa*, homem excellente, mas o mais despota de todos os contadores de historias. — Em toda a sua longa vida, o bom do homem não se tinha affastado do seu castello mais de dez leguas; além deste limite não conhecia nada — não que elle fosse destituido d'instrucção, ou de talento, mas unicamente porque tinha um mui pronunciado despreso pelo resto do universo: ora por uma justa compensação, sabia de cór tudo quanto havia e tinha acontecido dentro deste pequeno circulo. — Conhecia a historia de cada pedra, sabia quantas arvores havia, e a tradicção que a cada uma ligava a credulidade popular, assim como a lenda que pertencia a cada uma das cavernas que se encontravam por aquelles arredores, era o mais insupportavel sabichão do reino de Napoles.

Se aos estrangeiros apraz sobremaneira deparar com taes *ciceroni* nas suas viagens; elles se tornam pesados, insoffriveis para os que vivem constantemente com elles. Assim a nossa pequena sociedade estremeceu quando pela milessima vez ouviu o honrado velho começar a historia de uma Madona collocada do outro lado da rua, defronte do terraço em que estavam ha pouco tão contentes, e agora victimas do despotico historiador: comtudo como por uma triste experiencia sabiam que os signaes d'impaciencia eram inuteis, resignaram-se a ouvi-lo, e elle começou assim.

«Ha já bastante tempo, debalde tenho procurado «conhecer a data com exactidão, nunca pude conse-«gui-lo, porém tudo faz presumir que seria pelo ter-«ceiro seculo, ou a muito lhe dar no principio do «quarto — assim pensava o meu velho amigo o gene-«ral que vós conhecestes, aquelle que morreu o anno «passado tão velho, e com tão boa saude. Eu nunca «encontrei senão o prior dos *camaldulenses* que ousasse «affirmar que fôra no sexto seculo, e jámais pude «comprehender esta obstinação de um homem tão «instruido sobre tudo mais.

«Este templo consagrado ás graças pelos pagãos..... «E elles tinham razão porque eu não conheço nada «tão digno de adoração como as graças (o habito ti-«nha tornado este gracejo inseparavel da narração): «este templo, digo, foi destruido ha mais de cem «annos. Um dia, Florida, moça nascida nesta terra, «e que pertencia a uma familia, que ainda secreta-«mente adorava os falsos deuses, veio visitar estas «ruinas, e depois de se certificar que ninguem a via, «colheu um ramilhete das mais bellas flôres que achou «nos campos e depô-las como offrenda sobre as ruinas «do altar, fazendo ao mesmo tempo ás antigas pa-«droeiras do templo a mais fervorosa oração.

«Quando se retirava, tropeçou em uma pedra, e «com a força com que lhe deu com o pé, fê-la des-«locar, ficando por isto patente um subterraneo que «havia naquelle logar, e de que ninguem tinha noti-«cia. Florida, mais curiosa que timida, alargou a en-«trada e penetrou no subterraneo bem que um tanto «receiosa: a poucos passos achou-se dentro de um «recinto cuja abobada lhe permittia andar de pé, e «depois de ter vagado por algum tempo na escuridão, «*ibat obscurè* (era esta mais uma das facecias inevita-«veis do malaventurado chronista), chegou a uma sala «mui vasta, aonde parecia que a luz entrava atravez «das grossas paredes porque não se divisava nenhuma «abertura n'ellas: no centro estava um tripode de «ouro, cheio de joias, e de pedraria de toda a casta, «e por cima em uma bóla de ouro que pendia do «tecto por uma cadêa do mesmo metal, e que estava «chumbada na abobada, se via gravada esta inscri-«pção: — se tornares uma vez não voltes — os sabios «não estão concordes ácêrca desta inscripção; mas «como ninguem a viu, não se sabe com exactidão em «que lingua fôra escripta, porém o sentido era este, «se estas não eram as palavras.

«Florida, persuadida de que as graças para a re-«compensar da perseverança com que seguia o seu «culto, lhe haviam feito deparar com este thesouro, «encheu o seu avental de esmeraldas, topazios, bri-«lhantes, ouro, camafeus, e agathas: e com tudo o «tripode conservava-se sempre cheio até ás bordas! «Ella sahiu, e mascarou novamente com o maior cui-«dado a entrada do subterraneo.

«Estas palavras — não voltes — causaram-lhe certo «receio: não sabia se era uma prohibição de voltar ao «subterraneo, ou simplesmente de tirar mais precios-«dades do tripode — porque motivo — dizia ella — não «fallaram os deuses mais explicitamente? Temos nós «tanto tempo, que possâmos perdê-lo empregando-o «em decifrar os enigmas que constantemente nos apre-«sentam os céus? — Nesta preplexidade se conservou «Florida por mais de um mez sem se atrever a levan-«tar de novo a pedra que encobria a entrada do sub-

«terraneo — emfim não podendo resistir por mais tempo ao desejo que a aguilhoava, desceu outra vez ao subterraneo, chegou sem obstaculo á sala aonde estava o tripode, e sahiu sem que lhe acontecesse mal algum, do que tirou a conclusão que a prohibição era unicamente relativa ás joias.

«Volta pois muitas vezes, depois todos os dias, para se pascer sómente com a vista de tantas riquezas reunidas, e que ella ambicionava cada vez mais apesar da grande porção que levára. Notou-se na aldêa o seu gosto pela solidão, e começaram as comadres de fallar nisto: — Florida foi seguida, e viu-se entrar no subterraneo; depois uma das curiosas desceu tambem e tomou a sua parte do thesouro; mas então Florida não póde resistir á tentação, e mettendo a mão no tripode cahiu repentinamente morta ao lado da sua companheira.

«A morte violenta de Florida encheu de consternação toda a aldêa, e resolveu os anciãos do logar a fazer uma procissão solemne para afugentar o demonio, que segundo todas as apparencias se tinha apoderado do templo das graças. Alguns operarios construiram uma espaçosa entrada no sitio que Florida descobríra, para que podessem entrar livremente os devotos e exorcistas. Chegou o dia aprazado para esta obra pia, e a procissão poz-se em marcha no meio da multidão dos fieis que respeitosamente ajoelhavam: as jovens instigadas pela curiosidade iam na frente, para entrarem primeiro, mas oh! prodigio, apenas se acharam na caverna com a sua bandeira, que estantaneamente se fechou a abertura, por uma parede que se elevou do chão composta de enormes pedras ligadas entre si por um cimento rijissimo; e por mais que se tenha tentado demolir esta obra infernal, baldados tem sido até hoje os esforços..... as pobres moças ainda estão no subterraneo! Este acontecimento deu causa a graves desordens, porque ninguem sabia a que devesse attribuir este duplicado prodigio. Para cortar pois estas difficuldades por uma vez, alevantou-se defronte da parede infernal, esse altar dedicado á Virgem, e determinou-se que de futuro em todas as procissões fosse a cruz precedida por uma bandeira.»

A sociedade temendo que o historiador encetasse outra lenda, separou-se repentinamente com grande desgosto do chronista. Roguemos nós tambem a Deus que nos livre de um destes eruditos d'aldêa.

CONDE DE MELLO.

OS SUSPIROS D'UM CRENTE.

FRAGMENTO.

I.

....

..... As sociedades que se revolvem por entre os agudos espinhos de uma decepção, as miserias, os vicios e as torpezas que vão pela terra, o crer e o viver d'uma geração como que amaldiçoada por Deus, como que reprovada pelos homens — são thema mais que sufficiente para a analyse profunda e meditada do philosopho, — para o devaneiar melancholico e meditabundo do poeta, — para o estudo consciencioso e reflectido do historiador.

A agonia que corróe a alma do afflicto na hora sacramental em que a lousa está prestes a cahir sobre a bocca do tumulo — a miseria a que se viu reduzida uma familia virtuosa, porque a seducção lhe transpoz os umbraes da casa modesta e humilde — a hypocrisia rebuçada no manto da virtude — o vicio torpe a surgir d'entre as bordas do abysmo — a maldição como que a debruçar-se dos labios de Deus — o sorriso insultante como que a esvoaçar por entre os beiços do reprovado — todas estas entidades constituem a — desmoralisação — são a expressão fiel, sincera, verdadeira do seculo que por nós vae passando!............

....

Ha acontecimentos tão sublimes — tão prenhes de poesia, ha outros tão funestos, tão malditos, que não ha traduzi-los na linguagem dos homens. Ou brilham com um brilhar tão claro, tão resplandecente, que os olhos não podem encara-lo: ou é tal o trajo de miseria com que apparecem enroupados, que o coração repugna ao vê-los — a alma como que foge ao avistar a hediondez com que se cobrem!...

Os primeiros são obra de Deus — os segundos pertencem... são obra dos homens!...

Os primeiros como que representam um anjo de bondade, de singeleza, e de innocencia a sorrir cá na terra — a reflectir no mundo toda a doçura do seu coração — toda a pureza da sua alma! Os segundos como que representam o homem, com todas as paixões, com todos os vicios, com todas as torpezas que o acompanham!..........................

....

E o anjo figura um céu todo de delicias, onde o coração póde respirar á larga, onde a alma póde meditar á vontade, sem ouvir o bulicio do mundo — o tumultuar confuso das turbas. — E o homem é a incarnação do vicio — a expressão fiel da maldade — o symbolo do peccado!.......................

....

....

A vida é um mysterio — mysterio profundo e terrivel que não ha imaginação d'homem que o decifre — que não ha pensamento humano que o comprehenda! O homem é tão mysterio como a mesma vida — tão indecifravel como a existencia que por nós vae passando — tão incomprehensivel como o proprio mysterio. — Enigma inexplicavel — a vida e o homem perdem-se n'um cahos immenso, profundo, incommensuravel, que não ha olhos que o possam medir — pensamentos que o possam explicar!.............

....

II.

Quando a lousa do sepulchro baixa sobre a vida d'um homem, surge muitas vezes a alegria n'um rosto — um sorriso de ventura como que começa de florir n'uns labios. — É porque a alma desse que a campa guardou, desapegou-se do mundo dos homens, para voar para a eternidade — fugiu ás paixões mundanas para se entregar toda no seio immenso de Deus!...

E essa alma não era a do reprobo. — Alegrou-se um rosto, porque a pureza daquelle coração só merecia os carinhos dos anjos do céu — sorriram-se uns labios, porque aquella alma não poderia nunca pertencer á terrã — nunca poderia envolver-se no lodaçal immenso dos vicios dos homens!...

Outras vezes — e as mais das vezes — quando a campa recebe o ultimo gemido d'um peito — quando o tumulo extingue para sempre uma vida — quando a morte corta em flôr uma existencia — não surge nem a alegria n'um rosto, nem o sorriso n'uns labios. — Se apparece a alegria, é tão disfarçada, tão pallida e desbotada, que mais semelha uma tristura!... Se o sorriso pende d'alguns labios é tão morno, tão triste, que mais parece o rir do sepulchro — o sorriso desfolhado do moribundo!...

É porque essa alma era a do reprobo — do maldito — do reprovado de Deus — do amaldiçoado pelos homens! — É porque a alma do primeiro como que voára ao céu — a do segundo como que cahiu... precipitou-se n'um abysmo immenso — terrivel — tornou a identificar-se com os vicios do mundo — não partiu para o céu — ficou ainda na terra!

E essa alma que encontrou o prazer a florir n'umas faces — que ainda achou um sorriso a correr-lhe n'uns labios — que ainda ouviu uma palavra d'esperança a partir d'uma bocca — era a expressão da innocencia — era o symbolo da virtude — era o anjo a querer triumphar dos homens — era a palavra santa de Deus a desmentir as acções cá da terra!...

E a outra alma que não encontrou na hora terrivel do passamento senão a irrisão sobre o sepulchro — o escarneo em vez da oração — o desprêso em vez do sorriso — a blasphemia em vez da esperança — aquella alma era a personificação da maldade — o symbolo do vicio — o typo da desmoralisação!...

A primeira sorriu-se para o céu — a segunda nem ao menos encontrou o sorrir dos demonios!.........

....

III.

A rosa da innocencia é uma flôr toda a desabrochar d'esperanças — é uma flôr pura, linda, bella, colhida nos jardins de Deus pelas mãos delicadas de um anjo do céu!...

O espinho da desmoralisação foi colhido pela mão grosseira d'um demonio, na hora em que o Senhor mandava ao mundo a sua primeira maldição — no momento em que o homem havia commettido o primeiro peccado!.........................

....

Para o que viveu affastado do mundo dos homens — ha no céu a bemaventurança — ha nos labios da Virgem um sorriso — ha na bocca dos anjos uma palavra de consolação!...

Para o que só folgou no meio do bulicio das cidades — para o que só se embriagou nos prazeres da vida — não ha no céu a bemaventurança — não ha nos labios da Virgem o sorriso — não ha a pálavra de consolação na bocca de anjos! — Ha só o agudo e acerbo espinho do remorso — ha só uma pedra fria, pesada, que descáe sobre a sepultura, e como que não deixa voar a alma para Deus!...

Lisboa — 1846.

J. CARLOS MASSA.

VARIEDADES.

Lisonja chineza.

O prefeito do Cantão publicou um regulamento para as relações entre os chinezes, e os estrangeiros, começando pelo seguinte artigo.

1.° Os nossos compatriotas viverão de ora em diante em boa harmonia e amisade com os *barbaros* de todos os paizes.

E que tal está o cumprimento?

Museu de pinturas de Jaen.

No comêço de julho deste anno se inaugurou em Jaen um museu de pinturas, na casa que foi igreja dos jesuitas, pertencente ao edificio occupado hoje pelo instituto de ensino secundario, e escóla normal. Entre os 255 quadros, que contém, encontram-se alguus de Ticiano, e de Murillo. Cá entre nós é costume rir com certo ar de superioridade — perdoem-nos a expressão — estupida e desavergonhada de quem lembra qualquer melhoramento desta natureza.

Desastrosa symetria.

Em uma cidade portugueza houve um governador cuja pessoa e familia se tornava notavel pela raridade que deu motivo ao titulo desta narração. O governador era manco da perna direita, a mulher e o filho tinham o mesmo defeito, o cavallo em que montava, e o proprio camarada que o servia, mancavam tambem da perna direita: até um carneiro, que o bom do homem tinha, era manco daquelle lado! Nunca vimos o governador, nem a mulher, nem a filha, nem o cavallo, nem o camarada, nem o carneiro, mas asseguram-nos que o facto é verdadeiro.

A MARIA.

Os teus olhos côr do céu
Tèem do céu alto poder;
Tua face côr da rosa
Faz a rosa inveja ter.

Teus cabellos, fios d'ouro,
Não deixam ouro brilhar;
Tua tez de pura neve
Faz a neve envergonhar.

Falla sempre ao coração
Teu sorriso angelical:
O teu rosto, rosto d'anjo,
É no mundo sem igual.

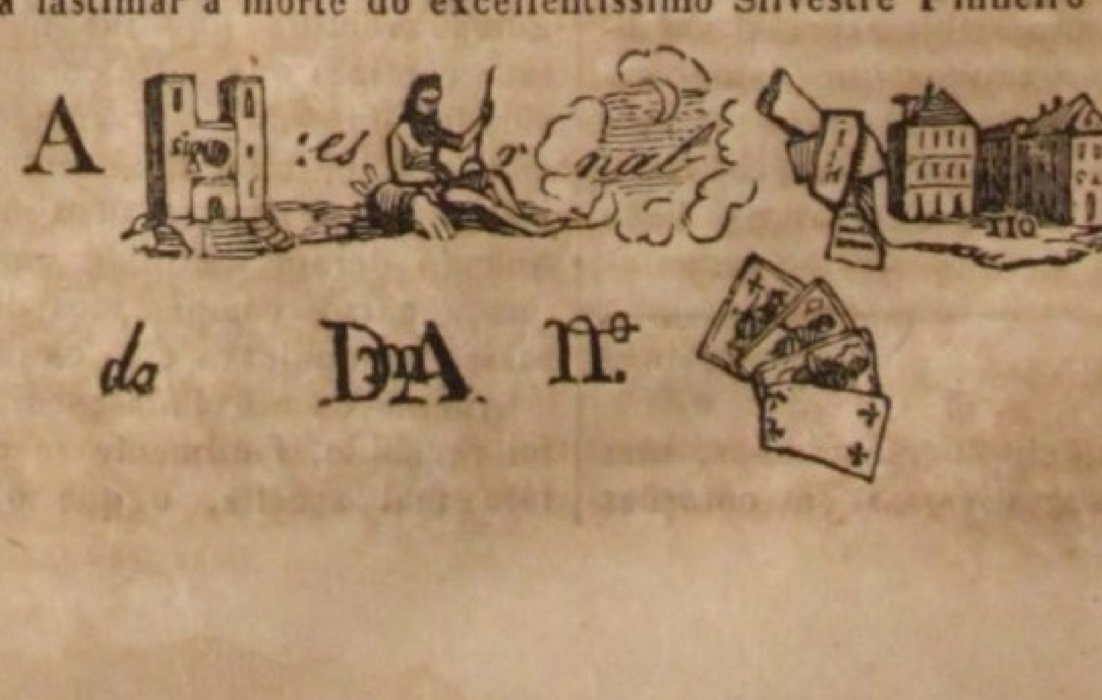
2 de junho de 1846.

J. V. B. DA COSTA.

ENIGMAS PITTORESCOS.

EXPLICAÇÃO DO ULTIMO ENIGMA.

Temos a lastimar a morte do excellentissimo Silvestre Pinheiro Ferreira.



A ILLUSTRAÇÃO
JORNAL UNIVERSAL.



Cada anno da publicação d'este jornal será dividido em 12 n.os mensaes, distribuidos porém ás folhas semanalmente.
ASSIGNATURA: Um anno, 1$440 r.s — Semestre, 720 r.s — Trimestre, 360 r.s — Folha avulsa 50 r.s

N.° 5 — VOL. II — AGOSTO, 1846.
ESCRIPTORIO, RUA DA EMENDA N.° 34.

As assignaturas só se recebem no Escriptorio da ILLUSTRAÇÃO. A correspondencia — *franca* — ao Redactor da ILLUSTRAÇÃO. Vende-se: r. Augusta, n.° 1 — do Oiro, 113 — do Arsenal, 50 — Largo de S. Roque, 24 — da Esperança, 150 — e em Alcantara.

SUMMARIO.

LISBOA, 31 DE JULHO.

A vinda de sua alteza Ibrahim Pacha, filho e successor do vice-rei do Egypto foi nesta semana assumpto de todas as conversações, e o concurso no theatro de S. Carlos augmentou na noute em que se annunciou que sua alteza alli iria. Ibrahim Pacha foi tratado com as honras que se deviam a uma pessoa tão notavel, e condecorado pela soberana com a grã cruz da torre espada. Parece que a entrada do Téjo, e a magnifica perspectiva de Lisboa lhe agradára muito, e que sua alteza o manifestára ás pessoas que lhe fallaram. Nós contâmos dar o seu retrato neste jornal.

A festa celebrada na igreja do Loreto em acção de graças pela exaltação de Pio 9.° ao solio pontificio dizem-nos que fôra digna do objecto, e da pessoa que o celebrava, como já tambem o haviam sido as exequias de sua santidade Gregorio 16.°

No domingo teve logar a corrida de touros dada na praça do campo de Santa Anna em beneficio dos emigrados hespanhoes: os logares da sombra estavam completamente cheios, e os camarotes quasi todos occupados. O embaixador de Hespanha teve o bom accôrdo de ir assistir áquella funcção com a sua familia. Os touros foram offerecidos pelo sr. marquez de Niza gratuitamente, e o sr. conde de Vimioso picou a cavallo com a destreza, que todos lhe conhecem. O sr. Cunha destinguiu-se muito fazendo em um dos intervallos manobrar excellentemente um cavallo ensinado segundo o novo systema de Beaucher.

Os negocios do banco occuparam a attenção da capital no resto da semana, e ninguem ouve fallar senão no rebate das notas, e no risco de se perderem com o banco muitas fortunas.

Recebemos a traducção das satyras, e epistolas de Horacio em 2 volumes pelo nosso estimavel amigo o sr. Antonio Luiz de Seabra, juiz da relação do Porto. O nome do traductor é uma grande abonação para a obra: voltaremos a fallar deste trabalho.

Tambem temos d'ha muito a traducção do Portugal pintoresco de Ferdinand Diniz, de cujo merito ainda nos não foi possivel fallar.

O *Jardim das Damas* que nós annunciámos morto, appareceu com effeito, e continúa a publicar-se regularmente. Folgâmos muito com isto, porque é um jornal excellente.

ROBERTO VALENÇA.

ROMANCE.

CAPITULO XVI.

O qual se suspeita não fôra escripto pelo frade, mas introduzido depois pelo editor.

DIGAM lá o que quizerem politicos, e casuistas, que é tudo quasi a mesma raça, escrevam quanto lhe lembrar os jornalistas, e os que o não são, ralhem muito os que perdem, que são poucos, com as novas tendencias sociaes, e queixem-se os que lucram, que são todos, do pouco que se conquista pollegada a pollegada nesta santa cruzada do progressivo melhoramento social, a verdade é que a civilisação caminha incessantemente, e não ha fechar-lhe as portas; se lh'as fecham, faz pé atraz, e arromba-as!

Pois bem: se isto assim é, a geração que nos succeder hade ignorar a significação de muitos termos, que aliás hoje são entre nós vulgares, e trivialissimos. É necessario deixar-lh'os explicados com bastante clareza para auxilio dos futuros chronistas, e dos Santos Rosas de Viterbo, que a providencia lá tem no seu grande reservatorio para compiladores de glosarios de palavras antiquadas.

Quando o nosso distincto amigo J. E. esteve em Londres de passagem para Portugal disse a uma senhora ingleza, que a liberdade de imprensa estivera havia pouco suspensa entre nós, e que não se publicavam os jornaes; pois a boa da ingleza não entendeu o que elle queria dizer! E foram baldados exforços, e mais falla claro, e bem o nosso amigo, e sempre teve creditos de se fazer advinhar das damas, mas desta vez falhou-lhe a musa; a ingleza ficou na mesma!

É o que hade acontecer com a palavra *cacceteiro*, se nos não mente a confiança que temos no bom senso portuguez, e na constante, e severa applicação dos bons principios: assim haja quem os applique, e quem lhes possa soffrer a applicação!

Com effeito ou quanto se nos tem dito a respeito de progresso, e civilisação, são refinadas mentiras, ou hade chegar um tempo, e não muito distante em que não seja possivel comprehender como alguem se lembrou de introduzir uma idéa pelo methodo da maceração da carne, da fractura dos ossos, ou pelas fendas abertas no craneo por uma bem puchada bordoada de *cacete!*

Se escrevermos a historia do nosso tempo, e contarmos, como é de razão, que houve um periodo em que a justiça dos principios se provava á bordoada, que aos espiritos, que a não comprehendiam se lhes ajudava o engenho com uma boa sova de páu, que o pensamento manifestado, e mesmo occulto, e apenas imaginado attrahia sobre a victima a correcção daquelle grande sillogismo de carvalho, talvez não queiram acreditar-nos!

Pois filosofem como quizerem os criticos futuros; o caso foi verdadeiro, e por vergonha nossa passou-se nesta terra portugueza no seculo decimo nono!

Porém a incredulidade, que a narração de taes successos deve produzir, augmentará quando a historia accrescentar, que pelas mesmas mãos em nome de diversas causas se produziram os mesmos effeitos! *Cacceteiro* chegou a ser officio, como aguadeiro, barbeiro etc.

O *cacceteiro* não tem opinião politica: é um homem corrompido, e devasso, sedento de ouro, e de licença, que espreita nos olhos de quem póde conceder-lhe uma destas cousas ou ambas o signal de exterminio, que elle sabe advinhar com um instincto prodigioso. Que reine o sr. D. Miguel, ou a filha do sr D. Pedro, que o governo seja absoluto, ou representativo, que o systema governamental seja rigoroso, ou indulgente, que os ministros sejam honrados, ou prevaricadores, o *cacete* está prompto a castigar a opinião vencida, a atacar covardemente o desgraçado, a tirar-lhe mesmo a vida, se tanto fôr necessario!

A causa, que succumbe, póde contar o *cacceteiro* no numero dos seus inimigos, mas o mesmo, o mesmissimo homem com o enthusiasmo do partido abandonado ainda quente da vespora, porém com o braço vigoroso de actualidade, e com a cabeça fervente dos santos principios, que se incutem a páu.

Cré ou morre, diziam os turcos aos christãos, mas se as meias luas ficavam humilhadas diante do signal da redempção quem viu o soldado turco voltar a Fez, entrar na mesquita, degolar os crentes, e pôr-lhes o alfange aos peitos para que adorassem o Crucificado? Ninguem.

Pois isto, que os turcos não faziam, fazemo-lo nós, profetas da civilisação, barbaros de nova, e damnadissima especie!

E louvado seja Deus, neste negocio ninguem póde dizer a seu irmão *racca:* todos os partidos tem culpas no cartorio, e grandes, enormissimas.

Nunca appetecemos poder de nenhuma especie, mas se o tivessemos cubiçado pleno, forte, e sem limites, seria para enforcar um *caceteiro* em cada terra onde os houvesse, como o marquez de Pombal fez aos ladrões entre as ruinas do celebrado terremoto.

Em quanto fôr possivel espancar um homem, porque a combinação das suas idêas, dos seus interesses mesmo o dirigiu neste ou naquelle sentido politico, o grito de *viva a liberdade* é uma solemne mentira, uma destas burlas indecentes, que se podem fazer a um homem mas que a uma nação nunca se fazem impunemente.

E o mais é que ninguem tirou ainda até hoje proveito de similhante systema; pelo contrario; governo, que tolerou os cacetes, que imaginou inspirar confiança, estabelecer o credito, e firmar a ordem a páu, enganou-se, e cahiu miseravelmente: auctoridade que os não castigou, incorreu na indignação publica, particular, que os incitou, ou premiou, tarde ou cedo veio a ser victima delles.

Mas digamo-lo tambem para consolação dos verdadeiros crentes, dos que acreditam de boa fé na força da sã, e inconcussa doutrina da liberdade, e da ordem, em Portugal todos os homens bem educados detestam os caceteiros, e Lisboa, estamos em que já não os supportaria nem assalariados nem officiosos; se pudesse ainda supporta-los, se tantos annos de educação liberal — constitucional é differente, e hade ser para mais tarde — não tem produzido ao menos aquelle resultado, então..... então que?

Cuidavam que desesperavamos da possibilidade pratica dos bons principios? Enganam-se, desesperariamos dos homens, e não teriamos menor razão para lhes applicar a exclamação, que o servilismo do senado arrancou ao proprio Tiberio: *homines ad servitutem paratos.*

E onde fica o sr. Roberto Valença? Daremos conta delle ao leitor no capitulo seguinte.

POR BEM

OU AS PEGAS DE CINTRA.

Julho 22 — 1846.

Querria escrever-lhe um artigo, meu caro redactor, para a sua Illustração, que realmente faz milagres no meio desta escacez de tudo, e destes impedimentos para tudo, que characterisam a nossa boa terra. É promessa velha e que eu devia ter cumprido ha muito. Mas como, mas quando? E que hade um homem escrever que se leia — que se leia por damas bellas e elegantes cavalheiros — quando lhe anda intallado nos bicos da penna o fatal fio da politica, que a faz espirrar e esgravatear em tudo o mais?

Com as leis das eleições, e as questões da fazenda, e as organisações ministeriaes, e não sei que mais cousas taes, foi-se-me de todo a derradeira reminiscencia litteraria que ainda por cá havia. Tenho saudade della, mas foi-se, *morreu pela patria!*

Não sei se morreu bem ou mal, se fez bem ou mal em morrer, mas é certo que morreu.

Eu porém nunca prometti, que faltasse, a homem nenhum — nem a mulher, que mais é! O ponto está que me acceitem em pagamento aquillo que eu posso dar. Que, ás vezes, o máu pagador não é máu senão pelas absurdas e excessivas exigencias do credor. Axioma de eterna verdade, especialmente quando applicado a tudo o que passa entre os representantes de nosso pae Adão, e as representantas de nossa mãe Eva.

Passemos adeante. Quer, senhor redactor, acceitar-me, em pagamento da lettra de minha promessa, este papel que achei imbrulhado entre mil rabiscos de projectos de lei, tenções de autos, notas ao orçamento e outras cousas galantes do mesmo genero?

Se quer, aqui o tem, e disponha delle.

Deixe-me só dizer-lhe o que é, e como foi feito.

Estava eu em Cintra, foi em..... Que importa lá quando foi? Basta saber que não era nessa estação *fashionavel* em que a elegancia de Lisboa se vae infastiar classicamente para o mais romantico sitio da terra. Era na primavera; passeavamos dois sós, ou quasi sós, naquelle Eden delicioso. Fômos ver o palacio; chegámos á sala das pègas. Pègas são chocalheiras e linguarudas: eu detesto o bicho... e nesse tempo, estava-lhe com zanga de morte...

Abominavel bicho! Isto ja lá vai ha muito tempo, meu caro redactor, e ainda me faz ferver o sangue...

Passemos adeante!

Perguntaram-me a explicação daquellas pègas da sala. Contei a historia popular que é tão sabida. Acharam-lhe graça, pediram-me que a pozesse em verso: fiz isto.

E isto que é? não sei. É romance ou é apologo? É fabula ou é cantiga? Nunca fui grande classificador dessas cousas; que fará agora?

O que lhe sei dizer é que no seculo XVI a XVII, segundo consta do 'Fidalgo aprendiz' do nosso Francisco Manuel de Mello, se cantava em Portugal uma cantiga que começava assim como esta

Gavião, gavião branco,
Vae ferido e vae voando.

Nunca pude encontrar o resto, nem procurei muito por elle; mas ingracei com este principio, e servi-me delle aqui. Acha mal feito? Eu não.

Se soubesse, meu caro amigo, todas as circumstancias desta composição! Se soubesse de uma pèga ou pègas que me perseguiram com seu maldito palrear, e me queriam, inda em cima, assacar, a mim gavião, ellas pègas, as manhas que só ellas têem!

Mas ficou lograda a pèga e...

Adeus, meu amigo, outra vez, adeante! O gavião e sobretudo o gavião branco — note — é animal nobre, de especie, genero, e até de familia differente da pèga.

Passe muito bem. Aqui estão os versos; eu vou salvar a patria.

POR BEM!

Gavião, gavião branco
  Vai ferido e vai voando;
Mas não diz quem n'o feriu,
  Gavião, gavião branco!

O gavião é callado,
  Vai ferido e vai voando:
Assim fôra a negra pèga
  Que hade sempre andar palrando.

A pèga é negra e palreira,
  O que sabe vai contando.
Muito palra, palra a pèga
  Que sempre hade estar palrando.

Mas quer Deus que os chocalheiros
  Guardem ás vezes, fallando,
O segredo dos sisudos
  Que elles não guardam callando.

Era uma pèga no paço
  Que el-rei tomára caçando;
Trazem-na as damas mimosa
  Com a estar sempre afagando.

Nos paços era de Cintra
  Onde estava el-rei poisando:
A rainha e suas damas
  No jardim andam folgando,

Entre assucenas e rosas
  Entre os goivos trebelhando;
Umas regavam as flôres,
  Outras as vão apanhando;

E a minha pèga com ellas
  Sempre, sempre palreando.
Vinha el-rei atraz de todos
  Com Dona Mécia fallando.

Era a mais formosa dama
  Que andava naquelle bando:
Quer-lhe a pèga a Dona Mécia,
  No hombro lhe vai poisando.

Parecia a má da pèga
  Que os andava espreitando...
Colhêra el-rei uma rosa
  A Dona Mécia a ia dando

Com um requebro nos olhos
  Tam namorado e tam brando...
Inda bem, minha rainha,
  Que adeante te vais andando!

Pegou na rosa a donzella,
  Disfarçada a está cheirando,
Senão quando a negra pèga
  Que lh'a tira e vai voando.

Deu um grito Dona Mécia...
  E a rainha, voltando,
Deu com os olhos em ambos...
  Ambos se estão delatando.

— 'Foi por bem!' lhe disse o rei
  Seu accôrdo recobrando:
— 'Foi por bem!' — 'Por bem!' repette
  A pèga em tôrno voando.

— 'Por bem, por bem!' grasna a tonta,
  De má malicia cuidando
Co'a chocalheira da lingua
  Andar o caso inredando.

Mas quer Deus que os chocalheiros
  Guardem ás vezes fallando
O segredo dos sisudos
  Que elles não guardam callando.

Riu-se a rainha da pèga,
  E ficou acreditando
Que a innocencia do caso
  Alli se estava provando.

Da pèga mecheriqueira,
  Do bem que fez, mal pensando,
Nos reaes paços de Cintra
  A memoria está durando.

E eis-aqui, senhora, a historia
  Da pèga que ahi ves palrando,
Da rosa que tem no bico,
  Da lettra que a está cercando.

A pèga é negra e palreira,
  O que sabe vai contando:
Mas quer Deus que os chocalheiros
  Guardem segredo fallando.

O gavião, esse é outro;
  Vai ferido e vai voando:
Mas não diz quem n'o feriu,
  Gavião, gavião branco.

A. G.

MARIA DA FONTE.

Uma revolução popular começou na provincia do Minho, e estendendo-se rapidamente a todo o reino, destruiu um systema governativo, e desautorou os homens que o applicavam.

Deste facto importantissimo nasceram muitas e variadas obrigações para os politicos, para os economicos, para os historiadores, para os publicistas, para os homens das differentes parcialidades politicas, e até para nós, como redactor da Illustração; a nossa missão porém é mui diversa de todas as outras.

Não nos cabe indagar as causas que levaram os povos do Minho a deixar os seus campos, a trocar a enxada e o arado pela espingarda, e foice rossadoira, e a socegada cultura da terra pelos horrores e cruezas da guerra: a esse respeito pertence aos jornalistas politicos mentir, e aos historiadores fallar verdade a seu tempo, se poderem.

A nós compete-nos deixar registrado este grande acontecimento nas paginas da Illustração, e convidar os nossos assignantes a assistir a uma parte daquelle espectaculo na estampa em que procurámos se reproduzisse fielmente.

Nestes grandes movimentos das nações ha sempre um facto, ou um nome verdadeiro ou supposto, que os symbolisa, que representa a sua incarnação, que finalmente como que lhes resume a idéa n'uma só palavra, ou n'uma só pessoa.

À revolução do Minho não podia faltar este requisito; assim verdadeira ou falsa, mitho ou realidade, o nome de Maria da Fonte é o symbolo popular daquelle inesperado successo, que começando por mulheres do povo só em um nome tal podia exactamente resumir-se.

Importa pouco saber se nos declarámos exforçado Quixote desta querida Dulcinea, se a julgâmos captiva de algum exforçado gigante, ou encantada pela força de nigromante nosso inimigo, ou se entendemos que a respeito della não ha já aggravos a reparar, offensas a que impôr castigo, ou algum bacharel Sansão Carrasco, a quem seja necessario obrigar a confessar a primasia da belleza e mais partes da Maria da Fonte:



tudo isso nos poderá competir, mas nunca nas paginas de um jornal litterario.

A nossa obrigação era apurar as variadissimas versões, que ácêrca da muito notavel e valente Maria da Fonte correm por esse paiz, e mostra-la aos nossos assignantes tal qual ella realmente é, ou ao menos conforme a fingiram os poetas da *situação*.

Maria da Fonte é, segundo a voz popular, a *Pucelle* do Minho, que accordou os nossos Carlos que dormiam, que os levou ao combate, que alli se mostrou intrepida, valente, e generosa, e que a final salvou a patria — é o termo. —

Para outros Maria da Fonte é cousa muito diversa, chega até a ser um sonho, ou uma fabula.

Para nos é um grande nome, porque representa um dos mais importantes factos da historia contemporanea, um destes acontecimentos que raras, rarissimas vezes apparecem na vida social.

Falsificariamos a nossa missão, senão fallassemos della, se lhe não déssemos a attenção que ás Illustrações franceza e ingleza mereceram os insurgentes polacos.

O quadro que dâmos hoje representa um dos bandos armados do Minho: foi invenção e desenho do sr. Bordallo, e execução do sr. Coelho, e nós como patricio podêmos responder pela exactidão dos trajos, armas, etc.

E aqui finda o nosso mistér como jornalista litterario, estranho ás contendas dos partidos, lamentando com todos as publicas calamidades, e occultando o regosijo ou as magoas politicas, cuja manifestação nestas publicações até poderia ser tida em conta de menos delicada.

A revolução do Minho foi um successo inesperado, e espantoso, cuja grandeza, e importancia mal póde ainda agora avaliar-se.

A NÁU VASCO DA GAMA.

Não sabemos até que ponto os nossos leitores acreditarão na repugnancia, que já manifestámos, a levantar-nos da cama muito cedo, mas o que podêmos asseverar-lhes é que ás vezes, muitas vezes mesmo, temos interrompido o mais delicioso somno matutino, e sahido a correr por esses mundos de Christo quasi sempre por causa dos outros.

Pois desta hade ser por nossa causa, que obedecendo ao obsequioso convite do illustre auctor dos folhetins maritimos iremos ainda mal desperto, e advinhando um dia de calor intensissimo dar comnosco no arsenal de marinha, onde nos espera o sr. barão de Lazarim, major general da armada cujo nome *profano* e honradissimo é Manuel de Vasconcellos Pereira de Mello.

Este — seja dito de passagem — não é, nem podia ser daquelles barões assignalados, que em um lindo capitulo deixou scientificamente classificados o chistoso auctor das *Viagens na minha terra*.

O escaller está prompto: entremos, e eis-nos vogando em direcção á náu Vasco da Gama em companhia de outros amigos, que como nós desejavam vêr aquelle grande vaso de guerra.

Pela nossa parte é necessario confessar, que tudo ia ser para nós expectaculo novo: a vida maritima é-nos quasi inteiramente desconhecida, e das poucas viagens que a bordo ora deste, ora daquelle vapôr temos feito daqui para o Porto, e de lá para cá apenas conservâmos lembrança do enjôo, do quesilentissimo tremer dos vapóres, e de uma tempestade, que nos principios de novembro passado nos apanhou na barra de Lisboa, que cuidâmos todos sem exceptuar mesmo o animoso, e intelligente capitão, que iamos alli dar a casca sem appellação nem aggravo.

Ora nós na viagem antecedente tinhamos tido a louca temeridade de desejar assistir a uma tempestade, em que a morte se visse de perto; castigou-nos Deus pela tentação, e se desejavamos experimentar o que era a bordo a certeza de morrer naufrago, ninguem ainda viu os seus desejos mais proximos da fatal realisação!

O expectaculo é magnifico, e solemne, o poder da sciencia, e da arte humana mostra-se em toda a força da grandeza, que lhe concedeu o Creador, mas o espirito ordinariamente succumbe, e o desejo prosaico de viver obscurece a poesia do perigo, e da luta portentosa do homem com a natureza.

Mas aonde nos fica a Vasco da Gama? Este vicio das digressões é terrivel; Deus perdoe a quem nos apegou similhante molestia.

Cá estamos já no convéz, onde nos recebeu o sr. Simões, distincto official de marinha, e commandante da náu: a guarnição formada, e a musica tocando como se devia á presença do sr. major general.

A náu é de oitenta: apesar de curta parece boa para combate sendo as cobertas, e convéz de sufficiente capacidade para o manejo de artilheria.

A mão de obra é excellente, e as bitaculas, e cana do leme, que são imitação das da náu ingleza Albion, excedem o que ha de mais perfeito neste genero.

A camara do commandante é muito aceiada, mas sem luxo, que contraste violentamente com o estado do paiz: a mobilia, e ornatos devem-se ou ao arsenal de marinha, ou a officinas portuguezas. A camara dos officiaes é igualmente aceiada, e simples. O jardim é espaçoso, e dá á camara grande largueza.

A artilheria é toda de calibre 32 exceptuando quatro *pexans* de 68 com fechos de percussão, e escorvas fulminantes do laboratorio de Braço de prata.

O paiol da polvora é allumiado por um systema novo, e seguro, e a aguada é de tanques de ferro construido por aprendizes do arsenal. A guarnição está bem nutrida, disciplinada, e uniformisada, comendo em louça nacional numerada com os talheres correspondentes.

A náu é excellente; em aceio não fica a dever cousa alguma aos melhores navios de guerra da Europa; os metaes parecem prata, ou ouro, e pelo que respeita á construcção se tivesse mais dez ou doze pés de quilha seria igual ás melhores náus da marinha ingleza.

Se quizessemos contar ao leitor o que sentimos ao entrar naquelle grande baluarte maritimo, e as considerações, que nos occorreram quando encostados á uma peça lançámos os olhos para esta nossa Lisboa, ou nós haviamos endoudecer, ou o leitor.

Nem meia palavra: vamos já descer; agradeçamos á officialidade a cortezia com que nos recebeu, e esqueçamos tudo, mesmo até a existencia da náu: algum dia leremos nos periodicos, que mais um milhão de cruzados apodreceu no Téjo!

Dalli passámos a vêr o Vapôr Mindêlo, construido

em Inglaterra, e que não é superior á náu na perfeição artistica. Pouco tempo estivemos a bordo do Mindêlo; descemos ao escaller e viemos desembarcar outra vez ao arsenal, onde a bondade do sr. major general se não cançou de nos mostrar as cousas notaveis, que nos ficavam á mão, convidando-nos a vêr mais detidamente em outra occasião o muito que alli ha digno de ser conhecido do publico.

Aproveitaremos o convite em nosso beneficio, e daremos noticia ao leitor do que nos parecer merecedor de commemoração.

EPOPEIA ENTRE OS MODERNOS.

II.

A epopeia entre os modernos apresenta um caracter tão differente do caracter da epopeia antiga quanto são diversos os seus fins. Em vez de ser destinada a supprir a historia conservando os factos nacionaes, em logar de ser propria para se cantar em publico, é pelo contrario calculada para celebrar o heroismo dos homens grandes, e para ser lida no gabinete. Só esta circumstancia basta para lhe dar um caracter mais severo, e obrigar o poeta a ter mais cuidado com a verosimilhança, e ser mais parco com as ficções. Uma grande assembléa contenta-se de ser commovida e transportada, mas o leitor solitario analysa e examina as combinações que dão abalo aos seus affectos.

A epopeia moderna divide-se em classica, a que consagrâmos este artigo, e em romantica, de que trataremos depois. A classica é difinida pelos mestres da poetica imitação de uma acção illustre, simples, maravilhosa, de interesse universal, de justa grandeza, verosimil, e de exito feliz, nem mui antiga, nem mui recente, escripta em verso heroico, e estylo sublime.

Deve a acção epica ser illustre, isto é, grandiosa, para que possa servir ao elogio heroico, e servir de exemplo.

Simples, isto é, com unidade de acção, e de heroe.

Maravilhosa, isto é, com intervenção de poderes sobrenaturaes, intervenção que sempre se julgou necessaria, não só para dar mais importancia ao assumpto, e deversificar a fabula epica da simples historia, mas para dar ao poeta mais campo para desenvolver os quadros da sua imaginação.

Tem sido grande objecto de discussão entre os preceitistas o decidir qual é o maravilhoso que convém ás epopeias modernas. Boileau não hesita em que deve preferir-se a mythologia romana e grega, e accrescenta que os terriveis mysterios da religião christã não são susceptiveis dos adornos da poesia: que não quer fazer o processo a Tasso, mas que elle não teria encantado a Italia se Gofredo, sempre em oração, cuidasse sómente em chamar Lucifer á razão, e se Rinaldo, Argante, Tancredo, e Clorinda, não tivessem alegrado as tristezas do seu poema. Boileau, como a maior parte dos grandes escriptores do seculo de Luiz XVI era leigo, e mui leigo, em litteratura estrangeira, como elles cuidáva que sabia tudo porque sabia grego e latim. Se elle conhecesse a Jerusalem libertada, veria que Gofredo em vez de ser como elle o quer fazer, um simples devoto, é pelo contrario o modêlo de um general, um chefe prudente, valoroso, elle sabe fazer-se respeitar de Rinaldo, que a ninguem respeita, das tropas sublevadas por Argilan, cujo chefe faz prender no meio dellas, providenciar todo o necessario para o bom exito do cerco, repelir Solimão, que á frente dos arabes lhe ataca de noute os arrayaes, e é o primeiro que escalla as muralhas de Lino. Boileau falla em Argante, Tancredo, Rinaldo, e Clorinda, se tivesse lido o Tasso deixaria de fallar em Solimão, Herminia, e Armida? Não cooperam estes sublimes caracteres mais ainda que os outros para aformosear o poema do Gofredo? Mas deixando isto de parte, o argumento de Despreaux não colhe nada: porque póde retorquir-se contra Homero dizendo que elle não teria encantado o mundo se o seu heroe se conservasse sempre annexado com Agamenon, e se Ulysses, Ayax, Diomedes, Heitor, Priamo, Nestor, Helena, Andromacha, Hecuba, não avivassem o interesse do seu assumpto insignificante? Outros criticos, porém, mais severos, querem que nos poemas modernos só se admitta o maravilhoso christão, e Rolin, que tinha mais piedade que gôsto, não duvidou affirmar que o poeta que fazia uso da mythologia pagã commettia nada menos que o peccado da idolatria; é na verdade levar muito longe o zelo religioso, e se da theoria passarmos á pratica, encontraremos exemplo, estando á frente de uns o grande Camões, e de outros Klopstok, e Milton. Se nos fosse permittido enterpôr neste debate a nossa opinião, que é na verdade de pequeno pêso, diriamos que o melhor partido seria que o maravilhoso fosse tirado da religião do heroe, porque estaria mais em consonancia com a ficção epica. Se parece idéa disparatada que Venus, com as nymphas do mar, acudam a salvar Vasco da Gama, não me parece menos disparate que um anjo, ou um santo, desça do céu em soccorro de Viriato, de Scipião, ou de Annibal. Aconselharia tambem que nos poemas que não fossem de assumpto religioso, o poeta usasse com muita parcimonia do maravilhoso christão propriamente dito, porque as idéas theologicas que temos de Deus, da sua prisciencia e perfeição, não permittem que elle figure em um poema como os deuses apaixonados da mythologia pagã: exemplificaremos este inconveniente para que melhor se conheça o que queremos dizer. No poema de Milton ordena o Eterno a Miguel que expulse dos céus os anjos rebeldes; o Archanjo parte á frente do exercito fiel, combate com os revoltosos, e fica vencido: então marcha o Messias, e Satan e os seus são precipitados no abysmo: podia acaso Deus dar aos anjos uma ordem, que elles não podessem cumprir? No mesmo poema, Rafael fallandocom Adão sobre o curso dos astros mostra-se indeciso sobre o systema de Ptolomeu, ou o de Copernico: podia isto ser objecto de duvida para um Archanjo? Por isso julgâmos mais acertado que o poeta, reservando a intervenção de Deus para o desfeixo da fabula se aproveite da mythologia popular, e da crença dos magos, das fadas, e dos genios, como praticaram Tasso, Ariosto, e Baiardi: alguns poetas para evitar trabalho, ou por falta de imaginação, prescendiram do maravilhoso, mas nisso commetteram um gravissimo erro.

O assumpto de uma epopeia deve ser de interesse universal para a humanidade, porque assim será mais lida, e mais acceita: a quem importa que o rei Arthur, meio fabuloso, conquistasse a quasi desconhecida cidade de Avarcho, hoje Burges? E não será por isso que a *Avarchide* de Luiz Allamani tem hoje tão poucos leitores, apesar da optima versificação, e rica poesia. A Iliada interessava toda a Grecia, e todas as nações barbaras da Azia Menor, cujos chefes concorreram ao cerco de Troya, e nella viam consignadas as façanhas dos seus antepassados. No mesmo caso está a Eneida, onde se vêem os povos da Azia transportados a Italia, e lançando alli os cimentos de um imperio, que abrange o mundo com o seu dominio. Se a Pharsalia não é um grande poema, não o deve certamente á má escolha do assumpto: as guerras civis de Roma são combates de gigantes, que abalaram o mundo

> Certatum totis concussi viribus orbis
> In commune nefas.

Não é menos interessante a acção do Gofredo de Tasso: é a luta entre a religião de Christo, e a de Mafamede, é a causa da Europa e da Asia debatida nas margens do Jordão: todos os que professam o culto christão, e o islamismo têem interesse na leitura deste poema.

O mesmo acontece, e ainda mais, com o Paraiso perdido, é a creação do homem, a perda da sua immortalidade, e ventura, a origem do mal e da morte, e esta materia interessa a todos os homens de qualquer religião que elles sejam. É por isso que o poema de Milton é dos mais conhecidos no Oriente. Em 1818 vieram a Londres dois embaixadores persianos Mirza Sephar, e Mirza Ceifadim, e ambos elles sabiam de cór os melhores trechos deste poeta, e visitando Oxford, cortaram e guardaram com grande veneração alguns ramos da amoreira que alli existe plantada pelo cantor do Eden.

A Messiada de Klopstock é tambem de interesse geral, pelo menos para o mundo christão, é a rehabilitação do homem pelo sacrificio do Homem Deus.

Neste ponto de vista nada ficam devendo aos melhores as Lusiadas de Luiz de Camões; o seu assumpto é a abertura de uma passagem por mar para a India, facto que mudou a face do mundo, que alterou a maneira das quatro partes do mundo, e levou a civilisação e o commercio aos pontos mais remotos do nosso globo, e cremos que nada póde achar-se de maior interesse politico e social.

Deve o assumpto de uma epopeia ser de justa grandeza, isto é que o poema nem seja tão breve que não possa desenvolver-se o interesse, nem tão extenso que se confunda a memoria. Aristoteles adverte, e adverte bem, que um animal mui pequeno escapa á vista, e se fôra tão grande que occupasse dois ou tres estadios, não poderiam os olhos abrange-lo se não por partes, e ficariamos inhibidos de considerar a belleza do seu todo. Esta doutrina é mui sensata, mas a pratica apresenta muita irregularidade a este respeito: a Iliada, e a Odyssea, tem 24 livros cada uma, os Argonautas de Apollonio Rhodio 4, mas com o dobro, e mais, dos versos de cada canto de Homero, a Dionisiaca de Nouno 48, a Eneida 12, a Jerusalem de Tasso 24, o Orlando de Ariosto 46, o Amadis de Bernardo Tasso 100, o Orlando innamorato de Baiardi consta de 4 livros, tendo o primeiro 29 cantos, o segundo 31, o terceiro 20, e o quarto 9, total 89, porque o auctor morreu antes de acabar o poema, e se este acabamento tivesse logar neste ultimo livro, e este regulasse pelos outros, o poema viria a ficar com 91, e se tivesse 5 livros, como é crivel, visto o complexo da fabula, então o total dos cantos seria 122: o mais é que em tão largo caminho a imaginação do poeta em vez de cansar parece tomar cada dia mais forças!

A verosimilhança é tambem necessaria em um poema, pois é impossivel que o leitor se interesse por cousas que tem por manifestamente falsarias ou absurdas: nesta parte peccaram todos os auctores que, como Claudiano, e o nosso Manuel de Galhegos, escreveram poemas sobre a guerra dos gigantes. Não é possivel acreditar, por mais que seja a corpulencia que se attribua aos gigantes, que estes podessem atirar com montanhas como quem atira com pedras, nem que podessem escallar os céus pondo montanhas sobre montanhas. E não é só na fabula que póde errar-se contra a verosimilhança; o mesmo acontece nos episodios, e desta culpa não está isempto Homero nas suas historias de Polyphemo, e dos Lestigões, nem Virgilio na ficção das náus transformadas em nymphas, e muito menos Nicoláu Forliguerne no seu poema de Ricciardeto, aliás cheio de grandes bellezas, quando pintou um sapo de grandeza tão descomunal, que para o matar lhe entrou um cavalleiro a galope, e com a lança enristada pela bocca dentro, ou quando finge que outro cahindo ao mar é levado pela corrente pela bocca dentro de uma baleia, em cujo ventre encontra edificado um convento, cujos moradores lá accendiam lume, e com elle cosinhavam os peixes que entravam e sahiam pelas fauces daquella Carybde vivente, dando-lhe uma abundante pesca.

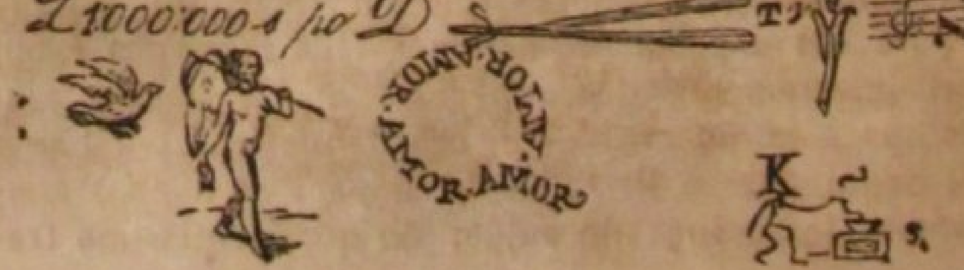
Querem mais que a acção epica tenha exito feliz, porque sendo ella um exemplar para a imitação, é mais propria para isso uma acção feliz, que uma de exito funesto. Não deixa com tudo de haver exemplos do contrario, tal é a Thebaida de Estacio, que acaba com a morte de quasi todos os seus heroes; tal é o Sansão Nazareno de Antonio Henriques Gomes; e o Naufragio de Sepulveda, de Jeronymo Côrte-Real. Quanto a nós sempre preferiremos a acção do exito feliz, mas deixâmos ao bom juizo do poeta o decidir neste caso se as bellezas do assumpto são taes que obriguem a despresar esta regra. Cremos que a Destruição de Numancia, ou de Sagunta, a batalha de Guadalete, em que se desmoronou o imperio dos godos, e do Mocasim, em que pereceu D. Sebastião, seriam assumptos para soberbos poemas epicos se dessem em mãos habeis, e se a Elegiada de Luiz Pereira é um poema detestavel, não é pelo desgraçado do exito, mas pela incapacidade do auctor, em cuja alma não havia uma só faisca de poesia, e que até nem sabia versificar.

Requer-se que a acção do poema epico não seja nem muito antiga, nem em demasia moderna, porque no primeiro caso ou o poeta tem a alterar a pintura dos costumes, ou pintar muitos costumes repugnantes ás nossas idéas e usos. Achyles e Patroclo preparando o seu jantar, e pondo ao lume um carneiro morto por elles, e Juno esbofeteando a Diana, soffrem-se na Iliada; mas se os mesmos personagens fizessem isto em um poema moderno, nenhum leitor o soffreria. No segundo caso não poderia o poeta dar largas á sua imaginação, e extrahir muitas ficções, por estar a verdade dos factos muito presente na idéa dos leitores, muitos dos quaes os teriam presenciado; no primeiro caso está o já citado Antonio Henriques Gomes, que tomou para assumpto de um poema a vida de Sansão; e o celebre poeta alemão Bodmer, que buscou para heroe de um dos seus o patriarcha Noé, e para outro o patriarcha José, filho de Jacob.

ENIGMAS PITTORESCOS.

EXPLICAÇÃO DO ULTIMO ENIGMA.

Assigna-se para este jornal no seu escriptorio na rua da emenda n.º 34.



SUMMARIO.

LISBOA, 7 DE AGOSTO.

As novidades theatraes desta semana não são destituidas de interesse. No theatro de D. Maria 2.ª deu-se a peça do sr. Cascaes, *Geraldo sem sabor, ou uma noute de Santo Antonio na praça da figueira*, e o publico applaudiu, e chamou fóra o auctor.

Não sabemos, se julgada segundo as muito graves e sorumbaticas regras dos criticos a peça do sr. Cascaes passaria a salvo, se lhe cortariam o ultimo acto, se lhe notariam falta de nexo, e muitos outros defeitos, não sabemos mesmo se porque o arroio da admiração não tem canal feito e preparado que o conduza á porta do auctor, lhe negarão até a honra de fallar nella, mas o que nós podêmos asseverar é que em critica fina, e apropriada ás circumstancias, na sustentação dos caracteres, e no modo de os fazer sobresahir em um só dito, em uma pequena circumstancia, primou o sr. Cascaes.

O segundo acto é interessantissimo, e a vista da praça da figueira satisfaz quanto rasoavelmente póde exigir-se dos milagres opticos daquelles estabelecimentos.

O sr. Sargedas desempenha o seu papel com a pasmosa habilidade que todos lhe conhecem, e em geral os actores vão bem, muitissimo bem.

As proezas de Richelieu é uma peça muito conhecida do publico lisbonense, na qual a sr.ª Emilia representa o papel do joven duque com um primor e habilidade, que os actores estrangeiros lhe podem invejar. Os outros actores fazem o que podem, mas a comedia da alta sociedade não póde ainda ser para os nossos artistas.

Conheciamos a peça, mas — com vergonha o dizemos — nunca a tinhamos visto representar: já esta, já aquella circumstancia nos tinha affastado do theatro nacional nos dias em que ella estava em scena, e só nesta semana a podêmos vêr: deste peccado nos accusâmos perante o publico, e perante o sr. duque de Richelieu, cuja viril indignação contra o artigo quinto merece muito ir vêr-se.

Nos outros theatros quasi tem continuado os mesmos espectaculos, merecendo mais attenção uma farça no Salitre, e no Gymnasio a *Engeitada*, e as academias do sr. Patriossi.

As *noutes encantadas* de m.lle Anguinet acabaram com uma loteria de *calembourgs*, que agradou a algumas pessoas.

No domingo passado reuniram-se pela segunda vez no Conservatorio os redactores dos jornaes, e varios homens de letras, a convite dos srs. José Estevão e Garrett, para accordarem nos meios de empregar os seus esforços para a refórma do serviço dos correios, estabelecimentos de agencias de commercio para a venda dos livros dentro de Portugal, e nos paizes estrangeiros, isenção do porte dos jornaes portuguezes e estranhos, melhoramentos da arte typografica, providencias ácêrca do preço do papel, e declaração formal e explicita de que os escriptos litterarios publicados em jornaes de differente côr politica não importam communhão de principios, nem deshonra para o escriptor.

Nomearam-se diversas commissões para trabalharem nestes objectos.

A Revista, que hoje lemos por acaso (ha um mez que a não recebemos) accrescenta a isto a idéa de que é necessario impedir a contrafacção das obras portuguezas, que se está fazendo no Brazil.

Estâmos de accôrdo com a Revista; aquellas contrafacções são uma espoliação com que não póde o nosso commercio de livros, e que rouba aos auctores algum lucro que da exportação para o Brazil poderia resultar-lhes.

Todas as outras providencias são muito necessarias e a dos portes do correio é a unica que nos póde facilitar a leitura dos jornaes estrangeiros, e fazer com que os nossos sejam lidos fóra daqui.

E isto é necessario para que qualquer *bilhostre*, destes que chegam a Lisboa em um paquete, e partem no seguinte, não vá dizer de nós quantas mentiras lhe vem á cabeça, sem que lá mesmo aonde as imprime lhe possam provar a ignorancia com que nos julgam.

Já não era pouco o que mentiu a nosso respeito o principe de Liknowsky, e o que todos os dias mentem os jornaes estrangeiros: pois se vos admiraes, ainda lá vem mais.

No dia 23 de maio deste anno do Senhor de 1846 o sr. D. Facundo Góni, lente de direito internacional no atheneu de Madrid dizia da cadeira abaixo aos seus ouvintes, e imprimia depois o jornal — *El Español* — que Portugal era um paiz tão miseravel, que até as suas fortalezas de guerra eram occupadas por guarnições inglezas!!! Isto quando em Portugal não existia um soldado da Grã Bretanha.

Em 1842 esteve entre nós um francez mr. I. Pourcet de Fondeyre, que se retirou de Lisboa sob arguições que não disporiam pessoa alguma para o receber em sua casa.

Chegou a París, e escreveu um livro intitulado — *Lisbonne, souvenirs d'un voyageur*, — no qual diz cousas que será necessario que affirmemos ao leitor sob nossa palavra de honra, que lá estão em boa letra redonda, para que possa acreditar-nos.

O homem viu o que ninguem viu: frades e freiras passeando na praça de Cintra, a viuva do imperador em um baile do club, a divisão auxiliar do conde das Antas composta de trezentos homens, os ministros de estado, e os elegantes a cavallo em jumentos pelas ruas de Lisboa, uma casa em Belem onde morreu Luiz de Camões, e um dos reis de Portugal com uma perna de fóra do sepulchro á vista de todo o mundo, emfim taes parvoices, que se o não tivessemos visto entre nós pareceria incrivel, que taes cousas escrevesse quem por tres dias ao menos se demorasse em Lisboa.

O artigo ácêrca do galeão S. Pedro de Alcantara foi-nos remettido de Peniche com a estampa que o acompanha.

IBRAHIM PACHA.

O nome de Mehemet Alli é hoje repetido com interesse em todo o mundo conhecido, e fariamos injuria á curiosidade e instrucção dos nossos assignantes se julgassemos necessario traçar-lhe um breve quadro dos singulares feitos do heroe do Egipto.

Seu filho Ibrahim Pacha não é menos digno de



attenção, e de curiosidade pelos seus conhecimentos administrativos, pela sagacidade da sua politica, e sobretudo pelos seus brilhantes feitos como general.

Ibrahim Pacha conta 55 annos, e os trabalhos da sua vida activissima e laboriosa já lhe ornaram a fronte com gloriosas cãs. Uma povoação de sete milhões de habitantes deve no futuro ser confiada aos seus cuidados, e a longa experiencia, e estudos de Ibrahim Pacha são de optimo agouro para aquelle povo.

O filho do vice-rei do Egipto entrou no Téjo no dia 22 de julho pelas 7 horas da manhã, e durante a sua estada aqui recebeu dos nossos soberanos, dos ministros, e corpo diplomatico todas as distincções, que eram devidas a pessoa tão qualificada.

Ao theatro concorreu immensa gente desde que se soube que sua alteza alli iria, entretanto a curiosidade publica exige que demos aos nossos leitores o retrato deste grande capitão, e que assim como a côrte portugueza lhe fez obsequios iguaes áquelles com que o receberam os soberanos de França, e de Inglaterra, lhe não façâmos nós menos do que as Illustrações franceza, e ingleza.

No dia 25 partiu para Cadiz para seguir para Alexandria por Gibraltar, e Malta.

Ibrahim Pacha especialmente votado á agricultura, e aos melhoramentos materiaes estranhou, que com este nosso clima, e solo tão fertil fossemos tão desleixados em promover aquella especie de industria, e não cubrissemos de bosques, e jardins os intervallos desta nossa Lisboa.

Felizmente sua alteza demorou-se pouco tempo entre nós: se elle sabisse a passear a pé pela cidade baixa e abafasse de poeira, se atravessasse o bairro alto, e se visse rodeado de lama, e de quanta porcaria póde imaginar-se, se ás duas horas da noute lhe fosse necessario accender archotes para transitar pelas ruas mais notaveis de Lisboa, que diria sua alteza da nossa camara municipal? Talvez perguntasse se pelos sete dormentes da Grecia era administrada hoje a antiga cidade de Ulysses.

ROBERTO VALENÇA.

ROMANCE.

CAPITULO XVII.

De como o filho de Thereza Fagundes teve de sahir do Porto, e quasi se ia fazendo genealogico.

JÁ houve quem chamasse ao Porto um grande aldeão, e essa pessoa disse uma grande verdade; é com effeito cidade respeitavel pela sua posição, e grandeza, pelo seu commercio, e industria, e finalmente por tudo quanto quizerem, mas a certos respeitos é uma verdadeira aldêa da serra.

O mais pequeno acontecimento, o successo menos valioso sabe-se em toda a cidade dentro de meia hora, e não ha cidadão, que não conheça todos os moradores da sua rua tão perfeitamente como os habitantes de uma freguezia rural se conhecem uns aos outros. Faz pasmar, mas é verdade.

Pois a altercação, e pendencia do nosso heroe com o sr. João, e o dialogo do capitão com o sr. Roberto Valença soube-se logo em todos os cantos da cidade, e deu occasião áquelle pequeno rumor, que lhe levou aos ouvidos o aziago nome de *caceteiro*, quando elle fôra occupar o seu logar nas fileiras do batalhão.

Acabada a revista, o sr. Roberto Valença dirigiu-se para o grupo dos officiaes seus camaradas, e companheiros de trabalhos e de divertimentos, porém tal foi o desabrimento com que todos o trataram, que se viu obrigado a voltar costas furioso, e enraivecido com o duplicado rancôr do desprêso, e da idéa de o merecer.

Era noute de theatro, e o nosso heroe, que passára o resto do dia em casa com a sr.ª Thereza Fagundes em silenciosa reconcentração, que a boa mulher não sabia interpretar, vestiu-se de

IMPRENSA NACIONAL.

paisano, e marchou para o real theatro de S. João, que para recreio dos habitantes do Porto o sr. corregedor Francisco de Almada mandou fazer á força pelos illimitados poderes, que o constituiram um dos mais notaveis *reis do norte*, sem offensa dos subsequentes, e mesmo dos futuros.

A anecdota estava publica em toda a cidade, mas no theatro correu de bocca em bocca, sempre referida com indignação, e tal foi o bulicio, que produziu, que o sr. Roberto Valença resolveu na sua alta sabedoria fazer uma retirada airosa em um dos intervallos, e sahir da cidade por alguns dias.

Para isto era necessaria uma licença, e procurar pretexto para embair a pobre mãe; nada faltou, e o nosso heroe deixou a cidade eterna não sem pesar seu, e sob o pêso de graves contrariedades, que o affligiam vivamente.

O nosso Valença não era realista, nem constitucional; era creança, e de má indole, mas em theorias politicas não estava muito adiantado. A farda liberal servia-lhe para assustar os tios, mas agora tão poderosas eram as circumstancias que já nem o rapaz sabia para onde havia voltar-se.

Accusado de *caceteiro miguelista* pelos liberaes mal podia apresentar-se aos tios como conquistador arrogante, e poderoso, e para com os realistas era soldado de um batalhão do Porto, isto é, objecto de desconfiança e receio.

Porém nas provincias não se sabia a sua historia; ahi pois era facil inculcar-se grande constitucional, e tirar da sua posição o possivel proveito. Assim o fez; vestiu a sua farda, e pôz-se a caminho para Guimarães, onde novos successos deviam ainda complicar mais a sua situação.

Os primeiros dias passados na patria de D. Affonso Henriques foram deliciosos para o sr. Roberto Valença. O seu nome de familia abriu-lhe a porta de todas as casas realistas, e a farda liberal franqueou-lhe as outras. Não tinha mãos a medir: passeios, partidas, bailes, funçanatas eram quasi diarias, e o nosso heroe certo em toda a parte onde se tratasse de passar o tempo agradavelmente.

Alli é que era vê-lo: o ministro mais acostumado a contentar a todos com boas e inuteis palavras, o diplomatico mais versado em respostas amabilissimas mas ambiguas, ficaria a perder de vista do sr. Roberto Valença.

Aos realistas ponderava em segredo a necessidade que teve de alistar-se para que o não perseguissem, e tinha sempre uma noticia animadora para lhes imbutir, destas que no mercado das emigrações, e dos partidos vencidos tem um valor inextimavel: aos liberaes abraçava como companheiros e amigos, e embriagado no santo amor da liberdade mostrava-se partidario ardente, e frenetico das novas idéas: e assim uns, e outros o acariciavam muito cuidando, que elle enganaria os contrarios e lhes seria fiel a elles, que assim foi sempre o mundo, e Deus sabe, se continuará a ser assim por muito tempo.

Havia em Guimarães por aquelle tempo uma familia, que as occorrencias politicas obrigaram a ir viver na muito notavel villa da Senhora da Oliveira. Chamava-se o seu chefe Joaquim de Brito, e tinha duas filhas a qual mais formosa — Maria — e Ignez.

Joaquim de Brito era um homem de 55 annos, serio, e grave; natural da Beira, e que possuindo uma quinta nos suburbios da villa fôra alli procurar o descanço, e socego, que nesses tempos não era facil encontrar na sua provincia.

O sr. Roberto Valença fez-se apresentar em casa de Joaquim de Brito, e dentro de pouco tempo o nosso heroe era o favorito do dono da casa, e a pessoa recebida alli com maior prazer, e consideração. Joaquim de Brito morria pelo rapaz, e não havia obsequio, e distincção, que lhe não fizesse.

Reunia-se em casa daquelle cavalheiro a mais distincta sociedade da villa não só pela estima, e respeito, que Joaquim de Brito realmente merecia, mas porque as raparigas..... não fallemos nisso..... eram dois anjos, dois perfeitos cherubins.

Agora está cada um dos leitores a imaginar como seria a sr.ª D. Maria de Brito, e sua irmã a sr.ª D. Ignez de Brito, e daqui já apostâmos, que cada qual as imagina de cabellos pretos, ou louros, ou castanhos, d'olhos azues, pretos, castanhos, e até verdes, altas, ou baixas, magras, ou gordas conforme o original, que lhes está no coração, e que é sempre o unico typo, que nos serve para figurar a suprema perfeição.

Pois, meus senhores, imaginem o que quizerem; da nossa bocca só por descuido o saberão: acreditem, que eram formosas, e não nos obriguem a mais especificada noticia, que vá tambem descobrir a nossa especial predilecção.

O sr. Roberto Valença vivia com ellas em intimidade quasi fraternal, sendo com um cavalheiro, promettido esposo da mais velha as duas pessoas, que mais frequentavam a casa de Joaquim de Brito.

O cavalheiro amava muito a sua futura, e em quanto se não concluiam certos negocios que faziam demorar o casamento gastava os dias no insipido viver dos noivos, que é o *non plus ultra* das semsaborias humanas, e o mais seguro meio de dispôr para as *tranquibernias* matrimoniaes, que por ahi vão por esse mundo.

O nosso heroe era companheiro inseparavel nestas visitas diarias, e sujeitava-se a aturar Joaquim de Brito horas, e horas com uma paciencia evangelica. Pois tinha que aturar! Quando elle começava a explicar a origem dos Britos, e como bem apuradas as contas eram os antigos viscondes de Villa Nova da Cerveira apenas um ramo segundo, se bem que muito illustre da sua casa, não havia estancar a corrente.

E que o não contradissesse pessoa alguma: porque Joaquim de Brito era boa pessoa, tolerante, amavel, chistoso até, mas em lhe duvidando da pureza do seu sangue passem por lá muito bem: não havia reconciliação possivel.

E como podia o sr. Roberto soffrer esta quesilenta impertinencia: elle rapaz, soldado, no verdor dos annos, com duas lindas raparigas diante de si?

Pois soffria tudo, e enthusiasmava-se pelos Britos, como qualquer de nós se enthusiasmaria pelos lindos olhos pretos da noiva, pelo talhe airoso, e gentil de D. Ignez, e pelos..... e lá iamos nós dizendo tudo!.... Ora bem, agora que já sabem parte do nosso segredo, tambem lhes havemos revelar a causa da exemplar paciencia do sr. Roberto Valença mas não hade ser agora.

EMPRESTIMO AOS LAVRADORES.

O estado da nossa agricultura não póde chamar-se vantajoso, com quanto a producção tenha augmentado consideravelmente. A introducção dos cereaes estrangeiros, a depreciação dos nossos, a falta de capitaes, que por uma tendencia nociva, fomentada até aqui pelo governo acudiam ás ruinosas operações da agiotagem, a má natureza dos impostos, e o methodo defeituoso da sua repartição e cobrança tem causado grandes damnos á industria agricola.

Não ha industria que não encontre facilmente capitaes para costear as suas despezas, porém não acontece o mesmo aos lavradores, apesar das garantias que offerecem as hypothecas sobre propriedades ruraes, e do conhecimento que todos têem de que a agricultura é o verdadeiro manancial da nossa riqueza.

Estas circumstancias aggravadas agora pelo receio de uma colheita escassa, levaram o nosso assignante o sr. Antonio de Sousa Alvim, de Alter do Chão, a propôr um meio de ajudar os lavradores, que vamos fazer conhecido do publico.

Parece ao nosso assignante, que o governo deveria emittir notas com o titulo de — *soccorro á agricultura* — e dando-lhes curso forçado por dez annos, fazer com ellas um emprestimo aos lavradores, na proporção da importancia dos seus estabelecimentos agricolas.

O lavrador seria obrigado a pagar cada anno a decima parte das notas á auctoridade administrativa do seu concelho para serem inutilisadas, e se no fim dos dez annos tivesse faltado a qualquer dos pagamentos, ficaria creditado pela importancia das notas ainda não pagas, mas com obrigação de fazer o pagamento em metal.

Não desconhece o nosso correspondente os inconvenientes da creação de uma nova especie de moeda fraca, maiormente nesta conjunctura, mas parece-lhe, que os beneficios provindos desta medida são muito maiores que os pequenos males que ella poderia produzir.

Folgâmos de que as idéas economicas voguem pelos pontos menos notaveis das provincias, e que se cuide de as applicar á situação especial da nossa industria, entretanto o negocio parece-nos muito grave para se poder resolver facilmente.

Admittida a idéa do nosso estimavel correspondente, e regulada de fórma que fosse possivel a sua applicacão em todo o reino, era necessario alterar a legislação hypothecaria sobretudo na parte que diz respeito a prasos e morgados, e dar áquellas notas um tal privilegio sobre os bens do devedor, que tirasse toda a duvida ácêrca do seu effectivo pagamento.

Nós estâmos actualmente sobre o volcão de uma grande crise financeira, do qual a Providencia ainda consentiu que se salvassem as confrarias e misericordias, unicos bancos ruraes deste paiz; acreditâmos que o resultado della, qualquer que seja, hade ser proveitoso á agricultura, e que os capitalistas preferirão emprestar os seus capitaes aos lavradores, onde com um lucro modico está certo o capital, do que aventura-lo nas arriscadas operações de credito, que tem devorado tantas, e tão grandes fortunas. Sabemos mesmo que ultimamente tem subido o preço das propriedades ruraes, e que muita gente está resolvida a empregar o seu dinheiro em terras, unica fortuna que a opinião julga solida neste paiz.

Offerecemos á discussão a lembrança do sr. Alvim, que todavia nos não parece realisavel já, com quanto os motivos que lhe servem de fundamento sejam verdadeiros, e o negocio muito serio para quem tomar a peito os interesses deste paiz, que a não ser de constituições, e de projectos, é o mais pobre de toda a Europa.

Parece-nos, que a vulgarisação das sciencias economicas hade levar ás provincias o emprego das operações de credito entre os lavradores, e facilitar a creação de bancos ruraes, que, se não abusarem, podem prestar á agricultura grandes serviços.

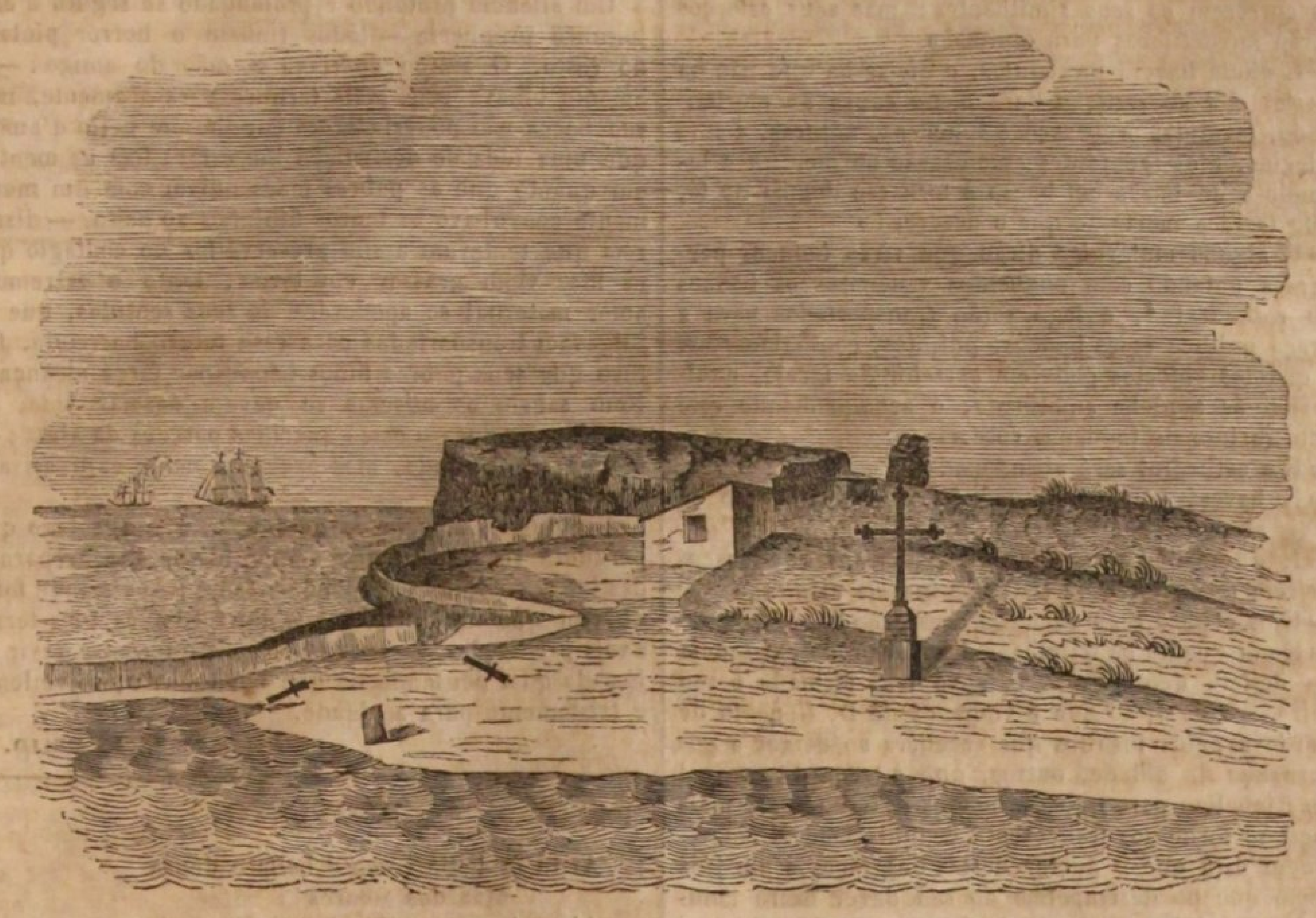
O GALEÃO S. PEDRO D'ALCANTARA.

Se o destino vos conduzir a Peniche, e, por desenfado e distracção, vos lembrardes de fazer a volta da peninsula, cujo aspecto para quem é melancholico não deixa de offerecer encantos, sobretudo se para este passeio escolheu dia de céu sombrio, carregado de nuvens, e em que o mar agitado, marulhôso, quebrando-se irado contra os rochedos, os transforma em catadupas e cascatas, cada qual mais diversa, mais bizarra, haveis de deparar com uma enseada deserta, que denominam — Porto d'arêa do Norte — e alli proximo com um humilde monumento, que consiste n'uma cruz de pedra, similhante ás de S. Thiago, em cuja base se lê esta inscripção.

Aqui jase Don Vicente Vargas y Varaes,
Teniente de Fragata de la Real Armada
de S. M. Catolica, que naufragó en
el navio de guerra Espanhol San
Pedro de Alcantara nel sitio de
la Papoa la noche del dia 2
de Febrero de 1786.

É este monumento a unica recordação que existe de um desastroso naufragio, alli succedido na noute que a inscripção menciona, e de tanta celebridade entre os povos circumvisinhos a Peniche, que ficou fazendo uma época, que lhes serve de ponto de partida para as suas recordações chronologicas: delle procurâmos dar breve noticia, tal qual a podémos colher de pessoa ainda viva que o presenciou.

De Lima, capital do Peru, então possessão hespa-



nhola, viajava para Cadiz, o galeão S. Pedro de Alcantara; dizem que a ignorancia, e desintelligencias, sempre nocivas em circumstancias taes, de tres pilotos que a dirigiam, foram causa de que, com muito bom tempo, e mar sereno, esta grande embarcação, recheada de preciosa carga, se viesse alli perder, e com ella, o que é mais de lamentar, a vida de trezentos e tantos homens da sua guarnição.

As riquezas que trazia, segundo é voz constante, que passa como certa, montavam a setenta e dois milhões de cruzados, em moeda, em barras, e em utensilios e baixella de ouro e prata, o que não parece inverosimil se attendermos ao mappa que se segue, que é cópia de um authographo que existe em Peniche, e ao muito dinheiro e objectos preciosos que depois da época mencionada no mappa se extrahiram, e a que até nossos dias se tem dalli tirado, e continúa a tirar.

Resumen de los caudales salvados del naufragio del navio de s. m., San Pedro de Alcantara hasta hoy dia de la fecha.

En oro acunhado Pezos fuertes	Em plata id. Pezos fuertes	Total de la plata e oro	Pezos de ouro	Barras de plata	Sus marcos	Marcos de plata labrada	Barras de cobre
1.749:442	5.433:248	7.182:690	71	57	7068—5—14	4:400	6:593

Francisco Antonio Rodrigues. Peniche 1.° de sept.re de 1786.

Se ha males que vem para bens, como diz o proverbio, foi este naufragio um dos casos em que elle se verificou, porque a titulo de gratificações pelos serviços que prestaram mandou dar o governo d'Hespanha ao seu vice-consul em Peniche 2:400$000 réis, e uma pensão vitalicia de 160$000 réis annuaes; ao governador 1:200$000 réis, e um bastão com maçaneta de ouro; ao major 400$000 réis; ao ajudante da praça 240$000 réis; a cada um dos parochos das freguezias, um relojo, e 24$000 réis; ao juiz d'alfandega 400$000 réis, e em proporção aos outros empregados della; a doze donzellas pobres dotes de 160$000 réis, e aos outros pobres esmollas avultadas. Além disto mandou o mesmo governo construir na igreja de S. Pedro uma linda capella a Nossa Senhora das Dôres, em que a par da belleza das imagens se admira a riqueza e o primor dos paramentos que a adornam. Isto é o que se sabe, porque, concedendo mesmo aos nossos avós muita limpeza de mãos, e não os suppondo tão adiantados na arte do padre Vieira, como acontece ás gentes dos nossos dias, que nella tem feito verdadeiros progressos, é de crêr que outra muita riqueza por alli ficasse, por outros titulos que não fossem gratificações, sem embargo de uma excommunhão que tiveram a lembrança de sollicitar, não sei de quem contra todo aquelle que pozesse mãos clandestinas n'um dinheiro, que a fallarmos a verdade não era o mais licitamente adquirido, se attendermos a que (segundo nos informam Herrera, Torquemada, e Robertson, na sua historia d'America) era havido dos pobres indigenas do paiz, de donde vinha por meio de inauditos vexames e barbaridades de toda a especie.

Annos depois do naufragio entendeu o governo d'Hespanha vender a posse das riquezas que por ventura ainda existissem debaixo d'agua, sendo-lhe comprada por Gil Maistre, um hollandez, que depois o revendeu, achando-se hoje em poder de m. Flecher, negociante inglez, que ainda em 1839 alli mandou uma escuna e buzios, que, dizem, extrahiram obra de 4:000 duros.

C...

EPISODIO DE UM ROMANCE HISTORICO

DO SECULO XVI.

BIANCA CAPELLO.

Chegára ás proximidades de Milão o celebre astrologo Cornelio Agrippa, que enchia o mundo com a fama das suas predicções, e que no dizer de muitos, era mais nigromante que astrologo.

Percorrêra differentes terras, mas agora vinha directamente de París, aonde o gosto de Francisco 1.° por este genero de sciencia, a fazia andar na moda, sendo seguida cegamente por todos os que compunham a sua côrte tão polida então, e elegante, que mereceu ser tomada por modêlo nas demais côrtes da Europa.

Corria em chusma a gentalha dos arredores a consultar o sabio astrologo, mas quasi sempre voltava desgostosa porque Agrippa engolfado nos seus estudos cabalisticos, poucas vezes franqueava aos curiosos a sua pousada: entretanto ia grassando um rumor vago de que depois de um certo tempo de encerro, o astrologo fazia as suas predicções em publico, — pouco a pouco diminuindo a affluencia dos curiosos, foi tambem fallando-se menos na chegada e permanencia do sabio Cornelio, sem que comtudo se deixasse totalmente de tratar deste assumpto.

.... Quando passados alguns dias, principiou de espalhar-se a voz de que o astrologo Agrippa tendo concluido as suas investigações e exames dos astros e constellações, patentearia o futuro aos que o fossem consultar.

Despovoa-se Milão: — todos correm á porfia, e cada qual se esforça por tocar primeiro o limiar da porta do homem douto; — quem vae confiadamente, quem começa de sentir correr-lhe a pelle um calafrio quando vae chegando cêrca do logar terrivel!

.... Eis que, penetrando-se no laboratorio infernal, lá se descobre a um canto o temido feiticeiro que governa a seu talante a natureza, e aonde com o condão da sua poderosa varinha cria fantasticas illusões, irmãs da realidade.

Ahi dentro não ha segredos, — o passado, o presente, e o porvir, tudo se confunde, e se observa em um espelho magico que se afigura maior que o oceano! — Ahi dentro, são impotentes as leis da natureza, e á voz do homem sabio, do mestre da sciencia tudo cede!

No meio de uma escuridade profunda, apparece instantaneamente uma luz sobrenatural que aclara o immenso espelho, fabricado sem duvida debaixo da maligna influencia de alguma constellação.

Lá começam de apparecer e avultar pela superficie umas manchas, que logo principiam a tomar fórmas, destinguindo-se uma alluvião de homens com differentes trajos e armaduras: — eí-los que invadem ricas campinas levando a desolação ante si, e deixando como rasto de demonios o incendio e a morte! — Depois desapparecem-se povoações inteiras nos turbilhões de um fumo espesso. — Mais longe, descobrem-se milhares de infelizes que fugindo a uma morte incerta, perdem a vida, cahindo, pela carreira que levam, em abysmos espantosos aonde são pisados e calcados por novos desgraçados que ao mesmo precipicio são arrojados por outros que os impellem como elles impelliam os primeiros! Os rebanhos espantados pelo estampido dos canhões e pelas labaredas das searas incendiadas, talam os campos e abatem aquellas a que ainda não chegára o fogo, pisando e maltratando o velho extenuado que viera procurar entre as espigas, um abrigo contra o furor da soldadesca, ou o debil infante abandonado pela mãe desfallecida! Passa este quadro de horror, mas logo outro ainda mais horroroso se apresenta.

Agora é um grande troço de gente com a lividez da morte sobre o rosto, e cujos olhos rolando dentro das palpebras enegrecidas, dão mostras de incomportavel soffrimento! Aqui, cahe por terra, e fica irto, e immovel o misero enfermo que a custo se arrastára até ahi: acolá, uma afflicta mãe inconsolavel, alevanta para o céu os braços como que ameaçando-o, porque acaba de roubar-lhe um filho querido, — e cahe morta sobre o filho morto?..... Destruição e morte por toda a parte!

Um grito geral de horror sahe então de todas as boccas, e apoz elle em altas vozes estas palavras:

«Dae-nos a explicação do que nos mostraes nigro-«mante infernal.»

E o velho brucho imperturbavel, diz como inspirado:

«Attentae no que vou dizer-vos — são horriveis «desgraças — preveni-as se poderdes.»

A estas palavras seguiu-se um rumor surdo e confuso. — Era a expressão do terror que callára em todos os corações, e o brucho continuou d'est'arte.

«A alluvião de homens armados e de diversas cas-«tas que vindes de observar, talando campinas, le-«vando ante si o exterminio, e deixando incendios, «desolação, e mortes após si; é a hoste do imperador «de Alemanha que hade descer a esta tão apetecida «terra de Italia, e que hade conquista-la.»

«A indisciplina vem nas suas fileiras, e no coração «de cada um dos soldados que as compõem, a sêde «da rapina, do estupro, e do assassinio!»

«E os chefes não serão melhores, — e a devastação «se espalhará por todo o solo italico!» Batalhas cam-«paes, combates sanguinolentos serão pelejados com «diversa fortuna nas proximidades da cidade.»

«E depois os invasores, e os invadidos succumbiram «a outro flagello que será consequencia inevitavel desta «marcha desordenada, e do abandono em que os vos-«sos naturaes hãode deixar as suas moradas.»

«É esta a explicação do primeiro quadro, e são «estes os infortunios que vos estão reservados, e que «vossos filhos não poderão evitar sem o auxilio de «Deus. — Roguemos-lhe pois que permitta que elles «acreditem os avisos que a vós cumpre transmittir-«lhes.»

E cahindo em joelhos disse com a maior unção:

«Concedei Senhor ao vosso indigno servo, palavras «que convençam os incredulos, porque o que eu disser «não é meu, é a historia do futuro que a vós só per«tence, e que sabe da minha bocca por inspiração «vossa. Concedei aos meus ouvintes intelligencia para «me comprehenderem, e para legarem minhas pala«vras propheticas a seus descendentes. Concedei Se«nhor, a nós e a elles perdão de nossas culpas.»

«Amen» disseram devotamente os circunstantes, — e abandonada a idéa de nigromancia, o astrologo acabava de transformar-se, na sua mente credula em demasia, em um emissario de Deus!

Assim é o vulgo! — basta uma palavra mentida, uma acção fingida, para lhe arrancar ora o respeito, ora o desprêso, e sem transição; — mas de salto e bruscamente!

Depois de uma breve pausa, e notando nos seus ouvintes anciedade e respeito, por este modo continuou o astrologo a explicação do segundo quadro.

«Por todo o territorio que houver percorrido o exer«cito se acharão cadaveres abandonados nas casas e «nas vias publicas.»

«E estes corpos insepultos infeccionarão o ar, e os «que o respirarem enfermarão.»

«E depois morrerão alguns dos habitantes dessas «povoações, e logo familias inteiras com doenças vio«lentas e estranhas, cujos signaes serão desconhecidos «á mór parte dos viventes [1].»

«E poucos serão os que tiverem visto antes estes «symptomas, e elles não serão acreditados.»

«E os medicos negarão a presença do mal, um «só [2] não partilhará a cegueira dos mais; mas tam«bem elle não será crido.»

«E vossos filhos serão surdos para ouvirem os quei«xumes dos enfermos, e cegos para verem o passa«mento de seus irmãos.»

«E aquelle que ousar dizer que ha peste, seja no «aposento do amigo, ou seja na praça publica será «escarnecido.»

«Incredulos serão tambem os senadores, os decu«riões, e todos os magistrados da republica.»

«E em poucos dias se contarão as victimas por de«zenas, pouco depois por centenas, e logo por mi«lhares!»

«Um soldado italiano, que segue os estandartes de «Filippe «n'isto aponta para o espelho que repentina«mente tornára a mostrar o primeiro quadro» com«prará os despojos de um empestado, seduzido pela «barateza d'elles, e chegando-os a si, se lhe apegará «o contagio.»

«E o soldado empestado, e entrando na cidade «communicará o contagio á mór parte dos seus habi«tantes.»

«Misericordia!» exclamaram todos os circumstan«tes «Misericordia» exclamou tambem o astrologo, e «continuou:

«Debalde se queimarão os vestidos do empestado: «o mal já estará inoculado n'aquelles que o não des«ampararam na hora extrema!»

«Mas o contagio parará por um pouco na sua car«reira devastadora, então os incredulos cantarão vi«ctoria, e mofarão dos que prescreveram cautella e «regimen.»

«E os medicos dividir-se-hão nos seus juizos, e «tirarão proveito da incredulidade do vulgo lison«jeando sua fatal cegueira.»

«Porém a peste tambem os não respeitará, e entre «os arrancos da morte maldirão de si, e dos que par«tilharam a sua errada doutrina.»

«O lazareto não poderá conter os doentes sempre «em augmento, porque o mal volverá com maior in«tensidade!»

«E os enfermos morrerão pelas escadas, ou nos «leitos ainda quentes de outros que morreram poucos «momentos antes!»

«E todos os que ahi entrarem se finarão porque o «ar estará empestado, e depois irão confundir-se nos «largos flancos da enorme valla que estará aberta para «os receber!»

«E não poderá conservar-se ordem entre tão grande «numero de mortos, — escacearão os serventes, falta«rão os opportunos soccorros, nenhum methodo, ne«nhum preceito será seguido, e tudo isto será causa «de maior mortandade.»

«Porém um sacerdote, cujo nome a historia trans«mittirá á posteridade, e seu companheiro [3], este jo«ven, e aquelle provecto, votar-se-hão á morte para «soccorrerem os seus similhantes; mas seus esforços «serão infructiferos para muitos.»

«E ainda haverá incredulos, e dir-se-ha que não ha «peste, e a superstição dará como causa da mortan«dade, mentidas preparações veneficas, unturas, e sor«tilegios, e os ignorantes acreditarão na mentira e le«vando-a de bocca em bocca a tornarão dogma de fé, «que trará a morte ao que o descrer!»

«E alguns malevolos dirão que virão homens per«versos untando com unguentos venenosos os bancos «da cathedral [4], e logo serão transportados para a «praça publica esses bancos, pulpitos, confissionarios, «e quantos objectos poderem extrahir da igreja, quei«mando-os a plebe amotinada, e acompanhando este «acto furioso de immensa vozearia.»

«E a cathedral será abandonada!»

«E haverá homens de má fé, que testificarão as «mais absurdas accusações.»

«E o senador prometterá premios aos que desco«brirem os auctores de tão abominaveis crimes.»

«E os crimes e as delações crescerão!»

«E em quanto os tribunaes duvidarem da existencia «do delicto denunciado, o povo terá formado o seu «juizo — uns, dirão que é vingança de D. Gonçalo de «Cordova pelos insultos que recebêra ao deixar a go«vernança da cidade, outros, que é traça do cardeal «de Richelieu para que decimados os habitantes, mais «facil se torne aos francezes a conquista de Milão. — «Quem dirá que o auctor destas desgraças é um juiz «recto que no desempenho do seu dever fizera cum«prir uma lei severa mas justa, — quem proclamará «como criminoso um membro da governança que lhe «não foi propicio em alguma exigencia desarrasoada, «e geralmente cada qual indigitará como envenenador «o seu inimigo, e atirará com o seu nome votado á «execração, e seu corpo condemnado á morte, ao meio «das turbas freneticas e sedentas de sangue, que cum«prirão logo a sentença da iniquidade!»

«Mas o senado convencido já da existencia do con«tagio, e querendo atalhar a sua propagação, orde«nará que para desengano dos incredulos, sejam trans«portados em carros descobertos, e despidos os corpos «dos finados, para que a plebe reconheça nas manchas «azuladas das carnes, o terrivel sello da peste!»

«Porém um grito de horror precederá esses carros «fataes, e um longo murmurar se ouvirá depois que «passarem!»

«E a peste augmentará, — e o numero das victimas «crescerá, porque os espiritos se affectarão com este «expectaculo.»

«E assim como do meio dos infortunios publicos, e «nas longas perturbações da ordem legal, surgem ho«mens virtuosos; assim tambem apparece um crescido «numero de homens perversos.»

«Então os máus que a peste poupar, persuadidos «que para elles já não ha perigo, acharão no trans«torno geral, no desleixo de toda a força publica, «ensejo para darem maior actividade ás suas trope«lias, e nova segurança d'impunidade.»

«E a força publica hade recahir, por necessidade, «nas mãos dos peiores e mais ousados.»

«E os empregos creados em consequencia do au«gmento do contagio, serão exercidos por homens, «nos quaes poderá mais a esperança do roubo, que o «temor da doença e a natural repugnancia por um tão «asqueroso mister.»

«E as medidas adoptadas para cohibir os excessos «desses empregados serão infructuosas, e elles serão «infames traficantes, senhores, e arbitros de tudo!»

«A sua entrada nas habitações será o signal da de«vastação, e as suas mãos infectas, sceleradas, se «porão indistinctamente sobre os mortos, sobre os vi«vos, sobre os paes, mães, e filhos, ameaçando-os de «os transportar vivos e sãos ao cemiterio d'envolta «com os finados, se lhes não pagarem um avultado «resgate!»

«E recusarão tambem levar os cadaveres já putri«dos, se não lhes derem grosso cabedal, e será tão «desmesurada a sua ambição neste infernal negocio, «que deixarão cahir dos carros e jazer na via publica, «os cadaveres empestados para que mais se propague «o contagio!»

«E alguns suppostos empregados, mas ladrões só«mente e barbaros, entrando nas casas com esses «mentidos signaes, escarnecerão do estertor do mori«bundo, e arrancarão de sob seu corpo inteiriçado o «leito em que elle jaz ainda simivivo!»

«O roubo, o estupro, o assassinio, e a morte, se «encontrará por toda a parte.»

«Porém Deus terá finalmente compaixão dos bons, «e pouco a pouco desapparecerá o mal: mas a cidade «ficará reduzida a menos de um terço de seus habi«tantes.»

Um silencio profundo e prolongado se seguiu a esta lugubre prophecia — todos tinham o horror pintado no rosto. O amigo apertava a mão do amigo: — o amante olhava com mais ternura para a amante, mas sua bocca não poderia agora dar-lhe um beijo d'amor, que uma idéa de destruição lhe estava fixa na mente; em quanto que as pobres mães uniam com um movimento convulsivo os tenros filhinhos ao peito, — dissereis que tentavam assim preserva-los do contagio que já lhes viam grassar em torno, tanto o extremoso amor maternal se apoderára de seus sentidos, que se julgavam transportadas para esse futuro horrendo, futuro que seus pobres filhos hãode por força alcançar! Nem sabem as miseras se devam desejar vida, ou morte prematura a essas queridas porções da alma; — é uma scena muda, mas excessivamente expressiva e horrivel....!

Eis que o silencio se quebra, — é o astrologo que pergunta se alguem quer saber o que lhe prepara o destino; — «Não!» respondem todos; — «grande foi o «horror que nos incutistes n'alma com as tuas terri«veis predicções, — de ti nada mais queremos ouvir!» E cada qual pensando no que viu e ouviu, volve lenta e tristemente para a cidade.

CONDE DE MELLO.

[1] Allude-se á celebre peste de Milão que assolou esta cidade pelos annos de 1630. — Veja-se entre outros A. A. O. *Manzoni* na sua excellente obra — I promessi Sposi.

[2] O dr. Ludovico Stella.

[3] O primeiro era Felix Casati, e o segundo o joven Miguel Pozzobonelli — ambos franciscanos.

[4] Historico, assim como tudo mais que segue.

PROTESTO.

Ai tu és bella como é bella a deusa
Mãe dos amores!
Ai tu és pura como é puro um anjo
Todo candores!

Amei-te..... em vão pretendo agora, louco,
Deixar d'amar-te!
Não posso..... o fado meu e peito ordenam
Idolatrar-te!

Qual amo a vida, qual amo o sol e o cheiro
Da fresca rosa,
Assim eu te amo, ó virgem dos meus sonhos,
A mais formosa!

Tu és a vida, o sol; tu és a rosa
Do meu viver!
Hoje o protesto eu faço d'adorar-te
Até morrer!

6 de junho de 1846.

J. V. B. DA COSTA.

ENIGMAS PITTORESCOS.

EXPLICAÇÃO DO ULTIMO ENIGMA.

Que contos poderemos ter melhores
Para passar o tempo que de amores.
Camões.

Por motivos, que não podemos referir, mandámos retirar o enigma que pertencia a esta folha.

LISBOA, 14 DE AGOSTO.

A historia desta semana é insipida como um dia de calor em Lisboa. Os theatros nada apresentam notavel, nem o respeitavel publico fez cousa de que se possa dar noticia ao leitor. Falla-se muito da corrida de touros, que em beneficio dos habitantes do Minho deve dar-se no campo de Santa Anna em um dos proximos domingos, e diz-se que os capinhas, cavalleiros, homens de forcado etc. serão curiosos.

Tambem ouvimos que a commissão municipal trata de illuminar a gaz a nossa Lisboa: é um melhoramento indispensavel, e que já devia estar feito ainda que para isso empenhassemos uma das muitas constituições que temos em disponibilidade.

Os trabalhos a favor da imprensa parece que vão adiantados, e que desta vez as commissões nomeadas farão algum cousa. Nós esperâmos tudo da actividade do sr. José Estevão, da vontade determinada do sr. Garrett, e até acreditâmos que o sr. Rodrigo da Fonseca deseja de véras, que o projecto chegue a ter realidade, e que hade empregar o pouco tempo, que lhe sobeja d'outros encargos, em adiantar este negocio.

ROBERTO VALENÇA.

ROMANCE.

CAPITULO XVIII.

Theoria aristocratica de casar herdeiras, e de como o sr. Joaquim de Brito a soube comprehender.

O casamento projectado entre D. Maria de Brito, e o cavalheiro, de que já fallámos no capitulo antecedente, era um contracto decidido: apenas se esperava a conclusão de certos negocios do noivo, para que os primeiros tempos do casamento não pudessem ser perturbados por cousa alguma, que fosse estranha ás primorosas delicias daquelles comêços da sociedade conjugal, que os francezes souberam baptizar com o apropriado nome de — *lua de mel.*

D. Maria de Brito era já herdeira da casa de sua mãe, e por morte de Joaquim de Brito viria a ser senhora de uma excellente fortuna em bens de raiz, e mesmo em dinheiro, porque, segundo todos diziam, não era possivel que Joaquim de Brito, com quanto vivesse completamente á lei da nobreza com criados, carruagens, e cavallos, dispendesse todo o seu avultado rendimento.

Ora já naquelles tempos a diminuição das fortunas, e o progressivo augmento de necessidades — ficticias, mas emfim necessidades — tinham posto todos os especuladores matrimoniaes de alcatéa a vêr onde surgia uma herdeira para desde logo a declararem seu *salvaterio*, e pôr em pratica todos os meios de a conseguir.

O estabelecimento do governo constitucional, tirando nos bens de corôa e ordens avultados rendimentos aos fidalgos da côrte, augmentou consideravelmente o numero dos pertendentes, porque era necessario supprir a lacuna que nas fortunas particulares fizera aquelle maldito espirito de reformar, e as mais elevadas cathegorias aristocraticas esqueceram-se dos antigos brios da sua esclarecida linhagem para fazer o sacrificio da altivez genealogica no altar dos interesses pecuniarios.

Já se vê, que nestas circumstancias D. Maria de Brito havia ser muito pertendida maiormente sendo como era do melhor sangue das familias provincianas, que se não é azul pela sombra das condecorações, dos titulos, das fardas bordadas, e dos serviços no paço, é-o, e muito pela serie de avós illustres em virtudes, e acções patrioticas e desinteressadas, pelas indispensaveis condições da continuação de uma fortuna independente, e pelo lustre da linhagem derivada dos nossos homens mais celebres; classe honradissima, que nem o servillismo da côrte, nem a ambição de distincções, nem a vida palaciana, nem a geral desmoralisação puderam ainda corromper.

Com effeito muitos mancebos das primeiras familias da côrte pertenderam a filha de Joaquim de Brito, e não houve meio de lisongear aquelle santo varão, que não fosse arteitamente empregado. Qual lhe escrevia encarecendo a nova situação, que sua filha iria ter na côrte, entre a nobreza antiga, e superior aos *parvenus* da revolução, e a importancia historica do titulo, que o casamento havia conferir-lhe; qual se declarava estremado respeitador da nobreza provinciana do norte, e que só della queria provir, e descender como da fonte de toda a nobreza de Portugal, e algum houve, que expressamente se declarou descendente dos *Britos*, e pediu ao pae da desejada noiva, que se dignasse considera-lo pequeno mas honrado ramo daquelle tronco.

O fraco de Joaquim de Brito era com effeito a vaidade de uma linhagem esclarecida, e aquellas lisonjas da côrte eram de certo a arma mais poderosa para o obrigar a decidir-se, porém nesta occasião as suas elevadas convicções nobiliarias serviram de impedimento a que D. Maria de Brito trocasse o seu nome pelo titulo de condessa, ou viscondessa.

Não queria Joaquim de Brito, que a sua familia morresse, e que uma varonia mais poderosa, e conhecida, viesse apagar com o seu nome a memoria dos esclarecidos antecessores daquella casa; e como os empenhos, e instancias apertavam, resolveu dispôr o casamento da filha de tal fórma que ainda quando não pudesse realisar-se logo, ao menos tivesse na publicidade do contracto uma resposta decisiva com que sem offender o melindre alheio se pudesse esquivar ás propostas matrimoniaes.

O nosso fidalgo conhecia bem o mundo, e tinha coração de verdadeiro pae; dominado pelos seus pensamentos aristocraticos, e resolvido a concluir rapidamente este negocio, via com tudo quanto lhe importava escolher um genro, que ás condições exigidas reunisse as necessarias para merecer a estima de sua filha.

Quiz a fortuna ajuda-lo neste empenho; o cavalheiro, que fizemos conhecido do leitor, frequentava com muitos outros a casa de Joaquim de Brito, e distinguia-se pela sua singela, e viril amabilidade, pela sisudeza do seu procedimento, pelo respeito com que acatava a Joaquim de Brito, e pela discreta igualdade de estima que procurava mostrar ás duas irmãs.

É verdade que muitas vezes sem elle mesmo saber como tal cousa acontecia, os olhos de D. Maria encontravam os seus empregados em contempla-la, e na conversação ordinaria todos os factos que referia, as observações que lhes juntava, as cousas de que dava noticia, tudo dirigia á filha mais velha de Joaquim de Brito. Advertiu-lh'o ás vezes a irmã innocentemente, e por curiosidade de saber a noticia, ou historia, que elle contava, e cada advertencia destas era um estimulo para occultar mais a preferencia que o seu coração parecia querer dar a D. Maria.

Considerava o cavalheiro, que filho segundo como era, embora bem dotado, não podia aspirar á mão de tão pertendida herdeira, e parecia-lhe que Joaquim de Brito havia desejar enlaçar-se com as familias da côrte, e não com um nobre provinciano da sua plana.

Enganava-se e fazia a Joaquim de Brito uma grave injustiça. Joaquim de Brito era um homem de juizo, e já tinha percebido grande parte das inclinações do cavalheiro, D. Maria pela sua parte não se tinha ainda lembrado de que o amava: gostava muito de conversar com elle, distinguia-o entre todos, accusava-o quando elle faltava por dois ou tres dias a ir lá passar a noite, mas nem o cavalheiro havia ainda pronunciado a palavra — amor — nem ella se lembrava de que isso podia acontecer. Um sentimento indeterminado e vago, como que um presentimento, lhe estava dizendo que aquella intimidade e estima, que a convivencia augmentava, era alguma cousa mais que o ordinario, mas D. Maria evitava essas cogitações, e entregava-se ao destino confiada e cegamente.

Joaquim de Brito incumbiu-se de esclarecer este negocio, e dar ás relações do cavalheiro com sua filha o caracter de seriedade que a todos convinha, para que não ficassem confiadas á natureza das cousas, degenerando em publico divertimento, e murmurio de ociosos, que não sabemos onde são mais palradores se na provincia ou na côrte. Estâmos propensos a crer que a differença não é consideravel: em uma e outra parte o demonio tapa por um lado e descobre pelo outro, e demonio como é descobre sempre pelo peior, e de mais maliciosa interpretação.

Escusâmos referir ao leitor a conferencia entre o cavalheiro e Joaquim de Brito; basta que saiba que com o consentimento de D. Maria, dado com um sorriso, e certa temidez de que ella propria parecia não querer advinhar a causa, ficou ajustado o casamento do filho segundo provinciano com a apetecida herdeira do sangue e fortuna dos Britos. Todos ficaram contentes, e Joaquim de Brito seguro de que seus netos seriam Britos, e unicamente representantes da sua casa, e do seu nome.

O cavalheiro passava agora o seu tempo junto da sua futura, explicando-lhe a significação verdadeira e genuina daquelle encontrar dos olhos, daquella preferencia na conversação, e da contradicção destas demonstrações involuntarias com a calculada reserva de outras horas.

A boa estrêa com que entrára em Guimarães o nosso Roberto Valença, a paciencia com que aturava as *massadas* nobiliarias de Joaquim de Brito, e o bom acolhimento que dahi naturalmente lhe proveio, fizeram com que entre o noivo e o nosso heroe se estreitassem aquellas relações a que a convivencia de todos os dias tinha dado primeira origem.

O sr. Roberto conversava muito com o velho, e com a sr.ª D. Ignez, mas raras, muito raras vezes, com a noiva, porque todos sabem que os noivos não conversam senão um com o outro, e naquelle santo murmurio dos segredos amatorios se dão em constante espectaculo até ao dia do matrimonio, espectaculo semsaborão devéras, e ainda mais se o casamento chega a desfazer-se, como temos visto muitas vezes.

Mas o nosso heroe, com quanto conversasse com D. Ignez, não gostava della; áquelle talhe airoso, aos lindos olhos, aos cabellos tão formosos, ás faces tão suavemente rosadas, ás mãos mais fidalgas, que lord Byron poderia ter sonhado, faltava no conceito do sr. Roberto uma outra feição, que a ordem do nascimento lhe roubára. Era a feição de herdeira, porque o filho de Thereza Fagundes já naquella idade sonhava salvaterios e riquezas, como quem começára dando tão solemnes testemunhos do seu amor ao dinheiro.

Pois o filho da Fagundes poderia lembrar-se...! Ó manes dos Britos... mas deixemos em paz as dezenove ou vinte fidalgas gerações daquella grande familia, e no capitulo seguinte fallaremos a esse respeito.

 IMPRENSA NACIONAL.

EPOPEIA ENTRE OS MODERNOS.

III.

No segundo destes inconvenientes cahiu Voltaire, pois quando publicou a sua Henriada, ainda viviam os filhos dos actores da guerra da liga, e talvez alguns dos que a tinham presenciado. O mesmo aconteceu a Ercilla no seu poema da Aroucana, de que elle é um dos heroes; a João Rufo na sua Austriada; a Samper na Carolea; a Zapata no Carlos famoso; a Urrea no Carlos victorioso; a Jeronymo Côrte-real na Batalha de Lepanto; que todos foram contemporaneos, ou quasi contemporaneos dos factos que celebraram, e que hoje estão quasi esquecidos, á excepção de Ercilla, porque estas acções presentes, bem que possam redundar ás vezes em grande proveito do poeta, raras vezes são tratadas com a perfeição e liberdade necessarias, e por isso é custoso que occupem a attenção da posteridade.

Eu estou bem longe de dar a minha opinião como regra, mas se me encontrasse na precisão de optar entre um assumpto demasiado antigo e outro demasiado moderno, não hesitaria em decidir-me pelo demasiado antigo; porque reputo de muito menos consideração os inconvenientes que podem dahi resultar.

Exige-se que a epopeia seja escripta em verso, e esta theoria está de perfeito accôrdo com a pratica de todos os grandes poetas; a razão é porque, como bem advertiu Voltaire, confundem-se todas as idéas, transpõem-se os limites de todas as artes, quando se dá á prosa o nome de poesia. Uma composição em prosa, qualquer que seja a belleza, e contextura da sua organisação, e a eloquencia do seu estylo, poderá ser tudo quanto quizerem, menos um poema. La Harpe, a quem de certo ninguem dará por juiz incompetente, nega que sejam poemas epicos o Telemaco de Fenelon, o Gonçalo de Cordova, e o Numa Pompilio de Florian, a quem aconselha que abandone esta composição bastarda e monstruosa; e a mesma regra póde applicar-se aos Martyres de Chateaubriand. O poema epico em prosa, a tragedia em prosa, a comedia em prosa, e todas as mais *prosadas*, a que um critico italiano chama *un misero retratto del nostro povero seculo*, nasceram da incapacidade que algumas pessoas tinham de serem poetas, junta com o desejo ambicioso de quererem passar por taes; a poesia sem metrificação é o mesmo que um pincel sem tintas, uma rebeca sem cordas, e uma flauta sem embocadura.

O estylo do poema epico classico deve ser sublime, porque na epopeia o poeta canta, e o estylo é que faz viver as obras, e as transmitte á posteridade. Tão capacitado estava desta verdade o grande tragico Racine, que muitas vezes disse «a unica differença, que ha entre mim, e Pradon, é que eu sei escrever, e elle não.» É ao estylo que Homero deveu a sua immortalidade, é pelo estylo que Virgilio e Metastasio conseguiram ser tidos pelos mais perfeitos de todos os poetas, é pelo estylo que o grande lyrico Francisco Manuel do Nascimento foi proclamado, por um critico tão severo como m. de Villemain, pelo unico grande poeta do seculo 18.° Ora sendo a epopeia a maior obra do espirito humano, claro está que lhe compete o estylo mais sublime, e mais perfeito.

Advirta-se porém que quando fallâmos em estylo sublime, não entendemos por estas palavras um estylo inchado, campanudo, cheio de subtilezas, de methaforas forçadas, de conceitos alambicados, e obscuros; se tal admitissimos deveriamos ter a Gongora, Miguel da Silveira, D. Francisco Botelho, frei Manuel Thomaz, e frei Manuel de Barbuda, pelos mais sublimes poetas epicos; e o Polyphemo, o Machabeo, o Alphonso, o Nuevo Mundo, a Insulana, e o Virginidos, pela nata, e o creme das epopeias. O estylo sublime de que fallâmos, consiste não só na união dos vocabulos, e das phrases mais puras e genuinas da lingua, mas no dizer as cousas com tal propriedade e vigor, que ditas de qualquer outro modo percam necessariamente da sua força e da sua belleza. É este o predicado que acompanha quasi sempre a Homero e Ariosto, de que é raro que Torquato Tasso deslise, e que nunca desampara a Virgilio, e são estes os melhores modêlos que o poeta epico póde escolher nesta parte.

Quanto ao heroe epico, recommenda Aristoteles, e recommenda a razão com elle, que seja uma das personagens mais conhecidas na historia do mundo, porque é mais difficultoso existir interesse por um homem desconhecido. Que póde interessar ao leitor uma epopeia sobre a vida de Santa Labrada de Bartholomeu Pallau, que nem pela folhinha se conhece? sobre a vida de Octavio Gonsaga, capitão de cavallaria do estado de Milão, de Francisco Balbi, ou sobre a vida de S. Thomaz de Aquino, por D. Joseph de Pineda Ibarra? ou a bella Cotalda, e Cêrco de Pariz, por Bernardo de la Vega? Antes um heroe fabuloso, que um heroe obscuro para uma epopeia.

Que seja nacional, para que a sua gloria reflicta na patria do poeta. Tasso não observou esta regra porque tomou para seu heroe um estrangeiro, mas parece merecer desculpa, assim como Angelo Borgio na sua Siriada, porque a cruzada foi uma empreza de toda a Christandade, e naquelles poemas tem um papel mui brilhante bastantes cavalleiros italianos, como Rinaldo, Tancredo, Boemundo, etc.

Que não seja nem perfeitamente bom, nem perfeitamente máu; desta regra se não fizeram cargo nem Klopstock, nem Milton, o primeiro porque tomou para heroe do seu poema o Redemptor, que é a perfeita bondade, e o segundo a Satan, que é a perfeita perversidade. Não ignoro que Addisson, em alguns artigos do Espectador combateu esta opinião, procurando provar que o heroe do Paraiso perdido era o Messias, comtudo as suas razões me não parecem concludentes. Por grande e importante personagem que o Mediador seja no Paraiso perdido, não é personagem essencial, e póde o poema subsistir sem elle, como subsiste sem o Espirito Santo, de que Milton não faz menção, e tanto que algumas pessoas o suspeitaram por isso de arianismo, e conta-se que elle respondêra a um amigo que nisso lhe fallava «não boquejeis em tal, porque os padrecas ainda não deram por isso.» Os anjos rebeldes podiam ser expulsos do céu pelo Archanjo Miguel; o Eterno podia interrogar e sentenciar Adão e Eva, como acontece no Genesis; mas deixaria de existir o poema, supprimido o demonio. É Satan quem emprehende a perda do homem, quem leva ao fim a empresa, e vence todos os obstaculos que se lhe oppõe, logo o diabo é o heroe do poema, e Dresden teve muita razão quando assim o affirmou. Com tudo isto é uma excepção da regra geral, que eu tenho por mui judiciosa.

É preciso que o heroe seja magnanimo, generoso, apaixonado, e consequente, isto é que o seu caracter se não desminta. Contra esta regra pecca muitas vezes Homero nos seus heroes, e Lucano, que no principio da sua Pharsalia attribue a Cesar um caracter mui diverso do que o que se lhe attribue no fim. Os melhores caracteres epicos que nos offerece a idade media são Carlos Magno, Bernardo del Carpio, Pelaio, Christovão Colombo, Carlos 5.°, Fernão Cortez, e sobretudo o Cid. Nos nossos tempos não appareceram senão dois homens, cujo caracter preenchesse as condições requeridas em um heroe da epopeia; a saber: Carlos XII, rei da Suecia, e Napoleão, mas até ao presente, como succedeu ao Cid, não acharam cantores.

Quanto ao maravilhoso deve o bom epico ter em vista o preceito de Horacio

> Nec Deus intersit nisi dignus vindice nodus
> Inciderit.

isto é que as machinas sejam sempre necessarias, e deste preceito ninguem foi tão bom observador como Appollonio Rhodio nos seus Argonautas, em minha opinião o melhor de todos os epicos gregos depois de Homero; este pelo contrario pecca repetidas vezes neste objecto. De que serve o combate dos deuses na Iliada? que necessidade ha de que Minerva na Odyssea desça do céu para aconselhar a Ulysses que durma? não podia elle adormecer sem ser acalentado?

Torna-se necessario que a intervenção dos deuses não tire o merito aos heroes, como acontece na Iliada, onde ora um deus, ora outro cobre este ou aquelle heroe com uma nuvem, para o salvar dos seus inimigos; ora desvia o dardo que lhe arremessam, ora encaminha o que dispara o seu protegido! Que gloria resulta a Heytor de matar Patroclo, depois de Apollo lhe desenlaçar o arnez? Cumpre tambem que o machinismo não degenere em ridiculo como acontece na Iliada com as rixas entre Jupiter e Juno, e as risadas inextinguiveis á custa do pobre Vulcano, que cocheando distribue o nectar aos deuses: felizmente nem Virgilio, nem Tasso, nem Ariosto, nem Braccoline, nem Camões cahiram em similhantes disparates, antes o seu maravilhoso é sempre decente e cheio de magestade.

Querem tambem alguns que o maravilhoso seja adorno accessorio da fabula, mas que não faça objecto della, porque esta organisação prejudica o interesse; não quero combater esta opinião, mas parece-me que a Messiada de Klospstock, e o Paraiso perdido lhe fazem uma grande objecção, pelo menos não sinto que a natureza maravilhosa destas duas fabulas epicas as torne menos interessantes e attractivas, parece-me que de duas cousas uma, ou se hade renunciar aos poemas religiosos, ou admittir para elles uma excepção a esta regra.

A epopeia classica divide-se em poema heroico, poema epico, e poema historico.

Poema heroico é aquelle em que o poeta celebra um heroe por uma acção grande emprehendida, e acabada por elle. Tal é o Gofredo, em que este heroe emprehende o cêrco de Jerusalem, e a conquista, vencidas muitas difficuldades.

Tal é a Eneida, em que o filho de Venus se propõe a transportar os penates de Troya, para uma cidade fundada por elle em paiz estrangeiro.

Poema epico é aquelle em que o poeta narra um grande acontecimento, feliz, ou desgraçado, de que se tire uma instrucção moral; neste caso é indifferente que os actores sejam muitos, que tenham igual parte na acção, ou que sejam sobordinados a um ou mais chefes, que seus costumes sejam bons ou ruins, que se cubram de gloria, ou que pereçam na empreza; porque o interesse não recahe sobre elles, mas no todo da fabula. A este genero pertencem os Argonauticas de Apollonio, e de Valerio Flacco, a Thebaida de Estacio, a Destruição de Hespanha de André da Silva Mascaranhas, a Pharsalia de Lucano, e o Paraizo perdido de Milton.

O poema historico que tem muitos pontos de contacto com o antecedente, tem por objecto a narração da vida, e acções de uma personagem distincta, ou a pintura de um grande trecho historico de algum paiz. Neste genero entravam a Adrastida, a Theseida, e a Heracleida, antigos poemas gregos, a Dyonisiaca de Nouno, em que se narra o nascimento e acções de Bacho, a Guerra punica de Silio Italico, que começa com o cêrco de Sagunto, e acaba com a derrota de Annibal na batalha de Zama, o Virginidos, ou vida de Nossa Senhora, pelo doutor Barbuda, o Phenix da Lusitania, de Manuel Thomaz, que contém todos os successos da guerra da acclamação, os Trabalhos de Hercules, de Manuel de Sousa Moreira, e o Sansão Nasareno, de Antonio Henriques Gomes. Neste genero de composição toda a arte do poeta está em bem grupar os factos, fazendo sobresahir os mais interessantes, em dramatisa-los de modo que faça desapparecer quanto possivel a marcha methodica do historiador, e animar a sua narração com um colorido vivo, estylo imaginoso, discripções, episodios, e boa versificação.

Os episodios na epopeia classica devem nascer da acção, retarda-la, e adianta-la; nem sejam tantos que, digamo-lo assim, afoguem o facto principal, e não tão raros que a deixem demasiado nua, nem tão extensos que alonguem de mais a obra, nem tão curtos que não excitem interesse: as descripções devem ser animadas e pictorescas, as comparações proprias, e o estylo e verso *grandiloquo, e consoante*, como Camões o requer.

Não ignoro que haverá pessoas que não admittam esta classificação de poemas, mas ella existe de facto, e resulta da comparação destas obras umas com outras, tanto antigas, como modernas; e porque não havemos de admitti-la em theoria? É necessario de duas, uma, ou admittir estas diversas qualidades de epopeias, ou riscar do numero destas grande numero de poemas que encerram não vulgares bellezas.

Tem mais a epopeia classica as seguintes partes de quantidade, algumas das quaes não são de absoluta necessidade, a saber; proposição, invocação, dedicatoria, epilogo, narração, e peroração.

A proposição querem os preceitistas que seja breve, clara, que contenha sómente a acção principal sem se mencionar algum episodio, e designando o heroe sem que seja pelo seu nome, bem que Homero praticasse o contrario na Iliada, e condemnam as de Estacio na Thebaida, e na Achileida, de Lucano na Pharsalia, e de Claudiano no Roubo de Proserpina por muito enchadas, e complexas.

A invocação considera-se tão essencial como a proposição. É porém de notar que os gregos juntavam a proposição com a invocação, assim o praticou Homero na Iliada.

> Descanta ó musa, a cólera tremenda
> De Achyles, filho de Peleo, que aos gregos
> Mil pesares causou, e mil ao Orco
> Almas d'altos heroes mandou mais cedo,
> Em seus membros cevando os cães, e as aves.

Os latinos separavam estas duas partes; propõem primeiro a acção, e invocam depois a musa; os epicos modernos seguiam uns esta pratica, outros a dos gregos. Nesta materia ha plena liberdade de escolha.

Quanto a dedicatoria não ha um unico exemplo della nos poemas, que nos ficaram dos gregos: os epicos latinos pelo contrario dedicaram todos excepto Virgilio e Silio Italico.

Os epicos modernos dividiram-se neste objecto, como a respeito da invocação, isto é, uns fizeram, outros deixaram de fazer dedicatorias segundo se propozeram a imitar os gregos, e os romanos. Nosso pa-

recer seria que se omittisse a dedicatoria, não só pelas ridiculas lisonjarias de que as tem carregado antigos, e modernos, mas até pelo máu fado, que a maior parte dellas tem tido em serem inderessadas a quem mui pouco as merecia, sendo as de Estacio, e Lucano feitas a Domiciano, e a Nero, dois mestres de crueldade, e de vicios, e que foram o escandalo do genero humano; e Valerio Flacco dedicou a sua Argonautica a Vespasiano, o mais avarento dos imperadores, segundo o testifica Suetonio! Ariosto dedicou o seu Orlando ao cardeal Hypolito de Este, homem de tão bom gosto, e juizo, que depois da leitura do poema não achou outro cumprimento, que lhe fazer senão o seguinte: *Messes Luduvico, dove avete pigliato tanta coglionerie?* Tasso dedicou o Gofredo ao duque de Ferrara, Alphonso, que lhe pagou o obsequio com a mais horrivel perseguição, fazendo encerrar no hospital dos doudos o homem de mais juizo, e saber, do seu seculo, e levando a atrocidade a ponto de querer tornar a supposição verdadeira á força da crueldade com que foi alli tratado por sua ordem; Ercilla dedicou a sua Aroucana a Filippe 2.°, que não fez caso da obra, nem do auctor.

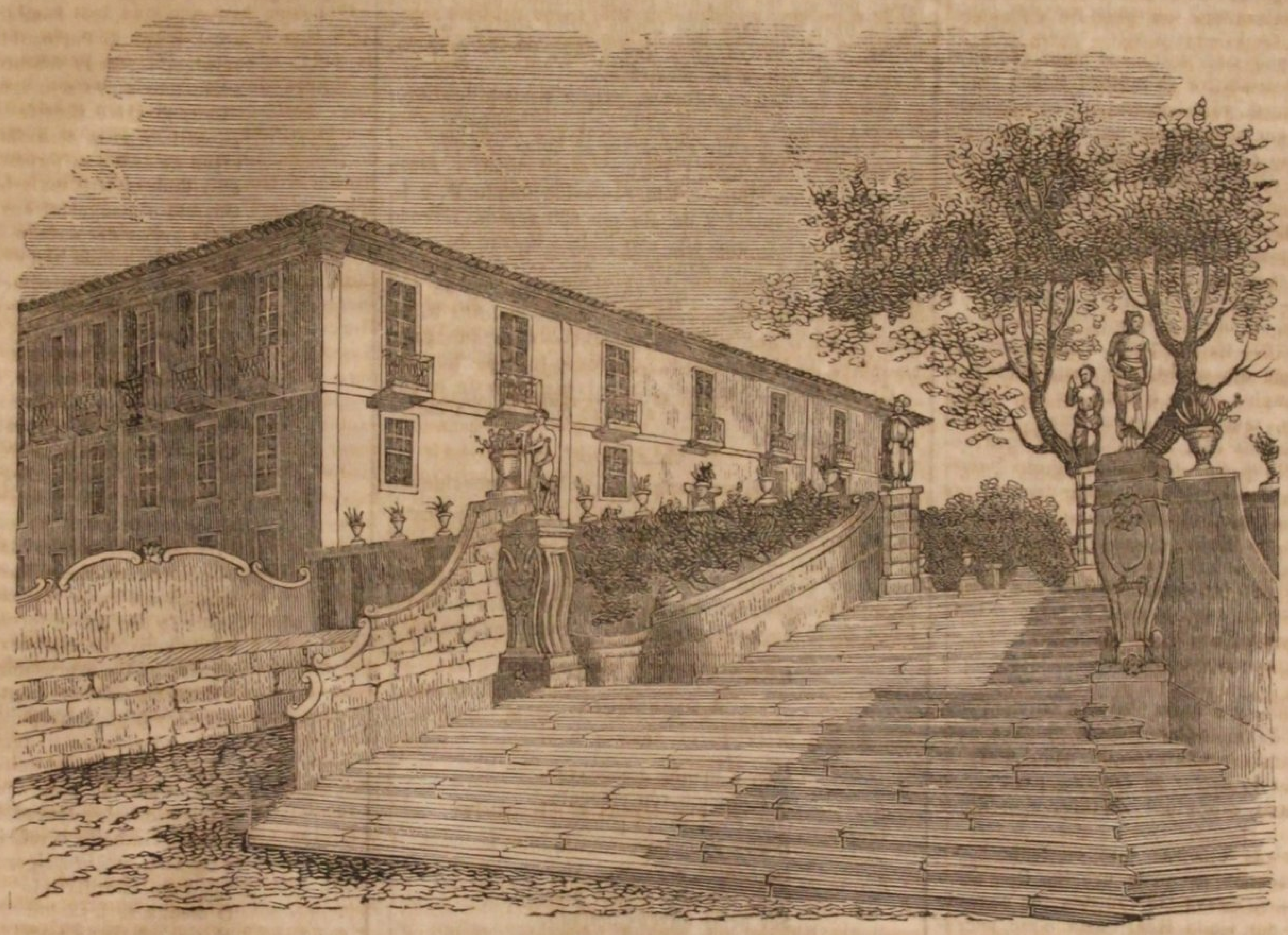
O epilogo tem poucos exemplos, entre os nossos epicos só ha o de frey Manuel Thomaz na sua *Insulana*, que é tambem um dos mais turgidos, e impertinentes, que tenho lido.

Quanto a narração só neste logar compete recommendar ao poeta que ponha cuidado em fazer a maior parte della por entrepostas pessoas, por assim ficar a fabula mais dramatica, isto é, mais viva e animada.

De peroração não se encontra exemplo entre os gregos, porém os romanos peroraram todos, menos Virgilio, Lucano, e Valerio Flacco, talvez porque não acabaram os seus poemas.

Entre os modernos ha exemplos de ambas as cousas, perorou Tasso no Gofredo, D. Francisco Zarate na Invencion de la Cruz, Francisco de Sá e Menezes na Malaca conquistada, Francisco de Pina e Mello na Conquista de Goa, Gabriel Pereira de Castro na Ulyssea, Lope de Vega na sua Jerusalem conquistada, o padre Bartholomeu Pereira no seu poema latino intitulado Paciocidos, Silveira no Machabeo, e Francisco Rodrigues Lobo no Condestavel, Camões nos Lusiadas, e a deste é talvez a mais elegante, e poetica peroração, que se tem escripto.

Porém Ariosto no Orlando, Vida na sua Christiada, Milton no Paraiso perdido, Klopstock na sua Messiada, Juan de la Cueva na sua Conquista da Betica, D. Francisco Botelho no Alphonso, Escoiquis no Mexico conquistado, Quebedo no Affonso Africano, frey José de Santa Rita Durão no Caramurú, e Diogo de Paiva de Andrade no seu poema latino intitulado *Chaulis*, e Santos e Silva na Brasiliada não usaram da peroração. Póde pois qualquer poeta usa-la, ou deixar de a usar, porque de ambas as partes tem bons exemplos com que se defenda.



O ASYLO DE MENDICIDADE DO PORTO.

Deviamos á commissão municipal do Porto um testemunho especial de consideração, e de agradecimento pelos disvelos com que ella sabe cuidar dos interesses do seu municipio, e pelo acerto com que soube comprehender, que a sua missão não era só fazer recenseamentos, e tratar da parte politica da administração municipal, mas tambem, e principalmente fazer quantos melhoramentos lhe estão exigindo as necessidades publicas, e o espirito do seculo.

O Porto vae neste ponto agora adiante de Lisboa se bem que esperâmos das pessoas que actualmente dirigem o municipio lisbonense grandes melhoramentos: se os não fizerem, é porque não comprehenderam a sua missão, e continuaram a santa rotina de nada fazer, que é o costume desta nossa terra.

O asylo de mendicidade do Porto estava decretado desde 1838, mas sem a actual municipalidade ainda hoje estaria no papel. Felizmente foi este um dos seus primeiros actos.

Dâmos hoje a vista da casa onde o inauguraram. É uma linda propriedade do nosso amigo visconde de Veiros, situada em um local excellente, e a todos os respeitos apropriada ao objecto.

A casa das aguas ferreas fica hoje santificada pelo destino mais nobre que lhe podia ser dado, e nós registrâmos aqui este facto para monumento de gloria da commissão municipal do Porto, e do seu presidente o sr. Passos (José) a respeito de cuja filantropia, e espirito progressivo, e civilisador, nos declarâmos suspeitos pela extremada amizade com que o venerâmos, e pelas obsequiosas finezas de que lhe somos devedores.

Sabemos que o nobre visconde de Veiros desejava ardentemente poder offerecer gratuitamente a sua casa para uma instituição tão util e moral.

UM CONTRATEMPO.

Jura a bocca o que desmente o coração.

«Que horas são? — São nove, minha senhora. — A «que horas me deitei eu? — Ás quatro da madrugada. «— Traze-me um copo de agua com assucar, e uma «gôta de agua de flôr de laranja; fecha bem a ja«nella, corre as cortinas, — e não voltes ao meu quarto «senão ao meio dia..... Ouve; dá as sópas de leite á «minha galguinha *Zélie*, e vê se as flôres que eu puz «hontem, podem servir esta noute entremeadas com as «outras azues, — manda a casa da *Lavaillant* buscar «luvas, e çapatos, e recommenda que me não desper«tem; não quero ouvir bulha alguma.»

Assim dava as suas ordens uma elegante senhora, abrindo preguiçosamente a bocca, e receiando que os raios do sol, que se escapavam pelas fendas das portas das janellas, viessem ferir seus olhos ainda mal abertos.

Cuidava a nossa elegante que de novo o benefico somno, que lhe pesava ainda sobre as cançadas palpebras, a faria recobrar a agilidade e viveza que na vespora tinha ostentado quando entrára no lindo baile, dado pela amavel condessa de *** ou quando atravessára os salões sumptuosos colhendo admirações e louvores dos circumstantes, — e que assim poderia continuar a mentir affectos, durante o que na proxima noute devia dar um rico estrangeiro, baile de que havia muito se fallava nos elegantes e perfumados *boudoirs* das jovens esposas, nas salas das venerandas matronas, e nos quartos das timidas donzellas que crêem que uma contradança é o supremo bem, e uma walsa, ou uma polka a bemaventurança. Era nesse baile tão desejado que a nossa heroina punha todas as suas esperanças, para elle reservava todo o seu exercito de seducção: — ahi contava ella mostrar mais amabilidade, fazer pompa ainda de mais ademanes do que na vespora fizera, apesar de se lisonjear de que com os que até alli usára, já havia captivado a admiração, e attenções de todos os adoradores do bello-sexo.

Suas esperanças porém foram illudidas..... a lembrança das contradanças que havia dançado, a graça deste ou d'aquelle parceiro, que lhe vinha á memoria, as walsas a dois tempos, a que ella se sujeitava porque não se atrevia a reagir contra a moda, mas que detestava no fundo do seu coração, por fazer da dança mais voluptuosa do mundo, a corrida mais semsabor, um verdadeiro contra senso..... as polkas em fim não a deixavam socegar: — não póde fechar os olhos. Sejâmos porém sinceros, estas lembranças, que se apresentavam agora tão distinctas, haviam necessariamente ir pouco a pouco perdendo a força e acabariam por se confundir todas, até desapparecerem totalmente para cederem o passo a um sonho muito extravagante, ou talvez a horrivel pesadêllo. Não foram pois só estas reminiscencias as que lhe afugentaram o somno, foi o continuo pensar nas expressões que o mais elegante cavalheiro do baile lhe dirigíra quando

fóra seu parceiro em uma polka: e todas estas recordações, todos estes projectos, todas estas esperanças tumultuando na sua mente é que lhe mudaram o desejado descanço em inquieta vigilia.

Já nem cura de dormir, — agora o futuro baile é o unico alvo de seus pensamentos..... e como poderá ella deixar de pensar em tal, como poderá ella deixar de comparecer nessa brilhante reunião, se *elle* lhe disse que tambem lá iria? — É verdade que só tarde, talvez mui tarde lá podesse apparecer, mas que iria era certo, — tinha-lh'o promettido! — Oh! de certo heide dançar com elle, dizia a nossa elegante comsigo mesmo: — elle que me disse, que ninguem polkava melhor que eu, indubitavelmente me dará a preferencia..... que desgraça é, que se repare em que se dance mais que uma vez com o mesmo parceiro! — Se assim não fosse, eu sem duvida seria a sua parceira fixa: oh meu Deus! que prazer! — vêr todas as minhas inimigas mordendo, á força do ciume, os beiços tremulos de raiva, — com que gosto eu passeiaria diante d'ellas pelo seu braço — oh! e quando passasse junto da L. ou proximo da F. — isso seria ainda melhor, então o meu triumpho seria certo: os meus adoradores, mais prêsos ficariam, e as minhas rivaes ainda mais abatidas do que ficaram hontem....! mas se tudo isto não póde ser, quero ao menos attrahir constantemente a sua attenção com o brilhantismo e gosto da minha *toilette*. Elle disse-me que o azul devia ir bem ao meu rosto, seja pois toda a minha *toilette* desta côr...

Henriqueta? — Henriqueta? não me ouve! Henriqueta? — meu Deus! aonde estará o cordão da campainha? ah! ei-lo aqui: — Henriqueta?.... — minha senhora'! — que teve? — ai! que susto! — a campainha cahiu pela força com que foi puxado o cordão! — foi sonho? — Cala-te tola: dize-me, a modista poderá fazer-me um vestido para esta noute? — póde, se elle fôr simples — não é nada: é um vestido de gaze azul claro, sem outro enfeite mais que um rolo de setim da mesma côr, a minha *blonde* guarnecendo o corpo e este pouco degotado, alguma *passementerie* e mais nada: — para não perder tempo, vae tu mesma comprar o gaze, escolhe-o bom, e que seja exactamente da côr das flôres, e manda tudo para casa da modista: — prepara tambem o meu adereço de torquezas, — parte, não te demores — eu vou minha senhora — ouve, deixa aqui o meu roupão, manda aprומptar o meu banho, anda vae..... espera tonta, — abre a janella, corre o *store*, e deixa entrar a minha *Zélie*.....

Ei-la já a caminho: e a nossa elegante saltando sem demora para fóra do móle leito aonde contava descançar das fadigas da vespora; — de nada mais se lembra agora, senão de correr ao espelho, para vêr se tinha o parecer mais cançado e abatido, e os olhos pisados.....

— Meu Deus! — as olheiras que eu tenho! — e como estão embaraçados os meus cabellos! — Se a touca me cahiu! — eu estava tão cançada que nem me lembrou atá-la: — em vindo Henriqueta é-me necessario começar logo a desembaraça-los: — *pauvre Zélie, viens ma biche, que tu es gentille*..... que côr que tenho hoje! — pareço desenterrada! é-me impossivel ir esta noute sem pôr algum carmim..... não posso deixar de pôr alguma côr; até para que não pareça que os meus olhos têem hoje menos vivacidade do que tinham hontem, o que não lhe escapou. — Como elle é polido! que cousas que diz, que graça que tem! — nada lhe escapa! — E quanto me fez rir, pelo modo porque notava os defeitos da F. e da L., e como ellas olhavam despeitosas para mim! — e esses tolos que se lisonjeam de que eu os amo, porque com expressões ambiguas lh'o tenho deixado acreditar, coitados! que caras tão compridas....! parecia que lhes sahiam faiscas de fogo dos olhos — era o furor que tinham no coração, que por elles rebentava! que medonho olhar! Eu confesso que não tenho nunca maior prazer do que quando vejo os meus adoradores todos com zelos uns dos outros, desejando cada um rasgar o peito do seu rival para lhe beber o sangue, e depois eu.....

— Tão depressa Henriqueta?

— A modista não póde.....

— Não póde! oh! meu Deus! ella não póde? — que desgraça! — ninguem é mais infeliz do que eu! — dize Henriqueta, conheces alguem que possa comparar-se comigo? — Lembra-me minha senhora, que leve o seu vestido côr de cana....., — tola, tola, havia ficar-me bem um vestido amarello com o parecer que tenho hoje! — antes ficar em casa — mas senhora..... — Henriqueta, tu és insupportavel, tu nasceste para me contradizer! — deixa-me só, — eu te chamarei quando quizer que entres.

Felizmente estou só: posso agora chorar á minha vontade, posso maldizer a minha sorte..... maldita *Lavaillant!* não poder fazer um vestido tão simples! ella foi comprada sem duvida pelas minhas rivaes — se não fosse tão tarde, ia já procurar outra modista... mas promette-lhe que não me hade fazer mais nada — que dirá elle quando vir acabar o baile, sem eu apparecer! — que gosto para as minhas inimigas! Deus sabe se elle dançará? — oh! de certo não: elle mostrou-me hontem tão claramente que me dava a preferencia sobre todas, que posso lisonjear-me de que gosta de mim, e eu creio agora que posso vir a gostar d'elle..... que noute se me prepara....! como poderei eu dormir pensando que as minhas rivaes estão lá dançando, e que elle está lá! — E se eu fosse com o vestido côr de cana? — impossivel! — elle julgaria logo que me visse entrar, que eu não tinha reparado ou havia esquecido o que me disse a respeito das flôres azues! — Nunca! eu passar por estupida quando nem um só seu lançar de olhos me escapou, isso nunca! antes morrer aqui de semsaboria e de ciumes. Melhor é soffrer todos os tormentos do inferno, que parecer indifferente ao que elle me disse: — dir-lhehei quando o encontrar, que o receio de que alli não fosse, por me ter dito que iria mui tarde, fôra a causa de eu ficar em casa não tendo muito apetite de ir a bailes, e aos outros direi que o cançasso da vespora, e uma enchaqueca foi a causa. ...

Nestes combates continuos, passou a nossa desditosa senhora todo o dia, mas nada se póde comparar com a sua situação quando chegaram as horas em que ella deveria ir para o baile! Furiosa dizia então, — agora de certo entra elle, — ei-lo cumprimentando F. e L. e ellas mui contentes de ahi me não verem, fazendo taes diligencias, que elle não poderá deixar de pedir alguma d'ellas para dançar..... que raiva! — tomára já o dia de ámanhã, — que curiosidade..... se ao menos alguem de minha casa fosse a este maldito baile, saberia eu o que nelle se passou. — Com que gosto eu estava de lá apparecer..... e tudo, tudo perdido!!!

Os soluços cortaram-lhe a palavra, e neste estado ouviu uma, e mais horas, até que póde mais a fadiga que a desesperação.....

Pela manhã, Henriqueta, que tinha adormecido sobre uma cadeira, aguardando que a chamassem, admirada de estar ainda vestida, e com lembranças confusas de quanto na vespora se passára, entrou de mansinho no gabinete de sua ama, que achou dormindo recostada sobre um sophá, e cahido a seu lado um lenço ensopado em lagrimas!

CONDE DE MELLO.

BERNARDIM RIBEIRO.

A DESPEDIDA.

I.

Inda a manhã começava
A romper o véu cinzento,
Que condensado pousava
D'alta Pena no convento,
De Cintra o paço se via
Com seu alto e nobr'assento
Ser pelas nuvens beijado,
Que velozes leva o vento,
E nas gothicas janellas
Com seus vidros de mil côres
Se renovam mais brilhantes
Do sol primeiros fulgores,
E nos bosques de redor
Estão as aves cantando,
E vão com dôces gorgeios
O rei dos astros saudando:
Junto d'antigo castello
Pelos mouros tão presado
Um monge com longas barbas
Pensativo stá parado;
Tem na mão longo cajado,
Traja vestes de burel,
Traz comsigo um reliquario,
Que lhe pende d'um cordel:
Assim esteve um momento
Suas vistas alongando
Até onde o mar s'avista
Na praia a furia quebrando,
E um pouco meditando
Do mar na féra braveza
As lagrimas lh'assomaram,
Assim disse com tristeza:
— «Como tú sempr'agitado
«Já tive o meu coração,
«E vinham n'alma quebrar-se
«As tormentas da paixão;
«Como as vagas nos penedos
«Nout' e dia vão batendo
«No verdor da mocidade
«Fui esp'ranças entretendo;
«Como tua branca spuma
«Que n'arêa s'acabou
«Já tambem ledo prazer
«De todo p'ra mim findou,
«Só me restam e só tenho
«Recordações e saudade
«Pouco socego na terra
«Todo o bem na eternidade.» —
Assim o monge fallava
Todo de pranto banhado,
E descendo vagaroso
Pelo mont'alcantilado
Parou junto da capella
Tomando assento por fim
No limiar d'uma porta
Donde vê Penaferrim:
Já pela grande ladeira
Que para Cintra caminha
Mui luzida cavalgada
De nobre gente alli vinha
Toda aldêa pressurosa
Correndo vem apressada
E com alegres folgares
Assim festeja a chegada
— «Viva o nosso bom senhor
«Nobre rei de Portugal!
«Qu'em venturas venturoso
«Não tem outro sem igual:
«Deus te salve Beatriz
«Gentil formosa donzella,
«Que de todas as formosas
«Tu lindeza tens mais bella.» —
Quando o monge tal ouviu
Pelos gritos despertado
Para alli abrindo vista
Reparou mui attentado:
A seu rosto carcomido
Vem assomos d'alegria,
Pensamento de ventura
Lhe passou na fantasia,
E cruzando as mãos no peito
Um pouco em si concentrado
Diz — «Bemdito seja Deus
«Que Bernardim é chegado:
«Bernardim bem vindo sejas,
«Triste e nobre trovador,
«De quem os ecchos da serra
«Repetem canções d'amor,
«Canções d'amor magoado,
«Que te dão grave tormento
«Pois mais alto que devêras
«Levantas-t'o o pensamento;
«E tomou tal incremento
«O fogo d'amor no peito,
«Que só vida de tristezas
«Assim vives deste geito;
«Só eu sei tua desgraça,
«Triste e nobre trovador;
«Amei tambem, e soffri
«Da sorte o duro rigor. —
Logo em isto dizendo
O monge se levantou
E o caminho da villa
Mui apressado tomou.

(*Continúa*). A. PINTO DE SOUSA.

Sahiu á luz uma cópia lithographada da bella, e bem conhecida gravura do sr. Conte representando a vista do convento da Batalha, executada pelo sr. Augusto Cezar de Vasconcellos, lente da escóla do exercito.

Era muito difficil, senão impossivel, obter um exemplar daquella preciosa gravura, tão raros os fez o seu merecimento: o sr. Vasconcellos teve a boa idéa de a copiar, e fez uma cópia digna do original. Quem conhecer a gravura do sr. Conte a que alludimos, sabe que é este o maior elogio que se póde fazer á lithographia do sr. Vasconcellos. O sr. Conte tinha feito um primor de gravura: o sr. Vasconcellos fez um primor de lithographia.

É um quadro de quatro palmos de cumprimento e tres de largura. — O auctor exforçou-se por imitar quanto possivel a gravura, e conseguiu-o até tal ponto, que mesmo a pequena distancia é difficil reconhecer que o não é. As arvores são d'uma execução primorosa, a gradação da luz é perfeita.

Finalmente seria muito longo enumerar todos os merecimentos do trabalho do sr. Vasconcellos, e proferimos convidar os nossos leitores a que vão examina-lo por si.

Encontra-se á venda em todas as lojas do costume.

ENIGMAS PITTORESCOS.



SUMMARIO.

A publicação desta folha teve de demorar-se por não poder entrar uma estampa, e artigo, que estavam destinados para esta semana, e que só apparecerão na seguinte. — É a vista da urna funeraria preparada para as exequias de sua santidade Gregorio xvi.

LISBOA, 21 DE AGOSTO.

Habituámos os nossos leitores a uma tal ou qual resenha do que vae por esses theatros da capital, e agora talvez nos não levem a bem que faltemos a satisfazer-lhes neste ponto a sua mui natural curiosidade: mas para lhes não mentir dizendo a esse respeito meia duzia de palavras de encher, com que é d'uso supprir taes faltas, declaramos-lhes que não tivemos coragem bastante para affrontar o calor, e ir dar comnosco dentro de um theatro.

Sabemos que no de D. Maria 2.ª vae dar-se um drama novo traduzido do francez com o nome de — *Conde Juliano:* que para o de S. Carlos se está preparando outro denominado — *Maria da Fonte, ou a Revolução do Minho* — e que no Circo de Madrid se deu uma pantomima, da qual talvez ainda tenhamos de fallar.

Os exforços a favor da imprensa continuam, sendo agora as reuniões na casa da sociedade que se instituiu sob a presidencia do sr. duque de Palmella com o nome de *Gremio litterario,* de cujos trabalhos pelo numero, e qualidade dos seus membros se esperam grandes resultados.

Em Portugal ha realmente vontade de ler: não vae a gente a um cantinho de qualquer provincia que não encontre livros na casa do mais pequeno lavrador, o Carlos-Magno, o Auto do infante D. Pedro, que correu as sete partidas do mundo, o de Santa Barbara, o da imperatriz Porcina, mas emfim livros, ou folhetos, e lidos, e relidos com interesse, e affinco.

Pois os jornaes? Ha jornal que na provincia corre por tantas mãos, que quando chega á ultima pessoa que o lê, já a primeira está recebendo outro do correio.

E isto tem uma causa muito simples. Todos gostam de ler, mas nem todos têem meios para isso. Chega por exemplo a Bragança a noticia de que ha em Lisboa um jornal litterario chamado Illustração ou Revista, e que custa por mez seis ou oito vintens; todos desejam assignar, porque apesar da falta de dinheiro de que tambem todos se queixam ainda se arranjam tres ou cinco cruzados novos, mas os portes do correio? Sr. Deus misericordia! Para isso é que não dá o milho nem o vinho verde.

Ora tirem os portes do correio, e deitem um olhar de attenção governativa para as fabricas de papel, e verão como as letras prosperam.

Traz-os-montes já tem um jornal litterario, — *O Pharol* — que merece muito ler-se, pois as outras provincias não hãode ficar atraz, e o Camões promettido pelo Junot para a Beira apparecerá não pela força do proverbial — *je vous protegerais* — do duque de Abrantes, mas pelo desenvolvimento da civilisação, e cultura dos espiritos.

ROBERTO VALENÇA.

ROMANCE.

CAPITULO XIX.

No qual o leitor vae encontrar o que menos esperava.

O filho da Fagundes lembrava-se de tudo quanto póde lembrar ao filho de qualquer Fagundes, que não faz gosto de o ser, e que inveja os pergaminhos aonde os vê, as commodidades, onde as observa, e sobretudo o dinheiro, onde lhe advinha o coração, que póde have-lo, e que uma vez entregue ao incuravel prurido do desejo destas cousas não ha meio que lhe não pareça muito legitimo para alcança-las.

Ora o sr. Roberto Valença apesar de estar na idade em que os calculos financeiros, e o constante cuidado de ser rico não fazem perder o somno, considerava lá uma vez por outra, como era precario, e incerto o seu futuro, e dependente daquelles malditos tios, a quem o sr. conego fôra deixar a grande fortuna, que a elle como seu filho varão mais velho devia realmente pertencer.

D. Ignez parecia ouvi-lo com agrado, e Joaquim de Brito ou porque não désse pela frequencia das suas conversações, ou porque nem lhe passasse pelo sentido que uma filha sua, uma descendente dos Britos mais Britos de Portugal, pudesse lembrar-se de procurar marido nas tribus de Israel, deixava ao nosso heroe todas as occasiões de conversar largamente com ella.

Aproveitava-as o sr. Valença cuidadosamente, mas tão singelas eram sempre as suas palavras, e tão longe de qualquer pertenção amatoria, que a propria D. Ignez juraria aos santos evangelhos, que o nosso heroe lhe não tinha a menor inclinação.

Fallavam muito, e baixinho algumas vezes, mas como não havia ser assim? Os noivos declaravam-se incommunicaveis para toda a sociedade, e alli ficavam na sala horas, e horas a murmurar uns segredinhos, que já nos fizeram curiosidade mortal, mas que a final viemos a saber, que eram pouco mais de nada, e Joaquim de Brito contava historias da sua mocidade, explicava a mais remota e obscura tradição genealogica da sua familia, ralhava dos mancebos de agora, que não eram como elle fôra, e acabava por dormitar na sua excellente cadeira de braços; as duas pessoas pois que restavam era forçoso, que reciprocamente procurassem algum meio de vencer a força soporifera de um velho genealogico, e de dois noivos.

Em uma das noutes, em que como era de costume se reunia a sociedade ordinaria daquella casa, abriu-se a porta da sala, e entrou o sr. Roberto Valença; os olhos de D. Maria procuraram outra pessoa, que não faltava nunca a acompanhar o filho de Thereza Fagundes, mas desta vez a porta fechou-se, e ninguem mais entrou na sala.

O sr. Roberto fallou a todos, cumprimentou as senhoras, e foi conversar com o sr. Joaquim de Brito, como tinha por costume. Ralavam-se as filhas por não poderem logo alli saber a razão da ausencia do cavalheiro, mas emfim não havia remedio senão esperar, que désse fim a conversação animada, a que o sr. Roberto soubera trazer o velho.

Entretanto as visitas do cavalheiro eram já tão habituaes para esta familia, que o proprio Joaquim de Brito perguntou o porquê daquella falta.

Então porque não veio o seu amigo? Está doente?

Doente sim? Está agora caminhando na estrada do Porto, e a estas horas não póde estar longe de Villa nova de Famelicão.

Na estrada do Porto? repetiram ao mesmo tempo as duas meninas, e o seu respeitavel pae.

É verdade, na estrada do Porto. Nós estavamos a sahir de casa para vir para cá, quando chegou um criado a cavallo, que bem mostrava ter vindo a toda a pressa: apeou-se, e entregou-lhe uma carta; elle leu-a, e exclamou — valha-me Deus, — e depois voltando-se para mim accrescentou — sr. Roberto, diga ao primo Joaquim de Brito, que neste momento recebo a noticia de que meu tio José está quasi expirando, e que parto já para o Porto, sem me ser possivel ir tomar as suas ordens, mas logo que chegue darei noticias minhas.

Ah! isso é outro caso, respondeu o velho; fez muito bem: é seu tio, e muito amigo delle; devia partir logo. Deus queira que ainda o encontre vivo, que não hade perder com isso. Pobre José de Mello! Pois não era velho: coitado! Foi um homem ás direitas, era dos do meu tempo, e basta; hoje sim..... e continuou na costumada antifona dos louvores do passado, e censuras do presente, que já os velhos do tempo de Horacio sabiam cantar como os nossos.

A noiva olhou attentamente para o sr. Roberto, em quanto elle esteve fallando; depois abaixou os olhos, deu um suspiro, e ficou em profunda meditação por muito tempo. Tudo aquillo era natural, mas ella como que advinhava alguma cousa má nesta partida subita, e inexperada.

Nem ao menos nos veio dizer adeus, dizia ella comsigo mesmo! Tão longe é de casa delle á nossa? Nada, aqui anda mysterio.

Pois enganava-se: tudo quanto dissera o sr. Roberto era verdade purissima, e a sr.ª D. Maria devia ter mais confiança no seu proprio merecimento; mas não tinha: amava deveras o cavalheiro, e esta separação repentina cortava de um golpe os habitos preciosos de uma convivencia tão querida.

Com effeito no primeiro correio chegaram noticias do Porto: o tio José de Mello tinha morrido: deixava ao cavalheiro uma fortuna consideravel, e livre de encargos, ou legados de especie alguma, e arranjados os negocios da herança o cavalheiro promettia estar de volta muito breve.

As cartas vinham todas ao sr. Roberto, que depois as entregava em casa de Joaquim de Brito, e esta confiança do cavalheiro deu ao nosso heroe occasião de conversar muito com a sr.ª D. Maria, e impoz-lhe o dever de procurar consola-la na sua justa saudade. O sr. Roberto veio a ser o confidente della, como já era amigo do noivo, e singular predilecto do dono da casa.

Ora o cavalheiro escrevia ao sr. Roberto com franqueza de verdadeiro amigo, e em cada carta annunciava o seu proximo regresso, mandava algum bilhete para a noiva, e dizia a sua graça a respeito do futuro, e muito respeitavel sogro. Uma destas cartas terminava assim: finalmente eu ahi vou; no estado em que meu tio me deixou preferiria ficar solteiro, e divertir-me, mas dei a minha palavra a Joaquim de Brito, e não quero que elle cuide, que se desfaz o casamento por causa da differença, que haja de Britos a Mellos! Quem o havia aturar depois a desenterrar quantos reis godos houve por essa terra para os fazer seus avós?

Pois esta carta mostrou-a o nosso heroe a Joaquim de Brito a titulo de fallar da proximidade da sua chegada. O pobre velho leu-a tres vezes, mas não queria acreditar o que lá estava escripto; chamou a noiva, e entregou-lh'a para que a lesse, e voltando-se para uma janella aonde o sr. Roberto se fôra collocar a contemplar a natureza em quanto se lia a carta exclamou — sr. Roberto, venha cá.

Aqui estou, meu senhor.

Então já leu esta carta?

Já sim: é uma em que elle diz, que está morto por chegar a Guimarães para fazer logo o casamento. Realmente elle adora sua filha.

Ora adeus: não a leu, não a leu, já vejo!

Ó meu Deus, pois seria acaso uma carta de brincadeira....! exclamava com a mais affectada innocencia o sr. Roberto Valença; valha-me Deus! Dê-me essa carta, minha senhora.....

Não se canse, sr. Roberto, não se canse: minha filha não casa por favor com pessoa alguma: foi muito pertendida para que o sobrinho de José de Mello case com ella contra sua vontade! E então estes *Mellos,* que são uns Mellos de agua doce! Tudo assim é! Sr. Roberto escreva ao seu amigo, que não só o casamento se não faz, mas

IMPRENSA NACIONAL.

que lhe prohibo formalmente a entrada nesta casa. Ora os taes Mellos! Se fossem dos de Pombeiro.....

Mas sr. Joaquim de Brito.....

Tenho dito; mande-lh'o dizer porque lhe poupa um grande desgosto.

As duas meninas estavam pasmadas do que viam, e ouviam, e a mais velha sentia então a verdade daquelle presagio do coração, que a accommetteu no dia da partida do cavalheiro. O despeito, a vaidade, e a força da educação puderam ainda estancar por um minuto as lagrimas, em que os olhos lhe nadavam, porém a final teve de sahir da sala para poder entregar-se inteiramente á dôr que lhe partia o coração.

D. Ignez estranhou ao sr. Valença, que assim perturbasse indiscretamente a felicidade de sua irmã, as esperanças de seu pae, e o socego de toda aquella familia, porém o nosso heroe protestou que fôra um acto involuntario, mostrou-se tão desesperado, taes cousas disse contra si proprio, que a final até ella, e a irmã quando voltou para a sala trataram de lhe suavisar a magoadissima amargura de ter assim posto aos olhos de um velho cioso da sua prosapia duas frazes levianas de um rapaz.

Joaquim de Brito não quiz mais ouvir fallar do cavalheiro, e não houveram forças humanas, que o constrangessem ao menos a escutar-lhe a defeza.

Os negocios do cavalheiro complicaram-se mais do que elle imaginára, e um pequeno encommodo de saude impediu a sua volta a Guimarães tão depressa como o desejo lhe pedia: o cavalheiro tinha á sua noiva a affeição, que ella realmente merecia, e que o habito da convivencia intima tinha arreigado muito, agora porém o despeito excitado pela resolução do velho fidalgo augmentava a viveza daquelle sentimento.

Apesar da definitiva, e severa declaração de guerra intimada por Joaquim de Brito, o sr. Roberto conservára o seu posto de encarregado de negocios junto á sr.ª D. Maria, mas sem o caracter official que d'antes tinha, e os noivos continuaram a corresponder-se por seu intermedio.

D. Maria retirou-se da sala, e não appareceu á noute, e poucos dias depois quando a foram chamar para o almoço não a acharam no quarto. A sr.ª D. Maria, a herdeira dos Britos, tinha fugido da muito honrada casa de seus paes, e o sr. Roberto Valença, digam lá o que quizerem, tinha andado neste negocio.

EPOPEIA ENTRE OS MODERNOS.

IV.

EPOPEIA ROMANTICA.

Uma persuação fortemente arreigada n'um povo, pela haver bebido com a educação, faz muitas vezes parte da sua grandeza, e até da sua existencia. Todos os cidadãos romanos estavam firmemente persuadidos de que os deuses tinham concedido á sua patria o imperio do mundo; que todo o poder das outras nações devia ceder e anniquilar-se diante das legiões romanas, e tinham por abono desta promessa a estatua da Victoria collocada no capitolio. Embora fosse isto uma credulidade superstíciosa, ella foi proficua para Roma, ella fez que não desmaiasse ao vêr Annibal diante das muralhas depois da batalha de Cannas, que resistisse a Methridates, e que a perda de uma batalha a fizesse mais forte para continuar a guerra.

A philosophia dos gregos começou a aballar esta crença proveitosa no coração dos grandes, e o christianismo a desarreigou de uma parte do povo, e desde então principiou a esfriar o patriotismo dos romanos, o espirito de seita os dividiu, e os armou uns contra os outros, e os imperadores tomando parte nas querelas theologicas, entertinham-se em convocar concilios, arranjar discordias de bispos, em promover perseguições, e deixavam os barbaros do norte campear á redea solta nas fronteiras do imperio, e apoderar-se das suas provincias.

Não admira que neste conflicto de opiniões, e digamo-lo assim, nesta anarchia governamental, corrompidos os costumes, apagado o patriotismo, Atila, á frente dos hunnos, ameaçasse Roma, os godos, alanos, e suevos, se apoderassem da Hespanha, e da Africa, e que os longobardos retalhassem a Italia, e estabelecessem em Ravena a séde de uma monarchia nova. Nesta aluvião de calamidades naufragaram como era de esperar as artes, as sciencias, e as letras, que tinham feito a gloria dos descendentes de Romulo; a propria lingua latina desappareceu, confundidos os seus elementos nos dialectos barbaros, e incultos dos invasores; em cada cidade, em cada provincia, e mesmo em cada aldêa, se fallava um bordalengo particular mais ou menos aspero, mais ou menos informe, segundo o mais ou menos que tinha recebido da lingua antiga, ou dos dialectos novos.

Mas esses invasores septentrionaes eram ferozes, mas não fanaticos, eram barbaros, mas não intolerantes, e por isso facilmente se amalgamaram com os vencidos, e abraçaram a sua religião, e uma parte dos seus costumes: foi esta uma época de regeneração para a Europa, mas uma época de trevas; a ignorancia era geral, grande parte dos monumentos das artes tinham sido victimas do ferro; grande parte das obras dos auctores gregos, e latinos, tinha perecido no incendio das bibliothecas, e cartorios, e o resto conservado nos conventos, era raspado pelos frades para escreverem no seu pergaminho vidas de santos, e tratados asceticos.

Finalmente o imperio do Oriente cahiu nas mãos dos turcos, pelas mesmas causas porque o imperio do Occidente tinha cahido em poder dos barbaros do norte: perdida Constantinopla todos os eruditos gregos foram buscar asylo na Italia, levando comsigo os codices gregos os affeiçoados ás sciencias e ás artes. O gosto das linguas grega e latina, e da philosofia de Platão, se generalisou, e uma turba de eruditos, então mui famosos, e hoje quasi desconhecidos, deram-se a traduzir em latim, a commentar e ampliar os livros gregos, a compôr poemas, discursos, e tractados latinos, e a da-los á luz generalisando-os com o soccorro da typografia, então novamente descoberta.

Era então o latim, bom ou máu, a lingua dos governos, da igreja, das academias, dos eruditos, mas o povo tractava os seus negocios nas mal esboçadas linguas modernas, e nellas se começavam já a compôr canticos populares que não deixavam de encontrar acolhimento entre os grandes, e as mulheres, que não sabiam grecisar, nem latinisar.

Mas entre esses esboços de linguas que se fallavam ou gaguejavam na Italia, já a Toscana principiava a sobresahir destinguindo-se pela harmonia de seus vocabulos, doçura de pronunciação, e abundancia de phrases, dando mostras de que ella, e só ella viria a ser o idioma italiano, uma vez que um poeta de genio a levantasse á altura que lhe era destinada.

Esse poeta appareceu em breve, e foi Dante, homem prodigioso, um dos grandes poetas do mundo, rico de tudo o que se sabia no seu tempo, magistrado, guerreiro, homem de partido, proscripto, e vingando-se de seus inimigos, collocando-os em um pelourinho de infamia até ao fim dos seculos. Foi elle o creador da poesia, e da lingua toscana. O seu poema extraordinario do Inferno, do Purgatorio, e do Paraizo, grandemente applaudido no seu seculo, lido em cadeiras publicas, explicado, commentado, e depois injustamente depreciado pelas criticas injustas e superficiaes de Luiz Racine, de Voltaire, e de la Harpe, que mal o entendiam, nunca foi tão bem avaliado, explicado, traduzido, e estimado como no seculo actual, graças á critica judiciosa e imparcial de Sysmondi, de Bouterweck, de Villemain, e de Foscolo. Elle apresenta uma galeria de quadros, em que ora se admira o pincel robusto de Rembrant, ora os toques graciosos de Albano, ou de Julio Romano! Nada mais fecundo que a sua imaginação, mais pictoresco que as suas imagens, mais sublime que o seu estylo, mais variado que as suas pinturas, mais frisante que as suas comparações, quasi sempre tiradas de objectos vulgares, e mais nobre que os seus sentimentos!

O povo tinha perdido a liberdade, a ingerencia nos negocios publicos, parte dos antigos costumes, a religião antiga, e a sua nova lingua e nova poesia, devia apresentar um caracter mui diverso daquelle que tinha tido até então: as reminiscencias gregas confundiram-se com as reminiscencias gothicas, ao culto de Venus succedeu o culto das mulheres, as subtilezas dos theologos desfiguraram os impetos naturaes das paixões, o patriotismo romano substituiu o fanatismo religioso, as legendas dos deuses as legendas monachaes, o enthusiasmo pela patria o gosto pelas aventuras cavalheirescas, e as crenças da magia, das fadas, e outras superstições fomentadas pelos frades, enredaram a vida do homem entre o favor do céu, e as perseguições do inferno.

Os cantores populares entoavam pelas ruas as façanhas dos cavalleiros errantes, como se evidencea de alguns poemas desses que ainda se conservam, como a Spagna, e a Rainha Ancroia, e esta foi a origem da epopeia romantica, levada á sua perfeição por Baiardi, e Ariosto.

A epopeia romantica divide-se em dois generos distinctos, o poema cavalleiresco, e o romance poema.

O poema cavalleiresco difere do poema heroico em ter em logar de uma só acção tres acções distinctas, de caracter diverso, que continuamente se enlaçam umas com as outras, marchando atravez de uma multidão de episodios: mas estes em logar de terem restricta coherencia com a acção principal podem ser de caracter diverso, e mais longos que no poema classico.

Esta regra acha-se perfeitamente desempenhada no Orlando furioso de Ariosto, o mais perfeito dos poemas desta qualidade.

Observâmos nelle primeiro uma acção militar com que se ligam todas, que é a invasão dos mouros na França, e o Cêrco de Paris, que termina com a derrota destes, e morte dos seus chefes.

Segundo uma acção erotica, isto é os amores de Rogeiro e Bradamante, que termina com o casamento destes dois heroes.

Terceiro uma acção phantastica, ou burlesca, que se compõe da paixão de Orlando por Angelica, que o faz perder o juizo, e commetter mil desvarios, e termina com a restituição do senador romano ao seu perfeito bom senso.

Esta regra tem sido seguida pelos mais afamados auctores de poemas romantico-cavalleirescos, como o conde Matheus Baiardi, Bernardo Tasso, Nicoláu Forliguerne, Luiz Grotto, Francisco Cieco de Ferrara, porém o grande poeta florentino Luiz Allamani, auctor do celebre poema da cultivação, afastou-se della no seu *Giron Cortese*, em que celebrou um só heroe, e uma só acção, tornando assim o seu poema uma especie de monstro biforme, meio heroico, e meio romantico, que apesar da belleza do estylo pelo metro não encontrou as sympathias do publico, e hoje existe em completo esquecimento. É verdade que para isso concorreu muito o caracter do heroe, que por perfeito de mais, se torna frio e monotono: Giron Cortese é a personalisação da probidade, da boa fé, da cortezia, do valor, elle caminha em linha recta, e com uma serenidade de espirito inalteravel, e fazendo sempre o que deve sem que paixão alguma o subjugue, e quanto a nós é este o seu maior defeito: Deus nos livre de um homem que sempre tem razão, maximamente em um poema romantico; para a epopeia e a tragedia é melhor um doido como Orlando, ou um cholerico como Achiles, que um virtuoso como Giron, ou um santo como Polieucto.

A pluralidade de acções traz comsigo a pluralidade de heroes: não são poucos os que figuram no Orlando innamorato de Baiardi, e no Orlando furioso de Ariosto, e mesmo na Fillippiada de mr. Viennet, mas é necessario que como nestes poemas elles tenham, cada um de per si, um caracter proprio, bem pronunciado, e differentes todos, isto é, uns heroicos, outros perversos, outros prudentes, outros humildes, porque o poema romantico admitte todas as classes da sociedade, é um mundo em miniatura.

O maravilhoso mais proprio destes poemas é o que se deriva da magia, das fadas, das legendas monasticas, e de todas as superstições, e crenças, que formam a mythologia popular. A intervenção dos anjos, dos santos, e dos demonios, póde ter logar sendo usada com prudencia, e neste caso Ariosto, e Baiardi são os melhores modêlos para a imitação.

Alguns criticos tem depreciado este genero de epopeia porque (dizem elles) não versa sobre uma acção verdadeira, e ninguem póde interessar-se por uma acção, e heroes imaginarios, mas que certeza tem elles das acções dos poemas classicos? Está por ventura provada a veracidade da guerra de Troya? Não há tanta gente que duvida della? Dion Chrisomo não escreveu uma douta dissertação para provar que em logar dos gregos destruirem Troya, os gregos é que foram derrotados pelos troyanos? Não parece combinar com esta opinião, o modo porque fizeram a sua retirada, indo parar e estabelecer-se alguns dos reis em paizes mui distantes do seu? Não parece isto provar, não só que fugiram, mas que foram perseguidos pelos troyanos, que eram uma nação maritima?

É mais verdadeira a acção dos Argonautas? Não prova Dupuis, que aquelle poema não é mais que uma allegoria astronomica? Não está no mesmo caso a Dionisiaca de Nouno?

Se a acção da Eneida é verdadeira, se Eneas veio

fundar um reino na Italia, como é que Homero considerado em todos os tempos como mui veridico historiador, diz claramente na Iliada, que Eneas, e seus descendentes reinavam em Troya? Esta asserção lança por terra todo o fundamento da Eneida. E onde haverá mais interesse, na Eneida, e na Iliada, e Odyssea, de cuja veracidade se duvida, ou na guerra punica de Silio Italico, e na Pharsalia de Lucano, que são factos historicos, comprovados, e indubitaveis? Desenganêmo-nos; o que torna interessante um poema, não é a verdade, ou não verdade do assumpto, é a perfeição, e belleza da execução, e a magia do estylo, e da versificação, pelo menos é esta a opinião dos criticos allemães.

Quereis fazer idéa do estylo da epopeia cavalheiresca? Vêde um prisma, em que o raio de luz se decompõe em todas as côres primitivas; assim o estylo deste poema varía continuamente do sublime ao simples, do heroico ao critico, do grave ao gracioso, do comico ao tragico, e mesmo ao burlesco, porque nesta composição tem logar todas as classes, todas as condições, e todos os costumes! Disseram um dia ao celebre poeta descriptivo Thompson, que um seu amigo tinha composto um poema epico «isso não póde ser (disse o cantor das Estações) se elle nunca vio uma montanha!» Isto póde applicar-se com mais justiça ao poema romantico; que deve ser como o monte Atlante, coroado de neve, irsuto de rochedos, coberto de bosques, cortado de rios, de barrancos, em parte escalvado, em parte revestido de verdura, e de rebanhos.

Temos no mundo litterario um grande numero de poemas deste genero, e alguns de muito merecimento, porém entre elles se destinguem os de Ariosto, Baiardi, e Bernardo Tasso, que se elevam acima de todos os seus rivaes como os dois campanarios e o zimborio do convento de Mafra, sobre aquelle admiravel e magestoso edificio! Desgraçadamente o poema cavalheiresco é a unica composição poetica, de que não podemos apresentar um só exemplo nem mesmo ruim. Todas as nossas epopeias pertencem ao genero classico. E comtudo temos em nossa historia alguns assumptos, que na mão de um Ariosto, ou de um Baiardi poderiam produzir soberbas composições desta classe, bastando por todos os doze de Inglaterra, e a jornada de D. Sebastião a Africa, mas o poema cavalheiresco demanda muita invenção, imaginação, e graça, e não são estas as prendas que distinguem o talento portuguez.

CINTRA.

Hade custar a encontrar hoje um homem, a quem a fortuna désse os meios de viver com commodidade, que se sujeite muito voluntariamente a passar o verão dentro desses grandes montões de casas chamados cidades.

Não cuidem os leitores que temos agora no pensamento fallar de Aveiro, de Penafiel, da Guarda, ou da nomeada Thomar, na qual foram ha pouco pendurar os novos fóros de cidade; de inverno mesmo faltam alli todas as occasiões de prazer, que se encontram nas grandes povoações, mas Lisboa, e Porto..... quem as hade soffrer de verão?

Pois qualquer destas duas cidades póde inventar mil modos de distrahir, e agradar aos seus habitadores, mas em chegando a estação calmosa não ha meio de impedir a emigração.

Faça mr. Laribeau prodigios, apure-se a companhia nacional no theatro do Rocio, esmere-se o director do gymnasio, imagine o sr. Doux quantos titulos pomposos, e de convidar, lhe subministre o seu notavel engenho, annunciem-se para o campo de Santa Anna os melhores bois do Riba-Téjo, ainda que tragam ao pescoço, como os cavallos arabes, a mais bem mentida genealogia; haja o que houver finalmente, quem ainda conserva meios para isso, foge para o ar puro dos campos, e deixa os honrados burguezes de Lisboa a engulir poeira por essas ruas, a abafar de calor, a tomar sorvetes, e a ir dar quatro voltas muito normalmente no passeio publico mais estupido, e semsaborão, que ainda até hoje se imaginou.

Mas para onde vae toda essa gente? Para onde? Para todos os sitios que não forem Lisboa; para Oeiras, para Bellas, para Bemfica, para Cascaes, e finalmente para Cintra.

O Porto tem lindos arredores: aquella quinta da Prelada, o sumptuoso palacio do Freixo, as quintas da Pedra salgada, a serra do Pilar, tudo isso é muito pittoresco, mas não é Cintra, nem para lá caminha.

Mathesinhos, Leça, e Foz são o asylo da emigração do Porto, mas sem os banhos do mar não concorreria alli metade das pessoas, que na estação propria tornam tão agradaveis aquellas pequenas povoações.

Os banhos do mar, as caldas, e as romarias são os theatros, e divertimento das nossas provincianas, e se por lá houvesse cópia de romancistas, não seria por falta de objecto que as imprensas deixariam de gemer para publicar as delicias daquelle viver livre e innocente das grandes reuniões da provincia.

Mas onde nos fica Cintra? Voltêmos já das Taipas, e de Vizella á decantada Serra da lua.

Aquella Cintra é realmente o paraiso de Lisboa; é um edemsinho muito exaggerado por quem nunca andou pelo Minho, mas para uma capital como Lisboa é em verdade cousa preciosa. Não ha estrangeiro, que não vá encantado daquellas verduras, que tão magicas são, que os obrigam a mentir desatinadamente, como quem ficou com a cabeça perdida: ahi andou mr. de Fondeyre, que até lá descobriu onde embarcar, e barcos com vélas latinas, e cousas que só elle viu, e ninguem mais, nem antes, nem depois.

Já se vê, que um sitio tão excitador de curiosos, e tão celebrado por todos, está já conhecido de quanta gente escreve, e lê em Portugal; a vista de Cintra, o palacio real, o castello da Pena, tudo ha por ahi pintado, descripto, versejado, prosado etc. Pois ainda havemos buscar alguma cousita, que escapasse á curiosidade dos passeantes: não será cousa de vulto, mas hade ser uma casa de apparencia muito linda, que ha em S. Pedro de Penaferrim.



Será difficil ir á Pena sem dar por ella, e todos, quasi todos engraçam com a sua singeleza, e formosura. Se fossemos viajante estrangeiro não nos escapava sem uma historia, que muito de preposito, caso pensado, e rixa velha haviamos compôr para lhe impingir, porém como nacional contentamo-nos com apresenta-la em estampa aos nossos leitores.

Parece-nos que ainda lá encontraremos algumas outras cousas não muito conhecidas, que tambem daremos aqui, excitando a curiosidade de quem nunca viu Cintra, e avivando nos que alli tem estado muitas vezes, talvez recordações agradaveis de tempos bem felizes.

Se aquelles palacios fallassem, se aquellas arvores pudessem dizer o muito que sabem....! Mas para que? Faça Deus, que nenhum palacio falle, que todas as arvores sejam mudas; bastantes linguas malsinadoras ha por esse mundo para que seja necessario dá-la a quem para pouco bem, e muito mal se poderia servir della.

NECROLOGIA.

A ex.^ma sr.^a D. Izabel Augusta da Silva de Athaide, filha dos srs. Miguel Luiz da Silva de Athaide, fidalgo da casa real, coronel de cavallaria, senhor da casa do terreiro de Leiria, e D. Victoria Manuel da Cunha Portocarreiro, nascêra em Leiria quasi no fim do seculo passado.

A sua educação foi como estavam pedindo as virtudes de seus paes, a qualidade da sua pessoa, e o lustre daquella casa, e ao que estas circumstancias requeriam correspondeu tão cabalmente como sabem quantos por muitos annos a conheceram, e trataram.

Casou com o sr. Francisco do Canto e Castro, fidalgo da casa real, e das mais illustres familias das ilhas, e assim nas qualidades de esposa, como nos disvélos de mãe deixou a mais virtuosa memoria, que se póde desejar sobre a terra.

A providencia não se esqueceu de provar com desgostos intensissimos a sua resignação: na flôr dos annos arrebatou-lhe o seu filho primogenito, e mais tarde destinou-lhe o amargo transe de chorar a perda de seu honradissimo esposo, ao qual foi reunir-se no seio do Eterno. Falleceu na proxima semana, e jaz no cemiterio dos Prazeres.

Tambem nesta semana falleceu uma filha do sr. Pedro Mousinho, depois de sete mezes de penosissimo soffrimento. Morreu na flôr dos annos.

A esposa do sr. João d'Oliveira tambem no verdôr da idade succumbiu aos padecimentos de um parto trabalhoso, deixando inconsolavel seu estimavel marido.

VARIEDADES.

Penhora exquisita.

Em um dos julgados deste reino, — escusam de estar a pôr o sentido neste, ou naquelle, que não sabem aonde o caso aconteceu, — foi citado um barbeiro para pagar a renda das casas em que vivia: confessou a divida, e seguiu a causa seus termos até á penhora.

Ahi é que foram ellas: o barbeiro não tinha cousa alguma penhoravel, senão um pé de feijão no quintal, muito verde, muito lindo, mas no fim de tudo um pé de feijão; pois nesse mesmo se lhe fez penhora, e a requerimento do credor que era homem de lei tambem se penhoraram as barbas vincendas, sendo intimado um sogeito a quem o homem barbeava para não entregar o preço ao devedor!

Ainda hoje o credor está á espera das barbas vincendas: o barbeiro se não lhe pagavam adiantado não barbeava, e quem queria a sua cara rapada, puchava pelos tantos réis, e pagava.

O barbeiro agradeceu a Deus a demanda, que lhe pôz os pagamentos em dia!

Uma bernardice.

Certo procurador de um convento de S. Bernardo foi a uma freguezia do Minho mandar fazer um prazo; compareceram os inquilinos, e faltava só o cabeça,

porém como era negocio de tarifa foi-se lavrando a escriptura na qual se declararam os titulos do cabeça do prazo, que eram nem mais nem menos, que fidalgo, commendador, alcaide mór, senhor donatario, coronel, e bacharel formado.

Acabado o prazo faltavam só as assignaturas, mas o nosso coronel não apparecia. Impacientavam-se os outros, e o frade não estava menos desejoso de se ir embora, mas não havia meio sem que o cabeça assignasse o prazo.

Finalmente o frade desatou o nó gordio, dizendo ao escrivão que puzesse no fim, que o tal fidalgo por não saber lêr, nem escrever pedíra a uma das testemunhas que a rogo por elle assignasse.

Mas, padre mestre, o homem é bacharel formado, respondeu o escrivão.

Essa é boa, retrucou o padre, então não póde haver um doutor que não saiba ler nem escrever?

O escrivão callou-se, e tudo se fez á vontade, e desejos do reverendo.

BERNARDIM RIBEIRO.

II.

Já o sol no firmamento
Sobranceiro dividia
O que já passou do tempo
E lhe falta inda do dia;
Pela montanha subia
Um escudeiro correndo,
Todo de negro trajava
Magoado rosto trazendo
Cômo que chorar querendo
Com suspiros arquejava,
E não corriam lagrimas
Nem p'ro mal pranto bastava:
Neste momento chegava
O monge tambem alli,
E com magoadas palavras
Bem triste lhe brada assi
— «Bernardim, bem vindo sejas,
«Triste e nobre trovador,
«A quem tornam desditoso
«Tão crueis penas d'amor;
«Inda a sorte por favor
«Antes da cruel partida
«Te consente que a vejas
«E lhe faças despedida;
«Com ella ha pouco fallei
«Quando esmolla lhe pedia,
«E disse-me qu'á capella
«Ella em breve chegaria,
«Que maneira buscaria
«P'ra qu'o pae lho consentisse,
«Pois que vêr-te desejava
«Antes que daqui partisse:
«Apenas isto me disse
«Correndo vim appressado
«Para dar-vos esta nova
«Deste bem tão inexp'rado;
«Tinha pouco mais andado
«D'ametade da ladeira
«Quando a vi que caminhava
«C'uma dona por parceira.» —
— Amigo Paulo que dizes?
«Bernardim lhe respondeu,
«Póde tal bem conceder-se
«A quem tudo já perdeu?
«Heide vê-la tão formosa
«Tão gentil assim partir-se,
«E não hade nesta hora
»A minha alma despedir-se?
«E verei outrem gosar
«Os seus mimos e doçura,
«E não heid'eu já morrer
«Ainda a vida me dura?!
«Desesperados desejos
«Enganados pensamentos
«P'ra qu'assim me maltrataes
«E me daes crueis tormentos?! —
Dest'arte se lastimava
Bernardim com voz magoada,
Quando Beatriz chegou
Em suspiros suffocada,
E com voz intercortada
Lhe diz a infante bella
— «É tamanha a desventura
«Que maior não póde have-la,
«Tuas queixas escutei;
«Magoadas penas d'amor
«Exp'rimento desgraçada,
«Que me fazem grande dôr;
«À tua dôr tão sentida
«Responde o meu coração
«Com tal tristeza e pranto
«Que não tem consolação;
«Manda a sorte sem razão
«Quebrar a nossa ventura!
«Ah! Bernardim, Bernardim,
«É esta pena bem dura:
«Desgraçada formosura,
«E nascimento real,
«Que me roubas a ventura,
«E me causas tanto mal;
«Ao teu amor tão leal
«Me rouba o pae deshumano,
«E pensando dar-me bens
«Só accrescenta meu damno:
«P'ra Saboia vou partir
«E tu ficas Bernardim
«Será isto viver vida
«De martyrios sem fim;
«Lá vou ter manto ducal
«Entre pompas e grandeza,
«Mas cá fico desgraçada
«Nas prisões d'amor tão prêsa,
«Que jámais leve sorriso
«A meus labios sorrirá,
«Em meus olhos triste pranto
«Nunca mais s'enxugará,
«Viverei sempre em tristezas,
«E serão só meu sustento
«Do teu amor a lembrança
«E da saudade o tormento.» —
Bernardim neste momento
Sobre a terra ajoelhou
E todo d'amor perdido
Nevada mão lhe beijou,
Com tristes fallas fallou
Chorando desta maneira
— «Beatriz luz de meus olhos
«Será esta a derradeira
«Hora de todo o meu bem;
«Cuidados que não cuidei
«Namorados pensamentos
«Para matar-me juntei
«Nunca a ventura cheguei
«Do prazer tão desejado
«Que pensando ser feliz
«Meu amor tinha sonhado
«Na ventura descuidado;
«Não pensei que me roubasse
«A sorte o meu melhor bem,
«E que com meu mal folgasse,
«Mas para que m'enganasse
«Assim tudo se ordenou;
«A desventura crescendo
«De mim todo se apossou
«Para meu mal nada faltou;
«Eu gosava o amor teu
«E entre delicias mil
«Tú tambem tinhas o meu,
«Agora desappareceu
«Todo o meu contentamento,
«Tu me levas a ventura
«E me deixas só tormento;
«Ó que triste pensamento
«E desgraçada mudança
«Que me tiras a razão
«E matas minha esp'rança
«Beatriz já não alcança
«Algum bem meu coração
«Dos ciumes e saudade
«Viverei na sojeição,
«Dos homens orgulho vão
«T'arrebata o meu amor,
«Ralando-m'o coração
«Mata-me tamanha dôr,
«Nem eu posso ter valor
«Em lance tão desgraçado,
«Murchar esp'rança tão verde
«Não verei desventurado;
«O rôlo que a rôla perde
«Arquejando definhado
«D'arvore solitaria
«Morre no ramo lascado,
«Assim eu abandonado
«Dessa luz do meu viver
«Vou como o rôlo saudoso
«Entre suspiros morrer,
«Nem eu posso vida ter
«Se me levam parte della
«A minha comtigo vae
«Beatriz gentil e bella.» —
Assim o triste fallava
De tristezas opprimido,
De repente se callou
A razão tendo perdido;
Beatriz que tinha ouvido
Tod'em pranto debulhada
De Bernardim desditoso
A conversa lastimada
— «Como tú sou desgraçada
«Lhe responde a bella infante
«Por ditosa me julgára
«Se morresse nest'instante. —
E Bernardim abraçando
Seus olhos levanta aos céus
Muitas lagrimas chorando
Disse «Bernardim adeus»
Em seguida caminhou
Para onde a dona estava
Que d'ha muito cuidadosa
Entre sustos a aguardava
Apenas ella chegava
— «Com'andada a tarde está
«Senhora lhe disse a dona
«Convém que partâmos já.» —
— «Leonor eu t'acompanho
«A donzella lhe tornou
«Diz mostrando-lh'a capella
«Lá todo o meu bem ficou.» —
O seu rosto concertou,
E travando-lhe do braço
Ellas descem a ladeira
Com bem appressado passo;
Logo que entraram no paço
Tudo prestes s'arranjou
E tropear de ginetes
Pelos montes ecchoou
Era a nobre comitiva
Do grão rei de Portugal
Que p'ra Lisboa caminha
Com apparato real
Vai para a terra ducal
De Saboia a filha partir
E a benção paternal
Lhe quer dar ao despedir
Já vinha a lua a sahir
Da banda d'além do Téjo
E nos paços da Ribeira
Então entrava o cortejo
Deixaremos no festejo
Entre danças, e folias
A côrte, a quem dão as bodas
Da infante taes alegrias.

(Continúa).

AYRES PINTO DE SOUSA.

ANECDOTA.

Certo cavalheiro pertendia o tratamento de excellencia: custa pouco; todos lh'a davam, porém o criado, a quem elle ensinára a pragmatica da casa justou com um dos seus collegas, que na occasião de lhe dar os pratos para elle pôr na mesa o tratasse de senhoria.

Assim se fez, e como um commensal do fidalgo attentasse no caso, foi o criado chamado a responder.

Porque te deixas tu tratar por senhoria, lhe disse o amo com ar severo?

Oh! sr. meu amo, juro-lhe que o não ensinei, mas sempre ouvi dizer que os criados aproveitavam o que os amos não queriam!

ENIGMAS PITTORESCOS.

EXPLICAÇÃO DO ULTIMO ENIGMA.

Falleceu o papa Gregorio 16 succedeu-lhe Pio nono.



SUMMARIO.

LISBOA, 21 DE AGOSTO.

A representação do *Conde Julianno* no theatro de D. Maria 2.ª veio interromper a serie de peças já vistas e sediças, que alli andavam em scena.

Este nome de *Conde Julianno* deu-nos muito que scismar. Neste tempo de cousas raras, e de estupendissimas transformações não é d'estranhar que nos chegasse a lembrar se aquelle *Conde Julianno* seria o imperador Julianno apostata, barbarisado debaixo do titulo de conde, para ficar mais comesinho, e semsaborão.

O tal imperador é com effeito o *Julianno* de maior nomeada, e de que alcançámos noticia; mas, apurada a verdade, o protogonista do drama não é o *Julianno* apostata, mas sim o pae da celebre Cava, aquelle grandissimo velhaco, que alcançou a gloria de transmittir o seu nome á posteridade, com um dos feitos mais deshonrosos, de que se faz menção nas historias.

Chamava-se porém o *Conde Julião*, e não podemos alcançar as razões — que por certo haviam ser muito ponderosas — de se lhe trocar o nome.

Estropeado ou legitimo, o nome não salvou a peça, e o publico recebeu-a com aquelles signaes de desapprovação, de que o padre J. A. de Macedo compôz um erudito tractado. Nos outros theatros nada houve de notavel, nem os passeios e outros logares de reunião do povo da capital, nos deram nesta semana cousa que mereça referir-se.

A *Revolução de Setembro* publicou um *folhetim* ácerca d'um romance intitulado *A Castellan sanguinaria*, no qual aquella obra foi tractada com singular aspereza, e comparados alguns dos seus trechos á divina sublimidade da *Pedreida*, que ninguem até hoje entendeu, nem mesmo o proprio auctor.

Ouvimos dizer que o auctor da obra se déra por gravemente offendido, e que até se lembrára de exigir do escriptor uma destas satisfações, que se usam em Portugal, nas quaes entra como farça um par de pistolas, e como verdadeira peça um bom jantar. Segundo as ultimas noticias, o negocio não passará destas primeiras demonstrações hostis, e quando meia duzia destes maliciosos que se divertem á custa alheia, tiverem rido á sua vontade a este respeito, ficará no esquecimento esta divertida historia.

O redactor desta folha tendo de retirar-se por algum tempo de Lisboa, conseguiu que o sr. Silva Leal se incumbisse durante a sua ausencia de a redigir.

Nesta folha conclue o 1.° volume do romance — *Roberto Valença*, que se está imprimindo em separado, seguido de notas para melhor intelligencia do texto, especialmente a respeito de costumes do Minho.

PEDRO DE MELLO BREYNER.

PEDRO de Mello Breyner, conselheiro d'estado, fidalgo com exercicio na casa real, commendador na ordem de Christo, senhor donatario da villa da Trofa, governador da relação e casa do Porto, um dos governadores do reino na ausencia do sr. D. João VI para o Brazil, enviado extraordinario e ministro plenipotenciario nas côrtes de Roma e de Paris, ministro e secretario d'estado dos negocios ecclesiasticos e de justiça, socio effectivo da academia real das sciencias de Lisboa, da Tiberina de Roma, e de outras sociedades litterarias; nasceu em Lisboa aos 4 de dezembro de 1751, sendo undecimo filho de Francisco de Mello, 3.° senhor de Ficalho, e de D. Isabel Josefa Breyner de Menezes, condessa de Ficalho, dona de honor, e camareira-mór da rainha D. Marianna Victoria de Bourbon.

Perdendo seu pae quando apenas contava poucos mezes foi destinado pela sua familia á vida ecclesiastica: os seus primeiros estudos foram para esse fim; frequentou depois a universidade de Coimbra, e dotado pela natureza d'aguda penetração, e juizo prespicaz, adquiriu a mais sólida e variada instrucção nos differentes ramos das sciencias humanas; o que lhe grangeou constantes louvores de seus mestres, assim como pelas suas maneiras, que não davam logar á inveja, conseguiu a estimação geral e affectuosa de seus condiscipulos. Obteve o gráu de licenciado na faculdade de canones no anno de 1777, sendo porcionista do real collegio de S. Paulo.

A rectidão dos seus principios de moral fez-lhe bem depressa conhecer que o estado para que o tinham destinado não era aquelle para que o seu coração se inclinava. Desejoso porém de conseguir em todas as acções da sua vida a approvação de sua mãe, a quem extremosamente amava, fez lhe saber os motivos que o afastavam de abraçar um tal estado.

Com approvação desta senhora destinou-se a seguir a magistratura; e persuadido que a ordem accidental do nascimento não augmenta as faculdades d'alma, quiz antes pela sua applicação tornar-se digno do logar a que aspirava do que prevalecer-se das preeminencias de que gosava sua mãe como grande do reino.

Fidalgo, como era, não julgou dever eximir-se de ir aprender no escriptorio de um advogado a sciencia forense, que só póde adquirir-se praticando.

Sendo despachado desembargador da relação e casa do Porto, antes de tomar posse deste logar, fez exame vago na presença da rainha a sr.ª D. Maria I; desempenhando este difficultosissimo acto da maneira a mais singular, não só pela sabedoria e profundidade dos principios offerecidos nas suas theses, mas pelas doutrinas verdadeiramente filosoficas de que se serviu na sua desenvolução e defensa. Entrando no segundo tribunal de justiça do reino ahi mostrou immediatamente, no exercicio das suas funcções, a rectidão do seu juizo. Conheceu todo o pêso do seu encargo, mas nem por isso esmoreceu á vista de tanta responsabilidade.



No primeiro theatro da sua vida publica, deu um completo desenvolvimento ás brilhantes qualidades com que a natureza o tinha dotado, e que elle soube cultivar. Profundo saber, honra sem mancha, e vontade firme para o desempenho dos seus deveres eram nelle qualidades familiares.

A rainha a sr.ª D. Maria I, fazendo justiça ao seu merecimento, nomeou-o para um logar de desembargador da casa da supplicação; e pouco depois o elevou ao complicado encargo de fiscal da junta dos tres estados. Neste importante emprego correspondeu perfeitamente ás esperanças que nelle tinham sido depositadas. Bem poderia servir de padrão eterno do seu amor do bem publico e da humanidade, um projecto de *regimento de administração e policia do hospital militar da côrte*, de cuja organisação foi incumbido por determinação do mesmo tribunal. Os conhecimentos que se exigiam para a perfeita conclusão deste projecto eram absolutamente extranhos aos da sua profissão; mas entregando-se com o maior ardor ao estudo dos auctores, que para tal fim o podiam illustrar, e consultando pessoas de conhecido merecimento, que professavam as sciencias que tinham relação com uma similhante obra, conseguiu apresentar áquelle tribunal o complemento de seus trabalhos, dignos de uma sociedade de habeis militares e professores de medicina.

Foi promovido depois a um logar de desembargador dos aggravos da casa da supplicação, assim como ao de deputado do conselho da fazenda e estado das senhoras rainhas, e da junta da administração do tabaco. Desempenhou completamente todos os deveres inherentes a estes honrosos empregos, não podendo diminuir a multiplicidade das suas obrigações a constante actividade do seu trabalho.

Nomeado escrivão da fazenda da santa casa da misericordia de Lisboa, fez conhecer no exercicio deste emprego de caridade as virtudes de que o seu coração era dotado. O constante zêlo que empregou em fazer entrar nos cofres daquelle estabelecimento o producto das suas rendas permittiu-lhe, no primeiro anno da sua administração, pagar muitas dividas atrazadas, sem prejuizo das dividas correntes; e procurando igualar a receita com a despeza fez reviver o credito e a confiança onde não existia. Outros melhoramentos faria sem dúvida se lhe fosse permittido por mais tempo fiscalisar tal administração; mas o interesse do bem publico pedia que o seu merecimento fosse conhecido e avaliado por maior numero de pessoas, que depois viessem a ser outros tantos pregoeiros de seus honrados serviços.

Á proporção que Pedro de Mello Breyner avançava em empregos, parecia augmentar-se o seu patriotismo e saber, para bem os desempenhar. No cargo de governador das justiças da relação e casa do Porto, a que foi promovido, deu as mais exuberantes provas da sua capacidade, intelligencia, constante idtegridade, e notorio desinteresse.

Os deveres do seu emprego o chamavam a proteger os desgraçados: foi por tanto á classe mais infeliz da

sociedade que elle se appressou a soccorrer. Promoveu, e *pediu pessoalmente* uma voluntaria subscripção, para supprimento do sustento e vestuario dos prêsos em geral, e aboliu o intoleravel costume de pedir-se esmola em altos gritos ás pessoas que transitavam pelas ruas proximas ás prisões.

Fez desapparecer o inveterado e pernicioso abuso de estarem muitos prêsos sem verem ultimados os seus processos, conservados por longos annos nas cadêas, donde (depois de experimentarem os horriveis padecimentos de uma dilatada reclusão) eram levados ao patibulo, e outras vezes julgados innocentes, sem obterem compensação alguma pela demora que tinham soffrido por culpa ou malicia de juizes e empregados indolentes ou prevaricadores.

É porém de um elevado merecimento a providencia que deu para se abolir de uma vez o mais barbaro e horrivel dos abusos, que só uma estupida indifferença pelo respeito devido á humanidade afflicta tinha consentido até então, para vergonha do seculo em que vivemos. Os réos que eram condemnados a soffrerem a pena do supplicio, assim que se lhe intimava a sentença eram carregados de pezadissimas cadêas, conduzidos ao logar em que se lhes administravam os soccorros espirituaes, e depois expostos á curiosidade publica. Desappareceu por uma vez este tristissimo espectaculo; e dalli em diante aquelles a quem era imposta a pena capital, logo que se lhes fazia conhecer o seu fatal destino, eram soccorridos com todos os auxilios que podiam minorar (se isto é possivel) os seus soffrimentos em tão desgraçado estado; as ultimas horas da sua existencia não eram atenuadas com a vista de objectos que poderiam fazer desejar muitas vezes a aproximação de um momento com o receio do qual a humanidade não póde deixar d'estremecer!

A inspecção das prisões originou um conflicto de auctoridade com Francisco de Almada, que o fez estar na côrte dezeseis mezes, até que por morte daquelle poderoso magistrado, e conhecendo o soberano a razão que assistiu a Pedro de Mello, o mandou para o Porto, honrando-o com a mercê do senhorio da Trofa.

Na parte administrativa e economica do seu governo desenvolveu Pedro de Mello Breyner um talento e actividade, que é difficultoso de imitar, e impossivel de exceder, muito principalmente contemplando a desordem espalhada por todos os ramos d'administração geral do reino.

Conservar sem interrupção em uma cidade, tal como a do Porto, a abundancia de comestiveis, de sorte que o povo nunca se lembrasse que poderia experimentar falta nos generos da sua primeira necessidade; reprimir ao mesmo tempo a usura que podessem praticar os vendedores, animando com tudo o seu commercio; eis-aqui os cuidados que mereceram a grande attenção de Pedro de Mello Breyner. Por esta fórma, durante a sua administração, a cidade do Porto gosou da maior abundancia, e da mais perfeita tranquilidade.

Particulares e proveitosos desvélos lhe mereceu o ramo das obras publicas, de cuja junta foi presidente, fazendo effectuar o encanamento e restituição de muitas aguas que se tinham extraviado ao publico, para se utilisarem dellas os poderosos. Intentou e concluiu o projecto de estabelecer uma ponte de barcas sobre o rio Douro, que não só deu á cidade e a *Villa Nova da Gaia* vantagens de incalculavel transcendencia, proporcionando a reciproca communicação, que tão largo rio estorvava em prejuizo do commercio dos vinhos, que fórma a base principal do seu trafico; mas até facilitou ás provincias do norte os meios de transporte, que se tornavam mui gravosos pela difficil passagem e grande despeza, que era obrigado a fazer immenso povo, para atravessar uma caudalosa corrente.

Não menos solicito foi na incumbencia de inspector das estradas do Douro, fazendo vêr, por toda a parte, a sua constante actividade e vigilancia nas differentes obras praticadas no districto da sua jurisdicção, sendo uma das mais importantes a que fez executar na serra do Marão. Este passo, até então perigosissimo, cedeu á força do seu genio, convertendo-se em uma estrada commoda, por onde os habitantes dos sitios mais remotos de Portugal facilmente se communicavam com o Porto, e dalli com a capital do reino.

A sua decidida coragem não se demonstrava unicamente nestas occasiões em que expondo a vida podesse fazer um sacrificio ao bem publico; arriscava-se mesmo naquellas em que sómente se via um perigo voluntario. Não succedeu um incendio na cidade do Porto sem que Pedro de Mello Breyner fosse um dos primeiros que ahi chegasse. Nestes momentos, sempre de terrivel confusão, ao mesmo tempo que dava as ordens mostrava o exemplo. Em uma destas occasiões tornava-se necessario, para evitar um incendio geral, atravessar um espaço de caminho já quasi tomado pelas chammas: a gente de trabalho, e os destacamentos dos regimentos da cidade hesitavam a tentar a passagem; mas Pedro de Mello Breyner foi o primeiro a expôr-se ao perigo e immediatamente foi seguido por todos aquelles que até alli pareciam duvidar fazer uma acção de denodo, tão necessaria em tal momento.

Os assiduos e constantes cuidados que prestou ás differentes partes da administração a seu cargo, de que ficaram em todas signaes de seus exforços, mereceram que a cidade do Porto, agradecida a tão solicito magistrado, procurasse conservar a sua respeitavel memoria na denominação de uma nova e magnifica rua á qual se deu o nome de — *Breyner*.

Quando Pedro de Mello Breyner se entregava com a mais ardente efficacia a todas as funcções do seu emprego, promovendo a publica prosperidade, novas scenas vieram reclamar os seus serviços. O sr. D. João VI (então principe regente) obrigado em 1807 a passar ao Brazil, para desta fórma subtrair-se ao ataque de um invasor poderoso e feliz, provendo á administração do reino, nomeou Pedro de Mello Breyner presidente do erario, e um dos membros da regencia, para governar o reino durante a sua ausencia. Nesta época tão infeliz para Portugal, Pedro de Mello Breyner prestou á sua patria, e ao soberano todos os serviços que se podiam esperar, em tempos tão calamitosos, de um homem cujo coragem e adhesão ao seu paiz não tinham limites.

A invasão franceza preparou-lhe novas occasiões de servir o seu paiz, e sua qualidade de conselheiro do governo da repartição do interior fez á sua patria não pequenos serviços: se alguns o criminaram então, todos mais tarde lhe fizeram justiça, e o julgaram plenamente justificado.

Considerando-se (como era de esperar) restituido á confiança do seu soberano, passou em 1815 á côrte do Rio de Janeiro: a sua presença fez emmudecer seus gratuitos e occultos calumniadores, nenhum dos quaes tinha coração para o arrostar, e que temiam a leal franqueza do seu caracter. El-rei o sr. D. João VI, querendo dar-lhe uma prova do antigo apreço e distincção com que o tractára o nomeou enviado extraordinario e ministro plenipotenciario junto da santa sé.

No principio do anno de 1819 chegou á côrte de Roma, onde, no exercicio do elevado emprego que acabava de lhe ser confiado, rapidamente se fez admirar como um homem de saber, de urbanidade, e dos mais escrupulosos principios de honra, conciliando desta sorte a estimação das pessoas que o communicavam, e o maior respeito para o soberano que repretava.

A adversidade que o não tinha poupado como homem publico, não deixou tambem de o perseguir como chefe de familia. Sua mulher, a quem muitissimo amava, sua sogra, e seu genro, na flôr dos annos, deixaram de existir no curto espaço de tempo que Pedro de Mello Breyner residiu na côrte de Roma. A sua dôr igualou á ternura que o seu coração expimentava por taes objectos; no entanto, apenas enchugava as lagrimas de afflicção novamente se entregava aos negocios inherentes ao seu emprego, tendo por maxima que o serviço do estado não devia soffrer por causa das suas infelicidades domesticas.

Tendo o governo julgado necessario dar uma differente organisação ás legações diplomaticas; Pedro de Mello Breyner deixou de exercer em 1822 o emprego de ministro plenipotenciario na côrte de Roma. A fórma porque tinha desempenhado os seus deveres o fizeram lembrar para ser encarregado de uma delicada missão junto do governo de Napoles, aonde immediatamente passou; os seus principios de honra e desinteresse o obrigaram a fazer sacrificios de sua propria fortuna duranté a sua residencia naquella côrte, que com tudo lhe não foram compensados.

Passando daqui á cidade de Genova, logar que escolheu então para a sua residencia, voltou depois, em 1824, a Lisboa. Portugal não tinha um representante na côrte de París: a escolha de el-rei recahiu em Pedro de Mello Breyner, que foi nomeado enviado extraordinario e ministro plenipotenciario junto do rei de França. A bem estabelecida opinião do seu caracter, e as suas maneiras lhe grangearam em breve nesta côrte aquella consideração, que nunca póde ser negada ao verdadeiro merecimento por maior que seja a injustiça dos homens.

A morte do sr. D. João VI, e as duvidas que se suscitaram ácêrca da successão da corôa, tornaram mais difficil a situação de Pedro de Mello em París: entretanto elle póde então vencer graves difficuldades em serviço do sr. D. Pedro, por cujos direitos lhe pareceu devia declarar-se.

Publicada a carta constitucional, dada pelo imperador, e nomeada regente a sr.ª infanta D. Isabel Maria, o primeiro cuidado desta princeza foi nomear um ministerio composto de pessoas, que, pelo seu caracter e merecimento, se tornassem dignas não só da sua confiança, mas tambem dos suffragios da publica opinião. O ministerio dos negocios ecclesiasticos e da Justiça foi por isso confiado a Pedro de Mello Breyner; o qual fiel aos principios de servir a sua patria, sempre que para isso fosse chamado, acceitou este novo emprego que exercitou no momento mais arriscado, quando o reino se achava dilacerado por todo o genero de facções.

Neste ministerio que apenas durou desde 13 de novembro de 26 até 16 de dezembro do mesmo anno, fez quanto póde porque as suas acções correspondessem á reputação adquirida nos eminentes cargos que servira.

Desde então reduziu-se a exercer as funcções de conselheiro de estado, até que na noite de 26 de maio de 1828 foi prêso, e conduzido á torre de S. Julião, e quatro horas depois mudado para a do Bugio.

Dalli foi outra vez removido para S. Julião, onde á sua filha, a sr.ª marqueza de Niza, não foi permittido fazer-lhe companhia. Era governador da torre o celebre Telles Jordão, e Pedro de Mello teve de soffrer a dureza, que tornou notavel o nome daquelle general.

Tamanho, soffrimento, e com idade já tão avançada, abbreviaram-lhe o termo da existencia, e em 29 de dezembro de 1830 passou a melhor vida com a serenidade propria de christão.

Tinha casado em 1793 com a senhora de Mello, D. Anna Rufina de Mello, fallecida em Roma em 1821; e deste matrimonio ficaram tres filhos e uma filha: a sr.ª marqueza de Niza D. Thomasia de Mello; Luiz Francisco de Mello Breyner 3.º senhor de Mello, successor da casa de sua mãe; José Francisco de Mello Breyner, e Antonio Francisco de Mello Breyner. O primogenito hoje conde de Mello, e coronel de cavallaria emigrou de casa de sir F. Lamb, onde se refugiára; passou a Inglaterra, e malograda a revolução do Porto quando elle se preparava a vir coadjuva-la com o marquez de Santa Iria passou a França, e de lá a Bruxellas onde ficou por conselho de pessoa mui auctorisada, á qual pareceu que elle não devia provocar mais rigoroso tratamento contra seu pae.

Por morte de Pedro de Mello partiu para a ilha Terceira d'onde voltou com os 7:500 do Mindello.

Da torre de Belém lhe escreveu seu pae em 20 de outubro de 1829 uma carta, que pela nobreza dos sentimentos, que respira, e pela honra que faz ao conde de Mello a publicaremos tambem aqui.

«Meu filho do coração, posso dar-te agora este nome,
«porque quando esta chegar á tua mão já estarei fóra
«do alcance da injustiça humana, e entregue áquella
«justiça que se pratica sem excepção de pessoas, mas
«que sempre tem unida a misericordia.

«Desesperando de tornar a vêr-te, e abraçar-te, apro-
«veito o tempo que talvez me não sobeje para disposi-
«ções de outro modo; mas lisongeio-me que de qual-
«quer maneira que a minha vontade chegue ao teu
«conhecimento tu a satisfarás como se fosse uma lei.

. . . .

«Recommendo-te a nossa familia; mas agora recom-
«mendo-te particularmente. . . . .

. . . .

«O tempo que me resta será talvez bem pouco, e não
«quero acabar sem me despedir de ti, dando-te como
«te dou a minha benção e algumas poucas palavras.

«A santa lei de Deus, e a honra sejam sempre teus
«guias; mas desgraçadamente da primeira não ha en-
«tre nós mais que a mascara, e da outra até o nome
«vae desapparecendo, e quasi se repete como os papa-
«gaios repetem as palavras. Se tu observares a lei em
«cada mandamento per si verás que ella te não manda
«uma cousa para fazeres aos outros, que em iguaes
«circumstancias tu não quererias que te fizessem. Tem
«mysterios que excedem a nossa intelligencia; mas
«qual é a religião ou seita que os não tem? Os pro-
«testantes que atacam alguns acreditam outros; e
«nisso só mostram a sua insufficiencia..... Mas ia-me
«esquecendo que te escrevia uma carta que te hade
«custar a ler, e te hade custar na algibeira: é porém
«a ultima despeza desta ordem que fazes.

«Como, com grande satisfação minha, já tens mos-
«trado que sabes o que é honra, e o caminho que se
«deve seguir para chegar a ella, nada te digo a esse
«respeito senão que te não illudas com outra espe-
«rança de premio mais do que aquelle prazer, e
«aquella tranquilidade, que gosa quem segue as suas
«regras; mas este premio é tal que excede a todos os
«outros, que a vaidade e ambição humana tanto pro-
«curam! Torno a lançar-lhes a minha benção, e a
«recommendar-lhes que sejam sempre em tudo homens
«de bem. Adeus meus filhos! Pae que muito os ama
«— Pedro. —»

O conde de Mello fez trasladar para um deposito decente na igreja de Carnachide os restos de seu pae até que estando feito o mausuléu que lhe prepara na capella de uma quinta, que elle muito amava os transfira para lá.

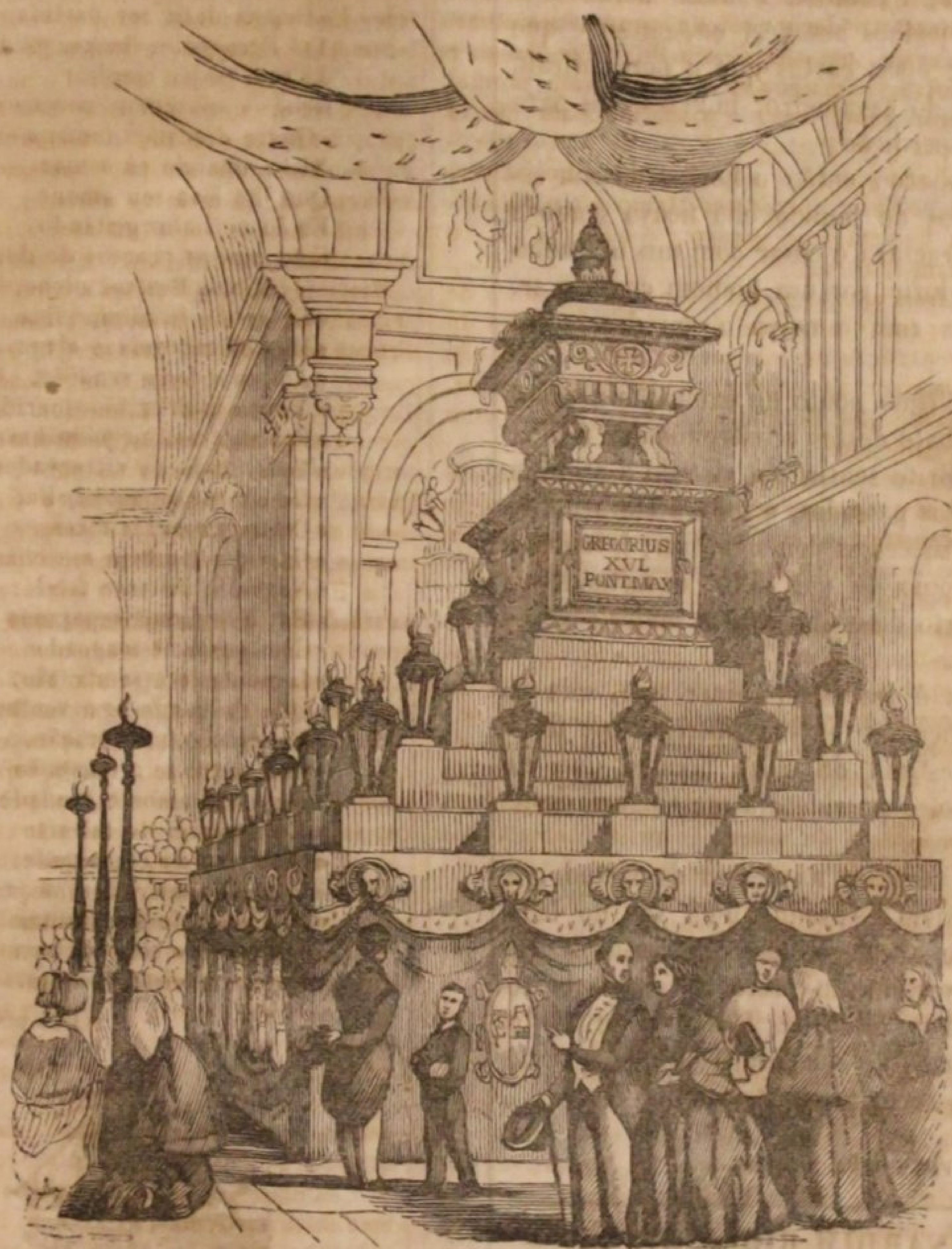
EXEQUIAS DO PAPA GREGORIO XVI.

O monumento funebre que representa a estampa foi levantado na igreja italiana de Nossa Senhora do Loreto, desta capital, para a celebração das exequias do summo pontifice Gregorio XVI. feitas pelo excellentissimo internuncio apostolico nesta côrte, com toda a pompa e solemnidade, no dia 14 do mez passado.

A decoração do templo, o desenho e direcção architectonica da eça, foram commettidos aos srs. Rambois e Cinatti, que se desempenharam com a sua costumada mestria e bom gôsto.

A eça principalmente, por sua novidade e bom effeito, mereceu a approvação dos entendedores. Tinha trinta palmos d'altura, contados da base, que era um entablamento quadrilatero de vinte e um palmos de comprimento sobre uns doze de largura, coberto em roda de baêta preta, em apanhados, formando tabellas, ornatadas de festões brancos, semeados de acasos pretos, tendo no meio de cada uma as armas do pontifice, pintadas a claro escuro, e reluzentes de ouro. Estes apanhados prendiam nas boccas de vinte e duas carrancas douradas.

Sobre este corpo assentava um lanço pyramidal de sete degráus em volta, pintados de branco, figurando marmore, que formavam o embasamento que sustentava um grande pedestal quadrilongo, com bellos entalhes, e ornatos dourados.



Na face anterior do pedestal estava escripto com letras de ouro, em relêvo, o seguinte:

GREGORIVS· XVI

PONT· MAX·

EX· ORDINE· BENEDICTINOR·

CAMALDVLENS·

E na inferior:

VIXIT· AN· FERE

LXXXI

DEC· KAL· IVNIIS

MDCCCXLVI·

Sobre este pedestal seis garras de leão douradas sustentavam garbosamente a urna ou cenotaphio, marchetado de frisos e relevos dourados, de muito bom desenho. Coroava o monumento a tiara ou triregno papal, deposto sobre uma riquissima almofada de veludo preto bordado, com borlas de ouro.

Uma corôa imperial, pendente do tecto da igreja, de veludo enxadrezado de ouro, forrada de arminhos, com quatro guias estofadas de téla branca arminhada com ricas guerniçöes bordadas de ouro, prêsas em afastonados ás quatro pilastras da nave do templo, formando um grandioso pavilhão, cobria magestosamente este mausoléu.

Em volta do entablamento, e nos quatro angulos do lanço dos degráus, ardiam vinte e seis fogaréos de gaz, cuja luz tremula e baça, harmonisava optimamamente com a decoração luctuosa do templo, e com a pompa funebre do acto.

Daqui se póde deduzir com que sumptuosidade e riqueza estaria armada a igreja, cuja minuciosa e thecnica descripção se póde vêr em o n.° 1552 da *Revolução de Setembro*, que por extensa deixâmos de transcrever, não nos dispensando porém de estampar as excellente inscripções lapidares, que ainda não foram publicadas, compostas em estylo classico no genero, pelo sabio auditor da nunciatura, monsenhor Barili.

A solemnidade das exequias foi em tudo correspondente á sagrada magestade do fallecido chefe da igreja, celebrando de pontifical o eminentissimo cardeal patriarcha de Lisboa a missa de Mozart: e capitulando as cinco absolvições pontificaes do nosso compositor Leal, o arcebispo de Mitylene, e os bispos de Vizeu, de Elvas, e titular de Cabo Verde, e o mesmo eminentissimo celebrante; dando grande realce a este acto, a oração funebre, recitado em bom portuguez pelo excellentissimo internuncia monsenhor Di Pietro, que por sua composição e eloquencia mereca ser mencionada com louvor. Assistiram a toda a ceremonia a familia real, a côrte, o corpo diplomatico, o ministerio, o cabido, innumeravel clerezia, e muitas pessoas de distincção.

Eis-aqui as inscripções lapidares de que acima fallámos, e que muito hão de aprazer aos intelligentes.

Na porta principal:

GREGORIO XVI· P· M·

QVI· INTAMINATAE· FIDEI· CVSTOS

CONSILIORVM· SAPIENTIA

ET· MAGNANIMAE· MANSVETVDINIS· AVCTORITATE

REI· CHRISTIANAE· ANNOS· XV·

PRAECLARE· CONSVLVIT

JVSTA· FVNERIA

Na porta lateral:

QVISQVIS· INGREDERIS

BONAS· DEO· PRECES· PRECARE

VTI· GREGORIVS· XVI·

MATVRIVS· CAELESTIS· VITAE

COMPOS· FIAT

AD· QVAM· TVAS· ILLE· SPES

SVMMVS· PIETATIS· MAGISTER· EREXIT

Sobre o guardavento:

MODICO· IN· SE· SVMPTV· PRISTINOSQ· MONACHI· MORES

IN· IPSO· HONORVM· FASTIGIO· VLTRO· REFERENS

VETEREM· DECESSORVM· SVOR· GLORIAM

OPERIBVS· AD· PONTIFICIAE· DITIONIS COMMODA

AD· BONAR· ARTIVM· ET· DIVINI· CVLTVS· DECVS

EXIMIA· MVNIFICENTIA· EXTRVCTIS

AMPLIOREM· SVCCESSORIBVS· TRANSMISIT

Nas capellas lateraes do cruzeiro:

1.ª

PONTIFICATVS· MAX· MAIESTATEM

QVAM· INSIGNI· DOCTRINAE· VI

JAMDIV· ADSERVERAT

TREPIDIS· REBVS· VIRTVTE· ASSEQVVTVS

PAREM· ET· MVNERI· ET· TEMPORI

ANIMVM· NVNQVAM· EXVIT

PRINCIPVM· AC· POPVLOR· VOLVNTATES

CONSTANTIA· ET· LENITATE· VSVS

SIBI· CONCILIAVIT

2.ª

OPINIONVM· VANITATIBVS· PERCVLSIS

LEGVM· SACRARVM

ET· SACERDOTII· DIGNITATE· PROPVGNATA

AD· ECCLESIAE· OBSEQVIVM

SEGNES· EXCITAVIT

DEERRANTES· REDVXIT

CATHOLICVM· QVE· NOMEN

VEL· IN· VLTIMAS· TERRARVM· ORAS

OCEANQI· INSVLAS· INVEXIT

ROBERTO VALENÇA.

ROMANCE.

CAPITULO XX.

O sr. Roberto faz das suas, mas fica mal nas tranguibernias.

Com effeito, sr. Roberto, já estamos em Villa nova de Famelicão ha dois dias, e elle sem apparecer Vae-me dando cuidado esta demora.

Mas que lhe havemos nós fazer? Não diz elle nessa carta que o esperemos em Villa nova de Famelicão, que elle virá aqui ter comnosco?

Mas já passaram dois dias, e se elle não chega

e esta gente sabe quem eu sou, que se dirá por ahi? Bem sabe como o mundo é, e depois que cousa tão desagradavel para elle saber que o mundo murmura da sua futura! Valha-me Deus!

Eu bem não queria, que sahisse de casa, teimou, teimou, quiz fazer-lhe a vontade em tudo, agora não deve queixar-se.

Teimei porque o amo deveras, e porque estava resolvida eu, mulher, innocente, e timida, a sacrificar-me pela imprudente leviandade do sr. Roberto em mostrar a carta a meu pae.

Mas a final se o cavalheiro não vier, se não se effectuar o casamento logo logo, que tristes resultados para todos.

Se o cavalheiro não vier....? Pelo amor de Deus, sr. Valença, não me diga isso: causa-me um susto mortal.

E as lagrimas soltaram-se dos olhos de D. Maria em tal quantidade, e acompanhadas de tamanha agitação nervosa, que o proprio Roberto, que não era dos mais compadecidos, se retirou para outro quarto da casa deixando a filha do sr. Joaquim de Brito entregue ás mais dolorosas cogitações.

Pouco depois o sr. Roberto voltou, e ainda encontrou D. Maria chorosa, e soluçando, o que dava á sua belleza tamanho realce, que estamos quasi a apostar que se a bella Oriana de D. Branca assim fôra, outro gallo cantaria ao mercador Rodrigues, e aos seus valentes companheiros.

O sr. Roberto veio andando vagarosamente e como que distrahido, e sentou-se junto de D. Maria; ella ainda temerosa daquellas duvidas ácêrca da proxima chegada do cavalheiro espreitava a fisionomia do sr. Valença, como quem desejava decifrar algum segredo occulto que lhe parecia a ella andava em todo este negocio.

Por breve espaço ficaram ambos em silencio: D. Maria porque receava fazer mais perguntas, e o nosso heroe porque lhe fervia na mente uma idéa..... mas que grande idéa? A idéa de salvaterio: a final foi elle o que rompeu o silencio.

Sr.ª D. Maria, condôo-me verdadeiramente da sua situação, porque emfim para que havemos nós estar a illudir-nos mutuamente, o cavalheiro não vem cá.

Não vem cá?!! E as suas promessas, aquellas cartas tão ardentes, e amorosas, que me obrigaram a quebrar por todas as considerações em seu obsequio?

Tudo isso é muito bom, minha senhora, mas a verdade é que em Guimarães todo o povo a uma voz diz que eu a tirei, e que fugimos ambos, e o cavalheiro..... Se eu quizesse fallar....!

Mas falle, falle, explique-me a causa da demora do cavalheiro, e mostre-me as cartas que elle lhe escreve; ha duas semanas que o sr. Valença me não mostra as cartas delle, e diz-me o coração, que heide ser muito desgraçada!

Sr.ª D. Maria, não diga isso; desgraçada....? Mas pelo que? Porque um cavalheiro de má morte, de uns taes Mellos, a quem seu pae sabe descozer o fiado como ninguem, se deixa ficar no Porto e não a vem buscar a Villa nova! Ora adeus, isso não é caso de afflicções.

Bons Mellos, ou máus Mellos, isso é excellente para meu pae, mas nem eu quero ouvir dizer mal delles, nem a amizade do cavalheiro lhe merece esses ditos. Para mim então é um dever não os escutar; lembro-lhe que falla do seu amigo, do homem a quem eu me liguei deveras, e por quem abandonei o meu pobre pae, e a minha linda Ignez. Conheço que esta demora é estranhavel, mas quem sabe os seus verdadeiros motivos? Não me escreveu elle a pedir-me que fugisse?

E se não fosse elle o que escrevesse?

Se não fosse elle? E que quer isso dizer: pois quem havia de ser senão elle?

D. Maria pronunciou estas palavras com tal energia, que o sr. Roberto ficou extatico diante della, e procurou retirar-se para não precipitar um desenlace, que elle temia deveras lhe fosse muito fatal, porém D. Maria levantou-se, pegou-lhe por um braço obrigou-o a sentar-se outra vez perto della, e exigiu-lhe vigorosamente a explicação daquellas frazes ambiguas ácêrca das cartas, e do cavalheiro.

O sr. Roberto conheceu que era inevitavel o lance, e elevou-se dignamente á altura da situação.

Sr.ª D. Maria, exclamou o nosso heroe lançando-se-lhe de joelhos aos pés, eu, eu só é que sou o criminoso; essas cartas que a persuadiram a fugir não são do cavalheiro, fingia-as eu para a sua, e minha perdição.

D. Maria conheceu então o horror da sua situação! Aos olhos do mundo ella ficava sendo a mulher que contractava o casar com um mancebo e se deixava seduzir por um homem como o sr. Valença, e para com o noivo o seu descredito era immenso.

Exaltada ao ultimo ponto de excitação nervosa pelo violento embate destes acontecimentos a filha de Joaquim de Brito sentiu em si todo o orgulho do sangue dos seus passados, e toda a elevação de caracter, que os successos demandavam; levantou-se da cadeira como de um salto, e voltando-se para o sr. Roberto disse-lhe com a maior severidade:

O sr. Valença é um villão ruim; saia, saia já da minha presença: se as suas intrigas me fizerem perder a estima do unico homem que eu amo neste mundo, a providencia me vingará deste seu plano tenebroso.

Alguem se incumbirá da defeza da virtude, e de castigar o vicio — bradou uma voz do lado da porta que se abria, e dava passagem a um mancebo todo vestido de preto. O sr. Roberto desappareceu, e a filha de Joaquim de Brito achou-se nos braços de seu futuro esposo, quando menos parecia a sorte prometter-lh'o.

FIM DO 1.º VOLUME.

BERNARDIM RIBEIRO.

III.

Assomava o sol dourando
Os cumes d'além d'Almada,
Quando prestes se fazia
P'ra logo partir a armada;
Pois que está já embarcada
A nobre e gentil duqueza,
Que pelo marido deixa
Esta terra portugueza:
Com a grita sempr'usada
O ferro se levantava
E as vélas desfraldando
O galeão navegava;
O Restello atraz deixando
Passa além de Sam Jião,
Pelo mar qu'está tão chão
Que nem leve oscilação
Incommoda os navegantes,
Que bem de feição lhe correm
Ventos certos, e constantes:
Assim vae de mar em fóra
C'o vento empavonado
Com bandeiras de mil côres
Vae tambem embandeirado:
E já dos ventos levado
Tão apressado seguia
Que alguns instantes passados
Pouco da terra se via.
Voltemos á penedia
Daquella tão alta serra,
Onde Bernardim ficou
Com a propria vida em guerra,
Regando com pranto a terra
Quando triste se vio só
Tamanhos suspiros dava
Que faziam grande dó;
Vendo Paulo o seu estado
No mal sempre sem mudança
Lhe diz « — muito vos convém
Sahir daqui sem tardança » —
— « Onde queres que nós vamos?
« Onde podemos nós ir
« S'eu em toda a parte irei
« As mesmas dôres sentir » —
Assim Bernardim dizia
Mui trist'o monge seguindo
E este lhe respondia
— « Talvez seja teu mal findo,
« Que Deus cumpra teu desejo,
« E m'acabe a triste vida;
« Será menos sem razão
« Depois della ser partida » —
Tal Bernardim lhe responde
Já sem poder respirar
Grita — « paremos, paremos,
« Quero descanço tomar » —
Nisto olhando vê o mar
Que lhe leva seu amor
Então mui alto gritando
Com muitos prantos de dôr
— « Minha Beatriz adeus,
« Levas-me tu minha vida,
« Mas cá me deixas a tua
« Ao amor toda rendida,
« Nunca mulher tão querida
« Foi alguma, ou póde havella,
« Teus olhos eu vi turvados
« De chorar amante bella,
« De tuas rosadas faces
« Os viços tambem murchados
« Naquelle instante fatal
« Em que fomos separados;
« Com suspiros magoados
« Lamentaste-a sem razão,
« Que roubando-te a ventura
« Me esmagou o coração,
« Com verdade a narração
« De nosso amor e saudade
« Eu cantarei de tal arte
« Que viva na eternidade,
« E na tão menina e moça
« Saudades de Bernardim
« Desgraçado sem ventura
« Chorarei triste de mim.

AYRES PINTO DE SOUSA.



AINDA OUTROS OLHOS.

Inda sei a côr que tinham
Olhos que outro tempo vi:
Por certo que eram bem lindos;
Pois que por elles morri.

Não eram olhos azues,
Não tinham a côr do céu:
Nem ao brilho das estrellas,
Semelhava o brilho seu.

Bem differentes dos castanhos
Os bem olhos que eu vi!...
Por aquelles não morrera,
Como por estes morri.

Se d'esmeralda não eram;
Roubaram-lhe o lustre e côr:
De manhã, á noite, á tarde,
Fallavam meigos d'amor.

21 de junho de 1846.

(?)

ENIGMAS PITTORESCOS.

EXPLICAÇÃO DO ULTIMO ENIGMA.

O ponto de grande risco na campanha é concedido ao mais entrepido.

A ILLUSTRAÇÃO
JORNAL UNIVERSAL.



Cada anno da publicação d'este jornal será dividido em 12 n.os mensaes, distribuidos porém ás folhas semanalmente.
Assignatura: Um anno, 1$440 r.s — Semestre, 720 r.s — Trimestre, 360 r.s — Folha avulsa 30 r.s

N.° 6 — VOL. II — SETEMBRO, 1846.

ESCRIPTORIO, RUA DA EMENDA N.° 34.

As assignaturas só se recebem no Escriptorio da Illustração. A correspondencia — *franca* — ao Redactor da Illustração. Vende-se: r. Augusta, n.° 1 — do Oiro, 113 — do Arsenal, 30 — Larga de S. Roque, 24 — da Esperança, 130 — e em Alcantara.

SUMMARIO.

Cedendo ao honroso convite do illustre redactor deste jornal, para que houvesse de tomar a meu cargo a sua redacção, em quanto que negocios importantes o obrigavam a sahir de Lisboa por algum tempo, bem conheço que tomei sobre mim uma responsabilidade superior ás minhas forças, não só pelo pouco que valho, mas ainda porque a redacção da *Revista Universal*, jornal vasto e variadissimo, me não póde permittir outra applicação assidua da mesma natureza. Taes considerações me haveriam pois obrigado a recusar este novo encargo, se a amizade que me prende ao redactor desta folha, e ter eu sido um dos *paes* que lhe deram vida a ella, não fossem circumstancias mais poderosas para mim que todas as considerações.

Neste caso, invocando a indulgencia dos srs. assignantes e leitores da Illustração, farei quanto podér para lhes continuar no mesmo plano a redacção deste jornal. Na habilidade com que ella será feita já elles sabem que têem muito a perder; mas deve-os consolar a esperança de que essa perda será por pouco tempo, e no emtanto não soffrerão interrupção na folha que estão habituados a receber e apreciar.

O que eu posso assegurar é que pela minha parte haverá a maior regularidade nesta publicação, e qualquer transtorno que sobre isto haja, não será certamente a mim que elle deve ser attribuido.

4 de setembro de 1846.

Silva Leal.

LISBOA, 4 DE SETEMBRO.

Ha bem pouco que contar, aos leitores, desta semana que acaba de passar com toda a semsaboria de uma semana calmosa em Lisboa. Quem se quiz divertir teve que sahir da cidade. A festa de Bellas reuniu concurso de todos os logares comarcãos, e o de Lisboa não foi o menos consideravel. Cintra tem sido agora mais frequentada para o fim do verão; talvez porque o socego publico vae permittindo distrahirmos da politica o pensamento, para o applicarmos melhor aos divertimentos e ao *confortable*, que por fim de contas é o que se leva deste mundo, que nós mais e melhor gosariamos se de uma vez para sempre nos deixassemos de andar á cacheirada uns com outros, com que de certo nos havemos de dar muito mal, e tambem nossos filhos e netos, porque as maturaduras desta casta duram sempre umas poucas de gerações.

Os espectaculos publicos não offereceram tambem novidade. No theatro nacional voltou á scena a *Dama de Saint-Tropez*, que é um drama todo de sensações e de algumas scenas familiares de grande merecimento. O publico sympathisa com esta composição, e tem razão. O desempenho correu bem; o que admirou a algumas pessoas, porque é raro o drama que depois de retirado da scena assim volta a ella limpo e sabidinho. Ora vamos; estas cousas fazem-se sempre que se querem fazer. O publico applaudiu, e estimei muito vêr quebrada a preoccupação dos que já iam acreditando que no theatro de D. Maria 2.ª não produziam tanto effeito as representações dramaticas como na capoeira da Rua dos condes. Vejam lá se produzem ou não. Dêem-nas bem como as devem dar, que aquellas que o merecerem hãode agradar por força. Amanhã (sabbado) será a primeira representação de um drama traduzido de que ouvimos fallar com elogio.

O theatro do Gymnasio lá vae andando, com poucos espectaculos novos, e muitos beneficios. O Salitre está em ferias. É necessario que o sr. Doux tirando algum recurso de uma fecunda imaginação d'emprezario, faça um esforço para fazer sahir este theatro do torpor em que cahiu; porque não? Com zelo e habilidade póde-se fazer muito. Não quizeramos que isto fosse mais um testimunho da verdade evangelica de que *ninguem póde servir bem a dois senhores*. O sr. Doux todo votado á praça do Campo de Santa Anna, parece que quer deixar o seu theatro internado nos campos de *Pultawa*. A proposito, temos no domingo outra corrida de toiros a beneficio do asylo da mendicidade: quasi que é uma obrigação irmonos divertir *por caridade*. Eu creio que quem ficar em Lisboa nesse dia, em disponibilidade, não deixará de concorrer para obra tão meritoria.

Sobre ficar ou não em Lisboa; o sitio da Outrabanda está agora quasi diariamente a attrahir-nos a concorrencia. É uma serie de festas alli, onde para nada faltar, o fogo colorado, que está hoje muito em moda, é sempre annunciado como o sainete mais agradavel.

Continuam no *Gremio litterario* as reuniões da associação a favor dos melhoramentos da imprensa portugueza. O sr. Marecos, administrador da imprensa nacional, escreveu a alguns jornaes uma carta explicativa sobre o estado deste estabelecimento, que não fôra exactamente apreciado no parecer de uma das commissões daquella associação. Este jornal abona em muita parte as asserções do sr. Marecos: impresso n'um prelo de vapôr que trabalha a alta e baixa pressão, unico que existe em Portugal, basta isto só para comprovar o lisongeiro estado desta officina, a que tudo o mais corresponde.

UMA TROVOADA.

Não sei se a historia que vou contar será tida como inverosimil, mas o que sei, é que é verdadeira.

Não se passa em nenhum paiz desconhecido, mas em Paris na rua de Bondy.

Tambem não succedeu n'uma época de revolução e de licença; mas na actual: fez domingo oito dias que teve comêço..... E á hora em que traço estas linhas, não sei ainda o seu desfecho; todavia do que sei vou dar conta o melhor que podér.

Farei primeiro uma descripção. Imaginae um quarto de uma propriedade, pequeno sim, mas muito pintadinho, habilmente mettido n'um espaço, que apenas bastaria ha cem annos para um salão ordinario: umas casinhas cujo arranjo se assimelha ao de uma caixa de viagem, onde nada falta, onde cada cousa tem o seu logar proprio; e onde nada se póde deixar desarrumado sob pena de ficar tudo attravancado. Esta casinha tinha um gabinete, ou antes um pequeno vão entre duas portas; uma casa de jantar, na qual para se poder andar com desembaraço era necessario metterem-se as cadeiras de roda da mesa; uma salinha, para que foram feitos esses piannos verticaes, tão lindos, mas tão pesados, e uma alcova, onde não póde dormir mais que uma pessoa.

Nesta pequena casa habitava madame Amelia de Leurtal. Ei-la no seu quarto: acaba agora mesmo a sua *toilette*: uma *toilette* de campo, toda nova e toda elegante.

Não obstante, Amelia, revendo-se ás vidraças de seu guarda-fato, parecia pensativa. Talvez que se não ache bonita e interessante assim vestida de mosselina branca? Eu não creio, que seja isso, porque quem possue uma physionomia tão encantadora; uma figura tão elegante; com o pé mais bem feito e as mãos mais alvas e bellas, que se podem vêr, não póde duvidar da sua belleza.

E todavia, duas lagrimas assomam a seus olhos; e tão profunda é a sua preoccupação, que não dá pela criada que entra, mulher feissima, cujo mister me não é muito facil classificar. Se lhe chamasse criada grave, não seria exacto, por quanto, Justina faz a comida de madame; para lhe chamar cosinheira, tambem não, porque veste Amelia: logo, é uma criada para todo o serviço; ainda que pelo ultimo que acaba de exercer se julgue agora aia de madame; o que não admira, porque, como sabeis muito bem, qualquer loja se alcunha hoje de famoso armazem; o boticario, intitula-se pharmaceutico e o barbeiro, cabelleireiro. Mas como ia dizendo, Amelia não deu fé de ter entrado a sua criada, a qual depois d'arrumar alguns objectos, foi-se demorando fingindo limpar o pó.

Finalmente, madame de Leurtal, vê Justina e diz-lhe:

—'Queres alguma cousa?'

—'Eu queria pedir um favor á senhora.'

—'Então o que é?'

—'A senhora vae hoje a Saint-Germain?'

—'Vou, sim.'

—'Ora, como a senhora de certo não vem, senão de noute, não terá até então precisão de mim.'

—'Bem te entendo, queres sahir.'

—'Sim, senhora. Como hoje é domingo, e todos os criados graves vão fazer uma funcção a Versailles, para a qual me convidaram.....'

—'E pelo que vejo, acceitaste o convite..... Já estás vestida ....'

—'Vesti-me pelo sim, pelo não; no caso que a senhora me désse licença.....'

—'Pois não, dou, pódes ir; mas depois de eu sahir.'

—'Mas, é.....'

—'O quê?'

—'É, que elles partem dentro d'um quarto d'hora.'

—'Ah! então pódes ir já; agora não preciso de nada.'

—'Ah! muito obrigada, minha senhora; eu terei cuidado de vir bem cedinho para a despir.'

—'Pois, sim.'

—'A senhora, hade querer cear, — não é assim?'

—'Bem sabes, que não costumo.'

—'Mas, sempre terei cuidado de preparar algum acepipe.'

—'Pois sim, sim.'

Justina, sahiu; e Amelia, olhando para o relogio, viu que não eram ainda dez horas; passou então para a sala e poz-se defronte do espelho, a ajustar bem alguma prega do seu vestido, affivelou um bracelete e alisou as negras e lustrosas pastinhas de seu lindo cabello.

Justina, tornou a entrar.

—'Então, posso sahir, minha senhora?'

—'Sim, adeus.'

—'Ora, já que a senhora, tem a bondade de ficar sósinha, terá o cuidado de fechar a porta á chave quando sahir.'

—'Está bom.'

—'E terá tambem a cautella de fechar as janellas, pois o tempo não está seguro; parece-me que ameaça trovoada, e se chovesse alagaria toda a sala.'

—'Não me esquecerei, não.'

—'Quer que diga ao porteiro, que se alguem procurar a senhora, que o deixe subir?'

—'Sim, mr. Cambet, esse velho, que é guarda-livros de mr. Dallois, que me hade vir buscar para me acompanhar a Saint-Germain.'

—'Então vou-me embora. Adeus, minha rica senhora, desejo que se divirta muito.'

Justina, sahiu finalmente.

Um sorriso melancholico se divisou no rosto de Amelia, ao ouvir a recommendação de Justina.

Amelia, vendo-se só, olhou tristemente para a sua nova *toilette*.

Depois de treze mezes de viuva, era o primeiro vestido branco que vestia. Assentou-se então defronte do retrato de um homem, que podia ter, quando muito, cincoenta annos: e poz-se a contempla-lo.

Foi a olhar para este retrato, que lhe vieram á idéa todas as recordações e pensamentos que vamos descrever:

«Ah! mr. de Leurtal, fostes sempre para mim, um generoso amigo, um bom e carinhoso marido.

«Achastes-me orfã, educada pela beneficencia de minha tia, que, não lhe importando nada, não obstante dar-me uma excellente educação, senão a posição que occupava no mundo, esqueceu-se de que a fortuna que possuia passaria a outros herdeiros, logo que deixasse de existir; e por tanto que me deixava pobre, tendo-me feito gozar de todas as commodidades que dão as riquezas, e abandonada n'uma sociedade, em que, ainda que uma mulher tenha um nome illustre, não é isso muitas vezes sufficiente para achar um esposo.

«Os homens são mais felizes. Antigamente, cabiam aos primogenitos das nossas casas, todos os bens da familia, e ainda hoje, quando acontece que sejam pobres, têem quasi um dote no nome que podem dar á mulher que escolherem para consorte. Bem sei, que ha ainda muitas senhoras que compram o titulo de marqueza ou de viscondessa. Mas que importa a um banqueiro desposar a filha de um Noailles, ou de um Montmorency, se ella deve chamar-se madame Dupont ou madame Durand.

«Sim, meu charo de Leurtal, foi porque me prevestes um futuro desgraçado, que me offerecestes a vossa mão e a vossa modesta fortuna.

«Graças a Deus, que permittiu, que entre tantas sociedades e divertimentos em que passei a minha mocidade, uma voz paternal e amiga me chegasse ao coração: essa voz foi a vossa que, mais rasoavel que a vaidade que me podiam inspirar as homenagens, que se me offereciam, fez por fim a minha felicidade.

«Bem me haveis recompensado, meu Deus; porque durante os dois annos que vivemos unidos, fui feliz e ditosa; e quando a morte nos separou, achei que meu marido tinha assegurado á sua viuva, tudo quanto as revoluções lhe tinham deixado de uma fortuna immensa.

«Perdoai-me, pois, ó meu caro Leurtal, o passo que hoje vou dar; foi a meu pesar, que cedi ás observações e conselhos do vosso verdadeiro amigo, d'aquelle a quem me confiastes; assim como a minha pouca fortuna.

«Tambem me perdoareis, que apenas deixe o vosso luto, vá logo a uma conferencia, que não tem outro fim senão o meu casamento.

«Porque o vosso amigo me fallou como vós me terieis fallado. Fez-me vêr, que se vós me havieis deixado ao abrigo da indigencia, não poderieis porém livrar-me da calumnia, em quanto eu fosse rapariga e me achassem bonita; nem tão pouco preservar-me de uma triste solidão, quando eu fôr cahindo nos annos.

«Oh! de certo, se do nosso matrimonio me houvesse siquer nascido um filho, nunca eu tomaria outro nome, que não fosse o de seu pae. Uma mãe é forte com seu filho; e ainda mesmo no berço é já elle o seu protector.

«Mas eu, só no mundo; alvo das perseguições incessantes de todos os homens ricos, para quem a acquisição de uma amante, que além de gozar da liberdade de suas acções, tem certa posição na sociedade, seria um partido vantajoso e sem perigo: objecto de interesseiras dedicações de rapazes extravagantes, cujas fortunas consistem apenas em sua falsa elegancia; e que dando-me de bom grado os seus nomes, me dariam tambem as suas dividas; o que havia de eu fazer?....

«Aqui está o que me disse mr. Dallois; um homem tão honrado como vós. Fez-me vêr, a attenção minuciosa com que se observaria a vida de uma rapariga, collocada nas minhas circumstancias; a malignidade, com que se commentariam as suas acções, as suas palavras e até as suas vistas: este quadro horrorisou-me! Aqui está a razão porque vou hoje a sua casa, vêr a pessoa, com quem pertende unir-me.

«Não é, por consequencia, meu charo esposo, o esquecimento e a ingratidão para comvosco, que me obrigam a acceder a simillhante partido. E apesar de se me ter dito, que aquelle que se me propõe possue as vossas excellentes qualidades; que é generoso, delicado e indulgente, juro-vos, que jámais será para mim o que vós fostes: sim, nunca chegará a expulsar do meu coração, a saudosa lembrança dos vossos beneficios, da vossa bondade, e da nobreza do vosso caracter.

«É desgraça, que depois de eu ter chorado a vossa perda, tenha agora de chorar a do vosso nome, que me obrigam a deixar por outro!... É uma nova separação: perdoai-me de eu ter consentido nella.

«Não tem ella porém um fim honesto, meu querido esposo?.... Deixareis por isso, de continuar a amar a vossa mulher, a vossa filha, a vossa Amelia?.... »

Expressando-se assim, madame de Leurtal, tinha insensivelmente descido da cadeira, e estava posta de joelhos de'fronte do retrato.

Abundantes lagrimas corriam de seus olhos e banhavam o seu bello rosto; mas não era a desesperação, não eram os remorsos que as faziam correr, — era a terna saudade de seu esposo. E neste estado parecia esperar uma resposta d'essa pintura, de que não tirava a vista; senão quando a campainha da porta se fez sentir, arrancando-a por este modo a tamanha preoccupação.

Levanta-se então de repente, enchuga as lagrimas, e olha para o espelho a fim de certificar-se, se a pessoa que ia entrar não conheceria que tinha cessado de chorar. Mas a comoção que acabava de soffrer, ainda que profunda, tinha sido doce e tranquilla: nada podia trahir Amelia; por tanto esperou que entrassem.

Todavia, ninguem entrou; e segundo toque, veio lembrar a madame de Leurtal, que se achava só em sua casa.

(Continúa).

LEITURA DE ROMANCES.

É incontestavel que os romances tem ganho muitissimo. pois que pouca gente ha hoje que não leia alguma cousa neste genero.

Conhecemos que a leitura de romances não só é agradavel, como dahi se póde tirar alguma instrucção. Mas tambem sabemos que nem todo o romance está nesse caso; são hoje os francezes que mais escrevem neste ramo de litteratura, são elles tambem que nos tem mostrado mais ao vivo as duas faces por onde se podem encarar estas obras, dando-nos romances d'Arlincourt, Dumas, etc., ao tempo que nos arremeçam Paul de Kock, Pigault Lebrun, etc. Não duvidâmos do saber destes auctores, não negaremos um tanto ou quanto de belleza nas suas obras, mas francamente diremos que para a mocidade inexperiente aquella leitura é nociva.

Bem sei que os seus partidarios dirão que é necessario mostrar o vicio, para fazer realçar a virtude; assim é, mas nós não queremos vêr o vicio recamado de joias, em quanto que a virtude apparece por demais.

Dos romances de Paul de Kock não póde a mocidade tirar o menor fructo, embora digam o contrario, lá está a experiencia para o mostrar.

A um homem com alguns conhecimentos, e alguma pratica do mundo, não póde esta leitura causar-lhe o menor damno; mas ao joven que estando ainda no collegio, não conhece o mundo, não conhecendo tambem a gente que nelle vive, deparando com um romance destes, na idade em que começam as paixões, e lendo as bellas scenas do auctor que mencionámos, ser-lhe-ha nociva ou não esta leitura? À joven educada com a sua familia, no recato que lhe é dado, ouvindo sempre conversações moraes, vendo sempre os bons exemplos que lhe dão seus paes, perderá ou não com esta leitura?

Não sómos inimigos deste genero de litteratura, creio que já o dissemos, entregâmos-nos a elle, lêmos todos porque assim nos é preciso, mas o mal que nos fizerem será mui pouco, porque já os conhecemos.

CARLOS B. COUTINHO.



VILLA-VIÇOSA.

Entre as terras celebres de Portugal deve ser contada Villa-viçosa, uma das mais famosas terras da nossa provincia do Alemtejo, por muitas recordações historicas que nos suscita, por ter sido a residencia dos duques de Bragança, e patria de D. João IV, cuja dinastia occupa hoje o throno portuguez, e por consequencia onde os nossos reis têem um bom palacio, e uma das mais bellas tapadas.

Villa-viçosa, cuja fundação alguns remontam aos carthaginezes 350 annos antes de Christo, está situada n'uma linda e mui fertil planicie, a oito leguas de Evora, capital da provincia, e o seu nome vem-lhe de certo da amena verdura da campina sobre que está assentada. D. Affonso III deu-lhe foral aos 5 de junho de 1270; e apesar da grande antiguidade que muitos lhe attribuem parece que não era até então senão uma aldêa de muito pouca monta no termo d'Estremoz D. Diniz mandou lá construir um castello, como fizera em outros muitos logares da provincia. Uma das parochias da villa — a de Nossa Senhora da Conceição, dentro do castello — é fundação do condestavel D. Nuno Alvares Pereira, e dá invocação a uma das mais illustres ordens condecorativas d'este reino, instituida por D. João VI em 1818.

Villa-viçosa é ainda celebre pela famosa batalha de Monte-claros, sitio proximo, e dada entre portuguezes e castelhanos, em consequencia dos primeiros virem em soccorro da villa cercada pelo marquez de Carracena. Nesta batalha, uma das decisivas que assegurou a nossa independencia, diz-se que perderam os inimigos quatro mil homens e seis mil prisioneiros.

Nos arrabaldes de Villa-viçosa se dão tambem como existentes as ruinas do templo de Endovelico, de que D. Theodosio, duque de Bragança recolhêra algumas pedras e inscripções que foram collocadas no frontespicio de uma igreja da villa. E ha tradição de outro templo mandado edificar por um pretor romano em honra de Proserpina, cujas ruinas se dizem estar onde hoje é a igreja de San'Thiago. Nós porém somos tão descuriosos destas antiguidades e monumentos, de que o nosso paiz é mais rico do que se suppõe, que nada sabemos com certeza destas cousas, nem nunca tractámos, nem hoje ainda tractâmos de as indagar.

Villa-viçosa tem 1.503 fógos, segundo o ultimo mappa eleitoral, e tinha em (1821) 3.424 habitantes, segundo a statistica de Balbi. A estampa que hoje damos representa a praça desta villa.

EPOPEIA ENTRE OS MODERNOS.

V.

ROMANCE POEMA.

A poesia acompanha o caracter do seculo, embebe-se nas suas opiniões, e toma o colorido dos seus costumes. A poesia de Homero é como os homens do seu tempo, meio barbaros, meio civilisados, supersticiosos, vingativos, valentes, furiosos nas paixões, implacaveis no odio, e rusticos no tractar e nos costumes, por isso o estylo do poeta é ao mesmo tempo singelo na expressão, e gigantesco nas idéas.

Os heroes de Virgilio são menos rusticos que os de Homero, e os seus deuses mais magestosos, mas o seculo de Virgilio era o mais polido de Roma, e seu influxo opéra sobre as idéas do poeta, e se o genio não predomina tanto nas suas composições, o gosto preside sempre a ellas.

O luxo dos imperadores, e dos grandes, as enormes riquezas destes, o poder absoluto, os monumentos gigantescos, alteraram depois o gôsto, trouxeram o desejo immoderado de brilhar, e a affectação da grandeza, que corromperam a eloquencia e poesia; como poderiam ser simples e moderados no estylo Lucano e Estacio, tendo á vista o palacio aureo de Nero, a estatua equestre de Domiciano, que occupava geiras de terreno? Taxam a Juvenal de exaggerado e declamador, mas podia elle exaggerar os vicios do seu seculo, que era a exaggeração de todos os vicios e de todos os crimes?

Na idade media, cahos em que se achavam confundidos os elementos de um novo mundo com as ruinas de um mundo velho, e desmoronado, apresentam-se duas épocas, a primeira, que se chama do renascimento das letras, e nesta o caracter da sciencia era descobrir os codices gregos e romanos, restitui-los e commenta-los. Nesta época a poesia consiste toda em imitações dos poetas latinos, e algumas dellas bastantemente elegantes e engenhosas; então os poetas não conhecem senão a antiga Roma, e Grecia, invocam os seus deuses, celebram os seus sacrificios, e imitam o pensar daquelles povos, que já não existiam. É este o caracter das poesias de Policiano, de Panormita, de Hieronimo Vida, e de Foxcastor.

A segunda época é aquella em que um grande numero de estados se tinha estabelecido, com differentes nomes, em que as linguas modernas, aperfeiçoadas pelo uso, a boa sociedade, e a poesia vulgar, desafiam os bons engenhos a escrever nellas, é então que apparecem os Dantes e os Petrarchas, e em que a falta de divertimentos faz amar os poemas longos e complicados, que occupam as horas dos serões, é então que o espirito aventureiro, as cruzadas, as discussões religiosas, e a cavallaria, convidam os poetas a celebrar armas, amores, damas, cavalleiros errantes, castellãos que opprimem os povos, heroes que os defendem, combates contra os infieis, e os gigantes, realçado tudo com as legendas populares dos magos, das fadas, das feiticeiras, dos demonios, e tudo quanto compõe a mythologia vulgar, nascida das superstições pagãs, disfiguradas pelas idéas do christianismo; é nesta época que florescem os Pulei, os Baiardi, os Ariostos, e os dois Tassos.

No principio da época moderna, começa a desmoronar-se o systema feudal, os reis a assumir o governo absoluto, e os povos a libertar-se do jugo dos senhores. A instrucção começa a difundir-se, e por ella o clero, e a magistratura adquirem uma grande influencia sobre os povos, e os governos; todos os que pertendem fazer fortuna abraçam uma destas profissões, ou ambas, e então os engenhos prevertidos pela dialetica, e methaphisica escolasticas perdem-se n'um labyrintho de argucias, de subtilezas, e ergotismo ininteligivel: tudo são abstracções, e distincções, e a razão se perde n'um cahos de idéas chimericas, de phrases obscuras, de palavras barbaras, que quando as lêmos hoje nos parecem um perfeito calao de bruxas, e os poetas sahindo das trévas destas escólas, desconhecendo a bella natureza, desauthorisam a poesia usando de um dialecto cheio de affectação, e tendo só em vista mostrar espirito, alambicam as idéas, desfiguram-nas, e descahem em um estylo ridiculamente figurado, amontoam metaphoras sobre metaphoras, tropos sobre tropos, e julgam ter chegado ao auge da perfeição quando conseguem que os seus escriptos não sejam entendidos, mas advinhados. É esta a época dos Gongoras, dos Achiline, dos Montalvões, e dos Vahias, cujo estylo não é tão moderno, como se julga, porque o poema grego de Nouno Panopolita, se aproxima muito a elle.

Mas o progresso das letras, e o estudo da antiguidade, fazendo conhecer o ridiculo de similhante estylo, obriga alguns homens de bom senso a combate-lo com as doutrinas e com o exemplo, é esta a época dos preceitistas, e das academias; porém de ordinario os reformadores são timidos; se os seus adversarios ousavam tudo, elles não ousam dar um passo fóra da senda trilhada, não deliram, mas não tem força, não se despenham, mas não voam, as suas composições não passam de imitações, ou traducções livres dos antigos, a sua lyra não solta senão variações de musica latina ou grega, e os maiores genios como os Racines, os Corneilles, e os Popes não deixam de pagar tributo a esta timida imitação.

A phylosophia e as sciencias vem offerecer novo emprego á actividade do espirito humano, e a poesia roborada com a erudição, volta-se para a imitação da natureza physica, e falla a linguagem do saber, e então se multiplicam os poemas dictaticos, dedascalicos, e descriptivos.

Mas estes poemas não são populares, e apenas encontram leitores nos homens instruidos; o mesmo acontece nas epopeias classicas, que então produziram alguns genios extraordinarios como a Messiada de Klopstock, o Rodrigo, ou o ultimo dos godos, de Southei, e outros, que posto muito louvados, nunca se tornam populares.

Nestes tempos em que os homens se occupam com especialidade dos objectos e interesses positivos, é necessario que a poesia tome um caracter novo, em harmonia com o estado da sociedade. Se Petrarcha tivesse nascido nos tempos actuaes não teria feito fortuna como poeta, apesar das muitas bellezas das suas canções e sonetos; os poetas comprehendem que para agradar é necessario que apresentem originalidade, paixões vivas, imaginação rica, quadros da natureza, e que as grandes dimensões da epopeia se encurtem, e accomodem á pouca paciencia dos leitores, e eis-aqui a origem do romance poema: este poema participa da epopeia cavalheiresca, e da tragedia, a sua época mais propria é a idade media, o seu maravilhoso a mythologia nacional, o seu theatro os castellos feudaes, os mosteiros, e o Oriente. Em vez de pintar os acontecimentos publicos, e as revoluções dos estados, pinta os crimes, as discordias, e as desventuras dos barões, e dos ricos homens, e o aspecto de cada paiz, e sobretudo os costumes dos tempos em que as acções se passam.

Daqui nasce a pratica, e até a necessidade de estabelecer a acção destes poemas em uma época conhecida e importante da historia e não é pequeno defeito de um dos nossos melhores deste genero o não poder deprehender-se nem da leitura, nem dos nomes, nem dos costumes, a época em que se passa a acção, nem a nação a que pertencem os heroes.

O primeiro poema que conhecemos deste genero, em tempo, e talvez em merecimento, é o Oberon de Wielland; seria mui difficultoso achar poema, em que todas as côres do estylo, desde o sublime até ao burlesco, desde o pathetico mais violento até á moral mais severa, se encontrem tão destramente enlaçadas, é um orgão, em cujos sons se confundem ás vozes de todos os instrumentos! A poesia de Wielland é um casto painel em que as scenas, e aventuras de toda a especie se grupam natural e chistosamente, se desenham com primor, e se animam com o mais vivo colorido! Onde ha ahi quadro que iguale aquelle em que o filho de Carlos Magno é apresentado subitamente ao pae, em umas andas, morto, alagado em

sangue, no meio da vozearia dos seus amigos que pedem vingança, e accusam o duque de Bourdaux de o haver morto á traição? Com que dignidade senão defende o heroe invocando os foros de cavalleiro, e quando o imperador o desatende, como todos os pares e cavalleiros se levantam, e desembainhando as espadas, lhe fazem muralhas de seus peitos, promptos a rebater os homens d'armas do imperador, e protestando contra o atropellamento dos privilegios, e indemnidades da cavallaria; ao passo que o abbade de S. Diniz florea no ar o escapulario, e ameaça a todos com a escommunhão do papa! Não é esta uma viva pintura dos costumes feudaes?

Póde imaginar-se uma scena mais pathetica que aquella em que o bom velho Scherasmin, em uma caverna do Libano, no seio de uma noite tempestuosa, á luz de uma fogueira, vendo desarmar-se o cavalleiro que hospedára, reconhece nelle as feições de seu amo, o duque Sevin, e certo de que tem presente o filho daquelle heroe, se prostra chorando aos seus pés, e promette segui-lo em todo o tempo, e em todo o risco.

É digna do pincel de Calot a pintura em que as duas procissões, frades, e freiras, velhos e moços, se travam das mãos, e começam a passar quartas e oitavas, e a fazer *rabos de gato*, ao som da corneta de Oberon, até cahirem por terra uns em cima dos outros, sem folego, e alagados em suor!

Não tem igual a scena em que o cavalleiro apresentando-se no meio da côrte de Bagdad, na sala em que o sultão está á mesa, faz saltar de um golpe a cabeça do destinado genro do monarcha, que está a um dos seus lados, beija a princeza que está do outro, e com imperturbavel sangue frio lhe pede da parte do imperador dos francos um punhado de suas barbas, e dois ou tres dos seus dentes queixaes! O sultão braveja, e com toda a razão, com similhante insolencia, os emires, os soldados, e os cortesãos tiram os alfanges, remettem com o heroe, que se defende valerosamente, e por fim recorre á corneta de Oberon, a cujo som sultão, odaliscas, emires, eunucos, escravos, escravas, tudo dança indistinctamente, e como o cavalleiro reforça o toque para que o genio lhe accuda, toda a cidade de Bagdad dança até cahir sem alentos; no emtanto Oberon transporta no seu carro Hugo, Resia, Fatima, Scherasmin, e vae larga-los nas praias de Ascalon.

Que ha ahi que possa igualar-se á pintura dos amores de Amanda? Que mistura de ternura, e de innocencia! De pudor e de volupia!.. De graça e de constancia!.... Na ilha deserta, no harem africano, em poder dos piratas ella se não desmente um momento, e o expôr do vicio parece que foge diante della, que voluptuosidade, que perfume oriental quando Almansa recebe no seu quarto debaixo do nome do jardineiro Hassan, o duque que alli espera encontrar Amanda!.. Como uma desprende todos os encantos da seducção, ao passo que a outra attonita, não falla por muito tempo, e por fim revestindo-se de constancia desengana a lasciva odalisca!.... Como esta coberta de confusão lança um véu sobre o rosto, e acha a sala estreita para fugir!.... Junte-se a tudo isto um estylo pictoresco; uma profusão de poesia, de comparações excellentes, e uma versificação sempre harmoniosa, e diga-se então se Oberon não é a obra prima do poema romance!

Depois do Oberon de Wielland talvez o primeiro logar neste genero caiba aos poemas de Walter Scott, e com especialidade o Canto do ultimo ministrel, a Dama do lago, e a Mathilde. Marmion, e o Lord das ilhas não as considero producções tão acabadas, nem tão interessantes, são mui gabados os prologos de Marmion, e eu sem negar a sua belleza poetica, achei-os demasiado longos, o que faz com que a narração fique muito interrompida.

O grande merito deste poeta me parece consistir especialmente no colorido local, na verdade e força dos caracteres, no espirito patriotico, que anima as suas composições, e sobretudo no arteficio em que nos familiarisa com os seus heroes, fazendo que logo no começo do poema nos pareça que os conhecemos ha muito, e que com elles temos largamente convivido, e este merito é mui raro mesmo entre os nossos poetas!

Alguns lhe preferem lord Biron; não querendo disputar com seus numerosos apaixonados nem negar o seu grande talento, nem dar a minha opinião como regra, não tenho duvida em declarar que prefiro a poesia de lord Biron á de Walter Scott, e os poemas de Walter Scott aos de lord Biron.

Fallando em geral os poemas deste ultimo me parecem composições de rapaz, brilhantes pelas bellezas do estylo, força, e colorido, mas peccando pela architectura, e unidades da fabula; Child Harold, podia ser um excellente poema, mas o poeta depois de haver estabelecido, e caracterisado um heroe, e excitado com elle o interesse, abandona-o logo, e começa a fallar em seu nome, e o poema de romantico torna-se descriptivo, porque a poesia descriptiva, e as reflexões philosophicas são o escolho de lord Biron.

O Giaour, é outra prova evidente de que o auctor tinha tanta facilidade em crear situações, como difficuldade em liga-las, e reduzi-las a um todo. Que vemos no Giaour? Quadros sem ligação, nem relação uns com os outros, e em que é preciso ler, e advinhar!

Mazzeppa, e Beppo, são mais dois contos, daquelles que os allemães chamam *Erzeleng*, que dois romances, são dois quadros simples, em que o poeta estava no seuelemento, que era descrever, e pintar.

Lara é o mais bem composto de todos os poemas romances de Biron, o mesmo póde dizer-se da Ilha deserta, e do Corsario, posto que uma analyse severa tenha bastante que notar nelle ácêrca da verosimilhança de alguns meios alli empregados.

D. João seria o melhor poema de lord Biron se estivesse acabado, e ainda assim ha algumas quebras no fio das idéas, e é crivel que elle o abandonasse por impossibilidade de inventar aventuras com que o conduzisse ao fim a imaginação vulcanica do auctor, a sua volubilidade, e inconstancia natural o tornaram pouco apto para a attenção seguida que exige uma fabula complexa, e uma composição regular, daqui o seu modo de compôr por trechos destacados, e publicados sem seguimento, daqui as contradicções entre os differentes membros dos seus escriptos, e as desigualdades de caracter nos seus heroes.

Lord Biron tinha viajado muito, porém era melhor observador da natureza physica, que da moral, e por isso as suas pinturas locaes são mais verdadeiras, e vivas, que as dos costumes em que nos parece inferior não só a Walter Scott, mas aos allemães, que nesse genero nada deixam a desejar. Finalmente estou bem certo que lord Biron será sempre considerado como um dos maiores genios da Grã Bertanha, mas tambem julgo que com o andar do tempo elle perderá muito na estima publica.

Em nossa lingua existem alguns poemas deste genero, mas qualquer que seja a nossa opinião a respeito do seu merecimento, nos guardaremos bem de emiti-la, porque os seus auctores são vivos, e não queremos passar por zoilos, nem por aduladores.

Os francezes tambem possuem alguns, e dos que chegaram ao nosso conhecimento temos pelo melhor o *Geofroi Rudel de Lantier*.

Na lingua italiana só conhecemos a Ildegonda, e Ulric e Lidia, o primeiro em quatro cantos, e o segundo em seis cantos, de Grossi, o auctor do poema epico *I Lombardi alla prima crociata*, obra a que não falta merecimento poetico, mas que não póde considerar-se como de primeira ordem.

Os *Profugos de Parga*, poema em tres cantos, de Berchit, *Uma noute de Dante*, poema em quatro cantos, de Marcheti, a *Pia*, poema em tres cantos, de Sestini, *L'Esule*, poema em quinze cantos, de Giannorse, escriptos, em que a cada passo se encontra aquella rica imaginação, aquella louçania de estylo, e doçura de metro, que são caracteristicas da poesia italiana. Talvez haja muitos mais poemas deste genero na Italia, mas o estudo da lingua, e da litteratura de Lacio anda desgraçadamente tão descuidada entre nós, é tal em Lisboa a escacez dos seus livros, que não admira, que apesar de muitas diligencias para formar uma boa collecção de poetas italianos antigos, e modernos, mandando buscar as suas obras a Italia, e á França, não tenhamos podido alcançar conhecimento de muitos dos seus poetas modernos, posto que não ignoremos que ha muitos de merecimento distincto, e que por isso não possamos fazer menção de muitos outros poemas deste genero.



ELLA!

A * * *

Oh! laissez moi toute ma vie
T'offrir mon culte ou mon amour!
Lamartine.

Ô anjo dos meus amores
É lindo como uma estrella,
Tão lindo e tão formoso
Como... como a virgem bella!

Tem azues os bellos olhos,
Tem labios de carmim:
Não é mais formosa a face,
A face de um cherubim!

Tem no rosto linda rosa,
Linda rosa toda amores:
Feliz! no peito não tem
Tristuras, magoas, e dôres.

Nos beiços tem um sorriso,
Sorriso todo doçura;
Beijo que delles pendeu
Não foi nunca o d'amargura.

—

Mas não é aquella rosa,
A rosa dos meus amores;
Para outrem diz esp'rança,
Para mim só negras dôres!

Brilhou aquelle sorriso
N'outros labios que não meus:
Uma esp'rança accordou
Esse rir dos beiços teus!

P'ra outrem se riram elles
Os teus beiços de carmim,
P'ra outrem, aventurado,
Que não... que não para mim.

A rosa dos teus amores
Colheu-a alguem que não eu:
Eu só colhi os espinhos,
Só provei despreso teu!

Anjo! mulher — és tão linda
Assim na terra a sorrir:
É teu rosto, rosto d'anjo
Por entre os céus a florir.

—

Vem, meu anjo, vem commigo,
Dá-me um só sorriso teu,
Que mate esta viva dôr,
Que minh'alma já bebeu,
Dá-me um só beijo, meu anjo
Meu anjo, que és todo meu!

Mas não quiz — volveu-me o rosto,
Um suspiro desprendeu,
Um ecco elle accordou
N'outro peito que não meu!
E eu, quedei-me triste, só,
C'os olhos fictos no céu!

Lisboa — 1846.

J. CARLOS MASSA.

ENIGMAS PITTORESCOS.



Na pag. 88 do antecedente numero, na poesia — *ainda outros olhos* — quadra 3.ª verso 2.º, onde está

Os bem olhos que eu vi!

deve ser

Os bellos olhos que eu vi!

LISBOA, 11 DE SETEMBRO.

A novidade mais importante d'esta semana, no genero agradavel, é a representação da *Adelaide* no theatro de D. Maria 2.ª É uma peça que tem produzido um sincero enthusiasmo — e que o merece. Realmente o genio dramatico, as prescripções artisticas, os rasgos de poesia, não são o que constituem o merito desta peça; mas tem scenas familiares de todo o ponto bellas e exactas, é em extremo moralmente instructiva para certa classe da sociedade, muito popular, e satisfactoria em seu desfecho. Taes predicados, quando se reunem a uma boa execução, produzem sempre um bom exito. É o que acontece com *Adelaide* que o publico tem constantemente applaudido.

Aqui ficaria eu, se uma artista que já ha muito merece e attrahe incessantemente as sympathias do publico, não se fizesse digna de mui especial menção tractando-se desta peça. A sr.ª Emilia, em toda ella acredora d'elogio, é particularmente admiravel na bella scena com seu marido no 2.º quadro, no final do 4.º, e ainda, e muito, no modo profundamente sentido com que no 5.º quadro diz a seu marido aquellas palavras 'Ah! Bertrand! Se tambem tu desconfias de mim então está tudo acabado!... Olha que perdes mulher e filho!' O effeito da expressão com que isto é dito n'uma situação interessante, arrancou á plateia uma trovoada de palmas. E eu folgo com esta prova da intelligencia da plateia: é preciso que isto assim aconteça, para o artista se possuir bem do que diz, e procurar dizê-lo com acerto.

A quadra parece que é dos dramas moralisadores. — Bem vinda ella seja! No theatro do Gymnasio dá-se uma peça de dois actos, muito simples; mas na verdade de grande lição moral. O publico applaudiu, porque o publico gosta que o instruam nos seus deveres; mas hade ser sem esse alarde de superioridade que o indispõe com o pedagogo que lhe quer embutir as maximas palavrosamente, em vez de lh'as exemplificar; por isso os preceitos moraes do theatro calam mais e melhor no coração; por isso daqui nasceu aquella opinião — que nem todos querem acreditar mas em que todos deviam crer — que o theatro é a *escóla dos costumes*.

Basta porém hoje de theatros. E basta tambem de chronica, que para as escrever no nosso paiz não se precisa só da penna de Thiers e da imparcialidade de Epaminondas, carece-se sobretudo de *paciencia*, e era necessario ainda morar lá em cima, bem alto, n'um balão, n'um vapôr aerostatico, vulgo *passarola*, onde se podesse escapar aos tiros da malevolencia, que choveriam de toda a parte onde não chegasse bem refinado o nauseabundo cheiro de um thuribulo bem sordido... Ora eu que não sou Thiers, nem Epaminondas, nem mr. Henson, nem Achilles, nem sachristão, nem donato (apage! que nunca o quiz ser)! que poderia dizer do mais que vae por esse mundo? Havia bastante e bastante de que fallar... Mas não posso fallar de mais nada de certo; e isto mesmo que digo de theatros é porque é em bem, senão... vinha sobre mim um bastidor, de cutello, que me enterrava pelo buraco do ponto abaixo, como o publico vae enterrando as farças no theatro de D. Maria 2.ª

UMA TROVOADA.

(Continuado de pag. 90).

Madame Leurtal dirige-se então á porta e abre-a: um mancebo se apresenta, o qual, comprimentando-a com uma especie de acanhamento, lhe diz:

— Madame de Leurtal, está em casa?

— Sim, senhor, sou eu mesma.

O mancebo, sem responder, entrega-lhe uma carta aberta; e madame de Leurtal, acceitando-a, lê o que se segue:

Madame

«Cartas de summa importancia, que acabo de receber, relativas aos negocios de mr. Dallois, me obrigam a meu pesar, a demorar-me em París, ao menos ainda por tres horas: este motivo deve-me servir de desculpa, de não ter a honra de acompanhar-vos hoje a Saint-Germain. Encarreguei este cuidado a mr. Anselmo Feron, que é um dos nossos caixeiros e que tambem vâe a Saint-Germain, a fim de participar a mr. Dallois, o contheudo das ditas cartas. De certo elle terá muito gosto de servir-vos de companhia; e preencherá sem dúvida este encargo muito melhor do que um gebo de um velho como eu, que não tem tempo a perder para ter em ordem o seu escriptorio e os seus livros de partidas dobradas.

Tenho a honra de me assignar vosso

att.º ven.ᵈᵒʳ e obg.ᵈᵒ

p. p.

Luiz Cambet.»

Amelia reconhece a letra e a assignatura de mr. Cambet, porque este lhe enviava pontualmente todos os trimestres o juro dos fundos, que ella tinha em poder de mr. Dallois. Notou porém, que mr. Cambet, esquecendo-se, nesta occasião, que escrevia por seu motu proprio, tinha conservado á sua assignatura os significativos p. p. (por procuração) que attestavam ao mundo commercial a illimitada confiança, que fazia delle o seu patrão.

Depois de ler a carta, Amelia, olhou para o mancebo, e lembrou-se de o ter visto uma ou duas vezes em casa de mr. Dallois, nas reuniões que este dava: lembrou-se tambem que dançava muito bem; e que tinha sido assiduo nas contradanças em que ella entrára.

Foi então, sómente, que Amelia notou, que este mr. Anselmo Feron, de quem acabava de saber o nome, era um rapaz de bella figura, muito bem parecido e cujos olhos tinham uma graça sympathica.

E na verdade estes olhos pretos e aveludados cobertos de longas palpebras guarnecidas de compridas pestanas, tinham uma expressão tão doce e melancolica, que faziam singular contraste com a ousadia da sua physionomia e com a robustez e elegancia do seu corpo. O seu porte grave, as suas feições bellas e bem pronunciadas, mostravam ter trinta annos; mas os seus olhos timidos e sempre baixos indicavam apenas dezoito; tinha porém vinte e cinco.

Anselmo, conservou-se no limiar da porta, em quanto Amelia leu a carta de mr. Cambet; e não se tirou d'esta posição, senão quando ella acabando de a ler, lhe fez signal de entrar, dizendo-lhe:

— 'Peço-vos, senhor, que me perdoeis fazer-vos esperar tanto tempo; mas passou-me inteiramente da idéa que a minha criada tinha sahido e que me achava só em casa.'

Mr. Feron, limitou-se a responder com uma simples inclinação de cabeça, e foi seguindo em silencio madame de Leurtal até á sala, onde ambos entraram.

Amelia, passou então ao seu quarto: poz um mantilette de filó preto e o chapéu; mas, no momento em que acabava de calçar as luvas e de pegar no chapelinho de sol, o dia escureceu repentinamente. Uma dessas trovoadas que voam pelo horisonte, cobriu a atmosphera de nuvens negras e medonhas; e em menos de dois minutos, o raio brilhou, o trovão estallou horrivelmente e a chuva cahia a cantaros.

Amelia, entrou na sala onde tinha deixado mr. Feron, e dirigindo-se a uma janella contemplou attentamente a atmosphera.

— 'É impossivel partir com similhante tempo, disse ella.'

— 'De certo, minha senhora, respondeu mr. Feron com embaraço, e ainda mais pela difficuldade que ha agora de se achar uma sege na praça; pois acabam de ser alugadas pelos amadores do passeio; e o peior é ser tão longe daqui ao caminho de ferro.'

— 'Ah! isso não me serviria de obstaculo; porque gósto de andar a pé; mas com este tempo é impraticavel.'

— 'Parece-me, que a trovoada como é muito forte, deve passar depressa; e dentro de vinte minutos talvez, poderemos partir.'

— 'Pois esperemos.'

O mancebo inclinou-se.

— 'Então, queira sentar-se.'

Anselmo, sentou-se a um lado da sala, e madame de Leurtal no outro; aquelle de chapéu e bengala na mão, e esta de chapelinho de sol, luvas, embrulhada no seu mantilette, prompta a levantar-se ao primeiro signal que o tempo fizesse de esteiar; mas bastante acanhada tambem e por ventura pouco disposta a encetar a conversação.

Anselmo, entretinha-se a seguir com a ponteira da sua bengala o desenho caprichoso do tapete, em quanto madame de Leurtal, endireitava cuidadosamente as prégas do seu chapelinho de sol debaixo do annel de marfim que as apertava.

Este silencio tornava-se insuportavel a ambos; quando Amelia, considerou, que sendo a dona da casa era a ella que pertencia rompê-lo; olhou por tanto para mr. Feron e disse:

— 'É natural que o senhor já tenha ido á quinta de mr. Dallois?'

— 'Sim, minha senhora. Mr. Dallois, tem a bondade de me convidar a ir lá jantar todos os domingos.'

— 'Hade ser, sem dúvida, uma bellissima vivenda?'

— 'É uma maravilha, minha senhora.'

— 'Se mr. Dallois, é tão rico!'

— 'E é tambem um homem de bom gosto. Não é só o luxo da sua quinta e casa que me agrada; é a ordem, e o apuro com que todas as cousas estão dispostas: parece mais a quinta e casa de um rico artista, do que de um banqueiro.'

— 'Gosta das bellas artes, o senhor?'

— 'Muito, minha senhora, e dedico-me ao seu estudo, quando os meus trabalhos do escriptorio m'o permittem.'

O silencio restabeleceu-se de novo, e durante elle uma idéa veio á mente de madame de Leurtal; cuja consequencia, foi ella dizer a mr. Feron:

— 'Ora, diga-me, como vae todos os domingos á quinta de mr. Dallois, deve conhecer as pessoas que de ordinario frequentam a sua casa, quando elle lá está?'

— 'São as mesmas pessoas, de sua intima amizade, que é mui natural que madame tenha visto na sua casa em París.'

— 'Então não se visita com ninguem em Saint-Germain?'

— 'A não ser com mr. e madame Dauby, cujo filho está empregado comigo no seu escriptorio, não me recordo.....'

— 'Pois são os unicos?'

— 'Ah! agora me lembra, que ha tambem um tal mr. de Fortis.'

— 'Mr. de Fortis, disse Amelia com viveza, que qualidade de homem é?'

— 'Creio que é um homem de bem, de proposito.....'

— 'Não é já rapaz?'

— 'De certo, que não, minha senhora, é um homem dos seus cincoenta annos; mas muito bem conservado ainda, porque tem grande cuidado em si.'

— 'Será por ventura, um desses homens pre-

sumidos e namoradores, desses que macaqueiam as modas dos rapazes?'

—'Pelo contrario, minha senhora, nada d'isso é: acho-o um homem muito de bem como disse; tem certas manias porém?....'

—'Que quer dizer? que tem o quer que é de ridiculo?'

—'Não me atrevo a dizer tanto, minha senhora, a respeito de um velho.'

—'Um velho? Pois um homem de cincoenta annos, disse Amelia com intenção, é velho?'

Anselmo, lançou a furto uma vista d'olhos sobre o retrato de mr. de Leurtal, e disse sorrindo-se:

—'Bem conheço, minha senhora, que mr. de Fortis não é velho pela sua idade, mas parece-o pelos seus habitos; porque, um homem que se deita e levanta regularmente ás mesmas horas; que pelo receio de ter indigestões guarda uma dieta rigorosa; escolhendo primeiro os alimentos, que o não possam estimular; que a cada momento repara no gráu de calor do seu quarto, para o conservar n'uma temperatura suave; que jámais deixa o seu paletot d'abafar, para não se constipar; que anda munido de um barrete de sêda para pôr na cabeça, assim que entra em qualquer casa; e que de inverno nunca se chega para o fogo com medo que o calor lhe faça subir o sangue á cabeça; o que é isto senão parecer velho pelo seu modo de viver?'

—'Mas esse retrato que me acabais de fazer é de um homem muito ridiculo?'

—'Não, minha senhora, porque estes ridiculos costumes, são defendidos por um espirito penetrante, e o mais mordaz que eu conheço.'

—'Ent[illegible] é homem de espirito?' disse Amelia, com viveza.

—'Em toda a força da expressão, minha senhora, porque, sem opiniões politicas, sem predileção pela litteratura, nem fé nas paixões, mr. de Fortis, é um homem que julga severamente, direi melhor, sem caridade, todas as pessoas e todas as cousas. Tendo contrahido na sociedade um habito de insensibilidade, que parece ter-lhe abafado n'alma todas as illusões mais caras possue ao mesmo tempo uma linguagem terrivel de que usa para exprimir os seus juizos. Desgraçado daquelle que lhe cahe nas unhas, pois não perdoa até mesmo áquellas pessoas que o não offenderam nunca. Não obstante, qualquer observação feita por elle, torna-se muitas vezes uma anecdota interessante. Ora, faz hoje oito dias, que andando nós passeiando na quinta, entrou uma senhora de meia idade, ainda muito bem parecida, pelo braço de um bonito rapaz. Perguntou-nos mr. de Fortis, quem julgavamos nós que fossem aquellas duas pessoas; dissemos-lhe, que nos pareciam ser mãe e filho; mas elle depois de os observar, disse-nos, que de certo se não enganava em julgar que eram, ella uma rica ingleza, e elle o seu cavalheiro. Apostou que o lindo trem, em que tinham vindo pertencia á ingleza velha; que esta acabava de saldar a conta, que este galante mancebo fizera no seu alfaiate, e que a linda bengala que elle trazia, cujo castão era ornado de famosos diamantes, tinham pertencido a algum antigo aderêço, que esta senhora desempenhára de casa de Thomassin, para presentear com ella este mancebo; ajuntando finalmente todas as consequencias, que esta supposição lhe tinha feito nascer: o mais curioso porém, é que depois se veio no conhecimento, que elle adivinhára tudo exactamente.'

—'É com effeito bem habil, o tal mr. de Fortis! Com que então, no seu conceito, não póde uma senhora acceitar o braço de um homem, sem se comprometter?'

—'Creio que não chega a tanto, minha senhora. Mas, o sol vae descobrindo, estou prompto..... quando quizer.....'

—'Faça-me antes o favor de vêr se apparece alguma sege?'

—'Com todo o gôsto. Mas como d'aqui não vejo nenhuma, e como gosta de andar a pé.....'

—'Sim; mas agora prefiro antes esperar que chegue alguma sege.'

(Continúa).

O ODIO SAGRADO.

Assim como um ouvido delicado se offende com a discordancia dos sons, assim as almas nobres e generosas se irritam com o aspecto do crime e da injustiça, porque tudo o que quebra a harmonia moral se torna insoffrivel para ellas. O homem sensivel e bom derrama piedosas lagrimas sobre as afflições dos povos: o homem magnanimo e altivo cobre o rosto com a indignação da virtude, e sente abrazar-se-lhe o coração generoso com a ira nobre e patriotica.

> É mais féra a virtude estimulada,
> Qual pedra d'afiar a aguça a ira.

Este odio sagrado, esta bilis generosa, são os mais bellos signaes da grandeza d'alma, e da elevação do genio. A iniquidade, os excessos, e a intolerancia da tyrannia despertaram os talentos e eloquencia dos escriptores, e dictaram suas ardentes paginas. As intrigas, as perfidias, e a diplomacia de Filippe, os vicios, e a audacia criminosa de Catilina, inspiraram as obras primas de Demosthenes, e Cicero. Juvenal indignado contra a baixeza dos seus tempos, e a iniquidade do regimen dos ultimos Cezares, temperou os seus versos na indignação. Vê-se em Tacito uma generosa piedade dos opprimidos, e a tinta escura e sombria de uma tristeza sublime, á vista da abjecção universal. Como a santa humanidade o abrasa! Que horridos relampagos dispara na alma dos tyrannos! Voltaire tinha um accesso de febre todos os anniversarios da noite de S. Bartholomeu! Aquella febre da virtude, aquella nobre indignação, foram as musas que lhe inspiraram a Henriada. Ellas tinham dictado o poema de Dante, e a Camões as suas sanguinolentas invectivas contra a corrupção dos seus contemporaneos. As grandes e nobres acções, as sublimes revoluções dos povos, tiraram a sua origem e vigor de um resentimento justo e profundo, da vingança da propria honra, e da excelsa indignação contra algum delicto atroz.

Roma levantou-se, e se fez livre, quando quiz vingar as injurias de Virginio, e de Collatino. Enviaram-se ás tribus de Israel as ensanguentadas postas da mulher que morreu por desenfreada violação, e todas as tribus indignadas tomaram as armas para destruir a Benjamin. O infeliz Corradino lançou a sua luva ao povo clamando

> Exoriare aliquis nostris de ossibus ultor.

Estas foram as ultimas palavras que pronunciou sobre o cadafalso, em que morreu; mas aquella luva foi levantada, jurou-se vingança, e a justiça e a ira ficaram reconcentradas nas almas, até as vesporas sicilianas punirem as violencias e as indignidades commettidas pelos francezes. Em 1740 um marinheiro velho, por nome Jenkins, apresentou-se no parlamento britannico com a cara toda golpeada, e com a eloquencia singela do seu caracter, e da sua profissão, disse desta maneira: «Eu exercia um commercio licito na costa de Caracas; os hespanhoes captivaram-me, despojaram-me, e metteram-me em escuro calabouço. Conduziram-me depois á presença dos seus juizes, e como vêdes me cortaram o nariz, e as orelhas. Eu tive então a morte diante dos olhos, a todo o instante a esperava, e naquella situação terrivel recommendava a minha alma a Deus, e á minha patria a minha vingança.»

Um grito unanime de indignação se ergueu na assembléa dos representantes da nação: o povo ás portas do parlamento gritava guerra, e a gnerra foi logo declarada a Hespanha. Não foi o amor da gloria, não foi o desejo de conquistar quem fez tão grande e terrivel o filho de Amilcar: foi o seu odio vehemente que o accendeu toda a vida contra os tyrannos do mundo: foi o seu feroz juramento de ser sempre inimigo de Roma, que o pai lhe fez pronunciar sobre os altares da patria.

Nos tempos de corrupção e decadencia, em quanto Demosthenes troava com a eloquencia do patriotismo e da virtude, Demades, e outros oradores infames, insensiveis aos perigos da Grecia, e ás tramas artificiosas do rei de Macedonia para minar a sua liberdade, aconselhavam os athenienses que grangeassem a amisade do rei, e por um espirito faccioso, por uma indigna depravação, paralysavam os esforços generosos, e apagavam as virtudes antigas dos descendentes de Melciades, e de Aristides.

Os homens que abrigam sentimentos magnanimos, e o santo amor da patria, devem escrever com letras de sangue e de fogo, as atrozes offensas feitas á sua honra, á sua liberdade, e aos seus direitos sagrados. Carthon, famoso guerreiro das poeticas historias da Caledonia, dizia angustiado e feroz, pensando na sua patria destruida, e derramando lagrimas amargas sobre as ruinas de Bateluta.

> Misero! Inda minino, eu não sabia
> Porque acerbo motivo os muitos olhos
> Das donzellas e esposas se innundavam
> Do mais sentido pranto; e se alegrava
> A minha vista ao vêr altas columnas
> Denegridas de fumo, que surgiam
> No alto dos muros abatidos! Ledo
> Eu muitas vezes para traz volvia,
> Ao passo que vencidos e dispersos
> Para os montes fugiam meus amigos.
> Porém ao vir da adolescencia o tempo,
> Quando vi revestindo o verde musgo
> Desmoronados muros, meus suspiros
> Co'a manhã, e co'a noite retumbavam,
> E destes olhos lagrimas amargas
> Abundantes corriam! «Ah! (bradava)
> «Não heide um dia combater co's filhos
> «Dos inimigos meus! Tomar vingança
> «Da incendiada patria? Sim! Batalha!
> «Cantor, batalha eu quero!

Roma não teria avassalado o mundo, se os reis e as nações tivessem sabido encher-se de um odio feroz! Mas ficaram estupidos e frios, em quanto ella artificiosa proseguia na marcha feliz das suas systematicas violencias. No meio do diluvio de desventuras, e vergonhas, no meio da estupida paciencia das nações, sómente se levanta o colosso de Annibal, circumdado das homenagens do Universo, e do respeito daquella mesma Roma, que só julgou existir segura quando terminada a existencia daquelle grande homem! Elle só foi uma potencia no meio daquelle Universo, onde não existia mais que a potencia dispotica dos ferozes filhos de Quirino.

Isto foi porque o guerreiro Punico sabia ter odio: sabia que força dá ao coração que elle domina aquelle odio, que se alimenta de recordações, e em que o homem de genio reforça e tempera os seus pensamentos sublimes. Estes grandes e poderosos odios não se levantam por pequenos objectos: só o amor da patria, e a santa humanidade, os criam e exaltam, e podem torna-los eternos. Quando um cidadão generoso vê sujeitar a republica onde viveram os seus pais, quando um subdito leal vê affrontar o seu rei, quando ainda mais infeliz vê a sua patria não só opprimida, mas calcada aos pés por um usurpador, ou pela influencia tyrannica de uma nação estrangeira, é então que um coração magnanimo se franquea ao odio, e o odio lhe revela a sua força, e o faz gosar das suas perennes consolações. Vive-se então porque se odea, porque nos anima a esperança da vingança; mas quer-se uma ira profunda, acompanhada de paciencia sabia, e feroz, de habil providencia, de astutas combinações, e seguras, envolvidas no silencio e na energia dos que sabem descortinar o futuro, e collocando-se ao lado do Eterno, do Deus das vinganças justas, imitam a sua inflexivel justiça, reservando para o futuro o castigo dos réos, e os deixam só nesses delirios embriagar-se de sangue, e de triumphos,

> Como tudo cahiu, cahiram elles
> Pelo seu proprio pêso, e de seus vicios.

Cuidaes vós que serão eternos tantos governos oppressores, que tem esmagado a humanidade, roubado e dessolado os povos, e que só tractam de opprimir a liberdade? Não: tantas injurias, tantas oppressões, tantos rios de sangue innocente injustamente derramado, são materiaes que fermentam no coração dos povos, é um volcão que fermenta, ainda no centro da terra, mas quando chegue o tempo da erupção, que estragos que produzirá!

Sim, existem consolações sublimes, forças inconcebiveis, e remedios salutares no seio das maiores calamidades, mas quem não sabe odiar, não sabe descobri-los: só o odio se torna profetico, só elle trabalha n'um tempo, e gosa antecipadamente de mais venturoso futuro. Em quanto a multidão prostrada na ignominia se cobre de vergonha e de lodo, aquelle que sabe odiar vivamente, só, e taciturno no seu re-

tiro, prepara todos os seus meios: ou os espera de Deus, dos homens, dos furores cégos, das loucuras dos tyrannos, da desesperação dos povos, ou do seu excelso caracter. O trabalho dos conspiradores é como o do mineiro, avança tarde, não se vê, e chega ao seu termo quando menos se espera. O homem de genio conserva aquelle odio sagrado, aquella memoria implacavel, como lhe chamou Benjamin Constant, e diz combatendo, como o fero Solimão do poema de Tasso:

Veja o contrario a minha espadua agora,
E escarneça e murmure a fuga indina,
Té que de novo armado inda alguma hora,
Sua paz lhe perturbe peregrina.
Não cedo eu, não, que neste peito mora
Eternamente a dór da alta ruina,
E inimigo serei resuscitado,
Inda depois de em cinza trasformado.

Morre contente quando morre vingado, e morrendo diz, como o Mithridates de Racine:

Tenho o mundo vingado em quanto pude,
E só me embarga a morte esta alta empresa
Inimigo de Roma, e dos tyrannos,
Não soffri a ignominia do seu jugo,
E entre os que este odio assignalou contra elles,
Ninguem mais caro lhes vendeu triumphos,
E a seus arraiaes deu dias mais funestos,
O céu não permittiu que Roma em cinzas
Entre seus muros expirar me visse.
Mas moribundo me consola a idéa
De morrer rodeado de inimigos
Que meu braço immolou, de no seu sangue
Ter ensopado as mãos, e na hora extrema
Vêr ir fugindo as legiões romanas.

Ainda quando falta a força, e a audacia, permanece o odio aos opprimidos, e serve de assombro aos oppressores. *Oderint dum timeant*, dizia um tyranno; devia dizer:

Oportat ut multos timeat quem multi timent.

Certo monarcha tinha carregado uma provincia com tributos injustos e oppressivos. Os deputados della apresentaram-se aos pés do throno, e com supplicas, e com razões, tractaram de dissuadir o rei do seu funesto designio. «Quero que se cumpra a lei, respondeu elle asperamente, e vós que podereis fazer? Obedecer, e odiar, responderam os deputados. O monarcha revogou a lei.

MOSSAMEDES.



Mossamedes, ou, como lhe chamam os naturaes, Mossungo Bitoto (velha habitação) é, com razão, denominada pelos inglezes — little fish bay — pela abundancia de peixe de todas as qualidades que na sua bahia se encontra, e reune todas as circumstancias favoraveis, para ser um bello e util estabelecimento; tanto pelo bom e seguro ancoradouro, terreno fertil, e abundancia de aguas, potaveis e ferreas, como pelo excellente ar que alli se respira.

Consta que Mossamedes fôra já habitada pelos portuguezes em tempo do governador geral barão de Mossamedes, em 1784; mas é certo que nenhum vestigio existe da antiga povoação, a não ser uma pedra a que, por ironia, chamâmos Torre do Tombo, na qual se lêem as eras de 1668 e 1784, a primeira posta por viajantes inglezes, e a segunda pelos portuguezes. Em 1839 o sr. Antonio Joaquim Guimarães Junior, de companhia com Jacomo, negociante de Benguella, fundou a primeira feitoria, que pouco tempo durou, e só sete mezes depois começou a organisar-se o presidio, que successivamente tem augmentado — e que estaria muito mais augmentado, se não fosse o desleixo e negligencia de seus habitantes, e a falta de protecção que para com elles tem havido.

São os indigenas de Mossamedes, como os Corrulos e Girahulos, de nação Cubal [1]. — As mulheres tractam dos negocios domesticos, e cultivam os campos, plantando milho (pungo), feijão (ochipoque), mussango, abobora (etunga), e olúco, de que preparam uma bebida similhante ao nosso vinho, e na falta de colheita apanham a semente do capim (ambulo), que pisam em uma pedra, e della fazem a fuba (fungo). Todavia o leite constitue o seu principal sustento, e delle fazem a coalhada (engunde). Os homens apascentam o gado vaccum e lanigero, que possuem em abundancia, e que vendem por diminuto preço. — Por um lençol de baêta, e tres garrafas de aguardente, ou tres mil frocos se compra alli um boi.

Suas habitações são construidas em fórma de fôrno, cravando no terreno ramos de carrapateiro, que unem na parte superior, cobrindo-os de palha de milho ou de capim (ahore) amassado com bosta de boi, que os abriga das chuvas e feras, respirando-se dentro um ar impuro; nunca dormem sem fogo, que accendem pela fricção de dois páus de mocoio. — Commerceiam em fazendas, missangas, aguardente, polvora e armas, que trocam por marfim, cêra, gado, gomma, urzella, e pelles de animaes. O chefe, ou sóva, que nos fica mais proximo, chamava-se Menaquipóla; mas tendo-se baptisado, isto é, consentido que se lhe pozesse a ferro quente uma cruz no braço esquerdo, no tempo do governador geral Bressane Leite, se ficou por isso chamando D. José Bressane Leite; é mancebo de trinta annos, dotado de alguma intelligencia, e muito amigo de aguardente.

Os indigenas de Mossamedes não conhecem culto algum de religião, e só quando lhes falta a chuva, vão offertar bois ao ochinibanda (cirurgião) de Huila, para que a derrame sobre as suas sementeiras; o que conseguem por meio de ceremonias ridiculas. — Suas danças e divertimentos consistem em um pequeno numero de passos e voltas, sem graça alguma, acompanhadas de palmadas e gestos; sua musica unica é o tambaque, ou tronco de arvore ôco, coberto por uma pelle, em uma só extremidade. — Casam quando possuem tres bois e tres carneiros.

A morte é por elles olhada como motivo de pezar, e de alegria; carpem primeiro, e depois matam bois, que comem em festim, embrulhando o cadaver em uma das pelles, para ser sepultado. — O soba é enterrado dentro da sua habitação, que os parentes cobrem de capim novo, para que nunca mais seja habitada, e o sol não penetre dentro.

Suas armas consistem na zagaia, e no arco e frecha, de que se servem com extrema certeza e agilidade; envenenam as setas com o sumo ou succo da ochichiva, e éianga, e trazem nellas marcado com anneis de cobre o numero de inimigos que tem matado. Como todos os povos ignorantes, são muito supersticiosos; trazem por isso feitiços (milongo) para não serem feridos pelo ferro dos adversarios; estes feitiços consistem em um rabo de boi, cheio de folhas e raizes, preparadas pelo ochinibanda, mediante o preço de um certo numero de bois dos melhores.

Mossamedes seria já uma boa povoação senão fosse o desleixo, incuria, e avidez do ganho, de seus habitantes; tem um forno de tijolo, proximo á ponta do Girahulo, e um de cal proximo á fortaleza. — Alli se encontra, em abundancia, o sal mineral, gêsso, que eu mesmo fabriquei, uma pequena porção, a argilla, e madeira de construcção, no sitio dos Carpinteiros, que fica a duas leguas da povoação, nas margens do rio (ourocombo) que alli corre; o terreno é muito fertil, produzindo com pouco trabalho, couve, repolho, alface, trigo, cevada, ervilhas, tomates, feijão verde, cafereiro, algodoeiro, e quasi todas as fructas do reino; todavia muito me admirou não vêr plantada a mandioca, e o milho — da primeira se faz a farinha, principal alimento dos habitantes da provincia; é simples de preparar, mas leva nove a doze mezes a crescer: o milho, pelo contrario, dá duas vezes no anno, e é, abaixo do feijão e do trigo, o cereal mais nutriente e saudavel; que sustenta a provincia do Minho, a mais povoada e industriosa do reino, assim como toda a provincia de Minas Geraes no Brazil. Convinha pois animar, com preferencia, estas plantações, construindo-se moinhos ou atafonas, para o fabrico da farinha de que tanto carece a provincia.

A fortaleza de S. Fernando de Mossamedes está incompleta, e não tem fórma regular, seguindo-se na construcção as irregularidades do terreno; póde chamar-se um reducto, pois que é obra fechada, e tem defensa só de frente; não foi feita para evitar a entrada de barcos na bahia, e só sim para resistir aos gentios; tem pouco espaço interior, para alojar a guarnição, conter as boccas de fogo, munições, e o que o serviço dellas exigir; entretanto a posição foi bem escolhida, visto que está situada em terreno descoberto, que domina todos os arredores, até ao alcance das armas de fogo. A artilheria da fortaleza consiste em duas peças de calibre 1, de bronze; duas de calibre 6, de bronze; e uma caronada de calibre 12, que pertencia á escuna Amelia, que alli naufragou. O material desta arma está todo muito mal acondicionado.

Seria util mandar para Mossamedes um sacerdote e um cirurgião. Os missionarios inglezes reunem quasi sempre as duas qualificações, isto é, são simultaneamente padres, e formados em medicina.

Igualmente convinha seccar alguns pantanos provenientes do trasbordamento do rio no tempo das cheias, e evitar que a séca do peixe se fizesse na povoação, e principalmente sobre o tecto das palhoças.

Não tive tempo de examinar outros productos de Mossamedes; mas é certo que existem minas de ferro e de cobre, que muito vantajoso seria reconhecer e explorar. — Os gentios tiram de umas o ferro para as zagaias, e de outras os enfeites e adornos das mulheres, que consistem em pulseiras, axorcas, e outros signaes, caracteristicos de escravidão.

F. XAVIER LOPES.

[1] Estes apontamentos me subministraram os proprios indigenas, interrogados por um interprete. — São os interpretes negros do paiz, gente bruta, que sabem apenas da lingua portugueza os termos mais vulgares e usuaes. Vê-se pois que não posso affiançar a exactidão desta descripção: é por este motivo que muito convinha que os regulos, e em geral aquelles aos quaes pertence o governo, e administração da justiça, saibam a lingua do paiz em que estão, a fim de não confiarem a negros venaes as cousas que o bem publico ou particular exigiam que elles, para si só, inquirissem e soubessem.

BIBLIOGRAFIA.

D. Maria d'Alencastro — drama em 3 partes, pelo sr. José da Silva Mendes Leal Junior. 1 *vol. — Lisboa —* 1846.

Neste seculo que por nós vae passando, tão cercado de grandes acontecimentos, tão fortemente abalado por variadas e continuas commoções civis e politicas, que são um verdadeiro resultado importante do grande movimento social que entre nós se vae operando — neste seculo tão cortado de angustias, tão profundamente agitado pelos multiplicados e incessantes abalos das revoluções sociaes, porque todas as nações, ainda as mais illustradas, têem de passar; neste seculo de continuas acções e reacções, que são uma consequencia natural e necessaria dos grandes cataclysmos que imprimem no seio de um povo o signal da sua decadencia ou da sua elevação, da sua quéda ou do seu triumpho, da sua ruina ou da sua florescencia; neste seculo, dizemos, se as sciencias entre nós ainda agora começam de ser embaladas no berço da civilisação — se a nossa litteratura ainda se não revestiu de fórmas mais bellas e delicadas — se o nosso povo ainda não póde ou não sabe traduzir com verdade e singeleza os grandes e importantes factos da vida material e moral das nações civilisadas — se a illustração entre nós não chegou ainda ao grande auge a que um dia talvez tenha de chegar, nem por isso a arvore da litteratura dramatica tem deixado de florescer neste solo tão fertil em grandes engenhos, tão recheado de brilhantes recordações historicas, tão cheio de tão bellas tradições, e de tão ricas preciosidades litterarias como as que já avultam entre nós.

A França, a Inglaterra, e a Allemanha, que são hoje o campo vasto onde as artes, as sciencias e a litteratura se debatem á porfia, luctando arca por arca, tambem vacillaram algum dia, quando envolvidas nas profundas trevas da ignorancia, procuravam a todo o custo encontrar um sol brilhante e vivificador, que aluminado os povos e as intelligencias, dissipasse essas trévas, fazendo desterrar essa ignorancia para o cahos profundo d'um longo esquecimento.

A França mostra hoje em dia aos olhos do mundo civilisado um resultado importantissimo dos seus grandes trabalhos materiaes e moraes. — A Inglaterra expõe igualmente ás vistas indagadoras dos homens intelligentes os effeitos preciosos das tarefas e das fadigas de muitos annos. — A Allemanha sobretudo apresenta-se como mestra incansavel no estudo das artes, das sciencias, e de tudo quanto póde concorrer para estabelecer no seio das nações a verdadeira civilisação. Portugal acanhado e timido, ainda ha pouco deu o primeiro passo na estrada da illustração, ainda ha pouco procurou dominar pela intelligencia a ignorancia que o rodeava: e se a sua marcha não tem sido tão segura e tão rapida, se o seu caminhar não tem sido tão ligeiro e veloz, é isso por certo devido á falta de animação — á falta daquelle impulso importante e regenerador, que lançando as nações na torrente impetuosa dos grandes acontecimentos humanos, as arrasta ao seio da illustração — á falta sobretudo da verdadeira instrucção, sem a qual é indubitavelmente chimerica a felicidade dos povos, e a prosperidade das nações. Os paizes civilisados, taes como os que já mencionámos, concebem presentemente um pensamento importante, e immediatamente o arremessam ás turbas, porque têem a certeza de que elle hade ser devidamente analysado e comprehendido pelos povos. Entre nós não acontece assim, e as causas são as que já apontámos.

Porém nem a França, nem a Inglaterra, nem a Allemanha foram em outro tempo o que são hoje, nem Portugal hade ser daqui a alguns annos o mesmo paiz, tal qual presentemente o vêmos. Vivâmos ao menos nessa crença, que tão consoladora é ella para nós, que tão sinceramente presâmos o progresso e o aperfeiçoamento dos differentes ramos dos conhecimentos humanos.

Os caminhos de ferro, e outras muitas descobertas importantes foram na verdade um grande marco collocado na estrada da civilisação! Portugal ainda lá não chegou; porém temos fé viva em que ainda hade vir tempo em que os grandes movimentos sociaes venham imprimir no seio deste povo uma nova época de verdadeira regeneração artistica, scientifica e litteraria, em que a poderosa alavanca do progresso lhe venha mudar a face descorada e desbotada que hoje apresenta, substituindo-a pelo semblante risonho da prosperidade, que a cultura das artes, das sciencias, e das letras em geral traz necessariamente comsigo. E vivemos nesta tão lisongeira esperança, porque já hoje em dia avultam entre nós grandes engenhos, e grandes obras.

Acaba de sair dos prélos portuguezes mais uma obra de um auctor já bem conhecido pelos seus trabalhos dramaticos, e pelos seus muitos escriptos litterarios. *D. Maria d'Alencastro* é mais uma linda perola da coróa dramatica do sr. Mendes Leal Junior.

O drama que vive da acção, que se alimenta com ella, e quasi que só com ella, que é o espelho brilhante onde podem reflectir grandes virtudes, ou grandes crimes, grandes feitos gloriosos, ou grandes vicios, tem feito entre nós rapidos progressos, depois que o illustre auctor do *Auto de Gil Vicente* mostrou que a litteratura dramatica não era entre nós uma chimera — um mero sonho de phylosophos.

Não cabe nos estreitos limites de um jornal o fazer uma classificação das differentes escólas, que podem servir de modêlo a todo e qualquer auctor que concebe um pensamento, e o procura tornar realisavel por meio do drama ou da comedia. Por isso só diremos que o novo drama do sr. Mendes Leal Junior, parece-nos que não pertence nem á escóla *ultra romantica exaggerada*, que acabou entre nós — e com razão — nem á eschola propriamente romantica. É, segundo se nos figura, um meio termo entre estas duas escólas — feliz pelo pensamento que presidio á sua confecção, e muito mais feliz ainda pela habil imaginação que o traçou.

Não optaremos por nenhum dos muitos dramas que o sr. Mendes Leal Junior nos tem apresentado em tão curto espaço de tempo — é opinião essa que guardâmos para nós — porém parece-nos que é este um dos mais bem escriptos, olhado pelo lado do effeito. Não nos pinta, é verdade, a época em que o auctor faz passar o seu drama, o que todavia não julgâmos defeito, porém compensa-nos desta pequena falta no entender dos escrupulosos, um enredo bem dirigido — uma intriga delicada, e um dialogo animado, e geralmente muito bem cortado.

Em Antonio Conti (uma das figuras principaes do drama) temos o symbolo do vicio — a personificação da maldade. Máu ministro, procura esmagar com mão de ferro a felicidade de um povo forte e generoso; — homem de ruins intenções, exforça-se por semeiar a discordia e a intriga no seio de uma familia honesta — buscando seduzir a esposa casta e innocente, que só vê em Affonso Annes, o mercador (depois D. João d'Alencastro, o fidalgo) o unico alvo de todos os seus pensamentos — a unica estrella da sua vida — a unica rosa florida da sua existencia. D. Maria d'Alencastro é uma antithese perfeita do caracter de Antonio Conti. É a mulher, forte, altiva de amor e de crença, a depositar na mão d'um só homem toda a ventura da sua vida, — a repellir com horror as perfidas insinuações do máu ministro e do seductor infame, a empregar todos os meios possiveis para convencer seu infeliz esposo da innocencia da sua alma, da pureza do seu coração. D. João d'Alencastro é tambem um caracter grandioso; é o typo da virtude — é o symbolo de honra e de patriotismo. Em D. Antonio de Portugal vêmos tambem o mancebo voluvel, inconstante, que vive só para os prazeres, que só se alimenta com elles, — para quem as gallas, as louçanias, e os cantares de um festim são tudo, e a miseria, uma dór profunda, são nada. Laura é o retrato fiel da mulher vingativa: — padece, mas não se lamenta, — vinga-se sem que o espinho agudo do remorso pungente se lhe enterre bem fundo nos seios d'alma.

Todos estes cinco caracteres — que são os principaes do drama — estão perfeitamente bem sustentados. — O pincel do artista não os favoreceu: — deu-lhes as verdadeiras côres; pintou o vicio a par da virtude, a lucta continua — mas sempre verdadeira e natural — entre estas duas entidades, surgindo a final triumphante a virtude a dominar o vicio, como um rei domina os seus vassallos. — O poeta foi um verdadeiro interprete das paixões e dos vicios da sociedade: — apresentou-os taes quaes elles são, descarnados e soltos, sem as gallas que enfeitiçam, sem as louçanias que deslumbram. — O coração sente tudo aquillo que o poeta nos apresenta naquelle seu quadro tão sublime de poesia — os olhos vão até onde chega o coração.

Dâmos os nossos mui sinceros louvores ao illustre auctor dos *Dois Renegados*, d'*Auzenda*, do *Pagem d'Aljubarrota*, e de outras muitas preciosidades litterarias, pela apparição do seu drama *D. Maria d'Alencastro*, folgando ao mesmo tempo muito com a agradavel noticia de que o sr. Mendes Leal Junior tenciona publicar a collecção completa de todos os seus trabalhos dramaticos, que é na verdade um rico repertorio para o theatro, uma prova incontestavel dos seus muitos talentos, e um presente bem valioso a todos os sinceros amadores de tudo quanto é nacional.

Lisboa — 1.° de setembro, 1846.

J. CARLOS MASSA.

VARIEDADES.

— Os sinos foram inventados no anno 410 pelo bispo S. Paulino, na provincia de Campania. — Os primeiros que appareceram em França foram no anno de 550 sob Childeberto e Clotario 1.°

— A invenção dos orgãos pertence, segundo os chinas, ao seu imperador Hoang-Ti (2:601 annos antes de Jesus Christo). — O primeiro que appareceu em França foi enviado de Constantinopola em 757 pelo imperador Copronymo a Pepino, que o fez collocar na igreja de S. Cornelio em Compegne; porém não se tornou geral o seu uso nas igrejas senão pelo meado do seculo XIII.

— O primeiro inventor das cartas de marear de gráus iguaes e meridianos parallellos se julga commummente ser o infante D. Henrique, 3.° filho de D. João 1.°

— No anno de 1714 se principiou em Lisboa a deitar as náus ao mar, por o modo que agora se usa, e o que dantes era muito custoso.

— Os *omnibus* são uma reminiscencia do seculo XVII. Em 1650 no reinado de Luiz XIV, estabeleceram-se em Paris umas carruagens compridas, que podiam levar de 20 até 30 pessoas, pelo modico preço de 25 cent. (40 rs.) cada uma. Estas carruagens partiam a horas determinadas de um bairro para outro, em todas as direcções.

— Os foguetes de Congrève inventados na Inglaterra pelo engenheiro Guilherme Congrève, foram empregados pela primeira vez no ataque da esquadrilha franceza de Bolonha em 1801.

O CIUME.

Queres qu'o bardo cante ao som da lyra
Do ciume a raiva fera;
E o inferno que gera
No mais intimo do peito
Que se a paz nos rouba o socego tira?!

Queres qu'o bardo em horas de desdita
Vá d'amor carpir saudades?
E saudades amargosas
A longos tragos bebida
D'acre zelo na taça já maldita.

Ser mulher, ter amor..... e vêr perdida.....
D'existencia a illusão!
E trocado n'um momento,
Bem, e prazer no tormento,
Morrer-se-lhe a ventura a flór da vida!

Alma qu'amor só tinha ora vazia
Sem destino, e condição
Perder de tod'a razão
Perder tambem a alegria
E com magoas mirrar-se o coração!

Pód'o bardo cantar lectal veneno
Qu'infiltra n'alma raiva, desesp'rança?
Que faz descrer d'achar no céu bonança!?

Em peito femenil amor e ciume
São serpentes qu'enraivadas mordem
Com dorido pungir, e mal cruento.

Do coração a lide tormentosa
Em demonio tornou mulher formosa!
As vinganças são só seu alimento.

Infernal e cruel seu soffrimento;
E seu viver em raivas abrazado
Do veneno fatal acção damnosa
Quand'a vida acabou só tem findado.

Setembro, 8 — 1846.

AYRES PINTO DE SOUSA.

ENIGMAS PITTORESCOS.

EXPLICAÇÃO DO ULTIMO ENIGMA.

Quem não poupa reaes não junta cabedaes.



SUMMARIO.

CORRESPONDENCIA.

Duas correspondencias acabo de receber, e ambas relativas a assumptos anteriores á minha redacção. Uma dellas é sobre uma poesia intitulada o *Noviço*, a qual eu ignorava existir na imprensa; mas que hoje dou nesta folha. A outra, do sr. M. P. J. do Maranhão, é sobre objecto por ventura mais grave, e que será resolvido como intender o redactor proprietario deste jornal, a quem a esse respeito vou consultar.

LISBOA, 18 DE SETEMBRO.

Hoje é que não ha outro remedio senão tomar mais um bocadinho de tempo aos meus indulgentes leitores, contando-lhes algumas cousas que se passaram e outras que ainda se hãode passar. Heide principiar por uma noticia triste: parece-me assim mais prudente, porque antes quero que não leiam a minha chronica por começar á laia de carpideira, do que me digam mal d'ella por acabar de lamuria. Creio que não temos este anno theatro italiano. Isto é realmente um mal — um grande mal — para os egoistas porque lhes falta esse passatempo, e para os sentimentalistas porque lamentam com razão o desamparo a que ficam reduzidas centenares de familias que d'ahi tiravam a sua subsistencia. É um mal para a côrte, um grande mal para toda Lisboa, um mal ainda para o paiz inteiro, porque, perdoem-me os meus benevolos leitores das provincias, por mais que elles ralhem cá dos nossos theatros, e por mais duro que achem contribuirem para elles, quando temos o gosto de os vêr por aqui notâmos o enthusiasmo com que correm a aproveitar-se, do que maldizem quando não gosam. E por fim não é só um mal é tambem uma vergonha..... O que nos vale é o theatro do Gymnasio. Canta-se e dança-se alli em publica-fórma que é um pasmar. Hontem houve lá bem boa dóze de lyrica; arias e duettos, andou tudo a rodo. E depois, como está visinho de San'Carlos e é nos mesmos dias, o publico facilmente se vae enganando e acaba por se persuadir que tem realmente um theatro de musica! O publico é sempre bom de contentar, por isso é que lhe dizem, quando elle se amua, como diz a prima-dona do *Pae d'uma actriz* — 'Pois que se zangue'....'

Sem sahir desta especialidade — theatros — tenho uma noticia importante a dar. Trata-se nada menos do que de uma representação de *curiosos*, de uma obra meritoria, e de um drama excellente. Que tres estimulos tão bellos para a curiosidade. Hoje ninguem em Portugal ignora que temos um actor chamado Rosa, por signal que dava bem boas esperanças e que adoeceu bem infeliz e intempestivamente. É da sociedade do theatro de D. Maria II e por lá tem, ao menos na folha, os seus ordenados; mas o doente foi aos Pyrineus fazer uso de certas aguas, e o theatro mal lhe chegam suas receitas para *pagar os direitos d'auctor* — se elles são tantos e tão pontualmente indemnisados... — Como quer que seja, o caso é que o artista tem melhoras; mas não tem real: a nossa actual escacez de numerario reflectiu-lhe do banco ás algibeiras, elle quer voltar mas falta-lhe o dinheiro (o peior é que o não vem cá achar, não); e para acudir a esta vergonha nacional, lembraram-se algumas almas generosas de lhe promover um beneficio. Parece que isto terá logar brevemente no theatro da rua dos Condes, onde se representará o *Fr. Luiz de Sousa* por uma sociedade particular que já o executára com muito louvor. É uma obrigação de todos nós, os que presâmos a arte, pagar-lhe a homenagem da nossa concorrencia *productiva*.

Falla-se tambem n'outro beneficio no theatro de D. Maria II. Diz-se que é uma representação em hespanhol, dada por alguns *curiosos* emigrados a favor de seus compatricios. Aqui, são as boas leis da hospitalidade que exigem uma contribuição generosa da nossa parte a secundar tão meritoria acção.

Como tractâmos de beneficios e theatros cabe aqui inserir uma nota que a este respeito me é communicada:

«No theatro de D. Maria 2.ª sóbe pela vez primeira á scena, na noite de 26 do corrente, em beneficio do sr. Epifanio, o drama original 'Miguel Angelo.'

«Não me parece necessario recommendar ao publico nem o drama, porque o titulo está dizendo que elle não póde deixar de ser interessante pelo assumpto, nos sentimentos, e nos caracteres; nem o actor beneficiado, porque creio, que todos os que conhecem e apreciam os talentos artisticos do sr. Epifanio, não perderão occasião de dar-lhe mais um testemunho do favor que nos merece quem, como elle, chega a ser distincto na *mais difficil de todas as artes.*»

Emfim, excitantes á digestão dos nossos pintos ha muitos; mas o que não ha é coalha-los no estomago das nossas algibeiras. D'antes dizia-se: 'fogo vistes linguiça,' é um anexim que hoje se deveria substituir por estoutro: 'prata sentistes orelhas.'

Com uma escassez destas vejam como não havia de ser bem recebido, em casa de certo capitalista, um cavalheiro que se annunciava como vindo propôr um negocio de cincoenta por cento de ganho; segundo o nosso estimavel collega do *Jardim das damas*. O caso é que a potencia-monetaria desfez-se em obsequios, como era de razão, e quando veio o momento de fallar, o nosso homem expoz mui chãmente o seu negocio em duas palavras:

— 'Disseram-me que v. s.ª tinha uma filha solteira a quem dá vinte e quatro contos de dote; pois, senhor, eu caso com ella por metade, e v. s.ª fica ganhando cincoenta por cento.'

D'algumas sei eu que muitos quereriam até por trinta e tres e um terço.

A 'academia-philarmonica' abriu na noute de 12 as suas *soirées-musicaes*. O concurso foi pouco numeroso; mas o concerto muito agradavel: notaram-se duas peças executadas na rebeca pelo sr. Saint-Martin, o regente da orchestra da academia. O illustre *dilettanti* executou sempre com habilidade, e ás vezes com mimo e expressão, passos difficeis e delicados, com que muito abonou o seu bom gosto e a proficiencia que todos lhe reconhecem.

UMA TROVOADA.

(Continuado de pag. 94).

As observações de mr. de Fortis, intimidaram tanto Amelia, que um receio instinctivo se apossou do seu espirito, reflectindo nas consequencias, que lhe poderiam resultar, se atravessasse meio París de braço dado com um rapaz elegante; sobre o qual assentariam tão bem os commentarios que se fizessem.

Entretanto, tornaram-se a assentar, mr. Feron e Amelia; mas desta vez um defronte do outro.

E esse receio, que a tinha contido de sahir com mr. Feron não era só das observações pessoaes de mr. de Fortis; provinha tambem de que o caracter que este mancebo lhe attribuíra a elle, não fosse tão excepcional, que lhe não succedesse a ella encontrar, durante o transito ao caminho de ferro, alguns outros que vendo um rapaz galante acompanhar uma mulher bonita, fizessem supposições muito mais maliciosas ainda do que aquellas a que tinha dado logar a ingleza velha. Ora, se esses commentarios fossem feitos por pessoas, que a não conhecessem, sem duvida que lhe seriam indifferentes; mas Amelia, podia ser vista por alguns d'esses homens, de quem á pouco lhe acabavam de esboçar o caracter, e que conhecendo-a iria dizer depois de sala em sala, com um ar malevolo e mysterioso: — 'Não sabem uma novidade? Pois não encontrei agora a interessante madame de Leurtal, pelo braço de mr. Feron! Ella que tem um ar tão timido, que até parece que um simples cumprimento a offende! — 'É celebre! E aonde iam elles?' — 'A fallar a verdade, não me achei com pachorra de os seguir; mas o que sei, é que iam sós, e elegantemente vestidos: pareciam dois casadinhos de fresco.'

Madame de Leurtal, não levou mais longe o facil desenvolvimento de juizos tão temerarios, se tivesse a desgraça de ser alvo de gente de tão má lingua.

As reflexões, que Amelia acabava de fazer, tinham-na decidido a não sahir, senão de sege; porque desta fórma não seria tão facilmente conhecida; e parecia-lhe, que logo que chegasse ao caminho de ferro, ficaria ao abrigo de qualquer suspeita menos honesta da parte de qualquer pessoa do seu conhecimento, que por ventura podesse encontrar; por quanto, conheceriam, que o motivo que a obrigava a fazer aquella jornada era dirigir-se á quinta de mr. Dallois: isto justificava a companhia de mr. Feron tão bem, como a de mr. Cambet.

O seu pensamento voava assim mais rapidamente do que nós podêmos escrever estas reflexões, que talvez ella devesse examinar mais seriamente; porque se tivesse indagado no seu coração, a razão porque achava a companhia de Anselmo tão perigosa, conheceria então, qne em menos de dez minutos, o tinha achado um galante moço, delicado, fallando bem, reflexionando melhor, em fim um rapaz de espirito.

Amelia porém não explicou a si mesma as causas da sua apprehensão: o seu pensamento pousou sobre um sentimento mais grave e triste: poz-se a pensar no que acabava de ouvir a respeito de mr. de Fortis. Com effeito o retrato que Anselmo lhe fizera deste homem, não tinha attractivos nenhuns; e todavia era mr. de Fortis o marido que mr. Dallois destinava a Amelia.

Se casasse com similhante homem não sería expôr-se ella a acceitar uma especie de papel de enfermeira; servir-lhe simplesmente de companhia, ou para me explicar ainda melhor, ir prehencher todos os deveres de uma governante da sua casa; mas subjeitando-se a todos os caprichos, a todas as esquisitices de um genio tão singular, sem ao menos ter a faculdade de o deixar quando elle se lhe tornasse insupportavel?

Na verdade, madame de Leurtal, não era apaixonada de divertimentos: a fortuna mediocre que havia herdado de seu marido, não lhe permittia exceder-se; posto que lhe houvesse ficado mais que o sufficiente para satisfazer os seus gostos: mesmo em vida de seu marido, as mais das vezes evitava d'ir, em attenção a elle, aos divertimentos em que este não tomava parte; muitas vezes tambem, quando ia a alguma sociedade, retirava-se antes d'esta acabar, para não incommodar seu esposo; e isto na mesma hora em que a companhia se tornava mais brilhante e animada; na hora em que Amelia radiante de belleza era contemplada com mais admiração e respeito.

Era differente comtudo, passar deste pequeno sacrificio que voluntariamente havia feito de não se divertir, a uma existencia regrada por um relogio de Lèpine, em que os dias e as horas deviam ser regularmente prehenchidos por obrigações certas, invariaveis; ir subjugar-se por meio de um contracto mutuamente feito e recebido de bom grado por ambos, ao desempenho de misteres talvez exigidos com acrimonia muitas vezes; passar dos antigos incidentes tão communs entre os esposos, e que ella tão habilmente sabia aproveitar para se mostrar delicada, e amavel com seu primeiro marido, a submetter-se a uma vida monotona e severa, a que não poderia eximir-se sem desagradar ao seu novo esposo: tudo isto era na verdade repugnante até mesmo impossivel ao genio independente de Amelia; além de que, a sua dedicação a mr. de Leurtal, proviera da bondade, e do carinho com que este sempre a tratára; e ainda mais do reconhecimento que devia a tão generoso protector: em quanto que a sua dignidade se oppunha a conformar-se com o frio egoismo de um homem como mr. de Fortis.

Aqui está a razão, porque madame de Leurtal estava preoccupada e silenciosa defronte de mr. Feron.

Com effeito o receio que se apoderou de Amelia a respeito de sahir com Anselmo, era mais instinctivo do que voluntario; similhante ao que nos obriga a evitar o encontro de um corpo que passa; mas não foi este mesmo instincto que a

levou a pronunciar-se contra a necessidade de desposar mr. de Fortis.

Este casamento era o fim da sua visita a Saint-Germain: isto occupava o seu pensamento e perturbava-lhe a paz do seu coração; sendo isso tambem o que a instigou a interrogar mr. Feron, e a meditar tão profundamente na sua resposta.

Fosse pelo que fosse, a sua mocidade repugnava unir-se segunda vez com um homem idoso. Ora, quando Amelia na idade de dezeseis annos casou com mr. de Leurtal, não havia renunciado ao amor, posto que não tivesse até então pensado em tal; e era mulher muito virtuosa para cogitar nelle depois de casada. Mas, logo que seu marido morreu, as mesmas homenagens que lhe desagradavam na vida delle, tinham-lhe feito escutar mais d'uma vez certa palavra deliciosa, que a fazia sonhar quando a não ouvia; — uma palavra que julgava dever ser-lhe muito mais agradavel pronunciada por uma voz que lhe tocasse n'alma.

Tinha comtudo desprezado o amor que muitos mancebos interessantes lhe haviam offerecido; mas desprezava-o, porque o seu coração lhe dizia, que existia outro amor mais sublime: — aquelle que ella era capaz de inspirar e de retribuir.

Expliquem lá porque a planta, vegetando á sombra direita e robusta, se inclina, torce, serpeia e sobe, procurando gozar um raio de sol quando chega a primavera; que eu direi então porque na juventude o coração aspira ao amor, impellindo-se, inclinando-se, dilatando-se como o botão da florinha para desabrochar a esse sol que não conhece, mas cujos raios magneticos a attrahem atravez de todos os obstaculos.

Amelia não tinha ainda amado: casando com mr. de Leurtal, não fizera sacrificio de nenhum amor, por isso não teve que esquecer nem o passado, nem o presente, espaços desertos que a sua vida tranquilla não havia occupado com recordação nenhuma grande; tinha porém diante de si o futuro, um campo vasto onde nos sorri a esperança, esse rico dominio que Deus nos doou sem limites visiveis.

Como havia sido feliz com seu primeiro marido, Amelia, cujo coração se contentava com pouco, resignava-se de novo a uma felicidade similhante com mr. de Fortis; mas, desde que previu que nem mesmo essa iria gozar, uma voz interior que o receio da sua posição suffocára, se levantou fazendo-lhe conhecer, que presentemente, era-lhe necessario outro amor mais verdadeiro, mais profundo, e mais distincto.

Oh! acreditae-me, todas as paixões humanas têem destes impulsos do coração que as fazem despertar de repente.

Foi no momento em que Luiz XIV recusou um regimento ao principe Eugenio, que este reconheceu que tinha nascido, não só para commandar um regimento, mas até um exercito.

Foi tambem no momento em que madame de Leurtal viu destruidos os seus projectos, que se admirou de não ter concebido outros mais bellos e sólidos.

Quando isto tudo assim tumultuava em seu espirito, quando ella se maravilhava ao mesmo tempo da sua confusão, e dos desejos que lhe acordavam no peito, levantou casoalmente os olhos e deparou com os de Anselmo fictos nella. Córou de pejo, porque lhe parecêra que o olhar do mancebo, lhe penetrára n'alma e adivinhára todos os seus pensamento; e se o sentimento involuntario que experimentou então a fizera fallar, talvez dissesse:

— 'É demasiada a sua curiosidade, senhor!'

Não disse nada porém; e Amelia cada vez mais perturbada, pelo constrangimento em que se achava, devido não só ás reflexões que acabava de fazer, como tambem aos deveres que a si se tinha imposto, sentiu-se tão afflicta e tão opprimida pela sua situação, que finalmente rompeu o silencio.

(Continúa).

A PEDRA DE LONDRES.

ENTRE as noticias diversas do Diario do Governo de 2 de julho vem um artigo extrahido, não sei de que outro jornal, sobre esta celebre pedra, que sendo, segundo a noticia abaixo transcripta, o mais antigo monumento da Inglaterra, é com tudo na illustrada Londres, onde se conserva e guarda com veneravel cuidado, desconhecida e duvidosa a sua origem e applicação, apezar de ter exercido a curiosidade dos antiquarios, que divagando por mil conjecturas, tem expendido varias opiniões, entre as quaes apenas vislumbra a mais provavel, pelo fatidico prestigio com que em todos os tempos tem sido considerada como um talisman de nacionalidade e soberania britannica, conforme se colhe do mesmo artigo, quando Mortimer correndo a toca-la com a sua espada julgou por isso sanccionada a sua soberania, movido sem duvida por essa tradição, que o volver dos seculos tornou indefinivel e inexplicavel; mas cuja confusa reminiscencia transmittida de geração em geração lhe tem conservado o acatamento com que, entre tanta opulência, se guarda essa pedra tão insignificante por sua natureza, como rica e interessante pelas memorias que symbolisa; memorias, segundo se vê do referido artigo, alli perdidas, e que se encontram nos nossos classicos, para prova de que a nossa litteratura nunca foi tão acanhada quanto o apregoam fallaces estrangeiros; por isso julguei não destituida de interesse uma noticia, que se não é um documento indubitavel, é comtudo o mais analogo ao prestigio da dita pedra, e mais curioso do que vagas presumpções sem nexo, e sem probabilidade.

A pag. 50 da Nobiliarchia portugueza diz o nosso Villasboas o seguinte:

«Os escocezes costumavam coroar seu principe assentado sobre uma pedra, a que chamavam pedra fadada, e a origem deste costume foi a que se segue, segundo se acha em Polidoro Virgilio na historia de Inglaterra; e a aponta o arcebispo D. Rodrigo da Cunha — *Hist. dos bispos do Porto,* 1.ª *p. c.* 1.º — Gatelo, filho de Neolo, rei de Athenas, fugindo da aspereza com que seu pae o tractava, passou ao Egypto, e serviu a Pharaó na guerra contra os ethiopes, razão porque agradecido o rei o casou com sua filha Escota, tempo em que Deus mandou Moyses por seu legado áquelle reino, a favor do povo hebreu. Seguiram-se as pragas que infectaram o Egypto, quiz Gatelo retirar-se a tanta calamidade, e embarcando-se com sua mulher, e amigos, navegando pelo Mediterraneo até á costa occidental de Hespanha, sahiu em um porto que delle se chamou Porto Gatelo, anno de dois mil quatrocentos e oito, da creação do mundo, e mil quinhentos e cincoenta e tres antes do nascimento de Christo. Considere-se agora se este porto foi o que deu o nome a Portugal: alguns o tem para si, e não com pouco fundamento. E diz Manuel de Faria e Sousa na descripção de Portugal *cap.* 6.º *n.º* 3 que em tempo de el-rei D. João 3.º estando na côrte de Escocia certo enviado com negocios graves da coróa de Portugal, alguns dos escocezes, que de Gatelo e seus companheiros trazem origem, como logo veremos, lhe mostraram em suas historias estes principios, prezando e muito de os trazer de Portugal, e lembrando-lhe as razões que tinha a nossa nação para se conformar com a sua. Alli em aquelle sitio em que sahiu Gatelo, mandou lavrar casas para si, e para os que o seguiam, começando a fazer povoação, que depois mudou mais para o interior de Galiza, por estar mais vazia de moradores; e fundando ahi cidade, se chamou rei, e deu leis a sua gente, mandando-lhes se chamassem Escotos e Escocia o reino a que dava principio, para memoria de sua mulher Escota, e do muito que a amava. Aqui escolheu Gatelo uma pedra, e a tomou como por tribunal judiciario, e assentado nella fazia audiencia a seus vassallos, e julgava suas causas na nova cidade: e esta pedra vieram a ter como fadada para perpetuar-se o nome Escoto onde elle permanecesse. Crescendo a gente em numero, e não lhe dando os gallegos logar a se estender, teve Gatelo noticia de uma ilha deserta que havia para a parte do norte, e mandando a ella parte dos Escotos com dois filhos que já tinha, Hibero e Hemeco, chamou Hibero a ilha Hibernia do seu nome, e deixando nella por senhor a seu irmão Hemeco com a maior parte da gente que levava, se tornou a Hespanha. Morto Hemeco, e accrescentando-se a gente Escota pela ilha de Hibernia, levantaram povoações, fizeram leis, dedicaram sacerdotes, segundo os ritos e costumes do Egypto; faltando-lhes cabeça que os governasse, mandaram por seus embaixadores offerecer a coróa a Simão Brecho, que então reinava entre os escocezes de Hespanha, como descendente de Hibero. Acceitou Simão Brecho, passou a Hibernia, passados já trezentos annos depois da vinda de Gatelo, levou comsigo a pedra fadada, e quiz que assentado nella o coroassem, e este estylo observaram todos os seus successores. Dalli passaram á ilha Albion, hoje Inglaterra, e crescendo em numero, e querendo rei que os governasse, lhes mandou Terquardo, rei de Hibernia, a seu filho Fergurio, mancebo de altas prendas. Este levou comsigo a pedra fadada, com que seu pae o animou á empreza; assentado sobre ella o coroaram rei do novo reino, a que chamaram Escocia em memoria de sua primeira rainha, ou da povoação que tiveram em Hespanha, o que foi trezentos e trinta annos antes do nascimento. Dalli por diante todos os reis de Escocia, que succederam a Fergurio, primeiro rei della, se assentavam na solemnidade da sua coroação, na pedra fadada, fundando em aquella superstição a estabilidade do seu reino. Até que vindo a ser rei de Inglaterra Eduardo, filho de Henrique terceiro, depois de varios successos da guerra, entrou com escolhido exercito por Escocia, a tempo que a defendia o valente Uvalas, e destruiu o reino, não perdoando a pessoas nem edificios E tornando a Inglaterra triumphante, por acabar de todo com o reino de Escocia, levou comsigo a pedra fadada, e a poz no *Uceslmonstier* da cidade de Londres onde se vê o dia de hoje. Considerando esta circumstancia, e vendo que Inglaterra domina hoje a Escocia, parecera-me fatalidade, se á providencia de Deus se não attribuiram catholicamente os successos.»

Tal é a relação do nosso auctor, não por elle inventada, mas extrahida de outro antiquissimo, e que ainda assim por certo a colhêra de mais remotos documentos, ou dessas tradições que atravessando os seculos se adulteram mais, ou menos, sem comtudo perderem o typo original de factos que existiram, e que o presente seculo geralmente taxa de fabulosos sem consultar as diversas phases dos seculos precedentes. A pedra lá existe como um monumento venerando, como um talisman do poder; apagados vestigios de uma verdade, que tanto mais se esclarece, quanto mais se profunda e medita sobre a antiguidade.

Se os homens, como as plantas, não surdiram dos diversos terrenos, como algumas esturradas cabeças tem querido, dando á terra um direito de que ella felizmente nunca mais quiz fazer uso; é certo que todos derivaram de um centro commum, que a mais antiga civilisação prova ter tido origem na Azia: dalli pois dimanou a torrente humana que successivamente foi debordando sobre toda a superficie do globo, e conforme a esta theoria, a Europa dividida da Azia e Africa pelo mar, desde as columnas de Hercules até á lagôa Heotides, ou mar de Azof, e desde alli até ao estreito de Waigat, no mar glacial, pelos grandes rios Don, Volga, Kama, e as impenetraveis Syrtes e inaccessiveis montanhas da Siberia, mais tarde foi povoada, porque só o poderia ser depois que os homens soubessem vogar sobre as ondas, assim como ainda mais tarde o foi a America pela Groelandia, ou pelo estreito de Bering, ou por ambos os lados igualmente: dois são, porém, os povos que invadiram a Europa, e cujos caracteristicos ainda até hoje transluzem e não tem podido apagar as devastadoras permutações do tempo; os scytes que a penetraram pelo lado do norte, e os phenicios pelo meio dia e occidente, estes porém posteriormente, porque em quanto se agglomeravam, estabeleciam e civilisavam sobre as costas do mediterraneo, contidos por esta barreira que a natureza lhes tinha opposto; aquelles pelos sertões, e tão rudes como elles, chegavam até ás plagas boreaes e occidentaes do Atlantico, que talvez ainda então não tivesse dividido a grande da pequena Bretanha, porque lá os scytas ou celto-scytas apparecem coevos aos que divagavam por todo o continente da Europa, e que os phenicios e seus oriundos gregos, tyrios, e carthaginezes já encontraram, quando mais tarde, dominadas as ondas, começaram a explorar o litoral da Europa, e a estabelecer nelle colonias, edificar cidades, erigir monumentos ou padrões, cujos vestigios desappareceram como a feição primitiva daquelles povos, fundidos e refundidos pelo fluxo e refluxo dessas torrentes animadas, que umas sobre outras se tem precipitado, sem nos deixar nesta subversão geral mais que alguns usos e costumes, cuja tradição vaga a capricho das preteritas idades, como apenas boiam fragmentos do lenho que despedaçou a tempestade.

Do numero destes é o prestigio da *pedra de Londres* fundado na referida relação de Polidoro, confirmada pelas tradições *druidicas*, desses primitivos sacerdotes dos celtas, que Cezar nos descreve, e que não pouco difficultaram as suas conquistas, entre os quaes os

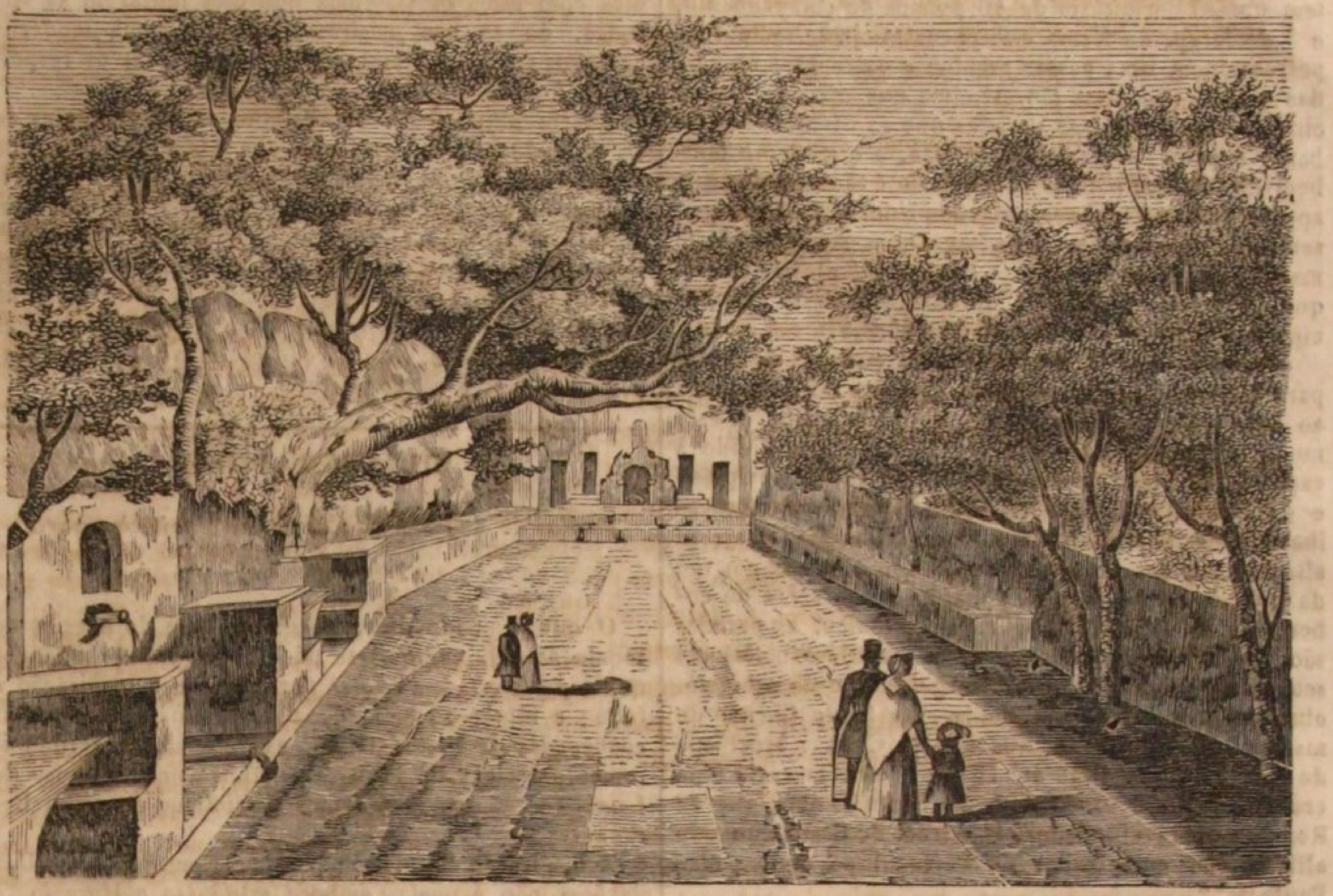
das ilhas britannicas eram reputados como orthodoxos nos seus mysterios e doutrinas, porque não reconheciam Deus algum visivel, mas só o Deus supremo e occulto, ao qual unicamente tributavam o inextincto fogo sagrado, evidente prova de que elles derivavam dos magos da Azia, que só ao grande principio ou *Oromaso* dedicavam ou symbolisavam pelo constante fogo; por isso, segundo as poesias de *Ossian* colhidas por *Macpherson* nas lendas ou baladas dos montanheses escotos, o sublime bardo ou chefe dos druidas primitivos os *pictos* censurava e reprehendia os povos do litoral ou *scotos* por invocarem os seus deuses em volta da *pedra do poder*; deuses cujos nomes são vocabulos estranhos ao albanach ou primeva linguagem dos escocezes e irlandezes, e evidentemente phenicios com pouca alteração, como eram *samothes*, *ezus*, *teutates*, e outros, o mesmo sem duvida que o *Zeus* e *Taautes* dos phenicios, o *Thot* ou *Thoyth* dos egypcios, cujo culto, com a superstição da *pedra do poder* se introduziu naquellas ilhas com as colonias phenicias e gregas, os quaes, como se sabe, tambem e naturalmente primeiro se estabeleceram em todo o litoral da peninsula.

Seguindo pois estes vestigios, que mais extensamente se podem vêr na geografia de Busching, no profundo e bello discurso sobre os druidas do abbade *Tressan*, e n'outros auctores, vê-se que a *pedra de Londres* é com toda a probabilidade a celebre pedra fadada do nosso Villasboas, e a *druidica pedra do poder* cantada nas poesias de Ossian; e se o fôr, é originaria da nossa provincia do Minho, o que poderia ainda corroborar uma analyse sobre a natureza da mesma pedra, porque o granito daquella nossa provincia tem geralmente um caracter particular, pelas particulas de talco, mica, alumen e outras estratificações metalicas de que é composto.

Nesta nossa idade, em que os thronos são de ouro, prata, marfim, e outras preciosidades, e assim mesmo sem mais prestygio que o que merece a pessoa que os occupa, mal se póde acreditar que tivesse tanto, uma simples, e provavelmente, tosca pedra, para ser tão longe levada da sua origem; mas quando se contempla Eneas salvando d'entre as ruinas de Troia apenas os seus penates, e os selvagens da Africa e America nas suas emigrações, cuidando mais que tudo no transporte dos seus fethiches, menos fabulosa parecerá a digressão da celebre pedra, e destas reflexões, que v. admittirá no seu jornal se as julgar dignas delle.

A. DE LOUREIRO.

CINTRA.



Que ha hoje novo que dizer de Cintra? É um sitio de que já está dito tudo — algumas vezes bem outras semsabormente; mas emfim nada resta a dizer. Até o asseverar-se que se gosta muito daquelle logar delicioso, é já uma banalidade, uma affirmativa ociosa.

Tudo isto será — é assim, creio eu; mas como o sitio não infastia nunca, não deve infastiar tambem fallar-se delle. Não deve não; porque de Cintra ha sempre muito que dizer, e com tanta variedade como a que ella tem em todas as bellezas que formam o seu complexo.

De todas as circumstancias que tornam aquelle logar aprazivel, esta é — a variedade — a principal, em quanto a mim; aquella a que elle mais e melhor deve toda a sua fama e encantos. Natureza e arte tem-se conjurado a dar-lhe essa variedade muitas vezes extravagante, sempre agradavel, que adorna todos aquelles circuitos. A arte ainda não tem feito quanto devia, ou antes pouco tem feito do que devia: a natureza porém fez ahi quanto podia fazer. Quereis a vista grandiosa do mar? Lá o vêdes rebentar temeroso em ondas espumosas na visinha costa. Quereis a vista opulenta de uma serra alcantilada coberta de penhascos ameaçando tombarem sobre vós rolando de altura escabrosa? Ahi a tendes dilatando-se quanto se podem dilatar vossos olhos até se confundir com os céus. Quereis passeiar por entre vapôres condensados, que vos poisem como um véu quasi nos olhos, vendo desenrolar a neblina em torno a vós, e cahirem-vos os flocos aos pés? Nessa serra sereis satisfeito. Quereis vistas longiquas de campos famosos, de grimpas celebres, de cidades historicas, de uma bahia sumptuosa cheia de navios e fortalezas? De lá vêdes isso tudo. Quereis gozar do ambiente risonho de vergel amêno, cujo verdor se vos espraia n'alma? Ahi os tendes aos centos. Quereis vêr rebentar a fonte, serpeando liberta por entre pedras e verduras? Por ahi a vêdes dando-vos em cada represa um espelho em cada trago a saude. Quereis os bosques frondosos formados d'arvores seculares que vos encobrem com as suas copas o sol e o horisonte? Lá os tendes em roda de vós. Quereis gozar do aroma dos fructos, vêr os pomos pendentes, respirar o ar embalsemado das arvores em flôr? Ahi tendes diante de vós uma linda varzea que vos dá tudo isso. Quereis admirar antigos edificios, monumentos mais antigos ainda, que vos recordem vossos remotos ascendentes, ou permaneçam como padrões de gloria dos feitos ou da piedade delles? Lá os achareis de todos os generos. Quereis emfim os prazeres da côrte, a agradavel companhia das senhoras mais amaveis com quem podereis ter dançado nos bailes da capital? Tambem ahi as tereis, e menos reservadas do que entre as impertinencias da etiqueta. Que se poderá desejar no mundo que não haja em Cintra? E tudo alli junto, tudo reunido, tudo a ponto da vossa escolha, dos vossos desejos, da vossa preferencia. De modo, que cada uma das cousas que de per si só bastariam a fazer as delicias de um logar da terra, alli se encontram accumuladas neste disputando-se á porfia o poder de vos tornarem grata a existencia.

E n'um sitio como este, tão romanesco ás vezes, tão variado sempre, tem havido o máu gosto, a toleima, de edificar casas como em Lisboa, gaiolasinhas de tabique, de andares uns sobre outros! E deixam-se rojar pela encosta de montanha viçosa as ruinas de Monserrate? E desampara-se á acção destruidora do tempo o passeio de Sitiaes? E abandona-se aos estragos dos carros e do desmazêlo, assim convertida em fojo, a bella estrada de Collares? Bella pelas vistas que descortina, pelos edificios que atravessa, pelas recordações que suscita! Oh! Penha-verde duplicadamente immarciscivel, corre riscos de transito quem fôr visitar tuas ameias!....

Parece tudo isto impossivel; mas é assim. E se no meio de toda esta barbaria que nos envergonha, não vissemos levantar sumptuosos os baluartes e torreões do castello da Pena, dissereis que Portugal recahíra nos tempos inda além dos mossarabes, e olhava apenas com estupida admiração os nevosos picos da fatidica serra da lua!

Publicando-se hoje neste jornal a vista de uma das cousas mais notaveis deste delicioso sitio — o convento chamado da Cortiça — julguei eu que nada podia fazer melhor que apresentar aqui aos seus leitores, a curiosa noticia que d'elle me enviou para a *Revista Universal* o sr. abbade Castro, tão incansavel investigador como amigo de nossas antiguidades patrias. Aqui se transcreve pois este artigo de pag. 154, do VI vol. daquelle jornal.

«Do convento da invocação da Santa Cruz, de recoletos franciscanos, situado na serra de Cintra, escreveu o abbade Casti, lord Biron, Antonio Carvalho da Costa, Francisco d'Almeida Jordão, e outros.

«Ao grande D. João de Castro, 4.° vice-rei, e heroe da India, e probo, se deve a origem da sua fundação, porque quiz mais lavrar templo á sua memoria, que edificar casa á sua posteridade, deixando como em piedosa benção a seu filho D. Alvaro de Castro [1], que, se na graça ou justiça dos reis achasse alguma gratidão de seus serviços, do premio delles edificasse na serra de Cintra um convento de recoletos franciscanos, advertindo que com a invocação da cruz se intitulasse a casa, cujo signal adorava com fervoroso zêlo, e profunda inclinação.

«Fallecido o vice-rei, em Goa aos 6 de junho de 1548, sem poder pôr em pratica o seu desejo, doze annos depois no de 1560, lhe cumpriu a vontade seu filho D. Alvaro, fundando este moderado e humilde recolhimento, sendo todas as suas officinas obra praticada por meio de córtes e escavações em uma rocha [2]. Tão pobre em seus principios que apenas custou a primeira fabrica cem cruzados. Da época da sua fundação se acha memoria em uma pedra, que está inxerida na parede da igreja do lado do evangelho, em a qual se lê a lenda seguinte: 'D. Alvaro de Castro do conselho de estado, e vedor da fazenda d'el-rei D. Sebastião, fundou este convento por mandado do vice-rei D. João de Castro seu pae, anno 1560.'

«Está fundado o conventinho em um retiro, no meio da serra, entre matos. Subindo a um terreiro, bordado de arvores, com uma fonte, se offerecem á vista quatro portas, duas de dois confessionarios, uma da igreja, e outra da portaria, todas forradas de cortiça [3]. Ao entrar se dá em um corredor de 8 palmos de comprido, e 5 de largo, o qual por entre toscos penedos guia a um pequeno jardim (onde ainda existem bellas hortenses), e alli em logar eminente se observa uma ermida (em ruina), onde se venerava a imagem de Christo com a cruz ás costas, e junto um limitado vão de 7 palmos, entre penedos, que lhe servia de sacristia, o que tudo mandou edificar o cardeal infante D. Henrique, a ermida para nella dizer missa, e a cella para nella habitar dia e noite quando procurava este retiro. Em outro logar mais elevado da cêrca se venerava a imagem de Christo crucificado, em uma ermidinha feita em uma gruta formada de dois penedos. Além destas duas ermidas se observa na cêrca uma cova, onde diz a tradição, vivêra pelo espaço de trinta annos em aspera penitencia o beato Honorio; e junto a uma fonte, nma mesa de pedra, em a qual comia el-rei D. Sebastião, todas as vezes que ia a este convento gosar da sombra de suas arvores, e

[1] Foi casado com D. Anna de Athaide, filha de D. Luiz de Castro, senhor da casa de Monsanto. Foi d'el-rei D. Sebastião particular acceito, fiando-lhe os maiores negocios, e logares do reino; fez diversas embaixadas a Castella, França, Roma, e Saboya. Foi do conselho d'estado, e unico vedor da fazenda; e entre cargos tão grandes, acabando valido, morreu pobre (Jacinto Freire de Andrade), em 29 de agosto de 1575. Jaz na insigne capella da invocação de *Corpus Christi*, sita no claustro do ex-convento de S. Domingos de Bemfica.

[2] Imitando o estylo egypcio, que era escavando na rocha solida, inculcando a pratica de um povo que morava em cavernas abertas nas encostas de fraguedos e outeiros, antes que a arte de fazer casas estivesse em uso. Tambem á similhança daquelles templos que na India existem dentro de grandes fragas

[3] Nesta porta até maio de 1834 estava uma vide suspensa, e a ella atado um chocalho, que servia de sino para chamar o porteiro.

frescura de suas aguas, com as quaes se regava a horta que é pequena, como tambem a cêrca. O convento tem um só dormitorio de 40 palmos de comprimento, e 3 de largo, de fórma que encontrando-se nelle duas pessoas, para uma passar recolhe a outra para alguma das cellas. São estas tão estreitas que mais se podem chamar sepulturas; as paredes que as dividem são de barro e palha, forradas de cortiça, a qual serve tambem de forro ás portas. O refeitorio é tão pequeno que apenas tem 14 palmos de comprido e 7 de largo: serve-lhe de mesa uma lage tosca, que para este effeito mandou arrancar da serra o cardeal infante D. Henrique, levantada um palmo do chão. No resto das officinas se observa a mais perfeita pobreza.

«Desce-se por 7 degraus de 2 palmos de altura para o côro, e deste, por uma abertura feita na rocha ao lado do evangelho, se desce para a igreja. É esta muito pequena; da porta até á grade que divide a capella mór, tem de distancia 18 palmos de comprido e de largura 13, é de abobada, e as paredes de calhaus que alli produziu a natureza. Das grades até ao altar se contam sómente 12 palmos, e este era o vão da primeira lapa, a que a mesma rocha serve de cobertura. O altar é de pedra em mosaico, as paredes são revestidas de pedra branca e azul, e nellas em seus nichos estavam varias imagens [4]; e no sacrario, obra primorosa feita em Roma, um Santo Christo de marfim, dadiva de D. Rodrigo da Cunha, arcebispo de Lisboa (desde 1636 até 1643) [5], e no sacrario uma cruz de prata dourada com um Santo Lenho, que de Roma trouxera o fundador, D. Alvaro de Castro, quando alli foi por embaixador de Portugal ao santo padre Paulo 4.° [6].

«Não poderemos melhor descrever a pobreza e simplicidade dos outros ornamentos desta igreja do que trazendo á lembrança as seguintes linhas de um poeta catholico de Inglaterra:

Não adornavam este humilde templo
De vão, erguido, tecto
Ricas molduras...
Eram florinhas do visinho bosque.
Que o puro altar juncavam;
Era o florido seu o ornamento,
O incenso era o perfume que exhalavam.

«Do lado da epistola se observava (até 1834) um quadro com o retrato do beato Honorio, o qual jaz na igreja, e da parte de fóra, no lumiar da porta, jaz fr. Christovão de S. José, varão apostolico.

«Dos padroeiros, está na igreja sepultada D. Maria de Noronha [7], viuva de D. Alvaro de Castro, senhor de Fonte-Arcada, commendador da Redinha, a qual na flôr da idade, em todo o viço da formosura perdeu o esposo, e sendo procurada pela sua muita formosura por varios senhores da corte para segundas nupcias, por haver feito voto de castidade se conservou sempre viuva, até que falleceu no anno de 1684, e jaz nesta igreja, que em vida muitas vezes frequentava.

«Dizia D. Filippe 2.° de Hespanha, a quem os castelhanos individamente deram o nome de prudente, quando só lhe convinha o de cruel parricida, sanguinario, ambicioso, que duas cousas tinha em seus reinos celebres, o Escurial por muito rico, e o convento da cruz, na serra de Cintra, por muito pobre.

«Favoreciam muito este convento a rainha D. Catharina, el-rei D. João 4.°, e a rainha D. Luiza sua mulher, D. Pedro 2.°, e D. João 5.°

«No dia 3 de maio, dedicado á invenção da Santa Cruz, se fazia a festa com grande concurso dos povos comarcãos, e de outras terras distantes; assim como da gente de Lisboa de todas as cathegorias, e por não caberem na igreja se cantava a missa no atrio.

«D. Francisco de Castro, bispo da Guarda, e inquisidor geral, fallecido no 1.° de janeiro de 1653, deixou 200$000 réis de juro para reparos deste convento, e da sua quinta da serra, deixando por administradora deste legado a misericordia da villa de Cintra. Pelo decreto de 28 de maio de 1834 coube em sorte ao convento da cruz ser supprimido, o mesmo que outr'ora serviu de delicias aos nossos antigos reis, e de asylo ameno aos seus religiosos; e ficou desde então abandonado á injuria dos tempos, e em fatal esquecimento; tornando-se por tal arte em albergue de aves nocturnas!

«Ria-se embora o philosopho desses anacorectas, que segundo a sua phrase queriam conquistar o céu fazendo da terra um inferno; nós de bom grado ririamos com elle, se vissemos que lhes imitavam as virtudes, ou se nos mostrassem nesta época moderna caracteres que podessem equiparar-se com os respeitaveis fundadores destas santas casas.

«Seria muito para louvar que os descendentes de D. João de Castro, — o terror dos reis do Oriente, que viveu como heroe, morreu qual sabio, — e a misericordia da villa de Cintra, segundo o encargo que tem (acima referido) não continuem a deixar estar o exconvento da cruz, na serra de Cintra, ao estado de desamparo em que se acha, segundo o observámos no dia 26 de julho do corrente anno. É um dos logares mais frequentados, nos arredores da villa de Cintra, por nacionaes e estrangeiros.»

4 As quaes estão hoje na capella da casa da quinta de Penha-Verde.

5 O primeiro que teve, e com boa justiça, o epitheto de pae da patria, e que della foi restaurador, sendo talvez o primeiro instrumento do acto da restauração d'el-rei D. João 4.°

6 A cruz de marfim, e a do Santo Lenho, dalli foram tiradas em maio de 1834.

7 Filha de João de Saldanha, commendador de S. Martinho de Santarem, general da armada da costa.

BIBLIOGRAPHIA.

Poesias de Augusto Emilio Zaluar, primeira parte. preço 240 réis.

O que se hade dizer de um volume de poesias no seculo actual, em que se póde com verdade affiançar que o *poeta nasce e não se faz*, porque a inspiração é tudo; e ella e só ella capaz de produzir as elevadas concepções de Victor Hugo, as delicadezas verdadeiramente lyricas de Parny, o enthusiasmo religioso de Lamartine, a par dos cantos patrioticos do velho Beranger.

A inspiração é tudo em poesia: quem não tem alma devéras não é poeta, embora estudasse o Horacio, e palestrasse largos serões com o eternamente didactico Boileau...

O *gosto* desamparou as regras fastidiosas por sediças, e as fórmas pesadas e herculeas do seculo passado são hoje quasi nada em poesia, quando o gosto preside a uma composição qualquer. Como inspiração de uma alma de poeta citaremos na obra do sr. Zaluar as poesias 2.ª, 4.ª, 7.ª, e 14.ª, em que bem se deixa vêr a inspiração com que seu auctor as escreveu.

Quando porém fallámos em *fórmas* não mettemos em linha de conta as delicadezas lyricas, parte tambem indispensavel na poesia vulgarmente chamada *fugitiva*: repetimos que o pensamento é a essencia; mas que nem por isso são para despresar certos preceitos de metrificação, agradaveis ao ouvido, e indispensaveis ao complemento da inspiração do poeta.

É nisto que o sr. Zaluar erra por vezes, fazendo (como na poesia 3.ª) uma mistura pouco agradavel de versos graves e agudos, o que n'uma pequena composição, que toda ella deve ser gallas, prejudica o exito que de necessidade devia produzir no ouvido do leitor. A composição do sr. Zaluar tem alguns versos errados como por exemplo:

— Um sorriso desponta d'aurora a raiar.
— Pobre orphã tão cedo hei já perdido.
— E vago errante, e sem destino.

Estes erros porém emenda-os o cuidado, e são desculpaveis quando o mesmo auctor nos apresenta uma poesia como a — Stambul — tão bella nas fórmas como perfeita na metrificação.

L. A. PALMEIRIM.

O NOVIÇO.

Poesia offerecida ao meu amigo

O ILL.^{mo} SR. J. J. RIBEIRO.

Barquinho que manso ides
Rio acima a navegar,
Dizei-me se á minha terra
Ides acaso portar?

Se ides... uma saudade
A Rozinda me levae;
Que me viste lhe dizei;
Meus tormentos lhe contae.

Longe d'ella desterrado
Neste convento sombrio
Por amor... victima triste
Do paternal poderio:

Já seis mezes vi passar
Sem uma nova siquer,
E a idéa — d'esquecido —
Mais redobra o meu soffrer.

Dizei-lhe pois meu barquinho
Que me guarde o seu amor,
Que não queira a morte dar-me
Se acaso ingrata me fôr.

Que se recorde da noute
Da nossa separação!..
De tantas juras e lagrimas...
Tantos ais do coração!

Que se lembre um só momento
Do meu tão triste penar;
Longe d'ella, minha dôr
Sem ter com quem partilhar.

Encerrado entre as paredes
Da minha cella sombria,
Tão só como sem ventura,
Passo triste noute e dia.

Quer toquem roucos os sinos
Crébros sons de funeral,
Quer entoem seus repiques
Som alegre e festival:

Quer na casa *de profundis*,
Ou no côro em oração,
Humilhado contra a terra
Vote a Deus o coração:

É Rozinda o meu enlevo
É a minha poesia...
Seu amor sempre o meu culto...
Sempre a minha idolatria!

Sacro manto de professo
Meus hombros não cobrirá;
Inda seis mezes me restam...
O amor triumfará!

Tudo isto lhe contae
Meu barquinho tão formoso;
Possa eu tornar a vêr-te
Quando fôr mais venturoso!

Adeus, adeus, ide em paz
Confidente meu amigo;
Fadas boas vão comvosco,
Deus vos livre d'algum perigo.

Junho de 1846.

A. X. P. DE CAMPOS.

MAIS OUTROS OLHOS AINDA.

O. A A. A. G.

Não sei bem a côr que tem
Uns certos olhos que eu vi;
O que sei é que eram lindos,
E que por elles morri.

Nem são negros, nem azues,
Não tem as tintas do céu
Ao diamante, ás estrellas
Muito excede o brilho seu.

Castanhos tambem não são
Os bellos olhos que eu vi
Porque a serem desta côr
Vivêra, e eu morri.

O que sei é que m'encantam
Seja qual fôr sua côr;
Dôces, meigos, quando os vejo
Sempre me fallam d'amor.

Covilhã, 6 de setembro de 1846.

P. J. NOGUEIRA.

ENIGMAS PITTORESCOS.

EXPLICAÇÃO DO ULTIMO ENIGMA.

A firmesa de caracter adorna um coração bem formado.



SUMMARIO.

LISBOA, 25 DE SETEMBRO.

Se eu fosse pedinchão havia hoje de pedir as alviçaras, ao menos aos meus leitores de Lisboa; mas não gosto de importunar, é até balda minha! E se não fosse por me gabar diria aqui com um poeta nosso, que foi tambem pouco ambicioso

> Agua e pão me basta e alheio ao crimo
> Julgo o maior de todos a lisonja...

mas se eu dissesse destas gritavam, e com razão, que eu me queria inculcar por santo, e apesar de que ninguem deixa de o fazer, sempre isso se estranha nos mais... O que se tracta porém é do motivo porque eu devia ter alviçaras. É verdade. Pois acham que não? Estavamos ameaçados, mais do que ameaçados, com o desgosto imminente de não termos theatro italiano este inverno, e vae se não quando applaca a trovoada, descobre o horisonte, e raia a noticia de de ter sido dada a empresa ao sr. Corradini, com vinte e dois contos annuaes.

Eu não digo que isto equivalha ao termo impreterivel das moratorias, á vinda das notas ao par, á cessação das duas decimas... mas em fim é uma noticia muito agradavel; já temos onde passar as noites com gosto e tranquillidade, uma distracção que nos varra da idéa phreneticos pensamentos diurnos, que nos refocille o espirito, que nos titille nos sentidos meigas sensações: — e então como se diz que se formará a companhia! Ha projectos... quasi como os de Affonso d'Albuquerque de mudar a corrente ao Nilo. Falla-se em tenores de primeira força, em damas... em baixos... mas o que parece certo é a volta dos conjuges Martin. Diz-se que o empresario em pessoa partirá proximamente a fazer a colheita da sua e da nossa *felicitá*. Deus lhe dê boa viagem.

No theatro do Gymnasio preparam-se bastantes peças novas, alguns debutes, e muitos beneficios; aviso aos *contribuintes*.

O theatro do Salitre, que parecia enterrado nos campos de Pultawa, quiz surgir com *Margarida d'Anjou*, nos campos de Exham ou de Towton, que não sei bem de qual delles se tracta. O caso é que tal ressurreição se não póde fazer. As barbas do duque de Glocester

> Segunda vez de enojo o enterraram.

Mas se o Salitre se não tem dado bem com as batalhas (nem eu creio que por ellas se faça nunca fortuna), hade dar-se muito melhor com as peças divertidas ou de sentimentos nobres. *O peregrino branco*, do antigo repertorio da rua dos Condes, foi alli muito bem recebido. A sr.ª Soller, fazendo a parte da sr.ª Emilia, desempenhou-se bellamente deste encargo, ainda mais pesado pelo contraste; a habilidade desta artista está comprovada. A sr.ª Maria Isabel, o outro rapasinho, houve-se com a sua reconhecida intelligencia; mas as suas disposições são para mui diverso genero.

E por hoje nada mais tenho que contar aos meus benevolos leitores... não tenho? Tinha; mas não posso, não sei.

UMA TROVOADA.

(*Continuado de pag. 98*).

— 'Perdoe-me, disse Amelia a Feron, mas encarregaram-no de uma commissão, de que por certo não avalia todo o incommodo; o senhor, tem que partir para Saint-Germain, participar a mr. Dallois os negocios, em que mr. Cambet me falla na sua carta; bem vê que esperando por mim tem que se demorar; porque, talvez que eu vá um pouco mais tarde, até mesmo muito tarde.....'

Mr. Feron sorriu-se, dizendo:

— 'Mas, minha senhora, não ha negocio nenhum, que me obrigue a ir mais cedo, ou mais tarde a Saint-Germain.'

— 'O que quer então dizer esta carta de mr. Cambet?' disse Amelia, com uma especie de ressentimento.

— 'Foi um pretexto.....'

— 'Um pretexto, para que?' retroquiu madame de Leurtal, meia desconfiada e levantando-se da cadeira.

— 'Um pretexto para elle a não acompanhar a Saint-Germain, minha senhora, disse Anselmo levantando-se tambem.

— 'Um pretexto,' repetiu pausadamente Amelia, olhando ao redor de si, vendo-se sósinha, e fechada com um homem que apenas começava a conhecer, 'um pretexto para elle me não acompanhar a Saint-Germain! Então para que outro sem duvida.....'

— 'Oh! não, minha senhora, disse Anselmo, interrompendo Amelia, de quem comprehendeu as desconfianças, nada de similhante veio ao pensamento de mr. Cambet; nada que a podesse offender podia ter vindo á idéa de ninguem. Peço perdão de lhe confessar a balda de mr. Cambet; mas tem um medo que se fina dos caminhos de ferro.'

— 'É uma cousa que custa a acreditar!' replicou Amelia, meia arrependida da offensa imaginaria que a assustára, e sorrindo-se da explicação que a socegava: 'pois com effeito mr. Cambet tem medo de andar pelos caminhos de ferro?'

— 'Sim, minha senhora, e um medo que eu julgo invensivel; porque resistiu á ultima prova a que mr. Dallois o submetteu.'

— 'Que prova, senhor?'

— 'A do gosto que mr. Cambet fazia em acompanhar madame a Saint-Germain. Mas já que lhe descubri esta exquisitisse, é tambem do meu dever, dizer delle todo o bem que merece. Mr. Cambet, tem a madame uma tal amizade, uma affeição..... tanto como se fosse sua filha; quando falla de madame é sempre com interesse e respeito; e de certo que a idéa de lhe prestar algum serviço, por pequeno que fosse, lhe teria subjugado o susto, se houvesse cousa neste mundo que o podesse vencer; mas mr. Dallois enganou-se com elle; o seu medo é mais forte que todo o seu desejo de obsequiar madame.'

— 'Oh! disse Amelia, a quem o respeito para com um velho, lhe tinha feito chegar as lagrimas aos olhos, quanto sinto que por amor de mim se tenha apoquentado o pobre de mr. Cambet!'

— 'E apoquentou-se com effeito de um modo terrivel, disse Anselmo, rindo-se. Desde as sete horas da manhã que se levantou, não póde imaginar a agitação em que andou; entrava e sahia a todo o momento do escriptorio; perguntava a todos se lhe poderia succeder alguma cousa que lhe transtornasse a viagem; dizia que era uma loucura ir ao campo com tão máu tempo, ainda quando o dia estava lindissimo, e não faltando elle nunca d'ir todos os domingos jantar a Saint-Germain, fizesse que tempo fizesse; e por fim até chegou a implicar comigo, por eu o não ajudar a sahir de tamanho embaraço, sem que siquer m'o tivesse declarado! Tudo andou n'uma dubadoira no escriptorio. Por fim soou a hora em que lhe era necessario vestir-se; sahiu então do escriptorio, fechando a porta tão de rijo, que nos sobresaltou a todos; depois quando tornou a entrar, dava vontade de rir vêr como elle se tinha arranjado: tinha vestido tudo mal e atrapalhadamente; ao fazer a barba deu dous gilvazes formidaveis; por mais diligencias que fizesse não podia calçar as luvas, até que as descozeu todas; e por fim andava á procura do chapéu com elle na cabeça. Tudo isto era comico, e não me foi possivel soster o riso; elle percebeu, e chegou-se ao pé de mim com uma resolução, que metade lhe bastaria, para se arremeçar a um caminho de ferro de París a San'Petersburgo, e poz-se a vociferar contra a falta de politica da mocidade d'agora. Creio que se eu lhe tivesse replicado, ter-me-ia proposto um duello, para escapar assim aos perigos da locomotiva. Eu é que não quiz dar-lhe esse meio facil de se livrar do medo d'ellas. Tornei a pegar com todo o socego no meu trabalho. Então elle poz-se a mecher em todos os papeis do escriptorio, com uma zanga que não pôdia disfarçar; atirava com os registros, quebrava as pennas, revolvia tudo; e quando lhe veio de repente á cabeça deitar os olhos para o que eu estava fazendo, ainda bem o não tinha visto e já estava a gritar: — 'Isso não é assim, não ha menos de seis erros nesse mappa!' — 'Quaes são?' lhe perguntei eu. — 'Estão saltando aos olhos.....' — 'Mas eu.....' — 'Mas eu..... mas eu..... encarregaram-no de cousas de que não entende nada. Não tenho outro remedio se não ir fazer eu mesmo esse mappa.' — 'E madame de Leurtal?....' — 'É verdade!.... mas..... Ah! sim, acompanhe-a em meu logar, em quanto eu vou trabalhar no seu.' — 'Mas, mr. Cambet' eu não me atrevo a apresentar-me..... póde muito bem ser, que não queira crer.....' — 'Oh! se é só essa a difficuldade, está sanada: eu mesmo o apresentarei a madame de Leurtal.....' E poz-se a escrever; dizendo-me: — 'Eu finjo, que por chegarem cartas de importancia..... em..... entende, não é assim? O que eu não quero é que as pessoas que entrarem aqui cuidem que o senhor não sabe fazer o seu logar. Agora, em quanto a mr. Dallois, diga-lhe o que quizer..... vamos, aqui está a carta..... então vae ou não vae?....'

— É verdade, minha senhora, que o meu emprego de caixeiro, não me sujeita em tudo á vontade de mr. Cambet; mas, fez-me tanto dó a afflicção deste pobre velho, que acceitei a carta e o encargo de acompanhar madame a Saint-Germain. Creio que elle sentiu tamanho prazer com isto, que exclamou, com a franqueza que lhe é familiar: — 'Aqui está para o que é bom ser a gente rapaz! A este entra-lhe a felicidade ás mãos cheias pela casa dentro, e em quanto os velhos trabalham, vae elle passear ao campo com uma senhora encantadora pelo braço!'

Amelia, fez-se tão incarnada como o lacre.

— 'Perdoe-me, minha senhora, é mr. Cambet que falla. Ora, se soubesse as recommendações que elle me fez!'

— 'Que recommendações?'

Anselmo, calou-se por um instante, e depois respondeu:

— 'Foram longas, e sobre muitos objectos. — Disse-me..... mas, talvez eu faça mal em fallar..... não importa..... Chegou-me até a dizer: — o senhor não deve insistir muito em a levar pelo caminho de ferro: é um prazer tolo, de que só uma cabeça louca poderia gostar, e por isso é natural que não agrade a uma senhora tão socegada, tão grave, e tão perfeita, como é madame de Leurtal. — Por isso, aqui estou prompto a obedecer aos conselhos que se me deram, e a ir pelo caminho que mais convier a madame; tal é o desejo que tenho de fazer o gosto a mr. Cambet.

— 'Com effeito, o senhor, disse Amelia quasi offendida, e affectando sorrir-se, tem feito um eminente serviço a mr. Cambet; e elle deve-lhe agradecer muito a maneira como o desempenhou.'

— 'O que sinto muito, minha senhora, é que só elle m'o agradeça;' disse Anselmo sorrindo-se, e olhando para madame de [illegible].

— 'Se o seu reconhecimento fôr igual ao seu medo, deve ser immenso,' replicou Amelia.

— 'Se julga, minha senhora, disse Anselmo rindo-se, que tenho exaggerado os terrores de mr. Cambet, ficará convencida do contrario, logo que chegar a Saint-Germain. Mas assim mesmo, ao pé de mr. de Fortis, é mr. Cambet um heroe.

Mr. de Fortis, basta só ouvir a palavra vapôr, para ter ataques de nervos; e no seu conceito, tanto um barco a vapôr, como uma locomotiva são uns monstros: — uns minotauros de nova especie, a que o seculo sacrifica todos os annos milhares de victimas. Tem a pachorra de se dar ao trabalho de marcar nos jornaes as narrações de todas as explosões de caldeiras, de todos os encontros dos comboios: conta os cadaveres, faz o calculo das pernas e dos braços quebrados.....

— 'Á vista de accidentes tão numerosos, que succedem por toda a parte, parece-me que isso não é tão ridiculo como o senhor lhe parece:' disse Amelia, com um modo sêcco, interrompendo Anselmo.

E com effeito obrigada a pensar de novo em mr. de Fortis, contra sua vontade, sentiu certa zanguinha de o vêr objecto de zombaria para um rapaz.

Estava tambem como humilhada; porque havendo quasi consentido em o desposar, ou ao menos em o ir conhecer para esse fim, não podia elle ser alcunhado de homem exquisito, sem que de algum modo ella o fosse tambem.

Mas Anselmo, que parecia ignorar os projectos de mr. Dallcis, resentiu-se sem duvida de este máu humor de madame de Leurtal, e disse-lhe:

— 'Minha senhora se tambem sente algum medo podemos tomar qualquer outro meio de transporte.'

Uma impaciencia singular agitava Amelia, e esforçando-se de balde para a occultar, respondeu:

— 'É escusado, senhor, decididamente não vou hoje a Saint-Germain: as horas correm, o tempo cada vez está peior; e de certo seria um triste passeio.'

Dizendo isto, Amelia tirou o chapéu, pô-lo e mais ao chapelinho de sol em cima da jardineira; descalçou as luvas, e virou-se para cumprimentar mr. Feron; deteve-se porém ao vêr debuchada na physionomia deste, a expressão da mais verdadeira e profunda afflicção.

(Continúa).

AMADIS DA GAULA

DE VASCO DE LOBEIRA.

Houve tempo em que compôr livros de cavallaria, e lêr livros de cavallaria, era o emprego e recreio de toda a Europa; a Hespanha foi a mãe mais fecunda destas composições, até que Cervantes no seu D. Quichote derramou de tal modo o ridiculo sobre estes escriptos que ninguem mais fez caso de similhante leitura, e aquellas obras foram desapparecendo de modo que hoje apenas se encontra algum exemplar dellas em as bibliothecas antigas.

A proscripção foi geral e completa, e com tudo o mesmo Cervantes, fazendo que o cura e o barbeiro façam um auto de fé da maior parte destes livros, que existiam na livraria do fidalgo da Mancha, izempta alguns delles daquella queima geral; e nisto mostrou Miguel de Cervantes o seu bom juizo, pois que entre essas obras havia muitas que se tornavam estimaveis, já pelo engenho com que estavam compostas, já pela pureza e louçania de linguagem.

No primeiro caso julgâmos nós a Historia de D. Florisel de Niquea, posto que o seu estylo seja vicioso e gongoristico; o Espejo de principes y cavaleros, que até ás vezes é eloquente; assim como o Primalião; e sobre todos o Palmeirim de Inglaterra, por Francisco de Moraes, e as suas continuações, o Segundo D. Duardos, e D. Clarisol de Bretanha, que entre nós se contemplam como classicos, mas que os dois ultimos já se não encontram de venda; e é grande detrimento para o estudo da lingua portugueza, que taes livros se não reimprimam, porque nelles se encontra grande cópia de frases e modos de dizer elegantes e energicos, que muito podem approveitar aos escriptores modernos, especialmente poetas.

Um dos livros destes, que Cervantes exceptua da condemnação geral, por ser o primeiro e o melhor de todos, é o Amadis da Gaula, de Vasco de Lobeira, que foi traduzido em todas as linguas cultas, e de que o grande poeta italiano, Bernardo Tasso, pae do famoso auctor da Jerusalem libertada, extrahiu o seu poema *Il Amadiggi*, que passa pelo segundo poema cavalheiresco da Italia.

Foi pois o Amadis da Gaula, de Vasco de Lobeira, o progenitor de todos os livros de cavallarias, que inundaram a Europa, e não cabe pequena gloria ao auctor desse romance modèlo, e á lingua em que elle o escreveu; mas essa gloria lhe tem sido disputada nestes ultimos tempos por alguns criticos francezes e italianos, affirmando os primeiros que Vasco de Lobeira copiava tudo de alguns romanceiros picardos, e os segundos que de livros seus; mas como as suas razões e argumentos, me parecem mais arbitrarios e sophisticos, que concludentes, continuo em revendicar esta gloria para a nossa patria, que não é tão pouca a que lhe resulta de haver em tal seculo produzido um homem de tanto engenho.

É porém muito para lamentar que este antiquissimo e famoso monumento da nossa lingua, e da nossa litteratura, tenha inteiramente desapparecido no idioma original, conservando-se unicamente duas traducções francezas, em que o texto se acha reduzido a menos de metade, contendo além disso muitas cousas da invenção e lavra dos traductores; e uma traducção hespanhola completa e fiel, impressa em letra gothica, mas tão rara que apenas della vimos um exemplar na livraria publica desta cidade; e outro porque um livreiro de Londres pediu com a mão na ilharga nada menos de quinze libras!! Tão bem sabia elle avaliar aquella preciosidade litteraria.

Tem-se perdido tantos monumentos da nossa gloria litteraria, que muito sentiriamos que a nossa incuria e desleixo deixasse anniquilar de todo este, que póde dizer-se que já está atravessado nas fauces do esquecimento! E ninguem, cremos, dirá que é de pouca importancia a prova de que um portuguez foi creador de um genero novo de composição, publicando em um seculo quasi barbaro, uma obra geralmente applaudida, imitada, e traduzida pelos estrangeiros.

Mas que meios se nos offerecem para isso? Parece-nos que se offerecem dois. O primeiro, e o melhor, se podér realisar-se, é encontrar o original: mas onde existirá elle? Segundo affirmam alguns dos nossos bibliographos existia elle na livraria do duque d'Aveiro: ora esta livraria foi confiscada pela condemnação do duque, e incorporada na livraria real; se por algum desastre se não desencaminhou, é muito provavel que lá se conserve, e conservando-se, não será difficil pelos meios competentes alcançar a permissão de tirar delle uma cópia, para se publicar com as notas e as explicações necessarias, para intelligencia de sua linguagem antiquada, como praticou D. Thomaz Sanches na publicação dos poemas hespanhoes anteriores ao seculo 13.°

No caso porém que desgraçadamente aquelle codice se tenha perdido, poderemos lançar mão do segundo, que é considerar como original a traducção hespanhola, que hoje póde ser reputada como tal, e vertè-la em portuguez, fazendo della uma edição, que ao menos servirá no futuro de base para assentar juizo da obra o litterato que tomar a si a empreza de escrever a historia da nossa litteratura, cuja falta tão sensivel se torna, pois sobre este objecto nada mais possuimos que a obra do sr. Francisco Freire, cheia na verdade de erudicção, imparcialidade, e bom gosto, escripta com toda a correcção e elegancia, mas demasiadamente resumida, vendo-nos por isso obrigados a reccorrer aos estrangeiros, pouco instruidos de nossas cousas, e que a cada instante cahem em equivocações, confundem os factos, ou ajuizam mal, sem que destes defeitos esteja inteiramente izempto o doutissimo critico Bouterweck, e muito menos ainda Sismondi, e Villemain.

Recommendâmos muito aos nossos litteratos este trabalho, digno delles, em um tempo em que a critica, e o affecto ás investigações litterarias e archeologicas, se vae generalisando entre nós. ⁝

FATALIDADE.

É la fede degli amanti
Como l'Araba Fenice;
Che vi sia, ciascun lo dice
Dove sia, nessun lo sà.

(Metastasio).

Quem dissera que um sorriso
Bue a ponta de um punhal?!
Que a expressão do gosto — o riso —
Era sentença mortal?!

(J. Pizarro — Conde de Ourem).

Oh! dize porque, anjo do céu, porque, alma da minha vida, tão cedo me despedes hoje? — Dizia um namorado mancebo áquella por quem morria de amores, e que bem mal pagava a tão extremados affectos. E ella, falsa e traiçoeira, lhe tornava com mentida linguagem, com fingida candura. Sabe o céu, meu adorado amante, qual é a minha dôr ao deixar-te, que pungente magoa me traspassa o coração; mas esta é a hora em que meu pae costuma recolher-se á sua habitação, — tu sabes que mal elle chega busca logo os braços da sua filha querida, — tu sabes quanto elle é severo: — oh! que se elle te encontrasse não mais te podera eu vêr, — e não te vêr, ó meu amado, seria morte para mim, que vida não vivo eu senão quando te vejo. Oh! não te demores mais aqui: vae-te meu bem, que socego não tenho eu em quanto te não vir livre do perigo que corres junto a mim, — mas amanhã apressa-te, querido amante, a trazer-me o coração que agora comtigo me levas.

— Se levo o teu coração, anjo do céu, senhora da minha alma, deixo-te em refens o meu: — nem tu julgues que para longe de ti me ausento. Os passos poderão transportar meu corpo para distante sitio, mas de ti não se aparta nunca o meu pensamento: — a musica celeste da tua voz harmoniosa sussurra-me de continuo suavemente aos ouvidos; se levanto os olhos para o céu, lá descubro o teu lindo rosto entre as estrellas; se alguma vista me encanta os olhos, eu penso logo que a primeira vez que della gosei estava a teu lado, e desde esse instante só a tua imagem eu diviso; e se ainda comtigo a não contemplei, penso no prazer que hei de sentir quando a teu lado a gosar; — mas temendo roubar ao futuro essas delicias, esse porvir que tão risonho me apparece, appressado dalli me aparto. Similhante ao iman, que constante busca o norte, tú que o és dos meus olhos, para tí me attrahes sempre! Eu não sei que triste presentimento me opprime hoje o coração! Nunca senti tanto separar-me de ti! — Oh! repete-me essas palavras de amor que me embriagam de prazer, — que eu nunca posso fartar-me d'ouvir-te, dize-me mil vezes que me tens amor.

— Sim, eu te amo, amo-te immensamente; mas parte. Adeus querido amante.

— Adeus minha querida, minha primeira e unica amante.

Tanto amor, tal firmeza outro premio merecia... coração tão fiel, outra mulher devia amar — amante tão extremoso melhor fim devia ter! — Mas a sua ingrata amante, a fementida só de enganos se nutria. Supposto era o perigo que ao credulo joven figurára; o seu fim, — o seu intento era ter livre o campo para usar novas traças, para tecer novas traições a outro desgraçado que enfeitiçado trazia tambem com mentidas expressões de amor... O céu porém não deixou impune o perjurio, — e pelos prazeres que a traidora esperava deu-lhe horriveis remorsos que lhe cortaram a vida em flôr!

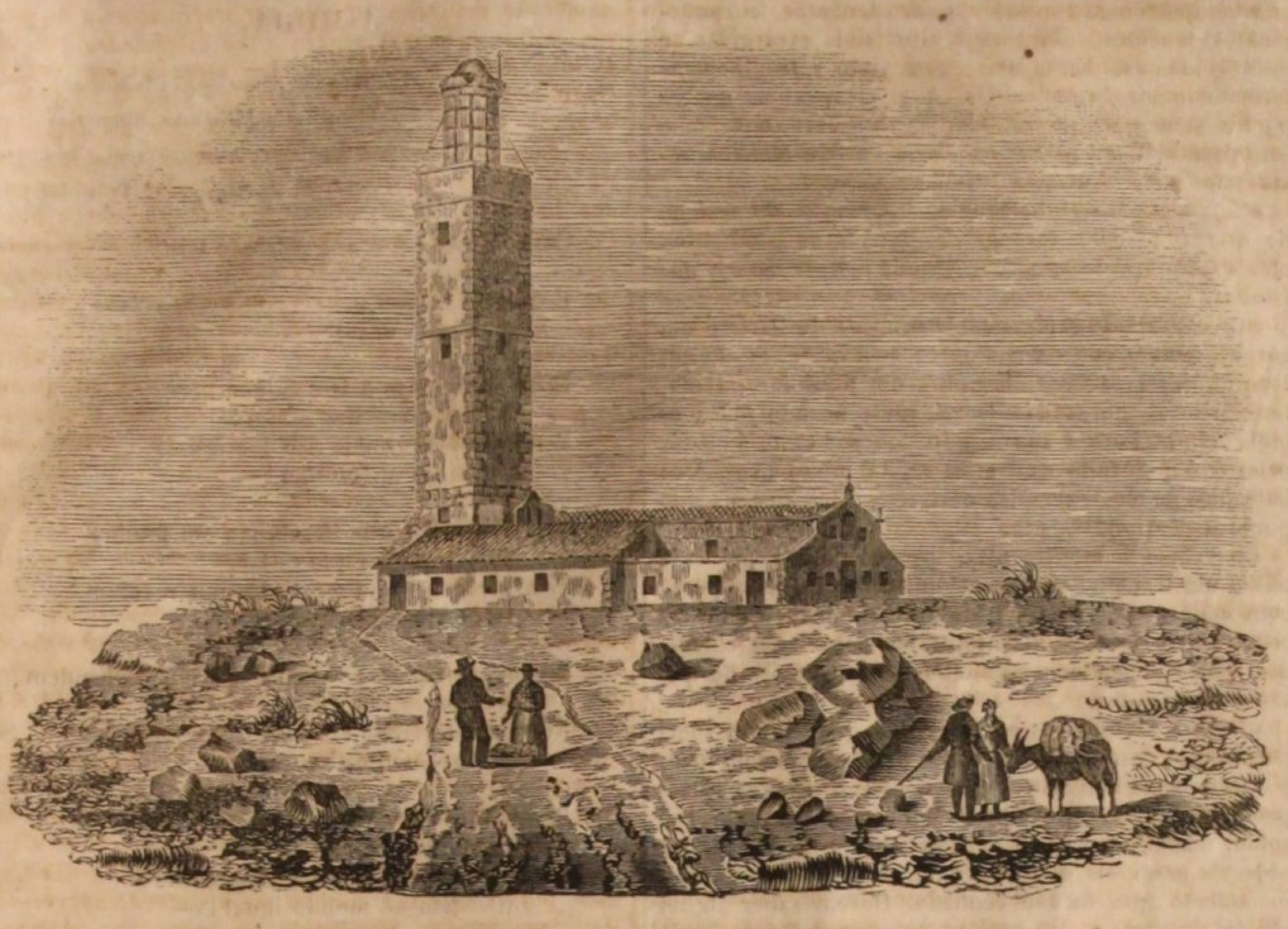
Entretanto se retirava a passos lentos o desditoso mancebo, maldizendo a sorte que tão adversa se lhe mostrava: — eis que uma voz lhe grita de dentro de um macisso de arvores que bordava a estrada — detem-te perfido! — Tú fallaste á minha amada, eu ouvi os teus juramentos, — eu ouvi as tuas palavras de amor, os teus queixumes e os adeuses da infame, que eu tanto amava! — Ella morrerá, — mas tu primeiro perderás a vida, e com o ferro fumegante pelo sangue ainda quente que te sahir do peito, rasgado pela minha cólera em demanda do teu coração, irei traspassar o vil coração da fementida... na tua morte, — na d'ella, soboreará vingança terrivel a minha alma ultrajada, e com seu sangue, que farei sahir em borbotões, apagarei este fogo em que me abraso! — Queria fallar o misero joven, horrorisado de ouvir a voz que tremendo reconhecèra, mas a aguda ponta de um punhal já tocava o seu coração tão leal, — e fenecendo-lhe a voz na garganta, apenas póde pronunciar entre os arrancos da morte — irmão! — e cahiu logo!

Com a sua quéda rasgou-se o véu que vendava os olhos do furioso e desgraçado assassino, que neste fatal momento se reconheceu fratricida!!

A tão acerba dôr não resiste o seu coração, e antes que o remorso lhe torture a existencia, já repassada de horror, no proprio peito imbebe o ferro gotejando ainda sangue fraternal!

As elegantes senhoras, que puxadas velozmente por ardentes corceis, se dirigem recostadas em ligeiras *calèches* nos bellos dias da primavera, á romantica Cintra para gosarem de seu ar perfumado, passam junto da tosca campa que cobre estes infelizes; e promettendo-se dias de prazer, premeditando talvez enganos iguaes aos que produziram tão lastimosa catastrophe, nem uma lagrima, nem uma vista se quer lançam sobre a fria lousa que esconde os restos de dois desgraçados, victimas da perfidia de uma mulher.

CONDE DE MELLO.



PHAROL DO CABO CARVOEIRO, JUNTO A PENICHE.

Se o pharol mais monumental entre os modernos edificios deste genero é o de Cordouan, na foz do Garona, se um dos mais notaveis, pela sua elevação sobre o solo, e pelo ousado e simples da sua architectura, é o de Barfleur, na Mancha, se os dois mais celebres, em fim, por serem documentos do genio emprehendedor da nossa época, e do quanto póde o homem ajudado da arte, são o d'Eddystone, na bahia de Plymouth, e o de Brehat, no norte da França, devemos tambem conceder que o pharol do Cabo Carvoeiro, posto que não tenha a nomeada dos quatro precedentes, merece com tudo pela sua posição, tão util como sabiamente escolhida, pela sua elevação sobre o solo, e agradavel simplicidade da sua construcção, n'uma palavra, pelos serviços que tem prestado aos navegantes, e pela força e alcance da luz, que projecta, ser considerado de primeira ordem, e occupar um logar distincto entre os mais recommendaveis.

O naufragio do galeão S. Pedro d'Alcantara, de que já démos noticia, foi a causa immediata que produziu a idéa da construcção de um pharol no Cabo Carvoeiro, e que os frequentes naufragios alli succedidos altamente reclamavam. No mesmo anno de 1786, em que teve logar aquelle naufragio, foi mandado alli construir um pharol provisorio de madeira, que subsistiu até ao anno de 1794, em que se edificou o actual, que tem de altura desde o nivel do mar até á cupula 278 palmos craveiros, e de altura sobre o solo 143; foi de luz fixa até dezembro de 1843, e nessa época mudado para luz de rotação, ou de eclipses de 30 segundos, mas dizem que vae ser novamente reformado, e que torna a ter luz fixa, por assim convir, para evitar os enganos e equivocos dos navegantes, que muitas vezes tomam este pharol pelo das Berlengas, que tambem é de rotação, e d'eclipses mais extensos. Da varanda, que circula a lanterna, para a qual se sobe por uma escada de 101 degráus de pedra, gosa-se da vista de um magnifico panorama, que tem por limites, de todos os lados, o horisonte.

A capella, arruinada e sem telhado, que está junta do pharol, é coeva dos primeiros habitadores de Peniche; foi reedificada por occasião da construcção do pharol, mas havendo o máu aviso de a cobrir de telhado, em vez de abobada, como devêra ser, depressa se tornou a arruinar; era antigamente frequentada por sirios, que alli vinham em romaria, festejar Nossa Senhora da Victoria, orago da dita capella. Ha tradicção em Peniche de que nella fôra enterrado um varão de grandes virtudes; tendo nós feito averiguações a este respeito, deparámos n'um livro de obitos do extincto convento do Bom Jesus de Peniche, a fl. 2, com o seguinte assentamento: — «Aos 21 de junho «de 1702 foram trasladados os ossos do padre Fr. «Francisco de Faro, prégador, o qual veio a esta «terra no anno de 1575 a curar os enfermos da peste, «que foi geral aquelle anno; e é tradição que disse, «consolando os enfermos, que elle havia de pagar por «todos, e assim dizem que succedeu, e de facto parou «o contagio logo que elle morreu; sepultaram-no fóra «da porta travessa de Nossa Senhora da Victoria, e «dalli foram trazidos os seus ossos no dia acima dito, «para este convento, etc., e se lhe escreveu o se«guinte epitafio:

Francisci hic tumulata jacent fratris ossa Farensis,
Qui Peniche salus, inficiente lue.
Me, huic ait, extincto cessabunt verbera pestis,
Jugiter extinctus pestis, et ille fuit,
Fraterna charitas fratrum hujus cenobii, fratis
Sui ossa humata. Anno 1575. Transtullit anno 1702.»

O Gealogico lusitano tambem menciona este religioso entre os varões illustres em virtude, deste reino, assim como a Chronica serafica da provincia dos Algarves.

C...

PORTUGAL

E OS ESCRIPTORES ESTRANGEIROS.

Por mais d'uma vez temos lido, em algumas publicações litterarias, que os estrangeiros, fallando de nós, e das nossas cousas, são quasi sempre insensatos, se não são tambem injustos e ingratos, correspondendo pouco cavalheiramente a quem por tantos modos os obsequeia. — Desgraçadamente é esta uma grande verdade, que poderiamos provar com os extractos de varias obras, eivadas de inexactidões, e até de grosserias a nosso respeito; ommittindo porém todas as outras provas, porque o espaço não consente tamanha extensão, citaremos apenas o que se lê na folha da Illustração de 8 de agosto deste corrente anno, na qual o sabio redactor refere parte d'uma prelecção que no atheneu de Madrid fez o lente de direito internacional o sr. D. Facundo Gôni, que de todo se desacreditará se fallar sempre com a mesma inexactidão, e desconhecimento. — Mas de que nos admirâmos? Não vimos nós, ha tempo, uma obra em 4 vol., impressa em 1844, com o titulo de — Mœurs, usages, et costumes de tous les peuples du monde, etc, publicada por Augusto Wahleu — que quando trata do nosso reino, só achou aproveitavel, para caracterisar os portuguezes, as mantilhas do Porto, de que já hoje bem pouca gente usa naquella cidade, e os varinos d'Ovar, apregoando e vendendo caça. São as duas unicas estampas que a respeito de Portugal aquelle auctor inserio na sua obra, e ninguem deixará de reconhecer que se lá não apparecessem bem pouco se perderia; é preciso um tino particular para gastar tempo em similhantes ninharias: o texto tambem corresponde fielmente ás estampas; fallando, por exemplo, aquelle auctor das nossas diversões ou passatempos, diz que a dança favorita dos portuguezes é a foffa, dança muito lasciva, e que até no theatro se costuma dançar, o que, segundo elle, é prova exuberante da corrupção do povo. — Não sômos, é certo, muito velhos, vivêmos sempre no nosso paiz, e declarâmos que nunca vimos tal foffa, nem entre o povo, nem no theatro; foffo, e bem foffo, nos parece o auctor que escreve taes miserias; mas, no mesmo gosto continua, em tudo, o mais que a nosso respeito escreve. Querendo fallar dos nossos estabelecimentos scientificos, existentes, segundo aquelle auctor, em 1836, e nomeando entre outros, o observatorio, academia real de marinha, e varios outros, que já hoje, ou não existem, ou têem differente denominação e organisação, diz que merecem particular menção as reaes escólas do mosteiro de S. Vicente de Fóra aonde se ensinam as linguas latinas, franceza, phisica, geometria, e philosofia; e quem ignora hoje em Portugal, e talvez até fóra delle, que depois de 1834 foi aquelle mosteiro destinado para residencia dos srs. patriarchas, e que apenas alli se conserva, a expensas suas, uma cadeira de moral? Se é que ainda existe. Falla igualmente das escólas que no hospicio das Necessidades tinham os padres da congregação do Oratorio. — Se o auctor escrevesse todas estas cousas antes de 1833 mereceria ainda alguma desculpa; publicando porém a sua obra em 1844, e declarando que os materiaes para a confeccionar foram os mais recentes e exactos, que abonos dá aquelle escriptor da verdade com que escreve?

Não param porém aqui os erros e calumnias daquella obra. Fallando dos nossos monarchas, diz que a miseria da casa real chega a ponto de que o governo, em vez de estabelecer a lista civil, se encarrega de correr com as despezas do paço; que as nossas pessoas reaes estão tão empenhadas que são obrigadas a tomar dinheiro a preços, muito subidos, dos judeus, e de algumas outras pessoas, sobre obrigações suas; que por economia as mesmas augustas pessoas costumam comer na mesma mesa, e que vez nenhuma ha convidados; que os coches e carruagens, tanto reaes como particulares, são d'uma pobreza extrema, e que está extincta a raça das muares, de que outr'ora se compunham as parelhas que tiravam os coches, tanto da casa real, como dos fidalgos portuguezes; que... mas para que accrescentar mais miserias e calumnias?

Lêa-se toda a parte que naquella obra nos pertence, e dir-se-nos-ha depois se póde mentir-se mais impudentemente. — Se o auctor escrevesse na China não commetteria tantas inexactidões ácêrca das nossas cousas; mas imprimir-se e publicar-se em Bruxellas, uma obra destas, no anno de 1844, debaixo d'um titulo pomposo!... Porém a respeito de todas as outras nações aquella obra é tão inexacta, declarâmos, que bem pequeno merecimento tem; e para nós perdeu elle muito, depois que lêmos os erros, miserias, e calumnias que alli formigam, e que apenas, per summa capita, deixâmos apontados, commettendo a pennas mais habeis o desagravar a nação dos doestos e improperios com que aquelle auctor a mimoseou.

28 de agosto de 1846.

UM ASSIGNANTE.

INCENDIOS.

(Carta.)

Sr. redactor. — Entre nós, quero dizer, cá por estas miseraveis provincias, poucas, ou nenhumas providencias se têem tomado para obviar aos estragos dos incendios, que pela pouca cautela dos habitantes são não pouco frequentes.

Parecia-me este um negocio para que as municipalidades em geral, e por ventura o governo, deveriam olhar com attenção; mas infelizmente não acontece assim, e nós temos visto muitos predios devorados pelas chammas, e com elles as fortunas e as vidas de diversos individuos, e isto pela fallencia de meios para debellar este formidavel inimigo — o fogo. — A Illustração portugueza, de que v. é digno e mui acreditado redactor, faria talvez um relevante serviço á humanidade se escrevesse alguns artigos sobre o assumpto: eu desejava mesmo que se publicassse uma noticia sobre o batalhão de sapadores bombeiros de París, que se lê em o n.º 22, vol. 1.º, da *Illustração* franceza. Aquelle jornal estrangeiro não é vulgar nas provincias, creio eu, e talvez que a leitura desse artigo despertasse as municipalidades, que em geral não carecendo totalmente de meios e vontade, carecem todavia de energia. Uma vez que de França temos imitado tanta cousa adversa aos nossos costumes, seria justo que alguma vez nos désse para macaquear-mos uma cousa boa. Dir-se-ha que trazer para o nosso paiz um estabelecimento tão colossal será o mesmo que pertender calçar a um anão as botas d'um gigante; mas faça-se o que se podér, guardadas as de-

vidas proporções — se não temos tantos meios para sustentar um corpo de bombeiros, tambem esse corpo não tem tantos predios para guardar dos incendios. Em Portugal houve já corpos de segurança publica, que, onde foram bem organisados, prestaram relevantissimos serviços, e quem tolheria a medida de se organisarem de novo esses corpos, encarregando-os do serviço da policia, e do dos aparelhos contra incendios?

A imprensa em Portugal, com quanto esteja ainda longe do que póde vir a ser, tem sido de bastante proveito para a nossa illustração, e todas as vezes que ella tem feito esforços, reiterados e bem combinados, tem conseguido mais do que os nossos legisladores.

Vizeu, 12 de junho de 1846.

Sou etc.
M.^to att.^o v.^or
Um assignante.

Satisfazendo aos desejos do sr. assignante, aqui darei um extracto do artigo a que elle se refere — o *sapador bombeiro* — que vem estampado no n.° 22, vol. 1.°, da *Illustração franceza*.

«Grandes são na verdade os estragos que um incendio póde trazer comsigo: faceis e de prompta execução devem de ser por tanto os meios para obviar aos tristissimos effeitos do fogo. — Um pequeno descuido póde extinguir muitas existencias, derrubar muitas propriedades, destruir aldêas, villas, e cidades; e por isso grande deve de ser o cuidado das municipalidades, pondo em practica tudo o que fôr tendente para anniquilar aquelle inimigo terrivel e assustador. — As bombas foram na verdade uma grande invenção, porém ainda assim se requerem outros meios mais seguros, e de mais facil expedição. Historiemos o estabelecimento dos sapadores bombeiros em França.

«O estabelecimento d'um corpo organisado de sapadores bombeiros remonta aos fins do seculo 17.° Em 1699, Luiz 14.°, que havia já concedido á cidade de París doze bombas para apagar os incendios, permittiu que mr. Dumouries-Duperrier gozasse só do privilegio de construir, durante vinte annos, algumas machinas similhantes áquellas que elle tinha trazido de Allemanha e de Hollanda. Os incendiados pagavam nesse tempo o soccorro que recebiam. Em 1705, por occasião do incendio da igreja *du Petit Saint Antoine*, a cidade possuia vinte bombas, cujo serviço estava encarregado a trinta e dois homens, dezeseis maioraes ou guardas das bombas, e dezeseis capatazes.

«As bombas então achavam-se collocadas nos estabelecimentos religiosos, e destacamentos de bombeiros acompanhavam o rei para toda a parte para onde elle ia.

«Em 1722 pouco mais ou menos, lia-se sobre a porta do director das bombas — *Bombas publicas do rei para obviar aos incendios, sem que para isso seja necessario pagar.* — Além disso havia no *hotel de Ville* algumas bombas que eram propriedade de alguns particulares... Em 1764 o numero dos homens destinados ao serviço das bombas montou a oitenta, creando-se por essa occasião seis corpos de guardas. No anno seguinte os bombeiros começaram pela vez primeira a usar os capacetes de couro. Em 1767 a companhia chegou a cento e oito homens, e em 1770 o seu effectivo era de cento e quarenta homens, e mais quatorze supranumerarios. Havia uma somma de 70:000 francos destinada para o pagamento do corpo. Seis annos depois, em 1786, dozentos vinte e um homens custavam 116:000 francos. No anno seguinte já se contavam vinte e cinco corpos de guarda. Em 1792 foram os theatros obrigados a ter um serviço de bombeiros pago pela sua direcção, e já nessa época era prohibido o receber-se cousa alguma dos incendiados. Em 1793, o corpo recebeu a sua primeira bandeira: e desde essa occasião os bombeiros começaram a apparecer em todas as solemnidades nacionaes, a ter um codigo e um conselho de disciplina, sendo as suas viuvas equiparadas ás dos defensores da patria.

«Bonaparte, sendo primeiro consul, reduziu o numero dos bombeiros, o que fez com que se lhes podesse augmentar o soldo. As companhias compunham-se sempre de cento e cincoenta homens, porém havia sessenta supranumerarios por companhia, que se vestiam á sua custa, e que completavam o quadro. Ao cabo de dois annos de serviço esses supranumerarios ficavam isemptos da conscripção, e faziam parte do corpo pago pelo estado. Mais tarde o imperador decretou que o batalhão de sapadores bombeiros da cidade de París concorresse ao serviço da segurança publico, sob as ordens do perfeito de policia, ficando inteiramente sujeito á disciplina militar.

«Finalmente, hoje o corpo dos sapadores bombeiros conta seiscentos vinte e tres officiaes inferiores, cabos e soldados, cinco capitães, quatro tenentes, cinco segundos tenentes, um thesoureiro, dois cirurgiões, e dois ajudantes. Esses seiscentos vinte e tres homens formam quatro companhias, que occupam os quatro pontos principaes da capital. Ha em París noventa e sete postos: cada posto compõe-se de tres homens necessarios para a manobra d'uma bomba.

«Seja-nos permittido citar uma passagem do prologo de que o tenente coronel dos sapadores bombeiros, mr. Paulin, precede a sua *Theoria sobre o manejo das bombas*.

«O corpo dos sapadores bombeiros de París é um corpo, nem o póde ser d'outro modo... Com effeito, logo que os sapadores chegam a um logar incendiado, tornam-se senhores das localidades, ficando todos os objectos preciosos á sua disposição: por tanto é mistér primeiro que tudo que elles sejam muito honrados: ha muito poucos exemplos de terem estes homens sido punidos por infidelidade.

«Devem ser intelligentes, porque a sua profissão não é um trabalho puramente material: devem operar com conhecimento para poderem tirar bom fructo das ordens que lhes são transmittidas pelos seus chefes, das quaes depende o resultado das operações de que são encarregados.

«Devem ser sobrios e moderados, porque um comportamento desregrado, a paixão pelo vinho, pelo jogo, e a frequencia dos máus logares, pódem leva-los a despender mais do que aquillo que recebem pelo seu soldo, ficando depois na necessidade de roubar alguns objectos preciosos que se acham abandonados no local incendiado que lhes é confiado. Devem saber algum officio mechanico, porque os homens desta profissão tem já o habito de percorrer sem susto logares elevados.

«Devem saber lêr e escrever, a fim de poderem comprehender as theorias que lhe são dadas nos livros, e mesmo para poderem fazem alguma relação do que observaram em qualquer incendio.

Devem ser d'uma figura regular, porque é nessa classe d'homens que se encontra uma constituição robusta, e ao mesmo tempo agil, que lhes permitte fazer gymnastica, e trabalhar com pouco perigo naquellas operações, em que poderiam correr risco as suas vidas, se não estivessem acostumados a trabalhar sobre pontos elevados, e que apresentam pouca segurança.»

OS PRELUDIOS.

DED. A * * *

Se eu fosse tão feliz que os meus suspiros
Podessem commover teu coração;
Se as lagrimas de amor que por ti verto
Causar em ti podessem compaixão;

Se de teu peito os intimos arcanos
Me fosse dado conhecer um dia,
E nelles descobrir a sorte minha,
Vendo a afflicção trocar-se em alegria;

Se o juramento, que eu aos céus dirijo,
De ser constante, oh bella, a este amor,
Tu podesses ouvir, ou lê-lo escripto
Na minha alma infeliz de trovador;

Se o meu ardente olhar, que affectos mostra,
Em o teu peito affectos despertasse,
E se impressão igual á que me causas,
Ao coração ferir-te em fim chegasse;

Oh! nada mais quizera, e o mais ditoso
Seria dos humanos, a teu lado,
Anjo querido para mim tu sendo,
E eu para ti constante o esposo amado!

Ufano em possuir-te, eu provocára
Da desventura esses crueis rigores;
Que me importára a mim a desventura,
Se tu me consagrasses teus amores?

Quer nos salões dourados da opulencia,
Onde eu te conduzisse, oh minha amada;
Quer em jardins, ou em pomposas festas;
Quer nos campos, em rustica morada;

De tua fé seguro, a vida minha
Seria neste mundo um paraiso,
Onde as delicias que no céu se gosam
Eu gosaria vendo um teu sorriso!

Lisboa, junho de 1846.

JOSÉ OSORIO.

A MUDA.

E faltava-lhe a voz — não fallam anjos,
Seu olhar divinal diz mais n'um riso
Que mil palavras na linguagem d'homens.
(*J. F. de Serpa* — O Trovador.)

Com vagaroso passo — a fronte triste
A muda caminhava —
E quando os pés pousava sobre as relvas
A relva s'orgulhava! —

Eram seus olhos astros fulgurantes
A bocca era um rubim!
Formosura dos anjos não lhe iguala
Archanjo ou serafim! —

Tambem a flôr que desabroxa em prados
Sem voz com que fallar,
Tem perfumes que mysterios nos revelam
Das brisas ao passar. —

Linguagem que os homens não comprehendem
Revelação dos céus!
Nesse mudo fallar em que Deus rasga
Tão reconditos véus! —

Bem poucas primaveras lhe toucaram
A fronte virginal —
Mas o sentir dessa alma innocentinha
Não tem no mundo igual! —

Ella é anjo! — Bem nos diz esse sorriso
Que aos labios vem morrer!
Essa fronte que pende sobre o peito
Que em chammas sente arder! —

E esses braços, do pae ao collo erguidos
Tremendo... supplicantes...
E os labios que lhe imprimem sobre a fronte
Mil beijos delirantes! —

Como quem diz «oh! pae idolatrado
Tua filha é que te falla!...
Meus beijos te revelem os affectos
Que minha bocca calla! —

Eu sou muda! Meu Deus! Inda tão moça
Sem vós para cantar!
As flôres da vida que tão bellas abrem
Vejo todas murchar! —

Assim meus annos vão passando tristes
Sem luz e sem fulgor —
Como a tenra avesinha prisioneira
Nas mãos do caçador! —

Em torrentes de pranto — se affogára
A voz da desgraçada! —
Mas é muda! — Só lagrimas lhe correm
Na face desbotada! —

Alcochete, 23 d'agosto de 46 — debaixo dos pinheiros da quinta de Moysés.

AUGUSTO EMILIO ZALUAR.

ENIGMAS PITTORESCOS.

EXPLICAÇÃO DO ULTIMO ENIGMA.

Os pobres de espirito são mais faceis de suportar que os presumidos delle.

O proprietario e redactor desta folha tem resolvido que se suspenda a sua publicação até ao fim do proximo trimestre.

Publicar-se-ha de novo no principio de janeiro consideravelmente melhorada a todos os respeitos.

Por esta occasião declara tambem o mesmo proprietario redactor desta folha, que a sua determinação não prejudica os sentimentos de gratidão ao redactor que o substituiu tão dignamente, e de cujos serviços ainda espera a continuação

Antonio Augusto Teixeira de Vasconcellos.